GIACOMO
LEOPARDI

POESIA E PROSA

EDITORA
NOVA
AGUILAR

Giacomo Leopardi

GIACOMO LEOPARDI

POESIA E PROSA

Giacomo Leopardi, 1826.

GIACOMO LEOPARDI

POESIA E PROSA

ORGANIZAÇÃO E NOTAS
Marco Lucchesi

RIO DE JANEIRO, EDITORA NOVA AGUILAR S.A., 1996

TRADUÇÕES

Affonso Félix de Sousa
Alexei Bueno
Álvaro Antunes
Ana Thereza Vieira
Edson Rosa da Silva
Ivan Junqueira
Ivo Barroso
José Paulo Paes
Maurício Dias
Vera Horn
Vilma Barreto de Souza

BIBLIOTECA
UNIVERSAL

GIACOMO LEOPARDI

POESIA E PROSA

INTRODUÇÃO GERAL
Carta para um jovem do século XX
Cronologia da vida e da obra / Iconografia / Fortuna crítica

POESIA
Cantos

PROSA
Opúsculos morais / Pensamentos
Carta aos srs. compiladores da Biblioteca Italiana
Discurso sobre o estado atual dos costumes dos italianos
Seleção do Zibaldone */ Correspondência*

APÊNDICE
Variações leopardianas / Notas / Bibliografia

ÍNDICES
Índice onomástico / Índice geral

Introdução Geral

Carta Para um Jovem do Século XX

I – Introdução

Cada objeto amado é o centro de um paraíso.
Novalis, *Pólem*, frag. 50

É COM GRANDE SATISFAÇÃO que apresentamos ao público brasileiro a poesia completa e a prosa desse admirável poeta que continua sendo Giacomo Leopardi. A quantidade de ensaios críticos em torno de sua obra só pode ser equiparada com o renovado entusiasmo de seus leitores. Leopardi não é um homem de letras, mas um acontecimento. Como que cada geração de escritores — para encontrar o seu espaço no sistema literário italiano — se ocupasse em bem compreender o universo de Leopardi, de que todos dependem em maior ou menor grau. Da parte de seus leitores, nenhum outro poeta chegou a ser tão radicalmente amado quanto Leopardi. Um homem solitário diante de sua dolorosa solidão. A história de uma alma — como tantos disseram — em profundo desencanto. Mas quanta beleza, quanta harmonia, quanta altitude, naquele desencanto! Os seus poemas — apenas 41 — oferecem uma leitura espantosamente clara do mistério das coisas do mundo, da humana sorte e de sua estranha condição. Para Schopenhauer, ninguém chegou a tratar da miséria de nossa vida de modo tão profundo e encantador como Leopardi. Tal a força de “As lembranças”, de “A giesta”, ou de “O infinito” (escrito aos 21 anos), mais impressionante do que o silêncio de Pascal. Quase um espasmo kantiano. E como esquecer “A si mesmo”, “Amor e morte”, ou “Safo”? Tudo isso pertence agora ao patrimônio da cultura ocidental. Sem as lágrimas de um Corazzini. Sem as flores de gelo de um Kierkegaard. Sem os violinos de um D’Annunzio. O fenômeno de sua poesia é todo intensidade. Chegamos a seus poemas com um misto de distância e adesão, solidariedade e tremor, assombro e admiração. Saímos da superfície e mergulhamos num plano abissal. Impossível não sermos tocados pela sua poesia. Impossível não sentirmos um grande entusiasmo. Tudo de forma suave e severa.

Dante Milano escreveu certa vez que a poesia de Leopardi exige uma leitura meditada, constituindo um desafio à facilidade. E que não seria jamais uma distração, mas um estudo profundo e uma emoção absorvente. Não nos ocorre uma síntese melhor. Leopardi não é o poeta do efeito. Da palavra fácil. Leopardi não procurava o Belo. A beleza de seus versos não depende singularmente de cada um, mas do mistério de seu conjunto, da estrutura que os engendra, do sentimento do mundo que empresta a cada verso a raiz de sua própria necessidade e concretude. Quando descobrirmos esse mistério, e seu incomparável coeficiente de solidão, quando avançarmos por esse caminho, largo e sinuoso e claro, quando nos dermos conta de seu moderado excesso, sem metáforas peregrinas e outros recursos, começaremos a entender por que Giacomo Leopardi é um acontecimento. Eis a razão que nos levou a preparar este volume para a Editora Nova Aguilar.

Buscamos — para tanto — fixar as melhores edições críticas dos textos e registrar a cronologia da vida e das obras de Leopardi do modo mais completo possível. Porque a vida e a obra de Leopardi — sem qualquer tipo de redução lansoniana ou saint-beuviana — tornam a sua figura emblemática. Na preparação dos originais e na sua justificativa procuramos seguir critérios não menos rigorosos. Para recuperar em nossa língua a altitude dos *Cantos*, convidamos alguns nomes consagrados da poesia nacional, como Affonso Félix de Souza, Alexei Bueno, Álvaro Antunes, Ivan Junqueira, Ivo Barroso e José Paulo Paes. Desejávamos que Leopardi chegasse em mãos fortes e suaves. E tal escolha seria bastante para justificar esta obra. Para não dizer de seu belo resultado. Além disso, os textos em prosa receberam um tratamento não menos cuidadoso através de quatro italianistas que são Ana Thereza Vieira, Maurício Dias, Vera Horn e Vilma Barreto de Souza. Tivemos o cuidado de preparar os textos (todos integrais, menos o *Zibaldone* e as cartas, que comparecem criteriosamente selecionados) e de os anotar, não eliminando, sob qualquer pretexto, as notas do punho de Leopardi, quer da edição final, quer do próprio manuscrito.

Finalmente, tentamos organizar uma pequena coletânea com os melhores textos escritos sobre Leopardi, na Europa e no Brasil (estes últimos reunidos pela primeira vez e constituindo um repertório crítico de primeira ordem). Feitas estas breves considerações editoriais, voltemos a Leopardi.

II – Variações para um Tema

Quidve mali fuerat nobis non esse creatis?
Lucrécio, *De rerum natura*, 5,174

Profunda, comovente, perturbadora. A obra de Giacomo Leopardi ainda guarda muitos segredos. A espinha dorsal de sua poesia consiste num pessimismo denso e arraigado. Contundente e belo. Abismado na dor e na solidão, Leopardi criou uma língua nova, poderosa, helenizante, capaz de traduzir os matizes mais sutis do pensamento. Nietzsche, Pound e Calvino — conquanto diversos — apreciavam-no radicalmente. Entre nós — além de Machado, Rui e Carpeaux —, Pompéia foi um leitor congenial de sua obra. O incêndio no *Ateneu* e o fim do mundo nos *Opúsculos morais* parecem coincidir com os "planetas exorbitados de uma astronomia morta" e com os "sóis de ouro destronados e incinerados". O já citado Dante Milano surpreendia nos versos leopardianos a "impressão de um mistério onipresente". Da claridade lunar, talvez. Pura, difusa e glacial. Da noite metafísica. Quando a luz do nada brilha sobre o cosmos. Metafísica. Ou melhor: hiperfísica.

Tal sentimento não pertence apenas aos *Cantos*. Permeia toda a sua obra, chegando inclusive ao diário e às cartas, e demonstra a perfeita e comovente unidade de quanto escreveu. Diz Leopardi, na primavera de 1819: "É vã, é um nada esta minha dor, que num momento passará e se anulará, deixando-me num vazio universal." Eis o que tematizam os *Opúsculos morais*: a vanidade da vida e a caducidade das coisas. Antesala dos últimos poemas, como "O pôr-da-lua", a prosa dos *Opúsculos* tem autonomia própria. Páginas admiráveis, aquelas. Cristalinas. Cortantes. Voltadas ao bem maior, ao não-ser. Absoluto aguarrás, que tanto e tanto impressionaria Cioran. Leopardi e Nietzsche (o da *Origem da tragédia*) coincidem aqui. Quando o alemão reconhece, entre os homens, a triste herança do acaso, através de Sileno, que sabe que o melhor é morrer, e depressa. Em Leopardi, a infelicidade não poupa sequer os deuses. A vida imortal torna-se-lhes um fardo. Até mesmo "Quíron, que era um deus, com o correr do tempo entediou-se com a vida, pediu licença a Júpiter e morreu". Fogem as sombras. Cessam as ilusões. Cheiro de abismo. Nietzschiano, ou quase.

A morte ocupa o centro das coisas. Invade o universo. Devora-o impiedosamente. E não deixa marcas. Onda universal, tudo naufraga. Fim do mundo. Dos homens. Dos deuses. "Cada parte do universo apressa-se, infatigavelmente, para a morte. Apenas um silêncio desnudo e uma altíssima quietude encherão o espaço imenso." Quase uma conclusão schopenhaueriana. Um mundo de vias-lácteas e de sóis, que formam o

nada, onde a vontade de viver é cega, irracional, e se desdobra sem finalidade (voluntas/noluntas), que quer por querer e para aumentar a insatisfação e a dor, segundo *O mundo como vontade e representação.* Parece mesmo algo lucreciano (sem a harmonia da Alma vênus) inspirando seu universo, como no "Cântico do galo silvestre":

> Mortais, despertai. Não estais ainda livres da vida. Virá o tempo em que nenhuma força exterior, nenhum intrínseco movimento vos resgatará da quietude e do sono, mas nela sempre e inesgotavelmente repousareis.

Quando isso ocorrer, nada mais sendo exílio, um silêncio universal cobrirá todo o universo. Havendo universo. Quase um eterno retorno:

> Cada parte do universo apressa-se, infatigavelmente, para a morte com solicitude e celeridade admiráveis. Apenas o próprio planeta parece imune à decadência e ao declínio. Contudo, se no outono e no inverno mostra-se quase enfermo e velho, não menos, na nova estação, rejuvenesce sempre. Mas como os mortais no primeiro momento de cada dia readquirem uma parte da juventude, assim envelhecem todos os dias e finalmente se extinguem; igualmente o universo no princípio de cada ano renasce e nem por isso deixa de continuamente envelhecer. Tempo virá em que ele e a própria natureza se apagarão. Assim como de grandes reinos e impérios humanos com seus movimentos maravilhosos, famosíssimos em outros tempos, nada resta hoje, de indícios ou fama; o mesmo, do mundo inteiro, dos acontecimentos infinitos e das calamidades das coisas criadas, não restará um vestígio sequer. Apenas um silêncio nu e uma altíssima quietude encherão o espaço imenso [lembrando aqui partes de "O infinito"]. Assim esse arcano admirável e espantoso da existência universal, antes de ser declarado ou compreendido, se extinguirá e perderá.

Essa paisagem desolada nutre-se da melhor poesia em prosa, que atravessa os *Opúsculos morais.* Aquela vasta e apaixonada obra de que falava Bontempelli: entre observações de história e filologia, metafísica e psicologia, Leopardi cria num oceano opaco lúcidas ilhas de poesia, onde reconhecemos as ressonâncias do livro cinco de *De rerum natura* (*ibi si tristior incubuisset causa, darent late cladem magnasque ruinas*). Páginas de uma altitude incomum. Quase esturricadas pelo fogo que as consome. Nada mais belo e terrível, nada mais delicado e espantoso, nada mais dramático e ameno do que essas páginas irretocáveis.

III – PÁGINAS DE FOGO

The pale stars are gone!
Shelley, *Prometheus Unbound*, 4,1

LEOPARDI é sem sombra de dúvida uma força da natureza. Antes de tudo, a sua impressionante, monumental, vastíssima erudição, que parece

ultrapassar o conhecimento do quase imbatível filósofo Giambattista Vico, que Leopardi não desconheceu, enquanto leitor da *Ciência nova*. Leopardi era mais sutil no manejo da filologia antiga. Superior no campo da etimologia. Absoluto no da tradução. Ninguém menos do que o douto Niebuhr ficaria espantado com os seus conhecimentos. Diz Leopardi a Pietro Giordani:

> A erudição que o senhor diz ter encontrado nas notas ao "Hino a Netuno", é na verdade muito vulgar; ocorre que as escrevi na Itália, mas na Alemanha ou Inglaterra seriam uma vergonha para mim. Por um bom tempo, persegui a erudição mais recôndita e peregrina, e dos 13 aos 17 anos enfronhei-me profundamente neste estudo, tanto que escrevi de seis a sete tomos volumosos sobre matérias eruditas (fadiga que me valeu a ruína), e um escritor estrangeiro — que está em Roma, mas que não conheço —, vendo alguns dos meus escritos, não os desaprovou, exortando-me a que eu me tornasse, dizia ele, um grande filólogo.

Leopardi escrevia tratados volumosos, como o *Ensaio sobre os erros populares dos antigos*, além de outros e tantos dedicados aos autores da Spätantique. Traduziu a *Batracomiomaquia*, do pseudo-Homero, a *Titanomaquia*, de Hesíodo, o segundo livro de *Eneida* e o primeiro da *Odisséia*, entre outros. Ainda na adolescência, fingiu ter descoberto "Duas odes de Anacreonte" (na versão grega) e um "Hino a Netuno", do qual redigiu apenas a versão italiana. Nenhum grande filólogo chegou a duvidar da autenticidade daqueles textos, especialmente os de Anacreonte, tal a perfeição da língua grega. Seu domínio do hebraico e do alemão, do francês e do espanhol, do grego e do latim é deveras incomparável. Como Friedrich Hölderlin (em seus belíssimos metros pindáricos), Leopardi terá sido o último dos atenienses. Nenhum deles jamais conheceu a Grécia. O mundo dos deuses, todavia, parecia habitá-los. Leopardi admirava irreligiosamente a religião antiga. Como Nietzsche, Machiavelli, ou Fustel de Coulanges. E Hölderlin — tomado por "espíritos metafísicos" — sentia-se esmagado pela ira dos deuses em plena loucura. Leopardi — ao contrário —, quando escreve o poema "O infinito", vai naufragando num mundo sem homens ou deuses. Como já disse alguém, o naufrágio do poeta é sem espectador.

Anos de solidão radical e bárbara, Leopardi descreve a Giordani o estado físico e mental que o consome:

> Creio que o senhor já saiba, mas espero que não tenha sentido, em que medida o pensamento possa crucificar e martirizar uma pessoa que fique à sua mercê e pense um tanto diversamente dos outros; quero dizer, quando a pessoa não tem qualquer divertimento ou distração, mas apenas o estudo, o qual, porque fixa e mantém a mente imóvel, prejudica mais do que ajuda. A mim o pensamento deu e continua dando, por períodos longuíssimos, estes martírios, e isto porque sempre me teve inteiramente à

> sua mercê (e, repito, sem nenhuma vontade minha), prejudicando-me a olhos vistos, e me matará se eu antes não mudar de condição. Tenha por muito certo que, estando como estou, não posso divertir-me mais do que faço — e não me divirto nada. Afinal, a solidão não foi feita para os que ardem e se consomem por si mesmos.

Como vemos, a erudição leopardiana coincidia com a teoria de Vico: o primeiro passo é o da filologia (terreno firme na acumulação do conhecimento). A erudição — conquanto necessária — devia servir para estabelecer analogias e sínteses, abstrações e comparações. Numa palavra, a filologia precisava estar redimensionada na filosofia. Tanto assim, que Leopardi passará por três fases marcantes em sua vida. Primeiro, o "estudo desvairado e desesperadíssimo". Em seguida, a "conversão do erudito ao belo". E, finalmente, a passagem "do belo ao verdadeiro". Todas essas fases profundamente amalgamadas na sua altíssima poesia.

IV – TITANISMO E SOLIDÃO

La froide cruauté de ce soleil de glace.
Baudelaire, *De Profundis Clamavi*

ANOS A FIO de estudo incessante entre os milhares de volumes da biblioteca paterna; uma vastíssima erudição e uma delicadíssima compleição física, eis o árduo e precoce legado que herdou de si mesmo. A cidade onde nasceu — "burgo selvagem" — era-lhe odiosa. Assim como o palácio em que vivia. Apenas a correspondência com Pietro Giordani (famoso escritor daquele tempo, que chegaria mesmo a visitá-lo em Recanati) era-lhe uma de suas poucas alegrias. Giordani teve o mérito de reconhecer no jovem Leopardi o gênio erudito e poético de que já dava mais do que mostras, confirmando-lhe os seus anseios de glória. Um encontro histórico. Parecido apenas com aquele — literário, de que bem fala Curtius — entre Dante e Virgílio. Ou — em carne-e-osso — de Lou Salomé e Rilke. Ou de Benjamim e Scholem. Aquilo que Raïssa Maritain definiu como as *Grandes amizades.* O Eu-Tu de Martin Buber, em sua teoria de Encontro. Um pouco de seu destino começava a confirmar-se. O primeiro amigo dava-lhe as boas-vindas ao mundo literário.

Leopardi, contudo, já em 1819, sente a saúde gravemente ameaçada. Chega a perder a visão por um longo período. Não podia ler e não suportava nem o seu doloroso estado, nem a vida em família. Planeja, então, a fuga do palácio, que será de pronto frustrada. Ainda se conserva a carta endereçada ao pai (dolorosa e terrível como a que escreveu Kafka):

> O senhor conhecia ainda a miserabilíssima vida que eu levava, com as horríveis melancolias e tormentos de toda a espécie, advindos de minha

> estranha imaginação, e não podia ignorar o que era mais que evidente, ou seja, que a isto, e à minha saúde que se ressentia visivelmente de todas estas coisas, que sofria desde que se formou em mim esta compleição miserável, não havia outro remédio senão poderosas distrações — tudo aquilo que em Recanati eu jamais poderia encontrar. Contudo, o senhor deixava por anos e anos um homem do meu caráter consumindo-se em estudos mortíferos ou enterrando-se no mais profundo tédio e, por conseguinte, na melancolia, derivada da necessária solidão e da vida ociosa, mormente nos últimos meses

quando esteve impedido de ler. A partir deste período, o pessimismo histórico de Leopardi adquire dimensões cósmicas (embora seja sempre complexo usar o conceito de pessimismo sem compreender-lhe o heróico estoicismo). A chamada crise de 1819 ia determinando a direção da sensibilidade e do sistema do jovem poeta. As esperanças todas se mostram vãs, impossíveis. Caem todos os véus. A natureza assume a condição de madrasta, criando miragens e ilusões. Promessas jamais cumpridas, eis como termina o poema "À Sílvia":

> Também desfez-se em mim
> Há pouco o doce anseio: à minha idade
> Negou-me o fado mesmo
> A juventude. Ai como,
> Como passaste a esmo,
> Ó cara amiga dos meus tenros anos!
> Lacrimosa esperança!
> Aquele mundo é isto? Onde os entes
> Diletos, puro amor, obras, assuntos
> Sobre os quais cogitamos juntos?
> Este é o destino das humanas gentes?

Tudo agora vai-se tornando grave. O Grande-Negador começa a reger o universo leopardiano. Sem o desespero de Kierkegaard ou a compaixão de Schopenhauer. Apenas um rastro de solidão universal. A natureza perde seu valor positivo (como no primeiro Hölderlin, ou em Shelley) e adquire a sua marca anti-humana. Não é mais o homem que se afastou da natureza, causando a sua própria infelicidade, como escrevera Leopardi inicialmente. Ao contrário: vemos a face terrível — até então desconhecida — de um universo hostil e indiferente ao homem. Que mais pode desejar um Torquato Tasso — na prisão — a não ser sonhar com a amada. Melhor a imagem do que a vida. A felicidade não existe agora. Dela parecemos estar lembrados. Ou então a desejamos. Possuí-la é a nossa impossibilidade. Desejamos o que não podemos alcançar. Tudo isso aparece em "As lembranças". Mas de tal modo alto e solene, desprovido de qualquer desbordamento, numa admirável contenção clássica, que bem se coaduna com a melancolia de um Petrarca. Tudo aqui é grave. Nenhum desespero. Nenhuma compaixão. Tudo é exílio:

Vagas estrelas da Ursa, eu não contava
Voltar ao hábito de vos olhar
Sobre o pátrio jardim esplendoroso
E conversar convosco das janelas
Deste refúgio onde morei menino
E vi o fim de minhas alegrias.
Então, quantas imagens, quantas fábulas
Suscitou-me na mente o aspecto vosso
E das vossas luzentes companheiras!
Sentado, mudo, sobre a grama verde
Eu passava das noites grande parte
A contemplar o céu, a ouvir o canto
Da rã remotamente na planície!
E o pirilampo errava pelas sebes,
Pelos canteiros, sussurrando ao vento
Os ciprestes e aléias perfumadas
Lá na floresta; e sob o pátrio teto
Ouviam-se as conversas dos criados
Em seu calmo labor. Que pensamentos
Vastos, que doces sonhos deu-me a vista
Do mar ao longe e os azulados montes
Que daqui vejo e que transpor um dia
Eu pensava, a fingir no meu viver
Arcanos mundos e ventura arcana!
Ignaro do meu fado, e quantas vezes
Esta doída e nua vida minha
Não teria eu trocado pela morte.

A rara beleza das vagas estrelas da Ursa (caras também a Dante) e a delicada descrição dos arredores (lembrando Eichendorf) fizeram desse poema um dos clássicos da literatura italiana. Ainda que, como no poema anterior, "As lembranças" se movam em busca de um tempo definitivamente perdido, a diferença é que não existe aqui um centro unificador da memória (provocado pela morte de Sílvia), mas uma estrutura aberta, obedecendo ao fluxo arcano da memória, onde cada fragmento de recordação atrai, por sua vez, outros belos e dolorosos fragmentos. Um mundo de promessas jamais cumpridas. O sono e a ilusão representam pequenas mortes para que possamos continuar vivendo. A dor, a lembrança, o amor e a glória fazem parte da infinita vanidade de tudo, como Leopardi escreveu em "A si mesmo":

Enfim repousas sempre
Meu lasso coração. Findo é o engano
Que perpétuo julguei. Findou. Bem sinto
Que em nós dos caros erros
Mais que a esperança, o próprio anelo é extinto.

Repousa sempre. Muito
Palpitaste. Nenhuma coisa vale
Teus impulsos, nem digna é de suspiros
A terra. Nojo e tédio
É a vida, nada mais, e lama é o mundo.
Repousa. E desespera
A última vez. À nossa espécie o fado
Não deu mais que o morrer. Enfim despreza
A natureza, o rudo
Poder que, oculto, o comum dano gera
E a vacuidade sem final de tudo.

Leopardi toca novamente o sublime. O ritmo sincopado, os *enjambements*, os arcaísmos, os versos peremptórios e absolutos, a formidável força de sentimento e a clareza de expressão. Quase o limbo dantesco onde todos se encontram suspensos por um desejo sem esperança. Quase o *Eclesiastes*. Tudo agora torna-se mais drástico. O desejo é findo. A esperança é falta. Nem céu ou inferno. Deus ou Demônio. Apenas a negação. E a vanidade das coisas espelhando a natureza cruel, enquanto prepara a destruição da vida. Que mais legou-nos o fado além da morte?

O que mais impressiona em Leopardi é exatamente aquilo que De Sanctis observou em seu artigo "Leopardi e Schopenhauer": uma espécie de inversão entre o sentimento do texto e o sentimento do leitor:

> Porque Leopardi produz o efeito contrário a que se propõe. Não acredita no progresso, e faz com que o desejes; não acredita na liberdade, e faz com que a ames. Considera ilusões o amor, a glória, a virtude, e acende em teu coração um desejo incessante. É cético e te faz crente. Tem um conceito tão baixo da humanidade, e a sua alma alta, delicada e pura acaba por honrá-la e enobrecê-la.

Seria talvez o vitalismo (ou o titanismo) capaz de poder explicar essa estranha e apaixonada inversão detectada por De Sanctis? Até que ponto poder-se-ia passar da anulação da vontade (*noluntas*) à vontade de poder (*Wille zur Kraft*)? Quais forças poderiam ter destruído a própria vida?

V – Sócrates e a Música

La luce del crepuscolo si attenua.
Dino Campana, *Il canto della Tenebra*

Numa carta datada de 1874, Hans von Bülow, escritor e pianista, convidava Nietzsche a traduzir a prosa do grande irmão romântico de Arthur Schopenhauer, Giacomo Leopardi. Dizia-lhe precisar de um pensador que lhe fosse próximo e afim (*Nach-und-Mit-Denker*). Nietzsche —

embora creditando a Leopardi enorme admiração — declina do convite, por não dominar de todo a língua italiana. Conhecia-o em tradução e sentia-lhe o peso da existência (*Schmerzhäftigkeit*). Com o tempo, Nietzsche começa a freqüentar cada vez mais a sua obra, chegando a adaptar alguns de seus versos (como o do "Infinito": "e o naufragar me é doce neste mar", assim traduzido: "*Schön in diesem Meer zu scheitern*", ou ainda "*an der Unendlichekeit zu scheitern*"). Coube a Antimo Neri demonstrar os elementos de contato entre os interminados espaços de Leopardi e o eterno retorno de Nietzsche. Além de Antimo Neri, não é difícil constatar outras e mais intensas redes que os unem drasticamente.

Como é sabido, para Nietzsche o fim do mundo antigo ocorre com o binômio Sócrates-Eurípedes, e seus terríveis processos de dissecação e conceituação, maiêutica e ironia, que deflagraram o término de uma síntese anterior a Homero. O sonho de Sócrates, para que ele próprio se exercitasse na música (na arte e não apenas na razão), deu-lhe a entender — poucas horas antes de sua morte — a vanidade de seu projeto, onde apenas e exclusivamente a razão, a luz de Apolo, excluía as sombras poderosas de Dionísio. Eis a diferença que separava o coro de Ésquilo do coro de Eurípedes, o mito do *logos* (como disse Vernant). Em seguida, o cristianismo representava o segundo grande golpe dentro daquela idade de ouro, definitivamente perdida. Tais os princípios de uma vida anódina e cruel: os evangelhos ensinando o desprezo desta vida (a única vida de que dispomos) e de sua conseqüente destruição. Tratava-se da negação das forças vitais, telúricas e heróicas. Passávamos ao domínio da melancolia e a sonhar com um mundo distante e perfeito, em contraste com este vale de aflição e tormentos. Entre Nietzsche e Leopardi a diferença é que, para este, a genealogia de um ocidente desfibrado começava a partir de Platão (como podemos ler no "Diálogo de Plotino e Porfírio"), daquela constante remissão para um mundo que se encontrava além do mundo, infinitamente melhor do que este. A religião cristã, com sua herança neoplatônica, seguiria completando esse adeus à vida heróica dos antigos. A imortalidade da alma, o seu maior crime:

> O cristianismo constitui um misto de aliado e de adversário da civilização, de civilização e barbárie; efeito do processo civilizatório e inimigo de seus progressos: 1 — como o são todas as crenças, etc que imobilizam o espírito humano e o impedem de progredir, conforme têm sempre feito as teorias, conquanto derivadas de doutrina e cultura notáveis; 2 — como é natural a um condenado, a um fruto da civilização dissoluta, antes, corrompida. O cristianismo, na sua perfeição (e a natureza, a propriedade, o efeito das coisas são considerados em sua perfeição, não em estado imperfeito, isto é, não como devem ser), é incompatível, não só com os progressos da civilização, mas com a subsistência do mundo e da vida humana. Como é possível que aquele que tem a si mesmo como um nada, etc e que

> anela sua própria destruição dure? O homem não deveria compreender, pela razão, que as coisas não valem nada e são infelicíssimas. Ele fora destinado a elas. Nesse sentido, não deveria, portanto, aprendê-lo pela religião. Tê-lo aprendido destruiria a vida, se o homem seguisse fiel e precisamente os ditames e o espírito da religião. Consideremos o cristianismo em seu fervor primitivo, quando todos anelavam a virgindade, quando três quartos do ano eram passados em oração, nos templos, em vigílias, em penitências excessivas, etc e indaguemos: se o cristianismo não se tivesse corrompido ou enfraquecido, quanto teria podido fisicamente durar? Mas aquela era contudo sua perfeição e seu estado primitivo e puro. O mundo não pode subsistir se não tem a si mesmo por fim. Todas as coisas estão dispostas de tal forma que, quanto a si próprias, não visam senão a si mesmas. O homem deveria apenas visar não só aos outros ou a si mesmo neste mundo, mas a um mundo inteiramente diverso e considerar-se como fora deste. Como, portanto, poderiam durar a espécie e a vida humanas, contra os ensinamentos da natureza e a ordem geral e particular de todos os outros seres?

Escrito em 1821, este texto, tão parecido com o de Nietzsche, é da autoria de Leopardi. Quase a mesma chama do *Anticristo*. Mais silencioso, talvez, e não menos contundente, porque silencioso. Esse impressionante julgamento — em parte devedor das reflexões de um Machiavelli — permaneceu quieto em seu diário (no *Zibaldone*). Passada a crise de 1819, Leopardi jamais trilhou um caminho de conversão e ascetismo. Voltou-se corajosamente para um irreversível materialismo.

Interessante será ainda ouvir Nietzsche, tratando — anos mais tarde e com iconoclasmo da filosofia do martelo — do mesmo tema:

> Chama-se ao cristianismo religião de piedade. A piedade está em oposição com os afetos tônicos, que elevam a energia do sentimento vital; opera de uma maneira depressiva. Quando uma pessoa se compadece, perde força. Pela piedade, aumenta e multiplica-se ainda mais a perda de força que o sofrimento já ocasiona à vida. O sofrimento mesmo chega a ser contagioso pela piedade; em determinados casos pode acarretar uma perda total de vida e de energia vital.

Claro está que outros componentes — como o darwinismo e a vontade, deslocada de Schopenhauer e reinterpretada com valor positivo — separam capilarmente Nietzsche de Leopardi. Mas é na vontade de poder que as afinidades poderiam ser buscadas. De que maneira, a não ser por denegação (*Verneigung*), poder-se-ia vincular o vitalismo ao pessimismo? Basta percorrer as páginas do *Zibaldone* para encontrar uma de suas palavras mais recorrentes, as esperanças mortas. Tudo que ficou para trás. Uma anatomia (*post litteram*) da esperança. Mil astros incinerados. E a estranha luminosidade promanando de cada fragmento. Este seria — para Nietzsche — o começo do meio-dia.

VI – MENSAGEM FUTURA

Al the night in woe.
Blake, *The Little Girl Found*

QUANDO — e principalmente por mérito de Carducci — foram publicadas as 4.526 páginas do diário de Leopardi (1890–1900), houve uma grande comoção por parte da crítica, que começava a descortinar um formidável território investigativo. Era preciso mapear esse mundo complexo e aparentemente desordenado. Como quem entrasse num continente desconhecido (ou quase) que se intitulava *Zibaldone*. Tratava-se de uma densa floresta — como diria Bernardes —, que abrigava fragmentos de futuros poemas, observações de ordem moral e afetiva, meditações metafísicas, inscrições literárias, máximas e provérbios, estudos de filologia e retórica, além de pequenas e flutuantes cosmologias. Esse belo e estranho diário (que do caos devia engendrar uma obra de arte, quase a estrela de Nietzsche) começou a ser redigido em 1817, sendo interrompido apenas em 1832, sem que dele jamais se afastasse o próprio autor. Nada parecido com o *Diário* de Amiel ou com o *Dicionário* de Voltaire. Era algo novo que desconhecia precedentes.

Tanto assim que o *Zibaldone* ainda hoje não comparece de todo integrado ao universo da crítica leopardiana, apesar dos esforços de um Solmi, de um De Robertis ou de um Pacella. As dificuldades de compreender uma estrutura dinâmica de pensamento — que atravessa cada página daquele diário — pareceram intransponíveis. Houve mesmo quem decidisse ignorar o *Zibaldone*, como se fosse desprovido de inteligência interna, quase uma simples coleção de fragmentos. Ou — quando muito — recorria-se ao *Zibaldone* para retirar-lhe esta ou aquela passagem que mais se adequasse aos *Cantos* ou aos *Opúsculos*. Tem razão Cesare Luporini ao afirmar que um estudo sistemático do pensamento leopardiano seja ainda prematuro. Será preciso conhecer melhor esse território, segundo uma perspectiva geral e articulada, minuciosa e flexível. Nessa direção tem avançado a crítica.

Dentre as muitas surpresas do *Zibaldone*, De Robertis sublinhou uma surpreendente observação de Leopardi, quando voltava (após um silêncio demorado) a escrever os grandes Idílios: "A privação de todas as esperanças acabou por apagar pouco a pouco dentro de mim quase todo o desejo. Agora, mudadas as circunstâncias, ao ressurgir a esperança, eu me encontro na estranha situação de ter mais esperanças do que desejos." Um impressentido raio de sol. Mas é claro que não estamos sugerindo uma leitura otimista daquele universo. Nem tampouco desejamos inserir um princípio-esperança do avesso. Podemos constatar, entretan-

to, o resplendor de sua vontade. Esse quase meio-dia que marca a sua derradeira ilusão. Esse entusiasmo que nasce do concerto literário.

Algumas vezes, o *Zibaldone* se parece com uma terra devastada, entre os tantos projetos desenhados, mencionados e abandonados. Quase um ano antes da citação anterior, encontramos um desses projetos. Chegamos apenas ao título. Anota Leopardi: "Isto pode servir para a *Carta para um jovem do século xx.*" Como seria esta carta, é impossível descobrir. Sabemos que o *Zibaldone* está de algum modo endereçado ao nosso tempo. Não por uma atualidade de permanência, mas por uma atualidade de resistência. O mesmo quadro de luz e o mesmo quadro de sombras parece subjugar o nosso destino. E o cuidado de Leopardi com o seu diário permite-nos supor que ele imaginava uma audiência futura. E que — talvez — a mensagem maior de nosso remetente pudesse estar circunscrita ao modo de quem viveu radicalmente a solidão e a literatura, com uma generosidade tanto mais rara quanto mais solidária. E que o jovem do século xx — mais contemporâneo do que seus próprios contemporâneos — pudesse compreender e amar alguém que escolheu a literatura como princípio e ação. Talvez aqui, o meio-dia.

Itacoatiara, Natal de 1995
Marco Lucchesi

Fim de "Carta Para um Jovem do Século xx"

Cronologia da Vida e da Obra

1798 Ao cair da noite do dia 29 de junho nasce, em Recanati, no então Estado Pontifício das Marcas, Giacomo Taldegardo Francesco Leopardi, filho do conde Monaldo Leopardi e da marquesa Adelaide Antici, na suntuosa mansão da família.

1799 Nascimento do irmão Carlo, a 11 de julho, e, no ano seguinte, de Paolina, a 6 de outubro.

1803 A 19 de fevereiro morre, com nove dias apenas, o irmão de Leopardi, Luigi.
Em virtude da escassa habilidade de Monaldo Leopardi na administração de suas propriedades, ele entra em acordo com os seus credores para a extinção dos débitos num prazo de quarenta anos. Adelaide passa a ter em suas mãos férreas o severo controle dos bens.

1805 Monaldo Leopardi funda em seu palácio uma Academia Poética, com o propósito de reviver a antiga Academia dos Desiguais, que florescera em Recanati no século XV.
A infância de Leopardi transcorreu amena, sem grandes acontecimentos, num ambiente aristocrático, religioso e fechado, onde as idéias de 1789 chegam tímidas e pálidas. Data de 28 de junho a sua primeira confissão. Escreve Monaldo: "Em menino foi dulcíssimo, amabilíssimo, mas sempre de uma fantasia um tanto forte, apreensiva e vivaz."

1807 O sacerdote Sebastiano Sanchini hospeda-se na casa de Monaldo Leopardi e incumbe-se da educação das crianças. Giacomo revela-se um excelente discípulo, ávido de conhecimentos, fazendo com que os ensinamentos de seu preceptor fossem logo dispensados. Além de dom Sebastiano, foram seus mestres dom Vincenzo Diotallevi e o jesuíta Giuseppe De Torres.

1809 Giacomo Leopardi escreve o seu primeiro soneto, "A morte de Heitor", e — genial e precoce autodidata — começa a estudar sozinho, na grande biblioteca de seu pai, as línguas grega, hebrai-

ca, francesa, inglesa e espanhola. Conhece dom Giuseppe Antonio Vogel, que o incitou a reunir um tipo de miscelânea literária (*Zibaldone*), como uma espécie de laboratório poético, um Caos escrito.

1810 Tommaso Antici, seu tio materno, comove-se com o poema de Leopardi sobre os Reis Magos. Datam dessa época os poemas "Balaão" e "O dilúvio universal".

1811 Leopardi traduz *A arte poética* de Horácio e escreve *Pompeu no Egito*, tragédia apresentada no Natal juntamente com os *Epigramas*, onde podemos sentir o eco empalidecido, com rasgos de genialidade, que vamos encontrar mais tarde nos primeiros poemas dos *Cantos*.

1812 Redige a tragédia em versos *A virtude indiana* e o *Diálogo filosófico*. Monaldo abre a sua biblioteca ao público.
A 20 de julho Leopardi e seu irmão Carlo apresentam, num exame público anual, um longo programa com teses de ontologia, moral, teologia, física, psicologia e ciências naturais, com verdadeiro fundo escolástico, reconhecível na estrutura dos títulos.

1813 Leopardi consegue permissão para ler os livros proibidos da biblioteca de Monaldo. Ele redige a *História da astronomia* e começa a se interessar pelos estudos filológicos, além de traduzir e comentar autores gregos e latinos do período helenístico. Escreve os *Commentarii de vita et scriptis rhetoreum quorundam qui secundo post Christum saeculo vel primo declinante vixerunt*, resultado de estudos incessantes, embora marcados por uma erudição setecentesca e retardatária. Tempo de desprezo por Homero e Dante, todo voltado, como estava, para Fontenelle e Voltaire. Ainda não chegara a conversão ao belo.
Nasce o irmão Pierfrancesco.

1814 Redige a *Dissertação sobre a origem e os primeiros progressos da Astronomia*. Oferece também ao pai o trabalho *Porphyrii de vita Plotini*, composto aos dezesseis anos.
Leopardi dá início aos *Fragmenta Patrum* e traduz do grego os *Scherzos epigramáticos*.

1815 Leopardi escreve a *Oração aos italianos, em ocasião da libertação do Piceno*, após o fim do domínio napoleônico na Itália e a vitória dos austríacos contra Murat, além do *Ensaio sobre os erros populares dos antigos*. Traduz ainda as poesias de Mosco e a *Batracomiomaquia*, a ser reelaborada em 1821 e em 1826, a primeira

rapsódia da *Odisséia* e o segundo canto da *Eneida*. Aguradam-no sete anos de "estudo desvairado e desesperadíssimo".
O abade Cancellieri faz honrosa menção de Leopardi em sua *Dissertação sobre os homens dotados de grande memória*, elogiando-lhe a assombrosa erudição e o conhecimento profundo do grego e do latim, "um bom augúrio para a Itália".

1816 Passa a interessar-se pelas letras italianas e pela poesia, deixando um pouco de lado a paixão pela erudição e pela filologia. Compõe o idílio "As lembranças" e publica na revista *Lo Spettatore Italiano e Straniero* a tradução do primeiro livro da *Odisséia*, com o título de *Ensaio de tradução da Odisséia*, e de *Da fama de Horácio entre os antigos*. Homero e Dante assumem, agora, uma dimensão crucial no universo leopardiano.
A 18 de julho, Leopardi escreve uma carta em resposta a *De l'esprit des traductions* de M^me^ de Staël, intitulada *Carta aos compiladores da Biblioteca Italiana*. Escreve ainda a "Aproximação da morte", após a primeira crise de saúde, devida ao zelo excessivo pelos estudos. Data dessa época o importante "Hino a Netuno", que Leopardi fingiu traduzir do grego. Na mesma língua escreve as *Anacreontiche Adespote*, demonstrando perfeito domínio de expressão.

1817 Inicia a sua correspondência com Pietro Giordani, uma das páginas mais belas e mais impressionantes de uma profunda amizade, a quem confessa estar sentindo um "grandioso, talvez exagerado e insolente desejo de glória". Leopardi encontra nele o primeiro grande interlocutor. Publica algumas traduções do grego e um ensaio de filologia no *Spettatore*, iniciando igualmente as anotações do *Zibaldone*, como já lhe aconselhara Dom Vogel. Com a chegada de sua prima, Gertrude Cassi, no fim deste ano, Leopardi começa as suas composições amorosas com "O primeiro amor" e "Diário de amor", sendo tocado por um sentimento que jamais chegará a conhecer em reciprocidade, segundo Marsílio Ficino. Publica a *Tradução do livro segundo da Eneida*. Traduz a *Titanomaquia* de Hesíodo, publicado com um *Discurso preliminar*, em primeiro de junho no *Spettatore*. De sua leitura diuturna e de sua pesquisa sem paralelos para a idade, Leopardi escreve a Giordani ter arruinado a própria saúde para toda a vida, sem remédio ou esperança de melhoria.

1818 Compõe, em maio, o *Discurso de um italiano sobre a poesia romântica*, onde expõe as suas idéias em relação ao Romantismo.

Neste ano ele deixa Recanati pela primeira vez, na companhia de Pietro Giordani, indo a Macerata. Escreve ainda os idílios, impressos em Roma pelo editor Bourlié, "À Itália" e "Sobre o monumento a Dante, que se preparava em Florença".
A 30 de setembro morre Teresa Fattorini, filha do cocheiro da casa, aos vinte anos. Leopardi sente-se acabrunhado. Alguns biógrafos teriam visto aqui um sentimento amoroso. Diz, todavia, o irmão Carlo: "Víamos de nossas janelas aquelas duas meninas [Teresa Fattorini e Maria Belardinelli], e às vezes falávamos por sinais. Amores, se assim os quisermos considerar, distantes e prisioneiros."

1819 Escreve "Para uma mulher enferma de uma doença longa e mortal" e "Na morte de uma mulher trucidada com seus pertences". Após ser atingido por um sério distúrbio que lhe afetara profundamente a visão, Leopardi deixa a religião e se converte a uma filosofia que alguns críticos erroneamente denominam de pessimista. Mais e mais atormentado por um problema nos olhos e privado "da contínua distração da leitura, comecei a sentir a minha infelicidade num modo mais e mais tenebroso, comecei a abandonar a esperança".
De modo intempestivo e desesperado, romântico e alfieriano, Leopardi tenta fugir de sua casa. Descoberto a tempo e impedido, sente aumentar-lhe o peso da própria solidão e melancolia. Escreve, aos 21 anos, no alto do monte Tabor, dois poemas geniais: "O infinito" e "À lua". O dramático impedimento da leitura se arrastará por mais de um ano.

1820 A partir desta época observam-se no *Zibaldone* algumas de suas idéias que farão parte, mais tarde, dos *Pensamentos.* Servirão ainda como fonte de inspiração para esta obra os *Pensées* de Rousseau, além das obras de La Bruyère, Pascal, La Rochefoucauld, Montesquieu e Montaigne. Neste ano, Leopardi escreve "A noite do dia de festa", "O sonho" e a canção "A Angelo Mai quando encontrou os livros de Cícero da República", que publica junto ao editor Marsigli, em Bolonha, apresentando uma dedicatória ao conde Leonardo Trissino. Tem a idéia de escrever algumas composições satíricas, que serão os *Opúsculos morais.*
Cessa a interdição dos bens de Monaldo, que prefere deixá-los a cargo de sua esposa atenta e distante.

1821 A possibilidade de ocupar uma cátedra de literatura latina na Biblioteca Vaticana não se realiza. Neste ano compõe as suas princi-

pais canções, como "A vida solitária", "Brutos, o jovem", "Nas núpcias da irmã Paolina", "A um vencedor no *pallone*".
Leopardi sente em si o "borbulhar do gênio" e teme não ter saúde para cumprir todos os seus inúmeros sonhos: "Os meus projetos demandam muitas vidas, mas eu não terei sequer uma só vida."

1822 Leopardi segue para Roma a 17 de novembro e se hospeda na casa do tio Carlo Antici, mas fica desiludido com a cidade. Escreve a canção "À primavera", "A última canção de Safo", "Hino aos patriarcas" e termina a versão do "Martírio dos santos padres no Monte Sinai". Leopardi tenta em vão conseguir uma ocupação através do cardeal Consalvi. Continua os estudos filológicos. Conhece o enviado especial da corte da Prússia em Roma, Barthold Niebuhr, além de Reinhold, Bunsen e Jacopssen.

1823 A 15 de fevereiro, Leopardi visita em Santo Onófrio o túmulo de Torquato Tasso, junto ao qual se emociona profundamente. Volta a Recanati no dia 3 de maio. Compõe "À sua dama" e traduz a "Sátira de Simônides sobre as mulheres", aparecendo em novembro de 1825 no *Nuovo Ricoglitore* e na edição bolonhesa dos *Versos* em 1826. Leitura aprofundada de Vico.
De dia, em sua casa, "acordava cedo e estudava toda a manhã. Depois passeava duas ou três horas na sala, e por algumas horas no escuro. Eu o chamava Malco, e ele ria. Terminado o passeio, após a Ave-Maria, sentava-se, rodeado por seus irmãos, com os quais falava amigavelmente por duas horas. Retirava-se, voltando, quando podia, ao estudo", anota Monaldo.

1824 Publica em Bolonha as dez primeiras canções, acompanhadas das *Anotações*, destinadas a combater as críticas filológicas a ele feitas pela Academia da Crusca, e da *Comparação das sentenças de Bruto Menor e de Teofrasto próximo à morte*, composta em 1822. Escreve o *Discurso sobre o estado presente dos costumes dos Italianos*. É também o ano de composição dos vinte primeiros *Opúsculos morais*.

1825 Leopardi segue para Milão a convite do editor Antonio Fortunato Stella, onde tenta obter o cargo de secretário da Academia de Belas Artes. A amizade com Giordani afasta-lhe as possibilidades de obter qualquer cargo em Bolonha ou Roma, em virtude de sua posição notadamente anticlerical. Conhece, em Milão, Monti e Cesari. Em Bolonha, compõe o "Fragmento apócrifo de Estratão de Lampsaco".

Entre dezembro de 1825 e janeiro de 1826 são impressos os primeiros *Idílios* no *Nuovo Ricoglitore*, em Milão.
Giacomo Leopardi trabalha em um comentário ao *Canzoniere* di Petrarca, a ser publicado no ano seguinte pelo editor Stella, e numa edição das obras de Cícero.

1826 Segue para Bolonha, sendo acolhido por Giordani e Pietro Brighenti. Lê, na Accademia dei Felsinei, na segunda-feira de Páscoa, a "Carta ao conde Carlo Pepoli"; em julho sai a edição bolonhesa dos *Versos*, publicada pela Tipografia delle Muse, onde se acrescentam "O infinito", "A noite do dia festivo", "A lembrança", "O sonho", "O medo noturno", "A vida solitária", "Elegias", "Sonetos na pessoa do senhor Pecora", "Carta a Carlo Pepoli", "A guerra dos ratos e das rãs" e a "Vulgarização da sátira de Simônides sobre as mulheres".
Neste ano apaixona-se pela condessa Teresa Carniani Malvezzi, não sendo, entretanto, correspondido. Em novembro, volta para Recanati.

1827 O editor Stella publica os *Opúsculos morais* em junho. Entre julho e outubro inicia a compilação do *Índice do Zibaldone*, acrescido de novas anotações e correções. Pertencem a este índice: "Maquiavelismo de sociedade", "Aniversário", "Amizade", "Caráter", "Educação", "Egoísmo", "Galateu moral", "Juventude", "Mundo", "Simplicidade", "Velhice".
Giacomo Leopardi segue para Bolonha, onde conhece Antonio Ranieri, e depois para Florença, onde se junta ao Círculo de Vieusseux e da Antologia. É acolhido por Gino Capponi, Pietro Colletta, Vieusseux, Stendhal, Tommaseo e outros. Em novembro, conhece Alessandro Manzoni, que acabara de publicar *Os noivos*, e depois vai a Pisa, cidade pela qual se afeiçoa, permanecendo até junho do ano seguinte. Dedica-se à anotação das rimas de Petrarca e às versões dos escritos de Isócrates e Epíteto.
Leopardi participa de uma recepção que Viesseux organizara para o poeta e para o comediógrafo Nota. O escritor Mario Pieri descreve Leopardi: "Jovem singular também pela sua idade, que não deve ultrapassar os 26 anos. O seu semblante é vivo e gentil, o corpo é algo defeituoso em virtude da altura das costas, maneira doce e modesta, fala pouco, de cor pálida, parece melancólico."
Entre 1827 e 1828, Giacomo Leopardi organiza em Milão a *Antologia italiana* da prosa e da poesia em dois volumes, editada por Stella.

1828 Composição de "A ressurreição" e "À Silvia", em Pisa.
Giacomo Leopardi recebe de Bunsen uma oferta para ensinar na Universidade de Bonn, recusando-a por causa de sua frágil saúde. Conhece, em novembro, Vincenzo Gioberti e com ele retorna a Recanati pela última vez.

1829 Tommasini oferece-lhe uma cátedra de mineralogia e zoologia na Universidade de Parma, para melhorar-lhe a precária situação financeira. Por desconhecer a disciplina e por não ter suficiente força para aplicar-se ao estudo, Leopardi não aceita. Nos meses de agosto a setembro compõe "As lembranças", "A calma depois da tempestade" e "O sábado da aldeia". O estado de saúde de Giacomo se agrava.
Entre outubro de 1829 e abril de 1830 compõe o *Canto noturno de um pastor errante da Ásia.*

1830 Leopardi deixa definitivamente Recanati e vai primeiramente para Bolonha e depois para Florença, entre 10 de maio e 30 de abril de 1831, graças à ajuda financeira do amigo Pietro Colletta e dos "amigos benfeitores secretos" que o sustentariam durante um ano. A proposta era absolutamente nobre: "Será um empréstimo, se quiserdes pagar o montante recebido, e será menos do que um empréstimo, se faltar a ocasião para a devolução; ninguém saberia a quem pedir; vós não saberíeis a quem restituir. Nenhuma lei se impõe a vós. Queira o bom destino da Itália que vós, recobrando a saúde, possais escrever obras dignas do vosso engenho; mas esta esperança não é obrigação vossa."
Ainda em Florença conhece Fanny Targioni Tozzetti. Início dos "Cantos a Aspásia". Encontra o filólogo suíço Luigi De Sinner.

1831 Primeira edição Piatti dos *Cantos,* a 2 de outubro, compreendendo os cantos de I a X, de XII a XVI e de XVIII a XXV, precedidos da dedicatória "*Agli amici suoi di Toscana*". Escassos proventos da edição.
Neste ano revê Antonio Ranieri, amigo inseparável até a morte. Escreve, no outono, "O pardal solitário". Segue para Roma a 1 de outubro com Ranieri. Compõe ainda "O pensamento dominante". É nomeado acadêmico da Crusca.

1832 Sai a publicação de *Pequenos diálogos sobre as matérias correntes no ano de 1831* de Monaldo Leopardi com as iniciais MCL. Giacomo, em maio, desmente serem estes diálogos de sua autoria, apesar da superficial semelhança dos traços de composição desta obra com as suas.

Leopardi compõe, então, o "Diálogo de um vendedor de almanaques e de um transeunte", em Roma. Voltando para Florença, escreve o último de seus opúsculos: "Diálogo de Tristão e de um amigo", além dos poemas "Amor e morte" e "Consalvo". Cessa as anotações ao *Zibaldone* e inicia a ordenação dos 111 *Pensamentos*, publicados postumamente, em 1845, na edição Le Monnier, aos cuidados de Ranieri.

1833 Leopardi segue para Nápoles a 2 de outubro, permanecendo com Antonio Ranieri e sua irmã. Tinham uma casa na cidade e uma outra próximo ao Vesúvio. Compõe "A si mesmo". Suporta com heróico estoicismo uma dolorosa doença que o tortura por mais de cinqüenta dias. O clima de Nápoles parece-lhe o remédio para os seus males. Abate-se a cólera sobre a cidade.

1834 Leopardi trabalha nos *Paralipômenos da Batracomiomaquia*; ano de composição de "Sobre o baixo-relevo de um antigo túmulo onde uma jovem morta é representada na hora de partir" e "Sobre o retrato de uma bela mulher esculpido em seu jazigo". Publica a segunda edição dos *Opúsculos morais* pelo editor Piatti, de Florença. Esta vem acrescida do "Diálogo de um vendedor de almanaques e de um transeunte" e do "Diálogo de Tristão e de um amigo", ainda inéditos. Ano de composição de "Aspásia".
Em abril daquele ano é visitado pelo poeta August von Platen, que anota em seu diário que a primeira impressão causada por Leopardi tem algo de horrível, para quem conheceu primeiro os seus poemas. "Todavia, conhecendo-o mais de perto, desaparece o que há de desagradável no seu aspecto exterior, e a fineza de sua educação clássica e a cordialidade de suas maneiras dispõem o nosso ânimo a seu favor. Eu o visitei diversas vezes."

1835 Sai a segunda edição dos *Cantos*, publicada pelo editor Saverio Starita, compreendendo todos os cantos compostos até então, bem como a terceira edição dos *Opúsculos morais*. Starita compromete-se a publicar toda a obra de Leopardi, em seis volumes, no espaço de dez meses. Ambas as obras haviam sido apreendidas pelo governo bourbônico. Composição de "Palinódia ao marquês Gino Capponi". Recebe a visita dos alunos da escola de Basilio Puoti e de Francesco De Sanctis.

1836 Os *Opúsculos morais* ganham uma edição napolitana, pelo editor Starita, composta apenas das treze primeiras por causa do seqüestro da censura bourbônica. Ano da composição de "Os novos crentes", um violento ataque contra a ideologia românti-

ca e contra os espiritualistas contemporâneos do autor. Leopardi compõe "O pôr-da-lua" e "A giesta ou a flor do deserto". Leopardi escapa da epidemia de cólera que se abatia sobre Nápoles já há alguns anos, embora o seu estado de saúde se agrave irremediavelmente.

1837 Já extenuado e inconsciente, após uma demorada agonia, morre Leopardi em 14 de junho, vitimado por um ataque de asma e hidropisia cardíaca, numa casa, em Vila Ferrigni, próximo de Torre del Greco, assistido por seu amigo Ranieri, que assim o descreve: "'Eu não te vejo mais', disse-me suspirando... Naquele momento entrava no quarto frei Felice de Sant'Agostino, agostiniano descalço, enquanto eu, fora de mim, chamava em voz alta o meu amigo e irmão e pai, que já não me respondia, embora desse a impressão de que me olhava."

Foi sepultado na igreja de São Vital, em Fuorigrotta. Em sua lápide consta a seguinte inscrição, feita por Giordani: "*Al conte Giacomo Leopardi Recanatese / filologo ammirato fuori d'Italia / scrittore di filosofia e di poesia altissimo / da paragonare solamente coi Greci / che finì ai XXXIX anni la vita / per continue malattie miserrima / fece Antonio Ranieri / per sette anni fino all'estrema ora congiunto / all'amico adorato. MDCCCXXXVII.*" (Ao conde Giacomo Leopardi de Recanati / filólogo admirado fora da Itália / escritor de filosofia e de poesia altíssimo / a comparar-se apenas com os gregos / o qual cessou aos XXXIX anos a vida / em virtude de contínuas doenças terríveis / fez Antonio Ranieri / durante sete anos até a extrema hora / ao amigo adorado. MDCCCXXXVII.)

1842 Ano de publicação da edição parisiense de Baudry, feita por Ranieri, dos *Paralipômenos da Batracomiomaquia.*

1844 Segunda edição de *O mundo como vontade e representação* (Leipzig, Brockhaus), de Schopenhauer, contendo comentários sobre Leopardi.

1845 A editora Le Monnier de Florença publica as *Obras* de Leopardi, com o primeiro volume compreendendo os *Cantos* completos, os até então inéditos, e o segundo os *Opúsculos morais,* com os 22 opúsculos acrescidos de "Diálogos de Plotino e de Porfírio e Copérnico", escritos em 1827. Saem também os *Estudos filológicos.*

1855 Sainte-Beuve publica o perfil de Leopardi, em seus *Portraits contemporains.*

1858 Artigo de De Sanctis, *Leopardi e Schopenhauer.*

1872 Em carta a Erwin Rohde, Nietzsche começa a demonstrar interesse e entusiasmo crescentes pela obra leopardiana. Não faltou quem o convidasse para traduzi-lo em alemão.

1880 De Antonio Ranieri, *Sete anos de sodalício com Giacomo Leopardi*, memórias.

1900 Publicação do *Zibaldone*, por iniciativa do poeta Giosuè Carducci.

1906 Primeira edição dos *Vários escritos inéditos das cartas napolitanas*, organizada por Giovanni Mestica.

1925 *Opera Omnia* em 16 volumes, pela editora Le Monnier.

1934/41 Edição da *Correspondência* de Leopardi, em sete volumes, com as suas respostas.

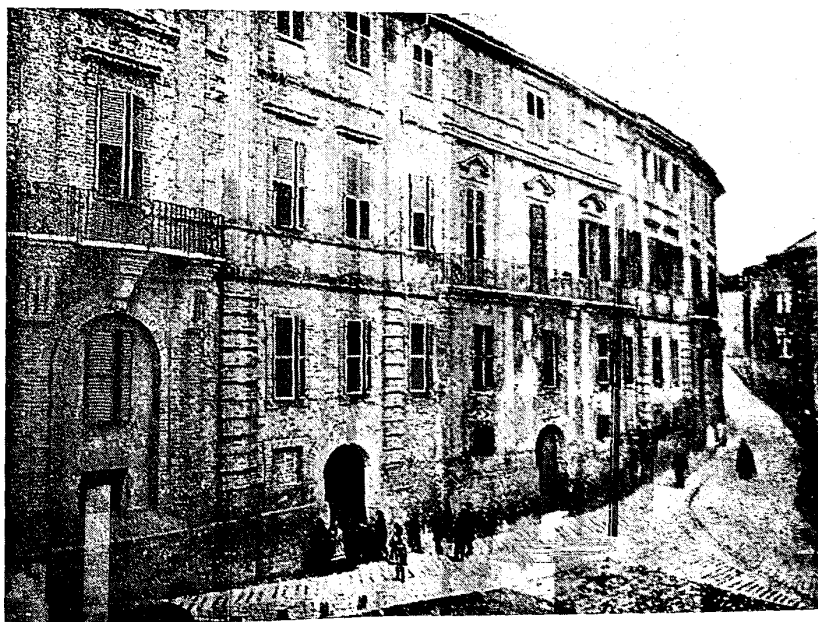
1938 Os restos mortais de Giacomo Leopardi são transferidos para Mergellina, junto ao túmulo de Virgílio.

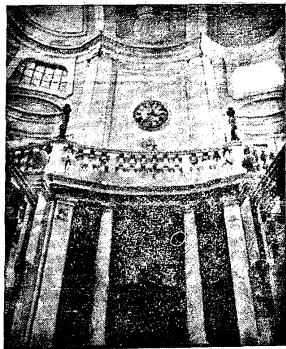
1940/49 Francesco Flora organiza a obra completa, em cinco volumes.

1969 De Walter Binni, a obra completa de Leopardi em dois volumes, pela editora Sansoni, de Florença.

FIM DE "CRONOLOGIA DA VIDA E DA OBRA"

ICONOGRAFIA

Monaldo Leopardi e Adelaide Leopardi Antici, pais do autor.

Villa *da família Leopardi em Recanati.*

Uma sala da biblioteca onde Leopardi passou toda a sua juventude.

Detalhes do átrio da Villa *Leopardi.*

Retrato de Giacomo Leopardi,
comemorativo do centenário de seu nascimento.

Recanati, a colina de "O infinito".

Giacomo Leopardi.

Antonio Ranieri.

Fanny Targioni Tozzetti.

Pietro Giordani.

Retrato de Giacomo Leopardi no leito de morte (G. Turchi, 1837).

Fortuna Crítica

Tradução de Ana Thereza Basílio Vieira

Epistolário de Giacomo Leopardi*[1]

Francesco De Sanctis

Quem leu as poesias e as prosas de Giacomo Leopardi, abrirá com prazer este livro, incerto de conhecer o homem, conhecido o escritor. E encontrará aquilo que o escritor sugeriu haver o homem pensado, sentido e feito: qualidade rara, na qual são colocadas a verdade e a dignidade da arte. Ora, esta severa conformidade do pensamento e da vida faz com que seja difícil, a quem queira examinar estas cartas, separá-las das outras obras do autor. Ao leres as cartas, concentra o teu espírito tão livre da dor; lendo as obras, pensa nos dolorosos destinos do gênero humano, a alma de um homem transformada na alma do universo. Podemos, então, abandonando o escritor, fixar-nos apenas no homem de tão extraordinária infelicidade, e mostrar nestas cartas o mais eloqüente comentário dos seus escritos, e a matéria ainda quase bruta que nas poesias trabalhou e levou a tão grande perfeição.

Uma coleção de cartas é como uma coleção de sonetos; dificilmente resistimos àquela leitura contínua, e enfastia aquele passar de fato em fato, sem vínculo de acontecimentos e sem interrupção ou interesse al-

---

* In *Saggi critici.* Org. Luigi Russo. v. 1. Bari: Laterza, 1957, p. 1-7.

[1] Este artigo, como é notório, remonta a 1849, e apareceu como prefácio no *Epistolário* de Leopardi na edição do tipogrgáfo Rondinella, em Nápoles: originariamente o *Epistolário* apareceu em Florença. Hoje possuímos o *Epistolário*, em sete volumes, de Francesco Moroncini (Florença, 1934-1941), e, ao mesmo tempo, um "Apêndice" com cartas e notas acrescentadas por Giovanni Ferretti, e "Índice analítico" de Aldo Duro. D. S. deve apresentar algumas dúvidas na composição deste ensaio-prefácio. De fato, do manuscrito, existente na Biblioteca Nacional de Nápoles, são recuperadas não só numerosas variantes, mas também longos trechos suprimidos na redação publicada (podem ser vistas na nota filológica da edição de *Scrittori d'Italia* nos "Saggi critici", Bari: Laterza, 1952, aos meus cuidados nas p. 333 e sgg. do vol. III). Trata-se evidentemente não apenas das exigências materiais dos limites de um prefácio, mas ainda do empenho com que o autor afrontava, em idade juvenil, um escritor que se situa entre os mais caros ao seu coração, mas entre os estudados com mais atenção e por mais tempo.

gum. Mas perseguimos estas cartas com ávido prazer até o fim, como aquelas que, dispostas por ordem de tempo a conselho de Pietro Giordani, se constituem de compassiva narração dos casos da sua vida, e quase um retrato do espírito do escritor, que acompanhamos com ânsia na sua dolorosa peregrinação de Rècanati, sua cidade natal, por várias regiões da Itália.

Quando muito jovem, Recanati era para ele o quarto da biblioteca paterna; ali entrou como recanatense e dali saiu como cidadão do mundo. Porque tal é a ciência, que faz o homem contemporâneo aos passados e meditativo em relação ao futuro, e lança à alma um olhar que abraça o universo. Mas para Leopardi o universo foi mudo, e a vida sem um digno objetivo, ao qual pudesse volver a força invencível do espírito; para ele foram cruéis o destino e os homens. Em idade juvenil viu desaparecida para sempre a sua juventude; viveu obscuro, teve fama e inveja póstumas; rico e nobre, sofreu a miséria e o desprezo; nunca lhe sorriu um olhar de mulher, solitário amante de sua própria mente, à qual nomeava Silvia, Aspasia, Nerina. Donde com precoce e amargo conhecimento, o que estimamos ser felicidade, julgou serem ilusões e enganos da imaginação; os objetos do nosso desejo chamou ídolos, ócios as nossas fadigas, e inutilidade o todo. Assim, não viu aqui coisa alguma semelhante ao seu espírito, que valesse os impulsos do seu coração; e mais que a dor, a inércia, quase rancor, consumiu a sua vida; sozinho nisto que chamava de "formidável deserto do mundo". Em tanta solidão a vida se transformou num diálogo do homem com a sua alma, e os colóquios internos tornaram mais ásperos e intensos os afetos refugiados amargamente no coração, pois lhes faltou sustento na Terra. Colóquios tristes e até queridos, em que o homem, suicida abutre, consome a si mesmo sem cessar, e acaricia a chaga que o conduz à tumba.

Leiam agora as suas cartas. Ali encontrarão esta lamentável história. O primeiro motivo de dor é Recanati; o espírito já apto ao universo sente-se apertado numa escura vila, cruel ao corpo e mortal ao espírito. "A terra está cheia de maravilhas", escreve a Giordani, "e eu, aos dezoito anos, poderei dizer: nesta caverna viverei, e morrerei onde nasci!" Então ultrapassa, com o pensamento, os confins da sua prisão natal, e, com olhar atento a um horizonte mais amplo, exclama: "Minha pátria é a Itália, pela qual me inflamo de amor, agradecendo ao Céu por ter-me feito italiano." E deixa Recanati: e tendo chegado a Roma, acreditamos que está, enfim, contente, e até ele acredita ser assim. Breve ilusão! Roma, Bolonha, Milão, Florença e Nápoles são lugares diversos, onde se encontra sempre com o mesmo homem, ele mesmo, "seu crudelíssimo carrasco".

Ei-lo em Roma: ei-lo diante de outras coisas, outros homens. Leiam agora a primeira carta que escreve de Roma: "Pelas grandes coisas que

vejo não experimento o menor prazer, porque reconheço que são maravilhosas, mas não o sinto, e te asseguro que a sua multidão e grandeza causaram-me nojo desde o primeiro dia." "Enfim, desde o primeiro dia", diz alhures, "estou nos braços de tal e tão grande melancolia, que de novo não tenho outro prazer senão o sono; (...) não sinto mais a mim mesmo, e me tornei uma estátua por inteiro." "Pergunta-me", diz ao irmão,"se nas duas semanas que estou em Roma, já gozei sequer de um momento de prazer fugitivo, de prazer roubado, previsto ou imprevisto, interior ou exterior, turbulento ou pacífico, ou travestido sob algum aspecto. Eu te responderei de boa fé e jurarei que, desde que coloquei os pés nesta cidade, nunca uma gota de prazer caiu sobre meu espírito." Mas o que lhe é útil seguir? Bastará apenas que eu o diga, como após longa peregrinação o infelicíssimo deseja; mas já era muito tarde; aquela terra natal, já tão odiada e agora odiosa não tanto quanto o resto do mundo. Em vão, portanto, procuraremos nestas cartas descrições das maravilhas da natureza e dos costumes dos homens, que tanto nos seduzem nos escritos cuja vida está completamente fora de seu controle. A Leopardi não foi dado senão um raro fixar-se em algum espetáculo da natureza; nem faz isso sem um súbito e angustiante retorno a si mesmo. Porque se lhe tivesse sido permitido afastar os olhos da importuna sombra do seu pensamento, e repousá-los em alguma imagem exterior, já teria conseguido aquele suspirado esquecimento de si mesmo, que Manfredi, sobre quem Byron, da mais fantástica forma, escreveu uma história tão verdadeira, em vão solicitou a todas as forças ocultas do universo.

Tal é o nó principal desta, direi, quase tragédia do homem; os episódios não são menos dolorosos, quase melancólico som que acompanha uma triste poesia. Desde as primeiras cartas sentimos a mesma inquietação de Giordani pela sua saúde; e logo o ouvimos lamentar-se daquela deplorável enfermidade que não o deixou mais até a morte; de modo que pode-se dizer com certeza que a sua vida foi uma longa agonia. O estado de saúde é o princípio usual de toda conversação e de todas as cartas; de maneira que em quase todas estas epístolas matéria assídua e presente de dor é o seu mal, ou melhor, os seus males; porque, com o passar da idade, parece que o mal-estar ataca outras partes do corpo, e em novas formas lhe apresta novos tormentos, afligindo-o grandemente com a privação dos seus caros estudos e negando-lhe qualquer esperança de glória e de alegre futuro. Enfermidade que confirma aquela disposição de espírito, de que falou antes: porque aos poucos a enfermidade da alma e do corpo torna-se um único sofrimento, com qualidades comuns de metáfora, pela qual o espírito toma um aspecto visível, e os corpos se espraiam com alguma coisa etérea que os rouba aos nossos olhares, nele se transforma numa cruel realidade.

E há ainda outra matéria de dor. Para sair de Recanati ele teve de deixar as comodidades da casa paterna e sentiu a sua necessidade. Não sei se o pai pôde ajudá-lo e não o quis, sei apenas que para socorrê-lo esperou bastante que o filho, levado ao extremo, fosse lhe pedir isso. Mas se podemos repreender Monaldo Leopardi com severidade, não nos dá ânimo empregar duras palavras contra o pai de Giacomo; e quanto o filho fosse piedoso, nós seremos indulgentes. Não são raras as cartas em que, aos amigos mais íntimos, confessa o autor as angústias e os tormentos do espírito para arranjar a vida: aborrecimentos e doenças do comum viver, a quem basta o vulgo e com quem não são pacientes os generosos. A mais fácil arte é aquela de fazer dinheiro, se me é lícito dizer de modo vulgar algo vulgar, e a áurea mediocridade dos homens tem para com este uma atitude maravilhosa. E aqui vemos como o pobre Leopardi em vão almejou um pequeno lugar em Roma por intermédio de Niebhur; desejou um tênue subsídio de Stella, em compensação das suas fadigas, e deve ter se aborrecido muito com discípulos inábeis, incapazes de entendê-lo; e como todos os seus amigos não puderam, por toda a Itália, encontrar para ele senão uma cátedra de História Natural, que nem sequer pôde obter.

Em tanta matéria de dor há alguma coisa até serena nestas cartas, nas quais quanto mais calcou, tanto mais de modo arrogante observa-se o homem, maior que o destino. Qualidade muito nobre e antiga: neste fraco século, impaciente dos males e não temerário dos remédios, mais admirada que imitada. A dignidade adorna o infortúnio, como da riqueza e do poder é ornamento a temperança. E esta dignidade não é colocada apenas naquela espécie de virtude negativa, que é chamada "decoro", e é aquele não curvar-se nunca por razão alguma em ato menos que nobre e gentil; do qual é exemplo a delicada resposta de Leopardi às propostas de Colletta, e aquela carta, em que quase pede a caridade ao seu pai, orgulhosamente suplicante. Mas há aí um outro tipo de dignidade, ou melhor diríamos, magnanimidade, que é aquele manter o espírito sempre elevado sobre casos humanos e não deixar que outro tenha a alegria de ter podido, mesmo que por um instante, perturbar a sua serenidade. E Leopardi sobrepuja a inflexível necessidade que o comprime de modo que, freqüentemente, não quer dissolver-se em vãs querelas, não fala dos seus males de outra forma senão filosofando com tranqüila razão; tornou-se ele próprio objeto de meditação para o seu pensamento. E as invejas, os ódios, as maledicências, as calúnias, as injúrias, as malícias e as insídias, e tudo aquilo que arma o homem contra o homem não basta para vencer o seu desprezo, ou talvez a sua compaixão. Vingança única que é talvez lícita ao homem de bem, e que faz o desespero e a raiva dos seus inimigos: olhá-los de frente, rir e desprezá-los. "Eu não me inclinarei nunca", diz, "a ninguém no mundo, e a

minha vida será um contínuo desprezo de desprezos e escárnio de escárnios." E alhures, após ter descrito com amarga frieza essa guerra incansável de cada um contra cada um, zombando dos inúteis esforços dos seus inimigos, impossíveis de chegar à sua altura: "Eu estou aqui", segue, "zombado, cuspido, chutado a pontapés por todos, passando toda a vida num quarto, de maneira que, se penso nisso, faz-me horrorizar. E todavia eu me habituo a rir e consigo. E ninguém triunfará sobre mim, enquanto não puder me espalhar pelo campo e divertir-se fazendo voar as minhas cinzas pelo ar."

Mas talvez maior virtude e mais difícil ainda é conservar em meio às calamidades o coração jovem e afetuoso, vendo como a adversidade costuma tornar o homem de índole áspera e quase selvagem. E os homens malignos e sem coração fingiram para si um Leopardi misantropo, cruel, odiento e inimigo do gênero humano. Se há alguém dentre eles que possa algum dia amar, que leia estas cartas e amará o nosso Giacomo: cujo único conforto foi a amizade, não tal como a pinta para si o vulgo cheio de vícios, cumprimentos e sorrisos, mas uma vida de duas almas. O que se deseja mais nos nossos escritores de cartas é o afeto, sem o qual elas não são senão um formulário hipócrita. E aqui sobeja o afeto; nem ninguém jamais amou ou foi amado como Leopardi; testemunha Brighenti, o irmão Carlo e a sua Pilla, aquela alma querida de Antonietta Tommasini, e, acima de todos estes, Pietro Giordani. Talvez a coisa mais cara que destes recordarão os pósteros seja a amizade extraordinária que Giordani, superior e famoso, legou a um jovenzinho desconhecido de dezoito anos. Bem-aventurado Giacomo que foi digno de toda a plenitude de seu amor. Amor inexausto e quase ideal, necessidade suprema daquele coração de anjo, e que nunca o deixou por nada na sua vida. "Ama-me por Deus", suplica ao irmão Carlo, "necessito de amor, amor, amor, fogo, entusiasmo, vida." E, na verdade, pode-se dizer que a dor e o amor sejam a dupla poesia destas cartas.

Poucos, sobretudo se medimos com o nosso desejo, são os julgamentos que dá Leopardi sobre as condições do nosso país em questões de literatura e filosofia: tão breves intervalos apresenta a sua dor. O conceito que ele faz das coisas é tão alto que não nos maravilhará se parecer para nós um juiz muito severo, e, se mais que louvar aquilo que temos, ele nos mostra aquilo que falta. Mas não é meu intento examinar em que os seus julgamentos se afastam (nem pouco, nem em coisas de momento) da escola purista, restauradora dos bons estudos e primeira redentora da Itália no exterior. Antes, visto que já é tempo, concluirei a minha declaração, sem falar daquela última matéria das cartas, que é quase a parte prosaica e vulgar; os feitos literários, a impressão das suas obras, os costumeiros e convenientes trabalhos da vida comum, os afazeres e as

comissões particulares, e chistes e brincadeiras, a que inclinou, às vezes, o espírito austero para agradar ao seu Carlo, à sua Pilla, ou ao seu irmão Pierfrancesco, todo caduco do seu canonicato. Alguns esquivos teriam desejado que essa parte fosse abandonada ao esquecimento: mas não ousamos criticar o julgamento, ou melhor, o afeto de Pietro Giordani, que quis recolher tudo do seu Leopardi, até as coisas mínimas e de pouco valor: com aquela reverência que o exilado conserva e tem como cara cada coisa mínima da sua pátria querida, que não espera mais rever.

LEOPARDI E A HISTÓRIA*

Francesco De Sanctis

GIACOMO LEOPARDI marca o fim desse período. A metafísica em luta com a teologia se esgotara nessa tentativa de conciliação. A multiplicidade dos sistemas havia tirado crédito da própria ciência. Surgia um novo ceticismo que não atingia mais apenas a religião ou o sobrenatural, atingia a própria razão. A metafísica era considerada como uma sucursal da teologia. A idéia parecia um substituto da Providência. Aquelas filosofias da História, das religiões, da humanidade, do direito tinham ar de construções poéticas. A teoria do progresso ou do fato histórico nas suas evoluções parecia uma fantasmagoria. O abuso dos elementos providenciais e coletivos levava direto à onipotência do Estado, ao centralismo governamental. O ecletismo parecia uma estagnação intelectual, um mar morto. A apoteose do sucesso reprimia o sentido moral, encorajava todas as violências. Aquela conciliação entre o velho e o novo, tolerada mesmo como temporânea necessidade política, parecia, no fundo, uma profanação da ciência, uma debilidade moral. O sistema não medrava mais: começava a rebelião. Falha era a fé na Revelação. Faltava, agora, a fé na própria filosofia. Reaparecia o mistério. O filósofo sabia tanto quanto o pastor. Desse mistério foi eco Giacomo Leopardi na solidão do seu pensamento e da sua dor. O seu ceticismo anuncia a dissolução desse mundo teológico-metafísico, e inaugura o reino do verdadeiro árido, do real. Os seus *Cantos* são as mais profundas e ocultas vozes daquela transição laboriosa que se chamava século dezenove. Ali se sente a vida interior muito desenvolvida. O que importa não é a brilhante exterioridade daquele século do progresso, e não sem ironia se falava dos "destinos progressivos" da humanidade. O que importa é a exploração do próprio peito, o mundo interno, virtude, liberdade, amor, todos os ideais da re-

---

*In *Storia della letteratura italiana*. Torino: Eianudi, 1981, p. 971-972.

ligião, da ciência e da poesia, sombras e ilusões diante da sua razão e que até aquecem o seu coração, e não desejam morrer. O mistério destrói o seu mundo intelectual, deixa ileso o seu mundo moral. Essa vida tenaz de um mundo interno, apesar da queda de todo o mundo teológico e metafísico, é a originalidade de Leopardi, e dá ao seu ceticismo um cunho religioso. Antes é o ceticismo de um quarto de hora aquele em que vibra um tão enérgico sentimento do mundo moral. Cada um sente ali dentro uma nova formação.

Retrato do Poeta*

Sainte-Beuve

Mais jovem que a maioria dos homens desse primeiro movimento, o precoce Leopardi começa por acaso ao mesmo tempo que eles; caminha juntamente com os Manzoni, os Berchet, os Grossi, sem ficar atrás de ninguém: segue seu caminho, enquanto os outros seguem o deles. Aproximá-lo desses homens eminentes, desses escritores generosos, estabelecer as relações exatas e as diferenças conviria a juízes mais bem informados e mais competentes que nós. Parece-nos que, se por suas audácias e renovação da linguagem, por seu culto da forma resgatada, Leopardi pertence à escola dos inovadores, ele era pelo menos o clássico por excelência entre os românticos. Os outros preocupavam-se mais com a Alemanha, com a Idade Média e com as teorias dramáticas: ele reuniu e empenhou unicamente seus esforços na alta poesia lírica, como também em escritos em prosa de uma extrema perfeição. Não sei se Leopardi fazia inteira justiça ao movimento italiano contemporâneo, do qual não era mais que um dos nobres membros, e se aí reconhecia tantos sinais de parentesco com ele quanto os que se crêem descobrir a distância, mas é com prazer que registro aqui as palavras de Manzoni sobre seu talento: "Conhece Leopardi, dizia por volta de 1830 a um viajante, leu seus ensaios em prosa? Não se deu muita importância a esse pequeno volume; como estilo, talvez nada de melhor tenha sido escrito na prosa italiana ultimamente." A simplicidade do ilustre autor dos *Noivos* reconhece-se nessas palavras.

Quanto a seus versos, Leopardi liga-se diretamente ao estilo dos antigos através de Alfieri e Parini, indo, no entanto, mais longe. A língua italiana tem a particularidade de ter apresentado, ao longo de cinco séculos, vários momentos de renascimento, o que ela deve à felicidade de ter contado em seu começo com várias obras-primas. O riacho pode desviar-se no intervalo de seu curso; mas basta retomar a comunicação

* In *Portraits contemporains IV*. Paris: Didier, 1855, p. 384-389.

com o alto da montanha para reencontrar o ímpeto da nascente. Depois de Dante, Petrarca e Boccacio, a língua italiana se enfraquece; o renascimento greco-latino a entulha de destroços e parece sufocá-la. Foi preciso que Poliziano com Lourenço de Médicis reabrisse o caminho a Ariosto e aos outros grandes poetas desse século. Depois de Tasso, outra decadência, os *concetti* corrompem tudo. Homens de talento no século XVIII, Parini, Alfieri e Monti, tentam uma volta generosa e severa; mas a revolução francesa interrompe e contraria todos os esforços; a invasão implanta menos galicismos do que se diz, prejudicando, entretanto, como toda invasão; foi preciso que essa obra de Parini e Alfieri fosse retomada por Manzoni, Leopardi e outros, e ela o foi com um verdadeiro sucesso. Não se poderia comparar, na França, esse feliz privilégio da Itália[1] a nossos estimáveis e incompletos esforços de um arcaismo aplicado. Os gregos tinham Homero como horizonte, os italianos têm Dante: são distâncias imensas. Nosso horizonte distante é para nós apenas uma linha reta. Não remontamos muito na prática além de Rabelais ou de Ronsard, e com que esforço e passos em falso chegamos até lá! Dessa forma, o século de Luís XIV fica sendo, no que diz respeito à língua, a extremidade do mundo; a colina possui um contorno admirável mas está bem próxima; entre ela e nós não há quase espaço para essas evoluções que a Itália apresenta, que a Grécia realiza, que a própria Inglaterra se pode permitir por intermédio de Shakespeare.

O caráter técnico e a qualidade dos versos de Leopardi deveriam ser determinados: ele utiliza com bastante freqüência, mas não exclusivamente, nem mesmo o mais habitualmente, os *sciolti*: a que escola pertencem os seus? Os críticos italianos distinguem dois tipos e como que duas famílias: os que datam de Frugoni, mais fastuosos, mais pomposos, mais redundantes e coloridos, e os de Parini, mais sóbrios, mais despojados, de uma elegância mais discreta. À primeira espécie, ligam-se, como variedades, os *sciolti* de Cesarotti e mesmo aqueles, tão aperfeiçoados, de Monti; na segunda, alinham-se os de Alfieri, de Foscolo, de Manzoni. Devo observar que os de Leopardi, filiando-se a esta última escola pela nitidez, parecem ter conservado um tanto da facilidade da outra: os especialistas hão de dizer o grau exato e até que ponto os julgam bem cunhados.

A rima desempenha, aliás, um papel muito culto e complicado nas estrofes das canções de Leopardi; reaparece de quando em quando, harmonizando-se em intervalos calculados, como para pôr um freio a qualquer

---

[1] Esse ponto de vista, em que se põem em destaque certas vantagens da Itália quanto à língua poética, precisa ser ponderado e um pouco contestado, levando-se em consideração alguns inconvenientes muito reais. (Ver em nossos *Portraits contemporains*, tomo II, as discussões de Fauriel e de Manzoni a esse respeito, p. 510, 530.)

dispersão. Produz igual efeito ao desses vasos de bronze artisticamente colocados pelos antigos em seus anfiteatros sonoros, e que reproduziam no tempo certo a voz com suas cadências principais. Seja o bastante assinalar essa ciência da estrutura e da harmonia nas estrofes de Leopardi, em resposta àqueles que ainda poderiam julgar que ele desprezou a rima.

Foi por volta do ano de 1820, e provavelmente antes de sua primeira viagem a Roma, que se deve ter operado uma mudança completa nas crenças íntimas de Leopardi; passou da primeira submissão de sua infância a uma incredulidade racional e invencível, que se estendia não somente aos dogmas da revelação, mas ainda às doutrinas ditas da religião natural. Tentou-se explicar por circunstâncias acidentais essa revolução moral em um homem de um pensamento superior e de uma sensibilidade refinada, como se o espírito humano, ao elevar-se e confundir-se com as tempestades do coração, tivesse um tão grande número de possibilidades entre as soluções. Leopardi, sob mais de um aspecto, parecia primitivamente destinado pela natureza à força, à ação, à beleza viril: o ardor de seu olhar, sua voz vibrante, o timbre penetrante de sua fala, uma espécie de fascinação involuntária que se exercia por si mesma sobre aqueles que dele se aproximavam, e da qual a natureza fez uma das prerrogativas do gênio, tudo parecia convidá-lo à expansão da vida, ao charme das relações compartilhadas.[2] Mas logo sua constituição delicada se alterou, seu corpo frágil não conseguiu triunfar do tabalho da puberdade; antes mesmo que sua saúde fosse totalmente perdida, uma desigualdade de ombros se pronunciou, e procurou-se explicar nele, por um doloroso ressentimento, essa amargura incurável que se derrama desde então sobre os objetos e que, em qualquer ocasião, atacava a sorte. Byron ressentiu não menos amargamente um inconveniente muito menor. Falou-se ainda de outra circunstância. O padre Gioberti, a quem se deve a justiça de, como cristão e padre, não ter nunca falado de Leopardi a não ser em termos de simpatia e de uma admiração caridosa,[3] contou que, tendo conhecido o poeta em Florença em 1828, e o tendo acompanhado em uma curta viagem até Recanati, ouviu durante o caminho, de sua própria boca, o relato de sua *con-*

---

[2] Eis o retrato, um pouco mais doce e mais terno, que dele traçou Ranieri na nota da edição de Florença (1845): "Era de porte médio, curvo e frágil; tinha a tez branca puxando para o pálido, a cabeça grande, a testa larga e quadrada, os olhos de um belo azul e cheios de langor, o nariz fino, os traços extremamente delicados, a pronúncia modesta e um pouco velada, o sorriso inefável e como que celeste."

[3] Ver o livro intitulado *Teorica del sovrannaturale* (1838), p.390. Lembra aí, a respeito de Leopardi, as belas palavras de Santo Agostinho no início de suas *Confissões*: "*Fecisti nos, Domine, ad te, et inquietum est cor nostrum donec requiescat in te* (Tu nos fizeste para ti, Senhor, e nosso coração vive constantemente inquieto até encontrar seu reposo em ti)."

versão filosófica, como Leopardi a chamava: o primeiro impulso lhe teria vindo de um personagem que muito admirava, literato influente por seu espírito e por suas obras. Mas, de onde quer que tenha partido a primeira provocação à dúvida e à reflexão, e mesmo que tenha recebido a iniciativa pela conversa de algum de seus amigos filósofos, como Giordani ou qualquer outro, é preciso reconhecer que só o espírito de Leopardi é responsável por essa nova opinião que abraçou, e que se tornou logo para ele como que um progresso natural e necessário de seu pensamento, um desenvolvimento sombrio e harmonioso de seu talento e de sua natureza.

POESIA E NÃO-POESIA EM LEOPARDI*

Benedetto Croce

ONDE ESTÁ, então, a poesia de Leopardi? (se questionará): aqui não, nem lá, nem mesmo naquele outro lugar: quer-se insinuar talvez que Leopardi não foi poeta de modo algum? Pois bem, onde se encontra a poesia de Leopardi já foi indicado pela comum consciência crítica, a qual, após ter acolhido com frieza os *Opúsculos morais*, rejeitado os *Paralipômenos* e a "Palinódia", acusados de prosaísmo na "Giesta" e outros poemas, com atitude resoluta e por obra de De Sanctis e fazendo gritar os fanáticos do patriotismo (de Settembrini a Carducci), reconheceu também que as primeiras canções são oratória e oratória de escola; que daquelas parenéticas ou praguejantes se salvam poeticamente apenas algumas partes; que há reservas a fazer a várias das restantes, e direcionou a admiração sobretudo aos assim chamados "idílios", àqueles jovens e aos pósteros, aos pequenos, e aos "grandes idílios". Basta, a meu ver, abster-se de materializar essa predileção, num exclusivo e total louvor, dada a algumas composições em particular, e entendê-la no seu sentido ideal e profundo, para obter o critério com que se percebe a verdadeira poesia de Leopardi, que, como dissemos, foi um "excluído da vida", mas não tanto que não tivesse, no primeiro tempo juvenil, sonhado, esperado, amado, se regozijado e chorado, e não acontecesse depois, em certos momentos, que se ressentisse de viver e o espírito se abrisse novamente às temerosas comoções. Nesses momentos em que ele, numa recordação longínqua ou próxima, revia-se em comunhão com o mundo, a sua fantasia se moveu de modo poético: porque a poesia poderá ser tudo aquilo que se deseja, mas nunca gélida e acósmica. São os momentos de "A noite do dia de festa", da "Vida solitária", de "O infinito", do "Sábado na aldeia", da "Calma

---

* In *Poesia e non poesia. Note sulla letteratura del secolo decimonono*. Bari: Laterza, 1923; p. 115-118.

depois da tempestade", de "As lembranças", de "Silvia". Então a sua palavra adquire cor, o seu ritmo se torna doce e flexível, cheio de harmonias e de rimas íntimas, a comoção treme refletindo-se na pura e reluzente gota de orvalho da poesia. O efeito é tão mais poderoso quanto mais são aqueles momentos de vida, aqueles olhares voltados ao mundo circunstante, não para rejeitá-lo mas para acolhê-lo simpaticamente dentro de si. Aqueles ímpetos de desejo, aquelas esperanças de amor, aquela ternura, aquela suavidade têm quase algo furtivo, são arrebatados ao cruel destino que comprime ao seu redor, ao gelo que invade, e exprimem-se com a prudência, a modéstia, e a castidade de quem lhe diz coisas não usuais. Daí o seu especial encanto, o leve encarnado na palidez dessa poesia, que faz empalidecer no confronto muita literatura das ricas e vivas cores. Quem não traz na memória e no coração as imagens que nela afloram, as divinas imagens, figuras de crianças, aspecto da paisagem, trabalhos de gente humilde? Silvia ao tear, cantando em maio odoroso, com a mente cheia de um vago sonho, e o jovem senhor que deixa as cartas e estica a orelha ao som daquela voz, une o seu sonho ao da menina; as noites no jardim da casa paterna, e o céu estrelado, o canto da rã, o vaga-lume que erra junto às sebes, e as vozes domésticas que entanto se alternam entre as paredes, enquanto o desejo e o pensamento navegam no infinito; a vila tranqüila na noite de sábado com a jovem que tem nas mãos as flores com que se enfeitar no dia seguinte, a velhinha que tagarela sobre o passado, as crianças que saltam e gritam, o sachador que retorna à sua parca mesa pensando no dia do seu repouso, o ferreiro e o marceneiro que, quando tudo já dorme, apressam o cumprimento do seu trabalho, e o lume que transparece da loja fechada dá o seu indício; a noite do dia festivo, cheia de tristeza, com a lembrança do canto que se ouve morrer aos poucos se afastando; a margem solitária do lago, de "taciturnas plantas coroado", junto ao qual ele se sentava e se abandonava e se tornava imóvel, com a imóvel natureza; a impressão da vida que se reanima após a tempestade; e outras semelhantes, novas e eternas, criações? E as palavras definitivas, como:

> Quando a beleza resplendia
> Nos olhos teus sorridentes e fugitivos

e os versos perfeitos:

> Vem o vento trazendo o som da hora
> Da torre do burgo...;
> Doce e clara é a noite sem vento...

Com essas lembranças de vida elevam-se a poesia aqueles outros momentos em que Leopardi se recolhe num mundo intelectual que lhe é

caro e, por assim dizer, ama o amor e ao mesmo tempo com o amor ama a morte, como no belíssimo "Pensamento dominante" e em "Amor e morte", que, mesmo em forma meditativa, não são didascálicas; e não didascálica mas dramática é a "Aspásia", em que ele, do naufrágio do último amor, recolhe-se à margem parada do intelecto e encontra a sua força ao explicar para si mesmo o que lhe aconteceu, e ao teorizá-lo; a antiga sedução ainda vibra na alma, mas acredita tê-la superado e dominado graças àquela tranqüilidade no pensamento.

A verdade é que os momentos poéticos raramente ou nunca informam por completo por si os poemas de Leopardi, e quase sempre, ou sempre, excedem na didascálica e na oratória ou naquele estilo seco e epigráfico ao qual já aludimos. No "Sábado na aldeia" a cena poética que deveria ter sugerido, com os seus próprios toques, o pensamento da alegria esperada, que é única e verdadeira alegria, da alegria de fantasia, é comentada por uma crítica reflexão e sobrecarregada por uma alegorização, que toma forma de retórica exortação ao "jovenzinho engraçado". Na mesma "Silvia", que é talvez a obra-prima, aquela "Esperança" da última parte tem algo abstrato, e não sem razão (embora não tenha razão de fato) alguns intérpretes e muitos leitores são levados a fundir a Esperança a Silvia, reanimando-a com esta fusão, fazendo com que o poeta tenha como uma jovenzinha e não uma alegoria a "cara companheira da sua nova idade" e com ela "tanto raciocine ao mesmo tempo" sobre deleites, amor, obras e eventos. Essas passagens de poesia de um tom àquela de um outro ou da poesia ao alheio da poesia e à insensibilidade da poeisa não poderiam ser mostradas senão com o exame de cada composição: exame que foi, em muitas partes, muito bem realizado por De Sanctis no fragmento do seu livro sobre Leopardi, e por mais recentes estudiosos. Até em tal análise particular pode-se ver mais claro naquele que se costuma chamar o estilo poético de Leopardi: a língua, a sintaxe, os metros. Eleito sempre como estilo de perfeito humanista, que, ao expor os seus pensamentos ou ao expressar os seus afetos, não podia recorrer a palavras e modos convenientes ao poetar de outra proveniência e formação, mais sociáveis e populares, sabe também tornar-se às vezes simples e imediato, sem abandonar aquela eleição e solenidade de modos; mas, outras vezes, em certas atitudes rítmicas e em certa fraseologia, sujeita-se a fórmulas literárias, até de literatura metastasiana e arcádica, por exemplo, em "Amor e morte": "Aqui coisas tão belas / Este mundo não tem, nem as estrelas"; e no "Sábado na aldeia", onde, além do "jovenzinho", não agradam a "pequena donzela"e o "pequeno maço de rosas e violetas", dengosos e indignos do restante. Porque — e esta será a última das observações críticas e metódicas que desejei propor nestas breves notas — não necessita deixar-se parar pela extrema exatidão, pro-

priedade e elegância com as quais a poesia de Leopardi se apresenta, mas olhar para lá e observar que, debaixo daquela irrepreensibilidade literária, se não se sente nunca um vazio ao pensar e sentir, não obstante, em forma poética, encontra-se ora o forte ora o fraco, ora o completo e ora o lacunoso, e afirmar que a poesia de Leopardi é muito mais atormentada do que se suspeita ou se acredita. Há nela algo árido, há prosa, há alguma coisa formalmente literária, e há ao mesmo tempo poesia dulcíssima, puríssima e muito harmoniosa; e talvez ao sentir aquele embaraço, que precede ou segue os livres movimentos da fantasia e do ritmo, seja melhor sentir o milagre da criação poética.

LEOPARDI, UM HOMEM SÓ*

Massimo Bontempelli

LEOPARDI É O "HOMEM SÓ", anjo caído do Céu na Terra.

Todos na humanidade somos anjos caídos. Toda a humanidade vive na Terra, cansando-se de refazer as suas asas para voltar ao Céu.

Isto explica muitas coisas que pareciam obscuras nas nossas vidas, as absurdas contradições, todo o bem e todo o mal, o peso da vida e o seu impulso. E aquilo que se chama desejo intenso de viver no plano dos sentidos, vontade de poder no mundo associado, ardor de conhecimento na vida do espírito — tudo isto não passa de intricadas correntes de reminiscências do Céu perdido; recordações passageiras, esforço para entendê-las e concluí-las, servindo-nos de guia nos caminhos do retorno.

Nós todos, então, somos anjos caídos: mas não todos do mesmo modo.

A maioria, na queda, se enfraqueceu muito e ficou avariada. Precipitados na multidão, neles se entortaram os mecanismos centrais, as faculdades elementares. Para esta grande maioria, quase tudo deveria ser refeito. Começou, então, para eles o trabalho coletivo, que é a história da civilização.

Alguns poucos (mais adiante eu vos digo o porquê) caíram isolados, separados na esteira do ar dos outros, da turba: nesses pouquíssimos as faculdades fundamentais permaneceram ilesas. A cada um desses cabe pelo destino a situação de "homem só", da qual Leopardi nos forneceu a lírica.

Só, de frente para a natureza, e só, em meio aos homens.

A memória de um mundo fúlgido, no qual o costume espiritual possuía a claridade que tem entre nós o mundo da natureza, está bem mani-

* In *Pirandello, Leopardi, D'Annunzio*. Milão: Bompiani, 1939, p. 45-51.

festa no eu-lírico de Leopardi (quando digo Leopardi, quero dizer aquela personagem que está no centro da sua criação poética): nasce da recordação da vida perdida aquela trepidação que o enternece para os espetáculos naturais.

Porque o "homem só" encontrou-se na Terra com todas as qualidades elementares intactas. As qualidades elementares são aquelas que alguém trouxe do Céu. A primeira dentre elas é precisamente um sentido arrebatado da beleza das coisas que vemos à nossa volta:

A primavera em torno
Cintila no ar, e pelos campos vibra,
Tocando o coração de quem a mira...

Que pensamentos
Vastos, que doces sonhos deu-me a vista
Do mar ao longe e os azulados montes
Que daqui vejo...

Olhava o céu perfeito,
Douradas trilhas e o horto,
E o mar ao longe e mais vizinho o monte.
Língua mortal não conte
O que me vinha ao peito.

Congênita a esse sentido da beleza das coisas é uma ardente avidez de gozá-la, como se a compreendesse em si mesma e fazer renascer no próprio íntimo aquelas beldades visíveis sob a forma de graças do espírito (eis a exaltação leopardiana na presença de cada idéia magnânima); e tudo isto em comunhão apaixonada com os nossos semelhantes: no seu conjunto, esse primeiro e elementar contemplativo do homem não é senão amor.

Mas o "homem só", se apresenta em si mesmo íntegra a faculdade de sentir e desejar a beleza da vida, está isento das armas que servem para conquistá-la, não conhece a defesa nem o ataque. Aqui começa o tormento. Além disso, não se conquista a vida sozinho, nós a conquistamos em conjunto. Os outros homens, que vê à sua volta, uma vez que caíram em massa, assim se fizeram de ataque e defesa, isto é, de infinitas adesões; os outros homens são quantidade. E são, sobretudo, luta. Devem refazer as suas asas desde a primeira célula. (O êxtase e a contemplação serão a última prova.)

Tal é a primeira amargura do "homem só". "Quando os homens são bem conhecidos", leio no *Zibaldone*, "não é mais possível sentir nada por eles... O afeto é incompatível com o conhecimento da malvadeza do homem e da nulidade das coisas humanas." A cada uma de tais derrotas dos homens, o "homem só" volta à natureza, e, como anteriormente a ado-

rou, assim agora desejaria se comunicar com ela. Algumas vezes se ilude de que o consegue:

> ... poucas noites atrás, antes de me deitar, aberta a janela do meu quarto, e vendo um céu puro e um belo raio de luar, e sentindo um ar tépido e alguns cães que latiam ao longe, despertaram em mim algumas imagens antigas e parecia que eu sentia um movimento no coração, pelo que me pus a gritar como um louco, pedindo misericórdia à natureza, cuja voz parecia ouvir depois de tanto tempo.

Mas a natureza não responde ao anjo caído que nela respira uma cor dos céus perdidos. Não responde a ninguém. A natureza é toda completa em si, e não recebe complementos, isto é, amor. Não vê nem sente aquele que a chama. A sua voz a ele retorna com um eco gélido. É impossível criar uma relação de troca com a natureza. A natureza é indiferente. Nunca "descoloriu as estrelas o humano cuidado". "Se até mesmo todos os homens morrem, fique calmo", dizem para si o "Duende e o Gnomo", que "a terra não sente que lhe falta algo, e os rios não se cansam de correr e o mar... não vê que seca. E as estrelas e os planetas não deixam de nascer e de se pôr." A Natureza o confessa claramente ao Islandês: "se também acontecesse de extinguir toda a vossa espécie, eu não perceberia."

A natureza não conhece o homem. Ele não poderá — quando estiver no estado de maior graça — senão ali naufragar docemente. As almas de Dante, que são uma multidão inumerável, pelo grande mar da existência se dirigem a vários portos. O "homem só" não possui estrela polar e após um errar vão está submerso. (Quando for a hora de se salvar, deverá se salvar apenas com as suas próprias forças.)

As Idéias de Leopardi Sobre a Arte e Sobre a Língua*

Karl Vossler

Na verdade Leopardi impunha a si mesmo exigências sempre mais elevadas e sentia, por isso, como sendo muito mais opressor o impedimento da língua e a rigidez do seu emprego. O seu estilo progride através dos anos, mas não apenas em audácia; torna-se também mais cuidadoso, e, se assim se pode dizer, mais normal. Essa audácia modesta e discreta nos dá a impressão de espontaneidade, e, artisticamente considerada, é, na verdade, pura e efetiva espontaneidade; mas, pela sua formação, é o resultado de um estudo extraordinariamente penoso e quase torturante. Leopardi tinha necessidade de se conscientizar dos entraves e obstáculos

* In *Leopardi*. Trad. T. Gnoli. Nápoles: Ricciardi, 1925, p. 148-171.

com os quais, como artista, tinha que lutar tão duramente. Ele procurava ainda suportar esse inimigo em virtude de sua reflexão, e penetrar no segredo dos baluartes lingüísticos que não se deixavam tomar de assalto. Essa intenção, talvez inconsciente, parece ser, na minha opinião, a verdadeira ligação entre a criação artística de Leopardi e a sua investigação lingüística.

Daí a sua atitude hostil contra a gramática, cujo poder nele despertava um ódio cada vez maior. Ele sustenta que o grego deva a sua inexorável riqueza e poder de expressão ao fato de que os gramáticos tenham surgido muito tarde para arruiná-lo, vantagem que o latim não gozou num mesmo grau, dado que este, já há tempos, teria sido coibido pela regra e pelo uso, enquanto a língua italiana, ao contrário, "escrita primeiramente por muitos que não sabiam nada sobre a análise da linguagem (pouco ou nada estudando de outra língua e gramática, como fora a latina), tornou-se, enquanto língua moderna, muito semelhante, em riqueza e onipotência, à grega". Ele não pondera ou não sabe como os franceses da Idade Média tivessem, na verdade, chegado à gramática muito mais tarde e com maior vagarosidade que os italianos. No seu ressentimento contra a gramática, ele não distingue com bastante clareza os vários tipos de gramáticas, que se difundem precisamente no início do século XIX. A gramática escolástica, que serve para a aprendizagem das línguas estrangeiras, a gramática acadêmica, que, com a sua autoridade ditatorial, visa ao emprego lingüístico dominante, e a gramática científica, que põe a serviço da lingüística as suas observações ao surgir a afirmação e a consolidação dos empregos lingüísticos, têm ainda todas, cada uma no próprio campo, a sua boa razão para existir. Apenas a troca ou a confusão de fins, e, respectivamente, de meios, apresenta aqui prejuízo. Poder-se-á com razão combater apenas uma gramática escolástica que muito queira esclarecer e impor, ou uma gramática histórica que degenere em dogmatismo ou didática, ou ainda uma gramática acadêmica que pretenda ter valor científico, enquanto, na realidade, lhe digam respeito apenas sugestões, conselhos ou, na melhor hipótese, normas e prescrições. Poder-se-á ainda contestar cada prescrição da gramática acadêmica, mas com isso não se elimina a oportunidade de uma decisão autoritária nos casos incertos do emprego lingüístico. O próprio Leopardi provou isto; recebendo conselhos de natureza lingüístico-acadêmica de Giordani ou de outros, e distribuindo-os por conta própria, toda vez que fosse para tanto solicitado por principiantes ou jovens amigos.

Sucede-lhe o mesmo que à maior parte dos lingüistas italianos de seu tempo: a estrada do artista, preocupado com questões acadêmicas do gosto lingüístico, é entrecortada pelos caminhos da investigação lingüística, a qual, hesitante e incerta, tendia ainda à gramática científica. Sobretudo na

flexão e na formação das palavras de línguas que lhe eram conhecidas, observava certas leis, como, por exemplo, as ligações analógicas entre as formas do supino e do particípio perfeito passivo dos verbos latinos:

> Parece-me que essas observações sejam admiravelmente úteis para se descobrir a analogia, a razão, as causas da língua e da gramática latina, e das suas aparentes anomalias, etc, e para estabelecer a regra e a razão onde os outros vêem apenas capricho, variedade, desordem, arbítrio, e caso, etc.

Já aos 23 anos de idade ele se pergunta por que, na maior parte das línguas, justamente os verbos auxiliares são irregulares. Se não se detém, com toda a paciência necessária para solucioná-las, nesse tipo de questões gramaticais, é sinal de que os problemas estilísticos do gosto lhe interessavam muito mais. Na sua curiosidade há uma contínua tensão entre o que lingüisticamente aconteceu e aquilo que, sobretudo por sua causa, deverá se realizar. Uma vez que tais contrastes entre o ideal e o real da língua podem ser conciliados apenas numa visão histórica e concreta da evolução lingüística, Leopardi concentrou as suas pesquisas nesse propósito e se preocupou com uma lingüística histórica.

Nisto consiste, a meu ver, o seu maior mérito. A intuição de Leopardi para a conexão da língua de um povo com a sua poesia e literatura, até mesmo com toda a sua cultura e, além disso, com os seus pressupostos geográficos, climáticos, somáticos, é de uma vivacidade e fineza de fazer inveja aos filólogos de hoje. Tudo quanto uma língua possua de boas ou más qualidades, diz Leopardi, ela o deve por um lado à sua extensão e posição geográfica, ao seu tráfego e comércio, à mobilidade, atividade e animação, aos acontecimentos e mudanças, à cultura, às noções, às condições políticas, morais e físicas do povo que a fala; mas, por outro lado, e, sobretudo, à abundância e variedade dos escritores pelos quais ela é utilizada e cultivada. Enquanto considera aqueles primeiros fatores como ocasional e mediatamente eficazes, atribui aos fatores artísticos e estéticos a parte durável e decisiva, sem esquecer, contudo, que poesia e literatura dependem, por sua vez, das condições gerais da nação. Os filólogos atuais desejarão talvez criticar o nosso poeta pela sua supervalorização do momento literário; claro, com razão, enquanto Leopardi, com a impaciência do homem intuitivo, havia sempre tentado saltar cada condição infinitamente complexa do emprego lingüístico e do entrelaçamento das "coisas" com as "palavras", e era levado, de algum modo, a considerar a língua mais como arte e fim em si mesma que como instrumento e meio da vida cotidiana. Mas onde poderia ele, na sua posição, ter encontrado o material e os métodos para aprofundar a economia externa e interna, cutural e gramatical, e conhecer a estrutura de uma só língua, que não fosse a italiana? Que não desconhecesse por

completo a fundamental importância de tal fato, atestam-no as suas numerosas observações sobre o latim vulgar, sobre as relações entre dialeto e língua, língua de uso e língua escrita, costume e linguagem, influxo cultural e palavras estrangeiras, vocábulos originários e importados, e assim por diante; fatos que nós não podemos examinar aqui mais de perto. Diga-se o mesmo sobre as suas pesquisas etimológicas, embora nem sempre felizes. Mas do seu firme e seguro esforço de manter na mais íntima união a história da linguagem com a história da literatura, a filologia hodierna tem muito a aprender. Os artistas perfeitos da língua costumam apresentar por tal ligação um sentimento mais profundo que os eruditos. De resto, Leopardi não era ainda o único a ter essa aspiração na Itália, dado que o precederam Ugo Foscolo, Vincenzo Monti, Pietro Giordani; em suma, todos os neo-humanistas italianos (não é o caso de se falar daqueles do Renascimento).

Essa tendência humanística, a qual faz com que não possa se libertar dos problemas estilísticos e que apenas em parte o deixe penetrar na pura gramática histórica, se manifesta talvez ainda no fato de que ele se inclina à monogênese da linguagem.

Evidentemente ele não consegue imaginar uma descoberta tão singular, audaz e genial, um tão precioso dom da natureza como a linguagem (ou o fogo) senão como um acontecimento único, produzido uma só vez. Esquece-se de que uma singularidade sem dessemelhança, um falar sem um ouvir, reponder e tornar a ouvir, uma intimidade sem pluralidade, uma monogênese sem pligênese não têm sentido ou consistência. Ao seu humanismo vem nos auxiliar, como segundo motivo, o seu naturalismo místico, pois este não pode conceber a difusão do gênero humano em vastas e inóspitas regiões senão como uma separação e um estranhamento da nossa natural e benigna pátria originária. Até os resultados da etimologia e da arqueologia de então faziam-lhe parecer verossímil a monogênese da espécie humana e das suas línguas e culturas.

A língua originária que imagina como sendo genial e primitiva, tão gramaticalmente imprecisa quanto poética e metafisicamente intuitiva e profunda, devia, com a mudança das sedes e dos destinos dos homens, diferenciar-se sempre. O clima áspero devia levar a asperezas, aquele mórbido e exuberante a morbidezas e harmonias fônicas, e assim por diante. Depois que, no mais longínquo passado, a língua fora uma coisa única, não poderá nunca mais no futuro voltar a tal unidade: "Uma língua estritamente universal, não importa qual fosse ela, deveria, decerto, ser necessária e, pela sua natureza, a mais escrava, pobre, tímida, monótona, uniforme, árida e feia língua, a mais inapta a qualquer tipo de beleza, a mais imprópria à imaginação, a que menos dela depende; ao contrário, a que mais dela se separa em cada verso, a mais exangue, inanimada e morta,

que jamais se possa conceber; um esqueleto, mais uma sobra de língua que uma língua de verdade; uma língua não viva, mesmo sendo por todos escrita e universalmente entendida; antes, muito mais morta que qualquer língua que não mais se fale ou escreva. Mas, pode-se esperar também que, porque os homens geralmente já se tornem súditos e enfermos, impotentes, inertes, abatidos, desencorajados, lânguidos e pobres da razão, não se tornem nunca escravos moribundos e ligados à geometria... pode-se... com certeza e de modo seguro predizer que o mundo não será nunca geometrizado."

Assim Leopardi representa para si mesmo o fenômeno da língua — sem que, até onde sei, tenha se servido de tais imagens —, como um poderoso manancial ou como um jato de fogo que irrompe do solo em um único ponto da Terra para se estender em crescentes ramificações, altas e largas, e inundar, com uma luz diversa, todo o globo. Mesmo não tomando a imagem pela letra, essa é ainda sempre mais uma interpretação mística que filosófica. O pensamento lógico perde logo duas considerações. Dado que não só o conceito da língua, mas também o conceito geral, isto é, o conceito do conceito é por Leopardi contornado, evitado ou, pelo menos, negligenciado. Todo pensar é para ele, mais ou menos, um pensar lingüístico; toda filosofia, mais ou menos, uma arte da nomenclatura; toda originalidade do pensamento, mais ou menos, um valor formal, ou seja, sempre lingüístico. Eu disse: mais ou menos; porque ele nunca levou esta doutrina até a plena, conclusiva, premente conseqüência. E como poderia ele? Não se podem rejeitar conceitos sem se imporem outros, e esses outros não podem ser adquiridos enquanto se acredita apenas nas palavras. Como poderia Leopardi, que era por completo um poeta, um rei e um filho da palavra, resolver aquilo em que mais se empenhavam por causa de simples e puros conceitos filosóficos?

Titanismo e Piedade*

Umberto Bosco

Leopardi meditou por longo tempo, ao que parece pelas muitas páginas do *Zibaldone* dedicadas por diversas vezes a esse assunto, sobre o "interesse" que os heróis dos poemas épicos despertam nos leitores. Ele mostra que, dados os fins patrióticos a que os autores daqueles poemas se propunham, os seus heróis só podiam ser concebidos como vitoriosos, mesmo após várias peripécias: então, em suma, afortunados e fe-

* In *Titanismo e pietà in Giacomo Leopardi*. Florença: Le Monnier, p. 23-53.

lizes. Mas é isto mesmo que faz com que eles, segundo Leopardi, não apresentem interesse para os leitores de países e tempos diversos daqueles para os quais os poemas foram escritos. "O interesse do leitor", nota ele em uma longa meditação de 5-11 de agosto de 1823, "é quase uma preocupação que apresenta por aquelas pessoas sobre as quais o seu interesse recai"; mas o leitor não pode se ocupar do felizardo, visto que dele se ocupam o autor e os próprios fatos. Os leitores não gregos da *Ilíada*, faltando-lhes o interesse patriótico, "ou não se interessam nunca com vigor pelos gregos, os quais já sabem que devem findar vitoriosos, ou deixam logo de se interessar por eles". Pois que "propriedade do homem existe lá onde a superioridade, e onde a virtude unida à sorte não produz senão um interesse débil, isto é, a admiração; ao contrário, a desventura seja como for, mas muito mais a desventura unida à virtude, produz um interesse muito vivo, durável e muito doce. Dado que o homem se satisfaz no sentimento da compaixão": ou que esta seja apenas "um ato de orgulho que o homem tem de si mesmo", um ato, então, de refinado amor-próprio, como Leopardi diz aqui e em outras partes do seu *Zibaldone*, de que, ao contrário, seja ela, como ele parecia ter anos antes, em 1820, embora alguma dúvida ainda então o abalasse, "a única qualidade e paixão humana que não tenha nenhuma mistura de amor-próprio". Homero, dado o seu intento patriótico, não podia promover a compaixão pelos gregos: promoveu-a, então, pelos troianos, e "escolheu ou inventou entre os inimigos um Herói, por assim dizer, de desventura, que fosse o oposto ao Herói da sorte": aquele herói de desventura em cujo nome Foscolo havia, não muito antes, concluído os *Sepulcros*. Homero, por isso, criou Aquiles como um "homem extremamente admirável", e Heitor como um "herói extremamente amável". Em outras páginas sobre o mesmo assunto, um pouco posteriores (3-6 de outubro de 1823), Leopardi insiste por muito tempo nessa contraposição estimável-amável, e na observação que, tornando o herói amável, "goza muitíssimo a desventura". Alhures precisara "que o único interesse verdadeiramente universal pelo lugar e pelo tempo nasce da desventura, e mais da virtude desventurada, da beleza, da juventude e também do valor militar pessoal desventurado"; já que "a desventura, e sobretudo a dos indignos, é sempre do interesse particular de cada homem"; isto é, apela para a experiência pessoal de cada um. Nestas páginas do *Zibaldone* está marcado todo o caminho poético de Leopardi, das canções patrióticas à poeisa maior; é conhecida como a razão pela qual transforma a "admirável" Virginia de Alfieri na sua "amável" criatura. Há tempos, o poeta está ciente da dupla essência da sua poesia. Em 15 de abril de 1829 nota que "o riso do homem sensitivo e oprimido pela dura calamidade é sinal de desespero já maduro", e que ele se entregara

"já de todo à alegria bárbara e fremente do desespero", e remete a si mesmo a uma outra página sua de 26 de julho desse ano, na qual se lê: "Notai que nos loucos mais melancólicos e desesperados, é muito natural e freqüente um riso estúpido e vazio... Fato, entretanto, notabilíssimo até nos sábios reduzidos ao completo desespero da vida, e, sobretudo, após ser concebida uma resolução extrema, que os faz repousar precisamente nesta extremidade de horror, e os acalma, como se estivessem seguros da vingança sobre a sorte e sobre si mesmos." Estamos, é claro, no clima espiritual de onde provém o "maligno riso" de Bruto. Mas os antigos podiam, como Bruto, odiar e blasfemar os deuses; os modernos só podem odiar a si mesmos (15 de janeiro de 1821). Quando Leopardi chegar às sucessivas fases da sua vida, o fundo do desespero, o riso desesperado será, na obra, o seu sinal inevitável: assim ocorre nos *Opúsculos morais*; assim também, após "o engano extremo", o "sorriso" de "Aspásia", os versos satíricos dos últimos anos, o sarcasmo do qual é ainda testemunha na "Giesta", onde, aliás, Leopardi já tornava a subir o declive ("não sei se prevalece o riso ou a piedade"). Mas a morte logo intervém para truncar essa fatigante subida sentimental, o que teria sido talvez um novo "ressurgimento". "O pôr-da-lua", com as suas aberturas de passagem, com a sua dolorosa calma, nos leva à estação dos grandes "Idílios".

Mas Leopardi foi, durante algum tempo, ciente também do outro caminho da sua poesia, de então e de sempre. Ao lado do desespero que traz um tipo de "cruel alegria", há o desespero "tranqüilo": precisamente aquele que dá o tom à maior poesia leopardiana. "O espírito do homem", escreve a 5 de fevereiro de 1821, "que, faltando-lhe o fim da felicidade, está moralmente morto, ressurge de uma lânguida vida, mas, todavia, ressurge e vive em outrem, isto é, no fim da felicidade alheia, que se tornou o seu fim... O homem... que, sem se odiar, considera apenas a si mesmo, e a sua vida como inútil, prova uma complacência e satisfação, uma (mas muito branda) consolação, ao encontrar onde empenhar a si mesmo e a vida que, diferentemente, não serviria para mais nada." E no dia seguinte insiste: "Vendo-se excluídos da vida, eles procuram viver de um certo modo em outrem." Por outro lado, uma atitude espiritual de imprecação, de luta, de desafio é possível apenas quando se vêem à nossa frente outros homens sendo desprezados, censurados, perturbados, ou se nos inebriamos de orgulho por sermos os únicos a não admitir a necessidade. Mas, nos momentos em que, sob esta ebriedade de orgulho, está iminente o sentimento da comum infelicidade, então não se pode mais ter à frente adversários a serem combatidos, mas apenas companheiros de sofrimento por quem nos lamentaremos: a poesia do "Canto noturno".

O poeta enviara a 19 de novembro de 1819 a Giordani a famosa desesperadíssima confissão ("Se eu enlouquecesse neste momento, creio que a minha loucura seria a de sentar sempre com os olhos atônitos, com a boca aberta..."); Giordani respondera com sinceridade, lastimando ("... veja bem que eu nada posso fazer. Mas posso amar-te e compadecer-me de ti..."). Ora, a piedade alheia move a piedade de Leopardi, a piedade que é dor; e na dor compassiva está a salvação, mesmo que momentânea. Mas o que o comove, o que lhe dá novamente "a faculdade de amar bem como a de odiar" não é a compaixão de Giordani para com ele, mas a compaixão em si, o sentido de que os homens não são mônades fechadas cada uma no seu próprio destino; que existe, então, ao menos no plano dos afetos, a possibilidade de ser ajudado e, assim, de ajudar, de ser consolado e, então, de consolar. "Ó cara alma... crês talvez que eu esteja comovido pela piedade que me demonstras porque ela se voltou contra mim? Ora, eu sou tocado por ela, porque não vejo outra vida além das lágrimas e da piedade, e se alguma vez eu me encontro um pouco mais confortado, então eu tenho forças para chorar, e choro porque estou mais alegre, e choro a miséria dos homens e a nulidade das coisas. [Carta de 17 de dezembro de 1819.]" É o mesmo movimento que, mais tarde, dará início à estação dos grandes "Idílios":

> Quem me dá novamente o chorar
> após tanto esquecimento?

Até o primeiro Leopardi vê bem que a piedade solidária exclui qualquer titanismo de cunho heróico:

> Era um tempo em que a malvadeza humana e as desgraças da virtude me provocavam indignação, e a minha dor nascia da consideração da maldade. Mas agora eu choro a infelicidade dos escravos e dos tiranos, dos oprimidos e dos opressores, dos bons e dos maus; e na minha tristeza não há mais uma centelha de ira...

O a*mor sui*, que segundo o Leopardi pensador constitui a mola única da vida, não é a mola da sua poesia; ao contrário, esta, quando é mais autêntica, com freqüência o supera. No esboço da canção de 19 depois negava. "Na morte de uma mulher trucidada com seus pertences", Leopardi assinalava: "... este meu canto não é para eternizar o teu erro... nem para aumentar as tuas penas, mas para te consolar"; uma nota que se tornou um verso que já possui o tom do grande Leopardi:

> Para te consolar eu canto, ó minha senhora!

Pois bem: eu diria que todos os outros cantos leopardianos são de consolação. Isto é, ainda, de piedade: dado que a piedade afetuosa é uma consolação — que se tornará, mais tarde, o pensamento leopardiano, a

única que o homem pode oferecer ao homem. "Se nós pudéssemos nos rever e nos abraçar de novo", escreve o poeta a Giordani, a 9 de junho de 1820, "quem sabe isto não nos consolaria? É claro que tu encontrarias um desejado nas desgraças." E de novo (carta de 30 de junho): "Vê que eu, tão desesperado como estou, assumo, todavia, a função de consolador... Vê que eu pudesse experimentá-la conosco [com ele e com os irmãos]." A mola da maior poesia leopardiana talvez seja esta.

Uma piedade ativa, portanto, que se propõe explicitamente a função de consolar. Mas não pode consolar quem não esteja bem ciente do seu destino, e, logo, que possua em si mesmo a força para vencê-lo, e que, nesse caso, não tem necessidade de ser consolado; por isso Tasso é mais "amável", isto é, em resumo, mais leopardianamente "poetável", que Dante. E nem mesmo quem, por vilania, fecha os olhos para a realidade, ou a aceita de um modo servil e assim acredita ser feliz: para estes só pode haver desprezo e sarcasmo. Piedade e consolo podem se voltar apenas aos humildes, e, entre esses, de preferência, aos jovens, que, justamente como tais, não são capazes de entender a lei universal da infelicidade (mesmo sendo esta tão clara, aos olhos de Leopardi, tão elementar!), e se iludem de que são felizes, esperando sê-lo, sobretudo, no dia de amanhã. A raiz do "idílio" leopardiano se apresenta aqui: naquele "perpétuo canto" que não é só de "Silvia", mas também da menina de "Vida solitária", de quem o poeta ouve "soar nos longínquos aposentos o engenhoso canto", do artesão da "Noite do dia de festa" ou daquele outro da "Calma", companheiro do sachador do "Sábado". A ingênua confiança na vida se exprime no canto, que o poeta consciente escuta com cuidadoso carinho; aquela confiança que se encarna nas pequenas figuras mal delineadas do "Sábado". Nem ocorre insistir sobre esse motivo fundamental da poesia leopardiana, a não ser para notar que até quando o poeta volta para si mesmo a sua dolorosa piedade e o seu impulso consolador, eles não chegam nunca ao Leopardi de hoje, representado, por acaso, em atitude sempre mais ou menos titânica ou, pelo menos, agonística, mas ao confiante jovenzinho de um tempo, com a sua cândida e férvida inexperiência: ao Leopardi das "Lembranças", em suma, irmão poético de "Silvia".

De comum acordo, quando em Leopardi a piedade é declarada e sublinhada, a poesia é menos profunda: média (e não só cronologicamente) entre a setecentista *sensiblerie* e o borrifo de doces lágrimas aleardianas. O grande Leopardi exprime a sua piedade, não se preocupa em suscitá-la nos leitores, aparentemente esquecido deles: ele tem um solilóquio, ou um colóquio baixinho consigo mesmo, ou com uma outra criatura a ele semelhante; não pressupõe nunca uma platéia. Talvez seja por isso que o sentimentalizar insistente aparece em composições concebidas mesmo como cenas dramáticas: antes, no esboço de um verdadeiro e

próprio drama, "Telessila", de 1819, no "Sonho", daquele mesmo curso de anos, e no "Consalvo", escrito muito mais tarde, mas inserido pelo poeta na edição de 1835, em que pela primeira vez aparece, ao lado do próprio "Sonho" e da "Vida solitária", de 21. E não só o inseriu ali, mas rejuvenesceu a sua personagem, fixando, assim, a data "ideal" do canto entre 1829 e 1821.

Também a "Vida solitária", se contém uma passagem (v. 23-38: "Sobre uma altura em ponto solitário...") digna de ser colocada ao lado de "O infinito", não está isenta de motivos dramáticos ou patéticos de tom poético um pouco inferior:

> E em dor imerso
> Vivo, e assim morrerei, bem logo!
> ....
> Na terra, e céu, não têm os infelizes
> Um só amigo, e o seu refúgio é a arma.
> ....
> Amor, amor, voaste já bem longe
> Do peito meu, que ardente foi um dia
> Até queimar-se. Oprime-o a desventura
> Com fria mão, e se tornou em gelo
> Na flor dos anos.
> ....
> Só que tão logo,
> Amor, eu te senti veio a fortuna
> Destroçar-me ó viver, e a estes meus olhos
> Não resta mais do que o planger sereno.

E seguem — sinal de distração poética — virtuosismos descritivos de origem literária e de intento externamente decorativo, sobre as lebres, sobre o pálido ladrão, sobre o vil amante. Acontece que Leopardi erra (erra, entenda-se, como pode errar um Leopardi) quando tenta objetivar o seu sentimento, torná-lo uma personagem muito concreta numa situação precisa de fato: e a situação não muda quando a personagem é ele mesmo.

Como é bem notório, o Leopardi maduro rejeita até teoricamente a matéria épica, e ainda a dramática: formas que para ele ou se reduzem à lírica ou recusam o conceito que, de um modo romântico, tem da poesia, como de uma confissão e de um impulso sentimental, e, portanto, de natureza lírica.

Ora, esta convicção de Leopardi, que é obviamente a projeção da sua experiência pessoal de poeta, pode servir para explicar as razões pelas quais ele não conseguiu ser um poeta trágico no sentido tradicional, embora desde muito cedo, repetisse as tentativas; o que pode contribuir para explicar também por que nele o drama converge e se confunde com

a elegia, ou melhor, muitas vezes até com o lamento; mas não nos diz o que é mais importante; para que ele erre também nas cenas "destacadas", para que, de maneira constante, force o tom, quer numa direção exteriormente perturbada, quer numa direção patética; porque também a elegia, quando é "representada", não aparece para nós como a forma de poesia a ele devidamente apropriada.

Para explicar este fato talvez pudesse parecer suficiente a consideração do gosto leopardiano pela indefinição, por ele considerada como essencial à poesia: o limitar-se a um caráter ou a uma situação específicos devia ser sentido como uma diminuição da poesia, e, enfim, uma traição. Mas temos de fazer uma outra consideração menos genérica. Pode nos socorrer o confronto com um grande elegíaco: Petrarca. Não obstante se deva, de forma crítica, definir o tema do canto desse poeta, uma coisa é certa: que no centro do seu mundo se encontra ele mesmo; perscrutando apenas a própria alma, não curioso, se não indiferente, a respeito dos outros; espera ou se desespera, inflama-se ou se retira na desilusão, mergulha na contemplação da beleza, ciente da sua caducidade, ou retira do seu próprio descontentamento uma amarga doçura: o único da sua poesia é sempre ele mesmo. Porém, mal abrimos os *Cantos* de Leopardi percebemos que, ao contrário, o objeto da poesia transcende a toda hora os limites da personalidade do poeta, até quando aparentemente o tema não é apenas a representação lírica de uma situação pessoal ou de um estado de espírito pessoal. Até quando canta de forma direta a si próprio, a sua infelicidade, Leopardi contempla em si mesmo os outros, a infelicidade de todos.

E não poderia ser de outra forma. Ele não considera a própria infelicidade como efeito de determinados eventos e situações, mas como constitucional, necessária, perpétua: ela não é própria somente a ele, mas é comum a todos. Se considera certas criaturas (e ele próprio) é porque elas são exemplares de tal perpétua e universal infelicidade: ele mesmo mais que outros, enquanto é a testemunha naturalmente mais próxima a ele, controlável, e, portanto, incontestável, da idéia que fez da espécie dos homens, antes de mais nada dos seres.

Logo, a poesia de Leopardi desce fatalmente de tom quando tem por objeto uma determinada e circunscrita causa de infelicidade. Basta comparar "Amor e morte" com a sua concretização dramática, como é o próprio "Consalvo"; e notar a enorme diferença de valor poético entre os dois cantos. Assim também, contrariamente à tradicional opinião de origem romântica, a poesia dos últimos versos das "Lembranças", aqueles de Nerina, mesmo sendo elevados, não são iguais, pela natureza, aos precedentes, não estão isentos de um traço qualquer de ênfase: e isto acontece justamente quando a recordação da doce e traída juventude se concretiza numa determinada figura e, mais, num determinado caso de morte.

Silvia, mesmo estando poeticamente configurada numa personalidade precisa, nele se reflete e exprime um tipo comum que transcende aquela personalidade; a figura de Nerina, até na mesma linha, não é assim tão profunda, porque tem em si algo de biográfico; ela é um pouco "personagem". E Leopardi não pode criar personagens, isto é, figuras que tenham apenas em si mesmas e nas suas vicissitudes pessoais a sua razão de ser, mas cria suaves, efêmeras figuras que refletem a razão de ser, isto é, de sofrer, de todos.

INTRODUÇÃO AOS *OPÚSCULOS MORAIS**

Mario Fubini

OS *OPÚSCULOS*, então, são poesia nas suas partes vitais; e o valor poético dessa prosa foi, dizendo a verdade, reconhecido por tantos que, com maior ou menor simpatia, discutiram esses escritos leopardianos. Mas para se determinar o caráter daquela poesia, talvez seja necessário que nos detenhamos em algumas páginas, até para refutar um julgamento acerca da prosa dos *Opúsculos*, que, se fosse conforme à verdade, deveria nos impedir de reconhecer nos *Opúsculos* uma perfeição estilística, a qual seria por si só contrária à verdadeira e genuína poesia: a prosa leopardiana, na sua elegância e compostura, estaria tão longe da linguagem do pensamento quanto daquela do coração, fruto de um estudo exterior e retórico, e, por isso, algo impessoal, isento de verdadeira e íntima vida. E, visto que é fácil cotejar nessa prosa a aplicação de cânones retóricos, formulados por Leopardi, crê-se, por isso mesmo, poder julgá-la sem hesitação como uma coisa artificiosa: admira-se o trabalho do artista, mas na admiração se esconde, mais ou menos subentendida, a censura pela ausência do poeta. Os estudiosos dos *Opúsculos*, que bem conhecem os preceitos da retórica leopardiana, e que podem ser retomados na busca do peregrino, vale dizer, da longínqua voz do uso comum, e na substituição da voz indeterminada e genérica pelo termo preciso e simples, são mais que os outros induzidos a distinguir nessas páginas a diligente execução de um plano preconcebido de prosa: quantas vezes não lemos nos seus comentários as críticas ao "estilo artificial", ao abuso de latinismos, à frieza desta ou daquela prosa leopardiana? Aquela retórica poderia, contudo, responder às predileções artísticas do poeta e ser mais que uma teoria, que o escritor aplica de modo servil, a formulação do seu ideal de arte, e as vozes peregrinas poderiam ser requeridas pela

* In *Introdução aos* Opúsculos morais. Florença: Vallecchi, 1933, p. 30.

própria natureza do seu estilo. Enquanto parece tender a uma prosa impessoal, Leopardi chega, ao contrário, a uma prosa muito pessoal: e apenas quem esquece os reais intentos do escritor pode lamentar nos *Opúsculos* a falta de naturalidade e antepor, a este respeito (o julgamento teria parecido uma blasfêmia a Leopardi), à prosa dos *Opúsculos* a prosa do *Zibaldone*. A uma outra conclusão bastante diferente deveria ter-nos conduzido o reconhecimento do caráter poético dos *Opúsculos*: talvez se um tal pensamento estivesse sempre presente nos críticos, estes, ao confrontar passagens do *Zibaldone* com passagens dos *Opúsculos*, em que desenvolveu em pensamento idêntico, na passagem da primeira página àquela definitiva, teriam descoberto algo diverso da simples tradução de um pensamento suficientemente esclarecido.

... Mais que a busca de uma elegância e delicadeza exterior, e ainda mais que o desenvolvimento de um pensamento, a elaboração das páginas do *Zibaldone* nos atesta a indignação de uma alma de poeta a motivos de pensamento, já bastante claros, para mostrar em ação a virtualidade poética nestes encerrada...

A prosa dos *Opúsculos* é, portanto, alguma coisa bem diversa da elaboração estilística das molas do *Zibaldone*: ela é, em relação àquelas notas, algo novo, e apenas o preconceito da sua frieza nos induziu a uma comparação, que a rigor deveria ser absurda. Contrariamente às aparências, a prosa do *Zibaldone* é, exceto em alguns momentos de malcontidos frêmitos, e em algum outro em que assume um verdadeiro valor artístico, fria: a sua linguagem e o seu tom são aqueles de que nos servimos para um colóquio com nós mesmos, quando soerguemos da generalidade do pensamento os fatos da nossa vida cotidiana. A linguagem, em tais colóquios, só pode ser aproximativa e sumária, porque não nos interessa, mas o pensamento que nela transparece como bem claro: e o tom só pode ser aquele próprio da mente, que passa de dúvida em dúvida, deixando à parte qualquer outra paixão que não seja a do compreender. Assim também os fatos, que mais nos comovem, se despojam, ao menos por um momento, do seu valor sentimental: e, por outro lado, o raciocínio ainda isento de conclusão não pode se curvar sobre si mesmo e encontrar na ordenação lógica dos conceitos a sua força expressiva. Nem a uma tal prosa pode dar valor de arte algum tom de paixão, que os fatos examinados levam consigo e que rompe de vez em quando a inevitável monotonia do raciocínio: trata-se da paixão não dominada que ainda freme apesar da obra do pensamento, mas que está destinada a se dissolver com o proceder do trabalho da mente raciocinante.

MÉTRICA LEOPARDIANA*

Mario Fubini

DEVEMOS REPETIR AS RAZÕES por que pareceu grave ao nosso poeta submeter-se a esquemas métricos fixos, que outros poetas não desprezaram? A sua obra, se retiramos os tercetos de "Aproximação da morte" e as pequenas estrofes do "Ressurgimento", escolhidas mais por uma deliberação voluntária que nascidas de espontânea criação artística, oferece-nos apenas dois metros: a canção e o hendecassílabo livre, metros aos quais o poeta, desde jovem, recorreu como sendo mais abertos, mais capazes de acolher sem constrangimentos a linguagem do coração, mais aptos a serem de diversas formas moldados, e que, desde a canção "À Itália" e de suas versões, plasmou sem cessar até torná-los algo todo seu.

Não nos engane, nas primeiras canções, a aparente deferência às regras tradicionais: se o poeta escolheu não o soneto ou a ode neoclássica, mas a canção como o prórpio metro, porque era mais ampla e livre, na verdade, o metro petrarquiano, na regrada sucessão das partes, na simétrica arquitetura, foi por ele traído desde os primeiros ensaios. Contrastam com aquele metro os tão freqüentes fechos do período, no meio do verso; contrastam as outras tantas freqüentes exclamações e interrogações, que tendem a pôr em relevo algumas notas em detrimento da onda musical do discurso; contrastam as rimas que se tornam cada vez mais raras: a aparente regularidade da estrofe revela-se de tal modo estranha à íntima essência da poesia, efeito de um constangimento exterior, e não consegue coordenar os diferentes ritmos que são indicados no interior da estrofe fechada.

Com a eliminação de um esquema prefixado, Leopardi chegará, ao contrário, a dar à poesia aquela construção que vimos conforme à natureza da sua inspiração poética, dado que a liberação dos antigos vínculos não será para ele, como para os verdadeiros poetas, a simples rejeição de um constrangimento, mas a admissão no reino da poesia de um novo conteúdo, e a contemporânea formação de um novo ritmo, no qual aquele conteúdo encontra a sua ordem e a sua medida.

Sejam quais forem as origens literárias da canção livre leopardiana, èsta é a expressão da mutável voz do coração: a variada medida da estrofe, o livre jogo das rimas, das rimas interiores e das assonâncias, conseguem traduzir intensidade nos seus silêncios e nas suas retomadas; cada elemento da estrofe, o verso, o hemistíquio, a rima, que não estão mais subordinados a um ritmo musical amplo e fechado, adquirem um novo

---

*In *Introdução aos* Cantos *de Leopardi*. Torino: Utet, 1930, p. XXIX.

relevo e cada um, de vez em quando, parece ter em si todo o coração do poeta.

Pense-se em Petrarca:

> De pensamento em pensamento, de monte em monte,
> Guia-me o amor, que toda marcada colina
> Testemunha ser contrária à tranqüila vida:

nenhuma nota particular prevalece, mas todas da mesma forma contribuem para desenvolver a musical meditação do poeta, que só nos interessa. Diversamente Leopardi:

> Passou a tempestade:
> Ouço a aérea alacridade, e a galinha
> Que volta e recomeça
> Seu ciscar costumeiro.

Cada impressão, como todos sentem, se impõe com a intensidade e a exclusividade de fatos atuais: não uma lírica reflexão é o objeto da poesia, mas uma vida mais violenta e mais imediata.

Teremos confrontado talvez duas líricas de tema muito diverso? Podemos recordar a representação da vida dos humildes criada pelo ritmo leopardiano no "Sábado na aldeia", e os quadros de semelhante caráter que nos oferece a canção petrarquesca "Na estação em que o céu rápido declina", e nos quais alguém divisou motivos leopardianos: e uma vez mais encontraremos em Petrarca uma meditação que se alimenta dos mais diversos espetáculos para voltar sobre si mesma; encontraremos em Leopardi uma música mais ágil e mais variada, livre de qualquer resíduo de pensamento, que evoca, de vez em quando, diante de nós, com o seu motivo característico, cada imagem.

O problema métrico é, entende-se, uma única coisa com o próprio problema da arte leopardiana, a qual consegue trazer a serenidade onde mais descomposto e desordenado é o tumulto, e ordenar quanto, pela sua natureza, parece rejeitar cada ordem.

Também da métrica tem-se a dizer quanto se disse da lírica de Leopardi na sua característica geral: o ritmo de um canto leopardiano parece se formar à medida que a poesia prossegue, e que o sentimento se expande, e visa, precisamente, a nos dar o sentido da purificação que com o canto se realiza daquele tumulto interior.

Mas como esta ordem superior se compunha, apenas um exame de cada canto pode indicá-lo, porque sob a genérica denominação de "canção livre" não podem ser reunidos cantos de diferentes tipos, como "À sua dona" e "O pensamento dominante" que, pela sua natureza de hinos, mais se aproximam de uma forma fechada; e como a "Calma depois da tempestade" e o "Sábado na aldeia", que nos muitos rompimentos e na

variedade de ritmos revelam bem na sua multiplicidade um momento da vida inteira; ou como "À Silvia", que mais que tudo, na divisão e na subdivisão das suas estrofes, nos dá a impressão não de uma regularidade arquitetônica, mas da regularidade de um canto; ou como "A si mesmo", breve solilóquio dramático; ou, enfim, como a "Giesta", onde com maior dificuldade que em qualquer outro canto consegue encontrar sinal de uma ordem regular em que a poesia, mais que ser uma coisa única com o discurso, parece ser uma música que o acompanha e que, de vez em quando, o assinala com rimas ou então nas passagens mais enternecidas; cantos que, com as suas diversas características, demonstam as várias possibilidades, mais ainda que da métrica, da própria poesia de Leopardi.

O ÚLTIMO LEOPARDI*

Walter Binni

À BASE DA NOVA CONSCIÊNCIA do próprio valor pessoal e do valor do próprio pensamento, e do seu dever e direito de animosa intervenção na história do próprio tempo, a posição antiidílica se realiza numa atitude sempre mais ativa e combativa, a seu modo singularmente "apostólico" subindo das margens mais externas da sátira e da polêmica ("Palinódia", "Novos crentes" e mais ao centro *Paralipômenos*, tão novos, inquietantes e ricos também de movimentos poéticos) até uma identificação central que vale como um novo modo de radical unidade lírica de poesia e de pensamento.

E enquanto o poeta tenta (e efetua pelo menos na "Giesta") um emprego muito romântico da poesia como viva fundadora de civilização e de verdade, e dá ao seu próprio pensamento uma bem mais clara função ativa e sentimental (assim, tanto mais traduzível de forma poética), o mesmo pensamento sofre efetivas modificações, ajusta-se à nova necessidade geral de compromisso do poeta, passa — na base antiespiritualista e antiotimista ainda mais consolidada — de uma posição mais crítico-analítica a uma posição mais afirmativa e combativa, e, também através de uma importantíssima distinção entre progresso humano admitido como progresso de consciência da situação humana e de coerentes conclusões práticas no plano de uma construção de civilização desiludida e solidária, e a negada perfectibilidade espiritualista dos magníficos destinos progressivos, supera o pessimismo mais estático dos *Opúsculos*, faz

* In Natalino Sapegno. *Antologia della storia e della critica letteraria*. Florença: G. Marzocco, 1980, v. 3, p. 459-464.

da razão uma arma sólida com a qual os homens podem e devem se liberar de mitos e consolações soberbas e frívolas, e com a qual Leopardi toma um partido sempre mais decidido na história do seu tempo, em todas as suas dimensões ideológicas, espirituais e políticas, para ele inseparavelmente conjuntas.

E assim, de modo resoluto, contrário à filosofiia espiritualista como filosofia da Restauração e aos sistemas políticos reacionários de De Maistre e de De Bonald, condena de modo intenso os *Pequenos diálogos* de Monaldo, e a este que lhe escrevia, amargurado pelos seus infortúnios de defensor do trono e do altar não apreciável do governo pontifício, responde numa carta de 1836, afetuosa e decidida, delineando com palavras bem claras o seu inequívoco julgamento sobre os regimes absolutos e "legitimistas da Restauração": "Os legitimistas (ser-me-á permitido dizê-lo) não gostam de que a sua causa seja defendida com as palavras, pois só o fato de confessar que no globo terrestre exista alguém que duvide da plenitude dos seus direitos, é algo que excede, de longe, a liberdade concedida às penas dos mortais: além do que estes, de modo muito sábio, preferem às razões, as quais, bem ou mal, podem-se sempre replicar, os argumentos do cânone e do duro cárcere, que os seus adversários, por enquanto, não sabem como responder." Enquanto ao mesmo tempo condena as posições dos liberais moderados por causa das suas premissas ideológicas, que lhe parecem retóricas e frágeis. De modo que na áspera sátira dos *Paralipômenos*, o seu ceticismo sobre as possibilidades dos liberais italianos, enquanto não exclui de fato a sua íntima participação ideal nos destinos da liberdade e da Itália, explica-se justamente na divergência entre as posições que ele considera verdadeiras e a seu modo progressivas na história do pensamento humano, e as ideologias espiritualistas, católicas ou idealistas, que sentia como sendo substancialmente reacionárias e ligadas a concessões filosóficas frívolas e retóricas. A essa retórica (nem será aqui o caso de discutir as margens de incompreensão e de parcialidade do julgamento leopardiano, do qual importa, contudo, revelar a extrema força conseqüente e a coerência com o seu pensamento e com as suas convicções vividas) opõe, ora com maior firmeza, a sua persuasão, a persuasão que os homens, mediante o seu território e a sua experiência totalmente livre dos mitos, descobriram ser a miséria da sua situação existencial, a crueldade da natureza e do "poder ruim que, oculto, impera por um dano comum", mas junto à dignidade e às possibilidades construtivas da sua consciência: e que sob esse fundamento de dolorosa mas viril certeza, não se devem deixar distrair por inúteis e desencaminhadores mitos e consolações ou por inúteis e tolos combates fratricidas, mas devem construir a sua difícil civilização na solidariedade fraterna contra a natureza que exprime de modo tirânico.

Posições ideais que neste último Leopardi, tão rebelde e anticonformista para querer ser chamado nos *Paralipômenos* de o "mal pensante", vivem não como puras conclusões especulativas, mas como temas profundos do espírito, de modo algum frio e esterilizado, cético e contente das suas negações.

Porque talvez o espírito leopardiano nunca fosse tão vibrante e apaixonado, nem este materialista, muito mais espiritual e, a seu modo, mais religioso que tantos contemporâneos seus profissionalmente religiosos e espiritualistas, sentiu com tanta paixão o fascínio pelas coisas elevadas, pelos sentimentos superiores, a beleza de qualquer ato puro, desinteressado, heróico. Nem que fosse o sacrifício inútil do rato Rubatocchi, que no poemeto dos *Paralipômenos* cai sozinho em combate, abandonado por todo o seu exército em fuga, não sendo digno de um olhar de um céu indiferente e fechado (*mas a sua queda não viu o céu*):

> Bela virtude, se em ti adverte
> Como em ledo evento exulta
> O meu espírito, nem ao desprezar acredite
> Que de ratos também tu estejas nutrida e acolhida.
> À tua beleza que outra qualquer excede,
> Ou notória ou clara, ou te encontres oculta,
> Sempre se prosta; e nem mesmo verdadeira e sadia,
> Mas ainda imaginada, de ti se esquenta,
> Ah! mas onde tu estás? sonhada ou fingida
> Sempre? verdadeira ninguém jamais te vê?

Deste seu espírito assim caloroso e tenso, desta persuasão lírica da miséria e da eminência dos homens tanto mais dignos quanto mais conscientes da sua situação, e nem por isso renunciatários, cínicos egoístas, mas, antes, solidários e apaixonados por aqueles valores que iluminam como raros clarões a sua vida, que tanto mais por essa razão solicitam a sua tensão mais profunda, surge a última grande prosa da poesia heróica leopardiana, a "Giesta".

Digo última grande prova porque o "Pôr-da-lua" pode parecer, de preferência, um mais pálido retorno em tons idílicos já reabsorvidos em outros tons orientados de outra forma, enquanto, por outro lado, talvez se devesse sublinhar a mais, naquele canto, a extrema força de lucidez enérgica do diagnóstico da velhice e dos males dos homens como mais genuinamente pertinentes ao interesse e à poética que nesse período dominava de modo mais claro a atividade leopardiana.

Na "Giesta" se desdobram de forma mais aberta os motivos heróicos do seu espírito, as pontas extremas da poética leopardiana nascida com o "Pensamento dominante", e se realiza a derradeira tentativa de Leopardi transmitir na poesia toda a sua mais decidida experiência e persuasão

filosófica, moral e estética, de fundir o empenho poético ao anúncio de uma boa e desiludida novela (a cujo valor de decisivo anúncio o poeta quer remeter com a inicial epígrafe evangélica: "e os homens preferiram as trevas à luz") através da própria personalidade persuadida e anunciadora e no mito-parábola da "Giesta".

Não mais heróis da ilustre história clássica: "Brutos, o jovem" ou "Safo", mas uma entidade natural delicada e modesta, decidida e anti-retórica, que opõe à vilência da natureza o seu vivente sem soberba e sem servilismo como o homem ideal com o qual o poeta se identifica num auto-retrato formidável, que não podia mais se conter na iconografia sonetista de Alfieri e Foscolo. O homem consciente da situação humana, do deserto flagelado da natureza, nem orgulhoso de modo vão nem suplicante de forma vil e, ao contrário, pronto à compaixão e à solidariedade no seu mundo todo humano, iluminado pela virtude humana da qual é base essencial a extrema lucidez, a sinceridade e a responsabilidade não poluída por nenhuma forma de retórica e de auto-engano.

O poeta se identifica com todos os homens e com todos os seus empenhos e, por isso, rejeita de modo ainda mais nítido as formas mais tradicionalmente poéticas e as formas idílicas em que se expressara de maneira tão elevada, mas segundo uma perspectiva que não era aquela mais urgente e complexa que já o solicita, e requer, de forma tão mais clara, modos novos e quer ser desconcertante para quem tenha nos ouvidos a música idílica, e por detrás dessa outra tanta música da tradição poética petrarquesca-tassesca-metastasiana à qual o Leopardi idílico se fizera mais aberto e atento.

Mas até essa obscura e sombria música da "Giesta" é autêntica, poderosa e muito audaz, elegante em longos e articulados ímpetos sinfônicos que nascem para além da melodia e do canto, e estruturam-se em estrofes mantidas por um impulso melancólico e viril, que consegue coordenar de forma íntima movimentos enérgicos, polêmicos e altivos, representações do fundo desolado e grandioso do campo vesuviano, das ruínas de Pompéia, de um céu imenso e medonho, e exortações, e a mensagem da heróica e desiludida solidariedade humana, mesmo quando é radicalmente um motivo lírico, o passo lírico da personalidade resignada, e não um abstrato vínculo de motivos diversos e fragmentados.

Unitários o tema e o espírito, unitários e coerentes o ritmo e o tom desta música poderosa e severa, e o mesmo impulso peremptório e enérgico alonga a estrofe, cada imagem, as palavras cada vez mais simples e intolerantes de véus de sonho, as coisas que se apresentam na cor lívida e verdadeira de objetos rudes e essenciais: "a árida espinha do formidável monte exterminador do Vesúvio, que nenhuma outra árvore ou flor alegra", a "triste charneca", "o fruto insensível", "os campos cobertos"

De cinzas infecundas, recobertos
De lava feita em pedras
Que ecoa quando a pisa o peregrino;
Onde se aninha e se retorce ao sol
A serpente, e onde ao velho
Cavernoso covil retorna o coelho;

Como se apresentam simples e enérgicos (com o mesmo tom: e é, notoriamente, o tom que faz a música) os movimentos heróicos da personalidade desprezada contra o século soberbo e tolo, necessitada de uma separação absoluta de responsabilidade das ilusões otimistas dos magníficos destinos. A mesma força com que antes havia atestado a presença e a superioridade absoluta do pensamento do amor, em seguida a invocação à morte, e depois a incompatibilidade existente entre a imagem interna e a realidade de Aspásia:

Não eu:
Vergonha tal não serei sob a terra,
Sem que o grande desprezo que se encerra
Por ti no peito meu
Eu mostre o mais que possa abertamente:

Personalidade identificada com o homem espiritual, nobre e heróico. Fundamental unidade e condição lírica romântica que correspondem a um único tom de representação-afirmação, em que os dois termos são inseparáveis, como melhor se pode perceber através da leitura completa daquela obra-prima singular ou, ao menos, através daquela das suas estrofes (a quarta) em que o poeta da contemplação do firmamento, fascinada e medrosa, passa à constatação da pequenez do homem e da sua vã soberba.

Mas não se trata, como se poderia abstratamente pensar, e às vezes se disse por indolente adesão às fórmulas mais freqüentes, de uma passagem de um polêmico e prosaico, porque os dois momentos vivem do mesmo impulso e se desenvolvem com o mesmo ritmo, o mesmo acento, a mesma linguagem, e a contemplação severa e medrosa da infinidade dos céus não teria sentido poético naquele seu aprofundar-se e esconder-se obsessivo, se não vivesse de forma lírica como parte de uma única afirmação poética, de um único sentimento da perdida existência e pequenez da Terra e do homem num infinito cuja contemplação não pode se resolver em êxtase idílico, mas em conclusão desesperada e heróica. Porque, se na primeira parte pode-se pensar num singular retorno de temas do Infinito e do "Canto noturno", aqui, na verdade, há todo um outro tom: a segurança de uma persuasão, que não evita a árida verdade e não a harmoniza, e atenua nas perguntas encantadoras do "Canto noturno", mas a afronta, faz-se seu apóstolo, representa lirica-

mente todos os seus aspectos e às conclusões de mensagem do poeta, homem entre os homens.

Um riso maldoso de excluído, de incapaz de viver, de negador de providenciais curas superiores porque está doente e disforme? Como, ai de mim, o espiritualista e "cristão" Tommaseo representava *le petit comte* que se balançava à beira do mar, cantarolando: "*Il n'y a pas des dieux parce que je suis bossu; je suis bossu car il n'y a pas des dieux.*"

A zombaria e o desprezo, que também nesta última obra-prima se exprimem com uma singular força de síntese de pensamento, trocam-se nas partes positivas da "Giesta", na simpatia e na intensa vizinhança com que Leopardi, ao término da sua longa e sofrida experiência vital, consolidava com mais vigor os seus vínculos de homem com uma humanidade sóbria, heróica e anti-retórica, tal qual a representava na sua última mensagem poética.

A Si Mesmo*

Walter Binni

CONSALVO É UM TESTA-DE-FERRO e um retrato meigo e romântico do próprio Leopardi.

Mas no brevíssimo canto "A si mesmo" essas concessões psicológicas, de fantasia erótica, são decididamente anuladas, e, após tantas cadências patéticas no "Consalvo", retorna-se com um poderoso impulso à séria intensidade e à poética mais consciente do "Pensamento dominante" e de "Amor e morte". E, além disso, nesses dezesseis versos, que com muita freqüência são trocados por uma forma disfarçada de prosa e quase de apontamento diarista, a poética heróica do último período leopardiano encontra um exemplo perfeito e extremo. O agitado fantasiar de "Consalvo", sugerido de forma evidente por sonhos de compensação numa vicissitude amorosa desventurada e incerta, é, de maneira providencial, limpo por uma nova tomada de consciência pessoal, por uma afirmação consistente e segura, cujo apoio biográfico é naturalmente bastante incerto na sua precisão de crônica. Basta-nos saber que o amor florentino terminou em um trágico desengano, que depois viverá de forma poética na extrema tentativa platônica de "Aspásia": mas cuidado ao querer deduzir o tom da poesia do tom de uma aventura biográfica! Bem longe de uma poesia gélida ou exteriormente desesperada como se poderia reconstruir partindo da vicissitude do desengano amoroso.

* In *Tre liriche del Leopardi*. Lucca: Lucentia, 1950, p. 31-37.

Porque o que se deve logo esclarecer é o tom dessa poesia: o tom da persuasão e da afirmação pessoal, vivo e forte contra qualquer condição de bruta realidade ou de frívola estupidez humana que, para Leopardi, coincidem com um desvalor único. Não se trata de um momento de desespero amargo e ruim, insolúvel na verdadeira poesia leopardiana generosa e nobre.

A persuasão da feiúra da vida, da perversidade da natureza, da estupidez dos homens e da sua desgraça não eliminável está cada vez mais clara e decidida, como decidida está a consciência da própria grandeza e da própria Verdade. Sobretudo consciência de elevação e verdade, e coincidência de persuasão do próprio valor e do valor das próprias idéias.

Mas também aqui o tom combativo e afirmativo não muda, e a desilusão amorosa faz cair assim um motivo que foi capaz de vida, mas não o centro íntimo de força decidida que naquele motivo havia encontrado um pretexto de afirmação. E longe de encerrar-se, como nos idílios, na nostalgia do passado ou numa pacificação de harmonia e canto, e, não obstante, numa recusa do amargo presente, o Leopardi de "A si mesmo" assume uma atitude até mais decidida, e a separação entre tudo isto que é desvalor e o outro mais seguro de julgamento e de afirmação se faz sempre mais violenta, alcançando limites extremos.

O "tu" que está envolvido com o desprezo de cada realidade bruta e de cada estupidez mundana é quase a sua parte que cedeu aos enganos e que vem separada do centro mais intacto. Mas qualquer retórica é a natureza, o seu poder maldoso, contra o qual se desenrola toda a polêmica do último Leopardi. E recorde-se que é desse período, talvez um pouco anterior a esse canto, o esboço do hino a Arimane que, além de poder parecer uma saída momentânea, amplia e consolida a impressão da revolta "titânica" (segundo a terminologia romântica que, mais exterior, se destina tanto a esse Leopardi quanto a De Vigny ou a Shelley):

> Rei das coisas, autor do mundo, arcana
> Maldade, sumo poder e suma
> Inteligência, eterno
> Cador dos males e governante do moto.

Até o desprezo pela trágica potência do "indigno poder" e a típica blasfêmia romántica ("bem mil vezes pelos meus lábios o teu nome será maldito") e as declarações de resistência ("mas eu não me resignarei"). Assim em "A si mesmo" uma revolta e uma recusa enérgica sustentam uma concentração poética de motivos essenciais e não momentâneos.

Aquilo que, na verdade, mais atinge um leitor privado de um julgamento em função de esquemas externos é a extrema essencialidade de motivos e de expressão. A desilusão sofrida (pela crônica da recusa de

Fanny, pela história íntima, que conta apenas neste caso, a queda do mito Fanny, a ruptura da coincidência entre a mulher e a imagem que dela criara o poeta) é reduzida à repetida palavra "engano", "extremo engano", "caros enganos"; e se na segunda vez a palavra é tida como mais afetuosa e nostálgica, o motivo trágico (o motivo do engano extremo e do seu inexorável "perecer") apresenta-se com o tom de uma desventura universal, sentida bem além das suas condições de crônica. E tal sentido solene e absoluto (como no juvenil "Infinito" aquela impressão de perda e de êxtase assume um tom religioso e universal) é realizado de forma poderosa graças ao instrumento da nova poética, da qual esse canto é um exemplo verdadeiramente extremo.

A recusa por parte do último Leopardi, de qualquer harmonização de imagens idílicas, paisagísticas, é aqui levado ao máximo, e nos dezesseis versos não ressoa um eco brando, assim como não emerge o indício de uma imagem. Por essa falta, "A si mesmo" pareceu, para muitos, uma prosa gélida, de apontamento. Contudo, olhe-se com atenção para o movimento interno do canto: as brevíssimas frases não são frias e recapitulativas, mas apresentam impulsos contidos por uma força estilística superior, movimentos líricos (e esquiva-se a uma leitura dramática enfática e soluçante!) solidificados numa extrema concentração. Não apontamentos, então, ou frases de recitação: o habitual ritmo ascendente desdobra cada membro e aumenta a força das pausas, enquanto o uso abundante de ligações entre os versos, de típicos *enjambements* supera a quebra excessiva do período, quase constituindo uma linha mais ampla e movida apenas por separações poderosas e por profundas pausas intrínsecas a esse canto sem doçura e sem compensações imaginativas ou halo musical. A riqueza de meios estilísticos, a consumada experiência de efeitos fônicos são inteiramente destinadas ao movimento de negação e de denúncia da natureza e aquela habitual cor interna, aquela forte música espiritual e pessoal quase sem referimentos sensuais, que é típica do último Leopardi (e que é muito cômodo reduzir à não poesia, enquanto é uma poesia que responde a particulares condições e é sustentada por uma consciente poética), domina sem perigos nessa poesia marcada e insistente, feita de palavras essenciais para indicar separação e energia, mais rica de advérbios que de adjetivos, de formas vigorosas e secas.

Como o início, que parece ser a conclusão de precedentes meditações no deslocamento de um presente seguro e consciente de um passado de inquietação:

> Enfim repousas sempre
> Meu lasso coração.

O presente é nesses cantos sempre a posição da afirmação pessoal, e o passado é rejeitado como momento inferior no tom profundo e absorto, no peremptório deslocamento efetuado pelas duas formas adverbiais "agora", "para sempre".

Tom peremptório, absoluto, ampliado pelas formas sem meditação: "engano extremo", "eterno", "morri". A formidável força de sentimento se traduz em ritmo, num ritmo contido e em tensão, não fragmentário e epigráfico: um ritmo que a tradução direta de uma indomável consciência pessoal apresenta numa expressão desinibida e original. Ritmo que se serve de breves frases, de membros, que mal pára para se desdobrar, para mantê-los em toda a sua completa potência: como aquele "morri" que, na repetição mais absoluta e simples do início do movimento precedente, traz uma força de plena decisão e um sublinhado de extrema energia.

O quarto movimento, após uma conclusão tão decidida, propõe um tema novo numa forma mais complexa e pausada

> Bem sinto
> Que em nós dos caros erros
> Mais que a esperança, o próprio anelo é extinto.

e prepara com a sua amplidão uma nova série de membros breves e violentos,

> Repousa sempre. Muito
> Palpitaste.

onde do conselho inicial passa-se a um comando mais cortado, enquanto o segundo membro, com o seu vínculo entre os dois versos e a riqueza de vogais que o alongam quase num intenso suspiro, abre a série das amargas conclusões sobre a vida, cujas palavras mais leopardianas e mais simples (e isentas, note-se bem, de adjetivos capazes de colorir e de variar uma música tão essencial) reúnem-se a um movimento insistido e repetido, com a energia de alguns compassos dos últimos quartetos de Beethoven. Depois, com uma certa simetria em relação aos dois membros já notados nos versos 6-7, dois novos compassos igualmente elaborados,

> Repousa. E desespera
> A última vez.

e um daqueles comandos leopardianos que neste canto ressoam de acordo com esse tom de julgamento absoluto, com esse profundo tom de "sempre", "nunca", "última vez". E, enfim, a última frase, a mais longa do canto, mas também ela toda recoberta de intervalos e de acentos sem renúncia, de pausas que reproduzem a linha rompida e em blocos do canto, até no grave som do órgão do último verso:

Enfim despreza
A natureza, o rudo
Poder que, oculto, o comum dano gera
E a vacuidade sem final de tudo.

Verso grandioso em que as grandes e simples palavras leopardianas (e por trás da sugestão não casual do "*vanitas vanitatum*" do Eclesiastes) reassumem na conclusão mais ampla, o ritmo escandido de todo o canto.

Exemplo extremo da nova poética, dissemos: e na verdade Leopardi nunca chegara a uma expressão tão romântica, um tipo de discurso lírico tão novo e desinibido e, mesmo assim, poeticamente essencial. Ritmo e força sugestiva das palavras coincidem nesse esforço de expressão integral da personalidade em tensão.

Poética de Leopardi*

Mario Puppo

A poética de Leopardi é análoga à de Foscolo. São semelhantes nos dois poetas certas premissas psicológicas; sendo comuns a algumas premissas intelectuais, é então natural que com muita freqüência as conclusões se harmonizem, e venham a coincidir algumas atitudes como a aversão aos românticos. Até a educação mental de Leopardi é de cunho humanístico-sensista. A sua concepção sobre a realidade nasce de uma meditação dos dados da filosofia sensista, as suas reflexões sobre a poesia são continuamente nutridas pelo sentimento da poesia que desenvolvera na prática assídua com os clássicos. O sensismo por um lado lhe apresentava o homem como sendo dominado pela procura da felicidade no usufruto de sensações agradáveis, e sempre desiludido nesta procura que se converte fatalmente em insatisfação e no fastio, por outro lado lhe transmitia e confiava o mito de uma idade em que a felicidade era possível, porque o homem vivia em contato imediato com a natureza, e a razão e a ciência ainda não haviam destruído as ilusões. Daí nasce a sua concepção a respeito da poesia como alívio do fastio da vida e a identificação da verdadeira poesia com a poesia dos antigos, que ainda podiam sentir a genuína voz da natureza; donde é natural conseqüência a polêmica contra os românticos. A oposição entre natureza e razão, como é notório, constitui um dos temas essenciais do pensamento leopardiano, que a considera e desdobra a partir de inumeráveis pontos de vista de modo

* In *Poetica e cultura del romanticismo*. Roma: Lanesi, 1962, p. 45-70.

ininterrupto. É uma oposição que tem um significado ao mesmo tempo metafísico e ético. A natureza é bem, grandeza, felicidade; razão é mal, pequenez, desventura. A felicidade do homem reside nas ilusões: a consciência da verdade torna-o infeliz. A natureza fornece as ilusões, a razão as destrói. Se escuta a voz da natureza, o homem pode ser grande, generoso e heróico; se obedece à razão será pequeno, egoísta e vil. Grandes, fortes e magnânimos foram os povos antigos dominados pelas imaginações e pelas ilusões que a natureza fornece; sempre inferiores a eles são os modernos, que seguem a razão. Um dos principais aspectos dessa oposição é a antítese entre poesia e filosofia. A razão da antítese nisto reside: a filosofia tem por missão descobrir a verdade, enquanto o fim da poesia é, ao contrário, criar um mundo de imaginação no qual a alma encontre um refúgio das penas da vida real:

> A bela literatura e, sobretudo, a poesia não têm relação com a filosofia sutil, severa e acurada; tendo por objeto o belo, que é como dizer o falso, porque o verdadeiro (assim desejando o triste fado do homem) nunca foi belo. Ora, o tema de qualquer filosofia, como de todas as ciências, é a verdade: e por isso, onde reina a filosofia, não há verdadeira poesia... a poesia, quanto mais filosófica é, tanto menos poesia é.

Enquanto a filosofia opera com procedimentos intelectuais e abstratos, a poesia se nutre de sensações e de imagens. É sobretudo a sua polêmica contra os românticos no *Discurso de um italiano sobre a poesia romântica* (1818):

> Já é coisa manifesta e notabilíssima que os românticos se esforçam por desviar o máximo possível a poesia do comércio com os sentidos, pelos quais nasceu e viverá enquanto for poesia, e farão com que seja praticada com o intelecto, e arrastá-la do visível ao invisível e das coisas às idéias, e mudá-la de material, fantástica e corporal que era em metafísica, razoável e espiritual.

O *Discurso*, mesmo contendo o fruto de mais elevadas meditações, extrai o motivo sobretudo das *Observações* do cavalheiro Lodovico Di Breme sobre a poesia moderna, e em grande parte se apresenta sob o aspecto de uma refutação das idéias de Di Breme. As *Observações* de Di Breme são uma tentativa, seguramente muito imperfeita, de justificar, de um ponto de vista ao mesmo tempo teórico e histórico, uma poesia moderna com características diversas daquela antiga, e nestas se encontram e se contaminam, sem chegar a um esclarecimento coerente, com motivos iluministas e novas exigências de inspiração idealista... O problema que Di Breme, e com ele tantos outros polêmicos românticos se colocavam, era este em resumo: se a literatura é, conforme a conhecida fórmula, "a expressão da sociedade", ou seja, é o espelho, e, por assim dizer, a consciência de um

dado momento histórico, e nisto reside o seu valor e a sua eficácia sobre os espíritos, pode a literatura moderna, após tanto desenvolvimento de civilização, depois que a filosofia e a ciência modificaram tão profundamente crenças e costumes, reproduzir ainda as formas da antiga literatura e, em particular, acolher como ainda válidas aquelas imagens fabulosas das quais a ciência demonstrou a inconsistência e a falsidade? Leopardi delineia a sua crítica com extrema lucidez e peremptória segurança nestes dois pontos fundamentais: primeiro que tudo, a poesia possui uma natureza diametralmente oposta àquela da filosofia; em segundo lugar, e em conseqüência disso, ela não tem nada a ver com o desenvolvimento da ciência e da civilização, e se mantém sempre igual nos seus caracteres. A filosofia se volta para o intelecto, mas a poesia se volta para os sentidos e para a imaginação. Daí resulta que não é de fato necessário que as dissimulações da poesia estejam de acordo com as descobertas da filosofia; mesmo que conquiste a imaginação, ela alcançou o seu objetivo:

> O poeta cuida do deleitável, e do deleitável para a imaginação, e ele recolhe tanto do verdadeiro como do falso, antes, na maioria dos casos, mente-se e estuda-se para enganar, e o enganador não procura o verdadeiro, mas a semelhança do verdadeiro.

Porém, chega ao prazer imitando a natureza, que é imutável:

> As belezas da natureza... não variam segundo a variação dos observadores, mas nenhuma mudança dos homens jamais induz a uma transformação na natureza, que, vencedora da experiência, do estudo, da arte e de qualquer coisa humana, mantendo-se eternamente assim, desejando conseguir aquele prazer puro e substancial que é o fim próprio da poesia (dado que o prazer da poesia brota da imitação da natureza)... é necessário não que a natureza se adapte a nós, mas nós à natureza, e, no entanto, a poesia não se mude, como querem os modernos, mas nos seus caracteres principais seja, como a natureza, imutável.

Por isso não há razão para renegar a poesia dos antigos. Ao contrário: e aqui se introduz no raciocínio leopardiano um novo motivo. Porque até Leopardi reconhece que o desenvolvimento da razão e a civilização modificaram a condição do espírito humano, mas para extrair a sua conseqüência negativa de que hoje não é mais possível aquela relação imediata, direta e espontânea com a natureza, que era própria das eras primitivas. Verdadeiros e grandes poetas foram os antigos, para os quais era fácil e espontâneo aquilo que os modernos podem alcançar, e apenas de modo imperfeito com esforço: observar e reproduzir a natureza genuína; e é preciso inspirar-se nos antigos se se quer redescobrir a natureza em meio a esta nossa era, que dela tanto se afastou: como nós, homens de hoje,

em meio a tão grande e radicada degeneração, não só nos outros mas em nós mesmos, vendo, sentindo, falando e operando todos os dias coisas não naturais, como, se não mediante o uso e a familiaridade dos antigos, retomaremos, por respeito à poesia, a maneira natural de falar, voltaremos a ver aquelas partes da natureza que foram escondidas de nós, e não o foram dos antigos, nos desacostumaremos de tantos costumes, nos esqueceremos de tantas coisas, aprenderemos, recordaremos ou nos reabituaremos a tantas outras, e, em suma, no mundo civilizado veremos, habitaremos e conheceremos intimamente o mundo primitivo, e no mundo cruel a natureza?

Eis aí justificada a necessidade da imitação, ou, ao menos, do estudo contínuo e profundo, dos antigos. Mas Leopardi vai mais além, e com ousada passagem dialética derruba até uma das posições mais significativas dos românticos. Di Breme havia indicado como uma das características distintivas da poesia moderna, que a tornam superior à antiga, o "patético", ou seja, a profundidade e a vastidão do sentimento; Leopardi, referindo-se ao exemplo de Homero e de Virgílio, rebate que mesmo os antigos conheceram o patético e o sentimental; que, antes, própria apenas a eles é a verdadeira e autêntica sensibilidade, "aquela íntima e espontânea, modestíssima, ou melhor, relutante, pura, dulcíssima, sublimíssima, sobre-humana e pueril, mãe de grandes prazeres e de grandes afãs, cara e dolorosa como o amor, inefável; inexplicável, presenteada a poucos pela natureza", enquanto a sensibilidade dos românticos é artificial e exagerada, refletida e não espontânea, afastada da natureza e, por isso, não poética.

O conceito de que o fim da poesia é o prazer e o seu objeto, a imitação da natureza, é também o fundamento da crítica que Leopardi faz a outra das principais características da poesia romântica, isto é, o esforço de reproduzir o verdadeiro com o máximo de fidelidade (dos quais lhe forneciam exemplo, facilmente utilizável em sede polêmica, as banais onomatopéias da tradução das baladas de Burger feita por Berchet). Leopardi assim argumenta: parte muito essencial do prazer produzido pela poesia é o "maravilhoso, que nasce da consideração da dificuldade da imitação"; maravilhoso que é, ao contrário, destruído pela simples reprodução material do verdadeiro: por isso enganam-se os românticos quando acreditam "que a excelência da imitação deve ser estimada apenas se for vizinha do verdadeiro, tanto que, procurando o mesmo verdadeiro, quase se esquecem de imitar, porque o verdadeiro não pode ser imitação de si mesmo". Imitar simplesmente o vivo "não é, contudo, algo fácil, mas trivial", e "se a sentença dos românticos fosse verdadeira, teria feito muito mais caso das amas que dos poetas, e um boneco vestido com roupas reais e de peruca, rosto de cera, olhos de vidro, valeria muito mais que uma estátua de Canova ou uma pintura de Rafael".

Quer a conceba como imaginação, quer como sentimento, Leopardi coloca sempre a poesia em antítese à razão e à filosofia. A antítese é nítida, de início, na coincidência dos dois termos, respectivamente, com o falso e o verdadeiro:

> A bela literatura, e, sobretudo, a poesia não têm relação com a filosofia sutil, severa e acurada, tendo como objeto o belo, que é como dizer o falso, porque o verdadeiro... nunca foi belo. Ora, o objeto de qualquer filosofia, como de todas as ciências, é o verdadeiro: e, por isso, ali onde reina a filosofia, não há verdadeira poesia... a poesia, quanto mais filosófica é, tanto menos poesia é.

No âmbito desta visão de relação poesia-filosofia, pelo timbre "viquiano"(a proposição final de Vico requer quase ao pé da letra uma das mais famosas dignidades), explica-se a afirmação de que a poesia "sentimental" dos tempos modernos, mais que poesia, é filosofia, enquanto surge do verdadeiro e não do falso. É preciso esclarecer que a poesia "sentimental", de que fala Leopardi nos anos imediatamente sucessivos ao *Discurso* contra os românticos, é algo bem diferente daquela "poesia do sentimento", identificada com a "lírica", em torno da qual dissertará entre 26 e 28. Ela apresenta alguma analogia com a "*sentimentalistiche Dichtung*" teorizada por Schiller no ilustre ensaio *Ueber naive und sentimentalistiche Dichtung*, em relação àquela antítese antigos-modernos, passado-presente, que é uma das bases do pensamento histórico e filosófico de Leopardi. O conceito do sentimento pessoal como gerador único e essencial da autêntica poesia se justifica dentro de uma diferente trama de relações mentais. Isto significa uma reivindicação no limite extremo do caráter subjetivo e individual da criação poética. Permanece, então, válida, até mesmo neste caso, a contraposição com a filosofia.

A razão e a filosofia destroem as ilusões e extinguem o entusiasmo do coração; exatamente os dois elementos dos quais, em todo o caso, nasce, ou melhor, pode-se dizer, com os quais coincide a poesia. Porque ou ela deve, como a considera Leopardi, fazer com que esqueçamos a triste realidade, transportando-nos ao mundo dourado das ilusões, ou intensificar o nosso sentimento vital, comovendo-nos pelo torpor, pela indiferença, pelo desengano, pelo fastio, isto é, pela não-vida. Ela é, pela sua natureza, uma força ativa e criadora: exatamente o oposto da destruidora razão. Tanto é verdade que pode consolar e reacender a chama e o entusiasmo pela vida, mesmo quando canta o nada, o desespero e a infelicidade:

> Têm essa característica própria as obras de gênio, que, até quando representam ao vivo a nulidade das coisas, até quando demonstram de forma

evidente e fazem sentir a inevitável infelicidade da vida, até quando exprimem os mais terríveis desesperos, todavia, a uma grande alma que se encontre em estado de extremo abatimento, desengano, nulidade, fastio e desencorajamento pela vida..., servem sempre de consolação, reacendem o entusiasmo, e, não tratando nem representando senão a morte, restituem-lhe, ao menos por um instante, aquela vida que tinha perdido.

A leitura de um trecho de verdadeira poesia "nos refrigera, por assim dizer, e aumenta a nossa vitalidade".

A razão define e delimita as coisas, ilumina-as com luz fria e cortante, que não permite enganos; a poesia as circunda com um halo indefinido de imagens, fantasias, recordações, alusões e ilusões encantadoras. A razão distingue e analisa, passa de um objeto a outro com um procedimento lento, tranqüilo e ordenado; a poesia apresenta ao mesmo tempo uma turba de imagens até longínquas, levando o espírito a um movimento rápido e intenso. Na linha dessa antítese, Leopardi faz toda uma série de observações em torno da linguagem e do estilo poético, nos quais desdobra originalmente princípios em parte já antecipados por escritores do Setecentos, em especial pelos pensadores de orientação sensista (nos sensistas é preciso quase sempre procurar os pontos de partida, os estímulos da pessoal meditação leopardiana). Já no Setecentos se proclamara, mesmo em polêmica anti-racionalista, o fascínio das sensações indefinidas e obscuras. Por exemplo, Burke havia afirmado que "imagens escuras, confusas e incertas exercem sobre a fantasia um poder emotivo maior que aquele em que não se têm as imagens, que são mais claras e delineadas", que a beleza "não tem relação alguma com o cálculo e com a geometria" e que "uma idéia clara é... uma outra forma de expressar uma pequena idéia". Com quase literal concordância Leopardi assevera que "uma bem pequena idéia confusa é sempre maior do que uma bem grande e realmente clara", e por muito tempo disserta sobre o prazer que se origina das sensações indefinidas, por exemplo, de lugares iluminados onde não se percebe a fonte da luz, ou de objetos que chegam à vista em formas incertas, maldistintas, como neste trecho tão característico, porque requer de modo explícito a experiência psicológica da qual surgiu uma das maiores poesias leopardianas:

A respeito das sensações que agradam apenas pelo indefinido, pode-se ver o meu idílio sobre o Infinito, que exige a idéia de um campo audaciosamente em declive, de modo que a vista, a certa distância, não chegue ao vale; e aquela de uma fileira de árvores, cujo fim se perca de vista, ou pelo comprimento da fileira, ou porque ele tenha sido posto em declive, etc, etc, etc.

Um prazer do mesmo gênero pode nascer de uma impressão não visível, mas auditiva:

> É agradável por si mesmo, isto é, não por outra razão, senão por uma idéia vaga e indefinida que desperta, um canto (o mais desprezível) ouvido ao longe ou que pareça distante sem o ser, ou que vá aos poucos se afastando, e tornando-se insensível... um som qualquer confuso, sobretudo se isto ocorre por causa da distância; um canto ouvido de modo que não se veja o lugar de onde parte, etc.

Análogas sensações provoca a consideração do passado:

> O antigo é um dos principais ingredientes das sublimes sensações, quer materiais, como uma perspectiva, uma visão romântica, etc, etc, quer apenas espirituais e interiores. Por que isso? Pela tendência do homem ao infinito. O antigo não é eterno, e, então, não é infinito, mas a concepção, que faz da alma um espaço de muitos séculos, produz uma sensação indefinida, a idéia de um tempo indeterminado, onde a alma se perde, e se bem sabe que existem confins, não os discerne, e não sabe quais sejam.

O moderno e o novo quase têm algum atrativo:

> Quase todos os prazeres da imaginação e do sentimento consistem em recordações. Que é como dizer que estão no passado antes que no presente.

Eis por que a recordação vem a se constituir um elemento essencial da poesia:

> A lembrança é essencial e principal no sentimeno poético, não por outro motivo, senão porque o presente, seja qual for, não pode ser poético; e o poético, de um ou de outro modo, consiste sempre no longínquo, no indefinido e no vago.

Leopardi transporta as observações, feitas a propósito das impressões que produzem no espírito objetos naturais, para o campo da poesia:

> Aquilo que disse alhures sobre os afetos da luz, do som, e de outras análogas sensações a respeito da idéia do infinito, deve ser entendido não só por tais sensações ao natural, mas ainda nas suas imitações, feitas pela pintura, pela música, pela poesia, etc. A beleza de tais artes, em grande parte, e mais do que se acredita ou observa, consiste na escolha de tais ou análogas sensações indefinidas a se imitar.

E eis que, como natural conseqüência, a indefinição se transforma no caráter próprio e essencial da linguagem poética:

> Não só a elegância, mas a nobreza e a grandeza, todas as qualidades da linguagem poética, ou melhor, a própria linguagem poética consiste, se bem se observa, num modo de falar indefinido, ou não bem definido, ou sempre menos definido do falar prosaico ou vulgar.

Leopardi não se limita a afirmar este conceito de forma genérica, mas o desenvolve em sutis análises de palavras e expressões, das quais prova, digamos assim, a força poética. E são para ele intrinsecamente poéticas

todas as palavras que despertam idéias amplas e indefinidas, longínquo, antigo, ou mesmo noite, noturno, obscuridade, profundo:

> As palavras noite, noturno, etc, as descrições da noite etc, são muito poéticas, porque a noite, confundindo os objetos, o espírito não os concebe senão como uma imagem vaga, indistinta e incompleta, tanto dela quanto do que ela contém. Assim também obscuridade, profundo, etc, etc.

O mesmo se tem a dizer de palavras como irrevocável e irremediável, que "despertam uma idéia sem limites", ou então futuro, passado, eterno, mortal, imortal, e todas as palavras que indicam multidão, abundância, grandeza, rompimento, etc.

À base da oposição poesia-filosofia se renova a velha concepção retórica da diversidade dos estilos, distintos por diversas categorias de palavras, um dos suportes básicos da disciplina literária da Antigüidade ao Renascimento, e além:

> Os diversos estilos exigem diversas palavras, e, como o que é nobre para a prosa, é muitas vezes ignóbil para a poesia, assim o que é nobre e ótimo para um gênero de prosa, é muito ignóbil para um outro.

Como é natural, a distinção dificilmente se mantém em termos tão rígidos. Leopardi dirá, por exemplo, que a linguagem poética se distingue daquela prosaica não só, e nem tanto, pelo uso de vozes e frases próprias, quanto pela particular inflexão dada a vozes e frases utilizadas no discurso familiar e na prosa; ou que também a prosa deve ter "uma meia tinta de poético", e que "a verdadeira nobreza do estilo prosaico consiste ainda, de modo constante, em um não-sei-quê de indefinido".

Sobre a distinção objetiva de níveis lingüísticos diversos se fundamenta a doutrina leopardiana da "elegância". A "elegância" consiste sobretudo num deslocamento do uso vulgar, para um "peregrino" e "extraordinário", que é qualidade possuída, em particular, pelas palavras "antigas". Uma língua como a italiana, que não tenha nunca renunciado ao antigo fundo, oferece, por isso, muito maiores possibilidades de alcançar a elegância de uma outra língua, como é, por exemplo, a francesa, a qual, desde a sua primeira formação, rejeitou as suas antigas riquezas.

Partindo da consideração de uma qualidade expressiva possuída de forma objetiva pelas palavras, Leopardi consegue assim também apresentar um julgamento global, de valor positivo ou negativo, sobre toda uma língua. Típico, e bem conhecido, é o caso da polêmica perseguida de maneira furiosa por tantas páginas do *Zibaldone* contra a língua francesa. Aqui Leopardi retomava, transfigurando-se através da própria sensibilidade, os termos de uma discussão já viva ao longo de todo o Setecentos. De Muratori a Baretti, os escritores italianos, no curso do século, haviam defendido a língua italiana dos ataques dos doutos franceses, que

a acusavam de ser inimiga da verdade, porque era cheia de metáforas e de imagens. E a defesa se desenvolvera de modo genérico mediante uma inversão do raciocínio dos acusadores: exaltação do italiano como língua naturalmente poética mesmo porque rica de metáforas e de imagens, e desvalorização do francês, como língua dominada pela seca razão, e, por isso, negada de modo intrínseco à poesia. Esta é também a atitude de Leopardi; a qual, enquanto põe em relevo e admira a variedade, a potência, a flexibilidade, a riqueza de imaginação, etc, próprias à língua italiana, que, mais que qualquer outra moderna, a aproximam das grandes línguas dos povos antigos, não se cansa de alinhar as qualidades negativas do francês, "sob todos os pontos de vista, em qualquer verso, a língua da mediocridade": uniforme, monótona, limitada, pobre de vocábulos, insuficiente de graça, técnica, analítica, incapaz de elegância, a mais serva dentre as línguas modernas, e assim por diante. Citações do gênero poderiam se multiplicar por páginas e páginas. Mas a acusação fundamental que Leopardi move contra o francês é a de ser este incapaz de estilo poético. Por todo o Setecentos, os franceses haviam exaltado a sua língua como a língua da clareza e da razão. Precisamente esse caráter devia assumir, aos olhos de Leopardi, um valor negativo: a clareza racional é, na verdade, o oposto da indefinição, e, portanto, da poesia:

> Logo se vê como sendo, por sua natureza, pobre de poesia, a língua francesa, que é muito carente de indefinido, até mesmo nos mais sublimes estilos, jamais encontra algo além de perpétua e inteira definição.

O domínio da razão tornou o francês todo regular e geométrico e por isto mesmo negado à linguagem poética, que se serve, ao contrário, da ousadia das passagens e das metáforas:

> Por cuja ousadia, sendo a língua francesa incapaz, é incapaz de estilo poético, e está mil milhas separada do lírico.

Ensaio Sobre Leopardi*

Giuseppe De Robertis

Leopardi começou a escrever os *Opúsculos* depois que a matéria das suas meditações, contraditória e como que periclitante, se distanciara do seu olhar, e o tempo havia ajudado a ordená-la e a harmonizá-la sob uma luz mais constante. Não escreveu, dessa forma, alguns *Idílios* e as *Canções*, que, ao contrário, surgiram daquela contemporânea fadiga do pen-

---

* In *Saggio sul Leopardi*. Florença: Vallecchi, 1944, p. 153-160.

sar e trabalhar solitário, e ressentem-se de uma espécie de improvisação sobre temas mais dominantes que familiares. Mas já nos últimos anos de 1822, quando compôs o "Hino aos patriarcas", parece que sentiu a necessidade de se afastar dos seus pensamentos; e se ali dentro há um quê de literário, como um sinal de insensível excitação de estilo, há também, em compensação, um esquecimento na coisa criada, mesmo que sem acento e comoção, com aquele tanto de ordem e medida que lhe havia feito deixar no esboço o que conhecia de raciocínio pessoal ou abstrato. Voltou à poesia, depois de um longo intervalo, em fins de 23, com a canção "À sua dama", de feitura petrarquiana, estranha à realidade como o sonho que ali se retraiu; modulação, em suma, mais que expressão de sentimento. Desde então foi mais fácil para ele abstrair-se do amor, exaltar a idéia do amor, considerando-o como uma imaginação enganadora, que descreve uma única figura real. Amor, filho de Vênus celeste, na "História do gênero humano", é um mito; e também Heleonora, no "Diálogo de Torquato Tasso", é um mito. Tinha tanta necessidade, para dar início aos *Opúsculos*, de livrar-se de qualquer impedimento!

Porque se devessem ser considerados os argumentos dessas prosas, tomados separadamente, veríamos que não diferem em nada daqueles das poesias em geral. Voltam até mesmo aqui para assumir uma outra linguagem e, sobretudo, quando não estão ligados a propósitos estranhos à arte ou práticos, com aquele ar incerto de brincadeira que eleva num clima fantástico aquilo que em outro tempo se esgotava em proposições retóricas, ou no próprio ponto de expor uma situação. Aquilo era, no fundo, um defeito de tom e de princípio, mas dava a impressão de que palavras e imagens, mais que um mover-se de modo natural do espírito do poeta, resultaram na virtude de inércia de premissas muito rigorosas. Pensou naquele seu modo de compor as *Canções*, com grande aparato de história e de erudição, e na forma exclamativa de certos *Idílios*, conduzidos sem a verdadeira razão lírica; e depois vejam essas prosas, onde o uso da mitologia existe para dar aparência mágica ao riso, e, mais que com figurações históricas, aquele proceder, por via de exemplos tirados da realidade, dá um aspecto familiar e calmo ao discurso. É o estilo dos *Opúsculos*, tão distante da mera sátira, quanto repugnante pelo abstrato argumentar; o estilo do "Diálogo de um duende e um gnomo", mas também do "Diálogo de Torquato Tasso"; sinal perfeito de um equilíbrio de estilo, e, ao mesmo tempo, de um domínio sentimental. Isto se romperá às vezes; e assim surgirão as prosas como o "Elogio dos pássaros" e como o "Cântico do galo silvestre", de humor lúgubre, que são exatamente atribuídos por Gentile ao terceiro grupo; o "Diálogo da natureza e de uma alma" e o "Diálogo da moda e da morte", que fazem parte do primeiro. É necessário evitar atribuir-lhe um significado ideal.

Um erro estético não é um bom sustento no qual fundamentar uma interpretação válida.

Dentre os *Opúsculos* indicamos de modo particular aqueles que para nós parecem fundamentais para um estudo sobre Leopardi e, em relação à arte, perfeitos. Experimentem delinear sobre eles um drama como nos descreveu Gentile. Colombo dá a mão a Tasso, e juntos parecem se adaptar em mais de uma verdade a Ottonieri. "Dizia que os prazeres mais verdadeiros que tem a nossa vida são aqueles que nascem das falsas imaginações; e que as crianças encontram o todo até no nada, os homens o nada no todo." Seria realmente uma tarefa desesperadora procurar por todo o Leopardi os sinais de uma faculdade feliz para se iludir. Qualquer aspiração nele surgia com a consciência do seu limite. E quem quis explicar o pessimismo leopardiano como uma espécie de contraste entre a razão que conhecia a vaidade das ilusões e o coração, que se obstinava em amá-las, propôs para si, dizendo a verdade, um problema abstrato que na realidade nunca se verificou. Isto poderia, quando muito, representar um momento na vida de um homem, e podemos admitir até que o represente na vida do primeiro Leopardi; mas se consciência quer dizer "presença", uma vez que Leopardi havia saboreado o nada da vida, era impossível que, de maneira constante e como que instintiva, o contradissesse. De tal gênero é o destino das almas medíocres e sensuais; e a um escritor impetuoso pode oferecer matéria para uma bela divagação; quanto a Leopardi acontece bem outra coisa. Como, para ele, escrever apenas uma página ou compor uma estrofe não era uma aventura, assim também não era uma aventura viver. Em vida conhecia tudo aquilo que não podia pedir e de quantos perigos era carregado aquele pouco bem. Faltava-lhe a bela confiança; mas, em compensação, fora-lhe dado pela sorte um dom: aquele de sorrir e fantasiar. Quando se desesperou, foi porque havia esgotado a sua própria capacidade de compreender e sofrer; e propôs então a si mesmo as perguntas indecifráveis sobre o fim da vida, ou procurou extrair motivo de poesia de uma pena muito presente. Porém, fora desses termos falsos, não é possível encontrar os elementos de um drama que se coloque, amadureça e finalmente se resolva, nem, muito menos, descobrir com bom senso a matéria para tantos dramas particulares, reproduzidos de maneira fiel. Encontramos essa vicissitude piedosa às vezes na vida de Leopardi, nunca na sua arte adulta.

> Amai-me e escrevei-me, e, sobretudo, alegrai-vos, porque não saberia dar-vos um conselho mais razoável e convincente a quem tenha experiência da vida, como vós tendes. A indiferença e a alegria são as únicas paixões próprias não só dos sábios, mas de todos aqueles que têm prática das coisas humanas, e talento para aproveitar-se delas

escrevia ao marquês Giuseppe Melchiorri, a 19 de dezembro de 1823; a 18 de janeiro de 24, iniciava o primeiro dos *Opúsculos*, que é a "História do gênero humano". Aquela "indiferença e alegria" me parecem ser palavras que não se devem esquecer que as dissemos, e como as dissemos. Depois, das tantas mil anotações do *Zibaldone* escritas até aquele dia 18 de janeiro (dia de domingo, como anota seis vezes em seis breves apontamentos, quem sabe? para um feliz augúrio), e as últimas, todas gramaticais, para repousar a mente, daquelas tantas mil anotações, com a grande experiência, eis que escorre como um rio a veia incansável, eis os modos, as formas, as palavras, as graças, as elegâncias, as felizes ousadias, as metáforas, as inversões, tudo aquilo que a arte de escrever nunca ensina: tendo experimentado tudo quanto podia a sua língua, potência, maleabilidade e variedade. Já era maduro de espírito e de estilo, libertado de todo empecilho, conhecedor de todos os segredos, não só da sua dor como também da sua poesia e da sua durabilidade; escreveu de modo tranqüilo, e, já se disse, citando uma anedota, há um tempo, para dizer com uma expressão sua, de força tranqüila, como um clássico. Confrontem a "Comparação das sentenças de Brutos, o jovem, e Teofrasto" com os *Opúsculos*. Quantas anotações e mudanças de parecer às margens daquela prosa composta dois anos antes, e quantas chamadas de escritores ao conforto, e de memória, de nomes que encontraremos mais tarde nas *Crestomazie*, escritores em grande parte menores, onde há mais sustento, sempre, com dicções raras, com usos e construções estudadas: Cavalca, Passavanti, porém mais entre os quinhentistas, Caro, Nardi, Bembo, Giambullari, Castiglione, Della Casa, Varchi, Cellini, Firenzuola, Pallavicino, Speroni, Porzio, Tasso, regulares e irregulares, ignorantes e gramáticos, até poetas, Rucellai, Alamanni, Guarini, Ariosto, Baldi, e seiscentistas, um por todos, Bartoli. Todo um programa de trabalho e de leitura, tudo ainda por fazer. E, ao contrário, no tempo dos *Opúsculos*, tudo já feito, estudado, examinado. Se por acaso continuou aquela obra de polimento, de ensaio, no *Zibaldone*, em especial naquele ano, com uma minúcia requintada, com uma elegância de velho esperto, com uma alegria pungente, alegria, sim, mesmo aqui, trabalhando com empenho, de rapidez de intuição, e procurando naquela marginal fadiga contemporânea estímulo para a sua pena. No epistolário, sempre daquele ano, vale a pena recordar apenas três ou quatro cartas: ao compor os seus versos, as suas "pouquíssimas e breves poesias", que faz também pelos *Opúsculos* — após a "inspiração (ou frenesi)", com um intervalo de tempo, e esperando-se que volte num outro momento, a composição lenta, interminável —; na segurança das suas idéias, tão afirmada de modo orgulhoso ("eu, caro amigo, tenho um vício muito grande e é que não peço licença aos irmãos quando penso nem quando escrevo: e disto sucede que, quando depois quero imprimir, os

irmãos não me dão licença para fazê-lo"); e um louvor, um extremoso agradecimento ao ano que renasce ("e gozes da estação, que talvez não seja indigna de consolar um filósofo dos maus tratamentos dos homens"). Todo o ano de 1824 trabalhando, trabalhando, pediu a si apenas a força, aos outros nada, aos livros socorro de nada, que eram alguma coisa para ele, e respirar, quando a sorte lhe consentia, nos dias serenos. Procurou apenas dentro de si, o mais profundo que pôde, e na memória juiz, aquela que faz as distâncias, e ajuda as soberanas arquiteturas. Diríamos que vacilasse no princípio:

> Quanto ao estilo e ao escrever bem, é necessária imensa fadiga para se saber fazer, e, conseguido isto, se solicita sempre outra ainda maior por fazer. E está tão longe que o saber fazer elimine a fadiga do fazer, que, primeiro, quanto mais aquele é maior, com maior fadiga se compõe, porque tão melhor se quer fazer e se faz, o que, proporcionadamente, custa muito mais. Assim nas artes belas e em outros assuntos de engenho, etc. (23 de janeiro de 1824). Não vejo tanto na invenção quanto no escrever, nas artes, etc, etc.

Continuava ainda a escrever a "História do gênero humano", iniciada a 18 de janeiro; depois, ocupado o espírito, não há mais nenhuma hesitação.

Origens e Desenvolvimento da Poesia Leopardiana*

Giuseppe De Robertis

Quem, então, acreditou ter visto, ainda que apenas em um primeiro tempo da vida leopardiana, a antiga luta entre a razão e o coração, entre a mente desiludida e o instinto pronto a se iludir sempre, entre duas forças distintas e inimigas, em suma, certamente expôs um drama especioso, mas, na verdade, infiel. Leopardi não conheceu esses contrastes e, se por acaso, obscuramente suportou o peso de uma "sabedoria imatura", que confundiu o seu espírito, por mais que o abalasse com o golpe de uma dor consciente mesmo que desesperada. Assim acontece, às vezes, com uma violência abstrata de palavras, ao ver fixados os termos de um imponente drama similar, mas era, na verdade, o efeito de uma exasperação da linguagem. E como, aliás, poderia um poeta, e um poeta lírico ainda por cima, tratar a sua vida com tão indiferente desinteresse, distinguir e dar uma imagem à voz do coração e àquela do intelecto, decadência dos Romanos, e sobre a morte das antigas épocas, a tal ponto que o tom daquela música parece a toda hora forçado e estranho. No "Sonho"

---

* In Natalino Sapegno. *Antologia della storia e della critica letteraria*. Florença: G. Marzocco, 1980. v. 3, p. 409-420.

e na "Vida solitária" os defeitos se agravam. Nenhuma distinção de linguagem, que ali era até requerida, está no "Sonho", para dar, pelo menos, um caráter externo ao dialogar que se faz; mas um tom sempre alto, que parece repetir abstratamente o estilo do poetar trágico então em voga (já experimentado na "Telésila", aliás, com falas líricas afetuosas, mas sem caracterização dramática nem mesmo ali). E se nos detemos apenas nos dados da expressão, é porque não sabemos encontrar outra coisa, ou bastam por si sós para demonstrar a íntima debilidade deste "Idílio", onde as duas pessoas não parecem ter sido criadas senão para discorrer. Faltando uma necessidade lírica, então, a própria substância das idéias, a força de raciocinar se altera, e nasce aquela cor fosca, que suscita por contraste, na memória, a calma dor dos grandes *Idílios*.

A "Vida solitária" se compromete de um outro modo; caminha em direção ao estudado e requintado, em direção às insensíveis graças do estilo. Costuma-se, nesse caso, comparar esse canto àqueles maiores, como as "Lembranças", por exemplo. Deixemos continuar o tom não bem moldado das impressões e das lembranças, e aquelas ligações repentinas que parecem repetir certos artifícios estilísticos das *Canções*. Mas a própria reevocação dos lugares, a descrição das terras, quando não têm um sabor procuradamente simples e ingênuo, têm uma pátina, uma sobriedade, uma riqueza, que não é por certo a grande maneira de Leopardi, aquele seu mágico modo de nomear as coisas em nada competindo com a pintura. Apenas uma vez, nos versos 56-57, aproxima-se, se não pela grandeza, daquele discorrer arejado que há no idílio "À lua"; mas é somente uma nota. O fim tem cadências até madrigalescas, que torna depois mais estridente a ênfase sentimental que rompe as partes descritivas.

E assim todas as vezes que ele não quis narrar e representar, mas narrar e representar para si, faltando-lhe sempre o desapego necessário e o estranho poder do artista; assim ocorre onze anos mais tarde, depois de tanta vida e experiência, compondo o "Consalvo". Faltava a Leopardi, além da capacidade de criar personagens vivas, mesmo sendo um reflexo de si mesmo e dos seus sentimentos, ainda aquela de narrar a história da sua vida, sobretudo antes de escrever uma história. Quando ele trabalhou em uma matéria, por assim dizer, indiferente e distante, que provinha das suas leituras e dos estudos, escreveu, então, as coisas mais tranqüilas do gênero, mesmo que algumas vezes fossem um pouco insensíveis, literárias e ornadas; escreveu, pois, o "Hino aos patriarcas" e a "História do gênero humano". Enfim, na canção "A Angelo Mai", aplicando-se a recordações livrescas, encontrou um meio de alcançar o equilíbrio e a gravidade que deveriam se refletir naturalmente mais tarde na composição. Mas onde ele quis, de forma mais ordenada, refazer e quase julgar a sua vida, em momentos e tempos diversos, a matéria muito lastimosa estava

ali, pronta para aniquilá-lo; e nasceu o "Ressurgimento", que, também na língua e na métrica, parece algo provisório; e nasceu o "Diálogo da natureza e de um islandês", sem sombra de arquitetura e de prospectiva. Nem mesmo as "Lembranças" são uma história, mas fragmentos de uma história, com aquele misto de descrição e de elegia que se alternam com uma precisão um pouco enfraquecida, e são testemunho de uma aspiração que não consegue se conter, além de mostrar a dificuldade sempre grande com a qual Leopardi se envolveu, todas as vezes em que, tratando uma matéria autobiográfica, não conseguiu dar-lhe um valor absoluto e quase um poder de símbolo. É a diferença, por assim dizer, que existe entre Silvia e Nerina; Silvia, representação mítica da morte das esperanças e das ilusões; Nerina; criatura elegíaca ligada a uma lembrança pessoal. Mas a mulher do "Sonho" não é nem mesmo Nerina; e dir-se-ia, de preferência, uma figura nascida de uma obscura gestação de pensamentos fúnebres ainda não corrigidos pela realidade e pelo tempo.

Bruto e Safo nisto se assemelham, com aquele falar sentencioso e abstrato, marcado, além disso, por um estado de exceção no qual o poeta os fixou. Há a necessidade, porém, de acrescentar que o defeito desses dois cantos não reside apenas numa série de gritos e raciocínios, que a custo se consegue atribuir a alguém, mas, ainda mais, naquele exacerbado rigor de linguagem que tem um não-sei-quê de externo e, por assim dizer, de obrigatório. "A última canção de Safo", explica Leopardi, "tenciona representar a infelicidade de um espírito delicado, terno, sensitivo, nobre e vivo, posto num corpo feio e jovem"; mas este é um argumento, não um sentimento na boca de Safo, ou talvez nada além de um pretexto para compor simples lamentações em relação à natureza. O Leopardi adulto o teria rejeitado como um elemento de prova ruim a ser exposto; e o fato é que, quando sentiu a infelicidade humana como algo menos causal, da sua deformidade criou um motivo de brincadeira, e dele se serviu para reencontrar a origem da ironia socrática, que era, então, a sua ironia. Aqui, de novo, há aquele tom de suplício, com o qual, no início, Safo saúda a terra; e aquele desejo de exilado que é somente seu. Quanto a Bruto, à parte a incongruência artística e psicológica de ter iniciado alguém já determinado ao suicídio a raciocinar sobre o suicídio, parecem ser-nos suficientes, para esclarecer o verdadeiro sentimento de Leopardi a esse respeito, as palavras de Plotino, de muitos anos mais tarde, digo, naqueles anos em que a idéia do suicídio não era mais uma espécie de sugestão fanática, nem mesmo um tema que se deveria tratar friamente; mas encontrava o seu lugar, ou a sua condenação, numa concessão bem maior, mesmo que mais desolada, da vida. "A vida", dirá Plotino, "é algo de tão pouco relevo, que o homem, por si só, não deveria ser muito solícito a retê-la ou a deixá-la"; e Leopardi pôde, a

seguir, invocar e desejar a morte, mas não a apressou; tanto estava convencido de que ela, enfim, não demoraria muito. Mas na época em que escrevia o "Brutos, o jovem", o sentido do ser não lhe era claro; donde aquele seu exprimir-se e conceber quase sempre violento e impróprio. Em tantos sons e palavras de sombria altivez, estranho aqui deva tocarnos o espírito somente a melancólica invocação à lua, separada apenas do resto justamente dita e entoada.

Era o seu, verdadeiramente então, um estado violento, ao qual correspondiam atos e palavras; um agir e reagir por imediatas reações; a toda hora fazer guerra a um excesso de forças; despertar nomes e propósitos elevados; as antigüidades remotas; todas as sombras de uma irrealidade tirânica. Poder-se-ia quase dizer que a desenvolver um sentimento, segundo uma lógica interna e uma razão musical, ele estivesse atento apenas a motivá-lo; desaparecia o sentimento, e permanecia a motivação, íntima, serrada, eloqüente; sem que, entretanto, jamais conseguisse convencê-lo plenamente. Faltavam-lhe certas qualidades secundárias da composição: imaginação feliz, coragem de parecer mais do que tivesse expresso, a bela confidência dos escritores simples; que em tantos casos servem para sustentar um discurso poético grandioso, mesmo que intimamente pobre. A sua linguagem, embora de vez em quando imponente, não era, entretanto, nunca exuberante e suntuosa; a sua comoção, que também se acentuava e comovia às vezes nos primeiros compassos de uma estrofe, esgotava-se depois em cadências muito pouco cuidadas, quando, só, não o socorria uma textura externa e toda gramatical. Tomemos a canção "À primavera". Se disséssemos, sem dúvida, que nessa lamentação sobre motivos estéticos e culturais, Leopardi dispensou as fábulas antigas, para que pudesse, livre de entraves, cantar aquela; única imaginação e ilusão que foi a juventude, talvez se formulasse um julgamento bem exato; mas a origem longínqua desta canção é investigada naquele tal "descontentamento de provar as sensações estimuladas pela sua visão do campo, como se pudesse ir mais interiormente e degustar mais, não lhe parecendo nunca ser aquele o fundo, além de não saber expressá-las", de que fala nos *Escritos vários*, e que aqui se iludiu em cantar com modos fantásticos, na verdade não conseguindo expô-los senão nos vestígios das suas leituras.

A POÉTICA*

Natalino Sapegno

A PRIMEIRA EDUCAÇÃO literária de Leopardi foi, como se disse, arcádica e montiana. O exercício das traduções do grego valeu para aperfeiçoá-la e fortalecê-la do ponto de vista técnico; a amizade com Giordani, e o conseqüente influxo de idéias literárias do escritor placentino, foram úteis para tornar mais intenso e refinado o gosto do estilo e da língua e ao mesmo tempo para direcioná-los a um intento de eloqüência civil. De qualquer modo, quando após 1816 Leopardi se encontrou primeiro nas doutrinas elaboradas pelos românticos, através dos escritos de Staël, de Di Breme, de Berchet, a sua formação já estava toda orientada num sentido classicista: de um classicismo essencialmente setecentista, construído sobre as poéticas de Gravina, Cesarotti, da forma indireta de Vico, e nos exemplos sobretudo de Monti, com algum indício de pré-romantismo alfieriano e foscoliano. O encontro com os românticos nele inicia e acompanha a progressiva mudança de um novo gosto e de uma nova concepção da arte, que, através de um complexo de reações e de polêmicas, leva Leopardi a aceitar aos poucos os fundamentais pressupostos da escola moderna, e culmina na afirmação de uma poética original explicitamente romântica, embora em sentido bastante diverso e quase oposto àquele dominante nos românticos da Alta Itália.

A poética leopardiana atinge a sua expressão culminante em 1826, em uma série de reflexões dedicadas aos problemas dos gêneros literários, e, assim, precisas e amadurecidas em 28, a propósito de um estudo sobre a questão homérica e sobre os cantos épicos populares. Dos três gêneros fundamentais da poesia, o único essencialmente poético é o lírico; lá onde o épico pode ser reduzido em última instância também ele ao lírico (não é senão um lírico concatenado de temas e fragmentos líricos), e o dramático deve ser excluído, pelo seu caráter intelectualístico, imitativo, e pela sua origem espetacular e prática, do âmbito da poesia propriamente dita. E deve-se entender lírico, de modo preciso, não como imitação (que é uma forma do intelecto e não da fantasia), mas como desabafo do coração, "expressão livre e singela de qualquer aspecto vivo e bem sentido do homem", canto que brota espontâneo do peito por necessidade de íntima recriação e de conforto, antes e fora de qualquer intervenção reflexiva e cultural. "O sentimento que a *alma no presente* é a única musa inspiradora do poeta." Exilado do âmbito da poesia, por conseguinte, qualquer trabalho que comporte uma execução lenta e uma ar-

---

* In *Compendio di storia della letteratura italiana.* Florença: La Nuova Italia, 1980. v. 3, p. 245-25.

quitetura complexa, "um plano concebido e ordenado com toda a frieza": não há plano algum na *Ilíada*, nem qualquer unidade preconcebida de ação, e apenas de modo arbitrário se acreditou poder deduzir as regras do poema épico; até os poemas de Virgílio, Dante, Ariosto e Tasso não recebem o valor, aliás, pelo propósito estrutural, que constitui, ao contrário, o seu peso morto, mas, antes, pelos particulares e singulares episódios líricos. "O entusiasmo e a inspiração essenciais à poesia não são coisas duráveis"; "a poesia reside, de forma essencial, num impulso...; os trabalhos de poesia desejam, por natureza, ser curtos; e tais foram e são todas as poesias primitivas (isto é, as mais poéticas e verdadeiras) de qualquer gênero, junto a todos os povos." Cuide-se para não confundir o sentido que Leopardi atribui à palavra *lírica* com aquele moderno que nele inclui não importa que forma, até a mais complexa e diferenciada, de poesia. A lírica para Leopardi é assim mesmo enquanto se contrapõe por um lado à narrativa (ao *epos*), que é em certo sentido uma sua arbitrária e perigosa extensão no tempo, e por outro lado ao drama, como gênero imitativo e inventivo, que comporta uma vontade de construção, de ordenamento, de regularidade imposta por fora, e, em suma, de estudo e de artifício com o fim de divertir e enganar o ócio dos homens corrompidos pela civilização. A lírica é o canto que não conhece durabilidade, nem regra ou ordem, exceto a sinceridade da inspiração; que exprime o palpitar do coração na sua imediatez e "momentaneidade"; é a voz pura e muito simples do sentimento, que não conta e muito menos representa (não imagina tramas, nem cria personagens em um ambiente fictício, inventado), mas diz apenas, de forma livre e genérica, as suas penas e as suas alegrias no mesmo instante em que as experimenta. É, em suma, em um certo sentido, a lírica tal qual a entendiam os retores, como um gênero distinto e pessoal, subjetivo por excelência; mas depurado de qualquer intromissão de elementos narrativos e dramáticos, de qualquer função educativa ou civil, e reconduzido à sua origem, à sua primeira natureza de puro movimento afetivo e melódico. Somente se temos presente o verdadeiro significado que Leopardi atribui à palavra *lírica* (como resulta dos dados e da primeira impostação própria da sua busca), poderemos verdadeiramente compreender o valor e todo o alcance da sua poética, e daí formar um critério para a inteligência e estima da sua poesia. Com a advertência, todavia, de que o processo da atividade literária de Leopardi se adapta com plena coerência à expressão mais madura e consciente da sua poética apenas no momento da composição dos grandes idílios; lá onde no período precedente e naquele sucessivo devemos levar em conta uma complexidade de fatores culturais, de exigências oratórias, de veleidades representativas e dramáticas, menos rigorosas, porém mais amplas e variadas, que atestam e su-

blinham os múltiplos vínculos da poesia do nosso período com as aspirações da civilização romântica. Permanece firme apenas, em qualquer tempo, a tendência quase exclusiva em direção a um modo de expressão lírica (isto é, sentimental, patética), que vale distinguir, e opor a obra e a personalidade de Leopardi em relação às orientações objetivas, narrativas e realísticas da escola manzoniana ou lombarda.

Linha da "Noite do Dia de Festa"*

Luigi Blasucci

O motivo do desespero do poeta em contraste com a doçura de uma paisagem noturna já está presente numa carta a Giordani, de 6 de março de 1820:

> Também eu suspiro vivamente a bela primavera como a única esperança de remédio que permaneça até ao esgotamento do meu espírito; e poucas noites atrás, antes de me deitar, aberta a janela do meu quarto, e vendo um céu puro e um belo raio de luar, e sentindo um ar tépido e alguns cães que latiam ao longe, despertaram em mim algumas imagens antigas, e pareceu-me sentir um movimento no coração, pelo que me pus a gritar como um louco, pedindo misericórdia à natureza, cuja voz parecia ouvir depois de tanto tempo.

A mesma expressão física do desespero é mantida nos mesmos termos da lírica numa outra carta a Giordani, de 24 de abril de 1820:

> Eu me jogo e me viro por terra, perguntando quanto me resta ainda viver.

Nessa variedade de motivos, dois fatores gerais de unificação são, entretanto, individuais dentro do conjunto do canto: um reconduzível à presença de uma paisagem noturna que, amplamente evocada na parte inicial, domina como realidade ora subentendida, ora chamada pelos pequenos toques, em todo o resto da composição; o outro referente à mesma "voz" do poeta-personagem, assinalada por uma série de movimentos e "gestos" verbais (exclamações, interrogações, alocuções), que diferenciam o discurso da "Noite" daquele, digamos, todo interior e mental de "O infinito". Entretanto, a busca de elementos unificantes pode continuar além daqueles níveis mínimos, mas reconheça-se a peculiaridade temática da lírica não tanto no desenvolvimento de um motivo, quanto numa dinâmica de motivos, digamos mesmo numa "vicissitude". O momento culminante dessa vicissitude é a introdução do canto

*In *Leopardi e i segnali dell'Infinito*. Bologna: Il Mulino, 1985, p. 153-163.

do artesão, que interrompe as considerações do poeta sobre a própria infelicidade de excluído, encaminhando suas reflexões para o fim de todas as glórias humanas. É o caso mais flagrante na poesia leopardiana, naturalmente disposta a acolher os chamados do mundo exterior (segundo a sugestiva caracterização fubiana),[1] de um registro de evento entendido como sendo simultâneo à enunciação poética. Pense-se, nesse sentido, na introdução do sussurrar do vento, no "Infinito":

> E, ouvindo
> O vento sussurrar por entre as plantas,
> O silêncio infinito à sua voz
> Comparo:

ou ainda na introdução do repique da hora, nas "Lembranças":

> Vem o vento trazendo o som das horas
> Desde a torre do burgo.

Em ambos os casos trata-se, como na "Noite", de um evento acústico. Mas, diferentemente do sussurrar do vento n'"O infinito" e do som da hora nas "Lembranças", o canto do artesão na "Noite" tem o efeito de desviar mais que secundar o curso dos pensamentos do sujeito lírico. Ora, a vicissitude da "Noite" está mesmo neste desvio: através deste "a mente do poeta se separa da sua dor presente, considerando-a misturada e quase confusa no fluxo infinito dos eventos" (Levi).[2]

O esquema de uma similar passagem da própria dor em consideração com a sua nulidade já fora fixado num apontamento do *Zibaldone* pouco posterior ao do canto dos aldeões passageiros:

> Tudo é nada no mundo, até o meu desespero [...] Pobre de mim, é vã, é um nada também esta dor, que em certo tempo passará e se anulará, deixando-me num vazio universal...

A novidade temática da "Noite" em relação àquela passagem é que o nada aqui se identifica com a mesma infinidade do tempo: no esquema do *Zibaldone* se insere, então, no recordado apontamento do *Zibaldone*. O enxerto é tido como possível justamente por aquele evento externo, a voz do artesão, cujo efeito termina com um resultar análogo àquele da "voz que me chama à cena" no famoso trecho das *Recordações da infância e da adolescência*:

---

[1] FUBINI, Mário. Introdução a G. Leopardi, *Canti*, edição refeita com a colaboração de E. Bigi. Torino, 1971, p. 12.

[2] LEOPARDI, G. *Canti*, por G. A. Lévi, Florença, 1928, p. 125.

> Minhas considerações sobre a pluralidade dos mundos e a nulidade de nós e desta Terra e sobre a grandeza e a força da natureza que medimos com as torrentes, etc, que são um nada neste globo, que é um nada no mundo, e desperto por uma voz que me chama à cena onde então me pareceu serem um nada a nossa vida, o tempo, os nomes célebres e toda a História, etc.

Estamos, então, bem no meio daquela "fenomenologia do infinito", que constitui a temática principal dos idílios: uma fenomenologia aqui dirigida à vertente do tempo, mas cujos traços podem voltar na mesma lírica epônima, ou seja, na evocação do sussurrar do vento como suscitador de pensamentos sobre as "mortas estações". Em ambos os casos se parte de um estímulo acústico percebido sobre um fundo de silêncio para chegar à revelação da imensidade do tempo. A diferença é que n'"O infinito" vigora uma ulterior distinção entre as mortas estações e o eterno, enquanto na "Noite" (e no trecho do *Zibaldone*) as duas noções permanecem inteiras, o passado exterminado coincide com a própria infinidade do tempo ("infinidade do passado que vinha à minha mente"). Sussurrar do vento e canto longínquo se encontram, aliás, associados como suscitadores de sensações infinito-indefinidas, independentemente das reflexões sobre o tempo, na página do *Zibaldone* sobre o efeito dos sons em relação à idéia do infinito:

> É agradável por si mesmo, isto é, não por outra razão, senão por uma idéia vaga e indefinida que desperta, *um canto* (o mais desprezível) ouvido ao longe ou que pareça longínquo sem o ser, ou que *vá aos poucos se distanciando*, e tornando-se insensível ou até vice-versa (porém menos) ou que seja tão distante, em aparência ou de verdade, que o ouvido e a idéia quase o percam na vastidão dos espaços [...]. É agradável qualquer som (mesmo muito vil) que se disperse de forma ampla e vasta [...]. A essas considerações pertencem o prazer que pode dar, e dá, (quando não seja vencido pelo medo) o fragor do tom, sobretudo quando é mais surdo, quando é sentido em campo aberto; *o sussurrar do vento*, em especial nesses casos, *quando freme de modo confuso numa floresta*, ou entre os vários objetos de um campo, ou quando é ouvido ao longe, ou dentro de uma cidade encontrando-se pelos caminhos, etc. [*Zibaldone*, 16 de outubro de 1821; os grifos são obviamente nossos.]

Acrescente-se que ao fim dessa página a ambientação noturna de tais fenômenos é vista como um incremento do mesmo indefinido:

> A noite, ou a imagem da noite, é a mais propícia a ajudar, ou até a raciocinar, os chamados efeitos do som.

Com certeza, em relação ao hedonismo declarado da página do *Zibaldone* ("É agradável", "o prazer que pode dar") e do próprio "O infinito" ("me é doce"), o motivo da "Noite", assim como aquele do *Zibaldone*,

pode ser inscrito de preferência no registro da elegia ("Ai, pelo caminho...", "Minha dor ao sentir..."). O traço temático diferencial, nos dois últimos casos, é que a voz longínqua é ouvida no silêncio consecutivo a um dia de festa, com todas as possibilidades que esta circunstância inicie um desenvolvimento das reflexões sobre o tempo, no sentido angustiado do "tudo passa", até a retomada do antigo tema do *ubi sunt?* (particularmente familiar à memória de um leitor de Luciano e de Ossian). Mas essa especificidade temática não é, vendo bem, senão a atualização de um aspecto do infinito leopardiano, por sua natureza ambivalente: tanto que não é impróprio supor a sua volta na situação da lírica "O infinito" e da mesma página do *Zibaldone* sobre os sons, um componente subentendido de aflição (para quem "é agradável" quer dizer todo avaliado "é poético"). Nenhum espanto então se, no que diz respeito ao plano dos significantes, é possível individuar no tecido lingüístico da "Noite" alguns efeitos fono-evocativos ligados ao uso de particulares timbres vocálicos e consonânticos, segundo a técnica inaugurada na lírica "O infinito": em especial, na evocação do canto do artesão, o uso de *a* tônico com função dilatante, e de encontros de nasal mais consoante com efeitos de ampliação sonora: "*odo non lunge il solitàrio canto / dell'artigiàn*"; "*un cànto che s'udia per li sentieri / lontanàndo...*" (com a rima interna *canto: lontanando,* tida como mais evocativa que a sonorização da dental no segundo caso) [Não longe escuto o solitário canto / Do artesão"; "Pelos sendeiros um cantar se ouvia / Que na distância".

Essa inscrição do motivo para a área temática do infinito pode dar razão de quanto, a seu modo catártico, resulte no desdobramento da lírica: isto é, de quanto a consideração do fluir infinito dos eventos, não incrementando o desespero inicial (como desejaria Peruzzi, considerando o motivo do *ubi sunt?* homogêneo à indiferença da natureza contra o poeta, "a dimensão universal do destino pessoal de Leopardi",[3] e reconhecendo mesmo nessa *gradatio* a unidade temática da composição), transfira aquele desespero para a contemplação "serenizante-pungente" (Binni)[4] de um destino final de anulação. O desenvolvimento temático (e, acrescentemos, poético) da "Noite" se apresenta justamente numa vicissitude de frustração atormentada da dor pessoal (recorde-se: "Tudo é nada no mundo, até o meu desespero"), antes que num processo de universalização daquela dor: o eu dos "idílios", diferentemente daquele dos cantos pisano-recanateses, é ainda um eu singular. De resto, a projeção do canto do artesão no passado, na recordação da infância, é entendida

---

[3] E. Peruzzi, *op. cit.*, p. 125.

[4] BINNI, W. *La protesta di Leopardi*, Florença, 1973, p. 51.

mesmo no sentido de um gozo do motivo em todas as suas implicações vago-indefinidas (com os ligados efeitos doce-atormentantes), ficando o reconhecimento da infância como matriz de todas as sensações indefinidas da idade adulta:

> ... observai que talvez a maior parte das imagens e sensações indefinidas que experimentamos, mesmo após a infância e pelo resto da vida, são apenas uma lembrança da infância, referem-se a ela, dela dependem e derivam, são como um seu influxo e conseqüência; ou, de forma geral, ou mesmo em espécie; quer dizer, experimentamos aquela tal sensação, idéia, prazer, etc, porque nos lembramos e representamos na imaginação aquela mesma sensação — imagens, etc. — sentida quando crianças, e como a experimentamos naquelas mesmas circunstâncias. De maneira que a sensação presente não deriva imediatamente das coisas, não é uma imagem dos objetos, mas da imaginação infantil; uma lembrança, uma repetição, uma repercussão ou reflexo da imagem antiga. [*Zibaldone*, 16 de janeiro de 1821.][5]

Mais que sublinhar a distinção entre um saber adulto e um não saber infantil, a duplicação do motivo no passado adquire, assim, na "Noite" a função de incrementá-lo na perspectiva da recordação, isto é, de criar para ele uma profundidade temporal: análoga, se quisermos, ao "sempre caro mi fu" de "O infinito", exceto a inversão semântica do adjetivo ("*sempre doloroso mi fu*"), também ela, aliás, anulável em um nível mais profundo. O que se confirma pelo citado apontamento de *Zibaldone* em que aquela "aventura do espírito" se refere toda à "primeira idade", como demonstram os verbos no passado:

> Infinidade do passado que *voltava à minha mente*, pensando de novo nos Romanos tão caídos após tanto rumor e nos tantos acontecimentos já passados que eu *comparava* de forma dolorosa com aquela profunda calma e silêncio da noite, fazendo perceber quanto *era útil* o relevo daquela voz de canto rústico

(e note-se, rapidamente, a presença de materiais verbais de "O infinito": *infinidade, voltava à minha mente [= lembro-me], repensando [= no pensamento, o meu pensamento], comparava [= comparando], profunda calma, silêncio, aquela voz*).

No âmbito dessa dinâmica interna da lírica, mesmo em função de 'margem' para o motivo da infinidade anuladora do tempo, justifica-se a violência do 'grito' em que culmina a primeira parte, moldado no seu fisicismo sobre aquelas expressões da "antiga dor" bem familiares à cultura leopardiana, como é demonstrado em alguns apontamentos do *Zibaldone* que ali são explicitamente referidos:

---

[5] A chamada a essa página do *Zibaldone*, a propósito do canto do artesão na infância, é uma sugestão de Contini, *art. cit.*

Dor antiga. Era frase costumeira para exprimir as desventuras, etc, dizer que tal *jazia por terra*, isto é, virava-se entre a poeira [...]. Em Homero (*Ilíada*, Σ, 26), Aquiles, sabendo da morte de Pátroclo, joga-se por terra, e assim Príamo, pela de Heitor; e Hécuba (na *Hécuba* de Sófocles ou de Eurípedes v. 486-496) está prostrada por terra chorando as suas desventuras e as dos seus, e Sisigambe, mãe de Dario, tendo ouvido sobre a morte de Alexandre, jogou-se por terra. Cut., X, 5. [Novembro-dezembro de 1825.]

Na página 4245, acrescente-se a essas coisas a volúpia (bem conhecida e notada pelos antigos) do chorar, gemer, chiar, ulular nas desgraças; da qual estamos privados. [22 de abril de 1827.]

Mais que de uma "enfática expressão literária", sob a qual "se adverte a irrupção de uma não aplacada experiência autobiográfica" (Fubini-Bigi),[6] trata-se, então, de um outro aspecto daquele "helenismo" de Leopardi, sobre o qual colocaram o acento Lonardi e, sobretudo, Peruzzi.[7]

Isto não impede que na primeira parte da lírica certas reservas dos leitores encontrem alguma motivação, sobretudo no que concerne à relação entre descrição paisagística e drama pessoal. A ligação entre os dois momentos já pode ser encontrada, como se viu, na carta a Giordani, de 6 de março: mas, em relação àquela passagem admiravelmente unitária (em cuja descrição da incipiente primavera se apresenta toda em função de um 'ressurgimento' do coração, inspirador por sua vez do impulso desesperado do poeta), os dois momentos da "Noite" tendem a uma autônoma consistência. Por um lado tem-se a descrição do luar noturno, conduzida em modos vago-indefinidos da mais fascinante 'ótica idílica'. Para os efeitos de luz, em particular, valerá o reenvio ao *Zibaldone*, 1745 (20 de setembro de 1821): "é muito agradável e sentimental a mesma luz [do sol ou da lua] vista nas cidades, em que é recortada pelas sombras, onde o escuro contrasta em muitos lugares com o claro, onde a luz em muitas partes se degrada aos poucos, como sobre os tetos..."; tendo presente ainda o valor "poético" reconhecido por Leopardi no sintagma *ao longe* numa indicação do *Zibaldone*, 1789 (25 de setembro de 1821). É bem verdade que o inicial "Ai de mim" do autógrafo ("Ai de mim, clara está a noite e sem vento..."), antecipando a intervenção do sujeito, colocava na descrição uma hipoteca decididamente elegíaca, operando como elemento unificador entre as duas partes. Mas a sugestão autônoma da "visão noturna", alimentada pelo recordado modelo homérico, acaba sendo dominante, retardando a sua significação patética em prol

---

6 LEOPARDI, G. *Canti*, *op. cit.*, p. 120, n. 21-23.

7 LONARDI, G. *Classicismo e utopia nella lirica leopardiana*. Florença, 1969, p. 5-8; E. Peruzzi, *op. cit.*, p. 159 ss. (mas veja-se todo o capítulo, intitulado precisamente "Grecità di Leopardi").

de um usufruto 'idílico' local: e isto graças à instauração do adjetivo *doce*, com certeza canônico na tradição poética em conjunção com *clara*, mas sobre cuja escolha deveis atuar, segundo a aguda hipótese de Contini, "a recordação não do simples binômio, porém da sua participação num trinômio inicial ilustre e consolador como 'Claras, frescas e doces águas'".[8] Por outro lado, tem-se o desespero do poeta que, fundamentado num sentimento de exclusão nos confrontos das "agradáveis semelhanças" naturais (como acontecerá depois no tão mais funcional início do "Última canção de Safo"), aí sendo compreendida a mulher enquanto objeto de inquieta contemplação, precisa-se numa situação de tormento amoroso ("quão grande chaga abriste no meio do meu peito"), entregue a uma gesticulação verbal ofegante, segundo os módulos de um Wertherismo poético inaugurado na Itália pelo Monti dos *Sciolti al Chigi* e dos *Pensieri d'amore* (sobretudo do oitavo, cujo ataque descritivo ecoa de modo específico: "Alta é a noite, e em profunda calma / dorme o mundo sepulto...").

Mas a unidade global da composição é garantida pela própria 'vicissitude' que a caracteriza, a qual, enquanto consente a toda a segunda parte uma solidez de desenvolvimento sem brechas, envolve, de certo modo para trás, aquela mesma primeira parte, conferindo-lhe um caráter de necessidade mensurável exatamente pela luz daqueles aumentos. O que vale não só pelo grito que a encerra, mas também pela descrição noturna que a inicia, e que termina com o carregar-se de uma dupla função: uma de todo intensa, como se viu, no motivo do desespero do poeta enquanto excluído do círculo mágico da beleza natural; a outra relativa ao motivo do silêncio dos séculos, que se estende ao "ruído" dos povos passados, retomada a permutação à distância do silêncio "idílico" da noite inicial (e não por acaso no v. 38 retorna o verbo do v. 3: *pousa*). Contudo, o efeito de ajuste para trás se estende também à estrutura da composição, equilibrado de maneira simétrica nas suas duas partes (o canto do artesão é introduzido no v. 24, quase no meio da lírica), emoldurado entre dois 'pianíssimos' (a visão noturna e o canto do artesão recomposto na recordação da infância: as únicas partes da lírica que se referem a uma dicção mental mais que a uma voz monologante), dentre os quais se consome a vicissitude com os seus ápices de movimento mais ou menos especulares, constituídos, respectivamente, dos agitados protestos da primeira parte ("Oh dias horrendos...") e das prementes interrogativas da segunda ("Agora onde está o som / daqueles povos antigos? ..."). O segundo 'pianíssimo', em particular, iniciando no v. 38 ("Tudo é paz e

---

[8] CONTINI, G. *art. cit.*

silêncio..."), assume um duplo valor de *sinal*: um, como foi notado (Peruzzi, Santagata),[9] em relação à evocação do presente do canto do artesão, com as várias retomadas mesmo lingüísticas que o marcam (até a quase identidade do v. 46, "já de modo semelhante apertava-me o coração", com o v. 28, "e altivamente apertava-me o coração"); o outro em relação à própria primeira parte: e aqui além da notada imagem do mundo que "pousa", paralela à lua que "pousa" do v. 3, deve-se marcar o paralelismo-oposição da vigília dolorosa do poeta em relação ao sono plácido da mulher, e a mesma imagem dos "caminhos" pelos quais se perde o canto do artesão, retomada à distância dos caminhos que se calam no v. 5; no plano métrico-sintático, a correspondência é confirmada pela autonomia semântica das duas versões inicial e final ("Doce e clara é a noite e sem vento", "já de modo semelhante apertava-me o coração"): com a precisão, naquilo que concerne ao último, que se revela como o terceiro de uma série de versos sintaticamente isoláveis ("um canto que se ouvia pelos caminhos / afastando-se para morrer aos poucos / já de modo semelhante apertava-me o coração"), confirmando também neste plano, na recomposta harmonia de metro e sentido, o valor essencialmente catártico daquela pungente reevocação.

SOBRE AS DUAS PRIMEIRAS CANÇÕES*

Luigi Blasucci

ATÉ QUE PONTO, perguntamo-nos, é necessário dar crédito a Leopardi por uma mudança averiguada na sua produção, de uma poesia que ele chama de "fantasia" ou de "imaginação", a uma poesia de "sentimento", ou melhor, de "poesia" (a entendê-la, precisamente, como faculdade de criar imagens, ou seja, no sentido em que os antigos foram poetas por excelência, segundo as idéias expressas em algumas páginas do *Zibaldone* e no *Discurso sobre a poesia romântica*) a "filosofia"? Parece-nos que, ao ficar a evolução realizada no seu espírito por volta de 1819, Leopardi tenha se deixado sugestionar um pouco pelo esquema do contraste antigos-modernos de modo que, enquanto consegue com facilidade reconhecer na sua produção após 1819 a presença da reflexão e do sentimento, torna-se

[9] PERUZZI, E. *op. cit.*, p. 141; SANTAGATA, M. O confim do idílio "La sera del dì di festa", em "Strumenti critici", XVI (1982), p. 55-56. Santagata examinou sobretudo a escansão interna do texto, com relevos muito acurados sobre a sua organização métrica.

* In Natalino Sapegno. *Antologia della storia e dellla critica letteraria.* Florença: G. Marzocco, 1980, v. 3; p. 423-440.

mais problemática a identificação daquela poesia das imagens com a produção anterior a 19, a não ser que não devam ser entendidos por "imagens" os vários trechos retóricos, tropos e semelhanças, que povoam as duas canções patrióticas, e ainda antes, os tercetos de "Aproximação da morte" e da "Elegia primeira" e "Segunda": procedimentos literários tradicionais de inspiração tipicamente classicista, com que o jovem poeta procurava mudar e enriquecer pelo exterior uma matéria em tudo parenética, sentimental. Além disso, a uma leitura mais atenta daquela página do *Zibaldone*, não poderão escapar algumas expressões que tendem, em certo sentido, a atenuar a rigidez da distinção proposta:

> Eu era decerto muito sensível até aos extremos... Sempre fui desventurado, mas as minhas desventuras de então eram cheias de vida... É bem verdade que até então, quando as desventuras me constringiam e afligiam muito, eu me tornava capaz até de certos afetos em poesia.

À luz destas atenuações e das precedentes reservas, o histórico da poesia leopardiana poderá concordar com o autor sobre quanto se refira a um maior conhecimento "filosófico"da infelicidade, definido nos meses por volta de 1819 ("nesses pensamentos", admite o próprio Leopardi, "escrevi em um ano quase o dobro do que havia escrito em um ano e meio, e sobre matérias pertencentes, sobretudo, à nossa natureza"), mais que sobre uma verdadeira e própria passagem qualitativa de uma poesia de imaginação a uma poesia de sentimento: sendo, ao contrário, evidente que o estímulo decisivo ao poetar, além das tentativas literárias da primeiríssima adolescência, veio a Leopardi do próprio sentimento doloroso do seu estado, produzido ao término de extenuantes fadigas psicológicas e expresso em formas, pelo quanto se desejem, literárias e severas, no "Aproximação da morte". A constatação histórica que "da dor se inicia e nasce o itálico canto", inspirada no exemplo de Petrarca na canção a Mai, pode ser com razão aplicada ao canto leopardiano.

Uma séria tentativa de inserção em conjunto, e não marginal (a *ars dictandi*) ou parcial (os lugares "poéticos" supracitados), das duas canções patrióticas na linha mestra dos *Cantos*, foi recentemente realizada por Figurelli, o qual, além das contradições latentes no programa leopardiano de uma regeneração nacional e civil, indicou como motivo de fundo operante nas duas canções o "mito da história do mundo concebida como a progressiva morte das ilusões e o esgotamento da alma humana". A canção "À Itália" e aquela "Sobre o monumento a Dante", com os episódios culminantes dos mortos em Termópolis e dos mortos na Rússia, viriam assim exprimir os dois aspectos complementares daquele mito: o passado nostálgico e o presente doloroso. Interpretação sugestiva, sem dúvida, e certamente não desprovida de alguns elementos de verdade:

mas que, no conjunto, julgamos unilateral, enquanto tende a acentuar um aspecto particular daquelas canções, aproximando-as, sem dúvida, das sucessivas canções "filosóficas" e negligenciando aqueles elementos de modo algum marginais que as ligam à concreta situação ideológico-sentimental de Leopardi, próximo aos últimos meses de 1818.

Quem percorrer outra vez as cartas trocadas com Giordani durante um ano e meio, do primeiro conhecimento até a visita do literato placentino a Recanati, ocorrida naquele setembro de 1818, em que foram compostas as duas canções, poderá constatar que, após os preâmbulos repletos de respeito e de intensa admiração, Leopardi se decide logo a notificar ao amigo a infelicidade do seu estado, devida aos dois fatores conjuntos da precariedade da sua saúde e da desolação de Recanati... Essas confissões culminam com a famosa carta de 2 de março de 1818, em que faz alusão aos "sete anos de estudo louco e muito desesperado", onde a declaração da própria irremediável infelicidade se enriquece com uma nota de heróica consciência, da qual De Sanctis pôde falar a propósito do "martírio de um Titã que não geme e não se lamenta":

> Essa e outras infelizes circunstâncias colocaram a sorte ao redor da minha vida, dando-me uma tal abertura de intelecto para que eu as visse claramente, e percebesse aquilo que sou, e de coração, para que soubesse que a ele não convém a alegria... Eu sei, então, e vejo que a minha vida não pode ser senão infeliz: todavia não me assusto, e assim pudesse ela ser útil a alguma coisa, visto que eu procurarei sustentá-la sem vileza.

Neste fundo de dolorosa consciência tomam forma nestes anos alguns sentimentos que, sem se tornarem vãos por aquela consciência, são por ela, de certo modo, exaltados, colorindo-se com uma tinta especial ao mesmo tempo heróica e desesperada. Antes de tudo o amor à glória... Nas mesmas cartas a Giordani, ao lado das confissões de infelicidade que vimos, podem ser lidas expressões em que o amor à glória e o horror à mediocridade são atestados com veemência:

> Eu tenho um imenso, talvez desmedido e insolente desejo de glória... (21 de março de 1817); É claro que não quero viver entre a multidão; a mediocridade me causa um medo mortal. (26 de setembro de 1817.)

Desejo de grandeza, então, e consciência da própria infelicidade: já está próxima a explosiva confissão da famosa carta ao pai (julho de 1819):

> Quero, de preferência, ser infeliz a ser pequeno.

Outro sentimento dominante no Leopardi desses meses, e decisivo para a constituição da sua personalidade, é o sentimento amoroso, ligado à figura da prima Gertrude Cassi, que lhe inspirou as *Memórias do*

primeiro amor e as "Elegie prime" (depois incluídas nos *Cantos* sob o título de "O primeiro amor") e "Seconda" (parcialmente acolhida nos *Cantos* com o fragmento "Eu que vagando em torno da limitação"). As *Memórias do primeiro amor* são talvez o documento mais importante da personalidade leopardiana antes de 1819: ali já se pode divisar aquela lucidez imperturbável da análise que permanecerá em seguida como uma prerrogativa muito grande do Leopardi maduro. O amor é um elemento catalisador, em torno do qual são reunidos os traços fundamentais da personalidade leopardiana desses meses: a consciência da própria infelicidade, ou melhor, da própria vocação à infelicidade; mas, ao mesmo tempo, o conhecimento aristocrático de um sentir muito intenso, de um coração "sensitivo, delicado e poético" aberto aos sentimentos elevados e desdenhoso de coisas medíocres ou baixas; enfim, o sentimento da glória que, de início, foi posto de lado, funde-se depois, naturalmente, com a consciência daquele elevado sentir...

Dentro dessa trama de sentimentos já bem assinalados pela impressão de uma personalidade ressentida e triste será enquadrada a outra paixão de Leopardi aos vinte anos: o amor à pátria... Quando e sob quais influxos se produzira em Leopardi a "conversão" política não é fácil de se determinar com precisão. Na *Carta aos senhores compiladores da Biblioteca Italiana em resposta àquela de M^me^ a baronesa de Staël Holstein*, de 18 de julho de 1816, há uma fervorosa proclamação de amor pátrio, mas exclusivamente ligada a razões de ordem literária:

> Se me é lícito, direi a exemplo da Senhora, falar um instante sobre mim: eu, como Talete agradecia ao Céu por tê-lo feito Grego, agradecendo-o de coração por ter-me feito Italiano, não desejarei dar a minha pátria por um Reino, e isto não pelo poder da Itália, que ninguém tem, nem pelo seu belo clima com o qual pouco me importo, nem pelas suas belas cidades com as quais me importo ainda menos, mas pelo engenho dos Italianos, e pela maneira da literatura italiana que é, dentre todas as literaturas do mundo, a mais afim à grega e à latina.

Além disso, essa motivação não pode ser considerada ocasional, mas representa, como também notou Figurelli, um traço constante do patriotismo leopardiano. Ela voltará, com efeito, na carta de 21 de março de 1817 a Giordani, a primeira em que Leopardi fala amplamente sobre si, onde o amor pátrio é apresentado (com o desmedido e insolente desejo de glória) como um sinal fundamental do jovem escritor:

> De Recanati não me fale... Mas a minha pátria é a Itália pela qual me inflamo de amor, agradecendo ao Ceú por ter-me feito Italiano, porque, no fim, a nossa literatura, mesmo sendo pouco cultivada, é a única filha legítima das duas únicas verdadeiras entre as antigas.

Também no *Discurso de um italiano sobre a poesia romântica* (por volta de março de 1818) o sentimento patriótico, expresso na exortação final aos jovens, refere-se às razões literárias: mas aqui essas não são mais as únicas, enquanto a preeminência da literatura italiana sobre as outras modernas é vista como a última razão de superioridade que sobeja da Itália, dilacerada e despida de todo o resto. A "conversão" política, então, se realizou. Essa conclusão de discurso é particularmente importante para os nossos fins, enquanto contém todos os elementos que formarão, mais tarde, a matéria das duas canções patrióticas: há a consideração da miséria presente, a chamada aos antigos pais, o conceito de uma Itália duas vezes vencedora de povos, a execração da França. Mas o que mais nos leva a pôr em evidência nesta peroração é o tom doloroso e apaixonado que a percorre por inteiro, o relevo particular que é dado à infelicidade da Itália:

> Mas já ao terminar, sendo forçado até aqui a reprimir os impulsos da minha alma, não posso mais contê-los, nem considerar que eu não me dirija a vós, Jovens italianos, e vos peça que pela vossa vida e pelas vossas esperanças vos apiedeis desta nossa pátria, cuja queda numa calamidade tão grande quanto jamais se ouviu em nenhuma outra nação no mundo, não pode esperar nem quer pedir auxílio a ninguém além de vós. Eu morro de vergonha, de dor e de indignação ao pensar que ela, muito desventurada, não obtém dos presentes uma só gota de suor... Socorrei, ó Jovens italianos, a vossa pátria, ajudai esta que se aflige e jaz e possui muito mais calamidades do que necessita para comover, não só os filhos, os inimigos... Tudo caiu: enferma, prostrada, combatida, pisada, dilacerada e, por fim, perdida a glória militar, feita em pedaços, desprezada, ultrajada, escarnecida por aquela própria gente que distendeu e esmagou...

É mesmo aqui que se apresenta, a nosso ver, o caráter intimamente autobiográfico do patriotismo leopardiano. E quanto a infelicidade da pátria estava ligada ao sentimento da prórpria infelicidade, e daquela de todos os homens, pode ser confirmado por um esboço do *Hino ao Redentor*, do verão de 1819, onde Cristo é invocado como "testemunha singular das nossas imensas fadigas": entre cujas fadigas se compreende também a miséria da pátria:

> E já foste visto chorando sobre Jerusalém. Estava de pé esta tua pátria (visto que tu também quiseste ter uma pátria na Terra) e devia ser destruída, desolada, etc. Assim todos somos feitos para nos desgraçarmos e nos destruirmos reciprocamente, e o Império Romano foi destruído, e Roma também foi saqueada, etc, e agora a nossa mísera pátria, etc, etc, etc.

Em outro desses esboços de hinos sacros, além disso, está anotado: "Invocação a Maria pela pobre Itália."

Sentimento de uma própria condição de infelicidade, inquietação vaga de grandeza, conhecimento de uma sensibilidade aristocrática, não

distinto, entretanto, da consciência dolorosa de uma exclusão; solicitude atormentada pelos destinos da pátria, sentida simpaticamente como uma grande infeliz, necessitada de ajuda: esta é a situação sentimental de Leopardi aos vinte anos, às vésperas das duas canções patrióticas. No fundo, solicitado pelo estudo apaixonado pela Antigüidade, já começa nesses meses a se delinear algum motivo de meditação "filosófica", que encontrará, então, o seu desenvolvimento nos meses sucessivos: o contraste entre "razão" e "natureza" ("Grande verdade, mas é necessário ponderá-la bem. A razão é inimiga de qualqueer grandeza, a razão é inimiga da natureza: a natureza é grande, a razão é pequena..."; a motivação da decadência dos povos com a sua civilidade, ou seja, com o abandono de belas ilusões e com o afirmar-se da razão). São motivos que atuarão em segredo, em contrapartida, presentes nas primeiras canções, da Itália moderna à Itália antiga, por Roma e pela Grécia, como amplamente demonstrou Figurelli, que, antes, quis fazer disso o centro poético das duas canções: forçando um pouco os tempos, a nosso ver, enquanto o motivo do contraste antigos-modernos alcançará o seu relevo autônomo apenas mais tarde, precisamente nas chamadas canções "filosóficas". Mas já terão sido, então, decisivas as meditações de 1819, não tanto, como se viu, pela passagem de uma poesia de imagens a uma poesia de sentimento, quanto por uma plena tomada de consciência das razões "filosóficas" da infelicidade. Infelicidade essa que, entretanto, é vista ainda nas suas manifestações extremas como um triste privilégio de cada criatura de um modo particular desventurada: o poeta, a pátria, os jovens mortos na Rússia, as duas mulheres das canções fúnebres (primórdios de 1819), rejeitadas em seguida. Daí aquele tanto de pateticamente vistoso que caracteriza as composições desse período, todas mais ou menos empenhadas na representação de situações tipicamente infelizes. Apenas, o que faz a superioridade das líricas patrióticas em relação às outras, é mesmo aquela possibilidade de transposição histórico-literária de uma situação sentimental intimamente autobiográfica, que constitui já uma superação daquele eu empírico, ainda petrarquiano, dominante na "A proximação" e nas elegias. Entre aquele sujeito intimidador e o universal nós das canções filosóficas, o eu heróico e eloqüente das duas primeiras canções patrióticas ocupa uma posição à parte, que, enquanto pelo seu conteúdo histórico alude àquele sujeito mais amplo, com o qual terminará por coincidir já na canção a Mai, retém ainda aquela liberdade de movimentos individuais própria do autor das elegias e das canções fúnebres. E é mesmo este sujeito o protagonista poético das canções, com os seus movimentos patéticos ou agonísticos: movimentos destinados a se reproduzirem de várias maneiras, além da experiência "idílica" ou "filosófica", em alguns cantos da maturidade e

na presença de conteúdos mais amplos, no momento em que o poeta terá adquirido uma consciência mais radical da noção de infelicidade. No mais, não é esquecido o nexo que liga o patriotismo às outras atitudes de Leopardi aos vinte anos, em um nó ainda indistinto de interesses afetivos. Há, ao contrário, um precioso documento desses meses, um argumento de elegia esboçado no dia do seu vigésimo primeiro aniversário, em que Leopardi recapitula a situação sentimental, fundindo, ao mesmo tempo, num único movimento patético, a consciência dolorosa do seu estado, a sua vaga inquietação de grandeza, o amor à sua senhora e o amor à pátria infeliz.

LEOPARDI E A DESILUSÃO HISTÓRICA*

Cesare Luporini

NÃO QUEREMOS AQUI RETOMAR A QUESTÃO se Leopardi foi ou não "filósofo". Ela é ociosa, uma vez que feita de maneira abstrata. Sob o rótulo de "filósofo" podem ser entendidas, na realidade, coisas bastante diversas e, no fim, não se pode admitir que todo homem é filósofo, porque todos os homens vivem segundo uma intuição do mundo e da vida (seja ela coerente ou incoerente), intrinsecamente ligada à linguagem que fala e aos valores que agem sobre ele. Torna-se, então, uma questão a mais ou a menos, que não pode ser solucionada na análise particular. Todavia, no limiar desta análise, não pode deixar de ser feita esta pergunta: a chamada "filosofia" de Leopardi tem importância apenas como ingrediente, como matéria da sua poesia, ou seja, como parte do seu "mundo poético", ou apresenta também um interesse autônomo? A esta pergunta já se respondeu de várias maneiras, até opostas; parece, contudo, que caímos quase sempre em situações extremas, negando ou aceitando a filosofia de Leopardi. Leopardi fala muito do "seu sistema" e não sem razão, porque há uma coerência, ou, ao menos, uma correlação sistemática entre as atitudes fundamentais do seu pensamento; não parece possível, entretanto, inserir esse "pensamento" de Leopardi naquela conexão problemática e crítica, sempre historicamente renovada, da investigação sobre a realidade, por causa da qual, com resultados novos e fecundos, toda geração volta a ler e interpretar os *Diálogos* de Platão ou o *Discurso sobre o método* ou a *Lógica* de Hegel. O pensamento de Leopardi permanece excluído de tal conexão, que é, então, aquela do puro momento da cientificidade, intrínseco à filosofia; e é neste sentido que devemos acolher o

* In *Filosofi vecchi e nuovi*. Florença: Sansoni, 1947; p. 185.

parecer de que Leopardi não foi filósofo. Mas aquele momento crítico, objetivo e científico do filosofar, na verdade, nunca é apresentado separadamente, mas está sempre ligado a um outro momento que o sustenta e que lhe fornece o terreno primordial da investigação, o momento que podemos chamar de *Weltanschauung*, expressão de concretas e reais situações humanas e históricas, unificação ainda que sempre provisória, mas, que condiciona o configurar-se e a escolha dos problemas particulares e científicos: da sua solução a *Weltanschauung* se sujeita aos resultados e ao estímulo, mas neles constitui também o seu limite imanente. Apenas a interpretação histórico-crítica pode, de vez em quando, *a posteriori*, distinguir os dois momentos. Estes, na cultura européia do Renascimento em diante, foram muitas vezes intensamente polarizados, e, ao lado dos filósofos, em sentido técnico e crítico-científico, existiram os moralistas, elaboradores de imediatas experiências humanas, específicas a uma época, a uma classe, ou a uma personalidade relevante (mesmo sendo apresentadas *sub specie aeternitatis*), cujo pensamento é marcado de forma característica por uma acentuação otimista ou pessimista da visão do mundo e das coisas que, como tal, se exila da pura investigação científica. Essas experiências e essas elaborações (muitas vezes radicadas na vida religiosa) tiveram um peso muito grande no desenvolvimento da cultura e da própria filosofia moderna, e basta recordar os humanistas italianos, Erasmo e Montaigne, Pascal e Pope e, em geral, os moralistas franceses e ingleses dos séculos XVII e XVIII, chegando a um Kierkegaard ou um Nietzsche.

A "filosofia" de Leopardi se resolve toda, ou quase toda, nesse terreno: ele foi um grande "moralista", uma aparição muito rara na tradição italiana e, por isso mesmo, não facilmente compreensível para nós. O seu pensamento surge de uma experiência trágica, representada e analisada de forma intensa, e ainda, como se disse, experiência de uma "vida sufocada": mas uma vida sufocada ainda é uma vida, e pode se tornar, até mesmo de maneira histórica, muito indicativa. A importância desta experiência e da sua expressão não está, portanto, na sua pretensão à universalidade científica, mas na intensidade e precisão que adquire e consegue manter dentro do limite que lhe é próprio, pela qual se torna, de algum modo, exemplar e típica. A experiência leopardiana tem suas raízes sobretudo na época romântica, mas, entretanto, a ultrapassa na direção para a qual se desdobra, pela pureza e viril sobriedade com que viveu e foi feita objeto de reflexão, isenta como é de complacência de esteta e, quase sempre, do gosto pelo sofrimento e dilaceração por que se materializou: "consciência infeliz" que não se ilude consigo mesma. Os termos em que se precisa essa experiência estão, no seu decompor-se e recompor-se, estrita e, de certo modo, filosoficamente ligados à vicissitude

individual de Leopardi; todavia, por aquela mesma particular exemplaridade e intensidade, apresentam, numa nuance toda sua, a crise de uma sociedade e de uma época (onde se encontra a ressonância européia de Leopardi), de maneira que se pode dizer que na alma moderna há uma nota inconfundível que é o "momento leopardiano". É o momento, dramaticamente tolerado, do isolamento do mundo interior, da sua incongruência com a realidade histórica e com os fatos diários da vida. Um momento que Hegel já havia sentido e indicado de forma arguta em um fragmento juvenil:

> A nostalgia em relação à vida daqueles que têm elaborado dentro de si a natureza na idéia... não podem viver sozinhos, e o homem está sempre só até mesmo quando a natureza se coloca à sua frente, e dessa representação fez o seu companheiro e nela se regozija; ele deve considerar ainda o representado como um ser vivente.

Esse foi precisamente o problema inicial e fundamental de Leopardi, aquele pelo qual se iludiu: considerar o representado, a imagem, como um ser vivente. Acrescentava Hegel:

> O estado do homem, que o tempo caça em um mundo interior, pode ser apenas uma morte perpétua, se quiser nele se manter; ou, se a natureza o impele à vida, só pode ser um desejo de superar o aspecto negativo do mundo subsistente, para poder se encontrar e se regozijar, para poder viver.

Leopardi viveu em tal desejo e nele fracassou. Impelido à vida, não pôde superar "o aspecto negativo do mundo subsistente": não se tratava apenas do mundo das suas míseras vicissitudes pessoais, mas da época em que foi constrangido a rejeitá-lo. Ele não pôde "encontrar-se e se regozijar" nesta, não pôde, nesse sentido, "viver". Procurou, e não pôde encontrar, o "representado como um ser vivente". Esse "representado" assim foi por ele chamado de ilusão. Caçado e isolado do tempo e das circunstâncias no "mundo interior", o estado, mal suportado, que analisou e procurou teorizar foi o estado da "morte perpétua", o tédio, o fastio.

O tédio, grande tema dos românticos, é princípio e fim do "sistema" de Leopardi, mas não representa, sozinho, o seu completo dinamismo. A relação que Leopardi tem com ele, assim como com todos os termos do seu mundo filosófico (natureza, razão, ilusão, etc), é uma relação pessoal e dramática, de consentimento ou ressentimento, de aceitação ou deprecação. Esses mesmos termos tornam-se personagens de um drama. O fastio revela o vazio, a nulidade das coisas, conclui Leopardi. Mas o vazio, o nada, são personagens trágicas apenas enquanto correspondem a uma aspiração insatisfeita, que julga ser muito mesquinho aquilo que é dado e que pode vir a ser dado. Essa aspiração insatisfeita apresenta um vulto descoberto, que Leopardi analisa e leva ao paradoxo, mas que tem

ainda uma substância escondida que cabe a nós trazer à luz. Essa substância é, veremos, a rude desilusão histórica que se encontra na origem do dissídio leopardiano. Ela é revelada mesmo pela pertinaz vontade que teve Leopardi de manter-se ligado ao jogo rigoroso dos termos que a exprimiam, que é como dizer às próprias convicções racionais, e não fugir no vazio, e do infinito sentiu (e teorizou) toda a sugestão poética. Não é preciso esquecer que esse romântico foi um ateu e um materialista, que não só se manteve fiel, mas sempre se confirmou, por fim quase com furor, nos princípios do Setecentos; e já havia combatido, ao surgir na Itália, o Romantismo literário, do qual nunca acolheu as formas e as figurações convencionais, mesmo quando a sua poesia de imagens se fez, por uma crise de vida, como nos disse, "poesia de sentimento", ou seja, poesia romântica:

> Não me tornei sentimental senão quando, perdida a fantasia, tornei-me insensível à naturèza e todo entregue à razão e à verdade, isto é, filósofo.

Era justamente disso que Leopardi, antes de mais nada, havia culpado o Romantismo: de mesclar poesia e vida; coisas que o classicismo e a sua poética mantiveram distintas, e substituir, assim, o efeito pela sua causa, a emoção pela imagem, imitação da natureza. Eles "não percebem", havia escrito contra os românticos,

> que precisamente esse grande ideal dos nossos tempos, esse conhecer tão a fundo o nosso conhecer, esse analisar, prever, distinguir um por um todos os menores efeitos, em suma, essa arte psicológica, destroem a ilusão sem a qual não haverá uma poesia eterna, destroem a grandeza do espírito e das ações.

> Não percebem que se perdeu a linguagem da natureza e que este sentimentalismo é apenas o envelhecimento do nosso espírito.

Ora, esse envelhecimento é aquilo que Leopardi acaba mesmo por aceitar como um fato, como o destino do homem moderno. Esse envelhecimento se constitui do domínio da razão. Que os modernos sejam mais "velhos" e, portanto, mais espertos e maduros que os antigos, foi, na secular questão entre antigos e modernos, a tese dos que olhavam confiantes para o progresso dos próprios tempos e para o futuro. Não é por acaso, veremos, que esta seja a tese que se mantém em Leopardi; contudo, invertida nos seus valores. O domínio da razão se torna um elemento negativo. Mas negativo até que ponto? Até que ponto a razão será rejeitada por Leopardi? E o que é esta razão?

Para Leopardi, o Romantismo é uma conseqüência do racionalismo, não por antítese dialética, mas porque a razão, ao destruir as imagens, em cujo jogo objetivo o mundo clássico estava fechado e guar-

dado, dá lugar a um "transbordar" do sentimento. Estabelece-se, dessa forma, uma peculiaríssima continuidade entre razão e sentimento que virá a ser uma característica intrínseca da impura poesia leopardiana. Mas essa continuidade, nos mesmos termos, é projetada por Leopardi até no plano histórico e constituirá para ele o dramático e fundamental problema, sondado de diversas maneiras, da relação da sua própria época com o século que a precedeu. A antítese não se apresenta, então, em Leopardi, ao que parece, entre outros termos: inicialmente entre sentimento e imagens; antítese, dir-se-ia, toda literária. Mas já se operava, por detrás, um contraste vital: ao qual Metastasio ou Monti e os opostos românticos eram de bem pouca conivência; o contraste vital entre natureza e razão, primeira cena do drama leopardiano.

Entre Leopardi e Rousseau, entretanto, a divergência é substancial, e essa divergência se tornou mais importante pelo que aconteceu nos anos decorridos entre eles. Rousseau vive *ante rem* e Leopardi *post rem*, e esse fato, decisivo para a posição histórica de ambos, foi a grande Revolução. Rousseau abrira caminho para a Revolução e abrira também caminho para o Romantismo. Ora, Leopardi, que vive no Romantismo, rejeita-o e não se entrega às solicitações éticas e políticas que dele provinham. E aqui se apresenta o ponto mais delicado para entender toda a posição de Leopardi, o seu drama, o seu íntimo dissídio, que não é tanto e apenas um dissídio pessoal e subjetivo, mas um dissídio histórico. Aquela razão, a razão setecentista, a qual condena, é também a razão que ama, a única que reconhece e sempre reconhecerá como tal, precisamente aquela que produzira a filosofia racionalista e materialista do Setecentos, aquela que acendera tantas esperanças em todo o campo da civilização humana, e, sobretudo, da vida social e política, esperanças com as quais Leopardi ainda se identifica e que, todavia, reconhece que se frustraram com os próprios tempos. Na raiz de toas as atitudes de Leopardi contra a "razão" e contra a "filosofia" se encontra essa desilusão histórica, em cujo momento político é, naturalmente, decisiva. A razão que deveria destruir para sempre a barbárie, as superstições, instaurar a igualdade e a democracia, levar o homem civil ao justo e sadio equilíbrio com a natureza, destruído nos "tempos baixos", destruído pelo Cristianismo, e depois pelo auge de despotismo que foi, segundo Leopardi, o Seiscentos, pois bem, essa razão se perdeu; a Revolução por ela produzida se obscureceu, e surgiu o despotismo napoleônico e depois, sobretudo, a época presente, a Restauração, em que a melhor coisa, a mais progressiva, é o compromisso liberal monárquico-constitucionalístico, o qual Leopardi, mesmo reconhecendo o seu relativo valor, repugna como o primeiro dentre todos os compromissos.

Essa desilusão histórica e com ela o entusiamo desencantado e, portanto, extinto, ou transformado em aspereza e quase em ressentimento,

e, entretanto, com uma inconcutível e escondida fé em relação à razão e à filosofia setecentista, fremem nas páginas do *Zibaldone*, especialmente em toda a sua primeira metade. Reproduzimos aqui uma página dentre as mais iluminantes. Leopardi descreveu e falou, uma das tantas vezes, sobre o estado de barbárie e despotismo, e continua:

> O mundo apodreceu em seguida, nesse estado, desde o início do Império Romano até ao nosso século. Neste último século, a filosofia, o conhecimento dos fatos, a experiência, o estudo, o exame das histórias, dos homens, os confrontos, os paralelos, o comércio de trocas entre toda espécie de homens, nações, costumes, as ciências de todo tipo, as artes, etc, etc, fizeram tais progressos que todo o mundo se iluminou e instruiu, voltou a considerar a si mesmo e o seu estado e, então, sobretudo, a política que é a parte mais interessante, mais válida, de maior e mais geral influência sobre as coisas humanas. Eis que finalmente a filosofia, isto é, a razão humana, entra em campo com todas as suas forças, com todo o seu possível poder, os seus possíveis meios, luzes, armas, e estabelece para si a grande empresa de suprir a natureza perdida, remediar os males que dela se derivam, e reconduzir aquela felicidade que desapareceu há séculos imemoráveis com a natureza. Já que, em suma, a felicidade, e não outra coisa, é ou deve ser o fim desta já perfeita razão, em qualquer obra sua: como este é o fim de todas as faculdades e ações humanas.
>
> O que saberá fazer essa razão humana, enfim, inteiramente comparada à natureza, ao redor do ponto principal da sociedade? Deixo as experiências realizadas na França nos últimos anos do século passado, e nos primeiros deste século. Sendo reconhecida como indispensável a monarquia, e, aliás, a monarquia absoluta em conjunto com a tirania, a filosofia moderna apegou-se (e o que mais podia fazer!) à condição de sustentar. Não às idéias de governo perfeito, não recuperadas, descobertas, formas essenciais e perfeição necessária. Modificações, acréscimos, distinção, aumentar de um lado, diminuir de outro, dividir e depois quebrar a cabeça para equilibrar as partes dessa divisão, tirar daqui, acrescentar ali: em suma, miseráveis ressarcimentos, sustentos, consertos, chaves e engenhos de todo tipo, para manter um edifício que, perdido o seu bem-estar, e o seu estado primitivo, não pode se sustentar sem artifícios que não entram verdadeiramente na idéia primordial da sua construção. A monarquia absoluta mudou em muitos países (ora, enquanto eu escrevo, espera-se que aconteça o mesmo na Europa) em constitutiva. Não nego que no estado presente do mundo civil, este não seja talvez o melhor partido. Mas, em suma, esta não é uma instituição que tenha o seu fundamento e a sua razão na idéia e na essência da sociedade em geral e em absoluto, ou do governo monárquico em particular. É uma instituição arbitrária, acessória, que deriva dos homens e não das coisas: e, então, é necessariamente instável, mutável, incerta, na sua forma, na durabilidade e nos efeitos que dela deveriam emergir para que correspondesse ao seu fim, isto é, à felicidade da nação.

É a mesma posição que dá um sentido preciso à conclusão do "Diálogo de Timandro e de Eleandro" (também em tantas outras páginas e ver-

sos de Leopardi), mesmo se ali parecer filtrada e distante da meditação literária e poética:

> ... digo que se nos meus escritos recordo algumas verdades duras e tristes, faço-o ou para alívio do espírito ou para consolar-me com o seu riso, e não por outra razão; contudo, não deixo de, nos mesmos livros, deplorar, desaconselhar e retomar o estudo daquela mísera e fria verdade, o conhecimento do qual é fonte de negligência e preguiça, ou de baixeza do espírito, iniqüidade e desonestidade de ações, e perversidade de costumes; lá onde, ao contrário, louvo e exalto aquelas opiniões, mesmo sendo falsas, e que geram atos e pensamentos nobres, fortes, magnânimos, virtuosos e úteis ao bem comum ou privado; aquelas imaginações belas e felizes, ainda que vãs, que dão valor à vida; ilusões naturais do espírito; e, enfim, os antigos erros, muito diferentes dos erros bárbaros; os quais, apenas estes e não aqueles, deveriam ter caído por obra da civilização moderna e da filosofia. Mas estas, segundo a minha opinião, ultrapassando os termos (como é mesmo inevitável às coisas humanas), não muito depois erguidos de uma barbárie, precipitaram-nos numa outra, não menor que a primeira, embora nascida da razão e do saber e não da ignorância; e, contudo, menos eficaz e manifesta no corpo que no espírito, menos vigorosa nas obras, e, por assim dizer, mais secreta e intrínseca.

A desilusão histórica não é aqui menos evidente e decisiva: "os quais, apenas estes e não aqueles, deveriam ter caído por obra da civilização moderna e da filosofia (...)não muito depois erguidos de uma barbárie, precipitaram-nos numa outra"; e Leopardi pode concluir, com um jogo amargo que, todavia, recobre o seu mais sério conceito: "A respeito da perfeição do homem, eu vos juro, que se já fosse obtida, teria escrito, ao menos, um tomo em louvor do gênero humano."

Há, então, pelo menos um ponto, na história moderna, em que fomos "erguidos de uma barbárie" e esse ponto foi a Revolução. Em relação a esta nasce o julgamento de Leopardi sobre a própria época e sobre os dois séculos que a precederam. Ora, não é de se acreditar que o julgamento negativo de Leopardi sobre a sua própria época nasça inteiramente de um golpe, seja todo e apenas um julgamento de ressentimento e de aversão, de aversão moralista. Este é um julgamento que se formou de modo atribulado mesmo através da tentativa de justificar esta época, de nesta ver não uma quebra mas o início de uma vida nova, o desenvolvimento histórico da Revolução, de nesta encontrar o fio da esperança. Daí também a atenta discussão que Leopardi faz sem cessar sobre os autores contemporâneos, e os seus nomes são significativos — Staël, Lamennais, Constant, Chateaubriand, etc. Essa discussão seria reconstruída de modo escrupuloso e merece um estudo à parte. Ora, a tentativa de justificar a própria época é importante e probatória, mesmo porque nela já atua a desilusão histórica e já atuam, portanto, as características cate-

góricas leopardianas — natureza, razão, filosofia, ilusão, etc —, e ela, num plano teórico, torna-se uma tentativa de superar a sua rígida oposição e de encontrar termos ulteriores de ligação e de mediação entre si. Em tal julgamento, a dialética civilização-barbárie se mostra muito íntima e próxima:

> O tempo de Luis XIV, e todo o século passado, foi verdadeiramente a época da corrupção barbárica das partes mais civilizadas da Europa, daquela corrupção e barbárie, que sucede de forma inevitável à civilização daquela que se vê nos Persas e nos Romanos, nos Sibaritas, nos Gregos, etc. E, todavia, a assim chamada época se estimava então e, por ser muito nova, estima-se até hoje como muito civilizada, e de modo algum bárbara. Embora o tempo presente, que se julga o ápice da civilização, se diferencie não pouca coisa do supracitado tempo e possa ser considerado como a época de um ressurgimento das barbáries. Ressurgimento iniciado na Europa pela Revolução Francesa, ressurgimento fraco, muito imperfeito, porque derivado não da natureza, mas da razão, antes, da filosofia, que é um muito fraco, triste, falso e não durável princípio de civilização. Mas também é uma espécie de ressurgimento; e observai que apesar da insuficiência dos meios por um lado, e, por outro, da contrariedade que eles têm com a natureza, ainda assim a Revolução Francesa (como muitas vezes se notou) e o tempo presente aproximaram os homens da natureza, única fonte de civilização, puseram a trabalhar as paixões grandes e fortes, restituíram às nações já mortas, não digo uma vida, mas uma certa pulsação, uma certa distante aparência vital.

Deste Leopardi, sempre muito atento ao fenômeno da moda, se vê um sinal também nas modas transformadas:

> Aplicai a estas observações as bárbaras, muito ridículas e monstruosas modas (monárquicas e feudais), como merinaques, toucados de homens e mulheres, etc, etc, que reinavam, ao menos na Itália, até aos finalíssimos anos do século passado, e que foram destruídas com um golpe da Revolução. E vereis que o século presente é a época de um verdadeiro ressurgimento de uma verdadeira barbárie, até mesmo do gosto...

Correlato a essa posição é o seu julgamento sobre as "máximas liberais", que confirma e absorve aquele despotismo do século XVII.

> Chamam de modernas as máximas liberais, e se escandalizam, e riem porque o mundo acredita ter hoje chegado sozinho à verdade. Mas elas são tão antigas quanto Adão, e, além disso, sempre duraram e dominaram, mais ou menos, e sob diferentes aspectos, até quase um século e meio atrás, época verdadeira e única da perfeição do despotismo, que consiste em grande parte numa certa moderação que o torna universal, inteiro e durável. Então toda a antigüidade das máximas despóticas, isto é, do seu verdadeiro e universal domínio sobre os povos (falando de modo geral e não individual), não remonta a além do Seiscentos. E eis como aquele tempo que transcorreu desde essa época até a Revolução foi verdadeiramente o tempo

> mais bárbaro da Europa civil, desde a restauração da civilização em diante. Barbárie em que, de modo inevitável, irão incidir os tempos civis; barbárie que toma diversos aspectos, segundo a natureza daquela civilização da qual deriva, e à qual sucede, e segundo a natureza dos tempos e das nações. Por exemplo, a barbárie de Roma, tendo sucedido à sua civilização e liberdade, foi cruel e mais viva: aquela dos Persas foi semelhante à nossa na brandura e na inércia e torpor. E eis que o tempo presente pode ser considerado como época de um novo (ainda que débil) ressurgimento de civilização.

E na tentativa de justificar a época, nela encontrar um vestígio do caminho para o futuro, provisoriamente, e quase em vias de experimento, configura-se para Leopardi, em outro modo, até aquela dependência da "razão" do "sentimental", que de início foi por ele denunciada e rejeitada nos românticos, e depois aceita, mas de forma pessimista, como inevitável conseqüência dos tempos funestos e do indesejável filosofismo:

> Referi a esse, aliás efêmero, débil e falso ressurgimento da civilização a mitigação do despotismo, e a sua intolerância mais difundida: o aperfeiçoamento daquele despotismo a que chamam sentimental, aperfeiçoamento que data da Revolução.

Leopardi, sempre conseqüente nas suas posições particulares, recolhe neste "sentimento" motivos muito específicos da época romântica, aliás da Restauração, como "o ressurgimento de outras idéias cavaleirescas"e até "um certo maior respeito à religião dos nossos avós", "tantas outras opiniões e preconceitos sociais, mas nobres, doces e felizes, etc", elementos que de forma mais constante causam repugnância ao espírito de Leopardi, e que ele atribui antes à barbárie que à civilização. Nestes procura ora ver "coisas que demonstram uma certa aproximação do mundo com a natureza, e das opiniões e sentimentos naturais, e alguns passos dados atrás, ainda que de maneira debilitada, e por míseros e não vitais, antes mortíferos princípios, isto é, o progresso da razão, da filosofia, das luzes".

Esta é, de certo modo (quanto ao conteúdo dos tempos, não quanto à vontade de superação), a ponta extrema da tentativa leopardiana de se aproximar de sua própria época. Vimos como cerceada de reservas que se refletem, ao que parece, no passado, até sobre a Revolução não considerada em si mesma, e sim na sua relação com a filosofia; e é precisamente este o ponto que agora nos interessa. Em primeiro lugar, Leopardi afirma de modo seco:

> A Revolução Francesa, visto que fosse preparada pela filosofia, não foi por ela posta em prática, porque a filosofia, sobretudo moderna, não é capaz por si só de operar coisa alguma;

e logo depois, mitigando, acrescenta: "E até quando a filosofia fosse boa para ela mesma pôr em prática uma revolução, não poderia mantê-la".

Mas como poderia Leopardi menosprezar a relação que existira entre a filosofia e a Revolução? Ele não menospreza essa relação e é, então, atormentado pelo duplo e oposto julgamento atribuído à Revolução, por um lado, e à filosofia-razão e às luzes, por outro:

> É algo muito notório qual seria a depravação interna dos costumes na França de Luis XIV, cujo século, como disse, foi a primeira época verdadeira da perfeição do despotismo, e extinção e anulação das nações e da multidão, até à Revolução, a qual todos notam ter sido muito útil à perda da moral francesa, quanto era possível: nesse século tão iluminado, munido contra as ilusões, e, portanto, contra as virtudes; em tanta e tão arraigada e velha depravação, com a qual a França estava acostumada; em uma nação que é particularmente o centro da civilização, e, portanto, do vício; com o meio de uma revolução operado em grande parte pela filosofia, que, querendo ou não, em última análise, é inimiga mortal da virtude, porque é amiga, antes quase uma só coisa com a razão, que inimiga da natureza, única fonte da virtude.

Seria fácil resolver a inquietação destas linhas, dizendo que há em Leopardi uma espécie de posição de modo nas considerações sobre a filosofia e sobre a razão, que lhe impede de ir a fundo no próprio conceito histórico-político, e ligar a sua decisão aos fatos com uma adesão de princípios.

Mas nada teria sido mais falso numa tal resposta a respeito da relação que Leopardi tem das próprias idéias. Leopardi se encontra, em certo sentido, em contradição, mas essa contradição não reside nos fatos e num pré-formado, apriorístico, sistema de idéias, mas tem toda a sua origem nos próprios fatos, tais como se apresentam aos seus olhos: um movimento que malogrou o próprio êxito, ao qual faltou a direção para onde se virava e que foi traído pela História. E justamente por trás desse movimento estava o desenvolvimento máximo do pensamento, dos "conhecimentos", da "experiência", etc, etc, que pudesse existir na civilização humana, desenvolvimento que trouxe, de fato, uma relação positiva e decisiva, a Revolução, e que permaneceu, em seguida, como que livre dele. E então Leopardi, para ultrapassar a antinomia em que se encerrou e debateu, cria um termo intermediário, a "meia-filosofia", que não apresenta em si mesmo um caráter depreciativo, mas que atrai os outros análogos, não menos positivos, que já encontramos, da "civilização média" e da "meia-ignorância".

NAUFRÁGIO SEM ESPECTADOR*

Cesare Luporini

ERA PRECISO CORAGEM, penso, ao rapaz de 21 anos de idade, Giacomo Leopardi, para intitular aquela breve poesia, 15 hendecassílabos livres, de "O infinito".

Antes de tudo o valor do termo, ou, se se preferir, da *palavra*: o infinito, substantivo (com a inicial maiúscula). Parece-me claro que não se deve atribuir-lhe, ao menos antecipadamente, nenhum sentido especulativo. "Infinito" é tomado no significado mais corrente, negativo, tal como pode acolhê-lo qualquer leitor pertencente à nossa cultura: não finito, não limitado, não terminado ou fechado em si mesmo. Leopardi terá sempre aberto um canal de comunicação entre "infinito" e "indefinido". Podem ser citadas a propósito passagens diversificadas do *Zibaldone*.

Ele não se preocupa, nem um pouco, em saber se se trata de um *bom* infinito ou de um *mau* infinito, para utilizar a célebre fórmula de Hegel (que, aliás, Leopardi ignorava).

Aqui se trata da exposição de uma experiência. Apresenta-se, então, uma espécie de paradoxo: como se pode experimentar o infinito, ou mesmo apenas tentá-lo? E — dado que sabemos algo sobre a cultura de Leopardi — como pode pretendê-lo alguém que aderiu à filosofia empirista e sensista, assimilando as suas motivações de fundo e transformando-as em inúmeras variações e muito livres e inventivas aplicações? Devemos, pelo menos, conseguir responder de forma indireta.

Aquela experiência se desenrola no quadro de uma situação que não pode ser considerada como excepcional e que não se deve repetir, mas é, de preferência, iterativa: "Sempre cara me foi esta colina / Erma e esta sebe," É um tipo de situação à qual Leopardi, no *Zibaldone*, retornará mais de uma vez. Por exemplo, em meio a um discurso que constitui uma das tantas variações em torno da que chamava "a minha teoria do prazer", lê-se:

> ... às vezes a alma desejará e efetivamente deseja uma visão restrita e confinada em certas maneiras, como nas situações românticas. A razão é a mesma, isto é, o desejo do infinito, porque, então, em lugar da visão, trabalha a imaginação e o fantástico substitui o real. A alma imagina para si o que não vê, o que aquela árvore, aquela sebe e aquela torre lhe escondem, e continua errando num espaço imaginário, e representa para si coisas que não poderia, se a sua visão se estendesse por toda a parte, porque o real excluiria o imaginário.

---

* In *Revista do Instituto Italiano de Cultura de Paris: Le dimensioni dell'Infinito*. Milão: Mondadori, 1989, p. 48-51.

Nesse texto encontramos os elementos fundamentais de que se constituirá a antropologia filosófica de Leopardi (nele quase uma constante). Como qualquer espécie de ser vivente, o homem é, antes de mais nada, desejo. Mas o animal-homem é dotado de imaginação, componente essencial da plasticidade da sua natureza e, portanto, da sua historicidade. (Aquilo que chamamos de "razão", como distinta faculdade da mente, não é para Leopardi algo originário. Ela é derivada, é uma capacidade adquirida como a linguagem.)

O combinar-se de desejo vital (a noção de vitalidade ocupa em Leopardi um grande lugar) e de imaginação produz uma mistura extraordinária e perigosa: o desejo de uma felicidade sem limites, imensa, infinita, ontologicamente impossível — a "estrutura do mundo" o exclui — e inconcebível de modo intelectual. Mas indomável no homem, quando há verdadeira vida. O fim da esperança é o desespero. O fim do desejo, entretanto, é a morte na vida. Esta será a conclusão madura de Leopardi, na qual ele se reconhecerá nos seus últimos anos.

"Tendência do homem ao infinito", "desejo de infinito", então, como Leopardi nos repete com freqüência.

Agora, algumas palavras sobre a poética de Leopardi, naquilo que aqui nos concerne.

A poesia dos antigos, a poesia das belas imagens nos tempos modernos não é mais possível. Pode-se apenas admirá-la. O moderno êxito da ciência e da razão analítica infligiu para sempre uma ferida à imaginação humana, exceto nas crianças próximo às quais permanece livre (a infância, objeto permanente de nostalgia — como o primitivo, aliás — para o homem moderno).

A poesia se transformou, sobretudo a poesia lírica, a única então praticável. O clássico antagonismo entre poesia e filosofia se atenuou. Os sucessos da razão produziram o paradoxo de dar plena autonomia ao sentimento (o "sentimento" dos românticos, apesar de que Leopardi esteja em polêmica com eles) nos confrontos da imaginação. Há hoje uma relação direta entre razão e sentimento, uma espécie de curto-circuito que condiciona o que resta da imaginação.

É exatamente o caso da poesia "O infinito". Mas na situação por ela evocada há uma diferença específica mesmo em relação àquilo que Leopardi nos dizia na passagem do *Zibaldone* que acabei de citar.

Não se trata de uma "situação romântica". É verdade: a imaginação está a seu serviço sem dúvida, mas não está livre, não está errando: nenhuma *réverie*, nenhuma *Schwärmerei*. Partindo de uma situação de equilíbrio e de calma, a visão do sujeito se concentra de forma voluntária ("mirando") lá onde está o obstáculo, a sebe, para ultrapassá-lo (ir além) com a imaginação. Mas não à procura das belas imagens de um passeio

escondido, porém daquilo que contém qualquer possível objeto sensível, isto é, dizendo o espaço como tal, o espaço vazio, o espaço abstrato, o espaço absoluto de Newton (ou, se quisermos, a intuição pura do espaço de Kant que, entretanto, Leopardi não conhecia).

Onde toda a energia imaginativa do sujeito ("na mente vou sonhando", início de verso muito marcado) se mantém no esforço de representar para si esse espaço infinito e absoluto. Com o cortejo necessário dos "*silenzi sovrumani*" e de uma calma (*quies*, noção quase física) profundíssima: a conotação de profundidade na origem é esta mesma espacial.

O efeito existencial desse esforço, dessa imaginação ou fingimento abstrato é tal que o coração, isto é, o centro da vida do indivíduo, se assusta. É o medo desse vazio, desse nada. Mas o poeta registra aqui uma espécie de reação vital: a imaginação já se retrai, o sujeito não mergulha (ainda não) nesse vazio. Isto vem expresso com simplicidade extrema, de forma elíptica: "De tal forma que quase o coração me aflige".

Neste ponto o sujeito já se tornou disponível pelo externo, pela percepção exterior; é uma percepção acústica: "O vento sussurrar por entre as plantas".

Debussy ouvia *Les Cloches à travers les feuilles*. Ele via aquela folhagem: é uma cenografia que se familiarizou com a música. Aqui ocorre quase o oposto. Tudo se produz através da sensação sonora. A visualização dela depende.

É típico de Leopardi: a superioridade específica e, de um modo geral, a enorme importância da percepção acústica. Graças a esta chega-se até a *ver*, enquanto apenas através da percepção visual os sons, os rumores, a voz do mundo presente e vivo não são percebidos. Daí resulta que, em Leopardi, o presente sentido tem quase sempre uma certa duração que o torna concreto.

É o caso da poesia "O infinito", a qual, nesse momento, se abre a uma experiência totalmente diversa em relação à precedente (espacial), ligada ao pensamento intelectual e não mais à intuição imaginativa. É o processo da comparação: "comparo".

Os termos de tal comparação são a voz do presente e o silêncio infinito. Quer dizer aquilo que resta da primeira experiência. A qual vem a ser mediada pela idéia do eterno: o que não tem início nem fim. O que é mais eterno que um espaço infinito e absoluto?

Mas esta é uma face voltada para trás, a menos importante, em relação ao curso da poesia. Na face voltada para a frente o *eterno* é o horizonte (digo-o em sentido quase husserliano) dentro do qual emergem, logo depois, as determinações temporais.

Aqui peço uma atenção especial: quero notar que não há nenhuma simetria entre o discurso poético de Leopardi em torno do espaço e aqui-

lo que ele nos diz a propósito de uma experiência do tempo, que, entretanto, nunca foi denominado como tal. São nomeadas, ao contrário, "as mortas estações" e "a presente e viva": uma oposição estática e uma cisão, uma ruptura entre passado e presente no tempo vivido.

Nenhuma dinâmica temporal tal como entraremos em outros cantos de Leopardi (por exemplo, "A noite do dia de festa"). E nenhuma *intuição* ou *noção* do tempo (o contrário do que acontecera com o espaço), mas a sua evocação segundo uma experiência fixada em termos opostos entre si e não mediatos.

E, então, de modo diverso do que pensa a maior parte dos comentadores, parece-me evidente que entre o espaço intuicionista de "O infinito" e a problematização do tempo vivido que ali encontramos, não há nenhuma homogeneidade conceptual.

Ousam dizer que toda a energia poética provém dessa radical incongruência.

Tal espaço e tal tempo não se compõem de modo recíproco, então. Eles têm, contudo, um elemento em comum, um elemento todo abstrato: a imensidão, ou, infinidade; mas tal elemento não é suficiente para uma integração recíproca. Leopardi não conhecia Einstein nem Minkowski (talvez aqui se pudesse divisar a exigência...). Daí segue-se que em meio a ("entre") essa imensidão o pensamento intelectual afunda, o que foi dito com uma metáfora muito marcada: "se afoga o pensamento".

Essa metáfora traz consigo duas outras: o naufrágio ("o naufragar", infinito substantivado: denota ação) e o mar. O mar "semelhança do infinito", como Leopardi o define no primeiro dos *Opúsculos morais*, um canto mitológico-paródico que recebe o título de "História do gênero humano". Onde o mar é o presente de Júpiter aos homens para ir de encontro ao seu desejo de infinito, pois não pode dar-lhe um infinito real.

É fato bem singular que uma poesia completamente isenta de metáforas poéticas (o "som" não é para Leopardi uma metáfora do presente, mas o seu sintoma direto) termine com uma rajada de três metáforas que se sucedem com rapidez, ligadas umas às outras.

Contudo, entre o afogamento e o naufrágio há uma tal proximidade semântica que poderia até perturbar se não se capta a mudança de sujeito. Quem é que naufraga? Não é o isolado pensamento intelectual, mas o "eu" todo inteiro. O "eu" existencial que se empenhara por completo com a experiência da infinitude.

Ora, esse naufragar é chamado de "doce". O fato em si mesmo não é surpreendente. Mas é surpreendente em Leopardi (o último verso chega de fato inesperado), enquanto a tensão existencial entre finito e infinito dá lugar a uma "*philosophie désespérante*", como ele mesmo expressará, muitos anos mais tarde, escrevendo ao amigo De Sinner.

A conclusão de "O infinito" é um caso único em Leopardi e é compreendida até o íntimo.

Há um professor alemão, um filósofo, Hans Blumenberg, que escreveu um pequeno livro fascinante: *Naufrágio com espectador* (*Schiffbruch mit Zuschauer*), do subtítulo de "Paradigma de uma metáfora existencial". A referência é feita aos primeiros versos do segundo livro do *De rerum natura*. O espectador, a salvo, em terra firme, é o sábio epicurista que contempla, sem complacência, mas também sem sofrimento, a tempestade que arrasta outros homens. Contudo Blumenberg escolheu como epígrafe do seu livro a frase de Pascal: "*Vous êtes embarqué.*"

Todos nós somos arrastados — e Leopardi o é.

Ele não era um sábio epicurista. A doçura do seu naufrágio é uma doçura mística, é uma doçura de êxtase. Esta palavra — êxtase — é utilizada por Leopardi, mesmo no *Zibaldone*, para indicar situações análogas, em que "o espírito se perde". É a doçura do aniquilamento da existência finita, da sua autodissolução. Entretanto, atenção, não em grande totalidade, no pleroma do ser, mas no vazio do *nada*, grande tema, sempre, de Leopardi. Naufrágio do qual apenas ele — "eu"— é testemunha e protagonista.

Naufrágio sem espectador: nem Deus nem homem.

IMAGENS DE LEOPARDI E NOSSAS*

Giuseppe Ungaretti

PARA LEOPARDI, a memória não é tanto função intelectiva, mera atividade mental, mas sofrimento do corpo, sensível presença tanto na história dos indivíduos como na história das civilizações e até mesmo do universo; hoje mesmo não deixei de mencionar os pontos dos quais eu partia nos raciocínios sobre a poesia, quando tentei definir, seguindo suas próprias palavras, os termos de impulso primitivo e de hábito.

A antiga voz reacendeu-se em sua voz, seu corpo miserável, em oposição ao destino adverso que lhe oferecia irônico asilo nos campos grandiosos do nada, transfigura-se e resplandece em atlética juventude:

Só
Combaterei.

Sei que alguém fez cara feia porque a arte daquele tempo ainda era de um romantismo teatral, descomposta, toda exposta em seu gesticular, e

* In *Razões de uma poesia*. Org. Lucia Wataghin. São Paulo: Edusp, 1994, p. 125-134.

sei que o Leopardi mais persuasivo, não o supremo, será o Leopardi não menos enérgico, mas de uma expressão menos expansiva, mais pudica, mais familiar, tendo por modelo severo o Petrarca mais patético, porém mais secreto; deixem-me contudo proclamar que uma paisagem apocalíptica como a das estrelas que se precipitam no mar e uma descrição tumultuosa como a da derrota dos persas são quadros dos quais somente a potência do pincel de um Géricault poderia aproximar-se.

Geralmente, quem fala do pessimismo leopardiano, do seu sentimento cósmico do envelhecer e do perecer, traz à baila o nome solene do cristianismo. Outros, até um mestre da crítica como Vossler, propõem, ao contrário, como fundamental motivo lírico, uma angustiante rebelião anticristã. Afinal, mesmo o luciferismo é uma forma de cristianismo, mas de danados, como o sadismo dos poetas malditos. O fato de que três anátemas atinjam desde as origens dos tempos o mundo, de que pela sua desgraçada natureza o homem seja comcupiscente e prepotente e avaro, é problema que vinculava também o pensamento de Dante. E se com o cristianismo começou-se a sentir claramente, pelo desenvolvimento da sensibilidade, o valor negativo de tanto mal, Leopardi contudo achava que, renovando os espíritos do mundo embrutecido pela excessiva civilização, não faltava ao cristianismo originário, promotor de coragem imensa e de apaixonada prontidão para terríveis sacrifícios em testemunho de fé, aquela energia que ele louva e invoca. Outra é a fonte do canto leopardiano: o desesperar-se ante a ignorância inviolável da culpa que nós e o universo expiamos; o sentir-se chamado a sofrer, como por um efeito biológico elementar e pessoal do qual se ignora a causa, o perene e cósmico progredir da expiação, da morte.

A canção "A Angelo Mai" pode ser considerada a mais perfeita poesia didascálica de Leopardi. Composta como uma sinfonia, com aquele tema dominante da morte, suplica que, pelo menos por vergonha, os italianos seus contemporâneos reencontrem um pouco do sentido da dignidade e uma centelha de heroísmo.

> A nossa o ócio
> Se prende desde o parto, e é guardada
> Do berço à tumba pelo imóvel nada.

São, pela beleza de expressão, seus momentos supremos, diante dos quais piedade e horror se igualam: visões de deserto absoluto, natureza à qual foi tirado todo encanto, dor aniquilada, a natureza nua.

A natureza é grande e nos torna grandes contanto que entre ela e nós não se interponha a civilização com análises sofistas e nossa covardia não a reduza a possuir aos nossos olhos, apagada em nós toda ilusão, outro mistério que não seja sua condição mortal. Eram reflexões análogas que

convenciam Leopardi a se propor imitar não a arte, mas a natureza, sendo as coisas da natureza formas e belezas fixas e imortais, e as da civilização transitórias e mutáveis; sendo as primeiras obras de Deus e as outras, dos homens; eram tais convicções que o decidiam a afirmar que a eficácia da poesia consistia na raridade da imitação e na familiaridade dos objetos.

Como se tornará íntima a palavra experiente do poeta quando se tiver enriquecido de tanta candura! A doutrina parece exemplificada em "O infinito": o objeto da inspiração estava ligado à vida do poeta por hábito quase imemorável, que assim podia persuadir a evocações no tom mais simples e comovente:

Sempre caro me foi

e destacar-se de qualquer outra imagem, isolar-se, absoluto na visão:

Esta colina
Erma e esta sebe, que de extensa parte
Dos confins do horizonte o olhar me oculta,

e, por aquela parte "excluída" do horizonte, podia, tocado pelo mistério, ocupar imensamente o espírito arrebatado:

Sobre-humanos
Silêncios e quietudes profundíssimas,
Na mente vou sonhando,

Mi fingo (me finjo): foi suficiente uma palavra, uma palavra oscilante entre o significado corrente de mentir e o antigo de plasmar, e o mistério da poesia torna-se suspeito de não ser senão ilusão, o tom confidencial mistura-se com a ironia, mas não é ainda sarcasmo.

Um fato de pouca importância:

E, ouvindo
O vento sussurrar por entre as plantas,

que desperta o poeta, levando-o a perceber a ínfima pequenez temporal de um indivíduo comparada ao passado infinito e à eternidade, e, com a ironia ainda tímida a revelar-lhe a presunçosa fraqueza da sua voz que os quer exprimir, como o murmúrio das folhas que se afasta, se expande e se funde, desvanecendo-se em silêncios sobre-humanos, o reconduz do drama a uma renascença da ilusão, ainda que não oculte senão morte, senão o infinito de infinidade de mortes, ainda que não seja senão um naufragar na imensidão de um mar de morte, de ausência:

Assim, nessa
Imensidão se afoga o pensamento:
E doce é naufragar-me nesses mares.

Três momentos: uma adesão espacial, involuntária, fruto do hábito; uma retomada temporal, ou seja, um insurgir do eu com seus próprios suspiros; uma fusão de espaço e de tempo num frêmito musical que desperta as coisas e com elas se anula, se ausenta numa doçura infinita. Note-se o valor puramente acidental dado aos fatos que levam à poesia: os olhos que por acaso se detêm num objeto consueto, o murmulho casual do vento entre as plantas, etc.

O poeta romântico considerava-se tal por predestinação, e isso também concorria para a formação da sua idéia de duração, e o próprio Leopardi não desdenhava expressar-se com acentos vaticinantes. São ainda intervenções desajeitadas, fatigantes e inverossímeis na canção "A Angelo Mai"; mas quando o tom confidencial, de Petrarca, suma aspiração de Leopardi artista, tiver se tornado também tom irônico, que espírito torturado revelarão, numa sussurrada, escrupulosa, dilacerante confissão! Devo porém voltar a observar, para evitar enganos acerca de meu comentário, que os momentos de tensão suprema e de altíssimo tom não devem ser procurados na poesia leopardiana de tom familiar, e, quando ali os encontramos, o tom familiar foi superado de mil côvados pelo poeta num tom alucinado.

Caro Leopardi, talvez só um Blaise Pascal tenha tido um coração igual. Não soube senão amar: um amor sem limites à pátria e uma piedade sem limites para consigo e para com seus irmãos, os homens. Possui acordes infinitos; sabe infundir à mínima sílaba capacidade de evocação imediata, com toque levíssimo; no ramificar-se atroz da sua vasta dialética obtém ardor, unidade de medida para acentos de indizível ternura. Pode admitir o receituário poético mais antiquado e gasto da tradição literária: frases usadas e já quase cômicas, ditas por ele, com a modulação única da sua voz, renovam o mundo, não é mais literatura, é primaveril e casta poesia para sempre. Como o encanto do anoitecer e o adensar-se do furacão — ouvia-lhe o eco do quartinho do palácio de Recanati —, essa poesia não é o objeto da mão do homem, tão verdadeiro aparece seu mistério. Sofria por todos, e era portanto capaz de falar em nome de todos, de tornar-se a voz reveladora do segredo das coisas. Mas perto da morte, ou ressurgida da própria morte por desesperado desejo, a esperança de uma idade feliz jamais lhe será negada.

POESIA E TRADIÇÃO*

Jean Michel Gadair

LEOPARDI ENCONTROU STENDHAL (sua irmã Paulina teria dado qualquer coisa para estar em seu lugar) em Florença em agosto de 1832. Nada tinham a se dizer. A pequena desconhecida de Pisa tem mais importância para a gênese dos *Cantos* que tais episódios lendários (no dia em que foi apresentado a Loti, Jules Renard, que estava provavelmente pensando em seu cachorro, nem sequer percebeu que o acadêmico estava maquiado).

O mal-entendido com Manzoni, que ele encontrou mais ou menos nas mesmas circunstâncias (recepção Vieusseux) cinco anos antes, é uma história completamente diferente, que a Itália ainda não conseguiu explicar: impossível compreender alguma coisa da democracia cristã, ou seja, quer se queira ou não, da Itália de hoje, sem ter lido *Os noivos* (1827); não há um só italiano que não aprenda de cor na escola — essa escola obrigatória que mereceu palavras cruéis de Leopardi — pelo menos "O sábado da aldeia", cujo valor educativo se deve apreciar: "Aproveita a tua infância, menino. Tua idade é um momento delicioso, uma estação abençoada. Não quero te dizer mais."

Leopardi e Manzoni não manifestaram muito empenho em se ler: um ano após receber a edição florentina dos *Cantos*, Manzoni ainda não a havia aberto; antes mesmo de tê-lo lido, Leopardi dizia freqüentemente dos *Noivos*: "esse romance de que se tem falado tanto e que o merece tão pouco." Leram-se, entretanto. Estimavam-se à distância, com toda a distância que suas opiniões interpunham entre eles — fosse apenas sobre o século XVII, século dos *Noivos*, século problemático, o mais problemático da história do narcisismo italiano: século de Galileu para Leopardi, do obscurantismo e da ênfase barroca para Manzoni. Quanto ao conteúdo, ou seja, quanto à questão do mal, opunham-se como o dia e a noite: como um bom lombardo, Manzoni afirma em princípio que não existe calamidade de que não se possa tirar proveito (a guerra e a peste como solução para o desemprego); somente a convicção de que não — poderia impor limites ao possível impede Leopardi de julgar que tudo é o pior no pior dos mundos. As idéias dos *Opúsculos morais* causavam horror a Manzoni, que saudou em seu autor o maior prosador de seu tempo; todos os defeitos que achava nos *Noivos* não impediam Leopardi de reconhecer que era obra de um espírito elevado. Quanto ao homem Manzoni, que julgava "verdadeiramente amável e respeitável", Leopardi o preteria, preferindo a companhia de Giovanni Rosini, autor da *Religiosa de Monza*,

* In *Canti di Leopardi*, prefácio. Paris: Editions Gallimard, 1982, p. 21-24. Trad. de Edson Rosa da Silva.

célebre anti-Manzoni de segunda categoria, cuja mediocridade não deixava dúvidas, mas o cinismo desse *bon vivant* que o venerava, divertia Leopardi. Este entendia-se muito bem (ver Ranieri) com os anticlericais.

Apenas criticando sua ingenuidade ("Palinódia ao marquês Gino Capponi"), Leopardi mantinha igualmente boas relações com os meios mais progressistas da Península, sobretudo em Florença, onde seus melhores amigos, que contribuíram para a primeira edição dos *Cantos* (1831), haviam fundado em 1821, conforme o modelo da *Edinburgh Review*, o principal órgão, de inspiração européia e de audiência verdadeiramente nacional, do pensamento liberal italiano: *A Antologia*. Se "a política e a estatística" tornaram-se logo objetos de sua aversão e os jornalistas o alvo de seus ataques, é preciso não confundir o panfletário desiludido da *Palinódia* e dos *Paralipômenos* e o adolescente reacionário de Recanati, que leva ainda mais longe as idéias paternas (o conde Monaldo era a reação encarnada em gente), com o fogo "*misogallo*" de um Alfieri; o ceticismo de Alceste e a cruzada histérica do pequeno fidalgo de província, que nunca saiu dos Estados da Igreja, contra a funesta revolta de 1789;[1] seu horror da "escória" romântica, que se precipitava da Europa do Norte em direção à Itália,[2] procede em parte da mesma neurose, até cegá-lo quanto à evidente vocação de seu próprio gênio para o romantismo.

Pode-se pensar o que se quiser das idéias políticas de Leopardi e das motivações sucessivas que despertam, não ha dúvida de que o cinismo nele teve mais resultado do que o apelo ao povo. A verve do panfletário é suficiente para nos mostrar que, em todo caso, a política o interessava muito mais do que gostava de dizer, e que não voltou as costas às utopias de sua época, sem antes ter, por muito tempo, convivido com elas.

Não importa. Política, não cessa de repetir Leopardi, é bom para os jornais. O essencial, a poesia, está além. Como se disséssemos hoje: a literatura é o que não se pode escrever no jornal *Le Monde*. Quem não concordaria?

*

A poesia não se encomenda e Leopardi recusou-se sempre a forçar a Musa. Aconteceu-lhe passar anos sem escrever um só verso e os *Canti* não representam muito mais que a centésima parte de sua obra. Seus contemporâneos ignoraram o "testamento" de seus dois últimos cantos ("O pôr-da-lua"; "A giesta") e a magnificência desolada do cenário sideral — a poesia do pensamento em seu verdadeiro lugar. Ignoraram o

---

1 *Aos italianos. Discurso por ocasião da libertação do Piceno*, 1815.

2 "Discurso de um italiano sobre a poesia romântica", 1818.

além-túmulo fantástico dos *Paralipômenos*, que são os *Cantos de Maldoror* da poesia italiana. Ignoravam o imenso trabalho de meditação filosófica e de reflexão sobre a língua que atestam as quatro mil, quinhentas e vinte e seis páginas do manuscrito do *Zibaldone*.

*

A riqueza de uma língua mede-se pela sua faculdade de dizer tudo em algumas palavras. Este aforismo, que constitui um dos pólos da reflexão lingüística do *Zibaldone*, nos introduz no âmago da poesia de Leopardi e de sua poética do "indefinido"; no âmago dessas palavras, cujo segredo ele bem conhece e nas quais o sonho irriga o pensamento. Palavras que não pertencem a nenhuma outra língua senão à de sua poesia, palavras que sua poesia reinventa e impregna de ecos nunca ouvidos "que têm a expansão das coisas infinitas"; como o admirável verbo *mirare* que basta a Leopardi para evocar tanto os jogos do desejo surpreendido no olhar dos provincianos Narcisos endomingados ("O pardal solitário") quanto a *meraviglia* barroca que tem sua origem e seu foco mais incandescente no *Sidereus Nuncius* de Galileu. Palavras visionárias e simples como bom-dia que têm o polimento de seixos rolados (esses astros resfriados) e a abstração familiar das paisagens da memória.

Nada menos espontâneo do que a sublime simplicidade dessa língua que atinge a plenitude do sentido através do desgaste e da rarefação de seus signos, que substitui o brilho disperso das figuras pela energia concentrada nas palavras, que sacrifica a eloqüência à música e a retórica ao pensamento. A cristalização dessa língua, que é a própria poesia, através do lento crescimento dos *Cantos* é indissociável do trabalho do pensamento negativo que triunfa sucessivamente sobre a nostalgia dos deuses mortos, as ilusões do sentimento e a neurose do desejo de glória. Trabalho ainda em curso no pensamento de hoje: a alma da poesia leopardiana não cessou de obsedar o ser e o nada da consciência moderna.

*

A poesia de Leopardi é Homero e Virgílio, é Petrarca, evidentemente, e toda a poesia italiana contemporânea. É a profundidade de Lucrécio e a densidade de Mallarmé na transparência de uma língua tão culta quanto imediatamente acessível. É uma língua tão perfeita que não suporta a tradução. É um canto tão poderoso que o eco que repercute de língua em língua é o bastante para fazer sonhar com o esplendor do original.

LEOPARDI*

Dante Milano

PIETRO GIORDANI, literato famoso no seu tempo, ao descobrir o talento jovem de Giacomo Leopardi, acreditou ver nele realizado "o escritor italiano perfeito" com que sempre sonhara. Em carta a um escritor amigo, relatando a sua descoberta, deixa extravasar o seu entusiasmo:

> Ele é de uma grandeza desmesurada, assustadora. Monti e Mai, juntos, não chegam ao calcanhar desse colosso! E ainda não fez vinte e um anos! Esse milagre (para mim é um verdadeiro milagre!) nasceu em Recanati. Compleição franzina, extrema solidão; leitura e meditação obstinadas. Gregos e latinos não têm segredos para ele. Não imita a ninguém. Sinto-me estupefacto e quase atemorizado, ante o aspecto austero, pálido, gélido das suas meditações e de seu modo novíssimo de significar os mais recônditos e inauditos pensamentos.

O grande crítico literário Francesco De Sanctis, em suas *Memórias*, refere-se a Leopardi em termos ainda mais entusiásticos:

> A novidade era e edição recente das *Poesias* de Giacomo Leopardi. Eu andava feito louco, sempre com esse livro na mão. Declamava-o até na rua, parecendo um ébrio, como Colombo nas ruas de Madri pensando no Novo Mundo. Soube então que o grande poeta havia morrido. Chamei-o o maior poeta da Itália depois de Dante, uma daquelas grandes vozes que assinalam, a longos intervalos, a história do mundo.

A época de Leopardi foi a do Romantismo. O significado literário dessa palavra era o de um movimento oposto ao Classicismo. Há também o sentido psicológico que faz de "romântico" um sinônimo de sentimental. Outras características são o exagero das sensações e o desleixo da forma. No entanto Leopardi tinha o culto da forma depurada e desprezava a retórica sentimental. Num de seus conceitos afirma: "O sentimental é pura afetação; em vez de despertar os sentimentos, apaga-os." Outra característica do Romantismo é o subjetivismo, o sentido do infinito, que poderíamos chamar a conquista do espaço pelo pensamento livre.

Leopardi, porém, submete o subjetivismo de sua época a uma análise rigorosa. Nada aceitava sem acurado exame. Diz ele:

> Nossas faculdades mentais nada retêm, nada concebem senão reduzindo todas as coisas a matéria, e ligando o ideal com o sensível. Os limites da matéria são os das idéias humanas. Chegai até os átomos ou partículas indivisíveis: serão sempre matéria. No além não achareis o espírito, mas o nada.

---

* In *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro, UERJ/Civilização Brasileira: 1979; p. 317-327.

O modo de pensar de Leopardi não é romântico. Diz ele:

> Os românticos, com sua liberdade de pensar e de compor, geram monstros. Fazem do amor uma coisa terrível. De psicologia nada entendem. (...) As teorias de que os românticos fizeram tamanho alarde, deviam ter-se restringido a provar que não existe belo absoluto, nem bom gosto estável, nem normas universais válidas em todas as épocas; que o gosto do nosso tempo em poesia não é o mesmo dos antigos; que não existem regras, absolutamente falando. Mas eles foram além. O fanatismo, e a mania de serem originais (qualidade que é preciso possuir, mas não procurar), precipitou-os em mil extravagâncias.

A atitude romântica era teatral. O poeta romântico era um ator. Leopardi, porém, fugia do palco, do público. Sabia que as atitudes românticas eram mais sensacionais que originais, que o sentimento exposto publicamente é antes afetação que sinceridade. Seu sentimento era o contrário da sentimentalidade efusiva. Sua inteligência lúcida, inimiga da bruma sonhadora. Dedicava sua vida ao saber, ao conhecimento do homem e do universo, procurando a verdade das coisas.

Havia no romantismo algo de demoníaco. Leopardi era angélico. Era espiritual mas não crente. Não era propriamente ateu, apenas duvidava... Existe, em alguma parte de nós, algo que opõe dúvidas ao nosso pensamento; tanto podemos não acreditar ou pensar que não acreditamos em Deus, como podemos não acreditar em nosso pensamento. Que seres infalíveis somos nós, para acreditarmos em nossos próprios pensamentos, sem desconfiarmos deles e de nós mesmos?

Eis uma meditação leopardiana:

> Excluir de todo a matéria, separando-a da existência de Deus, é subtrair de Deus uma maneira de ser, e também um modo de existência perfeita, e que equivale a dizer: retirar-lhe a existência total, em todos os seus modos possíveis; julgá-lo incapaz de existir materialmente, o que seria uma imperfeição sua — como se aquilo que existe materialmente não pudesse existir também imaterialmente — e assim, seu Ser fosse limitado. Seria antes limitado o ser que não pudesse existir materialmente — e por isto imperfeito, incompleto na sua essência. Ora, a matéria é um modo de ser, não só possível mas real, tanto que é o único modo real que podemos efetivamente conhecer. Deus não seria material pelo fato de existir materialmente, mas na sua essência abraçaria a matéria. Os teólogos reconhecem em Deus o tipo, a idéia, a forma de todas as coisas possíveis e modos de ser. Ora, como poderia a essência de Deus abraçar e conter a forma e o modo de ser da matéria, única forma que conhecemos da criação, se Ele não existisse materialmente?

Leopardi nos transmite a sua visão do universo:

> O infinito é um parto da nossa imaginação. Acreditar que o universo é infinito, é uma ilusão de ótica. Não digo que se possa demonstrar em me-

tafísica que ele não seja infinito. Mas prescindindo dos argumentos metafísicos, creio que a analogia, materialmente, torna verossímil que a infinitude do universo não é mais que uma ilusão natural da fantasia. Depois que se provou que o globo terráqueo tem os seus limites, deve-se crer, segundo toda analogia, que a mole inteira do universo tenha com efeito os seus términos.

No exercício da meditação obstinada, a inteligência de Leopardi se condensou a ponto de se tornar uma segunda existência, uma superexistência. Meditação é abstração? A abstração é o estado natural do espírito, que supre com a imaginação as deficiências de percepção e conhecimento. É mais que um estado de espírito; é a sua função. A experiência ensina que devemos expulsar as palavras abstratas, que nada dizem, mas não o espírito que tudo diz, embora não encontre nas palavras do vocabulário a sua expressão total. Leopardi prefere o estado de meditação transcendente, como uma felicidade maior que a de sentir as comuns alegrias da vida. Diz ele, numa carta:

> Tendo ido a Roma, a necessidade de conviver com os homens, de voltar-me para o lado de fora, de viver externamente, me tornou estúpido, inepto, morto interiormente.

Leopardi, entretanto, não foge do real. Ao contrário, quer captar a realidade total. Eis como ele a concebe:

> Parece um absurdo, no entanto, é exatamente verdadeiro que a realidade total sendo um nada, não há nela de real, em substância, senão as ilusões. (...) As ilusões, embora diminuídas e desmascaradas pela razão, permanecem ainda no mundo, e constituem a parte máxima de nossa vida. (...) A razão tem necessidade da imaginação e das ilusões que ela, razão, destrói. As ilusões e os sentimentos necessitam da razão. (...) As ilusões existem na natureza, inerentes ao sistema do mundo. Quem ignora o que há de poético na natureza, não conhece em absoluto a natureza, porque não conhece o seu modo de ser. Todo o grande plano da Natureza em volta da vida humana gira sobre a grande lei da distração, ilusão e esquecimento. Objeto primitivo da Natureza, ao variar as coisas: distrair o homem e não o deixar deter-se longamente em nenhum objeto, nem mesmo no prazer, o qual após longo desejo, ao ser conseguido, torna-se areia entre as nossas mãos; então dizemos inevitavelmente: este é que é aquele grande prazer?

A par dessas meditações austeras, Leopardi era também capaz das mais raras e delicadas observações, como estas:

> Quis a natureza que os pássaros fossem os cantores da terra; e assim como dispôs as flores para a delícia do olfato, pôs os pássaros para a delícia do ouvido. E para que a voz deles fosse bem ouvida, que fez? Tornou-os voláteis, para que seu canto, vindo do alto, se espalhasse bem ao largo. Esta combinação de vôo e canto não é por certo acidental.

Os odores são quase uma imagem dos prazeres humanos.
A esperança é superior ao prazer, por conter aquele indefinido que a realidade não pode conter.
Toda novidade absoluta em música consiste quase numa aparência de desarmonia. Também na poesia e na prosa, aquilo que diz respeito puramente à harmonia e melodia, quase não é capaz de novidade. Quer dizer que novas combinações neste gênero seriam facílimas e infinitas, mas não seriam mais harmonia nem melodia.

Todas essas reflexões e pensamentos estão condensados em sua obra *Zibaldone di Pensieri*, suma de sua vida mental, verdadeiro auto-retrato, uma espécie de "Leopardi por si mesmo", onde reúne seus laboriosos estudos, desde as mediações mais transcendentes às mais eruditas pesquisas filológicas, tudo com sutil espírito e ágil dialética — obra que ele com ironia superior chamava: "Enciclopédia dos conhecimentos inúteis e das coisas que não se sabem", ou "Suplemento de todas as encilopédias". Dessa obra monumental extraio mais os seguintes conceitos, para a compreensão da técnica e do espírito da poesia leopardiana:

Em literatura tudo que traz escrito na frente: beleza — é beleza falsa.
A eficácia da expressão é o mesmo que a novidade.
A novidade do pensamento dos autores mais originais não está na sua substância mas no modo de concebê-los e exprimi-los.
Os poemas devem ser curtos e não um longo trabalho executado segundo um frio plano, como nas epopéias.
Força do hábito e da opinião sobre o Belo. O hábito nos faz achar belo o que antes achávamos feio.
A teoria dos sons e palavras, e a da música, têm grande relação com os sabores e odores, e mesmo com as cores. Essas teorias pertencem ao agradável ou ao desagradável, e nunca ao belo ou ao feio.
Uma pequena idéia obscura é sempre maior que uma grande idéia clara. A incerteza é fonte de grandeza, a qual é destruída pela certeza daquilo que a coisa é realmente.
Pode-se escrever em italiano sem escrever à maneira italiana. Escrever num italiano que não seja o italiano.
O estado de desesperança resignada é mortal à sensibilidade e à poesia.
Aquela maneira ou faculdade que se chama "originalidade" jamais a possuiremos se não for adquirida. Que coisa é então a originalidade? Uma faculdade adquirida, como todas as outras, embora isto repugne ao valor e significado de seu nome.
A poesia, quanto mais filosófica, menos é poesia.
Há poetas que não ousam violar nenhuma das regras estabelecidas, nem pôr os pés fora do rastro deixado pelos seus predecessores.
As qualidades do estilo são de tal modo correspondentes às do idioma que é difícil distinguir a parte que é própria só do estilo, da que é só do idioma — a parte que deriva somente dos sentimentos, da que deriva somente das palavras.

Homero, que escreveu antes de existirem regras, não sonhava decerto que a sua irregularidade viria a ser medida, analisada, definida, para servir de regra aos outros e impedi-los de ser livres e irregulares, grandes e originais como ele.

A análise das coisas é a morte da beleza e da poesia. Assim também a análise das idéias.

Mediocridade dos modernos poetas sem defeitos.

Sinceridade; até ela é usada com artifício.

Tédio e uniformidade produzidos pelo excesso de variedade.

Século a que falta poesia e quer na poesia, acima de tudo, o útil, a linguagem do povo. É natural e conseqüente que um século impoético queira uma poesia não poética, uma poesia não-poesia.

Hoje, com tantos exemplos, noções, definições, regras, fórmulas, tanta leitura, tantas idéias adquiridas, a faculdade inventiva decai, e mais ninguém é original.

Simplicidade, última a alcançar-se.

Os antigos representavam o que viam. A arte de pensar é própria dos modernos.

O pensamento de Leopardi é mais poético que todos os sentimentos, sensações e fantasias; mais autenticamente poético que os jorros de imagens e metáforas. Não há em Leopardi nem o realejo sentimental, nem as orquestrações verbais sonoras e enfáticas. Em seus ritmos e rimas não usa aliterações, onomatopéias e outros efeitos sonoros. Poesia feita só com o valor das palavras; a palavra e suas virtualidades. Seu estilo é condensado e depurado. Diz ele de si mesmo:

Em toda a minha vida escrevi apenas pouquíssimas e curtas poesias. Ao escrever, nunca segui senão uma inspiração ou frenesi; neste estado, em dois minutos terminava o desenho e a distribuição de toda a composição. Feito isto, espero sempre que me venha outro momento de estro, o que não sucede senão alguns meses depois; então me ponho a compor, mas com tanta lentidão que não me é possível terminar uma poesia, ainda que curta, em menos de duas ou três semanas. Este é o meu método; e se não me nascer a inspiração é mais fácil extrair água de um tronco que um só verso do meu cérebro.

Raros poetas estudaram tão exaustivamente os problemas da linguagem poética — desde a análise do som, da cor das palavras, até a gênese da criação poética. Com esses estudos compôs uma copiosa obra em prosa, preparatória de sua exígua, filtrada, condensada obra poética. Leopardi é o poeta de um só livro, o autor do livro de poesias que menor número de versos contém.

Amado Alonso, no prefácio à tradução castelhana da *Filosofia da linguagem* de Karl Vossler, explica:

Von Humbolt, o mais profundo teórico da linguagem, esboçou uma lingüística baseada no espírito e não na matéria, concebendo a linguagem

como *enérgeia* (ação, atividade) e não como *ergon* (produto) e vendo como momento essencial da linguagem aquele em que o pensamento, — melhor se diria a intenção de pensamento — busca expressar-se em palavras e tornar-se realmente pensamento. Se a linguagem é um ato do espírito (*enérgeia*) e as formas dixadas não são mais que o produto (*ergon*) dessa atividade, e se toda a atividade concreta de um espírito é fatalmente de um espírito individual — e como em nehuma ocasião se mostra a ação do espírito tão eminentemente como na poesia —, é nas obras de arte da palavra que o lingüista deve procurar de preferência seu material de estudo.

Karl Vossler afirma:

A linguagem é verdadeira na medida em que está cheia de significado; falsa na medida em que está vazia de significado.

Escrever, portanto, é a arte de significar, a arte de pensar. Filosofar é delimitar o campo do pensamento, enquadrando-o num sistema e usando uma terminologia peculiar. Pensar é criar, e não analisar; é inventar, descobrir, revelar, intuir, "ver", "sentir". Pensar é um ato poético.

Leopardi foi um poeta sozinho diante de si mesmo. Que importam os outros? A poesia de Leopardi não canta, não grita diante do público. Ele escreve como quem fala consigo mesmo. E a quem temos de dizer, de explicar, de sugerir, de confessar, de ensinar, senão a nós mesmos? Poesia escrita na solidão, onde o poeta é o único ouvinte, a única testemunha.

Aquela amplitude de espírito próprio da solidão que torna a existência maior; aquele estado de ânimo que liga o homem às coisas, é o mundo de Leopardi. Em sua poesia cósmica, ele capta a verdade poética do universo em constelações de palavras, versos astrais:

Vagas estrelas da Ursa, eu não contava
Voltar ao hábito de vos olhar
Sobre o pátrio jardim esplendoroso
E conversar convosco

A poesia de Leopardi, por seu caráter austero, seu ritmo pausado, sua textura complexa, exige a leitura lenta e meditada; é um desafio à facilidade. Ler Leopardi não será jamais uma distração, mas um profundo estudo, uma absorvente emoção. Veja-se a imensidade de espaço que respira o seu poema "O infinito" — uma poesia mista de pensamento nítido, lúcido, e sentimento vago, indefinido:

Sempre cara me foi esta colina
Erma e esta sebe, que de extensa parte
Dos confins do horizonte o olhar me oculta.
Mas, se me sento a olhar, intermináveis
Espaços para além, e sobre-humanos
Silêncios e quietudes profundíssimas,

Na mente vou sonhando, de tal forma
Que quase o coração me aflige. E, ouvindo
O vento sussurrar por entre as plantas,
O silêncio infinito à sua voz
Comparo: é quando me visita o eterno
E as estações já mortas e a presente
E viva com seus cantos. Assim, nessa
Imensidão se afoga o pensamento:
E doce é naufragar-me nesses mares.

Este poema traduz toda a vaga felicidade de existir... E faz lembrar uma das mais serenas reflexões do poeta: "O estado mais feliz da vida é o de não sentir que ela está passando." Para Leopardi, esta sensação, que parece própria só da alma humana, paira também sobre toda a natureza — espécie de ilusão poética que envolve a todos os seres, e que é "o sentimento do infinito". Fora desse estado, o que há são as emoções comuns, o presente que tem sempre um ar vagamente aborrecido ou extremamente alegre, o presente das sensações imediatas, às vezes incômodo com sua presença insistente nos momentos desagradáveis de que queremos fugir, ou, quando agradáveis, fluindo sem o podermos reter; o presente dos dias trabalhosos ou da pasmaceira dos domingos; o presente que não sabemos o que fazer dele, essa iminência, quase ameaça, do momento que ao passar é mais passado que presente. Desta substância é que se forma uma presença maior, a do tempo — poético concretamente considerado; é operação própria do espírito extraí-lo do tempo abstrato das horas que passam.

O doloroso poema "A si mesmo", mais do que transmitir a sensação do sofrimento humano, opera, efeito próprio da arte, a transmutação desse sofrimento em gozo estético, em admiração diante da obra perfeita — sensação semelhante à que se prova diante da expressão dolorida e contorcida de um "Prisioneiro" de Miguel Ângelo.

A Si Mesmo

Enfim repousas sempre
Meu lasso coração. Findo é o engano
Que perpétuo julguei. Findou. Bem sinto
Que em nós dos caros erros
Mais que a esperança, o próprio anelo é extinto.
Repousa sempre. Muito
Palpitaste. Nenhuma coisa vale
Teus impulsos, nem digna é de suspiros
A terra. Nojo e tédio
É a vida, nada mais, a lama é o mundo.
Repousa. E desespera

A última vez. À *nossa espécie o fado*
Não deu mais o que morrer. Enfim despreza
A natureza, o rudo
Poder que, oculto, o comum dano gera
E a vacuidade sem final de tudo.

Leopardi não cultiva o Belo. Não cultiva um *belo estilo,* não escreve *belos versos* (mas árduos e significativos), não cria *belas frases* nem *belas imagens,* nem *belos pensamentos.* Os versos de Leopardi não nos levam a exclamar: "Que beleza!" porque neles não há beleza, mas uma significação maior, uma impressão de mistério onipresente. Leopardi não procura a percepção exterior do Belo:

> Os sons, os perfumes, os sabores não são belos nem feios, são agradáveis ou desagradáveis; os sentimentos, as idéias, pertencem a outra ordem que não a estética; a sensação do infinito não é bela nem feia.

No amor não há beleza, para Leopardi; há a presença de um sentimento inexplicável. De modo que seu verso tem uma força estranha, que não é o poder de descrever, de pintar, mas o de *recordar.* O verso de Leopardi é o verso que *recorda:*

Passaste, eterno,
Ó meu suspiro!

"Suspiro", aí, é a *personificação* da amada desaparecida.

Em Leopardi o sentimento é tão forte que expulsa qualquer veleidade de sentimentalismo; a idéia não se perde no ideal, mas se corporifica. Sua poesia é a própria essência do ser, mas não se evola no etéreo, arraigada à terra, ao chão, ao campo, às plantas, às casas, aos animais, às jovens camponesas, aos velhos aldeões, animada de pessoas e coisas. Leopardi cria uma atmosfera poética tão densa e seu estilo é tão convincente que ao lê-lo tem-se a ilusão de que todos os homens são poetas e de que a existência é um poema.

Diz De Sanctis:

> O pessimismo de Leopardi tem o dom de produzir efeito inverso. Leopardi não crê no progresso, e o faz desejar; não crê na liberdade, e a faz amar; chama de ilusões o amor, a glória, a virtude, e faz desejá-los com ardor. Tudo isto na linguagem mais perfeita que a Itália teve depois de Dante e Petrarca, linguagem casta e sábia, digna dos antigos poetas gregos.

Relata um de seus biógrafos:

> A princípio, Leopardi, cheio de idéias modernas, desdenhou o estudo do idioma, deixou-se influenciar pela literatura francesa, desprezava Homero, Dante, todos os clássicos. Mas mudou de tom, "pela graça de Deus", como ele mesmo disse. "Quanta coisa ignoramos dos Antigos!" — exclama ao estudá-los.

Existe decerto em todas as épocas um conceito *moderno* de literatura. Leopardi mesmo diz:

> A literatura antiga, embora grande, não basta à língua moderna. A língua é sempre formada e determinada pela literatura, sucessivamente, em cada época. A língua atual, sendo moderna, não deve ser determinada pela literatura antiga mas pela que atualmente a determina, por uma literatura moderna.

Altos pensamentos que parecem vir do infinito, sentimentos quase inexprimíveis, a impressão de mistério das coisas, a visão ilusória da existência — destas substâncias é feita a poesia de Leopardi, filha moderna da poesia antiga. A poesia antiga será sempre uma saudade presente na poesia moderna. Creio não ser o único a sentir esta saudade ancestral. Uma coisa a poesia jamais poderá perder: a sua ancestralidade.

Fala-se em sentimentos gastos, em pensamentos gastos. Mas assim parecem por não serem, quando escritos, sentidos em toda a sua profundeza, como quando vividos. Não há quem ache gastos os seus próprios sentimentos e pensamentos. Sem eles o homem seria um manequim irresponsável. O sentimento, como o pensamento, não são substâncias materiais que possam gastar-se. São coisas que existem em essência sem existir materialmente. O cérebro e o coração se gastam, a parte essencial da vida é imaterial.

Exclama Nietzsche:

> Estou farto de poetas; dos antigos e dos novos. Para mim, todos eles são superficiais; todos eles são mares que secaram. Nenhum atingiu as profundezas do pensamento. Fartei-me desse "espírito" e vejo chegar o tempo em que esse espírito se sentirá farto de si mesmo. Já vi poetas se transformarem, e voltarem o olhar contra si mesmos. Vi aproximarem-se os "penitentes do espírito". Foi entre os poetas que eles nasceram.

Por ter pensado tão profundamente a sua poesia, Leopardi é um dos raros que escapam à condenação de Zaratustra.

ROMANTISMOS EM OPOSIÇÃO*

Otto Maria Carpeaux

NO MODO A-HISTÓRICO DE PENSAR, também reside parte da grandeza do poeta Giacomo Leopardi; só é preciso interpretar essa sua atitude não como protesto romântico contra o seu tempo, e sim como protesto con-

*In *História da literatura ocidental*. v. 5. Rio de Janeiro: Alhambra, 1981, p. 1.257-1.261.

tra todos os tempos. Leopardi não foi romântico: a sua formação era intensamente greco-latina; defendeu, como Monti, o uso da mitologia na poesia; detestava o subjetivismo romântico ("*Cosa odiosissima è il parlar molto di se*"); censurou os cinqüencentistas porque teriam "romantizado" a Antigüidade. Mas ele mesmo também "romantizou", e tão fortemente que deixou à posteridade uma imagem pálida à maneira de Lamartine. É que o romantismo lhe foi imposto pela vida. Leopardi foi um dos homens mais infelizes de todos os tempos. Seu pai, aristocrata ultraconservador e clericalíssimo, empobrecido pelas vicissitudes históricas da época, educou-o como numa prisão, transmitindo-lhe cedo uma erudição greco-latina tão imensa que o menino já surpreendeu os especialistas mais famosos; e tornou-se totalmente inadaptado à vida. Fugiu para Roma, não arranjou nada, voltou para a prisão paterna, continuando em condições de pauperismo, perturbado por amores sempre infelizes, minado pela tuberculose; em Nápoles, no meio da Natureza exuberante que lhe parecia impiedosa, morreu com 39 anos de idade, deixando uma obra de tamanho escassíssimo: um volume de diálogos e meditações filosóficas e um pequeno volume de versos. É, porém, a obra mais perfeita de uma literatura tão grande como a italiana.

Vida e morte definem Leopardi como um dos "gênios malogrados" do *mal du siècle*, ao qual ele deu a expressão de um sistema filosófico, ou antes as aparências de um sistema do pessimismo metafísico, ou melhor: antimetafísico. Aquele volume de versos abre com as canções "A Angelo Mai" e "À Itália"; escolheu expressões tão convencionais do classicismo como

> Ó pátria minha, vejo os arcos, muros,
> Colunas, simulacros, desertada
> Torre dos ancestrais.
> Mas a glória não vejo,

— versos que lembram a Rodrigo Caro ou Quevedo — para lamentar a humilhação da Itália. Os contemporâneos só ouviram a lamentação; pensaram em Chateaubriand e Lamartine. Doutro lado, o republicanismo radical e anticristão de Leopardi parecia aproximá-lo de Byron, e a reação política e clerical na Itália, reação que ele sofreu diretamente na casa paterna, parecia explicação suficiente do seu desespero. Para os italianos de 1840, Leopardi era o poeta da desgraça antes de se levantar a aurora da liberdade. Por isso mesmo, a Europa não lhe prestou a atenção devida. Francesco De Sanctis, no seu ensaio admirável sobre a mocidade de Leopardi, foi o primeiro que ousou duvidar do valor daquelas poesias patrióticas, que são realmente inferiores; mais tarde, Croce eliminou também as poesias de sabor arqueológico e filosófico. Mas então só fica-

ria um Leopardi que "*parla molto di se*", um romântico de formação grega que "romantizou" a Grécia como tinha feito Foscolo. Aos biógrafos indiscretos, a poesia pessimista de Leopardi explicou-se como caminho de evasão de um doente, sofrendo de insuficiência sexual e decorrentes perturbações mentais, lamentando infinitamente

> Do caro e triste
> Pungir do coração, lembrança acerba.

encontrando numa poesia doce e musical o desejado aniquilamento como num Nirvana budista:

> Assim, nessa
> Imensidão se afoga o pensamento:
> E doce é naufragar-me nesses mares.

Assim, um dos maiores poetas de todos os tempos sobrevive na memória como poeta menor, como decadentista pálido e elegíaco. Foi nesse sentido que Benedetto Croce empreendeu distinguir, em Leopardi, a poesia e a não-poesia, eliminando os poemas filosóficos e mantendo só os grandes idílios.

Na verdade, Leopardi não foi poeta elegíaco-idílico e, muito menos, decadente. Doente, sim, mas os sofrimentos físicos e as humilhações pessoais não lhe quebraram o espírito forte. Dão testemunho disso a dureza de pedra do seu verso, a lucidez crítica dos seus diários (reunidos no imenso *Zibaldone*), e a força de elaborar, nos *Opúsculos morais*, um autêntico sistema filosófico do pessimismo. Pessimismo que não era, aliás, absoluto: pois, condenando como pensador as funestas ilusões de felicidade, Leopardi justificou, em sua poética, essas ilusões: porque produzem a poesia consoladora; isto é, a poesia filosófica, ou melhor, a poesia intelectual. Aquelas primeiras poesias patrióticas representaram um pensamento que o poeta logo superou. Leopardi lamentou a glória desvanecida da Itália e declarou-se republicano, porque convinha assim ao discípulo da retórica latina. Com os patriotas e republicanos vivos não desejava comunidade, porque não participou das duas esperanças utópicas; e eram, todos eles, românticos. Leopardi era liberal na política e livre-pensador em matéria de religião, como tantos aristocratas do século XVIII. "*The age of chivalry is gone...*", dissera Burke; e Leopardi, democrata fora dos partidos, não pretendeu opor-se a essa transformação. Mas, continuara Burke, "*... that of sophisters, economists, and calculators has succeeded*"; e o aristocrata Leopardi estava de acordo, porque adivinhou a mentalidade burguesa atrás da atitude romântica dos patriotas. O romantismo político causava-lhe náusea, e o patriotismo parecia ao cosmopolita à maneira do século XVIII um egoísmo coletivo. Admitiu só um

egoísmo coletivo: aquele que nos inspira o sofrimento coletivo da humanidade. E não acreditava que romantismo, patriotismo e República pudessem abolir esse sofrimento de todos os tempos.

Os *Opúsculos morais* abrem com uma pequena "História do gênero humano" cuja idéia se condensa no aforismo: "*Gli uomini sono miseri per necessità, e risoluti di credersi miseri per accidente.*" O *accidente* é o que muda, a fachada histórica da humanidade. A *necesità* é o que fica imutável, isto é, a Natureza, à qual ele acusou, no "Diálogo da natureza e de um islandês", como madrasta terrível do gênero humano. Leopardi pensava a-historicamente (e, por conseqüência, anti-romanticamente); como os pensadores do século XVIII deu mais importância aos fenômenos da Natureza do que ao "*tableau des crimes et des malheurs*" que se repetem invariavelmente. A atitude anti-histórica de Leopardi ter-se-ia manifestado no interesse pelas ciências naturais, como em Schopenhauer, se não fosse a sua formação exclusivamente humanista. Conhecia as ciências naturais só como objeto de estudos filológicos em Aristóteles e Plínio; e a sua visão de Natureza e História exprimiu-se em lugares-comuns consagrados pela poesia clássica; na "Giesta", compara a vida alegre e febril dos vivos —

> Na marina de Capri,
> Em Nápoles, no porto e em Margelina.

— com a tenacidade do modesto tojo, vivendo nos desertos em redor do Vesúvio, sob os quais dormem as cidades mortas de Pompéia e Herculano. Leopardi não se satisfez, porém, com comparações líricas. No "Diálogo de um vendedor de almanaques e de um passante", a alegria insensata de um homem simples no dia de ano-novo é desmentida por uma cadeia implacável de silogismos: não há motivo algum para acreditar que "o ano-novo" será um "ano bom"; toda a experiência humana contradiz a esse otimismo. Os silogismos que Lombardi apresenta são implacáveis, mas não dogmáticos; sempre só pretendem demonstrar a probabilidade máxima da desgraça, e a conveniência de se prevenir contra tudo. O pessimismo de Leopardi é, por assim dizer, utilitarista; pretende, enquanto possível, reduzir o sofrimento natural pela consciência inteligente. O probabilismo das suas deduções lembra imediatamente o "pari" de Pascal, se bem que às avessas. Com efeito, Leopardi parece-se muito com Pascal, pela erudição precoce, pela insuficiência e sofrimento físicos, pela angústia permanente; mas é um Pascal sem Graça divina. Pascaliana é a sua inquietação; e isso confere à sua poesia a cor romântica, bastante intensa. Daí a sua preferência pelas palavras que sugerem o vasto e o infinito, no "Canto noturno de um pastor errante na Ásia", e nos versos "A si mesmo" — os seus mais famosos — que constituem a Suma do seu pessimismo:

À nossa espécie o fado
Não deu mais que o morrer. Enfim despreza
A natureza, o rudo
Poder que, oculto, o comum dano gera
E a vacuidade sem final de tudo.

Esse pessimismo é diferente, por completo, do *mal du siècle* e do *Weltschmerz*. Já não se entristece em face das ruínas da pátria ou da sua vida particular, mas pensa sempre no gênero humano, em vez de "*parlar molto di se*". A base desse pessimismo não é o espiritualismo cristão de Lamartine nem o satanismo revoltado de Byron, mas o materialismo do século XVIII: Leopardi está perto dos enciclopedistas franceses, de Condillac, até de Lamettrie — apenas o poeta é mais céptico. A sua ênfase com respeito à relação entre "Amor" e "Morte" não é romântica, mas refere-se aos fenômenos biológicos fundamentais; e a verificação de que a Dor é a condição própria da vida, tem o sentido de um fato psicofisiológico. A base do pessimismo de Leopardi não é "nobre" à maneira dos espiritualistas; é o eudemonismo de um materialista que desejava o prazer e só encontrou a dor, portanto grita:

Funesto a quem nasce é o dia natal.

São palavras, quase literalmente, de Sófocles. No materialismo e no pessimismo. Leopardi é um grego; daquela Grécia porém que o idílio classicista ignorava e que só Buckhardt e Bachofen revelarão. Assim como Keats, com o qual tem, aliás, poucos pontos de contato, Leopardi chegou a Grécia através do romantismo, que o libertou do eruditismo dos seus estudos precoces, mas — e isso o distingue de Keats — o caminho grego não era, para Leopardi, um caminho de evasão. Por isso não chegou à euforia do inglês, nem à sua música verbal. Leopardi não é um músico da língua. É clássico num sentido mais rigoroso, emprega muito poucas imagens e metáforas, é o poeta do substantivo bem escolhido do qual não existe sinônimo. A prosa dos *Opúsculos morais* é a mais "nua", a mais simples da língua, feita para, eliminando-se o *accidente*, só exprimir o essencial, o permanente. Às vezes, Leopardi chegou a uma harmonia entre essa expressão e aquele seu pensamento que parece revelação da harmonia das esferas, se bem que fosse uma harmonia sinistra. Assim, quando, no "Diálogo de Federico Ruysch e das suas múmias", os cadáveres embalsamados no museu do famoso anatomista holandês entoam o canto:

Sozinha no mundo, eterna, a quem se volta
Toda coisa criada
Em ti, morte, repousa
Nossa desnuda natureza:
Alegre não, mas liberada
Da antiga dor...

Esse *Coro di morti nello studio di Federico Ruysch* é a resposta moderna à *Divina comédia*, na língua dela. "Romântica" essa poesia só é no sentido de "moderno", realizando a ambição de Chénier —

> *Sur des pensers nouveaux faisons des vers*
> *antiques.*

O que é uma definição da poesia permanente de Giacomo Leopardi.

LEOPARDI, TEÓRICO DA VANGUARDA*

Haroldo de Campos

A MAIOR PARTE DAS REFLEXÕES TEÓRICAS de Leopardi deve ser respigada no *Zibaldone*. A palavra italiana significa "coletânea de apontamentos os mais diversos, dispostos sem um plano e uma ordem preestabelecidos". "Que é então o *Zibaldone*?", pergunta o crítico Giuseppe De Robertis em seu "Ensaio sobre Leopardi". E responde: "Uma espécie de diário em sete volumes, de 3.619 páginas, começado em julho de 1817 e terminado em 4 de dezembro de 1832." Para acrescentar: "a vasta e confusta matéria de anotações" pode ser resumida através de certas noções ou "fulcros de idéias", tais como: "antigos", "vida", "homem", "compaixão", "egoísmo", "ódio", "amor", "mundo", "sociedade", "experiência", "felicidade", "língua", "estilo". (Não foi por certo sem intenções alusivas que Ungaretti, escrevendo sobre Valéry na revista *Poesia*, III-IV, 1946, empregou o termo "zibaldone" para referir-se à obra em prosa do poeta francês, de *Soirée avec Monsieur Teste* até as últimas anotações.)

Nesse mar de sargaços do pensamento leopardiano, do qual não estão excluídas nem a banalidade nem a contradição, muitas reflexões emergem ao primeiro contato e desde logo nos tocam por sua atualidade. De Robertis, em 1922, deu-nos uma inteligente antologia em dois volumes desse *corpus* complexo, facilitando o acesso à massa ínvia com um excelente índice analítico. Mas desde 1904, Romualdo Giani ("A estética nos *Pensamentos* de Giacomo Leopardi") nos preparara um guia que tem o mérito de já ter selecionado o material do ponto de vista de seu interesse estético. Vejamos algumas dessas reflexões:

> (...) Hoje não temos literatura nem língua, porque esta não sendo moderna, embora italiana, não é nossa, mas de outros italianos, e porque não há nem jamais houve nem poderá haver literatura que, em seu tempo, não seja moderna; e havendo, não será literatura.

* In *A arte no horizonte do provável*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1972.

As regras nascem quando falta quem pense. (...) O mal de nossa época é que a poesia já esteja reduzida a arte, de modo que, para ser verdadeiramente original, é preciso romper, violar, desprezar, deixar de parte inteiramente os costumes e os hábitos e as noções de normas, de gêneros etc, recebidas de todos.

Homero, que escrevia antes de qualquer regra, não sonhava por certo estar grávido de regras como Jove de Minerva ou de Baco, nem que a sua irregularidade seria medida, analisada, definida e reduzida a capítulos ordenados para servir de regra a outros e impedi-los de ser livres, irregulares, grandes e originais como ele. (...) Tenho pena de todos, mas sobretudo dos pobres gramáticos, que, devendo formar a prosódia grega com base em Homero, foram obrigados a povoar o Parnaso grego de exceções, de sílabas comuns etc, ou pelo menos a advertir que muitos exemplos de Homero repugnavam aos ensinamentos deles. Pois Homero inocentemente, ignorando o grande feto das regras de que estavam prenhes os seus poemas, manipulava as sílabas a seu gosto e até no mesmo pé usava a mesma sílaba ora longa ora breve.[1]

(...) a arte e a faculdade e o uso da imaginação e da invenção é tão indispensável ao estilo poético quanto, e talvez ainda mais, o é ao descobrimento, à seleção e à disposição da matéria, às sentenças e a todas as outras partes da poesia etc. Donde não ser possível existir quem seja poeta pelo estilo sem o ser por todo o resto, nem quem tenha um estilo verdadeiramente poético sem que possua faculdade, ou a possuindo não tenha hábito, de sentimento, de pensamento, de fantasia, de invenção, em suma de originalidade no escrever."

O artista que

aspire a pensar originalmente e a dizer coisas próprias de seu tempo deve preparar a língua de que necessita com suas próprias mãos. (...) Falsíssima idéia considerar e definir a poesia como arte imitativa (...) O poeta imagina, a imaginação vê o mundo como não é (...) finge, inventa, não imita (...) criador, inventor, não imitador; eis o caráter essencial do poeta.

Eis aí, prefigurada, a postulação da arte como *informação original*, na qual a inovação é um componente decisivo. Com termos apenas mais precisos, é o que sustentam hoje um Max Bense ("a informação estética transcende a semântica no que concerne à imprevisibilidade, à surpresa, à improbabilidade da ordenação dos signos") e um Roland Barthes ("pensada em termos informacionais, a originalidade é o fundamento mesmo da literatura"). Ou o que preconizava Victor Chklóvski, o formalista russo, em seu artigo-manifesto "A arte como procedimento" (1917), que ecoa na formulação de Maiakóvski: "A novidade, novidade do mate-

[1] "Homero não começou por pensar qual das sessenta e quatro fórmulas permitidas deveria ser usada no seu próximo verso", Ezra Pound, "Treatise on metre", *ABC of Reading*.

rial e do procedimento, é indispensável a toda obra poética". De certa maneira, aí estão também os conceitos de "poeta-inventor" (Pound) e de "poeta-fingidor" (Pessoa), devendo-se recordar, quanto a este último aspecto, o papel que Leopardi conferia à "ilusão" na criação poética ("E se o poeta não pode iludir, não é mais poeta, é uma poesia razoável"). Mas se quisermos ainda outras observações de matiz antecipador, vejamos estas:

> O prazer da variedade e da incerteza prevalece sobre o da aparente infinitude e da imensa uniformidade.

A graça é fruto "dos desvios da regra", de onde surge "não sei que de inesperado que te punge". Ou então:

> O sentimento de surpresa que o homem experimenta vendo ou sentindo uma beleza diversa daquela que se habitou a considerar como tal.

Porque:

> toda beleza, seja de uma língua em geral, seja de um modo de dizer em especial, é um desprezo à gramática universal e uma expressa infração, de maior ou menor gravidade, de suas leis.

Os conceitos de "singularização" (*ostraniênie*) e "desautomatização" do formalismo russo; o critério da "improbabilidade" da informação estética, de Bense; o problema do "desvio da norma", também dos formalistas, ou da informação estética como *denormierte Information* na terminologia bensiana, eis algumas das idéias que Leopardi suscita à leitura moderna.[2]

Há ainda a polêmica entre a linguagem da ciência e a linguagem da poesia, que permite alinhar Leopardi entre aqueles poetas que, como Hölderlin antes e Mallarmé pouco depois, iriam, na tese de Michel Foucault, contestar a função da linguagem na *episteme* clássica, redescobrindo-lhe a autonomia, destacando-a cada vez mais, como *literatura*, do discurso de idéias e fazendo-a voltar-se sobre seu próprio ser intransitivo. Esta polêmica Leopardi confundiu-a em modo de crítica à língua francesa, com seu "estilo reduzido a ângulos", transformada em instrumento de "áridas análises", serva do rigor lógico, não mais "livre nem ousada nem vária", mas exata, paciente, regular, monótona, inane. Daí a sua conhecida distinção: para a poesia ele reservara as *palavras* (*paro-*

---

[2] "... a linguagem padrão é o pano de fundo contra o qual se reflete a distorção esteticamente intencional dos componentes lingüísticos da obra, ou, por outras palavras, a violação intencional da norma desse padrão", Jan Mukarovsky, do Círculo Lingüístico de Praga, dissertando sobre "A linguagem padrão e a linguagem poética" (*Apud* Paul L. Garvin, *A Prague School Reader on Esthetics, Literary Structure and Style*, Washington, 1964).

le), para a ciência, os *termos* (*termini*). A língua da análise científica, esqueletizada pelo uso de abstrações, é rica de *termos* que definem e determinam as coisas em todos os sentidos, porém é pobre de *palavras*, criadoras de imagens. O artista da palavra deve reconduzir a língua para o sensível, o particular, o concreto, fazer dela outra vez, tal como era em seus inícios, uma criação original. A concretude é pois a meta do poetar e o próprio do poeta é a "faculdade produtora de imagens". Nesse sentido ele fala de uma língua que tenha *propriedade*, ou seja:

> uma língua ousada, capaz de afastar-se nas formas, nos modos, da ordem e da razão dialética do discurso, já que dentro dos limites desta ordem e desta razão nada é próprio de nenhuma língua em particular, mas tudo é comum a todas.

Para o poeta dos *Cantos*, a particular beleza de um estilo está na força da expressão livre, vária, ousada, figurada, que não define abstratamente o objeto, como a ciência com seus *termos*, mas lhe suscita a imagem.

Da teoria leopardiana da brevidade ("os trabalhos da poesia querem por natureza ser curtos"; "a poesia consiste essencialmente em um ímpeto") e de sua reivindicação por uma poesia do "indeterminado", cujos elementos conectivos devem ser supridos na mente do leitor, temas que nos sugerem os atuais problemas da "linguagem reduzida" e da "abertura" da informação estética, co-produzida pelo seu consumidor, já falei em outro passo deste livro.[3]

Restaria ainda abordar, como hipótese de trabalho para uma reflexão mais acurada, um outro importante aspecto do pensamento leopardiano que bem manifesta sua atualidade. Trata-se do interêsse que pode haver em cotejar as idéias de Leopardi sobre o papel da imaginação nos filósofos com a tese de um racionalismo mais largo, que integre a dimensão do sensível, tese que está presente nos escritos de um Lévi-Strauss e de um Max Bense, e que, em termos de uma teoria do poema, foi entre nós pensada pela poesia concreta (ver o "Plano Piloto" de 1958).[4] Para Leopardi, "a pura razão não tem sensório algum". Por isso ele opunha a filosofia e o uso da pura razão ("que se pode comparar aos termos e à construção regular"), à poesia ou à "imaginação" ("que se pode comparar à palavra e à construção livre, vária, ousada e figurada"). Mas é o próprio autor do *Zibaldone* quem proclama, em páginas das mais instigantes, a necessidade da imaginação para o filósofo.

---

[3] Cf. "Ungaretti e a estética do fragmento – O último Ungaretti".

[4] Sobre a dialética razão/sensibilidade em Lévi-Strauss, ver Andrea Bonomi, "Implicazioni filosofiche nell'antropologia di Claude Lévi-Strauss", revista *Aut Aut*, Milão, n. 96/97, 1967 (tradução portuguesa em *Tempo Brasileiro*, R. Janeiro, n. 15/16, número especial sobre o "estruturalismo").

> A análise das idéias, do homem, do sistema universal dos seres, deve necessariamente recair em grandíssima e principal parte sobre a imaginação. (...) A ciência da natureza não é senão ciência das relações. Todos os progressos de nosso espírito consistem no descobrimento de relações. Ora, além do fato de que a imaginação é a mais fecunda e maravilhosa descobridora de relações e das harmonias mais ocultas (...), é manifesto que aquele que ignora uma parte, ou antes uma qualidade, uma face da natureza, ligada com qualquer coisa que possa constituir objeto de reflexão, ignora uma infinidade de relações, e portanto não pode deixar de raciocinar mal, de ver falso, de descobrir imperfeitamente, de não ver coisas as mais importantes, necessárias e até mesmo as mais evidentes. (...) Não se conhece perfeitamente uma verdade se não se conhecem perfeitmente todas as suas relações com todas as outras verdades e com todo o sistema das coisas. (...) A razão tem necessidade da imaginação (...) a insensibilidade mais perfeita da sensibilidade mais viva (...) a geometria e a álgebra da poeisa etc.

Para Leopardi, a imaginação, propriedade do verdadeiro poeta e que também não pode faltar ao verdadeiro filósofo, é a "faculdade e a veia das semelhanças". Através dela, o espírito descobre "vivíssimas similitudes entre as coisas", é capaz "de avizinhar e assemelhar objetos das espécies mais distintas, como o ideal com o mais puro material, de dar corpo vivíssimamente ao pensamento mais abstrato, de reduzir tudo a imagens (...), de ver relações entre coisas diversíssimas (...), relações em que não pensara nunca". E completa:

> Todas essas são faculdades do grande poeta, e todas fazem parte ou derivam da faculdade de descobrir as relações das coisas, mesmo as mínimas e mais longínquas, ainda as que digam respeito às coisas que parecem menos análogas. Ora, isto tudo é o filósofo: faculdade de descobrir e conhecer as relações, de ligar em conjunto os particulares e de generalizar.

A ênfase na descoberta das "relações entre as coisas" (este "credo estruturalista", na expressão de Gérard Genette), o elogio da capacidade de discernir aquilo que Lévi-Strauss chamaria "*rapports d'homologie*", correlações entre sistemas pertencentes a domínios os mais diversos, eis alguns pontos a serem meditados nesta linha de interesses. Que a imaginação fosse, para o poeta de Recanati, a faculdade suscitadora dos mitos e que ele visse na música, de certa maneira, o ideal da lírica (pois, sobre todas as artes, a música tem o condão de "nos eletrizar e sacudir ao primeiro toque"), não serão também dados indiferentes no contexto aqui apenas esboçado.

O Infinito do Infinito*

Helena Parente Cunha

Entre as mais breves, talvez seja esta a mais bela composição de Leopardi, criadora da realidade dos intermináveis espaços e do tempo incomensurável:

Sempre caro mi fu quest'ermo colle,	Sempre cara me foi esta colina
E questa siepe, che da tanta parte	Erma e esta sebe, que de extensa parte
Dell'ultimo orizzonte il guardo esclude	Dos confins do horizonte o olhar me oculta.
Ma sentando e mirando, interminati	Mas, se me sento a olhar, intermináveis
Spazi di là di quella, e sovrumani	Espaços para além, e sobre-humanos
Silenzi, e profondissima quiete	Silêncios e quietudes profundíssimas,
Io nel pensier mi fingo; ove per poco	Na mente vou sonhando, de tal forma
Il cor non si spaura. E come il vento	Que quase o coração me aflige. E, ouvindo
Odo stormir tra queste piante, il quello	O vento sussurrar por entre as plantas,
Infinito silenzio a questa voce	O silêncio infinito à sua voz
Vo comparando: e mi sovvien l'eterno	Comparo: é quando me visita o eterno
E le morte stagioni, e la presente	E as estações já mortas e a presente
E viva, e il suon di lei. Così tra questa	E viva com seus cantos. Assim, nessa
Immensità s'annega il pensier mio:	Imensidão se afoga o pensamento:
E il naufragar m'è dolce in questo mare.	E doce é naufragar-me nesses mares.

Estamos imersos no ritmo da imensidão, cujo andamento amplo vai crescendo, marcado quase pela ausência de fôlego, a cada passo que avança nos espaços, *interminati*, e no tempo, *eterno.*

Trata-se de um dos momentos mais plenos da disposição anímica lírica que absorve o eu, a paisagem desvanecente e o que nela se permeia, numa corrente que arrasta irresistivelmente de um onde para um quando inacessíveis à objetivação. Justifica-se perfeitamente a asserção de Staiger de que a disposição anímica pode apreender a realidade mais diretamente do que qualquer intuição ou o máximo grau de compreensão.

A ilusão do estado lírico ("*Io nel pensier mi fingo*") capta a realidade sem precisar das muletas da compreensão, esmagada pela idéia do infinito, que traga o mundo exterior, subsistente no início apenas como trampolim para o salto na outra dimensão: o *ermo colle,* a *siepe.* A sebe encobre a visão do "*ultimo orizzonte*", mas o dado sensorial se torna secundário, ou melhor, sua exigüidade faculta a abertura do olho da imaginação. O *mirando* do quarto verso já não pertence mais à vista e sim à contemplação admirada de algo que escapa ao olhar ou o ilude, numa "miragem" encantada. Neste estado paradisíaco, não contaminado pelo *vero* insuficiente nem intoxicado pelas indagações trágicas, o eu se entrega à ilusão e se precipita no mistério.

---

* In *O lírico e o trágico em Leopardi.* São Paulo: Perspectiva, 1980, p. 65-68.

Este canto, mais do que qualquer outro, dá a impressão de revelar o afã do poeta em exprimir o inexprimível do real extra-sensível e translógico. O discurso poético sempre se desvia das normas gramaticais porquanto o poeta, no seu empenho de manifestar a totalidade do real, desestrutura as estruturas lingüísticas a fim de tentar alcançar as dimendões que não podem ser representadas dentro das fronteiras do código.

Jean Cohen, que considera a norma do discurso poético a antinorma, destaca a importância da pausa ou silêncio que, na comunicação geral, não passa de uma detenção da voz, necessária ao falante para respirar. Fenômeno externo ao discurso, carregou-se de significação lingüística, pois a pausa coincide com o sentido. "*Todo verso, sin excepción posible, va seguido de una pausa más o menos larga*",[1] gerando muitas vezes o conflito entre o metro e a sintaxe no *enjambement*, cuja pausa métrica não tem valor semântico, separando unidades estreitamente solidárias. Esta ruptura do paralelismo fono-semântico ocorre em dez versos dos quinze de "O infinito".

Na combinação sintagmática normal, aos substantivos soldam-se adjetivos e pronomes adjetivos que, aqui, se desprendem da seqüência: *interminati, sovrumani, quello, questa.* A pausa métrica obriga a uma parada, uma suspensão causada pelo susto do homem à beira do desconhecido. A pausa se prolonga devido à extensão dos adjetivos polissílabos, *interminati, sovrumani, profondissima*; pertencentes ao campo semântico de grandeza, pretendem ansiosamente aproximar-se da representação impossível do irrepresentável.

O acento proparoxítono de *profondissima*, precedido dos obscuros *o* e seguido da sussurrante sibilante, submerge o eu na imensidão da paz sem limites, acentuada pela nirvânica palavra *quiete*, prolongada pela diérese. O emprego do superlativo neste adjetivo, o prefixo de negação de *interminati*, o prefixo indicativo de excesso em *sovrumani* insistem na tentativa de de-finir o Infinito inde-finível.

Os oito demonstrativos do poema operam na perfeita síntese dos planos do real concreto e do imaginário: inicialmente, *questo* e suas variações se referem ao primeiro plano, "*questo ermo colle*", "*questa siepe*", "*queste piante*", "*questa voce*", em contraposição a *quello*, do infinito distante. Na contemplação dos espaços imaginados, a sebe, que era *questa* no segundo verso, se faz *quella* no quinto, já mergulhada no infinito. O plano do imaginário, no final do canto, se aproxima em "*questa immensità*" e "*questo mare*", na completa integração dos dois níveis, que manifestam a Infinita Verdade. O discurso poético é uma dialética tensa do *questo* e do *quello*. E o incomparável idílio é verdadeiramente poesia por integrar o real na simultaneidade deste *este* e desse *aquele*.

[1] COHEN, Jean. *Estructura del lenguaje poético*. Madrid: Gredos, 1970, p. 59.

Bigongiari chama a atenção para a organização do canto no tempo presente, dilatado e sublinhado, como por exemplo na forma perifrástica durativa "*vo comparando*". O único passado aparece em "*Sempre caro mi fu*", mas com efeito estendido ao presente.

Mais do que um "*canto tutto presente*", parece-nos um daqueles casos em que a recordação lírica integra futuro, presente e passado:

E mi sorvvien l'eterno.	É quando me visita o eterno
E le morte stagioni, e la presente	E as estações já mortas e a presente
E viva, e il suon di lei.	E viva com seus cantos.

A terminologia de *sovvenire* nos remete ao conceito de *recordar*. *Subvenire*, significando vir no (do) fundo, é o mesmo que trazer de novo ao coração todas as faixas temporais. Como o discurso só pode organizar-se linearmente, as conjunções aditivas somam os elementos, mas sua intensificação precipitada expressa a fusão, numa coexistência unitária. Registramos ao todo onze conjunções aditivas que revelam, através da adição de todas as parcelas do mundo visível e do invisível, o desejo de atingir a integração na totalidade una.

O Infinito só se fez sentir na solidão do "*ermo colle*", onde o eu se ausentou do ruído finito, afundando nos "*sovrumani silenzi*" e no "*infinito silenzio*" para naufragar no "*dolce mare*" da Poesia Infinita.

Opúsculos Morais*

Carmelo Distante

Com o "Diálogo de Plotino e di Porfirio", composto em 1827, como o "Copérnico", o autor trata, ao contrário, de modo difuso e com estilo de grande elevação literária, um assunto ao qual dedicara não poucas notas no *Zibaldone*. Referimo-nos ao tema do suicídio evidente, ao qual, do ponto de vista racional, Leopardi não poderia ser contrário, visto que a vida é um irremediável sofrimento. E então, por que fazê-la durar? Não via razão alguma por que os homens deveriam viver para sofrer. O seu raciocínio era perfeito do ponto de vista racional. Por isso Porfírio, que era o porta-voz da posição ideal e moral de Leopardi defende o suicídio e polemiza com Plotino, o qual, como filósofo neoplatônico, sustenta "que não seja lícito ao homem, qual servo fugitivo, subtrair-se a seu talante, daquele cárcere em que se encontra por vontade dos Deuses, isto é, privar-se espontaneamente da vida". Na verdade Leopardi não visava

* In *Opúsculos morais*. São Paulo: Hucitec / Istituto Italiano di Cultura / Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 1992, p. 36-38.

polemizar com a doutrina platônica, mas com a cristã, que não podia atacar abertamente por causa da censura. Por isso a doutrina platônica era um falso objetivo enquanto o verdadeiro alvo era a cristã. Contudo, na disputa filosófico-moral que nesse "Diálogo" se transforma numa contenda de comovida beleza poética, Plotino consegue convencer Porfírio a abster-se do suicídio com uma argumentação nova e original na história do pensamento de Leopardi. Aí, de fato, o nosso autor passa da consideração dos males que o homem sofre por ter-se distanciado no tempo histórico da natureza primitiva, "que, se não demonstrou amar-nos e, sim, nos fez infelizes, pelo menos nos foi sempre menos inimiga e maléfica que nós próprios com o nosso talento, com a curiosidade incessante e desmedida, com as especulações, com os discursos, com os sonhos, com as opiniões e doutrinas infelizes", passa, repetimos, à consideração de que o homem não tem o direito de aumentar os sofrimentos dos familiares e dos amigos, tirando a própria vida. Não é, pois, por respeito ou por obediência à doutrina cristã que os homens devem evitar o suicídio, mas para não aumentar o sofrimento "dos amigos, dos consangüíneos, dos filhos, dos irmãos, dos pais, da mulher e dos parentes e aderentes com os quais estamos acostumados a viver há muito tempo, e que, ao morrermos, precisamos deixar para sempre, não sentindo em nosso coração dor alguma nessa separação, nem levando em conta o que eles sentirão, tanto pela perda de pessoa querida e familiar quanto pela atrocidade do acaso?"

É claro que nesse esplêndido opúsculo, esplêndido pelo estilo e pela linguagem classicíssimos com os quais é tecido, bem como pelo conteúdo transbordante de amor pelas pessoas que nos circundam, e pelo repúdio ao egoísmo de que cada suicida dá prova, Leopardi descobre uma nova dimensão da vida, isto é, a medida do valor que o viver adquire quando é alimentado pelo afeto. Por isso, nesse *Opúsculo* sem renegar a conquista da poesia lúcida e racional que ele fizera, ao escrever o *Frammento apocrifo di Stratone di Lampsaco*, enriquece-o de um novo calor, que advém da consideração do conforto que se pode alcançar pelos afetos, que nos ajudam, se não a vencer, pelo menos a suportar os males da existência.

PERIFERIA E IRONIA EM LEOPARDI

Andrea Lombardi

UMA FORMA TALVEZ PARADOXAL, mas num certo sentido produtiva, de nos aproximarmos da obra de Leopardi é aquela de considerar uma presença *maciça* e uma *ausência*, ideais *abcissas* e *ordenadas* na leitura. Trata-se, por um lado, do conceito de *periferia*, que está, simbolicamente, pre-

sente na obra do autor e na sua vida. Nascido na região italiana das *Marcas* (a origem etimológica desse nome está ligada a *marca, fronteira*), as suas raízes ficaram sempre na mesma pequena e provincialíssima cidade de Recanati, não obstante adquirindo um fôlego todo europeu. Poderemos considerar a hereditariedade iluminista, que sempre o acompanhou e a sua constante referência aos clássicos (Leopardi foi comentarista e tradutor de importantes obras gregas e latinas), como uma espécie de luneta,[1] que afirma e garante o seu distanciamento do debate romântico, no qual, aliás, vive em plenitude.

A *ordenada* contra a qual esta maciça presença do elemento periferia deve ser "projetada" é a ausência da *ironia* e, em particular, da acepção romântica da ironia, na sua produção e a sua declarada aversão contra este conceito. Com certeza, notando bem, nos *Opúsculos morais* está presente uma forma de ironia e de humorismo, que representam uma crítica implícita ao romantismo: negação da natureza e sua brutalidade (contra a idéia romântica de primitivo natural), séria e indefesa proclamação de adesão ao *realismo* (contra um certo *nominalismo* que abre caminho no romantismo, até redundar, de forma simbólica, no conceito de *poesia pura*). A ironia presente nos *Opúsculos*, então, está longe da nossa concepção da ironia (que, é bom lembrar, é devedora nos confrontos com aquela romântica). Há algo de ultrapassado, minucioso, sério, pelo que a ironia de Leopardi permanece mais ligada à sua raiz efetivamente filosófica (socrática). A sua ironia está, com certeza, nos *Cantos*, ligada a um pessimismo de fundo (aliás mais que famoso), que como um véu sutil, persistente, uniforme e etéreo estende-se a toda a sua obra. Nada, entretanto, comparável à explosão violenta, agressiva, irreverente do romantismo romântico, que, *divino*, proclama a necessidade de recriar o mundo, e, de fato, traz à luz, com vigor, o *outro* mundo, aquele da literatura. A presença de Leopardi é mais estudada: artesão atento da palavra, nem missionário nem profeta, cultor do classicismo e erudito, equilibrado e atento ao calibrar a presença de arcaísmos e classicismos numa língua rica, mas nunca transgressora, numa prosa densa, mas nunca explosiva. A função da sua poesia, quando muito, reside na escolha daquele conjunto de termos ligados ao *indefinido, incompleto*, às situações de passagem.

Vejamos o que Leopardi declara num fragmento do *Zibaldone* a propósito do conceito de *comicidade*, afim, até se não necessariamente idêntico, àquele da *ironia*:

[1] A referência poderia ser a personagem de *Palomar* do livro homônimo de Italo Calvino, cujo nome se refere precisamente àquele de um observatório e cuja visão é, de um modo obsessivo, neo-iluminista.

> ... O ridículo dos antigos era verdadeiramente substancioso, exprimia sempre e expunha para dizer assim um corpo de ridículo, e os modernos colocam uma sombra, um espírito, um vento, um sopro, uma fumaça.[2]

A sua condenação do cômico moderno é inapelável e não poderia ser mais veemente e clara, e contrasta com o quanto conhecemos dos românticos alemães a propósito de ironia, cujo caráter universal, filosófico e poético e cuja natureza essencialmente espiritual são essenciais para a compreensão do conceito.[3] À ironia romântica contra o misticismo se sobrepõe uma instigante conexão satânica, restabelecendo a vocação filosófica da ironia: radicaliza, em suma, os conceitos. No seu "Discurso de um italiano sobre a poesia romântica",[4] Leopardi esclarece a sua posição e chega a se posicionar contra aquilo que define como "o ridículo": "O ridículo é o maior mal que possa suceder às pessoas gentis", em consonância com o que afirmara no *Zibaldone.*

Vejamos como isso pode ser mostrado numa das poesias mais famosas, isto é "O infinito".[5] "Eu no pensar me finjo", diz Leopardi. O fingimento, em Leopardi, tinha o objetivo de "imitar a natureza". Se confrontarmos o texto deste *idílio* com sua primitiva versão (LEOPARDI, *op. cit.* p. 105), veremos que o *fingir* não estava ainda presente, assim como não estava presente a decisiva barreira representada por "esta sebe" que "exclui o olhar". Na versão precedente tínhamos, na realidade, "este verde loureiro que grande parte do horizonte encobre ao meu olhar". *Grande parte,* diz Leopardi, mas não *tudo.* Trata-se, além disso, de um *verde* loureiro e não de uma *sebe,* isto é, não é uma barreira definitiva. Indagando a etimologia de *sebe,* revela-se uma parentela com recinto,

---

2 LEOPARDI, Giacomo. *Opere.* A cura di Giuseppe De Robertis. vols. I e III. [*Zibaldone scelto*]. Milão-Roma: Rizzoli, 1937, p. 45-46.

3 "Fantasie und Witz sind Eins und Alles", diz a respeito disso Schlegel (SCHLEGEL, Friedrich. *Kritische Schriften.* Athenäus-Fragmente [1798]): "a fantasia e o dito espirituoso representam uma única coisa" (Ib. 230); o mesmo autor fala de uma "Mystik des Witzes", uma "mística do dito espirituoso", e acrescenta (ironicamente) que "o satanás dos poetas italianos e ingleses será talvez mais poético, mas o satanás alemão é mais satânico". Alhures (*Conversa sobre poesia.* São Paulo: Iluminuras, 1994; trad. de Victor Pierre Stirnimann): "O *Witz* é uma faculdade profética" (p. 93) e "A filosofia é a verdadeira pátria da ironia" (p. 87) e "A ironia é a clara consciência da eterna agilidade, do caos completo e infinito" (p. 113).
Vejamos também em: ALLEMAN, Beda. "De l'ironie en tant que principe littéraire", in *Poétique.* Novembro 1978, n. 36. Paris: Éditions du Seuil.

4 In LEOPARDI, Giacomo. *op. cit.*

5 Vejamos a magnífica tradução deste *Idílio* feita por Haroldo de Campos ("Leopardi, teórico da vanguarda", in *A arte no horizonte do provável.* São Paulo: Perspectiva, 1977; p. 192).

recingir, ligar: portanto um ato de constrangimento violento, definido, insuperável, barreira de um mundo externo que força uma introversão, que a torna absolutamente indispensável. O resultado dessa introversão nos leva a dois versos decisivos: "onde por pouco / não se apavora o coração"(versos 7-8) e "o meu naufrágio é doce neste mar".

O que se consegue aqui é um estranhamento moderado, no qual o infinito externo ("intermináveis espaços", "sobre-humanos silêncios", "quietude mais profunda") refletem-se no interior, criando um espaço reflexivo especular inestimavelmente profundo, incomensuravelmente concentrado, radicalmente auto-reflexivo. Apesar disso "calmo", sereno, equilibrado, pacífico. Em nada monstruoso, inconciliável, irônico.

E o verso final evoca um eco dantesco (mencionado, aliás, de forma ampla no hendecassílabo quase simbólico, verso dantesco por excelência) escolhido por Leopardi para este e para os outros quatro *idílios*.[6] Poderíamos concluir aqui que a chamada "e o meu naufrágio é doce neste mar" evoque com vigor aquele danado, monstruoso e sublime verso dantesco dedicado a Ulisses (*Inferno*, XXVI, 141-142): "e mergulhou no fundo a proa, à suma decisão, / até que o mar enfim nos sepultou".

A desesperada evocação de Dante, quase uma invectiva ("criados não fostes como os animais, / mas donos de vontade e consciência", ib., 119-120), transforma-se em Leopardi num "doce naufragar": perde o ímpeto, amara com calma e se dilui no todo. Símbolo de uma reconciliação *idílica* que contraria um dilaceramento irônico e polêmico. A sua visão é melancólica, descritiva, dramática, mas, num certo sentido, dilacerada. Permite-nos escutar e observar, mas não necessariamente (como os românticos alemães nos haviam sugerido), leva-nos a reviver essa mesma sensação. Leopardi, elegante apresentador, do seu observatório periférico, de uma *ausência* que, para nós observadores pósteros, pode simbolizar um vazio semanticamente dilatado. Nisto Leopardi nos é *familiar*, posto que, como diz Italo Calvino nas suas "Seis propostas para o próximo milênio":[7] "Os seus versos comunicam através da música das palavras sempre um sentimento de doçura, mesmo quando definem experiências de angústia."

---

[6] É significativo que Leopardi não tenha escolhido o hendecassílabo para outras poesias como "À Itália", "Sobre o monumento a Dante" ou a própria "A Angelo Mai".

[7] Calvino, Italo. *Lezioni americane*. Milão: Garzanti, 1988; p. 63.

A NATUREZA, OS ANTIGOS: LEOPARDI TRADUTOR[1]

Alfredo Bosi

Leopardi é o ideal moderno de um filólogo,
os filólogos alemães nada podem fazer.
NIETZSCHE, *Considerações inatuais*
"Primeiros pensamentos", § 109.

EM SEU ENSAIO SOBRE A INTERPRETAÇÃO, Paul Ricoeur[2] propõe que se chame "arqueologia do sujeito" o resultado a que chegariam as ciências humanas ao sondarem o passado de um homem mediante os símbolos que a sua linguagem desvela. Para Ricoeur, a hermenêutica pode colher pelo menos dois estratos:

— o símbolo vinculado à sua formação de base (inconsciente);

— o símbolo entendido na sua intencionalidade (consciência: construção do real).

Bifronte, a linguagem simbolizadora, é, em primeiro lugar, necessidade; depois, escolha. Inventário e invenção seriam as suas dimensões. Em termos lingüísticos, *langue* e *parole*.

Na análise de uma sistema complexo, como é uma obra centrada sobre mitos, fazer "arqueologia do sujeito" não consiste apenas em rastrear as situações psíquicas que se projetam nos signos, mas também e sobretudo descobrir como uma certa visão mítico-ideológica passou de receptiva a ativa, isto é, a construtora de um universo literário.

De Leopardi os mais antigos documentos, entre cartas e páginas de erudição redigidas desde os doze anos de idade, revelam uma existência murada, toda entregue às imagens dos Antigos e alheia ao que não fosse a atenta refacção de uma vida remota, sobre cujos vestígios se debruçaria perdendo a saúde em sete anos de "*studio matto e disperatissimo*".[3]

A condição existencial do jovem Leopardi, tal como ele a refletiu desde cedo, lembra a de um recinto fechado que tem por janelas obras arcanas onde se fala de beleza, de glória, de liberdade. Mas quais as coordenadas reais de Giacomo? O pequeno burgo de Recanati já era um sítio marginal de uma província estagnada, as Marcas, milenarmente sujeitas ao domínio pontifício:

[1] Do primeiro capítulo de tese de Livre-Docência, *Mito e poesia em Leopardi*, apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo em 1970, revisto pelo autor para esta edição.

[2] Em *De l'interprétation*, Paris: Seuil, 1965.

[3] Carta a Giordani, 2 de março de 1818. Tradução: "estudo louco e desesperadíssimo".

"Qui tutto è morte, tutto è insensataggine e stupidità. Si meravigliano i forestieri di questo silenzio, di questo sonno universale."[4]

E nesse "*paesetto*" de clima seiscentista, quem mais se encastelava no culto de uma tradição hostil ao novo século, era precisamente o conde Monaldo Leopardi, pai do poeta, "último espadífero da Itália", e autor de uns retrógrados *Pequenos diálogos* que o filho esconjurou como "*infamissimo scelleratissimo libro*".[5]

No palácio recanatense, longe da história européia do seu tempo, o adolescente precoce[6] escolheu a alternativa de uma existência ainda mais reclusa e refratária, encerrando-se na biblioteca paterna de onde saiu, no seu dizer, para sempre arruinado pelo raquitismo, pela semicegueira, pela inépcia da pessoa toda em relação à vida material.

Esses anos da última infância e da adolescência foram decisivos para que nele se estruturasse uma percepção do ser humano como queda, esvaziamento, perda. A imagem recorrente que Leopardi foi construindo

[4] Carta a Giordani, 30 de abril de 1817. Tradução: "Aqui tudo é morte, tudo é insensatez e estupidez. Os forasteiros admiram-se deste silêncio, deste sono universal."

[5] Carta a Giuseppe Meochiorri, 15 de maio de 1832. Tradução: "infamíssimo e celeradíssimo livro."

[6] Os estudiosos têm sido unânimes em ressaltar essa triste precocidade. O primeiro depoimento vem do próprio conde Monaldo: "Em 1807 (Giacomo contava nove anos de idade), convidei para morar em casa d. Sebastiano Sanchini, sacerdote que instruiu Giacomo e seu irmão menor até 20 de julho de 1812, quando deram ambos pública prova de Filosofia. Naquele dia acabaram os estudos escolares de Giacomo (então com 14 anos), pois o preceptor já não tinha mais o que ensinar-lhe ("Memoriale ad Antonio Ranieri", em *Tutte le opere*, ed. Flora, cit., p. LVI).

Dessa educação consta que o menino leu Homero no original aos dez anos, aos 11 exercitou-se em amplificações latinas, aos 12 compôs vários poemetos ("Notti puniche", "Catone in África", "I Re Magi"...), aos 13 verteu em oitava rima a *Ars Poetica* de Horácio, aos 14 escreveu a tragédia *Pompeo in Egitto* e vários epigramas. Entre os 15 e os 16, já sozinho, empreendeu uma ingente obra de reconstrução filológica que espantaria eruditos encarquilhados de Roma. Trata-se da redação de uma *Storia dell'astronomia dalla sua origine fino al 1811*; da edição comentada de três biografias, *Porphirii de vita Plotini et ordine librorum eius comentarius graece et latine e versione Marsilii Ficini emendata cum notis amplissimis et praevia commentatione; De viris doctrina claris* (versão do grego de um livro de Esíquio Milésio); *De vitis et scriptis rhetorum quorundam qui secundo post Christum saeculo vel primo declinante vixerunt.* Além de uma antologia patrística: *Fragmenta Patrum secundi saeculi, et veterum auctorum de illis testimonia collecta et ilustrata.*

Sobre o valor científico desses trabalhos conhece-se um juízo do arqueólogo alemão Creuzer, editor das *Opera Omnia* de Plotino (Oxford, 1835-37), através da alusão de Sainte Beuve: "*...lui qui travaille toute sa vie, il trouve quelque chose d'utile dans l'ouvrage d'un jeune homme de seize ans*" (apud De Sanctis, *G. Leopardi*, Bari: Laterza, 1963, p. 14). Juízo valorativo, o do historiador Niebhur : "*eruditissimi sunt Blumbius et comes Jacobus Leopardus*" (apud De Sanctis, *op. cit.*, p. 16).

de si é a de um ser que, por um acaso injusto e irreversível, caiu de um tempo absoluto de fantasia e jogos pueris para a enfermidade conatural à vida adulta:

> *Io mi son rovinato con sette anni di studio matto e disperatissimo in quel tempo che mi s'andava formando e mi si doveva assodare la complessione. E mi son rovinato infelicemente e senza rimedio tutta per tutta la vita, e redutomi l'aspetto miserabile, e dispregevolissima tutta quella gran parte dell'uomo, che è la sola a cui guardino i più.*[7]
>
> *...si persuada che la natura e la fortuna cospirarono a danno mio quando nacqui. La natura mi diede poco valore, la fortuna m'ha impedito sempre e sempre m'impedirá ch'io non possa mettere in opera neanche questo poco.*[8]

E deplorando o salto da infância à decrepitude:

> *Io credo che voi sappiate che dall'età di dieci anni... io mi diedi furiosamente agli studi, e in questi ho consumato la miglior parte della vita umana (...). La fortuna ha condannato la mia vita a mancare di gioventù perché dalla fanciulezza io sono passato alla vecchiezza di salto, anzi alla decrepitezza sì del corpo come dell'animo.*[9]

É, na expressão forte de Croce, a imagem de uma vida estrangulada: "una vita strozzata".[10]

A configuração do mito da Idade de Ouro com infância irrecuperável enraíza-se na própria experiência vital de Leopardi. Será o seu lastro, a sua situação constitutiva.

Tudo está em aceitar esse dado de realidade sem *piétiner sur place*, isto é, sem enrijecê-lo em um esquema causal onipresente que deixaria à sombra os processos ideológicos e literários que compõem a obra leopardiana.

---

[7] Carta a Giordani, 2 de março de 1818. Tradução: "Eu me arruinei com sete anos de estudo louco e desesperadíssimo naquele tempo em que estava se formando e devia se consolidar a minha compleição. E infelizmente me arruinei sem remédio e tornei o meu aspecto miserável e desprezibilíssima toda aquela grande parte do homem, que é a única que a maioria observa."

[8] Carta a Leonardo Trissino, 23 de outubro de 1820. Tradução: "... convença-se de que a natureza e a fortuna conspiraram em meu prejuízo quando nasci. A natureza me deu pouco valor; a fortuna impediu sempre e sempre impedirá que eu possa pôr em obra sequer este pouco."

[9] Carta a Giulio Perticari, 20 de março de 1821. Tradução: "Eu creio que o senhor saiba que desde os dez anos... eu me entreguei furiosamente aos estudos, e nestes consumi a melhor parte da vida humana(...) A fortuna condenou a minha vida a falta de juventude porque saltei da infância para a velhice, aliás, à decrepitude tanto do corpo como da alma."

[10] Em *Poesia e non poesia*, Bari: Laterza, 1948,.p. 102.

Algo, porém, se esclarece com esse dado. É ele que empresta às canções iniciais a tonalidade afetiva, mitizadora do infantil, do natural, do primitivo, tanto na vida de um homem como no curso da História. É por ela que o antigo aparece sempre vigoroso e puro; o moderno, turvo e mole. Será uma visão quase clínica das coisas que ditará tantas páginas dos *Opúsculos morais* e se estenderá, nos momentos-limite, ao cerne da Natureza, como no belo texto do *giardino malato* constante do *Zibaldone*. Enfim, o mesmo lastro responderá pelo absenteísmo político de Leopardi e, mesmo, por certa sua ausência dos problemas sociais até os anos maduros, quando em Florença ou em Nápoles o rodeavam amigos já empenhados na luta liberal. O titanismo do último Leopardi não misturaria suas águas com as correntes progressistas que preparavam o Risorgimento; antes, manter-se-ia ocluso na postura de quem acredita viver em um "*secol superbo e sciocco*", como dirá na "Giesta", testamento ideológico.

Aceita a função dos conflitos subjacentes à escritura, importa frisar que *eles não se exprimem senão pelas formas que a cultura lhes oferece*.[11]

O Leopardi adolescente que se vê como um ser condenado à decrepitude formou-se em uma leitura sensista dos clássicos, que lhe propunha uma variante da *religio naturae*. Não que os Antigos ensinem fatalmente o *natural* em oposição ao *racional*. Foi, aliás, o inverso que determinou o modo de ler gregos e romanos de um Boileau ou de um Voltaire. Os clássicos ensinam o que se puder escolher da sua múltipla experiência. Hoje sabemos que há um registro hedonista e um registro estóico entre os possíveis modos de ler os grandes autores da Antigüidade. Virgílio já foi profeta sibilino, tuba heróica ou agreste avena conforme o leram Dante, Camões ou os Árcades. *Make it new*, é a divisa de um Ezra Pound.

Para Leopardi, formado no gosto neoclássico, os Antigos teriam dado, em princípio, apenas modelos acadêmicos de linguagem. Mas essa não era a única variável. O seu contexto o punha em relação polêmica com os filões progressistas do tempo que exploravam os aspectos racionais da herança clássica. E as conseqüências desse complexo ideo-afetivo se fariam sentir desde os estudos juvenis do precoce filólogo.

A primeira obra significativa de Leopardi, o *Ensaio sobre os erros populares dos antigos* (1815), apresenta alguns traços de uma crítica iluminista das abusões antigas, mas já fundidos com textos onde se impõe o fascínio que sobre o autor exercia a matéria sujeita a exame. A pretensa

---

[11] Sobre a contextualidade de toda expressão emotiva, e até mesmo do sentimento do *eu*, nada conheço de mais belo e persuasivo que os ensaios de Marcel Mauss, recolhidos em *Sociologie et ànthropologie* (Paris: P.U.F., 1950), e, em particular, o que trata das "técnicas do corpo". De igual rigor metodológico, lembro a obra de G.H. Mead, *Mind, Self and Society* (University of Chicago Press, 1934). A integração dinâmica do psicológico e do social é trabalho prévio ao tratamento dos fatores genéticos da obra.

demolição dos mitos acaba virando um mosaico das fantasias mais estranhas da mente primitiva.

Pouco vale o bom senso convencional do rapazinho erudito perante os "erros grosseiros que os Antigos cometeram acerca da Divindade". Mera retórica escolar é a conclamação ingênua aos sábios "para que se rebelem contra os malaugurados prejuízos dos povos".[12] São frases que nos dão só uma face da moeda. O reverso é a sedução que os objetos da astrologia e da mitologia popular exerciam sobre o jovem Leopardi: os céus e a terra, os deuses e os heróis, o mundo mágico dos oráculos e das fábulas.

Nessa ambivalência vem à tona a dialética do sensismo de um Diderot ou de um Verri, cujo espírito na aparência seco e analítico nunca se apartava das imagens da Natureza e da Arte. E não ocorre o mesmo com o neo-racionalistmo estruturalista, imerso na pesquisa do pensamento selvagem e de um inconsciente criador de mitos? Na verdade, a imagem tão batida de um iluminismo cerebral é quase sempre um ídolo polêmico de fundo retrógrado. Para combatê-la há, em nossos dias, toda uma vertente historiográfica que sabe discernir, entre os mitos ilustrados, o da natureza, que lhe é tão inerente como o da razão.

> A descoberta da natureza, do estado da natureza, do homem natural, não foi, nos Setecentos, oposta à razão e ao homem racional, embora mais tarde se tenha fixado a antítese; tal como se deu não foi um fato reacionário, mas a descoberta de um outro plano para levar adiante a batalha burguesa pela democracia.[13]

O fato é que alguns passos do *Ensaio* leopardiano parecem repetir o momento polêmico do racionalismo setecentista. A abertura do livro é sintomática:

> *Il mondo é pieno di errori, e prima cura dell'uomo deve essere quella di conoscer il vero. (...) Si deridono con ragione i progetti di riforma universale. Frattanto è evidente che v'ha che riformare nel mondo, e per tutti gli abusi, quelli che riguardano l'educazone sono, dopo quelli che interessano il culto, i più perniciosi.**

O tom parece ainda pura *encyclopédie*. E com cadência voltariana:

> *Me perché mai deve il fanciullo crescere fra gli errori?***

---

[12] Pelas citações precisas sabe-se que Leopardi teve em mãos o *Dictionnarie philosophique*, de Bayle, e a *Histoire des oracles*, de Fontenelle.

[13] Giuseppe Petronio, "Illuminismo, preromanticismo, romanticismo", in *Società*, nº 5, outubro de 1957.

* O mundo está cheio de erros, o primeiro cuidado do homem deve ser o de conhecer o verdadeiro. (...) Zomba-se com razão dos projetos de reforma universal. Entretanto, é evidente que há o que reformar no mundo, e de todos os abusos, os que se referem à educação são, depois dos que interessam ao culto, os mais perniciosos.

** Mas por que a criança deve crescer entre os erros?

Entretanto, a imagem assídua das mesmas ilusões antigas e dos mesmos "erros" do vulgo próximo da infância e imerso na fantasia e no sonho, fez o jovem Leopardi queimar depressa a etapa da crítica ilustrada, cujo resultado ideológico fatal seria a noção do progresso.

Em verdade, sempre que a idéia de progresso convive com uma teoria racionalista, ela tende a rejeitar o polo mítico para os antípodas do pólo "civilizado". Ora, toda a gestalt de Leopardi o impedia de ver ou de aceitar uma conotação de valor na passagem do Antigo ao Moderno, do "ingênuo" ao "sentimental". Assim, Leopardi não poderia assumir e, de fato, não assumiu, a alternativa liberal do Iluminismo, antes, apegou-se à pura vertente naturista que, não dialetizada, vai desaguar no pessimismo radical dos seus anos maduros.[14]

A crença inicial na sacralidade da Natureza e no vigor dos Antigos tende, em Leopardi, a fixar-se no centro de uma constelação de elegias que choram uma Idade de Ouro perdida por obra da razão e do "progresso".

O que não foi mediado pela vivência das relações sociais, mas absorvido uma vez por todas em um complexo emocional, irá com o tempo exprimir uma defasagem perante a História. Collingwood observou, a propósito de Rousseau, que a tendência a um retorno à pureza antiga, matriz de uma das correntes do Romantismo, acabou neutralizando os seus fermentos iluministas.

A reflexão quadra inteiramente a este *Ensaio sobre os erros populares dos Antigos.* Leopardi, apesar de alguns acenos críticos, imerge complacente nas fábulas arcanas que inicialmente pretendia "corrigir". Nessa perspectiva, o *Ensaio* é o material ainda caótico de onde se depreenderá a ideologia mítica do estado natural. De Sanctis chama-o, com inteligência, "matéria arqueológica do engenho leopardiano".[15]

Uma primeira intuição do jovem artista, fecunda e de viquiana memória, foi a de aproximar o selvagem da criança e do vulgo. Os "errori" serão referidos ora a um, ora a outro, como se uma só forma de pensar os articulasse. E o que definia, para o nosso afetuoso mealheiro de crenças, o pensamento selvagem? A aderência sensível do primitivo e do rústico aos fenômenos naturais: *o estado de participação* ditaria as primeiras fantasias, nascidas do espanto ou do desejo. No capítulo dedicado às crenças religiosas, Leopardi refere-se à divinização das paixões transformadas em fenômenos naturais:

---

[14] Impõe-se *mutatis mutandis*, o paralelo com Schopenhauer que, nesses mesmos anos, elaborava *O Mundo como vontade e representação* (1818). O filósofo, retomando a sua modo e empirismo radical de Hume e dos sensistas, e vendo em um Kant cético o modelo dos pensadores (para melhor esconjurar Hegel), tirou conseqüências de uma negatividade absoluta no que toca à vida em sociedade. O empirismo que se recusa à dialética aflui no pessimismo ou, no melhor dos casos, na indiferença.

[15] *Op. cit.*, p. 22.

A volúpia, a libido, o palor, a febre, a tempestade receberam templos e incensos.

Os desejos e os temores abriram caminho para os oráculos, comuns não só no Egito e na Grécia, mas também na Índia e, em plena Idade Média Cristã, na Irlanda, em cuja caverna de São Patrício se encerravam os penitentes por oito dias e oito noites sem outro alimento além de pão e água; do antro saía o pecador com a mente grávida de visões horríficas, mas para sempre purgado e absolvido dos seus crimes.

Dos oráculos passa Leopardi à magia, aos sonhos, às visões do meio-dia, aos terrores noturnos. Há trechos de beleza encantatória nessas descrições que seguem de perto a palavra dos Antigos.

O crítico Giuseppe De Robertis chamou a atenção para a prosa leopardiana ao mesmo tempo comovida e minudente, que se vai filtrando no trabalho das notações, em parte traduzidas, em parte refeitas.[16] Do ponto de vista genético, essa prosa revela uma familiaridade cada vez maior com as fantasias primitivas. Como estrutura, ela passa da clareza convencional dos momentos de crítica ilustrada para uma construção complexa, cheia de incisos, que deixa transparecer a versão de línguas poderosamente sintéticas como o grego e o latim. Exemplo feliz dessa transposição livre para o italiano de passos clássicos díspares é o quadro do meio-dia que abre o sétimo capítulo do *Ensaio*:

> *Tutto brilla nella natura all'instante del meriggio. L'agricoltore, che prende cibo e riposo; i buoi sdraiati e coperti d'insetti volanti, che, flagellandosi colle code per cacciarli, chinano di tratto in tratto il muso, sopra cui risplendono interrottamente spesse stille di sudore, e abboccano negligentemente e con pausa il cibo sparso innanzi ad essi, il gregge assetato, che col capo basso si affolla, e si rannicchia sotto l'ombra; la lucerta che corre timida a rimbucarsi, strisciando rapidamente e per intervalli lungo una siepe; la cicala, che riempie l'aria di uno stridore continuo e monotono; la zanzara, che passa ronzando vicino all'orecchio; l'ape che vola incerta, e si ferma su di un fiore, e parte, e torna al luogo donde à partita; tutto è bello, tutto è delicato e toccante.**

[16] *Saggio sul Leopardi*, Firenze, Vallecchi, 1946, p. 30.

* Tudo brilha na natureza no instante do meio-dia. O agricultor, que se alimenta e descansa; os bois deitados e cobertos de insetos voadores, que, flagelando-se com as caudas para enxotá-los, inclinam de vez em quando o focinho, sobre o qual resplendem ininterruptamente grossas gotas de suor, e abocanham negligentemente e com pausa o alimento esparso diante deles; o rebanho sedento, que com cabeça baixa se amontoa, e se aninha sob a sombra; a lagartixa que corre tímida a entocar-se, rastejando rapidamente e em intervalos ao longo de uma sebe; a cigarra, que enche o ar de um estridor contínuo e monótono; o mosquito, que passa zumbindo perto do ouvido; a abelha que voa incerta, e pousa sobre uma flor, e parte, e volta para o lugar de onde partiu; tudo é belo, tudo é delicado e tocante.

Nunc etiam pecudes umbras et frigora captant;
Nunc virides etiam occultant spineta lacertos;
Tjestylis et rapido fessis messoribus aestu.
Allia sepyllumque herbus contundit olentes.
At mecum raucis, tua dum vestigia lustro,
Sole sub ardenti resonant arbusta cicadis.
(Virg. *Buc.*, 2, v. 8, sqq.)

*Il quel momento, dice Nennus, il sole stesso sembra imbrunire per il calore.**

E mais abaixo cita Catulo segundo o qual, na Idade de Ouro, reinando ainda sobre a terra a piedade e a virtude, costumavam os habitantes do céu descer muitas vezes para visitá-la:

Praesentes namque ante domos invisere castas
Heroum et sese mortali ostendere coetu,
Caelicolae, nondum spreta pietate, solebant.
(*Carm*, 64)

O texto prossegue contando como, passada a idade da inocência, os fantasmas divinos, aparecendo em pleno sol a prumo, não mais consolavam, mas aterravam os mortais. À vista de Pã os homens sentiram pânicos terrores.

Nessas luminosas refacções dos mitos hauridos em Homero e Virgílio, Lucrécio e Catulo, Teócrito e Ovídio, o estilo de Leopardi se fazia todo sensações. No passo transcrito surpreendem-se um olhar atento e um ouvido finíssimo à cata das formas, dos movimentos dos mínimos rumores do campo sob a soalheira meridiana. Pouco a pouco, a nomeação dos fenômenos naturais torna-se o processo único de construir o período. E, como nos clássicos, esse plasticismo brilhante procura dispor-se em uma harmoniosa unidade. Mas nem sempre o consegue. As solicitações das imagens arcanas eram, no jovem escritor, ainda mais poderosas que a sua força de síntese: temos o esboço variado de cores e sons; não temos ainda o quadro que deverá esperar pelas canções e pelos grandes idílios para compor-se.

De qualquer maneira, a Natureza, espelhada pelos olhos dos poetas antigos, será a realidade central de Leopardi a partir desse ensaio paradoxalmente escrito para contrastar os "enganos" do pensamento selvagem. A atividade mitopoética superou aqui — felizmente — o plano didático das intenções.

O *Ensaio* era *bricolage* de versões. Depois de escrevê-lo, Leopardi pôs-se a traduzir intensamente, já agora com a consciência de estar substituindo a mera filologia pela obra poética.

---

* Naquele momento, diz Nennus, o próprio sol parece turvar-se com o calor.

Data de 1816-17 a conversão do *vero* ao *bello*, marcada pelas traduções dos *Idílios* de Mosco, da *Batracomiomaquia*, atribuída a Homero, do Canto I da *Odisséia*, do II da *Eneida* e do *Moretum* pseudovirgiliano. O que fora coleta de dados sensíveis muda-se em visão de um mundo concreto e orgânico de fantasia que o jovem poeta quer transpor para a clave dos versos italianos. Destas palavras de Leopardi a Giordani depreende-se a consciência da passagem:

> Estive por muito tempo à cata da erudicão mais peregrina e recôndita, e dos treze aos dezessete anos mergulhei profundamente nesses estudos, e tanto, que escrevi uns seis ou sete tomos não pequenos sobre coisas eruditas (a qual fadiga é justamente o que me arruinou); e alguns literatos estrangeiros que estão em Roma, e que eu não conheço, tendo visto certos escritos meus, não os desaprovaram e me exortavam a tornar-me, diziam, um grande filólogo. Há um ano e meio eu, quase sem perceber, me tenho dado às belas letras, que antes descurava; e todas as minhas coisas que o sr. viu e outras que não viu foram feitas nesse tempo, de modo que, tendo sempre cuidado dos ramos não fiz como o carvalho que
>
> *A vieppiù radicarsi il succo gira,*
> *Per poi schernir d'Austro e di Borea l'onte;*
>
> *para o que estou agora inteiramente voltado.*

O entusiasmo de Leopardi pela beleza dos textos antigos leva-o a compor diretamente em grego duas odes que finge serem de autor ignorado. Reproduzimos os textos e a tradução latina do próprio Leopardi:[17]

ΩΔΗ Α – Εἰς Ἔρωτα

Κομώσῃ ποτ᾽ ἐν ὕλῃ
εὕδονθ᾽ εὗρν Ἔρωτα·
κ᾽ ἐξαίφνης μὲν ἐπελθών,
ἀναίσθητον ἔδησα
δεσμοῖσιν ῥοδινοῖσιν.
῾Ο κοῦρος δ᾽ ἅμ᾽ ἐγερθείς,
δεσμοὺς ἔκλασε, κ᾽ εἶπεν·
ἀλλ᾽ οὕτως ἄν ἀπέλθοις[α]
σύ δήσαντος ἐμεῖο.

ODE I – *In Amorem*

Comata quondam in silva
dormientem Amorem deprehendi;
subitoque irruens,
nec sentientem vinxi
roseis vinculis.
Puer vero ut experrectus est,
vincula fregit, aitque:
at non ita abires
tu, si te ego vinxissem.

---

[17] As notas e a versão italiana devem-se a Sergio Solmi, responsável pela edição das *Opere*, de Leopardi, Napoles: Ricciardi, I, pp. 254-255

[α] Lego: ἀλλ᾽ οὐχ ὥς, ἄν ἀπέλθοις. (N. do A.)

ΩΔΗ Β – Εἰς Σελήνην

Βούλομ' ὑμνεῖν[β] Σελήνην.
Σ' ἀναμέλψομεν Σελήνη,
μετέωρον ἀργυρῶπιν.
Σὺ γὰρ οὐρανοῦ κρατοῦσα,
ἡσυχοῦ τε νυκτὸς ἀρχὴν
μελάνων τ' ἔχεις ὀνείρων
Σὲ δὲ κ' ἀστέρες σέβονται
οὐρανὸν καταυγάζουσαν.
Σὺ δὲ λευκὸν ἅρμ' ἐλαύνεις
λιπαροχρόους τε πώλους
ἀναβάντας ἐκ θαλάσσης·
χ' ὅτε πανταχοῦ καμόντες[γ]
μέροπες σιωπάουσι,
μέσον οὐρανὸν σιωπῇ
ἔννυχος μόνη θ' ὁδεύεις
ἐπ' ὄρη τε, κἀπὶ δένδρων
κορυφάς, δόμους τ' ἐπ' ἄκρους,
ἐφ' ὁδούς τε,[δ] κἀπὶ λίμνας
πόλυ ὄν[ε] βαλοῦσα φέγγος.
Τρομέουσι μέν σε κλέπται,
πάντα κόσμον εἰσορῶσαν·
ὑμνέουσιν ἀδόνες δέ,
πάννυχον θέρους ἐν ὥρῃ
μινυρίσματ' ἠχέουσαι
πυκινοῖσιν ἐν κλαδοῖσιν.
Σὺ δὲ προσφιλὴς ὁδίταις,
ὑδάτων ποτ' ἐξιοῦσα.
Σὲ δὲ καὶ θεοὶ φιλοῦνται,
σὲ δὲ τιμῶσιν[ζ] ἄνδρες,
μετέορον, ἀργυρῶπιν,
πότνιαν, φεραυγῆ.

ODE II – *In Lunam*

Lunam canere lubet.
Te, Luna, canemus
sublimem, os argenteam.
Tu enim coelum habens,
quietae noctis imperium
nigrorumque somniorum tenes.
Te et sidera honorant
caelum collustrantem.
Tu candidum agitas currum
ac nitidos equos
e mari ascendentes:
et dum ubique fessi
silent homines,
medium per caelum tacite
nocturna solaque iter facis;
super montes, arborumque
cacumina, et domorum culmina
superque vias et lacus
canun iaciens lumen.
Te fures quidem reformidant,
universum orbem inspectantem;
lusciniae vero celebrant,
totam per noctem, aestatis tempore
exili voce cantillantes
densos inter ramos.
Tu grata es viatoribus,
aquis aliquando emergens.
Te dii quoque amant,
te honorant homines,
sublimem, os argenteam,
venerandam, pulchram, luciferam.

Finzione letteraria, al pari dell'Inno a Netuno, sono le Odae adespotae (senza padrone, cioè d'autore ignoto), di cui Leopardi elaborò direttamente l'originale greco e la versione latina. Di esse, la seconda adombra un motivo su cui il poeta ritornerà constantemente. Nonostante la giocosa dichiarazione dell'-autore, ne offriamo in appresso — per mera comodità del lettore — una traduzione in versi latini, rinunciando, ben s'intende, a quelle rime che il Leopardi stimava indispensabili a rendere Anacreonte (anche se si tratta di uno pseudo-Anacreonte) in modi poetici italiani. — Ode I, *"All'amore". "Nel fol*

[β] *Legendum, quo constet metri ratio:* ὑμνέειν. (N. do A.)
[γ] *Ms. Codex habet:* κομῶντες. (N. do A.)
[δ] ἐφόδους τε *habet Codex.* (N. do A.)
[ε] *Lego:* πολιόν. (N. do A.)
[ζ] *Legitimo sono gaudebit versus, si legeris:* τιμάουσιν. (N. do A.)

to d'una selva um dì sorpresi / Amore addormentato. / D'un subito irrompendo / stretto l'inconscio in rosei lacci avvinsi. / Ma il fanciullo ridesto li spezzò / e disse: Non sì tosto / te ne saresti sciolto / s'io te avessi legato."
Ode II, "Alla luna". "Voglio cantar la luna. / Ti canteremo, o Luna/; faccia argentea, sublime / che, possedendo il cielo, / regni sulla quieta / notte, e sui negri sogni. / Te pur le stelle onorano / che tutto il cielo illustri, / guidi il candido carro / e i nitidi cavalli/ che fuor dal mare salgono. / E mentre ovunque stanco / l'uman genere tace, / tacitamente in cielo / notturna e sola viaggi / sopra i monti, le vette / degli alberi e le cime/ delle case, e sui laghi e sulle vie / posi il canuto lume. / Te, che l'orbe universi / indaghi, e ladri temono, / ma lodan gli usignoli / tutta la notte nel tempo d'estate, / d'esil voce canori / infra gli spessi rami. / Sei cara ai viaggiatori / quando emergi dall'acque, / t'aman gli dèi, t'onorano gli umani, / o bella, argentea faccia, / veneranda, sublime, / di luce apportatrice."

Se na primeira ode, "A Eros", tem-se apenas um Anacreonte menor, aguado por certo Arcadismo rococó (cf. aquele *roseis vinculis*, que atam o deus adormecido), na segunda já aflora o motivo lunar, tão grato à poesia madura de Leopardi, e aqui trabalhado com o mais rigoroso respeito às cadências da tradição. Não o edulcorado sentimentalismo com que os ultra-românticos evocarão a face de Silene: mas a forma, a cor, o errar quieto pela noite, o silêncio, a luz nítida e cândida. Leopardi começou nessas versões a assimilar dos clássicos um andamento solene mas despojado de toda retórica. É a pureza da visão antiga que ele consegue reconquistar.

O quanto havia de consciente nessa poética juvenil documenta-se pela *Carta aos compiladores da "Biblioteca Italiana"*[18] que Leopardi enviou à revista a fim de rebater um artigo de Madame de Staël, publicado em janeiro de 1816, sob o título de *Sobre a maneira e a utilidade das traduções.* A escritora, divulgando idéias dos Schlegel e de Schiller, opõe à antiga poesia mitológica a poesia nórdica, toda paixão e originalidade, nascida e criada sob o signo da religião medieval. E aos italianos encarece a urgência de traduzirem os bardos germânicos e escandinavos, relegando de vez toda uma linha de acadêmicas imitações latinas. Ora, ninguém mais avesso a essa romantização da poesia italiana que o poeta Giacomo Leopardi. Todas as imagens com que dava corpo ao seu desejo de transcender os próprios limites eram imagens tomadas àqueles mitos, àquela poesia, nas suas palavras, a única verdadeira:

porque a única natural, e de todo vazia de afetação.

---

[18] *Carta aos senhores compiladores da Biblioteca Italiana em resposta à carta de madame baronesa de Staël Holstein àqueles senhores.* Leopardi escreveu-a aos dezoito anos de idade (18.7.1816). A carta não foi publicada.

Leopardi inverte a hierarquia de opções que M^me^ de Staël propusera, na esteira do Romantismo alemão. Às palavras da "ilustre dama", que recomendara a absorção de novos modelos, responde em termos opostos e simétricos:

> Lede os Gregos, os Latinos, os Italianos, e deixai de lado os escritores do Norte, e caso desejardes lê-los, se é possível, não os imiteis, e se assim mesmo quiserdes imitá-los, fechai para todo sempre, eu vos esconjuro pelas nove Irmãs, Homero, Virgílio e Tasso, e não queirais enxertar nos seus celestes Poemas um Fingal e uma Temora, pois sairiam monstros mais ridículos que os Sátiros, mais obscenos que as Harpias.

Nas fábulas góticas, onde os espíritos clássicos "encontram assaz freqüentemente exageros e imagens gigantescas", o nosso poeta não reconhecia a fonte real da beleza: a "*vera castissima santissima leggiadrissima natura*".

*

A Natureza, os Antigos são as duas faces da mesma ideologia mítica, o universo de significados a que respondem os significantes do estilo "ingênuo", isto é, não-sentimental, em que foram tecidas as primeiras versões literárias de Leopardi.

No contato assíduo com as fontes clássicas, Leopardi será mais fiel que um tradutor quinhentista, Annibal Caro, até hoje proposto como exemplar nas escolas secundárias. A *Eneida* virgiliana vertida por Annibal Caro data de 1566. Chamaram-na "*la bella infedele*" pela largueza de critério que a presidiu. São de ler os severos comentários de Francesco De Sanctis para quem o tradutor diluiu, à força de análise, o tonus unificante do original.[19]

Leopardi, embora aceite a desenvoltura do texto de Caro, vê nessa mesma qualidade uma negação da nobreza contida no verso virgiliano. E, de fato, a sua *Eneida* é muito mais sintética e muito mais literal que a do poeta renascentista. Leopardi está consciente de que a solução melhor não é partir para um *outro* texto, que se limite a correr bem em outra língua embora se afaste do espírito que ditou a escritura original. O texto de Caro é fluente, mas visa a um italiano analítico e burguês (Leopardi diz "familiar"): logo veste a nua *dignitas* virgiliana de locuções triviais, frouxas, prolixas, divulgando com certa procacidade o que é em si mesmo nobre e distante.

Haverá aqui traços de um modo de pensar da fidalguia provinciana, um resíduo de ideologia aristocrática que se esforça para nimbar o legado clássico de uma perfeita atemporalidade.

---

[19] *Op. cit.*, p. 64.

A versão de Caro resultava de um compromisso com o leitor medianamente culto das cortes citadinas. Caro foi um típico literato-humanista, divulgador dos clássicos.

O esforço de Leopardi tradutor, como o de Leopardi filólogo, era, ao contrário, o de atingir a palavra antiga na sua inteireza absoluta: lê-la e amá-la como revelação de uma Idade de Ouro, espelho sem mancha da própria Natureza.

> As letras e singularmente a poesia vão a contrapelo das ciências; porque, se estas se põem a caminhar sempre para cima, aquelas quando nascem são gigantes, mas com o tempo se apequenam.

E conferindo um valor absoluto à poesia antiga:

> Feliz tempo aquele em que o poeta na natureza, fresca virgem intacta, vendo tudo com os próprios olhos, não se angustiando em buscar novidades, pois tudo era novo, e criando sem o saber as regras da arte, com aquela negligência de que agora toda a força do engenho e do estudo mal pode dar-nos a imagem, cantava coisas divinas e eternamente duradouras.[20]

É a poética do ingênuo ontológico que a faz traduzir quase literalmente o Segundo Canto da *Eneida*.

Confrontem-se as traduções de Caro e de Leopardi com o original do espisódio virgiliano de Laocoonte (II, 199-233). Os 35 versos latinos passam a 44 em Leopardi, mas se estendiam, em Caro, a 52. Tome-se um momento da descrição: o da saída das serpentes do meio das águas.

VIRGÍLIO

Fit sonitus spimante salo; jamque arva tenebant
Ardentesque oculos suffecti sanguine et igni
Sibila lambebant linguis vibrantibus ora
(vv. 209-11)

CARO

L'aque sferzando sì che lungo tratto
Si facean suono e spuma e nebbia intorno
Giunti alla riva, con fieri occhi accesi
Di vivo foco e d'atro sangue aspersi
Vibrâr le lingue e gittâr fischi orribili
(vv. 353-357)

LEOPARDI

Strepito sorge, spuma il mare: e'sono
sul lido già, di foco e sangue infetti
le roventi pupille, e con le lingue
vibrate lembon le fischianti bocche.
(v. 297-300)

---

[20] *Le poesie e le prose*, ed. Flora, I, 557.

Na tradução de Caro perde-se todo vigor sintético. Tudo é variante ou explicação. O que Virgílio diz em um só hemistíquio denso e duro:

Fit sonitus spumante salo,

Caro dilui em dois decassílabos (hendecassílabos italianos), acrescentando notações por sua conta:

L'acque sferzando sì che lungo tratto
Si facean suono e spuma e nebbia intorno.

Não se pode negar certa melodia fácil no segundo verso, que prismatiza em sensações múltiplas o todo coeso do poeta latino: som, espuma, névoa. Leopardi era o primeiro a reconhecer a riqueza verbal e a perícia métrica de Caro. Mas o seu critério era outro. Não se tratava de *explicar* Virgílio em italiano, mas de *recuperar* aquela "nobreza" superiormente ingênua que os modernos teriam perdido.

Daí advém a literalidade de Leopardi. Onde

fit sonitus,
strepito sorge;

onde

spumante salo,
spuma il mare;

soluções que atendem não só à camada semântica mas também à camada fonética da linguagem.

O cotejo é, aliás, todo favorável a Leopardi. A imagem bem definida das serpentes de olhos ardentes injetados de sangue e de fogo, *ardentes ocultos suffecti sanguine et igni*, empola-se na retórica de Caro, que fala em "feros olhos acesos de vivo fogo e de atro sangue aspergidos"; ao passo que em Leopardi se reduz a

di foco e sangue,
le roventi pupille,

o que é a mesma *parole* de Virgílio, com a ênfase na sensação de ardor veiculada pelo adjetivo *roventi* a conotar o rubro do ferro incandescente.

Na oração final é ainda Leopardi que vai manter a sonoridade da oclusiva bilabial, /b/, reiterada com fins onomatopaicos:

(VIRG.) *Sibila lambebant linguis vibrantibus ora*
(LEOP.) *Vibrate lambon le fischianti bocche.*

Caro fecha, menos que mediocremente:

Vibrâr le lingue e gittàr fischi orribili.

Com a versão do Canto II da *Eneida*, Leopardi cumpre a passagem do filólogo ao artista e toma consciência de que só um poeta pode entender a beleza antiga e transcrevê-la para outro registro:

> *... letta l'Eneide (sì come sempre soglio, letta qual cosa è, e mi pare veramente bella), io andava di continuo spasimando, e cercando maniera di far mie, ovi se potesse in alcuna guisa, quelle divine bellezze (...) Messomi all'impresa, so ben dirti avere io conosciuto per prova che senza esser poeta non si può tradurre un vero poeta, e meno Virgilio, e meno il secondo Libro della Eneide, caldo tutto o quasi ad un modo dal principio alla fine; talché qualvolta io cominciava a mancare di ardore e di lena, tosto avvisavami che il pennello di Virgilio divenia stilo in mia mano.*[21]

O que o poeta acreditava tocar com a sua leitura-escritura era um estrato metafísico e atemporal de arte antiga: algo que participava, ao mesmo tempo, do natural e do mítico:

> quel divino mezzo che è il luogo di verità e di natura, e da che mai non si è dilungata un punto la celeste anima di Virgilio.[22]

Leopardi estava absolutamente alheio a compromissos didáticos e a qualquer empenho de tornar *acessível* aos contemporâneos a substância do poema clássico. A esse respeito, impressiona a certeza de um valor absoluto que ele atribui à palavra de Hesíodo no prefácio à *Titanomaquia*. O jovem tradutor procura ferir a essência mesma da poesia teogônica quando nela descobre e isola a categoria do *terrível*. Operando uma genuína redução fenomenológica em um texto sepulto durante séculos sob o peso de comentários dispersivos e miúdos, Leopardi crê contemplar sem véus a face da poesia primitiva:

> Leggendo questi versi par di leggere Omero e Pindaro, altri aggiunga, se vuole, Milton: io non l'aggiungo perché la semplicità loro non si trova in poeta non greco. La terribilità semplicissima di questo luogo dovrebbe farlevi studiare assai.[23]

---

[21] *Le poesie e le prose*, ed Flora, I, 617. Tradução: "... lida e *Eneida* (assim como sempre costumo fazer, lida uma coisa que é, e me parece realmente bela), eu continuamente ficava agitado, e procurando uma maneira de fazer minhas, se de algum modo pudesse, aquelas divinas belezas (...). Tendo-me lançado à empresa, sei bem dizer-te ter eu conhecido por prova que sem ser poeta não se pode traduzir um verdadeiro poeta, e menos Virgílio, e menos o Segundo Livro da Eneida, todo quente quase do mesmo do princípio ao fim; tanto que quando começavam a me faltar o ardor e o fôlego, logo eu advertia que o pincel de Virgílio tornava-se estilete na minha mão."

[22] Id., ib. Tradução: "aquele divino meio que é o lugar de verdade e de natureza, e do qual não se afastou um ponto a celeste alma de Virgílio".

[23] Id., p. 562. Tradução: "Lendo estes versos parece-me ler Homero e Píndaro; outros acrescentem, se quiserem, Milton: eu não o acrescento porque a simplicidade deles não se encontra em poeta não grego. A terribilidade simplicíssima deste passo deveria fazê-lo estudar muito."

O poder de "desvelamento" da Antigüidade teria sido, a crer nas análises de Heidegger, apanágio de um Hölderlin e de um Nietzsche. Ora, Giacomo Leopardi parecia ao mesmo Nietzsche o único escritor moderno cuja leitura se pudesse recomendar aos jovens:

> Aconselho-os a se aperfeiçoarem no estilo grego de preferência ao latino, e especialmente em Demóstenes. Simplicidade! E voltem-se igualmente para Leopardi, talvez o maior estilista do século.[24]

FIM DE "FORTUNA CRÍTICA"
E DE "INTRODUÇÃO GERAL"

---

[24] Dos "Papéis Póstumos" (1874-1875) acrescidos às *Considerações inatuais* (versão italiana, Milão: Mondadori, 1926, p. 311).

Poesia

Cantos

Traduções
Affonso Félix de Sousa
Alexei Bueno
Álvaro Antunes
Ivan Junqueira
Ivo Barroso
José Paulo Paes

I

À Itália

Tradução de Álvaro Antunes

Ó pátria minha, vejo os arcos, muros,
Colunas, simulacros, desertada
Torre dos ancestrais.
Mas a glória não vejo,
5 Não vejo mais o louro e o ferro puros
Que os nossos pais cobriam. Desarmada,
Nua tua fronte e, nu, teu peito traz
Feridas que nem sei.
Que palidez, que sangue ao teu redor,
10 Formosíssima dama! Imploro ao céu
E ao meu mundo: oh dizei,
Quem foi que a isto a reduziu? Pior:
Tem correntes cobrindo cada braço;
Cabelos desgrenhados e sem véu,
15 Jaz no solo, sozinha e esquecida,
Esconde em seu regaço
O rosto triste, e chora.
Chora, que tens motivo, Itália minha,
Para vencer nascida
20 Quer seja fausta a sorte, quer daninha.

Se os olhos fossem fontes a verter,
Teu pranto inda seria
Bem pouco a tanta dor e a tal vergonha;
Pois que foste senhora, hoje és escrava.
25 Ao falar e escrever,
Quem lembra tua velha primazia
Sem dizer: foi tão grande e teme a clava?
Por quê? Por quê? Aonde a força antiga?
Onde as armas, virtudes, a constância?

30 Tua espada roubando,
Quem te traiu? Que argúcia ou qual intriga
Ou que tanta ganância
Despoja-te do manto e a auréola vende?
Como caíste ou quando
35 De tanta alteza à podridão da lama?
Ninguém luta por ti? Não te defende
Nenhum dos teus? As armas! Armas! Só
Combaterei, sucumbirei só eu.
Dá-me, ó céu, seja chama
40 Nos corações da Itália o sangue meu.

Onde estão os teus filhos? Ouço imenso
Grito, carros, tambores, som de estalos:
Em estranhas estradas
Combatem teus meninos.
45 Atenta, Itália, atenta. Vejo, ou penso,
Um flutuar de infantes e cavalos,
E fumo e pó, e cintilar de espadas
Como, entre névoa, raio.
Não te animas? Tremendo, os olhos teus
50 Temes voltar na dúvida do instante?
Para quê luta e cai o
Itálico menino? Ó deus, ó deus:
Luta por outra terra o nosso brilho.
Oh mísero o que morre só, distante,
55 Não pelo pátrio solo e pela pia
Esposa e pelo filho:
Contra inimigo alheio
Por outra raça, e sem dizer, morrendo:
"Terra que me nutria,
60 A vida que me deste, a que te rendo".

Oh venturosos, caros, oh eleitos
Tempos de então: à morte
Pela pátria corria um povo inteiro;
E vós, sempre louvados, gloriosos
65 Tessálicos estreitos,
Onde a Pérsia e o destino menos forte
Foi que uns poucos, mas livres, generosos!
Eu creio que as pedras, plantas, mar
E montes vossos falam aos que vão;

70 Com indistinta voz
Descrevem como viram o chão turvar
Da invicta legião
Os corpos, à mãe Grécia consagrada.
Enquanto vil, feroz,
75 Xerxes pelo Helesponto se fugia,
Tornando sua estirpe desgraçada,
Na colina de Antela, onde morrendo,
Da morte a tropa santa fez nascença,
Simônides surgia,
80 Mirando o céu, o mar e a terra imensa.

E com a face de lágrima orvalhada
E o peito arfante, adiante o pé tremia,
Na mão tomava a lira:
"Oh, benditos sois vós,
85 Que o peito destes à inimiga espada
Por amar quem vos deu ao sol um dia:
Vós que a grécia cultua e o mundo admira.
Que tanto amor aos trilhos
Das armas e perigos vossas mentes,
90 Que amor à morte imberbe vos lançou?
Como tão leve, ó filhos,
O fim vos pareceu, que sorridentes
Corriam ao passo lacrimoso e duro?
Ia como a um festim, quando buscou
95 A morte cada um com mais paixão.
Mas só havia o escuro
Tártaro, a água morta;
Nem esposas, nem filhos, nem um manto
Quando sobre este chão
100 Sem um beijo morrestes e sem pranto.

"Mas não sem ter dos persas a daninha
Pena e angústia eterna.
Qual leão entre touros em manada
Que ora de um ao dorso salta e escava
105 Com a presa em fúria a espinha,
Ora este flanco morde e àquele a perna,
Tal entre a turba persa então grassava
A ira e a força grega enfurecidas.
Cavalos esmagando cavaleiros;

110 Olha, são labirintos
A fuga, os carros, tendas esquecidas;
Correndo entre os primeiros,
Pálido e desgrenhado eis o tirano;
Vê quão imersos, tintos
115 Em sangue bárbaro, da Grécia heróis,
Para os persas razão de afã insano.
E pouco a pouco, à força das feridas
Um sobre o outro cai. Oh viva, oh viva:
Oh, benditos sois vós
120 Enquanto letra ou língua sobreviva.

"Arrancados cairão no mar em bando,
Num cicio extinguindo-se mil astros,
Antes que o vosso amor
Definhe ou seque em nós.
125 Vossa tumba é uma ara; e aqui, mostrando
Acorrerão as mães ao filho os rastros
Do vosso sangue. Prosto-me em louvor,
Ó benditos, ao solo
A beijar estas pedras e estes pós,
130 Que terão loa e fama eternamente
De um ao outro pólo.
Se eu pudesse estar aqui bem junto a vós,
Do meu sangue estar úmida a mãe terra!
Mas se é outro o destino e não consente
135 Que eu pela Grécia os olhos já morrendo
Feche prostrado em guerra,
Ainda que modesta,
Deste vosso poeta a fama possa,
Os céus o concedendo,
140 Tanto durar quanto já dura a vossa."

II

SOBRE O MONUMENTO A DANTE
QUE SE PREPARAVA EM FLORENÇA

Tradução de Álvaro Antunes

Embora nossas gentes
Sob asa branca a paz venha abrigar,
Jamais vão se ver livres
Deste antigo sopor da Itália as mentes
5 Se ao exemplo das eras soterradas
Esta terra fadada não voltar.
Itália, lembra e aninha
Em ti os que se foram, pois de iguais
Agora são viúvas as moradas,
10 Nem hoje há alma de honrarias digna.
Volta-te e vê lá atrás, ó pátria minha,

A legião infinita de imortais,
Chora e contigo mesma então te indigna;
É tola toda dor senão assim:
15 Volta-te e te envergonha e te desperte
A lembrança, por fim,
Dos pais e filhos teus, Itália inerte.

De ar, pensar e de falar diverso,
Pelo toscano chão buscando ia
20 O estrangeiro ansioso
Onde repousa aquele cujo verso
Encerrou do meônio a solidão.
E, oh vergonha!, ouvia
Que não apenas o seu corpo em rude
25 Exílio jaz ainda,
Depois de ter morrido em outro chão,
Mas que em ti nem um seixo se levanta,
Florença, ao filho teu cuja virtude

Te cobre de honra infinda.
30 Oh vós piedosos, pelos quais de tanta
Desonra enfim se livra este país!
Por esta bela obra amor vos rende,
Ó nobres e gentis,
Qualquer peito que o amor à Itália acende.

35 Amor à Itália, caros,
Amor a esta mísera vos mova,
Por quem a piedade
É morta em cada peito, pois que amaros
Dias depois da paz nos deu o céu.
40 Coroe vossa obra e vos comova
Misericórdia, ó filhos,
Vergonha e dor e raiva da aflição
Que a faz banhar assim o rosto e o véu.
Mas que palavra ou som vos pode ornar,
45 Aos quais não só os cuidados e os auxílios,
Mas deste gênio e do cinzel trarão
O ímpeto e a perícia amor sem par
Tão bem provados nesta doce empresa?
Que versos vos envio com o poder
50 De em vossa alma acesa
Uma centelha nova enfurecer?

Virá do nobre tema a inspiração:
Punhal no peito, agudo a vos ferir.
Quem diz da vaga e fúria
55 Da vossa arte e o imenso da emoção?
Quem pintará o prazer que o rosto encanta?
Quem do olhar o luzir?
O que, do céu, palavra humana pode
Igualar imitando?
60 Longe, bem longe, alma profana! Oh quanta
Lágrima à pedra nobre a Itália abriga!
Como cairá? Como é que o tempo erode
Uma tal glória ou quando?
Vós, por quem nossa angústia se mitiga,
65 Sois eternas, ó artes, e divinas:
Consolo dessa gente nos seus ais,
Pela Itália em ruínas
Da Itália a glória altíssimo clamais.

Ansioso aqui estou eu;
70 Honrar nossa mãe triste também busco
Trazendo o que me é dado,
E junto à obra vossa o canto meu,
Sentando-me onde o ferro a pedra aviva.
Ínclito pai do nobre verso etrusco,
75 Se das coisas do mundo,
Se dela que tão alto colocaste
Em tua praia chega narrativa,
Eu bem sei que por ti prazer não sentes:
Menos duros que a cera e o pó, no fundo,
80 Perto da fama que de ti deixaste,
São bronze e mármores; e em nossas mentes
Se definhaste um dia, ou definhares,
Cresça, se ainda pode, a amargura,
E, em luto eterno os lares,
85 Chore tua raça a todo o mundo obscura.

Mas não por ti, por esta pobre terra
Te alegra, se o exemplo dos seus pais
E ancestrais aos seus filhos
Fracos e entorpecidos mover guerra
90 Que os faça erguer o rosto hoje indeciso.
Ai, em tormento e mais
Aflita vês quem, já então mesquinha,
Te saudava no instante
Em que ias de volta ao paraíso,
95 Hoje é tão decaída que a que vias
Parece-nos ter sido uma rainha.
É dor tão lancinante
Que mesmo que a sentisses não crerias.
Calo de outro inimigo e de outro mal,
100 Mas não do mais recente e mais açoite:
Por ele, já no umbral,
Tua pátria vê a sua extrema noite.

És bem-aventurado:
Te poupou o destino um tanto horror,
105 Pois não viste mulheres
Nos braços do mais bárbaro soldado;
Não roubar, devastar vila e colheita
Lança inimiga e a fúria do invasor;

Não do ítalo engenho
110 Divinas obras como escravas para
Além dos Alpes vil levar; estreita
Com os carros gordos a dolente estrada;
Não a violência e de soberba o cenho;
Não ouviste os ultrajes e ignara
115 A voz da liberdade, maculada
Pelo som de corrente e de chibata.
Quem não sofre? Que dor nos falta então?
Que coisa resta intata?
Qual templo, qual altar, qual podridão?

120 Por que nos são os tempos tão cruéis?
Por que o nascer nos deste ou, mais atrás,
Não nos deste o morrer,
Destino amargo? Vendo de infiéis
E estranhos nossa pátria serva e escrava
125 E uma lima mordaz
Roendo a sua força, uma saída,
Um mínimo conforto
À dor malvada que a dilacerava
Jamais lhe permitiste desfrutar.
130 Ai, não o sangue nosso e não a vida
Tiveste, ó cara, e morto
Por teu destino cru não pude estar.
Mais ira e dor meu peito não comporta:
Lutou, caiu a parte mor dos teus:
135 Mas pela quase morta
Itália não, pelos tiranos seus.

Pai, se tu não te indignas,
Não és mais como foste cá na terra.
Morriam na deserta
140 Estepe russa, de outra morte dignas,
Legiões itálicas, e o céu e o ar,
Homens e bestas lhe moviam guerra.
Cai brigada a brigada;
Semivestidos, magros e sangrentos:
145 Corpos desfeitos sobre o gelo em mar.
E quando a dor final já os consome,
Relembrando esta mãe tão desejada,
Dizem: "Oh não as nuvens, não os ventos,

Mas nos matasse o ferro, e em teu nome,
150 Ó pátria nossa. Longe assim de ti,
Quando a vida é mais bela e tão mais grata,
Um nada ao mundo, aqui
Morremos pela raça que te mata."

As selvas sibilantes e os desertos
155 Boreais escutaram seu lamento.
E depois o portal,
E os corpos esquecidos, descobertos
Sob a voraz vergasta das geadas,
Das feras alimento:
160 Será o nome do que é bravo e forte
Igual p'ra sempre e um
Com o do covarde e vil. Almas amandas,
Embora seja eterna essa amargura,
Descansai, e que isto vos conforte:
165 Jamais conforto algum
Tereis em nossa era ou na futura.
No seio desta angústia mais que extrema
Repousai, verdadeiros filhos dela,
A cuja dor suprema
170 Somente a vossa iguala e é paralela.

Não por vós se deplora
A pátria, mas por quem vos obrigou
A lutar contra ela,
Por isso sempre e amargamente chora
175 E o seu com o vosso pranto assim mistura.
Se por ela, que tudo superou,
Nascesse dor, piedade
Em um dos seus, que deste labirinto,
De voragem tão funda e tão escura
180 A arrancasse! Ó alma gloriosa,
Por tua Itália é morto o amor verdade?
Diz: o fogo em que ardeste, está extinto?
Não mais rebrotará a murta airosa
Que abrandou tanto tempo o nosso mal?
185 Nossas coroas, pó as sujará?
Nunca mais quem igual
A ti, mesmo que pouco, surgirá?

Para sempre morremos? Não verei
De tal vergonha a sina?
190 Enquanto vivo, sempre clamarei:
Volta-te aos ancestrais, roída raça;
Olha quanta ruína
E escritos, telas, mármores e templos;
Pensa no chão que pisas; se acordar-te
195 Não pode a luz que vem destes exemplos,
Que esperas? Anda, parte!
Costume tão corrupto não convém
A esta mãe e mestra da alma nobre:
A ter covardes, bem
200 Melhor lhe é ficar viúva e pobre.

III

A ANGELO MAI

QUANDO ENCONTROU OS LIVROS DE CÍCERO DA REPÚBLICA

Tradução de Álvaro Antunes

Ítalo audaz, por que jamais te cansas
De despertar da escura
Tumba os pais? E os conduzes a falar
A este tempo morto o qual impura
5 Névoa de tédio esmaga? E a soar
Tão forte, como agora vens freqüente,
Voz antiga dos nossos,
Muda a tão longas eras? Por que tantas
Ressurreições? Relâmpago: e fecunda
10 Surge a palavra; ao século presente
Os claustros, sob grossos
Pós, ocultaram generosas, santas
Obras dos pais. Com que furor te inunda
O fado, egrégio ítalo? Ou com a mão
15 Humana talvez lute o fado em vão?

Por certo sem dos deuses a vontade
Não é, que quando lento,
Mais fundo é o abandono e mais penoso,
Venha nos espancar todo momento
20 Novo grito dos pais. Então piedoso
Com a Itália é ainda o céu, e vela-
Nos algum imortal:
Pois sendo esta a hora, ou nunca mais,
De retomar o arrojo carcomido
25 Da natureza itálica, por ela
Vemos descomunal
O clamor dos sepultos; vemos quais

Heróis expulsa o chão compadecido,
A perguntar se agora, em tua tarde,
30 Te agrada ainda, ó pátria, ser covarde.

Em nós ainda tendes esperança,
Gloriosos? De todo
Não morremos? Talvez até o futuro
Não seja a vós vedado. Eu, neste lodo
35 Estou; da dor não tenho escudo, escuro
É o porvir; o que miro me conduz
A ver sonho e ilusão
Toda a esperança. Ó almas valorosas,
Os vossos tetos uma infame, imunda
40 Turba tomou; ao vosso sangue a luz
De uma obra ou canção
É de escárnio; de glórias tão famosas
Inveja nem rubor; ócio circunda
Os monumentos, e de vida vã
45 Tornamo-nos exemplo ao amanhã.

Ó tu de berço nobre, se a ninguém
Importam nossos pais,
Que a ti importem, pois amena a sorte
Sopra e por tua mão presentes faz
50 Os dias em que erguiam-se da morte,
Do antigo esquecimento que amargaram,
Com seu saber sepultos,
Os anciães, com quem a natureza
Falou sem revelar-se, e que os honrosos
55 Ócios de Roma e Atenas alegraram.
Tempos, tempos ocultos
Em sono eterno! Ainda era surpresa
A ruína da Itália, desdenhosos
Da inércia ainda éramos, e o ar
60 Lambendo o chão fazia-o cintilar.

Estavam quentes tuas cinzas santas,
Não domado inimigo
Da fortuna, de cuja ira e dor
O inferno, mais que a terra, foi amigo.
65 O inferno: e que lugar mais opressor
Do que este nosso? E o teu suave acorde

Ainda sussurrava
Do toque do teu dedo, ó torturado
Amante. Ai, vem da dor, é sua posse, o
70 Cantar itálico. Porém nos morde
Menos o mal que escava
Do que o tédio que afoga. Afortunado,
Tua vida viu o pranto! A nossa o ócio
Se prende desde o parto, e é guardada
75 Do berço à tumba pelo imóvel nada.

Mas a tua era então com o mar e os astros,
Filho audaz da Ligúria,
Quando além das colunas, e das praias
Que pareciam ouvir a onda em fúria
80 Chiar à tarde ao sol que afunda, às raias
Do mar imenso entregue, o sol caído
Reencontraste, e o dia
Que nasce enquanto o nosso chega ao fundo;
Da natura domada a mão nefasta,
85 Terra imensa, ignorada, o destemido
Premiou, e a sombria
Volta. Ai, ai, mas conhecido, o mundo
Não aumenta, antes mingua, e bem mais vasta
A terra e o mar e a imensidão sonora
90 No menininho, e não no sábio, mora.

Nossos sonhos formosos onde andam,
De um refúgio ignorado
De seres ignorados, de um diurno
Abrigo para os astros e afastado
95 Leito da Aurora jovem, de um noturno
Oculto sono do maior planeta?
Fugiram de repente,
E o mundo é uma pintura em parco mapa;
E eis que tudo é igual, e, descobrindo,
100 Só incha o nada. Apenas se intrometa,
O real não consente
O caro imaginar, e ele escapa
Da mente para sempre; seu infindo
Poder primeiro, ó tempo, apequenas,
105 E é morto o bálsamo de nossas penas.

Vindo para sonhar, foi neste tempo
Que o sol primeiro viste,
Belo cantor de espadas e paixões,
Que, em tempo do que o nosso menos triste,
110 Deram à vida felizes ilusões:
Novo alento da Itália. Ó torres, celas,
Ó damas, cavaleiros,
Ó jardins, ó palácios! E pensando
Em vós, em fantasias vãs se perde
115 A mente minha. De quimeras, belas
Fábulas e estrangeiros
Pensares era feita a vida: em bando
Os banimos: que resta então, se o verde
Não traja mais o mundo? Apenas ver
120 Que tudo é ilusão, menos sofrer.

Ó Torquato, ó Torquato, para nós
O teu engenho, o pranto
A ti, não mais, o céu então armava.
Ó mísero Torquato! O doce canto
125 Não pôde consolar-te, nem fez lava
O gelo em que tua alma, e era ardente,
Trancaram o ódio e o imundo
Invejar de tirano e cidadão.
O amor, a última ilusão terrena,
130 Fugia. Sombra sólida, evidente,
Surgia o nada, e o mundo,
Vale ermo. À tardia louvação
Teu olhar não se ergueu: mercê, não pena,
Te foi o fim. E quer que a morte o roa
135 Quem nosso mal provou, e não coroa.

Volta volta, reergue-te da muda e
Desconsolada cova,
Se tens ânsia de angústia, ó pobre e crua
Vítima da amargura. Vem, comprova:
140 Pensaste ser cruel e triste a tua,
Pois bem pior é a nossa vida. Caro,
Compaixão te daria
Aquele que seu bem, e só, procura?
Quem não diria todo o teu mortal
145 Tormento, se até mesmo ao grande e raro

Chamam louco hoje em dia:
Se, não a inveja e sim a bem mais dura,
Indiferença o sábio ganha? Ou qual,
Se em vez de versos, tilintar se ouve,
150 Verás que a ti com o louro ainda louve?

Desde então não surgiu quem merecesse,
Pobre gênio infeliz,
O nome itálico, senão um só,
Só indigno de um século e país
155 Covardes: piemontês em quem por dó
Força máscula o céu, não esta aflita
Cansada minha terra,
Pôs no peito: civil e desarmado,
(Audácia memorável) sobe à cena;
160 Move guerra aos tiranos: se permita
Esta mísera guerra
E campo inútil ao ódio abalado
Deste mundo. Na frente e só, à arena
Desce, e ninguém o segue: o ócio, o agudo
165 Silêncio oprime os nossos mais que tudo.

Indignando-se e tremendo, pura
Toda a vida viveu,
De ver tudo pior poupou-o a morte.
Meu Vittorio, não era este o teu
170 Tempo e lugar. Pois outro chão e sorte
Merece o gênio. Este viver ocioso
Hoje basta-nos, guia-
Nos a mediocridade: desce o sábio
E sobe a turba a um nível já igual,
175 E o mundo cai. Descobridor famoso,
Traz os mortos ao dia,
Já que dormem os vivos; arma o lábio
Dos antigos heróis; e que afinal
Este tempo de lama a glória sonhe
180 E cobice ter vida, ou se envergonhe.

IV

NAS BODAS DE MINHA IRMÃ PAOLINA

Tradução de Álvaro Antunes

Já que tu vais deixar
Deste ninho os silêncios, o dileto
Sonho, a antiga ilusão (celeste dom
Que alinda ao olho teu este lugar
5 Solitário), e ao pó da vida e ao som
O destino te arrasta, o tempo abjeto
Que o céu malvado nos impôs aprende,
Minha irmã, pois em grave
Era e cheia de breu
10 Uma infeliz família à infeliz
Itália acrescerás. Ao sangue teu
Provê de força: a brisa que é suave,
Ímpia a sorte interdiz
À humana bravura,
15 Nem mora em peito frágil alma pura.

Ou mísera ou covarde
Prole terás. Mísera pede-a. Imenso
Abismo entre a fortuna e a força cava
O tempo apodrecido. Ai, muito tarde,
20 Na plena noite dos mortais, desbrava,
Quem nasce agora, o movimento e o senso.
Caiba isto ao céu. Teu peito tenha apenas,
Soberano, um afã:
Que da fortuna amigo
25 Não cresça um filho teu, e nem pupilo
Do medo ou da esperança: a vós abrigo
Dará, dirá felizes, o amanhã:
Porque (vulgar estilo
De falsos) desprezamos
30 A virtude, se viva; morta, a amamos.

Moças, de vós não pouco
A pátria espera: não por zombaria
Ou maldade foi dado ao doce raio
Das pupilas o ferro e fogo louco
35 Do homem domar. Por vós se faz lacaio
O forte, o sábio pensa; o quanto o dia
Envolve com seu carro, a vós se curva.
Por que tão decadentes,
Eu vos pergunto. A santa
40 Chama da juventude vê seu fim
Por vossa mão? A força, um dia tanta,
Atenuada e fraca? E essas mentes
Lerdas, querer ruim,
De nervo e de tendão
45 Vácuo o velho vigor, por vossa ação?

Grandes feitos instiga
O amor em quem o preza, e de emoção
Mestre o belo se faz. De amor faminta
Jaz a alma de quem no coração
50 Não arde alegre quando brame a briga
Dos ventos, quando nuvens junta e cinta
O olimpo, e precipícios fende o ronco
Da tempestade. Ó moças,
Ó esposas, venha a vós,
55 Do que evita os perigos e de quem,
Da pátria indigno, seu desejo em pós,
Paixões vulgares pousa em lama e poças,
Todo o ódio e desdém,
Se em vosso peito for
60 Por homens, não efebos, este amor.

Mães de amantes da paz
Temei que alguém vos chame. A dor e o pranto
De virtude se force vossa gente
A tolerar, e aquele a quem apraz
65 A vergonhosa era, réu lamente;
Que cresça para a pátria e feitos; quanto
Esta terra aos antigos deve, aprenda.
Qual de velhos heróis
Entre o lembrar que brada,
70 De Esparta os filhos para a grega fama:

A esposa há pouco ao flanco amado a espada
Amiga atava; p'ra depois, a sós,
Vestir com trança em rama
O corpo retornado,
75 Sem sangue e nu no escudo inconquistado.

Virgínia, em ti mais terno o
Rosto, com toque mítico, abrandava
Beleza onipotente, e, quase fera,
Tua altivez enlouquecida em inferno o
80 Senhor de Roma. Eras tão bela, e era
O tempo em que do sonho a vida é escrava:
A adaga bárbara e paterna abriu
Teu branquíssimo peito,
E ao Érebo desceste
85 Desejosa: "Desfolhe e me desfaça
Velhice, ó pai; cavai-me tumba: deste
Tirano", ela dizia, "o impuro leito
Não me fará devassa.
Se der alento e vida
90 A Roma o sangue, abre-me a ferida".

Ó generosa, ainda
Que em teus dias tivesse o sol mais brilhos
Do que hoje traz, te paga, louva e cobre
A tumba, lacrimando dor infinda,
95 O teu chão. E eis que à volta deste nobre
Espólio teu, de Rômulo os filhos
Cintilam ira nova. Eis, na lama,
Suja o tirano a crina
E liberdade acende
100 Os peitos sem memória, e na domada
Terra o marte latino à guerra tende
Do norte negro ao chão que o sol calcina.
E a eterna Roma, atada
Ao ócio e à mesquinhez,
105 Por morte de mulher vive outra vez.

V

A UM VENCEDOR NOS JOGOS

Tradução de Alexei Bueno

Da glória o rosto e a jucunda voz,
Nobre mancebo, encara,
E quanto ao feminil ócio, antepõe
A suada virtude. Vê, repara,
5 Magnânimo campeão (se à cheia atroz
Dos anos teu valor o espólio opõe
De teu nome), repara, e que o teu peito
Mova um alto desígnio. Retumbante
É a arena e o circo, onde, tremendo, chamas
10 O popular favor a ilustre feito;
A nova idade com ardor reclamas
Hoje que a pátria cara
Do exemplo antigo o ressurgir prepara.

Do barbárico sangue em Maratona
15 Não coloriu a destra
O que os atletas nus e o campo eleu
Estúpido mirou, e a árdua palestra;
Nem a palma e a coroa o emociona
Com ânsia emuladora. E lá no Alfeu
20 Talvez a crina poeirenta e os flancos
Dos cavalos lavou triunfadores
Bem como a grega insígnia e o grego aço
Guiou do Persa em fuga os vis arrancos
No exército sem cor; que o grito baço
25 Lançou sem ter resposta
Do Eufrates no seio à servil costa.

Vão julgarás o que descerra e acende
Da virtude nativa

A oculta brasa? e aquele que do exausto
30 Fogo vital no débil peito aviva
O caduco fervor? Desde que estende
A triste roda Febo, é jogo infausto
O labor dos mortais? e é menos oco
Que a mentira o real? A nós com ledos
35 Enganos e feliz sombra socorre
A própria natureza: e lá onde o louco
Costume aos fortes por sua queda acorre,
Ao ócio escuro e rudo
Levou a gente o glorioso estudo.

40 Tempo talvez virá em que à ruína
Da itálica grandeza
Os rebanhos insultem, e o arado
Fira as sete colinas; com presteza
Passarão sóis, e a cidade latina
45 Habitará a raposa, e o indomado
Bosque murmurará de muro a muro;
Se à desgraça da pátria coisa o olvido
Não arrancam de cada alheada mente
Os fados e, por um destino obscuro,
50 Não manda o exício à abominável gente
O céu feito benigno
Ao lembrar de um passado heróico e digno.

Sobreviver à infeliz pátria, nobre
Mancebo, é duro fado.
55 Brilhante ao estado seu seria agora
Que fulgisse o laurel, dela roubado,
Nossa culpa fatal. O tempo a encobre;
Nem ninguém dessa mãe hoje se honora:
Mas por ti mesmo ao alto eleva a mente.
60 Que vale a vida? Apenas desprezá-la:
Bendito então o que no risco avulta,
Se esquece, ignora o dano que o pressente
E o instante da corrente que o sepulta;
Bendito o que, o pé posto
65 No vau leteu, mais grato volve o rosto.

VI

Brutus, o Jovem

Tradução de Álvaro Antunes

Agora que tombado no chão trácio
Se fez ruína imensa
O ítalo poder (e assim aos prados
Da verde Hespéria e às margens tiberinas
5 Cascos, por loucos bárbaros guiados,
A sorte apronta, e das florestas nuas
Que a fria Ursa oprime,
Para romper de Roma os muros magnos
Chama as lâminas godas);
10 Suado e úmido de sangue irmão,
Brutus na negra noite em erma terra,
Já decidido à morte, acusa todas
As forças, céus e inferno,
E, voz tornada açoite,
15 Em vão espanca o calmo ar da noite.

"Tola virtude, a névoa oca e o reino
Das inquietas visões
São tua escola, e segue-te fiel
O arrepender-se. Ó marmóreos deuses
20 (Se deuses vós morais em meio ao ceú
Ou lá no Flegetonte), escarneceis
Desta raça infeliz
A quem pedistes templos, fraudulenta
Vossa lei a insultando.
25 Como tanto a terrena fé acorda
O ódio celeste? Como aos infiéis,
Ó Jove, dás tutelas? E as nuvens quando
Se incham, e o trovão
Quando veloz desferes,
30 Com a chama santa o justo e pio feres?

"Pisa o destino invicto e a implacável
Necessidade os frágeis
Servos da morte: e se não traz final
Aos seus ultrajes, se resigna a plebe
35 Em tal certeza. Menos duro é o mal
Por não haver remédio? Dor não sente
Quem de esperança é nu?
Guerra mortal te move, ó sorte ingrata,
O bravo e se agiganta,
40 Incapaz de ceder, e a mão tirana,
Que vencedora estendes a esmagá-lo,
Indômito evitando se levanta:
Ferindo o flanco, a amarga
Lâmina crava em si
45 E, num esgar, das sombras negras ri.

"Desgosta os Deuses quem violento invade
O Tártaro. Os eternos
Tíbios peitos carecem de coragem.
Talvez o céu tormento e dor acerba,
50 Talvez nossas paixões pura voragem,
Para alegrar seu tédio haja inventado?
Não de culpa e amargura,
Mas livre na floresta e pura vida
Nos deu a natureza,
55 Rainha um dia e Diva. Agora que
Nossa heresia destruiu tais reinos,
E a vida magra a outras leis é presa,
Quando os dias infaustos
Alma viril recusa,
60 Volta a natura e o dardo alheio acusa?

"Ignorantes da culpa e próprias dores
As feras venturosas,
Calma ao portal extremo as acompanha
A velhice. Mas se a esmagar a fronte
65 No rude tronco, ou do alto da montanha
A dar ao vento os corpos atirados
Os persuadisse a angústia,
A um tal desejo obscura teoria
Ou lei misteriosa
70 Não se oporiam. Entre tantas raças

Que o céu à luz lançou, somente aos filhos
De Prometeu, a vida é asquerosa;
A vós o frio Estige,
Se tarda a lerda sorte,
75 A vós somente, nega Jove a morte.

"E tu, do mar que o nosso sangue irriga,
Cândida lua, surges;
A planície mortífera ao valor
Ausônio e a noite inquieta descortinas.
80 Pisa peito de irmãos o vencedor,
E tremem os montes, do mais alto cume
A Roma antiga rui,
E estás tão plácida? Tu viste a prole
Lavínia à luz e os anos
85 Mais alegres e os louros memoráveis
E sobre os Alpes o imutável raio
Calada verterás quando oceanos
De bárbaros troarem
Aquela solidão,
90 Trazendo à Itália a dor da escravidão.

"Entre penhascos ou em verde ramo,
A fera e o passarinho,
O peito alheio como sempre e quieto,
Ignoram a ruína rude e as sortes
95 Mutantes deste mundo: e mal o teto
Do camponês se tinge de vermelhos,
Com matutino canto
Aquele acorda os vales, pelas rochas
Aquela traz tormento
100 Aos animais pequenos e às ninhadas.
Acasos! Raça vã! Somos a parte
Mais ínfima do mundo; o chão sangrento
E os ululantes antros
Nossa dor não tocou,
105 Nem nosso mal estrelas apagou.

"Nem aos surdos do Olimpo ou do Cocito,
E nem à terra indigna,
Tampouco à noite, moribundo, apelo
E não, da negra morte último raio,

110 A ti, tempo futuro. Pranto ou belo
Gesto do vulgo infame já adornou
A tumba zombeteira?
As eras apodrecem. Confiamos,
Mal, a degenerados
115 O honrar as mentes nobres e o supremo
Vingar os infelizes. Venham negros
Abutres acossar-me esfomeados;
Pise-me a fera, e a nuvem
Faça da carne folha:
120 Que a brisa o nome e a memória acolha."

VII

À PRIMAVERA
OU DAS FÁBULAS ANTIGAS

Tradução de Álvaro Antunes

Porque as celestes penas
O sol repara, porque a brisa fraca
Zéfiro aviva e tange para os vales
Fugaz e esparsa a sombra hostil das nuvens,
5 E o peito nu à faca
Do vento entregam pássaros, e a aurora,
De amor um novo afã, nova esperança
(Nos bosques violados caem dentes
De gelo) infunde em feras despertadas,
10 Quem sabe volta o belo tempo às mentes
Humanas tão cansadas
E em dor sepultas, que a amargura e a negra
Luz do saber matou
Antes do tempo? Extintas e cinzentas
15 De febo as chamas, para sempre, ao triste,
Não estão? Tu ainda,
Primavera odorada, inspiras, tentas
Meu frio coração, que os desenganos
De um velho aprende em plena flor dos anos?

20 Vives tu, vives, santa
Natureza? Tu vives e é o som
Da voz materna que o ouvido acolhe?
Já foi o rio lar de ninfas claras,
Plácido lar e com
25 As fontes por espelho. Arcanas danças
De pé divino os cumes em ruína
Abalaram e a selva (hoje perdida
Cova de ventos): e o pastor que às sombras

Do meio-dia incertas e à florida
30 Margem tangendo ia
O sedento rebanho, o agudo canto
Ouviu soar de Pãs
Agrestes pela praia, e viu tremer
Maravilhado a água: ao olho oculta
35 A Deusa das caçadas
Fendia a onda, cálida a lamber
O pó imundo e da sangueira os traços
Da coxa clara e dos virgíneos braços.

Viveram flores, ervas,
40 Viveram bosques. Viam a seu lado
A raça humana a aragem leve, as nuvens
E a luz titânica: tu ias nua
Por colinas e prado,
Chama de Chipre, na deserta noite
45 O atento olhar seguindo o viajante,
Companheira na estrada e sua amiga
Te imaginou o homem. Quando alguém
Fugindo da vergonha, ira e intriga
Que grassam nas cidades,
50 A um tronco tosco o peito seu levou
No imo oculto das selvas,
De viva chama a veia exangue arfar,
Pulsarem folhas, palpitar secreta
No doloroso abraço
55 Dafne ou a pobre Fílis ou chorar
O que no Erídano com o sol sumiu,
Triste a prole de Clímene sentiu.

Da angústia humana, ó rochas
Duras, não vos feriu qualquer lamento
60 De negro luto enquanto vossos antros
De medo Eco solitária, não
Ardil que trama o vento,
Mas de ninfa alma triste, povoou,
De quem um árduo amor e dura sorte
65 Roubou a carne terna. Ela por grutas,
Penhascos nus e por lugares ermos
As conhecidas aflições e as brutas,
Rotas queixas guiava

Ao céu em arco. E te ordenou a lenda,
70 Provada a humana angústia,
Músico pássaro, na selva basta
Cantar agora o renascer do ano
E lamentar na calma
Destes campos, à noite muda e vasta,
75 Dores velhas, vinganças e o negror
Daquele sol por pena e por horror.

Mas não pertences mais
À nossa espécie: a tua melodia
Não nasce mais da dor; sem nossa culpa e
80 Menos caro, te esconde o vale escuro.
Ai, ai, já que vazia
É a mansão do Olimpo, e cego errando
Por montes, negras nuvens, o trovão
Esmaga o peito impuro e o inocente
85 Em frio horror, e já que o chão natal,
Alheio aos filhos seus e inconsciente,
As almas tristes nutre,
Escuta as aflições e a sorte ingrata
De nós mortais, ó bela
90 Natureza, e devolve a chama antiga
Ao peito meu, se é que ainda vives
E se de nossa angústia
O céu, se a terra iluminada abriga
Alguém, se os oceanos tão serenos,
95 Piedoso não, mas testemunha ao menos.

VIII

HINO AOS PATRIARCAS
OU DOS PRINCÍPIOS DO GÊNERO HUMANO

Tradução de Álvaro Antunes

E o canto dêstes filhos tristes vossos,
Ó gloriosos pais da raça humana,
Dirá de vós louvando: muito mais ao
Dos astros guia eterno caros; dados
5 À mãe-luz, bem menor que o nosso é o pranto
Que mereceis. Angústias sem remédio
Ao mísero mortal, vida de pranto,
E do que o lume etéreo bem mais doces
Caber a opaca tumba e a sorte extrema,
10 A lei do céu, compadecida e justa,
Não nos impôs. E se do vosso erro
Original, que os homens entregou
À mão tirana da amargura e pestes,
A tradição nos fala, outros pecados
15 Bem mais graves dos filhos, mente inquieta
E demência maior o irado Olimpo
Armaram em troca, e a esquecida mão
Da natureza mãe; daí a vida
Tornou-se nojo, e detestado o parto
20 Do útero materno, e violento
O Érebo emergiu rasgando a terra.

E tu primeiro o dia e a luz purpúrea
Das esferas que giram e a nascente
Vida dos campos, ó senhor e pai
25 De toda a raça humana, e tu a errante
Brisa nos prados de frescor contemplas:
Quando em penhascos e desertos vales
Caindo a água fria urrava gritos
Sem que ninguém a ouvisse, quando as belas

30 Futuras terras de nações louvadas
E cidades ruidosas inda estavam
Em paz imersas e à colina intacta
Subia só e mudo o claro raio
De febo e a áurea luz. Afortunado
35 Deserto mundo, livre então de culpas
E de cruéis castigos! Oh que angústia
Para os teus filhos, pobre pai, e que
Seqüência imensa de terríveis golpes
Preparam os destinos! Logo fúria
40 Nova os avaros campos mancha com
Fraterno sangue, e o céu divino aprende
Quanto as asas da morte são nojentas.
Trêmulo errante o fratricida, e as sombras
Soturnas evitando e a segregada
45 No ventre da floresta ira dos ventos,
Primeiro erige os tetos, reino e abrigo
De angústias lacerantes, e primeiro,
Arfante e infindo, o seu remorso inútil
Encerra em reclusão comum o cego
50 Rebanho dos mortais: daí negaram
A mão malvada ao curvo arado e dizem
Vil o suor dos campos; ócio ocupa
As insanas soleiras, e a inércia
Nos corpos doma a força; lassas, lerdas
55 As mentes jazem, e covarde o homem
Abraça, angústia extrema, a escravidão.

E tu do céu insano e do troante
Sobre os nublados cumes fluxo d'água
O ímpio sêmen salvas; tu, que viste
60 Do turvo ar, dos picos inundados
Trazer o signo da esperança nova
A puríssima pomba, e das antigas
Nuvens náufrago o sol poente vindo
Traçar no ar escuro o arco-íris.
65 Retorna à terra e o cru afã e as ímpias
Obras renova e as conseqüentes penas
A recriada gente. A mão profana
Ilude o inacessível onde reina o
Mar vingador, e a amargura e o pranto
70 Ensina a novas praias, novos astros.

Em ti, ó pai de eleitos, justo e forte,
E nos tão puros frutos do teu sêmen
Medita o peito meu. Direi de como
Sentado, humilde ao meio-dia, à sombra,
75 Em paz no teu abrigo sobre a tenra
Margem que o teu rebanho acolhe e nutre,
Ocultas, de celestes peregrinos
As almas te encantaram, e como, ó filho
De Rebeca, a mais sábia, ao pôr-do-sol,
80 Perto do poço agreste lá no vale
Doce de Haran onde os pastores vêm
Se distrair, te apunhalou o amor
Pela formosa labanida: invicto
Amor, que a longo exílio e longa pena e
85 De escravidão ao detestado jugo,
Alegremente, a nobre alma atou.

Foi, foi sim (de mentira e sombra vã
O canto aônio e a tradição não nutrem
A plebe ávida), gentil um dia
90 Ao nosso sangue e prazerosa e cara
Esta mísera terra, e áurea era
Nossa vida hoje podre. Não que um rio
De puro leito o flanco das colinas
Maternas derramasse, ou com o rebanho
95 Emaranhasse o tigre e, só por troça,
Lobos levasse à fonte das ovelhas
O pastor, mas alheia ao seu destino
E aos seus afãs, de todo afã vazia
Viveu a raça humana; sobre as leis
100 Do céu e da natura distendido
o iludir-se, o meigo errar, foi leve,
Um dia, véu; e de esperar contente
Nossa plácida nave ao porto alçou-se.

Assim, na Califórnia, em vastas selvas
105 Nasce um povo feliz, dos quais não suga
Pálido afã o peito, e cujo corpo
Não morde mal algum; comida o bosque,
Os ninhos os penhascos, águas dá
O vale, sempre inesperado o dia
110 Da morte o ameaça. Oh contra a nossa

Insana audácia os reinos indefesos
Da sábia natureza! Terras, covas,
Caladas selvas rompe o invencível
Nosso furor, os povos violados
115 Em estrangeiro afã, em nunca vistas
Paixões, educa e a nua e tão fugaz
Felicidade além do ocaso acossa.

IX

ÚLTIMA CANÇÃO DE SAFO

Tradução de Ivan Junqueira

Plácida noite, e o fugidio raio
Da lua em agonia; e tu que emerges
Do bosque silencioso sobre a rocha,
Arauto da manhã; oh, quão diletos
5 Fogem-me, ocultos, o destino e as fúrias,
Visões dos olhos meus; já não sorriem
Cenas festivas à emoção sombria.
Agora o gáudio nos renasce
Quando no límpido éter rodopia
10 E pelo campo trepidante o sopro
Dos ventos ergue a poeira, quando o carro,
De Jove o austero carro, sobre nós,
Troando, fende o espaço tenebroso;
Apraz-nos por penhascos e ermos vales
15 Nadar em meio às nuvens, ou o vasto
Rebanho em fuga, ou do fremente rio
Ouvir o som que ronda
A margem dúbia e a tormentosa onda.

Belo é o teu manto, ó céu divino, e bela
20 És tu, terra orvalhada. Ai, não quiseram
Dessa infinda beleza em parte alguma
Dar à mísera Safo os claros numes
E a sorte cruel. Em teus soberbos reinos
Hóspede inoportuna, ó natureza,
25 E amante desprezada, às tuas belas
Formas o coração e os olhos súplices
Debalde lanço. A mim não chega o riso
Da margem clara, e dos portais do céu
A matutina luz; tampouco o canto

30 Das aves coloridas, nem das faias
Saúda-me o sussurro; e onde à sombra
De alguns salgueiros curvos insinua
Cândido rio o seio puro, o meu
Lúbrico pé as águas serpenteantes
35 Encobrem desdenhosas,
Pisando em fuga as praias olorosas.

Que tanta culpa, que nefando arbítrio
Manchou-me antes do berço, para ser-me
Tão turvo o céu e pérfida a fortuna?
40 Em que pequei na infância, quando a vida
Mal conhece o delito, para que ermo
De juventude, e desfolhado, ao fuste
Da inelutável Parca se extinguisse
Meu ferrugíneo elã? Incauta voz
45 Verte o teu lábio: eventos já previstos
Trama o arcano conselho. Arcano é tudo,
Exceto a nossa dor. Prole esquecida,
Nascemos para o pranto, e jaz a mente
No regaço dos deuses. Ah, esperança
50 De anos mais verdes! E tal como o Pai,
Como o cândido Pai, eterna reina
Sobre as gentes; e nem por nobres atos,
Por sábia lira ou canto,
Fulge a virtude em deformado manto.

55 Morremos. Doado à terra o véu indigno,
A alma desnuda irá buscar o Estige,
E do cego o destino há de extirpar
O erro brutal. E tu, que em tanto amor
Baldado, e vã confiança, e inútil fúria
60 De um desejo irrequieto me queimaste,
Vives feliz, se é que feliz na terra
Viveu algum mortal. Não me banhou
Jove com suave bálsamo de avaro
Jarro, depois de extintos a ilusão
65 E o sonho de menina. Cada dia
Mais ledo é o que de nós se vai primeiro.
E nos vêm a velhice, o mal e a sombra
Da álgida morte. Em vez das muitas palmas

Com que sonhei e das diletas culpas,
70 O Tártaro me acua; e o raro engenho
Só o têm a deusa impura,
As praias em silêncio e a noite escura.

X

O Primeiro Amor

Tradução de Ivan Junqueira

Torna à mente o instante em que a porfia
Do amor senti a vez primeira, e então
Disse: se isto é o amor, como angustia!

Em que, olhos imóveis rente ao chão,
5 Mirava aquela que, sem o supor,
Golpeou-me por primeiro o coração.

Ai, como a mim tão mal me guiaste, amor!
Por que tão doce afeto irá trazer
Em si tanto desejo, tanta dor?

10 E não sereno e puro, e inteiro a arder,
Antes pleno de angústia e de lamento
O peito me invadia um tal prazer?

Dize-me, ó terno peito, que tormento,
Que horror tornava em ti toda alegria
15 Tediosa em meio àquele pensamento?

Aquele que, falaz, à luz do dia
Pulsava em ti durante a noite, quando
O hemisfério em quietude parecia:

Tu inquieto, e feliz e miserando,
20 A ilharga me premias sobre as plumas,
Cada vez com mais força palpitando.

E quando triste e exausto, entre as espumas
Do sono eu sucumbia, como chama
Ardiam-me da insônia as cruéis verrumas.

25 Quão vivo, em meio às trevas, dessa dama
Surgia o doce vulto, e os meus oclusos
Olhos miravam-lhe de esguelha a flama!

Quão suavíssimos frêmitos difusos
Iam-se os ossos envolvendo, oh, quantos
30 No âmago da alma, instáveis e confusos,

Pensamentos a voar! Como entre os mantos
De antiga selva zéfiro escorrendo,
Ali sussurram dúbios, longos cantos.

E enquanto calo, e enquanto à dor me rendo,
35 Que dizias, minha alma, que partia
Aquela por quem andas padecendo?

Tão pálida e fugaz em mim sentia
A chama da paixão que o vento brando
Que ora a sustinha em breve a extinguiria.

40 Sem sono à luz que aos poucos vai raiando,
Ouço os corcéis que me farão deserto
No pátrio solo os cascos ir calcando.

E eu tímido e calado e mal desperto,
Para a sacada em trevas inclinava
45 Ávida a orelha e o olho em vão aberto,

A voz a ser ouvida não escoava
Daqueles lábios, mesmo a derradeira;
A voz, que o resto o céu, ai, me furtava.

Quantas vezes chegou a voz rasteira
50 Ao dúbio ouvido, e um frio me oprimiu,
E a alma se pôs a palpitar ligeira!

Depois que finalmente distinguiu
Minha alma a cara voz, e que pesado
Rumor de rodas e corcéis se ouviu,

55 Eis que então me encolhi; abandonado,
As mãos pus sobre o peito e, palpitando,
Suspirei em meu leito, o olhar cerrado.

Depois, os joelhos trêmulos vergando
No silêncio do quarto, parvo e errante,
60 Dizia: algo há que reste em mim pulsando?

Acérrima, a lembrança nesse instante
Cravou-se-me no peito, e me selava
A alma a cada voz, cada semblante.

E dor infinda o seio me rondava
65 Como quando sem trégua o Olimpo chove
Melancolicamente e os campos lava.

Nem bem te conhecia, e aos dezenove
Sequer chegara aquele ao pranto dado,
Quando exiges, amor, que ele te prove.

70 Quando ao prazer tinha desprezo, e enfado
Do sorriso dos astros, ou da aurora
Quieta o silêncio, ou o verdejar do prado.

Até de glória o amor calava agora
No peito, que a me arder tanto alivia,
75 Pois de tão belo o amor ali já mora.

Nem ao estudo à noite o olhar volvia,
E os que tinham por vãos vetustos tomos
Também vãos os julgava e assim os cria.

Oh, quão distintos de nós mesmos fomos,
80 E amor tão grande arruína um outro amor?
Como vãos, em verdade, todos somos!

Só meu peito se apraz e, em seu calor,
Num sempiterno meditar sepulto,
Sentado hei de zelar por minha dor.

85 E o olhar posto no chão e em si oculto,
Não suportava, fugidio e vago,
Nem ver o belo nem o ignóbil vulto;

Pois da cândida imagem eu, pressago,
Turvar temia o espírito sereno,
90 Como à brisa se turva a onda do lago.

E aquela que jamais gozara o pleno
Sabor da culpa, qua a alma aqui bem grava,
E o prazer que se foi torna veneno,

Dos dias que perdi me fustigava
95 Ainda o seio: que a vergonha o duro
Dente em meu peito já não mais fincava.

Ao céu, a vós, almas gentis, eu juro
Que nunca um só desejo inflou-me o peito,
E ardi num fogo imaculado e puro.

100 Vive esse fogo em mim, vive-lhe o efeito,
Respira-me na mente a imagem casta,
A qual, senão celeste, outro proveito

Jamais me deu. E é só: ela me basta.

XI

O Pardal Solitário

Tradução de Ivan Junqueira

Do vértice que aguça a torre antiga,
Solitário pardal, rumo à campina
Cantando vai enquanto a luz perdura;
E flutua a harmonia pelo vale.
5 A primavera em torno
Cintila no ar, e pelos campos vibra,
Tocando o coração de quem a mira.
Ovelhas balem, muge o gado em júbilo;
Brincam em bandos pássaros festivos
10 Que traçam espirais no céu aberto,
Saudando o tempo que se regozija.
Tu, pensativo e alheio, tudo espias;
Não te animas, e ao riso te recusas;
Cantas, e é assim que cruzas
15 Do ano e da vida a mais bela das flores.

Ai, como se assemelha
O teu costume ao meu! Folgança e riso
Da tenra idade idílica família,
E a ti, amor, irmão da juventude,
20 Suspiro amargo dos maduros dias,
Não busco, não sei como; ao invés, dele
Quase me esquivo e acanho;
Quase eremita, e estranho
Ao meu torrão natal,
25 Passo de minha vida a primavera.
É costume brindar em nossa aldeia
A esse dia que aos poucos anoitece.
Ouve no céu sereno o som de um sino,
Ouve o espocar dos tiros de um fusil,

30 Que ribomba acolá, de vila em vila.
Vestidos para a festa,
Os jovens do lugar
Saem de casa e espalham-se na rua;
Olham-se e são olhados, e sorriem.
35 Recém-chegado e só
A essa remota parte da campina,
Cada deleite e jogo
Adio sempre; e todavia o olhar,
Distenso no ar radiante,
40 Fere-me o sol que ao longe, entre as montanhas,
Depois que o dia aquece,
Caindo some, e diz-me, agonizante,
Que a casta juventude desfalece.

A ti, ave sozinha, quando à noite
45 Da vida te levarem as estrelas,
Lembrar o teu costume
Não doerá, pois da natureza é fruto
Teu apetite antigo.
A mim, se não consigo
50 Da velhice evitar
O tão odioso umbral,
Quando este olhar emudecer às almas,
E lhe for erma a terra, e o seu futuro
Do que o presente mais tedioso e horrendo,
55 Que direi desse afã?
E destes anos meus? O que de mim?
Terei remorso, enfim,
E, triste, irei então retrocedendo.

XII

O INFINITO

Tradução de Ivo Barroso

Sempre cara me foi esta colina
Erma e esta sebe, que de extensa parte
Dos confins do horizonte o olhar me oculta.
Mas, se me sento a olhar, intermináveis
5 Espaços para além, e sobre-humanos
Silêncios e quietudes profundíssimas,
Na mente vou sonhando, de tal forma
Que quase o coração me aflige. E, ouvindo
O vento sussurrar por entre as plantas,
10 O silêncio infinito à sua voz
Comparo: é quando me visita o eterno
E as estações já mortas e a presente
E viva com seus cantos. Assim, nessa
Imensidão se afoga o pensamento:
15 E doce é naufragar-me nesses mares.

XIII

A NOITE DO DIA DE FESTA

Tradução de Ivo Barroso

É doce e clara a noite e não há vento.
E quieta sobre os tetos e entre os hortos
Repousa a lua, ao longe revelando
Serenas as montanhas. Minha amada,
5 Os sendeiros se calam, nos balcões
Tremula rara a lâmpada noturna:
Tu dormes, que te acolha o presto sono
Em tua calma alcova: e não te aflija
Cuidado algum; que não te ocorra ou saibas
10 De quanta chaga no meu peito abriste.
Tu dormes: este céu, que tão benigno
É na aparência, a bendizer me ponho.
E a antiga natureza onipotente
Que à desdita me fez. Nego-te mesmo
15 Toda esperança, disse-me a esperança:
Se não de pranto os olhos teus rebrilhem.
Tal dia foi solene: e dos folguedos
Bem logo me afastei: talvez te lembres
Em sonhos hoje a quantos aprouveste.
20 Quanto te aprouve a ti: mas eu, que nada espero,
Ao teu pensar recorro. E entanto imploro
Viver o que me resta, aqui por terra
Me arrojo, e grito, e tremo. Horrendos dias
Deste verão tão verde! Ai, pela estrada
25 Não longe escuto o solitário canto
Do artesão, que retorna em tarda noite
Depois da orgia ao seu modesto asilo:
E duramente o coração me punge
Ao pensar que no mundo tudo passa
30 Sem deixar quase rastro. Eis fugidio

Vai-se o dia festivo e lhe sucede
Outro dia vulgar, e assim o tempo
Desfaz a humana lida. Onde os clamores
Dos povos mais antigos? Onde a fama
35 De nossos ancestrais, e o grande império
Da Roma antiga, e esse fragor das armas
Que dela se espalhou por terra e oceano?
Tudo é paz e silêncio, já no mundo
Tudo é mudez, de tal não se cogita
40 Em minha tenra idade, quando ansiava
Avidamente o meu festivo dia,
Ou depois ao passar, dolente e vigil,
Premia o leito; e na calada noite
Pelos sendeiros um cantar se ouvia
45 Que na distância ia morrendo aos poucos.
Já no meu peito o coração pungia.

XIV

À LUA

Tradução de Ivo Barroso

Ó graciosa lua, bem me lembro,
Que, faz um ano, sobre esta colina
A contemplar-te em minha angústia eu vinha:
E pairavas então sobre a floresta
5 Tal como agora, a iluminá-la toda.
Mas enevoado e trêmulo do pranto
Que me ofuscava a vista, ante meus olhos
Teu vulto aparecia, que afanosa
Foi minha dileta lua. E assim me agrada
10 Toda a lembrança e enumerar a idade
Da minha dor. Oh! como grato sói-nos
No tempo juvenil, quando a esperança
Ainda é longa e breve é a memória,
A remembrança das passadas coisas,
15 Ainda que tristes, num afã que dura!

XV

O SONHO

Tradução de Affonso Félix de Sousa

Era manhã, e o sol entremostrava
Das frestas dos postigos da janela
Raios da aurora no meu quarto escuro,
Quando nessa hora em que é mais leve o sono
5 E mais suave os olhos se ensombreiam,
Ao lado me surgiu, a olhar-me o rosto,
A imagem da que a mim deu a primeira
Lição de amor, e após deixou-me em pranto.
Morta não parecia, porém triste
10 E de aspecto infeliz. À minha fronte
Levou a mão direita e, suspirando,
Disse: tu vives, e algo, uma lembrança
Guardas de nós? Oh, de onde, eu disse, e como
Vens, querida beldade? Quanto sofro
15 E já sofri por ti, eu não creria
Que imaginar sequer pudesses; e isto
Tornava a minha dor mais sem consolo.
Mas vens para outra vez abandonar-me?
É meu receio. O que contigo houve?
20 És a mesma de outrora? E o que te pesa
Interiormente? O esquecimento turva
Teus pensamentos, e os envolve em sono,
Disse ela. Morta estou, e há muitas luas
Me viste pela última vez. Imensa
25 Dor me oprimiu o peito a tais palavras.
E ela falou: morri na flor dos anos,
Quando a vida é mais doce e o coração
Não viu ainda que a esperança humana
É toda vã. A desejar aquela
30 Que o livre de aflições caminha pouco

O mísero mortal, mas sem consolo
É a morte dos jovens; duro, o fado
Dessa esperança finda sob a terra.
É vão saber o que é que a natureza
35 Esconde aos sem experiência, e muito
No que se sabe ainda cedo a cega
Dor prevalece. Oh infeliz amada,
Cala, cala, eu lhe disse, pois destroças
Meu coração. Então já estás morta,
40 Minha dileta, e eu vivo? Estava escrito
No alto céu que os suores da agonia
Esta delicadíssima criatura
Devia suportar, deixando intato
Meu mísero despojo? Oh, quantas vezes
45 Ao pensar que não vives e que nunca
Voltaria a encontrar-te neste mundo,
Não o podia crer. Ai, o que é isto
A que se chama morte? Se provando-a
Entendê-la eu pudesse e a fronte inerme
50 Livrar dos negros ódios do destino.
Jovem eu sou, mas se consuma e perde
A juventude, que é como a velhice
Que tanto temo, embora esteja longe.
Meus verdes anos pouco se distinguem
55 Da velhice. Nascemos para o pranto
Nós dois, disse ela; não sorriu a sorte
Ao viver nosso, e o céu regozijou-se
Com nossas aflições. Se em pranto os olhos,
Acrescentei, e pálido meu rosto
60 Está porque partiste, e se de angústia
Se enche meu coração, dize-me: alguma
Chispa de amor, ou de piedade, um dia
Tocou teu coração por este amante
Quando eras viva? Então desesperando
65 E esperando eu passava noites, dias;
Da dúvida mais vã se gasta hoje
A mente minha. Se uma vez ao menos
Sentiste dor por minha negra vida,
Não me ocultes, te peço, e me console
70 Ver o passado, já que sem futuro
São nossos dias. E ela: oh, tu, consola-te,
Desventurado. Avara de piedade

Não fui quando vivi, nem sou agora
Que infeliz fui também. Não faças queixas
75 Desta desgraçadíssima donzela.
Por nossas desventuras, pelo afeto
Que me extingue, exclamei, pelo dileto
Nome da juventude e a já perdida
Esperança de outrora, deixa, amada,
80 Que eu toque a tua mão. E ela, num gesto
Suave e triste, ma estendeu. E enquanto
De beijos a cobria, e de ansiosa
Doçura palpitando contra o seio
Anelante a oprimia, o peito e o rosto
85 Ferviam de suor, já me morria
A voz, no olhar já oscilava o dia.
Foi então que ela, ternamente fixos
Os olhos nos meus olhos, disse: lembras
Que de beleza já estou despida
90 E tu de amor, desventurado, embalde
Te inflamas e estremeces? Adeus, caro.
Nossas míseras almas, nossos corpos
Separaram-se, adeus. Por mim não vives
E não mais viverás: rompeu o fado
95 A fé que me juraste. Então de angústia
A gritar, em espasmos, e de pranto
Desconsolado rasas as pupilas,
Do sono despertei. Ela em meus olhos
Teimava em existir, no incerto raio
100 Do sol acreditava vê-la ainda.

XVI

A VIDA SOLITÁRIA

Tradução de Affonso Félix de Sousa

A chuva matutina, quando alegre
A galinha entre as cercas do poleiro
Bate as asas, e mostra-se à janela
O morador do campo, e o Sol nascente
5 Com seus trêmulos raios entre as gotas
A caírem, alveja-me a cabana
Docemente chamando, me desperta;
E ergo-me, e as nuvens leves, e o primeiro
Cicio dos passarinhos, e a aura fresca,
10 E os prazerosos campos eu bendigo:
Pois vós, infaustos muros da cidade,
Bastante vos conheço — é onde o ódio
Da dor é companheiro, e em dor imerso
Vivo, e assim morrerei, bem logo! Um pouco
15 De piedade demonstra a natureza
Por mim neste local, um dia oh quanto
Foi comigo cortês! E entanto afastas
Do desgraçado o olhar; tu desdenhando
Misérias e tormentos, à rainha
20 Felicidade serves, natureza.
Na terra, e céu, não têm os infelizes
Um só amigo, e o seu refúgio é a arma.

Sobre uma altura, em ponto solitário,
Sento-me às vezes próximo de um lago
25 De taciturnas plantas coroado.
Lá, quando o meio-dia no céu chega,
Sua imagem tranqüila o Sol desenha,
E nem folha nem relva treme ao vento,
E nem se encrespa a onda, e nem cigarras

30 Cantam, e nem adejam borboletas
Ou pássaros, nem voz nem movimento
Se ouve ou se vê perto dali, nem longe.
Têm tais margens altíssima quietude;
Lá a mim mesmo e o mundo quase esqueço
35 Sentado quieto, a parecer que soltos
Jazem meus membros, sem que os toque ou mova
Sentimento nenhum, e que a quietude
Com os silêncios do lugar se funde.

Amor, amor, voaste já bem longe
40 Do peito meu, que ardente foi um dia
Até queimar-se. Oprime-o a desventura
Com fria mão, e se tornou em gelo
Na flor dos anos. Bem me lembro quando
Ao peito me baixaste. Foi no doce
45 E irrevogável tempo em que se abre
Ao olhar juvenil a lamentável
Cena do mundo, e lhe sorri à vista
Do paraíso. O coração do jovem,
De virgem esperança e de desejo,
50 Salta em seu peito; e lá se vai às lidas
Como se vai a alguma dança ou jogo
O mísero mortal. Só que tão logo,
Amor, eu te senti, veio a fortuna
Destroçar-me o viver, e a estes meus olhos
55 Não resta mais do que o planger sereno.
Se às vezes pelos campos já abertos,
No silêncio da aurora ou quando brilham
Ao sol telhados, morros e campinas,
Vejo de bela donzelinha o rosto,
60 Ou cada vez que na quietude plácida
De noite de verão, o errante passo
De regresso à cidade interrompendo,
A erma terra contemplo, e de uma jovem
De quem as lidas vão até a noite
65 Ouço soar nos solitários quartos
O agudo canto; a palpitar se move
Meu coração de pedra; ai, mas retorna
Logo ao duro torpor, que é fato estranho
Qualquer suave enleio no meu peito.

70 Ó cara lua, a cujos calmos raios
Dançam lebres nas matas e lamenta-se
Bem cedo o caçador, que encontra pistas
Falsas e em confusão, e assim das tocas
Mais de um rastro o desvia; Ave, ó benigna
75 Soberana das noites. Hostil baixa
Teu raio em brenhas, cômoros ou dentro
De edifícios desertos, na arma branca
Do pálido ladrão que, ouvido alerta,
O barulho das rodas e cavalos
80 De longe observa ou sons de pés pisando
A estrada silenciosa; após, de súbito,
Com armas a bramir e com voz rouca
E com funéreo rosto o peito gela
Ao passante, que nu e semivivo
85 Deixa lá entre as rochas. Importuna
É nos bairros locais tua luz branca
Ao libertino vil, que dos albergues
Vai roçando as paredes e a secreta
Sombra seguindo, e pára, e então se espanta
90 Frente às luzes acesas e às janelas
Abertas. Se importuna és aos malvados,
Sempre benigna a mim tua presença
Será por estas plagas, onde apenas
Alegres montes e espaçosos campos
95 Eu tenho à vista. E ainda costumava
Eu, se bem que inocente, o teu mimoso
Raio acusar nos pontos habitados,
Se a humano olhar se oferecia, e quando
A meu olhar o humano descobria.
100 Eu sempre a louvarei, quer seja olhando-te
Navegar entre as nuvens, quer serena
Dominadora do celeste campo,
Contemples a infeliz morada humana.
Hás de rever-me sempre só e mudo
105 Errar nos bosques e nas margens verdes,
Ou sentado na relva, satisfeito,
Se para suspirar restar-me alento.

XVII

CONSALVO

Tradução de Álvaro Antunes

Perto do fim do seu estar na terra
Jaz Consalvo, que um dia desprezara
O seu destino, mas não mais: em meio
Ao quinto lustro e via à sua frente
5 O desejado fim. Como se há eras,
Assim jazia no seu dia extremo
Pelos amigos seus abandonado:
Pois que no mundo amigo algum com o tempo
Resta ao que o mundo evita e só despreza.
10 Mas, pela piedade ali trazida
A consolá-lo em seu deserto, estava
A que sozinha e sempre tinha em mente,
Com fama de beleza diva, Elvira;
Cônscia do seu poder, cônscia que olhar
15 Seu leve, uma palavra de algum doce,
Mil vezes repetida e vezes mil
No pensamento escravo, ar, sustento
Fora sempre daquele triste amante:
Ainda que de amor palavra alguma
20 Tivesse dele ouvido. Em sua alma
Mais forte que o desejo sempre fora
Um tirano temor. E assim tornara-o
Menino e escravo o mais que imenso amor.

Mas rompe enfim a morte o nó antigo
25 Em sua língua. Pois seguros vendo
Do dia que liberta-nos sinais,
Tomou-lhe a mão, que já se ia embora,
E aquela mão branquíssima apertando,
Disse: "Partes, a hora já te obriga:
30 Elvira, adeus. Não te verei, eu creio,

Uma outra vez. Adeus, então. Recebe
Por teus cuidados o mais puro grato
Que possa dar o lábio meu. Teu prêmio,
Quem pode te dará, se prêmio aos pios
35 O céu concede." Empalidece a bela,
Seu peito arfar ouvia: sulca sempre
O coração humano, inda que estranho
A ele seja, quem, partindo, diz:
Adeus p'ra sempre. E desmentir queria,
40 Dissimulando a pressa do destino,
O moribundo. Mas a impede aquele,
Acrescentando: "Desejada e muito,
O sabes, e implorada chega a mim,
Jamais temida, a morte, e penso alegre
45 O dia do meu fim. Pesa-me, é certo,
Que te perco p'ra sempre. Oh sim, p'ra sempre
Parto de ti. Divide-se meu peito
Ao dizê-lo. Não mais verei teus olhos,
Tua voz não ouvirei! Oh diz: mas antes
50 De deixar-me em eterno, Elvira, um beijo
Não queres tu me dar? Um beijo apenas
Em todo o meu viver? Graça que implora
Não se nega ao que morre. Nem orgulho
Terei da prenda, um semi-extinto, cujo
55 Lábiouma estrangeira mão em pouco
Eternamente cerrará." Calou-se
E com um suspiro à mão tão adorada
O frio lábio em súplica pousou.

Ali parou, surpresa e hesitante,
60 A belíssima dama; o olhar prendeu,
De mil encantos cintilante, nele,
O infeliz, onde a lágrima final
Reluzia. Seu peito lhe impediu
Ignorar o pedido, e o triste adeus
65 Exacerbar com um não: antes venceu-a
Misericórdia por paixão tão clara.
E seu rosto celeste, e aquela boca
Há tanto desejada, e há muitos anos
Argumento de sonho e de suspiro,
70 Docemente levando ao rosto aflito
E descorado por mortal angústia,

Beijos e beijos mais, bondosa e presa
De compaixão sobre os convulsos lábios
Do amante em transe e trêmulo gravou.

75 Em que te transformaste então? E como
Vida, morte, amargura agora vias,
Fugitivo Consalvo? Ainda presa,
Ele a mão da dileta e doce Elvira
Traz ao peito, que agônico pulsava
80 Os tremores finais do amor e morte,
"Oh", disse, "Elvira, Elvira minha, estou
Ainda sobre a terra, aqueles lábios
Foram mesmo os teus lábios, tua é a mão
Que aperto! Ah, visão de morto, ou sonho
85 Ou coisa incrível me parece! Elvira,
Oh quanto devo à morte! Oculto nunca
Foi o amor que te dei, por tempo algum;
Nem a ti nem a outros: não se esconde
Do mundo o verdadeiro amor. Brilhava
90 Nos gestos, timidez no rosto e olhar
Tu o viste: em palavras nunca. Ainda
Mudo estaria o infinito afeto
Que o peito meu governa, se o morrer
Não o tornasse audaz. Contente enfim
95 Com minha sorte morro, e ter nascido
Não mais lamento. Não vivi em vão,
Depois que aquela boca à minha boca
Tocar foi dado. A sorte creio boa
Até. No mundo há duas coisas belas:
100 Amor e morte. A esta o céu me guia
Em plena flor da idade, e bem feliz
No outro eu fui. Mas, ah, se ao menos uma,
Uma só vez tão longo amor houvesses
Aquietado e pago, um paraíso
105 A terra para sempre tornarias
Ao meu olhar mudado. Mesmo o nojo
Da velhice eu teria suportado
Com coração tranqüilo: bastaria
A sustentá-los sempre o relembrar
110 Um só instante, e o meu dizer: feliz
Mais do que todos os felizes fui.
Mas ser assim bendito o céu não cede

Ao que é humano. Um tanto amar e ser
Alegre é impossível. E, por um pacto,
115 Ao chicote que empunham os carrascos,
As rodas e à fogueira eu voaria;
Sorrindo, dos teus braços me entregava
À tortura sem fim dos condenados.

Elvira, Elvira, é mais que os imortais
120 Abençoado o que de ti merece
O sorriso do amor! E quase tanto
O que por ti derrama a vida e o sangue!
Pode, pode o mortal, já não é sonho
Como tanto pensei, pode na terra
125 Provar prazer. Eu o percebi no dia
Em que te olhei. E sei que é bem por isto
Que morro agora. Ainda assim com peito
Firme, jamais, em tanta angústia imerso,
Aquele dia amargo condenei.

130 Vive feliz agora e adorna o mundo
Com teu semblante, Elvira. Mas ninguém
O irá amar como eu amei. Não nasce
Um outro amor assim. Oh quanto, quanto
Pelo triste Consalvo e tanto tempo
135 Chamada foste, e em pranto lamentada!
Como ao nome de Elvira, o peito frio
Perder a cor, como tremer me vi,
Ao amargo pisar o teu umbral,
Àquela voz angélica, à visão da
140 Tua fronte o que nem na morte treme!
Mas agora não tenho força e vida
Para falar de amor. Passou o tempo,
Nem este dia relembrar me é dado.
Elvira, adeus. Com o fogo que me ardia
145 A tua amada imagem, do meu peito
Parte por fim. Adeus. E se importuno
Não foi o meu amor, ao meu cortejo
Na noite de amanhã manda um suspiro.

Calou: e, em pouco, com o som sumiu
150 O sopro: e, antes da tarde, seu primeiro
Dia alegre dos olhos seus fugia.

XVIII

À SUA DAMA

Tradução de Ivan Junqueira

Ó bela que, distante,
Amor me inspira ou que se quer divino,
A menos que uma errante
Sombra me agite o sono,
5 Ou na campina brilhem
Mais belo o dia ou do arvoredo o riso;
Tu acaso a inocente
Idade dita de ouro iluminaste,
Ou leve sobre a gente,
10 Sopro, flutuas? Ou a sorte avara
De nós te oculta e ao amanhã prepara?

De contemplar-te viva
Já não tenho esperança;
Talvez enfim, quando desnuda e só,
15 Por nova senda à estranha vizinhança,
Surgir minha alma. Logo no princípio
De minha caminhada escura e avesa,
Julguei-te peregrina em meio ao pó.
Mas nada te recorda sobre a terra.
20 E ainda que alguma outra se pareça
A ti no rosto, em gesto ou fala, eis que ela
Seria, mesmo assim, bem menos bela.

Em meio à dor profunda
Que à vida humana expõe o árduo destino,
25 Se fosses como em sonho eu te retrato,
A quem te amasse aqui seria a vida
Um júbilo divino:
E vejo como ainda, a vista erguida,

Louvar a glória, qual na juventude,
30 Teu amor me faria. Agora o céu
Conforto algum nos dá a dor tão rude;
E contigo a mortal vida haveria
De ser, como no céu, eterna e pia.

Nos vales, onde ecoa
35 Do fatigado agricultor o canto,
Eis que sento e deploro
A ilusão juvenil que da alma voa;
E nas colinas, onde lembro e choro
Os perdidos desejos, e a perdida
40 Esperança de mim; em ti pensando,
A palpitar desperto. Se eu pudesse,
Nesta época sombria e no ar nefando,
Guardar-te a essência! Pois da imagem casta,
Se não me deixam vê-la, é o quanto basta.

45 Se das idéias puras
Uma és tu, que de forma tão sensível
Não quis do ânimo eterno estar vestida,
E entre náuseos detritos
Provar as ânsias da funérea vida,
50 Ou se outra terra em cíclicas espiras
Te acolhe entre universos infinitos,
E, mais bela que o sol, vizinha estrela
Te ilumina, e um benigno éter respiras,
Recebe, de onde o tempo é infausto e breve,
55 Deste amante ignoto o hino que ele escreve.

XIX

AO CONDE CARLO PEPOLI

Tradução de José Paulo Paes

Este sono febril e atormentado
A que chamamos vida, tu suportas
Como, Pepoli meu? de que esperanças
Teu peito se sustém? que pensamentos,
5 Que obras jucundas ou molestas usam
O ócio que, afanosa e grave herança,
Avós remotos te deixaram? É
Só ócio, em todo humano estado, a vida;
Se o fazer, se o buscar, a digno objeto
10 Não vise, ou se o intento já não possa
Mais alcançar, fora melhor então
Chamá-lo de ócio. O bando industrioso
Que a lavrar glebas ou cuidar de plantas,
Rebanhos, vêem tranqüilas a alba e a tarde,
15 Se de ocioso o chamas, porque sua vida
É sustentar a vida, e por si só
A vida do homem não tem preço algum,
Estás com a razão. Noites e dias
Passa em ócio o barqueiro; é ócio o intérmino
20 Suar das oficinas, e as vigílias
Do guerreiro, o perigo seu nas armas;
E o mercador avaro em ócio vive;
Pois nem para si próprio nem para outrem,
A bela dita por que tanto anseia
25 A mortal natureza, ganha-a alguém
Com labor, suor, perigo ou vigília.
Mas para o acre desejo dos mortais,
A suspirar, desde que o mundo é mundo,
Por ser felizes, eis que a natureza
30 Preparou, à maneira de remédio

Da infeliz existência, as suas várias
Necessidades, a que eles provêm
Com cuidados e afãs, para que cheio,
Já que não ledo, transcorresse o dia
35 Da humana família, e menos lugar
Tivesse o confuso e inquieto desejo
De lhe turbar o coração. Também,
Da progênie sem fim dos animais,
Vive no peito, tanto quanto em nós,
40 O desejo de ser feliz; atenta
Ao que na vida necessita, é menos
Triste que nós, e não lhe pesa o tempo
E nem lamenta a lentidão das horas.
Mas nós, que o viver nosso a mão alheia
45 Confiamos prover, necessidade
Mais grave, que ninguém além de nós
Pode prover, já sem fastídio ou pena
Deixamos de prover necessidade,
Digo, de encher a vida; ingrata, invicta
50 Necessidade, à qual tesouro algum,
Rebanhos abundantes, pingues campos,
Mansão faustosa, manto cor de púrpura
Alcança subtrair a humana prole.
Ou se alguém, desdenhando os anos vácuos,
55 Odiando a luz do sol, a mão homicida,
Levado a antecipar os tardos fados,
Contra si mesmo não volte; ao morso acre
Do desejo implacável, o qual em vão
Felicidade pede, ele, por todo
60 Lado buscando, mil ineficazes
Remédios arranja, donde do que a
Natureza proveu, mal se servir.

Dele, o cuidar de trajes e cabelos,
De atitudes e passos, o vão zelo
65 Com cavalos e coches, com mundanas
Salas, praças ruidosas e jardins,
Jogos, festins e cobiçadas danças,
São o afã das noites e dos dias.
Não há riso em seus lábios; mas no peito,
70 Ai, no imo do peito, grave, duro, imoto,

Como coluna adamantina, o tédio
Imortal se firmou e nada podem
Contra ele o juvenil vigor, a doce
Palavra ardente de rosado lábio,
75 Ou o trêmulo olhar enternecido,
O caro olhar de lúridas pupilas,
A mais digna do céu coisa mortal.

Um outro, posto em se evadir da triste
Sorte humana, gasta a vida correndo
80 Terras e climas, mares e montanhas
Do mundo todo, e cada um dos confins
Dos espaços que ao homem nos infindos
Campos do todo a natureza abriu,
Peregrinando alcança. E, ai dele, senta-se
85 Nas altas proas o sombrio enfado,
E em todo clima e céu por onde invoque
Felicidade, só tristeza reina.

Há quem as obras marciais escolha
Para passar as horas e em fraterno
90 Sangue tinja as mãos por ócio; e há quem com
Alheios danos se conforte e pense
Sê-lo menos fazendo a outrem mísero,
Com tão nocivo agir enchendo o tempo,
E quem de arte e saber ou de virtude
95 Indo no encalço, e quem a própria gente
Conculcando, ou estranha, ou de remotas
Praias perturbando a paz antiga
Com o mercar, com fraudes e com armas,
Consome a vida que lhe foi legada.

100 A ti, no abril dos anos, no florir
Da juventude, mais ameno anseio,
Faina mais doce ocupam, de outro ledo
E primo dom do céu, porém amargo,
Grave, hostil ao sem pátria. Tu te entregas
105 Ao estudo dos carmes, do pintar
Com palavras o belo, que é tão raro
E tão fugaz no mundo, e o que produz,
Mais benigna que o céu e a natureza,

A nossa vaga fantasia e a nossa
110 Doce ilusão. Mil vezes venturoso
Aquele que não perde a transitória
Faculdade do caro imaginar
Com os anos e a cujo coração
Os fados deram perene juventude;
115 A quem na firme e na cansada idade,
Como na verde outrora, a natureza
Orna no imo pensar, aviventando
Morte, deserto. Que ventura tanta
A ti conceda o céu; te faça um dia
120 A centelha que o peito hoje te escalda,
Da poesia idoso amante. Eu todas
As doces ilusões da mocidade
Faltarem-me já sinto e se apagarem
As imagens fagueiras que eu amava
125 Tanto, e que sempre, até a hora extrema,
Trazem-me, ao recordar, ânsias e prantos.
Mas quando a tudo enrijecido e frio
Estiver este peito, nem dos campos
Ao sol o calmo e solitário riso,
130 Nem das aves o canto matutino
Na primavera, nem a muda lua
Sobre montes e praias, no céu límpido,
O irão comover; quando as belezas
Da natureza ou arte estejam todas
135 Mudas e mortas para mim, e alheio,
Ignoto o afeto ou sentimento fundo;
Do meu único alívio então privado,
Outros estudos menos doces que
Ocultem o avançar da ingrata vida,
140 Buscarei. A verdade amarga, os cegos
Destinos dos mortais investigar
E das eternas coisas; para que
Carga de afãs e de misérias fez-se
A humana estirpe; a que final intento
145 A levam fado e natureza; a quem
Serve ou deleita tanto nossa dor:
Com quais ordens e leis para onde vai
Este arcano universo, pelos sábios
Louvado, e que eu em admirar contento-me.

150 A tal especular votando os ócios
Verei: que conhecido, embora triste,
O vero tem deleites. E se, às vezes,
Cogitando do vero, ao vulgo soam
Molestos os meus ditos ou obscuros,
155 Não me importa, que já de todo a vaga
Ânsia antiga de glória em mim deliu-se:
Vã Diva não apenas, mas da sorte
E do fado e do amor, Diva mais cega.

XX

A Ressurreição

Tradução de Affonso Félix de Sousa

Eu cri que a ração pródiga
De afãs próprios da idade
Na minha mocidade
Ia faltar-me então:
5 Doces afãs, em síntese
O que há de bom no mundo,
Dando um tom mais profundo
À voz do coração.

Quantas queixas e lágrimas
10 Verti no novo estado,
Meu coração gelado
Mal a dor lhe faltou!
As pulsações faltando-me,
Faltou do amor o efeito,
15 E endurecido o peito
De suspirar cessou.

Por vê-la assim exânime,
Deplorei minha vida
E a terra desvalida
20 Em gelo a se encerrar;
Deserto o dia: a tácita
Noite mais negra e crua,
Extinta a luz da lua
E estrelas sem brilhar.

25 O pranto originava-se
Porém de afeto antigo:
Em meu peito ao abrigo
Pulsava ainda o amor.

Pedia usados símbolos
30 Cansada a fantasia;
Eu triste me sentia
E a causa ainda era a dor.

Em pouco em mim essa última
Dor se foi com o vento,
35 E para mais lamento
Vigor não me restou.
Eis que insensato, atônito,
Não procurei conforto:
Quase perdido e morto
40 Meu ser se abandonou.

Que fui! longe de súbito
Me sinto do ardoroso
Que um erro tão ditoso
Na alma um dia nutriu.
45 Bem cedo alerta, um pássaro
Na janela inicia
Seu canto ao novo dia;
Meu peito não feriu:

E nem no outono pálido
50 Em vilarejo pobre
O vespertino dobre,
O fugitivo sol.
Em vão vi o crepúsculo
Pelo caminho, mudo,
55 Em vão no vale e em tudo
Se ouvia o rouxinol.

E vós, pupilas cândidas
De olhares sempre errantes,
Sois de gentis amantes
60 Primeiro e infindo amor.
A vossa mão terníssima,
Que me ofertais desnuda,
Em vão dá ela ajuda
A meu duro torpor.

65 Do dulçor, melancólico
Viúvo, mas não turbado,
Plácido o meu estado
Dias serenos faz.
Desejasse eu o término
70 De vez da minha vida,
E a vontade, inibida.
Não seria capaz.

Qual da idade decrépita
A marcha desabrida,
75 O abril da minha vida
Assim levava eu;
Assim os dias límpidos,
Ó coração, trazias
Breves, fugazes dias
80 Que o céu nos concedeu.

Quem de uma grave e imêmore
Paz hoje me desperta?
Que virtude mais certa
Esta que sinto em mim?
85 Movimentos suavíssimos,
Imagens, erro bendito,
Sempre a vós interdito
Não é meu ser enfim?

Sois talvez hoje a única
90 Luz dos meus dias idos?
Os afetos perdidos
No início do viver?
Se o céu, os verdes páramos,
De onde quer que eu os veja,
95 Tudo uma dor enseja,
Tudo me dá prazer.

Ao viver hoje volvem-me
A praia, o bosque, o monte;
Fala à minha alma a fonte,
100 Fala comigo o mar.
E quem de volta oferta-me

O pranto após o olvido?
Ó mundo convertido
Em outro, a meu olhar!

105 A esperança, ó paupérrimo
Coração, deu-te um gosto?
Ai, da esperança o rosto
Nunca, jamais verei.
A natureza dando-me
110 O bom e o mau de enganos,
E adormecendo os danos
A virtude que herdei.

Não a anulou, a indômita,
O fado ou a desgraça;
115 E nem com a vista baça
A verdade também.
À fonte dos meus cânticos,
Achando-a embora absurda,
A natureza é surda
120 E compaixão não tem.

Que com o bem não solícita
Foi, mas com o ser apenas,
Des' que conserve as penas
Sem mais querer saber.
125 Sei que entre o humano gênero
Do infeliz não se sente
Piedade, e dele a gente
Se afasta a escarnecer.

Que ignora o triste século
130 Toda virtude e engenho;
No estudo falta empenho
E na glória, fervor.
E vós, pupilas trêmulas,
Vós, raio sobre-humano,
135 Vosso brilho é um engano
Se não brilhais de amor.

Nenhum ignoto e íntimo
Afeto em vós rebrilha:

Centelha alguma trilha
140 O alvo peito, se vê.
Antes, de outros os múltiplos
Cuidados põe em jogo;
E de um celeste fogo
Desprezo é a mercê.

145 Mas sinto em mim, bem nítidas,
As coisas conhecidas;
E das próprias batidas
Meu peito hoje é refém.
De ti, coração, o último
150 Ímpeto, e o ardor nativo,
Se consolado eu vivo
As causas de ti vêm.

Faltam, sinto-o, ao espírito
Alto e puro a beleza,
155 A sorte, a natureza,
O mundo e o encanto seu.
Mas se tu vives, mísero,
Se não cedes ao fado,
Não é desapiedado
160 Quem a vida me deu.

XXI

À SÍLVIA

Tradução de Ivo Barroso

Sílvia, lembras-te ainda
Do tempo em que viveste entre os mortais.
Quando o belo ostentavas
Em teus ridentes olhos fugitivos.
5 E tu, leda e cuidosa, nos umbrais
Da juventude entravas?

Soavam as silentes
Estâncias, e os sendeiros em redor
Ao teu perpétuo canto
10 Quando em tarefas feminis assente
Te punhas, bem contente
E teu vago porvir na mente vias.
Era em meio odorente: e assim teus dias
Costumavas dispor.

15 Meus estudos afáveis
Então deixando e as fatigantes cartas
Em que os meus tenros anos
E o melhor de mim mesmo resplendia.
Desde as varandas do solar paterno
20 À tua voz ouvidos atentava
Sonhando a mão veloz
Que a diligente tela percorria
Olhava o céu perfeito,
Douradas trilhas e o horto,
25 E o mar ao longe e mais vizinho o monte.
Língua mortal não conte
O que me vinha ao peito.

Que pensamentos suaves,
Que ânimo, que esperanças, Sílvia amada!
30 Como então nos agrada
A vida humana e a sorte!
Mas se ora lembro do esperar sublime
Uma paixão me oprime
Desconsolada e forte.
35 E dói-me novamente a desventura
Ó natura, ó natura.
Por que não dás os céus
Que então prometes? por que agora enganas
Assim os filhos teus?

40 Tu antes que crestasse o inverno a relva
Presa e vencida por oculto morbo
Pereceste, ó fragílima. Sem veres
Da tua idade a flor.
Não te adulava o seio
45 A doce loa às tuas negras comas
Ou aos teus olhos da paixão esquivos:
Nem a amigas nos dias mais festivos
Discorreste de amor.

Também desfez-se em mim
50 Há pouco o doce anseio: à minha idade
Negou-me o fado mesmo
A juventude. Ai como,
Como passaste a esmo,
Ó cara amiga dos meus tenros anos,
55 Lacrimosa esperança!
Aquele mundo é isto? Onde os entes
Diletos, puro amor, obras, assuntos
Sobre os quais tanto cogitamos juntos?
Este é o destino das humanas gentes?
60 Ao ver a realidade
Tu, mísera, caíste: e tua mão
A fria morte e a sepultura nua
Mostrava na amplidão.

XXII

AS LEMBRANÇAS

Tradução de José Paulo Paes

Vagas estrelas da Ursa, eu não contava
Voltar ao hábito de vos olhar
Sobre o pátrio jardim esplendoroso
E conversar convosco das janelas
5 Deste refúgio onde morei menino
E vi o fim das minhas alegrias.
Então, quantas imagens, quantas fábulas
Suscitou-me na mente o aspecto vosso
E das vossas luzentes companheiras!
10 Sentado, mudo, sobre a verde grama
Eu passava das noites grande parte
A contemplar o céu, a ouvir o canto
Da rã remotamente na planície!
E o pirilampo errava pelas sebes,
15 Pelos canteiros, sussurrando ao vento
Os ciprestes e aléias perfumadas
Lá na floresta; e sob o pátrio teto
Ouviam-se as conversas dos criados
Em seu calmo labor. Que pensamentos
20 Vastos, que doces sonhos deu-me a vista
Do mar ao longo e os azulados montes
Que daqui vejo e que transpor um dia
Eu pensava, a fingir no meu viver
Arcanos mundos e ventura arcana!
25 Ignaro do meu fado, e quantas vezes
Esta doída e nua vida minha
Não teria eu trocado pela morte.

Nem me dizia o coração que estava
Eu forçado a passar a juventude

30 Rude e vil, cujos nomes tão estranhos,
Alvos de riso e brincadeira, são
Doutrina e saber; ela me odeia,
Não por inveja, pois que não me tem
Por maior, mas porque alguma estima
35 Que eu traga no imo, ainda que de fora,
A ninguém dou jamais a perceber,
Abandonado e oculto, passo os anos
Aqui, sem vida nem amor; por força
Torno-me áspero em meio dos malévolos;
40 De piedade e virtude aqui me dispo
E menosprezador dos homens faço-me,
Pela grei que me cerca; entanto voa
O caro tempo juvenil, mais caro
Que a fama e os louros, mais até que a pura
45 Luz do dia e que o meu respirar: peço-te
Sem um prazer, inutilmente, neste
Desumano lugar, entre os afãs,
O de vida sem fruto única flor.

Vem o vento trazendo o som das horas
50 Desde a torre do burgo. Era conforto,
Recordo-me, este som, nas minhas noites
Quando, menino, eu vigiava o escuro
De terrores assíduos, suspirando
Pela manhã. Pois não há coisa alguma
55 Que eu veja ou sinta sem que dela surja
Uma imagem ou doce remembrança.
Doce por si; porém com dor assoma,
No pensar do presente, um vão desejo
De outrora, mesmo triste, e o dizer: fui.
60 Aquela arcada ali, que os raios últimos
Do dia tocam, as paredes com
Pinturas pastoris, e o Sol que nasce
Sobre o campo deserto, aos ócios meus
Traziam mil prazeres, quando ao lado,
65 Poderosa, falava-me a ilusão
Aonde eu fosse. Nestas velhas salas
Ao resplendor da neve, em volta destas
Largas janelas, vento e sibilar,
Soaram os recreios e as festivas
70 Vozes minhas no tempo em que o acerbo,

Vil mistério das coisas se nos mostra
Todo doçura; intacta, não libada
O rapazola, qual bisonho amante,
Contempla sua vida de ilusões
75 E celeste beleza ficta admira.

Ó esperanças, esperanças; doces
Enganos juvenis! sempre, falando,
A vós regresso, pois que com o tempo,
Com o variar de afetos e pensares,
80 Esquecer-vos não sei. Fantasmas, vejo,
São honra e glória; haveres e prazeres
Mera ambição; não tem a vida um fruto,
É inútil miséria. Se bem vácuos
São os anos meus, se bem deserto, escuro
85 O meu estado mortal, pouco me tolhe
A fortuna, percebo-o. Mas, ai, sempre
Em vós repenso, antigas esperanças,
E no meu caro, primo imaginar;
Daí contemplo o meu viver tão vil
90 E tão dolente, em que é a morte tudo
Que me resta de tantas esperanças;
Sinto apertar-me o coração, que nada
Pode me consolar do meu destino.
E quando entanto esta invocada morte
95 Estiver a meu lado e o fim chegar
Da minha desventura; quando a terra
Me seja estranho vale, e dos meus olhos
O porvir se afastar; irei decerto
Lembrar de vós; e ainda aquela imagem
100 Me fará suspirar, far-me-á acerbo
O ter vivido em vão, e na doçura
Desse dia fatal porá tormentos.

E já no primo juvenil tumulto
De alegrias, de angústias e desejos,
105 Morte chamei mais vezes; e por horas
Lá ficava sentado junto à fonte
Pensando em dar um fim, naquelas águas,
Às dores e à esperança. Após, por cego
Mal em risco de vida colocado,
110 Pranteei a bela juventude, e a flor

Dos meus dias tão pobres, que então já
Calei e amiúde, a tardas horas,
No cônscio leito, dolorosamente
A débil candeia poetando,
115 Lamentei com a noite e o seu silêncio
O fugitivo espírito, e a mim mesmo
Sobre o languir cantei funéreo canto.

Quem relembrar-vos pode sem suspiros,
O despontar da juventude, ó dias
120 De encanto, inenarráveis, quando então
Ao êxtase mortal primeiramente
Sorriem as donzelas e em porfia
Tudo à volta sorri; inveja cala,
Ainda não desperta mas benigna;
125 E quase (rara maravilha!) o mundo
A destra socorrente lhe oferece,
Perdoa-lhe os erros, saúda-lhe seu novo
Entrar na vida, e se curvando a ele
Mostra que por senhor o acolhe e chama?
130 Dias fugazes! Que como um relâmpago
Desvaneceram-se. E que mortal ignaro
Da desventura pode ser, se foi-se
Sua bela estação, se o seu bom tempo,
Ai juventude, juventude, foi-se?

135 Ó Nerina! e de ti não ouço acaso
Estes sítios falar? sumiste acaso
Do pensamento meu? Para onde foste,
Que aqui apenas a lembrança tua
Eu encontro, doçura minha. A ti
140 Não vê mais o país natal: aquela
Janela de onde me falavas, e onde
Triste reluz o raio das estrelas,
Ei-la deserta. Onde estarás? não ouço
Mais soar a tua voz, tal como outrora,
145 Quando qualquer acento que de longe
Viesse dos teus lábios já me punha
Pálido. Em outros tempos. Os teus dias
Se foram, doce amor. Passaste. A outros
O passar pela terra hoje compete,
150 E o habitar estas colinas perfumosas.

Mas rápida passaste; e como um sonho
Foi-te a vida. Depois dançando; a fronte
A luzir de alegria, olhos luzentes
De esperançoso imaginar, o lume
155 Da juventude e que apagou o fado,
E jazeste. Ai Nerina! No meu peito
O amor antigo reina. Se eu às vezes
A festas vou, a reuniões, me digo:
Nerina, ó tu a festas, reuniões
160 Não mais te aprestas nem a elas vais.
Se maio chega, e cantos e raminhos
Vão levando os amantes às donzelas,
Digo: Nerina minha, para ti não mais
A primavera chega, nem te chega amor,
165 Cada dia sereno, cada campo
Florido que olho, ou gozo que desfruto,
Faz-me dizer: Nerina já não goza
Os campos nem os ares, ai, passaste,
Suspiro eterno meu, passaste: e fida
170 Companhia do meu vago imaginar,
Do meu terno sentir, do caro e triste
Pungir do coração, lembrança acerba.

XXIII

CANTO NOTURNO
DE UM PASTOR ERRANTE DA ÁSIA

Tradução de José Paulo Paes

Diz-me: o que fazes no céu, lua? o que,
Silenciosa lua?
Enquanto a noite vê,
Contemplativa, os ermos, tu tramontas.
5 Correr essas estradas
Sempiternas ainda te compraz?
Será que não te cansas, não te enfadas
Destes vales jamais?
Semelha tua vida
10 A vida do pastor.
Surge ele ao primo albor;
Leva seu rebanho pelo campo e avista
Outros rebanhos, fontes e verduras;
De noite vai, cansado, repousar,
15 Mais não tem a esperar.
Diz-me, ó lua: afinal
De que lhe serve a vida?
A vossa vida a vós? diz-me: aonde vai
Ter meu breve vagar,
20 O teu curso imortal?

Velhinho branco, infirme,
Descalço e maltrapilho,
Um feixe pesadíssimo nas costas,
Por vales, por enconstas,
25 Por funda areia, agudos seixos, brenhas,
Ao vento, à tempestade, e quando escalda
A hora, e depois gela,
Vai-se embora, corre, anela,

Vadeia rios e charcos.
30 Cai, levanta, e mais e mais se apressa,
Sem pouso nem descanso,
Rasgado, ensangüentado; e ei-lo que chega
Enfim aonde a via,
Aonde tanto afadigar conduz:
35 Abismo hórrido, imenso,
Em que ele se atirando a tudo esquece.
Pois, virgem lua, tal
É a vida mortal.

O homem nasce trabalhosamente,
40 E é risco de morte o nascimento.
Prova pena e tormento
Em primeiro lugar; e no princípio
Já mãe e genitor
Começa a consolar de ter nascido.
45 Depois, quando crescido,
Uma e outro sustenta, e todavia,
Com atos e palavras,
Eles sempre o encorajam
E o consolam da humana condição;
50 A mais grata missão
Que sua prole os pais não fazem jus.
Mas por que dar à luz,
Por que manter em vida
Quem dela cumpre consolar depois?
55 Se a vida é desventura,
Por que a gente a atura?
Intacta lua, tal
É o estado mortal.
Mas talvez o que digo
60 Não te importe por seres imortal.

Mas tu, sozinha, eterna peregrina,
Que tão pensativa és, talvez entendas
Este viver terreno,
O sofrer nosso, o suspirar, que seja;
65 Que seja este morrer, este supremo
Descorar do semblante,
E da terra sumir, fugir do aceno
Da habitual, amante companhia,

E decerto compreendes
70 O segredo das coisas, vês o fruto
Da manhã e da noite,
Do tácito, infinito andar do tempo.
Sabes, por certo, a qual doce amor seu
Sorri a primavera,
75 A que, o estio é útil, a quem serve
O inverno e sua neve.
Mil coisas sabes tu, e mil descobres
Que estão ocultas ao pastor simplório.
Amiúde, ao te ver
80 Muda assim sobre campos que, desertos,
Lá na distância com o céu confinam;
Ou então a viajar
Comigo e meu rebanho tão de perto;
E quando olho a amplidão, de estrelas cheia,
85 Penso e digo comigo:
Por que tanta candeia?
Por que estes ares infinitos, este
Infinito profundo, sereno, esta
Imensa solidão? e eu, que sou eu?
90 Assim penso comigo; e desta casa
Desmedida e soberba
E da sua família inumerável;
Pois de tanto ocupar-se, tantos giros
Das coisas, quer celestes, quer terrenas,
95 Que não conhecem trégua,
Mas voltam sempre ao ponto de partida;
Uso algum, fruto algum
Descobrir-lhes consigo. Mas tu, certo,
Rapariga imortal, conheces tudo.
100 Eu só conheço e sinto
Que dos eternos giros,
Que do meu ser mortal
Quiçá bem ou prazer
Tenha alguém; para mim, a vida é mal.

105 O meu rebanho a descansar feliz,
Que não sabe, acho, da sua desventura!
Tenho-te tanta inveja!
Já quase liberado
De afãs ou de amargura

110 Vais, e minguas, cuidados
Excessivos temores pronto esqueces,
E, mais ainda, tédio não padeces.
Quando à sombra te sentas, sobre as ervas,
Ficas quieto e contente;
115 E grande parte do ano
Sem fastio tu a passas nesse estado.
Mas se me sento sobre a relva, à sombra,
Logo um tédio me ensombra
A mente, e um aguilhão vem-me pungir,
120 Ali posto, estou longe de sentir
Qualquer paz ou quietude.
E não cobiço nada,
Nem tenho até aqui razão de pranto.
O que gozas ou quanto
125 Não sei dizer; mas és afortunada.
Se gozo ainda pouco,
O rebanho meu, nem só disso me queixo.
Se soubesses falar, eu perguntava:
Diz-me: por que jazendo
130 A vontade, ocioso,
O anima! se embevece!
E em meu repouso o tédio me aparece?

Mas se asas eu tivesse
De voar sobre as nuvens,
135 Cada estrela contar que lá flutua,
Ou, qual trovão, errar de pico em pico,
Seria eu mais feliz, doce rebanho,
Seria eu mais feliz, cândida lua.
E talvez desatino
140 Este meu cogitar de outro destino:
Funéreo por igual,
Venha ele ao mundo em berço ou em cafua,
É, a quem nasce, o seu dia natal.

XXIV

A CALMA DEPOIS DA TEMPESTADE

Tradução de Alexei Bueno

Passou a tempestade:
Ouço a aérea alacridade, e a galinha
Que volta e recomeça
Seu ciscar costumeiro. Eis que o céu limpo
5 Ressurge do poente, na montanha;
Alegra-se a campanha
E claro o riacho surge lá no vale.
Todo peito se alegra, a todo lado
Retornam os rumores
10 E o labor costumado.
O artesão, fito o olhar no úmido espaço,
Canta, empunhando a obra,
Na porta. Alegremente
Sai a aldeã a recolher a água
15 Da tormenta recente.
A voz sempre presente
Do homem das ervas erra
Pelas trilhas de terra.
Eis o Sol de retorno, que irradia
20 Nos montes e casais. Cada família
Nos balcões e terraços logo assoma:
E, da estrada molhada, se ouve ao longe
Chocalhos a tinir; o carro chia
Do viajante que o rumo enfim retoma.

25 Em toda alma um ardor
Doce, se espalha enfim,
Quando é, a vida, assim?
Quando com tanto amor
No estudo o homem se alenta?

30 Ou à obra torna? ou coisa nova intenta?
Quando dos males seus se lembra menos?
Prazer, filho da ânsia,
Vão deleite, que é fruto
Do passado temor, onde tremeu
35 Quem, não amando a vida,
Teve medo da morte,
Onde em longo tormento
Muda, fria, transida,
Toda gente arfa e sua, apenas vendo
40 Cobrir-nos de uma vez
Raios, granizo e vento.

Natureza cortês,
Eis teu dom portentoso,
São estes os deleites
45 Que ofertas aos mortais. Fugir de penas
Entre nós é um gozo.
Penas espalhas de mão cheia, a dor
Surge espontânea, e se um prazer, acaso,
Por monstruoso milagre algumas vezes
50 Nasce da angústia, grande é o ganho. Impura
Raça aos Céus cara! Já és feliz bastante
Respirando um instante
De alguma dor; bendita
Se a ti de toda dor a morte cura.

XXV

SÁBADO NA ALDEIA

Tradução de José Paulo Paes

A donzelinha chega lá do campo,
Na hora em que o sol se deita,
Com o seu feixe de erva, e traz na mão
Um molhinho de rosas e violetas:
5 É com elas que enfeita,
Na festa de amanhã,
Como é costume, o colo e a cabeleira.
Senta-se na soleira,
Ao lado das vizinhas, a velhinha,
10 E ficam a fiar no fim do dia;
Ela conversa sobre os seus bons tempos,
Quando, em dia de festa, se enfeitava
E, esbelta e sã ainda,
Dançava à noite com as companheiras
15 Da juventude, essa idade tão linda.
Já escurece o ar,
O céu se torna azul e a sombra abranda-se
Nos outeiros e tetos
Que a lua nascente faz branquejar.
20 O sino ora anuncia
O começo da festa;
De tal som se diria
Que alenta o coração.
Os meninos, em bando
25 Pela pracinha vão
A correr e a saltar
Num alegre rumor.
Assoviando, volta à parca mesa,
Entanto, o sachador,
30 E pensa no seu dia de repouso.

Depois, quando se apagam os fanais
E cala tudo o mais,
Ouve o som do martelo, o som da serra:
O carpinteiro vela
35 Em sua oficina, à luz da candeia,
E se apressa e se esforça
Por cumprir a tarefa antes que amanheça.

Este é um dia alegre e esperançoso,
O melhor da semana;
40 Mas a tristeza empana
A mente das pessoas, de amanhã
Ter de voltar ao seu labor tedioso.

Garoto folgazão,
Esta idade florida
45 É como um dia de alegria pleno,
Dia claro, sereno,
Que antecede a festa de tua vida.
Folga, meu garoto; estado suave,
Mais não te quero dizer; que tua festa
Tardia embora, não te seja grave.

XXVI

O PENSAMENTO DOMINANTE

Tradução de José Paulo Paes

Dulcíssimo, potente
Dominador da minha funda mente;
Terrível, mas querido
Dono do céu; consorte
5 Dos lúgubres meus dias,
Pensamento que tanto me assedias.

De tua índole arcana
Quem não fala? a seu poder sujeito
Quem não está? Mas sempre
10 Que a dizer seus efeitos
O sentimento impele a língua humana,
Parece novidade o que ele explana.

Como ficou deserta
Minha mente a partir
15 Do instante em que ali foste residir!
Em derredor, meus pensamentos vários
Sumiram qual fugaz
Relampejo. E eis que agora, como torre
Em campo solitário,
20 Apenas tu, gigante, ali estás.

Com exceção de ti, em que tornaram-se,
Ao meu olhar vazio,
As coisas todas, mesmo a própria vida!
E que mortal fastio
25 As distrações, os ócios,
E do vão prazer que vão o amavio,
Ao lado da alegria
Celeste que de ti eu angario!

Como dos seixos nus
30 Do escabroso Apenino
A campo verde que sorri de longe
Volta o olho desejoso e peregrino;
Assim eu do seco e áspero
Mundano conversar gostosamente
35 Regresso a ti como a jardim garrido
E tua estada alenta os meus sentidos.

Quase incrível parece-me
Que eu a vida infeliz e o mundo insosso
Por tempo dilatado
40 Sem ti haja agüentado;
Quase entender não posso
Que a alguém tente ou encante
Algo que não te seja semelhante.

Jamais, desde a primeira
45 Vez que a vida provei e compreendi,
Temor de morte o peito me oprimiu.
Hoje tenho por jogo
Essa que o mundo vil,
Louvando às vezes, teme na verdade,
50 Fatal necessidade;
Se perigo surgir, com um sorriso
Audaz as ameaças lhe exorcizo.

Aos covardes e às almas
Avarentas, abjetas,
55 Sempre desprezei. Atos vis também
Ofendem-me os sentidos;
E os exemplos de humana
Vileza movem minha alma ao desdém.
Desta época soberba
60 Que com vácua esperança inda se ilude,
Que busca a indiscrição, foge à virtude;
Tola que pede o útil,
Mas não vê sua vida
Assim fazer-se mais e mais inútil;
65 Sinto-me acima. Zombo
Dos juízos humanos; e o vulgacho,
Infenso ao bel pensar,
Que me despreza, cuido de pisar.

Aquele de onde vens,
70 Qual afeto não cede?
Melhor: qual outro afeto
Se não aquele entre os mortais tem sede?
Soberba, desdém, rancor, avareza,
Ânsia de honra ou realeza
75 Que são senão caprichos
Comparados a ele? Um só afeto
Vive em nós; e esse deu,
Monarca prepotente,
Eternas leis ao coração da gente.

80 Preço não tem, não tem razão a vida
Sem ele, que é dos homens o absoluto;
Só ele escusa o fado,
Que a nós mortais na terra
Impõe tanto sofrer sem qualquer fruto
85 E só por ele às vezes,
Não à alma estulta, à não-envilecida
Parece a morte mais gentil que a vida.

Para gozar-te, doce pensamento,
Provar o afã humano,
90 Sustentar ano a ano
Esta vida mortal, não é indigno;
E ainda voltarei,
Eu que versado sou em nosso mal,
A tomar de tal signo a direção;
95 Entre areias e vípero ferrão,
Tão cansado como agora
Do deserto mortal
Jamais cheguei a ti que não tivesse
Vencer as nossas penas por benesse.

100 Mas que mundo, que nova
Imensidão, que paraíso é esse
Até o qual por teu soberbo encanto
Sempre alçar-me pareço!
Onde, sob luz não costumeira errando,
105 O meu terreno estado
E quanto exista de veraz esqueço!
Tais são, creio eu, os sonhos

Dos imortais. Ai! que afinal um sonho
De onde o vero subtrai tanto ornamento,
110 És tu, meu pensamento;
Sonho e erro incontestável. Todavia,
Entre os erros amáveis,
És de índole divina; e esta é tão forte
Que muitas vezes, em tenaz porfia,
115 Ao vero se conforma
E não se esvai senão na hora da morte.

E tu, meu pensamento, em que os meu dias
Têm seu vital penhor
E infinitos afãs sua razão,
120 Até a morte hás de me estar ao lado:
Sinto, por vivos signos, que me és dado
Como perpétuo e natural senhor.
Outros gentis enganos
O verdadeiro aspecto
125 Enfraqueciam sempre. Quanto mais
Torno a rever aquela
Da qual contigo vivo conversando,
Mais o prazer dileto
Mais o delírio cresce em que respiro.
130 Angélica beldade!
Tudo quanto de belo acaso miro,
Me parece imitar
A tua imagem. Fonte das demais
Belezas, na verdade
135 És para mim a única beldade.

Desde o primeiro instante
Em que te vi, de que cuidado extremo
Não foste o só objeto? Que hora houve
Que em ti eu não pensasse? Aos sonhos meus
140 A tua suma imagem
Quantas vezes faltou? Bela qual sonho,
Angélica aparência,
Eu, nesta residência,
Terrena ou nas alturas do universo,
145 Que espero, que acalento
Que possa ser mais lindo que os teus olhos?
Mais doce ainda que o teu pensamento?

XXVII

AMOR E MORTE

Tradução de Affonso Félix de Sousa

Ὃν οἱ θεοὶ φιλοῦσιν ἀποθνήσκει νέος.
Morre jovem aquele que ao céu é caro.
Menandro

Irmãos gêmeos que são, Amor e Morte,
Engendrou-os a sorte.
Aqui coisas tão belas
Este mundo não tem, nem as estrelas.
5 De um deles nasce o bem,
Nasce o prazer maior
Que se encontra nos mares da existência;
A outra toda dor
E todo mal debela.
10 Belíssima donzela
Doce de ver, não qual
Gente covarde fica a imaginá-la,
Gosta o menino Amor
De amiúde acompanhá-la;
15 E voam sobre o périplo mortal
Como consolos da alma em seu ardor.
Coração nunca houve mais cordato
Que o ferido de amor, nem que mais forte
Negou a infausta vida,
20 Nem por outro senhor
Como por este a se arriscar foi pronto;
Pois onde dá guarida,
Amor, nasce a coragem,
Ou ela acorda; e sapiente em obras,
25 Não em intenções vãs, como parece
Próprio da humana espécie.

Nasce na alma, profundo,
Um amoroso afeto,
30 Junto com ele, lânguida, no peito
Uma vontade de morrer se sente:
Como, não sei, mas tal
De amor vero e potente é já o efeito.
Talvez os olhos temam
35 Então este deserto: em face, a terra
Para o mortal talvez inabitável
Se mostre sem aquela
Nova, só, infinita
Ventura que possível lhe parece:
40 Porém por causa dela uma procela
Pressentindo no peito, aspira a calma
E a recolher-se em porto
Ante o férreo desejo
Que já, todo a rugir, tudo escurece.

45 Quando, após, tudo envolve
A formidável força
E fulmina no peito o zelo invicto,
Quantas vezes pedida
Com um desejo intenso,
50 Morte, tu és pelo ardoroso amante!
Quantas vezes, durante
A noite inteira o corpo abandonando,
Viu-se feliz desde que assim ficasse,
Jamais se levantando,
55 Jamais voltando a ver a amarga luz!
E sempre aos dobres do funéreo sino,
Ao canto que conduz
A gente morta ao sempiterno olvido,
Com suspiros ardentes
60 Bem no seu íntimo invejou aquele
Já sem a condição de gente viva.
Até a humilde plebe,
O homem simples que ignora
Tudo de bom que do saber deriva,
65 Até a moça em flor tímida e esquiva,
Que se morte enunciam
Seus pêlos arrepiam,
Ousa ante a tumba e os fúnebres sudários

Fechar os olhos de firmeza plenos
70 Sobre armas e venenos
Meditar longamente,
E em sua indouta mente
A gentileza de morrer compreende.
Assim a disciplina
75 De amor à morte inclina. Com freqüência
Chega a tal ponto esse trabalho interno
Que o não pode suster força mortal,
Que cede o corpo ao mal
De acres paixões, e assim pelo fraterno
80 Poder de ambos a morte é sem rival;
Ou tanto excita Amor no mais profundo
Que por si mesmos o aldeão ignaro
E a terna donzelinha
Graças à mão audaz
85 Deitam os membros juvenis por terra.
Disso se ri o mundo,
Ao qual conceda o céu velhice e paz.

Aos férvidos, felizes
E animosos engenhos,
90 Um ou outro de vós conceda o fado,
Doces donos, amigos
Da nossa humana espécie,
Cujo poder com outro não parece
No imenso mundo, e não é superado
95 Senão pelo poder maior do fado.
Tu, a quem eu desde os primeiros anos
Com devoção invoco,
Bela Morte, piedosa
Tu só no mundo das terrenas lidas,
100 Se um dia celebrada
Foste por mim, se a ti, divino ente,
Vaias de ingrata gente
Quis reparar outrora,
Não tardes mais, inclina
105 O olhar para os meus rogos,
Fecha à luz já, agora,
Dona do tempo, estes olhos tristes.
Por certo me acharás a qualquer hora
Em que as asas a meu rogar desfiras,

110 Erguida a fronte, armado,
E renitente ao fado,
A mão que flagelando se colore
No meu sangue inocente
Não tecerei louvores,
115 Não bendirei, como usa
Por antiga vileza a humana gente;
Toda a esperança com que se consola
Como as crianças o mundo,
Todo conforto estulto
120 Afasta; de ninguém em nenhum tempo
Espero, só de ti;
Sereno espero e anseio
Pela hora de inclinar dormindo o rosto
No teu divino seio.

XXVIII

A Si Mesmo

Tradução de Alexei Bueno

Enfim repousas sempre
Meu lasso coração. Findo é o engano
Que perpétuo julguei. Findou. Bem sinto
Que em nós dos caros erros
5 Mais que a esperança, o próprio anelo é extinto.
Repousa sempre. Muito
Palpitaste. Nenhuma coisa vale
Teus impulsos, nem digna é de suspiros
A terra. Nojo e tédio
10 É a vida, nada mais, e lama é o mundo.
Repousa. E desespera
A última vez. À nossa espécie o fado
Não deu mais que o morrer. Enfim despreza
A natureza, o rudo
15 Poder que, oculto, o comum dano gera
E a vacuidade sem final de tudo.

XXIX

ASPÁSIA

Tradução de Álvaro Antunes

Retorna ao pensamento meu às vezes
O teu semblante, Aspásia. Ou fugidio
Na multidão lampeja um certo instante
Em outros rostos, ou por campos ermos
5 Na paz do dia, sob estrelas mudas,
Como se meiga música a acordasse,
Na alma de assombrar-se ainda perto
Soberba aquela aparição ressurge.
Quão adorada, ó céus, e como, um dia,
10 Meu prazer e tormento! E não mais sinto
Perfume se mover de vale em flor,
Nem de flores as ruas aromando,
Sem que eu te veja ainda qual no dia
Em que nos aposentos recolhida,
15 Odorados com flores as mais frescas
Da primavera, com a cor vestida
Da escura violeta, a mim se dava
A angélica tua forma, recostada
Sobre claros arminhos, circunfusa
20 De uma volúpia arcana, quando, ó sábia
Feiticeira, febris e ressoantes
Beijos ao curvo lábio arremessavas
Dos teus filhinhos, dando-lhes o colo
De neve, e sem que teu porquê soubessem
25 Com a mão formosíssima os trazia
Ao seio oculto e amado. Ali surgiu
Novo céu, nova terra, e um quase raio
Divino em meu pensar. Assim, no flanco
Não sem armas, cravou com viva força
30 Teu braço a seta, que uma vez fincada

Urrando usei enquanto àquele dia
Por duas vezes não voltou o sol.

Raio divino em meu pensar surgiu,
Dama, tua beleza. Igual efeito
35 Produzem o belo e os musicais acordes,
Que arquimistérios de ignorado Elísio
Parecem tanto revelar. Contempla
O ferido mortal daí em diante
De sua mente a filha, a amorosa
40 Idéia que contém quase o Olimpo,
Idêntica no rosto, modos, fala
À dama que o amante enlouquecido
Confuso contemplar e amar supõe.
Contudo não a esta, e sim àquela,
45 Mesmo a abraçando, é que se curva e ama.
Por fim o erro e o alvo seu trocado
Sabendo, se enfurece, e culpa sempre
A dama sem razão. Àquela excelsa
Imagem é raro alçar-se a alma fêmea,
50 E o que inspira ao amante nobre a sua
Própria beleza, a dama sequer sonha:
Jamais compreenderia. Pois não cabe
Em frontes tão estreitas tal conceito.
Sem razão, ao brilhar daqueles olhos,
55 Anima-se o iludido, e exige estranhos,
Profundos sentimentos, muito mais
Do que viris, em quem, por natureza,
Que o homem em tudo é bem menor: se os membros
São mais frágeis, macios, sua mente
60 Menos forte e capaz também recebe.

Nem tu, até agora, o que tu mesma
No pensamento meu alimentaste,
Jamais pudeste imaginar, Aspásia.
Que desvairado amor, que angústia intensa,
65 Que indizíveis tremores, que delírios
Moveste em mim não sabes, e nem nunca
Entenderás. Do mesmo modo ignora
O intérprete de músicas aquilo
Que sua mão e sua voz operam
70 Em quem o escuta. Agora aquela Aspásia
Que tanto amei, morreu. Jaz para sempre,

Razão da minha vida um dia: embora,
Amado espectro apenas, vez por outra
Voltar costume e então sumir. Tu vives,
75 Bela ainda e não só, mas bela tanto,
Que és mais, ao meu olhar, que qualquer outra.
Mas o ardor que por ti nasceu é extinto:
Pois não te amei, mas sim aquela Deusa:
A que viveu, e agora jaz, em mim.
80 Amei-a muito tempo, e tanto ardeu-me
Sua beleza celeste, que, já desde
O princípio ciente e sabedor
Do que eras, das fraudes, dos ardis,
Vendo nos teus os belos olhos dela,
85 Enquanto ela viveu segui-te em ânsias,
Enganado jamais, mas no prazer
Daquela doce semelhança, longa
Servidão induzido a suportar.

Gaba-te agora, podes. E relata
90 Que só a ti, do sexo teu, a testa
Altiva suportei curvar; meu peito
Bravio só a ti dei livremente.
Relata que a primeira foste, e espero
A última, a me ver, olhar que implora,
95 Eu tímido e tremente (ardo ao dizê-lo
De vergonha e rubor), fora de mim,
Cada querer, palavra, cada gesto
Notar submissamente, aos presunçosos
Fastios pálido ficar, no rosto
100 Brilho a um sinal cortês, mudar de aspecto
E cor a cada olhar. Cai o feitiço,
E em pedaços com ele, suja a terra
O jugo: o que me alegra. E embora cheios
De tédio, após a servidão e o longo
105 Delirar, o retorno, alegre, abraço
Ao senso e à liberdade. Pois se a vida
Sem paixão e ilusões tão generosas
É noite sem estrela em pleno inverno,
Do destino mortal é-me bastante
110 Vingança e bálsamo que sobre a grama,
Aqui, indolente imóvel me deitando,
O mar a terra e o céu olhe e sorria.

XXX

SOBRE O BAIXO-RELEVO DE UM ANTIGO TÚMULO

ONDE UMA JOVEM MORTA É REPRESENTADA
NA HORA DE PARTIR, DESPEDINDO-SE DOS SEUS

Tradução de Affonso Félix de Sousa

Onde vais? Quem te chama
Longe dos que tu amas,
Belíssima donzela?
Só e peregrinando, o lar paterno
5 Abandonas assim? A estas soleiras
Voltarás p'ra alegrar um dia a vida
Dos que estão a chorar tua partida?

De olhos enxutos e animosa pose,
No entanto aflita estás. Seja agradável
10 Ou não a estrada, o abrigo alegre ou triste
Ao qual tu te encaminhas,
Pelo ar que em ti persiste
Mal se adivinha. Ai, já não poderia
Eu próprio assegurar, nem mesmo o mundo
15 O entende: se do céu favor tiveste,
Se deves ser chamada
De infeliz ou de bem-aventurada.

Chama-te a morte, ao começar do dia
O último instante. Ao ninho de que partes
20 Não voltarás. A vista
Dos teus ternos parentes
Deixas, e sob a terra
O abrigo que te espera
Para sempre há de ser tua morada.
25 Feliz serás, mas quem teu fado mira,
Consigo mesmo a refletir, suspira.

Melhor seria, creio,
Não teres visto a luz. Porém nascida
Quando régia a beleza se descerra
30 Nos membros e na face
E principia o mundo
A seus pés se prostrar até de longe;
Quando a esperança a florescer renasce
Antes que um baque na festiva fronte
35 Em clarões tristes a verdade luza
Como vapor que em nuvenzinha faz-se,
Sob formas fugazes no horizonte
Dissipando-se assim, quase inascida,
E trocar pelo obscuro
40 Silêncio do jazigo o seu futuro,
Isto se bom bastante
Ao intelecto, invade
De alta piedade o peito ao mais constante.

Mãe temida e pranteada
45 Desde o começo da animal família,
Natureza, inlouvável maravilha,
Que para a morte engendras e alimentas,
Se é dano do mortal
O imaturo morrer, como o consentes
50 Nos corpos inocentes?
Se um bem, por que funesta,
Por que supremo mal
A quem se vai, a quem perdura em vida
Tornas inconsolável a partida?

55 Mísera onde quer que olhe,
Mísera onde vá e busque apoio
Esta sensível prole!
Fosse desiludida
Por força inda da vida
60 A esperança juvenil, de lidas cheia
A onda do tempo, ao mal um só amparo:
A morte, e este signo inevitável,
Este, lei implacável
Deste ao humano afã. Por que ao cabo
65 De trabalhosa estrada, uma meta

Alegre não nos deste? Antes, aquela
Que no futuro certa
Sempre, ao viver, levamos ante a alma,
E é para os nossos danos
70 A única a dar conforto,
Vela com negros panos,
Cinge de triste sombra
Que nossa vista assombra
Sem mais que vagalhões mostrando o porto.

75 Se desventura é este
Morrer que tu destinas
A nós que sem nenhuma culpa, ignaros,
E sem querermos ao viver entregas,
Quem morre tem mais invejável sorte
80 Do que a de quem a morte
Dos que ama sente. Pois se verdadeiro,
Como creio e asseguro,
Que viver é desdita
E uma graça é morrer, quem poderia,
85 Como justo seria,
Dos seus caros querer a extrema hora,
Já que arrancada fora
Parte de si teria,
Ao ver desde o portal seguir caminho
90 A dileta pessoa
De quem junto anos e anos estivera
E adeus dizer-lhe sem qualquer espera
De reencontrá-la ainda
Nos caminhos do mundo;
95 Depois sozinho abandonado em terra,
Olhando as horas e os locais vividos
Rememorar o seu passado juntos?
Ai, como, ó natureza, não te importa
Arrebatar dos braços
100 Do amigo o seu amigo,
Do irmão o seu irmão,
Dos filhos o seu pai,
Do amante o ser amado, e morto um deles,
Deixar o outro viver? Como pudeste
105 Tornar-nos necessária

Tamanha dor, que sobreviva amando
O mortal ao mortal? Em seu desdém
Atua a natureza
Alheia a nosso mal ou nosso bem.

XXXI

Sobre o Retrato de uma Bela Mulher
esculpido em seu jazigo

Tradução de Affonso Félix de Sousa

Tal foste: e és sob a terra
Pó e esqueleto. Sobre ossos e lodo
Em vão ali gravado imóvel, mudo,
A contemplar do tempo o vôo, agora
5 Está, só da memória
E da dor a custódia, o simulacro
Da passada beleza. O olhar tão doce
Que causava tremor se assim, imóvel,
Em outro se fixava; os lábios, de onde,
10 Como de uma urna cheia,
Transbordava o prazer; cingido o colo
Já de desejo; a mão muito amorosa
Que em freqüente pousar-se
Sentiu fazer gelar a que apertava;
15 E o seio, cuja vista
Cobria todos de um palor visível,
Foram-se: agora lodo
És, e esqueleto; a vista
Tão torpe e lúgubre uma lousa esconde.

20 Assim reduz o fado
O que nos pareceu ser a mais viva
Imagem celestial. Mistério eterno
Do nosso ser. Hoje de imensos, altos
Pensamentos e cismas muda fonte,
25 Rege a beleza, e é como
Resplendor fulgurante
De entidade imortal nestes desertos,
De sobre-humanos fados,

De afortunados reinos e áureos mundos
30 Signo e certa esperança
Dar ao mortal estado:
Depois por leve força,
Abominável, sujo à vista, abjeto
Volta ao que teve antes
35 Quase angélico aspecto,
E assim de vez das mentes
Junto desaparece
O admirável conceito que inspirava.

Desejos infinitos
40 E visões altaneiras
No pensamento cria
Por causa natural, sábia harmonia;
Que errar por mar delicioso, arcano
Faz o espírito humano,
45 Como que divertir-se
Ousado nadador pelo Oceano

Mas se um discorde acento
O ouvido fere, em nada
Se torna esse paraíso num momento.

50 Ó natureza humana,
Se em tudo és frágil, vil,
Se és pó e sombra, como no alto vagas?
Se em parte és tão gentil,
Como o que é digno em ti e melhor conta
55 Assim por pouca monta
E baixa causa acorda e então se apaga?

XXXII

PALINÓDIA

AO MARQUÊS GINO CAPPONI

Tradução de Álvaro Antunes

O sempre suspirar a nada leva.
Petrarca

Errei, cândido Gino, um tempo enorme
E erroneamente errei. Mísera e vã
Pensei a vida, e mais que as outras oca
A era que decorre. Intolerável
5 Minha língua soou, e foi, à alegre
Prole mortal, se é que mortal chamá-la
Se deve ou pode. Em meio a assombro e escárnio,
Do Éden aromado onde ela mora,
A prole nobre debochou-me, e disse
10 Que, desprezado ou infeliz, de gozos
Ou ignorante ou incapaz, pensei
Ser seu o meu destino, e do meu mal
Parceira a espécie. E enfim por entre o fumo
Honrado dos charutos, ao rumor
15 De um crepitante biscoitinho, ao grito
Militar do que ordena mil sorvetes,
Refrescos, entre xícaras que rufam
E brandidas colheres, brilha viva,
Nos olhos meus diariamente a luz
20 Das gazetas. Reconheci e vi
A pública alegria, e as doçuras
Do destino mortal. E vi o excelso
Estado, vi o valor do que é terreno,
E toda em flor a estrada humana, e vi
25 Que nada por aqui despraz e dura.
Nem menos conheci estudos, obras
Estupendas, e o gênio e astúcia, e o alto

Saber deste meu século. Nem menos,
De Tânger a Catal, da Ursa ao Nilo,
30 E de Boston a Goa, competindo
No rastro da felicidade arfarem
Reinos, impérios e ducados; tê-la
Ou pela trança flutuante, ou mesmo
Pela pontinha do boá. E vendo,
35 E meditando sobre as largas folhas
Profundamente, do meu grave, antigo
Erro, e de mim, eu tive então vergonha.

Áureo século à frente tece o fuso
Das Parcas, ó meu Gino. Mil jornais,
40 Em espécies várias de coluna e línguas,
Em cada canto já o prometem ao mundo
Uníssonos. Amor universal,
Ferrovias e múltiplos comércios,
Tipos, vapor e *cholera*, farão
45 Dos mais distantes povos um apenas:
Surpresa alguma se o carvalho ou o pinho
Suarem leite e mel, ou se ao som de
Um *walser* se abraçarem. Tanto a força,
Já agora, de alambiques e retortas
50 E máquinas do céu emuladoras
Cresceram, e tanto crescerão com o tempo
Que inda virá: porque em frente e em frente
Voa por todo o sempre e voará
De Sem, de Cam e de Jafet o sêmen.

55 Raiz não comerá por certo o mundo
Porém, se a fome não o força: o duro
Ferro não deporá. Mas muitas vezes
Desprezará o ouro e a prata, alegre
Com câmbios, notas, cheques. E do caro
60 Sangue dos seus não deterá o braço
A nobre raça: antes, com massacre
Cobrirá toda a Europa e a outra margem
Do mar atlântico, mais fresca fonte
De civilização, sempre que empurre
65 Fraternas tropas umas contra as outras
De pimenta ou canela ou de outro aroma
Questão intransponível, ou de cana,

Ou questão, seja lá, que vire ouro.
Valor real, virtude, fé e modéstia
70 E de justiça amor, qualquer que seja o
Regime, alheios totalmente e longe
Da vida pública, ou melhor, de todo
Infelizes enfim serão, pisados:
Que a natureza lhes impôs jazerem,
75 Sempre, no fundo. A fraude e a insolência,
Reinarão com os medíocres para sempre,
A boiar destinados. Força, e reinos,
O quanto queiras, dispersada ou não,
Abusará quem a detenha, e seja
80 Em nome de quem for: tal lei a sorte e a
Natureza gravaram em diamante,
E nem Volta nem Davy com seus raios
Tal lei cancelarão, nem a Inglaterra
Com suas máquinas, e nem com um Ganges
85 De erudição política esta era.
Sempre, o bom em tristeza, o vil em festa
Sempre e o patife: contra as almas nobres
Perpetuamente em armas conjurado
O mundo se verá: caçando a honra
90 Calúnia, ódio e inveja: e dos mais fortes
Pasto o fraco; cultor dos ricos, servo,
O faminto mendigo, em qualquer forma
De Estado, estejam longe ou estejam perto
O equador ou os pólos, para sempe
95 Será, se à nossa raça a própria casa
E o semblante do dia não faltarem.

Estas tênues relíquias e sinais
De eras passadas, a nascente Idade
De Ouro impressos levará por certo:
100 Porque mil discordantes e nojentos
Princípios e partidos têm os homens
Por natureza, e no aplacar tais ódios
Jamais valeram as forças e intelectos
Dos homens, desde o dia em que nasceu
105 A estirpe célebre, e nem valerá,
Quão sábio seja ou forte, em nosso tempo,
Pacto algum ou jornal. Mas no que importa
Realmente, será qual nunca vista a

Mortal felicidade. Dia a dia
110 Mais macias se irão tornar as vestes
De lã ou seda. Os panos mais grosseiros
Largando, lavradores e artesãos
Com pressa vão cobrir de linho a pele
Áspera, as costas com castor. Mais próprios
115 Ao uso, ou certamente mais formosos
Ao nosso olhar, serão tapetes, colchas,
Sofás, cadeiras, mesas e escabelos,
Leitos, e todo outro utensílio a ornar
Com beleza mensal as nossas casas;
120 E de bule e panela novas formas
Deixam a cozinha suja estupefata.
De Paris a Calis, dali a Londres,
De lá a Liverpool: assim ligeiro
Será, quão mais o imaginar não ousa,
125 O caminho, ou melhor, o vôo: sob o
Tâmisa um túnel, sim, será aberto,
Obra audaz, imortal, que ser rasgada
Devia, há muito tempo. Iluminadas
Melhor que agora, e tão seguras quanto,
130 Serão à noite as ruas mais desertas
Das cidades autônomas; quem sabe
Até, das súditas as principais.
Tais delícias e tão bendita sorte
À raça que virá o céu destina.

135 Felizes os que, enquanto escrevo, caem
Nos braços da parteira inda gemendo!
Os quais verão, espera-se, o ansiado
Instante em que depois de mil pesquisas
Se saberá, e cada criancinha
140 Já no leite da mãe o aprenderá,
Qual o peso de sal, quanto de carne,
E quantas cuias de farinha engole
A sua aldeia mês a mês, e quantos
Nascimentos e mortes ano a ano
145 Registra o velho padre: em que, por obra
Do possante vapor, aos mil milhões
Impressas num segundo, o plano e o pico,
Creio mesmo do mar imensos trechos,
Como um bando de grous que de repente

150 Rapine da campina vasta o dia,
Cobrirão as gazetas, alma e vida
Deste universo, e de saber, a esta
E às eras que virão, única fonte!

Qual um fedelho que, perseverante,
155 Com forquilhinhas e folhinha, em forma
Ou de templo ou de torre ou de palácio
Um edifício alça, e vendo-o pronto
Se põe a demoli-lo, pois que as mesmas
Folhinhas e forquilhas necessita
160 Em seu novo trabalho, a natureza
Também, tão logo vê uma obra sua
Perfeita, não importa o quão formosa,
Logo logo começa a desfazê-la,
As partes soltas espalhando ao léu.
165 E em vão no afã de preservar-se e aos outros
Deste cruel brinquedo, cujo intuito
Não saberá jamais, a raça humana
De mil maneiras se desdobra em mil
Com douta mão: porque, malgrado tudo,
170 Indomável fedelha, a natureza
Satisfaz seu capricho, e sem descanso
Destruindo e criando se diverte.
Por isso vária, infinda uma família
De males insanáveis e de penas
175 Pisa o frágil mortal, pois que foi feito
A perecer e só: por isso força
Hostil, destruidora, dentro, o fere
E, fora, flanco a flanco, assídua, caça-o
Desde que nasce: e o cansa e exaure e esmaga,
180 Ela mesma incansável, até que caia,
Por sua ímpia mão pisado e morto.
Estas, amigo, o extremo das misérias
Que os mortais têm aqui: velhice e morte,
Que começam com o lábio da criança
185 Colado ao terno seio que dá vida;
Saná-las, creio eu, não pode o alegre
Dezenove, não mais do que o puderam
O dez ou o nove, e os séculos por vir
Jamais, mais do que este, poderão.
190 E por isso, se às vezes à verdade

É lícito chamar com o próprio nome,
Nada além de infeliz, qualquer o tempo,
E não só nos convívios sociais,
Mas desta vida em todo outro setor,
195 Por essência insanável, e pela lei
Universal que o céu e a terra abraça,
O que nasce será. Mas nova e quase
Divina solução acharam os gênios
Excelsos do meu tempo: não podendo
200 Fazer feliz pessoa alguma, o homem
Esquecendo, se deram a procurar
Uma geral felicidade, e aquela
Achada facilmente, eles de muitos
Tristes e todos míseros, fizeram
205 Um povo alegre: e tal portento, ainda
Nos *pamphlets*, nas revistas, nas gazetas
Não proclamando, o vulgo em massa admira.

Oh mentes, senso, oh sobre-humano acume
Do tempo que decorre! E que seguro
210 Filosofar, que sapiência, ó Gino,
Ainda mais obscuros, mais sublimes
Temas leciona aos séculos futuros
O meu século e teu! Com que constância
Do que ontem zombou, prostrado adora
215 Hoje, e amanhã destruirá, só para,
Recolhendo os seus restos, ir repô-los
Entre o fumo de incensos o outro dia!
Quão se deve estimar, que fé inspira
Da era que decorre, antes, do ano,
220 O concorde sentir! Com que cuidado
Nos convém ao do ano, o qual diverso
Será do ano vindouro, comparando
Nosso sentir, fugir de que divirjam
Em qualquer ponto! E como está à frente,
225 Se ao tempo antigo opomos o moderno,
Filosofando, a nossa erudição!

Um que já foi dos teus, ó Gino, franco
Mestre do poetar, melhor, de todas
As artes, ramos e ciência humanas
230 E das mentes que foram, são, serão,

Doutor, censor, me disse um dia: "Esquece
Teus sentimentos. Não os leva em conta
Esta era viril, voltada aos graves
Estudos econômicos e às coisas
235 Públicas. Explorar teu próprio peito
Te serve a quê? Matéria para canto
Não busque dentro, em ti. Canta as carências
E a madura esperança deste tempo."
Memorável discurso! Ao qual solene
240 O riso ergui quando soava o nome
Da esperança no meu profano ouvido
Palavra quase cômica, ou qual som
De língua que do leite se separa.
Agora volto atrás, e tomo um curso
245 Contrário ao do passado; está bem claro
Que o seu tempo hoje em dia não convém
Contradizer, desagradar, aquele
Que quer fama e louvor, mas fielmente
Adulando anuir: assim por breve
250 E fácil trilha chega-se às estrelas.
Donde, querendo os astros, para canto
Das carências do tempo já não penso
Fazer matéria, pois que mais e mais
Satisfazem-nas fábricas, mercados
255 Amplamente, mas quanto à esperança,
A farei: a esperança, da qual clara
Prova nos dão os Deuses; já da nova
Felicidade início, ostenta o lábio
Dos jovens, e seus rostos, pêlo enorme.

260 Ó salve, ó salutar sinal, primeira
Luz da era famosa que desponta.
Atenta, à tua frente em que alegria
A terra e o céu, como cintila o olhar
Das donzelas, e pelos bailes, festas
265 Já voa a fama dos heróis barbados.
Cresce, cresce por tua pátria, ó, macha
Sim, nova prole. À sombra dos teus cachos
A Itália crescerá, crescerá toda,
Do desaguar do Tejo ao Helesponto,
270 A Europa, e o mundo em paz se acalmará.
E tu, começa a conceder sorrisos

Aos pais hirsutos, prole ainda infante,
É tua a era áurea: e não temas
O inócuo escurecer do rosto caro.
275 Ri, ó prole suave: reservado
A ti de tanto falatório é o fruto:
Ver reinar a alegria: o campo e a urbe,
Velhice e juventude rindo juntos,
E as barbas tremular bem uns dois palmos.

XXXIII

O PÔR-DA-LUA

Tradução de Ivan Junqueira

Qual na noite deserta,
Sobre os campos banhados de água e prata,
Lá, onde o vento esvoaça,
E mil vagos semblantes
5 E formas inconstantes
Imitam a penumbra
Entre as ondas tranqüilas
E ramos, sebes, cômoros e vilas;
Junto aos confins do céu,
10 Sobre o Apenino e o Alpe, ou do Tirreno
No vértice sereno
Declina a lua, e empalidece o mundo;
Esvai-se a sombra, e funda
Escuridão o vale e o monte inunda;
15 Queda-se a noite a sós,
E cantando, com voz acabrunhada,
O extremo albor da luz em agonia,
Que antes lhe fora guia,
Saúda o carroceiro lá na estrada;

20 Assim se extingue, e assim
Nos abandona enfim
A juventude. Em fuga
Vão sombras e lembranças
De ledas ilusões; e murcham estas
25 Distantes esperanças
Em que se apóia a espécie em agonia.
Abandonada e fria,
Jaz a existência. E nela o olhar pousando,
Busca o confuso peregrino em vão

30 Meta ou porquê da estrada que lhe resta;
E apenas vê, no fundo
De si, que a sé do mundo
É fato estranho à sua compreensão.

Feliz demais e alegre
35 Nossa mísera sorte
Seria lá no céu, se a juventude,
Na qual um bem é fruto de mil penas,
Durasse todo o curso da existência.
Decreto bem ameno
40 É o que condena todo ser à morte,
Se o meio do caminho
Não fosse tão daninho
Quanto a terrível morte assaz mais dura.
De mentes imortais
45 Digno invento, o maior
Dos males, conceberam os eternos
A velhice, em que fosse
Incólume o prazer, finda a esperança,
Secas as fontes do desejo, o fado
50 Sempre mais duro, e o bem jamais legado.

Vês, colinas e praias,
Extinto o resplendor que no Ocidente
Prateava desta noite o tênue véu,
Órfão por muito tempo
55 Não ficareis, pois que do lado oposto
Logo vereis o céu
Clarear de novo e levantar-se a alba:
Em breve o sol, seguindo-lhe as pegadas,
E ardendo em derredor
60 Com flamas poderosas
De torrentes radiosas
Há de cobrir a vós e aos campos do éter.
Mas a vida mortal, porquanto a bela
Juventude se foi, não mais se cora
65 De nenhuma outra luz, nem de outra aurora.
Viúva jaz para sempre; e a espessa noite,
Que a alma torna escura,
Marcam-na os Deuses com a sepultura.

XXXIV

A GIESTA
OU A FLOR DO DESERTO

Tradução de Affonso Félix de Sousa

Καὶ ἠγάπησαν οἱ ἄνθρωποι μᾶλλον το σχότος ἢ τὸ φῶς.
E os homens amaram mais as trevas do que a luz.
João, III, 19

Aqui na árida encosta
Do pavoroso monte,
O destruidor Vesúvio,
A que não alegra outra planta ou flor,
5 As tuas moitas solitárias vertem,
Perfumada giesta,
Contente com os desertos. Com teus caules
Eu te vi dar encanto aos ermos campos
Que cercam a cidade
10 A qual foi dona dos mortais um tempo,
E do perdido império
Com o seu grave e taciturno aspecto
Dá fé e testemunho aos que aqui passam.
Eu volto a ver-te neste chão, amante
15 De lugares do mundo abandonados,
E de infelizes fados companheira.
Estes campos regados
De cinzas infecundas, recobertos
De lava feita em pedras
20 Que ecoa quando a pisa o peregrino;
Onde se aninha e se retorce ao sol
A serpente, e onde ao velho
Cavernoso covil retorna o coelho;
Foram vilas, cultivos
25 E lourejar de espigas, e onde ecoaram
Mugidos de rebanhos;

Foram jardins, palácios,
Do ócio de poderosos
Aprazível refúgio; e até cidades
30 Que com torrentes o altaneiro monte
De boca em fogo fulminou destruindo-as
E aos habitantes junto. Agora a tudo
Uma ruína envolve,
Onde tu pousas, flor gentil, e como
35 Que os danos de outros deplorando, ao céu
De dulcíssimo odor dás um perfume
Que consola o deserto. A estas plagas
Acorra aquele que a exaltar com loas
A nossa condição, constate quanto
40 A espécie nossa é presa
À amante natureza. E o poder todo
Que com justa clareza
Poderá estimar da humana raça
O que a dura nutriz, sem ameaça,
45 Com leves baques num momento anula
Em parte, e em movimentos
Menos leves então subitamente
Reduz em pouco a nada.
Aqui pintados, vivos,
50 Estão da humana gente
Destinos de grandeza e progressivos.

Aqui olha e te espelha,
Século altivo e tolo,
Que o atalho até então
55 Ao pensamento assinalado antes
Abandonaste, e atrás voltando os passos,
Do retorno te ufanas
E de progresso o chamas.
A teu infantilismo esses engenhos,
60 De cujo malefício pai te fez
Vão adulando, embora
Com ludíbrio talvez
Dentro de si. Não eu:
Vergonha tal não terei sob a terra,
65 Sem que o grande desprezo que se encerra
Por ti no peito meu
Eu mostre o mais que possa abertamente:

Sabendo bem que o olvido
Oprime quem lamenta a própria época.
70 É mal comum a nós
Do qual me rio muito até agora.
Liberdade sonhando, e servo a um tempo
Queres o pensamento
Pelo qual ressurgimos
75 Nós da barbárie, e pelo qual se cresce
Em civilização, a que melhor pode
Guiar os feitos públicos.
Assim doeu-te a verdade
Da sorte áspera e ínfima paragem
80 Destinadas a ti. Por isso o dorso
Covardemente dirigiste à luz
Que o revelou: e fugitivo chamas
De vil a quem o segue
E magnânimo aquele
85 Que a rir de si e de outros, fino ou louco,
Aos astros o mortal eleva em troco.

O homem que é pobre e tem o corpo enfermo,
Contudo de alma generoso e nobre,
Não se diz nem se estima
90 Rico em ouro e galhardo,
E de esplêndida vida ou de valente
Pessoa em meio à gente
Não faz visível mostra;
Mas se de bens e de vigor mendigo
95 Se diz sem se vexar, e isto declara
Falando abertamente, a suas coisas
Dá o valor legal.
Magnânimo animal
Não creio já, mas tolo,
100 Quem nascido mortal, de dor nutrido,
Diz: pra gozar fui feito,
E de um abjeto orgulho
Enche os papéis, excelsos fados, novas
Felicidades, que no céu se ignora,
105 Mas este mundo, a prometer na terra
A povos que uma onda
De mar movido, um sopro
De aura maligna, um subterrâneo abalo
Tanto destrói que apenas

110 Deles fica a lembrança a duras penas.
Que nobre natureza
Essa que a erguer se atreve
Os olhos mortais contra
O comum fado, e que com franca língua
115 Dizendo só verdades
Confessa o mal a nós dado por sorte,
E o baixo estado e o frágil;
Essa que grande e forte
Mostra-se no sofrer, sem ódios e iras
120 Fraternas, bem mais graves
Que qualquer dano junta
Às misérias que sofre, o homem culpando
Por sua dor, mas não culpando aquela
Que na verdade é ré, e dos mortais
125 Mãe é no parto e no querer madrasta.
A esta chama inimiga, e contra ela
Crendo estar coligada,
Como está, e ordenada desde sempre
A humana companhia,
130 Como entre si confederados julga
Os homens e os abraça
Com amor, ofertando
E esperando vital e pronta ajuda
Nos perigos diversos e na angústia
135 Da guerra que sustentam. E às ofensas
Do homem armar a destra e estender laços
E óbices ao vizinho,
Estulto crê assim como em caminho
Cheio de hostes contrárias, no mais vivo
140 Acossar dos assaltos,
Inimigos largando, acerbas brigas
Tendo com os amigos,
Correr como a fugir brandindo espadas
Contra os próprios guerreiros.
145 Tais fatos, quando inteiros
Deles souber, e de outros mais, o vulgo,
E aquele horror que outrora
Contra a má natureza
Constrangeu os mortais numa cadeia,
150 Se recupere em parte
Pelo vero saber, o honesto e reto

Consórcio citadino,
E justiça e piedade outra raiz
Terão então, não as soberbas crenças
155 Em que baseia o vulgo a probidade
Como tem seu sustento
Aquele que conserva no erro o assento.

Não raro nestas plagas
Que, desoladas, veste
160 De escuro a lava, e que, parece, ondeiam,
Sento-me à noite; e sobre a erma charneca
Em puríssimo azul
Contemplo no alto o flamejar de estrelas,
Às quais serve de espelho
165 O mar, e de cintilações em torno
Faz no ar sereno reluzir o mundo.
Se os olhos para as luzes eu aponto
Parecem-lhes um ponto,
E são imensas, tanto
170 Que, comparado, um ponto são a terra
E o mar, é fato; e o homem,
Não só ele, mas este
Globo onde o homem é nada,
Desconhecido é todo; e quando miro
175 Aqueles mais remotos, infinitos
E quase nós de estrelas,
Que nos parecem névoa, aos quais não o homem
E não a terra só, mas eles todos,
De número infinito, juntamente
180 Com o áureo sol também, nossas estrelas
Ou são ignotas, ou assim nos lembram
Eles a terra, um ponto
De nebulosa luz; ao pensar meu
O que és então, ó raça
185 Do homem? E relembrando
A tua condição, testemunhada
Pelo solo em que piso; e, de outro lado,
Que tu senhora e fim
Te crês ao Todo dada, e quantas vezes
190 Te peço que fabules neste escuro
Grão de areia a que todos chamam terra
E que, por tua causa, do universo
Baixaram os autores e falaram

De bom grado com os teus, e que ilusórios
195 Sonhos a renovar, insulta os sábios
Neste século que em conhecimentos
E cívico costume
Parece tudo superar; que impulso,
Mortal raça infeliz, que pensamento
200 Por ti então meu coração invade?
Não sei se é mais o riso ou a piedade.

Qual da árvore ao cair pequeno pomo
Que pelo fim do outono
Sem outra força a madurez derruba,
205 Um formigueiro e os seus doces abrigos
Feitos na terra mole
Com persistência, e as obras
E as riquezas que com muita porfia
E um sem fim de fadiga a assídua gente
210 Havia no verão provisionado,
Esmaga, arrasa e cobre
Em pouco tempo; assim do alto atirando-se
Do útero trovejante
Lançada ao céu profundo,
215 De cinzas e de lavas e de pedras
Noite e ruína mista
De ferventes arroios,
Ou descendo a montanha
Com fúria em meio à relva
220 De rochas liquefeitas
E de metais e de abrasada areia
Baixando imensa cheia,
As cidades que o mar lá longe a praia
Banhava, confundiu,
225 Quebrou e recobriu
Num só instante: onde agora a cabra
Pasta, e cidades novas
Se fazem do outro lado, as sepultadas
Dando-lhes base, e os muros derrubados
230 O árduo monte a seus pés quase repisa.
Não tem a natureza
Mais cuidado com o homem
Do que com a formiga, e se mais raro é nela
Do que na outra o estrago,

235 Isto se dá, no fundo,
Em razão de o homem ser menos fecundo.
Mil e oitocentos anos
Passaram-se depois de destruídas
Pela ígnea força as vilas e cidades,
240 E o camponês, com planos
De bem cuidar das vinhas que nos campos
A morta e incinerada gleba nutre,
Levanta o olhar ainda
Medroso para o cume
245 Fatal que lá, talvez nunca amansado
E ainda apavorante, é ameaça
De estragos a ele, aos filhos e aos haveres
Dos pobrezinhos. Sempre
O coitado, no teto
250 Da sua casinhola, às intempéries
Exposto, passa a noite inteira insone
E erguendo-se de um salto observa o curso
Do temido fervor que se derrama
Do ventre inesgotável
255 Sobre o arenoso dorso, reluzindo
Na marina de Capri,
Em Nápoles, no porto e em Margelina.
E vendo aproximar-se, ou se no fundo
Da cisterna da casa estiver a água
260 Gorgolejando, ele desperta os filhos
Às pressas e a mulher e então, com quanto
Pode pegar do que possui, fugindo
Olha de longe o seu
Ninho e o pequeno campo
265 Que foi da fome a sua só defesa,
Presa do fluxo ardente
Que crepitando vem e inexorável
Para sempre sobre eles se derrama.
Retorna à luz do céu
270 Depois de longo esquecimento a extinta
Pompéia, um esqueleto
Sepulto que da terra
Avareza ou piedade põe à mostra;
E do deserto fórum
275 De pé por entre as filas
De colunas quebradas o viandante

Contempla ao longe o bipartido cume
E a crista fumegante
Que a dispersa ruína ainda ameaça.
280 E no terrível da profunda noite
Pelos teatros vazios,
Pelos templos sem forma e pelas rotas
Casas, onde o morcego guarda as crias,
Como sinistro facho
285 Que por ermos palácios, negro gira,
Corre a fulgência da funérea lava
Que de longe entre sombras
De tons vermelhos tinge tudo em torno.
Assim, do homem ignaro e das idades
290 Que antigas ele chama, e da seqüência
Depois de avós os netos,
E sempre verde a natureza ao ir-se
Por tão longo caminho
Como imóvel. Caem reinos todavia,
295 Passam povos e línguas: ela ignora,
E o homem de ser eterno se gloria.

E tu, lenta giesta
Que com matos cheirosos
Adornas estes campos despojados,
300 Também tu, prestes, à cruel potência
Sucumbirás ao subterrâneo fogo,
Que retornando ao sítio
De antes, estenderá o avaro manto
Sobre teus tenros bosques. Sob o peso
305 Mortal hás de dobrar não renitente
A cabeça inocente:
Mas não dobrada até então, embalde
Covardemente suplicando em face
Do futuro opressor; e nem erguida
310 Com doido orgulho ao campo das estrelas;
Nem no deserto, onde
Por berço e tudo mais
Que sem vontade por azar tiveste;
Porém mais sábia e menos
315 Débil que os homens, frágeis por demais,
Tuas raças não creste,
Pelo fado ou teus feitos, imortais.

XXXV

Imitação

Tradução de Ivo Barroso

Longe do próprio ramo,
Ó pobre folha frágil,
Onde vais tu? Da faia
Em que nasci, arrebatou-me o vento,
5 Que ora, a girar, em vôo
Dos bosques à campanha,
Me transporta dos vales à montanha.
A sós, perpetuamente,
Vou peregrina pelo meu sendeiro
10 Em que vai toda cousa,
Em que naturalmente
Vai a folha da rosa
E a folha do loureiro.

XXXVI

SCHERZO

Tradução de Ivo Barroso

Quando em criança eu vinha
Das Musas estudar a disciplina
Uma delas tomou-me pela mão
E nesse dia inteiro
5 Me levou fagueiro
A ver sua oficina.
Mostrou-me parte a parte
Os instrumentos d'arte
E artefatos diversos
10 Com os quais os seus cultores
Se aplicam nos lavores
Das prosas e dos versos.
Porque a lima não visse,
Perguntei onde estava. A Deusa disse:
15 Gastou-se a lima: há-de fazer sem ela.
Mas eu: E não cuidastes
Gasta trocá-la por uma outra boa?
Sim, respondeu-me, mas o tempo voa.

FRAGMENTOS

XXXVII

Tradução de Ivo Barroso

ALCETA

Ouve, Melisso: vou contar-te um sonho
Que tive à noite e que me volta à mente
Ora ao rever a lua. Eu me encontrava
Nessa janela que defronta o prado
5 A olhar o alto: e eis quando, de improviso
A lua se destaca; e pareceu-me
Que em seu declínio mais me aproximava
Crescendo ao meu olhar; até que veio
Cair de chofre sobre o prado; e era
10 Grande como uma tina, e de fagulhas
Vomitava uma névoa, que chiava
Tão forte como quando um carvão vivo
Imerso n'água apaga-se. Igual modo
A lua, como eu disse, em meio ao prado
15 Enegrecendo se apagava aos poucos
Fazendo as ervas fumegar em torno.
Olhando então o céu, vi que ficara
Como um vislumbre, um rastro, ou mesmo um nicho
Lá donde se arrancara, em tal feição
20 Que me senti gelar: e tremo ainda.

MELISSO

E bem tens que temer, coisa propícia
Fora cair a lua no teu campo.

ALCETA

Quem sabe? No verão não raro vemos
Cair estrelas?

MELISSO

25 Mas há tantas delas,
Que pouco dano faz se algumas caiam,
Já que milhares restam. Mas a lua
É uma só no céu e essa ninguém
Jamais a viu cair senão em sonho.

XXXVIII

Tradução de Alexei Bueno

Eu que vagando em torno da portada
Em vão a chuva invoco e a tempestade
Para retê-la dentro da morada.

Mas no bosque ia o vento sem piedade
5 E entre as nuvens mugia o troar errante
Sem que no céu raiasse a claridade.

Ó céu, terra, verdor, nuvem vagante,
Minha amada se vai: piedade, cruenta
Terra em que raro a encontra um triste amante.

10 Ergue-te, turbilhão, agora, e intenta
Submergir-me, negror, agora, enquanto
A outras terras o sol não se apresenta.

Raia o céu, finda o sopro, em cada canto
Repousam a erva e a fronde, e me deslumbra
15 Com suas luzes o Sol cheias de pranto.

XXXIX

Tradução de Alexei Bueno

Extinto o diurno raio no ocidente,
E quieto o fumo dos casais, e quieta
Era a bulha dos cães e a voz da gente.

Quando ela, rumo à amorosa meta
5 Se descobriu no meio de uma landa
Qual nenhuma outra de esplendor repleta.

Vertia a sua luz por toda banda
A irmã do sol, a recobrir de argento
As árvores lá unidas em guirlanda.

10 Os raminhos iam cantando ao vento
E um rouxinol cheio de mágoa estranha
Dava aos troncos e ao riacho seu lamento.

Brilhava o mar ao longe, e a campanha
E a floresta, e todos por seu turno
15 Faiscavam como o cume da montanha.

Jazia o vale ali, turvo e soturno,
E a cada monte em torno revestia
A lua com seu fresco ardor noturno.

Só enfrentava a taciturna via
20 A mulher, e o odorífico esplendor
No vento, sobre o rosto se sentia.

Se era feliz, é vão tentar supor:
Gozava aquela vista, e o bem precioso
Que a alma lhe prometia era maior.

25 Como fugias, tempo radioso!
Nenhum deleite nesta terra dura,
E só se fixa pelo anelo ansioso.

Eis que se turva a noite, e faz-se escura
A aparência do céu, que era tão bela,
30 E em medo o seu prazer se transfigura.

Um nimbo de negror, pai da procela,
Vinha dos montes, e crescia tanto
Que não se via mais lua ou estrela.

Ela o via a estender-se a cada canto
35 E tomar pouco a pouco todo o espaço
E a cobrir qual capuz de treva e espanto.

O céu ficava cada vez mais baço;
No bosque escuro despertava o vento,
No bosque, ali no deleitável passo.

40 E aumentava o furor cada momento,
Que acordada cada ave esvoaçava
Entre as frondes com temeroso alento.

E a nuvem, aumentando, já alcançava
As águas, tanto que uma extremidade
45 Tocava os montes e a outro o mar tocava.

Já tudo dominava a escuridade,
Ouvia-se já a chuva a vir fremente
No caminho do nimbo que o ar invade.

Dentro dele, em furor incandescente
50 Voavam raios, que os olhos lhe feriam;
Enrubescendo o ar e o chão temente.

Da mísera os joelhos já tremiam
E mugia o trovão na boca audaz
Das torrentes que do alto se vertiam.

55 Ela às vezes parava, e o céu minaz
Fitava perturbada, e então corria
Tanto que veste e coma iam-lhe atrás.

E o duro vento em seu peito batia,
Que gotas frias da álgida atmosfera
60 Em seu rosto soprando desparzia.

E o trovão a afrontava como fera,
Que ruge horrivelmente e não repousa;
Ante a chuva e o troar que mais impera.

E tudo em volta era uma horrível cousa,
65 Voar de pós, frondes, ramos nos espaços,
E o som que imaginar a alma não ousa.

Ela dos raios a cobrir os lassos
Olhos, no corpo as vestes estreitava,
Nuvem adentro acelerando os passos.

70 Mas no olhar ainda o ardor celeste atroava
Tanto, que no apogeu do ígneo tormento
Parou, e o coração lhe vacilava.

E ela voltou-se. E naquele momento
Cessou o raio, no ar já a treva medra,
75 E o trovão se aquietou, parou o vento.

Tudo calou-se; e ela era de pedra.

XL

Do Grego, de Simônide

Tradução de Alexei Bueno

Todo o mundano evento
De Jove está nas mãos, de Jove, ó filho,
Que, por seu próprio intento,
Tudo traz já contado.
5 Mas de um longo passado
Nosso cego pensar se alegra e apura,
Se bem que o humano rito,
Como prepara o céu nossa ventura,
De dia em dia dura.
10 Nutre a nós todos a bela esperança
De semblante bendito
Onde cada um se cansa:
Um busca a aurora mansa,
Um outro a idosa meta;
15 E nada em terra segue
Que nos anos a vir extraordinários
Com Pluto e os deuses vários
A mente não prometa.
Eis que antes que a esperança ao porto chegue
20 Um traz de velho a face,
Outro por doença o turvo Letes traga;
Este o ríspido Marte, aquele a vaga
Do pélago arrebata; outro desfaz-se
De árduos cuidados, o outro, um nó atando
25 Ao pescoço, dentro do chão se encerra.
Assim de muitos ais
Aos míseros mortais
Bando vário e feroz dissolve e aterra.

Antes certo eu diria
30 Que um sábio, livre do vulgar error,
Sofrer não quereria
Nem poria na dor
E no seu próprio mal tamanho amor.

XLI

DO MESMO

Tradução de Alexei Bueno

Humana coisa pouco tempo dura,
É um dito perfeito
Do ancião de Quios,
Folha e homem, a Natura
5 Trata com semelhança.
Mas esta voz no peito
Pouquíssimos recolhem. À esperança,
Filha de tolo ardor,
Todos rendem seu preito.
10 Enquanto é rubra a flor
De nossa idade acerba,
A alma oca e soberba
Cem doces pensamentos cria em vão,
Morte e velhice ignora; nada adverso
15 Supõe no corpo o homem galhardo e são
Mas louco é quem não vê
A asa veloz da juventude voar
E como junto ao berço
A pira e a urna estão.

PROSA

Opúsculos Morais

Tradução
Vilma Barreto de Souza

História do Gênero Humano[1]

Conta-se que todos os homens, desde o princípio, povoaram a terra e foram criados em todos os lugares, ao mesmo tempo, como as crianças e alimentados pelas abelhas, cabras e pombas e foram educados como Júpiter conforme contaram os poetas.[2] Que a Terra era muito menor do que agora; quase todas as regiões planas, o céu sem estrelas, o mar não havia sido criado, e que havia no mundo muito menor variedade e magnificência do que hoje se pode encontrar. Contudo os homens comprazendo-se insaciavelmente em observar e admirar o céu e a terra, admirando-os sobremaneira e considerando lindíssimos um e outra, não só imensos mas infinitos tanto em grandeza como em majestade e em graça. Nutrindo-se, além disso, com alegríssimas esperanças e extraindo de cada sentimento incríveis delícias, cresciam contentíssimos e com um pouco menos do que se chama felicidade. Assim, consumadas dulcissimamente a infância e a primeira adolescência, ao chegar à idade mais estável começaram a experimentar algumas mudanças. Por isso, até àquele momento postergavam dia após dia as esperanças que ainda não se tinham concretizado, e pareceu-lhes que elas merecessem pouco crédito; contentavam-se com o que no presente desfrutavam, sem esperar nenhum acréscimo de bem, não lhes parecia possuir um grande poder, pois o aspecto das coisas naturais e cada parte da vida cotidiana, por hábito ou por ter diminuído aquela primeira vivacidade nos seus espíritos, não chegava a ser, nem de longe, tão agradável e aprazível como no princípio. Andavam pela Terra, visitando longínquas regiões, uma vez que podiam fazê-lo com grande facilidade por serem os lugares planos, não isolados pelos mares, nem impedidos por outras dificuldades; e não muitos anos depois a maior parte deles percebeu que a Terra, ainda que grande, tinha limites certos e não tão vastos que fossem inatingíveis; todos os lugares dessa Terra e todos os homens, salvo ligeiríssimas diferenças, eram semelhantes uns aos outros. Pelo que crescia o seu dissabor, de tal modo que, ainda não saídos da juventude, um manifesto tédio de existir havia-os universalmente invadido. E aos poucos, na idade viril, principalmente com o passar dos anos convertida a saciedade em ódio, alguns ficaram talmente desesperados que, não suportando a luz e o ar que respiravam tão amados nos primeiros tempos, cada um a seu modo foi se privando espontaneamente deles.

Esse caso pareceu horrendo aos Deuses, ou seja, que a morte fosse preferida à vida pelas criaturas, e que em alguns dos mesmos sujeitos sem força de necessidade e sem qualquer outra intercorrência, a própria vida fosse instrumento de destruição. Nem se pode facilmente dizer o quanto se admiravam de que seus dons fossem considerados tão vis e abomináveis e que outros pudessem com toda a força arrancar e rejeitá-los; isso porque lhes parecia que tinham sido postas no mundo tanta bondade e tanta beleza, tais ordens e condições que aquela situação teria de ser não apenas tolerada mas sumamente amada por qualquer animal, e maximamente pelos homens, cuja espécie haviam formado com singular apuro e até com maravilhosa excelência. Mas, ao mesmo tempo, além de serem tocados por piedade não medíocre de tanta miséria humana quanta se manifestava pelos efeitos, duvidavam também que, renovando-se e multiplicando-se esses tristes exemplos, a estirpe humana em pouco tempo, contra a ordem dos fatos, viesse a perecer e as coisas fossem privadas daquela perfeição que lhes advinha da nossa espécie e daquelas honras que recebiam dos homens.

Júpiter deliberou para tanto melhorar a condição humana, o que parecia necessário, e orientá-la para a felicidade com maiores subsídios, pois entendia que os homens discutissem, principalmente, porque as coisas não eram imensas em grandeza nem infinitas em beleza, em perfeição e nem em variedade como antes haviam julgado; ao contrário, eram restritíssimas, totalmente imperfeitas e quase que de um único formato; e que, lamentando-se eles não apenas pela idade provecta, mas também pela madura e mesmo pela juventude, e ao desejar as doçuras dos seus primeiros anos, pediam fervorosamente para voltar à infância e nela continuar por toda a vida. Júpiter não podia satisfazê-los nisso por ser contrário às leis universais da natureza, e àquelas funções e utilidades que os homens deviam exercitar e produzir, segundo a intenção e os decretos divinos. Não podia também comunicar a própria infinidade às criaturas mortais, nem tornar perenes a matéria, a perfeição e a felicidade das coisas e dos animais. Pareceu-lhe mais conveniente propagar os termos da criação, enfeitá-la e distingui-la com grandeza: adotado esse conselho engrandeceu a Terra e tudo ao redor dela, infundindo-lhe o mar a fim de que, interpondo-o nos lugares habitados, diversificasse a aparência das coisas e impedisse que os seus confins pudessem facilmente ser conhecidos pelos homens, interrompendo caminhos e também representando aos olhos uma viva similitude da imensidão. Nesse tempo as novas águas ocuparam as terras da Atlântida, não só ela mas outros inumeráveis e extensíssimos trechos, se bem que dela reste uma especial memória, que sobreviveu à multidão dos séculos. Aprofundou muitos lugares, preencheu muitos outros formando os montes e as colinas, espargiu a noite de estrelas, aliviou e purificou a natureza com o ar

e acrescentou ao dia a claridade e a luz; reforçou e temperou mais diversamente do que antes as cores do céu e dos campos, confundiu as gerações dos homens, de modo que a velhice de uns ocorresse ao mesmo tempo que a juventude e a infância de outros. E resolvido a multiplicar as aparências daquele infinito que os homens sumamente desejavam (uma vez que ele não podia satisfazê-los na essência) e querendo favorecer e nutrir a imaginação deles com a virtude da qual entendia proceder, principalmente aquela tão grande beatitude da infância, entre os diversos expedientes que realizou (tal como o do mar), criou o eco, escondeu-o nos vales e nas cavernas e proveu as selvas de um ruído surdo e profundo, pelo vasto ondular de suas frondes. Criou, igualmente, a raça dos sonhos e encarregou-a de, enganando sob muitas formas o pensamento dos homens, iludi-los com plenitude daquela incompreensível felicidade, que ele não via como transformar em ato, e com aquelas imagens obscuras e indeterminadas, das quais ele próprio não podia produzir nenhum exemplo real embora o tivesse querido, e pelas quais os homens suspiram ardentemente.

Por essas providências de Júpiter recriou-se e levantou-se o ânimo dos homens e foram reintegrados em cada um a graça e o amor da vida, e, igualmente, a opinião, a delícia e o espanto da beleza e da imensidão das coisas terrenas. E esse bom estado durou mais longamente do que o primeiro, principalmente pela diferença de tempo introduzida por Júpiter nos nascimentos, de modo que as almas frias e cansadas pela experiência das coisas eram confortadas a observar o calor e as esperanças da verde idade. Mas, à medida que o tempo progredia, voltando a faltar efetivamente a novidade, ressurgindo e reconfirmando o tédio e a desestima pela vida, reduziram-se os homens a tal abatimento que então nasceu, como se crê, o costume referido na história e praticado e conservado por alguns povos antigos,[3] pelo qual quando nascia alguém, reuniam-se ao seu redor a chorá-lo os parentes e amigos; ao morrer, celebrava-se aquele dia com festas e meditações para congratular-se com o falecido. Por fim, todos os mortais voltaram-se à impiedade, o que lhes pareceu não ser ouvido por Júpiter ou por ser da própria natureza das misérias endurecer e corromper os ânimos, até os mais bem-nascidos, e desencantá-los da honestidade e da retidão. Por isso se enganam, de todas as maneiras, os que acham que a infelicidade humana nasceu, em primeiro lugar, da iniqüidade e das coisas cometidas contra os Deuses; mas, ao contrário, a maldade dos homens não teve outra origem senão nas suas próprias calamidades.

Então, uma vez punida pelos Deuses com o dilúvio de Deucalião a soberba dos mortais, e vingadas as injúrias, os dois únicos da nossa espécie salvos do naufrágio universal foram Deucalião e Pirra; estes, afirmando consigo mesmo que nada poderia convir mais à estirpe humana do que ser totalmente destruída, sentavam-se sobre uma rocha e chamavam

a morte com um real desejo, temendo e deplorando, também, a fatalidade comum. No entanto, advertidos por Júpiter a compensar a solidão da Terra, e não tendo forças, desalentados e desdenhosos da vida como estavam para conceber a geração futura, pegando pedras da montanha, conforme lhes foi mostrado pelos Deuses, e atirando-as pelas costas, restauraram a espécie humana. Mas, tendo Júpiter percebido, pelas coisas passadas, a própria natureza dos homens, e que não lhes bastava, como aos outros animais, viver e ser livres de toda a dor e de toda a doença do corpo; ou por outra, que eles, ansiando sempre e em qualquer estado pelo impossível, tanto mais se atormentavam com esse desejo quanto menos se afligiam com outros males; Júpiter deliberou valer-se de novas artes para conservar esse gênero infeliz: dois foram, principalmente, esses artifícios: um, misturar males verdadeiros em suas vidas; outro, envolvê-las em mil atividades e trabalhos a fim de entreter os homens e desviá-los quanto mais possível do diálogo com o próprio espírito ou, pelo menos, do desejo daquela incógnita e vã felicidade.

Então, em primeiro lugar, difundiu entre eles uma variada quantidade de doenças e uma infinita espécie de outras desventuras; em parte, com a variação das condições e as sortes da vida mortal, quis remediar, à saciedade, e aumentar, com a oposição dos males, o valor dos bens; em parte, a fim de que a falta de diversão tornasse aos espíritos exercitados em coisas piores, tudo muito mais suportável do que tinha feito no passado; em parte ainda, com a intenção de romper e amansar a ferocidade dos homens, amestrá-los a dobrar a cerviz e ceder à necessidade, induzi-los mais facilmente a contentar-se com a própria sorte e reduzir nos ânimos debilitados, não apenas pelas enfermidades do corpo mas pelos próprios tormentos, a agudeza e a veemência do desejo. Além disso, sabia que deveria acontecer aos homens oprimidos pelas doenças e pelas calamidades, que estivessem menos prontos do que antes a voltar as mãos contra si próprios, porque estariam acovardados e prostrados de coração, o que acontece pela ação dos sofrimentos. Eles costumam também, dando lugar a esperanças melhores, prender os ânimos à vida: é por isso que os infelizes têm plena convicção de que seriam felicíssimos quando se recuperassem dos próprios males; conforme é da natureza do homem, jamais deixam de esperar que isso de algum modo lhes aconteça. Em seguida criou as tempestades, os ventos e as névoas, armou-se com o trovão e com o raio, deu o tridente a Netuno, impeliu os cometas a girar e ordenou os eclipses; com essas coisas e com outros sinais e efeitos terríveis, estabeleceu o espanto dos mortais, de vez em quando sabendo que o temor e os perigos presentes os reconciliariam com a vida, ao menos por breves horas, não só tanto os infelizes mas também aqueles que mais a abominassem e que estivessem mais dispostos a fugir dela.

E para excluir a passada ociosidade induziu o gênero humano à necessidade e ao apetite de novas bebidas, do que sem muito e pesado esforço se poderia provê-los, enquanto que até o dilúvio os homens, dessedentando-se somente com as águas, tinham-se alimentado com ervas e com frutas que a terra e as árvores lhes ofereciam espontaneamente, e com outros alimentos simples e fáceis de obter-se, assim como, até hoje, costumam sustentar-se alguns povos, particularmente os da Califórnia. Atribuiu diversas qualidades celestes a diferentes lugares, e de modo semelhante, às partes do ano; este, até àquela época, tinha sido sempre e em toda terra benigno e agradável, devido ao que os homens até então não tinham o hábito de vestir-se; mas daí por diante foram obrigados a fazê-lo e com muito engenho precaver-se contra as mutações e inclemências do céu. Impôs a Mercúrio que fundasse as primeiras cidades e diversificasse o gênero humano em povos, nações e línguas, estabelecendo concorrência e discórdia entre eles; e que mostrasse aos homens o canto e as outras artes que, tanto pela natureza como pela origem, foram e ainda se chamam divinas. Ele próprio fez leis, estados e ordens civis para as novas gentes; e, por último, querendo beneficiá-los com um incomparável dom enviou para o meio deles alguns espectros de aparência excelentíssima e sobre-humana aos quais permitiu a maior parte do governo e do poder desses povos: e foram chamados Justiça, Virtude, Glória, Amor-pátrio e outros com nomes semelhantes. Entre tais visões uma se chamou Amor, que pela primeira vez, naquele tempo, assim como os outros, veio à Terra: por isso, antes do uso de roupas, não foi o amor, mas o ímpeto da cupidez, igual nos homens de então ao de todos os tempos entre os brutos, é que impeliu um sexo ao outro, como se faz para com o alimento e com objetos semelhantes; eles não se amam verdadeiramente mas se apetecem.

Foi admirável e muito frutífero o que esses conselhos divinos geraram para a vida mortal, e com muita comodidade e doçura a nova condição dos homens, apesar dos trabalhos, espantos e dores, coisas antes ignoradas pela nossa espécie, superou em comodidade e doçura o que existia antes do dilúvio. E esse resultado proveio, em grande parte, daquelas maravilhosas visões, que foram consideradas pelos homens ora gênios ora deuses, seguidas e cultuadas com ardor inestimável e com vastas e portentosas dificuldades, por longuíssimos períodos: os poetas e os nobres artesãos, com infinito esforço, pelo seu canto, inflamavam-nos a todas essas coisas tanto que um grandíssimo número de mortais não duvidou em doar e sacrificar o sangue e a própria vida a um ou a outro daqueles espectros. O que, não sendo averso, era, ao contrário, muito agradável a Júpiter; assim, por outras razões, ele julgava que deveria ser tanto menos fácil aos homens oferecer voluntariamente a vida, quanto mais prontos

estivessem a sacrificá-la por motivos belos e gloriosos. Também pela duração esses bons mandamentos superaram grandemente os precedentes, ainda que depois de muitos séculos chegassem a rebaixar-se manifestamente, declinando e, em seguida, precipitando-se. Foram tão válidos que até o início de uma nova idade não muito distante da presente, a vida humana, em virtude daquelas ordens há já algum tempo, era quase jovial e se manteve medianamente fácil e tolerável graças a eles.

As razões e os modos pelos quais essas ordens se alteraram foram os numerosos instrumentos encontrados pelos homens para prover facilmente e em pouco tempo às próprias necessidades: o aumento desmesurado da disparidade de condições e de funções instituídas por Júpiter entre os homens, quando fundou e dispôs as primeiras repúblicas; a ociosidade e a vaidade que, por esses motivos, de novo, e depois de antiqüíssimo exílio, ocuparam a vida; a graça da variedade que se enfraqueceu não só pela essência das coisas mas pela estima dos homens, como sempre costuma acontecer devido aos prolongados costumes, e finalmente as outras coisas mais graves que, por terem sido já descritas e contadas por muitos outros, não ocorre agora ressaltar: por tudo isso certamente renovou-se nos homens aquele fastio das suas coisas que os tinham cansado antes do dilúvio; e aquele amargo desejo de felicidade desconhecida e estranha à natureza do universo recrudesceu.

Mas a total reviravolta do destino deles e a saída do estado que hoje costumamos chamar de antigo proveito principalmente por uma razão diversa das precedentes, e foi esta: existia entre aqueles espectros tão apreciados pelos antigos um chamado, na língua deles, de Sabedoria; honrado universalmente como todos os seus companheiros e seguido por muitos, em particular, contribuíra como os outros, com a sua parte, para a prosperidade dos séculos passados. Muitas e muitas vezes, quase mesmo cotidianamente, ele prometera e jurara aos seus seguidores mostrar-lhes a Verdade, que, dizia ele, era gênio grandíssimo e sua própria senhora, que jamais viera à Terra mas estava sentada com os Deuses no céu, de onde aquele prometera com autoridade e graça próprias, trazê-la e fazê-la por um pouco espaço de tempo peregrinar entre os homens: com a convivência e familiaridade desta o gênero humano chegaria a tais termos em elevação de conhecimento, em excelência de instituições e de costumes e em felicidade de vida que, por pouco, seria comparado à espécie divina. Mas como poderia uma pura sombra e uma imagem vazia realizar as suas promessas e também trazer à Terra a Verdade? Assim, depois de crer e confiar por longo tempo, advertidos da vaidade daquelas promessas e, ao mesmo tempo, famélicos de coisas novas, especialmente pelo ócio em que viviam e estimulados, em parte pela ambição de igualar-se aos Deuses, em parte pelo desejo daquela beatitude que julga-

vam em vias de conseguir, pelas palavras do espectro, conversando com a Verdade, os homens voltaram-se a Júpiter com instantíssimas e pretensiosas palavras e pediram a ele que, por algum tempo, concedesse à Terra aquele nobilíssimo gênio; repreendendo-o por inveja as suas criaturas pela utilidade infinita que pudessem obter com a presença do referido gênio, queixavam-se em conjunto a ele pelo destino humano, renovando as antigas e odiosas querelas sobre a pequenez e a pobreza da sua condição. E ainda porque aquelas belíssimas visões, princípios de tantos bens das idades passadas, agora eram tidas em tão pouca estima pela maior parte dos homens, não que fossem conhecidas pelo que verdadeiramente eram, mas porque a vileza comum dos pensamentos e a pusilanimidade dos costumes faziam que ninguém, hoje em dia, as seguisse; por isso os homens, amaldiçoando celeradamente o maior dom que os deuses eternos tinham dado e podido fazer aos mortais, clamavam que a Terra só era digna dos gênios menores, e aos maiores, diante dos quais a estirpe humana mais condignamente se inclinaria, não era digno nem lícito pôr os pés nesta ínfima parte do universo.

Muitas coisas, já há muito tempo, tinha a benevolência de Júpiter afastado novamente dos homens; entre outras, os incomparáveis vícios e malfeitos que pelo número e pela tristeza que causavam tinham deixado para trás as maldades vingadas pelo dilúvio. Repugnava-lhe totalmente depois de tantas experiências feitas, a inquieta, a insaciável e a imoderada natureza humana; para a intranqüilidade e a felicidade desta ele não via, agora com certeza, ser bastante nenhum provimento, nenhum estado conveniente, nenhum lugar suficiente, pois ainda quando quisesse aumentar em mil desdobramentos os espaços, as alegrias da Terra e a totalidade das coisas, esses e essas, em breve tempo, pareceriam estreitos, desagradáveis e de pouco valor aos homens, igualmente incapazes e cúpidos de infinito. Mas, por fim, aquelas estultas e soberbas perguntas de tal modo despertaram a ira do deus, que ele resolveu, pondo de lado toda a piedade, punir perpetuamente a espécie humana, condenando-a, por todas as idades futuras, à miséria muito mais pesada do que as passadas. Pelo que, deliberou não só mandar a Verdade para ficar por algum tempo em meio aos homens como eles pediam, mas dar-lhe domicílio eterno entre eles e, excluindo daqui aqueles vagos fantasmas que tinha colocado, fê-la perpétua moderadora e senhora da raça humana.

E ao admirarem-se os outros Deuses desse provimento, por parecer-lhes que ele exagerava ao elevar demais o nosso estado em detrimento da maioria daqueles, Júpiter demoveu-os dessa opinião, mostrando-lhes que todos os gênios, mesmo os grandes, são benéficos por si próprios. O mesmo se dá com a índole da Verdade, que deveria provocar efeitos iguais nos homens como nos Deuses. Por isso, quando ela lhes demons-

trasse a beatitude dos imortais, descobriria inteiramente aos homens e colocaria continuamente diante dos seus olhos a infelicidade deles. Além disso lhes mostraria o seu infortúnio não só como obra do destino mas com tal feição que nenhum acidente ou remédio pudesse evitá-lo nem jamais interrompê-lo enquanto vivessem. E tendo a maior parte dos males humanos essa natureza, considerados como tais por quem os sofre e crê que assim o sejam, mais ou menos graves, segundo o seu próprio julgamento, pode-se avaliar quanto é grande o dano que acarretaria a presença desse gênio entre os homens. A estes nada parecerá mais verdadeiro do que a falsidade de todos os bens mortais, e nada mais sólido do que a vaidade de tudo, a não ser as próprias dores. Por essas razões eles serão também privados da esperança com a qual, desde o princípio até o presente, sustentaram a vida, mais do que com qualquer outra delícia ou conforto. E nada esperando nem vendo qualquer digno fim para seus empreendimentos e trabalhos, cairão em tal negligência e aversão a toda obra construtiva ou magnânima, que os hábitos comuns dos vivos serão pouco diferentes dos dos mortos. Mas desse desespero e dessa lentidão não poderão fugir, pois o desejo de uma imensa felicidade, congênito em seus ânimos, os torturará e atormentará muito mais do que antes, enquanto for menos assoberbado e desviado pela variedade das preocupações e pelo ímpeto das ações. E, ao mesmo tempo, encontrar-se-ão seres destituídos da virtude imaginária natural, única que poderia, em parte, satisfazê-los com essa felicidade impossível e não compreedida por mim nem por eles próprios, que suspiram por ela. E todas aquelas similitudes de infinito que eu intencionalmente tinha posto no mundo para iludi-los e nutri-los, conforme a inclinação de cada um, e os pensamentos vastos e indeterminados serão insuficientes para efeito do conhecimento da doutrina e para as disposições de ânimo, que terão aprendido com a Verdade. De tal maneira que a Terra e as outras partes do universo se antes lhes pareceram pequenas de agora em diante afigurar-se-ão mínimas, pois eles serão instruídos e esclarecidos sobre os arcanos da natureza: e aquelas, contra a presente expectativa dos homens, parecerão restritas a cada um quanto mais tiverem conhecimento delas. Finalmente, por isso terão sido retirados da Terra os seus fantasmas e, pelo ensinamento da Verdade, os homens terão conhecimento da sua substância, e faltará à vida humana todo o valor e toda a retidão de pensamentos como de fatos, até mesmo a solicitude e o amor e não só o interesse e o afeto bem como o próprio nome das nações e das pátrias se apagarão em todo o lugar, reunindo-se todos os homens, como se costumará dizer, em uma única nação e pátria, como era no princípio, fazendo profissão de amor universal para com toda espécie, dissipando-se a estirpe humana em tantos povos quantos serão os homens. Por isso, não havendo uma pátria

para amar particularmente nem estrangeiros para desprezar, cada um odiará todos os outros, amando apenas a si mesmo em meio a toda a sua espécie. Seria infinito contar o número de tantos e tais incômodos que estariam por nascer de tudo isso. E por toda e tão desesperada infelicidade ousarão os mortais abandonar espontaneamente a luz. Por isso o império desse gênio os fará tão vis quanto infelizes e, aumentando sobremaneira a aspereza de suas vidas, os privará do valor de recusá-la.

Por essas palavras de Júpiter pareceu aos Deuses que o nosso destino viria a ser muito mais feroz e terrível do que conviria consentir à divina piedade. Mas Júpiter prosseguiu falando: entretanto, terão um pouco de conforto daquele gênio que eles chamam de Amor, que eu estou disposto a deixar na sociedade humana ao remover todos os outros. E não será dada à Verdade, ainda que poderosíssima, a força de combatê-lo continuamente nem exterminá-lo jamais da Terra ou vencê-lo senão raramente. Assim, a vida dos homens igualmente ocupada com o culto daquele fantasma e desse gênio estará dividida em duas partes: um e outro terão domínio comum sobre as coisas e sobre os ânimos dos mortais. Todos os outros desejos, exceto alguns poucos e de pequena importância, desaparecerão na maior parte dos homens. Na idade madura a falta de consolação de Amor será compensada pelo benefício da sua natural propriedade de sentirem-se quase satisfeitos com a própria vida, como acontece com as outras espécies de animais, e de cuidarem diligentemente dela pela sua própria razão, não por satisfação nem pela comodidade que se possa dela extrair.

Assim, retirados da Terra os fantasmas felizes, salvo o Amor, o menos nobre de todos, Júpiter enviou a Verdade entre os homens e lhes deu, em seguida, império sobre eles e morada perpétua. Seguiram-se todos aqueles nefastos efeitos que ele previra. E aconteceu um fato admirável: onde esse gênio, antes de sua descida, quando ainda não tinha poder nem domínio algum sobre os homens, tinha sido honrado com um grandíssimo número de templos e de sacrifícios, agora, ao vir com autoridade de príncipe e começando a conhecer de perto, ao contrário de todos os outros imortais que se manifestam mais claramente e parecem mais venerandos, afligiu de tal modo as mentes dos homens e tocou-os com tanto horror que estes, apesar de se esforçarem por obedecê-lo, recusaram-se a adorá-lo. E quanto mais aquelas visões usavam sua força sobre qualquer ânimo e costumavam ser reverenciadas e amadas por eles, o gênio do Amor atraiu as mais ferozes maldições e o mais pesado ódio daqueles sobre os quais exercia maior poder. Mas os mortais, não podendo por isso subtrair-se nem recusar-se à sua tirania, viviam naquela suprema desgraça que até agora e para sempre carregarão.

Também a piedade, que nos ânimos dos celestiais jamais se apagou, comoveu há pouco tempo a vontade de Júpiter sobre tanta infelicidade,

principalmente sobre a de alguns homens singulares, diferenciados pela finura de intelecto ligada à nobreza de costumes e à integridade de vida: a esses Júpiter, mais do que a quaisquer outros, via oprimidos e aflitos pelo poder e pela dura dominação daquele gênio. Nos tempos antigos, quando a Justiça, a Virtude e os outros fantasmas governavam as coisas comuns, os Deuses costumavam visitar, de vez em quando, as suas obras, descendo à Terra, ora um ora outro e aqui marcar a sua presença de diversas maneiras, presença essa que sempre foi de grandíssimo benefício para todos os mortais ou para algum em particular. Mas, tendo-se corrompido de novo a vida, e submergido em todo o tipo de crime, eles desprezaram por muitíssimo tempo o contato com os humanos. Agora Júpiter, compadecendo-se da nossa suma infelicidade, propôs aos imortais que algum dentre eles se decidisse a visitar, como fizeram no passado, e consolar essa sua progênie em tantas dificuldades, considerando, particularmente, aqueles que demonstravam ser, por sua parte, indignos da desgraça universal. Diante do silêncio de todos os outros, Amor, filho de Vênus Celeste,[4] conforme era chamado esse gênio, diversíssimo por natureza, por virtude e por obras ofereceu-se (é singular sua piedade entre todos os numes) para exercer a tarefa proposta por Júpiter e descer do céu, de onde antes jamais saíra: o concílio dos imortais não suportava que ele partisse do seu convívio, ainda que por pouco tempo, por considerá-lo indizivelmente querido. Se bem que, de vez em quando, muitos homens antigos, iludidos por transformações e por diversas fraudes do espectro do mesmo nome, julgaram haver sinais indubitáveis entre eles da presença desse deus máximo. Mas este pôs-se a visitar os mortais não antes de estes serem submetidos ao império da Verdade. Depois desse tempo costuma descer só raramente, e pouco se demora, tanto pela indignidade geral da raça humana, como porque o seu afastamento incomoda-os muito. Quando vem à Terra escolhe os corações mais ternos e gentis das pessoas mais generosas e magnânimas, e aí fica por breve tempo, difundindo uma suavidade tão fortuita e admirável e cumulando-os de afetos tão nobres, de tanta virtude e fortaleza, que eles, então, experimentam algo inteiramente novo no gênero humano: mais verdade do que semelhança de beatitude. Rarissimamente une dois corações, envolvendo um e outro ao mesmo tempo e induzindo e intercambiando ardor e desejo em ambos, ainda que lhe supliquem pressurosamente todos os que ele envolve. Mas Júpiter não consente que ele se compadeça deles, salvo poucas exceções, porque a felicidade que nasce de tal benefício é superada num brevíssimo intervalo de tempo, pela divina. De qualquer modo estar repleto de sua inspiração vence por si qualquer que seja a condição de maior sorte de alguém, em tempos melhores. Onde ele pousa, ao redor se reúnem, invisíveis a todos os outros, as estupendas visões

já segregadas dos hábitos humanos que esse deus reconduz à Terra com a permissão de Júpiter e sem o impedimento da Verdade, ainda que esta seja inimicíssima desses espectros e grandemente ofendida no ânimo com a volta deles. Mas não é dado à natureza dos gênios confrontar-se com os Deuses. E assim como os fados dotaram-no da infância eterna, ele, em conformidade a essa sua natureza, preenche, de certa maneira, aquela primeira promessa aos homens que era a de voltar à puerilidade. Por isso, nas almas que ele escolhe para morar suscita e reverdece durante todo o tempo em que aí se instala, a esperança infinita e as belas e queridas imagens dos ternos anos. Muitos mortais inexperientes e incapazes de gozar os seus deleites zombam dele e o mordem todo dia, com desenfreada audácia, estando longe ou perto: mas ele não ouve as suas infâmias e ainda que o fizesse não lhes impingiria qualquer castigo, tão magnânimo e manso é ele por natureza. Além do que os imortais, satisfeitos com a vingança atribuída a toda a estirpe e com a insanável desgraça que sobre ela recai, não cuidam das ofensas particulares dos homens; nem por outras coisas especialmente são punidos os fraudulentos e os injustos, bem como os depreciadores dos Deuses, a não ser o de se tornarem individualmente afastados das graças dos imortais.

DIÁLOGO DE HÉRCULES E ATLAS[5]

HÉRCULES: Pai Atlas, Júpiter me envia e quer que da sua parte eu te saúde, e, se por acaso estiveres esgotado com esse peso, que eu o carregue por algumas horas, como fiz não me lembro há quantos séculos, enquanto tomas fôlego e descansas um pouco.

ATLAS: Agradeço-te, querido Herculinho, e me sinto também grato à majestade de Júpiter. Mas o mundo[6] é tão leve que este manto que visto para proteger-me da neve me é mais pesado e se não fosse porque a vontade de Júpiter me força a ficar parado aqui e manter esta bolinha sobre a espinha eu a colocaria embaixo do braço ou no bolso, ou ainda a penduraria balançando num pêlo da barba e iria tratar dos meus negócios.

HÉRCULES: Como pode ser que tenha ficado tão leve? Vejo bem que mudou de feição e se modificou como um pão; não é mais redonda como no tempo em que estudei cosmografia para fazer aquela enorme viagem com os argonautas; mas com tudo isso não vejo como possa pesar menos do que antes.

ATLAS: Qual a causa não sei. Mas quanto à leveza de que te falo podes ficar certo, a menos que queiras pegar com as mãos e verificar o peso.

HÉRCULES: Palavra de Hércules, se não tivesse experimentado não poderia crer jamais. Mas, qual é essa outra novidade que estou desco-

brindo nela? Da outra vez que a carreguei, me batia forte nas costas, como o coração dos animais, e fazia um ruído contínuo que parecia um vespeiro. Mas agora a batida se parece com a de um relógio de mola quebrada; e do zumbido não ouço mais nada.

ATLAS: Também disso nada sei dizer-te, senão que já faz muito tempo que o mundo parou de fazer qualquer movimento e qualquer barulho sensível: para mim, tive uma enorme suspeita de que estivesse morto, esperando, dia a dia, que me contaminasse como o mau-cheiro; pensei como e onde poderia sepultá-lo e que epitáfio colocar sobre ele. Mas depois vi que não apodrecia, e achei que, de animal que era antes, convertera-se em planta como Dafne e tantos outros; e daí a razão por que não se movia e não respirava: ainda duvido que, daqui a pouco, não me jogue as raízes pelas costas e não me enrede.

HÉRCULES: Eu, ao contrário, creio que esteja dormindo, e que esse sono seja da qualidade do de Epimênides,[7] que durou mais de meio século, ou como se conta que a alma de Hermótimo[8] saía do corpo, cada vez que ele queria e ficava fora por muitos anos a passear por diversos países e depois voltava até que os amigos, para acabar com essa história, queimaram o seu corpo. Então, o espírito, ao voltar, encontrou a casa destruída e ao querer abrigar-se teve de alugar outra ou ir para uma hospedaria. Mas para fazer que o mundo não durma eternamente, e que algum amigo ou benfeitor, pensando que ele esteja morto, lhe ateie fogo, quero que tentemos algum modo de acordá-lo.

ATLAS: Bem, mas de que maneira?

HÉRCULES: Eu lhe daria uma boa batida com esta clava: mas duvido que não acabaria por achatá-lo, fazendo dele uma bolacha; ou que a crosta, estando ele tão leve, não se tenha afinado tanto que estoure sob o golpe como um ovo. E também não estou seguro de que os homens que no meu tempo combatiam corpo a corpo com os leões e agora com as pulgas, não desfaleçam todos de repente com a pancada. Será melhor que eu pouse a clava e tu o capote, e joguemos bola juntos com esta esferazinha. Pena que não trouxe as braçadeiras ou as raquetes que eu e Mercúrio adotamos para jogar na casa de Júpiter ou no jardim: mas bastarão os punhos.

ATLAS: Tudo bem, contanto que teu pai vendo o nosso jogo e tendo vontade de entrar na jogada com sua bola incandescente não nos precipite a nós dois em algum lugar, como fez com Faetonte,[9] no rio Pó.

HÉRCULES: É verdade, se eu fosse, como Faetonte, filho de um poeta e não seu próprio filho, porque se os poetas povoassem as cidades com o som da lira, a mim basta o ânimo de despovoar o céu e a terra com o som da clava. E com um chute que desse em sua bola, eu a faria saltar daqui até à última água-furtada do céu empíreo. Mas podes ficar certo de que,

ainda que me viesse a fantasia de arrancar cinco ou seis estrelas para brincar de castelinho ou de tiro-ao-alvo com um cometa, como com uma funda, segurando-o pela cauda, ou mesmo de usar o Sol para fazer o jogo-do-disco, meu pai faria de conta que não veria. Além do que a nossa intenção com este jogo é de fazer bem ao mundo e não, como Faetonte, que quis mostrar-se ligeiro às Horas,[10] que seguraram o estribo quando subiu no carro e quis adquirir fama de bom cocheiro junto a Andrômeda e Calisto[11] e às outras belas constelações, às quais, conta-se que, ao passar por elas, ia jogando ramalhetes de raios e bolinhas de luz confeitadas; e quis ainda fazer uma bela demonstração de si entre os Deuses do céu no passeio daquele dia, que era de festa. Em suma, não te preocupes com a cólera de meu pai, porque me encarrego, em todo caso, de reparar-te os danos, e sem mais, tira o casaco e manda a bola.

Atlas: Por gosto ou por força me convém fazer do teu modo, porque és forte e tens armas e estou desarmado e sou velho. Pelo menos não a deixes cair para que não se lhe acrescentem outros calombos, ou se amasse qualquer outra parte, ou morra, como quando a Sicília se separou da Itália e a África da Espanha; ou ainda não salte dela qualquer lasca que seja uma província ou um reino, a partir do que poderia irromper uma guerra.

Hércules: De minha parte não duvides.

Atlas: Olha a bola para ti. Vê que ela manca, porque a sua forma está gasta.

Hércules: Vamos, um pouco mais forte porque as tuas boladas não chegam até aqui.

Atlas: Aqui o toque não vale, o vento áfrico puxa como sempre e a bola o pega porque é leve.

Hércules: Esse é o seu velho defeito, ir à caça do vento.

Atlas: Na verdade não seria mau que nós a enchêssemos, porque vejo que ela não pula acima das mãos, mais do que um melão.

Hércules: Esse é um defeito novo, pois antigamente ela pulava e saltava como um cervo.

Atlas: Corre lá depressa, depressa, te digo; olha, por Deus, que ela está caindo: maldito o momento que chegaste.

Hércules: Rebate falso e tu me jogaste tão baixinho que não tive tempo de rebater a não ser que quebrasse o pescoço. Ai! Pobrezinha, como estás? Te machucaste em algum lugar? Não se ouve um sopro, não se vê mover uma alma e ela demonstra que todos dormem como antes.

Atlas: Deixa-a comigo, por todos os cornos do Estige, que eu a ajeito na costas; e tu retomas a clava, volta depressa para o céu a desculpar-me com Júpiter pelo que aconteceu por tua causa.

HÉRCULES: Vou fazer isso. Já há muitos séculos está na casa de meu pai um certo vate, chamado Horácio, admitido como poeta da corte a pedido de Augusto, que tinha sido divinizado por Júpiter em consideração ao poderio dos romanos. Esse poeta cantarola algumas cançonetas, entre as quais uma diz que o homem justo não se move, ainda que caia o mundo. Creio que hoje todos os homens sejam justos, porque o mundo caiu e ninguém se moveu.

ATLAS: Quem duvida da justiça dos homens? Mas não fiques a perder mais tempo e vai depressa desculpar-me com teu pai, pois espero, de um momento a outro, um raio que me transforme de Atlas em Etna.[12]

DIÁLOGO DA MODA E A MORTE[13]

MODA: Senhora Morte! Senhora Morte!

MORTE: Espera até a hora em que virei sem que me chames.

MODA: Senhora Morte!

MORTE: Vai pro diabo! Virei só quando não quiseres.

MODA: Como se eu não fosse imortal!

MORTE: Imortal? "Passado é já mais do que o milésimo ano", depois que se acabaram os tempos dos imortais.

MODA: Também a senhora "petrarqueia" como se fosse um poeta italiano do século XVI ou do XVII?

MORTE: Os versos de Petrarca me são queridos, porque neles encontro o meu Triunfo e porque falam de mim quase em toda parte. Mas, enfim, sai daqui.

MODA: Vamos, pelo amor que tens aos sete vícios capitais, fica um pouco e olha para mim.

MORTE: Estou olhando.

MODA: Não me conheces?

MORTE: Deveria saber que não tenho boa vista e que não posso usar óculos, porque os ingleses[14] não fazem um que me sirva, e ainda que o fizessem não tenho onde apoiá-los.

MODA: Sou a Moda, tua irmã.

MORTE: Minha irmã?

MODA: Sim. Não te lembras que nós duas nascemos da Caducidade?

MORTE: Que tenho eu de me lembrar, se sou inimiga da memória?

MODA: Mas eu me lembro muito bem e sei que ambas vivemos continuamente a desfazer e mudar as coisas aqui embaixo, apesar de ires, para isso, por um caminho e eu, por outro.

MORTE: Se por acaso não estás falando contigo mesma ou com al-

guém que esteja na tua garganta, eleva mais a voz e articula melhor as palavras; porque se ficares murmurando entre os dentes com essa vozinha de aranha eu te compreenderei só amanhã, porque o ouvido, como sabes, não me serve melhor do que a vista.

MODA: Se bem que seja contrário ao hábito, e na França não se costuma falar para ser ouvido, mesmo porque somos irmãs e entre nós não precisamos de cerimônia, falarei contigo como quiseres. Digo que a nossa natureza e hábitos comuns são de renovar continuamente o mundo, mas desde o princípio te concentraste nas pessoas e no sangue; eu me satisfaço, no máximo, com as barbas, com os cabelos, com as roupas, com os utensílios domésticos, com as mansões e coisas que tais. É bem verdade que nunca deixei e ainda faço jogos que se comparam aos teus, como, por exemplo, furar as orelhas, os lábios e rasgar os narizes com insignificâncais que penduro neles; queimar as carnes dos homens com figuras incandescentes que eu mando marcar para efeito estético; deformar a cabeça dos meninos com faixas e outras engenhocas, induzindo, como hábito, a que todos os homens tragam uma figura na cabeça, como na América e na Ásia;[15] estropiar as pessoas com sapatos apertados, sufocá-los e fazer que os olhos saltem com o aperto dos corpetes e um sem-número de coisas desse tipo. Aliás, geralmente falando, persuado e constranjo os homens elegantes a suportarem todos os dias mil dificuldades e incômodos, muitas vezes dores e sofrimentos, e, algumas, a morrer gloriosamente pelo amor que me têm. Nem te digo nada das dores de cabeça, dos resfriados, dos defluxos de toda a sorte, das febres diárias, terçãs, quartãs, que os homens ganham por obedecer-me, consentindo em tremer de frio ou sufocar de calor, conforme eu queira, em protegerem as costas com lãs, o peito com tecidos diversos e fazerem tudo a meu modo, ainda que seja em detrimento deles.

MORTE: Concluindo, creio que sejas minha irmã e se quiseres defenderei essa idéia como mais certa do que a morte, sem precisar da certidão de fé do pároco. Mas estando assim parada eu desfaleço, e se te animares em correr ao meu lado, trata de não te acabares, porque eu agüento bastante e assim podes me contar as tuas necessidades; senão, em consideração ao nosso parentesco, prometo que, quando morrer, te deixo tudo o que é meu e te digo adeus.

MODA: Se tivéssemos que participar juntas no jogo do pálio não sei qual das duas venceria a prova, porque, se correres, eu vou mais depressa do que a galope; e se ficares num lugar parada e desmaiares, me desfaço. Assim, recomecemos a correr e juntas falaremos sobre nossos casos.

MORTE: Vamos com calma. Pois, um vez que tu nasceste do corpo de minha mãe seria conveniente que me servisses de algum modo para realizar os meus negócios.

MODA: Eu já fiz muito mais no passado do que pensas. Em primeiro lugar, sou eu quem anula e transforma continuamente todos os hábitos; jamais deixei que se negligenciasse a prática de morrer, vê que ela dura universalmente até hoje desde o princípio do mundo.

MORTE: Grande milagre que não tenhas feito o que não podias!

MODA: Como não podia? Demonstras não conhecer a força da Moda.

MORTE: Tudo bem: disso teremos tempo para discorrer, quando vier a moda perene. Mas enquanto isso gostaria que tu, como boa irmã, me ajudasses a obter o contrário mais facilmente e mais depressa do que fiz até agora.

MODA: Já te falei de algumas obras minhas que te são de muito proveito. Mas elas são risíveis perto das que vou te contar. Um pouco por vez, e mais nestes últimos tempos, para favorecer mandei desatualizar e deixar no esquecimento os trabalhos e os exercícios que convêm ao bem-estar corporal, e, introduzindo-os ou valorizando-os, incontáveis pessoas sacrificam o corpo e encurtam a vida. Além disso implantei no mundo tais ordens e tais costumes que a própria vida em relação ao corpo, como à alma, está mais morta do que viva: tanto que este, pode dizer-se em verdade, é o século da morte. E antigamente, tu não tinhas outras propriedades a não ser cavernas onde semear ossos e pó no escuro, que são sementes que não brotam; agora tens terrenos ao sol e gente que se move e que anda com os próprios pés; pode-se dizer que são coisas da tua livre razão e embora não as tenhas colhido tens de tolerar que elas nasçam. E mais, antes eras odiada e injuriada; hoje, por obra minha, as coisas são reduzidas a tais termos que qualquer um que tenha cérebro te aprecia e te louva, sobrepondo-te à vida e te quer tão bem que sempre te chama e volta os olhos a ti como à sua maior esperança. Finalmente, por ver que muitos se vangloriavam em tornar-se imortais, isto é, não morrendo inteiramente, uma boa parte deles não chegaria às tuas mãos, embora eu soubesse que isso não passasse de conversa e que esses e outros vivessem na memória dos homens; eles viviam, por assim dizer, de brincadeira e não gozavam da fama mais do que se sofressem com a umidade da sepultura; como quer que seja, compreendendo que o negócio dos imortais te irritava porque parecia abater a tua honra e reputação, acabei com essa moda de procurar a imortalidade, e mesmo de concedê-la no caso de alguém merecê-la. Assim, no presente, podes ficar certa disso, quem quer que morra não deixará uma migalha viva e lhe convirá rapidamente levar tudo para baixo da terra como um peixinho abocanhado com cabeça e espinhas. Acho que fiz essas coisas, que não são poucas nem pequenas, até agora por amor a ti, querendo aumentar o teu poder na terra, como tem acontecido. E para alcançar esse objetivo estou disposta a fazer outro tanto, e mais, a cada dia; foi com

essa intenção que andei te procurando; a propósito, parece-me que, daqui por diante, não devemos sair uma de perto da outra, porque, estando sempre em companhia, poderemos consultar-nos com freqüência, conforme os casos, e tomar melhor partido, como também aperfeiçoar a execução deles.

MORTE: É verdade, e assim quero que se faça.

PROPOSTA DE PRÊMIOS FEITA[16] PELA ACADEMIA DOS SILÓGRAFOS

A ACADEMIA DOS SILÓGRAFOS,[17] esperando continuamente, segundo a sua principal missão, defender com todo o seu esforço a utilidade comum e, julgando que nada pode ser mais conforme a esse propósito do que ajudar e promover o andamento e as inclinações, "do afortunado século em que estamos", como diz um poeta ilustre, levou diligentemente em consideração as qualidades e a índole do nosso tempo e, depois de longo e maduro exame, resolveu declará-lo a era das máquinas, não só porque os homens de hoje em dia procedem e vivem, talvez mais mecanicamente do que em todos os tempos passados, mas também por respeito ao grandíssimo número das máquinas inventadas recentemente, ou que todos os dias se vão adaptando e acomodando a tantas e tão várias aplicações que, de agora em diante, não os homens mas as máquinas, pode-se dizer, tratam das coisas humanas e das obras da vida. Do que a referida Academia tem um grande prazer, não tanto pelas manifestas comodidades que daí resultam, quanto por duas considerações que julga serem importantíssimas, ainda que não bem percebidas. Uma é que confia em que as funções e os usos das máquinas, com o correr do tempo, venham a envolver, além das coisas materiais, também as espirituais; daí que por modo e virtude dessas máquinas já estejamos livres e protegidos da ofensa dos raios e do granizo e de muitos males e temores semelhantes, e assim, aos poucos, hão de encontrar-se, por exemplo (*data venia* à novidade dos nomes), alguma parainveja, paracalúnia, paraperfídia ou parafraude; algum fio de saúde ou outro engenho que nos salve do egoísmo, do predomínio da mediocridade, da próspera fortuna dos insensatos, dos patifes e dos vis, da universal negligência e da miséria dos sábios, dos bem-educados e dos magnânimos e de outros incômodos que tais, de muitos séculos para cá, não foi possível evitar, como os efeitos dos raios e do granizo. A outra consideração e principal razão é que, não esperando que a melhor parte dos filósofos possa jamais cuidar dos defeitos do gênero humano, os quais, como se crê, são enormes e em maior número do que as virtudes, e, tendo-se por certo que só é possível refazê-lo inteiramente com uma nova índole ou substituí-lo por outro, e

não emendá-lo, a Academia dos Silógrafos julga ser muito proveitoso que os homens se afastem da lide da vida e que, aos poucos, façam as máquinas substituí-los. Tendo deliberado a concorrência com todo o seu poder para o progresso dessa nova ordem das coisas, propõe, por enquanto, três prêmios a quem inventar as três máquinas que se seguem. A finalidade da primeira será a de exercer o papel de um companheiro, que não injurie o amigo ausente nem zombe dele; não deixe de apoiá-lo quando for alvo de alguma repreensão ou não, quando sua vida esteja em jogo não sobreponha a fama de arguto ou de mordaz, e não granjeie o riso dos homens em detrimento da amizade; não divulgue, sob pretexto algum, para servir de assunto de conversa ou de ostentação, o segredo que lhe tenha sido confiado; não se prevaleça da familiaridade e da confiança do amigo para suplantá-lo e sobrepujá-lo mais facilmente; não inveje as vantagens dele; procure seu bem e não deixe de remediar ou reparar os seus danos; esteja pronto às suas perguntas e às necessidades com fatos, bem mais do que com palavras. Quanto às coisas que comporão esse autômato, atente-se aos tratados de Cícero e da marquesa de Lambert sobre a amizade. A Academia acha que a invenção de tal máquina não deve ser julgada como impossível ou excessivamente difícil, uma vez que, deixando-se de lado os autômatos do Regiomontano,[18] de Vaucanson e de outros, além daquele que em Londres desenhava figuras e retratos e escrevia tudo o que qualquer um lhe ditasse, se viu mais de uma máquina que jogava xadrez sozinha. Ora, segundo a opinião de muitos sábios, a vida humana é um jogo, e alguns afirmam que ela é algo ainda mais leve e, entre outras, a forma do jogo de xadrez é mais racional do que o da vida, havendo outros casos ordenados mais prudentemente do que o da própria existência. Além disso, segundo Píndaro, não tendo ela mais substância do que a de um sonho ou de uma sombra, pode ser bem capaz de ser o estágio anterior à vigília de um autômato. Quanto à palavra, parece fora de dúvida que os homens têm a faculdade de comunicá-la às máquinas que constroem, o que se pode aduzir de vários exemplos e, em particular, do que se lê sobre a estátua de Mêmnon e da cabeça feita por Alberto Magno, a qual era tão loquaz, que são Tomás de Aquino, odiando-a, quebrou-a por isso. E se o papagaio de Nevers,[19] se bem que fosse um animalzinho, soubesse responder e falar tudo certinho, quanto mais é de se crer que possa executar todos esses efeitos uma máquina imaginada pela mente do homem e construída pelas suas mãos; porém ela não deve ser tão tagarela quanto o papagaio de Nevers e outros semelhantes, que se vêem e ouvem todos os dias, nem como a cabeça feita por Alberto Magno, não sendo conveniente que ela aborreça o amigo a ponto de ser quebrada por ele. O inventor dessa máquina receberá como prêmio uma medalha de ouro de quatrocentos cequins, tendo, de um

lado, representadas as imagens de Pílades e de Orestes, e de outro o nome do premiado com o seguinte título: PRIMEIRO VERIFICADOR DAS LENDAS ANTIGAS.

A segunda máquina quer ser um homem artificial a vapor, apto e programado para realizar obras virtuosas e magnânimas. A Academia acha que os vapores — pois não parece que se possam encontrar outros meios — devem servir para incitar um semovente e orientá-lo aos exercícios da virtude e da glória. Quem se dispuser a construir essa máquina veja os poemas e os romances, segundo os quais deverá guiar-se sobre as qualidades e as operações que se requerem para esse autômato. O prêmio será uma medalha de ouro de 450 cequins de peso, cunhada na face anterior com alguma imagem significativa da idade de ouro e na parte posterior o nome do inventor da máquina com o título tirado da quarta écloga de Virgílio: QVO FERREA PRIMVM DESINET AC TOTO SVRGET GENS AVREA MVNDO.

A terceira máquina deve estar disposta a exercer o papel de uma mulher conforme a imaginada, em parte, pelo conde Baldassar Castiglione,[20] que descreveu o seu conceito no livro *Il Cortegiano* (*O cortesão*) e em parte por outros, que falaram sobre isso em vários escritos encontradiços sem grande dificuldade, e que deverão ser consultados e seguidos, como também o do conde. Nem mesmo a invenção dessa máquina deverá parecer impossível aos homens do nosso tempo, quando pensem em Pigmalião, que em tempos antiquíssimos e distantes das ciências, pôde fabricar a esposa com as próprias mãos; ela foi considerada a mulher mais perfeita que já existiu até o presente. Concede-se ao autor dessa máquina uma medalha de ouro de quinhentos cequins em cuja face anterior será cunhada a fênix árabe de Metastásio, pousada sobre uma planta de espécie européia,[21] e na outra estará escrito o nome do premiado com o título: INVENTOR DAS MULHERES FIÉIS E DA FELICIDADE CONJUGAL.

A Academia decretou que as despesas que ocorrerem para esses prêmios sejam suplementadas com tudo o que for encontrado na bolsa de Diógenes, secretário dessa Academia, ou com um dos três asnos de ouro que foram de três acadêmicos silógrafos, isto é, de Apuleio, de Firenzuola e de Maquiavel: todo esse patrimônio chegou aos silógrafos por testamento dos supracitados, conforme se lê na história da Academia.

DIÁLOGO DE UM DUENDE E UM GNOMO[22]

DUENDE: Oh! Tu por aqui, filho de Sabácio? Aonde vamos?

GNOMO: Meu pai me mandou para saber o que, diacho, estão maquinando esses tratantes desses homens; está sem saber por que há um bom

tempo não nos perturbam e em todo o nosso reino não se vê nenhum deles. Duvida de que não lhe estejam preparando algo de muito grande contra, a menos que tenha voltado o uso de comprar e vender ovelhas em lugar de ouro e prata; ou ainda se os povos civilizados se tenham contentado com cédulas em vez de moeda, como já fizeram tantas vezes, ou de contas de vidro como os bárbaros, suspeita mesmo que foram revigoradas as leis de Licurgo, o que lhe parece menos provável.

DUENDE: Vós os esperais em vão: estão todos mortos, dizia o fim de uma tragédia onde morriam todas as personagens.

GNOMO: O que queres inferir?

DUENDE: Quero inferir que os homens estão todos mortos e que a raça humana está perdida.

GNOMO: Oh! Este é um caso de jornal. Mas mesmo até aqui não se viu um que fale disso.

DUENDE: Seu tolo, pensas que estando mortos os homens se publiquem mais jornais?

GNOMO: Ah! Isso é verdade. Pois como faremos para saber as notícias do mundo?

DUENDE: Que notícias? Que o sol saiu e se pôs, que faz frio ou calor, que aqui ou ali choveu, nevou ou ventou? Porque quando faltam os homens, a sorte tira a venda dos olhos, põe os óculos e, pendurando a roda num gancho, fica sentada de braços cruzados, observando as coisas do mundo sem pôr mais as mãos nelas; não se encontram mais reinos nem impérios que se encham e estourem como bolhas, porque estão todos encobertos: não se fazem guerras, e todos os anos se parecem uns com os outros como os ovos.

GNOMO: Nem mesmo se poderá saber em que dia do mês estamos, porque não se imprimirão mais calendários.

DUENDE: Não será um grande mal, porque a lua não cairá na estrada por causa disso.

GNOMO: E os dias da semana não terão mais nome.

DUENDE: O quê? Estás com medo de que, se não os chamares pelo nome, não venham? Ou talvez pensas que, depois de passados, poderá fazê-los voltar atrás, só por chamá-los?

GNOMO: E não se poderão contar os anos.

DUENDE: Assim passaremos por jovens, mesmo depois de muito tempo; e não contando a idade passada nos cansaremos menos e quando ficarmos velhinhos não esperaremos a morte, dia a dia.

GNOMO: Mas como foram sumir esses moleques?

DUENDE: Uns guerreando entre si, outros navegando, comendo-se uns aos outros, em parte matando-se e não poucos com as próprias mãos, em parte apodrecendo no ócio; alguns consumindo o cérebro nos livros,

muitos empanturrando-se e pondo desordens em mil coisas, enfim, estudando todos os caminhos para ir contra a própria natureza e acabar mal.

GNOMO: De qualquer modo, não consigo compreender como toda uma espécie de animais possa improvisadamente perder a cabeça, como dizes.

DUENDE: Tu, que és mestre em geologia, deverias saber que o caso não é novo e que várias espécies de animais existiam antes e agora desapareceram, salvo poucas ossadas petrificadas; certamente aquelas pobres criaturas não adotaram nenhum dos artifícios que, como eu te dizia, os homens usaram para se perder.

GNOMO: Seja como dizes. Bem gostaria que um ou dois daquela canalha ressuscitasse e também seria bom saber o que pensariam, vendo que as outras coisas ainda duram, apesar de desaparecido o gênero humano, permanecem e procedem como antes, quando se acreditava que todo o mundo fosse feito e mantido só para eles.

DUENDE: E não queriam entender que ele foi feito e sustentado apenas para os duendes.

GNOMO: Tu deliras se falas seriamente.

DUENDE: Por quê? Eu falo bem sério.

GNOMO: Ah! Palhaço, vai vai! Quem não sabe que o mundo foi feito para os gnomos?

DUENDE: Para os gnomos, que estão sempre debaixo da terra? Oh! Essa é a melhor piada que se pode ouvir. O que fazem aos gnomos o sol, a lua, o ar, o mar e os campos?

GNOMO: O que fazem aos duendes as minas de ouro e de prata e todo o corpo da terra, além da primeira pele?

DUENDE: Tudo bem, o que fazem ou não, deixemos essa disputa, porque tenho certeza que também as lagartixas e as moscas acreditam que todo o mundo foi feito exatamente para uso das suas espécies. Porém cada um permaneça com a sua posição, pois ninguém a tirará da cabeça; e de minha parte digo-te somente isto, que se não tivesse nascido duende ficaria desesperado.

GNOMO: O mesmo aconteceria comigo se não tivesse nascido gnomo. Agora saberia com certeza o que diriam os homens com a sua pretensão pela qual entre outras coisas faziam isto e aquilo, enterravam mil braços dentro da terra e nos roubavam, à força, as nossas coisas, dizendo que elas pertenciam ao gênero humano, e que a terra que as escondia e sepultava lá embaixo só o fazia por brincadeira, querendo provar que se eles as encontrassem poderiam levá-las para fora.

DUENDE: É de admirar? Que não só se convenciam de que o mundo tivesse apenas a finalidade de estar a seu serviço mas consideravam que tudo junto, ao lado do gênero humano, era uma ninharia. Porém, aos

seus acontecimentos próprios chamavam revoluções do mundo e às histórias de seus povos histórias do mundo: se bem que se pudessem também enumerar dentro dos limites da terra, tantas espécies diversas não só de criaturas mas de animais, quantas cabeças de homens vivos: porém animais esses criados expressamente para o uso daqueles, jamais perceberam que o mundo se revoltaria.

GNOMO: Também os pernilongos e as pulgas eram feitos para benefício dos homens?

DUENDE: Sim, eram, mas para exercitar-lhes a paciência, como diziam eles.

GNOMO: Na verdade faltar-lhes-ia ocasião de exercitá-la, se não fossem as pulgas.

DUENDE: Mas os porcos, segundo Crisipo,[23] eram pedaços de carne preparada pela natureza especialmente para as cozinhas e as despensas dos homens, e para que não apodrecessem, temperadas com almas em vez de sal.

GNOMO: Creio, ao contrário, que se Crisipo tivesse tido no cérebro um pouco de sal em lugar da alma não teria imaginado um despropósito semelhante.

DUENDE: E também essa é engraçada, que infinitas espécies de animais nunca foram vistas nem conhecidas pelos homens, seus patrões, porque vivem em lugares onde estes nunca puseram os pés ou, por serem tão pequenas que aqueles de nenhum jeito chegavam a descobri-las. E eles não se aperceberam de muitíssimas outras espécies antes dos últimos anos. Coisa semelhante se pode dizer sobre os gêneros de plantas e de mil outros seres. Igualmente, de vez em quando através dos seus telescópios, vislumbravam alguma estrela ou planeta de cuja existência no mundo até agora, por milhares e milhares de anos, jamais tinham sabido; que existisse no mundo de repente inscreviam-no entre os seus utensílios: porque imaginavam que as estrelas e os planetas fossem, por assim dizer, cotos de lanternas plantadas lá em cima, no alto, para iluminar as suas senhorias, que à noite tinham grandes afazeres.

GNOMO: E assim no verão, quando viam cair aquelas chamazinhas que em certas noites descem pelo ar, terão dito que algum espírito andava tirando o toco das estrelas para servir aos homens.

DUENDE: Mas agora que desapareceram todos eles, a terra não sente falta de mais nada; os rios não se cansam de correr, e o mar, ainda que não tenha de servir mais à navegação e ao tráfego naval, não parece secar.

GNOMO: As estrelas e os planetas não deixam de nascer e de se pôr e não se vestiram de luto.

DUENDE: E o sol não pintou o rosto de ferrugem, como fez, segundo Virgílio, pela morte de César; com a qual, creio eu, ele se entristeceu tanto quanto a estátua de Pompeu.[24]

Diálogo de Malambruno e Farfarello[25]

Malambruno:[26] Espíritos do abismo, Farfarello, Ciriatto, Baconero, Astorot, Alichino e como quer que vos chameis: eu vos esconjuro em nome de Belzebu, e vos ordeno pela virtude de minha arte, que pode deslocar a Lua e pregar o Sol no meio do céu: vinde um de vós com a permissão de vosso príncipe e com plenos poderes de usar todas as forças do inferno a meu serviço.

Farfarello: Eis-me aqui!

Malambruno: Quem és?

Farfarello: Farfarello, às tuas ordens.

Malambruno: Trazes mandado de Belzebu?

Farfarello: Sim, trago-o, e posso pôr a teu serviço tudo o que o próprio rei poderia, e mais do que todas as outras criaturas juntas.

Malambruno: Está bem. Tens de satisfazer um desejo meu.

Farfarello: Serás servido. O que queres? Nobreza maior da que tinham os atridas?

Malambruno: Não.

Farfarello: Mais riquezas das que se encontrarão na cidade de Manoa,[27] quando for descoberta?

Malambruno: Não.

Farfarello: Um império grande como o que, dizem, era aquele com que sonhou Carlos V?

Malambruno: Não.

Farfarello: Quer que traga, conforme os teus desejos, uma mulher mais arisca do que Penélope?

Malambruno: Não. Achas que para isso eu precisaria do diabo?

Farfarello: Honrarias e boa sorte para ti, patife como és?

Malambruno: Aliás, precisaria do diabo se quisesse o contrário.

Farfarello: Afinal, o que me ordenas?

Malambruno: Faze-me feliz por um pouco de tempo.

Farfarello: Não posso.

Malambruno: Como não podes?

Farfarello: Em consciência te juro que não posso.

Malambruno: Em consciência de um demônio honesto.

Farfarello: Claro. Faças de conta que existem diabos honestos como os homens.

Malambruno: Mas faças de conta que eu te prendo aqui pelo rabo a uma destas traves, se não me obedeceres já, sem mais palavras.

Farfarello: Podes até matar-me, que eu não posso satisfazer-te no que me ordenas.

Malambruno: Então volta de mal e venha Belzebu em pessoa.

FARFARELLO: Ainda que ele venha com toda a Judeca e todas as Bólgias,[28] não poderá fazer-te feliz nem a ti nem aos outros da tua espécie, mais do que eu.

MALAMBRUNO: Nem mesmo por um único momento?

FARFARELLO: Tanto é impossível por um momento, ou melhor, pela metade ou pela milésima parte, como por toda a vida.

MALAMBRUNO: Mas não podendo fazer-me feliz de modo algum, não te bastaria pelo menos a intenção de libertar-me da infelicidade?

FARFARELLO: Só podes conseguir se deixares de amar-te tanto.

MALAMBRUNO: Só depois de morto, talvez.

FARFARELLO: Mas, em vida, não o pode nenhum ser animado: porque a tua natureza, então, deveria comportar algo muito diferente da que é.

MALAMBRUNO: É isso mesmo.

FARFARELLO: Então, amando-te necessariamente com o maior amor de que és capaz, desejas o mais que podes a própria felicidade, e não conseguindo, nem de longe, ficar satisfeito desse teu desejo, que é o maior de todos, não te resta possibilidade alguma de fugir e de ser feliz.

MALAMBRUNO: Nem mesmo nos tempos em que eu sentir alguma alegria, porque nenhum prazer me fará feliz ou contente.

FARFARELLO: Nenhum de verdade.

MALAMBRUNO: E, mesmo igualando o desejo natural ao da felicidade, que está fixo na minha alma, não será verdadeiro deleite: durante o tempo que ele pode durar não deixarei de ser infeliz.

FARFARELLO: Não deixarás; porque nos outros homens e nos outros vivos a privação da felicidade traz expressa a infelicidade ainda que sem dor ou desgraça alguma, durante o que chamas de prazeres.

MALAMBRUNO: Tanto que, desde o nascimento até à morte, a nossa infelicidade não pode interromper-se por um intervalo, nem mesmo um único instante.

FARFARELLO: Sim; ela cessa sempre que dormires sem sonhar, ou termina por momentos, quando interrompe a consciência dos sentidos.

MALAMBRUNO: Mas jamais porém enquanto sentimos a nossa própria vida.

FARFARELLO: Jamais.

MALAMBRUNO: De modo que, absolutamente falando, o não viver é sempre melhor do que o viver.

FARFARELLO: Se a privação da infelicidade for simplesmente melhor do que a infelicidade.

MALAMBRUNO: Então?

FARFARELLO: Então, se te parecer melhor entregar-me antes do tempo, estou aqui para levá-la.

Diálogo da Natureza e uma Alma[29]

Natureza: Vai, filha minha predileta, que assim serás mantida e chamada por uma grande continuidade de séculos. Vive e sê grande e infeliz.

Alma: Que mal cometi antes de viver, para que me condenes a essa pena?

Natureza: Que pena, filha minha?

Alma: Não me condenas a ser infeliz?

Natureza: Mas, ao mesmo tempo, quero que sejas grande, e não se pode sê-lo sem a outra parte. Além do que, estás destinada a vivificar um corpo humano; e todos os homens por necessidade nascem e vivem infelizes.

Alma: Mas, pelo contrário, seria razoável que tu prouvesses de modo a que eles fossem felizes por necessidade: ou, não podendo fazê-lo, conviria que te abstivesses de pô-los no mundo.

Natureza: Nem uma nem outra coisa está em meu poder, pois estou submetida ao destino, que determina aliás, por qualquer motivo, que nem eu nem tu podemos entender. Ora, como foste criada e feita para informar um ser humano, nenhuma força minha ou alheia é poderosa para livrar-te da infelicidade comum dos homens. Mas além dessa força será necessária uma própria e muito maior, de cuja excelência eu te proporcionei.

Alma: Ainda não aprendi nada, começando a viver agora e daí se segue que eu não te compreendo. Mas, dize-me, a excelência e a infelicidade extraordinárias são, substancialmente, a mesma coisa? Se são duas coisas diversas, não poderias separar uma da outra?

Natureza: Na alma dos homens e, proporcionalmente, na de todas as espécies de animais, pode-se dizer que uma e outra são a única coisa porque a excelência das almas cobre maior intensidade de vida e, por sua vez, implica maior sentimento da própria infelicidade ou que é como se eu dissesse maior infelicidade. De modo semelhante, a maior vida das almas inclui maior eficácia de amor-próprio, para onde quer que ele se incline e se manifeste sob qualquer forma: à maior quantidade de amor-próprio corresponde maior desejo de beatitude, bem inversamente maior insatisfação e tristeza na sua privação e maior dor pelas adversidades que sobrevêm. Tudo isso está contido na ordem primigênia e perpétua das coisas criadas, que eu não posso alterar. Além disso a argúcia do teu próprio intelecto e a vivacidade da imaginação te excluirão de uma grandíssima parte do domínio de ti próprio. Os seres brutos usam todas as suas faculdades e forças com grande agilidade para os fins que se propõem. Mas os homens, raríssimas vezes, aproveitam em causa própria todo o poder que possuem, impedidos comumente pela razão

e pela imaginação, que criam mil dúvidas na deliberação e mil contenções na execução. Os menos aptos ou menos acostumados a ponderar e considerar a si próprios são os mais rápidos em decidir e mais eficazes em agir. Mas as tuas semelhantes, envolvidas continuamente em si mesmas e como que dominadas pela grandeza das próprias faculdades, daí impotentes por si, subjugam-se, a maior parte do tempo, à irresolução, tanto para deliberar como para agir, o que é um dos maiores tormentos que entravam a vida humana. Acrescente-se que, enquanto, pela excelência das tuas disposições, ultrapassares nos conhecimentos mais pesados e nas disciplinas também muito difíceis, facilmente, em pouco tempo, quase todas as outras da tua espécie, não menos te será sempre impossível ou sumamente trabalhoso aprender ou pôr em prática muitíssimas coisas menores em si mas muito necessárias para a comunicação com os outros homens, e verás que eles, ao mesmo tempo, exercitarão perfeitamente e aprenderão sem dificuldade com mil engenhos não só inferiores a ti, mas de todo desprezíveis. Essas e outras infinitas dificuldades e misérias ocupam e envolvem as grandes almas. Mas elas são abundantemente recompensadas pela fama, pelos louvores e honras que a sua grandeza faz frutificar nesses egrégios espíritos, e pela duração da lembrança que eles deixam de si aos seus pósteros.

ALMA: Mas eu receberei do céu, de ti ou de quem mais esses louvores e honras a que te referes?

NATUREZA: Dos homens, porque qualquer outro ser não te pode dar.

ALMA: Agora vê, eu pensava que, não sabendo fazer o que é muito necessário como dizes, ao intercâmbio com os outros homens, e que se torna fácil até aos mais pobres talentos, estaria na iminência de ser vilipendiada bem como louvada pelos homens e também pudesse fugir deles ou, mais certamente, pudesse viver desconhecida de quase todos por ser inábil ao convívio humano.

NATUREZA: Não me é dado prever o futuro, nem pois prenunciar-te infalivelmente o que os homens estão para fazer e pensar em relação a ti, enquanto estiveres sobre a terra. É bem verdade que da experiência do passado eu infiro, como o mais verossímil, que eles devem perseguir-te com a inveja; outra calamidade habitualmente vai contra as almas excelsas, ou seja, estão sempre a oprimi-las com o desprezo e a negligência. Além do que, a própria sorte e o próprio destino costumam ser inimigos das tuas semelhantes. Mas logo depois da morte, como aconteceu ao chamado Camões ou a alguém mais que virá daqui a alguns anos, como ocorre a outro, conhecido por Milton,[30] serás celebrada e elevada ao céu, não direi por todos, mas, quando mais não seja, pelo pequeno número de homens de bom senso. E talvez as cinzas da pessoa em que habitarás repousarão em magnífica sepultura e as suas feições imitadas de diversos

modos estarão entre as mãos dos homens, descritas por muitos e os fatos da sua vida transmitidos com grande esforço através da memória; por último, todo o mundo civilizado estará repleto de seu nome. A menos que, pela malignidade da sorte ou pela própria superabundância das tuas faculdades, não estejas impedida de mostrar aos homens algum sinal discreto do teu valor; do qual, na verdade, não faltam muitos exemplos, conhecidos apenas por mim e pelo destino.

ALMA: Minha mãe, apesar de ainda não possuir outros conhecimentos, sinto contudo que o maior, aliás o único, desejo que me deste é o da felicidade. E, posto que não seja capaz de almejar a glória, com certeza venha por outros caminhos a cobiçar este não sei se bem ou mal, qual seja, a felicidade ou a utilidade de conquistá-la. Agora, segundo as tuas palavras, a excelência com que me dotaste bem poderá ser necessária ou proveitosa para conseguir a glória; porém não leva à beatitude, ou melhor, arrasta violentamente à infelicidade. Nem mesmo é crível que a própria glória me conduza à morte; depois que ela vier, que utilidade ou alegria me poderão proporcionar ou maiores bens do mundo? E, por último, pode facilmente acontecer que, como dizes, essa glória tão inapreensível, preço de tanta infelicidade, de modo algum me atinja, mesmo depois da morte. Assim, pelas tuas próprias palavras concluo que, ao invés de amar-me singularmente, como afirmavas no princípio, me tens ódio e malevolência maiores do que os homens e a sorte, enquanto eu estiver no mundo; pois não duvidaste em dotar-me de tão calamitoso dom que é esta excelência de que tanto te jactas. Ela será um dos principais obstáculos que me impedirão de atingir a minha única intenção, isto é, a felicidade.

NATUREZA: Filha minha, todas as almas dos homens, como te dizia, estão condenadas à infelicidade, não por minha culpa. Mas na universal miséria da condição humana e na infinita vaidade de todo o seu prazer e proveito a glória é julgada pela melhor parte dos homens, como o maior bem concedido aos mortais e o mais digno objeto que eles podem proporcionar aos seus cuidados e às suas ações. Daí, não por ódio, mas por verdadeira e especial benevolência que te infundi deliberei oferecer-te, para conseguir essa finalidade, todos os subsídios que estavam ao meu alcance.

ALMA: Dize-me: dentre os seres brutos que mencionaste, porventura existe algum dotado de menor vitalidade e sentimento do que os homens?

NATUREZA: Começando pelos vegetais, todos, uns mais, outros menos, são inferiores ao homem, que tem maior abundância de vida e maior sentimento do que qualquer outro animal, por ser de todos os seres vivos o mais perfeito.

ALMA: Então, aloja-me, se me amas, no mais imperfeito: ou, se não podes fazê-lo, despoja-me dos funestos dotes que me enobrecem e faze-me conforme ao mais estúpido e insensato espírito humano que algum dia produziste.

NATUREZA: Posso satisfazer-te dessa última condição e vou fazê-lo, porque recusas a imortalidade, em direção da qual te havia enviado.

ALMA: E em troca da imortalidade peço-te que aceleres a morte o mais que possas.

NATUREZA: Sobre isso tenho de consultar os fados.

DIÁLOGO DA TERRA E A LUA[31]

TERRA: Querida Lua, sei que podes falar e responder, por seres uma pessoa, conforme ouvi muitas vezes dos poetas: além de que as nossas crianças dizem que tens boca, nariz e olhos de verdade, como todas elas os vêem com os seus próprios olhos: nessa idade, com razão, eles devem ser agudíssimos. Quanto a mim, não duvido que não saibas que sou, nem mais nem menos, uma pessoa, tanto que, quando era mais jovem, tive muitos filhos:[32] assim, não te espantarás de ouvir-me falar. Então, minha bela Lua, apesar de ter estado tão próxima de ti por tantos séculos, de cujo número não me lembro, jamais te dirigi a palavra até agora, porque os afazeres me mantiveram tão ocupada, que não me sobrava tempo para conversar. Mas hoje que meus negócios se reduziram a pouca coisa, ou melhor, que posso dizer que já caminham com os próprios pés, não sei mais o que fazer, e morro de tédio: mas no futuro pretendo falar sempre contigo e ocupar-me muito dos teus casos, quando não seja com os teus aborrecimentos.

LUA: Não tenhas dúvida. Assim me salve a sorte de outros incômodos como estou certa de que não me causarás males. Se quiseres falar comigo faze-o à vontade, pois ainda que amiga do silêncio, como creio que saibas, te ouvirei e responderei com prazer para prestar-te um favor.

TERRA: Ouves esse som agradabilíssimo que fazem os corpos celestes com seus movimentos?

LUA: Para dizer-te a verdade, não ouço nada.

TERRA: Nem eu tampouco, além do rumor do vento, que vai dos meus pólos ao equador e deste a eles e que demonstra nada conhecer de música. Mas disse Pitágoras que as esferas celestes têm um som tão doce que é uma beleza, e que também tu tens a tua parte; és a oitava corda desta lira universal, que eu ensurdeci com o próprio som e não consigo ouvir.

LUA: Também eu sou surda e, como disse, não ouço, não sabendo que sou uma corda.

TERRA: Então mudemos de assunto. Dize-me: tu és povoada de verdade, como afirmam e juram mil filósofos antigos e modernos, desde Orfeu até a De la Lande?[33] Mas eu, por mais que estique estes meus cornos que os homens chamam montes e picos, com a ponta dos quais como um caracol venho observando-te, não chego a descobrir em ti nenhum habitante, se bem que ouço dizer que um tal Davi Fabrício,[34] que via melhor do que Linceu, descobriu, certa vez, alguns deles que penduravam as roupas ao sol.

LUA: Não sei o que dizer dos teus cornos. O fato é que sou habitada.

TERRA: De que cor são homens?

LUA: Que homens?

TERRA: Aqueles que te habitam. Não dizes que és habitada?

LUA: Sim, e daí?

TERRA: E daí que não serão só animais os teus habitantes.

LUA: Nem animais nem homens, pois não sei que espécie de criaturas são uns ou outros. E já das muitas coisas que me vens assinalando, a propósito, como eu calculo, dos homens não compreendi patavina.

TERRA: Mas que espécie de povos são esses?

LUA: Muitos e diferentíssimos que não conheces como eu desconheço os teus.

TERRA: Isso me parece talmente estranho que, se não ouvisse de ti mesmo não acreditaria por nada deste mundo. Tu jamais foste conquistada por alguns dos teus?

LUA: Não, que eu saiba. Como? E por quê?

TERRA: Por ambição, por cobiça de outrem, com as artes políticas ou com as armas.

LUA: Não sei o que quer dizer armas, ambição, artes políticas, em suma, nada do que dizes.

TERRA: Certamente, se não as armas, pelo menos conheces a guerra, porque há pouco um físico daqui[35] com uns telescópios, que são instrumentos feitos para ver de muito longe, descobriu aí uma bela fortaleza com seus bastiões eretos, o que é sinal de que a tua gente se serve, senão de outra coisa, dos assédios e das batalhas murais.

LUA: Perdoa-me, senhora Terra, se eu te responder um pouco mais livremente do que conviria a uma súdita ou criada como sou. Na verdade tu me pareces pior do que uma néscia, em pensar que todas as coisas em qualquer parte do mundo sejam semelhantes às tuas, como se a natureza tivesse tido a intenção de copiar-te, ponto por ponto, em todos os lugares. Eu digo que sou habitada e tu daí concluis que os meus habitantes devam ser homens. Advirto-te que não são e tu, concordando que sejam outras criaturas, não duvidas que tenham as mesmas qualidades e os mesmos problemas dos teus povos, argumentando com os telescópios de não

sei que físico. Mas se eles não vêem melhor em outras coisas, creio que têm a boa vista de tuas crianças que descobrem em mim os olhos, a boca e o nariz, que eu não sei onde os tenha.

TERRA: Então não será também verdadeiro que as tuas províncias sejam equipadas com estradas largas e limpas, e que és cultivada: coisas que, da Alemanha, pegando-se um telescópio, vêem-se claramente.

LUA: Não me dou conta de que seja cultivada e não vejo as minhas estradas.[36]

TERRA: Querida Lua, tens de saber que sou de massa grossa e de cérebro redondo e não é de espantar que os homens se enganem facilmente. Mas eu te posso dizer que se os teus não se preocupam em conquistar-te, tu nem sempre estiveste a salvo: porque, em tempos diversos, muitas pessoas daqui puseram na cabeça conquistar-te, para o que muito se prepararam. E também, subindo em lugares altíssimos colocando-se nas pontas dos pés e estendendo os braços, não puderam chegar a ti. Além disso, já há não poucos anos vejo espiarem minuciosamente cada canto teu, desencavarem os mapas das tuas regiões, medirem as alturas desses montes dos quais sabemos os nomes. Pela boa vontade que tenho contigo, pareceu-me por bem advertir-te dessas coisas, a fim de que não deixes em todo caso de tomar as tuas providências. Agora, falando de outra coisa, como foste incomodada pelos cães que latem contra ti? O que pensas daqueles que te mostram uma outra lua no poço? És mulher ou homem? Porque, antigamente, sobre isso as opiniões eram diversas.[37] É verdade ou não que os árcades vieram ao mundo antes de ti?[38] Que as tuas mulheres, ou como quer que eu deva chamá-las, são ovíparas? E que um de seus ovos caiu aqui embaixo não sei quando? Que és furada como as continhas de um terço, segundo a crença de um físico moderno?[39] Que és feita, segundo afirmam alguns ingleses, de queijo fresco?[40] Que Maomé, um dia ou uma noite, te partiu ao meio, como uma melancia, e que um bom pedaço do teu corpo escorregou-lhe pela manga adentro? Como te sentes à vontade em cima dos minaretes? O que achas da festa de bairam?[41]

LUA: Continua, pois enquanto vais assim não tenho motivo para responder-te e de quebrar o meu silêncio habitual. Se gostas de distrair-te com prosa fiada e só tens esses assuntos, ao invés de dirigir-te a mim que não posso compreender-te, seria melhor que mandasses os homens fabricarem um outro planeta que gire em torno de ti e que seja composto e habitado a teu modo. Só sabes falar de homens, cães e de coisas semelhantes das quais tenho tantas notícias quantas daquele Sol imenso ao redor do qual ouço dizer que gira o nosso.

TERRA: É verdade, quanto mais me proponho abster-me de tocar em assuntos sérios, menos consigo realizar, ao falar-te. Mas, de agora em

diante tomarei mais cuidado. Dize-me: és tu que passas o tempo a jogar para o alto a água do mar e depois deixá-la cair?

LUA: Pode ser. Mas, posto que eu provoque esse ou outro qualquer efeito sobre ti, não o percebo: do mesmo modo como tu, pelo que penso, não te dás conta do que provocas aqui: efeitos que devem ser tão maiores do que os meus quanto me superas em grandeza e força.

TERRA: Dos efeitos que provoco, na verdade, só sei que às vezes tiro-te a luz do Sol, e tu de mim; sei ainda que ilumino imensamente as tuas noites e, de vez em quando, chego a vê-las.[42] Mas estava me esquecendo de algo que importa mais do que tudo. Gostaria de saber se, verdadeiramente, conforme escreve Ariosto, tudo o que o homem perde, isto é, a juventude, a beleza, a saúde, os trabalhos e os custos que se têm com os bons estudos para receber as honrarias alheias, ao orientar as crianças nos bons costumes, ao realizar ou promover as instituições úteis, tudo sobe e se reúne aí de modo que aí se encontram todas as coisas humanas, fora a loucura que nunca abandona os homens. No caso de ser verdade, calculo que estejas tão ocupada, que não te sobre mais nenhum espaço: especialmente nos últimos tempos, os homens perderam muitíssimas coisas (por exemplo o amor-pátrio, a virtude, a magnanimidade e a retidão) não só parcialmente, um ou outro, mas, como antes, todos e inteiramente. Por certo, não creio que se possam achar essas coisas em outro lugar. Porém, gostaria que fizéssemos juntas uma convenção, onde tu me devolvesses de presente, aos poucos, todas elas. Do que eu penso que tu mesma gostarias de ser aliviada, principalmente do juízo que julgo ocupar aí um grandíssimo espaço: eu faria que os homens te pagassem uma boa soma em dinheiro.

LUA: Volto aos homens, e apesar de a loucura, como afirmas, não sair dos teus confins queres, a todo custo, me enlouquecer e me tirar o juízo, ao procurar o dos outros, que eu não sei onde está, nem se vai ou fica em parte alguma do mundo. Sei bem que aqui não se encontra, assim, como tudo o que pedes.

TERRA: Ao menos me saberás dizer se aí estão em uso os vícios, os malfeitos, os infortúnios, as dores, a velhice, enfim, os males? Entendes esses nomes?

LUA: Ah, esses sim, compreendo! Não só os nomes mas as coisas significadas conheço-as muito bem, porque estou repleta delas no lugar das que mencionaste.

TERRA: O que prevalece nos teus povos, as virtudes ou os defeitos?

LUA: Os defeitos, sobejamente.

TERRA: Tens maior quantidade de bens ou de males?

LUA: De males. Sem comparação.

TERRA: Em geral, os teus habitantes são felizes ou não?

LUA: Tão infelizes que eu não me trocaria com o mais afortunado deles.

TERRA: Aqui é a mesma coisa, por isso espanto-me como, sendo tão diferente nas outras coisas, nessa és tão parecida comigo.

LUA: Também na forma da rotação, e no fato de ser iluminada pelo Sol somos semelhantes; e não há espanto maior do que este: porque o mal é coisa comum a todos os planetas do universo ou pelo menos deste mundo solar, como a rotundidade e o resto de que falei, nem mais nem menos. E se pudesses elevar a voz tão alto a ponto de seres ouvida por Urano ou Saturno, ou por qualquer outro cometa do nosso mundo, e os interrogasses se neles existe a infelicidade, se os bens prevalecem sobre os males ou cedem a eles, cada um te responderia como eu. Digo isso porque perguntei as mesmas coisas a Vênus e a Mercúrio, com os quais, de quando em quando, me acho mais próxima do que de ti; também interroguei alguns planetas que passaram perto de mim: e todos me responderam igualmente. E penso que o próprio Sol e todas as estrelas responderiam do mesmo modo.

TERRA: Com tudo isso tenho uma grande esperança: hoje, em especial, os homens me prometem muitas felicidades para o futuro.

LUA: Aguarda como julgares melhor: e eu te prometo que poderás esperar eternamente.

TERRA: Sabes o que é? Estes homens e estes animais fazem barulho, porque no lugar de onde falo é noite, como vês, ou melhor, não vês: todos dormem e com o rumor que fazemos falando, despertam com muito medo.

LUA: Mas aqui neste lugar, como vês, é dia.

TERRA: Agora não quero ser causa de espanto da minha gente e cortar o seu sono, que é o maior bem que eles têm. Mas tornaremos a falar-nos noutra oportunidade; então, adeus e bom-dia.

LUA: Adeus e boa-noite.

A APOSTA DE PROMETEU[43]

NO ANO 830.275 do reino de Júpiter, o colégio das Musas imprimiu e mandou pendurar nos lugares públicos da cidade e dos burgos de Hipernéfelo[44] diversos cartazes, em que convidava todos os Deuses maiores e menores e os outros habitantes da referida cidade que, na época ou mais antigamente, tivessem inventado algo louvável, a apresentá-lo realizado, em desenho ou por escrito, a alguns juízes deputados desse colégio. E, desculpando-se pela sua conhecida pobreza e não podendo mostrar-se tão liberal quanto queria, prometeu como prêmio àquele cuja

descoberta fosse julgada a mais bela, ou a mais proveitosa, uma coroa de louro, com o privilégio de poder ser usada na cabeça, de dia e de noite, em particular ou em público, na cidade ou fora dela. Poderia ainda ser pintado, esculpido, entalhado, carregado em cortejo ou desenhado de qualquer modo e em qualquer matéria com aquela coroa ao redor da cabeça.

A esse prêmio concorreram não poucos Deuses, por passatempo: coisa não menos necessária aos habitantes de Hipernéfilo do que aos de outras cidades. Sem nenhuma cobiça por aquela coroa, que em si não valia o preço de um barrete de pano e, quanto à glória, se os homens, desde que se fizeram filósofos a desprezam, pode-se imaginar a estima que por ela têm os Deuses, tão mais sapientes do que os homens, isto é, sábios segundo Pitágoras e Platão. Para tanto, e até então inédito em semelhantes casos de recompensas propostas aos maiores merecedores, esse prêmio foi adjudicado sem intervenção, solicitação nem favores, promessas ocultas ou artifícios: três foram os vencedores: Baco pela invenção do vinho, Minerva pela do óleo, necessário às unções de que os Deuses fazem uso cotidianamente depois do banho, e Vulcão por ter encontrado uma panela de cobre considerada econômica, que serve para cozinhar tudo rapidamente e com pouco fogo. Assim, devendo-se dividir em três partes, ficava a cada um um raminho de louro, mas os três recusaram a parte como o todo, porque Vulcão alegou que, estando a maior parte do tempo na fornalha com grande trabalho e suor, lhe seria importuníssimo aquele estorvo na fronte, além do perigo de ser chamuscado ou queimado, se por acaso alguma faísca, pegando naquelas folhas secas, lhes ateasse fogo. Minerva disse que, tendo de manter na cabeça um elmo suficientemente pesado para cobrir um exército inteiro de cem cidades, como escreve Homero, não convinha a ela aumentar, de modo algum, esse peso. Baco não quis mudar sua mitra e a sua coroa de folhas de uva pela do louro, se bem que teria aceito com prazer se lhe fosse permitido pô-la como insígnia do lado de fora de sua taverna. Mas as Musas não consentiam em oferecê-la para essa finalidade, de maneira que a coroa permaneceu no patrimônio comum.

Nenhum dos competidores candidatos a esse prèmio invejou os três Deuses, que o tinham conseguido e recusado, nem reclamaram dos juízes ou condenaram a sentença, com exceção de um, Prometeu, considerado *hors concours* com o modelo da Terra, que fizera e adotara para formar os primeiros homens e o acréscimo de uma declaração escrita das qualidades e funções do gênero humano, que ele tinha achado. Causa não pouco espanto o desagrado demonstrado por Prometeu, que não tinha sido levado a sério por nenhum dos outros, vencedores e vencidos: por isso, investigando-se as suas razões, soube-se que ele desejava com efeito não a

honra mas tão-somente o privilégio que lhe teria sido concedido com a vitória. Alguns pensavam que ele pretendesse usar o louro para defender-se das tempestades, conforme se conta de Tibério, que sempre que ouvia os trovões colocava-o sobre a cabeça por julgar que o louro não fosse atingido pelos raios.[45] Mas na cidade de Hipernéfelo não cai raio nem troveja. Outros, mais provavelmente, afirmam que Prometeu, pela ação dos anos, começa a perder os cabelos, desventura essa que suporta, como acontece a muitos de muito má vontade e, não tendo lido as louvações da calvície escritas por Sinésio,[46] ou não se persuadindo com elas, o que é mais crível, queria esconder sob o diadema a nudez da cabeça, tal como César, o ditador.

Mas para voltar ao fato, um dia entre outros Prometeu e Momo[47] refletiam juntos: aquele contestava asperamente sobre a preferência do vinho, do óleo e da panela ao gênero humano, que dizia ser a melhor obra dos imortais que surgiria no mundo. E como lhe parecesse não convencer suficientemente a Momo, que aduzia desconhecidas razões em contrário, propôs-lhe descerem os dois juntos à Terra e parar, por acaso, no primeiro lugar que numa das cinco partes dela descobrissem habitações humanas. Primeiro concordaram ambos com a seguinte aposta: se nas cinco partes da Terra ou na maior parte delas encontrassem ou não manifestos argumentos de que o homem é a mais perfeita criatura do universo, seria estabelecido um preço para o ganhador. Aceito por Momo o desafio, começaram sem demora a descer em direção a ela. Dirigiram-se primeiramente ao novo mundo por ser ele, pelo próprio nome, o lugar que mais estimulava a curiosidade e por não ter nenhum dos imortais, até então, posto nele o pé. Desceram no país de Popayán,[48] lado setentrional, próximo ao rio Cauca, num lugar em que apareciam muitos sinais de habitação humana: vestígios de cultura pelo campo, muitas veredas interrompidas em vários pontos e na maior parte entulhos, árvores cortadas e tombadas, algo que parecia particularmente com sepulturas e, de quando em quando, alguns ossos de homens. Nem por isso puderam os dois entes celestiais, aguçando os ouvidos e arregalando os olhos, ouvir uma voz ou vislumbrar uma sombra de ser vivo pelas redondezas. Andaram caminhando e voando por uma distância de muitas milhas, passando por montes e rios, encontrando por toda a parte os mesmos sinais e a mesma solidão. Como estão agora desertas essas regiões, dizia Momo a Prometeu, que no entanto mostram evidências de terem sido habitadas? Prometeu lembrava as inundações dos mares, os terremotos, os temporais, as chuvas transbordantes que ele sabia serem comuns nas regiões quentes; e, na verdade, ao mesmo tempo, ouviam, de todos os bosques vizinhos, que os ramos das árvores agitados pelo ar estilavam continuamente água. Momo também não podia compreender

como aquela região pudesse estar sujeita às inundações do mar, que tão distante dali não aparecia de lado nenhum; e menos entendia por que razão os terremotos, os temporais e as chuvas pudessem destruir todos os homens do lugar, poupando os jaguares, os macacos, os formigueiros, as águias, os papagaios e as cem outras espécies de animais terrestres e voadores que andavam por aquelas redondezas. Finalmente, descendo num vale imenso, descobriram, por assim dizer, um pequeno aglomerado de casas ou cabanas de madeira, cobertas com folhas de palmeira e cada uma fechada por uma cerca de paus: na frente de uma delas estavam muitas pessoas em pé, outras sentadas ao redor de um recipiente de barro sobre uma grande fogueira. Aproximaram-se os dois Deuses sob a forma humana e Prometeu, saudando a todos cortesmente, voltou-se para um, que mostrava sinais de ser o mais importante, e lhe perguntou: o que estais fazendo?

Selvagem: Como vês, estamos comendo.

Prometeu: Que boa comida tendes?

Selvagem: Um pouco de carne.

Prometeu: Carne doméstica ou selvática?

Selvagem: Doméstica, isto é, de meu filho.

Prometeu: Teu filho é um vitelo como o de Pasífae?[49]

Selvagem: Não um vitelo mas um homem como todos os outros.

Prometeu: Estás falando sério? Comes a tua própria carne?

Selvagem: A minha própria não mas a desse daí, porque só para essa finalidade eu o pus no mundo e cuidei de alimentá-lo.

Prometeu: Com o propósito de comê-lo?

Selvagem: Por que te espantas? E a mãe também, que já não deve ser boa para fazer outros filhos, estou pensando em comer logo!

Momo: Como se come a galinha depois dos ovos!

Selvagem: E as outras mulheres que eu mantenho, como são inúteis para ter filhos vou comê-las do mesmo modo. E esses meus escravos que vedes, por acaso os manteria vivos se não fosse para que tivessem filhos e de vez em quando eu os pudesse comer? E quando envelhecerem, se eu viver, os comerei também, um a um.[50]

Prometeu: Dize-me: esses escravos são da tua nação ou de outra?

Selvagem: De uma outra.

Prometeu: Muito longe daqui?

Selvagem: Longíssimo: tanto que entre a casa deles e as nossas corria um ribeirão.

E, indicando uma pequena colina, acrescentou: eis ali o lugar onde ela estava, mas os nossos destruíram-na.[51] Nisso pareceu a Prometeu que uns quantos deles estivessem a olhá-lo com uma expressão talmente amorosa, como a de um gato e a de um camundongo: assim, para não ser comido

pelas suas próprias criaturas levantou vôo rapidamente e Momo com ele; e foi tão grande o temor que tiveram um e outro que, ao partir, estragaram a comida dos bárbaros com aquela espécie de sujeira que as harpias vomitavam por inveja sobre as mesas troianas. Mas aqueles mais famélicos e menos rudes do que os companheiros de Enéias continuaram a sua refeição. E Prometeu muito mal satisfeito com o mundo novo voltou-se incontinenti ao mais velho, quer dizer, à Ásia: depois de transcorrido subitamente o intervalo entre as novas e as antigas Índias, ambos desceram em Agra[52] num campo repleto de um povo imenso, reunido em torno de um fosso cheio de lenha. De um lado, viam-se alguns homens com tochas prestes a pegar fogo, e do outro, sobre um estrado, uma jovem mulher, coberta de roupas suntuosíssimas e de todo o tipo de ornamentos barbáricos, dançava e vociferava, dando sinal de grandíssima alegria. Ao presenciar esse espetáculo Prometeu imaginava estar vendo uma nova Lucrécia ou Virgínia[53] ou qualquer rival das filhas de Erecteu, de Ifigênia, de Codro, de Meneceu, de Cúrcio e de Décio,[54] a qual, seguindo a fé de algum oráculo, se imolasse voluntariamente pela pátria. Compreendendo depois que a razão do sacrifício da mulher era a morte do marido pensou que aquela, pouco diferente de Alceste,[55] quisesse resgatar o espírito dele com o preço de si mesma. Mas ficou sabendo que ela tinha sido induzida a queimar-se, não só porque era costume das mulheres viúvas de sua seita, mas porque sempre odiara o marido, estava bêbada, e o morto, em troca da ressurreição tinha de ser queimado no mesmo fogo. Voltando rapidamente as costas àquele espetáculo tomou o caminho da Europa e, enquanto andavam, teve com o seu companheiro este diálogo:

MOMO: Terias tu pensado, ao roubar com um enorme perigo, o fogo do céu para transmiti-lo aos homens, que eles se prevaleceriam desse para cozinhar uns aos outros na panela, ou queimarem-se espontaneamente?

PROMETEU: Certamente que não. Mas considera, caro Momo, que aqueles que vimos até agora são bárbaros e por estes não se deve julgar a natureza dos homens, e sim, pelos civilizados, aos quais iremos em seguida; tenho a certeza de que, entre eles, veremos e ouviremos coisas e palavras que te parecerão dignas não só de louvor mas de admiração.

MOMO: Por mim não vejo em que os homens sejam o mais perfeito gênero do universo, porque seja necessário só por não serem civilizados que se queimem entre si e comam os próprios filhos, uma vez que os animais, que são todos bárbaros, nem por isso se destroem pelo fogo, exceto a fênix, que aliás não existe, raríssimos consomem algum semelhante, e muito mais raros os que comem os próprios filhos por algum insólito incidente e não por tê-los gerado com esse objetivo. Nota também que das cinco partes do mundo uma única e não inteira, e incompa-

rável em grandeza a qualquer outra das quatro, é dotada da civilização que louvas; acrescentem-se algumas pequenas porções de outras partes do mundo.[56] E tu mesmo não vás dizer que essa civilização seja completa, do mesmo modo que, hoje em dia, são civilizados os homens de Paris ou de Filadélfia, dotados, em geral, de todo o apefeiçoamento conveniente à sua espécie. Ora, para chegar ao atual estado de civilização ainda não perfeita, quanto tempo tiveram que sofrer esses povos? Tantos anos quantos se podem enumerar desde a origem do homem até aos tempos mais próximos. E quase todas as invenções de maior necessidade ou proveito para a conquista do estado civil originaram-se não da razão mas de meros acasos: de modo que a civilização humana é mais obra da sorte do que da natureza; e onde esses acasos não ocorreram vemos que os povos ainda são bárbaros, mesmo que tenham tanta idade quanto os civilizados. Então digo eu: se o homem bárbaro mostra ser muito inferior por muitos aspectos a qualquer outro animal, se a civilização que é o oposto da barbárie só é patrimônio, ainda hoje, de uma pequena parte do gênero humano, se, além disso, essa parte não conseguiu chegar de outro modo ao atual estado civil, a não ser depois de uma quantidade inumerável de séculos e por graça máxima do acaso antes de qualquer outra razão, se, por fim, o chamado estado civil ainda não é perfeito, considera um pouco que talvez o teu juízo sobre o gênero humano seria mais verdadeiro se o melhorasses assim, isto é, dizendo que ele é verdadeiramente o mais alto entre os gêneros, como pensas, mas superior na imperfeição mais do que na perfeição, embora os homens, ao falar e ao julgar, confundam continuamente uma com outra, argumentando com certos pressupostos que se forjaram e que os mantêm como verdades palpáveis. Certamente as outras espécies de criaturas desde o princípio foram perfeitíssimas cada uma em si mesma, e ainda quando não estivesse claro que o homem bárbaro, considerado em relação aos outros animais, é o menos bom de todos, eu não me convenço que ser naturalmente imperfeitíssimo no próprio gênero, como parece ser o homem, tenha de ser considerada a maior perfeição de todas as outras. Acrescente-se que a civilização humana tão difícil de obter, e talvez impossível de chegar à realização total, não é tão estável que não possa decair, o que efetivamente aconteceu muitas vezes e com diversos povos que tinham conquistado boa parte dela. Em suma, concluo que se teu irmão Epimeteu[57] levasse aos juízes o modelo que deve ter adotado quando formou o primeiro asno ou a primeira rã, talvez tivesse arrebatado o prêmio que tu não conseguiste. De qualquer maneira eu te concedo com prazer que o homem seja perfeitíssimo se concordares em dizer que a sua perfeição se assemelha à que se atribuía ao mundo por Plotino: dizia ele que o mundo é ótimo e absolutamente perfeito, mas para que ele o seja convém que te-

nha em si, entre outras coisas, todos os males possíveis; e de fato nele se encontra todo o mal que se possa conter. E a esse respeito, talvez, eu concederei igualmente a Leibniz[58] que o mundo presente seja o melhor de todos os mundos possíveis.

Não se duvide que Prometeu não tivesse prontamente resposta de forma distinta, precisa, e dialética a todas essas razões, mas é também certo que não a deu, porque a essa altura se acharam sobre a cidade de Londres: ali desceram e, tendo visto grande multidão acorrer à porta de uma casa particular, entraram nela e confundidos com a multidão encontraram sobre o leito um homem estirado com uma pistola na mão direita, morto com uma ferida no peito; ao lado dele jaziam duas criancinhas. Estavam no quarto muitas pessoas da casa, e alguns juízes as interrogavam enquanto um oficial escrevia.

PROMETEU: Quem são esses desgraçados?

UM EMPREGADO: O meu patrão e os filhos.

PROMETEU: Quem os matou?

EMPREGADO: Ele mesmo.

PROMETEU: Tu queres dizer aos filhos e a ele próprio?

EMPREGADO: Exatamente.

PROMETEU: Mas o que é isso! Alguma imensa desventura deve ter-lhe acontecido!

EMPREGADO: Nenhuma que eu saiba.

PROMETEU: Mas talvez fosse pobre ou desprezado por todos, infeliz no amor ou na corte?

EMPREGADO: Ao contrário, riquíssimo e creio que todos o estimavam; com o amor não se preocupava e na corte recebia muitos favores.

EMPREGADO: Então, como caiu nesse desespero?

EMPREGADO: Por tédio da vida, conforme deixou escrito.

EMPREGADO: E o que fazem esses juízes?

EMPREGADO: Informam-se sobre se o patrão tinha enlouquecido ou não: em caso contrário o seu patrimônio vai por lei ao Estado: e na verdade só se pode fazer que vá.

EMPREGADO: Mas, diga-me, não havia nenhum amigo ou parente com que pudesse deixar essas crianças, ao invés de matá-las?

EMPREGADO: Sim, tinha, e entre outros um que lhe era muito íntimo, a quem recomendou o seu cachorro.

Momo estava para congratular-se com Prometeu sobre os efeitos da civilização e sobre a satisfação que parecia resultar dela em nossa vida, e queria também lembrar-lhe que nenhum outro animal, além do homem, se mata por vontade própria nem apaga por desespero a vida dos filhos: mas Prometeu previu o que viria e, sem preocupar-se em ver as duas partes do mundo que faltavam, pagou-lhe a aposta.

Diálogo de um Físico e um Metafísico[59]

Físico: Eureca, eureca![60]

Metafísico: O que foi? O que achou?

Físico: A arte da longa vida.[61]

Metafísico: Está nesse livro aí que trazes contigo?

Físico: Aqui eu declaro: por esta invenção, se os outros viverem muito tempo, eu viverei, pelo menos, eternamente, quer dizer, conquistarei a glória imortal.

Metafísico: Faz como te digo. Pega uma caixinha de chumbo, fecha dentro dela esse livro, enterra-a antes de morreres, lembra-te de deixar indicado o lugar, de maneira que se possa encontrar, tirar o livro, e então será encontrada a arte de viver feliz.

Físico: E enquanto isso?

Metafísico: Enquanto isso não será bom para ninguém. Eu preferia que ele contivesse a arte de viver pouco.

Físico: Essa já é conhecida há muito tempo e não foi difícil achá-la.

Metafísico: De qualquer maneira prefiro-a à tua.

Físico: Por quê?

Metafísico: Porque se a vida não é feliz, como até agora não foi, é melhor para nós que ela seja breve que longa.

Físico: Ah, isso não, porque a vida é boa em si mesma e todos a desejam e amam-na com naturalidade.

Metafísico: Assim o crêem os homens, mas se enganam, como o vulgo que pensa que as cores são qualidades dos objetos, quando o são da luz. Digo que o homem só deseja e ama a própria felicidade. Mas só ama a vida apenas enquanto a julga instrumento ou sujeito dessa felicidade. Assim, propriamente, vem a estimar esta e não aquela, ainda que, quase sempre, atribui a uma o amor que tem pela outra. Na verdade esse engano e o das cores são naturais. Mas que o amor na vida dos homens não seja natural ou, digamos, não seja necessário, pode-se ver porque, nos tempos antigos muitíssimos escolheram morrer, podendo viver e, em nossa época, outros tantos desejam a morte em muitos casos; alguns se matam com as próprias mãos. Isso não poderia acontecer se o amor pela vida fosse, por si mesmo, próprio à natureza humana. Como é da natureza de todo ser vivo o amor pela própria felicidade, pois antes cair o mundo do que alguém deixar de amá-la e defendê-la a seu modo. Que, pois, a vida não seja um bem em si mesmo espero que tu me proves, com razões físicas, metafísicas ou de qualquer natureza. Para mim, digo que a vida feliz seria um bem sem dúvida, como felicidade, não como vida. Esta, enquanto infeliz é um mal e, dado que a natureza, ao menos a dos homens, implica vida e infelicidade inseparáveis diz tu mesmo o que daí se segue.

FÍSICO: Por favor, deixemos essa matéria, que é demasiado melancólica, e sem sutilezas responde-me sinceramente: não crês que o homem gostaria de viver eternamente, sem a morte? Sem a morte e não só depois de morto, não crês que ele gostaria?

METAFÍSICO: A um pressuposto imaginário responderei com uma lenda: tanto mais que nunca vivi eternamente e não posso falar por experiência própria, além do que, nas lendas, não tenho notícia de pessoas nessas condições. Se Cagliostro[62] estivesse aqui talvez pudesse esclarecer-nos, trazer-nos um pouco de luz, tendo vivido tantos séculos; morreu depois como os outros e não parece que fosse imortal. Direi, pois, que o sábio Quíron, que era deus, com o correr do tempo entediou-se com a vida, pediu licença a Júpiter e morreu.[63] Ora pensa que, se a imortalidade desagrada aos Deuses, o que faria aos homens? Os hiperboreais, povo desconhecido mas famoso, junto aos quais não se pode chegar por terra nem por água, ricos de todos os bens, especialmente de belíssimos asnos com os quais diz-se que faziam estragos, podiam, se não me engano, ser imortais, porque não tinham doenças, trabalhos, guerras, discórdias, carestias, vícios nem culpas: com tudo isso todos morrem, porque, ao cabo de mil anos de vida, mais ou menos, cansados da terra, jogam-se espontaneamente de um certo penhasco ao mar, e aí se afogam.[64] Acrescenta esta outra lenda: os irmãos Bíton e Cléobis, num dia de festa, estando as mulas em descanso, entraram no carro da mãe, sacerdotisa de Juno, e a conduziram ao templo; esta suplicou à deusa que recompensasse a piedade dos filhos com o maior bem que pudesse acontecer aos homens. Juno, ao invés de torná-los imortais, como teria podido e se costumava então, fez que, aos poucos, um e outro fossem morrendo na mesma hora. O mesmo se deu com Agamedes e Trofônio. Depois que acabaram o templo de Delfos instaram a Apolo para que os pagasse. Este respondeu-lhes que desejava satisfazê-los dentro de sete dias; nesse ínterim se divertissem às suas custas. Na sétima noite mandou-lhes um doce sono do qual ainda têm que despertar. Recebendo esse pagamento não pediram outro. Uma vez que estamos nas lendas, eis uma outra em torno da qual vou propor-te uma questão. Sei que hoje os teus pares mantêm como certo que a vida humana, em qualquer região habitada, sob qualquer céu, dura naturalmente, salvo pequenas diferenças, uma mesma quantidade de tempo, considerando cada povo como um todo. Mas algum bom antigo[65] conta que os homens de certas partes da Índia e da Etiópia não vivem além de quarenta anos; quem morre nessa idade é velhíssimo: as meninas de sete anos estão na idade de casar. Este último fenômeno sabemos verificar-se, aproximadamente, na Guiné, no Decan[66] e em outros lugares da zona tórrida. Portanto, pressupondo-se como verdadeiro o que acontece em uma ou mais nações, ou seja, que os homem não pas-

sem regularmente dos quarenta anos, e que isso seja natural, contrariamente ao que se crê acontecer aos hotentotes,[67] por outras razões, pergunto-te se, com respeito a isso, te parece que os referidos povos sejam menos felizes ou mais do que os outros?

Físico: Mais infelizes sem dúvida, pois a morte vem mais cedo.

Metafísico: Mas creio no contrário também por essa causa. Mas não é esse o ponto. Presta um pouco de atenção. Eu negava que a vida pura, isto é, o simples sentimento do próprio ser fosse coisa amável e desejável por natureza. Mas aquilo que talvez mais dignamente tivesse o nome de vida, quer dizer, a eficácia e a riqueza de sensações são naturalmente queridas e cobiçadas por todos os homens: porque qualquer ação ou paixão, mesmo que não seja desagradável ou dolorosa, por ser viva e forte torna-se grata para nós, ainda que falte qualquer outra qualidade. Ora entre homens, cuja vida se consome naturalmente no espaço de quarenta anos, ou seja, na metade do tempo destinado pela natureza aos outros, a existência deles seria duplamente mais viva do que a nossa, pois, devendo crescer e atingir a perfeição e, por outro lado, definhar e fenecer na metade do tempo, as operações vitais da sua natureza em proporção a essa celeridade seriam, a cada instante, o dobro em força do que se passa com os outros. Também as suas ações voluntárias, a mobilidade e a vivacidade extrínsecas corresponderiam a essa maior eficácia. Daí que eles teriam em menor espaço de tempo a mesma quantidade de vida que temos. E essa, distribuindo-se em menor número de anos, bastaria para preenchê-los ou deixaria pequenos períodos de tempo onde não fosse suficiente para um espaço duplo. Os atos e as emoções daqueles, sendo mais fortes e colhidos num circuito menor, seriam suficientes para ocupar e vivificar toda a sua existência; enquanto na nossa muito longa restam espessíssimos e grandes intervalos vazios de ação e de afeição vivas. E, posto que, não o simples ser, mas unicamente ser feliz é o que se aspira, e que a boa ou má sorte de quem quer que seja não se mede pelo número de dias, eu concluo que a vida daqueles povos, tão mais breve quanto menos pobre de prazeres, ou do que com esse nome se chame, poderia sobrepor-se à nossa, e também dos primeiros reis da Assíria, do Egito, da China, da Índia e de outros países, que viveram para voltar às lendas por milhares de anos. Por isso não só não me importa a imortalidade como fico contente em deixá-la aos peixes, que a recebem de Leeuwenhoek,[68] e, menos que sejam comidos pelos homens ou pelas baleias. Mas, ao invés de retardar ou interromper a vegetação do nosso corpo para alongar a vida, como propõe Maupertuis,[69] eu gostaria que pudéssemos acelerá-la de tal modo que a nossa existência se reduzisse ao tamanho da de alguns insetos, chamados efêmeros,[70] dos quais se diz que os mais velhos não passam de um dia e, contudo, morrem bisavós e trisa-

vós. Se assim fosse não sobraria lugar para o tédio. O que pensas dessa idéia?

FÍSICO: Penso que não me convence, e que se amas a metafísica, eu me atenho à física: quer dizer, se tu vês pelo aspecto sutil eu vejo pelo grosso e me contento com isso. Mas sem pôr a mão no microscópio julgo que a vida seja mais bela do que a morte e entrego o pomo àquela, olhando as duas vestidas.

METAFÍSICO: Assim julgo também eu. Mas quando me volta à mente o costume daqueles bárbaros que para cada dia infeliz da sua vida jogavam numa aljava uma pedrinha negra e para cada feliz, uma branca,[71] penso que pequeno número de brancas seria verossímil encontrar nas aljavas de cada pessoa que morresse, para um tão grande número de escuras. E desejo ver-me diante de todas as pedras dos dias que me restam, separá-las e ter a possibilidade de jogar fora todas as negras, afastando-as da minha vida, reservar-me só as brancas, mesmo que eu saiba que não formariam um grande monte e que seriam de um branco turvo.

FÍSICO: Muitos, ao contrário, ainda quando todas as pedrinhas fossem negras e, mais negra do que a pedra de avaliação, gostariam de poder acrescentar-lhes outras da mesma cor, porque asseguram que nenhum cascalho seja tão turvo quanto o último. E essas pessoas, a cujo número eu pertenço, poderão acrescentar efetivamente muitas pedrinhas à sua vida, usando a arte que se expõe neste livro.

METAFÍSICO: Cada um pense e aja conforme o seu talento e também a morte deixará de comportar-se a seu modo. Mas se quiseres, verdadeiramente, agradar aos homens, prolongando-lhes a vida, procura uma arte pela qual sejam multiplicadas em número e em vigor as sensações e ações deles. Desse modo, aumentará propriamente a vida humana e, completando aqueles intervalos ilimitados de tempo nos quais o nosso ser dura mais do que vive, poderás jactar-te de tê-la prolongado. E isto sem andar em busca do impossível ou usar de violência para com a natureza mas sim, ajudá-la. Não te parece que os antigos viviam mais do que nós, dado ainda que, pelos perigos graves e contínuos que costumavam correr, morriam comumente mais cedo? E tu farias grandíssimo benefício aos homens, cuja vida foi sempre, não direi feliz, mas tão menos infeliz quanto mais fortemente agitada e na maior parte dos tempos ocupada, sem dor nem mal-estar; mas cheia de ócio e de tédio, que é o mesmo que dizer vazia, faz julgar verdadeira aquela máxima de Pirro[72] que entre a vida e a morte não há diferença. Se eu acreditasse nisso, juro-te que esta muito me espantaria. Mas afinal a vida deve ser viva, isto é, verdadeira vida, ou a morte a sobrepujará sobremaneira.

Diálogo de Torquato Tasso e seu Gênio Familiar[73]

Gênio:[74] Como vais, Torquato?

Tasso:[75] Bem sabes como se pode estar numa prisão e com desgostos até ao pescoço.

Gênio: Vamos! Depois de ter jantado não é mais tempo de se lamentar. Anima-te e demos um pouco de risada juntos.

Tasso: Não tenho muita disposição. Mas a tua presença e as tuas palavras sempre me consolam. Senta-te aqui ao meu lado.

Gênio: Sentar, eu? Não é coisa fácil a um espírito. Mas eis-me aqui: faz de conta que estou sentado.

Tasso: Ah! Pudesse eu rever minha Eleonora![76] Cada vez que ela me volta à mente sinto um arrepio de alegria que da ponta da cabeça passa até à ponta dos pés, e não fica em mim nervo ou veia que não sejam tocados. Então, pensando nela, reavivam-se em minh'alma algumas imagens e afetos tais que, por aquele pouco tempo, parece-me ser ainda o mesmo Torquato que fui, antes de ter feito experiências com as desgraças e com os homens, pelo que agora choro tantas vezes depois de morto. Na verdade, direi que a prática do mundo e o exercício dos sofrimentos costumam aprofundar e adormecer em cada um de nós aquele primeiro homem que ele fora, que, de quando em vez, desperta por pouco tempo, mas tanto mais raramente quanto se progride em anos; e sempre mais se retira para o nosso íntimo recaindo num sono maior do que antes; até que, enquanto dure a nossa vida, ele morre. Finalmente, me espanto como o pensar em uma mulher tenha tanta força para renovar, por assim dizer, a alma e fazer-me esquecer tantas calamidades. E se não fosse porque não tenho mais esperança de revê-la acreditaria que não perdi a faculdade de ser feliz.

Gênio: O que achas mais doce: ver a mulher amada ou pensar nela?

Tasso: Não sei. Certamente que, quando ela estava presente me parecia uma mulher; distante, assemelhava-se a uma deusa, até hoje.

Gênio: Essas deusas são tão benignas que, quando alguém se aproxima delas suplicando-lhes, de repente, a sua divindade, afastam os raios ao seu redor e os colocam no bolso para não ofuscarem o mortal, que lhes está à frente.

Tasso: Infelizmente, estás dizendo a verdade. Mas não te parece esse o grande pecado das mulheres, que, ao serem postas à prova, parecem muito diferentes da que imaginávamos?

Gênio: Não sei ver a culpa que têm de serem feitas de carne e osso, ao invés de ambrosia e de néctar. O que no mundo tem uma sombra, ou a milésima parte da perfeição que pensas existir nas mulheres? E também me parece estranho que não te espantes com o fato de os homens serem

homens, isto é, criaturas pouco louváveis e pouco amáveis, e não poderem compreender que as mulheres não sejam anjos de fato.

TASSO: Com tudo isso, morro de desejo de revê-la e tornar a falar-lhe.

GÊNIO: Vamos! Esta noite no sonho trá-la-ei à tua presença, bela como a juventude e tão gentil que terás coragem de falar-lhe muito mais franca e habilmente como jamais o fizeras antes: melhor ainda, pegarás sua mão e quando ela te olhar fixamente, porá em teu espírito uma tão grande doçura, que ficarás arrebatado e por todos os dias seguintes, toda vez que te lembrares desse sonho, sentirás o coração palpitar de ternura.

TASSO: Grande consolo! Um sonho em troca da verdade!

GÊNIO: O que é a verdade?

TASSO: Pilatos não o soube mais do que eu.

GÊNIO: Bem, responderei por ti. Sabe que da verdade ao sonho não vai grande diferença senão que este, às vezes, é muito mais bonito e dôce do que ela, que jamais o será.

TASSO: Então tanto vale um prazer sonhado quanto um real?

GÊNIO: Acredito que sim. E mais, tenho notícia de alguém que, quando a mulher amada lhe aparece em doce sonho, por todo o dia seguinte evita encontrá-la e revê-la, pois sabe que ela não resistirá à comparação com a imagem que o sono lhe deixou impressa, e que o real, apagando-lhe da mente o falso, privá-lo-ia do prazer que aquele lhe proporcionou. Mas não sou de condenar os antigos, muito mais solícitos, atilados e talentosos do que tu em relação a toda espécie de divertimento possível da natureza humana, por terem tido o hábito de procurar, de várias maneiras, a doçura e a alegria dos sonhos; nem se pode reprovar a Pitágoras por ter proibido o consumo de favas, por crer que fossem perniciosas à tranqüilidade dos próprios sonhos e capazes de perturbá-los;[77] também se pode desculpar os supersticiosos que, antes de se deitarem, costumavam orar e fazer libações a Mercúrio, condutor dos sonhos, a fim de que ele lhes propiciasse só os alegres; por isso mantinham a sua imagem esculpida em madeira aos pés do leito.[78] Assim, jamais encontrando a felicidade nas horas de vigília, esforçavam-se por ser felizes dormindo. Creio que em parte o conseguissem e que fossem mais bem ouvidos por Mercúrio do que por outros Deuses.

TASSO: Para tanto, uma vez que os homens nascem e vivem pelo único prazer do corpo e da alma, e se, por outro lado, o prazer só e exclusivamente está nos sonhos, conviria que nos determinássemos a viver para sonhar; ao que, na verdade, não me posso sujeitar.

GÊNIO: Já te reduziste e determinaste a isso, pois que vives e te permites viver. O que é o prazer?

TASSO: Não tenho tanta prática dele para poder saber o que seja.

GÊNIO: Ninguém o conhece por prática, mas tão-somente por especulação, pois ele é matéria abstrata e não real; um desejo, não um fato, um sentimento que o homem concebe como pensamento e não como experiência; ou para melhor dizer, um conceito, não um sentimento. Não percebes que durante o tempo de duração de qualquer prazer, embora desejado infinitamente e conseguido com esforço e dificuldades indizíveis, não podendo contentar-te em desfrutar cada momento, estás sempre esperando algo maior e mais verdadeiro que seja o gozo máximo, e ficas perseguindo continuamente nos instantes seguintes esse mesmo prazer? E quase sempre ele termina antes de se alcançar o momento em que te satisfaça, deixando-te apenas a esperança cega de fruir melhor e mais verdadeiramente em outra ocasião, com o consolo de fingir e contar a si próprio o que aproveitaste, transmitindo também aos outros, o que não é só por ambição mas para ajudar-te a convencer-te daquilo que gostarias como se fosse a ti próprio. Porém, quem quer que se permita viver, o faz substancialmente com o fim e o propósito de sonhar apenas, isto é, de acreditar que tem de fruir ou de ter fruído; ambas coisas falsas e fantásticas.

TASSO: Não podem jamais os homens acreditar na fruição presente?

GÊNIO: No momento em que acreditasses aproveitarias de fato. Mas me conta se em algum instante de tua vida te lembras de ter dito com plena sinceridade e convicção: eu gozo a vida? E todos os dias lembras ter feito ou o fazes sinceramente ao afirmar: eu a gozarei? Às vezes com sinceridade menor dirás: eu gozei? Daí que o prazer é sempre passado ou futuro e jamais presente.

TASSO: O que significa que no momento em que se diz ele não existe.

GÊNIO: Assim parece.

TASSO: Também nos sonhos.

GÊNIO: Propriamente falando.

TASSO: Contudo o objeto e o propósito da nossa vida, ainda que não essencial mas único, é o próprio prazer; entendo por prazer a felicidade, que, com efeito, deve ser deleite e deve proceder de qualquer coisa.

GÊNIO: Certíssimo.

TASSO: Daí que a nossa vida sempre em falta com a sua finalidade é, continuamente, imperfeita; segue-se que o viver é, por sua própria natureza, um estado violento.

GÊNIO: Talvez.

TASSO: Talvez eu não consiga ver, mas, então, por que nós vivemos? Quero dizer, por que concordamos em viver?

GÊNIO: O que sei eu disso? Vós, que sois homens, sabereis melhor.

TASSO: Por mim, te juro que não sei.

GÊNIO: Pergunta aos mais sábios de vós e saberás encontrar alguém que te resolva essa dúvida.

TASSO: Assim farei. Mas certamente esta vida que levo é um estado violento: porque, deixando de lado as dores, basta o tédio para matar-me.

GÊNIO: O que é o tédio?

TASSO: Aqui não me falta experiência para satisfazer à tua pergunta. Parece-me que ele seja da mesma natureza do ar, que preenche todos os espaços entre as coisas materiais e todos os vãos contidos em cada uma delas; e no lugar de onde sai um corpo não substituído por outro ele entra imediatamente. Assim todos os intervalos da vida humana interpostos aos prazeres e aos desprazeres são ocupados pelo tédio. No entanto, como no mundo material, segundo os peripatéticos, não se dá vazio algum, em nossa vida não existem espaços vagos a não ser quando a mente por qualquer motivo insere o uso do pensamento. Pelo resto do tempo, a alma considerada em si própria e separada do corpo pode conter alguma paixão, como acontece ao ser que, despojado de todo o prazer e do seu contrário, pode estar cheio de tédio: este também é paixão não diferente da dor e da satisfação.

GÊNIO: Mesmo porque todos os seus deleites são de matéria semelhante à teia: tenuíssima, ralíssima e transparente; por isso, como o ar nela, o tédio penetra naqueles e por toda parte os preenche. Na verdade, não creio que se deva entender o tédio como outra coisa que não o desejo puro de felicidade não satisfeito pelo prazer e não ofendido abertamente pelo desprazer. O desejo, como dizíamos há pouco, nunca é satisfeito; e o prazer propriamente não se acha. De modo que a vida humana, por assim dizer, é composta e tecida em parte de dor e em parte de tédio e só descansa quando cai de uma paixão em outra. E este não é o teu destino particular mas o de todos os homens.

TASSO: Que remédio poderia se usar contra o tédio?

GÊNIO: O sono, o ópio e a dor, sendo esta o mais poderoso de todos, porque o homem, enquanto sofre, não se entedia de modo algum.

TASSO: Em lugar dele eu me contento com o tédio por toda a vida. Mesmo a variação das ações, das ocupações e dos sentimentos apesar de não nos libertar do tédio, porque não nos traz distração verdadeira, alivia-o, tornando-o menos pesado. Nesta prisão, afastado da convivência humana, tendo-me sido tirada a possibilidade de escrever, reduzido a ouvir, como passatempo, os toques do relógio, a enumerar as correntes, as fendas e os carunchos do estrado, a observar o lajeado do chão, a distrair-me com as borboletas e com as moscas que voam ao redor da cela, a passar todas as horas do mesmo modo, nada tenho que me diminua ao menos em parte o peso do tédio.

GÊNIO: Dize-me, há quanto tempo te reduziste a essa forma de vida?

TASSO: Há muitas semanas, como sabes.

GÊNIO: Desde o primeiro dia até o presente, não sentiste nenhuma diferença no mal que ela te trouxe?

TASSO: Certo que ele era maior no princípio, porque aos poucos a mente desocupada e descuidada de outras coisas foi-se acostumando a conversar consigo mesma cada vez mais e com maior entretenimento do que antes. Conquistando o hábito e a virtude de falar consigo mesma, ou melhor, de tagarelar, muitas vezes pareceu-me ter a companhia de pessoas sensatas, que estejam pensando; e a cada assunto por menos que se me apresente ao pensamento é suficiente para que, de mim para mim, se instaure uma grande conversa.

GÊNIO: Verás confirmar e aumentar bastante esse hábito, dia a dia, até o momento em que te for dado voltar ao convívio dos outros homens; então te parecerá estar mais desocupado na companhia deles do que sozinho. E não creias que esse hábito, nesse tipo de vida, aconteça só aos teus semelhantes já acostumados a meditar, mas acaba intervindo, mais dia menos dia, na vida de todos. E mais, o ser isolado dos homens e, por assim dizer, da própria vida traz em si essa vantagem: que o homem, mesmo satisfeito, esclarecido e desencantado das coisas humanas, através da experiência, aos poucos, habituando-se de novo a observá-las de longe, de onde elas parecem muito mais belas e dignas do que de perto, esquece-se da sua vaidade e da sua miséria. Volta a formar e a criar o mundo a seu modo, a apreciar, a amar e a desejar a vida; se não lhe for tirado o poder ou a confiança de restituí-lo à sociedade, as suas esperanças o vão nutrindo ou distraindo como estava acostumado em seus primeiros anos. De maneira que a solidão quase funciona como a juventude: certamente rejuvenesce o espírito, revaloriza e reanima a imaginação, renova no homem vivo os benefícios da primeira inexperiência pela qual suspiras. Deixo-te, pois vejo que o sono vem vindo e vou preparar o belo sonho que te prometi. Assim, entre sonhar e fantasiar irás consumindo a vida com o único objetivo de consumá-la, único fruto que se pode obter do mundo e único intuito que te deves propor, todas as manhãs ao despertares. Freqüentemente te convém rasgá-lo com os dentes: feliz do dia em que puderes jogá-lo para trás com as mãos, ou carregá-lo às costas. Mas, enfim, o teu tempo não corre mais lentamente neste cárcere do que nas salas e nos jardins daquele que te oprime. Adeus.

TASSO: Adeus. Mas ouve. A tua conversa me reconforta muito: não que ela interrompa a minha tristeza, pois esta é, na maior parte do tempo, como uma noite obscuríssima sem lua nem estrelas; enquanto estou contigo ela se assemelha à sombra dos crepúsculos, mais agradável do que molesta. Para que de agora em diante eu possa chamar-te ou acharte quando tiveres necessidade de mim, dize-me onde costumas morar.

GÊNIO: Ainda não percebeste? Em algum licor generoso.

DIÁLOGO DA NATUREZA E UM ISLANDÊS[79]

UM ISLANDÊS, que tinha percorrido a maior parte do mundo e morado em diferentíssimas terras, viajou certa vez pelo interior da África e, passando sob a linha do equinócio, num lugar jamais antes penetrado pelo homem, teve um caso semelhante ao que aconteceu a Vasco da Gama, no cabo da Boa Esperança, quando esse guardião dos mares austrais foi-lhe ao encontro sob a forma de gigante,[80] para demovê-lo a tentar aquelas novas águas. Viu de longe um busto grandíssimo que, a princípio, imaginou ser de pedra e à semelhança das hermas colossais que vira, muitos anos antes, na ilha de Páscoa.[81] Ao aproximar-se, achou que fosse uma forma desmesurada de mulher sentada na terra, com o busto ereto, com as costas e os cotovelos apoiados em uma montanha, não fictícia mas viva, de rosto entre belo e horrível, de olhos e cabelos nigérrimos, a olhá-lo fixamente. Depois de ficar um bom tempo assim, por fim ela lhe disse:

NATUREZA: Quem és tu? O que procuras nestes lugares onde a tua espécie é desconhecida?

ISLANDÊS: Sou um pobre islandês fugindo da Natureza e, tendo-o feito por toda a minha vida por cem partes da terra, estou aqui por causa dela.

NATUREZA: Assim foge o esquilo da cascavel até que caia por si próprio na sua goela. Eu sou aquela de quem foges.

ISLANDÊS: A Natureza?

NATUREZA: Ela mesma e não outra.

ISLANDÊS: Desagrada-me até o fundo d'alma, e estou convicto de que maior desgraça do que esta não poderia acontecer-me.

NATUREZA: Bem poderias pensar que eu freqüentasse especialmente estas regiões que são onde se mostra o meu poder, mais do que em qualquer outra parte, como não ignoras. Mas o que te levava a fugir de mim?

ISLANDÊS: Deves saber que eu, desde a primeira juventude, com pouca experiência, persuadi-me claramente da vaidade da vida e da estultice dos homens, que, combatendo-se continuamente uns aos outros pela conquista dos prazeres desagradáveis e dos bens inúteis, e permutando solicitudes e males infinitos, que efetivamente causam atribulações e danos, quanto mais procuram a felicidade tanto mais se afastam dela. Por tais deliberações, posto de lado qualquer outro desejo decidi, não molestando ninguém nem procurando de modo algum ultrapassar a minha situação, não brigando com outros por nada deste mundo, deliberei viver uma vida obscura e tranqüila. Desencantado dos prazeres, como coisa negada à nossa espécie, só me propus o cuidado de manter-me afastado dos sofrimentos. Com isso não pretendo dizer que pensei em abster-me das ocupações e dos trabalhos corporais: pois bem sabes a diferença que vai da

fadiga ao desconforto e da vida tranqüila à ociosa. E já ao pôr em ato essa resolução, provei como é vão pensar que se pode, vivendo entre os homens e não ofendendo ninguém, evitar que os outros te ofendam, cedendo sempre espontaneamente e contentando-se com o mínimo em cada coisa, obter que te seja concedido um lugar qualquer e que esse mínimo não te seja contestado. Mas das amolações dos homens libertei-me facilmente, afastando-me da sociedade e restringindo-me à solidão, o que na minha ilha nativa pude realizar sem dificuldade. Assim fiz, e vivendo quase sem nenhuma lembrança de prazer não podia manter-me, porém, sem sofrimento, porque a duração do inverno, a intensidade do frio e o calor extremo do verão, que são próprios do lugar, me atormentavam continuamente, e o fogo, junto ao qual era preciso passar grande parte do tempo, enrijecia as carnes e maltratava os olhos com fumaça, de modo que nem em casa nem a céu aberto podia salvar-me de um perpétuo mal-estar. Nem mesmo conservar aquela tranqüilidade de vida à qual estavam, principalmente, voltados os meus pensamentos, porque as tempestades apavorantes do mar e da terra, os rugidos e as ameaças do monte Hekla,[82] a suspeita de incêndios freqüentíssimos nas casas feitas de madeira como as nossas, jamais deixavam de perturbar-me. Numa vida sempre em conformidade consigo mesma e despojada de todo e qualquer desejo e esperança, preocupada apenas em viver tranqüilamente, tais incomodidades permanecem por muito tempo e são muito mais graves do que costumam parecer, quando a maior parte do nosso espírito se ocupa das preocupações da vida civil e das adversidades que provêm dos homens. Visto como, por mais que eu me limitasse e quase me retraísse em mim mesmo, a fim de impedir que o meu ser não aborrecesse nem causasse dano a nada deste mundo, menos conseguia que as outras coisas deixassem de me inquietar e de me atribular: pus-me a mudar de lugar e de clima para ver se em alguma parte da terra pudesse, não ofendendo, não ser ofendido e deixando de aproveitar a vida não sofrer. E a essa deliberação fui levado também por um pensamento que me veio: talvez tu não tivesses destinado ao gênero humano apenas um único clima da terra e certos lugares (como fizeste a cada uma das outras espécies animais e de plantas) fora das quais os humanos não pudessem prosperar nem viver sem miséria e sem dificuldades. E que só a eles mesmos deveria ser imputada a culpa de desprezar e ultrapassar os limites prescritos por tuas leis para as moradas humanas. Procurei por quase todo o mundo e tentei quase todos os países, sempre observando o meu propósito de não molestar as outras criaturas, ou pelo menos o mínimo que pudesse, e de procurar somente a tranqüilidade da vida. Mas ardi sob o calor dos trópicos, fui tomado pelo frio dos pólos, aflito nos climas temperados pela inconstância do ar, invadido pelas comoções dos elementos de toda a parte. Muitos lugares vi em que não passa

um dia sem temporal, o que vale dizer que, a cada dia, praticas um assalto e dás batalha completa àqueles habitantes, não réus de injúria alguma em relação a ti. Em outros lugares a serenidade comum do céu é compensada pela freqüência dos terremotos, pela multidão e pela fúria dos vulcões, pela ebulição subterrânea de toda a região. Ventos e furacões imoderados reinam nas partes e nas estações tranqüilas com outros furores do ar. Certa feita senti que o teto me caía sobre a cabeça, por causa de grande massa de neve; outra vez pela abundância de chuvas a mesma terra, fendendo-se, desaparecia debaixo dos meus pés; em algumas ocasiões foi preciso fugir dos rios, que me seguiam como se eu fosse culpado de alguma injúria para com eles. Muitos animais selvagens, não provocados pela mínima ofensa, quiseram devorar-me, muitas serpentes, envenenar-me; em diversos cantos pouco faltou para que insetos voadores me consumissem até aos ossos. Deixo de falar sobre os perigos cotidianos sempre iminentes ao homem e em número infinito, tanto que um filósofo antigo[83] não achava, contra o temor, outro remédio mais eficaz do que a consideração de que se deve temer todas as coisas. Nem as doenças perdoaram-me embora eu fosse, não digo abstêmio, mas continente para com os prazeres do corpo. Costumo ter não pouca admiração ao considerar que infundiste tanta, tão firme e insaciável avidez pelo prazer, que a nossa vida é imperfeita quando separada e excluída dele, desejado por natureza; e, por outro lado determinaste que o uso deste prazer é, dentre as coisas humanas, o mais nocivo às forças e à sanidade do corpo, o mais calamitoso nos efeitos para cada pessoa e o mais contrário à duração da própria vida. Mas de qualquer maneira, abstendo-me quase sempre e totalmente de qualquer prazer, não pude evitar as muitas e diversas doenças, das quais algumas puseram-me em perigo de morte, outras, de perder o uso de algum membro ou de levar perfeitamente uma vida mais infeliz do que a passada; e todas me oprimiram o corpo e o espírito com mil perturbações e dores durante dias e meses. É claro ainda que um de nós padeça de enfermidades no tempo; sempre surgem males novos ou incomuns (como se a vida humana não fosse suficientemente infeliz, no seu cotidiano), não deste ao homem, para compensá-lo de tudo isso, nenhum momento de sanidade excessiva e inusitada, que seja motivo de alegria extraordinária em qualidade e em grandeza. Nos países sempre cobertos de neve estive quase por ficar cego, o que acontece habitualmente aos lapões[84] em sua pátria. Somos molestados continuamente pelo sol e pelo ar, vitais, ou melhor, necessários à nossa vida, dos quais, porém, não podemos fugir: desse pela umidade, pelo rigor e outras disposições, daquele pelo calor e pela própria luz, tanto que o homem não pode ficar exposto nem a um nem a outro, sem maior dano ou desconforto. Enfim, não me lembro de ter passado um dia sequer de minha vida sem algum sofrimento; também não posso enumerar os que

consumi sem uma sombra de aproveitamento. Percebo que tanto nos é destinado e necessário sofrer como não aproveitar; impossível tanto viver tranqüilo de qualquer modo quanto permanecer inquieto sem miséria, e chego à conclusão de que tu és inimiga expressa dos homens, dos outros animais e de todas as tuas obras; que ora incides sobre nós, ora nos assaltas, nos espicaças, nos sacodes, nos dilaceras e sempre nos ofendes ou nos persegues, e que, por hábito ou por instituição, és carrasco da tua própria família, dos teus filhos e, por assim dizer, do teu sangue e das tuas vísceras. Por tudo isso não me resta nenhuma esperança: compreendi que os homens deixam de perseguir aquele que foge deles ou se oculta com real determinação de evitá-los ou esconder-se deles, mas tu, sem qualquer motivo, jamais deixas de acossar-nos e até oprimir-nos. E já vislumbro o tempo amargo e lúgubre da velhice, verdadeiro e manifesto mal, ou melhor, cúmulo de males e de misérias gravíssimas; e tudo isso não acidental mas destinado por tua lei a todas as espécies viventes previstas por todos nós desde a infância, cultivado continuamente na juventude para além da maturidade, com uma decadência tristíssima e perda sem culpa, de maneira que apenas um terço da vida dos homens é marcado para florescer, pouco para chegar à maturidade e perfeição, o resto para decair com os distúrbios que se lhes seguem.

NATUREZA: Por acaso imaginaste que o mundo tenha sido feito por vossa causa? Pois é bom que saibas que nas minhas realizações, ordens e operações, com exceção de pouquíssimas, sempre tive e tenho a intenção inteiramente oposta à felicidade dos homens ou à desventura deles. Quando vos ofendo de qualquer modo, ou por qualquer meio, não percebo a não ser raríssimas vezes: do mesmo modo não tomo conhecimento quando vos distraio e vos agrado, e não como credes, tais coisas ou ações faço para agradar-vos ou deleitar-vos. Finalmente, se me ocorresse extinguir toda a tua espécie, disso não me aperceberia.

ISLANDÊS: Suponhamos que alguém me convidasse espontaneamente, com grande empenho, a morar em sua casa, e eu, para contentá-lo, aceitasse o convite. E lá me fosse dado para ocupar um quarto desarrumado e em ruínas, úmido, fétido, aberto ao vento e à chuva onde eu estivesse continuamente em perigo de ser oprimido. Essa pessoa, despreocupada em entreter-me com algum passatempo ou em proporcionar-me alguma comodidade, ao contrário, providenciando apenas o necessário ao meu sustento e permitindo, além disso, que os filhos e outros serviçais cometessem grosserias, escarnecessem de mim, me ameaçassem e me batessem, ao conversar comigo sobre esses maus-tratos, ela me perguntaria: por acaso construí esta casa para ti ou mantenho os meus filhos e esta gente a teu serviço? E só tenho de pensar nas tuas distrações e pagar bem as tuas contas? A isso eu replicaria: vê, amigo, do mesmo modo que

não fizeste esta casa para mim não precisarias ter-me convidado. Porém, uma vez que espontaneamente desejaste que eu morasse aqui, não te competia providenciar, na medida das tuas possibilidades, para que eu vivesse sem sofrimento e sem perigo? Ora digo que sei muito bem que não fizeste o mundo a serviço dos homens, ao contrário, creio que o tenhas feito e ordenado expressamente para atormentá-los. Então pergunto: por acaso te pedi que me pusesses no universo? Ou me intrometi nele violentamente e contra a tua vontade? Mas, sem o meu conhecimento, de maneira que eu nada pudesse consertar ou recusar, tu por vontade própria, com as tuas mãos, me colocaste nele. Não é portanto tua função senão manter-me alegre e contente neste teu reino, pelo menos impedir que eu seja atribulado e dilacerado, que morar nele me desagrade? E não digo isso só por mim mas por todo o gênero humano bem como pelos outros animais e por todas as criaturas.

NATUREZA: Demonstras não ter atinado que a vida deste universo está em perpétuo circuito de produção e de destruição, ambas ligadas entre si de maneira que cada uma sirva continuamente a outra e à conservação do mundo: este, ainda que uma ou outra acabassem, estaria igualmente em dissolução. Para tanto lhe seria pernicioso que houvesse alguma coisa nele livre de sofrimento.

ISLANDÊS: Isso mesmo é o que ouço da reflexão dos filósofos. Daí o que se destrói sofre, e quem destrói não tirando proveito, logo em seguida é igualmente destruído, dize-me o que nenhum filósofo sabe dizer: a quem agrada ou a quem serve essa vida infelicíssima do universo, mantida com prejuízo e morte de todas as coisas que a compõem?

Enquanto estavam a refletir sobre esses e outros pensamentos corre fama que chegaram dois leões tão consumidos e macerados pela fome que mal tiveram força de comer aquele Islandês, e assim o fizeram. Tendo-se restaurado um pouco, mantiveram-se vivos por aquele dia. Mas outros negam essa versão e contam que um fortíssimo vento, elevando-se enquanto o Islandês falava, jogou-o ao chão e sobre ele edificou um elegantíssimo mausoléu de areia, sob o qual, perfeitamente dessecado, tornou-se uma bela múmia que, depois, foi encontrada por alguns viajantes e levada ao museu de desconhecida cidade da Europa.

PARINI, OU SEJA, DA GLÓRIA[85]

CAPÍTULO I

GIUSEPPE PARINI[86] FOI EM NOSSA HISTÓRIA um dos pouquíssimos italianos que à excelência das letras juntou a profundidade do pensamento e

muita informação a serviço da filosofia atual, coisas, hoje, tão necessárias às belas-letras que não se compreenderia como estas pudessem viver separadas daquela se disso não se vissem na Itália infinitos exemplos. Foi também, como é sabido, de singular inocência, de piedade para como os infelizes e para com a pátria, de fé com os amigos, de nobreza, de espírito e constância contra as adversidades da natureza e da morte, que dificultaram toda a sua vida pobre e humilde, até que a morte o tirasse da obscuridade. Teve muitos discípulos, aos quais ensinava, primeiro, a conhecer os homens e as suas coisas e depois a distraí-los com a eloqüência e com a poesia. Entre outros houve um jovem de índole e de ardor incríveis para com os bons estudos e de expectativas maravilhosas, que havia pouco seguia suas lições e ao qual, certo dia, dirigiu este discurso:

Tu procuras, ó filho, aquela glória que, pode-se dizer, entre todas as outras, hoje só é permitida aos homens de berço privado, isto é, à que se chega com a sabedoria e com os estudos das boas doutrinas e das belas-letras. Em primeiro lugar, não ignoras que essa glória, apesar de não ter sido negligenciada pelos nossos antepassados supremos, foi menos considerada em comparação às outras, e tu bem viste em quantos lugares e com quanto cuidado Cícero, seu ardente e felicíssimo seguidor, desculpa-se com os seus concidadãos pelo tempo e pelos trabalhos que ele tinha em procurá-la, ora alegando que os estudos das letras e da filosofia não atrasavam de modo algum os serviços públicos, ora que, obrigado pela iniqüidade dos tempos a abster-se dos negócios maiores, esperava consumar dignamente, naqueles estudos, o seu ócio, sempre preferindo a glória dos seus escritos à do seu consulado e das coisas feitas por ele em benefício da república. E na verdade, se a matéria principal das letras é a vida humana, e o primeiro intuito da filosofia, a ordenação das nossas ações, não há dúvida de que agir é tanto mais digno e mais nobre do que meditar e escrever quanto o são os fins em relação aos meios, e quanto as coisas e a matéria importam mais do que as palavras e os pensamentos. Aliás, nenhum talento é criado pela natureza para os estudos, nem o homem nasce para escrever mas somente para agir. Por isso, vemos que a maior parte dos escritores excelentes e muito mais os poetas ilustres da nossa época, como por exemplo Vittorio Alfieri, foram, no início, extraordinariamente inclinados às grandes ações; e eles, recuperando os tempos e talvez impedidos pela própria sorte, voltaram-se para a escritura de grandes coisas. Não estão, propriamente, aptos para escrever aqueles que não têm disposição e talento para fazê-lo. E podes facilmente considerar na Itália, onde todos têm o espírito alheio às coisas egrégias, quão poucos conquistam fama duradoura com as letras. Penso que a Antiguidade, especialmente a romana ou a grega, pode ser convenientemente representada do modo como foi esculpida, em Argos, a estátua de Telesila,[87] poetisa, guer-

reira e salvadora da pátria. Essa escultura representava-a com um elmo na mão, olhando-o atentamente, como para demonstrar a sua complacência, prestes a recolocá-lo sobre a cabeça; e aos pés, alguns volumes quase desconsiderados por ela, como pequena parte da sua glória.

Mas entre nós, modernos, comumente excluídos de qualquer outro caminho da celebridade, os que se põem na direção dos estudos demonstram por sua escolha aquela grandeza maior de espírito que hoje se pode expor, e não têm necessidade de desculpar-se com a pátria. De maneira que, quanto à magnanimidade, louvo sumamente o teu propósito. Porém essa via, que não se faz segundo a natureza dos homens, não pode seguir-se sem prejuízo do corpo, sem multiplicar de diferentes modos a infelicidade natural do próprio espírito: mas antes de qualquer outra coisa, devido não menos à minha função do que ao grande amor que mereces e que te tenho, julgo ser conveniente tornar-te consciente das várias dificuldades que se interpõem à conquista da glória à qual aspiras, bem como do fruto que ela está para produzir a ti, se por acaso quiseres consegui-la. Conforme o que até agora pude conhecer pela experiência e pela especulação, a fim de que, ponderando contigo mesmo, de um lado sobre a importância e o valor do objetivo e a esperança de obtê-lo, de outro sobre os danos, as fadigas e os dissabores que carregas contigo ao procurá-lo (sobre os quais discorrerei especialmente para ti em outra ocasião) possas, com informação completa, considerar e resolver se te convém segui-lo ou tomar outro caminho.

CAPÍTULO II

PODERIA, AQUI NO PRINCÍPIO, alongar-me bastante sobre as emulações, a inveja, as censuras acerbas, as calúnias, a parcialidade, as práticas, o manejo oculto e evidente contra a tua reputação, e os outros infinitos obstáculos, que a malignidade dos homens opor-te-ão no caminho que iniciaste. Tais impedimentos sempre dificílimos, freqüentemente insuperáveis, fazem que mais de um escritor, não só em vida, mas também depois da morte, seja fraudado em toda a honra que se lhe deve. Porque, tendo vivido sem fama pelo ódio e inveja alheios, depois de morto permanece na obscuridade pelo esquecimento, podendo dificilmente acontecer que a glória de alguém nasça ou ressurja no tempo em que, fora do papel imóvel e mudo por si, nada se lhe atribua. Mas pretendo deixar de lado as dificuldades que nascem da malícia dos homens, sobre o que muitos escreveram e aos quais poderás recorrer. Não me animo também em falar sobre os impedimentos que têm origem no próprio destino do escritor nem no simples acaso ou nas razões menores. Todos eles não excluem perpetuamente da celebridade alguns escritos de sumo louvor e frutos de

suores infinitos, que, expostos por um breve tempo, caem e se afastam inteiramente da memória dos homens, enquanto outras obras inferiores em valor ou não superiores àqueles ficam e permanecem com grande honra. Vou somente expor-te as dificuldades, os transtornos que, sem a intervenção da maldade humana, opõem-se vigorosamente ao prêmio da glória não aos que estão fora do comum mas, normalmente, aos que constituem a maior parte dos grandes escritores.

Bem sabes que ninguém é digno desse título nem chega à glória estável e verdadeira a não ser com obras excelentes e perfeitas ou próximas de algum modo da perfeição. Ora pois, deves pensar numa sentença veracíssima de nosso escritor lombardo; falo do autor de *Il Cortegiano*[88] [O cortesão]: "Raras vezes acontece que, quem não está habituado a escrever, por mais erudito que seja, possa jamais conhecer com perfeição as fadigas e os trabalhos dos escritores, nem usufruir a doçura e a excelência dos estilos e as intrínsecas advertências, que, muitas vezes, se encontram nos antigos." E aqui pensa logo em quão pequeno número de pessoas sejam acostumadas e preparadas a escrever, e da parte de quão poucos homens atuais ou futuros podes esperar aquele magnífico conceito que te propuseste como fruto da tua vida. Além disso, considera quanta força de estilo existe na escritura, de cuja virtude, principalmente, e de cuja perfeição depende a perpetuidade das obras que se contam entre as pertencentes ao gênero das belas-letras. E freqüentemente ocorre que se despojares um escrito famoso do seu estilo, cujo valor pensavas que estivesse no conteúdo, tu o reduzirás a tal condição que te parecerá uma obra de ínfimo valor. Ora, a língua é parte tão integrante do estilo, ou melhor, tem tal conjunção com ele, que dificilmente se poderá considerar uma dessas partes separada da outra: por pouco, confundem-se ambas não só nas palavras dos homens mas também na intelecção e mil outras qualidades, valores ou falhas, através da mais sutil e cuidadosa especulação, mal se podem distinguir e assimilar a qual das duas pertençam por serem comuns e indivisíveis. Mas, certamente, nenhum estranho, para voltar às palavras de Castiglione, está "habituado a escrever" elegantemente na tua língua. De modo que o estilo, parte tão grandiosa e tão relevante da escrita e matéria de inexplicável dificuldade e fadiga, tanto para captar o seu perfeito e íntimo fazer quanto para exercitá-lo uma vez dominado, não tem propriamente outros juízes nem outros convenientes apreciadores, capazes de poder louvá-lo segundo os méritos a não ser aqueles que, numa única nação do mundo, podem usá-lo para escrever. E para todo o resto do gênero humano aquelas imensas dificuldades e esforços despendidos com esse estilo tornam-se, em boa e, talvez, na maior parte, inúteis e dispersos ao vento. E deixo de falar da infinita variedade dos juízos e das inclinações dos literatos, pelas quais se

reduz ainda a muito menor o número das pessoas aptas a sentir as qualidades louváveis deste ou daquele livro.

Mas quero que tenhas por indubitável que, para conhecer inteiramente o valor de uma obra perfeita ou próxima da perfeição e capaz de verdadeira imortalidade, não basta estar habituado a escrever mas é preciso saber fazê-lo quase tão perfeitamente quanto o próprio escritor que está em julgamento. Por isso a experiência te mostrará que, à proporção que fores conhecendo mais intrinsecamente as virtudes do perfeito escrever e as dificuldades infinitas que se experimentam ao buscá-lo, aprenderás melhor o modo de superar umas e conseguir outras de tal maneira que não haverá intervalos nem diferenças a distinguir, ou melhor, umas e outras serão uma só coisa, se assim aprenderes. De tal maneira que o homem não chegará a poder discernir e fruir completamente a excelência dos ótimos escritores antes de adquirir a faculdade de poder representá-la em seus escritos: porque só se conhece e se desfruta completamente essa excelência por meio do uso e do exercício próprios, quase, por assim dizer, transferida pessoalmente. E antes desse tempo, na verdade, ninguém compreende, o que e qual seja, propriamente, o escrever perfeito. E não entendendo isso não pode também ter a devida admiração pelos sumos escritores. E a maior parte dos que se dedicam a esses estudos, escrevendo facilmente e acreditando fazê-lo na verdade, estão convencidos, ainda que digam o contrário, de que escrever bem é coisa fácil. Ora vê a que se reduz o número daqueles que poderão admirar-te e saber louvar-te dignamente, quando tu, com suores e transtornos incríveis, conseguires até ao fim ser bem-sucedido em produzir uma obra egrégia e perfeita. Sei dizer-te (e crê nesta idade provecta) que na Itália existem apenas dois ou três com capacidade e arte do exímio escrever. Se esse número te parece pequeno, não penses que jamais e em lugar algum ele foi ou é maior.

Cada vez mais eu me admiro comigo mesmo ao pensar, por exemplo, em como Virgílio, modelo supremo de perfeição para os escritores, chegou a essa glória excelsa e se mantém nela. Porque, conquanto eu não me considere muita coisa e creia não poder jamais apreciar e conhecer cada parte de todo o seu valor e mestria, todavia tenho certeza de que o maior número dos seus leitores e louvadores não percebe, nos seus poemas, mais do que uma beleza das dez ou vinte que descubro neles depois de muito reler e meditar. Na verdade estou convencido de que o alto grau de estima e de reverência para com os máximos escritores, e também para aqueles que os lêem e com eles tratam, provém mais do hábito cegamente abraçado do que da opinião pessoal e do conhecimento dos reais méritos reconhecidos neles por vias diretas. E me lembro do tempo da minha juventude quando, por um lado, ao ler Virgílio com plena liberdade de juí-

zo e despreocupação com a autoridade alheia, o que não é comum a muitos, e, por outro, com a imperícia própria daquela idade, a qual, por sua vez, não era maior que a de muitíssimos leitores em quem ela é perpétua, recusava-me dentro de mim mesmo a concorrer com o julgamento universal e não descobria em Virgílio virtudes mais grandiosas do que nos poetas medíocres. Espanto-me até que a sua fama tenha podido ser maior do que a de Lucano. Vê que a multidão de leitores não só nos séculos de julgamentos falsos e corruptos mas também no das sãs e bem temperadas letras, diverte-se muito mais com as grandes e patentes belezas do que com as delicadas e recônditas; mais com a ousadia do que com o pudor, também mais freqüentemente com a aparência do que com a substância e comumente mais com a mediocridade do que com a excelsitude. Lendo as cartas de um Príncipe, verdadeiramente raro de talento, mas acostumado a incidir quase toda a excelência de escrever nos sais, nas argúcias, na instabilidade e na perspicácia, percebo clarissimamente que ele, no íntimo dos seus pensamentos, sobrepunha a *Henríada* à *Eneida*,[89] se bem não ousasse proferir essa opinião com o único temor de não ferir os ouvidos dos homens. Enfim, espanta-me que a opinião de pouquíssimos, apesar de certa, tenha podido vencer a de infinitas outras e produzir em geral o hábito da apreciação não menos cega do que justa. O que nem sempre acontece, mas acho que a fama dos ótimos escritores costuma resultar mais do acaso do que dos seus méritos: o que talvez te seja confirmado pelo que vou dizer em continuação ao meu raciocínio.

Capítulo III

Já se viu quão poucos terão a faculdade de admirar-te, quando atingires aquela excelência que te propuseres. Agora atenta para que mais de um impedimento pode interpor-se a esses poucos que subestimam o teu valor, ainda que percebam os indícios dele. Não há dúvida alguma de que os escritos eloqüentes ou poéticos de qualquer tipo não se julgam tanto pelas suas qualidades próprias quanto pelo efeito que produzem no espírito de quem lê. De maneira que o leitor, ao julgá-los, considera-os mais, por assim dizer, em si próprio do que neles mesmos. Daí que os homens naturalmente lentos e frios de coração e de imaginação, mesmo dotados de bom discurso, de muita perspicácia, de talento, e de doutrina não medíocre, são quase todos inábeis para avaliar convenientemente tais escritos. Não podendo em parte alguma identificar o próprio espírito com o do escritor, intimamente os desprezam, pois, lendo-os e sabendo ainda que são famosíssimos, não descobrem a causa dessa fama; o mesmo acontece com aqueles que não conseguem apreciar as grandes obras, cuja leitura não desperta neles vibração ou imagem viva alguma. Ora, aos

que por natureza se dispõem e estão prontos a receber e renovar em si próprios imagens ou afetos felizmente expressos pelos escritores, ocorre um longo tempo de frieza, descuido, languidez de alma, impenetrabilidade e disposição tais que, enquanto dura, torna-os conformes ou semelhantes aos referidos anteriormente: e isso, por diversíssimas causas intrínsecas ou extrínsecas, pertencentes ao espírito e ao corpo, transitórias ou duráveis. Em tal período ninguém, ainda que sumo autor, é bom juiz dos escritores que têm de mover o coração e a imaginação. Não levo em conta a saciedade dos deleites desfrutados pouco antes em outras leituras, nem as paixões mais ou menos fortes que sobrevêm a cada instante; bens esses que, muito freqüentemente, ao ocupar o espírito não deixam espaço aos movimentos que em outras ocasiões teriam sido excitados pelas outras coisas lidas. Assim, pelas mesmas ou por outras coisas, muitas vezes vemos que aqueles mesmos lugares, aqueles espetáculos naturais ou de qualquer gênero, aquelas músicas e um sem-número de outras tantas que nos comoveram em outros tempos, nos moveriam ou seriam capazes de comover-nos se as tivéssemos visto agora; ao ouvi-las ou vê-las não nos emocionam absolutamente nem nos distraem, e nem por isso são menos belas ou eficazes agora como em outra ocasião.

Mas quando, por qualquer das razões citadas, o homem está maldisposto aos efeitos da eloqüência e da poesia, não deixa de formular juízo sobre os livros pertencentes a um ou outro gênero, que pela primeira vez lhe ocorre ler. Acontece-me, não raramente, de retomar nas mãos Homero, Cícero ou Petrarca e não me sentir comovido, de modo algum, por aquelas leituras. Contudo, já consciente e convicto da perfeição de tais escritores, quer pela antiga fama ou pela experiência das doçuras provadas em outras vezes, não formulo opinião contrária ao louvor deles, ocasionada pela insipidez dessa última leitura. Mas nos escritos que se lêem pela primeira vez e que por serem novos ainda não puderam causar um brado de admiração ou confirmá-lo de modo a não deixar dúvidas em relação ao seu valor, nada impede o leitor de ter autores e obras excelentes em menor conceito a partir do efeito que causam, então, no espírito uma vez que este não se disponha a receber os sentimentos e as imagens que o autor quis transmitir. Não que o leitor mude de posição mais tarde, com outras leituras dos mesmos livros, feitas em tempos melhores: verossimilmente o tédio sentido antes desconfortá-lo-á depois, uma vez que quem pode desconhecer o quanto importam as primeiras impressões e o preconceito de um juízo, embora falso?

Ao contrário, algumas vezes encontram-se os espíritos, por uma outra razão, em estado de mobilidade, de sentido, de vigor e de ebulição tais ou de tal modo abertos e preparados, que seguem a cada mínimo impulso da leitura, sentem vivamente cada leve toque e com a oportuni-

dade de ler criam em si mil movimentos e imagens, vagando então num dulcíssimo delírio e arrebatados para além de si. Daí facilmente acontece que, observando as alegrias proporcionadas pela leitura e confundindo os efeitos da virtude e da própria disposição com os que pertencem verdadeiramente ao livro, os leitores se achem tomados de grande amor e de admiração em relação àquela obra, tendo-a em maior conceito do que o justo, devido a outros livros mais dignos, lidos porém em conjunturas menos propícias. Vê, pois, a quanta incerteza é submetida a verdade e a retidão dos juízos mesmo das pessoas idôneas, acerca dos escritos e do talento de outrem, excluídos de prêmio qualquer malignidade ou favor. A incerteza é tal, que o homem discorda grandemente de si mesmo, ao avaliar obras de valor igual e uma única obra em diversas fases da vida, em diversos casos e em diversas horas de um dia.

Capítulo IV

A fim, pois, de que não suponhas que as dificuldades acima referidas, que existem no espírito dos leitores não bem dispostos, ocorram raras vezes e fora do comum, considera que nada é mais usual do que a diminuição gradual no homem, com o avanço da idade, da disposição natural de sentir os prazeres da eloqüência e da poesia, não menos do que das outras artes imitativas, e de toda a beleza do mundo. Tal decadência de espírito, presente pela própria natureza em nossa vida, hoje é bem maior do que em outros tempos e, quanto mais depressa começar e maior progresso alcançar, especialmente nos estudiosos, na proporção da experiência de cada um, acrescenta-se a uns maior, a outros menor parte da ciência nascida pelo uso e pelas especulações de tantos séculos passados. Pelo que e pelas presentes condições da vida civil desaparecem facilmente da imaginação dos homens as visões da primeira idade, com elas as esperanças do espírito e com estas grande parte do desejo, das paixões, do fervor, da vida e das faculdades. E, por outro lado, eu me admiro de que os homens de idade madura, muitíssimo sábios e entregues à meditação sobre as coisas humanas, estejam ainda submetidos à virtude da eloqüência e da poesia, e que, de vez em quando, estas sejam incapazes de produzir neles algum efeito. É por isso que tens tu por certo que, a ser vigorosamente movido pela beleza e pela grande imaginação, é necessário acreditar que haja na vida humana algo de grande e de verdadeiramente belo, e que o poético no mundo não é totalmente lendário; o jovem sempre crê nessas coisas, ainda quando conheça o contrário, até que a sua própria experiência não se sobreponha ao saber; mas depois da prática e do exercício dificilmente se crê nelas, máxime onde essa ainda esteja ligada ao hábito da especulação e da doutrina.

Deste discurso poder-se-ia inferir que, geralmente, os jovens fossem melhores juízes das obras destinadas a despertar efeitos e imagens, do que os homens de idade madura ou os velhos. Mas, por outro lado, vê-se que os moços não habituados à leitura procuram nela um prazer mais do que humano, infinito e de qualidades impossíveis; não encontrando-as, desprezam os escritores, o que também em outras idades, por causas semelhantes, acontece algumas vezes aos iletrados. Então, os jovens dedicados às letras, ao escreverem como ao julgarem os escritos de outrem, preferem facilmente o excessivo ao moderado, o soberbo ou o afetado ao simples e ao natural e as belezas ilusórias às verdadeiras; em parte, pela pouca experiência, em parte pelo ímpeto da idade. Daí que os jovens, sem exceção, são a parte mais disposta dos homens a louvar como mais verdadeiro e puro o que lhes parece bom; raras vezes conseguem corromper a natureza e a bondade integral das obras literárias. Com o progredir dos anos cresce a atitude que vem da arte e decresce a natural. Ambas são igualmente necessárias ao resultado.

Quem quer, pois, que viva numa cidade grande ainda que seja, por natureza, ardente e alerta de coração e de imaginativa (a menos que, como tu, passe a maior parte do tempo na solidão), não sei como possa receber das belezas, da natureza ou das letras algum sentimento terno ou generoso, alguma imagem sublime e leve. Por isso poucas coisas são tão contrárias àquele estado de alma que nos torna capazes de tais deleites quanto a tagarelice desses homens, o barulho desses lugares, o espetáculo da vã magnificência, da leviandade das mentes, da falsidade perpétua, dos míseros cuidados e do ócio mais miserando que nele reinam. Quanto ao comum dos literatos digo que o das grandes cidades não sabe julgar melhor os livros do que o das pequenas, porque naquelas, como as outras coisas, a literatura é falsa, vã ou superficial. E se os antigos consideravam os exercícios das letras e das ciências como repouso e distração comparados aos negócios, hoje a maior parte dos que nas cidades grandes têm como profissão o estudo julgam e efetivamente usam os estudos e a escrita como distração e descanso de outros divertimentos.

Penso que as obras notáveis de pintura, de escultura e de arquitetura seriam mais bem apreciadas se fossem distribuídas pelas províncias, nas cidades médias e pequenas, pois, como estão acumuladas nas metrópoles, aí os homens, em parte absorvidos por infinitos pensamentos ou ocupados com mil passatempos e com o espírito ligado ou forçado, mesmo contra a vontade, ao divertimento, à frivolidade e à vaidade, raríssimas vezes são capazes dos prazeres íntimos da alma. Além do que o conjunto de tantas belezas reunidas distrai o espírito de tal modo que, esperando muito pouco do conjunto, não se pode receber um senti-

mento vivo de cada uma; ou gera tal saturação que elas contemplam com a mesma frieza interna com que se observa qualquer objeto vulgar. O mesmo posso dizer da música: que não é exercitada tão perfeitamente e com tanto aparato nas grandes como nas outras cidades; naquelas os ânimos são menos dispostos às admiráveis comoções dessa arte e, por assim dizer, são menos musicais que em qualquer outro lugar. Mas não é menos necessário às artes o domicílio das cidades grandes para conseguir em maior escala realizar a perfeição delas: nem por isso é menos verdadeiro que a distração que elas porporcionam ao homem lá é muito menor do que em qualquer outro lugar. E pode-se dizer que os artistas na solidão e no silêncio empenham-se com assíduas vigílias, com engenho e solicitudes, em agradar as pessoas acostumadas entre a multidão e o barulho; elas apreciarão apenas ínfima parte do fruto de tanta fadiga. Tal sorte dos artistas incide proporcionalmente nos escritores.

Capítulo V

Mas diga-se isso de passagem. Agora, voltando ao assunto afirmo que os escritos mais próximos da perfeição têm essa propriedade: comumente na segunda leitura agradam mais do que na primeira. O contrário acontece com muitos livros compostos com arte e diligência apenas medíocres, mas não isentos de certo valor extrínseco e aparente, que relidos caem do conceito que o homem deles fizera com a primeira leitura. Mas lidos uma única vez, uns e outros enganam de tal modo tanto os doutos e especialistas quanto são apreciadas as obras ótimas pelas medíocres. Agora hás de considerar que hoje também as pessoas dedicadas aos estudos por profissão com muita dificuldade são induzidas a reler livros recentes, principalmente aqueles gêneros cuja finalidade é a distração. Isso não acontecia com os antigos, por causa do menor número de livros. Mas nesta época rica de escritos, passados de mão em mão há tantos séculos, nessa quantidade de nações literatas, em tão grande número de livros produzidos diariamente por todas elas, e de intenso intercâmbio entre todas; e além disso na imensa quantidade e variedade de línguas escritas, antigas e modernas, com desenvolvidas e ampliadas ciências e doutrinas de todos os tipos, tão estreitamente ligadas entre si, que o estudioso é forçado a abraçar, segundo suas possibilidades, bem vês que falta o tempo para a primeira e muito mais para a segunda leitura. Entretanto, qualquer juízo que se venha a fazer de uma só vez sobre os livros novos, dificilmente se muda. Acrescente-se que pelas mesmas causas, ainda da primeira abordagem desses livros, especialmente os do gênero ameno, poucas e raríssimas vezes requer-se tanta atenção e esforço quanto são necessários para descobrir a exaustiva perfeição, a arte íntima e as virtu-

des modestas e recônditas dos escritos. De modo que, hoje em dia, vem a ser pior a condição dos livros perfeitos do que a dos medíocres: a beleza ou os dotes daqueles, verdadeiros ou falsos, são expostos aos olhos de maneira a facilmente se mostrarem à primeira vista, por menores que sejam. Podemos dizer que, em verdade, atualmente, esforçar-se por escrever perfeitamente é quase inútil à fama. Mas, por outro lado, os livros compostos apressadamente e desprovidos de qualquer perfeição, como são quase todos os modernos, ainda que celebrizados por algum tempo, não podem deixar de perecer em breve, como se vê na prática. Também é verdade que o uso que hoje se faz do que se escreve é tão grande que muitos escritos dignos de memória, surgidos com grande alarido e promovidos daí a pouco, o suficiente para (por assim dizer) estabilizar a própria celebridade, dentre o imenso rio de livros novos que vêm à luz todos os dias, perecem sem maior razão, dando lugar a outros dignos ou indignos que ocupam a fama por um breve tempo. Assim concomitantemente é-nos dado seguir a única glória dentre as tantas que foram propostas aos antigos; e essa mesma é obtida com muito mais dificuldade em nossos dias do que antigamente.

Solitários sobrevivem os livros antigos nesse naufrágio contínuo e comum dos escritos nobres não menos que dos plebeus. Aqueles, devido à fama já estabelecida e corroborada pela longevidade, não só se lêem ainda diligentemente mas se relêem e se estudam. E observa que um livro moderno, ainda que por ser perfeito fosse comparável aos antigos, dificilmente ou de modo algum poderia, não digo, alcançar o mesmo grau de celebridade mas nem proporcionar a outrem tanta alegria quanta se recebe dos antigos; e isso por duas razões: uma é que ele não seria lido com aquela acuidade e sutileza em que se encontram os escritos célebres de há muito tempo, nem seria relido senão por muito poucos ou estudado por alguém, pois só se estudam livros científicos até que estes se tornem ultrapassados. Outra razão é que a fama durável e universal das escrituras, posto que, a princípio, nascesse apenas por causa do seu próprio e intrínseco mérito, surgida e aumentada que fosse, multiplica o valor delas de modo a torná-las mais agradáveis e leves, como jamais tinham sido antes: às vezes, a maior parte do prazer que delas se aufere nasce simplesmente da própria fama. A esse propósito agora me vêm à mente algumas notáveis advertências de um filósofo francês[90] que, discorrendo sobre os prazeres humanos, diz substancialmente o seguinte: "Muitas causas de prazer o nosso próprio espírito compõe e cria para si mesmo, interligando principalmente diversas coisas. Por isso, muito freqüentemente acontece que, aquilo que agrada uma vez, pode fazê-lo de modo semelhante uma outra, apenas porque o conseguiu antes, juntando em nós a imagem do passado com a do pre-

sente. Por exemplo, uma artista comediante, que encanta os espectadores no palco, poderá fazê-lo em seus salões: tanto pelo tom da voz, do recitativo, como da receptividade que teve pelos aplausos recebidos; e de algum modo, também pelo conceito de princesa que se lhe acrescenta ao que lhe é devido, poder-se-á compor quase um misto de muitas coisas que produzirão um único prazer. É certo que a mente de qualquer pessoa se enche, durante todo o dia, de imagens e de considerações acessórias às principais. Daí advém que em mulheres de grande reputação um pequeno defeito que elas apresentem às vezes, dele se servem em honra própria dando aos outros motivo para que esse defeito seja considerado beleza. Na verdade, o amor especial que nutrimos por uma ou outra mulher funda-se, em grande parte, apenas nas únicas preocupações que nascem a seu favor pela nobreza de sangue, pelas riquezas, pelas honrarias que lhes são feitas ou pela estima que lhes têm alguns"; freqüentemente, também, pela fama verdadeira ou falsa de beleza ou de graciosidade e pelo mesmo amor que lhes devotaram ou têm outras pessoas. E quem não sabe que quase todos os prazeres que sentimos vêm mais da nossa imaginação do que das qualidades próprias às coisas agradáveis?

Tais observações enquadram-se perfeitamente nos escritos, não menos do que no restante: digo que, se hoje viesse à luz um poema igual ou superior, por seu valor intrínseco, à *Ilíada*, lido muito atentamente por qualquer perfeito juiz de temas poéticos, tal obra não conseguiria ser mais agradável nem mais apreciada do que aquela: por isso seria muito menos estimado pois as virtudes próprias do novo poema não seriam ajudadas pela fama de 27 séculos nem por mil memórias e mil reverências como o são as virtudes da *Ilíada.* Igualmente digo que alguém que lesse cuidadosamente a *Jerusalém* ou o *Furioso,* ignorando no todo ou parcialmente a sua celebridade, teria na leitura muito menor satisfação do que os outros que a conhecem. Eis porque, enfim, falando em geral os primeiros leitores de uma grande obra e os contemporâneos de quem a escreveu, uma vez que ela obtenha fama na posteridade, são aqueles que, ao lê-la, aproveitam menos do que todos os outros: o que resulta grandíssimo prejuízo para os escritores.

Capítulo VI

Essas são, em parte, as dificuldades que te dificultarão a conquista da glória junto aos estudiosos e mesmo aos especialistas na arte de escrever e na doutrina. E quanto aos outros que, apesar de bastante instruídos, com aquela erudição que hoje, pode-se dizer, é parte necessária da cultura, não são profissionais dos estudos e da escrita e lêem só por passatem-

po, tu bem sabes que não estão aptos a apreciar muito o valor dos livros; isto é, além do que foi dito antes, por uma outra razão que ainda me resta dizer: que estes só procuram no que lêem a distração atual. Mas o presente é pequeno e insípido por natureza a todos os homens. Daí tudo o que é mais doce, e como diz Homero:[91] "Vênus, o sono, o canto e os bailos", depressa e necessariamente trazem o tédio, se não se unir à ocupação presente a esperança de algum prazer ou comodidade futura que deles dependam. Razão pela qual a condição do homem não é capaz de nenhuma fruição notável que não consista, sobretudo, na esperança, cuja força é tal que muitos trabalhos desprovidos de qualquer atração, bem como fastidiosos ou cansativos ao se lhes acrescentarem a esperança de algum fruto, tornam-se agradáveis e alegríssimos, por mais longos que sejam; ao contrário, as coisas que achamos apreciáveis em si, separadas da esperança tornam-se aborrecidas assim que provadas. E no entanto vemos que os estudiosos são quase que insaciáveis de leitura no mais das vezes aridíssima, e sentem uma verdadeira satisfação nos seus estudos prolongados por boa parte do dia enquanto que numa como noutros eles têm sempre diante dos olhos um alvo posto no futuro e uma esperança de progresso e aproveitamento quaisquer que sejam, e na própria leitura que fazem por ócio ou distração não deixam de propor-se, além da satisfação presente, alguma outra utilidade mais ou menos definida. Daí que os outros, não visando alguma finalidade diversa que não se contenha nos termos da leitura, por assim dizer, até mesmo nas primeiras páginas dos livros mais agradáveis e mais suaves, depois de um vão prazer, ficam enfarados; assim, costumam vagar tediosamente de livro em livro; por fim, a maior parte deles admira-se como alguém possa receber, da longa lição, prazer tão grande e tão durável. Portanto, também por essa razão tu podes saber que qualquer arte, indústria e trabalho de quem escreve perde-se quase que totalmente para esse tipo de pessoas, que, em geral, são a maior parte dos leitores. E também os estudiosos, mudando, com o passar dos tempos, como sempre acontece, mal suportam a leitura dos livros que em outras ocasiões puderam ou teriam podido agradá-los sobremaneira; e apesar de ter a inteligência e perícia necessárias para reconhecer-lhes o valor não sentem mais do que tédio, pois não vêem neles utilidade alguma.

CAPÍTULO VII

TRATOU-SE ATÉ AQUI dos escritos em geral, e de algumas coisas que se referem principalmente às belas-letras, ao estudo das quais te vejo mais particularmente inclinado do que aos outros. Agora, falemos especial-

mente da filosofia, não tendo a intenção, porém, de separar aquelas desta, da qual elas dependem totalmente. Talvez penses que, derivando a filosofia da razão e desta a maior parte dos homens participe, mais do que da imaginação e das faculdades do coração, o valor das obras filosóficas deva ser mais facilmente conhecido e por um maior número de pessoas do que o dos poemas e de outros escritos que se referem ao agradável e ao belo. Ora, eu acho que o juízo equilibrado e o senso perfeito são um pouco menos raros em relação àquelas do que a estes. Em primeiro lugar, tem por certo que, para fazer progressos notáveis na filosofia, não bastam sutilezas de engenho e uma grande faculdade de raciocínio mas, também, é necessária muita força imaginativa, e que Descartes, Galileu, Leibniz, Newton e Vico, quanto à inata disposição dos seus talentos, teriam podido ser sumos poetas; por outro lado, Homero, Dante e Shakespeare teriam sido grandíssimos filósofos. Mas como para falar e tratar profundamente dessa matéria seriam necessárias muitas palavras e nos distanciaríamos demais do nosso propósito, e por isso, contentando-me com este aceno, passo adiante, dizendo que só os filósofos podem conhecer perfeitamente o valor dos livros filosóficos e apreciá-los devidamente. Refiro-me apenas à substância e não ao ornamento que possam apresentar nas palavras, no estilo ou em qualquer outra coisa que possam conter. Portanto, como os homens de natureza, por assim dizer, impoética, apesar de compreenderem as palavras e o sentido, não apreendem as mensagens e as imagens dos poemas, do mesmo modo muito freqüentemente os que não estão acostumados à meditação, ao filosofar consigo mesmos, ou ainda os que não estão aptos a pensar profundamente, por mais verdadeiros e acurados que sejam os discursos e a conclusão dos filósofos, bem como claro o modo que eles usam para expor uns e outros, esses homens entendem as palavras e os sentidos do que o filósofo quer expressar mas não a verdade das suas palavras. Porque, não tendo a faculdade ou o hábito de penetrar o íntimo das coisas com o pensamento, nem de analisar e dividir as próprias idéias em suas mínimas partes, de reunir e aglutinar no conjunto um bom número de conceitos, de contemplar com a mente, num instante, muitos particulares de modo a poder retirar deles o geral, de seguir incansavelmente com o olho do intelecto uma longa ordem de verdades conexas entre si, à medida que elas se apresentem, nem de descobrir as sutis e recônditas ligações que tem cada verdade com cem outras, esses homens não podem facilmente, ou de maneira alguma, imitar e reiterar as operações realizadas com a própria mente nem experimentar as impressões provadas do filósofo; a maneira deste é a única de ver, compreender e julgar convenientemente todas as causas que o induziram a fazer esse ou aquele juízo, afirmar ou negar esta ou aquela coisa,

duvidar desta ou daquela, ou negá-las. Assim, mesmo que entendam os seus conceitos não sabem se são verdadeiros ou prováveis, pois não têm uma experiência da verdade e das suas probabilidades. O que é um pouco diferente do que acontece aos homens naturalmente frios com relação à imaginação e aos afetos expressos pelos poetas. E tu bem sabes que é comum a estes e aos filósofos mergulharem profundamente nas almas humanas e trazerem à luz variedade e qualidades íntimas, andamentos, movimentos e sucessos ocultos, bem como as causas e os efeitos de uns e de outros; e nisso os que não estão aptos a sentir em si a correspondência dos pensamentos poéticos com a verdade também não sentem e não conhecem a dos filósofos.

Das referidas causas nasce o que vemos todos os dias, que obras egrégias igualmente claras e inteligíveis a todos parecem conter mil certíssimas verdades para alguns, enquanto para outros, mil erros manifestos: daí serem pública ou parcialmente condenadas, não só por maldade, por interesse ou por outras razões semelhantes, mas também por apoucamento do intelecto, por incapacidade de sentir, de compreender a certeza dos seus princípios, a retidão das deduções, a conveniência, a eficácia e a verdade dos seus discursos. Muitas vezes as obras filosóficas mais estupendas são também imputadas de obscuridade não por culpa dos escritores mas pela profundidade ou novidade dos sentimentos, de um lado, e de outro, pela obscuridade do intelecto de quem não poderia compreendê-las de modo algum. Considera, portanto, no gênero filosófico também, quanta dificuldade de louvor ainda que merecido. Por isso não podes duvidar, mesmo que eu não declare, que o número de verdadeiros e profundos filósofos, além dos quais não há quem saiba fazer uma apreciação conveniente de tais atos, seja muito pequeno na atualidade dedicada ao amor da filosofia mais do que no passado. Desconsidero as várias facções ou como se convenha chamá-las em que estão hoje divididos os que têm por profissão a filosofia: cada uma das quais comumente nega o devido louvor e a estima às outras, não só voluntariamente mas por ter a cabeça ocupada com outros princípios.

CAPÍTULO VIII

SE DEPOIS (como nada existe que não se possa antecipar a respeito desse talento) tu te elevasses a tão grande altura com o saber e com a meditação, que te fosse dado, como o foi a outro espírito eleito, descobrir alguma verdade importantíssima não só porque sempre desconhecida mas porque fora da expectativa dos homens e diferente ou contrária em tudo das opiniões atuais, mesmo da dos sábios, nem penses em recolher na tua vida alguma invulgar louvação com essa descoberta. Ao contrário,

não serás apreciado nem mesmo pelos sábios (com exceção de pouquíssimos deles, talvez) até que a essas mesmas verdades, repetidas ora por um ora por outro, aos poucos, com o correr do tempo, os homens acostumem os ouvidos e depois o intelecto. É por isso que nenhuma verdade nova e completamente estranha às idéias comuns, ainda quando o que a percebesse a demonstrasse com evidência e certeza geométricas, jamais poderia, mesmo com demonstração material, introduzir-se e estabelecer-se rapidamente no mundo. Só com o passar dos tempos, mediante o costume e o exemplo, habituando-se os homens a crer nela como em qualquer outra coisa, ou melhor, acreditando nela geralmente, por hábito e não pela certeza das provas concebidas no espírito, até começar a ser ensinada às crianças e uma vez aceita por todas, o desconhecimento é lembrado com espanto e opiniões opostas, sendo motivo de riso no espírito dos ancestrais como nos atuais. Isso porém com tão maior dificuldade e lentidão quanto maiores e mais importantes forem essas novas verdades, e mais subversivas de um maior número de opiniões enraizadas nos espíritos. Nem mesmo os cérebros argutos e experimentados sentem facilmente a completa eficácia das razões que demonstram semelhantes e inéditas idéias, que excedem de muito os termos do conhecimento e do hábito desses intelectos; especialmente quando tais razões e tais verdades repugnam às crenças entranhadas naqueles. Descartes em seu tempo, na geometria que ele maravilhosamente ampliou, ao adaptar-lhe a álgebra e com os seus outros achados, não foi nem mesmo entendido, a não ser por pouquíssimos. O mesmo aconteceu a Newton.[92] Na verdade, a condição dos homens raramente superiores em sabedoria à própria geração não é muito diferente da dos literatos e sábios que vivem nas cidades ou em províncias pobres em estudos, porque, como direi adiante, não são levados em consideração como mereceriam pelos seus conterrâneos, nem pelos contemporâneos; ao contrário, muitíssimas vezes, são vilipendiados pela diversidade da vida ou das opiniões ou pela insuficiência comum em reconhecer o valor das suas faculdades e obras.

Não resta dúvida de que o gênero humano, nestes tempos e até à restauração da civilização, não progride continuamente no saber. Mas o seu proceder é lento e limitado, daí que os sumos e singulares espíritos que se dedicam à especulação deste universo sensível ou inteligível ao homem, bem como na busca da verdade, caminham e às vezes correm desmesurada e velozmente. E por isso pode ser que o mundo, ao vê-los proceder assim celeremente, se apresse tanto no caminho, que os alcance logo ou pouco mais tarde até o ponto em que estão. Ao contrário, o mundo não dá um passo só, algumas vezes chega a este ou àquele termo no espaço de um ou mais séculos depois que outro alto espírito para ali se tenha conduzido.

Pode-se dizer que é consenso universal que o saber humano deve a maior parte do seu progresso àqueles engenhos supremos que surgem de tempos em tempos uma vez um, outra outro, quase por milagre da natureza. Eu, pelo contrário, acho que ele se deve, na sua maior parte, aos talentos comuns, e pouquíssimo, aos extraordinários. Suponhamos que um desses engenhos, que com a sua doutrina preencheu o espaço dos conhecimentos dos seus contemporâneos, prossegue, por assim dizer, na sabedoria dez passos adiante. Os outros homens, não só não se dispõem a segui-lo mas, no mais das vezes, para não falar do pior, escarnecem do seu progresso. Enquanto isso, talentos medíocres, em parte talvez apoiando-se no pensamento e nas descobertas de outro superior, em parte pelos próprios estudos, dão um passo em conjunto. Pela limitação e pela pouca novidade das afirmações como pelo grande número de autores, ao cabo de alguns anos, passam a ser universalmente seguidos. Assim, procedendo segundo o costume, aos poucos e por obra e exemplo de outros intelectos medíocres, os homens completam, finalmente, o décimo passo, e as afirmações daquele superior são aceitas como verdadeiras em todas as nações civilizadas. Mas ele esquecido há muito tempo só conquista, por tal sucesso, uma tardia e intempestiva reputação; em parte porque já está apagada a sua lembrança ou porque a injusta opinião que angariou enquanto viveu, confirmada por um hábito demorado, prevalece sobre qualquer outra consideração. Isso se deve, ainda, a que os homens não chegaram a tal grau de conhecimento por obra dele ou porque, em parte, já se igualaram a ele no saber e logo o ultrapassarão, podendo ainda ser que, no presente, já o tenham superado, estando em condição, ao longo dos tempos, de demonstrar e expressar melhor as verdades por ele imaginadas, de reduzir as suas conjeturas a certezas, de dar ordem e melhor forma aos seus achados e quase que de amadurecê-los. Retrocedendo no tempo, através da memória, considerando as opiniões de um grande com as dos seus pósteros, também pode ser que algum dos estudiosos perceba como e quanto aquele se antecipara ao gênero humano; faz-lhe alguns elogios de pouca ressonância e estes logo são esquecidos.

Se o progresso do saber humano, como a queda dos corpos pesados, conquistar maior rapidez, de momento a momento, não é muito difícil acontecer que uma mesma geração de homens mude de opinião ou reconheça os próprios erros de maneira a acreditar hoje no contrário do que o fez em outros tempos; prepara, assim, os meios para a geração seguinte que depois crê em muitas coisas e conhece o contrário da anterior. Mas como ninguém sente o moto perpétuo que nos carrega em volta da terra e junto com ela, do mesmo modo a humanidade não se dá conta do contínuo progresso que fazem os seus conhecimentos nem da constante variação dos seus juízos e jamais muda de opinião ao ponto de

pensar em fazê-lo. E certamente não poderia deixar de crer ou de perceber, a cada vez que aceitasse subitamente uma afirmação muito distante das tidas como certas até então. Por isso nenhuma verdade assim concebida, salvo as captadas pelos sentidos, será jamais aceita comumente pelos contemporâneos do primeiro que a engendrou.

CAPÍTULO IX

SUPONHAMOS QUE, tendo superado todos os obstáculos e tido o seu valor ajudado pela sorte, alguém consiga efetivamente, não só celebridade mas glória, não depois da morte, mas em vida. Vejamos que proveito poderás tirar disso: antes de tudo o desejo dos homens de ver-te e conhecer-te pessoalmente, o de seres apontado com o dedo, o de receberes a honra e a reverência expressas pelos contemporâneos por atos e palavras; nessas coisas consiste a máxima utilidade dessa glória nascida dos escritos, e parece que ela seria obtida por ti mais facilmente nas pequenas do que nas grandes cidades: ali os olhos e os espíritos são distraídos e seduzidos em parte pelo poder, pela riqueza e por último pelas artes que servem ao entretenimento e à alegria da vida inútil. Nas pequenas cidades faltam, em geral, meios e subsídios que permitam chegar-se à excelência nas letras e nas doutrinas, e como o raro e o precioso concorrem e se igualam, por isso as cidades pequenas, pouco habitadas pelos doutos e desprovidas de bons estudos, costumam desconsiderar não só a doutrina e a sabedoria, mas a própria fama que alguém angaria por esses meios; daí por que, nesses lugares, umas e outras não são alvo de inveja. E se, por acaso, algum estudioso notável ou de talento extraordinário mora num lugar pequeno, por ser único, não se lhe atribui maior valor mas desagrada de tal modo que, muitas vezes, ainda que famoso fora, na vida cotidiana daqueles homens ele é a mais esquecida e obscura pessoa do lugar. Do mesmo modo nas regiões onde o ouro e a prata fossem desconhecidos e sem valor, quem quer que, não tendo qualquer outro bem mas possuísse esses metais em abundância, não seria mais rico do que os outros; aliás, seria paupérrimo e tido como tal; assim, onde o talento e a doutrina são desconhecidos e por isso depreciados, ainda que alguém neles exceda, não tem a faculdade de superar os demais; e à falta de outros bens é considerado vil. Nesses lugares ele está tão longe de poder honrar-se que, muitas vezes considerado maior do que é de fato, nem por isso é tão valorizado. Ao tempo em que eu, jovem, me encontrava certa vez, em meu pequeno Bosisio,[93] ficaram sabendo que me dedicava aos estudos e me exercitava um pouco na escrita, os habitantes do lugar me consideravam poeta, filósofo, físico, matemático, médico, jurista, teólogo e especialista em todas as línguas do mundo; interrogavam-se sem fazer a mínima dis-

tinção sobre qualquer ponto de qualquer disciplina ou palavra que por algum incidente interviesse no raciocínio. E não me valorizavam, há muito, por esse juízo deles, ao contrário, julgavam-me muito menor do que todos os homens doutos dos outros lugares. Se eu lhes pusesse em dúvida a extensão da minha sabedoria, diminuindo-a no conceito deles, cairia muitíssimo mais; por último, eles se persuadiriam de que minha doutrina não iria muito além da deles.

Nas cidades grandes, conforme os obstáculos que se interpõem tanto na conquista da glória quanto na possibilidade de usufruir dela, não te será difícil julgar tudo o que eu disse acima. Agora acrescento eu, embora nenhuma fama seja mais difícil por merecer-se do que a de egrégio poeta, de beletrista ou de filósofo, às quais tenhas principalmente em mira, nenhuma chega a ser menos frutífera a quem a possui. Não desconheces as perpétuas querelas, os exemplos antigos e modernos da pobreza e das desventuras dos sumos poetas. Em Homero, por assim dizer, tudo é vago e ligeiramente indefinido, na poesia como na pessoa, de quem a pátria, a vida e tudo é como um arcano impenetrável aos homens. Entre tantas incertezas e ignorâncias, por constantíssima tradição, só se sabe que foi pobre e infeliz: como se a fama e a memória dos séculos não quisessem deixar dúvidas de que a sorte de outros poetas excelentes não fosse comum ao príncipe da poesia. Mas sem falar dos outros bens e tratando só da honra, nenhuma fama para o proveito da vida costuma ser menos digna e útil para alguém ser considerado pela maioria dos homens, do que as que foram especificadas até agora. Ou que a multidão das pessoas que as obtêm sem mérito e a própria e imensa dificuldade em merecê-las, destituam apreço e confiança de tais reputações, ou ainda porque quase todos os homens de talento ligeiramente cultivado acreditam que eles próprios possam facilmente conquistar tanto o conhecimento e a capacidade nas belas-letras como na filosofia, a ponto de não reconhecerem como muito superiores aos que verdadeiramente têm valor nessas coisas. Por uma ou outra razão o certo é que ter nome de matemático medíocre, físico, filólogo ou antiquário, de pintor, escultor ou músico medianos, de ser medianamente versado em uma única língua antiga ou peregrina é motivo para obter, junto ao comum dos homens, também nas melhores cidades muito maior consideração e estima do que se conquista ao ser conhecido e celebrado pelos bons juízes como filósofo ou poeta insigne ou ainda como homem excelente na arte de bem escrever. Assim as duas partes mais nobres, mais difíceis de se conquistar, mais extraordinárias e mais estupendas, por assim dizer, da arte e da ciência humanas, digo a poesia e a filosofia, são, em quem as professa, especialmente hoje, as faculdades mais negligenciadas do mundo, preteridas ainda pelas artes que se exercitam principalmente com as mãos, isto por outros motivos porque nin-

guém pretende possuir algumas delas, não as tendo procurado, nem podendo encontrá-las sem estudo e esforço. Finalmente, o poeta e o filósofo não têm em vida outro fruto do seu engenho, outro prêmio por seus estudos a não ser, talvez, uma glória nascida e restrita a um ínfimo número de pessoas. E também essa é uma das muitas coisas às quais se chega com a poesia e a filosofia, "pobre" também ela e "nua", como canta Petrarca,[94] isto é, desprovida de qualquer outro bem que não a reverência e a honra.

Capítulo X

No trato com os homens, não podendo usufruir quase nenhum benefício da tua glória, a maior utilidade que poderás tirar dela será dirigi-la ao espírito e comprazer-te a ti próprio no silêncio da tua solidão, retirar dela estímulo e conforto para novas fadigas e fazer dela o fundamento de tuas novas esperanças. Porque a glória dos escritores, não só, como todos os bens do homem, torna-se mais gratificante de longe do que de perto; jamais é contemporânea a quem a possui, e se pode dizer que não se encontra em lugar nenhum.

Portanto, recorrerás com a imaginação àquele extremo refúgio e conforto dos grandes espíritos, que é a posteridade. Da mesma maneira que Cícero, rico não de uma simples glória nem dessa vulgar ou tênue mas de múltipla e incomum, a quanto era possível chegar um grande e antigo romano, entre homens romanos e antigos, dirige-se nada menos com o desejo às gerações futuras, atribuindo as seguintes palavras a outra pessoa:[95] "Pensa que eu tenha sido levado a realizar e suportar tantos trabalhos, durante os dias e as noites, na cidade ou no campo, se tivesse acreditado que a minha glória não pudesse ultrapassar o fim da minha vida? Não seria melhor escolher um viver ocioso e tranqüilo sem trabalho ou solicitude alguma? Mas o meu espírito, não sei como, quase que elevando ao alto a cabeça, visava continuamente a posteridade como se, acabada a vida, pudesse finalmente sobreviver a ela." O que, indicado por Cícero, se refere a um sentimento de imortalidade dos próprios espíritos, engendrado pela natureza nos corações humanos. Mas a verdadeira razão é que antes de se conquistar todos os bens do mundo, sabe-se quão indignos eles são dos cuidados e das fadigas que se têm, quando os procuramos; com maior razão a glória, que entre todos os outros é mais cara para ser comprada e de menor utilidade para ser possuída. Porém, segundo a palavra de Simônides[96] ("A bela esperança nutre a todos nós com aparências felizes; Todos se cansam disso; uns esperam a aurora amiga, outros a idade ou as estações; E nada na terra apressa o curso mortal ao qual Plutão com os outros deuses não antecipe a mente nos anos vindouros, fáceis e piedosos."), assim, de mão em mão, é fato certo

que a esperança da vaidade e da glória, quase expulsa e perseguida de um lugar a outro, não tenha mais, ao fim, onde repousar no espaço inteiro da vida, nem por isso esmorece mas, passando além da própria morte, se fixa na posteridade. Por isso o homem está sempre inclinado ao bem futuro e precisa sustentar-se dele, assim como está sempre muito insatisfeito com o bem presente. Pois aqueles que são cúpidos de glória, mesmo obtida em vida, se nutrem principalmente da que esperam depois da morte, do mesmo modo que ninguém é tão feliz hoje, que, desprezando a vã felicidade atual, não se conforte com o pensamento daquela igualmente vã que ele espera para o futuro.

CAPÍTULO XI

MAS AFINAL o que é esse recorrer que fazemos à posteridade? Por certo a natureza da imaginação humana leva a formular maior e melhor conceito dos pósteros do que dos contemporâneos e até dos passados, apenas porque não podemos ter nenhum conhecimento dos homens que ainda não existem, nem pela prática nem pela fama. Mas pela razão e não pela imaginação, cremos nós, efetivamente, que aqueles que virão devam ser melhores do que os atuais? Pelo contrário, acredito no oposto e tenho por verídico o provérbio que diz que o mundo envelhece, piorando. Melhor condição parecer-me-ia a dos egrégios homens se pudessem apelar aos passados que, como diz Cícero,[97] não foram inferiores em número aos pósteros, e em virtude foram muito superiores. Mas, com certeza, o homem mais valoroso deste século não receberá nenhum louvor dos antigos. Conceda-se que os futuros, enquanto forem livres pela emulação, pela inveja, pelo amor e pelo ódio, não só entre si mas em relação a nós deverão ser árbitros mais corretos das nossas coisas do que os nossos contemporâneos. Talvez, por outras razões, também serão melhores juízes? Pensamos nós só no que diz respeito aos estudos, que os pósteros terão um número maior de poetas excelentes, de ótimos escritores, de verdadeiros e profundos filósofos, uma vez que só esses podem fazer um digno juízo dos seus semelhantes? Ou então terá o julgamento destes maior eficácia entre a multidão de então do que entre os nossos, no presente? Acreditamos que nos homens comuns serão maiores do que as atuais as faculdades do coração, da imaginação e do intelecto?

Nas belas-letras não vemos nós quantos séculos houve de tão perverso juízo que, tendo desprezado a verdadeira excelência da escrita e esquecido ou ridicularizado os ótimos escritores antigos ou novos, amaram e valorizaram constantemente este ou aquele modo bárbaro, mantendo-o também como o único conveniente e natural, porque qualquer costume, ainda que corrupto e péssimo, dificilmente se distingue da natureza?

E isso não se julga ter acontecido em séculos e nações civilizadas e nobres? Que certeza temos nós de que a posteridade venha a louvar sempre os modos de escrever que nós admiramos, se bem que hoje louvemos os que são verdadeiramente louváveis? Com certeza os julgamentos e as tendências dos homens em torno das belezas da escrita são mutabilíssimos e variam segundo os tempos, a natureza dos lugares e dos povos, dos costumes, dos usos e das pessoas. Ora, a essa variedade e inconstância há que submeter-se igualmente a glória dos escritores.

Também mais diversa e mutável é a condição da filosofia como das outras ciências, ainda que num primeiro aspecto pareça o contrário, porque as belas-letras visam o belo, que em grande parte depende dos costumes e das opiniões, enquanto as ciências dependem da verdade, que é imóvel e não comporta mudanças. Mas como o real está oculto aos mortais a não ser o pouco que os séculos vão descobrindo, por um lado os homens esforçam-se em conhecê-lo fazendo conjeturas sobre ele e abraçando esta ou aquela aparência, por sua vez, e os homens se dividem em muitas opiniões e em diversas seitas: do que se gera nas ciências uma variedade não desprezível. Por outro lado, com as novas informações e com os quase novos lampejos do real, que se vão conquistando aos poucos, crescem continuamente as ciências: daí, e porque prevalecem diferentes opiniões em tempos diversos, as quais, mantidas como certezas, pouco ou nada duram e mudam de forma, de tempos em tempos. Deixo o primeiro ponto, ou seja, a variedade por não ser talvez de menor dano à glória dos filósofos e dos cientistas junto aos seus pósteros, mais do que aos contemporâneos. Mas a mutabilidade das ciências e da filosofia, na tua opinião, o quanto deve prejudicar essa glória na posteridade? Quando, por novas descobertas feitas ou por novas suposições e conjeturas, o estado de uma ou outra ciência mudar significativamente daquilo que é em nosso século, como serão julgados os escritos e pensamentos daqueles homens, que hoje, nessas ciências, gozam do maior prestígio? Agora, quem mais lê as obras de Galileu? Certamente elas foram extraordinárias em seu tempo, nem talvez melhores ou mais dignas de um sumo intelecto, nem repletas de maiores achados e de conceitos mais nobres que se podiam, então, escrever sobre aquelas matérias. Não menos qualquer físico ou matemático medíocre de hoje pode ser, numa ou noutra matéria, muito superior a Galileu. Quantos lêem, hoje em dia, os escritos do chanceler Bacon? Quem se importa com o de Mallebranche? E mesmo a obra de Locke, se os progressos da ciência fundada por ele forem tão rápidos no futuro como parecem dever ser, por quanto tempo ainda andará nas mãos dos homens?

Na verdade, a mesma força de talento, o mesmo engenho e esforço que os filósofos e cientistas usam para conseguir a própria glória, com o

passar do tempo são causa do seu esquecimento ou de seu obscurecimento. Por isso pelo acréscimo que cada um faz à sua ciência, e pelo qual se tornaram famosos, nascem outras contribuições, motivos da superação do nome e dos seus escritos. Certamente que é difícil à maior parte dos homens admirar e venerar nos outros uma ciência muito inferior à própria. Ora, quem pode duvidar de que a próxima geração não venha a conhecer a falsidade de muitíssimas coisas afirmadas hoje ou acreditadas por aqueles que são os primeiros no saber, e a superar um grande passo no conhecimento da verdade da presente geração?

CAPÍTULO XII

EM ÚLTIMO LUGAR procuraria talvez entender o meu parecer e o meu conselho expresso, se a ti, para tua vantagem, convier prosseguir no caminho da glória e omiti-lo, glória que desprovida de utilidade, tão difícil e tão incerta para manter-se como para conseguir-se, semelhante à sombra que, uma vez em tuas mãos, não podes senti-la nem segurá-la. Darei, brevemente, o meu parecer sem nenhuma dissimulação. Acho que essa tua maravilhosa perspicácia e força de entendimento, essa nobreza, esse calor e fecundidade de coração e de imaginação sejam, de todas as qualidades que a sorte dispensa aos espíritos humanos, as mais danosas e deploráveis para quem as recebe. Mas uma vez possuídas, dificilmente se foge aos seus danos, e, por outro lado, nestes tempos, quase o único proveito que elas possam oferecer são essa glória que se conquista com a sua aplicação nas letras e nas doutrinas. Portanto, como farão aqueles infelizes que, por efeito de algum acidente, são desprovidos ou mal-dotados de algum membro e se esforçam por transformar esse infortúnio no maior proveito possível, aproveitando-se dele para mover a liberalidade dos homens por meio da misericórdia? Assim a minha afirmação é que deves empenhar-te em extrair todas as formas dessas tuas qualidades, o único bem ainda que pequeno e incerto que elas são capazes de produzir. Comumente são tidas como benefícios e dons da natureza, passados e presentes, que com elas foram sorteados prêmios dos homens, e freqüentemente invejadas por quem não as possui. Nada é mais contrário ao bom senso do que o homem são invejar as calamidades do corpo daqueles infelizes mencionados acima, como se o mal deles fosse escolhido voluntariamente por conta da infeliz vantagem que eles engendram. Os outros esperam agir, pelo que lhes permitem os tempos, e gozar o quanto comporta esta condição mortal. Os grandes escritores, incapazes por natureza e por hábito de muitos prazeres humanos, privados de muitos outros por vontade, não raramente esquecidos no convívio, a não ser, talvez, pelos poucos que seguem os mesmos estudos, têm por destino

levar uma vida semelhante à morte, e viver, se o conseguirem, depois de sepultados. Mas a nossa sina, para onde quer que ela nos conduza, é seguir com ânimo forte e grande, o que é totalmente exigido da tua e da virtude dos que se assemelham a ti.

DIÁLOGO DE FEDERICO RUYSCH E SUAS MÚMIAS[98]

CORO DOS MORTOS[99] NO ESTÚDIO DE FEDERICO RUYSCH[100]

Sozinha no mundo, eterna, a quem se volta
Toda coisa criada
Em ti, morte, repousa
Nossa desnuda natureza;
Alegre não, mas liberada
Da antiga dor. Profunda noite
Na confusa mente
O pensamento grave obscurece;
À esperança, ao desejo, ao árido espírito
O alento sente-se faltar;
Tão do afã e do temor desprendido
E as idades vazias e lentas
Sem tédio consome;
Vivemos: e como pavoroso fantasma
e suado sonho
Da criança vagueia na alma
Confusa recordação.
Tal memória lhe resta
Do nosso viver: mas do temor está longe
o relembrar. O que fomos?
O que foi aquele ponto cruel
Que de vida teve o nome?
Coisa arcana e estupenda
Hoje é a vida em nossa mente e tal
Como dos vivos ao pensamento
A ignota morte aparece. Como da morte
Vivendo se refugia, assim foge
Da chama vital
Nossa desnuda natureza;
Alegre mão, mas liberta;
Porém ser feliz
Nega aos mortais e nega aos mortos o destino.

RUYSCH, *do lado de fora do estúdio, olhando pelo postigo.* Diacho! Quem ensinou a música a esses mortos, que cantam no meio da noite como galos? Na verdade suo frio e por pouco não estou mais morto que eles. Nem imaginava, porque os preservei da corrupção, que fossem ressuscitar. Pois é: com toda a filosofia tremo da cabeça aos pés. Maldito o diabo que me tentou a pôr essa gente em casa. Não sei o que fazer. Se os deixar aqui fechados será que não quebrarão a porta ou sairão pelo buraco da fechadura e virão me achar na cama? Gritar por socorro por medo dos mortos não fica bem para mim. Vamos, coragem, e experimentemos um pouco amedrontá-los.

Entrando. Filhos, qual é o jogo que estamos jogando? Não vos lembrais que estais mortos? O que significa essa balbúrdia? Talvez estejais envaidecidos com a visita do czar,[101] e pensais que não estão mais sujeitos às leis de antes? Imagino que tivestes a intenção de fazê-lo por brincadeira e não de verdade. Se ressuscitastes, alegro-me convosco, mas não tenho posses que vos sustentem vivos como mortos; por isso saí de minha casa. Se é verdade o que dizem dos vampiros, e sois como eles, procurai outro sangue para beber, pois não estou disposto a deixar sugar o meu do mesmo modo como fui liberal ao injetar-vos aquele artificial.[102] Em suma, se quiserdes ficar quietos e em silêncio, como até agora, manter-nos-emos de acordo e não vos faltará nada em minha casa; senão, cuidado que pego a tranca da porta e vos mato a todos!

UM MORTO: Não fiques zangado, prometo que permaneceremos mortos como estamos sem ser preciso que nos mates.

RUYSCH: Então, que fantasia é essa que vos nasceu agora de cantar?

UM MORTO: Há pouco, exatamente à meia-noite, comemorou-se, pela primeira vez, aquele grande ano matemático[103] sobre o qual os antigos escreveram tantas coisas; e esta é igualmente a primeira vez que os mortos falam. E não apenas nós mas em todo cemitério, em todo sepulcro, no fundo do mar, sob a neve e sob a areia, a céu aberto e em qualquer lugar que se encontrem todos os mortos, à meia-noite, cantaram como nós aquela cançãozinha que ouviste.

RUYSCH: E quanto tempo ficareis a cantar e a falar?

UM MORTO: Já terminaram. De falar são ainda capazes por um quarto de hora. Depois voltam ao silêncio até que se complete de novo o mesmo ano.

RUYSCH: Se isso for verdade, creio que não me deveis interromper outra vez o sono. Falai, pois, livremente, que eu fico aqui no canto e vos escutarei com prazer, por curiosidade, sem perturbar-vos.

UM MORTO: Só podemos falar respondendo a alguma pessoa viva. Quem não tem o que replicar aos vivos, depois de terminada a canção, se aquieta.

RUYSCH: Lamento realmente, porque imagino que seria uma grande distração ouvir o que diríeis entre vós, se pudésseis falar em conjunto.

UM MORTO: Ainda que fizéssemos não ouvirias nada, porque não teríamos o que dizer.

RUYSCH: Vêm-me à mente mil perguntas para fazer. Mas como o tempo é curto e não permite escolha dai-me a entender em particular que sentimento tivestes de corpo e alma no momento da morte.

UM MORTO: Do momento exato da morte, propriamente, não me lembro.

OS OUTROS MORTOS: Nem nós.

RUYSCH: Como, não percebestes?

UM MORTO: Por exemplo, do mesmo modo que nunca te lembras do momento em que começas a dormir, por mais atenção que prestes.

RUYSCH: Mas adormecer é coisa natural.

UM MORTO: E morrer não te parece natural? Mostra-me um homem, um animal ou uma planta que não morra.

RUYSCH: Não me admira mais que fiqueis cantando e falando, se não percebestes o momento da morte. "Assim ele, do golpe despercebido, / Ia combatendo e estava morto", diz um poeta italiano.[104] Pensei que os vossos pares soubessem algo mais que os vivos sobre esse problema da morte. Mas então, voltando ao concreto, não sentistes nenhuma dor no momento da morte?

UM MORTO: Que dor deve ser essa que quem a experimenta não a sente?

RUYSCH: Como quer que seja, todos se persuadem de que o sentimento da morte é dolorosíssimo.

UM MORTO: Como se a morte fosse um sentimento e não o contrário.

RUYSCH: E tanto aqueles que em torno da natureza da alma se aproximam ao parecer dos epicuristas, quanto os que mantêm a opinião comum, todos, ou a maior parte, chegam ao que digo: isto é, à crença de que a morte pela própria natureza e fora de qualquer comparação é uma vivíssima dor.

UM MORTO: Pois bem, pergunta a uns e a outros dos nossos, se o homem não tem a faculdade de perceber o ponto em que as operações vitais, em maior ou menor parte, se interrompem pelo sono, pela letargia, por síncope ou por qualquer outra causa, como se verá na pessoa em que as mesmas operações cessam de todo e não por pouco tempo, mas perpetuamente? Além disso como pode ser que a morte comporte um sentimento vivo? Ou melhor, que ela própria seja, por qualidade inerente, um sentimento vivo? Quando a faculdade de sentir fica não só debilitada e escassa mas reduzida a tão pouco que falta ou se anula, acreditas que a pessoa seja capaz de um sentimento forte? Ou por outra, crês que essa

extinção mesma da faculdade de sentir deva ser um sentimento grandíssimo? Vê que também aqueles que morrem de males agudos e dolorosos, ao aproximar-se a morte, mais ou menos antes de expirar, se aquietam e repousam, de modo a poder-se perceber que a vida deles, reduzida à quantidade tão pequena, não é suficiente à dor, pois esta acaba antes daquela. O mesmo pode-se dizer de nossa parte, a quem quer que pense ter de morrer de dor no último momento.

RUYSCH: Talvez aos epicuristas essas razões possam ser suficientes. Mas não àqueles que julgam de outro modo a substância da alma, como eu no passado e com maior razão de agora em diante, tendo ouvido os mortos falarem e cantarem. Porque, achando que morrer consiste na separação da alma do corpo não compreenderão como essas coisas conjuntas e quase amalgamadas entre si de maneira a constituir uma e outra uma única pessoa, possam separar-se sem uma grandíssima violência e um esforço indizível.

UM MORTO: Dize-me: o espírito talvez esteja ligado ao corpo por algum nervo, músculo ou membrana, que necessariamente tem de se romper quando o espírito parte? Ou talvez seja um membro do corpo que venha a ser arrancado ou amputado violentamente? Não vês, no entanto, que a alma sai desse corpo apenas quando é impedida de nele permanecer e aí não tem mais lugar, não porque não exista alguma força que a extraia ou a desenraíze? Dize-me ainda: talvez ao entrar se sinta ela cravada nele, presa vigorosamente ou, como dizes, soldada? Por que, então, sentirá desligar-se ao sair ou, digamos, experimentará uma sensação violentíssima? Tem por certo que a entrada e a saída da alma são igualmente tranqüilas, fáceis e suaves.

RUYSCH: Então, o que é a morte se não é dor?

UM MORTO: É antes prazer do que outra coisa. Sabe que tanto morrer como adormecer não se dão em um só instante, mas gradualmente. É verdade que esses graus são mais ou menos maiores ou menores segundo a variedade das causas e dos tipos de morte. Nos últimos instantes ela não traz dor ou prazer algum, como também o sono. Nos outros momentos precedentes não pode gerar dor, porque esta é coisa viva e ao iniciar-se o processo mortal os sentidos do homem estão moribundos, que é o mesmo que dizer extremamente exauridos de vigor. Pode bem ser causa de prazer, porque este nem sempre é coisa viva; ao contrário, talvez a maior parte das satisfações humanas consista numa espécie de languidez. De modo que os sentidos do homem são capazes de prazer, ainda quando prestes a extinguir-se, dado que freqüentíssimas vezes a própria languidez é regozijo, principalmente quando nos livra do sofrimento, pois bem sabes que o fim de qualquer dor ou mal-estar é por si próprio um alívio. Daí que o langor da morte deve ser mais agradável, à

medida que liberta o homem de um sofrimento maior. Quanto a mim, se bem que, à hora da morte, não prestasse muita atenção ao que sentia, porque me foi proibido cansar o cérebro pelos médicos, lembro-me, porém, que a sensação que tive não foi muito diferente do alívio que é proporcionado aos homens pelo desfalecimento do sono, durante o tempo em que se começa a adormecer.

OS OUTROS MORTOS: Também parece-nos lembrar de algo semelhante.

RUYSCH: Seja como dizeis: se bem que todos aqueles com quem tive a ocasião de refletir sobre esse assunto, pensavam muito diferentemente. Mas, que eu me lembre, não argumentavam com a própria experiência. Agora dizei-me: no momento da morte, enquanto sentíeis aquele alívio, acháveis que estivésseis morrendo e que aquele prazer fosse uma cortesia da morte ou imaginastes qualquer outra coisa?

UM MORTO: Enquanto não me senti morto jamais me convenci de que não poderia escapar àquele perigo quando mais não fosse e até o último instante em que me foi dado pensar esperei que me restasse ainda uma ou duas horas de vida: o que acredito deva acontecer aos outros quando morrem.

OS OUTROS MORTOS: O mesmo se deu conosco.

RUYSCH: Assim diz Cícero,[105] que ninguém é totalmente decrépito a ponto de não esperar viver ao menos mais um ano. Mas como percebestes, no fim, que o espírito tinha saído do corpo? Dizei-me: como vos reconhecestes mortos? Não respondem. Filhos, não me entendeis? Terá passado o quarto de hora! Toquemo-los um pouco. Estão bem mortos: não há perigo que me causem medo outra vez: voltemos para a cama.

SENTENÇAS MEMORÁVEIS DE FILIPPO OTTONIERI[106]

CAPÍTULO PRIMEIRO

FILIPPO OTTONIERI, de quem tomo algumas reflexões notáveis para começar, ouvidas de sua própria boca, ou contadas por outros, nasceu e passou a maior parte do tempo de sua vida em Nubiana, na província de Valdivento,[107] onde, também, morreu pouco tempo atrás, e onde não se tem lembrança de ninguém que tivesse sido injuriado por ele com fatos ou com palavras. Foi odiado comumente por seus concidadãos, porque parece que sentia pouco prazer em muitas coisas que costumam ser amadas e desejadas pela maior parte dos homens; nem por isso demonstrava sinais de pouca estima ou de reprovação para com aqueles que, mais do que ele, se compraziam com elas e as procuravam. Acredita-se

que ele, efetivamente, não só nos pensamentos mas na prática, fosse o que os homens de seu tempo exerciam como profissão, isto é, filósofo. Por isso pareceu singular às outras pessoas, se bem que não procurasse parecer diferente da multidão, em coisa alguma. A tal propósito dizia que a máxima singularidade que hoje se possa encontrar nos costumes, nas instituições ou nos feitos de qualquer pessoa civilizada, comparada à dos homens, que junto aos antigos eram tidos como únicos, não só é de outra espécie mas é bem diferente do julgamento comum dos contemporâneos: essa singularidade, conquanto pareça grandíssima aos presentes, teria conseguido ser mínima ou nula aos antigos, tanto nos tempos como nos povos da Antiguidade, mais incivis ou mais corruptos. E comparando a singularidade de Jean-Jacques Rousseau, única aos nossos avós, com a de Demócrito e a dos primeiros filósofos cínicos, acrescentava que hoje quem quer que vivesse tão diferentemente de nós quanto aqueles filósofos dos gregos de seu tempo, não seria tido como um homem especial mas, na opinião pública, seria excluído, por assim dizer, da espécie humana. E julgava que, a partir da avaliação absoluta da singularidade possível das pessoas, pode-se conhecer a medida da civilidade dos homens de um lugar ou de um tempo quaisquer.

Na vida, ainda que temperantíssimo, professava o epicurismo talvez mais por brincadeira que a sério. Mas condenava Epicuro, dizendo que, em seu tempo e em sua terra, muito maior prazer podia-se tirar dos estudos, da virtude e da glória que do ócio, da negligência e do uso da voluptuosidade do corpo, coisas em que aquele depositava o sumo bem dos homens. E afirmava que a doutrina epicurista, adequadíssima à idade moderna, foi totalmente estranha à antiga.

Na filosofia gostava de chamar-se socrático e, freqüentemente, como Sócrates, entretinha-se boa parte do dia raciocinando filosoficamente, ora com uma ora com outra pessoa, especialmente com alguns de seus familiares, sobre qualquer matéria que lhe fosse submetida na ocasião. Mas não freqüentava, como aquele filósofo, as oficinas dos sapateiros, dos carpinteiros, dos artesãos e semelhantes, porque achava que, se os operários e os lenhadores de Atenas tinham tempo a perder em filosofar, os de Nubiana, se assim o fizessem, morreriam de fome. E também não pensava ao modo de Sócrates, interrogando e argumentando continuamente, porque dizia que, apesar de serem os modernos mais pacientes que os antigos, não se encontraria hoje quem suportasse responder a milhares de perguntas contínuas e ouvir centenas de conclusões. Na verdade apenas tinha de Sócrates a palavra às vezes irônica e dissimulada; ao procurar a origem da famosa ironia socrática, dizia: Tendo nascido Sócrates com alma tão gentil mas com grandíssima disposição para amar, era por demais infeliz na forma do corpo; verdadeiramente fran-

zino na juventude desistiu de poder ser amado com outro amor que não o da amizade, insuficiente para satisfazer um coração delicado e fervoroso que, quase sempre, sente pelos outros um afeto muito mais doce. Por outro lado, com toda aquela abundante coragem que vem da razão, não parece que fosse dotado o bastante da que nasce da natureza, nem das outras qualidades que, nos tempos de guerra e de sedições e na de tão grande licenciosidade dos atenienses, eram necessárias para tratar dos negócios públicos em sua pátria; ao que sua forma ingrata e ridícula lhe teria prejudicado grandemente junto a um povo que, também na língua, via pouquíssima diferença entre o bom e o belo e, além disso, era dado a caçoar de tudo. Então, numa cidade livre e cheia de ruídos, de paixões e de negócios, de passatempos, de riquezas e de outras sortes, Sócrates, pobre, recusado pelo amor, pouco apto aos negócios públicos e não menos dotado de um grandíssimo talento, que acrescido de tais condições devia aumentar consideravelmente todos os incômodos delas decorrentes, pôs-se a refletir prazenteira e sutilmente sobre as ações, os costumes e as qualidades de seus concidadãos; no que veio a desenvolver certa ironia, como naturalmente deveria acontecer a quem se achava impedido de, por assim dizer, participar da vida. Mas a mansidão e a magnanimidade de sua natureza, e também a celebridade que foi ganhando com essas mesmas reflexões, pela qual, em parte, foi consolado em seu amor-próprio, todas elas fizeram que essa ironia não fosse soberba e amarga mas tranqüila e doce.

Assim, pela primeira vez, segundo a famosa palavra de Cícero, a filosofia descida do céu foi introduzida nas cidades e nas casas por Sócrates;[108] e afastadas da especulação das coisas ocultas de que se tinha ocupado até aquele momento, voltou a considerar os costumes e a vida dos homens e a disputar virtudes e vícios, coisas boas e úteis e também contrárias a elas. Mas Sócrates, a princípio, não tinha em mente realizar essa inovação, ensinar o que quer que fosse, nem mesmo conseguir o nome de filósofo, que, naqueles tempos, era próprio só dos físicos ou metafísicos, pelo que, a partir apenas de tais discussões e colóquios, nem poderia esperar: ao contrário, confessou abertamente não saber coisa alguma, propondo-se apenas distrair-se em discorrer sobre os casos alheios; tendo preferido esse passatempo à própria filosofia e até mesmo a qualquer outra ciência e arte, porque se inclinava muito mais às ações que à especulação, só se voltava à conversação pelas dificuldades que lhe impediam de agir. E nos discursos sempre se exercitou com as pessoas jovens e belas, mais prazenteiramente do que com as outras; quase iludia o desejo e se comprazia ao ser estimado por aquelas pessoas por quem preferia muito mais ser amado. E, uma vez que todas as escolas dos filósofos gregos nascidas daí por diante derivaram, de certo modo, da socrática, con-

cluía Ottonieri que a origem de quase toda filosofia grega, da qual nasce a moderna, teve o perfil sisudo e o rosto de sátiro, de um homem de excelente talento e de ardentíssimo coração. Dizia também que nos livros dos socráticos a imagem do filósofo é semelhante àquelas máscaras que, nas nossas comédias antigas, por toda parte têm um nome, uma roupa e uma índole, mas no restante varia em cada comédia.[109]

Não deixou coisa alguma escrita de filosofia e nada que não pertencesse ao uso privado. E ao ser perguntado por que não filosofava por escrito, como costumava fazer oralmente, e não punha seus pensamentos no papel, respondeu: ler é um conversar que se estabelece com quem escreveu. Ora, como nas festas e nos divertimentos públicos, os que não fazem ou pelo menos não crêem fazer parte do espetáculo, rapidamente se aborrecem, assim na conversação é mais agradável falar que escutar. Mas os livros são necessariamente como aquelas pessoas que, estando com outras, sempre falam e jamais escutam. Portanto, é necessário que o livro diga coisas muito boas e belas e o faça bem para que aquele falar contínuo seja perdoado pelos leitores. De outro modo, qualquer livro, como todo palrador insaciável, será pois inevitavelmente odiado.

CAPÍTULO SEGUNDO

NÃO ADMITIA DISTINÇÃO entre os negócios e os entretenimentos e sempre que se ocupava com alguma coisa, por mais pesada que fosse, dizia ter-se distraído. Somente quando, ao desocupar-se por algum tempo confessava não ter aproveitado nenhum passatempo naquele intervalo.

Dizia que os mais verdadeiros deleites que temos em nossa vida são os que nascem das falsas imagens e que também as crianças encontram o todo no nada, e os homens, o nada no todo.

Comparava todos os prazeres chamados comumente de reais a uma alcachofra da qual, querendo se chegar ao fundo, é preciso roer e chupar todas as folhas. E acrescentava ainda que essas alcachofras são raríssimas enquanto outras existem em grande número, semelhantes àquelas por fora mas sem fundo e que, podendo dificilmente habituar-se a roer as folhas, ele ficava satisfeito, no mais das vezes, em abster-se tanto de uma quanto das outras.

Respondendo a alguém que o interrogou sobre qual fosse o pior momento da vida humana, disse: exceto o tempo da dor, como também o do medo, para mim os piores são os do prazer, porque a esperança e a lembrança deles, que ocupam o resto da vida, são coisas melhores e muito mais doces que os próprios deleites. E comparava em geral os prazeres humanos aos perfumes, porque achava que estes costumavam deixar maior desejo de si que qualquer outra sensação, em relação ao prazer; e

de todos os sentidos do homem o mais distante de poder agradar por si julgava ser o olfato. Também aproximava os perfumes à expectativa dos bens, dizendo que as coisas odoríferas são boas de comer ou saborear de qualquer modo, pois que sempre se vence o sabor com o odor; e degustadas agradam menos que se poderia apreciá-las pelo perfume. E contava que, certa vez, acontecera-lhe ter de suportar com paciência a demora de um bem, que seguramente deveria conseguir, não tanto por grande avidez em alcançá-lo mas por temor de que se atenuasse a sua fruição, por criar em torno dela a imaginação, responsável por uma representação muito maior que aquela que teria conseguido na realidade. E disse que, certa feita, acontecera-lhe ter de suportar pacientemente a demora de um bem na iminência de ser obtido. Nesse ínterim, empenhara-se com a maior diligência em desviar o pensamento do bem como se faz com o dos males.

Dizia ainda que cada um de nós, desde que vem ao mundo, como que se deita em um leito duro e desconfortável e, logo depois, sentindo-se mal-acomodado, começa a virar-se de um lado para o outro, e a mudar de lugar e posição a cada instante: assim passa toda a noite, sempre esperando poder dormir um pouco; finalmente, e algumas vezes acreditando que está para adormecer, chegada a hora de despertar, sem ter descansado nem um pouco, levanta-se.

Observando um grupo de algumas abelhas ocupadas em seu trabalho, disse: felizes vocês que não compreendem a sua infelicidade!

Acreditava que não se pudesse contar todas as misérias dos homens nem deplorar suficientemente uma única delas.

Àquela questão de Horácio sobre como acontece que ninguém esteja contente com a própria condição, respondia: a razão é que nenhuma situação é feliz. Nem os súditos ou os príncipes, nem os pobres ou os ricos, nem os fracos ou os poderosos, os quais, se fossem felizes, estariam contentíssimos com a própria sorte e não invejariam os outros, porque os homens são mais insatisfeitos que qualquer outra espécie: no entanto, só podem satisfazer-se com a felicidade. Ora, sendo sempre infelizes, por que é que, com efeito, jamais estão contentes?

Notava que, se por acaso alguém se achasse na mais feliz situação desta terra, sem poder aumentá-la de modo algum e em nenhuma parte, poder-se-ia dizer que ele seria o mais infeliz de todos os homens. Até os mais velhos têm intenção e esperança de melhorar de algum modo sua condição. E lembrava um passo de Xenofonte,[110] onde este aconselha que, *tendo de se comprar um terreno, é melhor escolher um malcultivado porque, diz ele, um terreno do qual não se espera mais frutos que já dá, não trará tanta alegria quanta a que se pode obter vendo-o progredir de bem a melhor; e todas as nossas propriedades que vemos aumentar*

dão-nos muito maior satisfação do que as outras. Por outro lado observava que nenhuma condição é tão miserável que não possa piorar, e que nenhum mortal, por mais infeliz que seja, não se console nem se vanglorie dizendo viver em tão grande infelicidade que ela não possa aumentar. Ainda que a esperança não tenha fim, o bem dos homens é limitado, ou melhor, se compensarmos as qualidades com os hábitos e com os desejos do rico e do pobre, do senhor e do servo, veremos que uma mesma quantidade de bens está próxima à condição de uns e de outros. Mas a natureza não pôs limite algum aos nossos males; e a nossa capacidade de imaginar não pode conceber calamidade tão grande que não possa verificar-se no presente, no passado ou que não se constate no futuro, em qualquer elemento de nossa espécie. Para tanto, a maior parte dos homens só tem de esperar um aumento dos bens que possui, na verdade; e no espaço desta vida, jamais faltará a alguém matéria real de temor; se o destino logo se reduz, de modo a não ter verdadeiramente a virtude de beneficiar-nos com vantagem, não perde, porém, jamais, a faculdade de ofender-nos com novos danos que possam vencer a romper a própria firmeza do desespero.

Muitas vezes ele ria daqueles filósofos que achavam que o homem pode esquivar-se da força do destino, desprezando e julgando como de outrem todos os bens e os males, quando não está em suas mãos obter ou evitar, manter ou livrar-se deles, não repondo a beatitude e a infelicidade naquilo que só depende deles próprios. Sobre tal opinião, entre outras coisas, dizia: abandonemos a hipótese de que jamais tenha existido alguém que viveu verdadeira e perfeitamente como filósofo entre os outros, mas ninguém viveu ou vive consigo mesmo como tal; também não é possível cuidar das próprias coisas mais que das dos outros, ou preocupar-se com estas como se fossem próprias. Supondo-se que essa disposição de espírito não só fosse possível, que não o é, mas verdadeira e atual em um de nós e também fosse mais perfeita do que afirmam os filósofos, confirmada e conatural ao uso prolongado em mil casos, talvez por isso não estariam em poder da sorte a beatitude e a infelicidade? Essa mesma disposição de ânimo não seria subjacente ao destino ao invés de ser subtraída a ele, como presumem aqueles? A razão do homem não se subjuga a infinitos incidentes, todos os dias? Numerosas doenças que trazem estupidez, delírio, frenesi, furor, matança e cem outras espécies de loucura breve ou duradoura, temporária ou perpétua, não podem perturbá-la, enfraquecê-la, subvertê-la e extingui-la? A memória, repositório da sabedoria, não vai sempre se consumindo e enfraquecendo da juventude em diante? Quantos não se tornam mentalmente crianças na velhice! E quase todos perdem o vigor do espírito nessa idade! Do mesmo modo também, por qualquer má disposição do corpo, ainda que salva e íntegra

a faculdade do intelecto e da memória, a coragem e a constância costumam enfraquecer um pouco mais, um pouco menos, e, não raramente, se apagam. Enfim, é grande tolice confessar que nosso corpo está sujeito às coisas que não estão em nossas faculdades e com tudo isso negar que o espírito, que depende quase que totalmente do corpo, se submeta necessariamente a qualquer outra coisa além de nós mesmos. E concluía que o homem total sempre e irrefutavelmente está em poder da sorte.

Perguntado para que nascem os homens, respondeu por brincadeira: para ficar sabendo o quanto teria sido mais útil não ter nascido.

CAPÍTULO TERCEIRO

A PROPÓSITO DE CERTA DESVENTURA que lhe aconteceu, disse: perder uma pessoa amada por acidente repentino ou por doença breve e rápida não é tão amargo quanto vê-la destruir-se aos poucos (e isto lhe tinha acontecido) por uma longa enfermidade pela qual ela não se acabou, mudando de corpo e alma e reduzindo-se quase a outra pessoa, diferente da primeira. Coisa tristíssima, porque em tal caso o ser amado não desaparece diante de ti, deixando em seu lugar a imagem não menos amável que ele foi no passado e que conservas na alma; ele se torna diante de teus olhos completamente diferente daquele que antes amavas, de modo que todas as ilusões do amor te são arrancadas violentamente do espírito; ao partir para sempre de tua presença, a primeira imagem que tinhas dele no pensamento fica apagada pela última. Assim se perde inteiramente a pessoa amada, bem como a que não sobrevive em ti nem mesmo na imaginação; esta, ao invés de qualquer consolo, te proporciona apenas ocasião de tristeza. Finalmente, desventuras semelhantes não te dão espaço algum para repousar pela dor que trazem.

Queixando-se alguém de uma certa aflição e dizendo: se eu pudesse me livrar desta ser-me-ia levíssimo suportar todas as outras que tenho, ele respondeu: ao contrário, então elas seriam pesadas para ti, agora são leves.

Dizendo um outro: se esta dor tivesse durado mais, não teria sido suportável, ele respondeu ao contrário, habituado e ela, terias suportado melhor.

E em muitas coisas respectivas à natureza dos homens ele se distanciava das opiniões comuns da multidão e, algumas vezes, também das dos sábios. Assim, à guisa de exemplo, negava a oportunidade de rara alegria porporcionada pelas pessoas que respondem ou atendem aos pedidos de outras. No máximo dizia, quando com determinada instância não se pode satisfazer logo a quem pede ou demanda, com pouco mais que o simples consentimento acho que o júbilo sentido pelas coisas obtidas, se não for inoportuno e contrário, é somente dor. Por isso uma e outra paixão

preenchem igualmente o homem com o pensamento de si mesmo, de modo a não deixar lugar à preocupação com as coisas dos outros. Como na dor o nosso mal, assim na grande alegria o bem mantém atentos e entretidos os espíritos, despreocupados com os cuidados e com as necessidades de outrem. Especialmente pela compaixão, estão afastadíssimos de um e de outro tempo: o da dor, porque o homem está inteiramente voltado à piedade de si mesmo, e o da alegria, porque então todas as coisas humanas e toda a vida se lhe apresentam alegres e agradabilíssimas; as aflições e desventuras parecem quase vã imaginação ou certamente nos recusamos a pensar nelas por serem demasiadamente discordantes da presente disposição de nosso ânimo. Os melhores tempos para se tentar levar alguém a agir no presente ou a decidir-se a operar em benefício de outros, são os tempos da alegria plácida e moderada e não extraordinária ou viva; ou mesmo e talvez mais, os tempos de uma tal alegria que, ainda que viva, não tenha nenhum conteúdo determinado mas nasça dos pensamentos vagos e consista em uma tranqüila agitação do espírito. Em tal estado os homens estão mais que nunca dispostos à compaixão, mais acessíveis a quem lhes pede e, às vezes, abraçam espontaneamente a ocasião de gratificar os outros, transformando aquele movimento confuso e o agradável ímpeto de seus pensamentos em alguma louvável ação.

Negava, de modo semelhante, que o infeliz que conta ou de algum modo demonstra seus males consiga, habitualmente, maior compaixão e cuidado por parte daqueles que têm com ele maior semelhança de aflições. Aliás, ao ouvir ou entender as queixas ou compreender as condições do outro, estes não só se preocupam em superestimar seus males como mais graves que os daquele, e acontece muitas vezes que, ao pensar que estão comovidos com aquela situação, interrompem e falam de seu destino, esforçando-se por persuadir que o dele é menos tolerável que o do outro. E ele dizia que em tais casos ocorre normalmente o que se lê na *Ilíada* sobre Aquiles, quando Príamo suplicante e plangente prostrou-se a seus pés; terminado o lamento infeliz, Aquiles pôs-se a chorar, não por causa dos males do outro mas pelas próprias desventuras e pela lembrança do pai e do amigo mortos. Acrescentava que se costuma conferir à compaixão um tanto da própria experiência passada dos mesmos males que se ouvem ou se vêem nos outros e nunca se os mantém no presente.

Dizia que a negligência e a desconsideração são causa de cometimento de infinitas coisas cruéis ou malvadas, e freqüentissimamente têm a aparência de maldade e crueldade; como é o que acontece a alguém que, distraindo-se fora de casa em algum passatempo, deixa os empregados em lugar aberto, a apodrecerem sob a chuva, não por espírito duro e desapiedado, mas por não pensar intencionalmente no desconforto deles. E achava que nos homens a negligência é muito mais comum que a malva-

deza, que a desumanidade e coisas semelhantes; e que dela tem origem um número muito maior de más obras; uma grandíssima parte das obras e do comportamento dos homens que se atribuem a alguma péssima qualidade moral são, na verdade, apenas fruto da desconsideração.

Em certa ocasião, ele disse ser menos grave ao benfeitor a plena e expressa ingratidão do que se ver gratificado por um grande benefício com um pequeno, com o qual o beneficiado, por grosseria de julgamento ou maldade, se crê ou se pretende livre da obrigação em relação ao primeiro. Menos grave também é que esse mesmo venha a ser recompensado ou lhe convenha, por civilidade, dar a demonstração de que o foi; desse modo, por um lado, ele viria a ser despojado da nua e infrutífera gratidão, com a qual verossimilmente, e em qualquer caso, ele sempre contará; por outro lado, ser-lhe-ia tirada a faculdade de, livremente, queixar-se da ingratidão, ou de mostrar-se como realmente é, mal e injustamente correspondido.

Ouvi-o também referir-se a esta sentença como sua: Somos inclinados e costumamos pressupor naqueles com quem acontece de conversarmos muita perspicácia e mestria em reconhecer nossos reais valores, ou os que imaginamos possuir, e ainda em conhecer a beleza ou qualquer outra virtude de nossas palavras ou ações, bem como em reconhecer muita profundidade e um grande hábito de meditar, muita memória para apreciar tais virtudes e valores, tendo-os, pois, sempre em mente; ainda com respeito a qualquer outra coisa não descobrimos nos outros tais valores ou não confessamos a nós mesmos tê-los descoberto.

Capítulo Quarto

Ele notava que, às vezes, os homens indecisos são muito perseverantes em seus propósitos, não obstante qualquer dificuldade; e isso pela própria irresolução, esperando que, ao abandonar a deliberação tomada, convir-lhes-ia determinarem-se de novo. Outras vezes, são eficacíssimos e estão prontos a realizar o que se propuseram, porque, temendo que eles mesmos, de um momento a outro, possam ser induzidos a abandonar a direção tomada e de retornar aquela dificultosíssima perplexidade e indecisão de ânimo em que estavam antes de determinarem-se, apressam a execução e nela empenham toda a sua força, estimulados mais pela ansiedade e pela incerteza de vencerem-se a si próprios, do que pelo objetivo da empresa em si e pelos outros obstáculos que tenham de superar para consegui-lo.

Outras vezes dizia, rindo, que as pessoas habituadas a comunicar continuamente os próprios pensamentos e sentimentos aos outros, reclamam, ainda que estejam sozinhas, se uma mosca as pica ou se um

vaso escorrega ou lhes cai das mãos. Ao contrário, aquelas que, acostumadas a viver consigo mesmas e conter-se no próprio íntimo, ainda que tomadas por uma apoplexia, mesmo achando-se na presença de outrem, não abrem a boca.

Julgava que uma boa parte dos homens, antigos e modernos, considerados grandes ou extraordinários conseguiram essa reputação principalmente em virtude do excesso de alguma qualidade sobre outras. E que o homem de qualidades de espírito equilibradas e bem proporcionadas entre si, embora extraordinárias e sobejamente grandes, possa com dificuldade realizar coisas dignas de um ou outro título, e não parecer grande ou extraordinário aos contemporâneos ou aos pósteros.

Distinguia nas modernas nações civilizadas três gêneros de pessoas. O primeiro em que a natureza própria e também, em grande parte, a comum dos homens, se acha mudada e transformada pela arte e pelos hábitos da vida urbana. A essa espécie de gente dizia pertencerem todos os homens aptos aos negócios particulares ou públicos, a participarem com predileção da sociedade galante, e os seres bem-sucedidos entre aqueles com quem convivem ou com quem de um ou de outro modo tratam; enfim, os que bem se prestam ao exercício da atual vida civil. E a esse único gênero, falando em geral, dizia caber e pertencer o apreço dos homens nas mencionadas nações modernas. A segunda espécie é daqueles cuja natureza não se acha suficientemente transformada pela sua primeira condição, por não ter sido, como se diz, cultivada ou ainda porque, por sua limitação e insuficiência, ficou pouco apta a receber e a conservar as impressões e os efeitos da arte, da prática e do exemplo. Esse gênero é o mais numeroso dos três, desprezado não só por si mesmo como pelos outros, digno de pouca consideração e, enfim, constituído por aquela gente que tem ou merece o nome de vulgo, em qualquer ordem ou condição que tenha sido posta pelo destino. A terceira ordem, em número incomparavelmente inferior às outras duas, quase tão desprezada quanto a segunda e com freqüência ainda mais, é a daquelas pessoas nas quais a natureza, por excesso de força, resistiu à arte de nossa vida atual; elas excluíram-se e rejeitaram-se por si próprias; tendo sido atribuída a tais pessoas apenas uma pequena parte dessa natureza, esta não é suficiente naquelas para o trato dos negócios nem ao governo dos homens com os quais, conversando, não conseguem ser agradáveis ou apreciadas. E ele subdividia esse gênero em duas espécies: uma, inteiramente forte e robusta, indiferente ao desprezo que lhe é atribuído universalmente e quase sempre mais contente com esse do que se fosse por ele honrada, diferente dos demais, não apenas por necessidade de natureza mas também por vontade e de bom grado, distante das esperanças ou dos prazeres da sociedade galante, e solitária no meio das cidades, não só porque foge delas

mas também porque é delas excluída. E acrescentava que se encontram apenas raríssimos exemplares dessa espécie. Dentro da natureza da outra ele dizia estar unida e misturada à força uma espécie de fraqueza e de timidez, de tal modo que ela luta consigo própria. Por isso os homens dessa segunda espécie, não sendo voluntariamente nada alheios à conversação com os outros, desejando em muitas e diversas coisas tornar-se conformes ou semelhantes aos da primeira, sentindo no próprio coração a desestima em que se vêem e parecendo muito menos que homens em muito inferiores a si próprios em talento e espírito não de destacam apesar de todo o cuidado e diligência com que se empenham ao adestrarem-se no uso prático da vida, ao se tornarem toleráveis a si como aos outros nas conversações. Tais foram nos últimos tempos e são em nossa época, uns mais, outros menos, não poucos os de talento maior e mais delicado. E como exemplo insigne lembrava Jean-Jacques Rousseau, acrescentando àquele, outro tirado dos antigos, isto é, Virgílio: sobre este a *Vida latina*, que traz o nome de Donato,[111] gramático, se refere com a autoridade de Melisso,[112] também gramático, escravo liberto de Mecenas, como tendo sido atrasadíssimo na conversação e pouco diferente dos ignorantes. Que isso seja verdadeiro e que Virgílio pela própria e maravilhosa finura de engenho fosse pouco apto a tratar com os homens parecia-lhe que se pudesse inferir muito provavelmente, seja pelo artifício dificílimo e sutilíssimo de seu estilo, seja pela própria índole daquela poesia; como também do que se lê ao fim do segundo livro das *Geórgicas*, onde o poeta, contra o uso dos romanos antigos e absolutamente daqueles de grande engenho, se professa desejoso da vida obscura e solitária. E de tal maneira que se pode compreender que a isso foi forçado por sua natureza, mais que por inclinação própria, amando aquela mais como remédio e refúgio que como um bem. Por isso, geralmente falando, os homens desta e da outra espécie não foram valorizados, a não ser alguns, depois da morte; os do segundo gênero, vivos e mesmo mortos são tidos em pouca ou nenhuma consideração. Julgava poder afirmar-se em geral que, em nossos tempos, o reconhecimento comum dos homens só se obtém em vida com o afastamento e a longa transformação do ser natural. Além disso, uma vez que, atualmente, por assim dizer, toda a vida civil é constituída de pessoas do primeiro gênero, cuja natureza está no meio dos dois restantes, concluía que também por essa via, como por mil outras, pode-se saber que hoje em dia o uso, o manejo e o poder das coisas estão quase totalmente nas mãos da média dos homens.

Distinguia ainda três estados da velhice, considerada em relação aos outros períodos da vida humana. Na origem das nações, quando por hábito e costume todas as idades eram justas e virtuosas, e enquanto a experiência e o conhecimento dos homens e da vida não tinham como

propriedade alienar os ânimos da honestidade e da retidão, a velhice foi venerável acima das outras, porque, com a justiça e com semelhantes valores então comuns a todos, coexistia nela, inerentes à sua natureza, maior senso e prudência que nas outras. Com a sucessão dos tempos, ao contrário, corrompidos e pervertidos os costumes nenhuma idade foi mais vil e abominável que a velhice, inclinada pelo afeto ao mal mais que as outras, pelo mais longo hábito, pelo maior conhecimento e prática das coisas humanas, pelos efeitos da maldade dos outros, mais longamente e em maior número suportados, e por aquela frieza que ela tem naturalmente; ao mesmo tempo, impotente para operar, a não ser com as calúnias, as fraudes, as perfídias, as astúcias e as simulações, em suma com aquelas artes que entre as celeradas são abjetíssimas. Mas depois que o corrompimento dos povos ultrapassara todo o limite e que o desprezo da retidão e da virtude antecedeu nos homens toda a experiência e o conhecimento do mundo e da triste realidade, ou melhor, por assim dizer, a experiência e a cognição precederam a idade, e o homem já na infância tornou-se especialista, instruído e corrompido, a velhice veio a ser, não digo então venerável, pois daí para a frente muito poucas coisas foram merecedoras desse título, mas mais tolerável que todas as das outras épocas da vida. Por isso o fervor do espírito e a exuberância do corpo, anteriormente servindo à imaginação e à nobreza dos pensamentos, quase sempre tinham sido, em alguma parte, origem de costumes, de senso e de obras virtuosas; foram somente estímulos e administradores do malquerer ou da má vontade e das más obras, e deram espírito e vivacidade à maldade, que, no declínio dos anos, foi mitigada e sedada pela frieza do coração e pela imbecilidade dos membros, coisas, aliás, que mais conduzem ao vício que à virtude. Além do que a própria e grande experiência e a informação sobre as coisas humanas, transformadas totalmente em desagradáveis, fastidiosas e vis, em lugar de fazer voltarem os bons à iniqüidade, como no passado, conquistou a força de minguar e, às vezes, extinguir o amor nos tristes. Daí porque, quanto aos costumes, falando da velhice em comparação com as outras idades, pode-se dizer que ela tenha sido nos primeiros tempos como é para o homem bom a melhor coisa; nos tempos corrompidos, como para o mau o péssimo; e nos seguintes e piores, o contrário.

CAPÍTULO QUINTO

ELE REFLETIA FREQÜENTEMENTE sobre aquela qualidade do amor-próprio que hoje se chama egoísmo, apresentando-se-lhe, creio eu, quase sempre, a ocasião de falar sobre ela. (Contarei alguma coisa sobre a matéria das suas sentenças.) Falava que, hoje em dia, quando alguém te é

apresentado com louvor ou censura, com probidade ou com seu contrário, por pessoa que teve que tratar consigo própria ou que o faça no presente, recebes dela apenas a informação de que essa pessoa que o reprova ou louva está satisfeita ou não com aquela: fala bem, se o apresenta como bom, mal se o considera mau.

Negava que alguém, nestes tempos, possa amar sem rivalidade, e, perguntado por quê, respondia: porque, certamente, o amado ou a amada é rival ardentíssimo do amante.

Tomemos por exemplo que solicites um prazer de uma pessoa qualquer, requerendo dela que te satisfaça sem incorrer no ódio e na má vontade de um terceiro; e os três, a saber, este, tu e a pessoa solicitada estejam mais ou menos em igualdade de condição e poder. Afirmo que teu pedido não será satisfeito de modo algum, posto também que a tua satisfação tivesse que comprometer-te grandemente com o teu gratificador em tornar-se também mais benévolo que inimigo do terceiro. Porém, do ódio e da ira dos homens teme-se muito mais que se espera do amor e da gratidão; e com razão, porque em geral se vê que aquelas duas primeiras paixões operam mais freqüentemente e ao agir mostram eficácia muito maior que as contrárias. A razão é que quem se esforça em aborrecer aos que odeia e busca a vingança opera por si; quem se empenha em agradar àqueles que ama e faz jus aos benefícios recebidos, age para os amigos e benfeitores.

Dizia que, em geral, os favores e serviços que se fazem aos outros com esperança e desejo de proveito próprio raras vezes conseguem o seu objetivo, porque os homens que hoje possuem em grande escala mais ciência e mais discernimento que no passado são fáceis em receber e difíceis em doar. E nem mesmo, de tais obséquios e préstimos, os que alguns jovens oferecem a velhas ricas e poderosas atingem sua finalidade, não só com mais freqüência que os outros, mas na maior parte muito mais vezes.

Lembro-me de ter ouvido de sua boca as considerações que se farão abaixo e que concernem principalmente aos costumes modernos. Hoje nada existe que envergonhe os homens que têm prática e experiência do mundo, a não ser a vergonha em si; nem de coisa alguma tais homens se pejam, fora essa, se por acaso, vez por outra, nela incorram.

Maravilhoso poder é o da moda, pois onde as nações e os homens são tenacíssimos pelo uso de todas as outras coisas e obstinadíssimos em julgar, operar e proceder segundo o costume, também contra a razão e em seu prejuízo, aquela sempre que quer a um sinal os faz depor, variar e adotar usos, modos e critérios, quando mesmo o que abandonam é razoável, útil, belo e conveniente, e o que abraçam é o oposto.

De infinitas coisas que, na vida comum ou nos homens em particular, são verdadeiramente ridículas é raríssimo que se ria, e se alguém o experimenta não lhe acontecendo de comunicar seu riso aos outros, logo desiste

delas. Ao contrário, de mil coisas sérias ou convenientíssimas, ri-se todo dia e com grande facilidade se arranca o riso dos outros. Aliás, a maior parte das coisas de que se ri comumente é tudo o que se queira, menos ridícula de fato; e de muitíssimas outras se ri por essa mesma razão, pois não são dignas de riso nem em parte nem suficientemente no todo.

Dizemos e ouvimos a todo momento: *os bons antigos, os nossos bons ancestrais*, e *um homem feito à antiga*, querendo dizer um homem honesto e em quem se pode confiar. Cada geração crê, em parte, que os passados foram melhores que os presentes; por outra, que os povos melhores, distanciando-se cada dia mais de seu primeiro estado, se retrocedessem a ele então, sem dúvida alguma, piorariam.

Certamente a realidade não é bela. Ainda que a verdade possa muitas vezes oferecer algum prazer: e, se nas coisas humanas deve-se priorizar o belo ao real, onde falte aquele deve-se preferir este a todas as outras coisas. Ora, nas cidades grandes estás distante do belo, porque este não tem mais lugar nenhum na vida dos homens. Estás longe também do verdadeiro, porque nas cidades grandes tudo é falso ou vão. De modo que nelas, por assim dizer, não vês, não ouves, não tocas e não respiras senão falsidade, feia e desagradável. O que, pode-se dizer, para os espíritos delicados constitui a maior miséria do mundo.

Aqueles que não precisam prover a si próprios e às suas necessidades mas deixam esses cuidados aos outros, não podem, em geral, fazê-lo de qualquer modo, ou só com grandíssima dificuldade e menos suficientemente do que os outros, em relação a uma das mais importantes necessidades que venham, de algum modo, a ter. Refiro-me à imperiosidade de ocupar a vida, que é a maior de todas as necessidades particulares, às quais se provêm, preenchendo-a, e maior mesmo que a de vivê-la: ou por outra, o viver por si mesmo não é preciso, porque separado da felicidade não é um bem. De onde que, uma vez que se está posto nela, a necessidade suma e primeira é a de conduzi-la com a menor infelicidade possível. Ora, de um lado a existência desocupada e vazia é infelicíssima, de outro, o modo de ocupação, com o qual ela se faz menos infeliz que com qualquer outro, é o que consiste em prover às próprias necessidades.

Dizia que o costume de vender e comprar os homens era coisa inútil ao gênero humano e argumentava que o uso de pegar varíola chegou a Constantinopla, de onde passou à Inglaterra e de lá às outras partes da Europa pela Circássia;[113] aí a doença da varíola natural, depreciando a vida ou a beleza das crianças e dos jovens, prejudicava muito o comércio que fazem aqueles povos de suas donzelas.

Contava sobre si próprio que, quando pela primeira vez saiu da escola e entrou no mundo, propôs, como jovenzinho inexperiente e amigo da verdade, jamais querer louvar pessoa ou coisa que lhe ocorresse no trato

com os homens a não ser quando, vez por outra, elas lhe parecessem verdadeiramente louváveis. Mas que, passado um ano, no qual, mantido o propósito feito, não lhe aconteceu louvar coisa ou pessoa alguma e temendo esquecer-se totalmente por falta de exercício, que na retórica não muito antes aprendera acerca do gênero encomiástico ou laudatório, rompeu o propósito, e daí a pouco afastou-se totalmente dele.

Capítulo Sexto

Ele costumava pedir que lhe lessem ora um ora outro livro, no mais das vezes de um escritor antigo e inseria na leitura um de seus dizeres, quase uma pequena nota oral sobre esse ou aquele trecho e que fazia passar de mão em mão. Ouvindo a leitura das *Vidas* dos filósofos, escritas por Diógenes Laércio,[114] onde, tendo sido interrogado Quílon sobre o que diferençava os doutos dos ignorantes, respondeu que essa diferença estava nas boas esperanças; disse: hoje é totalmente o oposto, porque os ignaros esperam e os sábios não esperam coisa alguma.

Do mesmo modo, lendo-se nas citadas *Vidas*[115] como Sócrates dizia existir no mundo um único bem, que é a ciência, e um único mal, que é a ignorância, afirmou ele: sobre ciência e ignorância antigas não sei, mas hoje eu inverteria essa sentença.

No mesmo livro,[116] reportando-se a esse dogma da seita dos hegesíacos:[117] "o que quer que faça o sábio será em benefício próprio", afirmou: se todos os que procedem desse modo são filósofos, então que venha Platão e torne realidade a sua república em todo o mundo civilizado.

Comentava muito uma sentença de Bíon de Boristênide,[118] proposta pelo mesmo Laércio,[119] que os mais atormentados de todos são os que procuram a maior felicidade. E acrescentava que, ao contrário, os mais felizes são os que podem e costumam nutrir-se das mínimas, e mesmo depois de passadas, fazê-las retornarem e degustá-las prazenteiramente pela memória.

Reunia às várias idades das nações civilizadas aquele verso grego que diz: "os jovens realizam, os adultos consultam, os velhos desejam",[120] afirmando que, na verdade, o que permanece na presente idade é tão-somente o desejo.

A um passo de Plutarco,[121] traduzido por Marcello Adriani,[122] jovem nestas palavras: "muito menos tinham ainda os espartanos sofrido a insolência e as palhaçadas de Estrárocles, que, tendo persuadido o povo (isto é, os atenienses) a sacrificar como vencedor e que depois, tendo sentido a verdade da derrota, desdenhava o segundo, disse: que injúria recebestes de mim que soube manter-vos em festa e na alegria por um espaço de três dias?"; a essas palavras acrescentou Ottonieri: coisa seme-

lhante se poderia responder convenientemente aos que se lamentam da natureza, queixando-se de que ela, por tudo o que representa, tenha escondido a todos a verdade e a tenha encoberto com aparências vãs, porém belas e apreciáveis: que injúria lhes impinge ela, que os mantém alegres por três ou quatro dias? E noutra ocasião afirmou poder-se adequar aos erros naturais do homem aquele do menino induzido enganosamente a tomar o remédio, e o que disse Tasso, "e do engano sua vida recebe" (*Gerusalemme liberata*, I, 3).

Nos *Paradoxos* de Cícero, tendo-lhe sido lido um passo que em língua italiana vulgar se reduziria ao que se segue: "a volúpia talvez torne a pessoa melhor ou mais louvável? E por ventura existe alguém que se vanglorie ou se envaideça em desfrutá-la?", ele disse: caro Cícero, não ouso dizer que os modernos se tornem melhores ou mais louváveis pela volúpia, porém mais louvados certamente que sim. Aliás, deves saber que, hoje, quase todos os jovens se propõem e seguem esse único caminho do louvor, isto é, o que leva às voluptuosidades. Destas não apenas se vangloriam ao obtê-las, e fazem delas e compõem com elas infinitas histórias com os amigos e estranhos, com quem querem e com quem não desejariam ouvir, mas, além disso, a muitíssimos se lhes apetecem e as procuram, não como volúpias mas como causa de louvor e de fama, bem como matéria de glorificação; muitíssimos também delas se apropriam, ainda que não as tenham obtido, procurado ou só as tenham totalmente imaginado.

Notava na história escrita por Arriano[123] sobre as empresas de Alexandre, o Grande, que no dia de Isso[124] Dario colocou os soldados mercenários gregos à frente do exército, e Alexandre os seus mercenários, também gregos, na retaguarda: assim, julgava que por essa única circunstância e nada mais, teria sido possível antever o sucesso da batalha.

Não reprovava, antes louvava e gostava que os escritores refletissem muito sobre si mesmos, porque dizia que nisso são sempre e quase todos eloqüentes e comumente têm o estilo bom e conveniente e até contrário ao habitual no tempo, na nação e neles mesmos. E isso não é de espantar, pois aqueles que escrevem cousas apropriadas têm o espírito fortemente ligado e ocupado com a matéria, e com seu próprio ânimo, não trazidos de outros lugares, nem bebidos em outras fontes, nem mesmo comuns e batidos; e com facilidade isentam-se dos ornamentos frívolos em si, ou despropositados, das graças e das belezas falsas, ou que tenham mais de aparência que de substância, abstêm-se da afetação e de tudo o que está fora do natural. É falsíssimo que normalmente os leitores pouco se importem com aquilo que os escritores dizem de si mesmos: primeiro, porque tudo o que é verdadeiramente pensado e sentido pelo escritor e dito de modo natural e harmonioso gera atenção e produz efeito; depois, por-

que, de modo algum, se representam as coisas alheias ou se discorre com maior veracidade e eficácia sobre elas, a não ser falando das próprias; dado que todos os homens se assemelham entre si, nas qualidades naturais bem como nas acidentais e no que depende da sorte, e que consideradas as coisas humanas em si, elas se vêem muito melhor e com maior sentimento que nos outros. Para confirmar tais pensamentos ele aduzia, entre outras coisas, a alocução de Demóstenes pela Coroa, em que o orador, falando continuamente de si, vence a si mesmo com eloqüência; e Cícero, no mais das vezes, quando toca em suas próprias coisas, é igualmente bem-sucedido, o que se vê, em particular, na *Miloniana*, maravilhosa, e ao fim esplêndida, onde o orador introduz-se a si mesmo. De modo semelhante, belíssimo e eloqüentíssimo, nas orações de Bossuet sobre todos os outros passos, é aquele em que, concluindo com os louvores ao príncipe de Condé, o orador faz menção de sua própria velhice e da morte próxima. Dos escritos de Juliano, imperador, que em todos os outros é sofista, e muitas vezes intolerável, o mais judicioso e mais louvável é a invectiva que se intitula *Misopogone*, ou seja, "contra a barba", em que responde aos motes e às maledicências dos de Antioquia contra ele.[125] Nesse opúsculo, deixando outros valores, ele não é muito inferior a Luciano nem em graça cômica, em riqueza, em perspicácia, nem em vivacidade picante. Na obra dos Césares, ainda que imitada de Luciano, há falta de graça, pobreza de facécias e outros empobrecimentos, frágil e quase insossa. Entre os italianos que, aliás, são quase isentos de escritos eloqüentes, a apologia que Lorenzino dei Medici escreveu para a própria justificativa é um exemplo de grande e perfeita eloqüência em toda a obra, e ainda Torquato Tasso é algumas vezes eloqüente nas outras obras em prosa em que fala muito de si mesmo e quase sempre eloqüentíssimo nas letras onde apenas reflete, pode-se dizer, sobre seus próprios casos.

CAPÍTULO SÉTIMO

LEMBRAM-SE DELE, também, muitos motes e respostas argutas, como aquela que deu a um jovenzinho, muito estudioso das letras, mas pouco experiente do mundo, que dizia que, da arte de governar-se na vida social e do conhecimento prático dos homens, se aprendem cem folhas por dia. Respondeu Ottonieri: mas o livro tem cinco milhões de folhas.

A um outro jovem leviano e temerário, que para defender-se dos que reprovavam seus insucessos diários e as humilhações que cometia, costumava responder que não se pode superestimar a vida mais que uma comédia. Uma vez, disse Ottonieri: também na comédia é melhor colher aplausos que assobios, e o comediante malformado em sua arte ou mal instruído ao exercitá-la, no fim, morre de fome.

Preso por guardas da corte, um homicida velhaco, por ser manco, não pôde fugir depois de cometer o crime. Ele disse: vejam amigos que a justiça, apesar de se dizer manca, alcança o malfeitor se ele também o for.[126]

Viajando pela Itália e lhe tendo sido dito em algum lugar por um cortesão que o queria morder: Eu te falarei com clareza se me permitires, respondeu: ao contrário, terei o maior carinho em ouvir-te, porque viajando se encontram as coisas raras.

Certa vez constrangido por certa necessidade a pedir dinheiro emprestado a alguém que, desculpando-se, não pôde dar-lho, concluiu, afirmando que se tivesse sido rico não teria tido preocupação maior do que as necessidades dos amigos, ao que o outro replicou: Incomodar-me-ia muito se te preocupasses por nossa causa. Peço a Deus que jamais te faça ficar rico.

Quando jovem, tendo composto alguns versos e adotado algumas palavras antigas, e atendendo ao pedido de uma senhora idosa para que os recitasse, esta disse-lhe não compreender suas palavras por serem elas desusadas em seu tempo. Respondeu que, ao contrário, acreditava que se usassem, porque eram muito antigas.

Sobre um avarento riquíssimo, que tinha sido furtado em pouco dinheiro, disse que até com os ladrões ele tinha sido avarento.

De um calculador que sobre qualquer coisa que visse punha-se a contar, disse: os outros fazem as coisas e este as conta.

A alguns antiquários que disputavam juntos uma estatueta antiga de Júpiter, feita de terracota, e tendo-se-lhe pedido seu parecer, disse: Mas vocês não vêem que este é Jupiter em Creta?

De um tolo que pretendia saber muito bem racionar e nas suas conversas, a cada duas palavras, lembrava a lógica, disse: Este é, propriamente, um homem definido à grega, isto é, um animal lógico.

Próximo à morte compôs para si mesmo esta inscrição que depois foi esculpida sobre sua lápide:

OSSOS
DE FILIPPO OTTONIERI
NASCIDO PARA AS OBRAS VIRTUOSAS
E PARA A GLÓRIA
VIVEU OCIOSO E INÚTIL
E MORREU SEM FAMA
NÃO DESCONHECEU A NATUREZA
NEM O SEU
DESTINO.

Diálogo de Cristóvão Colombo e Pedro Gutiérrez[127]

Colombo: Que bela noite, amigo!

Gutiérrez:[128] Bonita de verdade, e creio que, vendo-a da terra, seria mais bela.

Colombo: Muito bem, também estás cansado de navegar.

Gutiérrez: Não de navegar de modo geral, mas esta navegação está me saindo mais longa do que esperava, e me dá um pouco de tédio. Contudo não penses que reclamo de ti, como fazem os outros. Ao contrário, fica certo de que qualquer deliberação que tomares sobre esta viagem te seguirei, como antes, com todas as minhas forças. Mas, por assim dizer, queria que me declarasses com precisão e total sinceridade se ainda estás seguro, como no princípio, de ter de encontrar terra nesta parte do mundo, ou se, depois de tanto tempo e de tanta experiência contrária, começas a duvidar um pouco.

Colombo: Falando claramente, e como se pode, a uma pessoa amiga e íntima, confesso que tive um pouco de dúvida,[129] tanto mais que na viagem muitos indícios que me haviam dado grande esperança desvaneceram-se, tais como o dos pássaros que voaram sobre nós, vindos do Ocidente, poucos dias depois de termos partido de Gomera,[130] e que eu julguei que fossem sinais de terra próxima. De modo semelhante vi, dia a dia, que o efeito não correspondeu a mais de uma conjetura e a mais de um prognóstico feitos por mim antes que nos puséssemos ao mar, acerca de diversas coisas que nos ocorreriam na viagem, conforme acreditava. Porém venho dizendo que, como esses prognósticos me enganaram apesar de me terem parecido quase certos, assim poderia ser que conseguisse sucesso com a principal hipótese vã, ou seja, a de ter de encontrar terra do lado de lá do oceano. É bem verdade que ela tem tais fundamentos que, mesmo se falsa, me parecia, por um lado, não se pudesse ter fé em nenhum juízo humano a não ser que ele consista apenas em coisas que se vêem e se toquem no presente. Mas, por outro lado, considero que a prática freqüentemente discorda disso: aliás, no mais das vezes, pela especulação, também me digo: como podes saber a respeito de cada parte do mundo que se assemelhe às outras, ou seja, que o hemisfério oriental, ocupado em parte por terra e em parte por água, bem como o ocidental, devem dividir-se entre essa e aquela? Como podes saber se ele não está totalmente ocupado por um único e imenso mar? Ou que, ao invés de terra, ou ainda de terra e água, não contenha algum outro elemento? Supondo-se que possua terras e mares como o outro, não poderia ser que fosse ou não habitado? Ou mesmo ser inabitável? Suponhamos que não o seja menos do que o nosso: que certeza tens de que lá haja criaturas racionais como neste? E mesmo se houver como te certificares de que

sejam homens e não algum gênero de animal inteligente? E sendo homens, que não sejam diferentíssimos dos que conheces? Por hipótese, imaginemo-los muito maiores de corpo, mais vigorosos, mais ágeis, dotados naturalmente de muito maior talento e espírito; também, muito mais civilizados e ricos, dotados de muito mais ciência e arte. Venho penando nessas coisas comigo mesmo. E na verdade, vê-se que a natureza dispõe de tanto poder e seus efeitos são tão variados e múltiplos que somente não se pode fazer um juízo seguro do que ela tem realizado e faz em regiões distantíssimas e completamente desconhecidas de nosso mundo, mas podemos também duvidar de que alguém se engane bastante, argumentando sobre isso ou aquilo; não seria contrário à verossimilhança imaginar que as coisas do mundo desconhecido, em parte ou no todo, fossem maravilhosas e estranhas em relação ao nosso. Eis que vemos com os próprios olhos que a agulha imantada nestes mares declina desde a estrela Polar por um grande espaço, em direção ao poente: coisa novíssima e até agora inédita a todos os navegadores, a respeito da qual, de tanto imaginar, não sei encontrar uma razão que me satisfaça. Não digo por tudo isso que se tenha de prestar ouvidos às lendas dos antigos acerca das maravilhas do mundo desconhecido e deste oceano; como, por exemplo, a lenda dos países contada por Hannon,[131] em que à noite eram repletos de chamas e torrentes de fogo que de lá desembocavam no mar; ao contrário, vejamos quanto têm sido falsos até aqui todos os temores de maravilhas e novidades espantosas, que a nossa gente criou nesta viagem, como quando ao ver aquela quantidade de algas que faziam o mar parecer um prado verde e nos impediam de prosseguir, pensou-se que se estava sobre os últimos confins do mar navegável. Mas somente quero inferir, respondendo à tua pergunta que, embora a minha conjetura se funde em argumentos probabilíssimos, não só em minha opinião mas na de muitos geógrafos, astrônomos e navegadores excelentes, com os quais a conferi, e como sabes, na Espanha, na Itália e em Portugal, nem por isso poderia acontecer que não falhasse, porque, torno a dizer, vemos que muitas conclusões tiradas de ótimos discursos não têm apoio na experiência e isso interfere mais que nunca quando pertencem a coisas ao redor das quais se tem pouquíssima luz.

GUTIÉRREZ: De maneira que, substancialmente, puseste tua vida e a de teus companheiros sobre os fundamentos de uma simples opinião especulativa.

COLOMBO: Assim é, não posso negar. Mas deixando de lado que os homens, consciente ou inconscientemente, todos os dias se expõem a perigos de vida em bases muitíssimo mais fracas e por coisas de importância mínima, pensa um pouco nisso. Se agora eu, tu e todos os nossos companheiros não estivéssemos nestas naves, no meio deste mar, nesta

solidão incógnita, em uma situação incerta, o quanto se queira arriscada, em que outra condição de vida nos encontraríamos? Em que estaríamos ocupados? De que modo passaríamos estes dias? Talvez mais alegremente? Ou não estaríamos, ao contrário, em qualquer outro trabalho e responsabilidade maiores, ou dificuldade, ou ainda cheios de tédio? O que quer dizer um estado livre de incertezas e de perigos? Se estivermos contentes e felizes, devemos preferi-lo a qualquer outro, se entediados e infelizes não vejo que outra condição exista para que se postergue tudo isso. Não quero me lembrar da glória e da utilidade que traremos se a empresa for bem-sucedida, conforme nossas esperanças. Ainda quando outro fruto não nos advenha desta navegação, parece-me que ela nos será proveitosa enquanto por um tempo nos mantenha livres do tédio, nos faça tão querida a vida, e nos tornará apreciáveis tantas coisas, que, de outro modo, não levaríamos em consideração. Escrevem os antigos, como terás lido ou ouvido, que os amantes infelizes, jogando-se da rocha de Santa Maura (que então se chamava Lêucade) abaixo, no mar, e salvando-se dele, ficavam por graça de Apolo livres da paixão amorosa. Não sei se se deve acreditar que obtivessem tal efeito, mas sei bem que, saídos desse perigo, teriam por um breve período, ainda que sem o favor de Apolo, um grande amor pela vida, que antes tinham odiado; ou, pelo menos, um pouco mais querida e valorizada que antes. Cada viagem é, a meu ver, quase um salto do penhasco de Lêucade, produzindo as mesmas utilidades, mais duráveis que as que ele produziria, o qual, a esse respeito, é demasiadamente superior. Crê-se comumente que os homens de mar e guerra, estando a cada momento em perigo de morte, subestimam a própria vida, mais que os outros a sua. Eu, a esse respeito, julgo que ela seja tão amada e valorizada por poucas pessoas como pelos navegantes e soldados. Quantos bens, ou melhor, quantas coisas que não têm nem mesmo o nome de bens, possuem e parecem caríssimas e preciosíssimas aos navegantes apenas por serem delas privados! Quem jamais incluiu no número dos bens humanos a posse de um pouco de terra que o sustente? Ninguém exceto os navegadores e sobretudo nós que, pela grande incerteza do sucesso da viagem, não temos, por maior desejo, um cantinho de terra; esse é o primeiro pensamento que nos vem, mal acordamos, e com ele adormecemos; e se, ao menos uma vez, virmos descoberto ao longe o cimo de uma montanha ou de uma floresta, ou coisa semelhante, não caberemos em nós de contentes; e, tomada a terra, só de pensar em nos encontrarmos sobre algo estável, podendo andar de lá para cá, caminhando a nosso talante, parecer-nos-á que seremos felizes por mais dias.

Gutiérrez: Tudo isso é muitíssimo verdadeiro, tanto que se tua conjetura especulativa conseguir verificar-se, assim como é a justificativa de

tê-la seguido, não poderemos deixar de desfrutar dessa beatitude, mais dia menos dia.

COLOMBO: Por mim, se bem que não ouse mais prometê-lo com segurança, espero contudo que estejamos por fruí-la logo. De alguns dias para cá a sonda, como sabes, toca o fundo, e a qualidade da matéria que vem junto com ela me pareceu bom indício. À tarde, as nuvens ao redor do sol se mostram de outra forma e cor, diferentes das dos dias anteriores. O ar, como podes sentir, é um pouco mais doce e tépido do que antes. O vento não corre mais, como dias atrás, tão denso, direto nem constante, mas incerto e vário como se fosse interrompido por algum obstáculo. Acrescente-se aquela taquara que estava à tona, vagando no mar, e que parecia ter sido cortada há pouco, e aquele raminho de árvore com aquelas bagas vermelhas e frescas. Também os bandos de pássaros, se bem me tenham enganado uma vez, agora são tantos e tão grandes, multiplicando-se de tal maneira, a cada dia, que penso poder ver aí algum fundamento, principalmente porque percebo misturadas a eles algumas avezinhas que, pela forma, não me parecem marinhas. Em suma, todos esses sinais recolhidos em conjunto, por mais que queira ser desconfiado, mantêm-me em grande expectativa.

GUTIÉRREZ: Queira Deus que desta vez ela se verifique.

ELOGIO DOS PÁSSAROS[132]

AMÉLIO,[133] FILÓSOFO SOLITÁRIO, estando certa manhã de primavera com seus livros, a ler, sentado à sombra de sua casa no campo, foi atraído pelo canto dos passarinhos e, aos poucos, pondo-se a ouvir e a pensar, deixou a leitura; por fim pegou a pena e naquele mesmo lugar escreveu o que se segue.

Os pássaros são por natureza as mais alegres criaturas do mundo. Não digo isso só pelo que ouves ou vês, o que sempre nos alegra, mas refiro-me a eles em si mesmos, querendo dizer que sentem alegria e contentamento mais que qualquer outro animal. Vêem-se os outros bichos comumente sérios e graves,[134] muitos até parecem melancólicos; raras vezes dão sinal de alegria e mesmo assim breves e pequenos; na maior parte de suas distrações e algazarras não fazem festa nem mostram expressão alguma de alegria; se também se distraem com os campos verdes, com as paisagens abertas e leves, com os solos esplêndidos, com os ares cristalinos e doces, não costumam fazer demonstrações exteriores, exceto o que das lebres se diz, que em noites de luar, especialmente de lua cheia, saltam e brincam juntas, comprazendo-se com aquele clarão, segundo escreve Xenofonte.[135] Quase sempre os pássaros se mostram jucundos nos movimentos e na aparência. E essa virtude de alegrar-nos

quando os vemos procede das formas e dos atos que geralmente são tais que, por natureza, denotam habilidade e disposição especial em provar satisfação e alegria, manifestação que não pode ser considerada vã e ilusória. A cada divertimento e satisfação que experimentam, gorjeiam e, quanto maiores forem eles, tanto maior alento e empenho dedicam ao canto. E como o fazem a maior parte do tempo, infere-se que, normalmente, estão com boa disposição e aproveitam. Observou-se, também, que enquanto fazem amor cantam melhor, mais longa e mais freqüentemente que nunca. Não se pode crer, entretanto, que não haja outros júbilos e outras distrações que, além do amor, não os movam, pois é muito evidente que durante o dia sereno e plácido cantam mais que no escuro e na inquietação; durante as tempestades calam-se como por qualquer outro temor que sentem. Uma vez passada a procela, saem a cantar e a brincar uns com os outros pelos ares afora. Do mesmo modo, vê-se que gorjeiam desde cedo ao despertar, movidos em parte pela alegria que lhes traz um novo dia, em parte por aquele prazer que tem geralmente todo animal ao sentir-se restaurado e refeito pelo sono. Também se satisfazem grandemente com as alegres ervinhas, com os vales férteis, com as águas puras e brilhantes da bela aldeia. É notável que essas coisas que nos são amenas e delicadas também a eles pareçam, segundo o que se pode conhecer das armadilhas com as quais são atraídos às redes e aos viscos nas gaiolas e nos esconderijos dos bosque. Pode-se ainda deduzir esse fenômeno pelas condições dos lugares no campo em que, comumente, há maior freqüência de aves, e seu canto é assíduo e caloroso; aí, com exceção talvez dos que são domesticados e acostumados a viver com os homens, nenhum ou poucos animais avaliam, como nós, a amenidade e o erradio dos lugares. E não é de espantar, pois só se alegram com as coisas naturais. A propósito, uma grandíssima parte do que chamamos de natural não o é; ao contrário, talvez seja artificial, a saber, os campos cultivados, as árvores plantadas e dispostas em ordem, os rios estreitados dentro de certos limites e dirigidos a um determinado curso e coisas semelhantes que não têm o aspecto e a condição que teriam em seu estado natural. Assim a vista de cada aldeia habitada por certa geração de homens civilizados, também não considerando as cidades e outros lugares em que os homens se limitam a viver juntos, tudo é artificial e muito diferente do que seria *in natura*. Dizem alguns,[136] a esse respeito, que a voz dos passarinhos é mais delicada e mais doce e o canto mais modulado entre nós que nos lugares onde os humanos são selvagens e rústicos; e concluem que, mesmo sendo livres, os pássaros tomam algo da civilidade daqueles homens a cuja convivência estão habituados.

Ainda que digam ou não a verdade, foi certamente notável o provimento da natureza ao atribuir a um mesmo gênero da animais o canto e

o vôo, de maneira que estivessem normalmente nas alturas aqueles que deveriam divertir com a voz os outros viventes; de lá podem expandir-se pelos arredores em um espaço maior e atingir a um número maior de ouvintes, de tal forma que o elemento destinado ao som fosse povoado por criaturas canoras e melodiosas. Verdadeiramente muito conforto e satisfação nos proporciona o canto dos passarinhos; não menos, a meu ver, aos outros animais que aos homens. E creio que isso nasça, principalmente, não da suavidade sonora por maior que ela seja nem de sua variedade ou da melodia que, por natureza, está contida no canto em geral, mas, sim, do gorjeio das aves em particular. Este é, por assim dizer, um riso que o pássaro modula quando se sente alegre e contente.

Daí se poderia dizer, de certo modo, que os pássaros participam do privilégio de rir que o homem tem, o que não acontece com os outros animais. E por isso alguém pensou que, como o homem se define um animal inteligente e racional, poderia não menos propriamente dizer-se um animal risível, parecendo-lhe que o riso, não menos que a razão, lhe seja próprio e específico. Certamente admirável é que nele, a mais complicada e infeliz de todas as criaturas, se encontre a faculdade do riso estranha a qualquer outro animal. Espantoso ainda é o uso que fazemos dessa particularidade; pois que muitos riem dos gravemente acidentados, riem ainda quando trazem grande tristeza na alma, os que nada conservam do amor à vida, os que estão certíssimos da vaidade de todo bem humano, os quase incapazes de qualquer alegria e os isentos de toda esperança: todos se riem igualmente. Aliás, quanto melhor conhecem a vaidade dos referidos bens e a infelicidade da vida, quanto menos esperam e também menos aptos estão a apreciá-la, com maior intensidade costumam esses homens inclinar-se ao riso. Geralmente a natureza deste, os modos e os princípios íntimos, do ponto de vista psicológico, mal se poderiam definir e explicar, se não fosse dizendo que o riso é uma espécie de loucura passageira ou mesmo desvario e delírio. Por isso os homens jamais satisfeitos ou distraídos com coisa alguma, não podem ter motivo de riso que seja razoável e justo. Também seria curioso procurar saber onde e em que ocasião mais verossimilmente o homem tenha sido levado pela primeira vez a usar e conhecer essa sua potencialidade. Pois não há dúvida que o ser humano, no estado primitivo e selvagem, quase sempre aparece sério como os outros animais, ou melhor, exteriormente mostra-se melancólico.[137] Daí que sou de opinião que o riso não só surgiu no mundo depois do pranto, o que é indiscutível, mas que se tenha passado bom tempo antes de ser experimentado e visto pela primeira vez. Nesse tempo a mãe não teria sorrido ao filho nem este a teria reconhecido com o sorriso, como diz Virgílio. E se hoje, pelo menos onde a gente se restringe à vida civilizada, os homens começam a rir pouco depois de nascer, princi-

palmente em virtude do exemplo, porque vêem os outros fazerem o mesmo. E acredito que a primeira ocasião e o primeiro motivo de rir tenham sido a embriaguez dos homens, outro efeito próprio e específico do gênero humano. Essa teve origem muito tempo antes de os homens alcançarem alguma espécie de civilização,[138] porque sabemos que quase não se encontra povo, por mais rústico, que não se tenha provido de alguma bebida ou de algum outro modo de embriagar-se sem habituar-se a usá-la cupidamente. Isso nem é de espantar, considerando-se que os homens, infelicíssimos acima de todos os outros animais, também se divertem mais que qualquer outra criatura pela fácil alienação mental, pelo esquecimento de si e pela intermitência da vida por assim dizer; a interrupção ou a diminuição temporária dos sentidos e a consciência dos próprios males, causadas pela embriaguez, proporcionam ao homem um benefício não pequeno. Quanto ao riso, vê-se que os selvagens, ainda que de aspecto sério e triste em outros tempos, mesmo na embriaguez riem profusamente, falando e cantando, bem contrariamente a seus hábitos. Mas dessas coisas tratarei mais extensamente numa história do riso que tenho a intenção de criar; nela, depois de procurar sua origem, continuarei contando os casos, os fatos e a sua sorte, continuamente até a atualidade em que ele atinge uma dignidade e uma condição muito maiores. Ele tem um lugar nas nações civilizadas refreando os homens em muitas coisas e afastando-os das más obras; exerce a função que outrora ocupavam a virtude, a justiça, a honra e similares. Agora, concluindo sobre o canto dos pássaros, digo que a alegria observada ou identificada em outros seres, a qual não se inveja, costuma confortar e alegrar. Muito louvavelmente a natureza providenciou para que esse canto, demonstração de alegria e uma espécie de riso, fosse público; já a voz e o riso dos homens em relação ao restante do mundo são particulares, e sabiamente ela operou para que a terra e o ar ficassem repletos de animais que, todos os dias, com suas vozes ressonantes de alegria e de solenidade como que aplaudissem a vida universal e incitassem os outros viventes à alegria, dando contínuos testemunhos, ainda que fictícios, da felicidade das coisas.

E não é sem uma grande razão que os pássaros sejam e se mostrem alegres mais que os outros animais, porque, verdadeiramente, como indiquei no princípio, são por natureza mais bem adaptados para aproveitarem e serem felizes. Primeiramente não parece que sejam submetidos ao tédio, mudam de lugar a cada instante, passam de região a região, as mais longínquas, e das inferiores às maiores alturas, em breve tempo e com facilidade admirável vêem e experimentam em sua vida infinitas e diversíssimas coisas, exercitam continuamente o corpo, gozam em abundância a vida exterior. Todos os outros animais, depois de providas as suas necessidades, gostam de ficar quietos e ociosos; nenhum, com exce-

ção dos peixes e mesmo de alguns insetos voadores, vive muito tempo a correr só por correr. Assim, o homem da selva,[139] a não ser para suprir, dia a dia, às suas necessidades que requerem pouco e breve trabalho, se a tempestade, alguma fera ou qualquer outro motivo não o impedirem, mal costuma mover um passo, ama principalmente o ócio e a negligência, consome pouco menos do que um dia inteiro, sentado indolentemente em silêncio em sua cabana informe, ao ar livre ou nas fendas e cavernas das rochas e das pedras. Os pássaros, ao contrário, permanecem pouquíssimo num só lugar; vão e vêm continuamente sem nenhum objetivo; costumam voar por divertimento e algumas vezes vão passear por mais de centenas de milhas distantes da região onde vivem e no mesmo dia, à tarde, para aí voltam.[140] Também no curto período em que pousam num lugar, não se vêem jamais com o corpo parado, sempre voltam-se daqui para ali, sempre giram, curvam-se, protendem-se, descem e se agitam com aquela esperteza, aquela agilidade, aquela presteza indizível de movimentos. Em suma, depois de saído do ovo até à morte, salvo nos intervalos do sono, o pássaro não pára quieto um momento. Por tais considerações parece que se poderia afirmar que, naturalmente, o estado comum dos outros animais, compreendendo os homens, é o da quietude e o dos pássaros, o do movimento.

A essas qualidades e condições exteriores correspondem as intrínsecas, isto é, as do ânimo interior, pelas quais, do mesmo modo, são mais aptos à felicidade que os demais. Tendo agudíssimo o ouvido e a vista eficaz e perfeita, de modo a que em nosso espírito, com dificuldade, podemos compor uma imagem correspondente; através dessa potencialidade desfrutam, durante o dia inteiro, de imensos e variadíssimos espetáculos; do alto descobrem, a um só tempo, um largo espectro da terra e percebem diferentemente tantas regiões, com os olhos, quantas, em um momento, mal podem atingir os homens com a mente. Infere-se que devem ter força e vivacidade imensas e grandíssimo uso da imagética. Não daquela imaginação profunda, fervorosa e tempestuosa como tiveram Dante e Tasso, funestíssimo dote, princípio de solicitudes e angústias penosíssimas e perpétuas, mas daquela rica, vária, leve, instável e infantil que é grandíssima fonte de pensamentos amenos e joviais, de doces erros, de vários divertimentos e confortos e o maior e mais frutífero dom com que cortesmente a natureza dotou os seres vivos. Desse modo, os pássaros possuem essa faculdade em grande abundância, o bom, o útil ao regozijo da alma, sem entretanto participar do nocivo e do penoso. E assim como exacerbam a vida extrínseca, igualmente são ricos da interior, de modo que tal abundância resulte em seu benefício e prazer como nas crianças, e não em imenso dano e miséria como nos homens. Do mesmo modo que o pássaro apresenta semelhança manifesta com a

criança quanto à esperteza e à mobilidade externas, é de crer-se que a ela se assemelha nas qualidades interiores de ânimo. Se os bens dessa idade fossem comuns às outras e os males não maiores nestas que naquela, talvez o homem tivesse razão de levar pacientemente a vida.

A meu ver, se considerarmos a natureza dos pássaros de certo modo ela ultrapassa em perfeição a dos outros animais. À guisa de exemplo, se levarmos em conta que o pássaro vence, e muito, a todos os outros na faculdade de ver e na de ouvir, que segundo a ordem natural pertencem ao gênero das criaturas animadas e são os seus sentimentos principais, segue-se que a natureza da ave é a coisa mais perfeita entre as outras das demais espécies. Repetindo o que acima foi escrito, a índole dos outros animais é naturalmente inclinada à quietude, e a dos pássaros ao movimento, sendo esta mais viva que a imobilidade; ou melhor, consistindo a vida em mobilidade, as aves ultrapassam de muito em movimento exterior a qualquer outra espécie. Além disso, a vista e o ouvido nos quais eles sobrepujam a todos os demais, excedem as outras potencialidades, constituindo os dois sentidos mais vivos e mais móveis tanto em si mesmos quanto nos hábitos e nos outros efeitos que se produzem dentro e fora do animal; e, finalmente, com tudo o que se disse antes conclui-se que o pássaro possui maior riqueza de vida exterior e interior, o que não se dá com os outros. Ora, se a vida é mais perfeita que o seu contrário, pelo menos nas criaturas vivas, e se, por isso, a maior riqueza da vida é maior perfeição, também desse modo segue-se que a natureza dos pássaros é mais perfeita. A esse propósito não se pode deixar de dizer que os pássaros estão igualmente preparados para suportar os extremos rigores do frio e do calor,[141] mesmo sem intervalo de tempo entre um e outro, pois, muitas vezes, vemos que, da terra, em pouco mais de um instante eles se elevam ao ar, até a uma altura máxima e, por assim dizer, até a um lugar ilimitadamente frio, muitos deles percorrendo a voar rapidamente sob diversos climas.

Enfim, como Anacreonte[142] desejava poder transformar-se em espelho para poder ser continuamente admirado por aquela que amava, em saiote para poder cobri-la, em ungüento para ungi-la, em água para lavá-la, em faixa para que ela o apertasse ao seio, em pérola para levá-la ao pescoço ou em sapato para que ela, ao menos, o pressionasse com o pé, do mesmo modo eu gostaria, por pouco tempo, de me transformar em passarinho para provar o júbilo e a alegria de sua vida.

CÂNTICO DO GALO SILVESTRE[143]

AFIRMAM ALGUNS MESTRES e escritores hebreus que, entre o céu e a terra, ou digamos, a metade em um, a outra na outra, vive certo galo selvagem,

que está com os pés na terra e toca o céu com a crista e o bico.[144] Esse galo gigante, além de suas várias peculiaridades que sobre ele se podem ler nos autores acima referidos, tem o uso da razão, ou com certeza como um papagaio foi amestrado por não se sabe quem para proferir palavras ao modo dos homens, pois que foi encontrado em um pergaminho antigo, escrito em caracteres hebraicos e num misto de língua caldaica, targúmica, rabínica, cabalística e talmúdica, um cântico intitulado *Scir detarnegol bara letzafra*, isto é, *Cântico matutino do galo silvestre.* Com grande trabalho e interrogando mais de um rabino, cabalista, teólogo, jurisconsulto e filósofo hebreu, cheguei a compreender e a transcrever em italiano o que em seguida aqui se vê. Ainda não consegui inferir se esse cântico o galo repete de tempos em tempos, todas as manhãs, ou se tenha sido cantado uma única vez, e quem é que ouve ou o tenha ouvido; pergunto-me ainda se a língua do galo é exatamente a sua própria ou se o cântico tenha sido recolhido de algum outro idioma. Quanto à vulgarização abaixo transcrita, para fazê-la a mais fiel que se pudesse, para o que me esforcei de todos os modos possíveis, pareceu-me usar a prosa melhor que o verso, mas a prosa poética. O estilo interrompido e, algumas vezes, enfatuado talvez não deverá ser-me imputado, estando conforme ao original, cujo texto corresponde nessa parte ao uso das línguas do Oriente e, especialmente, à dos poetas.

Para o alto, ó mortais, despertai! O dia renasce, volta sobre a terra a verdade e partem dela as imagens vãs. Surgi, retomai a carga da vida, voltai do mundo falso ao verdadeiro!

Cada um nesse momento recolhe e apanha com o espírito todos os pensamentos de sua vida presente, traz à memória os projetos, os estudos e os negócios, coloca diante dos olhos os lazeres e as preocupações que estão para acontecer-lhe no espaço de um novo dia. E nesse tempo cada um está mais desejoso do que nunca de encontrar, mesmo que em sua mente, expectativas jubilosas e pensamentos doces. Mas poucos se satisfazem com esse desejo, a todos o despertar é danoso. Antes de acordar volta às mãos do infeliz a sua desdita. Aquele sono é algo dulcíssimo e para conciliá-lo concorrem a alegria e a esperança. Tanto uma como outra, até o momento de despertar, conservam-se íntegras e salvas mas, à vigília, elas se ausentam ou diminuem.

Se o sono dos mortais fosse perpétuo e se identificasse com a vida, se, sob o astro diurno, todos os seres viventes fossem se enfraquecendo pela terra, com profundíssima quietude, se não aparecesse obra alguma, nenhum mugido de bois pelos prados, nenhum ruído de feras pelas florestas, nenhum canto de pássaros pelo ar, nenhum zumbido de abelhas ou movimento de borboletas percorressem os campos, nenhuma voz ou

movimento algum a não ser o das águas, do vento e das tempestades surgissem em algum canto, certamente o universo seria inútil. Talvez não se encontrasse nele menos felicidade ou mais miséria do que hoje. Pergunto-te, ó Sol, autor do dia e regente da vigília: no espaço dos séculos distintos e consumados por ti até hoje, surgindo e se pondo, reconheceste alguma vez, entre os viventes, um único ser feliz? Das obras inumeráveis dos mortais, vistas por ti até agora, achas que ao menos uma conseguisse o seu intento, que fosse a satisfação duradoura ou transitória daquela criatura que a produziu? Ou melhor, presencias ou vislumbraste jamais a felicidade dentro dos confins do mundo? Em que campo habita, em que bosque, em que montanha, em que vale, em que aldeia povoada ou deserta, em que planeta dentre os tantos que as tuas chamas iluminam e aquecem? Talvez se esconda do teu conspecto e assente no ínfimo das cavernas, no imo da terra ou do mar? Que coisa animada dela participa, que planta ou outra coisa qualquer que vivificas? Que criatura amparada ou desprovida de virtudes vegetais ou animais? E tu mesmo, quase um gigante incansável e veloz, dia e noite, sem sono nem repouso percorres o desmesurado caminho que te é prescrito, és feliz ou infeliz?[145]

Mortais, despertai. Não estais ainda livres da vida. Virá o tempo em que nenhuma força exterior, nenhum intrínseco movimento vos resgatará da quietude e do sono, mas nela sempre e inesgotavelmente repousareis. Por ora não vos é concedida a morte: apenas de quando em quando por um breve período de tempo vos é consentido um simulacro dela, pois não se poderia conservar a vida se esta não fosse freqüentemente interrompida. Uma falta demasiadamente longa desse sono breve e transitório é um mal por si mortífero e causa de sono eterno. Assim também é a vida, que, para ser levada, é preciso a cada instante, depondo-a, retomar um pouco de alento e restaurá-la com um gosto e quase uma partícula de morte.

Parece que o ser das coisas tem por seu próprio e único objetivo a morte. Não podendo morrer o que não existia, porque do nada emanaram as coisas que são. Certamente a última causa do ser não é a felicidade, pois nada é feliz. É verdade que as criaturas animadas propõem-se essa finalidade em cada uma de suas obras, mas de nenhuma delas a obtêm e por toda a sua vida engendrando, realizando e penando sempre, não se cansam a não ser para atingir a essa única intenção da natureza, que é a morte.

Seja como for, a primeira parte do dia costuma ser a mais suportável. Poucos ao despertarem reencontram na mente pensamentos jocosos e alegres, mas quase todos produzem-nos e os formam no ato, porque os ânimos naquela hora ainda que sem nenhuma matéria especial e determinada, inclinam-se sobretudo pela alegria ou estão dispostos, mais que nos outros momentos, a suportar os males. Daí que se alguém, chegado o sono, se achava imerso no desespero, despertando aceita novamente no

espírito a esperança, ainda que, de modo algum, ela lhe convenha. Muitas desgraças e infortúnios próprios, muitas causas de temor e aborrecimento aparecem naquele instante tão breve, que não tinham surgido na noite passada. Freqüentemente ainda, as angústicas do dia anterior são desprezadas e quase ridicularizadas como efeito de erros e de vã imaginação. A noite é comparável à velhice: ao contrário, o início da manhã se assemelha à juventude, e isso para o mais consolado e o confidente; a noite é triste, desanimadora e propícia à espera do mal. Mas como a juventude da vida inteira, a que os mortais experimentam a cada dia é brevíssima e fugitiva, e rapidamente para eles o dia se transforma em idade provecta.

A flor dos anos, se bem que o melhor da vida, é mesmo algo infeliz. Para tanto, esse pequeno bem vem a faltar em tão pouco tempo que quando a criatura vivente percebe por muitos indícios o declínio do próprio ser, mal tenha provado a perfeição e podido sentir e conhecer plenamente suas forças, ela se dá conta de que estas vão acabando. Em qualquer espécie de entes mortais a maior parte do viver é um fenecer, tanto quanto em cada obra sua a natureza tende e é dirigida à morte; assim, não por outro motivo a velhice predomina tão manifestamente, e de muito, na vida e no mundo. Cada parte do universo apressa-se, infatigavelmente, para a morte com solicitude e celeridade admiráveis. Apenas o próprio planeta parace imune à decadência e ao declínio. Contudo, se no outono e no inverno mostra-se quase enfermo e velho, não menos, na nova estação, rejuvenesce sempre. Mas como os mortais no primeiro momento de cada dia readquirem uma parte da juventude, assim envelhecem todos os dias e finalmente se extinguem; igualmente o universo no princípio de cada ano renasce e nem por isso deixa de continuamente envelhecer. Tempo virá em que ele e a própria natureza se apagarão. Assim como de grandes reinos e impérios humanos com seus movimentos maravilhosos, famosíssimos em outros tempos, nada resta hoje, de indícios ou fama; o mesmo, do mundo inteiro, dos acontecimentos infinitos e das calamidades das coisas criadas, não restará um vestígio sequer. Apenas um silêncio nu e uma altíssima quietude encherão o espaço imenso. Assim esse arcano admirável e espantoso da existência universal, antes de ser declarado ou compreendido, se extinguirá e se perderá.

FRAGMENTO APÓCRIFO DE ESTRATÃO DE LÂMPSACO[146]

PREÂMBULO

ESTE FRAGMENTO, que eu por passatempo passei do grego ao italiano, foi retirado de um códice escrito a mão, que se encontrava há alguns anos e

talvez ainda esteja na biblioteca dos monges do monte Atos. Chamo-o de *Fragmento apócrifo*, porque, como qualquer um pode ver, as coisas que se lêem no capítulo "Do fim do mundo" só podem ter sido descritas pouco tempo atrás; então Estratão de Lâmpsaco,[147] filósofo peripatético, chamado o físico, viveu trezentos anos antes da era cristã. É bem verdade que o capítulo "Da origem do mundo" concorda, em parte bem proximamente, com o pouco que temos das opiniões sobre aquele filósofo nos escritores antigos. Porém pode-se também crer que o primeiro capítulo ou mesmo o princípio do segundo sejam verdadeiramente de Estratão; o resto que se lhe tenha acrescentado algum outro sábio grego não antes do século passado, julguem os eruditos leitores.

Da Origem do Mundo

Assim como todas as coisas materiais perecem e têm fim, todas tiveram começo. Mas a matéria mesma não teve início algum, quer dizer, ela, por sua própria força, existe *ab aeterno*. Porém, se, ao ver que as coisas materiais crescem e diminuem e por último se dissolvem, conclui-se que não existem nem por si nem *ab aeterno*, mas iniciadas e produzidas, ao contrário daquilo que jamais cresce ou diminui e jamais perece, dever-se-á julgar que jamais se originaram ou provieram de causa alguma. E, certamente, de modo nenhum se poderia provar que das duas argumentações, se esta fosse falsa, aquela seria mesmo verdadeira. Mas, uma vez que estamos certos de que aquela é verdadeira, o mesmo temos de conceder à outra. Agora vemos que a matéria nunca se acrescenta em quantidade por menor que seja e também a mínima parte dela se perde da maneira a que ela é submetida a perecer. Por serem tantos os diversos modos de existir da matéria quantos os que se vêem que chamamos criaturas materiais, eles são transitórios e passageiros; mas nenhum sinal de caducidade nem de mortalidade se identifica na matéria universalmente e também nenhum indício de que ela tinha iniciado; nem que para existir tivesse sido ou seja necessária alguma causa ou força fora dela. O mundo, isto é, o ser da matéria em um determinado modo, é algo iniciado e provisório. Agora falaremos sobre a origem do mundo.

A matéria em geral, como em particular as plantas e as criaturas animadas, tem em si e por natureza uma ou mais forças próprias que a agitam e movem de diversíssimas maneiras, continuamente. Não podemos fazer conjeturas nem denominar tais forças a partir de seus efeitos, nem conhecer em si ou descobrir a natureza delas. Não podemos também saber se esses efeitos que por nós se referem a uma mesma força procedem verdadeiramente de uma ou de mais delas, e se, pelo contrário, essas forças que significamos com diversos nomes são verdadeira-

mente diferentes entre si, ou mesmo uma única. De modo parecido, todos os dias em relação ao homem com diversos vocábulos se dá nome a uma única paixão ou força, por exemplo a ambição, o amor do prazer e outros; de cada uma dessas fontes derivam efeitos ora simplesmente diferentes, ora contrários, que são, de fato, uma mesma paixão, isto é, o amor de si próprio operando diversamente em diferentes casos. Portanto essas, como se deve dizer, ou essa força, movendo a matéria, e agitando-a continuamente, forma a partir dela inúmeras criaturas, isto é, modifica-a em variadíssimas formas. A todo o conjunto de tais criaturas distribuídas em gêneros e espécies, reunidas, ordenadas e relacionadas de certo modo proveniente de sua natureza específica, chama-se mundo. Mas por isso mesmo que a citada força jamais deixa de operar e de modificar a matéria, formando continuamente e destruindo as criaturas, e com a matéria destas plasmando outras. Até que, destruindo-se os indivíduos, os gêneros e as espécies se mantêm no todo ou na maior parte, e que as ordens e as relações naturais das coisas não se permutem global ou parcialmente, diz-se que esse mundo ainda permanece. Mas infinitos universos no espaço infinito da eternidade, ao durar mais ou menos tempo, finalmente vêm diminuindo, perdendo-se por aí em contínuas reviravoltas da matéria, causadas pela energia da referida força; compostos pelos gêneros e espécies e perdidas as relações e ordens que os governavam, desaparecem; nem por isso a matéria diminui em qualquer de suas partículas, faltando apenas aqueles seus modos de ser, que se sucedem imediatamente uns aos outros, ou mesmo fazendo seguir, de cada vez, um mundo ao outro.

DO FIM DO MUNDO

NÃO SE PODE FACILMENTE dizer quanto tempo durou até hoje, nem quanto vai durar daqui por diante esse mundo atual, do qual fazem parte os homens, isto é, uma das espécies de que ele é composto. As ordens que o regem parecem imutáveis e como tais são tidas, uma vez que mudam aos poucos e com uma duração de tempo inapreensível; suas mutações quase não são captadas nem apreendidas pelos sentidos do homem. Por mais longo que seja esse período não é senão mínimo em relação à duração eterna da matéria. Neste mundo presente vê-se um contínuo perecer de indivíduos e uma contínua transformação de coisas em outras. Porém a destruição é compensada pela produção em seqüência, e os gêneros se conservam; calcula-se que este mundo não tenha nem venha a ter em si alguma causa pela qual possa perecer ou que demonstre algum sinal de caducidade. E não menos se pode saber o contrário, isto por mais de um indício, entre outros, especialmente, por esse.

Sabemos que a Terra, em razão da sua perpétua rotação em torno ao próprio eixo, afastando do centro as partes próximas do equador, e projetando para o centro as que circundam os pólos, muda de figura e a si própria continuamente, tornando-se cada vez mais compacta junto ao equador e, ao contrário, mais comprimida nos pólos. Ora pois, daí deve acontecer que, ao cabo de certo tempo, possivelmente calculável mas desconhecido pelos homens, a Terra se aplaine num e noutro extremo até ao equador e, ao perder a sua forma de globo, adquira a aparência de um tampo fino e redondo. Esse disco, girando em continuidade ao redor de seu centro, sempre mais atenuado e dilatado, com o passar do tempo, afastará do centro todas as suas partes e ficará furado no meio. Tal buraco ampliar-se-á em círculo, dia a dia, e a Terra reduzida de tal maneira à figura de um anel, quebrar-se-á em partes, ao fim. Os pedaços saídos de sua atual órbita, ao perder o movimento circular, precipitar-se-ão no Sol ou, talvez, em algum planeta.

Poder-se-ia, por acaso, para confirmar esse discurso, aduzir o exemplo do anel de Saturno sobre cuja natureza não concordam os físicos. E apesar de nova e inédita, talvez não seria inverossímil presumir que o referido anel tivesse sido, no princípio, um dos planetas menores destinados ao séquito de Saturno, daí achatado e depois furado ao meio por causas semelhantes às que demos para a Terra, mas muito mais depressa, por ser de matéria mais rara e mais mole, caísse de sua órbita no planeta Saturno, no qual, pela virtude atrativa de sua massa e de seu centro ficou retido, assim como, na realidade, o vemos ao redor dele. Poder-se-ia crer que esse anel continuando ainda a girar, como o faz, em torno de seu centro que é o mesmo do globo de Saturno, sempre mais se afine e se dilate, aumentando o intervalo que vai dele ao referido globo; embora isso aconteça muito mais lentamente do que era de se esperar ou desejar, a fim de que tais mudanças pudessem ser anotadas e conhecidas pelos homens, colocados a tão grande distância. Seriamente ou por brincadeira, que sejam ditas essas coisas sobre o anel de Saturno.

Ora, essa mudança que sabemos ter intervindo e interferir a cada dia no formato da Terra, sem dúvida alguma pelas mesmas causas, não intervém de modo parecido na de todos os planetas, do mesmo modo que neles ela não seja tão manifesta aos olhos, como o é na forma de Júpiter. Não só naqueles que à semelhança da Terra giram ao redor do Sol, mas o mesmo sem dúvida acontece com aqueles planetas ao redor de cada estrela, segundo o que toda a razão leva a crer. Portanto, de modo igual ao que se viu na Terra, todos os planetas ao cabo de certo tempo, reduzidos por si mesmos a pedaços, devem precipitar-se, uns sobre o Sol, outros em suas estrelas. É claro que não só alguns ou muitos indivíduos como universalmente os gêneros e as espécies que hoje se contêm na Terra e nos planetas serão, por

assim dizer, destruídos pela raiz e consumidos nas chamas do Sol. E isso, por acaso ou por algo semelhante, tiveram no espírito aqueles filósofos gregos ou bárbaros, que afirmaram que este mundo presente, ao fim, deverá perecer no fogo. Mas vemos que ainda o Sol gira em torno do próprio eixo e, portanto, deve crer-se o mesmo das estrelas; segue-se que um e outras, com o passar do tempo, devem, não menos que os planetas, dissolver-se, e suas chamas dispersarem-se no espaço. De tal maneira, então, o moto circular das esferas do mundo, importantíssima parte das atuais ordens naturais e quase princípio e fonte da conservação d'este universo, será também a causa da destruição dele e das referidas ordens.

Desaparecidos os planetas, a Terra, o Sol e as estrelas, mas não sua matéria, formar-se-ão desta novas criaturas, diferenciadas em novos gêneros e novas espécies e nascerão, pelas forças eternas da matéria, novas ordens de coisas e um novo mundo. Mas sobre as qualidades deste e daquelas, bem como dos incontáveis que já existiram e dos infinitos que virão depois, não podemos conjeturar nem minimamente.

DIÁLOGO DE TIMANDRO E ELEANDRO[148]

TIMANDRO: Quero, ou melhor, devo dizer-te muito livremente. A substância e a intenção do que escreves e falas parecem-me muito censuráveis.

ELEANDRO: Enquanto não te parecer também o meu agir, não me lamentarei tanto, porque as palavras e os escritos importam pouco.

TIMANDRO: Na ação não encontro do que repreender-te. Sei que não fazes bem aos outros por não poder e vejo que não fazes mal por não querer. Mas nas palavras e nos escritos acho-te muito repreensível e não te concedo que hoje essas coisas pouco importem, porque a nossa vida presente pode-se dizer que não consiste noutra coisa. Deixemos por ora as palavras e falemos sobre os escritos. Aquela contínua censura e derrisão que fazes à espécie humana, em primeiro lugar, estão fora de moda.

ELEANDRO: O meu cérebro também está. E não é novidade que os filhos nasçam parecidos com os pais.

TIMANDRO: Nem será novo que teus livros, como tudo o que é contrário ao uso corrente, tenham má sorte.

ELEANDRO: Ainda bem. Nem por isso irão bater às portas dos outros.

TIMANDRO: Há quarenta ou cinqüenta anos os filósofos costumavam lamentar a espécie humana, mas neste século fazem tudo ao contrário.

ELEANDRO: Crês que quarenta ou cinqüenta anos atrás, assim fazendo eles, falavam a verdade ou a falsidade?

TIMANDRO: O mais das vezes e mais freqüentemente, o verdadeiro e não o falso.

ELEANDRO: Crês que em todos esses anos a espécie humana mudou e se tornou o oposto ao que era antes?

TIMANDRO: Não creio, mas isso não acrescenta nada ao nosso propósito.

ELEANDRO: Por que não? Talvez tenha aumentado em poder e subido de grau; talvez os escritores de hoje sejam constrangidos à adulação ou à reverência.

TIMANDRO: Essas são brincadeiras sobre assunto grave.

ELEANDRO: Então, voltando ao sério, não ignoro que os homens deste século, fazendo mal aos seus semelhantes, à moda antiga, puseram-se a falar bem agora, ao contrário do precedente. Mas eu, que nada faço aos semelhantes e dessemelhantes, não creio ter de falar bem de todos contra a consciência.

TIMANDRO: Contudo és obrigado, como todos os outros, a procurar agradar à tua espécie.

ELEANDRO: Se esta procura fazer o contrário a mim, não vejo como me caiba essa obrigação a que te referes. Mas suponhamos que a tenha, que devo fazer se não posso?

TIMANDRO: Não podes como poucos outros em relação aos fatos. Mas nos escritos bem podes e deves. E não se agrada ninguém com livros que espicacem continuamente o homem em geral; ao contrário, só se desagrada e muitíssimo.

ELEANDRO: Aceito que não se agrade e estimo que não se desagrade. Mas crês que os livros possam aprazer à espécie humana?

TIMANDRO: Não apenas eu, mas todo mundo crê.

ELEANDRO: Que espécie de livros?

TIMANDRO: De muitos gêneros, especialmente os de moral.

ELEANDRO: Nesses nem todo mundo confia, porque eu, como os outros, não creio; assim respondeu uma mulher a Sócrates.[149] Se algum livro de moral pudesse ser aprazível penso que os que mais o fariam seriam os poéticos; digo poéticos, tomando essa palavra em senso lato, isto é, os livros destinados a mover a imaginação, e refiro-me não menos aos de prosa que aos em verso. Ora, tenho pouca estima por aquela poesia que, lida e meditada, não deixa no ânimo do leitor um sentimento nobre e, por meia hora, lhe impeça de admitir um pensamento vil e cometer uma ação indigna. Mas se depois de uma hora o leitor ainda descrê de seu principal amigo, nem por isso desprezo essa poesia: porque de modo bem diverso me conviria desprezar as mais belas, mais calorosas e as mais nobres poesias do mundo. E excluo, pois, deste discurso os leitores que vivem nas cidades grandes; esses, ainda no caso de lerem atentamente, não podem contentar-se, por meia hora que seja, nem distrair-se ou comover-se por espécie alguma de poesia.

TIMANDRO: Falas maldosamente como é teu costume, e de modo a dar a entender que és normalmente muito mal-acolhido e maltratado pelos outros: porque é essa, quase sempre, a causa da má vontade e do desprezo que alguns professam contra a própria espécie.

ELEANDRO: Na verdade não digo que os homens me tenham dispensado muito bom tratamento e ainda o façam: principalmente porque, ao dizer isto, me impingiria como um exemplo único. Nem me fizeram também um grande mal, porque, nada desejando deles nem em concorrência com eles, não me expus às suas ofensas mais que o usual. Bem te digo e confirmo que assim como realizo e vejo abertamente que não sei fazer a mínima parte do que seria necessário para ser agradável às pessoas, sei ainda o quanto jamais possa dizer-me inepto para conversar com os outros, ou mesmo para com a própria vida, por culpa de minha natureza ou de mim mesmo. Mas se os homens me tratassem melhor que o fazem eu os estimaria menos que os estimo agora.

TIMANDRO: Então és mais condenável ainda, porque o ódio e a vontade de vingar-se, por assim dizer, dos homens, sendo ofendido injustamente, teria alguma desculpa. Mas teu ódio, segundo o que dizes, não tem nenhuma causa particular, senão talvez uma ambição insólita e infeliz de conquistar fama pela misantropia, como Timão;[150] desejo abominável em si; depois, especialmente estranho ao nosso século dedicado sobretudo à filantropia.

ELEANDRO: Sobre a ambição não ocorre que eu te responda, porque já disse que nada desejo dos homens, e se isso não te parecer crível apesar de verdadeiro pelo menos deves acreditar que a ambição não me move a escrever coisas, que hoje, como tu mesmo afirmas, geram vitupério e não louvor a quem escreve. Depois, do ódio para com a nossa espécie, estou tão longe que não somente não quero mas não posso odiar nem mesmo aqueles que me ofendem pessoalmente; ao contrário, sou totalmente inábil e impenetrável ao ódio. O que não é pequena parte de minha tão grande inépcia ao agir no mundo. Mas não posso emendar-me disso, porque sempre penso que normalmente quem se convence de que causar dano a outrem é conveniente ou causa prazer a si próprio, induz-se a ofender, não para fazer mal aos outros (pois esta não é propriamente a finalidade de nenhuma ação ou pensamento possíveis) mas para beneficiar-se a si próprio; esse desejo é natural e não merece ódio. Além do que, a cada vício ou culpa que vejo nos outros, antes de desdenhá-lo volto a examinar-me, pressupondo em mim os casos anteriores e as circunstâncias convenientes àquele propósito; e achando-me sempre maculado ou capaz dos mesmos defeitos, meu espírito não é capaz de irritar-se com isso. Deixo sempre para irar-me quando vejo certa maldade que não possa encontrar em minha natureza: até agora, porém, não

pude percebê-lo. Finalmente o conceito de vaidade das coisas humanas continuamente me preenche o espírito de modo que não me decido a batalhar por nenhuma delas. A ira e o ódio parecem-me paixões muito maiores e mais fortes que convêm à tenuidade da vida. Do espírito de Tímon ao meu podes ver quão grande é a diferença. Aquele, odiando e afastando todos os outros, amava e acariciava apenas Alcibíades, como causa futura de muitos males à pátria comum. Eu, sem odiá-lo, teria fugido muito mais dele que dos outros, teria advertido os cidadãos do perigo e procurado ajudá-los. Alguns dizem que Tímon não odiava os homens mas as feras com semelhança humana. Eu não tenho ódio aos homens nem às feras.

TIMANDRO: Mas também não amas ninguém.

ELEANDRO: Ouve, amigo meu: nasci para amar, amei e talvez com todo o afeto que pode uma vivalma. Hoje, ainda que não esteja, como vês, em idade naturalmente fria, nem mesmo tépida, não me envergonho de dizer que não amo ninguém, a não ser eu mesmo por necessidade da natureza e o menos que me é possível. Contudo estou acostumado e pronto a escolher o meu próprio sofrimento mais do que ser motivo de sofrimento alheio. E disto, por menor conhecimento que tenhas de meus hábitos, creio que podes dar-me teu testemunho.

TIMANDRO: Isso não te nego.

ELEANDRO: De maneira que não deixo de ajudar os homens, preferindo ainda o respeito próprio, o maior, ou por outra, o único bem que sou constrangido a desejar a mim próprio, a saber, o de não sofrer.

TIMANDRO: Mas confessas, formalmente, que não amas nem mesmo a nossa comum espécie?

ELEANDRO: Sim, formalmente. Todavia se competisse a mim mandaria punir os culpados apesar de não odiá-los; assim, se pudesse faria qualquer benefício maior à minha espécie, ainda que não a ame.

TIMANDRO: Bem, que assim seja. Mas, afinal, se não te movem injúrias recebidas, ódio nem ambição, o que te faz adotar esse modo de escrever?

ELEANDRO: Diversas coisas. Primeiro, a intolerância de toda simulação e dissimulação às quais me submeto, às vezes, ao falar, mas jamais ao escrever; porque quase sempre falo por necessidade mas nunca sou obrigado a escrever e, ainda que tivesse de dizer o que não penso, não me agradaria muito desperdiçar o cérebro sobre o papel. Todos os sábios riem-se de quem hoje escreve em latim, pois ninguém fala essa língua e poucos a entendem. Não vejo como não seja igualmente ridícula essa contínua pressuposição de que se adquirem, escrevendo ou falando, certas qualidades humanas que cada um sabe que hoje não se encontram em homem nascido e em certos entes[151] racionais ou fantásticos, adorados já há muito tempo, mas agora, absolutamente desconhecidos inti-

mamente, por quem os chama e por quem os ouve chamar. Que se usem máscaras e disfarces para enganar os outros ou para não ser reconhecidos, não me parece estranho, mas que todos se escondam sob a mesma forma e se disfarcem do mesmo modo, sem enganarem-se uns aos outros e conhecendo-se muito bem entre si, parece-me uma infantilidade. Arranquem as máscaras, permaneçam com suas roupas, não farão menor efeito que antes e estarão mais à vontade. Pois que, finalmente, esse fingir sempre ainda que inútil e essa perene representação de uma pessoa diversíssima da própria, não se pode realizar sem um grande transtorno e aborrecimento. Se os homens do estado primitivo, solitário e selvagem tivessem passado à moderna civilização em um instante, e não gradualmente, poderiam crer que se encontrariam nas línguas os nomes das coisas ditas antes e também nas nações o hábito de repeti-los a cada momento e de fazer sobre eles mil reflexões? Na verdade esse uso me parece uma daquelas cerimônias ou práticas antigas, estranhíssimas aos costumes presentes, que apesar de tudo se mantêm por força do hábito. Mas como não posso adaptar-me às cerimônias também não me conformo a esse uso e escrevo em língua moderna e não na dos tempos troianos. Em segundo lugar, não procuro tanto espicaçar a nossa espécie em meus escritos, quanto condoer-me do destino. Creio que nada é mais manifesto e palpável que a infelicidade necessária a todo ser vivente. Se ela não for verdadeira tudo é falso e deixemos de lado este e outros discursos. Se for verdadeira, por que não pode ser lícito a mim lamentar aberta e livremente e dizer: eu sofro? Mas se me lamentasse chorando (e esta sim é a terceira causa que me move) provocaria um grande tédio aos outros e a mim mesmo sem nenhum fruto. Rindo dos nossos males encontro algum conforto e procuro levá-lo a outrem do mesmo modo. Se não consigo, tenho como certo que o rir de nossos males é o único proveito que se possa tirar e o único remédio que nele se possa achar. Dizem os poetas que o desespero tem sempre um sorriso na boca. Não deves pensar que eu não me condoa da infelicidade humana. Mas não podendo defender-me dela com força ou com arte alguma, nem indústria ou pacto algum, julgo muito mais digno do homem, e de um desespero magnânimo, rir dos males comuns do que pôr-me a suspirar, a chorar e a clamar com os outros ou incitá-los a fazer o mesmo. Por último, resta-me dizer que desejo tanto quanto tu e qualquer outro o bem de minha espécie, em geral, mas não o espero de modo algum, não costumo divertir-me nem me nutrir com algumas boas expectativas como vejo que fazem muitos filósofos neste século; e o meu desespero, por ser completo, contínuo e fundamentado num juízo firme e numa certeza, não permite sinais e fantasias alegres a respeito do futuro, nem ânimo para empreender coisa alguma a fim de vê-los tornarem-se realidade. E bem sabes que o homem

não se dispõe a tentar o que ele sabe ou crê que não lhe deve acontecer, e quando a isso se dispõe age de má vontade e com pouca força. Escrevendo de maneira diferente ou contrária à sua própria opinião ainda que esta seja falsa jamais fará algo digno de consideração.

TIMANDRO: Mas é preciso reformular o próprio juízo, quando for diferente do verdadeiro, como é o teu.

ELEANDRO: Julgo-me feliz e nisto sei que não me engano. Se os outros não o são congratulo-me com eles com toda a alma. Estou seguro também de não me livrar da infelicidade antes de morrer. Se os outros têm de si esperança diferente, alegro-me igualmente com isso.

TIMANDRO: Somos e fomos todos infelizes, creio que não queres glorificar-te de que essa tua sentença seja das mais novas. Mas a condição humana pode ser grandemente melhorada mais do que é agora, como já foi indizivelmente aperfeiçoada em comparação ao que foi. Não pareces ou não queres te lembrar que o homem é perfectível.

ELEANDRO: Acreditarei na perfectibilidade sobre tua fé, mas na perfeição, que é o que mais importa, não sei quando poderei crer nem sobre a fé de quem.

TIMANDRO: Não alcançaste a perfeição porque te faltou tempo, mas não se pode duvidar de que estejas para atingi-la.

ELEANDRO: Nem eu duvido disso. Esses poucos anos que se passaram desde o princípio do mundo até à atualidade não podiam ser suficientes; e não se deve julgar a índole, o destino e as faculdades do homem: além do que houve, ele se ocupou de outras tarefas. Mas agora só se pretende algo como o aperfeiçoamento de nossa espécie.

TIMANDRO: Certamente que isso se espera com supremo empenho em todo o mundo civilizado. E, considerando a riqueza e a eficácia dos meios, aumentadas incrivelmente de pouco tempo para cá, pode-se crer que o efeito se tenha de conseguir dentro em pouco: mais ou menos essa esperança é de grande apreço por causa das empresas e operações úteis que ela promove e engendra. Porém, se algum dia foi danoso e repreensível, no presente é perigosíssimo e abominável ostentar esse teu desespero e inculcar nos homens a necessidade de sua infelicidade, a vaidade da vida, a franqueza e pequenez de sua espécie e a maldade de sua natureza; o que não pode produzir fruto senão prostrar-lhe o ânimo, despojá-lo da auto-estima, primeiro fundamento da vida honesta, útil e gloriosa, e dissuadi-lo de procurar o próprio bem.

ELEANDRO: Gostaria que me declarasses precisamente se te parece que o que creio e falo a respeito da felicidade dos homens é falso ou verdadeiro.

TIMANDRO: Colocas de novo as mãos sobre tuas armas habituais, e quando te confesso que o que dizes é verdadeiro, pensas vencer a ques-

tão.[152] Agora respondo-te que nem toda a verdade deve ser pregada a todos, nem a todo o tempo.

ELEANDRO: Por favor, satisfaz-me também outra pergunta. Essas verdades que proclamo e não prego são na filosofia verdades principais ou apenas acessórias?

TIMANDRO: Quanto a mim, creio que sejam a substância de toda a filosofia.

ELEANDRO: Então enganam-se grandemente todos os que dizem e propalam que a perfeição do homem consiste no conhecimento do real, e todos os seus males provêm das falsas opiniões e da ignorância, e que o gênero humano finalmente será feliz quando cada um ou a maioria dos homens conhecer a verdade e sob as regras dela compuserem e governarem sua vida. E essas coisas são ditas por quase todos os filósofos antigos e modernos. Eis que, a teu juízo, essas verdades, que são a substância de toda a filosofia, devem ser ocultadas à maioria dos homens e creio que facilmente concordarás que devem ser ignoradas ou esquecidas por todos, porque uma vez sabidas e retidas no espírito só podem prejudicar. O que é o mesmo que dizer que se deve extirpar a filosofia do mundo. Não ignoro ser a última conclusão que se retira da verdadeira e perfeita filosofia, e assim não é preciso filosofar. Daí se infere que a filosofia, primeiramente, é inútil, porque para não filosofar não é preciso ser filósofo; em segundo lugar, é danosíssima porque esta última conclusão só se aprende às próprias custas, e uma vez sabida não se pode pô-la em ação; não é do arbítrio dos homens esquecer as verdades conhecidas e deixar mais facilmente qualquer outro hábito a não ser o de filosofar. Em suma, a filosofia, esperando e prometendo a princípio remediar os nossos males, por último reduz-se a desejar, em vão, curar-se a si mesma. Tudo isso posto, pergunto: por que se tem de acreditar que a idade presente esteja mais próxima e disposta à perfeição que as passadas? Talvez pela maior informação sobre o real, a qual se vê que é contrariíssima à felicidade do homem. Ou talvez porque, atualmente, alguns poucos sabem que não é preciso filosofar, sem, porém, que tenham a faculdade de abster-se dela? Mas os primeiros homens de fato não filosofaram e os selvagens abstêm-se sem dificuldade. Que outros meios novos ou maiores dos que tiveram os ancestrais temos nós para nos aproximarmos da perfeição?

TIMANDRO: Muitos e de grande utilidade, mas para os expor seria necessária uma reflexão infinita.

ELEANDRO: Por ora deixemo-los de lado, e voltando ao meu assunto digo que se em meus escritos lembro algumas verdades duras e tristes é para desafogo do espírito ou para consolar-me com o riso e por nada mais; contudo não deixo, nos mesmos livros, de deplorar, desaconselhar

e retomar o estudo daquele infeliz e frio real, cujo conhecimento é fonte de negligência e indolência ou baixeza de espírito, iniqüidade e desonestidade de ações ou perversidade de costumes: antes, ao contrário, louvo e exalto aquelas opiniões ainda que falsas que geram atos e pensamentos nobres, fortes, magnânimos, virtuosos e úteis ao bem comum ou privado; aquelas fantasias belas e felizes, embora vãs, que dão apreço à vida; as ilusões naturais do espírito e, enfim, as divagações antigas muito diferentes dos erros bárbaros, os quais somente, e não aquelas, deveriam cair por obra da civilização moderna e da filosofia. Mas estas, a meu ver, ultrapassando os termos (como é próprio e inevitável das coisas humanas), não muito depois sublevados por uma barbárie, precipitaram-nos em uma outra, não menor que a primeira, apesar de nascida da razão e do saber e não da ignorância; porém, menos eficaz e manifesta no corpo que no espírito, menos gaia nas obras e, por assim dizer, mais civil e intrínseca. De qualquer modo, duvido ou me inclino a crer que os erros antigos, o quanto sejam necessários ao bom estado das nações civilizadas, tanto o são e cada vez mais devem ser impossíveis de ser renovados. A respeito da perfeição dos homens juro-te que, se já tivesse sido conseguida, teria escrito um tomo em louvor do gênero humano. Mas, uma vez que não me foi dado vê-la e espero que não o consiga em vida, estou disposto a indicar em testamento uma boa parte de meus haveres em proveito do gênero humano, quando este for perfeito; que se lhe faça e pronuncie publicamente um panegírico, todos os anos; e também que seja erigido um pequeno templo à antiga, uma estátua ou tudo o que se acha que seja apropriado para tal fim.

Copérnico[153]

Diálogo

Primeira Cena

A Aurora e o Sol

Aurora: Bom dia, Excelência.
Sol: Bom dia, ou melhor, boa noite.
Aurora: Os cavalos estão prontos.
Sol: Tudo bem.
Aurora: A estrela[154] já despontou há tempo.
Sol: Tudo bem, que apareça e desapareça à vontade.
Aurora: O que quer dizer, Excelência?

SOL: Quero dizer que me deixes em paz.

AURORA: Mas, Excelência, a noite já foi tão longa que não pode durar mais e se nós nos atrasarmos, cuidado Excelência, que depois pode dar alguma confusão.

SOL: Dê o que quiser, daqui não me movo.

AURORA: Oh! Excelência, o que é isso? Está se sentido mal?

SOL: Não, não sinto nada, apenas não quero sair, e cuidar de tuas coisas.

AURORA: Como devo fazer se Vossa Excelência não sair, eu, que sou a primeira hora do dia? E como pode surgir o dia se Vossa Excelência não se digna levantar como costuma?

SOL: Se não saíres de dia sairás de tarde, ou então as Horas da tarde farão dupla função e tu e tuas companheiras estarão de folga. Porque, sabes o que há? Estou cansado dessa contínua circulação para iluminar quatro seresinhos que vivem em cima de um lodo tão pequeno que eu, que tenho boa vista, não consigo ver, e esta madrugada decidi não me cansar por isso e, se os homens querem ver a luz, que mantenham o fogo aceso ou providenciem outros meios.

AURORA: E de que maneira, Excelência, quer que os pobrezinhos fiquem? E depois, para manter as próprias lanternas ou providenciar tantas velas que fiquem acesas durante todo o dia será uma despesa excessiva. Se já se tivesse descoberto aquele gás especial[155] para queimar e iluminar as estradas, os quartos, as lojas, os porões, as cantinas e todo o resto, eu diria que o caso seria menos mau. Mas o fato é que deverão ainda se passar trezentos anos, mais ou menos, antes que os homens encontrem esse recurso; enquanto isso diminuirão o óleo, a cera, o piche e o sebo e nada mais terão para queimar.

SOL: Irão caçar os pirilampos e os vagalumes.

AURORA: E no frio, como farão? Sem o auxílio que tinham de Vossa Excelência o fogo de todas as selvas não será suficiente para esquentá-los. Além do que morrerão de fome, porque a terra não dará mais seus frutos e, assim, ao cabo de poucos anos perder-se-á a semente daqueles pobres seres vivos; depois de terem andado um pouco daqui e de lá pela terra, tateando, à procura de víveres e de calor, consumido tudo o que se possa engolir, apagada a última centelha de fogo, finalmente, morrerão no escuro, congelados como pedaços de cristal-de-rocha.

SOL: E o que me importa? Por acaso sou a mucama do gênero humano, ou talvez o cozinheiro que tem de sazonar frutos e preparar os alimentos? E sou eu que devo preocupar-me se uma pequena quantidade de criaturinhas invisíveis, distantes de mim milhões de milhas, não vêem e não podem suportar o frio sem minha luz? E então, se também devo servir de estufa ou de lareira a essa família humana é razoável, se ela quiser esquentar-se, que vá ao redor da lareira e não que esta fique ao redor

da casa. Para isso se a Terra tem necessidade de minha presença, ande e desdobre-se para consegui-la, pois, de minha parte, não preciso de coisa alguma da Terra para que a procure.

Aurora: Vossa Excelência quer dizer, se bem compreendo, que aquilo que no passado fez por ela, agora ela o faça por si própria.

Sol: Sim, agora e para sempre.

Aurora: Certamente que Vossa Excelência tem boas razões para isso; ademais, que pode fazer por si e a seu modo. Contudo, mesmo assim, digne-se, Excelência, considerar quantas coisas belas será preciso destruir, querendo estabelecer essa nova ordem. O dia não terá mais o belo carro dourado com seus belos cavalos que se banhavam no mar; e deixando de lado outras particularidades, nós, pobres Horas, não teremos mais lugar no céu e de jovens celestes nos tornaremos terrenas, se, como espero, não nos desvanecermos em fumaça. Mas de nossa parte, seja como for: a questão será persuadir a Terra a girar ao redor do Sol, o que será demasiadamente difícil, pois ela não está acostumada e depois deve parecer-lhe estranho ter sempre que correr e cansar-se tanto quando nunca deu um pulo do seu lugar até agora. E se Vossa Excelência, pelo que parece, começa agora a dar ouvidos à preguiça, ouço que a Terra não é nem um pouco inclinada ao trabalho, hoje, como em outros tempos.

Sol: A necessidade, nessas coisas, a fustigará e a fará saltar e correr o suficiente. Mas, de qualquer modo, aqui o caminho mais rápido e mais seguro é encontrar um poeta ou um filósofo que convença a Terra a mover-se ou que, se de outro modo não possa induzi-la, faça-a andar por meio da força. Porque, afinal, a maior parte dessa tarefa está nas mãos dos filósofos e dos poetas: aliás, são eles que podem fazer quase tudo. Os poetas foram aqueles que antes (porque eu era jovem e dava ouvidos a eles) com belas canções me fizeram realizar de boa vontade por divertimento ou por exercício honroso aquela tolíssima fadiga de correr desesperadamente, tão grande e gordo como sou, ao redor de um grãozinho de areia. Mas agora que amadureci com o tempo e que me voltei para a filosofia, procuro em cada coisa a utilidade e não a beleza, e os sentimentos dos poetas, se não me viram o estômago, fazem-me rir. Para realizar uma coisa, quero boas razões e que sejam substanciais; porque não encontro motivo algum para opor a vida ociosa e acomodada à ativa; esta não poderia dar fruto que compensasse tanto trabalho, ao contrário, só preocupação (não existindo no mundo um fruto que valha dois vinténs), por isso deliberei deixar as fadigas e os incômodos aos outros e de minha parte viver em casa quieto e sem outras ocupações. Essa mutação em mim, como te disse, além daquela com a qual a idade cooperou, foi feita pelos filósofos, gente que nestes tempos começou a subir ao poder e a cada dia se eleva mais. Assim, querendo fazer agora que a Terra se mo-

va e que se ponha a correr ao meu redor, em meu lugar, seria mais próprio que fosse um poeta do que um filósofo, porque os poetas, ora com uma fábula ora com outra, dando a entender que as coisas do mundo são de peso e de valor agradáveis e muito belas, criando mil esperanças alegres, freqüentemente persuadem os outros a se cansarem, e os filósofos dissuadem-nos. Mas, por outro lado, porque os filósofos começaram a ficar por cima, duvido que hoje um poeta não seria mais ouvido pela Terra que se fosse eu a escutá-lo, ou que, ainda quando fosse ouvido, não teria efeito. Porém será melhor que recorramos a um filósofo, pois ainda que sejam pouco aptos e menos inclinados a levar outros à ação, pode ser que nesse caso tão extremo venham a realizar o contrário do que estão acostumados. A menos que a Terra julgue ser-lhe mais conveniente perder-se a ter que empenhar-se tanto, eu não diria que ela não teria razão. Basta, veremos o que vai acontecer. Então farás uma coisa: vai à Terra ou manda uma das tuas companheiras, a que quiseres, e se ela encontrar qualquer daqueles filósofos que estejam do lado de fora da casa, ao ar livre, especulando o céu e as estrelas, pela novidade desta noite tão longa, como ela deverá razoavelmente encontrar, sem mais, ela o elevará sobre o seu próprio peso, fá-lo-á girar e o jogará sobre as costas; assim volta e mo traz até aqui, que eu providenciarei para que faça o que deve. Entendeste bem?

AURORA: Sim, Excelência, será servida.

CENA SEGUNDA

Copérnico no terraço de sua casa, olhando o céu na direção do oriente por meio de um canozinho de papel, porque ainda não tinham sido inventados os telescópios.

QUE COISA INCRÍVEL! Todos os relógios estão falhando, ou o sol deveria ter nascido já há mais de uma hora, e aqui não se vê nem mesmo um vislumbre no oriente, apesar do céu claro e limpo como um espelho. Todas as estrelas resplendem como se fosse meia-noite. Vai agora ao *Almagesto*[156] ou ao Sacrobosco[157] e diz que te indiquem o motivo desse fenômeno. Ouvi contar, muitas vezes, que Júpiter passou uma noite com a mulher de Anfitrião,[158] e assim lembro-me de ter lido, há pouco, num livro moderno de um espanhol que os peruanos contam ter havido, certa vez no passado, uma noite longuíssima em seu país, quase interminável, ao fim da qual o sol saiu de certo lago, a que chamam de Titicaca. Mas, até aqui, pensei que fosse apenas bazófia; acreditei seguramente como fazem todos os homens sensatos. Agora percebo que a razão e a ciência não observam, para dizer com precisão, absolutamente nada; decido-me

a crer que estas e coisas semelhantes podem ser verdadeiras, veracíssimas: ou melhor, pretendo ir a todos os lagos e a todos os pântanos que puder; e quero ver se consigo abaixar-me para pescar o Sol. Mas que barulho é esse? Parecem asas de um grande pássaro.

CENA TERCEIRA

O Crepúsculo e Copérnico

CREPÚSCULO: Copérnico, sou a Hora última.

COPÉRNICO: A última hora? Bem, aqui é preciso conformar-se. Apenas, se eu puder, dá-me um pouco de espaço para que possa fazer testamento e pôr ordem em meus negócios, antes de morrer.

CREPÚSCULO: Quê! Morrer? Não sou a última hora da vida.

COPÉRNICO: Oh! Quem és? A última hora do Ofício do Breviário?

CREPÚSCULO: Acredito que esta seja, para ti, mais querida que as outras, quando estás no coro.

COPÉRNICO: Mas como sabes que sou padre? Como me conheces? Também me chamaste, antes, pelo nome!

CREPÚSCULO: Tomei informações sobre ti de certas pessoas que estavam aqui embaixo na rua. Daqui a pouco serei a última hora do dia.

COPÉRNICO: Ah! Entendo: a Aurora está doente, e por isso ainda não se vê o dia.

CREPÚSCULO: Deixa-me falar. O dia está para não existir mais, nem hoje, nem amanhã, nem depois, se não tomares providências.

COPÉRNICO: Seria bom que coubesse a mim o encargo de fazer o dia.

CREPÚSCULO: Dir-te-ei como. Mas a primeira coisa: é preciso que venhas comigo sem demora à casa do Sol, meu patrão. Entenderás o resto pelo caminho, e parte será dito por Sua Excelência assim que chegarmos.

COPÉRNICO: Está tudo bem. Mas se não me engano o caminho será longo. E como poderei eu levar tanta provisão, que seja suficiente para não morrer de fome durante anos antes de chegar? Acrescente-se que as terras de Sua Excelência não creio produzam o tanto para prover-me uma única refeição.

CREPÚSCULO: Deixa de lado essas dúvidas. Não deverás ficar muito tempo na casa do Sol e a viagem se fará em um instante porque, caso não saibas, sou um espírito.

COPÉRNICO: Mas eu sou um corpo.

CREPÚSCULO: Muito bem: não tens que te preocupar com esses assuntos, porque não és um filósofo metafísico. Vem cá, monta em minhas costas e deixa-me fazer o resto.

COPÉRNICO: Upa! Pronto; vejamos no que vai dar essa novidade.

CENA QUARTA

Corpénico e o Sol

COPÉRNICO: Ilustríssimo Senhor.

SOL: Perdoa-me, Copérnico, se não te mando sentar porque aqui não se usam cadeiras. Mas nós despacharemos logo. Já entendeste o negócio de minha serva. Por aquilo que a jovem me referiu sobre tuas qualidades acho que vens bem a propósito para a finalidade que se procura.

COPÉRNICO: Senhor, vejo nesse negócio muitas dificuldades.

SOL: As dificuldades não devem espantar um homem da tua espécie. Ou antes, dizem que elas aumentam o ânimo dos animados. Mas quais são, pois, essas dificuldades?

COPÉRNICO: Primeiramente, por grande que seja a força da filosofia, não estou seguro de que ela o seja para persuadir a Terra a começar a correr, ao invés de ficar comodamente sentada, e pôr-se a trabalhar em lugar de ficar descansando, principalmente nestes tempos, que já não são os heróicos.

SOL: E se não puderes convencê-la tens de forçá-la.

COPÉRNICO: De bom grado, Ilustríssimo, se fosse um Hércules ou pelo menos um Orlando, e não um sacerdote de Vármia.[159]

SOL: O que tem a ver uma coisa com a outra? Não existe um matemático antigo entre vós que dizia que, se lhe fosse dado um lugar fora do mundo onde pudesse estar, que se encarregaria de deslocar o Céu e a Terra? Ora, não tens que mover o Céu, e eis que te encontras em um lugar fora da Terra. Então, se não és menos que esse antigo não podes deixar de fazer que ela se mova, queira ela ou não.

COPÉRNICO: Meu Senhor, isso se poderia fazer, mas seria necessária uma alavanca, que teria de ser tão longa que não apenas eu, mas Vossa Senhoria Ilustríssima, por mais rica que seja, não teria tanto que bastasse para meia despesa com o material de construção e a mão-de-obra. Outra dificuldade mais grave é a que lhe proporei agora; ou melhor, trata-se de um grupo de dificuldades. A Terra até hoje manteve a primeira sede do mundo, o que quer dizer que ela esteve no centro dele; e como sabe, estava ela imóvel e sem mais nada a fazer que olhar ao seu redor a todos os outros globos do universo, os maiores como os menores, os brilhantes como os obscuros, girando acima, abaixo e dos lados, continuamente, com uma pressa, uma faina e uma fúria que espantam só em pensar. E assim, demonstrando que todas as coisas estavam a seu serviço, parecia que o universo se assemelhava a uma corte, em que a Terra sentada como em um trono, e os outros globos ao redor quais cortesãos, guardas e servidores estivessem esperando, cada um, um ministério. As-

sim, com efeito, a Terra sempre se acreditou ser a imperatriz do mundo, e na verdade, estando as coisas como antes, não se pode nem dizer que ela pensasse errado; ao contrário, eu não negaria que esse seu conceito não tivesse fundamento. O que lhe direi, pois, dos homens? Que, considerando-nos (como sempre o fazemos) mais que primeiros e mais que importantíssimos entre as criaturas terrestres, cada um de nós, se estivesse vestido de farrapos e não tivesse um pedacinho de pão duro para roer, certamente se consideraria um imperador; não de Constantinopla ou da Germânia, ou ainda da metade da Terra, como os imperadores romanos, mas um imperador do universo; do Sol, dos planetas, de todas as estrelas visíveis e invisíveis; e também, causa final das estrelas, dos planetas, de Vossa Senhoria Ilustríssima e de todas as coisas. Mas agora, se quisermos que a Terra saia daquele lugar central, e fizermos que ela corra, que role, que se ocupe continuamente, que realize aquele tanto, nem mais nem menos, que foi feito pelos outros globos do passado até agora, enfim, que ela se torne um dentre os planetas, isso trará consigo que Sua Majestade Terrestre a Suas Majestades Humanas deverão desocupar o trono e deixar o império, ficando, contudo, com seus trapos e com suas misérias, que não são poucas.

SOL: O que quer concluir, em suma, com esse discurso, o meu dom Nicolau? Talvez tenhas o escrúpulo de consciência de que o fato não seja um crime de lesa-majestade?

COPÉRNICO: Não, Ilustríssimo, porque nem os códigos nem o *Digesto* de Justiniano nem os livros que tratam do direito público ou do direito do Império, nem o código dos povos ou da natureza fazem menção desse crime, ao que me lembre. Mas quero dizer substancialmente que, como parece à primeira vista, o nosso destino não será assim simplesmente material e que seus efeitos não pertencerão somente à física, porque ele subverterá os graus da dignidade das coisas e a ordem dos seres; mudará a finalidade das criaturas e, para tanto, provocará uma grandíssima revolução também na metafísica, ou melhor, em tudo o que concerne à parte especulativa do saber. E daí resultará que os homens, mesmo sabendo ou querendo discutir salutarmente, se acharão algo totamente diferente do que foram ou pensam ter sido até aqui.

SOL: Meu filho, essas coisas absolutamente não me amedrontam, porque tenho tanto respeito pela metafísica quanto pela física, pela alquimia ou pela necromancia, como queiras. E os homens contentar-se-ão em ser o que são; e se isto não lhes agradar estarão raciocinando pelo avesso e argumentando a despeito da evidência das coisas, como facilimamente poderão fazer; e desse modo continuarão a considerar-se o que quiserem, barões, duques, imperadores ou o que mais desejarem; estarão com isso mais consolados e, por mim, com esse julgamento, não darão desprazer ao mundo.

COPÉRNICO: Ora bem, deixemos os homens e a Terra. Considere, Ilustríssimo, o que de razoável pode acontecer aos outros planetas. Quando virem a Terra fazer tudo o que eles fazem e transformada em um deles, não quererão permanecer assim lisos, simples e sem enfeites, desertos e tristes como sempre foram, enquanto a Terra tem tantos ornamentos, mas quererão também possuir seus rios, seus mares, suas montanhas, as plantas, e entre outras coisas seus animais e habitantes, não vendo razão alguma em dever ser menos que ela, em lugar nenhum. Eis uma outra grandíssima reviravolta no mundo e uma infinidade de famílias e de populações novas que, de repente, se verão chegando de todas as partes como cogumelos.

SOL: E deixarás que venham e sejam tantos quantos forem porque minha luz e calor serão suficientes para todos sem, porém, que eu aumente a despesa; e o mundo terá que alimentá-los, vesti-los, alojá-los e tratar deles por muito tempo sem prejuízo.

COPÉRNICO: Mas pense, Vossa Senhoria Ilustríssima, um pouco mais além e verá nascer ainda um outro transtorno. As estrelas, ao perceberem que Vossa Excelência está sentada não sobre um escabelo mas no trono e que tem ao seu redor essa bela corte e essa multidão de planetas, não só quererão sentar e descansar mas também reinar e quem reinará serão os súditos e desejarão possuir seus planetas como Vossa Majestade, isto é, cada um os seus próprios. Convirá aos planetas novos serem habitados e providos como a Terra. E aqui não lhe estarei a falar do pobre gênero humano transformado a pouco mais que nada, bem pouco, antes, em relação a esse único mundo solar; a que se reduzirá, quando explodirem tantos milhares de outros mundos, de modo tal que não existirá nem a mínima estrelinha da Via-Láctea que não tenha o seu. Mas considerando apenas o interesse de Vossa Excelência, digo que até agora foi, senão o primeiro no universo certamente o segundo a saber depois da Terra, e não houve nenhum igual sem jamais ter-se esperado que as estrelas ousassem comparar-se a Vossa Senhoria. Mas nessa nova situação do universo haverá tantos iguais quantas serão as estrelas com seus mundos. De modo que tome cuidado para que essa mutação que queremos fazer não venha em prejuízo de sua dignidade.

SOL: Não te lembras o que disse vosso César quando, ao andar pelos Alpes, aconteceu-lhe passar próximo àquela pequena aldeia de pobres bárbaros e afirmou que lhe agradaria mais ter sido o primeiro naquele povoado que o segundo em Roma? E a mim, de modo semelhante, deveria agradar mais ser o primeiro nesse mundo que o segundo no universo? Mas não é a ambição que me move a querer mudar o presente estado das coisas: é apenas o amor do sossego ou, mais propriamente, da preguiça. Assim, ter iguais ou não, estar em primeiro lugar ou em

último não me importa muito porque, diversamente de Cícero, tenho mais olhos para o ócio que para a dignidade.

Copérnico: Esse ócio, Ilustríssimo, empenhar-me-ei em conquistá-lo o melhor que puder. Mas duvido que dure muito tempo, ainda que consiga em intenção. E antes, estou quase certo de que não passarão muitos anos e Vossa Senhoria será constrangida a andar, girando como uma roldana de poço ou como uma moenda, sem mudar de lugar. Depois, tenho uma pequena suspeita de que, mesmo no fim, ao cabo de mais ou menos tempo, ser-lhe-á conveniente voltar a correr: não digo ao redor da Terra, mas o que isso lhe pode envaidecer? E talvez, que a mesma translação servirá também de argumento para fazê-lo caminhar. Basta, seja como se queira, não obstante toda dificuldade e qualquer outra consideração, se perseverar nesse seu propósito tentarei servi-lo; com a condição de que, se eu não for bem-sucedido na empresa, pensará que não pude e não dirá que estou de má vontade.

Sol: Está bem, meu Corpénico: experimenta.

Copérnico: Resta ainda uma única dificuldade.

Sol: Vamos, qual é?

Copérnico: Não quererei, por isso, ser queimado vivo como a fênix, porque, acontecendo, estou seguro de não ter de ressuscitar de minhas cinzas, como aquela ave e de não ver nunca mais, daquele momento em diante, a face de Vossa Senhoria.

Sol: Ouve, Copérnico: sabes que, há um tempo, quando vós filósofos ainda não tínheis nascido, refiro-me ao tempo em que a poesia dominava, fui profeta. Quero que agora me deixes profetizar pela última vez e que, em memória daquela minha virtude antiga, tenhas fé em mim. Digo-te, então, que, talvez depois de alguns que aprovarão o que tiveres feito, poderá acontecer-te alguma queimadura ou coisa parecida, mas por conta dessa empresa, pelo que posso saber, nada sofrerás. E se quiseres ficar seguro toma este partido: dedica ao Papa o livro que escreves sobre esse assunto.[160] Desse modo prometo-te que não perderás nem mesmo o sacerdócio.

Diálogo de Plotino e Porfírio[161]

"Certa vez, tendo eu, Profírio, começado a pensar em suicidar-me, Plotino chegou a saber e vindo de improviso à minha casa disse-me que tal idéia não procedia de uma reflexão de mente sã mas de alguma indisposição melancólica e me constrangeu a mudar de posição." Porfírio, em *Vida de Plotino*. O mesmo se encontra na *Vida de Porfírio* escrita por

Eunápio,[162] onde este acrescenta que Plotino desenvolveu em um livro as reflexões feitas com aquele, naquela ocasião.

PLOTINO: Profírio, sabes que sou teu amigo e quanto! Não deves admirar-te, venho observando tuas palavras e teu estado com certa curiosidade; é por isso que gosto tanto de ti. Já há muitos dias que te vejo triste e muito pensativo; tens certa expressão no olhar e usas certas palavras: enfim, sem mais delongas e torneios, creio que tens na cabeça uma intenção má.

PORFÍRIO: Como? O que quer dizer?

PLOTINO: Uma intenção má contra ti mesmo. É de mau augúrio o simples fato de indicá-lo. Vê, Porfírio meu, não me negues a verdade, não injuries tanto o amor que sentimos um pelo outro, há tanto tempo. Sei bem que te desagrado ao dizer-te essas coisas e entendo que seria melhor para ti manter em segredo o teu propósito; mas, num assunto de tanta urgência, não poderia calar-me e não deverias levar a mal essa conversa com alguém que te quer tão bem quanto a si próprio. Reflitamos juntos, com calma, e pensemos nas razões: poderás desafogar as mágoas, lamentar-te e chorar, pois acho que mereço ouvir-te; afinal, não estou aqui para impedir-te de não fazer o que julgamos razoável e útil para ti.

PORFÍRIO: Jamais neguei-te o que me tens perguntado, Plotino meu. E agora, confesso-te o que queria ter mantido em segredo e não diria a outros por nada nesse mundo; afirmo que o que imaginas sobre minha intenção é verdade. Se te agrada refletir sobre essa matéria estou disposto a fazê-lo a teu modo, apesar de que ao meu espírito muito repugna, pois parece que tais deliberações requerem um altíssimo silêncio e que, absorta a mente em forjar tais pensamentos, ela se compraz em ficar solitária e recolhida em si mesma, mais que nunca. Aliás, eu próprio te direi que essa minha inclinação não procede de nenhuma desgraça que me tem acontecido, ou que espere, na verdade que me suceda, mas sim, de um cansaço da vida, de um tédio que experimento tão veemente que se assemelha à dor e à aflição; não só vem de certo conhecimento mas de ver, provar e tocar a vacuidade de cada coisa que me ocorre durante o dia. De maneira que o meu intelecto e todos os sentimentos ainda corporais (por um estranho modo de dizer, mas adaptado ao caso) repletos dessa vaidade. E aqui, primeiro, não poderás dizer que esta minha disposição não seja razoável, se bem que conceda facilmente que, em boa parte, ela provenha de algum mal-estar corporal. Não, ela é nada menos que razoabilíssima; aliás, todas as outras disposições dos homens fora essa, pelas quais de algum modo se serve e se atribui à vida e às coisas humanas alguma substância, são, umas mais, outras menos, distanciadas da razão e se fundam em algum engano ou fantasia. E nada mais razoável que o tédio. Os prazeres são inteiramente vãos. A própria dor, a da alma o é,

quase sempre: porque, se observares sua causa e sua matéria, considerando-as bem, ela é pouco ou quase nada real. O mesmo digo do temor e da esperança. Apenas o tédio, que sempre nasce da vaidade das coisas, jamais é vacuidade ou engano; jamais se fundamenta no falso. E pode-se dizer que, não sendo absolutamente vão, reduz-se ao enfado e consiste nele, no quanto a vida dos homens tem de substancial e de real.

Plotino: Assim seja. Agora quanto a isso não quero contradizer-te. Mas devemos então considerar o fato que estás indicando: isto é, considerá-lo mais restritamente e em si mesmo; não vou dizer-te que é máxima de Platão, como sabes, que não seja lícito ao homem, qual servo fugitivo, subtrair-se a seu talante daquele cárcere em que se encontra por vontade dos Deuses, isto é, privar-se espontaneamente da vida.

Porfírio: Peço-te, Plotino meu, deixes de lado agora Platão, suas doutrinas e fantasias. Uma coisa é louvar, comentar e defender certas opiniões na escola e nos livros, e outra é segui-las na prática. Naquela e neles, seja-me lícito aprovar e seguir os sentimentos de Platão, pois tal é o costume hoje; na vida, não que os aprove, ao contrário, abomino-os. Sei que se diz que Platão espalha em seus escritos aquelas doutrinas da vida futura a fim de que os homens, começando a duvidar e suspeitando de seu estado depois da morte, incertos e temendo muitos castigos e calamidades futuras, se contivessem durante a vida para não cometer injustiça e outras más obras.[163] Se achasse que Platão foi o autor dessas dúvidas e crenças e que fossem suas invenções, diria: vê, Platão, quanto foram e são perpetuamente inimigos de nossa espécie a natureza, o destino, a necessidade ou qualquer que seja a força geradora e senhora do universo! Com tais crenças e com muitas e inumeráveis razões poderá disputar aquela supremacia que nós, por outros títulos, nos arrogamos ter sobre os animais; mas nenhuma razão haverá que lhes tire aquele domínio que lhe atribuía Homero; refiro-me ao reinado da infelicidade. Contudo a natureza nos destinou a morte como remédio de todos os males — essa seria pouco temida por aqueles que menos se valessem do discurso do intelecto e seria desejada pelos outros. E seria também um dulcíssimo conforto em nossa vida cheia de tantas dores e expectativa e o pensamento de nosso fim. Tiraste, com essa terrível dúvida suscitada na mente dos homens, toda a doçura desta reflexão, fazendo-a a mais amarga de todas as outras. Eis a razão por que se vêem os infelizes mortais temerem mais o porto que a tempestade e refugiarem-se com o espírito daquele remédio e repouso único das angústias presentes e das aflições da vida. Foste mais cruel aos homens que o destino, a necessidade ou a natureza. E não se podendo desfazer de algum modo essa dúvida, nem jamais libertar dela a nossa mente, levaste para sempre teus semelhantes a essa condição: que terão a morte cheia de preocupações e mais infeliz

que a vida. Por isso, por tua obra, enquanto todos os animais morrem sem medo algum, a tranqüilidade e a segurança de espírito ficam perpetuamente excluídos da derradeira hora do homem. Só faltava isso, ó Platão, a tanta infelicidade da espécie humana!

Deixo que esse objetivo que te havias proposto, ou seja, de impedir a violência e as injustiças aos homens, não se realize em ti. Pois essas dúvidas e crenças espantam a todos aqueles na hora em que não podem mais desgostar-se; durante a vida atemorizam freqüentemente os bons que não desejam o desagrado mas o regozijo, amedrontam as pessoas tímidas ou fracas de corpo, que não têm a natureza inclinada à violência e à iniqüidade, nem têm suficientemente fortes o coração e as mãos. Mas aos ousados, aos robustos e aos que pouco sentem a força da fantasia, enfim, aos que em geral se pede outro freio além da lei, a esses não amedrontam nem impedem de mal agir, como vemos pelos exemplos diários e como mostra a experiência dos séculos e de todos os dias até hoje. As boas leis, mais a boa educação e a cultura dos costumes e das mentes conservam na sociedade dos homens a justiça e a mansidão. Por isso os animais refinados e amolecidos por alguma civilidade, acostumados a levar um pouco mais em consideração as coisas e a usar algo mais do entendimento, quase sempre e por necessidade detestam pôr as mãos nas pessoas e no sangue dos companheiros; quase sempre estão longe de prejudicar os outros de algum modo; raras vezes e com dificuldade são induzidos a correr o perigo que traz consigo a contravenção das leis. Já não têm esse bom efeito as fantasias ameaçadoras e o triste julgamento das coisas ousadas e espantosas, o contrário do que costuma fazer a multidão, e a crueldade dos suplícios de que se valem os Estados, ainda assim aqueles aumentam de um lado a vilania do espírito e de outro a ferocidade: principais inimigas e pragas do convívio humano. Mas ressaltaste e prometeste também a glória aos bons. Que galardão? Um estado que nos aparece cheio de tédio e ainda menos tolerável que esta vida. A qualquer um é evidente a acridade desses teus suplícios mas a doçura de teus prêmios está escondida, é arcana e não pode ser compreendida pela mente humana. De onde nenhuma eficácia podem ter tais prêmios ao nos seduzirem para a retidão e para a virtude. E, na verdade, se muito poucos tratantes por temor de teu espantoso Tártaro se abstêm de alguma ação má, ouso afirmar que jamais nenhum bom homem em seus mínimos atos moveu-se para agir bem pelo desejo de teu Elísio; pois este não pode em nossa imaginação parecer-se com algo desejável, além do que de muito pouco conforto seria também a expectativa certa desse bem, que é a esperança, e que deixaste para que a possam ter também os virtuosos e os justos; se aquele teu Minos, Éaco e Radamanto, juízes rigidíssimos e inexoráveis, não têm de perdoar a qualquer sombra ou vestígio de culpa,

que homem existe que possa sentir-se ou crer-se tão limpo e puro como requeres? Assim a obtenção de qualquer felicidade vem a ser quase impossível e não bastará a consciência da mais reta e laboriosa vida para liberar o homem em seu derradeiro momento da incerteza de seu estado futuro e do temor dos castigos. Assim, pelas tuas doutrinas, o medo, depois de superada a esperança com um infinito intervalo, se apossa do homem e o fruto dessas doutrinas, em última instância, é este: que o gênero humano, exemplo admirável de infelicidade nesta vida, aspira a que a morte não seja o fim para suas misérias mas que não tenha de ser depois dela muito mais infeliz. Com isso venceste em crueldade, não só a natureza e o destino, mas a qualquer tirano mais ousado e todo e qualquer assassino por mais impiedoso que exista no mundo. Mas com que barbárie se pode comparar aquele teu decreto, pelo qual não é lícito ao homem pôr um fim a seus sofrimentos, às dores, às angústias, vencendo o horror da morte e voluntariamente privando-se do espírito? Certamente não existe nos outros animais o desejo de acabar com a vida, porque suas infelicidades têm limites mais restritos que as dos homens — nem teria também lugar a coragem de extingui-la espontaneamente. Mas se tais disposições incidissem na natureza dos brutos eles não teriam nenhum empecilho para poder morrer, nenhuma proibição, nenhuma dúvida tiraria deles a faculdade de subtrair-se a seus males. Eis que te tornas, também nessa parte, inferior aos animais; e a liberdade que tivessem se lhes acontecesse de usá-la, a qual a própria natureza tão avara para conosco não nos negou, por tua causa, também é defeituosa no homem. De tal modo que àquele único gênero de seres vivos que se acha capaz do desejo de morte não é dado tê-la em suas mãos. A natureza, o destino e a sorte flagelam-nos contínua e sanguinariamente com tortura e dor inestimáveis: corres para eles, entrelaças estreitamente os braços e prendes os pés, de modo a não ser possível defender-te ou recuar de seus golpes. Na verdade, quando considero a grandeza da desdita humana penso que por ela, mais que por qualquer outra coisa, se deve culpar tuas doutrinas e que convém aos homens queixarem-se muito mais de ti que da natureza; se bem que esta, para dizer a verdade, só nos destinou uma vida infelicíssima; de outro lado, porém, permitiu-nos poder acabar com ela, toda vez que nos aprouvesse. E em primeiro lugar, não se pode dizer que seja tão grande a infelicidade que, a menos que se queira, pode ter duração brevíssima; depois, no momento em que a pessoa se decidisse a deixar a vida, só à idéia de poder acabar com a desventura, segundo sua vontade, seria tal o conforto e a abreviação de toda calamidade que por virtude dela todas se tornariam fáceis de suportar. Daí porque se deve reconhecer o peso intolerável de nossa desdita, principalmente dessa dúvida de poder, por acaso, cortando voluntariamente, apagar a vida, in-

correr em desgraça maior que a presente. Não só maior mas de atrocidade e extensão tão inefáveis que, uma vez que o presente seja certo e aqueles sofrimentos incertos, não menos razoavelmente o temor deles, sem proporção ou comparação alguma, deva prevalecer sobre o sentimento de qualquer que seja o mal desta vida. Tal dúvida, ó Platão, foi para ti fácil de suscitar mas antes que esteja resolvida diminuirá a estirpe dos homens. Porém nada que nasce e coisa nenhuma que está por vir em tempo algum é tão calamitosa e funesta à espécie humana como o teu engenho.

Essas coisas eu diria se acreditasse que Platão tivesse sido o autor ou o inventor dessas doutrinas, mas sei muito bem que não o foi. Seja como for muito se falou sobre essa matéria e gostaria que a deixássemos de lado.

PLOTINO: Porfírio, como sabes, amo verdadeiramente Platão. Mas nem por isso quero discutir por autoridade, e principalmente, contigo, sobre tal questão; quero discorrer por razão. E se toquei assim de leve nessa máxima platônica fi-lo para usá-la e como uma espécie de preâmbulo, mais que por outro motivo. E retomando o pensamento que tinha no espírito digo que nem Platão ou outro filósofo qualquer mas a própria natureza parece nos ensinar que deixar o mundo por vontade própria não é coisa lícita. Não convém que me distenda sobre essa matéria: porque, se pensares um pouco, não pode ser que não saibas por ti mesmo que matar-se pelas próprias mãos sem necessidade é contra a natureza. Aliás para melhor dizer, é o ato mais adverso a ela que se possa cometer. Porque toda a ordem das coisas estaria subvertida se elas se destruíssem a si próprias. E parece que repugna à vida que alguém se valha dela para extinguí-la, que o ser nos sirva ao não-ser. Além do que se nada nos é imposto e ordenado pela natureza certamente ela no-lo faz intimamente e sobretudo e não apenas aos homens mas a qualquer criatura do universo que atente à própria conservação e proveja de todos os modos, o que é exatamente o oposto e suicidar-se. E sem outros argumentos não sentimos que nossa inclinação, de per si, nos arraste, faça-nos odiar a morte, temê-la e ter-lhe horror mesmo a despeito de nós? Ora pois, uma vez que esse ato é contrário à natureza e tão oposto quanto o vemos, eu não saberia decidir o que será lícito.

PORFÍRIO: Já considerei toda essa parte, que, como disseste, é impossível que o espírito não a distinga, por pouco que se pare a pensar nesse propósito. Parece-me que às tuas razões se possa responder com muitas outras e de vários modos, mas em esforçarei para ser breve. Duvidas que nos seja lícito morrer sem necessidade; pergunto-te se nos é lícito ser infelizes. A natureza proíbe que nos matemos. Estranho me pareceria que, não tendo ela vontade ou poder de fazer-me feliz ou livre da miséria, tivesse a faculdade de obrigar-me a viver. Certamente, se a natureza

gerou em nós o amor da própria conservação e o ódio da morte, ela não nos deu menor ódio da infelicidade e amor pelo nosso bem; ou por outra, são tão maiores e mais importantes estas últimas inclinações do que aquelas, do que a felicidade, que é o objetivo de cada ato nosso e de todo nosso amor e ódio; e que não se foge da morte nem se ama a vida por si mesma, mas por respeito e amor do que temos de melhor e por ódio do nosso próprio mal e prejuízo. Como então pode ser contrário à natureza que eu fuja da infelicidade pelo único modo que têm os homens de fugir dela, que é o de tirar-me do mundo, porque enquanto estou vivo não posso esquivar-me dela? E como será verdadeiro que a natureza me impeça de agarrar-me à morte, que sem dúvida alguma é o que tenho de melhor, e de repudiar a vida que manifestamente vem a ser danosa e má para mim? Pois ela só me pode valer para sofrer; ao sofrimento me vale por necessidade e a ele me conduz de fato?

PLOTINO: De qualquer maneira, essas coisas não me convencem de que matar-se não seja contra a natureza, porque o nosso senso nos mostra muito evidentes a contrariedade e o horror da morte; vemos que os animais (quando não são forçados ou desviados pelos homens) agem naturalmente em tudo; não só jamais chegam a cometer o suicídio como também, por mais que estejam atribulados e infelizes, mostram-se afastadíssimos dele. Enfim, encontra-se apenas entre os homens algum que o pratique, e não entre os povos que têm um modo de vida natural, nos quais só se achará quem o abomine se tiver conhecimento ou mesmo uma imagem falsa dele; ele só acontece entre os povos desfigurados e corruptos, que não vivem segundo a natureza.

PORFÍRIO: Ora vamos, concedo-te ainda que essa ação seja contrária à natureza, como queres. Mas o que vale isso se não somos criaturas naturais, por assim dizer? Refiro-me aos homens não civilizados.[164] Comparanos, não digo, aos seres vivos de qualquer outra espécie mas àquelas nações pelos lados da Índia e da Etiópia que, como se diz, conservam os costumes primitivos e selvagens e dificilmente te parecerá que se possa dizer que estes ou aqueles sejam criaturas de uma mesma espécie. Tenho por certo que não se deu sem infinito aumento de infelicidade essa nossa, digamos assim, transformação e mutação de vida e, principalmente, de ânimo. Certamente que as criaturas selvagens jamais sentiram desejo de pôr fim à vida, nem ainda lhes passou pela fantasia que se possa desejar que os homens habituados a esse modo, digamos civil, desejam-na freqüentemente e, muitas vezes, a procuram. Ora, se é lícito ao homem não civilizado viver contra a natureza e ser assim infeliz contra ela, por que não lhe será lícito morrer contra a própria? Sendo que, da nova infelicidade que resulta entre nós da alteração do estado não nos possamos libertar de outro modo a não ser com a morte. Quanto a voltarmos ao estado

primitivo e à vida indicada pela natureza, não se poderia fazê-lo simplesmente e talvez de modo algum com relação ao interior e por respeito ao exterior que é o que mais conta, sem dúvida alguma seria realmente impossível. O que é menos natural que a medicina? Tanto a que se pratica com a mão como a que se faz por meio de remédios. Pois a maior parte de uma e de outra, tanto nas realizações das operações, nas matérias, nos instrumentos, como nos modos de usá-la estão distantíssimas da natureza, e os seres brutos e os homens selvagens não as conhecem. Não menos por isso as doenças que esses pretendem curar estão fora da natureza e só acontecem por causa da civilização, isto é, do corrompimento de nosso estado. Por isso essas artes, ainda que não naturais, são e se julgam oportunas e mesmo necessárias. Assim o ato de matar-se, que nos livra da infelicidade trazida a nós pela corrupção, porquanto seja contrário à natureza, não é necessariamente censurável: males não naturais requerem remédio não natural. E seria mesmo duro e iníquo que a razão que, para fazer-nos mais infelizes do que naturalmente somos, costumasse contrariar a natureza nas outras coisas, e a ela se unisse para tirar-nos aquele extremo refúgio que nos resta, o único que nos ensina a razão, e nos constrangesse a perseverar na miséria.

A verdade é esta, Plotino. A natureza primitiva dos homens antigos e dos povos selvagens e incultos não é mais a nossa, mas os hábitos e a razão fizeram em nós outra natureza, que temos e teremos sempre no lugar da primeira. No princípio não era natural ao homem procurar a morte voluntariamente: nem o era também desejá-la. Hoje, esta como aquela são naturais, ou seja, conformes à nossa nova condição que, tendendo ainda e movendo-se necessariamente, como a antiga na direção do que aparece como nosso bem faz que, muitas vezes, desejemos e procuremos o que é verdadeiramente o maior bem do homem, isto é, a morte. E não é de admirar, porque essa segunda natureza é na maior parte governada e dirigida pela razão. Esta afirma como certíssimo que a morte não que seja verdadeiramente um mal como dita a impressão primitiva, mas é o único remédio válido aos nossos males, a coisa mais desejável e melhor para os homens. Portanto, pergunto eu: os gentios medem suas outras ações pela natureza primitiva? Quando e que outra ação? Não por aquela mas por esta nossa, ou digamos, pela razão. Por que esse único ato de tirar-se a vida deverá medir-se não pela nova natureza ou pela razão, mas pela primitiva? Por que essa, que não dita mais leis à nossa vida, deve ditá-la para a morte? Por que não deve a razão governar a morte, uma vez que mantém a vida? E vemos que, de fato, tanto a razão como a infelicidade no nosso estado atual não só extinguem, especialmente nos desafortunados e aflitos, aquele horror ingênito da morte ao qual te referias, mas o transformam em desejo e amor,

como eu disse antes. Tendo estes surgido, o que, segundo a natureza, não teria podido acontecer e tendo sido gerada a infelicidade pelas nossas deturpações, indesejada pela natureza, seria manifesta repugnância e contradição que ainda tivesse lugar a proibição natural de matar-se. Isto me parece suficiente quanto a saber se o suicídio é lícito. Resta considerar se ele é útil.

PLOTINO: Daí não ocorre que me digas, Profírio meu, se, ainda quando essa ação for lícita (pois não concedo que uma ação que não seja justa nem correta possa ser útil) possa deixar de ser utilíssima, sobre o que não tenho a menor dúvida. Porque a questão, em suma, reduz-se a isto: qual dos dois é melhor, sofrer ou não sofrer? Sei muito bem que o prazer junto com o sofrimento seria igualmente preferido por quase todos os homens, mais que a negação deles, tão grandes são, por assim dizer, o desejo e a sede de divertimento que tem o espírito. Mas a deliberação não incide sobre esses termos: porque a fruição e o prazer, para falar própria a diretamente, são tão impossíveis quanto o sofrimento inevitável. E digo que o padecer assim contínuo como o é o desejo e a necessidade que temos de diversão e de felicidade, jamais saciados e não considerados os sofrimentos particulares e acidentais que intervêm na vida de cada homem e que são igualmente certos, seguramente devem intervir (mais ou menos e de um ou outro tipo) na mais venturosa vida do mundo.

Na verdade se uma pessoa tivesse a certeza de continuar a viver depois de um breve e único sofrimento, isso seria suficiente para fazer com que, segundo a razão, a morte deva sobrepor-se à vida, porque esse sofrimento não teria compensação alguma, bem como não poderia ocorrer em nossa existência um verdadeiro e dileto bem.

PORFÍRIO: Parece-me que o próprio tédio e a privação de toda a esperança de uma situação e de sorte melhores sejam motivo suficiente para gerar o desejo de acabar com a vida também para quem se acha em uma situação de sorte não apenas má como próspera. E, muitas vezes, admirei-me de que em lugar nenhum se faça menção dos princípios que induzem à morte apenas por tédio e por satisfação do próprio estado, segundo o que se ouve de pessoas em particular e se lê todos os dias, tal como aconteceu aos que, tendo ouvido o filósofo cirenaico Hegésias dar suas lições sobre a miséria da vida, ao saírem da escola matavam-se; daí Hegésias ter sido chamado pela alcunha de "persuasor da morte" e diz-se, como creio que saibas, que o último rei Ptolomeu proibiu-o de discutir mais além sobre esse assunto.[165] Encontram-se ainda notícias sobre alguns reis como Mitridates, Cleópatra, Otão romano[166] e talvez de outros tantos príncipes que se suicidaram; eles foram levados a isso por encontrarem-se então na adversidade e na miséria e para fugirem de males mais graves. Ora, a mim pareceu crível que os príncipes, mais facilmente que os outros, criassem ódio

ao seu estado e enfado de todas as outras coisas, e por isso desejassem morrer. Porque, estando eles no ápice do que se chama felicidade humana e tendo muito pouco ou talvez nada a esperar do que se consideram bens da vida (mesmo porque possuem a todos) não podem esperar um amanhã melhor que o dia de hoje. E o presente, por mais afortunado que seja, é sempre triste e desamorável, só o futuro pode agradar. Mas como quer que seja, enfim, podemos saber que (exceto o temor das coisas de um outro mundo) o que impede que os homens não abandonem a vida espontaneamente e que os induz a amá-la e a preferi-la à morte é tão-somente um simples e manifestíssimo erro, por assim dizer, de cálculo e de medida: um erro que se comete ao computarem-se, ao medirem-se e ao compararem-se entre si os ganhos e os prejuízo. Tal erro, poder-se-á dizer, acontece tantas vezes quantos são os momentos em que cada um abraça a vida, ou mesmo consente em viver e se contenta com isso, ou seja, com o juízo e com a vontade ou ainda com o simples acontecimento.

PLOTINO: É verdadeiramente assim, Porfírio meu. Mas, com tudo isso, deixa que te aconselhe e suporta também que te peça para ouvir, sobre esse teu desejo mais do que sobre natureza e razão. E me refiro àquela natureza primitiva, àquela nossa mãe e do universo, que, se não demostrou amar-nos e, sim, nos fez infelizes pelo menos nos foi sempre menos inimiga e maléfica que nós próprios o fomos com o nosso talento, com a curiosidade incessante e desmedida, com as especulações, com os discursos, com os sonhos, com as opiniões e doutrinas infelizes e, particularmente, se esforçou por medicar a nossa infelicidade ao ocultar-nos e transfigurar-nos a maior parte dela. E, por mais que seja grande a nossa alteração e diminuída em nós a força da natureza, ela não ficou reduzida a nada, nem mudamos e inovamos tanto que não permaneça em cada um de nós uma grande parte do homem antigo. O que, malgrado nossa estultice, jamais poderá ser de outro modo. Eis o que você chama de erro de cálculo; verdadeiramente erro e não menos grande que palpável; entretanto, cometemos continuamente e não apenas os estúpidos e idiotas mas os inteligentes, doutos e sábios e assim será eternamente se a natureza, que produziu este nosso gênero, ela mesma e não o raciocínio e a mão dos homens, não o extinguir. E me crê que não é enfado da vida nem desespero, nem sentido da nulidade das coisas, da vaidade dos cuidados, e da solidão do homem; nem há ódio do mundo ou de si próprio que possa durar tanto, se bem que essas disposições de espírito sejam razoabilíssimas e irracionais as suas contrárias. Mas com tudo isso, passado um pouco de tempo, mudada ligeiramente a disposição do corpo, aos poucos, e muitas vezes subitamente, por mínimas razões e dificilmente notadas, refaz-se o gosto pela vida, nasce ora esta ora aquela esperança nova, e as coisas humanas retomam aquela aparência e se mostram dig-

nas de algum cuidado; não verdadeiramente do intelecto, mas, por assim dizer, do senso do espírito. E isso basta para o objetivo de fazer que a pessoa, conquanto bem conhecedora e persuadida da verdade, não menos em detrimento da razão, persevere na vida e prossiga nela como os outros, porque tal senso (pode-se dizer) e não o intelecto, é o que nos governa.

Seja razoável o suicídio, seja contra a razão a acomodação do espírito à vida; certamente é um ato ousado e desumano. E não deve agradar mais nem ser julgado como monstro segundo a razão, nem como homem, conforme a natureza. E por que, também, não queremos nós nenhuma consideração dos amigos, dos consangüíneos, dos filhos, dos irmãos, dos pais, da mulher, dos parentes e aderentes, com os quais estamos acostumados a viver há muito tempo e que, ao morrermos, precisamos deixar para sempre, não sentindo em nosso coração dor alguma com essa separação, nem levando em conta o que eles sentirão, tanto pela perda de pessoa querida e familiar quanto pela atrocidade do acaso? Sei bem que o espírito do sábio não deve ser muito fraco, nem deixar-se vencer pela piedade e pela condolência, de maneira a não se perturbar nem se abater, para que ele ceda e não se envileça, que não se abandone às lágrimas imoderadas, a atos indignos de estabilidade daquele que tem pleno e claro conhecimento da condição humana. Mas que se use essa força da alma naqueles incidentes tristes que advêm da sorte e que não se podem evitar; não se abuse dela em privar-nos, espontaneamente, para sempre, da presença, do colóquio e dos costumes dos nossos entes queridos. Não sentir, por nada deste mundo, a dor da separação e da perda dos parentes, dos íntimos, dos companheiros, ou não estar apto a sentir dor alguma por tais coisas, não é próprio do sábio mas do bárbaro. Não dar importância alguma em causar dor, com a auto-execução aos amigos e familiares, é próprio daquele que descuida dos outros preocupado exclusivamente consigo próprio. Na verdade aquele que se suicida não se importa nem se preocupa com os outros, só procura o próprio interesse, se move, por assim dizer, atrás do seu próximo e de todo o gênero humano, tanto que nesse ato de privar-se da vida aparece o mais claro, o mais sórdido ou, certamente, o menos belo e menos liberal amor de si mesmo, que se possa encontrar no mundo.

Por último, Porfírio meu, as doenças e os males da vida se bem que muitos e contínuos, mesmo quando, qual hoje se verificar em você, não dão lugar a infortúnios e calamidades extraordinárias ou acerbas dores do corpo, não são difíceis de tolerar, principalmente para o homem sábio e forte como és tu. E a vida é algo de tão pouco relevo que o homem, enquanto tal, não deveria ser muito solícito em retê-la nem em deixá-la. Por isso, sem querer ponderar muito curiosamente sobre isso, para cada

leve causa que se lhe ofereça, não deveria recusar em agarrar-se àquela primeira parte, mais do que a esta. E, a pedido de um amigo por que não deveria comprazer-se? Agora peço-te encarecidamente, Porfírio meu, pela memória dos anos que até aqui durou a nossa amizade, abandona esse pensamento; não queiras ser causa dessa grande dor aos teus bons amigos, que te amam com toda a alma; e a mim, que não tenho pessoa mais querida nem mais doce companhia. Queira, antes, ajudar-te a suportar a vida e, assim sem outro pensamento, ficarmos em abandono. Vivamos, Porfírio meu, e confortemo-nos juntos: não recusemos carregar aquela parte que o destino nos legou dos males da nossa espécie. Atentemos bem em fazer companhia um ao outro e encorajemo-nos, dando-nos as mãos e trocando socorro para cumprir, da melhor maneira, esta tarefa da vida, que infalivelmente será breve. E quando vier a morte então não nos lamentaremos e, naquele último instante, os amigos e companheiros nos confortarão. E nos alegrará o pensamento de que, depois que tivermos passado, eles nos recordarão muitas vezes e nos amarão ainda.

DIÁLOGO DE UM VENDEDOR DE ALMANAQUES E UM PASSANTE[167]

VENDEDOR: Almanaques, almanaques novos, lunários novos. Vai querer, senhor, almanaques?

PASSANTE: Almanaques para o ano-novo?

VENDEDOR: Sim senhor.

PASSANTE: Crês que será feliz esse ano-novo?

VENDEDOR: Oh! Sim, ilustríssimo, certamente.

PASSANTE: Como no ano passado?

VENDEDOR: Muito, muito mais.

PASSANTE: Como no ano retrasado?

VENDEDOR: Mais, mais, ilustríssimo.

PASSANTE: Mas como que outro? Não te agradaria que o ano-novo fosse como qualquer um desses últimos anos?

VENDEDOR: Não, senhor, não gostaria.

PASSANTE: Há quantos anos vendes almanaques?

VENDEDOR: Mais ou menos uns vinte anos, ilustríssimo.

PASSANTE: A qual desses gostaria que fosse igual o próximo?

VENDEDOR: Eu? Não sei.

PASSANTE: Não te lembras de nenhum ano em particular que te pareceu feliz?

VENDEDOR: Na verdade, não, ilustríssimo.

PASSANTE: No entanto a vida é uma bela coisa. Não é verdade?

Vendedor: Isso sim.

Passante: Voltarias a reviver esses vinte anos e também todo o tempo passado, a começar de quando nasceste?

Vendedor: Ah! Meu caro senhor, tomara Deus que eu pudesse.

Passante: Mas se tivesses de refazer a vida que tiveste exatamente igual, com todos os prazeres e os desprazeres que passaste, ainda a desejarias?

Vendedor: Isso eu não queria.

Passante: Oh! Que outra vida querias refazer? A que levei, a do príncipe, a de que outro? Ou acreditas que eu, o príncipe ou outro qualquer não responderíamos, exatamente, a mesma coisa e que, tendo de refazer a mesma passada, ninguém gostaria de voltar atrás?

Vendedor: Creio que sim.

Passante: Nem voltarias atrás nessa condição, não podendo ser de outro modo, não é?

Vendedor: Não mesmo, senhor, não voltaria.

Passante: Mas de que vida tu, então, gostarias?

Vendedor: Gostaria assim de uma vida que Deus me mandasse sem outros compromissos.

Passante: Uma vida ao acaso, sem saber nada do que vem pela frente, como não se conhece a do ano-novo?

Vendedor: Exatamente. Isso mesmo.

Passante: Essa eu também queria reviver e assim todos. Mas esta é a prova de que o acaso, até o presente, tratou mal a todos. E se vê claramente que cada um é de opinião que foi mais e de maior peso o mal que coube a si, do que o bem; e que, sob a condição de reaver a vida de antes com todos os seus bens e seus males, ninguém quer renascer. A vida, que é uma coisa linda, não é a que se conhece, mas a que não se conhece; não é a vida passada mas a futura. Com o ano-novo o acaso começará a tratar bem a ti, a mim e a todos os outros e comerçará a vida feliz, não é verdade?

Vendedor: Esperemos.

Passante: Então, mostra-me o almanaque mais bonito que tens.

Vendedor: Eis, ilutríssimo. Este custa trinta soldos.

Passante: Aqui está.

Vendedor: Obrigado, ilustríssimo: até logo. Almanaques! Almanaques novos! Lunários novos!

Diálogo de Tristão e um Amigo[168]

Amigo: Li teu livro. Melancólico como tu, como sempre.

Tristão: Sim, como de hábito.

AMIGO: Melancólico, desconsolado e desesperado: vê-se que esta vida te parece uma coisa grande e horrível.

TRISTÃO: Que tenho a dizer? Tinha esta demência fixa na cabeça, que a vida humana era infeliz.

AMIGO: Infeliz sim, talvez. Mas ao menos no fim...

TRISTÃO: Não, não, infelicíssima. Agora mudei de opinião, mas quando escrevi este livro tinha essa loucura em mente, como te digo. E estava tão persuadido dela que esperaria tudo menos voltar a ter dúvidas sobre as observações que fazia a propósito delas, parecendo-me que a consciência de cada leitor deveria dar a cada uma prontíssimo testemunho. Imaginei apenas que nascesse a disputa sobre a utilidade ou o dano de tais observações, mas, jamais, sobre a verdade; ao contrário, acreditei que minhas palavras tristes, por serem os males comuns, seriam repetidas de cor por todos os que as escutassem. E ouvindo depois que se negava, não só alguma proposição particular mas o conjunto e ao escutar que a vida não é infeliz e que se a mim assim parecia deveria ser efeito de doença ou de outra miséria particular! Primeiro permaneci atônito, atordoado e imóvel como uma pedra e por muitos dias acreditei que me achava em outro mundo; depois tendo voltado a mim mesmo desprezei-me um pouco, em seguida ri e disse: os homens são em geral como os maridos. Se estes querem viver tranqüilos é necessário que acreditem que as mulheres são fiéis, cada uma ao seu, e assim o fazem, ainda quando a metade do mundo sabe que a verdade é muito outra. Quem quiser ou tiver de viver num país precisa acreditar que ele é um dos melhores da Terra e creia efetivamente nisso. É conveniente que, para querer viver, os homens confiem, em geral, assim o creiam e se rebelem contra quem pense de modo diferente do seu. Porque, substancialmente, o gênero humano acredita sempre, não na verdade, mas naquilo que é ou parece ser mais verdadeiro aos seus propósitos. O gênero humano, que acreditou e sempre crerá em tantas tolices, jamais aceitará que nada sabe, que não é nada e que nada tem a esperar. Nenhum filósofo que ensinasse uma dessas três coisas teria sorte ou faria escola especialmente entre o povo, porque além de que todas as três são pouco conformes a quem quer viver, as duas primeiras ofendem o orgulho dos homens e a terceira, mas também as outras duas, requerem coragem e fortaleza de ânimo para serem objeto de fé. E os homens são covardes, fracos e de espírito ignóbil e estreito; sempre dóceis a esperar, porque sempre sujeitos a mudar de opinião sobre o bem, segundo a necessidade que governa a sua vida; prontíssimos a entregar as armas, como diz Petrarca,[169] à sua sorte, decididos e resolutíssimos em consolar-se por qualquer desventura, em aceitar qualquer compensação em troca do que perderam, em acomodar-se sob qualquer condição a um destino

mais iníquo e mais bárbaro; e, quando privados do desejável, em viver de falsas crenças alegres ou seguras como se fossem as mais verdadeiras ou as mais bem-fundamentadas do mundo. Eu, por mim, como a Europa meridional ri dos maridos apaixonados pelas mulheres infiéis, assim rio do gênero humano apaixonado pela vida; e julgo também muito pouco viril querer deixar-se enganar e iludir como tolos além dos males que se sofrem e ser quase o escárnio da natureza e do destino. Falo sempre, não do engano da imaginação, mas do intelecto. Se estes meus sentimentos nascem de doença, não sei; só sei que, doente ou não, pisoteio a vileza dos homens, recuso toda consolação ou engano pueril e tenho a coragem de sustentar a privação de toda esperança, de olhar intrepidamente o deserto da vida, de não me dissimular nenhuma parte da infelicidade humana e aceitar todas as conseqüências de uma filosofia dolorosa mas verdadeira. A qual, se não for útil a outra coisa, proporciona aos homens fortes a complacência de ver rasgado todo manto sobre a encoberta e misteriosa crueldade do destino humano. Dizia para mim essas coisas quase como se essa filosofia dolorosa fosse minha invenção, vendo-a assim recusada por todos, como se faz com as coisas novas e não mais sentidas. Mas depois, repensando, lembrei-me de que ela era tão nova quanto Salomão, Homero e os poetas e filósofos mais antigos que se conhecem, que são todos repletíssimos de figuras, fábulas e de sentenças, que representam a extrema infelicidade humana. Uns dizem que o homem é o mais desgraçado dos animais, outros que o melhor é não nascer, e para os que nasceram, morrer no berço; outros, que o favorito dos deuses morre na juventude; outros, ainda, infinitas coisas a esse respeito.[170] E lembrei-me também, que desde aqueles tempos até ontem ou anteontem todos os poetas, filósofos, grandes e pequenos escritores, de um modo ou de outro, tinham repetido ou confirmado as mesmas doutrinas. Assim voltei novamente a admirar-me, e entre a admiração, o desdém e o riso passei muito tempo, até que, estudando mais profundamente essa matéria, fiquei sabendo que a infelicidade do homem era um dos erros inveterados do intelecto, e que a falsidade dessa opinião e a felicidade da vida eram uma das grandes descobertas do século XIX. Então me tranqüilizei e confesso que não tinha razão em crer no que acreditava.

Amigo: E mudaste de opinião?

Tristão: Certamente. Queres que contrarie as verdades descobertas pelo século XIX?

Amigo: E crês em tudo o que crê o século?

Tristão: Claro. Oh! O que te espanta?

Amigo: Crês, então, na perfectibilidade indefinida do homem?

Tristão: Sem dúvida.

AMIGO: Crês que, de fato, a espécie humana vai melhorando a cada dia?

TRISTÃO: Sim, certamente. É bem verdade que algumas vezes penso que os antigos, pelas forças do corpo valiam, cada um, por quatro de nós. E o corpo é o homem, porque (deixando todo o resto), a magnanimidade, a coragem, as paixões, a força de agir, a de usufruir, tudo o que enobrece e torna viva a vida depende do vigor do corpo sem o qual o resto não pode existir. Alguém frágil de corpo não é um homem, é um menino, ou pior, porque seu destino é ficar vendo os outros viverem, e isso por mais que se diga não é a vida para ele. Porém antigamente a fraqueza do corpo foi ignominiosa, mesmo nos séculos mais civilizados. Entre nós, já há muitíssimo tempo, a educação não se digna a pensar no corpo, considerando-o coisa muito baixa e abjeta: pensa no espírito e, precisamente, querendo cultivá-lo, arruína o corpo. E sem perceber que, arruinando-o, ao mesmo tempo destrói também o espírito. E ainda que fosse dado remediar com a educação, jamais se poderia fazê-lo sem mudar radicalmente o estado moderno da sociedade; encontrar remédio que valesse em relação aos outros setores da vida privada e pública, uma vez que todas com suas propriedades, na Antiguidade concorreram para o aperfeiçoamento e a conservação do corpo, e hoje conspiram por depravá-lo. O resultado é que, em comparação com os antigos, somos pouco mais do que meninos, e confrontados a nós pode-se dizer mais do que nunca que eles foram homens. Falo assim dos indivíduos comparados aos indivíduos, como as massas (para usar essa belíssima palavra moderna) comparadas às massas. E acrescento que os antigos foram insuperavelmente mais viris que nós também nos sistemas de moral e de metafísica. De qualquer modo não me deixo mover por essas pequenas objeções, creio que a espécie humana esteja sempre se superando.

AMIGO: Crês ainda, já se entende, que o saber ou, como se diz, os lumes cresçam continuamente?

TRISTÃO: Certissimamente. Se bem vejo que quanto mais cresce a vontade de aprender tanto mais diminui a de estudar. E o que admira é que ao contar o número de doutos, os verdadeiros, que viviam contemporaneamente cinqüenta anos atrás e também mais tarde se vê que aquele número é desmesuradamente maior que os da presente idade. Não me digam que os doutos são poucos porque, em geral, o conhecimento não está mais acumulado em alguns indivíduos, mas dividido entre muitos, e que a quantidade destes compensa a raridade daqueles. O conhecimento não é como as riquezas que se dividem e se reúnem e sempre resultam na mesma quantidade. Onde todos sabem, aí pouco se sabe, porque ciência vai atrás de ciência e não se dispersa. A instrução superficial pode ser, não propriamente dividida por muitos mas comum a muitos indoutos.

O resto do saber só pertence a quem sabe e grande parte dele a quem seja sapientíssimo e dotado individualmente de um imenso capital de conhecimentos e que seja apto a acrescentar solidamente e levar adiante o saber humano. Ora, exceto, talvez, na Alemanha, onde a doutrina não pôde ainda desalojar-se, não te parece que ver o surgimento desses homens doutíssimos se torna a cada dia menos possível? Faço essas reflexões assim para discorrer e para filosofar um pouco ou talvez, para sofisticar, não que eu não esteja persuadido do que disseste. Ao contrário, quando visse também o mundo inteiramente cheio de ignorantes e impostores, de um lado, e de ignorantes pretensiosos, de outro, não creria menos que o saber e os lumes cresçam continuamente.

AMIGO: Como conseqüência, acreditas que este século seja superior a todos os passados?

TRISTÃO: Seguramente. Assim todos creram em relação aos seus séculos; também os mais bárbaros, e, do mesmo modo, acontece comigo e o meu tempo. Se depois me perguntares no que ele é superior aos outros, quanto ao corpo ou ao espírito, reportar-me-ia ao que disse antes.

AMIGO: Em suma, para reduzir tudo em duas palavras, pensa no que falam os jornais sobre a natureza e o destino dos homens e das coisas (pois que agora não falamos de literatura nem de política).

TRISTÃO: Exatamente. Creio na profunda filosofia dos jornais e adoto-a; eles, matando qualquer outra literatura ou estudo muito pesado e desagradável, são mestres e luz da presente idade, não é mesmo?

AMIGO: Muito verdadeiro. Se isso que dizes é real e não brincadeira tu te tornaste um dos nossos.

TRISTÃO: Sim, certamente, um dos vossos.

AMIGO: Oh! Então, o que farás do teu livro? Queres que chegue aos pósteros com aqueles sentimentos tão contrários às opiniões que tens agora?

TRISTÃO: Aos pósteros? Rio-me, porque estás brincando, e se apenas fosse possível que não brincasses, riria ainda mais. Não digo em relação a mim mas a indivíduos ou coisas individuais do século XIX; compreende bem que não há temor dos pósteros, que não saberão tanto como não souberam os antepassados. "Os indivíduos desapareceram diante das massas", dizem elegantemente os pensadores modernos, o que significa que é inútil o indivíduo incomodar-se, não por qualquer mérito seu nem mesmo por aquele mísero prêmio da glória resta-lhe mais esperar na vigília ou no sonho. Deixa que as massas façam; o que podem elas sem indivíduos, sendo compostas por esses, desejo e espero que me expliquem os especialistas em pessoas e coletividades, que hoje iluminam o mundo. Mas para voltar ao assunto do livro e dos pósteros, especialmente aos livros, que agora, na maioria, são escritos em menor tempo que se

leva para lê-los, vê bem que, assim como custam o que valem, duram na proporção do que custam. Quanto a mim, creio que o século futuro passará um belíssimo borrão sobre a imensa bibliografia do século XIX, ou mesmo dirá: tenho bibliotecas inteiras de livros que custaram vinte, trinta anos de trabalho e, alguns mais, outros menos, todos, um grandíssimo esforço. Leiamos estes primeiro porque é mais provável que deles se tirará maior proveito, e quando não tiver mais para ler os dessa espécie, então porei mãos nas obras improvisadas. Amigo meu, este é um século de meninos e os pouquíssimos homens que restam devem esconder-se de vergonha, como aquele que caminhava direito em terra de mancos. E esses bons rapazes querem fazer tudo o que, em outros tempos, fizeram os homens, e fazê-lo exatamente como meninos, assim de repente, sem outros esforços preparatórios; ou melhor, querem que o grau a que chegou a civilização e a índole do presente e do futuro perpetuamente os dispensem e aos seus sucessores de toda necessidade de suores e trabalhos longos para se tornarem aptos às coisas. Dizia-me há poucos dias um amigo meu, homem de prática e de negócios, que também o meio-termo se tornou raríssimo: quase todos são ineptos, quase todos insuficientes para qualquer ofício e aos exercícios para os quais os destinaram a necessidade, a sorte ou a opção. Nisso me parece que consiste, em parte, a diferença que existe entre este e outros séculos. Em todos aqueles, como neste, o grandioso é raríssimo; nos outros campeou a mediocridade, neste a nulidade. Daí tal barulho e confusão, todos querendo ser tudo, não se dando nenhuma atenção aos poucos e grandes que acho mesmo que existam, para os quais não é mais possível abrir um caminho no meio da imensa multidão de concorrentes. E assim, enquanto os ínfimos se julgam ilustres, a obscuridade e a nulidade de êxito se tornam fato comum aos inferiores como aos superiores. Mas, viva a estatística! Vivam as ciências econômicas, morais e políticas, as enciclopédias portáteis, os manuais e todas as belas criações do nosso século, viva sempre o século XIX, talvez pobre de coisas mas riquíssimo e enorme de palavras, o que, como sabes, sempre foi um ótimo sinal. E consolemo-nos porque, por outros sessenta anos, este século será o único a expressar e a dar as suas razões.

AMIGO: Ao que parece, falas um pouco ironicamente. Mas deverias pelo menos lembrar-te de que este é um século de transição.

TRISTÃO: O que concluis disto? Mais ou menos, todos os séculos foram e serão de transição, porque a sociedade humana nunca está parada, e jamais haverá um tempo em que ela seja feita para durar. Assim, essa belíssima palavra em nada desculpa o século XIX ou ela é comum a todos os outros. Resta procurar, caminhando a sociedade pela via em que hoje se encontra, o que deve prevalecer, isto é, a transição que agora se faz, ou

seja, do bem ao melhor ou do mal ao pior. Talvez queiras me dizer que a atual é a transição por excelência, isto é, uma passagem rápida de um estado de civilização a outro diferentíssimo do precedente. Em tal caso peço licença para rir desta e respondo que convém fazer todas as transições lentamente, porque, se se fizerem de repente, num tempo brevíssimo volta-se para trás, para depois refazê-la gradativamente. Aconteceu sempre assim. A razão é que a natureza não dá saltos e que, forçando-a, não se produzem efeitos duradouros. Ou seja, melhor dizendo, essas transições precipitadas são apenas aparentes mas não reais.

AMIGO: Peço-te, não digas essas coisas a muitas pessoas, porque farás muitos inimigos.

TRISTÃO: Pouco importa. De agora em diante amigos ou inimigos não me farão grande mal.

AMIGO: Ou ainda, mais provavelmente, serás desprezado como pouco entendedor da filosofia moderna e pouco cuidadoso do progresso e da cultura.

TRISTÃO: Sinto muito, mas o que se há de fazer? Se me desprezarem procurarei consolar-me.

AMIGO: Mas, afinal, mudaste ou não de opinião? E o que se há de fazer desse livro?

TRISTÃO: É melhor queimá-lo. Não querendo fazê-lo, conserva-o como livro de sonhos poéticos, de fantasias e caprichos melancólicos ou mesmo como expressão da infelicidade do autor: porque, confidencialmente, meu caro amigo, creio que tu e todos os outros são felizes, mas, quanto a mim, com tua licença e a do século, sou infelicíssimo, como tal me tenho e todos os jornais dos dois mundos não me persuadirão do contrário.

AMIGO: Não conheço as razões dessa infelicidade a que te referes. Mas se alguém é feliz ou infeliz individualmente, ninguém é juiz, a não ser a própria pessoa, e o seu juízo não pode falhar.

TRISTÃO: Verdadeiríssimo. E mais, digo-lhe francamente que não me submeto à minha infelicidade, não baixo a cabeça ao destino e nem faço acordos com ele, como todos os outros homens; ouso desejar a morte e almejá-la acima de qualquer coisa com tanto ardor e tanta sinceridade como creio firmemente que ela o é apenas para pouquíssimos homens no mundo. Nem te falaria assim se não estivesse bem certo de que, chegada a hora, os fatos não desmentirão minhas palavras, porque, mesmo não vendo nenhum sucesso na minha vida, provo um sentimento que quase me certifica da hora que, afirmo, não está distante. Quanto mais maduro para a morte mais me parece absurdo e incrível dever durar ainda quarenta ou cinqüenta anos, que é com quanto me ameaça a natureza, estando assim morto como estou espiritualmente e concluída em

mim por toda parte a história da minha vida. Só de pensar nisso me arrepio. Mas como nos acontece a todos aqueles males que vencem, por assim dizer, a força imaginativa, do mesmo modo parece-me um sonho e uma ilusão impossíveis de verificarem-se. Ou melhor, se alguém me fala de um futuro distante como coisa que me pertença não posso evitar o sorriso dentro de mim, espero com muita confiança que a vida que me resta cumprir não seja longa. E isso, posso dizer, é tão-somente o pensamento que me sustenta. Livros e estudos que freqüentemente me admira ter amado tanto, projetos de grandes coisas e esperanças de glória e de imortalidade, são coisas cujo tempo de rir já passou. Dos projetos e das esperanças deste século não rio: desejo, com toda a alma, o melhor sucesso possível e louvo, admiro e respeito alta e sinceramente a boa vontade; porém não invejo os pósteros nem os longevos. Em outros tempos senti invídia dos tolos e dos estultos e dos que se têm em alto conceito; e de bom grado ter-me-ia trocado por qualquer um deles. Hoje não invejo mais néscios ou sábios, grandes ou pequenos, fracos ou fortes. Invejo os mortos e só por eles me trocaria. Toda imaginação agradável, todo pensamento do futuro que faço, como acontece em minha solidão, e com os quais vou passando o tempo, consistem na morte, daí não saberia sair. Nem nesse desejo a lembrança dos sonhos da primeira idade e o pensamento de ter vivido em vão me perturbam mais, como costumavam. Se chegar a morte, passarei tranqüilo e contente como se nada mais tivesse esperado ou desejado no mundo. Esse é o único benefício que pode reconciliar-me com o destino. Se me fossem propostas, de um lado, a fortuna e a fama de César e de Alexandre, expurgada qualquer mácula, e de outro a morte hoje, e eu devesse escolher, diria: morrer hoje, e não hesitaria em decidi-lo.

APÊNDICE

COMPARAÇÃO DAS SENTENÇAS DE BRUTO MENOR E TEOFRASTO, À BEIRA DA MORTE

NÃO CREIO QUE se encontre em todas as memórias da Antiguidade fala mais plangente e espantosa, e todavia, falando humanamente, mais verdadeira que a que Marco Bruto, pouco antes da morte, proferiu, em desprezo da virtude; e que, segundo o que foi reportado por Díon Cássio, é esta: "Ó miserável virtude! Eras uma palavra nua e eu te seguia como se fosses uma coisa, mas tu jazias debaixo da sorte!" E apesar de Plutarco na *Vida de Bruto* não tocar especificamente nesses dizeres, motivos pelo qual Pier Vettori duvida que Díon, nesse particular, seja mais poeta que historiador, aquele se manifesta contrário, segundo testemunho de Floro, que afirma que Bruto, estando para morrer, prorrompeu, exclamando "que a virtude não era uma coisa mas uma palavra má". Aqueles tantos que se escandalizam com Bruto e lhe atribuem a referida sentença mostram uma das duas coisas: que jamais trataram familiarmente com a virtude ou que não têm experiência com o infortúnio, no qual, exceto o primeiro caso, parece que não se possa crer. De qualquer modo, é certo que pouco entendem e menos sentem a natureza infelicíssima das coisas humanas, ou ainda se admiram cegamente de que as doutrinas do Cristianismo não tivessem sido professadas antes de nascerem. Estes outros, argumentando com o contrário torcem as tais palavras para demonstrar que Bruto jamais teria sido o homem santo e magnânimo tal como foi conhecido em vida, e concluem que, ao morrer, ele se tenha desmascarado; e, acreditando que aquelas palavras lhe viessem da alma e que Bruto, ao dizê-las, repudiasse efetivamente a virtude, esses vêem como se pode deixar o que jamais se teve e separar-se do que sempre se esteve afastado. Se não as têm por sinceras mas pensam que foram ditas com arte e por ostentação, em primeiro lugar, que modo é esse de argumentar, partindo das palavras para os fatos e, ao mesmo tempo, considerá-las vãs e falazes? Querer que os fatos mintam porque se julga que os dizeres não soem do mesmo modo e negar a estes qualquer autoridade dando-lhes por inventados? Depois querem persuadir-nos de que um homem oprimido por

uma calamidade excessiva e irreparável, desanimado e desdenhado pela vida e pela sorte, despojado de todos os desejos e de todos os desenganos das esperanças, resolvido a preocupar-se com o destino mortal e punir-se pela própria infelicidade, na mesma hora em que está para separar-se eternamente dos homens, se cansa de correr atrás do fantasma da glória e vai estudando e compondo as palavras e os conceitos para enganar os circunstantes, fazendo-se valorizar por aqueles de quem se dispõe a fugir, naquela terra que se lhe apresenta como odiosíssima e desprezível. Mas basta disso tudo.

Onde as supracitadas palavras de Bruto se encontram, todos os dias, pode-se dizer, entre as mãos; acrescentarei as de Teofrasto moribundo que não creio jamais sairiam dos escritos dos eruditos (onde também não sei até que ponto são levadas em conta) não obstante serem digníssimas de consideração, e corresponderem muito bem às palavras de Bruto, tanto na ocasião em que foram pronunciadas como pela sua substância. Diógenes Laércio refere-se a elas copiando, pelo que sei, algum escritor mais antigo, mais sério e de maior peso, como costuma fazer. Diz então que Teofrasto, estando para morrer, e "perguntando por seus discípulos se não lhes deixaria nenhuma lembrança ou mandamento, respondeu: Nenhum, salvo que o homem despreza e esbanja muitos prazeres por causa da glória. Mas quanto mais cedo começa a viver tão logo chega a morte. Por isso o amor da glória é tão desvantajoso como já se sabe. Vivam felizes e deixem os estudos, que requerem grande fadiga ou cultivem-nos devidamente pois trazem grande fama. E também, que a vaidade da vida é maior do que a utilidade. Para mim não resta mais tempo para decidir, considerem vocês o que for útil. E tendo assim falado, expirou".

Outras coisas ditas por Teofrasto à beira da morte encontram-se mencionadas por Cícero e são Jerônimo e são mais conhecidas; mas não vêm ao nosso caso. Por essas que vimos se vê que Teofrasto, com mais de cem anos, tendo-os passado inteiramente a estudar, a escrever e a servir incansavelmente à fama, reduzido, como diz Suídas, até o fim da vida, pela própria assiduidade dos escritos, rodeado talvez por dois mil discípulos, que é como dizer seguidores e pregadores de suas doutrinas, reverenciado e magnificado pela sabedoria de toda a Grécia, morria, digamos assim, arrependido da glória, como, depois, Bruto, da virtude. As duas palavras, glória e virtude, não hoje, na verdade, mas entre os antigos, significavam mais ou menos a mesma coisa. Entretanto, Teofrasto não seguiu afirmando que a própria glória, quase sempre, é mais obra da sorte que do valor; o que não se podia dizer antigamente tanto quanto hoje em dia: mas, se Teofrasto tivesse podido acrescentar, não faltaria ao seu conceito nada que não fosse exatamente igual ao de Bruto.

Tais renegações, ou digamos, apostasias por aqueles erros magnânimos que embelezam ou, mais verdadeiramente, compõem a nossa vida, isto é, tudo o que existe da vida mais do que da morte, torna-se comuníssimo e cotidiano, depois que o intelecto humano com o passar dos séculos descobriu não digo a nudez, mas o esqueleto das coisas, e depois que a sabedoria, mantida pelos antigos para consolação e remédio principal da nossa desventura, se reduziu a denunciar a infelicidade e quase a afiançar aqueles mesmos que, desconhecendo-a ou não a tendo sentido, certamente a teriam tratado com a esperança. Mas os antigos, acostumados como estavam a crer, segundo os ensinamentos da natureza, que as coisas fossem coisas e não sombras, e que a vida humana fosse apenas destinada à desgraça, acreditavam também que tais apostasias fossem causadas não pelas paixões ou vícios, mas pelo senso e discernimento da verdade. Entre eles não se encontram provas de que elas interviessem senão raramente e quando elas acontecem, é razoável que o filósofo as considere atentamente.

E maior admiração devem causar-nos as sentenças de Teofrasto uma vez que as condições de sua morte não se podiam chamar de infelizes, e parece que ele não podia queixar-se delas, tendo conseguido e realizado até então, por um longuíssimo período de tempo, o seu principal intento, que foi a glória. Daí o conceito de Bruto foi como que uma inspiração da calamidade, que, algumas vezes, tem a força de revelar-nos à alma quase uma outra terra e persuadi-la vivamente de tais coisas; é necessário, pois, um longo tempo para que a razão as encontre por si mesma e as ensine universalmente aos homens ou apenas ao conjunto dos filósofos. E neste sentido o efeito da calamidade se assemelha ao furor dos poetas líricos que, com um olhar (porque se acham numa imensa altura) descobrem muito mais lugares do que os filósofos, num período de muitos séculos. Em quase todos os livros antigos (quaisquer que sejam os escritores, filósosfos, poetas ou historiadores) encontram-se muitas sentenças dolorosíssimas que, se bem hoje em dia corram mais vulgarmente, nem por isso se pode dizer que entre os homens daquele tempo fossem desconhecidas; mas elas, na sua maior parte, derivam da desgraça particular e acidental de quem as escrevia, ou de quem se conta ou se imagina que as proferisse. E esses conceitos, falando geralmente, ou aquela tristeza e tédio que acompanham tanto a aparência da felicidade quanto as próprias desgraças, e que dizem respeito à natureza e à ordem imutável e universal das coisas humanas, é muito raro que se encontrem expressos nos monumentos dos antigos. Estes, quando eram castigados pelas desventuras, lamentavam-se de tal maneira como se só por causa delas parecessem privados da felicidade; esta muitíssimo possível de se conseguir, ou melhor, própria do homem naquilo que a sorte não lhe tirasse, segundo o julgamento deles.

Ora, querendo procurar o que pudesse ter induzido o ânimo de Teofrasto ao sentimento da vaidade da glória e da vida, o qual, em consideração àquele tempo e àquela nação, chega a ser extraordinário, achamos, primeiramente, que a ciência do citado filósofo não se continha dentro dos termos de tal ou qual parte das coisas, mas se estendia pouco menos do que a tudo o que fosse cognoscível (o quanto poderia sê-lo naquele tempo) como se recolhe da mesa dos escritos de Teofrasto, tendo perecido a sua maior parte. E essa ciência universal não foi subordinada por ele à imaginação, como o fez Platão, mas unicamente à razão e à experiência, como fazia Aristóteles, dirigida não ao estudo ou à pesquisa do belo, mas ao seu maior contrário, que é, propriamente, o real. Tendo atingido essas particularidades, não é de admirar que Teofrasto chegasse a conhecer o sumo da sabedoria, isto é, a vaidade da vida e da própria sapiência, sendo que as inúmeras descobertas feitas pelos filósofos dos últimos séculos acerca da natureza dos homens e das coisas advêm principalmente do confronto e da relação que se fizeram das diversas ciências e quase de todas as disciplinas entre si, e da ligação de umas às outras, bem como consideradas as interveniências entre as várias partes da natureza, ainda que reciprocamente muito distantes.

Além disso, do livro dos *Caracteres* se compreende que Teofrasto viu bem no fundo das qualidades e dos costumes dos homens que pouquíssimos escritores antigos podiam a esse respeito comparar-se-lhe a não ser talvez os poetas. Mas essa faculdade é o sinal certo de um espírito capaz de afeições múltiplas, variadas e vigorosas. Porque as qualidades morais, como também os afetos dos homens, querendo representá-los ao vivo, não tanto podem ser inferidos da observação material dos fatos e das maneiras de outrem, quanto do próprio espírito, ainda que diferentíssimos dos hábitos do escritor. Segundo as palavras de Massillon, interrogado como fazia para pintar tão ao natural os costumes e os sentimentos das pessoas e praticando, como ele fazia, muito mais na solidão que entre os homens, respondeu: Considero-me a mim mesmo. Assim fazem os dramáticos e os outros poetas. Ora, um espírito capaz de muitas conformações, ou seja, muito delicado e vivo, não pode deixar de sentir a nudez e a infelicidade irreparáveis da vida e não se inclinar à tristeza, quando os múltiplos estudos o tenham constrangido a meditar, especialmente se estes dizem respeito à essência mesma das coisas ao modo das ciências especulativas.

Certo é que Teofrasto, amando acima de todas as coisas os estudos e a glória, e sendo mestre, quer dizer, chefe-de-escola e de concorridíssima escola, conheceu e declarou formalmente a inutilidade dos suores humanos e, assim, das instituições próprias e alheias e da pouca proporção que passa entre a virtude e a felicidade da vida; e quão pouco a sorte prevale-

ce sobre o que diz respeito à felicidade própria e à dos outros, bem como à dos sábios. E talvez por esse conhecimento passaram todos os filósofos gregos, principalmente os que vieram antes de Epicuro, conquanto fossem diversíssimos nos costumes e nas sentenças dos que mais tarde se chamaram epicuristas. Tudo isso se infere não apenas das coisas acima citadas mas das aproximações que se têm dos ensinamentos de Teofrasto com muitos passos dos escritores antigos. É como se ele tivesse que demonstrar a verdade das suas doutrinas só com seus próprios elementos acidentais, primeiro porque ele não é apreciado como deveria pelos filósofos modernos, estando já perdidos há muitos séculos, pelo que se sabe, todos os seus livros morais, exceto os *Caracteres*, como também estão perdidos os livros políticos, os referentes às leis e quase todos os de metafísica. Depois, os filósofos antigos não o celebraram por ter visto mais que eles, ao contrário, por esse mesmo motivo vituperaram-no e o maltrataram, particularmente aqueles, tanto menos sutis quanto mais soberbos, que se compraziam em afirmar e sustentar que o sábio é feliz por si mesmo, querendo que a virtude ou a sabedoria fosse suficiente à beatitude, uma vez que sentiam muito bem em si mesmos que isso não basta, ainda que possuíssem efetivamente uma ou outra dessas condições. Não parece que os filósofos estejam curados de tal fantasia, ao contrário, parece terem piorado não pouco, querendo que a filosofia presente nos leve à felicidade; mas esta, em suma, nos diz e só pode dizer que todo o belo, o agradável e o grandioso são falsidade e nada mais. Mas, para não nos afastarmos de Teofrasto, a maioria dos antigos era incapaz daquele sentimento doloroso e profundo que o animava. "Teofrasto é maltratado nos livros e nas escolas de todos os filósofos por ter valorizado no *Callistenes* aquele mote: não a sabedoria mas a sorte é senhora da vida. Afirmam que jamais um filósofo tivesse dito coisa mais frágil que essa." São palavras de Cícero que, em outro lugar, escreve que Teofrasto, no livro da vida feliz, muito atribuía à sorte, quer dizer, que a considerava de grande importância com respeito à felicidade. E pouco adiante acrescenta: "De todas as maneiras servimo-nos de Teofrasto em muitos pontos, salvo no que atribui à virtude mais consistência e mais alegria do que ele o fez." Veja-se o que Cícero pôde atribuir-lhe!

Talvez por essas reflexões alguém concluirá que Teofrasto fizesse profissão de pouco aficionado aos erros naturais, ou melhor, que por seu lado devesse prover com ensinamentos e ações a retirada deles do uso doméstico e público da vida, e restringir os efeitos e o domínio da imaginação, aumentando os termos da razão. Mas é preciso que se saiba que Teofrasto foi o oposto e agiu absolutamente em contrário. Quanto às ações encontramos em Plutarco, no livro contra Colote, que o nosso filósofo libertou duas vezes a sua pátria da tirania. Em relação aos ensina-

mentos, Cícero diz que Teofrasto, num livro que escreveu sobre as riquezas, muito se estendia em louvar a magnificência e o aparato dos espetáculos e das festas populares e atribuía grande parte da possibilidade desses gastos à utilidade que provém das riquezas. Essa assertiva é censurada por Cícero e dada como absurda. Não quero polemizar com Cícero sobre essa matéria, se bem que saiba e veja que ele podia enganar-se e investigar com aquela filosofia que penetra superficialmente nas coisas. Mas o considero homem tão rico de toda a virtude privada e civil que não me animo em acusá-lo de não conhecer os maiores incitamentos e os mais firmes balaústres da virtude que se têm neste mundo; quer dizer, que não conhecesse as coisas apropriadas a estimular, a sacudir os ânimos e a exercitar a faculdade da imaginação. Apenas direi que quem quer que, entre os antigos ou modernos, tenha conhecido melhor e sentido mais forte e mais intimamente dentro do coração a nulidade de tudo e a eficácia do real, não só se empenhou para que os outros não se reduzissem à sua condição, mas fez todos os esforços para escondê-la e dissimulá-la a si próprio; favoreceu, sobre qualquer outra coisa, as opiniões e os efeitos que valem para desviá-la, como o que, por sua própria experiência, se tornara consciente da miséria que nasce da perfeição e sumidade da sabedoria. A esse propósito poder-se-iam dar alguns exemplos muito ilustres, principalmente dos tempos modernos. E na verdade, se os nossos filósofos compreendessem plenamente o que se cansam de promulgar ou (posto que o entendam) se o sentissem, isto é, se o conhecessem por experiência e não apenas por especulação, em troca de ter de alegrar-se com esses conhecimentos, teriam ódio e espanto, tratariam de esquecer-se do que sabem e quase de não ver o que vêem; fugiriam o mais que pudessem daqueles enganos felicíssimos, que, não este ou aquele caso, a natureza universal pusera, com suas próprias mãos, em todos os espíritos; e finalmente, não acreditariam que importasse muito persuadir a outrem de que nada importa ainda quando pareça coisa grandíssima. E se fazem isso por sede de glória aceitem que nesta parte do universo só podemos viver enquanto acreditarmos e pusermos os nossos esforços em coisas de nenhuma importância.

Outra circunstância pela qual o caso de Teofrasto difere notavelmente do de Bruto é o da diversa natureza dos tempos. Porque Teofrasto os teve se não propícios contudo não repugnantes àqueles sonhos e aos fantasmas que governaram os pensamentos e os atos dos antigos. De que podemos dizer que os tempos de Bruto encerraram a última idade da imaginação, prevalecendo, finalmente, a ciência e a experiência do real, propagando-se também no povo o quanto bastava para produzir a velhice do mundo. Que se isso não tivesse acontecido ele não teria tido a ocasião de fugir da vida como o fez nem a república romana teria morrido

com ele. Mas não só esta como toda a Antiguidade, quer dizer, a índole e os costumes antigos de todas as nações civilizadas estavam prestes a expirar junto com as opiniões que as tinham gerado e as alimentavam. E uma vez inexistente todo o apreço a esta vida, procuravam os sábios o que teria de consolá-lo não tanto da sorte quanto da própria vida, não considerando crível que o homem nascesse própria e simplesmente para a desgraça. Assim recorriam à crença e à expectativa de uma outra vida em que a razão da virtude e dos fatos magnânimos então existente jamais se acharia entre as coisas desta terra. De tais pensamentos nasciam aqueles sentimentos nobilíssimos que Cícero deixou explicados em muitos passos e particularmente na oração pró Árquias.

Para o Conto "Xenofonte e Maquiavel"

Dirá Maquiavel: Muitíssimos, antes e depois de mim, antigos como tu, Xenofonte, e modernos como eu, ditaram expressamente preceitos para governar e para viver sobre o tronco ou nas cortes etc, bem como para viver na sociedade e para governar a si próprios em relação aos outros homens; ou trataram dessa matéria de mil maneiras, sem chegar ao assunto, reduzindo-a à arte (como tu e eu fizemos): e isto em seus livros de moral, de política, de eloqüência, de poesia, de romances e outros. Por toda parte discorre-se principalmente sobre como ensinar os homens a saber viver e no que aqui, enfim, consiste a utilidade das letras, da filosofia, de todo saber e disciplina.

Mas todos esses ou certamente quase todos caíram num desses dois erros: o primeiro, principal e mais comum, é o de ter querido ensinar a viver (seja no trono ou privativamente) e governar a si próprio como aos outros, segundo os preceitos daquela que se chama moral. Eu me pergunto: é verdade ou não que a virtude é o patrimônio dos tolos? Que o jovem, por mais bem-nascido e bem-educado que seja, mesmo que tenha um pouquinho de talento, pouco depois de entrar para o mundo é obrigado (se quiser fazer algo e viver) a renunciar àquela virtude que sempre amou? Que isto acontece sempre e inevitavelmente: também os homens mais honestos sinceramente falando, envergonhar-se-iam se não se acreditassem capazes de outros pensamentos e outras regras de ação diferentes das que se tenham proposto na juventude, e que essa virtude é mesmo comumente a que se aprende nos livros? É verdade ou não que para viver, para não ser vítima de todos, pisoteado, escarnecido e humilhado sempre por todos (mesmo aquele que tem grande talento, valor, coragem, cultura e capacidade natural ou adquirida de superar os outros) este tem necessidade absoluta de ser mau? Que o jovem até que tenha aprendido a sê-lo

sempre se sente ultrajado, e não tira uma aranha do buraco, eternamente? Que a arte de regular-se na sociedade e sobre o trono, a que se usa, a que é necessário usar, sem a qual não se pode viver, progredir nem fazer nada, nem mesmo defender-se dos outros, aquela que usam realmente os próprios escritores de moral é nada mais nada menos a que ensinei eu? Por que, então, sendo essa (e não outra) a arte de saber viver ou de saber reinar (que é uma só, pois a finalidade do homem social é reinar sobre os outros de qualquer maneira, e o mais esperto domina sempre) por que, digo eu, se temos de ensiná-la a todos, os livros pregam uma outra contrária à verdadeira? Esta ensina exatamente o modo certo de não saber, não poder viver nem reinar? E assim é que nenhum dos mais ardorosos defensores, ao escrevê-la a adotariam, e um ao menos que fosse, adotando-a, seria chamado de palerma? Volto a dizer: qual é o objetivo dos livros, senão o de ensinar a viver? Ora, por que temos de dizer ao jovem, ao homem ou ao príncipe: "façam assim" quando estamos fisicamente certos de que se assim procederem errarão e não saberão viver nem obterão ou poderão coisa alguma? Por que deverá o homem ler livros para instruir-se e para aprender e, ao mesmo tempo, conhecer e estar disposto a fazer tudo ao contrário, precisamente, do que aqueles lhe prescrevem?

Fato é que não por outra coisa o meu livro prevaleceu ao teu na opinião dos outros; "ao de Fénelon" e a todos os escritos políticos apenas porque digo cruamente as coisas verdadeiras que se fazem, far-se-ão e vão se realizar sempre, enquanto outros dizem totalmente o oposto, se bem que saibam e vejam também eles nada menos que eu, que as coisas são como digo. Assim as suas obras são como as dos sofistas: tantos exercícios escolares inúteis para a vida e ao fim a que se propõem, isto é, de instruir para a vida; tanta composição de preceitos ou sentenças, conscientes e voluntariamente falsas, não realizadas e impossíveis de sê-lo por quem as escreve, danosíssimas a quem as praticasse, mas realmente não praticadas nem mesmo por quem as lê, se este não for um jovem inexperiente ou um débil. O meu livro é e será sempre o código do real, único, infalível e universal modo de viver; e por isso, sempre celebradíssimo mais pela ousadia, ou melhor, pela coerência por mim usada ao escrevê-lo do que pela necessidade de pensar muito e dizer o que todos sabem, vêem ou fazem.

O que me resta desejar para o bem dos homens e da verdadeira utilidade, especialmente dos jovens, é que aquilo que ensinei aos príncipes se aplique à vida privada, acrescentando o que for preciso. E assim se tenha finalmente um código de saber viver, uma verdadeira regra da "conduta a adotar-se em sociedade" bem diversa daquela ditada ultimamente por Knigge e tão celebrada pelos alemães, dos quais nenhum jamais viveu ou vive daquele modo.

O outro erro em que caem os escritores é que, se algumas vezes têm algum preceito ou sentimento verdadeiro, dizem-no com a linguagem da falsa arte, isto é, da moral.

Que essa seja pura linguagem de convenção de agora em diante, seria pior do que cego quem não a visse. Por exemplo, "virtude" significa "hipocrisia" ou "debilidade"; "razão", "direito", e similares significam "força"; "bem, felicidade etc dos súditos" significa "vontade, capricho, vantagem etc do soberano". Coisas tão antigas e conhecidas que dão vergonha e tédio recordá-las.

Ora, não sei por quê, querendo ser o mais útil possível e usando uma linguagem clara como a minha, queira-se, ao contrário, adotar esse discurso obscuro que mistura as idéias e freqüentemente engana ou, senão, confunde a cabeça de quem lê. O valor dessa nomenclatura a que se reduz toda a moral efetiva é já tão conhecida que não há utilidade alguma em usá-la. Por que não se hão de chamar as coisas pelos seus nomes? Por que os verdadeiros ensinamentos têm de traduzir-se na língua de engano? As palavras modernas pelas antigas? Por que a arte de perversidade (isto é, de saber viver) tem de ser tratada e escrita com o vocabulário da moral? Por que todas as artes e ciências têm de ter os seus termos próprios e os mais precisos possíveis, com exceção da mais importante de todas que é a de viver? E esta tem de tomar emprestado a nomenclatura da sua arte contrária, isto é, da moral, ou seja, da arte de não viver?

A mim pareceu que fosse natural não envergonhar-se e não opor dificuldade alguma em dizer aquilo que ninguém se envergonha de fazer, ou melhor, que ninguém confessa não saber fazer e todos se lamentam que realmente não o saibam ou não o façam. E pareceu-me que era ocasião de dizer as coisas do tempo com os seus nomes e ser claro ao escrever como todos então eram e muito mais o são em fazer: e, finalmente, como era claríssimo e perfeitamente sabido pelos homens o que é necessário fazer.

Sabe que, por natureza, quando jovem mais do que muitos outros e também sempre no mais fundo de minh'alma, fui virtuoso, amei o belo, o grandioso e o honesto antes de tudo e depois, se não menos, com muita grandeza. E quando jovem não recusei, antes porcurei a ocasião de pôr em prática os meus sentimentos como te demonstram as ações feitas por mim contra a tirania, a favor da pátria. Vê os meus pensamentos à página 2.473. Mas como homem de talento não demorei em tirar proveito da experiência e, tendo conhecido a verdadeira natureza da sociedade e dos meus tempos (que terão sido diferentes dos teus), não fiz como aqueles estultos que pretendem renovar o mundo com as suas obras e com suas sentenças, o que sempre foi impossível; mas aquilo que era possível eu próprio me renovei. E quanto maior foi o meu amor pela virtude e daí quanto maiores as perseguições, os danos e as desventuras

que tive de sofrer por eles, tanto mais sólida, fria e eterna foi a minha apostasia. E tão mais heroicamente me decidi a fazer guerra aos homens, sem trégua nem quartel (onde seriam vencidos) quanto melhor por experiência, me dei conta de que eles não o teriam feito a mim se eu tivesse continuado na situação anterior. Depois, voltando a escrever e a filosofar, não criei preceitos de moral, que já estava irreparavelmente abolida e destruída de fato, sabendo bem (como disse) que não se pode renovar o mundo; mas como verdadeiro filósofo ensinei o método de governar e de viver que entrou para sempre na moral da época e que se praticava realmente. E só nisto faltei ao meu propósito de prejudicar e de trair. Porque, fazendo profissão de escritor (e portanto de mestre dos leitores e da vida) não enganei os homens considerados meus discípulos e, prometendo-lhes ensinar, não os tornei mais rudes e tolos do que antes; não lhes ensinei coisas que depois devessem desaprender; em suma, como escritor didático, tendo em vista a utilidade dos leitores, não lhes dei preceitos danosos ou falsos, mas expliquei-lhes distinta e claramente a arte verdadeira e útil: estabelecendo, não quanto ao fato mas quanto à observação dos fatos, o que é propriamente dever do filósofo e quanto às doutrinas que desta filosofia derivam, uma nova escola ou filosofia para substituir a tua socrática, contrária àquela e para durar e servir (segundo o que penso) muito mais do que ela e de qualquer outra, talvez enquanto os homens forem homens, isto é, diabos de carne. E onde os outros filósofos, sem odiar os homens quanto eu, procuram mesmo prejudicá-los efetivamente com seus preceitos, eu servi, sirvo e servirei sempre, de fato, a todo aquele que queira e saiba praticar os meus preceitos. Assim, como misantropo que era, realizei uma obra mais útil aos homens (a quem queira bem considerar), de quantas produziu a mais estranha filantropia, ou qualquer outra qualidade humana; segundo recomendo à experiência de quem souber pôr em prática ou já tenha realizado as instruções recebidas do meu livro. E não poderia fazer nada mais contrário ao que estabeleci do que o que fiz, assim como só teria podido fazer mais de acordo com isso, escrevendo preceitos sobre o proceder do teu livro, tu que passas por filantropo. Tanto é verdade o que te disse pouco antes que, não obstante o meu renegar dos antigos princípios humanos e virtuosos, fui constrangido a conservar perfeitamente não sei que afeição, inclinação ou simpatia íntima em relação a eles.

13 de junho de 1822

FIM DE "OPÚSCULOS MORAIS"

PENSAMENTOS[1]

TRADUÇÃO
Vera Horn

I

POR MUITO TEMPO RECUSEI ter por verdadeiras as coisas que aí vão ditas, porque além de estarem demasiado distantes de minha natureza e o espírito tender ao julgamento dos outros por si mesmo, não tive jamais por inclinação odiar os homens, mas amá-los. Por fim, a experiência acabou por persuadir-me de sua verdade, não sem violência, e estou certo de que os leitores, que se encontraram diante de largas e variadas experiências com o ser humano, confirmarão as coisas que direi; todos os outros, porém, as terão por exageradas, até que a experiência, se é que terão ocasião de experimentar a sociedade humana, faça com que eles as vejam com os próprios olhos.

Creio que o mundo seja uma coligação de malfeitores contra homens de bem, de vis contra justos. Quando dois ou mais malfeitores se encontram pela primeira vez, identificam-se por aquilo que são e rapidamente harmonizam-se; se, porém, seus interesses não se alinham, ainda assim se estabelece uma relação de simpatia e respeito entre eles. Se um malfeitor ajusta transações e negócios com outro, não raro porta-se com lealdade e não com malícia; se com pessoas honradas, o logro é certo e desde que lhe seja conveniente, não hesita em arruiná-las, não obstante sejam pessoas animosas e vingativas, pois que espera subjugar sua capacidade por meio do artifício, e não raro logra êxito. Tenho visto, por mais de uma vez, homens temerosíssimos que, entre um malfeitor ainda mais temeroso e um homem de bem e corajoso, acabam, em razão do temor, por tomar o partido do malfeitor. Aliás, sempre que pessoas comuns se encontram em situações semelhantes, procedem da mesma forma, porque os caminhos do homem bom e corajoso são conhecidos e simples, os do malfeitor são escusos e infinitamente abertos. Ora, como todos sabem, o desconhecido provoca maior temor que o conhecido; defender-se da vingança dos justos é empresa fácil, pois sua própria vilania e temor são suficientes para resgatar-nos das perseguições secretas, das insídias e dos golpes, mesmo manifestos, da parte de vis inimigos. Na vida cotidiana, a verdadeira coragem é, geralmente, pouquíssimo temida, mesmo porque, destituída de qualquer impostura, não é capaz de intimidar e com freqüência é desacreditada; os malfeitores são ainda temidos como corajosos, porque, em face da impostura, são considerados assim muita vez.

Raros são os malfeitores que vivem na pobreza, porque, deixando de lado tudo o mais, se um homem de bem cai na pobreza, ninguém o socorre e muitos ainda alegram-se; mas se a pobreza sobrevém a um meliante, toda a cidade levanta-se em seu auxílio. Compreende-se sem esforço a razão: comovemo-nos naturalmente com as desventuras de nossos companheiros e consortes, porque nos parecem ameaças a nós mesmos, e, podendo, acudimos em seu auxílio de bom grado, porque o desampará-los parece-nos claramente um consentimento íntimo de que em ocasião propícia o mesmo nos seja aplicado. Ora, os malfeitores, que são no mundo mais numerosos e pródigos em faculdades, têm como companheiros e consortes todos os outros malfeitores, ainda que não se conheçam pessoalmente, e nas necessidades sentem-se impelidos a socorrê-los, em virtude daquela espécie de coligação que, como disse, se estabelece entre eles.

Parece-lhes escandaloso que um homem tido por malfeitor seja visto na miséria, porque se esta, como palavra, engrandece a virtude, em casos tais é conhecida como castigo, algo vergonhoso que pode resultar em ruína. Porém empenham-se tão eficientemente ao fim de pôr termo a esse escândalo que poucos exemplos se vêem de meliantes que, uma vez em situação adversa, não consigam restabelecer-se de alguma forma, salvo se pessoas perfeitamente obscuras.

Contrariamente, os bons e virtuosos, como se diversos da maioria, são tidos por essa mesma maioria como criaturas de outra espécie e, por conseqüência, não só não são considerados como consortes ou companheiros, como também são excluídos dos direitos sociais e, como sempre se observa, são perseguidos mais ou menos gravemente, conforme a pequenez do espírito e a perversidade do tempo e do povo em que lhes é dado viver sejam mais ou menos notáveis; porque assim como a natureza tende a purgar-se dos humores e dos princípios que não se coadunam propriamente com os que formam os corpos dos animais, nas grandes agregações humanas, a própria natureza favorece a destruição ou a expulsão, a todo preço, de qualquer ser que se diferencie grandemente do conjunto, mormente se tal diferença constituir-se antagonismo. Os bons e justos costumam ser também grandemente odiados, por serem ordinariamente sinceros e francos. Culpa não perdoada pela espécie humana, que não odeia tão intensamente quem pratica o mal ou o próprio mal quanto quem o anuncia. De forma que, muitas vezes, enquanto quem pratica o mal obtém riquezas, honra e poder, quem o anuncia é arrastado ao patíbulo; os homens estão prontíssimos a sofrer qualquer coisa dos outros ou do Céu, desde que estejam, em palavras, salvos.

II

REPASSA A VIDA DOS HOMENS ILUSTRES, e se atentares nos que são assim considerados, não pelo escrever, mas pelo fazer, a custo encontrarás uns poucos homens realmente notáveis que não tenham perdido o pai em tenra idade. Sem mencionar que aquele cujo pai vive ainda, falando dos que vivem de rendas, é, geralmente, um homem sem capacidade e, por conseqüência, incapaz de realizações; tanto mais que ao mesmo tempo é largo em expectativas, pelo que não se preocupa em conquistar nada com as próprias mãos, o que poderia dar ocasião a grandes feitos; caso não ordinário, porém; pois os que se deram a grandes empresas certamente gozaram das larguezas da fortuna desde o início ou a receberam em profusão. Mas pondo de parte tudo isso, o poder paterno, em todas as nações regidas por leis, traz consigo uma espécie de escravização dos filhos que, por ser doméstica, é ainda mais opressora e mais sensível que a civil e que, conquanto possa ser temperada pelas próprias leis, pelos ditames públicos ou pelas qualidades particulares de cada pessoa, não deixa jamais de inspirar um efeito vivamente pernicioso, e este é um sentimento que o homem traz perpetuamente na alma enquanto lhe viver o pai e que visível e inevitavelmente lhe é confirmado pela opinião que fazem dele os outros. Falo de um sentimento de sujeição e dependência, de não ser, por assim dizer, uma pessoa íntegra, mas uma parte, um membro, com um nome que não lhe pertence inteiramente. É quase impossível que esse sentimento, tanto mais impetuoso em homens aptos, porque, de espírito mais alerta, são mais capazes de perceber e mais argutos em distinguir a realidade de sua condição, seja compatível, já não digo com o fazer, mas com o conceber o que quer que seja de grandioso. Passada dessa forma a juventude, o homem, que aos quarenta ou cinqüenta anos sente-se pela primeira vez senhor de si mesmo, é escusado dizer que não mais encontra estímulos, e que, se os encontrasse, não teria forças ou tempo suficientes para grandes ações.

Nesse sentido, verifica-se também nesse ponto que no mundo não existem bens que não estejam acompanhados por males da mesma medida; pois que a utilidade inestimável de contar, na juventude, com um guia experiente e amoroso, que não pode ser alguém como o próprio pai, é compensada por uma espécie de nulificação da juventude e, geralmente, da própria vida.

III

A CIÊNCIA ECONÔMICA deste século pode ser medida pela circulação que têm tido as chamadas edições compactas, em que é pequeno o consumo

do papel e infinito o da visão, embora se possa alegar, em defesa da economia de papel, que a moda do século é que se imprima muito e que nada se leia. A essa moda acrescente-se o abandono dos tipos redondos, utilizados comumente na Europa em séculos anteriores e a substituição pelos tipos longos, além do lustro do papel; coisas que, quanto mais belas ao olhar, mais prejudiciais aos olhos; mas bastante razoáveis num tempo em que os livros são impressos para serem admirados, e não para serem lidos.

IV

ESTE QUE SEGUE não é um pensamento, mas um conto, que acrescento aqui para gozo do leitor. Um amigo, ou antes, companheiro de vida, Antonio Ranieri,[2] jovem que se sobreviver e se os homens não forcejarem por tornar-lhe inúteis os dons naturais, em pouco tempo terá seu nome notabilizado, morava comigo em Florença, no ano de 1831. Em uma noite de verão, passando por uma rua escura, encontrou, a uma esquina, nas proximidades da Catedral, sob uma janela térrea do edifício que ora pertence aos Riccardi, um ajuntamento de pessoas que diziam com assombro: Oh, um fantasma! Olhando pela janela, em um cômodo onde não havia outra luz a não ser a que vinha da rua, viu como que uma sombra de mulher que meneava os braços, mantendo-se, de resto, imóvel. Mas, tendo em mente outros pensamentos, desandou caminho, e naquela noite e por todo o dia seguinte não pensou mais naquele encontro. Na noite seguinte, à mesma hora, ocorrendo-lhe encontrar-se no mesmo local, deparou-se com multidão ainda maior e ouviu que repetiam com o mesmo pavor: Oh, um fantasma! E novamente, olhando através da janela, viu a mesma sombra que ainda sacudia os braços sem fazer nenhum outro movimento. A janela não era muito mais alta que um homem; sucedeu então que um homem, que parecia um esbirro, levantou-se dentre a multidão e disse: "Se alguém me sustentar em seus ombros, poderei verificar o que há lá dentro", ao que replicou Ranieri: "Se me sustentares, verificarei eu." Com a anuência daquele homem, Ranieri ergueu-se sobre seus ombros e descobriu, próximo às grades da janela, estendido sobre o espaldar de uma cadeira, um avental negro que, agitado pelo vento, dava a impressão de braços que se moviam; e sobre a cadeira, apoiada no mesmo espaldar, uma roca de fiar fazia as vezes de cabeça da sombra. Ranieri apanhou-a e mostrou-a ao povo reunido, que se dispersou com muito riso.

Para que essa historieta? Como já disse, para recreio dos leitores, mas também em razão de uma suspeita que tenho; talvez não seja tão inútil à crítica histórica e à filosofia saberem que, no século dezenove, em plena Florença, que é a cidade mais culta da Itália e onde a população é particularmente mais esclarecida e mais civilizada, vêem-se fantasmas que

são apenas rocas de fiar. E os estrangeiros contenham aqui o riso com que costumam saudar nossos assuntos, porque é de conhecimento público que nenhuma das três grandes nações que, como dizem os jornais, *marchent à la tête de la civilisation*, crê em espíritos menos que a italiana.

V

A minoria vê sempre melhor as coisas ocultas; a maioria, as evidentes. É absurdo aduzir o que chamam de consenso da maioria a respeito de questões metafísicas, para o qual não concorre nenhuma avaliação das coisas físicas e submetidas aos sentidos, como na questão do movimento da Terra e muitas outras. Contrariamente, é temerário, perigoso e, com o passar do tempo, inútil, contrariar a opinião da maioria a respeito de matérias civis.[3]

VI

A morte não é um mal, porque liberta o homem de todos os males e, juntamente com os bens, dissipa-lhe os desejos. A velhice é o mal supremo, porque priva o homem de todos os prazeres, deixando-lhe os apetites, e traz consigo dores infinitas. A despeito disso, os homens temem a morte e desejam a velhice.

VII

É estranho afirmar, mas há pela morte um desprezo e um destemor mais abjetos e mais desprezíveis que o próprio medo; tal é o caso dos negociantes e de homens ávidos de lucro que, por ganhos ainda que mínimos e sórdidas economias, recusam obstinadamente zelos e providências necessárias à sua sobrevivência, submetendo-se a perigos extremos; heróis vis, não raro padecem morte infame. Têm sido vistos exemplos ilustres desse vil destemor, a que se seguem danos e massacre de populações inocentes, por ocasião da peste, chamada, com maior indulgência, *cholera morbus*,[4] que tem flagelado a espécie humana nos últimos anos.

VIII

Um dos graves erros em que os homens incorrem diariamente é crer que se lhes conserve o segredo, não só o segredo do que revelam em confidência, mas também o que sem que queiram ou a despeito deles mesmos é visto ou conhecido por quem quer que seja e que lhes conviria mantê-lo oculto. Ora, digo que erras toda vez que, sabendo que outros

conhecem-te algo, não tenhas como certo de que já é de domínio público, por maior o dano ou a vergonha que te possam sobrevir por isso. A muito custo, em consideração aos próprios interesses, os homens abstêm-se de manifestar coisas secretas; contudo, em razão de causa alheia, ninguém se cala: se queres certificar-te disso, examina a ti mesmo e observa quantas vezes tu te abisténs de revelar coisas que sabes, por maior pesar, dano ou vergonha que possam sobrevir a outrem; de não revelá-las, digo, se não a muitos, ao menos a um ou outro amigo, o que resulta no mesmo. Nenhuma necessidade é maior no estado social que tagarelar, meio principal de entreter o tempo, que é uma das necessidades fundamentais da vida. E nenhuma matéria de tagarelice é mais preciosa do que a que desperta a curiosidade e dissipa o tédio, mérito das coisas secretas e das novidades. Portanto, toma como princípio esta regra: as coisas que fizeste, mas não queres que se conheçam, não só não as confesses, como te resguarda de fazê-las. As que não podes ou não pudeste evitar, não tenhas dúvida de que serão conhecidas quando menos esperares.

IX

QUEM, contra opinião alheia, previu o sucesso de algo que ao cabo se realizou, não creia que seus opositores, conhecido o fato, lhe dêem razão ou que lhe chamem mais sábio ou mais perspicaz; porque negarão o fato ou a previsão, ou alegarão mesmo que um e outra não se confirmam pelas circunstâncias, ou de alguma forma encontrarão meios de persuadir a si mesmos e aos outros de que sua opinião era correta e a contrária, enganosa.

X

SABEMOS QUE A MAIOR PARTE das pessoas que incumbimos de educar-nos os filhos seguramente não foram educadas. E não duvidamos de que não podem oferecer o que não receberam e que por outros caminhos não se obtém.

XI

HÁ SÉCULOS que presumem refazer tudo, na arte e nas ciências, para não falar do resto, porque nada sabem fazer.

XII

SE AQUELE QUE CONQUISTA um bem à força de lidas e padecimentos ou após longa espera, vê que outros o fazem com facilidade e rapidez, segu-

ramente não perde o que possui, mas aquele bem torna-se-lhe odiosíssimo, porquanto em nível imaginário o bem obtido diminui de valor se se torna comum a quem para obtê-lo nada ou pouco despendeu e padeceu. Por essa razão, o operário, na parábola bíblica, ofende-se como se injuriado da recompensa dada aos que haviam trabalhado menos, por ser igual à sua,[5] e não por outro motivo os frades de certas ordens costumam tratar com toda a sorte de acerbidades os noviços, por temor de que não cheguem desembaraçadamente ao estado a que eles chegaram com embaraço.

XIII

Bela e afável ilusão é aquela à qual os dias aniversários, que na verdade não mantêm com os eventos que recordam relação mais estreita do que com qualquer outro dia do ano, parecem ligar-se de modo particular, como se naqueles dias uma sombra do passado ressurgisse e se pusesse diante de nós, a suavizar em parte a recordação pungente do que se foi e aplacar a dor da perda, como se essas contínuas revivescências impedissem que o que é extinto e não torna mais se perdesse irremediavelmente. Assim como quando nos encontramos em locais que nos acodem à memória ocorrências memoráveis e dizemos "aqui sucedeu isto", "aqui sucedeu aquilo", julgamo-nos mais próximos daqueles eventos do que quando nos encontramos alhures, quando dizemos "hoje é o dia" ou "faz tantos anos que tal ou qual coisa ocorreu", esta nos parece mais viva, menos esquecida que em outros dias. E essa recordação é tão arraigada no homem que a custo pode-se crer que o aniversário seja tão estranho ao evento como qualquer outro dia; daí que celebrar anualmente datas importantes, civis ou religiosas, públicas ou privadas, dias natalícios ou de finados e outras similares têm sido prática comum de todas as nações que guardam recordações e calendário. Cheguei a notar, após interrogar muitos a este respeito, que os homens sensíveis, dados à solidão e metidos consigo costumam ser amantíssimos dos aniversários e viver de lembranças dessa espécie, retornando continuamente ao passado e dizendo consigo: "Em um dia como este ocorreu-me tal ou qual fato."[6]

XIV

Não seria pequena a infelicidade dos educadores e, sobretudo, dos pais se soubessem, sobre o que não há dúvida, que seus filhos, qualquer que seja sua índole e a despeito de toda a fadiga, empenho e despesas empreendidos para educá-los, hão de tornar-se, em contato com o mundo, quase que seguramente perversos, se a morte não os surpreender. Talvez

essa resposta fosse mais válida e mais razoável do que a de Tales, que interpelado por Sólon em razão de seu celibato, respondeu demonstrando as inquietações dos pais pelos infortúnios e perigos a que estão sujeitos os filhos. Digo que seria mais válido e mais razoável escusar-se dizendo preferir não aumentar o número de perversos.

XV

QUÍLON,[7] um dos sete sábios da Grécia, ordenava que o homem forte de corpo fosse suave de maneiras, a fim, dizia, de inspirar aos outros mais reverência que temor. A afabilidade, a suavidade de maneiras e, a certos respeitos, a humildade jamais são excessivas naqueles que em beleza, engenho ou outras qualidades cobiçadas pelo mundo superam o comum das gentes; porquanto é muito grave a culpa por que têm de suplicar perdão e demasiado feroz e difícil é o inimigo que devem domesticar, a saber, a superioridade e a inveja. Pelo que criam os antigos, quando em estado de grandeza e prosperidade, ser conveniente expiar o pecado, de tão difícil expiação, da felicidade ou da excelência com humilhações, ofertas e penitências voluntárias aos Deuses.

XVI

SE AO CULPADO e ao inocente, afirma Oto, o imperador, conforme Tácito, é reservado o mesmo fim, é mais legítimo morrer por causa digna.[8] Creio que pouco diverso seja o pensamento daqueles que, de espírito abnegado e dado à virtude, abraçam a maldade, após conhecerem o mundo e experimentarem a ingratidão, a injustiça e a fúria infame dos homens contra seus semelhantes, sobretudo contra os mais virtuosos; mas não que o façam por corrupção, nem atraídos pelo exemplo, como os fracos, nem pela ganância de bens terrenos, vis e frívolos, nem finalmente pela esperança de salvar-se em meio à iniqüidade geral, mas por uma escolha livre e por um desejo de vingar-se dos homens e responder-lhes à altura, empunhando contra eles suas próprias armas. A iniqüidade, em tais pessoas, é ainda mais profunda por nascer da experiência da virtude e ainda mais surpreendente por associar-se estranhamente à abnegação e constância de espírito, e constitui uma espécie de heroísmo.

XVII

ASSIM COMO AS PRISÕES e galés estão cheias de pessoas, no dizer delas, inocentíssimas, as repartições públicas e os altos cargos não são ocupados senão por pessoas chamadas e obrigadas a fazê-lo a despeito de sua

vontade. É quase impossível encontrar alguém que confesse ter merecido as penas que padece ou procurado e desejado os favores de que goza; sendo talvez o último caso menos provável que o primeiro.[9]

XVIII

VI, EM FLORENÇA, um indivíduo que, puxando uma carroça cheia à maneira de animal carreiro, como é costume local, o fazia com extrema arrogância, gritando e ordenando às pessoas que se afastassem; e pareceu-me a imagem de muitos que se enchem de orgulho, insultando os outros por razões não diversas daquela que inspirava sua arrogância, isto é, puxar uma carroça.

XIX

HÁ ALGUMAS POUCAS PESSOAS no mundo condenadas a serem sempre mal-sucedidas nas relações humanas, não por inexperiência ou por pequeno conhecimento da vida social, senão por uma natureza imutável que lhes impede de abandonar certa modéstia de maneiras, então despidas das aparências e de um não sei quê de dissimulado e artificioso de que todas as outras pessoas, ainda que sem se aperceberem, e até os tolos se valem, e que somente a muito custo se distinguem das maneiras naturais. Refiro-me àqueles que, tendo natureza visivelmente diversa dos outros, reputados inábeis às coisas do mundo, são vilipendiados e ofendidos por subalternos e pouco respeitados ou obedecidos por seus subordinados, que se consideram superiores e os contemplam com arrogância. Todos com quem se relacionam tentam enganá-los e lesá-los em proveito próprio, mais do que o fariam a quaisquer outros, por crerem mais fácil a empresa e impune o resultado; pelo que de todas as partes lhes sobrevêm o logro e o aviltamento e lhes é negado o justo e o devido. São superados em qualquer concorrência, mesmo pelos que lhes são absolutamente inferiores, não só em engenho ou outras qualidades intrínsecas, mas em beleza, juventude, força, coragem e riqueza, qualidades que o mundo mais reconhece e admira. Por fim, qualquer que seja sua posição social, não conseguem atingir o grau de importância dos verdureiros ou carregadores. Há aí uma certa razão, porquanto não constitui pequena falha ou desvantagem da natureza não aprender aquilo que até os mais estúpidos aprendem facilmente, isto é, a arte de dissimular, isto, entenda-se, malgrado todo esforço. Pois tais indivíduos, ainda que de natureza propensa ao bem, conhecendo a vida e os homens melhor que muitos outros, não são, como acaso parecem, melhores do que é lícito ser sem merecer o opróbrio desse título, nem despojados das maneiras

do mundo por virtude ou escolha própria, mas porque todo desejo e esforço em aprendê-las resulta vão. De forma que não lhes resta outra alternativa senão conformar o espírito à sua sorte e abster-se, sobretudo, de ocultar ou dissimular a franqueza e as maneiras naturais que lhe são próprias, visto que não são tão mal-sucedidos nem tão ridículos como quando afetam a afetação ordinária dos outros homens.

XX

SE TIVESSE O ENGENHO de Cervantes, escreveria um livro, como ele o fez para purgar a Espanha da imitação dos cavaleiros andantes, eu o faria para purgar a Itália, ou antes, o mundo civilizado, de um vício que, tendo em mente a mansuetude dos costumes atuais, e talvez mesmo sem considerá-la, não é menos feroz nem menos bárbaro que os vestígios da ferocidade dos tempos medievais castigados por Cervantes. Refiro-me ao vício de ler ou recitar para outros as próprias criações que, sendo antiqüíssimo, foi, em séculos anteriores, mazela tolerável, porque rara; mas agora, que todos têm ambições literárias, e coisa dificílima é encontrar alguém que não seja autor, tornou-se um flagelo, uma calamidade pública e uma nova tribulação para a espécie humana. E não é gracejo, mas inteira verdade afirmar que para esse autor os conhecimentos são suspeitos e as amizades, perigosas, e que não há hora nem local para o temível assalto ao inocente, que será constrangido, ali mesmo ou adiante, ao suplício de ouvir prosas sem fim e versos incontáveis, não mais sob o pretexto da opinião, que por longo tempo susteve tais recitações, mas simples e exclusivamente para gozo do autor e pelo gosto do aplauso inevitável. Creio, em sã consciência, que em pouquíssimas ocasiões se denuncie mais claramente, por um lado, a frivolidade da condição humana e o extremo da cegueira, ou antes, da estupidez a que chega o ser humano, levado pelo amor-próprio; e por outro, quanto nosso espírito se possa iludir, como se observa no negócio de recitar as próprias criações. Mesmo consciente do tormento indescritível que representa ouvir composições alheias e vendo transtornadas e esmorecidas as pessoas convidadas a esse espetáculo particular, que por sua vez alegam toda a sorte de impedimentos para escusarem-se, esquivarem-se e retraírem-se a mais não poder, há quem, com ânimo ferrenho, com perseverança admirável, como um urso esfaimado, procure e persiga sua vítima por toda a cidade e, alcançando-a, arraste-a ao local destinado. Se a recitação persiste e o ator percebe o bocejo, logo o estirar-se e finalmente o contorcer-se, além de inúmeros outros indícios das angústias mortais que o infeliz ouvinte experimenta, nem por isso se cala ou lhe dá descanso, mas cada vez mais feroz e obstinado, continua a bradar e arengar por horas, antes, quase que por dias e noites inteiras, até tornar-se rouco e até que,

tendo durante longo tempo mortificado o ouvinte, sinta-se exaurido, embora não saciado. Certo é que experimenta um prazer quase sobre-humano e prodigioso em torturar dessa forma e durante esse tempo o próximo, porquanto tais pessoas, por este, deixam todos os outros prazeres, esquecem o sono e o alimento e desaparecem-se-lhes dos olhos a vida e o mundo. E esse prazer consiste na firme convicção do homem em despertar admiração e dar prazer a quem ouve: do contrário tanto valeria recitar ao deserto como às pessoas. Ora, como afirmei, cada um sabe, por experiência, qual é o prazer de quem ouve (digo propositadamente ouve, e não escuta) e quem recita é capaz de reconhecê-lo, mas eu digo que a um prazer tal muitos haveriam de preferir males físicos tremendos. Até as mais belas criações e as de maior preço tornam-se terrivelmente enfadonhas se recitadas pelo próprio autor; a este propósito, um filólogo meu amigo observou que se Otávia, ao ouvir Virgílio ler o canto VI da *Eneida*,[10] tenha realmente perdido os sentidos, é provável que isto se desse, não tanto pela memória do filho Marcelo, como dizem, mas pelo tédio da leitura.

Assim é o homem. E esse vício a que me refiro, tão bárbaro, tão grotesco e contrário à concepção de criatura racional, constitui verdadeira chaga da espécie humana; não há condição humana, nação nobre ou século que esse mal não tenha contaminado. Italianos, franceses, ingleses, lemães; homens experientes, preparadíssimos em todas as outras coisas, pródigos em engenho e valor, exímios conhecedores da vida social, elegantíssimos de maneiras, amantes de espreitar as tolices e motejá-las, todos tornam-se crianças ferozes ao recitarem as próprias produções. Assim como esse vício é dos tempos modernos, também o foi dos tempos de Horácio, a quem já parecia insuportável, e dos tempos de Marcia,[11] que, quando inquirido por alguém por que não lia seus versos, respondia: "Para não ouvir os teus." Nas melhores épocas da Grécia, conforme se conta, Diógenes, o cínico,[12] encontrando-se, junto a outros, todos mortificados de tédio, em uma de tais lições e entrevendo, nas mãos do autor, o branco do papel no final do livro, disse: "Animai-vos, amigos, vejo a terra." Hoje, a situação é tal que os ouvintes, mesmo forçados, a custo conseguem satisfazer às necessidades dos autores. De forma que alguns conhecidos meus, homens industriosos, considerado esse ponto e convencidos de que recitar as próprias criações seja uma das necessidades humanas, pensaram em dar-lhe sustento e ao mesmo tempo transformá-la, como se transformam todas as necessidades públicas, em utilidade privada. Para levá-lo a termo, em breve abrirão escolas, academias e ateneus de ouvintes, onde a qualquer hora do dia ou da noite, eles ou funcionários remunerados por eles ouvirão leituras, por preços determinados, que serão: para prosa, pela primeira hora, um escudo; pela segunda, dois; pela terceira, quatro; pela quarta, oito, numa progressão aritmética. Para poesia,

o dobro. Se desejada a releitura de certo trecho, como ocorre, uma lira por verso. Se o ouvinte adormecesse, seria devolvida ao leitor a terça parte do preço pago. Em caso de convulsões, síncopes e outros acidentes, leves ou graves, que pudessem ocorrer a uma e outra partes durante a leitura, a escola seria provida de essências e medicamentos, gratuitamente oferecidos. E, assim, transformando em objeto de lucro algo até então infrutífero, isto é, os ouvidos, um novo caminho se abrirá para a indústria, com aumento da riqueza geral.

XXI

NO QUE DIZ RESPEITO ao falar, não se conhece prazer mais vivo e duradouro, como quando nos é permitido discorrer sobre nós mesmos, sobre as coisas de que nos ocupamos ou que se relacionam a nós de alguma forma. Qualquer outro discurso, em pouco tempo, resulta em tédio; e este, que nos é agradável, é terrivelmente tedioso para quem o ouve. Não se conquista título de pessoa amável, senão à força de padecimentos, porque amável, na conversação, não é senão aquele que gratifica o amor-próprio dos outros; e que, em primeiro lugar, sabe ouvir e calar-se, coisa quase sempre aborrecidíssima; e depois, deixa que os outros falem de si e de seus negócios quanto queiram, quando não torce, ele mesmo, a conversa para assuntos dessa sorte, até que, ao se despedirem, eles estejam contentíssimos de si e ele, aborrecidíssimo deles. Porque, em suma, se a melhor companhia é a de quem nos despedimos mais satisfeitos conosco, é também a que deixamos mais aborrecida. Temos então que, na conversação ou em qualquer colóquio cujo fim último não seja outro senão o entretenimento, o prazer de uns passa a ser quase que inevitavelmente o tédio de outros, nem se pode esperar senão entediar-se ou amofinar-se, e é grande ventura compartilhar tanto um como outro.

XXII

BASTANTE DIFÍCIL me parece decidir se há algo mais oposto aos princípios básicos da educação que falar longa e habitualmente de si, ou algo mais raro que um homem livre desse vício.

XXIII

AQUILO QUE AS PESSOAS dizem comumente, que a vida é uma representação cênica, verifica-se sobretudo pelo fato de o mundo falar constantemente de uma forma e agir constantemente de outra. Se hoje somos todos atores dessa comédia, porque todos falam da mesma maneira e não

há quase espectadores, uma vez que a frívola linguagem do mundo não ilude senão crianças e tolos, segue-se que tal representação tornou-se coisa completamente inepta, tédio e fadiga sem razão. Portanto, seria empresa digna de nosso século tornar a vida uma ação autêntica, e não simulada, e conciliar, pela primeira vez na história, a famosa discórdia entre o dizer e o fazer. Sabendo-se, por experiência suficiente, que o fazer é imutável e não convindo que os homens se fatiguem mais em busca do impossível, restaria temperá-la com aquele meio que é a um tempo único e simplicíssimo, posto até hoje nunca experimentado, a saber, modificar o dizer e finalmente dizer as coisas pelo seu nome.

XXIV

OU ENGANO-ME ou é rara em nosso século a pessoa que, sendo elogiada por todos, não tenha ela mesma publicado os elogios. Tamanho é o egoísmo, o ódio e a inveja que os homens dedicam uns aos outros que, no intuito de adquirir fama, não basta realizar feitos louváveis, mas é necessário louvá-los ou encontrar quem, em teu lugar, os exalte e engrandeça constantemente, manifestando-os vivamente ao público, de forma a constranger as pessoas, mediante o exemplo, e com ousadia e perseverança, a repetirem parte daqueles louvores. Não esperes que se ponham espontaneamente em marcha, por grandeza de valor que demonstres ou por beleza de obras que pratiques. Observam, mas se calam eternamente; podendo, impedem que outros vejam. Quem deseja promover-se, ainda que por virtudes sinceras, despeça a modéstia. E nisso o mundo assemelha-se às mulheres: com recato e discrição nada se obtém.[13]

XXV

NINGUÉM SE ENCONTRA tão desenganado do mundo, nem o conhece tão profundamente, nem lhe vota ódio tão profundo que ao contemplar com benignidade um de seus traços não se sinta em parte reconciliado; assim como não julgamos ninguém tão perverso que ao nos cumprimentar amavelmente não nos pareça menos perverso. Tais considerações servem ao fim de demonstrar a fraqueza do homem, e não de justificar os perversos ou o mundo.

XXVI

SE AO HOMEM INEXPERIENTE na vida e, não raro, até mesmo ao experiente, nos primeiros momentos em que se conhece vítima de um infortúnio, mormente se não lhe cabe qualquer culpa, acodem à mente os amigos e os

familiares, ou os homens em geral, não espera deles senão comiseração e conforto e, para não falar de auxílio, que lhe mostrem mais amor ou mais atenção que antes. Coisa alguma lhe está tão longe do pensamento quanto ver-se, em razão do ocorrido, degradado na sociedade, réu aos olhos do mundo, aborrecido pelos amigos; quanto imaginar amigos e conhecidos fugirem, alegrarem-se com a situação e darem-se a remoques. Se, semelhantemente, lhe sobrevém alguma prosperidade, um de seus primeiros pensamentos é dividir a alegria com os amigos, que talvez se alegrassem mais que ele próprio com a situação; não lhe ocorre que o rosto de seus entes queridos, ao anúncio de sua prosperidade, possa distorcer-se, turvar-se e até conturbar-se; que muitos, a princípio, se esforcem por não crer e, depois, por menosprezar aos olhos de todos o bem alcançado; que em vista disso, a amizade de alguns arrefeça e de outros transforme-se em ódio; e, finalmente, que muitos disponham de todo poder e ação para espoliá-lo. Assim é a imaginação humana em seus conceitos e a própria razão, naturalmente estranha e avessa à realidade da vida.

XXVII

NÃO HÁ PROVA MAIOR do ser pouco filósofo e pouco sábio do que querer sábia e filosófica a própria vida.[14]

XXVIII

A ESPÉCIE HUMANA, em suas menores porções, excluindo-se o indivíduo isolado, divide-se em duas facções: uns são prepotentes, outros, vítimas da prepotência. Não podendo lei, nem força alguma, nem progresso de filosofia ou de civilização impedirem que o homem nascido ou que vai nascer pertença a uma ou outra, resta que quem puder escolher, escolha. A verdade é que nem todos podem, nem sempre.

XXIX

NENHUMA CARREIRA é tão estéril como a das letras. Mas é tamanho o poder da impostura na sociedade que, com seu auxílio, até as letras frutificam. A impostura é a alma, por assim dizer, da vida social e a arte sem a qual nenhuma arte e nenhuma faculdade, consideradas segundo os efeitos sobre o espírito humano, são perfeitas. Sempre que examinares a sorte de duas pessoas, uma cujo valor seja verdadeiro em todas as coisas, e outra cujo valor seja falso, verás que esta é mais afortunada que aquela, ou antes, que na maioria das vezes, esta é afortunada e aquela não. A impostura tem poder e logra efeito até mesmo sem a verdade, mas a verdade

nada pode sem ela. Não creio que isso venha de uma má inclinação de nossa espécie, mas sendo a verdade demasiado pobre e imperfeita, é necessário ao homem, para contentá-lo ou incitá-lo, um pouco de ilusão e fantasia e promessas superiores ao que se pode dar, em todas as coisas. A própria natureza é impostora para com o homem e não lhe torna a vida deleitosa ou suportável senão por meio da imaginação e do engano.

XXX

COMO É PRÓPRIO da condição humana, reprovando as coisas presentes, exaltar as passadas, assim a maior parte dos viajantes, enquanto viajam, mostram-se amantes do local onde vivem, que dizem preferir àquele onde se encontram. Tornando à primitiva moradia, passam a preteri-la a todos os outros lugares por onde passaram.

XXXI

EM TODO PAÍS, os vícios e males universais do homem e da sociedade são tidos como peculiares ao local. Nunca estive em região onde não tenha ouvido: aqui as mulheres são frívolas e inconstantes, lêem pouco e são pouco instruídas; aqui a gente se debruça sobre a vida alheia, é palreira e maledicente; aqui o dinheiro, o favor e a vilania podem tudo; aqui reina a inveja, e as amizades são pouco sinceras, e assim por diante, como se alhures as coisas procedessem diversamente. Os homens são míseros por necessidade, mas crêem sê-lo por acaso.

XXXII

ADIANTANDO-SE no conhecimento prático da vida, o homem perde, a cada dia, a severidade dos jovens, sempre em busca da perfeição e esperando encontrá-la, por cuja idéia pessoal julgam todas as coisas, tão difíceis em perdoar os defeitos e tolerar as virtudes poucas e imperfeitas e os atributos de pouco valor que conhecem nos homens. Percebendo ulteriormente como tudo é tão imperfeito e convencendo-se de que não há bem melhor no mundo do que o pequenino anteriormente desprezado e que quase ninguém e quase nada é realmente digno de estima, pouco a pouco, mudadas as medidas, e submetendo tudo o que se lhes apresenta não mais à idéia da perfeição, mas à verdade, habituam-se a perdoar livremente e apreciar cada virtude medíocre, cada sombra de valor, cada ínfima faculdade que encontram nos homens; tanto que por fim lhes parecem louváveis coisas e pessoas que antes lhes pareciam apenas suportáveis. A coisa desenvolve-se de tal forma que com os anos se tornam quase que incapazes de despre-

zarem os que a princípio não lhes inspiravam qualquer estima, especialmente quanto mais dotados de inteligência forem. Porque, em verdade, ser demasiado exigente e incontentável, passada a primeira juventude, não constitui bom sinal; os que o são não devem, por escasso intelecto ou certamente por escassa experiência, ter conhecido o mundo, ou devem ser daqueles tolos que desprezam os outros em virtude de uma elevada auto-estima. Por fim, parece pouco plausível, mas é certo e não expressa senão a extrema pequenez da condição humana dizer que a experiência ensina antes a apreciar que a depreciar.

XXXIII

OS TRAPACEIROS MEDÍOCRES e as mulheres em geral crêem que suas trapaças sempre logrem êxito e que as pessoas sejam assim subjugadas; entretanto, os mais astutos duvidam, conhecedores tanto das dificuldades da arte, como de seu poder e de como a intenção da trapaça tem extensos domínios entre os homens; de tal sorte que as duas últimas causas fazem com que não raro o próprio trapaceiro seja trapaceado. Demais, estes não têm os outros por tão pouco entendidos como sói imaginá-los quem entende pouco.

XXXIV

OS JOVENS crêem ordinariamente fazerem-se amáveis, fingindo-se melancólicos. Quando fingida, a melancolia pode acaso agradar por curto tempo, mormente às mulheres. Mas todo o gênero humano a repudia, se verdadeira; com o passar do tempo, somente a alegria é agradável e bem-aventurada no comércio dos homens, porquanto, diversamente do que entende a juventude, o mundo, e não sem motivo, aprecia o riso e não o pranto.

XXXV

EM ALGUNS LUGARES entre civilizados e bárbaros, como o é, por exemplo, Nápoles, observa-se com maior clareza um fenômeno que, de alguma forma, se verifica em todos os lugares, isto é, que o homem conhecido como modesto não é apreciado como homem; se tido por abastado, vive constante perigo de vida. Pelo que é mister, em lugares tais, como já é prática local, agir de tal forma que a própria situação financeira se torne um mistério, de sorte que o vulgo não saiba se desprezar-te ou destruir-te e tu não sejas senão o que os homens ordinariamente são, meio desprezado, meio amado, às vezes perseguido, às vezes esquecido.

XXXVI

Muitos desejam proceder indignamente contigo, e, ao mesmo tempo, sob pena desse ódio, sê de tal maneira alerta, por um lado, que lhes impeças a vilania e, por outro, não os reconheças como vis.

XXXVII

Nenhuma qualidade humana é mais intolerável na vida cotidiana, nem de fato menos tolerada que a própria intolerância.

XXXVIII

Assim como a arte da esgrima é inútil quando combatem dois esgrimistas igualmente peritos, porque um não tem sobre o outro mais vantagem do que se fossem ambos imperitos, os homens são muita vez falsos e perversos gratuitamente, uma vez que se confrontam com igual perversidade e dissimulação, de tal sorte que é como se ambas as partes tivessem sido sinceras e corretas. Não há dúvida de que, no final de contas, a perversidade e a hipocrisia não são úteis senão quando se associam à força ou se confrontam com perversidade ou astúcia menor, ou mesmo com a generosidade. O último caso é raro; o segundo, quanto à perversidade, não é comum, porquanto os homens, em sua maioria, são perversos de uma só forma, pouco mais, pouco menos. Porém são incontáveis as vezes em que os homens, sendo generosos uns com os outros, poderiam obter com facilidade aquilo que obtêm a custo, ou mesmo não obtêm, sendo perversos ou esforçando-se por sê-lo.

XXXIX

Baldassar Castiglione,[15] em *Il Cortegiano*, estabelece muito oportunamente a razão pela qual os velhos costumam exaltar o tempo de sua juventude e reprovar o presente. "A causa", afirma, "dessa opinião errônea dos velhos está para mim em que a fuga dos anos carrega consigo muitas comodidades e, entre outras, suprime do sangue grande parte das forças vitais, pelo que a compleição se transforma e tornam-se frágeis os órgãos através dos quais a alma realiza suas virtudes. Portanto, de nossos corações jovens, como no outono as folhas das árvores, caem as flores suaves da alegria e, em lugar dos pensamentos serenos e claros, surge uma tristeza nebulosa e obscura, acompanhada de inúmeras calamidades, de sorte que não somente o corpo, mas também a alma vê-se enferma; dos prazeres antigos resta somente a aguda memória e a ima-

gem do tempo feliz da tenra idade, na qual, quando nela nos revemos, parece-nos que o céu, a terra e cada coisa faça festa aos nossos olhos e nos sorria, e no pensamento, como num belo e delicioso jardim, floresça a doce primavera da alegria. Donde fosse talvez útil que, quando na estação fria, o sol de nossa vida, despindo-se daqueles prazeres, começasse a dirigir-se para o ocaso, não nos deixasse a memória e encontrasse, como disse Temístocles, uma arte que ensinasse a esquecer, porque são tão falazes os sentidos de nosso corpo que não raras vezes enganam até mesmo o raciocínio. Parece-me, portanto, que os velhos estejam na condição daqueles que, distanciando-se do porto, têm os olhos na terra, como se para eles o navio estivesse parado e as margens partissem; mas, contrariamente, o porto e, assim, o tempo e os prazeres permanecem, e nós, um após outro, partimos no navio da morte, navegando aquele mar proceloso que traga e devora todas as coisas; jamais podemos tornar a terra e, aliás, sempre impelidos por ventos contrários, acabamos em algum rochedo e o navio despedaçamos. O espírito senil, submetido a prazeres despropositados, não pode gozá-los e assim como os febricitantes que, tendo o palato arruinado por vapores nocivos, consideram amaríssimos todos os vinhos, ainda que preciosos e delicados, os velhos, pela impossibilidade a que não falta porém o desejo, julgam frios, insípidos e muito diversos os prazeres que um dia experimentaram, posto sejam os mesmos. Sentindo-se, portanto, privados, afligem-se e reprovam o tempo presente como mau, sem perceber que as mudanças procedem de si mesmos e não do tempo. Mas trazendo à memória os prazeres antigos, trazem também o tempo em que foram vividos, celebrando-o como bom, visto que parece trazer ainda impregnado o odor que tinha no passado. Com efeito, nosso espírito abomina todas as coisas que nos lembram as desventuras e aprecia as que nos lembram as venturas."

Dessa forma, Castiglione expõe com palavras não menos belas que redundantes, como é costume dos prosadores italianos, um pensamento certíssimo. Para confirmá-lo, pode-se considerar que os velhos antepõem o passado ao presente, não só quanto às coisas que dependem do ser humano, mas quanto às que não dependem, que acusam igualmente de decadência, não tanto, como é certo, sua própria, mas geral e delas. Creio que todos se recordam ter ouvido de seus velhos, como recordo tê-lo ouvido dos meus, que os anos se tornaram mais frios, os invernos, mais longos, e que no seu tempo, já nas proximidades da Páscoa, abandonavam-se os trajes do inverno e buscavam-se os de verão; mudança que hoje se pode sentir somente pelo mês de maio, acaso de junho. E não faz muito tempo que alguns físicos procuraram seriamente descobrir a causa desse suposto resfriamento das estações, havendo quem o

atribuísse ao desmatamento das montanhas e quem a não sei que outros fenômenos, tudo para explicar um fato que não é real; porquanto, ao contrário, é coisa já notada por alguns, em diversos trechos de autores antigos, que a Itália, em tempos romanos, devia ser mais fria do que agora. Coisa probabilíssima, porque é, de resto, manifesto por experiência e por razões naturais, que o progresso da civilização torna o clima, dia a dia, mais temperado, cujo efeito se faz sentir mais singularmente na América, onde, por assim dizer, em memória nossa, uma civilização madura sucedeu, parte a um estado bárbaro, parte à mera solidão. Mas os velhos, ao crerem mais rigoroso o frio que o dos anos de sua mocidade, atribuem às coisas as mudanças que provam em si mesmos e imaginam que o calor, arrefecendo em suas vidas, arrefeça também no clima e na terra. Idéia tão a propósito que as mesmas coisas que nos são ditas por nossos velhos já eram ditas, um século e meio atrás, senão mais, pelos velhos aos contemporâneos de Magalotti,[16] que em *Lettere familiari* escrevia: "Ele está certo de que a ordem antiga das estações se esteja subvertendo. Aqui na Itália é opinião e queixa comum que não há mais a meia estação; e não há dúvida de que nesse esmaecimento de fronteiras o frio ganha terreno. Ouvi dizer a meu pai que durante os anos de sua mocidade em Roma, todos, na manhã de Páscoa, traziam trajes de verão. Aos que hoje não têm necessidade de empenhar os trajos do inverno, digo-lhes que fazem muito bem em não renunciarem às mínimas coisas que traziam no coração do inverno."

Isto escrevia Magalotti no ano de 1863. A Itália seria agora mais fria que a Groelândia se daquele ano a esta parte tivesse continuamente se resfriado, à proporção do que se dizia então. E é escusado acrescentar que o resfriamento contínuo que se acredita acontecer por razões intrínsecas à massa terrestre, não tem interesse algum para a presente matéria, sendo coisa que, por sua lentidão, não é sensível em dezenas de séculos, quanto mais em poucos anos.

XL

COISA ODIOSÍSSIMA é o falar muito de si. Entretanto, os jovens, quanto mais vivos de natureza e superiores de espírito, menos sabem abster-se desse vício e falam de seus assuntos com extremo candor, acreditando firmemente que quem ouve cure deles pouco menos que eles mesmos. São, dessa forma, perdoados, não tanto em consideração à sua inexperiência, mas porque é clara a necessidade que têm de ajuda, de conselho, de desabafo das paixões que fazem tempestuosa a juventude. Parece também acertado que assiste aos jovens certo direito de querer que o mundo se ocupe de seus pensamentos.

XLI

POR RARAS VEZES o ser humano tem razão em ofender-se por coisas ditas a seu respeito em sua ausência ou com intenções que não lhe deveriam chegar aos ouvidos, porque se vasculhar sua memória e examinar diligentemente suas atitudes, não terá um caro amigo ou personagem a quem admire sobremaneira que não tenha fustigado com certas palavras e certos discursos que lhe escaparam da boca, quando ausentes, posto não intencionasse ofendê-los gravemente. Por um lado, o amor-próprio é tão desmesuradamente suscetível e caviloso que é quase impossível que uma palavra dita a nosso respeito em nossa ausência, se reproduzida fielmente, não nos pareça indigna ou pouco digna de nós e não nos aguilhoe. Por outro, é incrível como nossas atitudes contrariam o princípio de não fazer a outrem o que não queremos que nos façam e como a liberdade de falar a respeito dos outros seja considerada inofensiva.

XLII

O HOMEM de pouco mais de vinte e cinco anos experimenta um novo sentimento quando se vê repentinamente considerado mais maduro por muitos de seus companheiros e, considerando, apercebe-se de que há no mundo, de fato, certa quantidade de pessoas mais jovens que ele, afeito a julgar-se, sem qualquer altercação, no supremo posto da juventude; se ainda se reputava inferior aos outros em alguma coisa, decerto não se via superado em juventude por ninguém, porquanto os mais jovens, pouco mais que crianças e raras vezes seus companheiros, não faziam, por assim dizer, parte do mundo. E começa então a sentir que o valor da juventude, que ele cria parte mesma de sua natureza e de sua essência, tanto que a custo imaginar-se-ia privado dele, não é dado senão em tempo oportuno; e torna-se zeloso de tal valor, seja quanto à coisa em si, seja quanto à opinião alheia. Certamente não se pode dizer de alguém, transposta a idade de vinte e cinco anos, quando a flor da juventude começa a murchar, que não tenha experimentado desventuras, salvo por alguns estúpidos, porque se em todas as coisas a sorte tivesse sido próspera a alguém, também este, passado aquele tempo, conscientizar-se-ia de uma desventura grave e amarga entre todas as outras, talvez mais grave e mais amarga aos que sejam menos desventurados em outras situações, isto é, a decadência ou a perda de sua amada juventude.

XLIII

NO MUNDO, homens insignes pela probidade são aqueles de quem podes, tendo com eles relações familiares, sem esperar qualquer benefício, não temer qualquer malefício.

XLIV

Se interrogares as pessoas subalternas a um magistrado ou a qualquer ministro de governo, acerca de suas qualidades e procedimentos, mormente em exercício, ainda que as respostas correspondam aos fatos, encontrarás grande discordância em interpretá-los; mesmo quando as interpretações forem conformes, os juízos serão infinitamente díspares, com uns reprovando coisas que outros exaltam. Apenas no que se refere a não cobiçar os bens dos outros não hás de encontrar duas pessoas que, concordes quanto ao fato, discordem em interpretá-lo ou em julgá-lo e que a uma só voz simplesmente não exaltem o magistrado por não cobiçar ou, pela qualidade contrária, não o condenem. Parece que, em suma, não se conheça ou se avalie o bom ou o mau magistrado senão em questão de dinheiro; ou antes, que o bom magistrado tenha o mesmo valor do que não cobiça, e o mau, o mesmo do cúpido. E que o oficial público possa dispor, a seu modo, da vida, da honestidade e de tudo o que concerne ao cidadão e para seus fatos não encontre somente desculpa, mas louvor, desde que não se relacione ao dinheiro. Como se os homens, discordando de todas as opiniões, não concordassem senão em questões pecuniárias, como se o dinheiro fosse, em essência, o homem; o dinheiro e somente ele, coisa que, por inumeráveis indícios, o gênero humano parece ter realmente como axioma constante, mormente em nossos tempos. A esse respeito um filósofo francês do século passado dizia: os políticos antigos falavam sempre de costumes e de virtudes; os modernos não falam senão de comércio e de moeda. E nisso não estão destituídos de razão, acrescenta algum estudante de economia ou aluno das gazetas de filosofia, porque as virtudes e os bons costumes não se podem suster sem o apoio da indústria, que, provendo às necessidades diárias e possibilitando a todas as espécies de pessoas um viver copioso e seguro, torna estáveis as virtudes e ao alcance de todos. Muito bem. Entretanto, em companhia da indústria, a pobreza de espírito, a frieza, o egoísmo, a avareza, a hipocrisia e a ferocidade mercantil, todas as qualidades e todas as paixões mais perversivas e mais indignas do homem civilizado entram em vigor e multiplicam-se infinitamente; mas as virtudes se esperam.

XLV

Grande remédio para a maledicência, como para as aflições do espírito é o tempo. Se o mundo reprova nossos propósitos ou caminhos, quer sejam bons ou maus, não nos resta senão perseverar. Passado algum tempo, o assunto tornar-se-á gasto e os maledicentes abandoná-lo-ão para

buscarem outros mais recentes. E quanto mais firmes e inabaláveis nos mostrarmos em seguir adiante, desprezando as opiniões, tanto mais rapidamente, o que parece estranho, será considerado razoável e regular o que havia sido inicialmente condenado, porquanto o mundo, que não crê jamais que quem não cede esteja errado, ao cabo condena-se e absolve-nos. Temos então, coisa assaz notória, que os fracos vivem segundo a vontade do mundo, e os fortes, segundo sua própria vontade.

XLVI

NÃO CAUSA MUITO ORGULHO, não sei se o diga aos homens ou às virtudes, saber que em todas as línguas civis, antigas ou modernas, as mesmas palavras significam bondade e tolice, homem de bem e homem de pouco valor. Muitas palavras desse gênero, como *dabenaggine*, em italiano, e εὐήθης εὐήθεια, em grego, despidas de significado próprio, com que fossem talvez pouco úteis, não têm, ou não tiveram outro senão o segundo. Em todos os tempos, a bondade tem sido alvo de constantes apreciações pelo vulgo; tais juízos e os sentimentos íntimos manifestam-se, eventualmente a despeito do próprio vulgo, nas formas da linguagem. Juízo constante do vulgo, não menos que, contradizendo o discurso à linguagem, constantemente dissimulado, é que quem puder escolher não escolha ser bom; os tolos sejam bons, porque outra coisa não podem.

XLVII

O HOMEM É CONDENADO a consumir sem propósito a juventude, que é o tempo próprio para aparelhar-se para a idade vindoura e prover à própria condição, ou a dissipá-la na busca de prazeres para aquela etapa da vida que não mais lhe permitirá gozá-los.

XLVIII

PODE-SE COMPREENDER quão grande seja o amor que a natureza nos instila para com nossos semelhantes por meio das atitudes de qualquer animal e da criança inocente, se se deparam com a própria imagem refletida em um espelho; julgando-a uma criatura semelhante a si mesmos, são tomados de fúria e aflição e procuram, por todas as maneiras, molestá-la ou destruí-la. Os passarinhos domésticos, mansos que são por natureza e por hábito, lançam-se ao espelho encolerizados, com as asas arqueadas e o bico aberto, guinchando, e o golpeiam; o macaco, se encontra meios, atira-o ao chão e tritura-o com os pés.

XLIX

É inato no animal o ódio a seu semelhante, e toda vez que isso venha ao encontro de seus próprios interesses, o molesta. Portanto, não se pode fugir ao ódio e às injúrias dos homens, mas em grande parte ao desprezo. Pelo que são em sua maioria pouco oportunos os obséquios que os jovens ou as pessoas de pouca vivência no mundo prestam a quem se lhes apresenta, não por vilania ou por outro interesse, mas por um desejo benévolo de não angariar inimizades e de conquistar os ânimos. Não chegam a concluir tal desejo e acabam por arruinar, de alguma forma, sua própria reputação; porquanto o obsequiado vê crescer o conceito de si mesmo, enquanto o obsequiador o vê diminuir. Quem não procura nos homens vantagem nem fama, também não procure amor, pois que não se pode obtê-lo; e se quiser ouvir meu conselho, mantenha íntegra a própria dignidade, dispensando a cada um não mais que o devido. Será, assim, tanto mais odiado e perseguido, mas nem sempre desprezado.

L

Em um livro que os hebreus têm, de sentenças e ditos variados, traduzido, conforme se diz, do árabe, ou mais precisamente, segundo alguns, de matriz árabe, lê-se, entre diversas coisas sem relevo, que não sei qual sábio, a quem certo indivíduo disse "Quero-te bem", retorquiu: Oh, por quê? Se não professas a mesma religião, não és meu parente, vizinho ou pessoa que me mantenha. O ódio para com os semelhantes é ainda maior para com os mais semelhantes.[17] Os jovens são, por inúmeras razões, mais afeitos à amizade que os outros. Não obstante, é quase impossível uma amizade duradoura entre duas pessoas que empreendam vida igualmente juvenil; refiro-me ao tipo de vida a que dão hoje esse nome, isto é, dedicada sobretudo às mulheres. Entre estas é, aliás, ainda menos possível, seja pela veemência das paixões, seja pela rivalidade no amor ou pelo ciúme que inevitavelmente surge e porque, conforme observação de Madame de Staël, os sucessos alheios com as mulheres trazem sempre desconforto, até mesmo ao melhor amigo do bem-aventurado. As mulheres, após o dinheiro, são a maior causa de discórdias e dissensões entre os homens e a razão por que conhecidos, amigos e parentes modificam o perfil e a natureza que lhes são habituais; porque os homens são amigos e parentes, ou antes, são homens e civilizados, não até aos altares, como no provérbio antigo, senão até ao dinheiro e às mulheres: então tornam-se selvagens e bestiais. E se nas questões de mulheres é menor a crueza, a inveja é maior do que nas questões de dinheiro, porque naquelas a vaidade impera, ou melhor dizendo, impe-

ra uma qualidade de amor próprio que entre todas é a mais sensível. Posto que em situações tais todos procedam da mesma forma, não se vê um homem que sorria a uma mulher e lhe diga palavras doces sem que não se torne motivo de troça. Donde temos que embora a metade do prazer de sucessos como este, como também a maior parte dos outros, consista em contá-los, é desazado determinar que os jovens publicam suas glórias amorosas, mormente entre outros jovens: pensamento algum foi jamais a alguém mais doloroso; e repetidíssimas vezes, mesmo narrando a verdade, são escarnecidos.

LI

OBSERVANDO quão poucas vezes os homens, em suas ações, são guiados por um juízo acertado do que lhes pode beneficiar ou prejudicar, percebe-se quão facilmente possa enganar-se quem, propondo-se a decifrar certa resolução oculta, ponha-se a examinar detidamente em que consista a vantagem maior daquele ou daqueles a quem a resolução interessa. Guicciardini,[18] discorrendo a respeito das resoluções que tomaria Francisco I, rei da França, após sua libertação da fortaleza de Madri, afirma, no princípio do décimo-sétimo livro: "Consideraram provavelmente os que discursaram dessa forma e o que devia racionalmente fazer, que lhes esqueceu considerar a natureza e o siso dos franceses, erro em que certamente se cai ao emitir juízos e opiniões sobre a vontade e a disposição alheias." Guicciardini talvez seja o único historiador entre os modernos que tenha conhecido profundamente os homens e filosofado acerca dos acontecimentos atendo-se ao conhecimento da natureza humana, e não tanto a uma certa ciência política isolada da ciência humana, ou mesmo em grande parte quimérica, da qual se serviram geralmente aqueles historiadores, mormente ultramontanos e ultramarinos, que quiseram discorrer sobre os fatos, não se contentando, como a maioria, em narrá-los por ordem, sem passar além.

LII

NINGUÉM CREIA ter aprendido a viver, se não tiver aprendido a considerar como não mais que um puríssimo som de sílabas os oferecimentos que lhe são feitos por quem quer que seja, particularmente os mais espontâneos, por excelentes e insistentes que sejam; e não só os oferecimentos, mas as vivíssimas e infinitas instâncias que muitos fazem para que outros se prevaleçam de suas faculdades; especificam os modos e as circunstâncias da coisa e removem com argumentos as dificuldades. Se, por fim, persuadido ou vencido pelo aborrecimento ou por qualquer

outra causa, tu te puseres a manifestar tuas necessidades a uma dessas pessoas, não tardará para que comece a empalidecer e te deixe sem solução, após torcer o assunto ou dizer palavras sem relevo; daí em diante e por longo tempo não será por pouca fortuna se raro te ocorrer revê-la ou receber alguma resposta, ao recordar-lhe o fato por escrito. Os homens não desejam beneficiar, pela modéstia da ação em si ou porque as necessidades e desventuras dos conhecidos não deixam de causar algum prazer, mas estimam o título de benfeitores, a gratidão alheia e a superioridade oriunda do benefício. Portanto, os que não desejam dar oferecem, e quanto mais te percebem altivo, mais insistem, a princípio, para humilhar-te e fazer-te enrubescer, e depois por não temerem que lhes aceites as ofertas. Assim, vão às últimas conseqüências, com grandíssimo destemor, desprezando o perigo iminentíssimo de parecerem impostores e com a esperança de jamais conhecerem senão o agradecimento, até que uma voz de súplica os ponha em fuga.

LIII

AFIRMAVA O FILÓSOFO antigo Bíon:[19] "É impossível agradar a todos, senão tornando-se um *pasticcio* ou vinho doce." Enquanto perdurar o estado social dos homens, esse impossível será sempre perseguido entre os que o admitem e os que acaso não crêem fazê-lo; assim como, enquanto perdurar nossa espécie, os mais conhecedores da condição humana perseverarão até à morte em busca da felicidade, prometendo-a a si mesmos.

LIV

TENHA-SE por axioma geral que, salvo por breve tempo, o homem, não obstante a certeza e a evidência do contrário, não deixa jamais de crer verdadeiras, ocultando-o dos outros, as coisas cuja crença lhe é necessária à tranqüilidade do espírito e, por assim dizer, à própria vida. O velho, mormente se é ainda socialmente ativo, jamais deixa de crer, às últimas conseqüências, posto afirme sempre o contrário, em um segredo de sua mente, que é poder, por uma singularíssima exceção da regra universal, de uma maneira a si mesmo ignota e inexplicável, causar ainda alguma impressão às mulheres; seu estado seria algo deplorável se ele estivesse inteiramente convencido da perda total e irreparável daquele bem em que o homem civilizado, ora de uma forma, ora de outra, ora mais obstinado, ora menos, deposita o valor do viver. A mulher licenciosa, ainda que veja todos os dias inúmeros indícios da opinião pública a seu respeito, crê resolutamente ser tida como mulher honesta e que apenas um

número reduzido de seus confidentes novos e antigos (digo reduzido em relação ao público) conheça e mantenha oculta ao mundo, e uns aos outros, sua verdadeira essência. O homem de conduta vil, e por sua própria vilania e por pouca coragem, zeloso dos juízos alheios, crê que suas ações sejam interpretadas da melhor forma e que suas verdadeiras motivações não sejam compreendidas. Semelhantemente, Buffon[20] observa, acerca das coisas materiais, que o doente à beira da morte não confia em médicos ou em amigos, mas somente em uma esperança íntima que lhe promete salvação do perigo presente. Não digo da estupenda credulidade e incredulidade dos maridos a respeito das esposas, matéria de novelas, cenas, motejos e de riso eterno nas nações onde o casamento é irrevogável. Nesse sentido, não há no mundo coisa, a mais falsa e absurda, que não seja aceita como verdadeira pelos homens mais sensatos, toda vez que o espírito não encontra meio de se ajustar à contrariedade e resignar-se. Não deixo de citar que os velhos são menos dispostos que os jovens a abandonarem as crenças que lhes convêm e a abraçarem as que os aborrecem, porquanto os jovens são mais prontos a defrontarem-se com os males e mais firmes em suportar-lhes a consciência ou em tolerá-los.

LV

UMA MULHER é escarnecida se chora sinceramente o marido morto, mas altamente censurada se, por alguma razão ou necessidade grave, comparece em público ou abstém-se do luto um dia antes do que se usa. É axioma corriqueiro, mas não absoluto, que o mundo se contenta com a aparência. Acrescente-se, para fazê-lo perfeito, que o mundo jamais se contenta, como freqüentemente não se importa e é freqüentemente intolerantíssimo com a essência. Os antigos esforçavam-se por serem homens de bem e não só por parecerem-no, mas o mundo determina parecer homem de bem, e não o ser.

LVI

A FRANQUEZA pode ser de utilidade quando usada com arte ou quando, por ser rara, não lhe é dado crédito.

LVII

OS HOMENS ENVERGONHAM-SE, não das injúrias que fazem, mas das que recebem. Portanto, para que se envergonhem os próprios injuriadores, não há outro caminho senão o de responder-lhes à altura.

LVIII

NÃO É MENOR o amor-próprio dos tímidos que dos arrogantes, antes é maior, ou se quisermos, mais sensível; portanto, temem e resguardam-se de ofender os outros, não porque lhes dêem maior valor que os insolentes e destemidos, mas para que não sejam eles também ofendidos, não lhes sendo estranha a dor extrema de cada ofensa.

LIX

É COISA JÁ DITA muitas vezes que quanto mais decrescem nos estados as virtudes sólidas, mais crescem as aparentes. Parece que as letras estejam sujeitas ao mesmo destino, se observarmos que, em nosso tempo, quanto mais definha, não digo o uso, mas a memória das virtudes do estilo, mais aumenta o esplendor das impressões. Nenhum livro clássico foi outrora impresso com a elegância com que se imprimem hoje as gazetas e as bobagens políticas, feitas para durarem um dia, mas da arte de escrever não se reconhece e não se distingue senão o nome. Creio que todo homem de bem, ao abrir ou ler um livro moderno, se compadeça daqueles tipos tão límpidos destinados a representarem palavras tão medonhas e pensamentos, em sua maioria, tão vazios.

LX

LA BRUYÈRE[21] dizia algo corretíssimo: que é mais fácil um livro medíocre alcançar fama por meio de um autor já renomado que um autor tornar-se renomado por meio de um livro excelente. Ao que se pode acrescentar que o caminho mais imediato para a fama talvez seja afirmar, com segurança e pertinácia e de todas as maneiras possíveis, tê-la já conquistado.

LXI

DEIXANDO A JUVENTUDE, o homem vê-se privado da faculdade de comunicar e, por assim dizer, de atrair sobre si as atenções; perdendo aquela espécie de fascínio que o jovem exerce sobre as pessoas, que as arrasta a si e que as faz disporem-se naturalmente a seu favor, percebe-se, não sem experimentar uma nova dor, como que isolado nos grupos e cercado de pessoas sensíveis que lhe são pouco menos indiferentes que as desprovidas de razão.

LXII

O PRIMEIRO FUNDAMENTO de estar preparado para ocasiões propícias a envidar esforços é apreciar-se grandemente.

LXIII

O CONCEITO que o artista atribui à sua própria arte ou o cientista, à sua própria ciência, costuma ser elevado em proporção contrária ao conceito que atribui a si mesmo no contexto daquela arte ou daquela ciência.

LXIV

O ARTISTA, cientista ou cultor de qualquer disciplina, ao estabelecer comparação, não com outros cultores da mesma atividade, mas com o próprio desempenho, atribuir-se-á conceito tanto menor quanto mais excelente ela for; porquanto conhecendo-lhe as profundezas, sentir-se-á tanto mais inferior com a comparação. Assim, todos os grandes homens são modestos, uma vez que continuamente estabelecem comparações, não com os outros, mas com a idéia de perfeição que trazem na alma, infinitamente mais nítida e grandiosa que a do vulgo, e percebem quão distantes estão de alcançá-la; ao passo que o vulgo, com facilidade e por vezes talvez com sinceridade, não só crê ter alcançado, como também superado a idéia de perfeição que se lhe entranhou n'alma.

LXV

NENHUMA COMPANHIA conserva-se agradável com o tempo, a não ser a de pessoas cuja estima nos é cara e valiosa. Portanto, as mulheres, desejosas de que sua companhia não deixe de ser agradável após certo tempo, deveriam esforçar-se por tornarem-se tais que pudessem manter longamente o apreço.

LXVI

NO SÉCULO ATUAL, acredita-se que os negros sejam de raça e origem totalmente diversa dos brancos e, contudo, perfeitamente parelhos a estes quanto aos direitos humanos. No século XVI, quando se cria que os negros tinham uma raiz comum com os brancos e que formavam uma mesma família, foi difundida a idéia, mormente por teólogos espanhóis, de que quanto aos direitos, os negros fossem, por natureza e vontade divina, infinitamente inferiores a nós. E em ambos os séculos os negros foram compra-

dos e vendidos, como obrigados a trabalharem em cativeiro sob açoite. Tal é a ética; e assim as questões de ordem moral relacionam-se com as ações.

LXVII

É POUCO APROPRIADO dizer que o tédio é um mal comum. Comum não é o tédio, mas o ócio, ou mais precisamente, a vadiagem. O tédio não atinge senão aqueles cujo espírito é fecundo. Quanto mais pródigo o espírito, mais o tédio é freqüente, penoso e terrível. A grande maioria dos homens encontra ocupação suficiente em qualquer coisa e prazer suficiente em qualquer ocupação insulsa, e quando inteiramente desocupada não chega, portanto, a padecer grandemente. Donde resulta que os homens de gênio são tão pouco entendidos acerca do tédio que fazem o vulgo ora admirar-se, ora rir, quando falam do tédio e afligem-se com a gravidade de palavras que se usam a propósito de males maiores e inelutáveis.

LXVIII

O TÉDIO É, a certos respeitos, o mais sublime dos sentimentos humanos. Não que eu creia que ao examinar-se tal sentimento surjam as conseqüências que muitos filósofos estimaram distinguir-lhe, mas o fato de não se satisfazer de nenhuma coisa terrena, nem, por assim dizer, da Terra inteira; de considerar a amplitude inestimável do espaço, o número e a imponência maravilhosa dos mundos e descobrir como tudo é mísero e pequeno diante de nossa alma; de imaginar infinita a quantidade de mundos, o universo infinito, e sentir que nossa alma e nosso desejo são ainda mais vastos que tal universo; de acusar continuamente as coisas de insuficiência e nulidade e padecer angústia e vazio e, portanto, tédio, parecem-me o maior sinal da magnitude e da nobreza da condição humana. Por esse motivo, o tédio é pouco conhecido dos homens sem valor e pouquíssimo conhecido ou absolutamente desconhecido dos outros animais.

LXIX

NA FAMOSA CARTA de Cícero a Luceio,[22] ele o induz a compor a história da conspiração de Catilina e, em outra carta menos famosa, mas não menos interessante, o imperador Vero roga a seu mestre Fronto que escreva, como o fez, sobre a guerra pártica, administrada pelo próprio Vero; cartas similaríssimas às que hoje são escritas aos jornalistas, a não ser pelo fato de os modernos solicitarem artigos em gazetas e aqueles, por serem antigos, livros inteiros. Pode-se, de certa forma, discutir a fidelidade da História, mesmo se escrita por homens contemporâneos e que gozem de alto prestígio em seu tempo.

LXX

MUITOS DOS ERROS ditos criançadas, em que costumam cair os jovens inexperientes e aqueles que, jovens ou velhos, são condenados pela natureza a serem homens e parecerem crianças, não consistem, se atentarmos bem, senão nisto: que estes pensam e comportam-se como se os homens fossem menos crianças do que são. Certamente o que primeiro e talvez mais que qualquer outra coisa surpreenda o espírito dos jovens bem-educados, quando iniciados na vida social, seja a frivolidade das ocupações corriqueiras, dos passatempos, dos discursos, das vocações e do espírito das pessoas; pouco a pouco acabam por adaptar-se a essa frivolidade, mas não sem sofrimento e dificuldade, parecendo-lhes inicialmente que se fizeram outra vez crianças. Com efeito, quando o jovem de boa índole e de boa educação começa, como se diz, a viver, deve forçosamente tornar atrás e ser, por assim dizer, outra vez algo criança; descobre-se então completamente iludido quanto à sua antiga crença, de fazer-se homem por completo e depor os despojos da infância. Porque, contrariamente, o ser humano, não obstante avance em anos, continua, em grande parte, a viver como criança.

LXXI

DA SUPRACITADA OPINIÃO dos jovens acerca dos homens, isto é, que os supõem mais homens do que realmente são, decorre que o jovem se angustia a cada falha e crê ter perdido a estima daqueles que a presenciaram ou que vieram a conhecê-la. Posteriormente acaba por reconfortar-se, não sem surpresa, vendo que os homens têm ainda os primeiros modos. Mas os homens não se mostram tão fáceis em desprezar, porque certamente não poderiam fazê-lo diferente e esquecem os erros porque os vêem abundantes e os cometem continuamente. Nem são tão consentâneos consigo mesmos que admirem naturalmente hoje alguém de quem tenham outrora escarnecido. É notável quantas vezes nós mesmos censuramos, até mesmo com palavras ásperas, ou ridicularizamos esta ou aquela pessoa ausente a quem não deixamos porém de estimar ou tratamos de forma diversa, quando presente.

LXXII

ASSIM COMO O JOVEM se vê nesse sentido enganado pelo temor, aqueles que se crêem decaídos na estima de alguém são enganados por sua esperança, ao tentarem relevar-se à força de favores e adulações. A estima não se obtém à custa de obséquios, além de ser, e nisso não é diversa da

amizade, como uma flor que, uma vez brutalmente ferida ou murcha, não torna à vida. Portanto, destas, que podemos chamar humilhações, não se colhe outro fruto senão um desprezo ainda maior. Verdade é que o desprezo, mesmo injusto, é tão difícil de suportar que poucos são os que atingidos por ele continuam impassíveis e não procuram libertar-se por várias maneiras, em sua maioria, inutilíssimas. E constitui hábito comum dos homens medíocres usarem de arrogância e desdém para com os indiferentes e para com os que mostram curar deles, mas a um sinal ou a uma suspeita de indiferença, tornarem-se humildes para não sofrê-la e não raras vezes recorrerem a atos vis. Porquanto, a resolução a tomar se alguém te despreza é responder com igual ou maior desprezo, porque, conforme as expectativas, verás seu orgulho transmutar-se em humildade. E de qualquer forma a ofensa que sentirá, contemporaneamente a uma estima tão expressiva por ti serão bastantes para puni-los.

LXXIII

COMO QUASE TODAS AS MULHERES, também os homens, com freqüência, sobretudo os mais soberbos, cativam-se e preservam-se com indiferença e desprezo ou, conforme a necessidade, com uma falsa demonstração de desdém e desestima. Porquanto a mesma soberba que torna um número infinito de homens arrogantes para com os humildes e os que lhes rendem glórias, torna-os cuidadosos, solícitos e sequiosos da estima e dos olhares daqueles que não curam deles ou que mostram não considerá-los. Pelo que, não raro, antes, amiúde, surge, e não só em relação ao amor, uma suave alternância entre duas pessoas, ora uma, ora outra, de existência perpétua, hoje objeto e não sujeito de cuidados, amanhã sujeito e não objeto. Pode-se, aliás, dizer que semelhante jogo e alternância aparecem, de uma forma ou de outra, ora mais, ora menos, em toda a sociedade humana e que em todos os planos da vida encontram-se pessoas que admiradas, não admiram; que cumprimentadas, não respondem; que seguidas, fogem, mas que dando-lhes as costas ou voltando-se-lhes o rosto, volvem-se, inclinam-se e vão após os que assim procederam.

LXXIV

PARA COM OS GRANDES HOMENS, mormente para com aqueles em que arde extraordinária virilidade, o mundo é como uma mulher. Não somente os admira, mas os ama: porque aquela sua força o apaixona. Não raras vezes, como com as mulheres, o amor que se lhes dedica é tanto maior por conta e na proporção do desprezo que mostram, dos maus tratamentos que dão e do temor que inspiram aos homens. Assim, Na-

poleão foi adorado pela França e, por assim dizer, tornou-se objeto de culto por parte dos soldados, que ele chamou carne de canhão e tratou como tal. Assim, tantos comandantes que fizeram tal juízo e uso dos homens foram caríssimos a seus exércitos, quando vivos, e hoje, na História, encantam os leitores. Nesse tipo de homem, também agrada, e não pouco, uma espécie de brutalidade e extravagância, como agrada às mulheres encontrar nos amantes. Portanto, Aquiles é inteiramente digno de amor, ao passo que a bondade de Enéias e de Gofredo,[23] como sua sabedoria e a de Ulisses geram quase que ódio.

LXXV

A MULHER É, sob diversos aspectos, como uma imagem do mundo em geral, porque a fraqueza é propriedade da maioria dos homens; e a respeito dos poucos fortes de mente, de coração ou de braço torna tais as multidões, quais soem ser as fêmeas para com os machos. Portanto, conquistam-se as mulheres ou o ser humano quase que com as mesmas artimanhas: com ousadia temperada de doçura, com a tolerância das recusas, com perseverança sólida e desembaraçada alcançam-se não só as mulheres, mas os poderosos, os ricos e a maioria dos homens em particular, das nações e dos séculos. Assim como, em relação às mulheres, cumpre abater os rivais e fazer-se solitário na luta, no mundo é necessário derrubar êmulos e companheiros e abrir caminho sobre seus corpos; estes e os rivais são abatidos com as mesmas armas, dentre as quais duas são principalíssimas, a calúnia e o riso. Com as mulheres e com o ser humano é extremamente mal-sucedido ou nada obtém quem lhes mostra um amor sincero e vigoroso e quem lhes antepõe os interesses aos próprios. Pois o mundo, como a mulher, é de quem o seduz, o desfruta e por fim o espezinha.

LXXVI

NADA É MAIS RARO no mundo que uma pessoa habitualmente suportável.

LXXVII

A SANIDADE DO CORPO é universalmente reputada como o último dos bens, e são realmente poucos os acontecimentos e as ações importantes da vida em que a consideração da sanidade, se existe, não é postergada em favor da outra. A razão pode estar, em parte, em que a vida é, sobretudo, dos sãos, que ordinariamente não temem ou não crêem possível a perda que já possuem. Para citar apenas um exemplo, entre inúmeros,

diversíssimas são as causas que motivam a escolha de um lugar para a fundação de uma cidade ou que favorecem o aumento do número de habitantes, mas entre essas causas talvez não esteja jamais a salubridade. Contrariamente, não há local sobre a Terra, por mais insalubre e ingrato que seja, em que os homens, conduzidos por alguma oportunidade, não se estabeleçam de bom grado. Com freqüência, um local salubérrimo e desabitado situa-se próximo a um outro pouco salubre e populosíssimo, e vêem-se continuamente populações abandonarem cidade e clima salutares para abrigarem-se sob céu áspero, em local, não raro, malsão e mesmo semipestilento, onde se vêem atraídas por outra espécie de comodidade: Londres, Madri e cidades similares contam com condições péssimas à saúde, mas, por serem capitais, crescem todos os dias em número de habitantes, que deixam as habitações saníssimas das províncias. E, sem sairmos de nossas fronteiras, Livorno, na Toscana, em razão de seu comércio, desde que se começou a povoar, tem sempre crescido em número de homens; e às portas de Livorno, Pisa, local salutar, famoso pelo clima moderadíssimo e suave, depois de povoada, quando cidade navegadora e potente, converteu-se num quase deserto e a cada dia perde mais e mais homens.[24]

LXXVIII

DUAS OU MAIS PESSOAS que estejam rindo entre elas de modo visível, em local público ou em qualquer ajuntamento, ainda que os outros desconheçam o motivo, acabam por provocar tal apreensão nos presentes, que todo discurso entre eles torna-se sério, muitos emudecem, alguns se afastam e os mais intrépidos procuram aproximar-se dos que riem, esperando poder rir com eles tal como se fossem ouvidos tiros de artilharia próxima onde houvesse pessoas no escuro: todos se dispersariam em desordem, não sabendo onde os tiros pudessem atingir, caso fossem verdadeiros. O riso concilia estima e respeito, mesmo dos ignotos, atrai sobre si as atenções e dá mostras de uma certa superioridade. E se, como acontece, tu te encontrares em local onde sejas tratado com indiferença ou altivez, ou até mesmo com descortesia, não tens outra coisa a fazer senão escolher, entre os presentes, alguém que te pareça conveniente, e com ele rir franca, aberta e persistentemente, mostrando, por quantos meios tiveres, que o riso te vem do coração; se porventura alguns escarnecerem de ti, ri com voz mais clara e com mais constância que os escarnecedores. Hás de ser assaz desventurado se, apercebendo-se de teu riso, os mais orgulhosos e mais petulantes do grupo e os que mais vezes te voltaram o rosto, após brevíssima resistência, não se puserem em fuga ou não vierem espontâneos propor-te paz, buscando-te a palestra e talvez mesmo

oferecendo-te a amizade. Grande, e de grande consternação, é o poder do riso entre os homens, do qual ninguém está resguardado. Quem tem coragem de rir torna-se dono do mundo, quase como quem está preparado para a morte.

LXXIX

O JOVEM não conhece jamais a arte de viver, não alcança, pode-se dizer, sucessos prósperos na sociedade e não experimenta algum prazer no trato com ela, enquanto há nele a veemência do desejo. Quanto mais resfria, mais se torna apto a viver com os homens e consigo mesmo. A natureza, benignamente, como de costume, determinou que o homem não aprendesse a viver senão à proporção que lhe fugissem as razões de viver; não conhecesse os meios de alcançar os seus fins senão quando não mais os apreciasse quais felicidades celestiais e quando alcançá-los não lhe trouxesse mais que uma alegria medíocre; não gozasse de prazeres vívidos senão quando incapaz de fazê-lo. Muitos encontram-se nesse estado de que falo bastante jovens, mas não raro são bem-sucedidos, porque o desejo lhes é leve e em seus ânimos a experiência e o engenho concorrem para antecipar a maturidade. Outros jamais chegam a esse estado: são aqueles poucos cuja força de sentimentos é tão intensa a princípio que não arrefece com os anos; estes, mais que todos, gozariam a vida, se a natureza tivesse destinado a vida ao gozo. Contrariamente, são infelicíssimos, e até à morte são infantes no trato com o mundo, que não podem compreender.

LXXX

OCORRENDO-ME ao cabo de alguns anos rever uma pessoa que tivesse conhecido jovem, minha primeira impressão sempre foi a de estar diante de alguém que tivesse padecido imensas desditas. As feições da alegria e da confiança não pertencem senão à primeira idade, e o sentimento das perdas e dos males físicos que dia a dia aumentam vai debuxando, até nos mais frívolos e de natureza mais risonha, até mesmo nos mais felizes, uma expressão e uma conduta que chamam grave, mas que, em relação à dos jovens e das crianças, são, na verdade, desoladoras.

LXXXI

COM A CONVERSAÇÃO sucede como com os escritores: muitos, a princípio, por novidade de conceitos e cores, agradam grandemente, mas se a leitura continua, tornam-se tediosos, porque uma parte dos seus escritos é imitação da outra. Assim, na conversação, as pessoas novas com fre-

qüência agradam e impressionam por suas maneiras e seu discurso, mas também elas tornam-se tediosas com o uso e vêem fraquejar a antiga estima: porque os homens, uns mais e outros menos, quando não imitam os outros, imitam necessariamente a si mesmos. Contudo, os que viajam, sobretudo se homens de algum engenho e que dominam a arte da conversação, deixam facilmente atrás de si, por onde passam, uma impressão superior à realidade, levando-se em consideração a oportunidade que tiveram de ocultar aquela que é uma falha ordinária do espírito, digo, a pobreza. Porquanto aquilo que exibem em uma ou outra ocasião, falando sobretudo das matérias que mais lhes dizem respeito, para as quais, mesmo sem o uso de artifícios, são levados pela cortesia e curiosidade dos outros, é tido não como sua riqueza total, mas como uma parte mínima desta e, por assim dizer, moeda para o gasto diário, e não como talvez, na maioria das vezes, toda a soma ou a maior parte de sua riqueza. E essa crença permanece estável, por ausência de ocasiões que a destruam. As mesmas causas fazem com que, semelhantemente, os viajantes estejam, por outro lado, sujeitos a errarem, julgando muito superiores pessoas de alguma capacidade que conhecem nas viagens.

LXXXII

NINGUÉM SE TORNA HOMEM sem antes ter feito uma grande experiência de si mesmo, a qual, revelando o homem a si mesmo e determinando o conceito que tem de si próprio, determina, de alguma forma, seu destino e sua condição na vida. O modo de vida antigo oferecia matéria infinita e fácil para essa experiência, sem a qual ninguém chega a ser mais que uma criança; mas hoje o modo de vida dos cidadãos é tão pobre em casos e, em geral, de tal natureza que, por falta de ocasiões, grande parte dos homens morre sem ter feito a experiência de que falo e, portanto, infante, quase como se não houvesse nascido. A outros o conhecimento e o domínio de si mesmos costumam originar-se das necessidades e dos infortúnios ou de alguma grande paixão, isto é, de uma paixão forte e, quase sempre, do amor, quando o amor se revela uma grande paixão, coisa que nem todos experimentam, como o amor. Mas que tenham experimentado, como alguns, no princípio da vida, ou mais tarde e após outros amores pouco importantes, como parece ocorrer com maior freqüência, certo é que ao deixar um grande amor carregado de paixão, já o homem lhe conhece mediocremente os congêneres, entre os quais lhe fora conveniente girar com desejos intensos e necessidades graves e talvez nunca experimentadas; conhece *ab asperto* a natureza das paixões, porque se uma arde, inflama todas as outras; conhece a própria natureza e temperamento; adverte a medida de suas forças e faculdades; pode, por fim,

considerar se e quanto lhe convenha esperar ou desesperar de si e pelo que é dado conhecer do futuro, que lugar lhe esteja destinado no mundo. Enfim, a vida toma, a seus olhos, um aspecto novo, transformada que foi de coisa ouvida em vista, de imaginada em real; e em meio a ela ele se sente não mais feliz, talvez, mas, por assim dizer, mais potente que antes, isto é, mais capaz de lidar consigo e com os outros.

LXXXIII

SE AQUELES POUCOS HOMENS realmente valorosos que buscam glória conhecessem cada um dos que compõem o público cuja estima esforçam-se por granjear à força de inúmeros padecimentos extremos, é provável que arrefecessem sobremaneira em seu propósito ou mesmo o abandonassem. Contudo, nosso espírito não se pode furtar ao poder que sobre a imaginação exerce o número de homens; e observa-se infinitas vezes que apreciamos, ou antes, respeitamos, não digo uma multidão, mas dez pessoas reunidas em uma sala, cada uma das quais, individualmente, reconhecemos como de somenos valia.

LXXXIV

JESUS CRISTO foi o primeiro a mostrar claramente aos homens o mestre e adulador das falsas virtudes, detrator e perseguidor das virtudes sinceras; inimigo de toda a grandeza intrínseca e realmente legítima do homem; escarnecedor de todo o sentimento elevado, se não o crê falso, de todo sentimento doce, se o crê íntimo; o escravo dos fortes, opressor dos fracos, inimigo dos infelizes, que Cristo chamou mundo, nome que lhe perdura em todas as línguas cultas até ao presente momento. Não creio que essa idéia geral, tão verdadeira e que tem sido tão apropriada, tivesse tido outro criador em tempos anteriores, nem me lembra tê-la encontrado em algum filósofo gentílico, quero dizer, sob uma única opinião ou sob uma forma precisa. Talvez porque em tempos anteriores a vilania e a burla não fossem adultas e a civilização não tivesse chegado ao ponto em que grande parte de sua essência se confunde com a da corrupção.

Este, a que me refiro e que Jesus Cristo manifestou, é o homem que chamamos civilizado, isto é, aquele homem que a razão e o engenho não revelam, que os livros e os educadores anunciam, que a natureza tem constantemente na conta de fabuloso e que somente a experiência da vida torna possível conhecer e crer verdadeiro. E note-se como a idéia que expus, posto que geral, aplica-se, parte por parte, a inumeráveis indivíduos.

LXXXV

ESCRITORES ANTIGOS não reputavam nem expunham como inimiga da virtude ou detratora da boa índole e do espírito bem-direcionado a turba de homens civilizados que chamamos sociedade ou mundo. O mundo enquanto inimigo do bem é um conceito que, célebre no Evangelho ou em escritores modernos, mesmo profanos, era de certo ou total desconhecimento dos antigos. E isso não há de surpreender aquele que considerar um fato sobremodo claro e simples que pode servir de espelho a quem quiser comparar os estados antigos aos modernos, em matéria de moral: enquanto os educadores modernos temem o público, os antigos o buscavam; enquanto os modernos fazem da obscuridade doméstica, da segregação e do isolamento uma proteção para os jovens contra a degradação dos costumes mundanos, os antigos tiravam a juventude, mesmo à força, da solidão e expunham sua educação e sua vida aos olhos do mundo e o mundo a seus olhos, considerando o exemplo mais apto a ensiná-la que a corrompê-la.

LXXXVI

A MANEIRA MAIS CERTA de ocultar aos outros os limites de nosso saber é não ultrapassá-los.

LXXXVII

QUEM VIAJA MUITO tem sobre os demais uma vantagem, que é de ver rapidamente esmaecidos os contornos de suas reminiscências, de modo que logo se revestem de um tom vago e poético que os outros não conhecem senão com o tempo. Quem não viaja tem essa desvantagem, que é de ter como lembranças coisas de alguma forma presentes, pois que presentes são as direções que lhe apontam as impressões de sua memória.

LXXXVIII

NÃO RARO OCORRE que os homens frívolos e cheios de si, ao invés de egoístas e duros de ânimo, conforme as expectativas, mostram-se doces, benévolos, bons companheiros e ainda bons amigos e serviçais. Assim como se crêem admirados de todos, da mesma forma prezam seus supostos admiradores e os ajudam como podem, até mesmo porque o consideram conveniente àquela superioridade de que se acreditam revestidos pela sorte. Conversam de bom grado porque julgam o mundo repleto do seu nome; e são humanos, vangloriando-se intimamente de sua

afabilidade e da habilidade de dividir com os humildes sua grandeza. Cheguei a notar que, crescendo em sua própria opinião, crescem proporcionalmente em benignidade. Por fim, a certeza da própria importância e do consenso dos homens em confessá-la, lhes remove qualquer aspereza, porque homem algum satisfeito de si e dos outros é áspero de maneiras; e lhes proporciona uma tal tranqüilidade que por vezes tomam até mesmo o aspecto de pessoas modestas.

LXXXIX

QUEM SE COMUNICA POUCO com os homens raras vezes é misantropo. Autênticos misantropos não vivem em solidão, mas no mundo, porque o uso prático da vida e não a filosofia é que os faz odiarem os homens. E se um indivíduo dessa condição se refugia da sociedade, perde, com o refúgio, a misantropia.

XC

CONHECI CERTA VEZ um menino que, ao ser contrariado em alguma coisa pela mãe dizia sempre: *ah, compreendi, compreendi, mamãe é má.* A maior parte dos homens não discorre acerca do próximo com outra lógica, posto não expresse seu discurso com a mesma simplicidade.

XCI

SE AQUELE que te apresenta a alguém quiser profícua a iniciativa, há que deixar de lado os que são teus méritos mais autênticos e mais particulares e dizer somente dos mais extrínsecos e dos que mais se relacionam à ventura. Se és grande e poderoso no mundo, há que dizer grande e poderoso; se rico, há que dizer rico; se não mais que nobre, há que dizer nobre; mas não há que dizer magnânimo, nem virtuoso, nem gentil, nem afável ou coisas semelhantes, senão por acréscimo, ainda que reais e notáveis. E se és literato e como tal tens alcançado certa celebridade, não há que dizer erudito, nem profundo, nem grande engenho, nem sublime, mas célebre, porque conforme disse alhures, no mundo, bem-aventurada é a ventura, não o valor.

XCII

JEAN JACQUES-ROSSEAU afirmava que a verdadeira gentileza de maneiras consiste no hábito de mostrar-se benévolo. Talvez essa gentileza possa preservar-te do ódio, mas não te pode cativar o amor, senão de uns

poucos para quem a benevolência alheia é um estímulo a corresponder.[25] Quem deseja, se o permitirem as maneiras, obter dos homens a amizade, ou antes, o amor, demonstre estimá-los. Assim como o desprezo ofende e importuna mais que o ódio, a estima é mais doce que a benevolência e geralmente aos homens importa ou certamente apetece mais serem apreciados que amados. As demonstrações de estima, verdadeiras ou falsas (que de qualquer maneira são tomadas por genuínas por quem as recebe), alcançam quase sempre gratidão, e muitos que não levantariam um dedo em auxílio de quem realmente os ama, lançar-se-iam ao fogo por quem demonstrasse apreciá-los. Tais demonstrações são ainda poderosíssimas em reconciliar os desavindos, porque, ao que parece, a natureza não nos consente ter ódio a quem diz estimar-nos. Entretanto, não só é possível, como por diversas vezes vemos homens odiarem e repudiarem quem os ama, ou antes, quem os beneficia. Se a arte de cativar os ânimos durante a conversação consiste em fazer com que os outros se despeçam de nós mais satisfeitos de si que antes, é claro que os gestos de estima são mais valiosos em conquistar os homens que os de benevolência. E quanto menos devida for a estima, mais eficaz será demonstrá-la. Aqueles que têm o hábito da gentileza de que falo são pouco menos que cortejados por onde passam; disputando os homens, como moscas ao mel, a doçura de crer que são estimados. E estes são, em sua maioria, elogiadíssimos, porque dos elogios que eles, conversando, dirigem a cada um, forma-se um grande concerto de elogios que todos lhes fazem, em parte por reconhecimento, em parte porque é de nosso interesse que sejam elogiados e estimados aqueles que nos estimam. De tal maneira que os homens, ainda sem se darem conta e acaso contra sua própria vontade, à força de celebrarem tais pessoas, acabam por torná-las muito superiores a si na sociedade, e estas, por sua vez, são constantes em asseverarem sua inferioridade.

XCIII

MUITOS, ou antes, quase todos os homens que se crêem estimados na sociedade não são alvo de outra estima senão a de um certo grupo, uma certa classe ou uma certa casta de pessoas, aos quais pertencem ou entre os quais vivem. O homem de letras, que se crê famoso e respeitado no mundo, é deixado de lado ou escarnecido cada vez que se encontra na companhia de pessoas frívolas, que na verdade compõem três quartos do mundo. O jovem galante, festejado pelas mulheres e por seus companheiros, uma vez no mundo dos homens de negócios, torna-se indistinto e esquecido. O cortesão, cujos companheiros e subalternos cumulam de cerimônias, é ridicularizado ou evitado pelos homens de disposição

folgazã. Concluo, falando claramente, que o homem não pode esperar e, portanto, não deve desejar obter a estima de toda a sociedade, mas de um certo número de pessoas; das outras, deve contentar-se em ser ora completamente ignorado, ora mais ou menos desprezado, pois que a esta sorte não se pode fugir.

XCIV

QUEM JAMAIS DEIXOU lugares pequenos, onde reinam as pequenas ambições e a avareza vulgar, com ódio intenso de uns contra os outros, tem na conta de fábula os grandes vícios, assim como as virtudes sociais sinceras e sólidas. E no que se refere à amizade, algo que se relaciona aos poemas e às histórias, e não à vida. E engana-se. Não digo como Pílades e Pirítoo, mas bons amigos e cordiais encontram-se ainda no mundo e não são raros. Os favores que se podem esperar e desejar de tais amigos, digo dos que o mundo dá verdadeiramente, são de palavras, não raro de extraordinária utilidade, acaso de ações, mas raríssimas vezes de valores; e o homem sábio e prudente não os deve desejar. Mais prontamente encontra-se quem arrisque a vida por um estranho que alguém disposto, não digo a empregar, mas a sacrificar um escudo por um amigo.

XCV

NÃO VÃO OS HOMENS escusarem-se por isto: porque raro é aquele que possui mais do que necessita, consideradas as necessidades, em vista, sobretudo, dos hábitos e sendo as despesas, em sua maioria, proporcionais à riqueza, e muitas vezes maiores. E aqueles poucos que acumulam sem gastar têm essa necessidade de acumular, por caprichos seus ou por necessidades futuras e temidas. Não quer dizer que esta ou aquela necessidade seja imaginária, uma vez que raras na vida são as coisas que não consistam, em grande parte ou inteiramente, na imaginação.

XCVI

O HOMEM HONESTO torna-se facilmente, com os anos, insensível aos elogios e às honrarias, mas creio que jamais à censura e ao desprezo. Demais, o elogio e a estima de diversas pessoas insignes não lhe hão de compensar a dor proveniente de uma palavra ou um gesto de indiferença de homens mesquinhos. Talvez aos malfeitores ocorra o inverso, que afeitos à censura, mas não ao elogio verdadeiro, hão de ser insensíveis àquela, mas não a este, se é que dessa experiência poderão fazer prova.

XCVII

TEM APARÊNCIA DE PARADOXO, mas a experiência da vida prova ser claríssimo que aqueles homens que os franceses chamam originais, não só não são raros, como são tão comuns que estou prestes a dizer que não há na sociedade coisa tão rara como encontrar um homem que não seja realmente, como se diz, original. Já não digo das pequenas diferenças de homem para homem, mas das qualidades e das maneiras que, sendo próprias do indivíduo, outros terão por estranhas, bizarras, absurdas. E digo que raro te ocorrerá conviver longamente com uma pessoa, posto civilizadíssima, sem lhe descobrir nos modos ou na essência um certo quê de estranho, de absurdo ou de bizarro que te há de surpreender.

Hás de conhecê-lo mais rapidamente nos outros que nos franceses, talvez mais rapidamente nos homens maduros ou idosos que nos jovens, que muita vez depositam sua ambição em tornarem-se conformes aos outros e, se bem-educados, costumam dominar-se melhor. Mas por fim, mais cedo ou mais tarde hás de conhecer, dentre a maioria das pessoas com que te relacionas, esses matizes. Contudo a natureza é vária e é impossível à civilização, que tende a uniformizar os homens, vencê-la por completo.

XCVIII

SEMELHANTE À OBSERVAÇÃO desenvolvida acima é a seguinte: que todos os que se têm relacionado com os homens recordar-se-ão de terem sido, não muitas, mas muitíssimas vezes, espectadores e mesmo participantes de cenas, por assim dizer, reais, em nada diversas das que se presenciam em teatros, se leêm nos livros de comédias ou romances e que, por razões artísticas, são tidas por fingimento. O que não significa senão que a perversidade, a tolice, os vícios de toda a sorte, as qualidades e as ações ridículas dos homens são muito mais costumeiros do que cuidamos e do que seja talvez aceitável, ultrapassando os limites que julgamos triviais, para além dos quais supomos esteja o excesso.

XCIX

AS PESSOAS não são tão ridículas senão quando desejam parecer ou ser o que não são. O pobre, o ignorante, o camponês, o enfermo, o velho jamais são ridículos enquanto se contentam em parecer tais e permanecem nos limites impostos por suas qualidades, mas o são quando o velho deseja parecer jovem; o enfermo, são; o pobre, rico; o ignorante, instruído; o camponês, urbano. Mesmo as imperfeições físicas, graves que fossem,

não provocariam senão um riso passageiro, se o homem não se esforçasse por ocultá-las, como se não as tivesse, como se ele fosse diverso do que é. Quem observar bem, verá que nossas imperfeições e deficiências não são ridículas por si mesmas, mas quando forcejamos por ocultá-las e fazer crer que não as temos.

Erram profundamente aqueles que, por fazerem-se mais amáveis, afetam outro caráter. Logo, não lhes será possível suster a burla, sem tornar-se evidente, e o contraste entre o caráter legítimo e o espúrio, cada vez mais claro, os fará ainda menos amáveis e aprazíveis do que seriam em demonstrar franca e constantemente seu verdadeiro ser. O caráter mais desfavorecido conta com algo de positivo que, por ser verdadeiro, se demonstrado oportunamente, terá muito melhor acolhida que as mais belas qualidades, porém espúrias.

Geralmente, o desejo de sermos o que não somos consome todos os encantos do mundo e não por outra razão tornam-se insuportáveis certas pessoas que seriam agradabilíssimas desde que se contentassem com seu verdadeiro ser. Não somente pessoas, mas grupos, populações inteiras; conheço diversas cidades de província cultivadas e viçosas que seriam locais aprazíveis para moradia se não fosse a imitação repugnante que fazem das capitais, isto é, como se desejassem ser, não obstante sua própria fisionomia, antes cidades capitais que de província.

C

TORNANDO ÀS IMPERFEIÇÕES e deficiências que o ser humano pode ter, não nego que o mundo seja muita vez como aqueles juízes impedidos de condenarem o réu por força da lei, ainda que convencidos do delito ou mesmo partícipes de sua confissão. E porque seja ridículo ocultar com intenção manifesta as próprias imperfeições, eu recomendaria que se confessassem espontaneamente e que ninguém deixasse transparecer deveras que em razão disso se julgasse inferior aos outros. O que significaria nada mais que condenar a si mesmo com aquela sentença final que o mundo jamais chegará a proferir, se mantiveres erguida a cabeça. Nessa espécie de luta de todos contra um e de um contra todos, em que consiste, se quisermos falar francamente, a vida social, em que cada um procura abater o companheiro para trazê-lo sob os pés, erra profundamente quem se prostra, quem se curva e quem inclina espontaneamente a cabeça; porque não há dúvida de que (exceto quando essas coisas são simuladas, como por estratagema) logo serão submetidos e terão o colo sob jugo, sem cortesia nem misericórdia. Os jovens, mormente os de índole mais afável, cometem quase sempre o erro de confessar a miúdo, sem necessidade e sem razão, suas deficiências e infortúnios, movidos

em parte pela franqueza que lhes é própria e que os faz execrarem a dissimulação e experimentarem satisfação em revelar a verdade, ainda que em prejuízo próprio; e em parte porque, sendo generosos, crêem assim alcançar do mundo perdão e indulgência para suas desventuras. E essa idade de ouro da vida ilude-se de tal sorte a respeito das coisas humanas que demonstram a infelicidade, cuidando que lhes faça amáveis e lhes conquiste os ânimos. Em verdade, é naturalíssimo que pensem assim, mas só a experiência própria, longa e constante fará ver aos espíritos afáveis que o mundo perdoa mais facilmente qualquer coisa que a desventura; que a ventura é bem-aventurada, não a infelicidade, e por isso se há de demonstrar, desde que possível, aquela e não esta, ainda que a despeito da verdade; que a confissão dos próprios males não gera piedade, mas prazer, não punge, mas contenta, não somente os inimigos, mas a todos quantos a ouvem, porque significa quase que uma comprovação da própria inferioridade e da superioridade alheia; e que não podendo o homem confiar em outra coisa sobre a face da Terra senão em suas próprias forças, não deve jamais ceder nem retrair-se voluntariamente, e muito menos render-se incondicionalmente, mas resistir, defendendo-se até aos limites extremos, e combater obstinadamente, a fim de conservar ou conquistar, se possível, e a despeito da ventura, aquilo que jamais poderá obter da generosidade do próximo e da humanidade. Creio que ninguém deva tolerar ser chamado de infeliz ou desventurado; estas palavras têm servido, em quase todas as línguas, como sinônimo de malfeitor, talvez por meio de antigas superstições, como se a infelicidade fosse pena de iniqüidades; certo é que em todas as línguas são e serão, em vista disso, eternamente ultrajantes, uma vez que quem as profere, qualquer que seja a intenção, sente que assim eleva a si mesmo e avilta o companheiro, e quem ouve sente a mesma coisa.

Ao confessar os próprios males, conquanto manifestos, o homem arruína sobremaneira a estima e, portanto, o afeto que lhe dedicam os que lhe são mais caros; é, por conseqüência, necessário que cada um se sustenha com braço forte e que sob qualquer condição e a despeito de qualquer infortúnio, mostrando ter de si uma estima resoluta e segura, faça crer nela aos outros, constrangendo-os quase, por meio de sua própria autoridade. Porque se a estima de um homem não parte dele mesmo, dificilmente partirá de outros; se nele não tiver bases sólidas, dificilmente se manterá de pé. A sociedade dos homens é semelhante aos fluidos, cujas moléculas ou glóbulos pressionam fortemente os que lhe estão abaixo ou acima, ou dos lados, comunicando o movimento aos que lhe estão distantes, para nova-

mente sofrer idêntica pressão; se em algum ponto o movimento de resistência e reação torna-se mais fraco, em instantes toda a massa do fluido para lá acorre furiosa e novos glóbulos ocupam aquele ponto.

CII

OS ANOS DA MENINICE constituem, na memória de cada um, os tempos fabulosos da vida, como para as nações os tempos fabulosos são aqueles de sua meninice.

CIII

OS CUMPRIMENTOS que nos dirigem tornam apreciáveis a nossos olhos matérias e faculdades que antes vilipendiávamos, a cada vez que nos ocorre receber cumprimentos por alguma delas.

CIV

A EDUCAÇÃO QUE RECEBEM, mormente na Itália, aqueles que são educados (que, na verdade, não são muitos) é uma traição formal e instituída da fragilidade contra a força, da velhice contra a juventude. Os velhos determinam aos jovens: evitai os prazeres próprios de vossa idade porque são perigosos e contrários aos bons costumes e porque nós, que experimentamos tantos e tais e que ainda, se o pudéssemos, experimentaríamos outros tantos, não somos mais capazes, porque pesam os anos. Não vos preocupeis com o dia de hoje, mas sede obedientes, padecei e vos fatigai o quanto podeis, para viver quando não mais vos for permitido. Sabedoria e honestidade vos exigem a máxima abstenção das práticas da juventude, exceto para o fim de superar os outros nas lidas. Deixai a nós a responsabilidade sobre vossa sorte e todas as coisas importantes, que faremos conduzir em nosso interesse. Cada um de nós praticou exatamente o inverso dessas atitudes quando jovens e tornaria a praticá-las se nos fosse dado rejuvenescer, mas observai nossas palavras e não nossa vida passada ou nossas intenções. E assim crede em nós, conhecedores e especialistas da condição humana, e sereis felizes. Digo não conhecer o engano e a burla, se não for a promessa de felicidade aos inexperientes, sob tais condições.

O interesse da tranqüilidade comum, doméstica e pública é contrário aos prazeres e às empresas da mocidade; portanto, mesmo a boa educação (ou assim chamada) consiste, em grande parte, em enganar os alunos, de modo que posterguem seus interesses em favor de outros. Mas sem isso, os velhos tendem naturalmente, conforme lhes seja permitido,

a destruir e a varrer da vida humana a juventude, cujo espetáculo abominam. Em todos os tempos, a velhice tramou contra a juventude, porque em todos os tempos o homem se deu à ignomínia de condenar e subtrair aos outros os bens que mais deseja para si. Mas não deixa de ser notável que entre os educadores, os quais, desde que pessoas íntegras, ocupam-se em buscar o bem do próximo, encontrem-se tantos que busquem privar seus alunos do maior bem da vida, que é a juventude. Ainda mais notável é que nem pais, nem mesmo outros preceptores lhes sentem remoer a consciência por darem aos filhos uma educação movida por princípio tão maligno. Coisa que seria ainda mais surpreendente se, por outras razões, já não se considerasse como obra meritória a intenção de abolir a juventude.

Fruto dessa cultura maléfica ou dedicada ao privilégio do cultor em prejuízo da planta é que os alunos vivendo, na flor dos anos, como velhos, tornam-se ridículos e infelizes na velhice, desejando viver como jovens; ou, como ocorre mais amiúde, a natureza vence, e os jovens, vivendo como jovens a despeito da educação, fazem-se rebeldes para com os educadores que, se tivessem permitido a expansão e o gozo de suas faculdades juvenis, poderiam então refreá-los, mediante a cumplicidade dos alunos, que jamais teriam perdido.

CV

A ASTÚCIA, que pertence ao domínio do engenho, é muitíssimas vezes usada no intuito de suprir a escassez e de superar os outros na maior abundância desse mesmo engenho.

CVI

O MUNDO RI das coisas que deveria admirar e reprova, como a raposa de Esopo, as coisas que inveja. Um grande amor, com grandes consolações de grandes tormentos, é universalmente invejado e, por isso, vivamente condenado. Uma prática generosa, uma ação heróica deveriam constituir motivo de admiração, mas os homens, se as admirassem, mormente a seus pares, julgar-se-iam humilhados e, portanto, ao invés de admirar, riem. Tais são as implicações que é necessário dissimular com mais diligência a nobreza de ações que a vilania; porque a vilania é de todos e, portanto, é perdoada; a nobreza é contra os costumes e, portanto, parece sugerir presunção ou exigir louvor, que as pessoas, mormente os conhecidos, não apreciam fazer com sinceridade.

CVII

MUITAS TOLICES dizem-se em reuniões pelo desejo de palestrar. Mas o jovem que tem alguma auto-estima, entrado a freqüentar o mundo, é presa fácil de outro erro, isto é, que para falar, espera que lhe ocorram coisas de extraordinária beleza e importância. E assim, esperando, sucede que não lhe é dado falar. A mais sensata conversação do mundo e a mais espirituosa compõem-se, em sua quase totalidade, de ditos e discursos frívolos ou banais, que em todo o caso servem ao propósito de entreter o tempo. E é necessário que cada um se ponha a dizer coisas comuns, para acaso poder dizê-las não tão comuns.

CVIII

OS HOMENS esforçam-se grandemente, enquanto são imaturos, por parecerem homens feitos e quando tais, por parecerem imaturos. Oliver Goldsmith,[26] autor do romance *The vicar of Wakefield*, na idade de quarenta anos, absteve-se intencionalmente do título de doutor, visto se lhe tivesse tornado odiosa aquela demonstração de austeridade que nos primeiros anos lhe tinha sido cara.

CIX

O HOMEM é quase sempre tão perverso quanto lhe é necessário. Se age com correção, pode-se julgar que a perversidade não lhe seja necessária. Tenho visto pessoas de maneiras dulcíssimas e inocentíssimas cometerem ações as mais atrozes, para fugirem a graves perigos que de outra forma não poderiam ser evitados.

CX

É CURIOSO OBSERVAR que quase todos os homens de alto valor usam de maneiras simples; e que quase sempre as maneiras simples são tidas por indício de escasso valor.

CXI

O PROCEDER SILENCIOSO na conversação agrada e é elogiado quando se conhece que a pessoa que se cala dispõe do que se impõe, de intrepidez e disposição para falar.

FIM DE "PENSAMENTOS"

Carta aos Senhores Compiladores da Biblioteca Italiana

Tradução
Vera Horn

CARTA AOS SENHORES COMPILADORES DA BIBLIOTECA ITALIANA EM RESPOSTA À CARTA DE MADAME BARONESA DE STAËL HOLSTEIN ÀQUELES SENHORES[1]

Recanati, 18 de junho de 1816.

SENHORES,

Vós haveis prometido a qualquer italiano que vos quisesse fornecer uma resposta à nova carta da baronesa de Staël, que se encontra no nº 6 da vossa "Biblioteca", recebê-la com gratidão e publicá-la fielmente.[2] Enviei-vos há dois meses uma carta que não vos pareceu digna de publicação[3] e cujo assunto abstenho-me de mencionar, respeitando vosso tácito juízo. Se vos parecer de interesse manter oculta mais esta, isto me mostrará que não sabeis o que fazer das minhas coisas, e eu não desejarei lastimar o fato, uma vez que seria estultícia, mas deixarei de aborrecer-vos com meus gracejos, pois que tais deverei considerar os meus escritozinhos e, com isso, espero, ficaremos felizes ambos. Vereis que esta não é carta para vangloriar-me. Portanto, não calo o meu nome, porque a ilustre dama[4] não oculta o seu e não me parece ato de um homem magnânimo combater com a viseira baixada. Se eu discorrer com termos injuriosos e inconvenientes, não hei de temer o público, mas a minha consciência; se com despropósito, não se creia precisamente por esse motivo, que um orgulho insano me tenha induzido a dizer meu próprio nome. De qualquer maneira, vos será empresa fácil retirar o meu nome, se vos opuserdes. Se porventura alguém me tiver precedido, coisa que certamente terá feito melhor que eu, hei de alegrar-me sinceramente.[5]

Ri sobejamente e creio que madame também terá rido e não poderia ter feito outra coisa, ao ouvir o rumor excessivo que fazem os fanáticos, para vergonha da Itália, fazendo com que a dama se preocupasse com relação à nossa pátria, repreensão usual e fácil de lançar em rosto a qualquer adversário por quem não costuma e não sabe fazer outra coisa senão estrépito. Ri ainda mais quando vi que usavam de certos ditos *picantes* para mofar das palavras de madame: "Ninguém na Itália há de desejar

traduzir a *Ilíada* daqui por diante, pois que Homero não se poderá despir dos adornos de que Monti o revestiu"; como se lhe imputasse como delito o fato de ter crido que a Itália, após alcançar o ápice de algo, soubesse deter-se ou como se pudesse despir o primeiro clássico antigo das vestes que sozinhas lhe são apropriadas; e por crer nisso madame terá deveras errado. Não ri, porém, quando soube que um italiano, com o tom de um homem sensato, demonstrava, na carta que vos endereçava e que fora publicada no nº 4 da "Biblioteca", algumas de suas opiniões, divergentes de algumas de madame e, para dizê-lo com franqueza, descobri que pensava como ele. Madame, que como devem fazer todos os que têm *intelectos sãos*, não se dignou responder às frivolidades com que muitos creram persegui-la, replicou àquele artigo, e acerca da carta, que escreveu com esse propósito, propus-me a refletir.

Que o conhecer não implique a necessidade de imitar é proposição que, conquanto pareça verdadeira à primeira vista, se examinada com maturidade de reflexão poderia não ser assim em toda sua amplitude. Mas isso virá depois. Parece-me certo que todo escritor dramático italiano possa conhecer, considerar e anatomizar diligentemente as tragédias e as comédias francesas sem tê-las visto no teatro, que na Itália não lhes faltem leitores e traduções, que o escritor italiano mais medíocre tenha tanto cabedal de língua francesa que lhe permita, toda vez que deseje, extrair das tragédias e das comédias francesas quantas idéias lhe parecerem boas, que querer representá-las em nossos teatros, no lugar das italianas, seria correr o risco de não termos mais teatro próprio e que madame, dizendo que, a despeito disso, há que ignorar as produções estrangeiras de tal gênero, não tenha respondido à objeção e que, portanto, o conselho que nos deu de voltarmo-nos para o teatro francês seja no mínimo inútil.

Se os cientistas italianos se instruem com diligência acerca do estado da sua ciência junto aos estrangeiros, isto se deve ao fato de as ciências poderem fazer, e fazem, progressos todos os dias, enquanto a literatura não tem a mesma possibilidade, coisa que o italiano autor da carta a vós endereçada, após inúmeros outros, demonstra egregiamente e que, não sei por que razão, a ilustre dama tenha fingido ignorar. Não é um sacro horror que nos impede de dar ao estudo das letras estrangeiras um cuidado excessivo, mas uma sacrossanta razão, que os italianos têm declarado mais de uma vez e que eu repetirei ainda uma vez. "Os cientistas italianos", diz madame, "têm uma reputação universal, mas os escritores, com exceção de uns poucos, não são mais conhecidos na Europa do que eles anseiam conhecê-la." Se a Europa não conhece Parini, Alfieri,[6] Monti, Botta, a culpa não me parece que seja da Itália.[7] Se os estrangeiros não conhecem nossos pequenos escritores, nem nós os deles, e os

franceses não conhecem os da Inglaterra, nem os ingleses os da Alemanha, e já se sabe que para adquirir fama em outras nações é mister grandeza de engenho, não vejo aqui razão para surpresas.[8]

Passo propositadamente ao assunto da nova carta de madame, que é: os italianos devem com freqüência dirigir sua atenção para além-monte e além-mar e esforçar-se diligentemente por conhecer a Literatura dos estrangeiros: coisa que o italiano culto sabia não ser boa. Ora, madame, entre outras coisas, observa que Dante teve uma erudição imensa para a idade em que viveu e que de Homero até nossos dias os Poetas sempre se empenharam em recolher conhecimentos sobre esse Universo que estava em suas mãos celebrar, argumentando que um homem de gênio extraordinário não negligenciaria estudo que lhe pudesse proporcionar uma idéia a mais. E por isso, espero, não se há de ofender a célebre dama, se eu disser que me parece que ela esteja confundindo os objetos das idéias, com o uso que faz delas. Que o poeta deva saber História, Geografia, Metafísica, Moral, Teologia não só o concedo facilmente, mas o afirmo expressamente. Que, portanto, seja necessário conhecer os gostos de todos os povos e todas as formas pelas quais se expressam as idéias Históricas, Físicas, Metafísicas, Teológicas, nego-o resolutamente. Grande risco, afirma madame, corre a literatura italiana de ser inundada de idéias e frases comuns; é mister guardar-se da esterilidade que deverá segui-las. E se as mentes italianas são frias, cremos que o setentrião possa aquecê-las? Não pouca leitura, mas pouca disposição para fazer frutificar o engenho próprio os faz pobres em grandes poetas e espíritos criadores. Não vejo como se possa ser original por artifício e como um vasto estudo de todos os gostos e de todas as literaturas possa conduzir a "uma originalidade transcendente". Porventura, quanto mais rico de poética magnificente, tanto mais capaz de criar coisas grandes? e os italianos não saberão criar nada além da matéria já criada? Centelha celeste e impulso sobre-humano é o que se requer para fazer poetas notáveis, não estudo de autores e exame de gostos estrangeiros. Ou nós sentimos o ardor daquela divina centelha e a força daquele vivíssimo impulso ou não o sentimos. Se o sentimos, um estudo excessivo das literaturas estrangeiras não pode servir para outro fim senão para impedir-nos de pensar e de criar por nós mesmos; se não o sentimos, todos os escritores do mundo não nos farão poetas. Lembremos (e parece-me que devêssemos sempre lembrá-lo) que o maior de todos os poetas é o mais antigo, que não teve modelos, que Dante será sempre imitado, e jamais igualado e que nós jamais pudemos equiparar os antigos (se alguém sustenta o contrário, jogue fora esta carta, que é de um mero pretensioso), porque quando eles queriam descrever o céu, o mar, os campos, punham-se a observá-los, e nós lançamos mão de um poeta; quando queriam retratar uma pai-

xão, imaginavam senti-la, e nós nos propomos a ler uma tragédia; quando queriam falar sobre o universo, pensavam sobre ele, e nós pensamos sobre a forma como eles o abordavam; isto, porque eles, em especial os gregos, não tinham modelos, ou não faziam uso de modelos, e nós os temos e nos favorecemos deles, mas não sabemos passar sem eles, pelo que todos os nossos escritos são cópias de outras cópias, eis por que tão poucos são os escritores originais, eis por que nos inunda uma enxurrada de idéias e frases comuns e eis por que o nosso terreno tornou-se estéril e não produz nada de novo.[9] Pois bem! Concedei, portanto, aos italianos outros modelos, fazei com que leiam os autores estrangeiros: este é o meio certo para granjear novidade e exilar a rancidez. Vaníssimo conselho! Abramos todos os canais da literatura estrangeira, façamos jorrar em nossos campos todas as águas do setentrião, e a Itália será inundada em um piscar de olhos, todos os poetinhas italianos acorrerão apressados a beber delas, a debater-se nelas e se afundarão nessa água até o pescoço (uma vez que sempre o cobiçaram ávidos, embora madame, citando o exemplo do sr. Leoni,[10] pretenda provar o oposto), o vocabulário de nossas frases e de nossas idéias duplicará, após dez anos todas as frases e todas as idéias que se acrescentarem tornar-se-ão obsoletas e comuns, e nós tornaremos ao ponto de partida, ou mais certamente, teremos dado um bom passo na direção do péssimo. Esse remédio é como uma dose de ópio, que reprime a dor sem combater a causa. Há que ir às raízes e gritar aos italianos: criai sem vos preocupardes em ler de tudo, e se não sabeis criar nem vos sentis inflamados por aquele fogo divino que é puro dom de Apolo, fazei o que mais vos agradar, que mais nada se poderá esperar de vós. Mas será, portanto, necessário que não se leia mais; e dos verdadeiros Poetas, será maior o que tiver lido menos? No estado em que o mundo se encontra atualmente, não se pode escrever sem ter lido, e o que era possível nos dias de Homero é impossível nos nossos.[11] Leiamos, consideremos e ruminemos longa e atentamente os escritos dos gregos mestres, dos latinos e dos italianos, que têm belezas suficientes para alimentar-nos pelo espaço de três vidas, se as tivéssemos. Ó, italianos que pensais ter bebido tanto nessas fontes que as tendes visto secas, dizei qual é o vosso Homero, qual o vosso Anacreonte, qual o vosso Cícero, qual o vosso Lívio. Se já vos igualáreis a esses altíssimos engenhos, gostaria de perdoar-vos se dissestes: chegamos ao fim dessa estrada, vamos à procura de outras, visto que o falar assim seja coisa de gente pouco sensata, porque, se acrescentáreis Homero, deveríeis pensar em superá-lo e não procurar outras estradas para permanecer inferiores a outros modelos; mas enquanto nessa direção tantos caminhos vos esperam para percorrer, querer entrar em outros é conselho de mentecaptos. Lede os gregos, os latinos, os italianos e deixai de lado os escritores do Norte, mas

se quiserdes lê-los, se for possível não os imiteis, e se também quiserdes imitá-los, não os abrais, vo-lo suplico em nome das novas Irmãs, Homero, Virgílio e Tasso, e não queirais fazer enxertos em seus celestiais poemas *Fingallo* e *Temora*,[12] convertendo-os em monstros mais ridículos que os Sátiros e mais obscenos que as Harpias.

Não quero dizer que seja preciso ignorar abolutamente o que os engenhos estrangeiros pensam e criam, mas temo imensamente a imitação excessiva, à qual a Itália curva-se com tal intensidade que me parece seja necessário, para livrá-la do costume nocivo, usar de formas que saibam a excesso. Conhecer não implica qualquer necessidade de imitar, se não, constranger, motivar e chegar a ponto de tornar o não imitar pouco menos que impossível, de modo que Metastasio jamais quis ler tragédias francesas. Todo escritor, penso, por menos que tenha escrito, pode citar a própria experiência como prova de que desprezar a imitação daquilo que se leu e sobre o que se ponderou diligentemente é coisa dificílima. Nutramo-nos de Ossian e de outros poetas setentrionais e escrevamos depois, se temos tanto valor, como melhor nos quadrar, sem usar-lhes as imagens e frases. Talvez madame não ficasse descontente com esse efeito, mas muitos italianos, que com bastante freqüência descobrem naqueles escritores exageros e imagens gigantescas e muito raramente a verdadeira, puríssima, santíssima, gentilíssima natureza, sentir-se-iam grandemente incomodados. Se me for lícito, pretendo, como madame, falar um momento de mim; eu, assim como Tales agradecia ao Céu por tê-lo feito grego, agradecia-lhe de coração por ter-me feito italiano, e não desejaria dar a minha pátria por um reino, e isto não pelo poder da Itália, pois que ninguém o possui, nem por seu belo clima, que pouco me interessa, nem por suas belas cidades, que me interessam ainda menos, mas pelo engenho dos italianos e pelo estilo da literatura italiana, que de todas as literaturas do mundo é a mais afinada com a grega e a latina, ou seja (falo conforme minha opinião, e os outros sigam a sua), com a única verdadeira, porque é a única natural e inteiramente despida de afetação.

Espero que essas poucas linhas não desagradem à ilustríssima Baronesa, que facilmente há de ver que o amor pela pátria, e não pela discórdia, e uma íntima convicção me motivaram a escrever, porque mais rapidamente hei de ser admoestado pelos italianos que pela senhora, a quem reverencio em tudo, salvo a opinião.

O vosso humílimo e fidelíssimo servo,

Giacomo Leopardi

FIM DE "CARTA AOS SENHORES COMPILADORES DA BIBLIOTECA ITALIANA"

Discurso Sobre o Estado Atual dos Costumes dos Italianos[1]

Tradução
Vera Horn

NO SÉCULO ATUAL, seja pelo incremento do intercâmbio e pelo costume das viagens, seja pelo incremento da literatura e pelo saber enciclopédico que hoje está em voga, pelo que cada nação deseja conhecer o mais profundamente possível as línguas, literaturas e costumes dos outros povos, seja pela comunhão mútua de desventuras que se estabeleceu entre os povos civilizados, seja porque a França, deprimida pelas perdas que teve, e as outras nações, parte pelas vitórias, parte pela expansão da cultura e da literatura de cada uma, soerguendo-se, introduziu-se entre as nações da Europa uma espécie de igualdade de consideração tanto literária e civil quanto militar, enquanto no passado dos tempos de Luiz XIV, isto é, da época da difusa e instituída civilização européia, todas as nações haviam espontaneamente cedido as honras à França, que as desprezava a todas;[2] por alguma dessas ou por todas essas razões, as nações civilizadas da Europa, isto é, em especial a Alemanha e a própria França, abandonaram (talvez também pelo progresso dos conhecimentos e do espírito filosófico e reflexivo, que expande os conhecimentos, acalma as paixões e introduz um vezo de moderação; e ainda pelo próprio afrouxamento do amor e fervor nacional e, geralmente, de todas as paixões dos homens)[3] grande parte dos antigos preconceitos nacionais contrários aos estrangeiros, da animosidade, da aversão que lhes tinham e, sobretudo, do desprezo que dedicavam tanto a eles como à sua literatura, civilização e costumes, conquanto fossem sobremodo diversos dos próprios. Aguçado o gosto de conhecê-los, juntamente com o apreço por eles e com a eqüidade de julgá-los, infinitos foram os volumes publicados em cada nação para informá-la das coisas das outras. Entre esses são também infinitos os publicados pelos estrangeiros e que se publicam todos os dias sobre as coisas da Itália, que se tornou objeto de curiosidade universal e de viagens, muito mais do que o fora em outros tempos, muito mais amplamente e mais do que qualquer outro país em particular. Nesses livros, porém, os outros incorrem, sem que tenham culpa e pela natureza da matéria, em dois inconvenientes; o primeiro é que sempre erram, sendo impossível a um estrangeiro conhecer perfeitamente uma outra nação, mormente após não longa permanência; o segundo, que, dizendo o falso, ou mesmo o verdadeiro, que seja pelo menos um pouco desfavorável àqueles de que falam, ainda que o digam sem qualquer animosidade (não mais constituindo meio de se fazer grato à própria nação dizer mal das outras e odiando-se

em tais livros a animosidade, sempre que se dá a ver)[4] estimulam o ódio da nação sobre a qual escrevem. O segundo mal é mais grave que nunca nos livros que tratam dos italianos, delicadíssimos acima de todos os outros a seu propósito, coisa verdadeiramente estranha, considerando o pouco ou o nenhum amor nacional que vive entre nós, certamente menor que nos outros países. A razão para isso é seguramente, em grande parte, que os italianos, avaliando os outros a partir de si próprios (que caminhando sempre na retaguarda, em relação aos outros, não estão ainda tão longe dos preconceitos e da animosidade para com os estrangeiros e certamente os conhecem e esforçam-se por conhecê-los cem vezes menos do que eles a seu respeito) atribuem sempre a ódio, malquerença e inveja toda palavra pouco proveitosa que seja proferida ou escrita por um estrangeiro a seu respeito. Certo é que, no entanto, foram publicadas na Itália, nos últimos tempos, de *Corinna* em diante, mais obras favoráveis à Itália do que todas as outras publicadas em outros tempos juntas, nas quais se diz de nós maior bem do que jamais nós mesmos dissemos. Alguns são verdadeiros elogios a nós, escritos, em sua maioria, com veemência de afeição e, em parte, de admiração por nossas coisas. E falando de modo geral, percebe-se no mundo civilizado uma inclinação muito maior a nosso respeito do que se constatava em outros tempos e de que se verifica a respeito de outros países, além de uma opinião profícua sobre nós, que, ouso dizer, supera bastante nosso mérito e em muitas coisas é contrária à verdade. Pode-se perfeitamente afirmar que hoje, ao contrário do passado, os estrangeiros, quando se enganam a nosso propósito, enganam-se antes a nosso favor que em nosso desfavor. Contudo, os italianos olham enciumados para *Corinna* e todas as obras análogas, e muitas coisas verdadeiras e úteis têm escrito os estrangeiros sobre nossos costumes, que por esta e por outras causas não têm qualquer utilidade. Os próprios italianos não escrevem, nem pensam sobre seus costumes, como sobre qualquer outra coisa que importe e favoreça a eles ou aos outros, salvo talvez Baretti, espírito em grande parte tão falso quanto natural, destemperado em dizer o mal e pouco dedicado ou certamente pouco apto a fazer o bem, tanto pela singularidade de sua forma de pensar e ver, ainda que em nada artificiosa, quanto por sua inclinação resoluta de praguejar contra tudo[5] e seu caráter áspero e iracundo para com todas as coisas, na maior parte das vezes, alheio à verdade. Além do que, os costumes e o estado da Itália se têm incrivelmente modificado desde seu tempo, isto é, desde o momento anterior à revolução até o tempo presente. Então, mormente a Itália meridional, vivia quase que naquele estado de idéias e de costumes em que se encontrou até os últimos anos e que em grandíssima parte se encontra ainda a Espanha. Hoje, pelo tráfego e domínio dos estrangeiros, mormente dos franceses, a Itália se encontra,

quanto às opiniões, no mesmo nível dos outros povos, salvo uma maior confusão de idéias e uma menor difusão de conhecimentos entre as classes populares. Essas opiniões agem, porém, sobre o estado e a vida dos italianos de forma diversa do que sobre os outros, pela suprema diversidade de suas condições e, portanto, resulta que com opiniões quase que, sobretudo em boa parte da nação, conformes, ela é notavelmente diversa dos outros povos civilizados em costumes. Se hei de dizer algumas coisas acerca desses costumes atuais (atendo-me ao geral) com a sinceridade e a liberdade com que um estrangeiro poderia escrever, não deverei ser admoestado pelos italianos, porque não o poderão imputar a ódio ou emulação nacional, e talvez se há de considerar que um italiano conheça melhor nossas coisas do que um estrangeiro e, por fim, se estes não devem economizar nosso amor próprio com prejuízo da verdade, por que hei de falar com cerimônia de minha própria nação, isto é, quase como de minha família e de meus irmãos?

Não se deve ocultar que, considerando as convicções e o estado atual dos povos, a extinção e o enfraquecimento quase que universal das crenças em que os princípios morais podem encontrar apoio e de todas aquelas convicções sem as quais é impossível que o justo e o honesto tenham sentido e o exercício da virtude seja digno de um sábio, e, por outro lado, que a inutilidade da virtude e a utilidade decisiva do vício sejam dependentes da constituição política das repúblicas atuais, a conservação da sociedade parece antes obra do acaso que de outros fatores e resulta de fato surpreendente que ela possa ter lugar entre indivíduos que se odeiam continuamente, traem-se mutuamente e procuram de todas as formas arruinar uns aos outros. O vínculo e o freio das leis e da força pública, que hoje parece ser o único que resta à sociedade, é coisa reconhecida já há muito tempo como inabilíssima para proteger contra o mal e, ainda mais, para estimular o bem. Todos sabem, com Horácio, que as leis sem os costumes não bastam e, por outro lado, que os costumes dependem das opiniões, bem como são determinados, fundamentados e principalmente garantidos por elas. Nessa dissolução universal dos princípios sociais, nesse caos que realmente amedronta o coração do filósofo e o coloca em grande dúvida sobre o destino das sociedades civilizadas e em grande incerteza sobre como elas poderão subsistir no futuro, as outras nações civilizadas, isto é, principalmente a França, a Inglaterra e a Alemanha dispõem de um princípio conservador da moral e, portanto, da sociedade, que conquanto pareça mínimo e quase vil, com respeito aos grandes princípios morais e de ilusões que se perderam, produz, contudo, grandíssimo efeito. Esse princípio é a própria sociedade. As referidas nações, além da sociedade tomada sob aspecto geral, isto é, o banquete dos homens para prover reciprocamente às próprias necessidades e defender-se

dos danos e perigos comuns, dispõem daquele gênero particular de sociedade que sói ser chamado com esse mesmo nome, reduzido a uma significação mais restrita e consiste em um comércio mais íntimo dos indivíduos entre eles, mormente dos que, eximidos da condição de prover, por meio da obra mecânica das próprias mãos, à sua própria subsistência e à dos outros e abastecidos do necessário à vida por meio de fadigas alheias, carecendo das necessidades primárias, alcançam naturalmente a segunda necessidade, isto é, encontrar alguma ocupação que lhes preencha a vida e lhes alivie o peso da existência, sempre grave e intolerável quando ociosa. Essa tal sociedade, que se estabelece especialmente entre esses tais homens, tem como propósito o prazer e o alívio do vazio da vida ocasionado pela carência das necessidades primárias e, por esse motivo, dispõe das referidas necessidades secundárias, assim como aquele gênero de sociedade mais amplo e mais comum tem como origem as necessidades primárias e a necessidade natural. Por meio daquela sociedade mais restrita, as cidades e as nações inteiras e, mormente nesses últimos tempos, o conjunto de diversas nações civilizadas, tornam-se quase uma família, reunida para encontrar nas relações mais estreitas e mais freqüentes que resultam dessa união quase doméstica uma ocupação, um pascigo, um entretenimento para a vida daqueles que sem isso conservariam o tempo absolutamente vazio, e tais são, rigorosamente falando, todos os homens, salvo os agricultores e os que se esforçam por nos trazer os gêneros de primeira necessidade. Com o intercâmbio, os homens conquistam a estima uns dos outros, isto é, não uma opinião favorável, que esta é tanto menor, de um indivíduo a respeito do outro, quanto maior for o tráfego e, portanto, o conhecimento dos homens; mas a sociedade restrita faz com que cada um valorize os homens e deseje fazer-se estimar (esta é propriamente a estima que se concebe dos homens) e os considere como necessários à própria felicidade, seja quanto a outros interesses, seja quanto a essa satisfação do amor próprio, que cada um deseja em particular e busca nos homens, dos quais depende e não poderia receber de outra fonte. Esse desejo é o que se chama ambição, vínculo e sustento poderosíssimo da sociedade, que não vem de outra fonte senão dessa sociedade reduzida à forma restrita, pois que fora dela a ambição não tem lugar na vida do homem, e o amor próprio natural jamais tomaria esse aspecto, que realmente parece ser-lhe próprio, intrínseco e sumamente espontâneo. A ambição pode ter várias formas e vários propósitos. Foi outrora desejo de glória, paixão que fora comuníssima. Mas ela é agora algo muito grande, muito nobre, muito forte e vivo para ter lugar entre a pequenez das idéias e das paixões modernas, restritas e reduzidas a termos limitadíssimos e a grau baixíssimo pela razão geométrica e pelo estado político das sociedades, para que ela possa compadecer-se do estado de frieza e

entorpecimento que as referidas causas produzem geralmente na vida civil; e a glória é uma ilusão demasiado sublime e um nome demasiado nobre para que possa durar após o sacrifício das ilusões e o conhecimento da verdade e realidade das coisas, de seu peso e valor. O amor pela glória é incompatível com a natureza dos tempos atuais, é coisa obsoleta, como os costumes e os vocábulos antiquados, não existe mais ou é tão raro e onde existe, tão frágil e ineficaz, que não pode constituir o princípio de grandes bens para a sociedade e muito menos servir-lhes de vínculo, como outrora o fora em grande parte. Em nossos tempos, nas nações que convivem com aquela sociedade íntima definida anteriormente, a ambição produz um outro sentimento, inteiramente moderno, posterior às grandes ilusões da antigüidade. Esse sentimento é o que se chama honra. É ele próprio uma ilusão, porque consiste na apreciação que os indivíduos fazem da opinião alheia a seu respeito, opinião que, rigorosamente falando, é coisa sem nenhum valor;[6] mas é uma ilusão tão pouco nobre, viva e luminosa que facilmente oculta, até mesmo aos olhos adestrados no conhecimento da verdade, sua frivolidade, e pode compadecer-se do estado atual e da destruição de quase todas as outras ilusões, a que não repugna senão mediocremente, considerando-se sua natureza fria e precária, por assim dizer. Essa ilusão é porém poderosíssima nas nações e nas classes onde se convive com aquela sociedade íntima, de onde unicamente poderá originar-se. E particularmente na França, muitos foram filósofos de elevadíssima opinião e conhecedores íntimos da verdade em toda a sua extensão, que sentiram a frivolidade e a nulidade das coisas e dos homens, e muitos, em seus escritos, demonstraram desconsiderar a opinião pública, combateram a apreciação acaso excessiva que se fazia dela e provaram sua irracionalidade e o dano não modesto em diversas coisas. Mas na vida e nas ações, é certíssimo que nenhum deles, além dos outros franceses, desde a época da origem da sociedade francesa até o presente, jamais logrou êxito, não só em descuidar inteiramente da opinião pública, mas nem mesmo em não situá-la, quanto ao efeito e aos recessos de sua alma, no ápice de seus pensamentos e de seus propósitos e em não lhe direcionar a maioria de suas ações e de suas omissões. Essa apreciação da opinião pública, coisa tão pequena como é, é tão poderosa que chega quase, nas referidas nações (cada uma das quais a ela se relaciona de acordo com suas circunstâncias sociais), a tomar o lugar dos princípios morais igualmente perdidos em seus domínios, mormente nas classes não laboriosas, e dos outros vínculos da sociedade, dos outros freios do mal e estímulos do bem, e em seu lugar permanece unicamente este, pode-se dizer, que é suficiente para servir de elemento de conexão para a sociedade. É coisa pequeníssima e frigidíssima, como disse, não há dúvida. Os homens polidos daquelas nações envergonham-se de fazer o mal como de comparecer

a uma reunião trazendo uma mancha nas vestes, ou um tecido gasto ou roto; empenham-se em fazer o bem pela mesma razão, e com um impulso e sentimento nada maior do que o necessário para estudar detalhadamente e seguir as modas, para procurar destacar-se por meio dos trajes, aprestos, móveis, aparatos: o luxo, a virtude ou a justiça seguem o mesmo princípio, não só falando indiretamente, o que é comum e tem acontecido sempre, mas direta e particularmente. Que coisa é mais frívola de *per se* que avaliar uma boa ação, tal como se avaliaria um belo poema ou um belo traje, importar-se com a própria probidade unicamente porque inspira o cuidado em adquirir e conservar a bela maneira, evitar uma má ação como sendo uma deferência negativa e o vício, como o mau tom? Mas há que confessar (em que contribui o falar dissimuladamente e com linguagem antiga, a respeito de coisas absolutamente novas?) que, com efeito, o estado das opiniões e das nações quanto à moral é reduzido a essa miséria, que o bom tom é, não só o mais forte, mas o único fundamento que resta aos bons costumes e que os bons costumes, não são praticados com outro fim, falando de maneira geral e a respeito das classes civilizadas, senão pelos motivos pelos quais se pratica o bom tom, e que onde não existe o bom tom da sociedade ou não se cura dele, a moral carece de fundamento e a sociedade, de vínculo, desconsiderando-se a força, que jamais poderá produzir os bons costumes nem banir ou manter distanciados os maus. Nesse sentido, nas referidas nações, a própria sociedade, ao produzir o bom tom, produz o maior, ou antes, a única garantia dos costumes tanto públicos quanto privados que se possa então ter e, portanto, é causa imediata de sua própria conservação.[7]

Os italianos do tempo da revolução em diante são, quanto à moral, tão filósofos, tão racionais e geométricos quanto os franceses e quanto qualquer outra nação, antes, povo, o que é digno de maior atenção, talvez o seja ainda mais que do que a respeito de qualquer outra nação. Quero dizer que quanto ao conhecimento da verdade crua acerca dos princípios morais, quanto às crenças que lhes são concernentes, quanto ao abandono das crenças antigas, a nação italiana, tomada conjuntamente e comparada com outras nações, classe a classe, encontra-se aproximadamente no nível de qualquer outra nação mais civilizada ou mais instruída da Europa ou da América. Por conseqüência, ela carece, nesse sentido, tal como as outras, dos fundamentos, dos verdadeiros vínculos e princípios conservadores da sociedade. Mas além disso, diversamente das referidas nações, ela carece ainda daquele gênero de sociedade restrita definido anteriormente. Muitas razões concorrem para isso, que não desejo no momento investigar. O clima que os faz naturalmente viver grande parte do dia a céu aberto e, portanto, os incentiva a passeios e coisas tais, a vivacidade do caráter italiano, que os faz preferir os prazeres dos espetáculos e

os demais prazeres dos sentidos àqueles mais particularmente próprios do espírito e que os motiva ao divertimento absoluto, sem a companhia de qualquer fadiga do espírito, e à negligência e preguiça; essas coisas nada mais são que as mais simples e as mais fáceis de obter, entre as razões que produzem o efeito supracitado. Certo é que o passeio, os espetáculos e as Igrejas em nada se relacionam com a sociedade de que falávamos e que as outras nações têm. Ora, o passeio, os espetáculos e as Igrejas são as principais ocasiões de sociedade que os italianos têm e nisso consiste, pode-se dizer, toda a sua sociedade (falando independentemente da que diz respeito às necessidades primárias), porque os italianos não amam a vida doméstica, nem apreciam a conversação ou certamente não a cultivam. Portanto, passeiam, vão aos espetáculos e divertimentos, à missa e às prédicas, às festas sacras e profanas. Eis toda a vida e as ocupações de todas as classes não carentes na Itália.

Conseqüência necessária disso é que os italianos não temem e não lhes importa serem ou parecerem diversos uns dos outros, e cada indivíduo, do público, em nenhuma coisa e em nenhum sentido. Não digo que a nação, não tendo centro, não possa abrigar um público italiano; não digo da ausência de teatro nacional e da literatura verdadeiramente nacional moderna, que tem sido, junto às outras nações, mormente nos últimos tempos, um grandíssimo meio e fonte de concordância de opiniões, gostos, costumes, maneiras, caracteres individuais, não só dentro dos limites da própria nação, mas entre outras nações também. Essa segunda ausência é conseqüência necessária da primeira, isto é, da ausência de um centro e de muitas outras causas. Mas pondo ambas de parte e restringido-nos somente à ausência de sociedade, temos que ela age, fazendo com que na Itália não haja um estilo, um tom italiano determinado. Logo, não há decididamente bom tom, ou ele é algo tão vago, vasto e indefinido que deixa quase inteiramente a cargo de cada um a maneira de agir em cada situação. Cada cidade italiana, e não só, mas cada italiano escolhe o tom e o estilo por si.

Não havendo bom tom, não pode haver correspondências de sociedade (*bienséances*). Se estas não existem e se a própria sociedade não existe, não pode haver grande zelo pela própria honra, ou a idéia da honra e das particularidades que a violam ou conservam, e que nessa sociedade seriam uniformes, é vaga e nada convincente. Cada italiano é, *grosso modo*, igualmente honrado e desonrado. Quero dizer que não é nem uma coisa nem outra, porque não há honra onde não há uma sociedade, sendo aquela uma idéia totalmente produzida por esta e que somente pode subsistir e ser determinada nos domínios da sociedade e por ela própria.

Ainda que os italianos, conforme disse, estejam aproximadamente no nível das outras nações quanto ao conhecimento geral da realida-

de das coisas, relativamente aos fundamentos dos princípios morais, ao menos quanto basta para influenciar e regrar a conduta pública e particular de cada um, é certo e, por todos os estrangeiros, não menos que por nós, sabido e aceito que a Itália, a respeito da ciência filosófica e de conhecimento maduro e profundo do homem e do mundo, é incomparavelmente inferior à França, à Inglaterra, à Alemanha, considerando-as sob o aspecto geral. Contudo, também é certíssimo, ainda que há de parecer um paradoxo, que as referidas nações são mais filósofas que os italianos no que se refere ao intelecto, os italianos são, na prática, mil vezes mais filósofos que o maior filósofo que se encontre em qualquer uma das referidas nações.

Primeiramente, os italianos em geral não mostram qualquer consideração pela opinião pública, falando, sobretudo, em comparação aos outros povos. Circulam e repetem-se todos os dias na Itália cem provérbios que afirmam que não se deve ter em mente o que o mundo diz ou dirá de ti, que deves proceder como desejas, não curando do juízo alheio e coisas tais. Não quer dizer que os italianos considerem, como os franceses, como a maior das desventuras, a perda ou a alteração da opinião pública a seu respeito e estejam antes prontos, como os franceses bem-educados, para sofrer e sacrificar qualquer coisa que incorrer, ainda injustamente, nesse inconveniente; eles não se consolam de coisa alguma mais facilmente que da perda total (justa ou injusta que seja) da opinião pública e consideram como de pouquíssimo valor quem posterga em favor dessa ilusão seus interesses e suas vantagens reais (ou aqueles que se chamam assim na linguagem da vida), e quem não cuida de incorrer, por amor a ela, em danos ou privações reais, de abster-se de prazeres, posto que mínimos, e coisas tais. Em suma, um italiano *de experiência* não está disposto a sacrificar nenhuma coisa, por mínima que seja, em favor da opinião pública, e esses italianos *de experiência*, que pensam e agem assim, constituem a maioria, ou antes, todos os que são partícipes da pouca vida que se encontra na Itália. Não se pode negar que filosófica e geometricamente falando, eles não tenham muito mais razão que os franceses e que os outros que pensam e agem diversamente e que, por conseqüência, nesse sentido, não sejam, quanto à prática, muito mais filósofos. Condição a que os leva o estado de suas coisas, na qual a opinião pública, pela ausência de sociedade restrita, é na verdade pouquíssimo favorável e pouquíssimo contrária, e a gente, por mais razão que tenha em dizer bem ou mal de um indivíduo, de pensar bem ou mal sobre ele, rapidamente se cansa de um e de outro; se esquece absolutamente das razões que tinha para fazer tal ou qual coisa, ainda que certíssimas e grandíssimas, e torna a falar e a pensar sobre aquela tal pessoa com perfeita indiferença, tal como umas fazem a respeito das outras.

Em segundo lugar, e esta é coisa assaz observável, assim como a opinião pública, a vida não tem, na Itália, não só qualquer fundamento ou verdade, pois que esta nem mesmo algures há de ser encontrada, mas nem ao menos aparência que lhe permita ser considerada como importante. Não digo da total ausência de indústrias e de toda sorte de atividades, a das carreiras políticas e militares, a de qualquer outra instituição de vida e de profissão que leve o homem a almejar um propósito e por meio das expectativas, dos projetos, das esperanças do porvir, extraia o valor da existência, que toda vez que carece da perspectiva de um futuro melhor, toda vez que se restringe apenas ao presente não pode deixar de parecer coisa demasiado vil e sem qualquer valor, porque no presente, isto é, naquilo que está submetido aos olhos, as ilusões não têm lugar, e sem elas a vida carece de importância. Ora, a vida dos italianos é precisamente esta, sem perspectiva de uma sorte futura melhor, sem ocupação, sem propósito, e restrita apenas ao presente. Mas pondo isto de parte e restringindo-nos unicamente à falta de sociedade, certo é que um dos principais e mais relevantes meios que restam hoje aos homens para que não se apercebam da nulidade de suas próprias coisas ou para que não a sintam, posto que a conheçam, para que não sejam, na prática, convencidos da total frivolidade de suas ocupações e da total incapacidade da vida de ser cultivada, investigada e experimentada com fadigas e solicitude, um, digo, dos principais meios, quiçá o principal, é a sociedade. O homem é um animal imitativo, que segue exemplos. Esta é coisa provada. Ele tem sido sempre assim, mesmo depois de emancipado (se chegar a sê-lo) do jugo das crenças e da forma de pensar e de ver alheia; e também filósofo: ele o é menos que os outros, mas, ainda assim, em grande parte. Essa imitação é especialmente dirigida a seus semelhantes; o exemplo que o homem adquire é sobretudo deles que o toma. Uma parte maior ou menor, mas sempre alguma parte, não só de sua conduta, não só de seu caráter, de seus costumes, não só de seu espírito em geral, mas de seu próprio intelecto e de sua forma de pensar depende do exemplo alheio, imita-o, é governado e modificado por ele, isto é, principalmente pelo exemplo dos semelhantes com quem convive, seja esse convívio realizado através da leitura, seja, especialmente, com a própria pessoa, seja de qualquer forma que se queira.[8] Ora, na sociedade restrita, portanto, o ser testemunha constante dos cuidados que os outros se dão (pois que ela os exige e impõe como necessidade, não comparável às naturais, mas, ainda assim, seguramente imperiosa e potente), do peso que se atribuem, ou que, na realidade exterior, de acordo com a lei natural dessa sociedade, mostram atribuir contínua e totalmente às banalidades da própria sociedade e da vida, faz com que cada um, por sua vez, não possa eximir-se, quanto à prática e também quanto a uma certa parte de

seu intelecto, de fazer juízo semelhante da vida e das coisas humanas e de considerá-las como algo pequeno.

A perpétua e plena dissimulação das coisas, dissimulação de que cada um se vale no trato com os outros, com respeito às palavras e às ações, em uma sociedade restrita, e de que cada um é obrigado da mesma forma a se valer continuamente no trato com todos os outros engana, sob certo aspecto, o pensamento e mantém, de qualquer forma, e quanto for possível, a ilusão da existência. Em uma sociedade restrita, até mesmo o homem mais intimamente convicto, pelo raciocínio e mesmo pelo sentimento, de sua própria futilidade, da frivolidade alheia, da inutilidade da vida e das fadigas, da não importância dessa sociedade, até mesmo o mais perfeito filósofo em meditação não pode jamais deixar, não só de não conter-se em ato, como se o mundo valesse mesmo alguma coisa, mas nem mesmo de evitar que uma parte de seu intelecto guerreie contra a outra, afirmando que as coisas humanas merecem algum cuidado e, guerreando, não vença na maior parte do tempo e não convença confusamente a pessoa da referida coisa, a despeito de sua própria convicção. A imaginação que por natureza nos leva a conceder algum valor à vida tem um pascigo na sociedade restrita e a capacidade de conservar alguma parcela de sua ação e influência sobre o homem.[9] Tudo isso não tem lugar na solidão, e menos ainda em uma dissipação diária e contínua, sem sociedade. Na solidão do homem mais sábio, experimentado e desenganado, a distância dos objetos contribui infinitamente para engrandecê-los, abre o campo para a imaginação, em virtude da ausência de verdade, da realidade e da prática, desperta e ressuscita com freqüência as ilusões, ao invés de adormentá-las ou terminar por destruí-las, o espírito do homem torna a criar e a imaginar o mundo à sua maneira; por fim, a ausência de ocupações ou distrações vivas e o pensamento contínuo, não isolado nem desviado, que se dedica necessariamente às coisas presentes e a atenção total do espírito oriunda da ausência de sensações que a transportem aqui e acolá fazem com que por fim se dê peso a objetos mínimos, muito mais do que se dava, e que os outros dão a objetos muito mais importantes (ou considerados assim), e se dedica tanto cuidado que finalmente preenchem todo o tempo, ocupam a vida, algumas vezes abundantemente. A experiência prova-o a quem pôde fazê-la por si ou em outros.[10] Mas a referida dissipação continua sem a presença de sociedade, a que determina a vida dos italianos não carentes, é desprovida do amparo da distância, dos recursos internos da imaginação e do espírito, por ser dissipação e por ter sempre a realidade debaixo dos olhos; por outro lado, também se encontra desprovida dos favores externos da imaginação e de referentes exteriores que mantenham ou realcem as ilusões, pois, como encontrá-las fora da socieda-

de?[11] Por essas razões, os italianos de experiência, destituídos que são de sociedade, sentem, uns mais, outros menos, mas todos, de uma forma geral, mais que os estrangeiros, a futilidade real das coisas humanas e da vida e estão plena, vigorosa e efetivamente convencidos de sua existência, ainda que, em geral, a conheçam muito pouco por meio da razão. E eis que os italianos, na prática, e, em parte, também no intelecto, são muito mais filósofos que qualquer filósofo estrangeiro, pois que eles são muito mais familiarizados e, por assim dizer, convivem e se identificam com aquela opinião e conhecimento que é a soma de toda a filosofia, isto é, o conhecimento da futilidade de todas as coisas e de acordo com esse conhecimento, que neles é antes opinião ou sentimento, são inteira e efetivamente conformados, ainda mais que as outras nações.

Ora, disso resulta o maior dano aos costumes que se possa imaginar. Assim como o desespero, o desprezo e o íntimo sentimento da futilidade da vida são os maiores inimigos do bem agir e os autores do mal e da imoralidade. Resulta daquelas disposições a indiferença profunda, arraigada e vigorosíssima, pela própria pessoa e pelos outros, que constitui a maior chaga dos costumes, dos caracteres, da moral. Não se pode negar; a disposição mais racional e mais natural que um homem desenganado e bem instruído acerca da realidade das coisas e dos homens, sem contudo ser desesperado ou inclinado a resoluções ferozes, mas sereno e pacífico no seu desengano e no seu conhecimento, como a maioria dos homens reduzidos a essas duas últimas condições se apresenta, a disposição, digo, mais racional é a de um pleno e contínuo cinismo de espírito, de pensamento, de caráter, de costumes, de opinião, de palavras e de ações. Conhecendo a fundo e sentindo continuamente a futilidade e a miséria da vida e a má natureza dos homens, não querendo, não sabendo, não tendo coragem ou mesmo com coragem, não tendo força para desesperar-se e chegar aos extremos contra a sociedade, contra a própria pessoa e contra os outros, que seriam sempre igualmente incorrigíveis; querendo ou devendo mesmo viver, resignar-se e ceder à natureza das coisas; continuar em uma vida que se despreza, conviver e relacionar-se com homens que se conhecem como míseros e sem valor, a decisão mais sábia é rir indistinta e habitualmente de todas as coisas e de cada pessoa, começando pela própria pessoa. Esta é certamente a mais *natural* e a mais racional. Ora, os italianos, de forma geral, admitindo-se a diversidade de proporção que é necessário supor nas diversas classes e indivíduos quando se trata de uma nação inteira, agarraram-se todos a essa decisão. Os italianos riem da vida, e riem ainda mais e com mais sinceridade e convicção íntima de desprezo e frieza que qualquer outra nação. Isso é perfeitamente natural, porque a vida, para eles, vale muito menos do que vale para os outros e porque é certo que os caracteres mais vivos e arden-

tes por natureza, como o caráter dos italianos, tornam-se os mais frios e apáticos quando combatidos por circunstâncias superiores às suas forças. Assim é com os indivíduos, assim é com as nações. As classes superiores da Itália são as mais cínicas de todas as que estão em seu nível nas outras nações. O populacho italiano é o mais cínico dos populachos. Os que crêem que em matéria de cinismo a França supere todas as outras nações enganam-se. A Itália a todas sobrepuja. Ela associa a vivacidade natural (ainda maior que a dos franceses) à indiferença por todas as coisas e a uma consideração não significativa pelos outros, oriunda da ausência de sociedade, que faz com que não curem vivamente da estima e da consideração pelos outros, ao passo que a sociedade francesa influi tanto, como se sabe, sobre o povo, que este manifesta tanta consideração, seja pelos próprios indivíduos, ou pelas outras classes, quanto sua natureza comporta. Se os estrangeiros não conhecem bem a forma de tratamento dos italianos, mormente entre eles, isto se deve precisamente à ausência de sociedade na Itália, pelo que é difícil para um estrangeiro ter uma idéia precisa de nossas maneiras sociais ordinárias, uma vez que lhe faltam ocasiões para testemunhá-lo com facilidade e freqüência, pois que, de resto, estamos habituados a poupar os estrangeiros. Mas no nosso próprio convívio, pelas razões referidas, o cinismo é tal que supera com vantagem o de todos os outros povos, naturalmente, guardadas as proporções, a respeito de cada classe. Ri-se de tudo, e esta é a principal ocupação das conversas, mas os outros povos, tão ou mais filósofos que nós, mas detentores de mais vida e, de resto, de mais sociedade, riem antes das coisas que dos homens, riem antes dos ausentes que dos presentes, porque uma sociedade restrita não pode durar se feita de homens continuamente dedicados a escarnecerem uns dos outros e a manifestarem indícios de desprezo mútuo. Na Itália, o riso é sobretudo dirigido para os homens e para os presentes. A *raillerie*, o *persifflage*, coisas tão pouco apropriadas à boa conversação em outros sítios, ocupam e formam todo aquele pouco de conversação verdadeira que há na Itália. Essa é a única forma e a única arte de conversar que se conheça. Quem se distingue nessa arte é entre nós o homem mais experiente e considerado superior aos outros nas maneiras e na conversação, quando algures seria considerado o mais insuportável e o mais alheio à forma de conversar. Os italianos detêm a arte de perseguir reciprocamente uns aos outros e de *se pousser à bout* com as palavras, mais que qualquer outra nação. O *persifflage* dos outros é certamente muito mais fino, o nosso é com freqüência e em geral grosseiro, é uma espécie de *polissonnerie*, mas a despeito de tudo isso, eu lamentaria a sorte de um estrangeiro que competisse e se confrontasse com um italiano em questão de *raillerie*. Seus golpes, posto que menos artificiosos, são perfeitamente capazes de des-

concertar irremediavelmente quem quer que não esteja afeito à nossa maneira de combater e que não saiba combater de outra forma. Assim, um homem perito em esgrima é com freqüência desconcertado por um imperito, ou um esgrimista sereno, por um furioso e em estado de excitação. Os italianos não carentes passam o tempo escarnecendo-se mutuamente, ferindo-se até ver sangue. Assim como em outros sítios o mérito maior é respeitar os outros, poupar-lhes o amor próprio, sem o que não pode haver sociedade, adulá-los sem baixeza, esforçar-se para que os outros estejam contentes convosco, na Itália o principal e o mais necessário dote de quem deseja conversar é mostrar com palavras e com maneiras toda sorte de desprezo pelos outros, ofender-lhes quanto possível o amor próprio, deixá-los pouco satisfeitos de si mesmos e, por conseqüência, de vós, além dos limites do possível.

São incalculáveis os danos que sobrevêm aos costumes desse hábito de cinismo, ainda que, na verdade, seja o mais condizente com o espírito inteiramente desenganado, íntima e concretamente filósofo, e todas as condições e propriedades de nossa forma de tratar um ou outro anteriormente citadas. Não respeitando os outros, não se pode ser respeitado. Os estrangeiros e os homens de boa sociedade não respeitam os outros com outra intenção que não a de também serem respeitados e poupados, e o alcançam. Mas na Itália não se poderia alcançá-lo, porque onde todos estão armados e combatem uns contra os outros, é necessário que cada um cedo ou tarde se decida e aprenda a armar-se e combater, do contrário, será oprimido pelos outros, sendo inerme e não se defendendo, ao invés de ser poupado. É também necessário que se aprenda a ofender. Não se podem alcançar essas coisas antes que se contraia um hábito de desestima, desprezo e indiferença suprema por si mesmo, porque não há nada mais nocivo nesse gênero de colóquio que ser delicado e sensível a respeito de si mesmo. Além do que, nesse caso, todas as chufas precipitam-se sobre vós, se vos mantendes tímido e incapaz de ofender por medo de sofrer na mesma medida e atrair novos sofrimentos, impossibilitado de defender-se convenientemente porque a paixão impede a liberdade e a franqueza do pensar e do agir e a adequação e desenvoltura das defesas. Basta que alguém se mostre sensível às puncturas habitual ou presentemente para que os outros acirrem o desejo de molestá-lo e aniquilá-lo. Além disso, de qualquer forma, ver-se como objeto de zombaria produz necessariamente desestima por si mesmo e, por outro lado, uma indiferença, com o passar do tempo, a respeito da própria reputação. Quem não conhece a influência nociva dessa indiferença sobre os costumes? E certamente, o principal fundamento da moralidade de um indivíduo, ou de um povo, é a estima constante e profunda que ele tem de si mesmo, o cuidado que tem em conservá-la com ele (não se pode conservá-la ven-

do que os outros te desprezam), o zelo, a delicadeza e sensibilidade a respeito da própria honra. Um homem sem amor-próprio, ao contrário do que se diz vulgarmente, não pode ser justo, honesto, virtuoso de caráter, inclinações, costumes e pensamentos.

Demais, a conversação que tem lugar na Itália (que ocorre, em sua maior parte, antes nos cafés e redutos públicos que nos privados, em cujos domínios não se conversa propriamente, mas se joga, se dança, se canta, se toca, se passeia, sendo desconhecidas na Itália as verdadeiras conversações privadas que se usam algures); aquele pouco, digo, de conversação que tem lugar na Itália, não sendo senão uma verdadeira e contínua guerra sem trégua, sem tratados e sem esperança de rendição, ainda que esta guerra seja de palavras e de maneiras e a respeito de coisas sem nenhum substrato, é evidente quanto ela deva desunir e alienar os espíritos uns dos outros, ofendidos em seu amor-próprio e quanto, por conseqüência, seja perniciosa aos costumes, ao se tornar, por um lado, um exercício e, por outro, um estímulo à ofensa mútua e à inimizade de uns pelos outros, e é precisamente nisso que consiste o mal moral e a perversidade dos costumes e a maldade moral das ações e dos caracteres. Cada indivíduo, ofendido e combatido pelos outros, deve necessariamente limitar e concentrar todo o seu afeto e inclinação por si mesmo, o que se chama precisamente egoísmo, aliená-los dos outros e dirigi-los contra eles, o que se chama misantropia. São as maiores chagas deste século. De modo que as conversações na Itália são um ginásio onde, através de ofensas verbais ou de maneiras, aprende-se, por um lado, e recebe-se estímulo, por outro, a fazer mal aos semelhantes, por meio das ações. No que reside a ruína e a infelicidade social e moral. E esta é a soma da pravidade e corrupção dos costumes. Também é visível quanto hão de arruinar o amor e espírito nacional essas maneiras de conversar que usamos para tratar e considerar os outros, demasiado diversas das que se usam com irmãos, e adquirimos ou mantemos e alimentamos um espírito hostil pelos mais próximos. Ao passo que nas outras nações, a sociedade e conversação, respeitando-se e alimentando-se, por parte de todos, o amor-próprio de cada um, constituem um meio poderosíssimo de amor mútuo, tanto nacional quanto social; na Itália, pela razão contrária, a própria sociedade, escassa como é, é um meio de ódio e desunião, recrudesce, desenvolve e inflama a aversão e as paixões naturais dos homens contra os homens, mormente os mais próximos, os que mais importa amar, beneficiar ou poupar; tanto que, nesse caso, seria muito melhor que não ocorresse e que os italianos jamais conversassem entre eles senão no uso doméstico e pelas necessidades usuais, como certas nações pouco polidas e muito carentes, ou muito ocupadas e industriosas. Certamente a sociedade que se estabelece na Itália é inteiramente daninha aos costumes e ao caráter, e não apresenta qualquer benefício.

Essas são as conseqüências da sociedade escassa e da vida escassa que se encontram na Itália. Da sociedade escassa, resulta que não há boa sociedade, e a sociedade escassa que existe arruína a moral. Isso também se deve, como disse, ao desprezo pela vida que naturalmente se dá, mais do que nos outros, nos que não gozam de quaisquer favores, e por isso ela não vale nada, tanto em virtude das outras circunstâncias, como também, em razão da ausência de boa e não tediosíssima sociedade. A sociedade escassa e a vida escassa (isto é, pouca ação) tomam vulto pelas coisas supracitadas, que são naturalmente sinônimas de sociedade e vida molesta, desregrada, tediosa e imoral.

Todos ou grande parte dos inconvenientes especificados acima[12] também ocorrem, guardadas as proporções, nas nações mais sociáveis e nas melhores conversações. Por toda parte existem inconvenientes, por toda parte a sociedade e o homem, considerado tanto como indivíduo quanto como ser social, é imperfeitíssimo. Demais, seus defeitos e os da sociedade e os inconvenientes dessa sociedade, tomados sob o aspecto geral e de passagem, são por toda parte os mesmos, mormente nestes tempos de grandíssimo intercâmbio de toda espécie e, portanto, de conformidade entre as nações civilizadas, mesmo as mais distantes. É impossível designar ou descrever um defeito e um inconveniente próprio de uma nação, em geral, que não se encontre completamente igual ou com pouca diferença e variação nas outras. Não pretendo, portanto, atribuir exclusivamente à Itália os distúrbios a que me referi. Estou bem longe de conceber um mundo diverso e mais belo que o nosso nos países que meus olhos não divisam. Em particular, onde quer que haja sociedade, o homem procura sempre promover-se, de qualquer forma e através de qualquer meio, através do aviltamento dos outros, e fazer dos outros um escabelo para si próprio (quer se trate de palavras ou de ações), e em nenhum país o amor-próprio vem desacompanhado da aversão que se sente e da perseguição que se empreende contra os próprios semelhantes, mormente contra aqueles com quem se convive e que mais de perto nos dizem respeito, seja quanto aos interesses ou ao uso cotidiano. E isso mais do que nunca sucede entre os povos civilizados, e hoje, mais do que em qualquer outra época, sendo reconhecido como característico deste século e como conseqüência necessária das opiniões e do estado atual dos povos aquela espécie de amor-próprio que se chama egoísmo, a pior de todas as espécies. Mas, além de as variações dos defeitos e inconvenientes humanos e sociais poderem ser diferentes, conforme disse, há também a predominância, e um pode ser dominante e principal em um lugar, e outro, em outro. O que pretendo, portanto, dizer é que os inconvenientes mencionados, pelas causas e circunstâncias especificadas, são maiores aqui que em outros sítios, são os dominantes na Itália, da

pior natureza, mais vigorosos, mais graves, mais vastos, freqüentes e divulgados, mais danosos, mais característicos e nítidos em nossa sociedade e em nossa vida que alhures.

Observa-se, pelo que foi dito acima, que a Itália talvez seja, a respeito da moral, mais desprovida de fundamentos que qualquer outra nação européia e civil, pois que carece dos fundamentos primitivos e hoje confirma, cada dia mais, a própria civilização por meio do progresso, além de ter perdido aqueles que o progresso da civilização e dos conhecimentos tem destruído. É por um lado inferior às nações mais cultas ou certamente mais instruídas, mais sociáveis, mais ativas e mais vivas que ela, e por outro, às menos cultas, instruídas e sociáveis que ela, como a Rússia, a Polônia, Portugal, a Espanha, que ainda conservam uma grande parte dos preconceitos dos séculos passados e em virtude da ignorância têm uma garantia maior para a moral, conquanto careçam daquela que a sociedade e o sentimento nobre da honra dão à moral. O estado da Espanha, em particular, anterior à revolução, inspirou Chateaubriand a dizer que quando os outros povos consumidos e envelhecidos pelo excesso de civilização e, por conseqüência, pela corrupção teriam perdido todas as virtudes e, com elas, toda a força, valor e energia, a Espanha, ainda fresca, ainda próxima da natureza, encontrar-se-ia naquele estado de vigor oriundo dos princípios e dos costumes não corrompidos de uma nação mantida distante e ao abrigo do comércio com outros povos; e que aquela teria sido a época em que a Espanha voltara a resplender e ressurgira superior às outras nações na Europa, como sendo a única não corrompida. E nisto, como em muitas outras coisas, e como conseqüência necessária de muitos princípios falsos que guardava, enganava-se grandemente. Talvez se poderá discutir, e não pouco, se a civilização antiga deva ser anteposta ou posposta à moderna, quanto à felicidade, tanto do homem quanto dos povos, e à virtude, valor, vida, energia e atividade das nações. Mas o estado da Espanha em nada se relaciona ao da antiga civilização. Tudo o que na Espanha (e os povos que a ela se assemelham) se distingue dos outros povos da Europa (prescindindo das características necessariamente ocasionadas pelo clima e caráter nacional: diferenças que se encontram entre todas as nações, posto que civilizadíssimas) concerne à barbárie dos tempos remotos, é uma derivação, ou antes, uma continuação daquela. Se a Espanha difere das outras nações européias e de suas vizinhas, mais do que todas essas diferem entre si, mesmo entre as mais distantes, isto não ocorre porque ela conserva algo de antigo, de preservado, de readquirido, mas porque ela conservou da barbárie da Idade Média muito mais que todas as outras nações civilizadas juntas. Ora, os costumes, as opiniões e o estado antigo favoreciam, motivavam e geravam o grande, mas os dos tempos remotos, considerando-os de maneira

geral, jamais favoreceram ou produziram algo de grande, nem sua natureza é propícia a produzir ou comportar verdadeira grandeza, seja do indivíduo ou, muito menos, das nações. É uma maneira enganosíssima de ver a que considera a civilização moderna como a que liberta a Europa do estado antigo. Esse falso conceito corrói de forma geral o juízo e a verdadeira forma de pensar sobre a História e as vicissitudes do gênero humano e das nações, e é um erro ou um equívoco primário que perturba e subverte toda a idéia que um filósofo pode conceber à larga sobre a referida História e sobre os progressos e andamento do espírito humano.[13] O ressurgimento referiu-se à barbárie dos tempos remotos, não do estado antigo; a civilização, as ciências, as artes, os conhecimentos, renascendo, progredindo e difundindo-se, não nos libertaram do antigo, mas da total e horrenda corrupção do antigo. Em suma, a civilização, na Europa, não nasce no quatrocentos, mas renasce. Seguramente ela não é conforme à primeira, antes, *beaucoup s'en faut*; as circunstâncias não o consentiram e talvez a tenham afastado mais do que nunca com o tempo, e afastando cada dia mais, mas por tornar-nos diversos dos antigos, talvez se possa duvidar de que ela beneficie os indivíduos e as nações e que favoreça a felicidade, virtude e grandeza, tanto de uns, considerados separadamente, quanto das outras, consideradas todas em massa, e todas juntas. O grandíssimo e incontrastável benefício da civilização renascida e do ressurgimento dos conhecimentos é ter-nos libertado daquele estado igualmente distanciado da cultura e da natureza, próprio dos tempos remotos, isto é, dos tempos degeneradíssimos; daquele estado que não era civilizado nem natural, isto é, própria e simplesmente bárbaro, daquela ignorância mais profunda e mais danosa que a das crianças e a dos homens primitivos, da superstição, da vilania e covardia cruel e sanguinária, da inércia e timidez ambiciosa, intrigante e opressiva, da tirania à moda oriental, inquieta e mortífera, do excesso de duelo, do feudalismo, da baronia, da vassalagem, do celibato voluntário ou imposto, eclesiástico ou secular, da ausência de indústrias, deterioração e definhamento da agricultura, do despovoamento, pobreza, fome, peste, que seguiam de perto essas causas, dos ódios hereditários e de família, das guerras contínuas e mortais, devastações e incêndios do campo e da cidade, entre rei e barões, rei e súditos, barões e barões, barões e vassalos, cidade e cidade, facções e facções e subdivisões de partidos, famílias e famílias, do espírito não de heroísmo, mas de cavalaria e violência, da ferocidade jamais usada em favor da pátria ou da nação, da total ausência de nome, de amor nacional e pátrio e de nações, das desordens horríveis no governo, antes, do não-governo, da não-lei, da não-forma estabelecida de república e administração, incerteza da justiça, dos direitos, das leis, das instituições e regras, tudo a cargo do poder, do juízo e da vontade da força, dominada e

utilizada, na maioria das vezes, sem a coragem, e coragem não disposta em favor da pátria e dos perigos que ela poderá enfrentar, nem da glória, mas do dinheiro, da vingança, do ódio, das paixões e ambições baixas, ou das superstições e preconceitos, vícios não revestidos de alguma cor, culpas não zelosas de qualquer justificação, costumes desfaçadamente infames, mesmo dos grandes homens e dos que levam a efeito vida e caráter mais santo, guerras de religião, intolerância religiosa, inquisição, venenos, suplícios horríveis em favor de reis verdadeiros ou supostos, ou inimigos, nenhum direito às gentes, torturas, provas de fogo e coisas tais. A civilização moderna libertou-nos desse estado; estado de que ainda existem notáveis vestígios; seus progressos diários nos vão libertando sempre mais; de seus efeitos, de seus progressos e das opiniões que os favorecem procura libertar-nos essa nova filosofia, nascida, pode-se dizer, há menos de dois séculos, e dedicada propriamente a resgatar e aperfeiçoar nosso ressurgimento dos abusos, preconceitos (ainda piores que a ignorância), depravação e barbárie dos tempos remotos; digna unicamente de louvor, gratidão, glória, estima, atenção e que, portanto, traz apenas vantagens ou, ao menos, principalmente vantagens. Esse estado e natureza das coisas, propriamente falando, ou seus efeitos e progressos, ou os usos, as opiniões e as formas que lhes são concernentes ou correspondentes, amam, defendem, louvam, procuram reter e salvar da destruição a que foram conduzidos os inimigos da moderna filosofia, os que choram, condenam, censuram, refutam, combatem a civilização moderna, os conhecimentos do século e seus progressos e os que fizeram coisa semelhante nos séculos passados, os que retomam ou retomaram o antigo e são chamados de seus defensores, conservadores e o tomam como sua divisa, gritam e indignam-se contra a novidade; ao passo que o verdadeiro antigo é, em grande parte, precisamente o que eles combatem, e não há coisa mais propriamente antiga que muitíssimas das que eles chamam novidades, que impugnam como tais e com que se surpreendem gravemente, como coisas até então ignotas ao gênero humano e contrárias à experiência e, portanto, perniciosíssimas. Ver os meus pensamentos.[14]

Por essa digressão, tornando ao propósito, digo que a Espanha, em particular, e, com ela, as nações da Europa ou de outros lugares que se lhes assemelham, mais ou menos, ainda que submetidas a inúmeros inconvenientes e a um estado, na verdade, não invejável, mantêm, no entanto, algum resíduo de fundamento para a moral pública e privada, além da força, nos próprios preconceitos, na ignorância de tantas coisas reveladas pelos conhecimentos modernos e no progresso, não irrelevante, da barbárie da Idade Média. A Itália carece desse fundamento, e ele não é compensado por aquilo que a própria civilização moderna oferece às nações da Europa e da América mais sociáveis e mais vivas que ela.

Os italianos possuem antes usanças e hábitos que costumes. São poucas as usanças e os hábitos que podem ser chamados de nacionais, mas estes poucos e os outros, muito mais numerosos, que se devem chamar de provinciais e municipais, são antes seguidos unicamente por usança que por espírito nacional ou provincial, por força da natureza, porque adulterá-los ou omiti-los é muito perigoso pela parte da opinião pública, como é nas outras nações, e porque ainda que o fosse, esse perigo é muito temido. Mas esse perigo não existe realmente, porque o espírito público na Itália é tal que, salvo o que é prescrito pelas leis e ordenanças dos príncipes, permite a cada indivíduo uma liberdade quase que total de agir em todo o resto como lhe agradar, sem que o público intervenha ou, intervindo, seja coisa esperada, ou jamais intervenha de forma a produzir discórdia e submeter demais as coisas a seu apreço ou desapreço, aprovação ou desaprovação. Os usos e costumes na Itália reduzem-se geralmente a isto, que cada um siga os próprios usos e costumes, quaisquer que sejam eles. Os usos e costumes gerais e públicos não são, como disse, senão hábitos e não são seguidos senão por uma vontade libérrima, determinada quase que unicamente pelo hábito material, de ter sempre feito aquela tal coisa daquela tal forma, naquela tal época, de ter visto fazerem-na os antepassados, de ter sempre sido feita, de ver os outros fazerem-na, de não curar de fazê-la ou não pensar em fazê-la de outra maneira, ou de não a fazer (para o que bastaria o querer); fazendo-a, de resto, com suprema indiferença, sem dar-lhe qualquer importância, sem que o espírito nacional, ou qualquer outro, tenha aí qualquer participação, considerando igualmente significativo fazê-la ou negligenciá-la e adulterá-la, não a negligenciando ou adulterando precisamente porque não importa absolutamente nada, e na maioria das vezes, com desprezo e, com freqüência, rindo-se ou escarnecendo-se daquele tal uso ou costume.[15]

De todas as coisas consideradas acima como causas da total ausência ou incerteza de bons costumes na Itália e também da ausência de costumes propriamente italianos (cuja ausência é sempre companheira e causa de maus costumes), segue-se um efeito real, que pode parecer um paradoxo, isto é, que (assim como há propriamente mais costumes) há costumes melhores ou menos nocivos nas capitais e grandes cidades da Itália que nas províncias e nas cidades secundárias e pequenas. A razão é que há naquelas um pouco mais de sociedade, portanto, um pouco mais de existência real dessa opinião, portanto, um pouco mais de desvelo e espírito de honra e zelo pela própria fama, um pouco mais de necessidade e solicitude de ser igual aos outros, um pouco mais de costume e, portanto, de costume bom ou menos nocivo. Ao contrário do que poderia parecer verossímil, as pequenas cidades e as províncias da Itália mantêm costumes ainda piores e mais irregulares que as capitais e as grandes

cidades, que haveriam de ser vistas como as mais corruptas, e como tais têm sempre sido consideradas, e se consideram, em geral, ainda hoje, mas injustamente. Em geral, é certo que, após a destruição ou afrouxamento dos princípios morais fundados na convicção, destruição causada pelo progresso e difusão dos conhecimentos, se verifique uma determinada coisa que, afirmada com freqüência, talvez tenha sido falsa em todas as outras épocas, isto é, que no mundo civilizado, as nações, as províncias e cidades, as classes, os indivíduos mais cultos, mais polidos, sociáveis, experimentados no mundo, instruídos, em suma, mais civilizados são os mais desregrados e imorais na conduta, e em parte, nos princípios, isto é, nos princípios de moral que se fundam em discursos e razões inteiramente humanos. Tudo isso é realmente verdadeiro na Itália, em geral, não só quanto às cidades e províncias, mas também quanto aos indivíduos e às classes, ao menos, quanto às não trabalhadoras, comparadas entre si. E talvez, em alguns lugares, as classes civilizadas hão de ser mais virtuosas, por exemplo, ter mais boa-fé, também se comparadas às classes laboriosas; tanta é a difusão dos princípios destrutivos da moral na Itália quanto algures. Esses princípios não têm nas classes baixas outra coisa que os compense, além do que, não são acompanhados, nessas classes, pelos outros princípios que resfriam as paixões e os desejos dos homens sábios e experimentados na natureza e valor dos bens humanos. Pelo que a destruição e o afrouxamento dos princípios morais (que é o efeito mais rápido e mais fácil da difusão dos conhecimentos, porque é nimiamente favorecido pelas inclinações naturais e é o conhecimento que mais facilmente penetra e se retém) são acompanhados em tais classes com o mesmo ardor de cupidez e de paixões que manifestavam anteriormente, e esse estado é o mais pernicioso, o mais favorável, antes, o necessário companheiro para o desregramento que possa jamais existir; além da vileza de pensamentos, da baixeza de espírito, da autoestima precária, própria de tais condições. Discorra-se da mesma forma, guardando as proporções, sobre as outras classes, províncias, populações, nações, comparando-se umas às outras. A civilização que sob muitos aspectos é chamada, com verdade, de corrupta, mesmo infundindo o espírito de honra mediante a vivência da sociedade, o apreço pela opinião pública, o zelo e solicitude por aquilo que os outros pensam e dizem de nós, ou possam pensar e dizer, coisa comum nestes tempos, quanto estando ausentes, mais ou menos, os outros princípios morais, os outros reforços e garantias da moral, os costumes, nos lugares em que a civilização é menos desenvolvida, são mais corruptos ou, em suma, mais nocivos. Nas outras épocas, isso não poderia ocorrer, porque os outros fundamentos da moral pública e privada não estavam destruídos e jamais se afrouxaram; e qualquer um dos outros fundamentos é muito

maior, mais respeitável e íntegro do que o que a civilização oferece (fundamento assaz superficial, mas para ser tido como caríssimo, sendo o único possível); pelo que, sendo a civilização menos desenvolvida e havendo outros fundamentos (que a civilização tem sempre *sapés*), a moral devia ser melhor que onde a civilização era mais desenvolvida. De resto, a civilização hoje repara, de alguma forma, seus próprios danos, no que diz respeito aos costumes, quando ela esteja ainda em um certo nível e, portanto, não poderá trazer maior benefício para os costumes que promovê-la e expandi-la o mais que se possa, por um lado, como remédio para si própria e, por outro, para o que ainda permanece da corrupção extrema e barbárie dos tempos remotos ou que lhe é concernente e corresponde a seu espírito, ao impulso transmitido e aos vestígios que ela deixou nas nações civilizadas. Falando sumariamente e sem dissimulação, mas claramente, a moral propriamente foi destruída, e não é possível que ela possa ressurgir por ora, nem quem sabe quando, e não se vê como possa ocorrer; os costumes podem conservar-se, de certa forma, e somente a civilização pode fazê-lo e ser instrumento para isso, quando esteja em um nível elevado.

Até aqui consideramos a ausência de sociedade entre os italianos. A ela se deve acrescentar como uma outra causa desses mesmos efeitos ou de outros semelhantes a natureza do clima e do caráter nacional que dela depende e resulta. É tão admirável e semelhante a um paradoxo quanto verdadeiro que não há povo tão próximo da frieza, da indiferença, da insensibilidade e de um grau tão elevado, profundo e constante de frieza, insensibilidade e indiferença como os que são por natureza mais vivazes, mais sensíveis, mais ardentes. Se esses povos ou indivíduos forem colocados em um estado e em circunstâncias políticas ou quais que sejam, em que nada se ofereça à imaginação e à ilusão, antes, tudo contribua para o desengano, esse desengano, pela própria vivacidade de sua natureza e na razão direta dessa vivacidade é completo, total, fortíssimo, profundíssimo. A indiferença que se segue é perfeita, tenacíssima, freqüentíssima; a inatividade, se é possível falar assim, vigorosíssima; a negligência, efetivíssima; a frieza é verdadeiro gelo, como ocorre com o calor excessivo, que traz vapores a altura tal que em contato com o mais duro gelo, precipitam, reduzidos a granizo. Os povos setentrionais menos incisivos quanto às ilusões são também menos frios com respeito ao desengano. Demais, são menos propensos a esse desengano. Pouco basta para alimentar-lhes a imaginação e conservar-lhes as ilusões. Digo dos indivíduos pouco sensíveis. Mas a grande força do sentimento e da imaginação necessita de muito alimento, de reforços vivos, de alguma nutrição nas coisas reais. Do contrário, volvendo a sua força e o seu calor para si mesma, consuma-se tão depressa e tão completamente quanto essa força e

esse calor forem maiores e mais ativos. Um espírito delicado posto em contato com a dureza das coisas reais e, por assim dizer, friccionado com elas, torna-se tão depressa e tão extraordinariamente obtuso quanto mais agudo e fino era, e tão mais fácil e profundamente se torna calejado quanto mais delicado, flexível e tenro era. Assim ocorre com o físico, assim ocorre com a moral. Ora, se nós considerarmos, por um lado, essa propriedade inseparável dos espíritos vivazes e sensíveis, isto é, de cair mais fácil e profundamente nas qualidades contrárias (propriedade comum a todos os excessos, sempre inclinados e próximos a seus opostos), e isto em igualdade de condições a respeito dos espíritos serenos, moderados ou frios e sensíveis por natureza; e por outro lado, que no nosso caso essa paridade de condições não existe, mas que a Itália se encontra em um estado, quanto às coisas reais que favorecem a imaginação e as ilusões, muito inferior ao de todas as outras nações civilizadas (falo das condições de vida, e não do clima e naturais que, aliás, são danosas pelas referidas razões), não nos surpreenderia que a Itália, a mais vivaz de todas as nações cultas e a mais sensível e ardorosa por natureza, seja agora, pelo hábito e pelo caráter adquirido, a mais morta, a mais fria, a mais filósofa em prática, a mais circunspecta, indiferente, insensível, a mais difícil de ser estimulada por coisas ilusórias e menos ainda, de ser governada pela imaginação por um único momento, a mais racional no agir, e na conduta, a mais pobre, ou antes, inteiramente desprovida de obras da imaginação (com as quais, por uma vez, antes, por duas vezes superou com vantagem todas as nações que nos superam hoje), de poesia, qualquer que seja (não falo de versificação), de romances[16] e a mais insensível ao efeito de tais obras e gêneros (próprios ou estrangeiros). E, por outro lado, não há de surpreender que os povos setentrionais, mormente os mais setentrionais, sejam hoje os mais ardorosos de espírito, os mais imaginosos nas obras, os mais estimulados e governáveis pelas ilusões, os mais sentimentais de caráter, de espírito, de costumes, os mais poetas nas ações e na vida, nos escritos e na literatura. Essa é uma verdade que de fato salta aos olhos, embora pareça singular e monstruosa. E para citar um exemplo, onde mais, senão na Alemanha e nas profundezas do setentrião poderiam conservar-se e subsistir aos nossos tempos, em meio a tanta dissipação de ilusões, a sociedade dos Irmãos Moravi e muitas outras instituições e costumes fundados apenas nos princípios e na força das opiniões? e opiniões certamente não conformes à exata, seca e fria filosofia geométrica moderna.

O que dizer do quakerismo, que ainda perdura? e numerosas coisas semelhantes da Inglaterra, Alemanha e de outros povos do Norte? Não sejam confrontadas com semelhantes práticas, religiosas ou quaisquer que sejam, dos italianos, porque estas, na Itália, como disse, são usos e

hábitos, não costumes, e todos se riem disso, e na Itália não se encontram mais verdadeiros fanáticos de qualquer espécie, a não ser entre os que por suas próprias condições têm interesse na conservação de alguma forma de fanatismo ou de ilusões. Seguramente as referidas práticas dos setentrionais sabem inteiramente a antigo, não a moderno, e parecem incompatíveis com nossos tempos, quase como se fossem enxertos da antigüidade nestes tempos. E note-se que essas práticas são, em grande parte, e talvez em sua maioria, de origem moderníssima, antes, são nascidas das modernas revoluções de opiniões e de política, e diariamente nascem outras semelhantes.[17]

Tudo isso, torno a dizer, parece monstruoso e contraditório, se não for explicado com as considerações feitas acima. Mas é fato. Os povos meridionais superaram todos os outros em imaginação e, portanto, em todas as coisas, nos tempos antigos; e os setentrionais, pela mesma imaginação superam em muito os meridionais, nos tempos modernos. A razão é que nos tempos antigos o estado real das coisas e das opiniões ponderadas favorecia tanto a imaginação quanto os tempos modernos a desfavorecem. E, portanto, na prática, a imaginação dos povos meridionais era tanto mais ativa que as dos setentrionais quanto é o contrário, porque a frieza da realidade exerce força tanto maior sobre a imaginação e os caracteres quanto mais vivos e ardorosos forem. E certamente as nações setentrionais, mormente o povo, são hoje muito mais semelhantes às antigas do que as nações, mormente o povo do meio-dia, donde resulta que, devendo escolher entre os climas e os caracteres naturais dos povos uma imagem da antigüidade, ninguém duvidaria em escolher os meridionais, e os setentrionais, por outro lado, como imagem do moderno.

A propósito dessas observações, seja dito de passagem, que eu não duvido em atribuir, em grande parte, a resoluta e visível superioridade atual das nações setentrionais sobre as meridionais, seja em fato de política, literatura, seja em qualquer coisa, à superioridade de sua imaginação. Nem esta, nem aquela, por conseqüência, devem ser consideradas coisas acidentais. Parece ter chegado o tempo do setentrião. Até então o meio-dia tem brilhado e prevalecido no mundo. Ele tinha realmente sido destinado a brilhar e predominar em tempos como foram os antigos. Na mesma proporção, o setentrião destina-se propriamente a ocupar o cume em tempos da natureza dos modernos. Isso se observou em parte, em vista das condições semelhantes dos povos civilizados, na Idade Média. E assim como a referida natureza e disposição dos tempos modernos não é acidental nem parece poder ser passageira, a superioridade do setentrião não deve ser julgada acidental nem se deve esperar que passe, ao menos em um espaço de tempo previsível. A exuberância e o excesso de vida cedem à mediocridade e à escassez da vida, quando ela não tem

mais como alimentar-se na realidade das coisas e do estado social, e as opiniões ponderadas lhe oferecem opinião e oprimem-na.[18]

Como a vida e a força interior e do espírito são naturalmente maiores entre os povos meridionais e entre os indivíduos sensíveis e os engenhos argutos do que nos outros, eles são, quanto às suas ações e ao seu caráter, mais determinados e dirigidos, por assim dizer, pelo espírito e menos máquinais que os outros povos e indivíduos. Portanto, quando seus princípios e convicções são contrários às ilusões, são frios e conduzem à indiferença, à aridez, a puro cálculo, seus caracteres e ações também são inteira e constantemente frios, indiferentes, insensíveis, ainda mais que nos outros povos e indivíduos, até mesmo os mais instruídos, mais filósofos, mais providos de princípios contrários às ilusões e às fantasias e que conduzem à frieza, à indiferença, à insensibilidade. A correspondência entre os princípios e a prática é muito maior e mais constante naqueles do que nos outros.

FIM DE "DISCURSO SOBRE O ESTADO ATUAL DOS COSTUMES DOS ITALIANOS"

Páginas Escolhidas do *Zibaldone*

Miscelânea de Pensamentos

Tradução
Vera Horn

Acreditamos oportuno fazer chegar ao leitor brasileiro uma pequena amostra desse admirável laboratório poético e filosófico que é o *Zibaldone*. A idéia desse estranho e belo diário (que do caos devia servir para engendrar uma obra de arte, quase a estrela de Nietzsche) chegou a Leopardi através de d. Giuseppe Vogel, em 1809. Iniciado em 1817, o *Zibaldone* será apenas interrompido em 1832. Data de 1827 a compilação do índice feita por Leopardi. Vemos aqui fragmentos de futuros poemas, observações de ordem moral e quotidiana, meditações metafísicas, inscrições literárias, genealogias poéticas, pequenas e flutuantes cosmologias, tudo isso marcado por uma impressionante solidão. Não menos impressionante sua capacidade de leitor e de pensador, um leitor dramático, eruditíssimo, ao qual se poderia assemelhar apenas Giambattista Vico, autor da Scienza Nuova, de que em parte também dependem as considerações de Leopardi. Temos no Zibaldone um afresco da literatura e da filosofia ocidental que atravessa toda sua obra. Destas páginas selecionadas, entre a confissão e a teoria, impossível não se emocionar o leitor (com uma profunda piedade cósmica) ao se deparar com os palimpsestos do jovem Leopardi.

M.L.

Primeira Parte

Considerações Estéticas

Uma casa no ar, suspensa por cordas a uma estrela.

(1º de outubro de 1820)

Seu divertimento era vaguear contando as estrelas (e similares).

(16 de outubro de 1820)

Ouço, do meu leito, soar (bater) o relógio da torre. Reminiscências daquelas noites de verão em que, criança, sozinho no leito do quarto escuro, fechadas as únicas persianas, entre temeroso e destemido, ouvia bater um relógio assim. Ou ainda, situação transportada à profundidade da noite ou à manhã ainda silenciosa e à idade consistente.

Punge-me ouvir na madrugada seguinte ao dia de qualquer festa o canto noturno dos vilões peregrinos. A infinitude do passado vem-me à mente, quando penso nos romanos, derrotados após tanto estrépito e tantos acontecimentos já passados, que comparo dolorosamente à profunda quietude e ao silêncio da noite, fazendo-me perceber o que favorecia o ressalto daquela voz ou canto vilanesco.

A voz e o canto das ervas orvalhadas que pela manhã louvam e agradecem a Deus, como a das plantas, etc (Sanazzaro) parecem-me imagem notável e semelhante à dos rabinos quando entoam o hino matutino ao Sol, como também a outra imagem de Sanazzaro, de um país *muito estranho, onde as gentes nascem negras como azeitona madura, e onde o Sol é tão baixo que pouco faltaria, se não queimasse, para tocá-lo com as mãos.*

Uma outra similitude pode ser a do agricultor que, enquanto faz a colheita e os feixes jazem esparsos pelo campo, vê o tempo escurecer e um granizo terrível arrebatar-lhe irreparavelmente o trigo de sob a foice, e ele, todo absorto em recolhê-lo, vê como que arrancar-se-lhe das mãos, sem que possa impedi-lo.

Belo tempo era aquele em que todas as coisas eram vivas de acordo com a imaginação humana e humanamente vivas, isto é, habitadas ou compostas por seres iguais a nós! quando em bosques desertíssimos, acreditava-se que ali habitassem as belas Amadríades, os faunos, os silvanos e Pã, etc, onde, entrando e deparando-te com a mais completa solidão, tu o crias completamente habitado, como as fontes habitadas pelas Náiades, etc. Apertando ao peito uma árvore, a sentias quase palpitar entre as mãos, crendo-a um homem ou uma mulher, como Ciparisso, etc! E assim as flores, etc, como as crianças.

Ditosos sois se não conheceis
As vossas misérias.

Dito, por exemplo, aos animais, às abelhas, etc.

O homem surpreendido em pleno campo por um granizo mortífero e, morto ou ferido, refugia-se sob as árvores e defende a cabeça com as mãos, etc, é sujeito de uma similitude.

As pessoas da cidade, de seus leitos, em suas casas, em meio ao silêncio da noite, despertavam e ouviam com assombro seu pranto medonho, etc.

Pôs um par de óculos feitos da metade do meridiano com dois círculos polares.

Não a Beleza, mas a Verdade, ou seja, a imitação da Natureza é que constitui o objeto das Belas-Artes. Se fosse a Beleza, o mais belo é que proporcionaria maior prazer, e assim chegaríamos à perfeição metafísica, que nos domínios da arte não agrada, mas repugna. Não é válido dizer que a única beleza pertence aos domínios da natureza, porque isto demonstra que a imitação da natureza é que constitui o prazer das belas-artes, ao passo que se fosse a beleza pura, o mais belo, como disse, é que deveria agradar mais, e assim a descrição de um belo mundo ideal agradaria mais que a do nosso. Que a beleza unicamente natural não constitua o propósito das Belas-Artes, observa-se em todos os poetas, mormente em Homero, porque se o fosse, todo grande poeta deveria perseguir a mais suprema beleza natural que se pudesse, donde Homero idealizou Aquiles infinitamente menos belo do que poderia fazê-lo, e assim os Deuses, etc. Anacreonte seria maior poeta que Homero, etc, e nós somos testemunhas de que Aquiles nos é mais agradável que Enéias, donde resulta falso que o poema de Virgílio seja superior, etc. Paixões, mortes, tempestades, etc agradam sobremaneira, ainda que medonhas e por isso mesmo são per-

feitamente imitadas, se é certo o que disse Parini, em *Orazione*, a respeito da poesia, porque o homem odeia o tédio acima de qualquer coisa e, portanto, agrada-lhe a vista de novidades, ainda que feias. Tragédia, Comédia, Sátira têm por objeto a fealdade e é mera questão de nome negar que se trate de poesia. Basta que todos a entendam por poesia, Aristóteles e Horácio singularmente, e que eu, dizendo poesia, entenda inclusive esses gêneros. Ver DATI, *Pittori*, ed. Siena 1795, p. 57, 66.

Agradar-nos-ia sobretudo um animal ou planta vistos ao vivo que pintados ou imitados de outra forma, pois não é possível que a imitação resulte absolutamente perfeita. Mas o contrário ocorre ostensivamente: do que se conclui que a fonte de prazer nas artes não é a beleza, mas a imitação.

O Quatrocentos absteve-se de produzir, mas conservava incorruptível a idéia de beleza; portanto, ainda que não produzisse, apreciava as obras, ou antes, buscava-as, daí o infinito estudo dos clássicos e a erudição do século. O Quinhentos, através do capital adquirido no Quatrocentos e com o encaminhamento do Trezentos, tornou a produzir. Mas o Seiscentos, não porque fosse frágil, mas corrompido, não somente não sabia produzir belas obras, mas as desprezava, ou antes, as aborrecia. Portanto, o esquecimento de Dante e Petrarca, etc, que não mais se imprimiam. No princípio do Setecentos, retomamos não as forças, mas o bom gosto e o amor pelos estudos clássicos e, portanto, a primeira metade desse século assemelha-se ao Quatrocentos, mas não se valoriza grandemente essa época de ressurgimento, porque não produziu (como o Quatrocentos) nenhuma obra de arte, salvo *Merope*, e durou tão pouco que um mesmo homem pôde presenciar a corrupção, o ressurgimento e a decadência. Decaídas nossas letras (na imitação e estudo dos estrangeiros), apareceram na segunda metade do Setecentos e no princípio do Oitocentos nossas últimas obras de arte. Essas são de escritores que se conservam imunes à corrupção, não podem ser estimados por muitos, etc. Mas a arte, no momento, conhece um incrível crescimento, tudo é arte e mais arte, não há mais quase nada de espontâneo, a própria espontaneidade é perseguida a todo custo, através de um desvelo extremo, sem o qual não se pode obtê-la, mas que em tempos remotos, Dante, Petrarca, Ariosto e todos os grandes do Trezentos e do Quinhentos a obtinham naturalmente (especialmente na língua). Isso ocorre porque procedemos de um tempo corrompido (além de vivermos entre corrompidos), e é necessário um imenso desvelo para evitar a corrupção, principalmente a do tempo, que antes de pensarmos em atalhar, já se apoderou de nós, e a dos tempos passados, porque conhecemos hoje todos os vícios da arte e desejamos

atalhá-los, mas não somos simples como eram os gregos, os latinos, os trecentistas e os quinhentistas, porque atravessamos um tempo de corrupção e tornamo-nos astutos em relação à arte e nos esquivamos dos vícios através dessa astúcia e da arte, não da natureza, como faziam os antigos que, desconhecendo por que a arte estava no seu estádio inicial, não ainda corrompida, não se esquivavam, mas também não nos deixamos cair. Eram como crianças que não conhecem os vícios, nós somos como velhos que os conhecemos, mas por sensatez e experiência, nos esquivamos. Temos, porém, muitíssimo mais sensatez e arte que os antigos que, em vista disso, incorriam em defeitos infinitos (não os conhecendo) em que hoje um estudante não se deixaria cair. Vícios de Homero, conceitos de Petrarca, rudezas de Dante, caprichos seiscentistas de Ariosto, de Tasso, de Caro (Tradução da *Eneida*), etc. Portanto, no momento, nossas grandes obras (pouquíssimas, porque nos encontramos em meio à corrupção, de onde poucos emergem) serão acabadas, perfeitíssimas, mas sem originalidade, não mais teremos Homero, Dante, Ariosto. Exemplo evidente de Parini, Alfieri, Monti, etc. Pelo que se observa claramente o que disse anteriormente, isto é, que após as artes infantis e incorruptas fazerem-se maduras e corruptas (como os homens de meia-idade viciosos), envelhecendo e degenerando, não mais poderão retomar o vigor da infância e da juventude. As artes, entre os gregos e latinos, uma vez corrompidas, não mais ressurgiam, mas têm ressurgido entre nós: primeiro exemplo no mundo, até o presente momento, de que se podem retirar as provas práticas da minha afirmação. Contudo, os poetas e outros grandes escritores de hoje estão, de certa forma, para os antigos do Trezentos e do Quinhentos, como os gregos dos tempos de Augusto e dos imperadores, por exemplo, Dionísio de Halicarnasso, Díon, Arriano estão para Heródoto, Tucídides, Xenofonte: mas estes haviam atravessado uma época e encontravam-se ainda em uma época marcada antes pela fragilidade que pela corrupção.

SISTEMA DE BELAS-ARTES

Propósito – o prazer; secundário, acaso – utilitário. – Objeto e meio de se alcançar o propósito – a imitação da natureza, não necessariamente da beleza. – Causa primária do propósito produzido por esse objeto, ou seja, através desse meio – a surpresa; poder do que surpreende e desejo inato no homem de prová-lo: tendência em crer no que surpreende: a surpresa é produzida pela imitação da natureza ou de qualquer outra coisa real ou verossímil: logo, o prazer da tragédia, produzido não pela coisa imitada, mas pela imitação, que provoca surpresa. – Causas secun-

dárias e relativas aos diversos objetos imitados – a beleza, a recordação, a atenção que se dá a coisas que se vêem todos os dias sem que nos demos conta, etc. – Causa primitiva do prazer provocado pela surpresa, etc, logo, por conseqüência, provocado pelas belas artes – o horror natural do homem ao tédio; investigações sobre as causas desse horror, etc. – Causas dos defeitos nas belas-artes – desproporção, desconformidade, coisas fora do lugar, a que somente (contra a opinião de quem pensa que as artes têm por objetivo a beleza) se reduzem os defeitos da baixeza, da fealdade, deformidade, crueldade, imundície, tristeza, coisas que representadas ou empregadas nos devidos lugares não são defeitos, porque agradam e através da imitação provocam a surpresa; mas constituem defeitos fora de propósito, por exemplo, a imagem de um ciclope em uma ode anacreôntica, (quase sempre) em uma epopéia, e quase sempre a imagem de um ser disforme. Outros defeitos e vícios; afetação, etc; quase todos se convertem em desconformidade e inverossimilhança, que provém de uma desconformidade natural entre os atributos da coisa inverossímil, donde a mente que compreende a desconformidade dos atributos concebe a inverossimilhança. – Diversos ramos da imitação que os diversos objetos das belas-artes e os diversos gêneros, por exemplo, de poesia, que são tanto mais dignos e nobres quanto mais dignos, etc são os objetos, donde um gênero que tenha por objeto a deformidade será um gênero pouco apreciável e que não deverá, por exemplo, imiscuir-se na epopéia, ainda que este seja um gênero de poesia, provocando a surpresa e, portanto, o prazer, por meio da imitação.

BELO	SUBLIME	TERRÍVEL	RIDÍCULO E VICIOSO
Epopéia Lírica, etc	Lírica Epopéia, etc	Tragédia, etc	Comédia sátira poesia jocosa, etc

OS VÁRIOS RAMOS DA BELEZA

Belo – delicado – gracioso – ameno – elegante. Ver Martignoni, etc. *Annali di scienze e lettere.* nº 8, p. 252-54. Pode haver beleza delicada e não delicada. Hércules, Apolo. Beleza sublime. Júpiter.

Duas grandes dúvidas assaltam-me a mente acerca das belas-artes. Uma é se nos tempos atuais o povo tem sido juiz das obras de arte. A outra é se o protótipo de beleza é realmente natural e não depende das opiniões e do hábito, que constituem uma segunda natureza. Sobre a primeira questão, se me vier à mente algum pensamento, o escreverei depois; sobre a segunda, observo que nos parece conveniente a um sujeito (e a beleza está toda, pode-se dizer, na conveniência) o que estamos habituados a ver nele e, vice-versa, inconveniente, etc; portanto, parece-nos belo o que possui tais coisas e feio e imperfeito o que não as possui: posto por natureza não devesse possuí-las ou vice-versa. Parece-nos, por exemplo, disforme certa raça de cães quando não trazem as orelhas cortadas, etc; poder da moda, sobretudo a respeito da beleza das mulheres. Parece-me que no estado natural não se encontre quase nada além dos delineamentos da beleza, como a harmonia, o equilíbrio e coisas tais que unicamente de acordo com seu lume natural podem encontrar-se em todas as coisas belas, e que obscurecer os objetos belos dependa por completo de nossas opiniões. Sobre isso se podem aduzir infinitos exemplos. E os distingo em duas classes: a primeira, dos que experimentam a diversidade de opiniões acerca dos objetos em seu estado natural; a segunda, etc, acerca dos objetos produzidos pela imitação, ou seja, no domínio das belas-artes.

Experimentai respirar artificialmente e realizar intencionalmente algum dos muitíssimos atos que se realizam naturalmente; não podereis, senão à força de padecimentos e danos. Dessa forma, a arte excessiva molesta-nos: aquilo que Homero dizia magnificamente e sem artifício, nós, intencionalmente e com infinito artifício, não podemos dizê-lo senão mediocremente e de maneira que, de um modo ou de outro, os padecimentos quase sempre se descubram.

Bacon de Verulâmio afirma que *todas as faculdades convertidas em arte esterilizam-se.* Dessa certíssima sentença farei um pequeno comentário, aplicando-o, em particular, à poesia. Esterilizam-se as faculdades convertidas em arte, isto é, os homens não encontram possibilidade de desenvolvê-las, como encontravam quando elas eram ainda informes, não tinham nome, nem leis próprias, etc; sobre isso *me acorrem* (verbo usado com esse significado por Tasso) quatro razões. A primeira é que quase ninguém pensa em expandir uma certa faculdade já estabelecida, organizada, constituída e que se tem como perfeita, porque todos se contentam e se acomodam, considerando a coisa já realizada, o que não ocorria antes de sua conversão em arte; mas todos que acabavam por cultivar essa faculdade, davam tratos à bola para expandi-la, porque não trazia o nome de arte; quando o alcançavam, ainda que não mais rica

que anteriormente, ela parecia já ter tudo. A segunda (e esta refere-se particularmente à poesia) é que muitíssimos, ou antes, quase todos os que se dedicam à poesia (dizei o mesmo, proporcionalmente, das outras faculdades) não ousam violar nenhuma das leis estabelecidas, pôr os pés ou um dedo fora dos limites traçados pelos predecessores, crendo (castiçamente) que o poetar não se possa cumprir sem se ater àquelas leis; a segunda razão é, em suma, o casticismo. A terceira, mais comum às pessoas de bom senso, judiciosas e capazes, e ainda insignes, é o costume, o hábito de que não conseguem se desprender, em parte por si mesmas, em parte pelos outros. Por si mesmas, porque com o hábito de ler, de ouvir, de escrever determinado tipo de poemas e de tragédias, etc, não sabem fazê-lo de outra forma, posto não sejam tolhidas por qualquer superstição. Pelos outros, porque não ousam abandonar o modelo corrente e, posto não sejam escravas do preconceito, ao comporem poemas, não se resolvem a parecerem extravagantes idealizando coisas ainda não ouvidas; se devem publicar uma ação dramática e exibi-la aos olhos do povo, e, se o fizessem por capricho e sem se adequarem à forma costumeira, creriam merecer o riso ou o escárnio de todos; se compusessem um poema épico de forma diversa da que se costuma, julgam, e com certa razão, que seriam censurados por terem confundido os nomes, não se considerando poema épico senão aquele cuja forma se legitimou. Com efeito, se alguém intitula tragédia sua própria obra, o público espera o que sói entender-se por tragédia e, encontrando algo diferente, ri-se. E não sem razão, porque o mal de nossa época é que a poesia se converteu em arte, de forma que, para ser verdadeiramente original, é necessário romper, violar, desprezar, pôr inteiramente de lado os costumes, os hábitos, as noções de nomes e de gênero recebidas, coisa de difícil execução, de que se abstém racionalmente mesmo o sábio, porquanto os modelos são respeitados, mormente no que se refere às coisas endereçadas ao povo, como as poesias, nem se deve enganar o público com nomes falsos. E propor uma nova poesia absolutamente original, que não se enquadre nos gêneros conhecido é porém racional, mas requer uma intrepidez difícil de encontrar, além de enfrentar infinitos obstáculos reais, e não somente imaginários ou castiços. A quarta e mais forte, como também a mais significativa, é que mesmo quando um bom poeta deseja abstrair-se de todas as idéias recebidas, de todas as formas, de todos os modelos e se põe a realizar uma poesia própria, sem qualquer padronização, muito dificilmente consegue ser verdadeiramente original ou sê-lo, ao menos, como os antigos, porquanto a todo momento, ainda que sem se dar conta, sem desejá-lo, repugnando-o mesmo, tornaria às mesmas formas, aos mesmos usos, às mesmas práticas, aos mesmos meios, aos mesmos artifícios, às mesmas imagens, aos

mesmos gêneros, etc; como um fiozinho de água que corre por onde outras águas já passaram, podeis desviá-lo e ele tornará continuamente ao caminho já percorrido pela água que passou. Uma vez que a natureza fornece por si mesma idéias sempre novas e diferentes, e se um poeta não conhecesse o outro, a custo se encontrariam dois poetas que tivessem escrito poemas semelhantes, porque isso não teria sido senão obra do acaso, que dificilmente produz combinações semelhantes, que todos percebem quanto são raras em todos os gêneros. Por conseguinte, quando os exemplos eram escassos ou nulos, Ésquilo, por exemplo, imaginando ora uma, ora outra tragédia, sem dispor de formas e usos já estabelecidos e seguindo sua própria natureza, fazia variações a cada composição. Assim, Homero, escrevendo seus poemas, vagava livremente pelos campos da imaginação e escolhia o que lhe parecesse melhor, pois tudo lhe era presente de fato, não havendo exemplos anteriores que o constrangessem e lhe obscurecessem a vista. Dessa maneira, os poetas antigos dificilmente *corriam o risco de não serem originais*, ou melhor, eram sempre originais e se fossem semelhantes, era por acaso. Mas agora, diante de tantos usos, tantos exemplos, tantas noções, definições, regras, formas, diante de tantas leituras, etc, por mais que um poeta desejar distanciar-se do caminho traçado, a ele torna amiúde; enquanto a natureza não mais opera por si, sobre a mente do poeta atuam necessariamente as idéias adquiridas, que constrangem a eficiência da natureza e debilitam a faculdade inventiva, que, se isso não ocorresse, malgrado o grande número de poetas que já existiram, saberia encontrar naturalmente e sem esforço (falo da faculdade inventiva de um verdadeiro poeta), coisas sempre novas e não tocadas por outros, ao menos não da mesma maneira, etc.

As outras formas de arte imitam e exprimem a natureza de que procede o sentimento, mas a música não imita e não exprime senão o próprio sentimento, que procede dela mesma e não da natureza, e assim o ouvinte. Eis por que afirma M^{me} de Staël: "*De tous les beaux arts c'est (la musique) celui qui agit le plus immédiatement sur l'âme. Les autres la dirigent vers telle ou telle idée, celui-lá seul s'adresse à la source intime de l'existence, et change en entier la disposition intérieure.*" (*Corinne*, livro 9, cap. 2.) A palavra, na poesia, etc, não exprime tão significativamente o vago e o indefinido do sentimento senão por meio de objetos, produzindo, portanto, uma impressão sempre secundária e menos imediata, porquanto a palavra, como as linhas e as imagens da pintura e da escultura, tem significação determinada e finita. Desse ponto de vista, a arquitetura aproxima-se um pouco mais da música, mas não pode ter tanta presteza e imediatismo.

A palavra é uma arte aprendida pelos homens. Prova-o a variedade das línguas. O gesto é algo natural e ensinado pela natureza. Uma arte: 1 – jamais pode igualar-se à natureza; 2 – por mais familiar que seja aos homens, em certos momentos, eles não sabem empregá-la. Portanto, nos acessos das grandes paixões: 1 – como a força da natureza é extraordinária, a palavra não consegue expressá-la; 2 – o homem é tão atarefado que a prática de determinada arte, posto familiaríssima, lhe é impossível. Mas sendo o gesto natural, o vereis facilmente dar mostras do que sente com gestos e trejeitos com freqüência vivíssimos, ou com gritos inarticulados, frêmitos, mugidos, etc, que em nada se relacionam com a palavra e se podem considerar como gestos. Salvo se a paixão não produzir nele a imobilidade que soem provocar as grandes paixões nos primeiros momentos, em que ele não é capaz do uso da palavra, isto é, arte; é, no entanto, apto para atos e movimento. De resto, o vereis sempre em silêncio. O silêncio é a linguagem de todas as paixões fortes, do amor (mesmo nos momentos doces), da ira, da surpresa, do temor, etc.

(27 de junho de 1820)

A afetação é, ordinariamente, mãe da uniformidade. Pelo que bem depressa sacia. Observai que em todos os escritos de gosto falso e afetado, como em muitas das poesias estrangeiras, como nas poesias orientais, reconhecereis sempre um quê de monotonia, como ao contemplar as figuras góticas de que fala Montesquieu l. c., *Des Contrastes*, p. 383. E isto quando o poeta ou escritor tenha buscado a diversificação a mais não poder. Razões: 1 – A arte não pode jamais igualar-se à profusão da natureza; podemos ver quantas diversidades desaparecem quando a arte intervém, como nos caracteres, costumes, opiniões do homem e em todo o grande sistema da natureza humana já de grande riqueza, seja nas idéias, na imaginação, no aspecto material, que agora são uniformizados pela arte. Assim também a afetação. 2 – A afetação contínua é por si mesma uma espécie de uniformidade, isto é, por ser uma qualidade contínua da obra de arte. Não digais que nesse caso a naturalidade contínua deveria tornar-se uniforme: 1 – a naturalidade não se destaca, não aborrece, não salta aos olhos como a afetação (que constitui uma qualidade estranha à coisa), salvo se ela for igualmente artificiosa e afetada, não mais constituindo, nesse caso, naturalidade, mas afetação, como freqüentíssimas vezes ocorre nas referidas poesias; 2 – a naturalidade a custo pode-se chamar qualidade ou forma, não sendo qualidade ou forma estranha às coisas, mas uma forma de tratar coisas naturalmente e como elas são, ou seja, de inúmeras formas diversas, pelo que as coisas são diversificadas na poesia, no escrever, em qualquer imitação verdadeira, como na realida-

de. Aplicai igualmente às artes essas observações, por exemplo, às paisagens flamengas, comparadas às do Canal Veneziano (ver DIONÍSIO, *Pittura de' paesi*), às estampas de Alberto Duro, em que o esforço e o esmero evidentes do estilo comunicam cor uniforme e monótona à maior diversidade de objetos imitados, de resto magnífica e diversificadamente. Sucede dessa forma que a negligência aparente e o abandono, deixando que as coisas fluam na literatura, como naturalmente fluem (ou na pintura, etc), constituem uma certa fonte de diversidade, e portanto, não aborrecem como as outras qualidades da literatura, etc, a elegância, por exemplo: pois que nada há de aborrecer menos que a desenvoltura.

É necessário distinguir, relativamente às belas-artes, entusiasmo, imaginação, calor, etc, da criação de temas, sobretudo. A vista da natureza bela provoca entusiasmo. Se esse entusiasmo sobrevém a pessoa que já tenha elegido um tema, lhe servirá para a expressividade da execução, como também para a criação e a originalidade secundárias, isto é, das partes, do estilo, das imagens, em suma, de tudo o que diz respeito à execução, mas dificilmente ou jamais, serve à criação do tema. Para que o entusiasmo sirva a esse propósito, é necessário que envolva o próprio tema e seja inspirado por ele, como o entusiasmo de uma paixão. Mas o entusiasmo abstrato, vago, indefinido, que com freqüência experimentam os homens de gênio ao ouvirem uma música, diante do espetáculo da natureza, etc, não é absolutamente favorável à criação do tema, senão somente das partes, porquanto nesses momentos, o homem é como que fora de si, abandona-se como que a uma força estranha que o transporta, não é capaz de conciliar ou de fixar as próprias idéias; tudo o que vê é infinito, indeterminado, fugidio e, portanto, vário e copioso, que não admite ordem, regra ou capacidade de enumerar, dispor, eleger ou somente de conceber de forma clara e completa, muito menos de *saisir* um ponto (ou seja, um tema) em que se possam converter todas as sensações e fantasias que experimenta, as quais não dispõem de centro. Antes, experimentando, como disse, o entusiasmo de uma paixão e desejando eleger por tema a própria paixão, se o entusiasmo for deveras vivo e verdadeiro, não sabereis encontrar uma forma adequada para exprimi-la. Em essência, para a criação de temas formais e delimitados, e mesmo primitivos (digo dos que são concebidos pela primeira vez), não é necessário, mas pelo contrário, é nocivo o tempo do entusiasmo, do calor e da imaginação exaltada. É mister um tempo de veemência, mas tranqüila; um tempo de gênio real mais que de entusiasmo real (ou seja, um ato de gênio, mais que de entusiasmo); um influxo do entusiasmo passado, futuro ou habitual, mais que a sua presença, podemos dizer, seu crepúsculo, mais que o meio-dia. É com freqüência bastante apropriado um momento em que, posterior a um entusiasmo ou sentimento experimentado, a alma,

posto que tranqüila, torna contudo a navegar após a tempestade e com prazer reclama a sensação passada. Este é talvez o tempo mais propício e habitual à concepção de um tema original ou de suas partes originais. De maneira geral, pode-se dizer que para as belas-artes e a poesia, as demonstrações de entusiasmo, de imaginação, de sensibilidade constituem antes o fruto imediato da memória do entusiasmo que do próprio entusiasmo, no que se refere ao autor. (2 de outubro de 1820). Ao passo que a opinião comum, que à primeira vista parece verdadeira, considera o entusiasmo como pai da criação e da concepção e a tranqüilidade, como necessária à boa execução; digo que o entusiasmo embaraça ou impede de todo a criação (que deve ser determinada, e o entusiasmo é avesso a qualquer espécie de determinação), mas serve antes à execução, inflamando o poeta ou artista, avivando seu estilo e auxiliando-o extraordinariamente na formação e disposição, etc, das partes, coisas que se tornam facilmente frias e monótonas quando o autor perde os primeiros estímulos da originalidade.

(3 de outubro de 1820)

As obras de gênio têm isto de próprio, isto é, mesmo quando representam vivamente a nulidade das coisas, mesmo quando demonstram claramente e trazem à luz a inevitável infelicidade da vida, mesmo quando expressam as mais terríveis aflições, diante de uma alma que se encontre em estado de extremo abatimento, desengano, nulidade, tédio e desalento em relação à vida, ou que se veja entre as mais acerbas e *mortíferas* desgraças (concernentes às grandes e impetuosas paixões ou a qualquer outra coisa), servem sempre de consolo, reacendendo o entusiasmo e, sem considerar nem representar senão a morte, lhe restituem, momentaneamente ao menos, a vida que estava perdida. E assim, o que, visto na realidade das coisas, aflige e aniquila a alma, visto como imitação ou sob qualquer outra forma, nas obras de gênio (como, por exemplo, na lírica, que não é propriamente imitação), abre o coração e o reaviva. Por conseguinte, assim como o autor que descrevia e sentia tão fortemente a frivolidade das ilusões, conservava ainda uma grande reserva de ilusão e disso dava grande prova, em descrever tão desveladamente essa frivolidade, da mesma forma o leitor, ainda que desenganado, em virtude de si mesmo ou da leitura, é igualmente arrastado pelo autor àquela mesma ilusão e engano que ele trazia nos mais íntimos recessos da alma. E o próprio conhecimento da irreparável frivolidade e falsidade de toda a beleza e de toda a grandeza constitui certa beleza e certa grandeza, que sacia a alma quando esse conhecimento se encontra nas obras de gênio. O próprio espetáculo da nulidade é algo que, nessas obras, parece engrandecer a alma do leitor, elevá-la e satisfazê-la de si mesma e de sua própria aflição. (É

algo grandioso, uma certa fonte de prazer e de entusiasmo e efeito magistral da poesia, quando consegue fazer com que o leitor adquira maior firmeza de ânimo, a respeito de si mesmo, de suas desgraças, de seu abatimento e aniquilamento moral.) Demais, o sentimento do nada é o sentimento de uma coisa morta e mortífera. Mas se esse sentimento é vivo, como o que digo, sua vivacidade prevalece no espírito do leitor sobre a nulidade daquilo que traz à luz, e a alma recebe vida (passageira, ao menos) da mesma força que a faz sentir a morte perpétua das coisas, como também a sua própria morte. Uma vez que não constituem efeito irrelevante do conhecimento do nada supremo, nem pouco penoso, a indiferença e insensibilidade que ordinariamente inspiram, e é natural que inspirem, acerca do próprio nada. Essa indiferença e essa insensibilidade são removidas pela referida leitura ou contemplação de uma tal obra de gênio: ela nos torna sensíveis à nulidade das coisas, e esta é a principal razão do fenômeno que descrevi.

Faço notar que esse fenômeno ocorre mais dificilmente nas poesias tétricas e lúgubres do Norte, mormente as modernas, como as de Lord Byron, que nas do Sul, que conservam um certo lume nos assuntos mais obscuros, dolorosos e aflitivos; a leitura de Petrarca, por exemplo, dos *Trionfi* e do discurso de Aquiles e Príamo, direi ainda, de *Werther*, produz esse efeito muito mais que o *Giaurro* ou o *Corsaro*, etc, não obstante considerem e demonstrem a mesma infelicidade dos homens e frivolidade das coisas (4 de outubro de 1820). Posso dizer que ao ler *Werther* vime inflamadíssimo em minha aflição; ao ler Lord Byron, frigidíssimo e sem qualquer entusiasmo, muito menos consolo. E certamente Lord Byron não me tornou mais sensível à minha aflição, mas antes, ter-me-ia feito mais insensível e marmóreo.

... a natureza é sempre diversa, e a arte, sempre uniforme, ou, ao menos, sumamente inferior à natureza em diversidade.

Como o prazer e a beleza da música, que não se podem reduzir à significação, nem aos meros efeitos do som isolado da harmonia e da melodia, nem a outras formas que especifiquei anteriormente, derivam unicamente do nosso modelo *geral* em relação à harmonia, que nos faz considerar como afinados entre si os tais sons e tons, gradações, passagens, cadências, etc, e como desafinados os que se observam diversos e contrários. As novas harmonias ou melodias (*que já são tidas como raríssimas*), ordinariamente, aliás, sempre, se o são absolutamente, isto é, verdadeiramente novas, parecem, à primeira vista, dissonâncias, ainda que conformes às regras do contraponto, pelo que prontamente lhes reconhecemos e percebemos a afinação, isto é, não por outro motivo, mas porque pron-

tamente as reconhecemos como conformes ao nosso modelo *geral* a respeito da harmonia e da melodia, isto é, à afinação dos tons, ainda que não sejam conformes aos nossos modelos *particulares*. E quanto mais esse modelo geral for menos amplo e menos arraigado, sensível e identificado com o ouvinte, tanto mais vivo será o sentimento de dissonância e desarmonia que há de experimentar de início; e também tão mais duradouro, que ele haveria de julgá-las definitivamente como dissonâncias, se a opinião e a suposição de que sejam verdadeiramente harmonias ou melodias não o impedissem. Tal é o caso do vulgo, das pessoas rústicas ou não habituadas a ouvirem música e, guardadas as proporções, dos homens não conhecedores dessa arte. Todos esses, ao ouvirem novas harmonias, conhecem o prazer dos simples sons e de outras formas que expliquei anteriormente, mas não da harmonia e da melodia enquanto harmonia e melodia, pois que não a reconhecem. E, portanto, agradam, sobretudo, ou *em maior amplitude*, as melodias chamadas populares, isto é, particular ou geralmente conformes aos modelos particulares ou ao modelo geral do comum dos ouvintes, no que se refere à melodia, etc. As harmonias ou melodias absolutamente novas não agradam ordinariamente senão aos conhecedores, que percebem a estranheza e a enfrentam com as regras que conhecem, etc. E esses mesmos experimentam logo de início um senso de dissonância que porém depressa desaparece, e que reconhecem imediatamente como ilusório: mas pode-se dizer que toda novidade no que se refere à música guarda ou mesmo configura uma aparência de desentoação. Outras harmonias e melodias, que não admitem essa aparência, ou não a admitem muito viva, e que contudo se consideram como novas, não são novas senão enquanto uma combinação inusitada de partes diversas das afinações musicais que o modelo geral ou particular nos faz ver como afinações. E quanto menos essas combinações se aproximam daquilo que acima considerei como populares, tanto mais agradam aos conhecedores e menos ao vulgo e, falando genericamente, menos significação têm. Uma grandíssima parte das novidades diárias no que se refere à música e das novas composições musicais é dessa natureza.

Podes igualmente notar que se ouvires, como ocorre com bastante freqüência, um trecho de uma ária que já conheces, por exemplo, e a continuação desse trecho é diversa da que conheces, experimentas de imediato um senso de dissonância, porquanto essa diversidade se opõe ao teu modelo particular; mas aparta teu juízo, dispõe-te favoravelmente e experimenta o senso da harmonia e da melodia, isto é, afinação, porquanto a referida diversidade se conforma por fim ao teu modelo geral, no que se refere às afinações musicais; esse modelo nada mais representa do que a base, a razão, a matéria, etc, do contraponto. Esse modelo geral compreende combinações das mesmas partes, ou de algumas dessas com

outras, etc. O referido efeito é comuníssimo, porque é comuníssima e não raro inevitável a circunstância que o produz e, supondo-a, o referido efeito dá-se *infalivelmente*, mesmo em se tratando dos mais inteligentes e afeitos à *maior* diversidade de combinações musicais.

Essas observações podem explicar a razão por que a verdadeira novidade seja geralmente considerada raríssima ou dificílima, no que concerne à música, isto é, à harmonia e, sobretudo, à melodia, diversamente da pintura, da escultura, da poesia, da eloqüência, etc. Com efeito, uma novidade absoluta em matéria de música não pode ser senão desarmonia, porque representaria uma discordância do modelo geral. Mesmo na poesia e na prosa, o que concerne puramente à harmonia e à melodia, quase não consegue suscitar a novidade. Isto é, as novas combinações desse gênero seriam encontradiças e infinitas, mas não mais seriam harmonias ou melodias, porquanto não se conformariam aos modelos da própria nação e língua; ao passo que o modelo é o único fundamento, razão, elemento, princípio constitutivo da harmonia e da melodia. Nas diversas nações e línguas, diversíssimas são as harmonias da prosa e do verso (como também de qualquer palavra isolada, isto é, a melodia das sílabas e das letras de que se compõe unicamente a melodia de qualquer verso ou período), porque diversos são os modelos, mas em cada língua, respectivamente, a novidade nesse gênero é quase impossível; o que é melodioso em outra língua, o mais absolutamente possível, e antes da formação do modelo diverso e contrário, era apropriadíssimo na língua em que escreves, não o é mais, porque estaria em desconformidade com o modelo e, portanto, significaria dissonância e desarmonia. Ao passo que a beleza que depende da imitação, da significação, da expressão dos sentimentos, etc, da representação da natureza, etc, é infinitamente variável e suscetível de novidades. E como essa beleza constitui o componente principal da beleza pictórica, estatuária, poética, etc, e não depende tanto do modelo nem consiste nele (que não pode ser senão limitadíssimo, especialmente e em geral entre o vulgo), portanto as referidas belas-artes são suscetibilíssimas de novidade e diversidade. A arquitetura, cuja beleza depende do modelo e consiste nele, em sua maior parte, sofre, contudo, variações nas nações absolutamente diversas, assim como a música e a melodia da prosa e do verso, mas em nação alguma é suscetível de novidades maiores. E esta constitui uma nova espécie de semelhança entre estas duas formas de arte, a arquitetura e a música, além das que anteriormente citei.

Observai então como a pintura, escultura, poesia, eloqüência, as belas-artes, em suma, que disse serem mais suscetíveis à novidade, essas mesmas, falando genericamente e considerando-as sob um certo grau de perfeição, não podem, quanto às qualidades principais, ser muito dife-

rentes nas diferentes nações. E, contrariamente, a música e a arquitetura, artes incapazes de grande novidade e diversidade dentro de uma mesma esfera de costumes, diferem extraordinariamente nas diversas esferas de costumes, mesmo quanto às qualidades principais e elementares. Isto ocorre porque aquelas têm um tema e um modelo universal, que é a natureza; estas, absolutamente particular, que são os modelos nacionais. Nova prova de quanto é relativa a beleza que consiste apenas nas convenções, isto é, uma beleza que é única e diz respeito a uma consideração abstrata dessa beleza.

Donde as artes, quanto mais suscetíveis à novidade e à diversidade em cada nação, e por si mesmas, tanto menos podem variar de nação para nação, e vice-versa. A variação nacional, de que uma determinada arte é capaz, está em razão inversa à variação universal, instituída e específica.

(9 de outubro de 1821)

A fábula do pavão que se envergonha de suas patas peca pelo inverossímil, aliás, pelo impossível, pois que não há parte que, natural e comum a um gênero de animal, não pareça adequada a esse mesmo gênero e, quando dentro do mesmo gênero seja bem-conformada, não pareça bela, pois que a beleza é uma convenção, e esta constitui idéia ingênita na natureza; que coisas se possam convencionar é o que varia nas idéias, não só dos diversos gêneros de animais, mas também dos indivíduos de um mesmo gênero, como entre os homens; para os etíopes, por exemplo, (limitando-se à beleza do corpo) é bela a cor negra, o nariz achatado, os lábios túmidos, e feios são os contrários, que nos parecem belos; entre os brancos, certas nações diferem muitíssimo em considerar como bela certa forma que a outra nação parece desagradável. Mas que a natureza tenha produzido parte permanente e essencial de determinado gênero animal que ao próprio gênero pareça feia é impossível, visto que não é possível que um determinado gênero não julgue belos seus espécimes, o que observamos de forma semelhante nas espécies, e as próprias diferenças que mencionei acerca dos conceitos humanos provêm de sua forma diferente, como etíopes, lapões, selvagens, insulanos de tantos feitios, etc. As outras diferenças, como a preferência pelo olho cerúleo ao negro, etc, referem-se não a coisas permanentes e imutáveis, mas, como fica claro por esse exemplo, mutáveis e distintas dentro de uma mesma espécie ou gênero. Mas concebemos a fealdade absoluta quando fitamos as patas disformes do pavão e, parecendo-nos desproporcionais ao resto do corpo, não cremos que possam parecer belas a nenhum outro animal; mas a questão não é essa, antes, para o pavão, pareceriam feias em sua própria espécie aquelas patas enormes, carnosas, moles, ornadas, cobertas, etc, que a nós pareceriam belas; da mesma forma, julga feio o indiví-

duo de seu gênero (ou vá lá, espécie) que não traz as patas perfeitamente secas, enxutas, etc.

Assim como as crianças e os jovenzinhos, embora de boa índole, mas pela malícia que lhes é natural incidem, de quando em quando, em alguma falha e por isso não são diversíssimos dos homens adultos e perversos, os antigos, sem conhecerem ou apreciarem os vícios das artes, pela tendência natural do engenho ao requinte e coisas do gênero, neles caíam de quando em quando, não considerando se eram vícios, e não diferiam infinitamente por isso dos adultos artífices do Seiscentos e do Setecentos, radicados na corrupção. Hoje, qualquer um, por menos que tenha estudado, vê logo de início que constituem erros e que os antigos haviam errado. Quem hoje não vê, por exemplo, que é ridículo o lamento de Olímpia, etc, em Ariosto, e o de Hermínia, etc, em Tasso? Mesmo esses fabulosos poetas, porque a arte era jovem e sem experiências, caíam de boa-fé nesses erros, e nós, porque somos veteranos na arte, com nossa sensatez e a experiência dos tempos corrompidos, deles rimos e fugimos. Entretanto, essa sensatez e essa experiência significam a morte da poesia, etc. Como, portanto, se há de dizer que a arte de Ariosto, por exemplo, era suprema, se com grande freqüência caía em defeitos que hoje o artista mais medíocre conhece à primeira vista? Não era suprema a arte, mas o engenho é que era supremo, puríssimo, não corrompido e, menos ainda, purificado.

Grandíssima parte das obras utilitárias busca indiretamente o prazer, isto é, demonstrando como podemos buscá-lo; a poesia busca-o diretamente, isto é, proporcionando-o.

Quando a poesia, por tanto tempo desconhecida, penetrou no Lácio e em Roma, que magnífico e imenso campo de temas se lhe abriu diante dos olhos! Ela mesma, dona do mundo; suas infinitas vicissitudes passadas, as esperanças, etc. Assuntos infinitamente entusiásticos e capazes de acender a fantasia e o coração de qualquer poeta, mesmo estrangeiro ou póstero, quanto mais romano ou latino e contemporâneo ou próximo aos tempos daquelas gestas. Entretanto não houve epopéia latina que tivesse por tema as coisas latinas, tão extraordinariamente grandes e poéticas, exceto a de Ênio, que resultou em algo medíocre. A primeira voz da trombeta épica, que foi a de Lucrécio, tratou de filosofia. Em suma, a imitação dos gregos foi, desse ponto de vista, fatal para a poesia latina, como foi para literatura e a poesia italianas em seu real exórdio, isto é, no Quinhentos, a imitação servil dos gregos e latinos. Pelo que, diante da extraordinária profusão de motivos nacionais, esqueciam-nos e canta-

vam motivos gregos; nem creio que se encontre tragédia de Ênio ou de Ácio, etc, cujo assunto seja latino, e não grego. Coisa terrivelmente perniciosa, sobretudo diante da abundância extraordinária de grandes feitos nacionais, que qualquer um pode identificar. E o identificou perfeitamente Virgílio, que com sua notável perspicácia não o esquivou absolutamente, antes, tratou de assunto de certa forma grego (as *Bucólicas* e as *Geórgicas*, de título e derivação gregos), além das inumeráveis imitações de Homero, etc, mas procurou, quanto pôde, conchegá-lo ao nacional e teve, não raro, ocasião de cantar *ex professo* os motivos de Roma. Da mesma forma, Horácio, homem de pouco valor enquanto poeta, entre tantos assuntos de derivação grega presentes em suas odes, celebrou, várias vezes, gestas romanas. Ovídio, em seu grande poema, isto é, *Metamorfoses*, tratou de assunto inteiramente grego. Escreveu, porém, os fastos de Roma, mas é antes obra de versejador que de poeta; ao tratar da narração das origens, se não estou enganado, daquelas cerimônias e festas, não se serviu desses fatos para o propósito de cantar, senão para divertir-nos. De resto, a literatura latina recobrou-se do estado de Roma com a grandiloqüência que, pode-se dizer, acrescentou às outras propriedades do discurso herdadas dos gregos e substituiu outras, qualidade inteiramente peculiar aos latinos, conforme observa Algarotti, com a nobreza e a cultura do discurso do período, etc, muito maior do que entre os gregos clássicos, exceto, e talvez, Isócrates.

Disse a dama: "Vós me apaziguáreis com a poesia"; "Folgo imensamente", respondeu, "em ter conciliado duas coisas tão belas."

Tudo, de Homero em diante, aperfeiçoou-se, mas não a poesia.

A poesia melancólica e sentimental é um repouso para a alma. A opressão do peito, quer venha de qualquer paixão, ou do desânimo pela vida, ou do sentimento profundo da nulidade das coisas, sufocando-o inteiramente, não permite esse repouso. Os outros gêneros de poesia são muito menos compatíveis com esse estado. E eu creio que as contínuas desventuras de Tasso constituam o motivo pelo qual ele, poeta original e inventivo, tenha permanecido inferior aos outros três grandes poetas italianos, quando seu espírito, em sentimentos, afetos, grandeza, ternura, etc, certamente os igualava, se não os superava, como se observa em suas cartas e em outras prosas. Embora quem não tenha experimentado a desventura nada conheça, certo é que a imaginação e a sensibilidade melancólica não têm força sem uma aura de prosperidade e sem um vigor de ânimo que não pode existir sem um crepúsculo, um raio, um vestígio de alegria.

(24 de junho de 1820)

Lord Byron, nas anotações ao *Corsaro* (e talvez a outras de suas obras), cita exemplos históricos dos efeitos da paixão e dos caracteres que ele descreve. Mal. O leitor deve sentir e não aprender a conformidade que há entre tua descrição, etc, e a verdade e a natureza, e que tais caracteres ou paixões, em tais circunstâncias, produzem tal efeito; do contrário, o prazer poético desaparece, e a imitação, ainda que fidelíssima, recaindo sobre coisas ignotas, não provoca surpresa. Observamo-lo igualmente nas comédias e tragédias, em que certos caracteres absolutamente extraordinários, posto que verdadeiros, não produzem qualquer impressão. Veja-se o discurso sobre os românticos, acerca dos outros objetos de imitação. E como não provoca surpresa, também não provoca afetos, sentimentos e correspondência do coração ao que se lê ou se vê representar. A poesia transforma-se então em um tratado, e sua ação, da imaginação e do coração, passa ao intelecto. Com efeito, a poesia de Lord Byron, ainda que inflamadíssima, em virtude dessa razão, que não permite que se comunique esse ardor, é, em grande parte, um tratado obscuríssimo de psicologia, e não muito útil, porquanto os caracteres e paixões que ele descreve são de tal maneira estranhos que não se ajustam de forma alguma ao coração de quem lê, mas caem sobre nós despropositadamente, como ângulos e pontas, e a impressão que produzem em nós é muito mais externa que interna. E nós não nos interessamos por eles vivamente, senão pelos que nos são semelhantes, e como entre os entes alegóricos, as plantas, os animais, etc, também os homens de caráter absolutamente extraordinário não são personagens próprias da poesia. Aristóteles já dizia que o protagonista da tragédia não deveria ser nem perfeitamente infame, nem perfeitamente virtuoso. Zombai de Aristóteles quanto quiserdes, em virtude desse ensinamento (como creio que o fizeram); por fim, vossa psicologia, se verdadeira, vos há de conduzir ao mesmo lugar e a encontrar o já encontrado.

(24 de agosto de 1820)

Assim como as pessoas de pouca imaginação e sentimento não são aptas a julgarem poesia ou escritos desse gênero, e lendo-os e sabendo que são famosos, não compreendem o porquê, pois não se sentem transportar e não se identificam de forma alguma com o escritor; isto se dá, ainda que tenham bom gosto e perspicácia e, nesse sentido, as próprias pessoas entusiastas permanecem incapazes de sentir e de ser transportadas e, portanto, a julgar acertadamente aqueles escritos, por longuíssimo tempo. Em vista disso, poderá com freqüência suceder que um homem que seja um juiz capacíssimo da bela literatura e das artes liberais conceba juízo perfeitamente diverso sobre duas obras igualmente notáveis. Eu o tenho experimentado muitas vezes. Pondo-me a ler com

o espírito disposto, achava tudo delicioso, toda beleza me saltava aos olhos, tudo me inflamava, me enchia de entusiasmo e daquele momento em diante o escritor tornava-se-me admirável, e eu passava a tê-lo sempre em bom conceito. Com essa disposição, talvez o juízo possa pecar, atribuindo ao livro um mérito que em grande parte diz respeito ao leitor. Outras vezes, punha-me a ler com o espírito frigidíssimo, e as coisas mais belas, mais doces, mais profundas não eram capazes de comover-me: para julgar não me restava senão o gosto e o tirocínio já formado. Mas meu juízo restringia-se, assim, às coisas externas, as internas referiam-se a uma conjectura do efeito que a obra pudesse produzir em outros. Em conseqüência, a obra não me resultava grandemente admirável. Faço notar ainda que, por vezes, uma outra pessoa que se encontrava em condição de comover-se dizia-me mundos e fundos do mesmo livro, que lera ao mesmo tempo que eu. Essa reflexão deve servir: 1 – para justificar a diversidade dos juízos de pessoas igualmente capazes, diversidade que sempre se atribui a fatores outros; 2 – para não se fiar demasiado dos juízos, mesmo dos mais competentes e dos próprios, e introduzir um certo pirronismo nessa situação. O público e o tempo não se sujeitam, em seus juízos, a esse inconveniente.

(25 de agosto de 1820)

Pode-se aplicar à poesia (ou às coisas que com ela têm relação ou afinidade) o que se disse anteriormente: que é necessário um misto de persuasão e de paixão ou ilusão às grandes ações. Nesse sentido, a poesia, tanto em relação ao maravilhoso, quanto à emoção ou estímulo de qualquer espécie, necessita de um fingimento que possa contudo persuadir, não somente segundo as regras ordinárias da verossimilhança, mas também no que diz respeito a uma certa persuasão de que a coisa seja ou possa efetivamente ser assim. Portanto, a mitologia antiga, ou qualquer outra criação poética que a ela se assemelhe, é completamente fornida, no que diz respeito à ilusão, paixão, etc, mas, absolutamente desprovida de persuasão, não pode mais produzir os antigos efeitos, mormente nos temas modernos, porque a respeito dos antigos, o hábito nos proporciona uma certa persuasão, principalmente se o poeta também for antigo, porque ao se identificarem em nós a idéia daqueles fatos, daqueles tempos, daquelas poesias, etc, com aquelas ficções, estas nos parecem naturais e como que nos persuadem, porquanto o costume nos impede quase de distingui-las daqueles poetas, daqueles tempos, acontecimentos, etc, e assim nos deixamos maquinalmente persuadir de quanto baste ao efeito de que a coisa possa ser assim. Mas novamente aplicadas às mesmas ou a outras ficções, quer a assuntos antigos, quer, sobretudo, a temas modernos ou dos tempos remotos, etc, encontramos sempre um não-sei-quê

de árido e de falso, porquanto não existe a tal persuasão, ainda que a parte relativa à beleza, ao imaginário, ao maravilhoso, etc seja perfeita. Por conseguinte, Tasso jamais produzirá o efeito que produziam os antigos, se bem que o fabuloso e o maravilhoso de sua obra se inspirem na religião cristã. Mas, hoje em dia, com tanta propagação e incremento de lumes, nenhuma ficção nova, ou novamente aplicada, encontrará qualquer disposição do intelecto, por não existir o tal costume, que supre, nos poetas antigos, o resto. E esta é uma boa razão pela qual a poesia não pode mais, hoje em dia, produzir os grandes efeitos do passado, nem em relação à surpresa e ao prazer, nem em relação ao incitamento dos ânimos, das paixões, etc, ao estímulo às gandes ações, etc. Tanto mais que a religião cristã não se presta à ficção persuasiva como a pagã. De todo modo, é certo, sobre as observações supracitadas, que se hoje em dia a religião pagã não é capaz de causar impressão, o poeta deve pegar-se com a cristã; e esta, conduzida com sabedoria, discernimento e habilidade real, pode, tanto pela surpresa, como pelos efeitos, etc, produzir impressões suficientes e notáveis.

(19 de outubro de 1820)

As boas poesias são igualmente inteligíveis aos homens de imaginação e de sentimento e aos que são homens comuns. Contudo, aqueles a saboreiam, estes não, e aliás não compreendem como se possam saboreá-las, primeiramente porque lhes falecem a capacidade e a disposição de se deixarem comover e enlevar, etc, pelo poeta; além disso, ainda que entendam as palavras, não entendem a verdade, a evidência daqueles sentimentos; o coração não se lhes mostra senão que aquelas paixões, aqueles efeitos, aqueles fenômenos morais, etc, que o poeta descreve são realmente assim; de tal forma que as palavras do poeta, posto que claras e bem entendidas por eles, não lhes representam as coisas e as verdades que representam a outrem, e, entendendo as palavras, não entendem o poeta. Cumpre observar que o fenômeno ocorre também no que se refere aos escritos filosóficos, profundos, metafísicos, psicológicos, etc, a fim de não se surpreender com os diversíssimos e, com freqüência, opostíssimos efeitos que produzem nos diversos indivíduos e classes, e, portanto, com o conceito diverso em que são tidos. Porque, imaginai um escrito desse gênero, riquíssimo de verdade e produzido com toda a clareza de expressões, que jamais poderá ser alterada. As palavras dizem o mesmo ao homem profundo e ao superficial: todos compreendem igualmente o senso material do escrito, em suma, todos entendem perfeitamente o que o escritor quer dizer. Nem por isso esse escrito é compreendido por todos, como normalmente se crê. Porque o homem superficial, o homem que não sabe sintonizar sua mente com o estado em que se encontrava a mente do autor, o

homem, em suma, que, *grosso modo*, não é capaz de pensar com a mesma profundidade do autor, entende materialmente o que lê, mas não vê as relações entre aquelas sentenças e a verdade, não percebe a realidade da coisa, não descobrindo o campo que o autor descobria, não conhece as relações e ligações que ele via e de que deduzia as conseqüências, etc, que para ele e para quem quer que lhe assemelhe são incontrastáveis; para esses outros, não são nem mesmo verdades; hão de ver as mesmas coisas, sem reconhecer ou perceber que se relacionam entre si e com as conseqüências que o autor infere; não verão a relação recíproca entre as partes do silogismo: em pouco tempo poderão entender com precisão o escrito, sem compreender a verdade do que dizem, verdade que de fato existe e que outros serão capazes de compreender. Da mesma forma, não serão intelectualmente tão capazes de pôr em dúvida e perceber a racionabilidade e a *verdade* da dúvida a respeito das coisas que a natureza e o hábito consideram como certas. Nesse conjunto de pessoas inclua-se a maioria dos apologistas da religião, homens sem coração, sem sentimento, sem um tirocínio agudo e profundo das coisas da natureza, em suma, sem *experiência* da verdade, como os leitores de poesia sem experiência de paixões, entusiasmo, sentimentos, etc, que, posto entendam perfeitamente o sentido dos filósofos profundíssimos que combatem, não entendem a verdade do que exprimem, e consideram nítida, precisa e expressamente falso o que conhecereis e percebereis como verdadeiro, ou vice-versa. De resto, para entender os filósofos e quase que todos os escritores, é necessário, como também para entender os poetas, ser de tal forma capaz de imaginação e sentimento, mesmo de reflexão, que se possa pôr-se no lugar do escritor, naquele preciso ponto de vista e na situação em que se encontrava ao considerar as coisas que escreve; do contrário, jamais o julgareis claro o bastante, ainda que ele o seja efetivamente. E isto, tanto quando em vós efetivarem-se a persuasão e a aprovação do escritor, como em caso contrário. Digo que com esse método jamais considerei obscuros ou ao menos ininteligíveis os escritos de Mme. de Staël, que todos consideram obscuríssimos (22 de novembro de 1820). Não basta entender como verdadeira uma sentença, é necessário perceber-lhe a verdade. Há um sentido da verdade, como também das paixões, dos sentimentos, belezas, etc: da verdade, como também da beleza. Quem a entende, mas não a percebe, entende o que significa aquela verdade, mas não entende que seja uma verdade, porquanto não lhe experimenta o sentido, isto é, a persuasão.

A força criadora do espírito concernente à imaginação pertence exclusivamente aos antigos. Depois que o homem se tornou habitualmente infeliz e que, o que é pior, conheceu e assim realizou e confirmou sua infelicidade, como depois que ele conheceu a si mesmo e as coisas, mais

profundamente do que deveria, e depois que o mundo se tornou filósofo, a imaginação realmente forte, verde, fecunda, criadora, frutuosa resultou própria de crianças ou da maioria dos pouco experientes e pouco instruídos, que não importam ao nosso caso. O espírito do poeta ou escritor, mesmo que originalmente pleno de entusiasmo, gênio e fantasia, não se curva jamais à criação de imagens, senão de má vontade e contra sua natureza modificada, ou melhor dizendo, renovada. Quando se curva, o faz *ex instituto*, ἐπιτηδὲς por força da vontade, não por vocação, por uma força extrínseca à faculdade imaginativa, não interior. A força de um espírito como esse, todas as vezes que se abandona ao entusiasmo (o que não é mais tão freqüente), volta-se para o afeto, para o sentimento, para a melancolia, para a dor. Um Homero, um Ariosto não são para nossos tempos, nem, creio, para o futuro. Portanto, as outras nações, judiciosa e naturalmente, converteram o nervo, o forte, o fulcro da poesia da imaginação para o afeto, mudança necessária e oriunda da própria mudança do homem. O mesmo ocorre, guardadas as proporções, aos latinos, com exceção de Ovídio. Como também a Itália, nos primórdios de sua poesia, isto é, quando teve verdadeiros poetas, Dante, Petrarca, Tasso (exceto Ariosto), percebeu e seguiu essa mudança e, aliás, dela deu exemplo a outras nações. Por que então agora torna atrás? Gostaria que também os tempos tornassem atrás. Mas a nossa infelicidade e o conhecimento que temos, e não deveríamos ter, das coisas, ao invés de minorar, alarga-se. Que mania é essa, portanto, de querer fazer o mesmo que faziam nossos avós, quando estamos tão mudados? de repugnar a natureza das coisas? de querer fingir uma faculdade que não temos, ou que perdemos, isto é, que o andamento das coisas tornou infrutuosa, estéril e incapaz de criar? de querer ser Homero, em tempos tão outros? Façamos, portanto, o que se fazia nos tempos de Homero, vivamos da mesma maneira, ignoremos o que então se ignorava, experimentemos as fadigas e os exercícios corporais que se usavam naqueles tempos. E se tudo isto nos for impossível, aprendamos que, com a vida e com o corpo, também o espírito se modificou, e que essa mudança constitui efeito necessário, perpétuo e inevitável da mudança daqueles. Dir-se-á que os italianos são, à força do clima e da natureza, mais imaginativos que as outras nações e que, portanto, a faculdade criativa da imaginação, ainda que quase extinta nos outros, vive ainda neles. Gostaria que fosse assim, assim como sinto em mim desde a infância e a adolescência e vejo nos outros, mesmo nos poetas mais considerados, que isto não é real. Se mesmo os estrangeiros o afirmam, ou enganam-se, como com coisas distantes, quando o distante sói parecer belíssimo ou notabilíssimo, ou intencionam somente dizê-lo em confronto com outros povos, jamais absolutamente em comparação com os antigos, porquanto mesmo o imaginário

italiano, em vigor desde o curso universal das coisas humanas, enfraqueceu e esgotou-se de maneira que, no que diz respeito ao criar, não conta com muito mais do que a disposição que lhe vem da vontade e do comando, não de virtudes que lhe são próprias e intrínsecas ou de vocação.

Mas a verdadeira razão pela qual os italianos, diversamente de todos os outros, não conhecem, hoje em dia, outra poesia senão a imaginativa, e são inteiramente privados da poesia sentimental, vo-la direi eu. Diante desse ócio, desse tédio, dessa frivolidade de ocupações, ou melhor, dissipações, sem propósito, sem vida, em suma, sem pátria, nem guerras, nem carreiras civis ou literárias nem outro objeto de ação ou de pensamentos constantes, o italiano não é capaz de sentir nada com profundidade, nem mesmo chega a sentir algo. Se o mundo todo é filósofo, também o italiano tem a filosofia que basta para fazê-lo sempre mais infeliz ou para extinguir-lhe, ou mesmo entorpecer-lhe a imaginação, de que a natureza o teria dotado; mas não tanta quanto se exige para conhecer intimamente as paixões, os afetos, o coração humano e representá-lo vivamente; além de que, mesmo se pudesse conhecê-lo, não saberia representá-lo, pois que cumpre convir que falta ao italiano de hoje muito do desvelo que é necessário para escrever coisas, como essas, dificílimas. Pelo que o italiano, ainda que se ponha a escrever com o coração profundamente comovido, já no início depara-se com um vazio, ou, não sabendo que dizer, recorre a generalidades; ou mesmo, desejando exprimir exatamente aquilo que sente, não é capaz de fazê-lo e escreve, então, como um infante.

Por todas essas razões, portanto, o italiano, não sendo capaz, hoje em dia, de poesia sentimental, recorre e dedica-se inteiramente à imaginativa, não por natureza ou vocação, mas por vontade e escolha. Precisamente porque ou não o consegue absolutamente, ou somente através da imitação e do esteio dos antigos, como uma criança, em relação à mãe; como o fez (seja dito entre nós) Monti, que não é poeta, mas um deliciosíssimo tradutor quando rouba aos latinos e gregos; mas quando rouba aos italianos, como Dante, é um agudíssimo e atiladíssimo modernizador do velho estilo e da velha língua.

Os italianos, contudo, contra a natureza dos tempos e da poesia, atiram-se a um gênero que hoje não pode existir senão forçado ou imitativo, mas o fazem porque lhes resulta muito mais fácil que o sentimental. 1 – Ninguém duvida que a imitação, mormente para certos intelectos de pouquíssima capacidade ou pouco afeitos ao exercício da capacidade, da intolerância e do ardor, etc, seja muito mais fácil que a criação. Os italianos de hoje em dia, poetando, o fazem, *grosso modo*, por imitação, quando não transcrevem, como o fazem com freqüência e como o faz Arici, coisa que chamamos copiar. 2 – Assim como um conto é mais simples que um drama, pois que no drama todo erro é evidente e se

exige correspondência muito maior à natureza e à verdade, para os italianos de hoje em dia, pessoas, como disse, que não sentem e não conhecem bastante bem o coração humano, o gênero imaginativo é muito mais simples, por ser, afinal, coisa arbitrária e que permite fantasiar, como em Ariosto, que o sentimental, que requer exatidão e diligência na observação da natureza e da verdade, e no qual o coração de cada um julga mais pronta, aguda e rigorosamente acerca da verdade ou falsidade, da propriedade ou impropriedade, da naturalidade ou artificialismo, da eficácia ou inconsistência, etc, das criações, das situações, dos sentimentos, das sentenças, das expressões, etc. A faculdade imaginativa pode ser de certa forma fingida, forçada, comandada, ao menos: a sentença, jamais. Portanto, não admira que, se os italianos modernos, nas circunstâncias a que me referi acima, tenham querido publicar obras sentimentais, tenham sido variados ou dignos de sê-lo. Tanto mais que a imitação (e eles entregaram-se todos e inteiramente à imitação de estrangeiros), se contraria o gênero imaginativo, muito mais o sentimental, pela mesma razão pela qual não se pode fingir ou provocar o sentimento, ao menos, não de maneira forçada. Nesse sentido, todos os homens sensatos, italianos ou estrangeiros, são conformes em dizer que a Itália carece do gênero sentimental. Mas não percebem que com isso estão dizendo e confessando que a Itália hodierna carece de literatura e certamente de poesia. Como se o referido gênero fosse próprio desta ou daquela nação, e não do tempo. Como se hoje em dia a condição geral dos homens admitisse outro gênero de poesia e que a carência desse gênero não significasse carência de poesia.

A poesia sentimental é única e exclusivamente própria deste século, como a poesia imaginativa verdadeira e simples (isto é, pura) foi única e exclusivamente própria dos séculos de Homero, ou dos que lhe foram semelhantes em outras nações. Do que se pode concluir que a poesia já não é tão própria de nossos tempos e não se admire se ela está enfraquecida, conforme observamos, e se é tão raro, não digo um verdadeiro poeta, mas uma verdadeira poesia. Dado que o gênero sentimental se fundamenta e se origina na filosofia, na experiência, no conhecimento do homem e das coisas, em suma, na verdade, enquanto fazia parte da primitiva essência da poesia inspirar-se no fingimento. E considerando a poesia a partir do sentido de que se revestiu no princípio, dificilmente se pode dizer que a poesia sentimental é poesia; é, antes, filosofia, eloqüência, só que mais esplêndida, mais ornada que a filosofia e a eloqüência da prosa. Pode também ser mais sublime e mais bela, mas somente à força de ilusões, que não se duvida poderiam contribuir imensamente com esse gênero de poesia, mais do que o fazem os estrangeiros.

(8 de março de 1821)

Quantas coisas poder-se-iam dizer acerca da infinita variedade das opiniões e juízos dos homens, no que diz respeito à harmonia das palavras. Não digo dos diversíssimos e opostíssimos juízos do ouvido sobre a beleza externa das palavras, conforme as diversíssimas línguas, climas, nações, costumes; e a respeito da doçura, da graça, tanto das palavras como das letras e da pronúncia, etc. Em determinado lugar, uma pronúncia estrangeira poderá parecer graciosa, em outro, poderá ser desgraciosa, e graciosa será uma outra igualmente estrangeira, conforme os diversos contrastes entre os costumes de cada país ou época, contrastes que ora produzem o sentido da graça, ora o oposto, etc. Não digo das diversíssimas harmonias dos períodos da prosa falada ou escrita, conforme, não somente as diversas línguas, nações e climas, mas também as diversas épocas, os diversos escritores ou falantes de uma mesma língua ou nação e de uma mesma época. Farei observar somente algumas coisas relativas à harmonia dos versos. Um estrangeiro ou uma criança balbuciante, ao ouvir versos italianos, não só não experimenta qualquer prazer ao ouvido, como não percebe nenhuma harmonia, nem os distingue da prosa; não percebe nem experimenta o menor, antes, o mais ínfimo prazer na conformidade regular de sua cadência, isto é, na rima, que soaria desagradabilíssima e bárbara aos antigos gregos e latinos, etc, a cujas línguas poderia adaptar-se não menos do que às nossas e às próprias formas dos versos que utilizavam que, com bastante freqüência, são similares ou aproximadamente as mesmas que muitas das nossas, mormente italianas. E ainda lhes teria sido mais fácil, em vista do maior número de palavras, considerando, ao menos (para não entrar, no momento, na comparação de riquezas), a infinita profusão e variedade das inflexões de cada verbo ou nome, etc. De forma que teriam podido usar a rima melhor que nós, e de maneira mais agradável, isto é, mais natural, forçando menos o sentido, o verso, a harmonia de sua estrutura, o ritmo, etc. E contudo a repudiavam tanto quanto a buscamos; e mesmo a nós, afeitos à harmonia daqueles versos, soariam bárbaros e desagradáveis com o acréscimo da rima.

Se existisse uma harmonia absoluta, isto é, uma sintonia e uma relação absolutas entre os sons articulados e se os versos italianos (e o italiano representa a língua e a poesia consideradas as mais harmônicas do mundo) fossem absolutamente harmoniosos, percebê-lo-ia tanto o estrangeiro e a criança ignorante da língua, quanto, na mesma proporção, o italiano adulto. E se essa harmonia absoluta e esses versos absolutamente harmoniosos fossem motivo absoluto e natural de prazer por si mesmos, o seriam universalmente, e não mais ao italiano que ao estrangeiro e à criança.

Todos os que não sabem latim ou grego, de qualquer nação que sejam, não percebem qualquer harmonia nos versos latinos ou gregos, se

não estão longamente habituados a ouvi-los por algum motivo, e então, notando-lhes pouco (a pouco) as mínimas partes e as mínimas correspondências, relações e regularidades, não educam o ouvido a ouvi-las e saborear-lhes a harmonia. Esse processo faz-se igualmente necessário a quem entenda melhor o latim e o grego.

Nosso povo reconhece certa harmonia nos hinos eclesiásticos, etc, mas não reconheceria qualquer harmonia em Virgílio. Por quê? Porque os hinos eclesiásticos assemelham-se tanto pela estrutura, pelo andamento e pelo metro como, com bastante freqüência, pela rima, aos versos italianos, que o povo está habituado a ouvir e cantar pelas ruas. Além disso, porque está habituado a ouvir aqueles tais metros latinos e bárbaros.

Um italiano bastante culto, mas não habituado a ler poesia nossa, a quem li uma canção de Petrarca, disse-me, quase que se envergonhando, que não via harmonia naquele metro e que seu ouvido não conhecera qualquer prazer. O referido metro assemelha-se ao das odes gregas, compostas de estrofe, antístrofe e epodo, e identifica-se por uma harmonia tão nobre e grave que é apto para a lírica sublime. Acrescentou que ele não percebia o prazer da harmonia, a não ser nas oitavas e nos metros que chamamos anacreônticos. Observai que seu ouvido não era realmente o que se chama de mau ouvido.

Indagai de um francês, ainda que bom conhecedor do italiano ou do inglês, se ele percebe alguma harmonia nos versos livres mais belos ou nos versos brancos dos ingleses.

Toda nação teve e tem seus metros particulares, tanto pela estrutura de cada verso, como por sua combinação, disposição e distribuição, ou seja, pelas estrofes, etc. Eles, proporcionalmente à diferença maior ou menor de climas, opiniões, costumes, épocas (pois que as próprias nações tinham outros antigamente, depois mais outros e hoje são outros) são diversíssimos e com freqüência absolutamente desarmônicos para os estrangeiros, conforme a extensão do ser *estrangeiro*, como nós, para com os franceses, por um lado, e os orientais, por outro, etc. É impossível ao estrangeiro conhecer harmonia ou prazer sem uma destas condições: 1 – Longa prática daquela língua; mas não basta e chega mesmo a ser nula se não acompanhada de longa prática daquela poesia. 2 – Semelhança ou afinidade entre aqueles metros e os metros da própria nação; como entre os metros italianos e espanhóis. A dificuldade de sentir a harmonia dos versos estrangeiros é maior ou menor conforme a maior ou menor diferença em relação à nossa própria harmonia ou àquela (ou àquelas) a que estamos habituados. 3 – Hábito exercitado de outras harmonias estrangeiras afins àquela de que se trata. 4 – Ouvido educado em tantas e tão diversas harmonias que mediante uma força reflexiva, contemplativa e comparativa extraordinariamente desenvolvida esteja em condições de

advertir e conhecer imediatamente ou com bastante rapidez a natureza daquelas combinações estrangeiras, os elementos daquela harmonia e o resultado das respectivas relações proporcionais; esteja em condições de *acostumar* rapidamente o ouvido e tenha facilidade em formar um hábito, que é própria dos espíritos e dos intelectos flexíveis e abertos, em suma, dos grandes intelectos, etc; e possa, em pouco tempo, descobrir e discernir na referida harmonia o que os italianos lhe descobrem.

É impossível que o italiano afeito à harmonia de seus metros, malgrado seja chamada bárbara, dura, dissonante, etc, pelos estrangeiros, não a sinta melhor e não a considere mais aprazível que qualquer harmonia estrangeira, posto seja reputada belíssima, etc, salvo se constituir (o que é dificílimo e provavelmente jamais ocorre) um novo hábito que supere o antigo.

Quantos de nós sentimos a harmonia dos versos orientais, ou de suas estrofes? Não falo dos versos alemães ou ingleses, ou da prosa alemã equilibrada, etc, no que se refere aos italianos. Que muito mais rapidamente reconhecem harmonia nos versos franceses, porque têm língua e harmonia mais afinadas como o idioma francês.

Pretende-se, e é probabilíssimo, que diversos livros bíblicos sejam métricos. Mas ninguém descobriu os metros em que foram compostos, posto que muitos o tenham procurado. E jamais se poderá descobri-los, senão casualmente, não havendo regra que nos ensine em que consistia a harmonia das palavras para os hebreus. E por qual outra razão, senão porque não existe harmonia absoluta? Se existisse, a regra seria descoberta, sobretudo por existirem inteiras e ordenadas as palavras, que se pretende terem constituído uma harmonia.

(23 de junho de 1821)

Estilos diversos pedem palavras diversas; o que é nobre para a prosa é, com bastante freqüência, desprezível para a poesia, assim como o que é nobre e ótimo para um gênero de prosa, é desprezível para um outro. Os latinos, para quem não era desprezível dizer na prosa *tribunus militum*, ou *plebis*, ou *centurio*, ou *triumvir*, etc, jamais o teriam dito em poesia, porque estas palavras, de significado demasiado nu e preciso, não convêm ao verso, embora a idéia representada não só não seja desprezível, como é nobilíssima. Os termos da filosofia escolástica, reconhecidos em nossa língua como puríssimos, teriam sido bárbaros para a nossa poesia antiga, como para a moderna e para a prosa elegante, se os tivesse usado como palavras suas. E se Dante as derramou em seu poema, e assim também o fizeram outros poetas e vários escritores de prosa literária naqueles tempos, isto se justifica pela semibarbárie, ou melhor, pela civilização infante daquela literatura e daqueles séculos, que eram, porém, puríssi-

mos no que diz respeito à língua. Mas uma coisa é a pureza, outra, a elegância de uma palavra e sua conveniência, beleza e nobreza respectivas às diversas matérias ou somente aos diversos estilos: desde que se queira tratar de matérias filosóficas em um estilo elegante e em uma bela prosa, seria conveniente evitar tais termos, porquanto nesse caso a natureza do estilo requer maior elegância e beleza do que precisão, e esta é postergada. Digo que a Itália deve reconhecer como puros tais termos, etc, isto é, próprios de sua língua, como também das outras, mas não como elegantes. A bela literatura, mormente a poesia, não tem qualquer relação com a filosofia analítica, severa e exata, tendo como objeto a beleza, que é como dizer o fingimento, porquanto a verdade (como o quer a dolorosa sorte do homem) jamais foi bela. Ora, o objeto de toda filosofia, como de toda ciência, é a verdade: portanto, onde reina a filosofia, não há verdadeira poesia. Coisa que muitos estrangeiros famosos não vêem ou agem (ou se conduzem) como se não a vissem ou não quisessem vê-la. Talvez os leve a fazê-lo sua própria natureza, feita antes para as ciências do que para as artes. Mas a poesia, quanto mais for filosófica, menos será poesia.

(26 de junho de 1821)

É coisa já conhecida que a literatura e a poesia caminham no sentido inverso ao das ciências. Aquelas, convertidas em arte, esterilizam-se, estas prosperam; aquelas, quando chegam a determinado ponto, decaem; estas, avançam, expandem-se; aquelas são sempre mais grandiosas, mais belas, mais admiráveis entre os antigos, estas, entre os modernos; aquelas, quanto mais se distanciam de seus princípios, mais deterioram, até que se degeneram; estas, quanto mais próximas a seus princípios, mais são imperfeitas, frágeis, pobres e não raro tolas. A razão está em que o principal fundamento daquelas é a natureza, que não se aperfeiçoa (a não ser até certo ponto), mas degenera-se; destas, é a razão, que necessita do tempo para expandir-se e avança na proporção dos séculos e da experiência. A experiência é mestra da razão, nutriz, educadora da razão e assassina da natureza. O mesmo ocorre, então, a respeito das línguas. As qualidades que se beneficiam, por um lado, da razão e por outro, dela dependem, fortalecem-se e aperfeiçoam-se com o tempo; as que dependem da natureza, decaem, degeneram e perdem-se. Por conseguinte, ganham em clareza, ordem, regra, etc. Mas em eficácia, em variedade, etc e em tudo o que significa beleza, perdem quanto mais se distanciam daquele estado que constitui sua forma primitiva. A combinação da razão com a natureza ocorre quando elas se aplicam à literatura. A arte corrige então a rusticidade da natureza, e a natureza, a aridez da arte. As línguas encontram-se então em um estado de perfeição relativa. Mas não param por aí.

A razão avança e, avançando a razão, a natureza retrocede. A arte não é mais equilibrada. A precisão predomina, a beleza sucumbe. Eis a língua que, tendo perdido seu primitivo estado de natureza e o outro mais perfeito, de natureza organizada, ou melhor, formada, cai no estado geométrico, no estado de aridez e fealdade. (A língua francesa, em sua formação, aproximou-se, desde então, pelas circunstâncias do tempo, desse último estado, porque nela prevaleceu a razão, e o equilíbrio entre arte e natureza jamais existiu na língua francesa, ou jamais foi perfeito.) Os filósofos chamam a esse estado de perfeição, os literatos, estado de degeneração.

Ninguém é culpado. Os que se importam com a beleza de uma língua têm razão em não se satisfazerem com seu estado moderno e evocarem seus primórdios, ou seja, o tempo de sua formação, e não mais que isto insensatamente se pretende, mas, desejando regenerar a língua, inclusive quanto à beleza, faz-se o contrário, porquanto se passa de um extremo ao outro: nos extremos a beleza não pode existir, mas no centro e no ponto em que ela se formou e se aperfeiçoou. Aqueles a quem interessa que a língua sirva aos incrementos da razão recomendam a precisão, promovem a riqueza de *termos*, repudiam e descartam as palavras e frases, etc que são belas e elegantes, em prejuízo da segurança, clareza e facilidade da expressão e desprezam a antiga forma, insuficiente e prejudicial ao estabelecimento e comunicação das verdades mais profundas e percucientes.

Como faremos então? O andamento das coisas humanas é este; este, o andamento das línguas. A perfeição filosófica de uma língua pode expandir-se sempre; a perfeição literária, após o ponto a que me referi, não pode expandir-se (exceto em particulares), antes, não pode senão arruinar-se e perder-se. Ambos têm razão, e imensa. Conviria pô-los de acordo. A coisa é difícil, mas não impossível. Uma língua, mormente como a nossa (mas não a francesa) pode conservar ou retomar as antigas qualidades e assumir as modernas. Se os escritores forem sábios e tiverem verdadeiro discernimento, o meio de concórdia é este.

Separar perpetuamente os literatos e os poetas dos filósofos. A filosofia hodierna, que reduz a metafísica e a moral, etc a forma e condição quase matemáticas, não é mais compatível com a literatura e a poesia, como o era nos tempos em que se formaram nossa língua, a latina, a grega. (Já afirmei que a língua francesa não possui verdadeira literatura ou poesia, exceto a literatura epigramática e a de diálogo, que lhe são próprias e em que são muito bem-sucedidas; de resto, é antes filosofia que literatura.) A filosofia de Sócrates podia e poderá sempre não só associar-se, mas servir infinitamente à literatura e à poesia e será sempre mais útil ao homem que a hodierna, de que não nego não possa receber qualquer melhoria, como se fosse secundário ou reflorescimento. Mas as filosofias de Locke, de Leibniz, etc jamais podem conviver com a litera-

tura nem com a verdadeira poesia. A filosofia de Sócrates compartilhava grandemente a natureza, mas aquela não, e é toda razão. Portanto, nem ela nem sua língua são compatíveis com a literatura, diversamente da filosofia de Sócrates e de sua língua. E essa filosofia é tal que todos os homens um pouco sábios têm sempre dela se abeberado de alguma forma, em todos os tempos e nações, mesmo posteriores a Sócrates. É uma filosofia pouco distante daquilo que a própria natureza ensina ao homem social. Dividam-se, portanto, as línguas, e a nossa, que abarca tantas outras e tão diversas, pois, dentro de um mesmo gênero, poderá perfeitamente abarcar contemporaneamente uma língua bela e uma língua filosófica. Terá então uma filosofia e continuará a ter a poesia e a literatura com que tem sempre superado todas as modernas.

Sei perfeitamente que a era da verdade não é a era da beleza e que um século ou um terreno fecundo em grandes intelectos dificilmente há de ser fecundo em grande imaginação e sensibilidade, porquanto o engenho humano se modifica conforme as circunstâncias. Nesse caso, há de ser sempre certo que, como esta é a era da verdade, cumpre que nossa língua assuma as qualidades que servem à verdade, que ela jamais teve. Enquanto, porém, a Itália, terra da beleza e da grandiosidade, puder continuar a produzir engenhos aptos à literatura e à poesia, o único meio de fazer com que também estes tenham ou continuem a ter uma língua, e não contaminada pela natureza do século, é o que eu disse.

(20 de julho de 1821)

Não obstante o que disse acerca da incompatibilidade entre a filosofia hodierna e a poesia, os espíritos realmente extraordinários e notáveis, que riem dos preceitos, das observações, quase até mesmo do impossível e não consultam senão a si mesmos, poderão vencer qualquer obstáculo e ser notáveis filósofos modernos poetando perfeitamente. Mas essa circunstância, pela proximidade do impossível, não poderá ser senão raríssima e singular.

(24 de julho de 1821)

É verdade que a poesia própria dos tempos atuais é a sentimental. Entretanto, um homem de gênio, atingida uma certa idade, quando o coração se encontra ressequido pela experiência e pelo saber, pode mais facilmente escrever belas poesias de imaginação que de sentimento, porquanto pode-se comandar, de alguma forma, a imaginação, mas não o sentimento, muito menos o sentimento. E se o poeta, ao escrever, não é inflamado pela imaginação, pode-se perfeitamente fingi-lo, fazendo-se ajudar pelas reminiscências de quando o era, evocando, recolhendo e representando suas antigas fantasias. Contudo, não é tão fácil no que diz

respeito à paixão. Creio que, de modo geral, o poeta maduro seja mais apto à poesia de imaginação que à de sentimento absoluto, isto é, bem diverso da filosofia, do pensamento, etc. Disso poder-se-iam talvez coligir inúmeros exemplos efetivos, antigos e modernos, contra o que à primeira vista se julga, porque a imaginação é própria das crianças, e o sentimento, dos adultos.

(3 de agosto de 1821)

Força do modelo sobre a idéia da conveniência. O uso determinou que o poeta escrevesse em verso. Isto não é inerente à essência da poesia, nem de sua linguagem e forma de expressar as coisas. Verdade é que essa linguagem, essa forma e as coisas que o poeta diz, sendo de todo isoladas das coisas ordinárias, é assaz conveniente e favorece grandemente ao efeito o fato de ele empregar um ritmo, etc diverso do ordinário e comum, com que se expressam as coisas da maneira como são e como se costuma considerar na vida. Já não digo da utilidade da harmonia, etc. Mas a poesia, em essência e por si mesma, não tem laços com o verso. Contudo, fora do verso, os adornos, as metáforas, as imagens, os conceitos, tudo deve tomar um caráter mais afável, se se quiser fugir ao mau gosto da afetação e à sensação de inconveniência quanto ao que se chama demasiado poético para a prosa, conquanto o poético, em toda a extensão do termo, não inclua absolutamente a idéia ou a necessidade do verso ou de qualquer melodia. O homem poderia ser poeta inflamadíssimo em prosa, sem qualquer inconveniência absoluta, e essa prosa, que seria poesia, poderia, sem qualquer inconveniente, assumir perfeitissimamente a linguagem, a forma e todos os possíveis caracteres do poeta. Mas o modelo contrário e antiqüíssimo (originário talvez daquilo que os poetas se estimulavam a compor com a música e compunham conforme essa medida, cantando e, portanto, versejando, coisa muito natural) impede-nos de considerar conveniente uma coisa que, nem em si mesma, nem na natureza da linguagem humana ou do espírito poético do homem ou das coisas, guarda qualquer discordância.

(14 de setembro de 1821)

Assim como o homem não mostra interesse senão pelo próprio homem (uma vez que mostra maior interesse por si mesmo que pelos outros homens); assim como é mais vazia de efeitos a pintura que não representa coisas animadas e a que representa pedras, etc do que a que representa plantas, etc; assim como o principal efeito da pintura é produzido principalmente pela imitação do homem que dos animais ou dos outros objetos; assim como a poesia não agrada muito, nem por longo tempo, se incide: 1 – sobre coisas desorganizadas, 2 – sobre coisas organi-

zadas, mas não vivas, 3 – sobre seres vivos, mas não homens, 4 – sobre homens, mas não aquilo que melhor diz respeito ao homem e a cada leitor, isto é, as paixões, os sentimentos, isto é, o espírito humano (observai essas gradações, que se aplicam a toda espécie de coisas e idéias aprazíveis e à minha teoria do prazer), a poesia, os dramas, os romances, as histórias, as pinturas, etc não podem agradar muito nem por muito tempo se incidem sobre homens de costumes, opiniões, índole e quase mesmo de natureza absolutamente diversos dos nossos, como as personagens favoritas das veneradas poesias, etc do Norte, seja pela diferença do modelo nacional, seja pela excessiva diferença e estranheza de caráter, como os protagonistas de Lord Byron, e também pelo heroísmo excessivo: Aristóteles não aceitava que o protagonista da tragédia fosse demasiado heróico (porque se talvez a princípio interessem, pela novidade, as histórias de povos distantes, de viagens, etc, em pouco tempo tornam-se tediosas e passam, proporcionalmente, a interessar sempre mais as que tratam dos mais próximos e, entre os antigos, as dos latinos, gregos e hebreus, por estarem relacionados a todo o mundo culto, pela história de nossa juventude, estudos, religião, literatura, etc. Isto, conforme as circunstâncias dos indivíduos). Por todos os lugares o homem busca seu semelhante, porquanto não busca e não tem jamais outro propósito senão ele mesmo, e o sistema da beleza, assim como todo o sistema da vida giram sobre o eixo e são postos em movimento pela colossal mola do egoísmo e, portanto, da semelhança e da relação consigo mesmo, isto é, com quem deve desfrutar a beleza de qualquer espécie.

(5 de outubro de 1821)

Parece que não somente a respeito da língua francesa, mas de todas as línguas modernas, a prosa seja mais adequada que o verso à poesia. Demonstrei anteriormente em que deva consistir essencialmente a poesia moderna e quanto ela seja antes prosaica que poética. Com efeito, enquanto lemos textos antigos em prosa, por vezes quase lhes desejamos o ritmo e a medida, pela poeticidade das idéias que trazem (não obstante no que se refira ao ritmo e a todas as outras qualidades, a prosa antiga preze singularmente a versificação); pelo contrário, lendo versos modernos, mesmo ótimos, e muito mais quando nós mesmos experimentamos empregar em verso certos pensamentos poéticos verdadeiramente próprios e modernos, desejamos a liberdade, o desprendimento, o abandono, a fluidez, a facilidade, a clareza, a placidez, a simplicidade, a sensatez, a seriedade e a firmeza, a gravidade, a afabilidade da prosa, porque quadram melhor com aquelas idéias que em nada reclamavam a forma do verso.

(26 de novembro de 1821)

Não somente é necessário que o poeta imite e represente com perfeição a natureza, como também a imite e represente com naturalidade. Entretanto, Ovídio, que a representou sem naturalidade, seguiu tão de perto aqueles objetos que por fim no-los apresenta e nos faz mesmo vê-los, tocá-los e senti-los, mas à força de um desmesurado desvelo (de modo que lhe é necessária uma página para nos fazer ver o que Dante nos faz ver com um terceto), e antes com pertinácia que eficácia; sacia-nos depressa, além de não ser profundamente agradável, pois que não sabe ocultar a arte e, em seguir tão facilmente os objetos (não só por uma perigosa intemperança e insaciedade, mas porque ele, sem se valer de variados traços, não sabe de pronto desenhar a figura, e se não fosse longo o processo, não seria evidente), torna manifesto o empenho, que, nos poetas, é contrário à naturalidade. O que nos poetas se deve poder ver, além dos objetos imitados, é uma admirável negligência, que é a que vemos nos antigos, mestres dessa arte imprescindível e essencial, é a que vemos em Ariosto, Petrarca, etc, é o que infelizmente falta aos melhores clássicos entre os modernos, é o que com o sentimentalismo e o sistema de Breme e nas poesias modernas dos franceses não se obtém, jamais se obtém; pois que esse sentimentalismo denuncia certo empenho, etc, denuncia, em suma, o poeta que fala, etc. Percebe-se, em suma, que Ovídio deseja representar e fazer o que com palavras resulta difícil, mostrar a figura, etc e percebe-se o desvelo; em Dante, não: parece que deseja narrar e fazer o que com palavras resulta fácil e corresponde ao uso ordinário das palavras, representa deliciosamente e contudo não se vê o desvelo, não indica certas minúcias, *erguia a mão, apertava-a e voltava-se um tantinho* e que mais sei eu (como fazem os românticos descritores e, em geral, os poetas descritivos franceses ou ingleses, como também prosas, etc, tão em voga ultimamente); em suma, há em Dante a negligência, em Ovídio, não.

Não somente a elegância, mas a nobreza e a grandeza, todas as qualidades da linguagem poética, ou antes, a própria linguagem poética consiste, se o observares bem, em uma maneira de falar indefinida, ou não muito bem definida, ou ainda sempre menos definida que o falar prosaico ou vulgar. Este é o efeito de seu isolamento a respeito do vulgo e este é também o meio e a forma de sê-lo. Tudo o que é precisamente definido poderá acaso tomar parte na linguagem poética, visto que não é necessário considerar sua natureza senão em conjunto, mas, rigorosamente falando, decerto não será poético. O mesmo efeito e a mesma natureza se observam na prosa que, sem ser poética, é porém sublime, elevada, magnífica, grandiloqüente. A verdadeira nobreza do estilo prosaico consiste em manter um não sei quê de indefinido. Tal costuma ser

a prosa dos antigos, gregos e latinos. E não há portanto distinção notável entre o indefinido da linguagem poética e o da linguagem prosaica, oratória, etc.

Note-se, então, como a língua francesa é, por natureza, incapaz de poesia; incapacíssima de indefinição e nos estilos mais sublimes jamais encontra senão uma perpétua e completa definição.

O fato de a língua francesa não contar com uma linguagem distinta da do vulgo, torna-a incapaz de indefinição e, portanto, de linguagem poética; e porque a língua é como que um todo com as coisas, é incapaz de verdadeira poesia.

Não só de linguagem poética, mas também daquela linguagem prosaica nobre e majestosa, que é própria dos antigos e, entre os modernos, dos italianos (e também dos espanhóis e dos franceses antes da reforma) e que especifiquei anteriormente.

(12 de outubro de 1821)

O homem não é somente um produto das circunstâncias enquanto elas o predispõem a tal ou qual profissão, etc, mas também quanto ao gênero, modo e gosto da profissão a que o hábito e as circunstâncias o predispuseram. Eu, por exemplo, até o momento em que lia apenas autores franceses, o hábito parecendo natureza, parecia-me que meu estilo natural fosse unicamente aquele e que a isso me conduzisse a inclinação. Desenganei-me, passando a leituras diversas, mas também destas, de mês a mês, ao variar o gosto dos autores que eu lia, variava a opinião que desenvolvia acerca de minha própria inclinação natural. E isto, mesmo em se tratando de coisas mínimas e determinadíssimas, concernentes à língua, ao estilo, à forma ou ao gênero da literatura. Assim, tendo lido somente Petrarca entre os líricos, parecia-me que se houvesse de escrever coisas líricas, a natureza não me levaria a escrevê-las em outro estilo, etc senão semelhante ao de Petrarca. Tais resultaram, com efeito, os primeiros ensaios que fiz naquele gênero de poesia. Os seguintes não foram tão semelhantes, porque já não lia Petrarca há algum tempo. Os posteriores foram absolutamente dessemelhantes, por ter-me educado em outros modelos ou por ter adquirido, à força de multiplicar os modelos, as reflexões, etc, aquela espécie de expressão ou de faculdade *que se chama originalidade* (*originalidade* que se adquire? e que efetivamente não se pode jamais possuir senão adquirida? Até mesmo Madame de Staël afirma que é necessário ler o mais que se possa para tornar-se *original*. O que é, portanto, a originalidade? faculdade adquirida, como todas as outras, conquanto esse apêndice *adquirida* repugne claramente ao significado e valor do seu nome).

(28 de novembro de 1821)

A quem pedisse meu parecer acerca do mais eloqüente trecho italiano, citaria duas canções de Petrarca, *Spirto gentil* e *Italia mia*; se pudesse conceder algo a Tasso, diria que em verdade era eloqüente, sobretudo falando de si mesmo, e, salvo Petrarca, é o único italiano de fato eloqüente. A desventura o fez assim em grande parte, e a grande freqüência com que lhe ocorreu defender-se, etc e de alguma forma falar de si, porque hei sempre de afirmar que os grandes homens, quando falam de si, tornam-se maiores do que são, e os medíocres tornam-se alguma coisa, por ser esse um campo em que as paixões, o interesse e conhecimento profundo, etc não oferecem campo para a afetação e a sofística, isto é, para a maior detratora da eloqüência e da poesia, uma vez que não se podem lançar mão de lugares-comuns quando se fala de assunto próprio, em que necessariamente pesam a natureza e o coração, e se fala com entusiasmo e com plenitude de coração. Donde o que se diz da utilidade que resulta para o escritor tratar de matérias graves, embora à primeira vista pareça que o assunto não deva interessar grandemente aos ouvintes, mas é falso: veja-se no melhor e mais célebre trecho de Bossuet, aquele no término do discurso de Condé, que efeito produz a apresentação de si próprio. Comparo esse trecho ao de Cícero, na *Miloniana* (que talvez seja seu melhor discurso, como talvez seja este seu melhor trecho), que igualmente se encontra no fim, em que, para enternecer os juízes, faz menção de si mesmo e parece-me que produza um efeito incrível, como e ainda mais significativo que o de Bossuet, de forma que se pode apresentar a si mesmo em discursos eloqüentes, ao contrário do que se crê.

Por que será que entre tantos imitadores de obras e de escritores clássicos, nenhum tenha atingido um grau de fama não digo igual, mas nem ao menos próximo ao que foi imitado? Não é verossímil que sendo mais fácil o *inventis addere* e o aperfeiçoamento de uma obra inventada que inventá-la já perfeita, e tendo havido diversos imitadores profundamente engenhosos, mormente na Itália, em um tempo em que imitar era coisa da moda, e, portanto, tornava-se ocupação até dos melhores (como Sannazaro, que imitou Virgílio; Tasso, que imitou Petrarca, etc), não tenha jamais havido qualquer imitação que ao menos se igualasse à obra imitada e, por conseqüência, merecesse um posto emparelhado ao do original. Mas o fato está em que, em matéria de literatura ou de artes, basta dar-se conta da imitação para colocar a obra em posição infinitamente inferior à do modelo e que, nesse caso, como em muitos outros, a fama não se refere tanto ao mérito absoluto e intrínseco da obra quanto à condição do escritor ou artífice. Pelo que, imitadores quaisquer que fordes, perdei inteiramente a esperança de atingir a imortalidade, ainda quando vossas cópias valerem muito mais que o original.

A extrema limitação, o preconceito e a tirania, no que diz respeito à pureza da língua produzem a barbárie e a permissividade, assim como a servidão excessiva produz a extrema e desmesurada liberdade dos povos que, portanto, não se tornam livres porque são excessivamente subjugados e porque a tirania é perfeita, a pior que poderia existir, porque a mais moderada.

(15 de abril de 1821)

A lírica pode chamar-se o vértice, o cume, o ápice da poesia, que é o ápice do discurso humano. Os franceses, porém, que permaneceram milhas e milhas aquém do sublime na épica, podem ainda menos desejar uma verdadeira lírica, que impõe um gênero mais elevado de sublime. Say, em *Achegas sobre os homens e a sociedade* chama a ode de sonata da literatura. É louco se considera que a ode não possa ser outra coisa, mas tem grande razão se pretende falar das odes existentes, mormente das francesas.

Nem todo propósito deve o poeta ocultar, como, por exemplo, não deve ocultar o propósito de instruir, no poema didascálico, etc, em suma, os propósitos manifestos e que se revelam, por exemplo, nos primeiros versos do poema: *Canto l'armi pietose*, etc. Mas aqueles que não se coadunam naturalmente com o propósito manifesto, tal como o de representar para com o de narrar e o de deleitar para com o de instruir, coisas a que o poeta se propõe, mas não deve demonstrá-lo, embora deva demonstrar os propósitos manifestos, que servem sobretudo de pretexto e de disfarce para os propósitos velados. Isto porque estes últimos não são naturais, como é natural o fato de narrar e etc, mas o prazer e a representação, etc devem parecer espontâneos sem que o poeta os tenha perseguido, o que demonstraria a arte, o desvelo e a diligência; em suma, não seria natural, pois que imaginando o poeta no estado natural, é um homem que elege seu tema, e este é o propósito manifesto, e precipita-se dizendo o que lhe ocorre espontaneamente, como o fazem todos os que falam, e ainda que ele ponha aqui uma imagem, ali um sentimento, um som expressivo, etc e tudo isso seja deliberado, não deve parecer que o seja, mas algo natural, e assim levando adiante seu discurso, o ardor de sua fantasia e seu coração, etc, sob pena de não imitar naturalmente a natureza. Estes são os propósitos, digamos, secundários, conquanto, com bastante freqüência, sejam, na realidade, primários (como nos poemas didascálicos, em que o propósito primário parece ser a instrução, e deve parecê-lo, quando na verdade é somente um meio, pois que o verdadeiro propósito é o prazer), que é mister ocultar. Além do poeta, entenda-se o orador, o historiador e qualquer outro escritor. Afetação, em

latim, quer dizer o mesmo que propósito e, entre nós, o mesmo que propósito manifesto; aliás, esta pode ser sua definição.

A única coisa que o poeta deve ocultar é não compreender o efeito que suas imagens, descrições, sentimentos hão de produzir em quem os ler. Como também o orador e todo escritor de boa literatura e, pode-se quase que generalizar, todo escritor. *Il ne paraît point chercher à vous attendrir*, diz de Demóstenes o Cardeal Maury (*Discours sur l'éloquence*), *écoutez-le cepedant, et il vous fera pleurer par réflexion.* Conquanto também a desenvoltura possa ser afetada e com isso arruinar-se, podemos todavia dizer hiperbolicamente que se não é permitida ao escritor nenhuma afetação, não é outra senão esta de não perceber, nem prever os belos efeitos que suas palavras hão de produzir em quem as ler ou as ouvir, e de não ter outro desejo nem outro propósito salvo aquele, que é manifesto e natural, de narrar, de celebrar, de lamentar. Pelo que é verdadeiramente mísera e bárbara a prática moderna de fracionar todo o texto ou poesia por meio de sinaizinhos, tracinhos e pontos exclamativos duplos, triplos, etc. Todo o *Corsaro*, de Lord Byron (falo da tradução, não sei a respeito do original e de suas outras obras) é fracionado por tracinhos, não só entre períodos, mas entre frases, e aliás a frase é com bastante freqüência fragmentada e o substantivo é separado do adjetivo por meio desses tracinhos (falta pouco para que as próprias palavras sejam também divididas), que nos dizem a cada passo, como o vendedor que exibe algo belo: *prestai atenção, notai que este que está por vir é um belo trecho, observai este epíteto, que é notável, debruçai-vos sobre esta expressão, ocupai-vos desta imagem*, etc, coisa que agasta o leitor, que quanto mais se vê obrigado a prestar atenção, mais desejaria descuidar, e quanto mais a coisa lhe é imposta como bela, mais deseja vê-la feia e, por fim, não dá nenhuma importância àquelas marcas, lendo como se não existissem. Não digo do incrível, contínuo e evidentíssimo afã, com que o pobre Lord sua e fatiga-se no intuito de fazer original e nova cada mínima frase, cada mínimo detalhe e não haver coisa que dita um milhão de vezes, ele não diga de outra forma, afetação mais clara que o sol, que é de extremo desagrado, além de enfadar pela uniformidade e pela contínua fadiga do intelecto, necessária à compreensão dessa afetadíssima, obscuríssima e perene originalidade.

(25 de agosto de 1820)

A prosa, para ser verdadeiramente bela (como a dos antigos) e conservar aquela delicadeza e afabilidade, compostas, entre outras coisas, de nobreza e dignidade, que estão presentes em toda a prosa antiga, mas em quase nenhuma moderna, é mister que tenha sempre algo de poético,

não algo particular, mas uma meia-tinta geral, por exemplo, certas expressões técnicas que sendo baixíssimas para a poesia, são baixas para a prosa (pois que não falo das que são absolutamente baixas e plebéias, que acaso poderão não ser convenientes à boa prosa a que me refiro), assim como outras, que são baixas para a poesia, não convirem absolutamente à prosa: os versos de Voltaire, por exemplo: *Je chante les héros qui regna sur la France. Et par droit de conquête, et par droit de naissance.* O nefasto tecnicismo destes versos não é impróprio para prosa. Percebe-se por tudo o que eu disse quanto deva tornar-se efetivamente *geométrica*, árdua, mirrada, dura, seca, ossuda e, por assim dizer, semelhante a uma pessoa magra que tenha expostas as pontas dos ossos, a prosa pontuada de expressões, metáforas, frases, locuções, modos técnicos que se usam sobretudo na França e quão distante do frescor e da carnosidade delicada, sã, rubra, viçosa, florida e da flexibilidade e dignidade que se admiram em toda a prosa que sabe a antigo.

Uma coisa é a imaginação vigorosa, outra a fecundidade da imaginação, e uma não pode existir sem a outra. Vigorosa era a imaginação de Homero e de Dante, fecunda, a de Ovídio e de Ariosto. Coisa que é mister distinguir quando se ouve louvar um poeta ou quem quer que seja por sua imaginação. Aquela facilmente torna o homem infeliz, pela profundidade das sensações, esta, ao contrário, o alegra com a versatilidade e com a facilidade de demorar-se sobre todos os objetos e de abandoná-los, em virtude da profusão de distrações. E seguem-se caracteres diversíssimos. O primeiro, grave, atormentado, ordinariamente (a respeito de nossos tempos) melancólico, profundo no sentimento e nas paixões e talhado para sofrer grandemente a vida. O outro, divertido, leve, ocioso, inconstante no amor, espírito folgazão, incapaz de paixões e dores fortes e duradouras, fácil em consolar-se, mesmo das maiores desventuras, etc. Reconhecei nestes dois caracteres os retratos exatíssimos de Dante e de Ovídio e observai como a diferença de concepção poética corresponde precisamente à diferença de vida. Observai de que forma diversa Dante e Ovídio sentiram e conduziram o exílio. Nesse sentido, uma mesma faculdade do espírito humano é mãe de sentimentos opostos, conforme suas qualidades, que quase a distinguem em duas faculdades distintas. Não creio que a imaginação profunda se ajuste perfeitamente à coragem, ao representar vivamente o perigo, a dor, etc, ainda mais vivamente que a reflexão, quando uma narra e a outra ilustra. E eu creio que a imaginação dos homens valorosos (que não devem ser desprovidos, porque o entusiasmo é sempre companheiro da imaginação e deriva dela) pertença sobretudo ao outro gênero.

(5 de julho de 1820)

Homero e Dante sabiam em sua época muitíssimas coisas, mais do que sabe hoje a maioria dos homens cultos, não só pela proporção das épocas, mas de uma forma absoluta. Há que distinguir o conhecimento prático do filosófico, o conhecimento físico do matemático, o conhecimento dos efeitos do conhecimento das causas. Aquele é necessário à fecundidade e versatilidade da imaginação, à propriedade, verdade, evidência e eficácia da imitação. Este não pode deixar de prejudicar o poeta. Dessa forma, a erudição favorece imensamente o poeta, quando a ignorância das causas lhe concede, não somente no que diz respeito aos outros, mas a si mesmo, atribuir os efeitos que vê ou conhece às razões que sua fantasia imagina.

(5 de setembro de 1820)

Vê-se perfeitamente que Dante se esforçou por falar a seus compatriotas com maneiras e vocábulos provençais, em virtude de a região provençal ser, então, a mais culta e ter uma literatura que gozava na Itália de grande prestígio e que tornava a língua provençal tão familiar aos italianos cultos que suas palavras e expressões, italianizadas, não eram enigmas para eles e tão pouco vulgares que as referidas palavras e expressões não lhes andavam ordinariamente na boca (como hoje as latinas, por exemplo, que os poetas fazem assimilar novamente no italiano e que todos entendem), nem na do povo, que estava, porém, suficientemente disposto a compreendê-las (sem perder o prazer do peregrino), em vista das cantigas provençais, amorosas, etc que circulavam amiúde e se cantavam, etc. Dessas cantigas e dessa literatura, Dante retirou, então, diversas palavras e maneiras para ser elegante: e o conseguiu; e com todos os que hoje em dia se chamariam barbarismos, tanto ele como Homero e outros escritores primitivos são considerados, por toda a parte como clássicos e alguns como elegantes; se considerados deselegantes, o são antes em função do arcaísmo que do barbarismo.

O barbarismo, em suma, quando constitui um verdadeiro falar peregrino e que não repugna, como o exposto, e que se compreende (de qualquer língua tenha sido retirado, a respeito da própria língua), não só é compatível com a elegância, mas é uma verdadeira fonte de elegância.

Dante introduzira entre os antigos, no momento em que quase criou nossa língua, a faculdade, a coragem e a ousadia dos compostos, dos quais ele se serve largamente (como *indiare, intuare, immiare, disguardare*, etc), mormente com preposições, advérbios e partículas.

Ovídio descreve, Virgílio pinta, Dante (e guardadas as proporções, o nosso Bartoli, na prosa), rigorosamente falando, não só pinta com dois

golpes, como mestre, e faz uma figura com uma pincelada; não só pinta sem descrever (como Virgílio e Homero), mas entalha e esculpe as próprias idéias, conceitos, imagens, sentimentos diante dos olhos do leitor.

(29 de junho de 1822, dia de S. Pedro)

Quem quer que conheça Tasso intimamente, se não situar o escritor ou o poeta entre os notáveis, certamente situará o homem entre os primeiros, talvez no primeiro lugar de seu tempo.

Conquanto não se possa realmente dizer que Tasso seja perfeito em seu gênero, nem mesmo notável como Homero (que notável foi ele, não seu poema, nem ele como criador), a Itália, após Tasso, não conheceu poema épico digno de memória, conquanto engenhos diversos, pequenos ou medíocres tentassem a mesma empresa. Aliás, embora haja grande diferença de gênero entre o poema de Ariosto e o de Tasso, pareceu estranho que ele se lançasse a essa tormenta, depois de Ariosto; após a publicação de *Gerusalemme*, seus inimigos não deixaram de compará-lo ao *Orlando*, de subestimá-lo e de acusar a Tasso de imprudência, etc.

Donde os dois únicos eloqüentes do Quinhentos são Lorenzino, de um lado e Tasso, de outro, por todas as suas obras, em que ambos falam sempre de si, e onde Tasso é mais eloqüente, belo, nobre, etc é nas cartas, que constituem o que ele fez de melhor.

SEGUNDA PARTE

O HOMEM E O UNIVERSO

Quem de nós estaria apto a conceber, senão mesmo a executar o plano do universo, a ordem, a concatenação, a perfeição, a exatidão admirável de suas partes, etc? Sinal evidente que o universo é obra de uma inteligência infinita. — Sabeis que um espaço infinito separa a amplitude e a força do intelecto humano de uma amplitude e força infinita? O intelecto humano não está apto a conceber um plano como o do universo. Mas um intelecto mil vezes mais forte e vasto que o humano poderá fazê-lo. Não vos parece? Direis então um intelecto um milhão de vezes, um bilhão, um trilhão, um trilhão de trilhões maior que o humano. Não chegareis jamais a um intelecto infinito e, por conseqüência, jamais a um grande intelecto, senão relativamente (uma vez que um intelecto um trilhão de vezes maior que o nosso não seria por si só um grande intelecto, mas somente em relação ao nosso, como seria infinitamente menor que um intelecto infinito), e jamais a um intelecto divino. Digo o mesmo sobre o poder. O homem não pode fazer o mundo. Fazê-lo, porém, não requer um poder infinito, mas somente maior que o do homem. Deduzindo da existência do mundo a infinidade e, portanto, a divindade de seu criador, declarais supor que o mundo seja infinito, infinitamente perfeito e que expresse uma arte infinita, o que é falso; e, se falso, não se deve atribuir nenhuma infinidade ao criador da natureza. Não digo das inumeráveis imperfeições que se vislumbram, não somente em nível físico, mas metafísico e lógico, no universo.

De resto, aquilo que na estrutura, etc do mundo e de suas partes, como um animal, por exemplo, nos parece admirável e de extrema dificuldade em conceber, não foi efetivamente difícil. As coisas são como são porque devem ser assim, em razão de sua natureza absoluta ou das forças e dos princípios (quaisquer que sejam) que as produziram. Se essa natureza tivesse sido diversa, se as coisas tivessem que se encaminhar diversamente, encaminhar-se-iam, sem que fossem menos excelentes ou corressem menos perfeitas (ou melhor, fossem mais graves ou corressem mais imperfeitas) do que como as vemos hoje. Antes, aquilo que chama-

mos ordem e nos parece de uma perfeição admirável seria (e se o pudéssemos conceber, parecer-nos-ia) inteira e extrema desordem e imperfeição. Nenhuma perfeição há, em suma, na natureza, porque a própria natureza determina que as coisas corram bem se organizadas antes de uma forma que de outra; essa forma não é absolutamente imprescindível a um perfeito andamento, mas somente a respeito de um determinado ser da natureza e não outro, que se ela fosse diversa, as coisas não correriam bem e não se poderiam conservar, etc, senão de outra forma, etc.

(Bolonha, 8 de outubro de 1825)

Tudo é mal. Isto é, tudo o que existe é mal; a existência de cada coisa é um mal; o propósito de cada coisa que existe é o mal; a existência é um mal e conduz-se para o mal; o propósito do universo é o mal; a ordem e o estado, as leis, o andamento natural do universo nada são senão mal, nem estão voltados para outro fim que não seja o mal. Não há outro bem senão o não-ser; nada há superior ao que não existe, às coisas que não são coisas: todas as coisas são vis. Tudo o que existe, o complexo de tantos mundos que existem, o universo não são, em metafísica, nada além de uma mancha, de uma partícula. A existência, em razão de sua natureza e de sua essência particular e geral, é uma imperfeição, uma irregularidade, uma monstruosidade. Mas essa imperfeição é algo pequeníssimo, uma verdadeira mancha, porque todos os mundos que existem, tantos e tão grandes que possam ser, não sendo porém certamente infinitos nem em número nem em grandeza, são, por conseqüência, infinitamente pequenos em comparação com o que o universo poderia ser se infinito; e tudo o que existe é infinitamente pequeno em comparação à verdadeira infinidade, por assim dizer, do não existente, do nada.

Com efeito, nada na natureza anuncia o infinito, a existência de algo infinito. O infinito é um produto de nossa imaginação, de nossa pequenez e contemporaneamente de nossa soberba. Temos visto coisas inconcebivelmente maiores que nós, que nosso mundo, etc; forças inconcebivelmente maiores que as nossas; mundos maiores que o nosso, etc. O que não quer dizer que sejam grandes, mas que diante deles somos mínimos. Ou que cremos como infinitas as grandezas (de inteligência, de força, de amplitude, etc) que não podemos conceber; que cremos infinito o que é incomparavelmente maior que nós e que nossas coisas, que são mínimas, como se nada houvesse superior a nós a não ser o infinito, como se somente ele não pudesse ser abraçado por nossa imaginação, como se somente ele fosse maior que nós. Mas o infinito é uma idéia, um sonho, não uma realidade; não temos ao menos nenhuma prova de sua existência, nem mesmo por analogia, e podemos dizer

que estamos a uma distância infinita do conhecimento e da demonstração de tal existência; poder-se-ia ainda discutir longamente se a existência do infinito é possível (coisa que alguns modernos têm negado) e se essa idéia, produto de nossa imaginação, não é por si só contraditória, isto é, metafisicamente inválida. Certamente, conforme as leis da existência que podemos conhecer, isto é, as que são deduzidas das coisas existentes, que conhecemos ou que sabemos existir, o infinito, ou seja, algo sem limites, não pode existir, não seria coisa, etc (Bologna, 1º de maio, Festa dos santos Felippe e Giacomo, 1826). Parece que somente aquilo que não existe, a negação do ser, o nada, possa ser ilimitado, e que em essência o infinito venha a ser o próprio nada. Parece sobretudo que a individualidade da existência exija naturalmente uma limitação qualquer, de modo que o infinito não admita individualidade e que os dois termos sejam contraditórios; logo não se pode supor um simples indivíduo que não tenha limites.

(2 de maio de 1826)

A hipótese da eternidade da matéria não seria objeção a esses pensamentos. A eternidade, o tempo, coisas que foram tão discutidas pelos antigos, não são, conforme observaram os metafísicos modernos, nada mais do que o espaço, do que a expressão de alguma idéia nossa, relativa ao modo de ser das coisas, e não coisas ou seres, como pareciam considerar os antigos, ou antes, os filósofos até nossos dias. A matéria seria eterna, e nada, portanto, existiria de infinito. O que não quer dizer senão que a matéria, coisa finita, jamais entraria a existir e jamais deixaria de existir; que o finito sempre existiu e sempre há de existir.

Nossa infelicidade é uma prova de nossa imortalidade, se considerada sob este aspecto, isto é, que os seres brutos e de certa forma todos os seres vivos podem ser felizes e o são, apenas nós não o somos nem o podemos ser. Ora, é coisa evidente que em todo o nosso globo a mais nobre coisa e que domina todas as outras, antes, aquele a cujo serviço parece, através de inúmeros indícios incontestáveis, que tenha sido feito, já não digo o mundo, mas a Terra, é o homem. E é portanto contrário às leis permanentes, que podemos notar observadas pela natureza, que o principal ser não possa gozar da perfeição de sua existência, que é a felicidade, sem a qual, aliás, faz-se penoso ser, isto é, existir; enquanto os inferiores, e sem precedentes, podem tudo isto e o conseguem, o que se torna claro por inúmeros indícios e pelas razões já indicadas em outro pensamento.

A vida humana não foi jamais tão feliz como quando se considerou que também a morte pudesse ser bela e doce; nem os homens viveram

com mais prazer do que quando preparados e dispostos para morrerem pela pátria e pela glória.

(25 de julho, dia de S. Giacomo, 1823)

Em muitas outras coisas, o desenvolvimento, o progresso, as vicissitudes, a história do gênero humano assemelham-se à do indivíduo, como uma figura que, ampliada, representasse a mesma em menor tamanho, mas entre outras coisas, a seguinte. Quando os homens desfrutavam alguma felicidade ou uma infelicidade menor que a presente, quando, perdendo a vida, perdiam algo, arriscavam-na com maior desprendimento e constância e com boa vontade, não temiam, antes, buscavam os perigos, não se amedrontavam diante da morte, antes, afrontavam-na todos os dias, entre inimigos ou entre eles, saboreavam o perigo acima de qualquer coisa e julgavam o bem supremo morrer gloriosamente. Ora, o temor dos perigos é tanto maior quanto maior for a infelicidade e o fastio de que a morte nos libertará ou, no mínimo, quanto menos tivermos a perder, morrendo. E o amor pela vida e o temor da morte avultam na espécie humana e em toda nação conforme a vida tenha menor valor. A coragem é tanto menor quanto menores forem os bens que ela arriscar e quanto menos ela custar. A morte, que para os antigos, tão ativos e de vida, ao menos, tão plena, era acaso o bem supremo, é julgada e comumente designada como o mal supremo, quanto mais mísera for a vida. É sabido que as nações mais oprimidas e, analogamente, as classes mais impotentes, míseras e escravas da sociedade são as menos corajosas e as mais tímidas diante da morte, como as mais zelosas e ciosas da vida que lhes é todavia grande fardo. E quanto mais se lhes oprimem e tornam infeliz a vida, mais a fazem atraente. Pode-se, em suma, dizer que os antigos, vivendo, não temiam a morte, e os modernos, não vivendo, a temem; e que quanto mais semelhante à morte for a vida do homem, mais a morte é temida e repudiada, como se o amedrontasse aquela imagem contínua que a própria vida nos oferece à contemplação e aqueles efeitos, ou antes, aquela porção que, vivendo, experimentamos. E vice-versa. Ora, aplique-se o que digo sobre os antigos e modernos aos jovens e velhos, qualquer que seja a idade das nações e dos seres humanos e se há de encontrar, guardadas as devidas proporções, a mesma diferença de circunstância e de efeitos.

(25 de julho de 1823)

Não somente (pois que difícil, etc) não podemos conhecer nem prever suficientemente tudo aquilo de que a natureza humana é capaz em geral, impulsionada por circunstâncias favoráveis, como de um único indivíduo, presente, passado ou futuro, não podemos conhecer com

exatidão nem prever as dimensões que em circunstâncias apropriadas poderiam ou mesmo poderão alcançar suas próprias faculdades.

(Bolonha, 21 de fevereiro de 1826)

Nem o título de filósofo nem outro similar são tais que por eles se deva o homem vangloriar, nem mesmo de si para si. O único título conveniente ao homem e do qual ele poderia vangloriar-se é o de homem. Somente ostentaria esse título quem o merecesse, sendo verdadeiro homem, isto é, conforme a natureza. Dessa forma e sob essa condição, o título de homem é algo do que se vangloriar, se considerarmos que ele é a principal obra da natureza terrena, ou seja, de nosso planeta.

(24 de junho, dia de S. João Batista, 1822)

O homem (como também os outros animais) não nasce para gozar a vida, mas para perpetuá-la, para transmiti-la aos que o sucedem, para conservá-la. Nem ele mesmo, nem a vida, nem objeto algum deste mundo lhe pertencem, mas, ao contrário, ele é que pertence por completo à vida. — Sentença e conclusão aterradoras, mas inteiramente verdadeiras, a respeito da metafísica. A existência não se destina ao ser existente, não tem como propósito o ser existente, nem o bem do ser existente; se este experimenta algum bem, é por obra do acaso; o ser existente pertence à existência, por completo, este é seu verdadeiro fim. Os seres existentes existem para que se exista, o indivíduo existente nasce e existe para que se continue a existir e a existência se conserve nele e após ele. Percebe-se tudo isso pelo fato de que o único e verdadeiro propósito da natureza é a conservação da espécie, e não a conservação ou a felicidade dos indivíduos, que não existe nem para os indivíduos, nem para a espécie.

Jamais senti a vida tão intensa como enquanto amava, ainda que para mim todo o resto do mundo estivesse como morto. O amor é a vida e o princípio vivificante da natureza, como o ódio é o princípio destruidor e fatal. As coisas foram feitas para amarem-se reciprocamente, e a vida nasce daí. Odiando-se, ainda que muitas formas de ódio sejam mesmo naturais, manifesta-se o efeito contrário, isto é, destruição recíproca, corrosão e aniquilação interior daquele que odeia.

Nos arroubos do amor, nos colóquios com a amada, nos favores que te proporcionas, ainda nos extremos, tu buscas antes encontrar a felicidade que experimentá-la; teu coração agitado sente uma grande ausência, um não-sei-quê de menos do que esperava, um desejo de alguma coisa, ou antes, de muitas. Os melhores momentos do amor são aqueles de uma doce e serena melancolia, quando choras sem saber por quê,

como se te resignasses pacificamente a uma desventura, sem saber qual. Naquele repouso, tua alma, menos agitada, é quase plena e quase saboreia a felicidade (ver MONTESQUIEU, *Temple de Gnide*, canto 5, após o meio, p. 342). Assim, também no amor, que é o estado de espírito mais rico em prazeres e ilusões, a parte melhor, a estrada mais imediata para o prazer e para uma sombra de felicidade é a dor.

(26 de junho de 1820)

A compaixão é, não raro, fonte de amor, mas somente quando recai sobre objetos estimáveis por si mesmos, ou de forma que com a compaixão possam sê-lo. E essa é a compaixão que importa à alma. As maiores calamidades que se sucedem a um objeto, ainda inocentíssimo, mas não estimável, como a uma pessoa velha e feia, não provocam senão uma ligeira compaixão, que se extingue ordinariamente com a presença do objeto ou da imagem que as lembranças formam, etc (e a alma não se regozija, não a evoca). É mister que sejam bastante vivas e eficazes para nos comoverem momentaneamente, enquanto bastam poucas palavras para nos compadecermos de uma bela jovem, posto desconhecida, à simples lembrança de sua desgraça. Portanto, Sócrates será tanto mais admirado que pranteado, além de constituir um péssimo assunto para tragédia. Pecaria imensamente o romancista que ideasse pobres desventurados. Como também o poeta, etc, que, em qualquer tipo de gênero de poesia deve resguardar-se de sugerir à gente que é feio, pois que ao ler uma bela poesia, prontamente imaginamos um belo poeta. E o contraste ser-nos-ia desagradabilíssimo. Ainda mais se o poeta fala de si, de seus infortúnios, de seus amores desventurados, como Petrarca, etc.

Reclamai prazer a um indivíduo e não vo-lo será concedido sem incorrer em ódio de outrem. A razão disso é que o ódio é paixão, a gratidão, a razão e o dever, a não ser quando os benefícios geram o amor-paixão, pois não se pode duvidar de que este não seja com freqüência mais eficaz e ativo que o ódio e todas as outras paixões. Mas a simples gratidão é inteiramente dedicada aos outros, enquanto o amor-paixão, embora pareça, não o é, mas fundamenta-se sobretudo no amor-próprio, já que se ama aquele determinado objeto enquanto algo que nos interessa, nos agrada e, desse sentimento, nosso eu participa soberanamente. Mas a razão não é tão eficaz como a paixão. Ouvi os filósofos. É necessário fazer com que o homem se conduza pela razão, jamais pela paixão, ou antes, se conduza unicamente pela razão e pelo dever. Histórias. A natureza dos homens e das coisas pode perfeitamente ser corrupta, mas não correta. E se deixássemos a natureza agir livremente, as coisas correriam otimamente, malgrado a dita superioridade da paixão

sobre a razão. Não é necessário suprimir a paixão por meio da razão, mas converter a razão em paixão; fazer com que o dever, a virtude, o heroísmo, etc se tornem paixões. Assim o são por natureza. Assim o eram entre os antigos e as coisas corriam muito melhor. Mas quando a única paixão do mundo é o egoísmo, então é racional que se insurja contra a paixão. Mas como arredar o egoísmo por meio da razão de que se nutre, dissipando as ilusões? E sem isso, o homem desprovido de paixões não se moveria por elas, nem mesmo pela razão, porque as coisas são assim e não se pode mudá-las, porquanto a razão não é força viva nem motriz, e o homem acabará por tornar-se indolente, inativo, imóvel, indiferente, apático, como se tem tornado em grandíssima parte.

(22 de outubro de 1820)

Nesse sentido, o desejo que o homem tem de amar é infinito precisamente porque ele ama a si mesmo com um amor sem limites. E espera, por conseqüência, encontrar objetos que lhe sejam agradáveis, encontrar o bem (entendendo igualmente por bem a beleza e tudo o que impressiona agradavelmente qualquer uma de nossas faculdades); deseja, portanto, amar, ou seja, inclinar-se afavelmente em favor dos objetos. E o deseja sem fronteiras, tanto no que se refere ao número de tais objetos, quanto à extensão de sua bondade, amabilidade e simpatia. Este é desejo inato, inerente, inseparável da natureza, não só do homem, mas de qualquer ser vivo, porquanto é a conseqüência necessária do amor-próprio, que é a conseqüência necessária da vida. Mas não prova que a capacidade humana de amar seja infinita, assim como o desejo infinito de conhecer não prova que sua capacidade de conhecer seja infinita, prova somente que seu amor-próprio é ilimitado ou infinito. E, de fato, como se poderá dizer que nossa capacidade de amar e conhecer seja infinita? — Mas nós podemos conhecer um bem infinito e amá-lo. — Seria necessário que o pudéssemos conhecer infinitamente e amar infinitamente. Nesse caso, a conseqüência seria perfeita. Mas não podemos nem conhecer nem amar senão imperfeitissimamente. Portanto, nosso conhecimento e nosso amor, posto recaiam sobre um Ser infinito, não são infinitos, nem o podem jamais ser. Portanto, nossa capacidade de conhecer e de amar é essencial e efetivamente limitada, como a capacidade de agir fisicamente, porquanto não são capazes nem de conhecimento, nem de amor infinito, nem em número, nem em extensão, como não somos capazes de infinita ação física. (E se tivéssemos capacidades realmente infinitas, nossa essência se confundiria com a de Deus.) Portanto, nosso desejo infinito de conhecer (isto é, conceber) e de amar jamais pode satisfazer-se com a realidade, ou seja, com o fato de nossa capacidade de conhecer e de amar possuir realmente um objeto infinito, por ser infinito e por não se poder jamais possuir (caso con-

trário, a posse não seria infinita), mas somente pode satisfazer-se com as ilusões (ou falsas concepções, falsas convicções de conhecimento e de amor, de posse e de gozo) e com as distrações ou mesmo ocupações: dois grandes instrumentos de que se serve a natureza para nossa felicidade.

(8 de dezembro de 1820)

Ver morrer uma pessoa amada é muito menos dilacerante que vê-la degenerar-se e transformar-se, corpo e alma, em vista de doença (ou por outro motivo). Por quê? Porque no primeiro caso restam as ilusões, no segundo, desaparecem e são brutalmente aniquiladas e despedaçadas por completo. A pessoa amada, após sua morte, subsiste ainda qual era, e portanto, amável como antes, em nossa imaginação. Mas no outro caso, a pessoa amada perde-se irremediavelmente, uma outra pessoa passa a viver em seu lugar e aquela pessoa antes amável e cara, não pode mais subsistir, nem mesmo ilusoriamente, porquanto a presença da realidade e da própria pessoa, transformada por doença crônica, loucura, deterioração de costumes, etc, nos faz desesperançar violenta e cruelmente; a perda do objeto amado não é restaurada nem ao menos pela imaginação, antes, nem ao menos pelo desespero, ou pelo abrandamento desse mesmo excesso de dor, como no caso da morte. Mas essa perda é tal que o pensamento e o sentimento não se podem acomodar de forma alguma. Por todos os lados ela mostra pontas agudíssimas.

(8 de janeiro de 1821)

Da minha teoria sobre o prazer, segue-se que o homem, desejando sempre um prazer infinito e que o satisfaça inteiramente, deseja sempre e espera algo que não pode conceber. E assim é de fato. Todos os desejos e as esperanças humanas, mesmo dos bens, ou seja, prazeres os mais específicos e já experimentados outras vezes, jamais são absolutamente claros, definidos e precisos, mas encerram sempre algo de confuso e referem-se sempre a um objeto que confusamente se concebe. E por isso e não por outro motivo a esperança é superior ao prazer e encerra um quê de indefinido que a realidade não pode abarcar. Pode-se percebê-lo sobretudo a respeito do amor, pois que não sendo jamais tão vivos a paixão, a vida e o movimento da alma, o desejo e a esperança mostram-se igualmente mais vivos e sensíveis, distinguindo-se sobremodo, a respeito de outras ocasiões. Ora, observai que, por um lado, o desejo e a esperança do verdadeiro amante são mais confusos, vagos e indefinidos que os de quem é dominado por qualquer outra paixão: e é característica do amor (já observada por muitos) apresentar ao homem uma idéia indefinida (isto é, mais *sensivelmente* indefinida do que a que apresentam as outras paixões), mais árdua em conceber que qualquer outra idéia, etc.

Notai, por outro lado, que precisamente em razão desse infinito, inseparável do amor verdadeiro, esta paixão, em meio a suas próprias tempestades, é a fonte dos maiores prazeres que o homem pode experimentar.

(6 de maio de 1821)

Mess... observou a alguém que lhe confessava a própria paixão por uma mulher: Mas ela é tua rival! Soía dizer que todas as mulheres são rivais ardentíssimas de seus amantes.

(21 de julho de 1821)

A preferência e a importância que damos à beleza ou à fealdade do rosto acima de todas as coisas e a atenção particular às faces, seja em contemplá-las, seja em considerar-lhes a beleza ou a fealdade, acompanham-nos por toda a vida. E que não seja apenas uma decorrência de suas qualidades naturais, observai-o nos selvagens, que andam nus e certamente atentam mais demoradamente que nós em outras partes e, portanto, sabem discenir mais própria, clara e naturalmente entre o belo e o feio; observai-o nos libidinosos, que ao mais belo rosto e a uma aparência medíocre ou não bela hão sempre de preferir uma mulher de bela aparência, etc e rosto medíocre ou não belo. A preferência que se dá às linhas do rosto e a atenção maior ou menor que se lhes dedica são sempre proporcionais à maior ou menor prática de comedimento ou destemperança, tanto dos homens como das mulheres. Os amores sentimentais, de que os intemperantes não são capazes, derivam menos da aparência que das linhas do rosto, etc. Por fim, observa-se que as mulheres são mais tardias que os homens em formarem o juízo acerca da beleza e da fealdade tanto do rosto quanto da aparência do próprio sexo, juízo que jamais chega àquele ponto. Vice-versa em relação aos homens. Observa-se ainda que o juízo a respeito da beleza e da fealdade humanas que as crianças podem adquirir anteriormente a qualquer mostra de sensualidade é igual e indiferentemente formado a respeito do próprio sexo ou do outro. Digo quase, porque desde os primeiríssimos anos de vida do homem, faz-se sentir uma inclinação sensivelmente maior pelo sexo oposto, e esta lhe inspira uma observação sensivelmente maior a respeito de tal sexo, etc.

(23 de julho de 1821)

Não há homem, tão certo da malícia das mulheres, etc, que não experimente uma impressão agradável e uma esperança vã diante de uma beleza que lhe sugira alguma simpatia. (Impressão menos profunda, talvez mesmo nenhuma, possa experimentar aquele que lhe conhecer o hábito; é, sobretudo, o caso do homem experimentado, cuja alma há de conduzir-se ainda mais filosoficamente que a do maior filósofo, levada, não pela

razão, mas pela natureza, que conferiu à prática constante a propriedade de debilitar e de destruir as sensações. Mormente se o filósofo não conhecer o hábito. Ele estará tanto mais sujeito a pecar, por meio de obras e pensamentos, contra seus próprios princípios.) Ele estará sempre sujeito a recair, ora mais, ora menos, em todas as *extravagantíssimas* ilusões do amor, que ele conheceu e experimentou impossível, imaginário, vão.

Quem se desenganou de si mesmo ou por alguma razão ama-se menos intensamente, torna-se menos invejoso, manifesta menos ódio aos semelhantes e mostra-se mais disponível à amizade ou menos resistente à sua presença. Quem mais ama a si mesmo, menos é capaz de amar.

Não seria vaiado hoje em dia, não digo na França, mas em qualquer parte do mundo civilizado, um poeta, um romancista, etc, que escolhesse como motivo a pederastia ou de alguma forma a difundisse; aliás, quem seria capaz de, em uma composição com ares nobres, dizê-la sem perífrases? Ora, a nação mais culta do mundo, a Grécia, difundiu-a na mitologia (Ganimedes), escreveu poemas elegantíssimos sobre esse tema, de mulher para mulher (Safo), de homem para jovem (Anacreonte), etc, converteu-a em assunto de discussões e tratados retóricos ou filosóficos (a primeira epístola grega de Fronto), mencionou-a nas mais nobres histórias com a mesmíssima desenvoltura com que se mencionam os amores entre homem e mulher, etc. Pode-se, aliás, dizer que toda a poesia, a filosofia e a filologia eróticas da Grécia versavam especialmente sobre a pederastia, sendo entre os gregos vulgar e tido como demasiado sensual, baixo, trivial, indigno da poesia, etc, o amor das mulheres, precisamente por ser natural. Vejam-se *Fedro* e *O banquete*, de Platão, e os *Amores*, de Luciano, etc. O decantado amor platônico, tão sublimemente expresso em Fedro, não é senão pederastia. Todos os sentimentos nobres que o amor inspirava aos gregos, todo seu potencial de amor, seja na realidade, seja nos escritos, não se reportam senão à pederastia, e nos escritos femininos (como na famosa ode, ou fragmento, de Safo, φαίνεται, etc), ao amor entre mulheres. Basta conhecer um tantinho assim a literatura grega, de Anacreonte aos romancistas, para não duvidar disso, como alguns o fizeram (Epístolas de Filóstrato, Aristeneto, etc). E Virgílio, o mais circunspecto, não só dos antigos, mas de todos os poetas e talvez escritores, certamente o mais refinado e elegante de todos quantos jamais escreveram, intelectual zelosíssimo e modelo de distinção e de todos os requintes da cultura, em certo tempo reduziu e ajustou o sentimento à infame pederastia, convertendo-a em motivo de uma historieta sentimental, em seu *Niso e Euríalo*.

(4 de outubro de 1821)

Declarei que a perversidade constitui graça e causa impressão às mulheres. Acrescento que mesmo às generosas, às escrupulosas, ainda mais do que às outras, porque para elas a perversidade é algo novo e extraordinário. O perverso as atrai a si por meio do próprio horror e estremecimento que lhes infligem sua presença e caráter. O mesmo diríamos das mulheres a respeito dos homens. O mesmo, particularmente, desse ou daquele vício da pessoa amada, perfeitamente oposto à natureza e à maneira de ser da pessoa que ama.

Com efeito, já se observou que o amor tende aos opostos. Essa observação geral merece ser adaptada à minha teoria acerca da graça.

(9 de outubro de 1821)

Declarei que o amor libidinoso considera mais longamente as outras formas que a do rosto. É contudo certo que a libido mais desenfreada, mais madura e mais trivial se excita grandemente com a significância e a vivacidade, etc dos olhos e do rosto, como também a rechaça uma absoluta fealdade e insignificância, etc da fisionomia. Aliás, tal excitamento seja talvez mais necessário à libido excessiva e madura que à medíocre.

De resto, o amor verdadeiramente sentimental, como o de um jovem ou uma jovem inexperiente e iniciante não considera, não distingue, não entende indispensável, etc, senão a beleza (posto que relativa) do rosto. Uma pessoa de rosto ostensivamente não belo, ou que não lhes pareça tal, jamais será objeto do amor de tais pessoas, por mais bela que possa ser sua aparência; ao menos, sem circunstâncias particulares e longas relações, etc.

(9 de outubro de 1821)

Um homem conhecido por extravagâncias, destemperanças, aventuras galantes e infidelidade no amor causa profunda impressão às mulheres unicamente com essa fama, talvez ainda mais às mulheres modestas. A franqueza, a exuberância e o despudor são sempre bem-aventurados no amor e são quase que indiferentemente necessários e prósperos com toda a sorte de mulheres, porque constituem quase que o único meio de conquista. Mas considerados simplesmente como meio de agradar e causar impressão às mulheres, certo é que são mais poderosos em favor das mulheres modestas, reservadas, temerosas, pouco afeitas às intrigas, etc, do que das que lhes são opostas.

Por sua vez, o homem sério e austero, ou modesto, afável, sem pretensões, nem atrevimentos, o homem que não se atira às mulheres, ou porque não saiba nem se atreva, ou porque não queira, o homem reservado, etc, causa muito maior impressão às mulheres extravagantes, francas, afeitas às galanterias, habituadas aos galanteios, etc, do que às que

lhe são semelhantes em caráter. A estas, aliás, esse tipo de homem desagrada à primeira vista e aborrece dentro de pouco tempo; com aquelas ocorre o inverso. Também os homens retraídos, tímidos, em suma, imperfeitos no trato social, por falta de desenvoltura, experiência, etc, e ainda um certo ar de inexperiência, de simplicidade, de ingenuidade (o contrário da esperteza), de *naturalidade*, etc, são capazes de desagradar inteiramente às mulheres que lhes são semelhantes, como de fixar a atração de uma mulher excessivamente desenvolta, experimentada, esperta e liberada no trato, nas ações, na maneira de ser e nos hábitos, como de parecer-lhes graciosos, etc.

(10 de outubro de 1821)

Declarei que a graça, etc, deriva dos contrastes e, portanto, o homem e o amor tendem não raro aos opostos. Com efeito, observamos que a mulher de natureza frágil se agrada da força do homem, e vice-versa em relação ao homem. Embora constitua decorrência imediata da inclinação natural de ambos os sexos, é em parte resultado da força do contraste, pois se observa que uma mulher extraordinariamente forte se agrada muita vez de um homem demasiado frágil, mais do que qualquer outra e talvez mais do que de qualquer outro homem; e vice-versa, em relação a um homem frágil e uma mulher forte, etc. Assim o digo da delicadeza oposta à nervosidade e das outras características respectivamente contrárias dos dois sexos. Em tudo isso, porém, exerce influência a maneira de ser dos diversos indivíduos.

(26 de outubro de 1821)

Costuma-se dizer que a amizade existe entre os semelhantes. O amor, por certo, tende naturalmente ao semelhante, por ser ordinário, embora se tenha notado que tende igualmente aos opostos; em primeiro lugar, não sei dizer quanto de natural tenha essa propensão; em segundo lugar, ela é originária, como afirmei alhures, de uma outra disposição da natureza, que nos predispõe para o extraordinário, precisamente por ser extraordinário. Assim como nós somos inclinados à beleza, que constitui perfeita consonância; a esta, aliás, mais que àquela, ao menos em nosso estado atual. A natureza tem diversas qualidades e princípios a um tempo harmônicos e contrários, ou antes, que se harmonizam e se sustêm reciprocamente em virtude de sua própria contrariedade; um dos contrários não só não destrói a teoria do outro, como também a demonstra.

(3 de novembro de 1821)

Uma outra semelhança entre o mundo e as mulheres. Quanto mais sincero é o amor que se lhes dedica, quanto mais verdadeira e firme se-

ja a intenção de favorecer a ambos e de sacrificar-se por eles, mais é necessário considerar como certo o fracasso. Odiá-los, desprezá-los, desfrutá-los, tendo em vista apenas as próprias vantagens e prazeres, este é o único e indispensável meio de alcançar favores no domínio da galanteria, como em qualquer carreira mundana, com qualquer pessoa, em qualquer sociedade, em qualquer situação da vida, com qualquer propósito, etc.

(18 de dezembro de 1821)

Como o homem é quase que inteiramente produto das circunstâncias e dos incidentes, quão escassa é nele a obra da natureza, quantas das qualidades que nele se crêem naturais, ou antes, que não poderiam originar-se senão da natureza, que não se podem adquirir de forma alguma e conseqüentemente desenvolver-se e manifestar-se nele, não são de fato senão adquiridas e tais que não se desenvolveriam, nem se manifestariam, nem poderiam existir se o homem se encontrasse em circunstâncias diversas; como a natureza não concede ao homem muito mais que disposições, que lhe permitiriam ser de uma forma ou de outra e não lhe concede nenhuma ou quase nenhuma qualidade, de modo que o indivíduo não seja jamais como é por natureza, mas somente por natureza possa ser o que é e com tal constância que, conforme a natureza, ele não deveria ser o que é, mas inteiramente diverso; como, em suma, o indivíduo se torna (e não nasce) quase tudo aquilo que ele é, o que quer que seja, isto é, o que quer que ele se tenha tornado. Que coisa parece mais natural, mais verdadeira, mais espontânea, menos artificial, mais ingênita, menos adquirida, mais independente e mais dissociada das circunstâncias e dos incidentes que o gênero de sensibilidade com que o homem costuma considerar a mulher, e a mulher, o homem, e que os impulsiona um ao outro; o gênero, digo, dos afetos e sentimentos que o homem, sobretudo o jovem na flor dos anos, sem sombra de artifício, sem intervenção de vontade, aliás, tanto mais quanto mais jovem ele for, mais simples e inexperiente, e quanto menos seu caráter tiver sido modificado e influenciado pela prática do mundo, pela companhia dos homens e pela vivência da sociedade, costuma experimentar à vista ou ao pensamento de mulheres jovens e belas, ou no trato com elas, e assim as mulheres, a respeito dos homens jovens e belos? aquele *tressaillement*, aquela emoção, aquele alvoroço e confusão de pensamentos e sentimentos tanto mais indistintos e indefiníveis quanto mais vivos, que parecem ter algo de material e algo de espiritual, mas muito mais que isso, de forma que parecem relacionar-se inteiramente ao espírito, ou antes, à sua porção mais elevada, mais pura, mais íntima? Ora, esse gênero de sentimentos, de afetos e de pensamentos, essa qualidade do jovem, isto

é, essa sensibilidade e a capacidade e o hábito de experimentar tais sentimentos não são absolutamente naturais ou inatos, mas adquiridos, ou seja, produzidos na raiz das circunstâncias, de tal maneira que se estas não existissem, o homem não conheceria nem poderia conceber essa qualidade, nem suspeitar de sê-lo capaz. A espécie humana é naturalmente nua e, a passo com a natureza, jamais teria feito uso de vestimentas, ao menos em grande parte do globo, como as vestes são completamente estranhas aos Californianos, por exemplo. Nem o homem nem o jovem jamais veriam ou imaginariam na mulher (e assim a mulher, no homem) nada de oculto. E não vendo nada de oculto, nem podendo desejar ou esperar vê-lo e conhecendo plenamente a nudez e as formas do outro sexo, ele não experimentaria em relação à mulher outro afeto, outro sentimento, outro desejo senão aquele que os outros animais experimentam pelas fêmeas; nem conceberia em relação a ela outro pensamento que não fosse servir-se carnalmente dela; nem a aparência, o pensamento ou a companhia da mulher lhe proporcionariam, nem mesmo nos primeiríssimos anos da juventude, outra impressão que não fosse um desejo o mais pura e simplesmente sensual que se possa conceber, um ímpeto em satisfazer tal desejo e um prazer (particularmente lânguido por si mesmo, em vista do costume formado desde o nascimento e constante desde então) tão carnal como esse desejo e inteira, única e claramente material, isto é, unicamente relacionado e devido à matéria e aos sentidos, tal como o prazer que lhe haveria de proporcionar a vista de um belíssimo tom de vermelho ou alguma outra sensação, embora aquele prazer fosse, por natureza, maior que estes; assim como entre os outros prazeres, naturalmente ou por circunstâncias, não há maiores ou menores por si mesmos, mas em relação aos homens e aos animais, em suma, aos seres que os experimentam, em que os prazeres nascem e fazem morada.

Tal teria sido a conduta natural do homem em relação à mulher e da mulher em relação ao homem. Mas, introduzido o uso de vestimentas (além dos costumes e das leis artificiais e arbitrárias da sociedade, que impedem ou dificultam removê-las quando se deseja e seja necessário), a mulher tornou-se para o homem (mormente o jovem inexperiente), e o homem, para a mulher, um ser quase misterioso. Suas formas ocultas deram largas à imaginação dos que as contemplam vestidas. Por outro lado, a inclinação e o desejo naturais de um sexo pelo outro não puderam, em virtude da ação de circunstâncias exteriores, cessar nem se abater na espécie humana, não mais que nos outros animais. Portanto, o homem (como também a mulher, a respeito do homem) viu-se admiravelmente transportado, sobre todas as coisas, como o tem sido com freqüência, na direção de um ser que não mais se lhe representava nítido e

natural como era; um ser que se mostrava quase que inteiramente oculto, um ser que desde o nascimento jamais se lhe representou aos olhos ou em pensamento ou não sói representar-se senão inteiramente encoberto, quase enigmático. Eis como uma circunstância claramente extrínseca, incidental, contingente, como as vestimentas, é capaz de modificar completamente, na infância e na primeira juventude, o caráter e as qualidades de um sexo em relação ao outro. A vista, o pensamento, a companhia desse ser amado e desejado como nenhum outro, mas cujas formas não lhe estão (habitualmente, ao menos) ao alcance dos sentidos e que, por conseqüência, sendo ocultas (como o são em grande parte o homem e todas as coisas) e sendo difícil ou inexeqüível uma relação livre e, portanto, o conhecimento de sua alma, de sua maneira de ser, etc, tornam-no inteiramente misterioso; digo, o pensamento, a vista e a companhia desse ser imergem-no em uma multidão de concepções, fantasias, ilusões, sentimentos vivíssimos e profundíssimos, que são dulcíssimos e caríssimos a esse ser, mas contemporaneamente confusíssimos, incertíssimos, enganosíssimos, em sua maioria; sublimes, vastos, porquanto, sendo esse ser completamente misterioso, quase secreto e oculto, os pensamentos e sentimentos que inspira são fundamentalmente e quase que exclusivamente governados, modificados e concebidos, em grande parte produzidos e criados pela imaginação, que atua galhardamente. No estado natural, a inclinação inata do homem em relação à mulher, se tudo se lhe apresenta nítido e natural, sem dar largas à imaginação, não produz senão pensamentos simplicíssimos, exatíssimos, claríssimos, concretíssimos. Ora, se essa inclinação, se esse amor ingênito naturalmente vivíssimo, ardentíssimo se depara com o mistério, e seus efeitos encontram-se no espírito humano com a idéia do mistério, melhor dizendo, com uma idéia obscura e confusa, serão obscuríssimos, confusíssimos, sinuosos, vagos, indefinidos, cem vezes menos sensuais e carnais que dantes (pois que a referida idéia não deriva diretamente dos sentidos, etc), e por fim os pensamentos e afetos que resultam dessa combinação de desejo supremo e tendência natural com idéia obscura a respeito do objeto de tal tendência e desejo devem ser quase místicos. Assim, de uma circunstância claramente material, como as vestimentas (como o são outras, motivadas pelos costumes e leis sociais a respeito das mulheres), origina-se um efeito quase que o mais espiritual que possa existir em seu espírito, os pensamentos e sentimentos mais sublimes, mais nobres, mais próprios do espírito e a convicção de não ser conduzido senão pelo espírito, etc; de uma circunstância claramente real, visível e determinada originam-se as maiores ilusões, os pensamentos mais vagos, incertos e indefinidos, a mais delirante e fantástica imaginação; de uma circunstância claramente incidental, um efeito tão íntimo, tão comum à maioria dos

jovens (ao menos por algum tempo), tão constante, tão associado e tão inerente, ao que parece, ao caráter do indivíduo; por fim, de uma circunstância não natural origina-se um efeito universalmente tido como o mais natural, o mais inerente ao homem, o mais absolutamente inevitável, o mais espontâneo, o menos artificioso, o mais congênito, o que menos pode gerar-se de outra força que não seja a mão da natureza, etc, conforme o que disse anteriormente.

Assim e, em vista de tais razões, nasce na espécie humana a ternura entre os sexos, coisa que os selvagens não experimentam nem conhecem (nem os homens primitivos puderam experimentar, nem nação alguma que não faça uso das vestimentas, etc, poderá jamais experimentar ou conhecer), assim como nenhum dos efeitos anteriormente descritos, antes, nem mesmo, propriamente falando, o amor, mas a inclinação e o ímpeto que ela inspira, o δρμὴν, o hábito e o ato dessa inclinação; porque não é propriamente amor o que dedicamos, por exemplo, ao ouro e ao dinheiro.

De resto, generalizando, é digno de nota que a primeira concepção de um desejo vivíssimo por algo de difícil conquista, concepção que somente as crianças e a primeira adolescência conhecem, é sempre seguida de assombro, o que se explica pelas razões supracitadas. Sobretudo se a conquista é ou parece impossível; um e outro casos são bastante freqüentes nas ditas idades. Nas quais, por essas razões, os desejos, assim como são penosíssimos durante sua existência e curso, revelam-se aterradores no momento de sua gênese (especialmente o Amor, que é mais penoso porque mais forte, sobretudo nos inexperientes). Costuma-se dizer por gracejo, mas não sem uma ponta de verdade, que é necessário satisfazer os desejos das crianças para não encontrá-las mortas atrás das portas.

(16 de setembro de 1823)

Não é propriamente (ainda que se chame) Amor o que dedicamos ao alimento que nos apascenta e deleita e a todos os instrumentos e todas as coisas que nos servem aos prazeres, comodidades e interesses. Pois que o sentimento que nos impele a tais objetos nem ao menos aparentemente tem como intento os próprios objetos (que é o caso em que podemos chamar propriamente amor a nosso sentimento), mas clara e diretamente nós mesmos, ou melhor, nossos próprios prazeres, comodidades, vantagens, por serem nossos.

(9 de outubro de 1823)

Antes, o amor que dedicamos ao alimentos às coisas que igualmente nos servem e nos deleitam poderia chamar-se mais propriamente ódio, pois que, visando somente ao nosso próprio bem, leva-nos a destruir, em

vista desse mesmo bem, ou a consumir de alguma forma, arruinar e sacrificar, com o uso, o objeto amado; ou a dispormo-nos a sacrificá-lo ou prejudicá-lo, quando e como o nosso próprio bem e o uso que haveríamos de fazer o exigissem. Tal como o ódio que o lobo vota ao cordeiro, e o falcão, à estarna; na verdade, esse ódio não é real, mas de acordo com o que costumamos afirmar acerca de outras coisas, dever-se-ia dizer que os amam. Mas porque esse amor os leva a matá-los e destruí-los para seu próprio bem, nós o chamamos ódio e inimizade (ver Speroni, *Diálogo* V, Ven., 1596, p. 87-8). Ora, tal é precisamente o amor dos homens primitivos pelas fêmeas, desde que o prazer que cobiçam e procuram não reclame sua destruição. Mas se a reclamasse, o amor das mulheres os levaria a destruí-las, tão longe está de poder contê-los. Com efeito, esse prazer os leva a não ter qualquer consideração pelos males e danos físicos que muitas vezes lhes causam para satisfazer o próprio desejo, quando o buscam nas mulheres, etc, posto pudessem fazê-lo sem prejudicá-las. E ocorre ainda (mesmo entre civilizados) que ao buscarem satisfazer o próprio desejo nas mulheres, podendo ou não podendo evitá-lo, prevendo-o ou não, matam-nas ou dão causa à sua morte, imediatamente ou após algum tempo, ou a grandes sofrimentos quanto à sanidade corporal, inclusive perenes. E não são elas mortas todos os dias pelos amantes, no que se refere à honra, etc? Este é, sem tirar nem pôr, o amor dos primitivos pelas mulheres; como o das mulheres pelos homens, proporcionalmente à sua própria natureza e às suas forças. Mas somente dos primitivos? Essas observações relacionam-se àquelas em que provamos que o ódio por outrem se origina necessariamente do amor-próprio, etc.

(13 de outubro de 1823)

Quanto a imaginação, a opinião, a pressuposição, etc possam influir sobre o amor, mesmo físico, e sobre os sentimentos que um homem experimenta em particular por uma mulher, ou uma mulher por um homem, é coisa conhecidíssima. E, em particular, opera sobre o amor, não só platônico ou sentimental, mas ainda físico, para com indivíduos particulares, tudo o que há de misterioso e que serve a tornar ao amante pouco preciso o objeto de seu amor, e, portanto, a permitir que sua imaginação, por assim dizer, fantasie sobre esse objeto. Por conseguinte, concorre grandemente para o amor e para o desejo, mesmo físico, tudo o que se relaciona às virtudes e às qualidades apreciáveis do espírito no objeto amado e em particular um certo caráter profundo, melancólico, sentimental, ou um demonstrar ensimesmamento maior do que se percebe exteriormente. Pois que o espírito e suas qualidades, mormente as que especifiquei, são coisas ocultas e ignotas às outras pessoas e lhes facultam a imaginação, os conceitos vagos e indeterminados, que, con-

substanciando-se no desejo natural que impele um indivíduo de um sexo para o outro, dão relevo infinito a esse desejo e recrudescem nimiamente o prazer que se experimenta em satisfazê-lo; as idéias misteriosas e naturalmente indeterminadas que se relacionam ao espírito do objeto amado, que de-rivam das qualidades e partes evidentes de seu espírito, mormente se de qualidades que envolvam o profundo, o oculto e o incerto e que prometam ou demonstrem suas outras partes ou qualidades ocultas e apreciáveis, etc, essas idéias, digo, consubstanciando-se nas idéias claras e determinadas que se relacionam à parte material do objeto amado e comunicando-lhes o misterioso e o vago, tornam-nas infinitamente mais belas e o corpo da pessoa cara ou amada, infinitamente mais apreciável, virtuoso, desejável; e caro, quando conquistado.

Geralmente uma das razões mais poderosas que têm produzido o amor sentimental ou espiritual, etc, além da que se nota no pensamento a que se refere o assunto, é que os homens, civilizando-se progressivamente e, sempre na mesma proporção, ganhando e expandindo-se em consistência, eficácia, valor, importância, intensidade, atividade, influência, força, poder e capacidade a parte espiritual e interior do homem, chegou-se, pela primeira vez, a reconhecer e supor no homem uma parte oculta e invisível que os primitivos não supunham absolutamente ou apenas levemente e pouco distintamente da parte visível e sensível; logo, a considerá-la tanto quanto a parte exterior; posteriormente, mais que esta e sucessivamente cada vez mais, de forma que, no momento, se não repugnasse à natureza (que por fim jamais pode ser inteiramente extinta ou superada), não se consideraria no homem ou no indivíduo senão o interior e por homem não se entenderia, em caso algum, senão seu espírito. Ora, proporcionalmente a essa espiritualização das coisas, da idéia de homem e do próprio homem, passou a existir e desenvolver-se essa espiritualização das coisas, da idéia de homem e do próprio homem, passou a existir e desenvolver-se essa espiritualização do amor, que o torna o campo e a fonte das idéias mais vagas, dos sentimentos mais indefinidos que talvez qualquer outra paixão possa suscitar, não obstante ele seja, em essência, e hoje, quanto a seu propósito, a mais material e determinada das paixões, comum, no que se refere à sua natureza, aos animais e aos homens os mais bestiais e estúpidos, etc, e que menos compartilham o espírito. A tal ponto chegou, nos últimos tempos, a espiritualização das coisas humanas que, pode-se dizer, passou a figurar em nossa memória ou certamente pela primeira vez tornou-se comum aquele amor que com novo nome, como se fosse algo novo, chamou-se sentimental; aquele amor que os antigos não vislumbraram ou que sob o título de platônico, acaso aparecendo em raros espíritos, ou motivando discussões entre filósofos e escolásticos, tem si-

do até então visto como fábula, como ente imaginário e quimérico, como milagre, como coisa que repugna à natureza universal, como algo impossível, como coisa extraordinariíssima, como palavra privada de sentido ou como idéia confusa; e ela tem sido, em verdade, pode-se dizer, tal como o é hoje, isto é, confusíssima, antes enunciada que concebida pelos filósofos, escarnecida e considerada pelos mais sábios como incapaz de tornar-se clara. Essa moderna e excessiva espiritualização do amor, que chamamos adequadamente de amor sentimental, responde à suprema espiritualização das coisas humanas, que tem tido expressão nesses últimos tempos.

E como da espiritualização das coisas humanas teve origem e desenvolveu-se na mesma proporção e finalmente chegou ao ápice a espiritualização do amor e, portanto, o vago e o indefinido que ora são próprios dessa paixão e dos sentimentos de um sexo pelo outro, compreende-se e explica-se facilmente com o que foi dito. O homem, a princípio, não considerava, em si mesmo e nos outros homens e, naturalmente, na mulher, como a mulher, no homem, senão o exterior. Mas com o início da civilização, surgindo a idéia do espírito, em vista da força e da ação que a parte interior começava a adquirir e a desenvolver e a partir de então igualando-se primeiramente a parte interna à externa, assim como a idéia do espírito à do corpo e pouco a pouco prevalecendo por completo, o indivíduo de determinado sexo teve que necessariamente, a respeito do outro, começar a considerar também o espírito, a princípio, e depois considerá-lo tanto quanto o corpo e finalmente mais que o próprio corpo, ao menos em certo sentido. Pelo que o objeto caro a um determinado sexo deixou de ser para o outro um objeto simplesmente material, como no princípio, mas passou a ser um objeto composto de espírito e corpo, de parte oculta e parte evidente e, posteriormente, tornou-se mais espiritual que material, mais oculto e idealístico que evidente e sensível, mais interior que exterior. E como as idéias que se relacionam à parte oculta do homem são naturalmente vagas e incertas, logo a idéia do objeto amado, considerado da forma mencionada, começou necessariamente a revestir-se de certo mistério, consubstanciando-se nessa idéia a consideração do espírito e do corpo; afirmando-se progressivamente a primeira consideração a respeito da segunda, cada vez mais misteriosa deveria tornar-se a idéia do objeto amado, revestindo-se finalmente de um caráter místico, incerto e vago, superior ao claro e determinado. Nesse sentido, os sentimentos e as idéias concernentes à paixão do amor revestiram-se cada vez mais do indefinido, proporcionalmente aos progressos da civilização (e, portanto, essa paixão tornou-se, não há dúvida, incomparavelmente mais aprazível); tanto que embora o princípio do amor seja hoje necessariamente o mesmo que foi para os primitivos, que é para os selvagens e que tem sido para

os irracionais, igualmente material e espiritual, ao reunir em si mesma o espiritual e o material, essa paixão tornou-se tão diversa das outras que certamente o amor sentimental não parece relacionar-se de forma alguma ao amor dos selvagens, nem ao amor dos irracionais, mas ser-lhes absolutamente diverso em natureza, princípio e origem. Hoje em dia, mesmo o amor mais sensual e menos platônico revela necessariamente, em sua expressão, caráter profundamente espiritual e, portanto, idealístico e, portanto, vago e indefinido; e mesmo o indivíduo mais bestial sempre considera, de alguma forma, no objeto amado, uma parte oculta que se associa, infunde vida, relaciona-se e prende-se estreitamente à parte e aos membros que deseja, que o inebriam ou que considera apreciáveis e desejáveis; porque de fato aquela parte ocupa regiões vastíssimas do ser do objeto amado, e o interior é uma região vastíssima de seu ser, por mais bestial ou irracional que ele seja; e todos os dias aquele que ama apercebe-se claramente disso. Falo de objetos amados e de amantes que embora bestiais ou incultos e pouco consistentes de espírito são ainda assim civilizados. De resto, tornando ao primeiro propósito de como a imaginação e o mistério particular, etc influem sobremaneira e atuam sobre o amor, etc, ainda que o mais sensual, de um determinado sexo pelo outro (ou do mesmo sexo, segundo o costume dos gregos), assim a imaginação e o mistério geral originário do uso de vestimentas influíram da forma como foi exposta no pensamento a que se refere o assunto e têm continuamente influído sobre o amor e os sentimentos (ainda que materiais por princípio e por propósito, etc) de um sexo pelo outro, consideradas as coisas em conjunto. Assim como a consideração do espírito, que é coisa oculta, influi sobre a do corpo e torna misteriosos e vagos os sentimentos e idéias que natural e principalmente se originam deste e referem-se mais precisamente, ora mais, ora menos aberta, direta e principalmente a este, a consideração do corpo, transformado quase que inteiramente em coisa oculta e submetida menos aos sentidos que à imaginação alheia, torna misteriosos, etc e espiritualiza da forma mais natural os sentimentos e as idéias, etc, e de uma causa inteiramente material origina-se um efeito que se reveste de um caráter intensamente espiritual, simplesmente espiritual ou mais espiritual que qualquer outro.

E quanto a imaginação, a opinião, a preocupação e inúmeras outras causas, absolutamente e por natureza e princípio alheias e extrínsecas aos próprios sujeitos, possam influir sobre o amor e os sentimentos de um sexo pelo outro em casos particulares, basta-me considerá-lo entre os infinitos, por exemplo. Suponha-se um irmão e uma irmã, ambos extremamente jovens, belíssimos, sensibilíssimos, dispostíssimos para todas as causas e instruidíssimos no amor por indivíduos de outro sexo. Suponhamos que após longa ausência revejam-se um ao outro e

que isto se dê em épocas e em circunstâncias em que seu coração, sua sensibilidade, sua capacidade de amar não tenham de forma alguma sido *blasées*, *usées*, embrutecidas e enfraquecidas, etc no comércio com o mundo ou por quaisquer outras razões. Certo é que haverão de experimentar um pelo outro sentimentos vivíssimos, dulcíssimos, afetuosíssimos e chorarão pelo afeto, etc. Mas a paixão momentânea ou duradoura, que hão de experimentar um pelo outro, posto que certamente tenha muito de carnal, porquanto os supus extremamente jovens e belos, além de sensibilíssimos, nada terá, contudo, de sensual, e mesmo o aspecto carnal tomará a forma do que de mais espiritual houver no mundo; não obstante, a referida paixão será, em gênero e natureza, como também de qualquer espécie de amor sensual, sensivelmente diversa de qualquer manifestação de amor de um sexo pelo outro, que se chama sentimental, desde o mais imperfeito ao mais puro, espiritual, platônico e aparentemente mais casto e angelical, em suma, o amor sentimental mais verdadeiro e simples que se possa encontrar ou conceber. E eles mesmos, expressa ou implicitamente, se darão conta dessa diferença, de modo que não lhes será possível confundir nem por um momento a paixão que hão de experimentar com outras espécies de paixão, que contudo serão capazes de experimentar, conforme supus e, em conseqüência, poderão conceber e efetivamente as terão experimentado, conforme também supus. Quero antes supor que ambos estejam a braços com alguma dessas outras paixões e que seja, por um lado vivíssima e por outro, a mais pura e sentimental possível. Uma não molestará a outra nem eles deixarão de sentir, de forma indubitável, uma diferença certa e absoluta entre uma e outra. Certamente essas suposições não são quiméricas e, de forma geral, têm efetivamente ocorrido, nas nações civilizadas, paixões vivíssimas, dulcíssimas, puríssimas e tenacíssimas entre irmão e irmã, belos e jovens, de um pai por uma filha belíssima, de uma mãe, etc, e assim por diante; e essas paixões podem ser e têm sido distintíssimas de todas as outras que se experimentam ou se podem experimentar por indivíduos de outro sexo. Certo é que se dá um amor fraterno ou paterno, etc, mais ou menos vivo ou mesmo vivíssimo e dulcíssimo, entre pessoas de sexo diferente e nesse sentido tão sensível e inteiramente distinto de todas as formas de amor propriamente ditas que se experimentam por indivíduos de outro sexo, sem que sejam impedidos por certas leis supostamente naturais, isto é, pela opinião, etc. O referido amor se dá, digo, em pessoas civilizadas ou semicivilizadas, etc, isto é, nos homens para quem pesam as leis, e portanto, as opiniões relativas, etc. E se dá ora mais duradouro, ora menos, mas com maior freqüência é pouco duradouro (no seu estado mais vivo e doce e contemporaneamente mais distinto das outras formas de amor): mas bas-

ta ao nosso assunto que ele seja possível, constante e (que fosse por uma única vez) real, mesmo por um único instante. (De resto, tudo o que não impede que não se dêem, talvez mesmo com maior constância, amores sensuais ou sentimentais, mas de outra espécie, entre irmãos e irmãs, pais e filhas, mães e filhos, etc, posto que civilizadíssimos).

Ora, dessas observações deduz-se que: 1 – o amor em geral, entre um sexo e outro, é influenciado e modificado, sem atuação alguma de sua natureza específica, pela imaginação e pela opinião. Pois aquele irmão que, à vista de certa pessoa, se não se tratasse de sua própria irmã ou se ele não o soubesse, haveria de experimentar uma forma de amor completamente diversa, ou seria ao menos suscetível e capaz de uma forma de amor completamente diversa, apenas por pensar e saber que se trata de sua irmã, experimenta um amor e uma espécie de sentimento completamente diversos. Dado que essa diferença e o fato de experimentar esses sentimentos e não aqueles seja produto da opinião e da pressuposição, etc, e não de um instinto natural secreto, como dizem, de modo que aquele irmão, mesmo não sabendo tratar-se de sua irmã, tivesse que sentir amor (posto que mínimo) por ela, e fraterno, e não sentir amor de outra espécie, como também um pai, a respeito de uma filha desconhecida ou de um filho do mesmo sexo, e coisas semelhantes são todas tolices e comprovadamente infundadas, por meio da razão e de inúmeros experimentos.

2 – As referidas observações confirmam minha primeira suposição, isto é, quantas paixões, sentimentos, etc, mesmo dulcíssimos, que parecem absolutamente naturais, ou antes, quantas formas de amor não são, por origem e princípio, senão simples produto das circunstâncias, das opiniões, etc e de incidentes que não existiram naturalmente. Com efeito, o amor fraterno ou paterno, etc, por indivíduos de outro sexo, tão vivo e a um tempo tão distinto das outras formas de amor pelo sexo oposto, mesmo das mais puras, parece entretanto a coisa mais natural do mundo, mas é mero produto das circunstâncias, das opiniões, das leis, que são as verdadeiras genitoras dessa forma de amor, que não parece poder ser senão obra e filha da natureza, que a teria inserido no espírito dos homens pela própria mão, ao passo que despojada das opiniões, dos costumes e das leis, essa forma de amor não existiria, ao menos não a esse ponto, e a espécie humana seria de todo inexperiente e não a conheceria. Tal como ocorre com os selvagens, etc, que não têm leis ou costumes relativos, etc, e não relutariam em relacionar-se com as irmãs e não as amariam vivamente senão de forma carnal (porquanto nem ao menos são capazes de amor sentimental), pois de outra forma não as poderiam amar, ou as amariam leve e rapidamente, como companheiras com quem, desde o nascimento, se tivessem habituado a

conviver, como ocorre entre os outros animais e seus habituais companheiros, sem qualquer parentesco de sangue e sem que este exerça qualquer influência sobre o estabelecimento de tal afeição, exceto quando der causa à semelhança, que estimula a amizade e quando de outras circunstâncias extrínsecas, em suma, diversas da pura e simples consangüinidade, posto sejam igualmente inspirados por ela. A amizade que existir não será contudo ardente, tal como ocorre entre os animais, assim também entre os selvagens (e mesmo entre nós), há de ser maior entre companheiros habituados a viverem juntos, que entre irmãos ou entre pai e filho, supondo-se que não tenham tido ou não tenham esse hábito, ao contrário dos outros e dos estranhos. Pois que essa amizade se dá entre eles enquanto companheiros habituais (como acidente, sendo coisa cujos efeitos concernem ao hábito), não enquanto consangüíneos ou semelhantes em natureza, caráter, inclinações, idade, etc, não enquanto consangüíneos, etc. De resto, o que disse acerca do amor fraterno ou paterno, etc entre indivíduos de sexo diferente também é válido para o amor entre irmãos e entre pai e filho, etc, porquanto também este, em grandíssima parte, é uma criação absoluta das leis, costumes, opiniões, coisas, por fim, diversas da própria consangüinidade. Sobretudo se um amor vivo, sentimental, doce, cálido, etc, que igualmente não costuma ocorrer senão entre os homens civilizados, etc. Entre os selvagens, como entre animais, o amor, ou mesmo o amor vivo entre pais e filhos, ou antes, dos pais pelos filhos, não dura senão enquanto necessário à sua própria conservação, etc. Durante esse tempo ele é verdadeiramente natural e instintivo, etc. Mas os selvagens, por serem bárbaros, mantêm o costume de abandonar os filhos recém-nascidos ou pouco depois, ou de rejeitá-los, etc, como costumavam fazer antigas civilizações e como costumam hoje entre nós por diversas ocasiões, etc; Rousseau rejeitou todos ou muitos dos filhos que teve de sua Teresa Levasseur, etc, coisas de todo ignotas a qualquer outra espécie animal e inteiramente contrárias à natureza, de que somente o homem reduzdo à condição social, isto é, corrompido, é capaz, e perniciosas à espécie, em virtude de sua própria natureza, etc. Veja-se Aristóteles, *Política*, Florent., 1576, livro VII, p. 638-40, em que se entende por lei conveniente e necessária às repúblicas a rejeição dos filhos, não só dos imperfeitos, como em Lacedemônia, mas também dos gerados após certa idade, etc; e em lugar onde não seja permitida por lei, o referido filósofo aconselha e prescreve a αμβλωσις artificial e voluntária, etc. Ver também os comentários de Vettori aos trechos citados.

(26 de novembro de 1823)

Alcançado determinado prazer, a alma não cessa de desejá-lo, como não cessa jamais de pensar, pois que o pensamento e o desejo do prazer são duas operações igualmente contínuas e inseparáveis de sua existência.

(12-23 de julho de 1820)

O amor de Deus, no estádio que o Cristianismo chama de absoluta perfeição, não é e não pode ser senão um amor inteiramente dedicado aos próprios interesses e não aos do próximo. Ora, esta não é senão a fisionomia do egoísmo.

(9 de outubro de 1821)

Suprema adaptação do homem. Os animais se domesticam em maior ou menor grau, conforme possam, por natureza, educar-se e adaptar-se em maior ou menor grau. Mas os animais domésticos, convivendo com o homem ou com animais de espécie diferente da sua, não adquirem o caráter e os costumes humanos ou de outros animais, nem os caracteres dos outros animais de espécie diversa combinam-se entre si pela convivência mútua; mas apenas os animais domésticos aprendem certos hábitos particulares e certos costumes não naturais infundidos pelas circunstâncias, os quais, porém, em nada se relacionam com os costumes humanos. Mas o homem, convivendo com os animais, adquire grande parte de seu caráter e altera seu próprio caráter em virtude de uma efetiva combinação de qualidades naturais dos animais com que convive. É coisa observada nos campos romanos e conhecida das pessoas que, por ofício, por hábito e por natureza não são observadoras, que os pastores e guardiães de búfalos são ordinariamente estúpidos, lentos, pesados, rusticíssimos, selváticos, tais que pouco têm de homem; que os pastores de cavalos são sagazes, ativos, prontos, vivazes, argutos, ágeis de corpo e espírito; os de ovelhas, simples, mansos, obedientes, etc.

(Recanati, 16 de maio de 1823)

O animal que sofre investida em seu próprio ser ou sobretudo nas coisas que lhe são caras, não avalia se pode ou não resistir, se a resistência será benéfica ou não, se não seria melhor ceder, se o perigo é grande ou pequeno, se as forças se equivalem, se a resistência pode trazer-lhe malefício maior, etc, mas resiste imediatamente e combate com todas as suas forças, mesmo que pequeníssimas e contra outras muito maiores. Importunai os pintinhos de uma galinha e vereis que ela há de atacar-vos com o bico e com as garras e vos causará todo o mal que puder. Assim faziam as antigas nações, mesmo que pequeníssimas e contra outras muito maiores, como afirmei anteriormente. O mesmo digo dos cidadãos, a respeito dos mais fortes ou mais poderosos, etc. Ver Gelli,

Circe, no diálogo que se refere à força dos animais e Segneri, *Incredulo*, que se refere aos seus embates. É vergonhoso que o cálculo nos torne menos magnânimos, menos corajosos que os animais. Donde pode-se observar como a grande arte do cálculo, tão própria de nossos tempos, favoreça e promova a grandiosidade das coisas, das ações, da vida, dos acontecimentos, dos ânimos, do homem.

(23 de julho de 1821)

Observai que não se lê, que eu saiba, sobre nenhum efeito produzido nos animais pelo canto (na verdade, dizia-se antigamente *excantare* e hoje, *encantar* as serpentes, e *frigidus in pratis* CANTANDO *rumpitur anguis*, dizia Virgílio, mas são fábulas que não encontram a seu favor experiências modernas. Lê-se que Aríon encantou os delfins através do som. Chateaubriand nos conta de uma serpente dominada pelo som, etc. De resto, os poetas diziam fantasiosamente que os animais paravam para ouvir o canto de um ou de outro). Porque o canto é algo mais humano que o som e, portanto, de efeito mais relativo, assim como a diferença de sons ocasiona efeitos diferentes, conforme a natureza dos órgãos em que opera. Da mesma forma, os diversos odores, os diversos sabores, as diversas cores agradam mais a certa pessoa que a outra. O canto humano produz efeito singular no homem. O dos pássaros, ao contrário, não muito. Singularíssimo, porém, deve ser o prazer que causa aos pássaros, pois observa-se que cantam por prazer e que sua voz não tem outro propósito, como a dos outros animais (exceto as cigarras, os grilos e outros que no contínuo uso da voz não parece que possam ter outro propósito senão o prazer). Estou convencido de que o canto dos pássaros lhes agrade não só como canto, mas como depositário de beleza, isto é, harmonia, que não podemos sentir, por não termos a mesma idéia da escala dos sons.

(7 de julho de 1820)

A linguagem mútua dos animais, descrita conforme as qualidades manifestas de cada um, poderia ser algo original e poético e figurar, assim, em qualquer poema, como o fez, porém tolamente, Sanazzaro em *Arcadia*, prosa 9, imitando, se não estou enganado, aquela fábula acerca de Hesíodo.

Como é tranqüila a vida dos animais nas florestas e nos lugares desertos ou desconhecidos, etc, onde o curso de sua vida não se dá menos íntegro, com seus acontecimentos, ações, morte, sucessão de gerações, etc, porque nenhum homem os observa ou os importuna, nem conhecem nada a respeito do mundo, porquanto o que cremos ser do mundo é unicamente dos homens.

Sobre a suprema influência da linguagem sobre a razão e a cognição, deduzi vós que uma das causas mais relevantes e gerais, e contudo puramente física, da inferioridade dos animais em relação ao homem e da imutabilidade de seu estado é a ausência dos órgãos necessários para uma perfeita linguagem ou para um perfeito sistema de signos de qualquer gênero. Se os órgãos não existem, também não existe a inclinação natural à expressão por meio de signos e sobretudo por meio da voz e dos sons. Inclinação material e inata no homem, que foi, contudo, a primeira origem da linguagem. Estou certo, por experiência, de que o homem, mesmo privado da linguagem, tende a exprimir-se por sons inarticulados, etc.

(28 de maio de 1821)

Terceira Parte

Considerações Filosóficas

Nossa mente não apenas não pode conhecer, como nem mesmo conceber algo além dos limites da matéria. Ademais, não podemos, mediante qualquer esforço possível, imaginar uma maneira de ser, algo diverso do nada. Dizemos que nossa alma é espírito. A língua pronuncia o nome dessa essência, mas a mente não concebe outra idéia senão esta, que ela ignora o que, qual e como seja. Imaginamos um vento, um éter, um sopro (e esta foi a primeira idéia que os antigos fizeram do espírito, quando o chamaram πνεῦμα, de πνέω, em grego, e *spiritus*, de *spiro*, em latim; *alma*, entre os latinos, se toma por vento, como entre os gregos, ψυχὴ, derivado de ψύχω, *flo*, *spiro*, ou seja, refrigério); imaginamos uma chama; adelgaçamos a idéia de matéria quanto podemos, para concebermos imagem e semelhança de uma essência imaterial, mas apenas uma semelhança: a imaginação e a concepção dos seres vivos não chega à própria essência, aquela essência que dizemos imaterial, que é precisamente a alma, o espírito, que não pode conceber a si mesmo. Assim, em tão perfeita obscuridade e ignorância acerca de tudo que está ou que se supõe fora da matéria, com que despudor ou com que precário fundamento asseguramos que nossa alma é perfeitamente simples, indivisível e, portanto, não pode perecer? Quem o disse? Nós queremos imaterial a alma, porquanto a matéria não nos parece capaz dos efeitos que observamos e vemos operados pela alma. Assim seja. Mas termina aqui nosso raciocínio; apagam-se aqui todos os conhecimentos. Acaso queremos ir além e analisar a essência imaterial que não podemos conceber o que ou como seja e, como se a tivéssemos submetida a experimentos químicos, afirmar que ela é inteiramente simples, indivisível, sem partes? As partes não podem ser imateriais? As essências imateriais não podem pertencer a diversíssimos gêneros? Portanto, observa os elementos imateriais de que *se compõem* as referidas essências, como a matéria se compõe de elementos materiais. Fora da matéria não podemos conceber nada, a negação e a afirmação são igualmente absurdas, mas me pergunto: como então sabemos ser indivisível o imaterial? Porventura, o imaterial e o indivisível são

a mesma coisa em nossa mente? são atributos de uma mesma idéia? Em primeiro lugar, tenho demonstrado que a idéia das partes não contraria absolutamente a idéia do imaterial. Em segundo lugar, se o imaterial é indivisível e uno por excelência, não é dividido, não tem partes, quando as essências imateriais, posto que todas iguais, são contudo muitas e distintas? Nesse sentido, não haverá pluralidade de espíritos e todas as almas serão uma só.

Depois de tudo isso, como podemos dizer que a alma, posto que imaterial, não pode perecer, em virtude de sua própria essência? Se o espírito não pode perecer, por não se poder dissociar, da mesma forma, por não poder ser composto, não poderá ter início. Eram melhores os filósofos antigos que, negando serem as almas compostas e não poderem jamais perecer, negavam igualmente que pudessem ter nascido e desejavam que sempre tivessem existido. Mas a alma tem início e evidentemente nasce, nasce pouco a pouco, como todas as coisas compostas de partes.

Demais, não observamos na alma diversíssimas faculdades? a memória, o intelecto, a vontade, a imaginação. Uma pode enfraquecer, restando as outras, restando a vida e, portanto, a alma. Umas são mais, outras menos fornidas: como então a essência da alma é, por natureza, toda ela igual?

Mas essas são faculdades, não partes da alma. Em primeiro lugar, não conhecemos a alma senão como uma faculdade; em segundo lugar, se a alma é perfeitamente simples e, por assim dizer, cada parte é igual às outras e a ela mesma, como pode perder uma faculdade, conservando outra e continuando a existir? Como pode acontecer isso, que nós pretendemos *cum simplex animi natura esset, neque haberet in se quidqua madmixtum dispar sui, atque dissimile, non posse eum dividi: quod si non possit, non posse interire?* (CÍCERO, *Cato maior seu de senectute*, c. 21, fim, segundo Platão)

Em suma, sem a expressa vontade e poder de um Senhor da existência, não há nenhuma razão para que a alma ou qualquer outra coisa, suposta e não obstante a imaterialidade, deva ser imortal, não sendo absolutamente possível discorrer acerca da natureza de seres que não podemos conceber e não havendo nenhum fundamento possível para atribuir a um ser supostamente estranho à matéria antes uma propriedade que outra, uma forma de existir, a simplicidade ou a composição, a incorruptibilidade ou a corruptibilidade.

(4 de fevereiro de 1821)

Não é apenas a palavra grega ψυχὴ, como disse anteriormente, que deriva de *spirare*, etc, mas também a latina *animas* e, portanto, *alma*, de ἄνεμος, vento. O antigo significado de vento na palavra alma foi com

freqüência utilizado pelos latinos (creio que sobretudo pelos mais antigos ou pelos que lhes foram imitadores). Ver Forcellini e o *Saggio sugli Errori popolari degli antichi.*

(15 de maio de 1821)

Buffon, em *Histoire naturelle de l'homme*, combate aqueles que crêem que a separação entre a alma e o corpo deva ser por si só dolorosíssima. A seus argumentos acrescenta este, que talvez seja o mais concludente. Se quiséssemos considerar a alma como material, não se trataria mais de separação, e a morte não seria senão uma extinção da força vital, no que quer que consista, certamente de facílima extinção. Mas considerando-a como espiritual, porventura ela é um membro do corpo que se deva destacar e, portanto, com grande dor? Ou, melhor dizendo, as relações entre o espírito e a matéria, quaisquer que sejam, certamente não são materiais, e a alma não se desprende como um membro, mas parte naturalmente quando não mais pode permanecer, da mesma forma que uma chama se extingue e parte do corpo onde não mais encontra alimento, de tal forma que, para esboçar uma imagem, não vemos, nem imaginamos, mesmo abstratamente, nenhuma violência e nenhuma dor, quer no combustível, quer na chama. A morte, na hipótese da espiritualidade da alma, não é algo positivo, mas negativo, não constitui uma força que a destaca do corpo, mas um impedimento que lhe obsta a permanência; suposto esse impedimento, a alma parte por si mesma, pois que não lhe é possível habitar no corpo, e não porque uma força violenta a arranque e arrebate. Se a alma é espírito, não se faz necessário considerá-la como parte do corpo, mas como hóspede desse mesmo corpo, tal que lhe são facílimas, levíssimas, dulcíssimas a entrada e a saída, não havendo nervos ou membranas, etc que a mantenham presa ou correntes que a arrastem no momento em que deve entrar. E quando entra, a coisa é imperceptível, e o homem certamente não se dá conta; de forma que a saída deve ser imperceptível e de todo distinta do que concebemos. Assim como o homem não adverte e não percebe o princípio de sua existência, não percebe e não adverte o fim, nem há instante determinado para o conhecimento e a percepção inicial deste ou daquele.

Mas, mesmo quando se supõe o espírito absolutamente simples e sem partes, não quer dizer que ele não possa perecer. Conhecemos a natureza de semelhante ser para podermos afirmar se ele é imortal ou mortal? Não há somente uma forma de perecer, isto é, desprender-se? Para a matéria não há outra e, portanto, não nos é dado conhecer senão esta forma; mas, semelhantemente, não conhecemos outra forma de existir que não seja a da matéria. Se algo pode existir de uma forma que nos seja de todo ignota

e inconcebível, pode também perecer de uma forma de todo ignota e inconcebível ao homem. Digo pode perecer, não digo perece, pois não posso, como humanamente não se pode dizer o contrário, não perece, ou seja, não pode perecer, pois a matéria perece de outra forma e ela não pode perecer como a matéria. Digo pode perecer, porquanto não é mais difícil nem inverossímil uma certa forma de perecer que uma certa forma de existir; (uma forma, digo, inconcebível ao homem) uma determinada morte que uma determinada existência. Ambas estão fora de nosso alcance, que não ultrapassa meia linha além dos limites da matéria.

Vou ainda mais adiante e digo que se a não composição é o princípio necessário da imortalidade, nem mesmo a matéria pode perecer. Se a matéria for composta, será composta de elementos que não sejam compostos. Não preocupa no momento se esses elementos são químicos ou outros mais antigos e primitivos; mas por mais que formos além, sempre haveremos de nos deparar com essências verdadeiramente simples, que não tenham *in se quidquam admixtum dispar sui atque dissimile*. Logo, essas essências, se não há outra forma de perecer que não seja a decomposição, em que se haverão de decompor, ou poderão decompor-se? Portanto, não poderão perecer. Direis que estas, sendo igualmente matéria, também têm partes e são, por conseguinte, divisíveis e decomponíveis e podem perecer, ainda que todas as partes sejam iguais entre si e tenham uma mesma essência. Bem; mas como poderão essas partes perecer? Também elas hão de ter partes, a partir do momento que constituem matéria. Ora, vamos, subdividamos essas partes tais como se queiram; se jamais se poderá impedir que tenham outras partes e sejam matéria (como certamente não se poderá impedir), nem mesmo se poderá impedir que a matéria pereça. Conquanto seja reduzida a partes pequeníssimas, pode-se dizer que cada uma dessas partículas mínimas está tão distante do nada quanto toda a matéria ou qualquer outra coisa existente, isto é, separa-os uma diferença e um espaço infinitos: pois que da existência ao nada, como do nada à existência não se pode absolutamente ir por degraus, mas unicamente por salto, e salto infinito.

Não há, portanto, em um ser simplicíssimo e sem partes, outro princípio e motivo de imortalidade diverso do que se observa na matéria e no ser o mais complexo possível.

Mas se por princípio de imortlidade em um ser simples e sem partes entendem a possibilidade de alterar a natureza e por perecer não entendem a aniquilação, visto que nem mesmo a matéria pode-se naturalmente aniquilar, e hoje existe, como no passado, *a mesma proporção de matéria*, mas se entendem a decomposição em elementos, digo que aquelas essências simplicíssimas de que a matéria e qualquer coisa composta deve necessariamente constituir-se não podem decompor-se ou

ter alterada a natureza, ainda que divididas, em partes, por menores que forem. A quantidade de partes será sempre a mesma e, por conseguinte, daquelas essências primitivas, ainda que materiais, ainda que divididas quanto se deseje, existirá sempre a mesmíssima quantidade, dividida ou unida que seja; toda essa quantidade e, portanto, toda aquela essência terá sempre a mesmíssima natureza. De forma que, nessa situação, uma essência supostamente simplicíssima e imortal não pode abrigar imortalidade maior, isto é, imutabilidade e incorruptibilidade, que os princípios da matéria, que não constituem uma suposição, mas devem necessária e realmente existir.

(9 de fevereiro de 1821)

Uma das grandes provas da imortalidade da alma é a infelicidade do homem, se comparado aos animais, que são felizes ou quase felizes, enquanto a prevenção dos males (que não existe entre os animais), as paixões, o descontentamento com o presente, a impossibilidade de extinguir os próprios desejos e todas as outras fontes de infelicidade nos fazem inevitável e essencialmente míseros, em virtude de nossa natureza, e não se pode modificá-lo. O que demonstra que nossa existência não é finita dentro de limites temporais, como a dos seres brutos, porque repugna às leis que se observam em todas as obras da natureza que haja um animal, o mais perfeito de todos, ou antes, o senhor de todos os outros e de todo o universo, que abrigue em si mesmo uma infelicidade ingênita e uma espécie de contradição com sua própria existência, que, não há dúvida, exige, para sua consecução, a felicidade proporcional à existência daquela essência (que para o homem é impossível conseguir) e uma contradição formal com o desejo de existir, que é ingênito tanto no homem, como em todos os animais, ou antes, guardadas as proporções, em todas as coisas; pois um homem que se aflige pela vida futura detesta, e com razão, a presente, se aborrece dela, padece (coisa não natural) e se suicida, conforme observamos (impossível entre os seres brutos). O suicídio do homem é a grande prova de sua imortalidade. VERRI, *Notte Romana* 5, colóquio 5.

Não costumo crer em alegorias, nem buscá-las na mitologia, nas criações dos poetas ou nas crenças do vulgo. Contudo, a fábula de Psiquê, isto é, da Alma, que era felicíssima sem o conhecimento, contentando-se em folgar, e cuja infelicidade se originou do desejo de conhecer, parece-me emblema tão apropriado e preciso e contemporaneamente tão profundo da natureza do homem e das coisas, de nosso verdadeiro destino sobre a Terra, da ruína do saber, da felicidade que nos conviria que, associando essa consideração ao significado expresso no nome de Psiquê, a custo

posso deixar de crer que essa fábula não seja um fruto da mais profunda sabedoria e conhecimento acerca da natureza do homem e deste mundo. Observa a citação dessa alegoria, ainda que não profundamente: é contudo suficientemente explicada no *morceau détaché* de M[me] Lambert intitulado *Psyché en grec. Ame. (sic)*, em suas *Oeuvres complétes* cittées ci-dessus, p. 284-285. Talvez a referida alegoria seja também observada por outros, assim creio. Certo é que ou não significa nada ou significa aquilo que digo e demonstra que minha teoria apraz aos antiqüíssimos; com outra teoria não se pode explicá-la. De resto, relacionando essa observação à narração do Gênesis, em que a origem imediata da infelicidade e decadência do homem atribui-se claramente ao saber, como demonstrei anteriormente, torna-se-me verossímil que estas duas máximas: *o homem não é destinado ao saber, o conhecimento da verdade é inimigo da felicidade, a razão é inimiga da felicidade;* último fruto e ápice da mais moderna e profunda e da mais perfeita ou perfectível filosofia que possa jamais existir, eram não somente conhecidas, mas também próprias e quase que fundamentais da sabedoria antiqüíssima, ou ao menos, da sabedoria arcana e misteriosa, como a oriental e a egípcia, da qual há quem pretenda que se tenham originado, ao menos em parte, a mitologia e a sabedoria gregas.

(10 de fevereiro de 1821)

Quanto o corpo influa sobre a alma. Um hábito de atividade ou de energia que o corpo tenha contraído por qualquer razão outorga ao espírito certa atividade, certa energia, certa presteza, etc, ainda que seja de *per se* o menos exercitado. Como o referido hábito pode ser efêmero e passageiro, o referido efeito é, também, muitas vezes diário e mesmo de poucas horas. Essa observação pode-se expandir ainda mais se aplicada a outras espécies de costumes e hábitos corporais constantes ou passageiros, que produzam igualmente no espírito costume, hábito ou faculdade semelhante, ainda que este não interfira nem tome parte no do corpo: como se eu, sem qualquer reflexão ou ação do pensamento, me encontrasse hoje em condição de agir e de realizar com vigor exercícios corporais e materiais. Poder-se-iam aduzir ainda outros exemplos, tanto individuais quanto nacionais, e úteis para explicar caracteres diversos de povos diversos.

(17 de setembro de 1821)

Quando dizemos que a alma é espírito, não dizemos senão que ela não é matéria e pronunciamos, em essência, uma negação, não uma afirmação. O que equivale a dizer que *espírito* é uma palavra desprovida de idéia, como tantas outras. Mas porque temos considerado gramaticalmente positiva essa palavra, cremos, como ocorre, ter também uma idéia positiva

da natureza da alma, que se expressa por meio desse vocábulo. Ao nos dispormos, porém, a definir esse espírito, podemos certamente coligir inúmeras negações, visíveis ou ocultas, derivadas das idéias e propriedades da matéria, que se negam no espírito, mas não podemos acrescentar qualquer informação verdadeira, qualquer qualidade positiva, se não derivada dos efeitos perceptíveis e, por conseguinte, de certa forma, materiais (o pensamento, a sensibilidade, etc) que gratuitamente atribuímos exclusivamente a esse espírito. E o que digo da alma digo dos demais entes imateriais, incluindo o Supremo. (11 de julho, domingo, 1824) – Tanto faz dizer *espiritual* quanto *imaterial*; esta, palavra absolutamente negativa, na ótica gramatical, aquela, na ótica ideológica.

(11 de julho, domingo, 1824)

As *Filípicas*, de Cícero, contêm a última palavra romana, constituem o último monumento da liberdade antiga, os últimos papéis em que ela foi definida e apregoada, abertamente e sem suspeição, aos contemporâneos. Desde então a liberdade deixou de ser objeto de culto público ou de louvores e insinuações dos escritores (não só romanos, mas, podemos dizer, de quase todas as nações, exceto dos franceses, recentemente. De fato, com a liberdade romana, expirou para sempre a liberdade das nações civilizadas). Os que vieram depois celebraram-na no passado como um bem, reprovaram-na e repudiaram-na no presente como um mal. Seus antigos fautores foram exaltados nas histórias, nos discursos, nos versos como Heróis; os modernos, reprovados e execrados como traidores. Levantaram-se estátuas e monumentos aos antigos liberais; citaram-se, condenaram-se e proscreveram-se os modernos. O elogio da liberdade, por uma estranha contradição, foi permitido nos discursos, nos escritos e nas ações, até um determinado tempo. Passado esse período, os escritores modificam a linguagem e amaldiçoam nos contemporâneos o que divinizaram e divinizam, ao mesmo tempo, nos antepassados. Entre outros, está Veleio, que louvou sumamente os fatos antigos, liberdade, etc, execrou antigos inimigos da liberdade e modernos amigos; louvou a Nasica e Opímio, assassinos de Tibério e Caio Graco (homens, contudo, segundo ele, insignes, ou antes, notáveis, a não ser por atentarem contra a liberdade) e execrou a conspiração contra César, etc. Porque assim que ele chega a este último, muda ostensivamente de atitude, mas repentinamente, e sua linguagem, liberalíssima até aquele momento, torna-se abjeta e servilíssima em seguida. Essa mudança é tão repentina e sensível que ele se converte em grande panegirista de Pompeu, o antagonista imediato de César; e de Pompeu republicano, porque o reprova toda vez que ele falta aos deveres para com uma pátria livre.

(27 de dezembro de 1820)

Liberdade exige *homines non mancipia*, ἄνδρας καὶ οὐκ ἀνδάποδα, e quem é escravo de senhores, de si mesmo, do egoísmo ou está sob o domínio das baixas inclinações não pode suster a condição de liberdade ou igualdade. O amor-próprio é inseparável do homem. Leva-o a procurar exaltação. Quando esta, em suma, a satisfação do amor-próprio é impossível, então o homem não pode viver. Ora, em perfeito estado de liberdade e igualdade, o indivíduo não progride sem virtudes e méritos verdadeiros, porquanto a fortuna, as honrarias, as riquezas, as vantagens, etc dependem da multidão, que, não podendo julgar segundo sentimentos e inclinações particulares, porque são várias e infinitas e não se harmonizam, há que julgar segundo as regras e opiniões universais, isto é, as verdadeiras. Quem, portanto, não tem virtudes e méritos verdadeiros (e tais são os homens corrompidos) não pode sustentar a liberdade e a igualdade, nem descobrir vida nesse estado.

(18 de janeiro de 1821)

É coisa já observada por filósofos e pensadores que a verdadeira liberdade de um povo não se pode manter, ou antes, não pode subsistir sem a concorrência da escravidão interna. (Conforme Linguet, creio que também Rousseau, *Contrat social*, livro III, cap. 15 e outros. Ver também *Essai sur l'indifferénce en matière de religion*, cap. X, no trecho em que cita em nota o referido passo de Rousseau, juntamente com duas linhas desse autor.) Do que deduzem que a extinção da liberdade deu-se pela extinção da escravidão, e que se não há povos livres, isto ocorre porque não há mais escravos. Coisa que se tomada a miúdo, resulta ser falsa, porquanto a liberdade perdeu-se por razões bem diversas, que todos conhecem e que mencionei em numerosos trechos. Poder-se-ia dizer, com maior propriedade, que a extinção da escravidão resultou da extinção da liberdade, ou melhor, que ambas resultaram das mesmas causas, mas de maneira que esta precedera aquela, de fato e de direito.

A conseqüência, digo, é falsa, mas o princípio da necessidade da escravidão entre povos rigorosamente livres é exatíssimo. Eis, em resumo, o fundamento e a essência dessa proposição.

O homem nasce livre e igual aos outros, e assim o é por natureza e no estado primitivo. Mas não no estado social. Porque no estado natural cada um provê às suas necessidades e presta a si mesmo os serviços que se fazem úteis, mas na sociedade, que se destina ao bem comum, a liberdade não subsiste senão nominalmente e é de todo inútil que os homens convivam uns com os outros, ou seja, que prestem uns aos outros serviços mútuos e provejam mutuamente às suas necessidades. Mas o indivíduo não pode prover a todas as necessidades dos outros, ou seja, seria ridículo e inútil que eu, por exemplo, pensasse inteiramente em ti, e tu, inteiramen-

te em mim, sendo, da mesma forma, permitido que vivêssemos separados e que cada um de nós atendesse o outro. Do que resulta a necessidade das diversas profissões e ofícios, alguns absolutamente necessários à vida, ou seja, os que o indivíduo poderia exercer, mesmo na condição natural; outros, não necessários, mas derivados do desenvolvimento da sociedade e geradores das comodidades e vantagens que se desfrutam (ou se pretende desfrutar) na vida social; falo também das comodidades mais imperiosas que hoje são consideradas como necessidades; outros, por fim, que se tornaram efetivamente necessários pela própria sociedade, como os ofícios que provêem ao que foi transformado em necessidade pelo hábito, o ofício de ensinar e sobretudo o de prover às coisas públicas e velar pelo bem e pela existência precisa dessa sociedade: o ofício de defender os bons dos maus (uma vez que com a formação da sociedade, surge o perigo do fraco com relação ao forte) e a própria sociedade, de outras sociedades, etc. Em suma, ou a sociedade não existe absolutamente ou nela existe necessariamente a diferença de ofícios e de categorias.

Isto levaria as nações às hierarquias, o que de fato ocorre desde o princípio e tanto entre os povos não civilizados, como entre os civilizados. Mas, corrompida, pouco a pouco, a sociedade e introduzido o abuso de poder, e, portanto, tendo os povos repelido o jugo e recobrado a liberdade natural, recobraram também a igualdade. Além de esta ser uma decorrência natural da liberdade, demonstrei anteriormente que a verdadeira liberdade não pode manter-se em uma república, sem a concorrência de toda a igualdade que a sociedade possa desenvolver.

Mas a liberdade e a igualdade do homem lhe são naturais no estado primitivo e não se coadunam nem compactuam, mormente se tomadas em sentido estrito, com o estado social, pelas razões supracitadas. Restaria, então, que, se a sociedade exige que o homem sirva ao homem e isto se opõe à noção de igualdade, o homem de uma determinada sociedade fosse servido por homens de outra, ou de várias sociedades ou nações, ou seja, por uma parcela daquela mesma sociedade que estivesse à margem dos direitos, das vantagens, das propriedades, da igualdade, da liberdade que lhe são próprios, em suma, considerada estranha à nação, como se fosse uma outra raça e qualidade de homens dependente, subalterna e subordinada à raça livre e igual. Eis a prática da escravidão interna entre povos livres e iguais; prática tanto mais inerente à constituição de um povo quanto mais ele se mostrar intolerante diante da própria servidão, conforme se pôde observar entre os antigos. Nesse sentido, a desigualdade entre um povo livre resultava ser a menor possível, e as lidas diárias, os serviços inferiores, a cultura da terra, destinada aos escravos, é que teriam degradado a igualdade do homem livre: e o homem livre, quem quer que fosse, permanecia seu próprio senhor, para não ser obrigado

aos serviços cotidianos remunerados, que acabariam necessariamente por lhe tolher, em essência, a independência e a liberdade; e quase não tomava parte, em benefício coletivo da sociedade, senão da gerência de coisas públicas e de seu próprio governo, da conservação ou desenvolvimento da prática por meio da guerra, etc, com a única diferença de que provinham de mérito individual, etc.

Se mais não fosse possível, não se pôde nem louvar, nem insinuar e inculcar expressamente a liberdade aos contemporâneos, e a liberdade não mais constitui nome pronunciado com louvor, em relação ao presente e ao moderno. Mesmo quando nem todos se manchavam da vil adulação de Veleio, e Lívio era considerado como pompeiano em sua história, e eram celebérrimas as impressões generosas de Tácito, etc. Mas descobrireis que nem mesmo ele, conquanto condene a tirania, louva a liberdade propriamente dita. Sobre os poetas, como Virgílio, Horácio, Ovídio, não discorro. Aduladores, em sua maioria, dos tiranos contemporâneos, conquanto louvassem os antigos republicanos. O mais liberal é Lucano.

(28 de dezembro de 1820)

A superioridade da natureza sobre todas as obras humanas ou os efeitos das ações do homem podem ser observados também por isto, ou seja, que todos os filósofos do século passado e todos os que hoje trazem esse nome e, em geral, todas as passoas instruídas desse século, que é indubitavelmente o mais instruído que jamais existiu, não têm outro propósito, no que diz respeito à política (parte principal do saber humano) e não sabem encontrar nada melhor do que aquilo que a natureza já havia por si mesma encontrado na sociedade primitiva, isto é, proporcionar ao homem social a liberdade justa, que era o norte de todas as antigas políticas, em todas as nações não corrompidas, como também, hoje, em todas as nações não civilizadas e ao mesmo tempo não barbarizadas, isto é, todas as que se chamam bárbaras, de uma barbárie primitiva, e não corrompida.

(6 de abril de 1821)

Chamam modernas as máximas liberais e escandizam-se, riem de que o mundo creia ter somente hoje chegado à verdade. Mas elas são tão antigas quanto Adão, além de terem durado e dominado, mais ou menos, e sob diferentes aspectos, até cerca de um século e meio atrás, época verdadeira e única da perfeição do despotismo, constituído, em grande parte, de uma certa moderação que o torna universal, íntegro e duradouro. Portanto, toda a antiguidade das máximas despóticas, isto é, de seu verdadeiro e universal domínio sobre os povos (falando de forma geral e não indi-

vidualmente) não remonta a época posterior à metade do século XVII. Eis como o tempo que separa essa época da revolução foi realmente a época mais bárbara da Europa civil, da restauração da civilização em diante. Barbárie em que inevitavelmente acabam por cair os tempos civilizados; barbárie que toma diversos aspectos, conforme a natureza da civilização de que se origina, e que irá substituir, e conforme a natureza dos tempos e das nações. A barbárie de Roma, por exemplo, ao substituir a civilização e liberdade, foi mais feroz e mais viva; a dos persas foi similar, pela frouxidão, pela indolência e pelo torpor, à nossa. Eis como o tempo presente pode ser considerado como época de um novo (posto que frágil) ressurgimento da civilização. Nesse sentido, as máximas liberais poder-se-ão chamar renovadas (ou, ao menos, sua universalidade e domínio), mas de forma alguma inventadas ou modernas. Aliás, elas são essencial e caracteristicamente antigas, e talvez essa seja a única parte em que a era moderna se assemelha à Antiguidade. Veja-se, em tal propósito, a carta de Giordani a Monti, em *Proposta* etc, v. I, parte 2, no artigo *Effemeride*, em que Giordani discorre acerca das barbáries antigas e hoje renovadas.

(28 de maio de 1821)

A civilização das nações consiste em um concerto entre a natureza e a razão, em que aquela, isto é, a natureza, ocupa a maior parte. Consideremos todas as nações antigas, a persa do tempo de Ciro, a grega, a romana. Os romanos não foram jamais filósofos como quando se inclinaram à barbárie, isto é, no tempo da tirania. Semelhantemente, nos anos que a precederam, os romanos haviam feito progressos infinitos na filosofia e no conhecimento das coisas, então novos para eles. Do que se deduz um novo corolário, isto é, o que salvaguarda a liberdade das nações não é a filosofia nem a razão, como agora, que se pretende que elas devam regenerar as coisas públicas, mas as virtudes, as ilusões, o entusiasmo, em suma, a natureza, de que estamos tão distantes. Um povo de filósofos seria o menor e o mais covarde do mundo. Portanto, nossa regeneração depende de uma ultrafilosofia, por assim dizer, que, conhecendo perfeita e profundamente as coisas, nos reaproxime da natureza. E este deveria ser o fruto dos extraordinários conhecimentos deste século.

(7 de junho de 1820)

Tanto é verdade que a anarquia conduz diretamente ao despotismo e que a liberdade depende de uma harmonia das partes e de uma força constante das leis e das instituições da república que Roma jamais foi tão livre, na acepção comum da palavra, quanto nas épocas imediatamente anteriores à tirania. Vereis os afazeres de Clódio, MONTESQUIEU, l. c., p.115, última linha e 116, linhas 1 e 5, cap. II (6 de junho de 1820). O mesmo se pode dizer

da França, que de um salto passou da liberdade furiosa ao despotismo de Bonaparte.

A suprema felicidade possível ao homem neste mundo é quando ele vive serenamente seu estado com uma esperança branda e certa de um futuro muito melhor; para que seja certa, e o estado em que vive, bom, não o inquietes e não o atormentes com a impaciência de gozar desse belíssimo futuro imaginado. Pude experimentar esse estado divino, aos dezesseis ou dezessete anos, por alguns meses, a intervalos, encontrando-me serenamente *ocupado* com os estudos, sem outros problemas, e com uma esperança certa e tranqüila de um futuro felicíssimo. Mas não hei de experimentá-la jamais, porque essa esperança, que sozinha pode tornar o homem satifeito do presente, não pode ocorrer senão a um jovem de tal idade ou, ao menos, experiência.

A experiência diária demonstra quanto é verdadeiro que o amor-próprio motiva a infelicidade, e que quanto mais intenso e ativo ele for, mais intensa será a referida infelicidade. Pois que o jovem não só está sujeito a inúmeras dores da alma, como é mesmo incapaz de gozar dos maiores bens do mundo, de gozá-los o mais possível e da melhor maneira possível, até que seu amor-próprio, à força de padecimentos, esteja mortificado, endurecido, entorpecido. Então desfruta algum bocado. Coisa observada. Como também é freqüentemente observado que o homem é tanto mais infeliz quanto mais fartos e mais vivos lhes são os desejos, e que a arte da felicidade consiste em tê-los poucos e pouco vivos, etc. (Que é precisamente o motivo pelo qual o jovem no estado mencionado, munido de um ardor incrível que o transporta na direção da felicidade, e da maior força possível que lhe permita saborear e suster os prazeres, além de fabricá-los com a imaginação e persegui-los com a ação, em uma idade que a tudo sorri e que oferece prazeres quase espontaneamente, ainda que desconheça o desengano e veja, portanto, as coisas sob o mais extraordinário aspecto, e por ser novo e não educado nos prazeres, esteja ainda distante e bem protegido da sociedade e seja capaz de dar importância a qualquer espécie de prazer, jamais desfruta algo, padece mais que quaisquer outros e bem depressa conhece a saciedade; tanto mais quanto mais vivo — como, com freqüência, Casa — e sensível, etc ele for e, portanto, por necessidade, mais amante de si mesmo.) Ora, a medida dos desejos, sua abundância e vivacidade, etc é sempre proporcional à medida, vivacidade, energia, atividade do amor-próprio. Porque o desejo não reclama senão o prazer, e o desejo de felicidade não é outro senão o desejo de prazer, e o amor pela felicidade não é outro senão o amor-próprio.

(24 de junho de 1822)

Antes de experimentar a felicidade, ou melhor, uma aparência de felicidade viva e presente, podemos alimentar-nos de esperanças, e se estas forem fortes e constantes, o tempo de sua duração será o tempo feliz do homem, como a idade entre a infância e a juventude. Mas uma vez experimentada e perdida a felicidade a que me refiro, as esperanças não nos contentam, e a infelicidade do homem se instala. Demais, as esperanças posteriores à experiência desoladora tornam-se ainda mais dificultosas; mas de qualquer forma, o vigor da felicidade experimentada não pode ser compensado pelas ilusões e pelos prazeres limitados da esperança, e o homem, comparando-as, lamenta-se continuamente pelo que se perdeu e que dificilmente poderá retornar, porquanto é findo o tempo das grandes ilusões.

A vida continuamente ocupada é a mais feliz, mesmo quando não há ocupações e sensações vivas e várias. O espírito ocupado distrai-se com aquele desejo inato que não o deixaria estar tranqüilo, ou o direciona para os pequenos desígnios diários (terminar um trabalho, prover às necessidades ordinárias, etc), uma vez que os tem na conta de prazeres (sendo prazer tudo o que a alma deseja) e alcançando um, passa a outro, de forma que se distrai com desejos maiores e não tem oportunidade para afligir-se com a frivolidade e o vazio das coisas, e a esperança daqueles pequenos desígnios e os pequenos projetos das ocupações futuras e das esperanças de um êxito completo, distante e desejado, bastam para satisfazê-lo e para entretê-lo no tempo de seu repouso, que não é demasiado longo que dê lugar ao tédio; demais, o repouso das lidas constitui por si só um prazer. Essa deveria ser a vida do homem, era a dos primitivos, é a dos selvagens, dos agricultores, etc, e os animais não vivem felizes por outra razão. Observai como o espetáculo da vida ocupada, laboriosa e doméstica também se aproxima hoje em dia, para quem vive no mundo, do espetáculo da felicidade, inclusive pela ausência de dores, cuidados e aflições reais.

Dizem que a felicidade do homem não pode consistir senão na verdade. É o que se esperaria, porque que felicidade existe no falso? E como, se o mundo é voltado para a felicidade, a verdade não pode propiciar felicidade? Eu digo, contudo, que a felicidade consiste na ignorância da verdade. E isto, precisamente porque o mundo está voltado para a felicidade e porque a natureza o concebeu feliz. Ora, ela também o concebeu ignorante, como os outros animais. Portanto, o teria feito infeliz, como as outras criaturas; portanto, o homem seria por si mesmo infeliz (contudo, as outras criaturas são felizes por si mesmas); portanto, seriam necessários muitíssimos séculos para que o homem conquistasse o comple-

mento, ou antes, o sustentáculo da existência, que é a felicidade (uma vez que nem mesmo agora chegamos ao inteiro conhecimento da verdade); portanto, todos os antigos teriam sido necessariamente infelizes; portanto, todos os povos incultos igualmente o seriam hoje em dia; portanto, também nós necessariamente o seríamos, em vista do precário conhecimento que temos da verdade; ao passo que todos os seres (falo dos gêneros, não dos indivíduos) saíram perfeitos, cada qual no seu gênero, das mãos da natureza.

A perfeição consiste na felicidade, quanto ao indivíduo, e numa correspondência estreita com a ordem das coisas, quanto ao restante. Mas nós consideramos essa ordem de uma forma, e a natureza, de outra. Nós, de uma forma que é incompatível com a ignorância; a natureza, de uma forma que é incompatível com a ciência. E se a natureza quis incontrastavelmente a felicidade dos seres, por que, supondo que a fez atrelada, relativamente ao homem, ao conhecimento da verdade, ocultou tão zelosa essa mesma verdade, de modo tal que séculos e séculos não bastam para descobri-la? Não seria esse um vício orgânico, fundamental, radical e uma contradição em seu sistema? Como tornou tão difícil o único meio de obter o que ela desejava acima de tudo e se propunha como fim, isto é, a felicidade? e a felicidade do homem, o qual ocupa evidentemente o primeiro posto na ordem da coisas deste mundo? Como repugnou, com toda a sorte de obstáculos, aquilo que ela buscava? Mas o homem deveria realmente ocupar o primeiro posto e o ocuparia mesmo naquele estado natural que consideramos selvagem; mas não deveria passar a outra ordem de coisas e considerar-se como pertencente a uma outra categoria e assentar sua dignidade, não em manter o primado sobre os seres, como o teria sempre feito, mas em colocar-se absolutamente fora da sua esfera e orientar-se por leis particulares e independentes das leis universais da natureza.

(14 de novembro de 1820)

Essai sur l'indifférence en matière de réligion, primeira ou segunda página do capítulo 9. *E é notável que todos os homens... que associam constantemente à idéia de felicidade a idéia de repouso, que não é senão aquela paz profunda, inalterável de que goza necessariamente um ser que atingiu a perfeição e que Santo Agostinho chama, por antonomásia, a tranqüilidade da ordem... Em outras palavras, não se encontra felicidade senão no seio da ordem; a ordem é a fonte do bem, como a desordem é a fonte do mal, tanto no mundo moral quanto físico; tanto para os povos quanto para os Indivíduos.* O amor pela ordem, ou a idéia da necessidade da ordem, o que equivale a dizer, da harmonia e da conformidade é inata, absoluta, uni-

versal, uma vez que constitui o fundamento do raciocínio e o princípio do conhecimento ou do discernimento falso ou verdadeiro. Mas a idéia de uma ordem tal é variável, dependente do hábito, da opinião, etc, é relativa e particular. O desejo de repouso não se dá como de repouso ou serenidade, mas: 1– como conformidade, harmonia, etc com as qualidades e a natureza da espécie ou do indivíduo; 2 – como estabilidade ou capacidade de durar. O homem, como nenhum outro ser, não pode conhecer o bem senão em um estado que se harmonize com suas qualidades e natureza. Sem esse estado, ele se vê numa condição de contraste, de desconformidade e, portanto, atribulado, não absolutamente pela ausência da serenidade, mas da harmonia relativa. Se sua natureza se conformasse à guerra, ao moto perpétuo, à ação contínua, ele se encontraria em estado de aflição e violência, quando fosse constrangido ao repouso propriamente dito, e não repousaria, isto é, não encontraria felicidade senão na guerra ou na faina. O repouso e a paz constituiriam, para ele, desordem, e a faina e a guerra, ordem. Pelo que o repouso que desejamos não constitui absolutamente repouso e serenidade, mas harmonia com nossa natureza, tanto específica quanto individual. O mesmo podemos dizer da estabilidade, porque o que contrasta com nossa natureza, ainda que tenha o ato da duração, não tem o poder e o direito, de forma que o homem não pode encontrar serenidade. Ao contrário, no caso inverso. Mas essa serenidade não significa serenidade absoluta, como se ela fosse essencial e originalmente perfeita, mas é relativa, ou melhor, harmonia. Não é necessário, portanto, usar de proposições abstratas para coisas relativas, nem pretender ter demonstrado que apreciamos naturalmente uma tal ordem e, por conseguinte, apreciamos a ordem. Apreciamos a ordem, apreciam-na todos os seres; mas que ordem? Odiamos a desordem, mas que desordem é essa? É mister investigá-lo, e aqui novamente os filósofos se dividem; do princípio anterior, incontrastável e confesso, presume-se, em vão, colher o que quer que seja de definido e concreto acerca da questão, do estado e perfeição destinados particulamente ao homem e por ele ardentemente desejados. Eu digo, portanto: o estado de perfeição, o estado de ordem, fora do qual não há repouso, fora do qual não há a tranqüilidade da ordem, nem a felicidade, é, para o homem, como para todas as outras coisas existentes, o estado em que a natureza o dispôs com suas próprias mãos, e não o que ele se disponha ou que se *deva* dispor por si próprio.

O capítulo 9 do *Essai* supracitado talvez seja o mais forte, profundo e concludente de toda a obra, porquanto as provas da Religião não são deduzidas da consideração do homem como ele é, das opiniões, etc, mas da natureza do homem. Farás bem em relê-lo. Mas eis o seu raciocínio. Não

se encontra felicidade senão num estado perfeito de que o ser é capaz. Um ser não é perfeito se suas faculdades não estão perfeitamente afinadas entre si, perfeitamente desenvolvidas conforme sua natureza e se não gozam, cada uma, de seu próprio objeto, conforme a extensão total de sua natureza. Não é perfeito se ele não está em conformidade com as leis que resultam de sua natureza. Mas para conformar-se a elas é mister conhecê-las. Por conseguinte, o homem não poderá ser feliz se não conhecer a si mesmo e as relações necessárias que mantém com outros seres. E deve podê-los conhecer, *do contrário, seria um ser contraditório, porque, tendo um propósito, isto é, a perfeição ou a felicidade, não teria como atingi-lo.* Voltando-se para a perfeição ou a felicidade, o homem volta-se notavelmente para o conhecimento da verdade. Do conhecimento derivam-se o amor ou o ódio, ou seja, o discernimento da qualidade boa ou má. Do amor e do ódio, deriva-se a ação, porque o homem não pode optar senão por aquilo que crê ser um bem. A ignorância absoluta é um estado de morte, porque, supondo que o homem não tenha um motivo para crer boas ou más as coisas, sua indiferença é total e, não podendo amar nem odiar, não pode escolher; portanto, não pode agir; portanto, não pode viver. Porque conhecer, amar, realizar, eis todo o homem. O objeto da faculdade de conhecer é a verdade. Determina-se a extensão dessa faculdade pelo desejo. O homem sente um desejo infinito de conhecer e, portanto, de amar. Portanto, sua faculdade cognoscitiva, ou inteligência, é capaz de conhecer a verdade infinita; sua faculdade de amar é capaz de amar o Bem infinito. Ao passo que, sendo limitada sua faculdade de agir, ele não sente um desejo infinito de agir, como ser físico. Portanto, a felicidade do homem consiste na perfeição do conhecimento; do amor, isto é, disposição da alma em favor dos objetos; da ação, derivada desses dois princípios. Portanto, consiste na verdade, porque: 1 – a ignorância absoluta equivale à inteira ausência de conhecimento, amor e ação. 2 – a fantasia, enganando-o, no que diz respeito às suas relações, à conformidade e ao desenvolvimento de suas faculdades, contraria a perfeição, ou seja, destrói a harmonia do homem e de suas faculdades, através de leis resultantes de sua natureza e, por conseqüência, destrói-lhe a felicidade. Eis a argumentação. Eis as respostas.

Em primeiro lugar, no que se refere à verdade, o que se deve entender por verdade, a respeito da felicidade do homem e, por conseqüência, qual o verdadeiro propósito, fim e objeto de sua faculdade de conhecer. Apenas isso bastaria para responder a todo esse raciocínio.

Em segundo lugar, qual a ordem, a perfeição, a conformidade das faculdades do homem, a correspondência com suas relações e com as leis que resultam de sua natureza e observarás que esse princípio abstrato, posto que verdadeiro e confesso, não é suficiente para provar nada a res-

peito das verdadeiras leis, das verdadeiras relações e da verdadeira natureza *particular* do homem.

Vamos ao desejo de conhecer. É certamente necessário que o homem conheça, isto é, escolha, porque ele é livre. O mesmo ocorre ao ser bruto. É necessário que conheça bem para escolher bem. *Portanto, é necessário que conheça a verdade, e a fantasia arrebata-lhe a felicidade.* Falsa conseqüência. É necessário que conheça o que lhe convém. A verdade absoluta e, por assim dizer, o tipo de verdade é indiferente para o homem. Sua felicidade pode consistir no conhecimento e no discernimento verdadeiro ou falso. O fundamental é que esse *discernimento* seja *verdadeiramente* consentâneo com sua natureza.

O homem ignorante carece da faculdade de formar esse discernimento, porquanto tudo que ele deve saber lhe é ensinado pela natureza. Há que ser demasiado estúpido para admitir a hipótese de uma ignorância que leve o homem à mais completa indiferença, como aquele asno das escolas que, *tra due cibi distanti e moventi d'un modo, si morria di fame.* O ignorante ignora a verdade, mas não as razões da escolha. Ou antes, o ignorante natural, como a criança, escolhe muito mais rápida, fácil, viva, decidida e efetivamente que o homem instruído ou sábio. Demais, as mesmas coisas indiferentes ao homem em função de sua própria natureza, por menos que ele tenha perdido da condição natural, as coisas que não se podem converter em objetos de ação, como plantas, rochas, e que mais sei eu, não são indiferentes ao homem primitivo nem à criança que, em pequeníssimas miudezas, encontra motivo para amá-las ou odiá-las e descobre *diferenças* notáveis, conquanto imaginárias, nas coisas mais indiferentes, exagera e engrandece as pequenas diferenças reais, pelo que não lhe falta jamais motivo de escolha. Antes, a razão e a ciência são indiferentíssimas, a natureza e a ignorância são o completo oposto da indiferença. Porque a imaginação e a fantasia dão importância muito maior às miudezas que a razão e não admitem dúvidas nem desapego na própria certeza, como a razão, que conhece a pouca importância de tudo e, portanto, a pouca diferença da utilidade ou eficácia respectivas. Além do que, a razão e a ciência tendem evidentemente a uniformizar o mundo, sob todos os aspectos, e extinguir ou enfraquecer a variedade, porquanto não há nada mais uniforme que a razão nem mais vário que a natureza; nesse sentido, a ciência promove naturalmente a indiferença, por remover e enfraquecer até mesmo as diferenças reais e, portanto, as razões da escolha.

Quanto à dúvida, razão principalíssima da indiferença, o mesmo livro a que me refiro apresenta um trecho de Pascal, que, entre outras coisas (dignas de serem lidas) diz: convém que cada um tome partido e se coloque necessariamente entre o dogmatismo ou o pirronismo... Afirmo que jamais existiu um efetivo e perfeito pirrônico. A *natureza* sustenta a *razão*

impotente e a impede de delirar a esse ponto... A *natureza confunde os pirrônicos e a razão confunde os dogmáticos* (isto é, os que admitem e afirmam como certas as opiniões), *Pensées* de Pascal, ch. 21. Com efeito, a dúvida praticamente passou a existir após a razão e a ciência, e não há nada tão seguro como aquilo que se crê ignorância; e o homem natural não põe em dúvida e considera como certíssimo tudo aquilo que ele sabe ou crê saber (e isso por imposição da natureza). Tanto é que a ignorância conduz à total indiferença e, portanto, à inação e à morte; ou melhor, tanto é que há uma ignorância absoluta, ou seja, um estado da alma absolutamente privado de crença e discernimento; e é estultícia confundir a ausência de verdade com a ausência de discernimento; como se não houvesse discernimentos senão verdadeiros ou como se do referido princípio resultasse a necessidade de um discernimento absolutamente verdadeiro, e não de um discernimento *verdadeiramente* útil e adequado à natureza do homem.

Quanto ao desejo de conhecimento do homem, que se pretende infinito, como o desejo de amar e diversamente do desejo de realizar:

1 – Não é verdade que seja infinito por si só, mas apenas materialmente e como desejo de prazer, que se identifica com o amor-próprio. E não é verdade que o homem natural seja atormentado por um desejo preciso de conhecer. Nem mesmo o homem corrompido e moderno encontra-se nesse caso. Ele é atormentado por um desejo infinito de prazer. O prazer não consiste senão em sensações, porque quando não se sente, não se experimenta prazer nem desprazer. Não é o corpo que experimenta as sensações, mas a alma, o que quer que se entenda por alma. A sensação da inteligência é o pensamento. Portanto, o objeto da faculdade intelectiva é o pensamento (não o verdadeiro, como direi posteriormente). O homem anseia por um prazer infinito em todas as coisas, mas não pode experimentar certa infinitude senão no pensamento, porque o aspecto material conhece limitações. O homem experimenta, portanto, prazer na maior extensão possível do pensamento, ou seja, do ato da faculdade intelectiva. Isto é independente da verdade. O homem não anseia conhecer, mas sentir infinitamente. Mas não se pode sentir infinitamente senão por meio das faculdades mentais, de certa forma, mas, principalmente, por meio da imaginação, não da ciência ou do conhecimento, que delimita os objetos e, portanto, exclui o infinito. Dessas considerações, pode-se deduzir que a curiosidade, ou desejo de conhecer, ou melhor, de pensar, também deriva [não] de uma determinação arbitrária da natureza, que transforma em prazer o conhecer e o pensar, mas disto, ou seja, que o homem deseja ilimitadamente o prazer, contra aquilo que levei a crer na teoria do prazer. De resto, esse desejo infinito de pensar também deve ser visceralmente comum aos seres brutos.

2 – *E tanto è miser l'uom quant'ei si reputa* e tão ditoso quanto se julga. Assim, o desejo de conhecer e de pensar satisfaz-se tanto com a convicção do conhecimento quanto com o verdadeiro conhecimento, e a verdade absoluta é de todo indiferente ao homem. E, aliás, o desejo infinito de conhecer pode perfeitamente ser, de certa forma, e com freqüência, aniquilado pela natureza, por meio da imaginação e das convicções falsas, ou seja, erros; jamais pela razão, por meio da ciência, nem pelos sentidos, por meio dos objetos reais. Se o homem manifestasse essa tendência infinita não ao pensar, mas precisamente ao conhecer, isto é, à verdade, por que a natureza teria interposto tantos obstáculos a esse conhecimento necessário à sua felicidade? Por que teria radicado em sua mente tantas ilusões que a suprema civilidade e o hábito do raciocínio a custo podem extirpar, e não completamente? Por que a verdade seria tão difícil de encontrar? Desde que o homem tende infinitamente ao conhecimento preciso, nenhuma verdade lhe é indiferente. Não só o conhecimento das verdades religiosas, morais, etc, mas de qualquer verdade física, etc torna-se necessário à sua felicidade. Ora, ainda que se queira supor que o homem primitivo dispunha de meios suficientes para o conhecimento das verdades religiosas e morais (como parece supor o nosso livro), é certo que ele não as teve infinitas, é certo que verdades infinitas ainda são ignoradas, que as infinitas hão de ser sempre ignoradas, que a maioria dos homens (exceto na religião revelada) é tão ignorante como os primitivos e que as crianças o são igualmente, no que se refere à religião. É certo que embora o homem conheça Deus, que é infinito, não o conhece nem o pode conhecer infinitamente (como não pode nem mesmo amar, embora o autor presuma que nossa faculdade de amar seja infinita, sendo infinito o desejo); antes, limitadissimamente. Portanto, seu conhecimento não é infinito; portanto, se é infinita sua faculdade de conhecer, carece de um objeto, e por conseguinte, da própria felicidade. Portanto, o homem não pode ser feliz; portanto, repito com o autor, *ele é um ser contraditório, porque, tendo um propósito, isto é, a perfeição ou a felicidade, não teria como atingi-lo. E as ilusões,* que a natureza incutiu solidamente em *todos* nós, por que as teria incutido? Para estorvar-lhe expressamente a felicidade? E se a ignorância significa infelicidade, por que o homem sai das mãos da natureza tão rigorosamente infeliz? Em suma, os absurdos são inúmeros, quando não se deseja reconhecer que o homem sai perfeito das mãos da natureza, como todas as outras coisas; que a verdade absoluta é indiferente ao homem (quanto ao bem, mas nem sempre, antes, raras vezes, quanto ao dano); que o propósito de sua faculdade intelectiva não é o conhecimento, enquanto conhecimento derivado da realidade, mas o pensamento, ou convicção do conhecimento, quer verdadeira, quer falsa. Por que será que os ignorantes, ao invés de mais infelizes, são evidentemente os mais felizes?

Estabelecidos esses princípios, diz o autor, *consideremos a filosofia e a Religião em suas relações com a felicidade.* E prossegue, mostrando que a filosofia não revela nem prescreve nada a não ser a dúvida, tanto no que se refere a princípios e verdades, quanto aos deveres; a Religião é o extremo oposto. Estamos de acordo, mas e a natureza? Esquecestes-vos dela? Não há outra mestra senão a filosofia ou a religião? ambas secundárias e não inerentes à natureza do homem. Ao passo que todos os outros seres vivos que manifestam o mesmo desejo infinito de felicidade têm em si mesmos a mestra, os ensinamentos e os meios. A natureza não ensina nada? não prescreve nada? Aceito vossa definição de felicidade, admito as faculdades humanas que admitis, digo que devem ser concordes entre si e com as leis resultantes de sua natureza, perfeitamente desenvolvidas conforme sua natureza, gozar de seu objeto conforme sua natureza. Os princípios são verdadeiros, a aplicação é falsa. Continuais a ocupar-vos do absoluto, ao invés de passar ao relativo. Isto é, a natureza do homem não é a que dizeis. De resto, sei perfeitamente que a filosofia é ainda mais contrária à natureza que a religião, mas não quer dizer que não haja outros ensinamentos que não sejam os da Religião ou da Filosofia, que não haja outros conhecimentos, outros amores, outras ações, isto é, os que a natureza nos inspirou e impôs; muito menos que estes não sejam análogos às nossas faculdades e às leis de nossa natureza; nem que o homem natural seja infeliz, etc e que as leis de nossa natureza não sejam as de nossa natureza. Convém conhecê-las, diz ele, para poder escolher. E eu digo que o homem as conhece desde seu nascimento e deve necessariamente conhecê-las para não ser um ente contraditório e necessitar, para sua felicidade, de coisas que não possui essencial e primitivamente, ao contrário de todos os outros entes.

(7 de dezembro de 1820)

Em suma, convém que o filósofo tenha em mente que a vida por si só não tem qualquer valor, e sim vivê-la bem e de forma feliz, ou ao menos, antes, sobretudo, não a viver mal e de forma infeliz. Portanto, não deve depositar a utilidade nas coisas que simplesmente sustentam e conservam a vida, etc, considerada como um bem em si mesma, mas nas que a façam um bem, isto é, feliz deveras, e toda felicidade fundada sobre a verdade resulta ser falsíssima, ou melhor, toda felicidade é falsa e vã quando seu objeto se torna conhecido em sua realidade e verdade.

Tal era a idéia que os antigos faziam da felicidade e da infelicidade. Isto é, o homem privado das tais vantagens da vida, conquanto ilusórias, era considerado como realmente infeliz e vice-versa. E jamais se consolavam com o pensamento de que eram ilusões, conhecendo que a vida

consiste em ilusões e considerando-as como tais ou como realidade. E não criam imaginárias e quiméricas a felicidade e a infelicidade, mas sólidas e solidamente opostas entre si.

(18 de novembro de 1820)

A respeito do que disse anteriormente, isto é, que entre os antigos ajuizavam-se a felicidade e a bondade quase sempre ou sempre conjuntas e no caso contrário, a infelicidade e a perversidade, veja-se, entre outros, Xenofonte, no final de *Memorabili* e da *Apologia*, onde prova que Sócrates foi venturoso na morte, demonstrando que provar a própria felicidade, mesmo naqueles tempos, era sinal e forma de apologia e de louvor. Numerosos outros exemplos se vêem entre os antigos, quem os tiver lido e observar bem.

(7 de setembro de 1824)

É digno de ser visto, consultado e também traduzido o belo discurso de Túlio (*Laelius sive de amicitia*, c. 13, *Nam quibusdam*, etc até o final) contra os filósofos gregos, que diziam *caput esse ad beate vivendum, securitatem; qua frui non possit animus, si tamquam parturiat unus pro pluribus*; e assim prescreviam o *curam frugere* e a *honestam rem actionemve*, NE SOLLICITUS SIS *aut non suscipere, aut susceptam deponere*. Tal é aproximadamente a filosofia da inação, do nada, a filosofia perfeitamente racional, a filosofia de nossos dias. E pode-se considerar o discurso de Túlio como um discurso contra o egoísmo, conquanto fosse palavra desconhecida daqueles tempos. *Quae est enin ista securitas*? diz Cícero; e prossegue, mostrando a que caminhos conduz. Mas o principal é que não somente conduz a inúmeráveis absurdos e atrocidades (conforme a natureza, não conforme a razão, mas Cícero chama a natureza *optimam bene vivendi ducem*, c. 5), mas nem mesmo atinge seu propósito, que é a felicidade do indivíduo, alcançada sob qualquer forma. Ao contrário, impede-a, desvirtua-lhe a natureza, é contraditória e incompatível com a felicidade do indivíduo no estado social. Eis-nos todos sequazes da seita ou do princípio impugnado por Cícero. Eis-nos todos filósofos àquela maneira. Eis-nos todos egoístas. E então? somos felizes? O que desfrutamos? Não havendo o belo, o grande, o nobre, a virtude do mundo, que prazer, que vantagem, que vida resta? Não digo em geral e na sociedade, mas em particular e em cada um. Quem é ou foi mais feliz? Os antigos, com seus sacrifícios, cuidados, inquietudes, negócios, atividades, empreendimentos, perigos, ou nós, com nossa segurança, tranqüilidade, menosprezo, ordem, paz, inação, interesse pelo bem próprio e menosprezo pelo do outro ou do público? Os antigos, com seu heroísmo, ou nós, com nosso egoísmo?

(21 de janeiro de 1821)

O propósito dos governos (como também o do homem) é a felicidade dos governados. Porventura, a felicidade e a conservação da vida são a mesma coisa? Têm sempre que dizer das turbulências e perigos dos antigos estados e pretendem que custassem à humanidade muito mais sangue, muitas outras vidas do que os governos ordeiros, regulares, monárquicos, ainda que guerreiros, ainda que tirânicos. Que seja; por ora não desejo contestá-lo. Eia, comparemos as duas facções, assim direi, das vidas. Suponhamos que nos estados atuais, que se chamam ordeiros e quietos, as pessoas vivam setenta anos cada uma; nos antigos, que se chamam desordeiros e turbulentos, vivessem apenas cinqüenta, se distribuída a cada um, igualmente, a soma de todas as vidas. E que esses setenta anos sejam repletos de tédio e miséria, a despeito de qualquer condição individual, como infelizmente ocorre hoje em dia; e os cinqüenta, repletos de atividade e variedade, que constituem o único meio de felicidade para o homem social. Pergunto-me, qual dos dois estados é o melhor? qual dos dois corresponde melhor ao propósito, que é a felicidade pública e particular, em suma, a felicidade possível dos homens como homens? isto é, a felicidade relativa e real, adequada e possível no estado natural tal qual ela é, não assentada em idéias quiméricas e absolutas, de ordem e precisão matemática. Pergunto-me ainda: onde é maior a verdadeira soma da vida? no estado em que os homens vivem cem anos cada um, mas de uma vida monótona e inativa, que seria (como realmente é) existência, mas não vida, ou antes, um sinônimo de morte? ou no estado em que a existência, mais breve, seria, porém, uma vida real? Mesmo considerando, por um lado, cem anos de existência e por outro, não mais que quarenta ou trinta, de vida, a soma da vida não seria maior no último caso? trinta anos de vida não comportam mais vida que cem de uma existência morta? Estes são os verdadeiros cálculos que convêm ao filósofo, que não se deve contentar em avaliar as coisas, mas pesá-las e estimar-lhes o valor. Também não deve agir como o matemático frio, que calcula em medidas universais e abstratas, mas usá-las relativas à sua essência, qualidade, natureza, importância, força específica e real.

Acrescento ainda um dado. Nego que a mortalidade nos estados antigos fosse decerto aparentemente maior. Não digo dos tiranos, dos caprichos, das paixões, do desejo de leis e não me questiono se custem mais sangue à humanidade que as desordens e turbulências de um povo livre. Digo que nos estados antigos a vitalidade era maior que nos atuais, não somente para compensar copiosamente toda origem ou princípio de mortalidade, mas para prevalecer e fazer pender a balança para o lado da vida; digo, em poucas palavras, que a soma da vida nos estados antigos era maior que nos atuais, e isto, não em virtude de causas acidentais ou aleatórias, mas essenciais e inerentes à natureza daqueles es-

tados; de tal forma que eliminados aqueles estados ou os que lhe forem semelhantes, a soma da vida não pode ser senão muito menor; a vitalidade fora daqueles ou de estados similares não pode ser tamanha. Os exercícios e a atividade contínua do corpo, por um lado, além (que não contribuem pouco, mas sumamente ao bem-estar físico e à duração da vida) dos exercícios e atividade da alma, por outro, a variedade, o movimento, a força das ações e ocupações, a rareza do tédio, da inércia, etc, conseqüências necessárias dos estados antigos, eram causas tão grandes e certas de vitalidade, como são grandíssimas e certíssimas de mortalidade (e mortalidade bem mais devastadora, inata e necessária do que a que deriva das turbulências) o inverso do que foi citado, particularmente, a frouxidão, o luxo, os vícios corporais e espirituais, etc, conseqüências necessárias dos estados atuais; em suma, a corrupção física e moral, o tédio contínuo ou o mal-estar do espírito, etc. Nesse sentido, não é verdade que fossem maiores as causas de morte (e também de misérias, desventuras, dores) antigamente, pelo contrário, são maiores hoje em dia. E tomada a existência estrita por vida, chega-se à conclusão de que a soma da vida era maior nos antigos governos, em virtude dos antigos governos, que nos atuais, em virtude dos governos atuais.

(8 de fevereiro de 1821)

Quand on est jeune, on ne songe qu'a vivre dans l'idée d'autrui: il fant étabilir sa réputation, et se donner une place honorable dans l'imagination des autres, et être heureux même dans leur idée: notre banheur n'est point réel; ce n'est pas nous que nous consultons, ce sont les autres. Dans un autre âge, nous revenons à nous; et ce retour a ses douceurs, nous commençons à nous consulter et à nous croire. M^me^ la Marquise de Lambert, *Traité de la Vieillesse*, até o final; em suas *Oeuvres complètes*, Paris, 1808, 1ª ed.. completa, p. 150. *Il vient un temps dans la vie qui est consacré à la vérité, qui est destiné à connoître les choses selon leur juste valeur. La jeunesse et les passions fardent tout. Alors nous revenons aux plaisirs simples; nous commeçons à nous consulter et à nous croire sur notre banheur.* Ib., p. 153. Essas reflexões aplicam-se não somente à velhice, mas às desventuras; toda vez que o homem se encontra sem esperança, ou ao menos descontente com coisas que dependem dos homens, entra a agradar-se de si mesmo, e sua felicidade, satisfação ou somente consolo, passam a depender dele mesmo. O mesmo nos sucede em meio à sociedade e às questões do mundo. Quando o homem se encontra desajustado, entediado ou infeliz, ou, em suma, em um estado que não lhe apraz, recorre a si mesmo e busca o bem e o prazer na própria alma. O homem social, enquanto é possível, busca a felicidade e a deposita nas coisas externas e concernentes à sociedade e, portanto, dependentes dos outros. Isso é inevitável. Somente ou

principalmente o homem desventurado, sobretudo o que o é sem esperança, compraz-se em sua companhia e em depositar sua felicidade nas coisas que lhe são próprias e independentes dos outros homens, em suma, em segregar a própria felicidade da opinião e das vantagens que nos advêm da sociedade e que não se podem alcançar ou esperar. Talvez por isso, ou também por isso, diga-se que o homem que jamais conheceu a desventura nada sabe. A alma, os desejos, os pensamentos, os folguedos do homem feliz são todos externos, e a solidão não lhe é destinada, digo da solidão física, moral ou do pensamento. É válido dizer que se ele mesmo se compraz da solidão, este prazer e os seus pensamentos e folguedos nesse estado relacionam-se todos a coisas exteriores e dependentes dos outros homens, jamais às que se referem unicamente a ele. Não quer dizer que a felicidade ou consolo do homem desventurado ou provecto estejam na verdade ou na sua contemplação e conhecimento. Que prazer, felicidade ou conforto nos podem proporcionar a verdade, isto é, o nada? (excluindo-se somente a Religião) Mas outras ilusões, talvez mais sábias, porque menos dependentes e, portanto, mais duráveis, seguem-se às que são relativas à sociedade. É isso, em suma, que se chama contentar-se de si mesmo e *omnia tua in te posita ducere*, com que Cícero (*Laelius sive de amicitia*, c. 2) define a sabedoria. Um sistema, um complexo, uma ordem, uma vida de ilusões independentes e, portanto, estáveis: nada mais que isso.

(9 de fevereiro de 1821)

A soma da teoria do prazer e, pode-se também dizer, da natureza de nosso espírito e de qualquer ser vivo é esta. O ser vivo ama a si mesmo sem qualquer limitação e jamais cessa de amar-se. Portanto, jamais cessa de desejar para si o bem e de desejá-lo sem limites. Este bem não é outro, em essência, senão o prazer. Qualquer prazer, conquanto grande, conquanto real, possui limites. Portanto, nenhum prazer possível é proporcional ou idêntico ao amor que o ser vivo experimenta por si mesmo. Logo, nenhum prazer pode satisfazer o ser vivo. Se não pode satisfazê-lo, nenhum prazer, conquanto real, abstrata e absolutamente, é real com respeito a quem o experimenta. Porque os seres vivos desejam sempre mais, visto que, em essência, amam a si mesmos e, portanto, sem limites. Se conquistam algo mais, esse algo mais igualmente não lhes basta. Portanto, se no ato do prazer ou com a felicidade, o ser vivo não se satisfaz e não vê satisfeito seu desejo, não pode experimentar um prazer pleno; não constitui, portanto, prazer verdadeiro, porque inferior ao desejo e porque o desejo sobeja. Eis, então, a tendência natural e necessária do animal ao indefinido, a um prazer sem limites. O prazer que deriva do indefinido, prazer prodigioso, não conhece plenitude, porque não se pode possuir o

indefinido, ou antes, não existe. Seria necessário possuí-lo *plenamente* e, ao mesmo tempo, *indefinidamente*, para que o animal se visse satisfeito, isto é, feliz, isto é, que seu amor-próprio, que não conhece limites, fosse *definidamente* satisfeito, coisa contraditória e impossível. Portanto, a felicidade é impossível a quem a deseja, porquanto o desejo, enquanto desejo de felicidade e não de uma determinada felicidade, não pode conhecer limitações, porquanto a felicidade absoluta é indefinida e sem limites. Portanto, esse mesmo desejo ocasiona a si mesmo a impossibilidade de ser satisfeito. Ora, esse desejo é conseqüência necessária, ou antes, poder-se-ia dizer, uma identificação do amor-próprio. E esse amor é conseqüência necessária da vida, de uma ordem de coisas que existe e que concebemos e não podemos conceber diversamente, ainda que possa existir, ainda que existisse realmente. Portanto, todo ser vivo, precisamente porque vive (e, por conseqüência, ama a si mesmo e, por conseqüência, deseja absolutamente a felicidade, isto é, uma felicidade sem limites, que é impossível, e, por conseqüência, seu desejo não pode ser satisfeito), precisamente porque vive, digo, não pode ser feliz no presente. A felicidade e o prazer são sempre futuros, isto é, não existindo, nem podendo existir realmente, existem apenas no desejo do ser humano, na esperança e na expectativa que a acompanha. *Le present n'est jamais notre but; le passé et le présent sont nos moyens; le seul avenir est notre objet: ainsi nous ne vivons pas, mais nous espérons de vivre*, diz Pascal. Segue-se que o mais feliz é o que menos cogita da felicidade absoluta. Tais são os animais. Tal era o homem primitivo. Para quem o desejo da felicidade, transmutado no desejo desta ou daquela felicidade ou intenção e, sobretudo, amortecido e dissipado pela ação contínua, por necessidades cotidianas, etc não tinha, como não tem, força tal que expusesse o ser vivo à infelicidade. Conseqüentemente, a atividade, sobretudo, é o principal meio da felicidade *possível*. Além da atividade, outros meios menos universais, duradouros ou válidos, mas ainda meios, são os que fiz observar na teoria do prazer, como, por exemplo, (e é um dos principais) o estupor: 1 – de caráter e de índole: os homens tais são os mais felizes; os incapazes dessa qualidade, os mais infelizes; sê grande e infeliz, sentença de D'Alembert, *Éloges de l'Académie françoise* (*sic*), diz a natureza aos grandes homens, aos homens sensíveis, apaixonados, etc: a viva sensação do desejo da felicidade os atormenta; é mister senti-lo o menos possível, conquanto inato e necessariamente *contínuo*; 2 – derivado de langor ou torpor forjado, como através de ópio ou proveniente de lassidão, etc; 3 – derivado de impressões extraordinárias, de maravilha de qualquer espécie, de acontecimentos, de coisas vistas, ouvidas, etc, em suma, de sensações extraordinárias de qualquer gênero; 4 – de imaginação, do èxtase motivado pela fantasia, de um sentimento indefinido, da bela natureza, etc; veja-se a teoria do prazer.

Observai que a imaginação, a vivacidade, a sensibilidade, que arruínam a felicidade, por conta do estupor, favorecem-na por conta da atividade. Constituem, portanto, antes uma dádiva da natureza (conquanto não raro dolorosa) que um dano, porque a atividade é efetivamente o meio de distração mais fácil, mais seguro e forte, mais duradouro, mais freqüente, universal e possível da vida.

(12 de fevereiro de 1821)

Para o desenvolvimento e o exercício da imaginação, é necessária a felicidade habitual, presente ou momentânea; do sentimento, a desventura. Faço exemplo de mim mesmo e da passagem que sofri da faculdade imaginativa à sensitiva, quando aquela, em mim, se encontrava quase que extinta.

(28 de fevereiro de 1821)

Quem já perdeu a esperança de ser feliz não pode pensar na felicidade dos outros, porquanto o homem não pode buscá-la senão com respeito à sua própria felicidade. Nem mesmo pode interessar-se pela felicidade alheia.

(30 de agosto de 1821)

O homem seria feliz se suas ilusões juvenis (e pueris) fossem realidade. Estas seriam realidade se todos os homens tivessem-nas e conservassem-nas sempre com eles, de forma que o jovem de imaginação e de sentimento, ao entrar no mundo, não se veria enganado em sua expectativa, nem no conceito que teria formado dos homens, mas os veria e os provaria como os havia imaginado. Todos os homens, uns mais, outros menos (conforme a diferença de caráter), mormente na juventude, experimentam essas ilusões de felicidade; é precisamente a sociedade e a convivência que, civilizando e instruindo o homem e habituando-o a refletir em si mesmo, a comparar, a raciocinar, dissipa irremediavelmente essas ilusões, assim como aos indivíduos, aos povos; assim como aos povos, ao gênero humano reduzido à sua condição social. O homem isolado jamais as teria perdido; elas são próprias do jovem em particular, não tanto pelo ardor imaginativo natural à idade, quanto pela inexperiência e pelo modo de vida isolado dos jovens. Portanto, se o homem tivesse continuado a viver isolado, jamais teria perdido suas ilusões juvenis, e todos os homens as teriam e conservariam por toda a vida. Portanto, seriam realidade. Portanto, o homem seria feliz. Portanto, a causa originária e contínua da infelicidade humana é a sociedade. O homem, de acordo com a natureza, teria vivido isolado e fora da sociedade. Portanto, se o homem vivesse de acordo com a natureza, seria feliz.

(Roma, 1º de abril, terça-feira da Páscoa, 1823)

Nada absoluto. – Nem o homem nem qualquer ser vivo desejam a felicidade absoluta, mas relativa, e apenas se lhe convém à própria natureza e se sua maneira particular de ser, etc a exige, enquanto tal, etc. Não é porque algo constitui felicidade que ele o deseja por esse único motivo e se compraz em desejá-lo, quando não lhe convém à maneira de ser. Entretanto, pode-se dizer, por um lado, que o homem deseja a felicidade absoluta. Ele não deseja tal ou qual felicidade, se não lhe convém, mas se há de desejar uma *tal* felicidade, ele não pode desejar senão a que se lhe ajusta e convém à maneira de ser. Mas se ele considera a felicidade absoluta e indeterminadamente, não pode cobiçá-la, isto é, enquanto simplesmente felicidade.

O prazer é sempre passado ou futuro, jamais presente, da mesma forma que a felicidade é sempre alheia e não pertence a ninguém, ou sempre condicionada e jamais absoluta, de maneira que é impossível que se diga com sinceridade e convicção, *eu experimento um prazer*, posto que mínimo, quando todos dizem *eu o tenho experimentado e hei de experimentar*; como é impossível que se diga de coração *eu sou feliz ou bem-aventurado*, quando todos dizem *bem-aventurado é tal ou qual pessoa* e *eu seria feliz se me encontrasse nessa ou naquela situação* e *bem-aventurado se obtivesse tal ou qual coisa*, e *se fosse isso ou aquilo*. E as razões pelas quais são igualmente impossíveis as duas coisas supracitadas são aproximadamente as mesmas. Assim como o fato de não existir quem possa dizer *sou bem-aventurado* demonstra que todos se enganam, os que dizem *bem-aventurado és tu ou é ele*, e *eu seria bem-aventurado em tal ou qual caso* (e todos os homens falam e hão de falar assim, de coração), o fato de não existir quem possa dizer com sinceridade de alma *eu estou experimentando um prazer* demonstra que ninguém tem experimentado nem há de experimentar qualquer prazer, conquanto todos pensem e muitíssimos afirmem com sinceridade tê-lo experimentado e poder experimentá-lo.

(21 de outubro de 1823)

(A felicidade nada mais é do que a perfeição, o cumprimento e o próprio estado da vida, segundo suas diversas propriedades nas diversas espécies de coisas existentes. Logo, ela é, de certa forma, a própria vida ou existência, assim como a infelicidade é, de certa forma, o mesmo que morte ou não vida, porque vida não relativa ao seu ser, e vida imperfeita, etc. Logo, a natureza, que é vida, é também felicidade.)

Os homens seriam felizes se não tivessem procurado e não procurassem sê-lo. Nesse sentido, muitas nações seriam prósperas e felizes (de felicidade nacional), se o governo, mesmo com intenção soberba e exce-

lente, não procurasse fazê-las tais, utilizando-se, para esse fim, de meios (quaisquer) em situações em que o único meio conveniente é não utilizar nenhum, deixar a natureza agir, como no comércio, por exemplo, que é tanto mais próspero quanto mais livre e menor a interferência do governo. O mesmo diga-se dos filósofos, etc. De resto, a vida humana é como o comércio, tanto mais próspera quanto menos os homens e filósofos interferem, quanto menos perseguem a felicidade e quanto mais deixam a natureza agir.

(7 de março, primeiro domingo da Quaresma, 1824)

O sentimento da nulidade de todas as coisas, a insuficiência de todos os prazeres em preencher-nos o espírito e nossa tendência para um infinito que não compreendemos talvez provenham de uma causa simplicíssima e mais material que espiritual. A alma humana (e assim todos os seres vivos) deseja essencialmente e almeja unicamente (posto que sob inúmeros aspectos) o prazer, ou seja, a felicidade, que, se observarmos bem, identifica-se com o prazer. Esse desejo e essa tendência não têm limites, porque são ingênitos à existência e, portanto, não podem ter como propósito este ou aquele prazer que não seja infinito, mas apenas confinam com a vida. E não têm limites: 1 – de duração; 2 – de extensão. Logo, não pode haver prazer que se iguale: 1 – à sua duração, porque nenhum prazer é eterno; 2 – à sua extensão, porque nenhum prazer é imenso, mas a natureza das coisas estabelece que tudo tenha limites, fronteiras e seja circunscrito. O referido desejo do prazer não tem limites de duração, porque, como disse, confina com a existência, logo, o homem não existiria se não experimentasse esse desejo. Não tem limites de extensão porque é essencial em nós, não como desejo de um ou mais prazeres, mas como desejo *do* prazer. Ora, uma natureza como essa carrega concretamente consigo a infinitude, porque todo prazer é circunscrito, mas não o prazer, cuja extensão é indeterminada, e a alma, ao ansiar essencialmente *pelo* prazer, abraça toda a extensão concebível desse sentimento, sem podê-la nem mesmo imaginar, porque não se pode formar idéia clara de uma coisa que ela deseja ilimitada. Vamos às conseqüências. Se desejas um cavalo, pensas desejá-lo como cavalo e como um prazer *determinado*, mas o fato é que o desejas como prazer abstrato e ilimitado. Quando chegas a possuir o cavalo, experimentas um prazer necessariamente circunscrito e sentes um vazio na alma, porque o desejo que tinhas não foi plenamente satisfeito. Se fosse possível satisfazê-lo por extensão, não o poderia por duração, porque a natureza das coisas estabelece que nada seja eterno. Posto que a razão concreta que te concedera certa vez um *determinado* prazer se conserve sempre em ti (se, por exemplo, desejaste a riqueza e a obtiveste, para sempre), conservar-se-ia con-

cretamente, mas não mais como causa de um determinado prazer, porque essa é uma outra propriedade das coisas, que tudo se arruíne e todas as impressões se desvaneçam pouco a pouco e que o costume, assim como remove a dor, dissipe o prazer. Acrescentai que, mesmo quando um prazer experimentado certa vez durasse por toda a vida, não se satisfaria a alma, cujo desejo é igualmente infinito por extensão, de maneira que quando esse determinado prazer se igualasse ao desejo na duração, mas não podendo igualar-lhe a extensão, o desejo conservar-se-ia sempre como desejo de prazeres sempre novos, como efetivamente ocorre, ou de um prazer que preenchesse plenamente a alma. Nesse sentido, podeis facilmente reconhecer quão fátuo seja o prazer, do que nos admiramos grandemente, como se proviesse de uma propriedade particular sua, quando o tédio e a dor, etc não possuem essa qualidade. O fato é que quando a alma deseja alguma coisa aprazível deseja a satisfação de um desejo infinito, deseja realmente *o* prazer, e não um determinado prazer; ora, encontrando de fato um prazer particular, e não abstrato, e que compreenda toda a extensão do prazer, segue-se que, não sendo esse desejo grandemente satisfeito, o prazer dificilmente se conhece por prazer, porque não se trata de uma insignificante, mas de uma imensa inferioridade em relação ao desejo e também à esperança. Portanto, todo prazer deve ser mesclado de desprazer, como experimentamos, porque a alma, ao obtê-lo, busca avidamente o que não pode encontrar, isto é, um prazer infinito, ou seja, a satisfação de um desejo ilimitado.

Vamos à vocação do homem para o infinito. Independentemente do desejo do prazer, existe no homem uma faculdade imaginativa, que pode conceber coisas que não existem e de uma forma que as coisas reais não existam. Considerando a tendência inata do homem para o prazer, é natural que a faculdade imaginativa faça da imaginação do prazer uma de suas principais ocupações. E em vista da referida propriedade dessa força imaginativa, ela pode conceber prazeres que não existem e concebê-los infinitos: 1 – em número, 2 – em duração, 3 – em extensão. O prazer infinito, que não se pode encontrar na realidade, encontra-se, dessa forma, na imaginação, de que derivam a esperança, as ilusões, etc. Portanto, não se admira: 1 – que a esperança seja sempre maior que o bem; 2 – que a felicidade humana não possa consistir senão na imaginação e nas ilusões. É mister considerar a grande misericórdia e a grande mestria da natureza que, não querendo, por um lado, despir o homem e qualquer ser vivo do amor pelo prazer, que é uma conseqüência imediata e quase que uma identificação do amor-próprio e da própria conservação, indispensável à subsistência das coisas e, por outro lado, não querendo carregá-lo de prazeres reais infinitos, determinou suprir: 1 – de ilusões, e nesse sentido lhes foi pródiga e é mister considerá-las como coisas arbitrárias no

estado natural, que poderia perfeitamente dispor delas; 2 – de uma variedade imensa, de forma que o homem agastado ou desenganado com certo prazer pudesse recorrer a outro, ou que estivesse desenganado com todos os prazeres, pudesse entreter-se e confundir-se com a grande variedade de coisas e, com isso, não se agastasse facilmente, não tivesse tempo suficiente para ocupar-se dele e para deixá-lo arruinar-se e não tivesse, por outro lado, oportunidade de refletir na incapacidade de todos os prazeres em satisfazê-lo. Deduzi então as conseqüências usuais da superioridade dos antigos sobre os modernos, no que se refere à felicidade. 1 – Conforme afirmei, a imaginação é a fonte primeira da felicidade humana. Quanto mais reinar no homem, mais feliz ele será. Observamo-lo nas crianças. Mas ela não pode reinar se não existe a ignorância, uma certa ignorância, ao menos, como a dos antigos. O conhecimento da verdade, isto é, dos limites e definições das coisas, limita a imaginação. Observai que a faculdade imaginativa, sendo com freqüência maior nos instruídos que nos ignorantes, não o é de fato, como potencialmente e, portanto, agindo mais largamente nos ignorantes, os faz mais felizes do que aqueles que tivessem sido contemplados pela natureza com uma fonte mais copiosa de prazeres. Notai, em seguida, que a natureza quis que a imaginação não fosse considerada pelo homem como tal, isto é, não quis que o homem a considerasse como faculdade falaciosa, mas a confundisse com a faculdade cognoscitiva e portanto, tivesse por reais os sonhos da imaginação e fosse então movido pela imaginação tal como pela verdade (antes, ainda mais, pois que a imaginação conta com forças mais naturais, e a natureza é sempre superior à razão). Mas agora, as pessoas instruídas, mesmo quando riquíssimas de ilusões, têm-nas por tais e seguem-nas mais por vontade que por convicção, ao contrário dos antigos, dos ignorantes, das crianças e da ordem da natureza. 2 – Se todos os prazeres e todas as dores são tão grandes quanto se reputam, decorre que a grandeza e a abundância das ilusões governa a grandeza e a abundância dos prazeres, que embora nem mesmo os antigos considerassem infinitos, criam-nos grandíssimos e capazes, se não de satisfazê-los, ao menos de entretê-los. A natureza não queria que soubéssemos, e o homem primitivo não soube que nenhum prazer pode satisfazê-lo. Logo, descobrindo serem todos os prazeres superiores ao que supomos e dando-lhes, por meio da imaginação, extensão quase ilimitada e passando de desejo em desejo, com a esperança de prazeres maiores e de uma inteira satisfação, atingiam o propósito pretendido pela natureza, que é de viver, se não plenamente satisfeito daquela vida, ao menos contente com a vida em geral. Sem esquecer a dita variedade, que os entretinha infinitamente e os fazia passar rapidamente de uma coisa a outra, sem ter tempo de conhecê-la a fundo, ou de arruinar o prazer mediante o hábito. 3 – A esperança

é infinita como o desejo do prazer, além de ter a capacidade, se não de satisfazer o homem, ao menos de confortá-lo e mantê-lo em plena vida. A esperança característica do homem, dos antigos, das crianças e dos ignorantes é quase que nula para o sábio moderno.

De resto, sendo o desejo do prazer materialmente infinito em extensão (não apenas no homem, mas em todo ser vivo), o sofrimento do homem, ao experimentar um prazer, é ver rapidamente os limites de sua extensão, que o homem não muito arguto pode reconhecer apenas de perto. Logo, é manifesto: 1 – para que todos os bens pareçam belíssimos e magníficos de longe, e o desconhecido pareça mais belo que o conhecido; efeito da imaginação, determinado pela vocação do homem para o prazer, efeito das ilusões, pretendido pela natureza. 2 – para que a alma prefira, em poesia e por toda parte, a beleza etérea, as idéias infinitas. Em vista da consideração supracitada, a alma deve naturalmente preferir aos outros o prazer que ela não pode abraçar. Essa beleza etérea e essa idéias abundavam entre os antigos, entre seus poetas, mormente o mais antigo, isto é, Homero, abundam entre as crianças, e nisso são outros Homeros, os ignorantes, etc, em suma, a natureza. O conhecimento e o saber as devastam e parece-nos dificílimo experimentá-las. A melancolia, o sentimento moderno, etc são, portanto, coisas doces, porque fazem imergir a alma em um abismo de pensamentos indeterminados, cujo fundo e cujos contornos não conhece. Porque durante aquele tempo a alma vagueia pelo vago e pelo indefinido. Esse gênero de beleza e de idéias não existe na realidade, somente na imaginação, e apenas as ilusões podem representá-los, nem a razão tem poder para fazê-lo. Mas nossa natureza as possuía em profusão e desejava que compusessem nossa vida. 3 – para que nossa alma despreze tudo o que limita suas sensações. A alma, buscando prazer em tudo, onde não o encontra não pode satisfazer-se, onde o encontra repudia os limites, pelas razões supracitadas. Portanto, contemplando a bela natureza, aprecia que os olhos vagueiem quanto for possível. Coisa que Montesquieu (*Essai sur le Goût, De la curiosité*, p. 374 e 375) atribui à curiosidade. Mal. A curiosidade não é senão um propósito da alma em desejar aquele prazer particular, conforme o que direi posteriormente. Ela poderá ser, portanto, a motivação imediata desse efeito (é válido dizer que se a alma não experimentasse prazer na contemplação dos campos, etc, não haveria de desejar o prolongamento daquela visão), mas não a primária, nem esse efeito é especial e próprio das coisas concernentes apenas à curiosidade, mas de todas as coisas aprazíveis e, portanto, pode-se perfeitamente dizer que a curiosidade é motivação imediata para o prazer que se experimenta na contemplação dos campos, mas não para o desejo de que esse prazer seja ilimitado. Salvo quando cada desejo de cada prazer possa ser ilimitado e perpétuo na alma, como o desejo geral do prazer. De resto, a alma

poderá acaso desejar, como efetivamente deseja, uma visão restrita e limitada sob certos aspectos, co-mo nas situações românticas. A motivação é a mesma, isto é, o desejo do infinito, porque nesse caso, ao invés da visão, trabalha a imaginação, e o fantástico sucede ao real. A alma imagina o que não vê, que aquela árvore, aquela sebe, aquela torre as esconde e prossegue errando em um espaço imaginário e imagina coisas que não poderia, se a sua visão se estendesse por toda a parte, porque o real excluiria o imaginário. Donde, o prazer que eu experimentava sempre em criança e que experimento agora, ao contemplar o céu, etc através de uma janela, uma porta, uma casa que dá para o exterior. Ao contrário, a vastidão e a multiplicidade das sensações aprazem sobremodo à alma. Do que se deduz que esta é destinada à grandeza. Não é esta a razão. Mas provém disto, isto é, a multiplicidade das sensações confunde a alma, impede-a de ver-lhes os contornos, remove o esgotamento imediato do prazer e a faz errar de um prazer a outro, sem poder aprofundar-se em nenhum e, portanto, assemelha-se, de certa forma, a um prazer infinito. Da mesma maneira, a vastidão, mesmo quando não comporta a multiplicidade, ocupa na alma um espaço maior e mais dificilmente se pode esgotar. Semelhantemente, a maravilha torna aturdida a alma, ocupa-a inteira e a torna incapaz do desejo, naquele momento. Além do que a novidade (inerente à maravilha) é sempre grata ao espírito, cuja pena maior é agastarem-se os prazeres particulares.

Qualquer coisa que nos sugira a idéia do infinito é aprazível por esse motivo, mesmo quando não o seja por outro. Como uma fileira ou uma alameda de árvores, cujo fim não chegamos a vislumbrar. Esse efeito compara-se ao da grandeza, mas é tanto maior por ser esta determinada e por poder-se considerar aquela como uma grandeza ilimitada. Agradar-nos-á ainda mais tal alameda quando mais espaçosa, mais aberta, arejada e iluminada do que se for fechada, pouco arejada e obscura, ao menos quando a idéia de uma grandeza infinita que há de ocorrer-nos deriva da grandeza que está à mercê dos sentidos e não é totalmente produto da imaginação que, como disse, se compraz algumas vezes do que é limitado e de não ver profundamente para poder imaginar, etc.

(25 de julho de 1820)

A infinitude da vocação humana para o prazer é uma infinitude material e não se pode depreender nada de grande ou de infinito a favor da alma humana, mais do que em favor dos seres brutos, em que é natural a existência do mesmo apreço, no mesmo grau, sendo conseqüência imediata e necessária do amor-próprio, como explicarei mais abaixo. Logo, nada se pode depreender, nesse particular, da vocação do homem para o infinito e

do sentimento de nulidade das coisas (sentimento que não é natural no homem e que, portanto, não se encontra nos animais, nem no homem primitivo e deriva de circunstâncias acidentais não desejadas pela natureza). Dado que o desejo do prazer constitui uma conseqüência de nossa própria existência por si só, pode servir tanto à demonstração da espiritualidade da alma humana quanto da faculdade de pensar. É, aliás, notável como esse sentimento que a princípio parece o que existe de mais espiritual em nossa alma seja uma conseqüência imediata e necessária (em nossa condição presente) do que existe de mais material nos seres vivos, isto é, do amor-próprio e do sentimento de conservação, daquilo que temos em comum com os seres brutos e, pelo que podemos compreender, pode parecer próprio de todas as coisas existentes, de um certo modo. Certamente não há vida sem amor-próprio e amor pela vida. Quanto à faculdade de nossa imaginação de conceber um certo infinito, um prazer que a alma não pode abraçar, verdadeira razão por que o infinito lhe apraz, o que digo acerca dessa faculdade, que é independente da vocação para o prazer e que cabe à natureza conceder-nos ou não, julgue cada um quanto possa experimentar em favor de nossa grandeza. Pela minha parte, creio: que a natureza no-la tenha concedido apenas para nossa felicidade temporal, que não poderia existir sem essas ilusões; 2 – observo que essa faculdade é imensa nas crianças, nos primitivos, nos ignorantes, nos bárbaros, etc, logo, suponho e parece-me bastante verossímil que exista também nos animais, em um certo grau, e relativamente a certas idéias, como são as das crianças, etc; 3 – considero que a razão, que se pretende fonte da nossa grandeza e testemunho de nossa superioridade sobre os animais, não tem aqui qualquer função, a não ser destruir; destruir o que há de mais espiritual no homem, porque nada há mais espiritual que o sentimento e nada mais material que a razão, pois que o raciocínio é uma operação matemática do intelecto e materializa, geometriza até as noções mais abstratas; 4 – que as ilusões são absolutamente naturais, espirituais, atos do homem, e não humanos conforme a linguagem escolástica, e concernentes ao instinto, que temos em comum com os outros animais, se não fosse sufocado pela razão. Aplicai essas considerações ao que soem dizer os escritores religiosos, a saber, que a impossibilidade de nos satisfazermos neste mundo, nossas investidas em um infinito que não compreendemos, os sentimentos de nosso coração e coisas tais que se relacionam verdadeiramente às ilusões constituem uma das principais provas de uma vida futura.

Não só a faculdade cognoscitiva ou a de amar, mas nem mesmo a imaginativa revela-se capaz do infinito ou de conceber infinitamente, mas unicamente do indefinido e de conceber indefinidamente. Coisa que nos deleita, porque a alma, não distinguindo limites, vive a impressão de uma

espécie de infinitude e confunde o indefinido com o infinito, mas não compreende nem concebe efetivamente qualquer demonstração de infinitude. É, aliás, nos devaneios os mais vagos e indefinidos e, logo, mais sublimes e aprazíveis que a alma sente expressamente uma certa angústia, uma certa dificuldade, um certo desejo inepto, uma incapacidade resoluta de abraçar toda a amplitude de sua imaginação, concepção ou idéia, que, conquanto preencha, deleite e satisfaça mais que qualquer outra coisa na Terra, não a preenche efetivamente, não a satisfaz e jamais a deixa recompensada ao partir, porque a alma sente e conhece, ou lhe parece ao menos, que não a concebeu e não a vislumbrou inteiramente, ou ainda, crê não ter podido ou não ter sabido fazê-lo e se convence de que a possibilidade de fazê-lo estava em suas mãos, pelo que experimenta um certo arrependimento por um erro que não cometeu realmente.

(4 de janeiro de 1821)

Não se pode exprimir o infinito senão quando não é sentido; porém, será sentido mais tarde: quando os poetas mais notáveis escreviam as coisas que nos acendem sensações admiráveis de infinito, seu espírito não estava tomado por qualquer sensação infinita; representando o infinito, não o sentiam.

A velocidade dos cavalos, por exemplo, que se vê ou que se experimenta, ou seja, quando nos transportam (ver, a propósito, Alfieri, *Vita*, no princípio), é agradabilíssima por si só, isto é, pela vivacidade, energia, força, vida que essa sensação comunica. Ela inspira efetivamente quase que uma idéia de infinito, enleva a alma, revigora-a, impulsiona-a a uma ação indeterminada ou estado de atividade mais ou menos passageiro. E isto, tanto mais quanto maior for a velocidade. Sobre esses efeitos, o extraordinário há também de tomar parte.

(27 de outubro de 1821)

Assim como, no que se refere à esperança ou a qualquer disposição de nosso espírito, o bem distante é sempre maior que o presente, no que se refere ao temor, o mal é ordinariamente mais terrível.

Nesse sentido, tanto o bem como o mal esperados são ordinariamente maiores que o bem e o mal presentes. A causa de ambos é a mesma, isto é, a imaginação determinada pelo amor-próprio, tomado de esperança, no primeiro caso e de temor, no segundo.

Com bastante freqüência vêem-se os encarcerados engordarem e prosperarem, mostrando-se demasiado alegres, quando da espera de

uma sentença que lhes decida a própria sorte. Pelo que a iminência do mal açula o prazer do presente, já o haviam observado os antigos (como Horácio), coisa que, aliás, era famosa entre eles e que eu experimentara, eu, que jamais provara tal prazer e tais furores de alegria frenética mas naturalíssima, como em certas épocas, em que eu esperava por um mal iminente e dizia a mim mesmo: *Dedica-te ao gozo e nada mais* e recolhia-me em mim mesmo, repelindo todos os outros pensamentos, o do mal, sobretudo, para pensar somente no gozo, não obstante minha própria índole melancólica em todas as outras épocas e profundamente reflexiva. Talvez ela própria açulasse então a intensidade do gozo ou da resolução de entregar-se a ele.

(23 de outubro de 1820)

Se um mal menor sobrevém a um maior, ou vice-versa, costumamos dizer: Se pudesse libertar-me, ou Se esse mal tão tremendo não me afligisse, creria ínfimo esse outro tão leve. Mas na verdade ocorreria o oposto, pois que parecer-nos-ia maior do que então nos parece.

(21 de julho de 1821)

No atual estado de coisas, não há grandes males, é verdade; não há, no entanto, nenhum bem; e essa carência é um mal imenso, contínuo, intolerável, que torna a vida absolutamente penosa, enquanto os males parciais a afligem apenas em parte. O amor-próprio e, em conseqüência, o desejo ardentíssimo da felicidade, companheiro perpétuo e essencial da vida humana, se não for aplacado por algum prazer vivo, aflige-nos ferozmente a existência, mesmo quando não haja outros males. Os males são menos daninhos à felicidade que o tédio, etc; são, antes, acaso úteis à própria felicidade. A indiferença não é a condição do homem; é expressamente contrária à sua natureza e, portanto, à sua felicidade. Veja-se a minha teoria do prazer, aplicando-a a essas observações, que demonstram a superioridade do mundo antigo sobre o moderno, relativamente à felicidade, como também da idade pueril ou juvenil sobre a madura.

(24 de agosto de 1821)

Ao que disse anteriormente acerca da maneira de proceder quanto a consolar-se, acrescentai que o único consolo dos males, mormente se grandes, é, em última análise, convencer-se, ou ao menos, crer confusamente que ou não sejam reais, ou sejam menos graves do que pareciam, ou que tenham remédio ou conforto, etc. Por fim, as aflições agudas não se consolam de outra maneira, e o próprio tempo, consolador, utiliza-se grandemente desse método.

(23 de novembro de 1821)

Dido:

Moriemur inultae,
Sed moriamur, ait. Sic, sic iuvat ire sub umbras.
(Aen., IV, 659 seg.)

Virgílio quis aqui expressar (sentimento agudo e profundo, digno de um homem conhecedor de corações e versado em paixões e desventuras, como ele) o prazer que a alma experimenta em considerar e imaginar não apenas vivamente, mas minuciosa, profunda e plenamente sua desdita, seus males; em exagerá-los e, se possível (que, se possível, o fará certamente), em reconhecer, ou imaginar, mas certamente convencer-se e procurar, por todos os meios, convencer-se firmemente de que são excessivos, sem limites, sem fronteiras, sem remédio, nem impedimento, nem conforto, nem consolo algum, sem qualquer situação que possa abrandá-los; em ver e sentir nitidamente, em suma, que a própria desventura é realmente imensa e perfeita, tanto quanto poderia sê-lo, e tolhida, vedada toda possibilidade de esperança e consolo, resta ao homem encontrar-se completamente só com sua desventura. Experimentam-se esses sentimentos nos momentos de desespero, no conforto passageiro proporcionado pelo pranto (quando o homem se compraz em imaginar-se o mais infeliz possível) e acaso no primeiro instante, percepção ou notícia, etc de seu mal, etc.

O homem com tais pensamentos admira-se, antes, surpreende-se consigo mesmo, julgando-se (ou procurando julgar-se, submetendo a razão e impondo-lhe forçosamente o silêncio por meio de sua própria imaginação) como absolutamente extraordinário, extraordinário ou como contumaz em tão grande calamidade ou simplesmente como capaz de tamanha desventura, tamanha dor e tão extraordinária opressão do destino ou como suficientemente forte para poder contudo ver clara, plena, vivamente e sentir profundamente a própria desdita na sua totalidade.

É isso que o referido prazer, que não é, em suma, senão uma simples satisfação do amor-próprio, nos proporciona? E onde o amor-próprio experimenta essa satisfação? no extremo e profundo desespero. E de onde lhe vem, em que se fundamenta, qual é seu objeto? o excesso, a irremediabilidade do próprio mal.

O desespero é muito, mas muito mais agradável que o tédio. A natureza remediou e suavizou todos os nossos males possíveis, mesmo os mais cruéis e extremos, mesmo a morte (sobre a qual vejam-se os meus pensamentos alusivos), mesclou-os todos com o bem; antes, fê-lo derivar, agregou-o à sua essência; a todos os males, digo, salvo o tédio. Porque esta é a paixão a mais adversa e distante da natureza, aquela a que não só não destinara o homem, nem mesmo supusera ou previra que lhe

pudesse sobrevir, mas destinara-o e encaminhara-o a coisas outras que não essa. Todos os nossos males podem, com efeito, encontrar, talvez, análogos entre os animais, salvo o tédio; De forma que foi proscrito pela natureza e lhe é ignoto. Mas de fato? a morte na vida? a morte sensível, o nada na existência? e o sentimento do nada e da *nulidade* do que *existe* e do que a concebe e sente e em que *subsiste*? morte e nada verdadeiro, porquanto a morte e a destruição corporal não são nada mais do que transformações de essência e de qualidade, e seu propósito não é a morte, mas a vida perpétua da grande máquina natural, tendo sido, portanto, determinadas e dispostas pela natureza.

Observemos os animais. Com bastante freqüência produzem pouquíssimo e permanecem em suas tocas, etc, sem nada produzirem. A atividade do homem mais inerte supera a do animal mais ativo (tanto atividade interna como externa). Entretanto, os animais não conhecem o tédio, nem desejam maior atividade, etc. O homem entedia-se, e a todo momento punge-lhe o nada. Mas este pensa e realiza coisas não determinadas pela natureza. Aqueles, o contrário.

(3 de dezembro de 1821)

Não existe, nem pode existir bem supremo ou mal supremo; tanto na condição de supremo, quanto na de bem ou mal, nada pode ser bom ou mau. Contudo, o bem supremo ou o mal supremo podem existir dentro dos limites de uma mesma natureza, pertinente e conseqüente à sua ordem e essência, relativamente a ela, aos seres que ela abriga, às qualidades que dentro do seu sistema, conseqüente ao seu sistema, em razão e em virtude de seu sistema são boas ou más, melhores ou piores.

(7 de dezembro de 1821)

A propósito do que disse nesses pensamentos, pode-se observar que quando nós, por qualquer circunstância, nos encontramos em estado de extraordinário, mas passageiro vigor, como tendo feito uso de licores que exaltem as forças do corpo sem, contudo, turvarem a razão, sentimo-nos inclinadíssimos ao entusiasmo, sem que esse entusiasmo tenha algo de melancólico, ao contrário, é todo sublime na alegria; antes, as idéias dolorosas, uma suave tristeza e a piedade não têm lugar em nosso coração, ou ao menos não são estes os sentimentos que ele prefere, mas o vigor que experimentamos dá às nossas idéias um relevo extraordinário, embeleza e sublima todo objeto a nossos olhos, e esse é o momento de conhecer os estímulos da glória, do amor pátrio, dos sacrifícios generosos (considerados como bem, não como desventura) e das outras paixões antigas. Logo, podemos conjecturar como devia ordinariamente ser o entusiasmo dos antigos, que incontrastavelmente se encontravam em um estado

de vigor físico habitual, superior ao nosso ordinário; que quanto mais desconcerta a razão, mais favorece a imaginação e os sentimentos veementes, galhardos e elevados. Com a diferença que nós, afeitos no curso da vida a regozijarmo-nos, ao contrário dos antigos, com as idéias dolorosas, com tal vigor, conhecendo estímulos ao sentimento, poderíamos regozijar-nos, muito mais facilmente que os antigos, com alguma de tais idéias, conquanto não fosse perseguida em ordem de preferência. Observo entretanto que nesses momentos até mesmo as idéias melancólicas se nos apresentam com ar de festa, que a felicidade não nos parece ilusão, antes, que as referidas idéias se nos oferecem como incentivos à felicidade, e a desventura, como um bem sublime que nos faz palpitar de entusiasmo e de esperança; sentimos, então, uma profunda confiança em nós mesmos, na sorte e na natureza, ainda que ela não exista em nosso caráter ou nos hábitos contraídos com a experiência da vida.

A melancolia, por exemplo, faz com que se vejam coisas e as verdades (assim ditas) de um ponto de vista inteiramente estranho e contrário ao que a alegria inspira. Há também um estado intermediário que as faz ver à sua maneira, isto é, o tédio. O alegre e o melancólico, etc (que sejam dois pensadores e filósofos, ou um mesmo filósofo em duas épocas e dois estados distintos) estão convencidíssimos de conhecer a verdade e têm razões convincentes para isso. Verdade é que, falando de forma abstrata, a amiga da verdade, a luz para descobri-la, a menos sujeita a errar é infelizmente a melancolia e, sobretudo, o tédio; o verdadeiro filósofo em estado de alegria nada pode fazer senão convencer-se, não de que a verdade seja bela ou boa, mas de que o mal, isto é, a verdade, deva ser esquecido e consolar-se, ou de que seja conveniente dar algum fundamento às coisas, que realmente não têm.

(13 de setembro de 1821)

Os pouquíssimos poetas italianos, que neste ou no século passado conheceram algum vislumbre de gênio e de natureza poética, alguma força do espírito e do sentimento, alguma paixão, foram todos melancólicos em suas poesias (Alfieri, Foscolo,etc.). O próprio Parini tende igualmente à melancolia, sobretudo nas odes, mas também em *Giorno*, por mais espirituoso que pareça. Parini, entretanto, não tinha em si mesmo suficiente força de paixão e sentimento para ser verdadeiro poeta. Geralmente a própria frouxidão do sentimento, a escassez da força poética do espírito é que permitem aos poetas italianos de hoje (e também de outros séculos e de outras nações), aos mesmos que mais se distinguem e que por certos méritos do estilo ou de imaginação artificiosa são considerados poetas, serem alegres em poesia e inclinarem-se e es-

forçarem-se por preferir o alegre ao melancólico. O que digo da poesia, digo também, guardadas as proporções, de outros segmentos da bela literatura. Onde quer que não reine o melancólico na literatura moderna, a frouxidão é a sua única causa.

(27 de janeiro de 1822)

Nenhuma poesia se ajusta melhor aos nossos tempos que a melancólica, nem outro tom de poesia melhor que este, qualquer que seja o tema a que se dedique. Se há hoje verdadeiro poeta e se sente verdadeiramente o borbulhar da inspiração e segue poetando consigo mesmo ou entra a escrever sobre qualquer tema, de onde quer que lhe venha a referida inspiração, ela é certamente melancólica, e o tom que o poeta naturalmente toma consigo mesmo ou com outros, ao seguir essa inspiração (e sem inspiração não há poesia digna desse nome) é o melancólico. Qualquer que seja o estilo, a natureza, a situação, etc do poeta, não obstante pertença a uma nação civilizada, isto lhe sucede, como também a um outro que não tenha em comum com ele senão essa única contingência. Entre os antigos ocorria o inverso. O tom natural que lhes devolvia a lira era o da alegria, da força, da solenidade, etc. Sua poesia vestia-se de festa, mesmo, de certa forma, quando o tema a obrigava a ser triste. O que isto quer dizer? Ou que os antigos padeciam menos desventuras reais que nós (que provalvelmente não seja verdade), ou que as sentiam menos e as conheciam menos, o que vem a ser a mesma coisa e que produz o mesmo resultado, a saber, que os antigos eram, portanto, menos infelizes que os modernos. Entre os antigos, situo também, guardadas as proporções, Ariosto, etc.

(12 de dezembro de 1823)

O espaço que o temor ocupa no homem, superando a esperança, pode ser também deduzido pelo fato de a esperança ser mãe do temor, tanto que os espíritos menos inclinados ao temor e mais fortes tornam-se tímidos diante da esperança, mormente se ela é relevante. O homem praticamente não pode esperar sem temer, tanto mais quanto maior for a esperança. Quem espera, teme, mas o aflito nada teme. Mas, no sentido contrário, a esperança não deriva do temor, conquanto quem tema espere sempre que o motivo de seu temor não se concretize (26 de dezembro de 1820). Observai que a paixão diretamente oposta ao temor é a esperança. Contudo, ela não pode subsistir sem produzir seu inverso.

Se tens um inimigo mortal em certa cidade e conheces que sobre ela se abate um temporal, te passa pela mente a esperança de que ele possa vir a morrer? Ora, como então te apavoras se aquele temporal se abate

sobre ti, quando a possibilidade de que ele seja funesto é tão pequena que nem ao menos sabes dar fundamento àquilo que necessita porém de tão pouco fundamento para estabelecer-se em nós, digo, a esperança? Digo o mesmo de numerosos outros perigos, que se fossem, contrariamente, possibilidades de bem, parecer-nos-ia ridículo comportarmo-nos sem esperança em relação a elas; entretanto comportamo-nos com temor em relação a tais perigos. Por conseguinte, torna-se imperioso que, por mais que a esperança seja de fácil gênese e sem fundamento, o temor o seja superiormente. Mas essa reflexão parece-me bastante apta para temperá-lo. O temor é, portanto, mais fecundo em ilusões que a esperança.

Não digo do temor e do pavor próprios daquela idade (em virtude de experiência e saber imaturos e da imaginação ainda virgem e fresca): temor de perigos de toda sorte, temor de visões e quimeras próprias daquela idade e de nenhuma outra; temor de espectros, sonhos, cadáveres, rumores noturnos, imagens reais, pavorosas naquela idade e mais tarde indiferentes, como máscaras, etc (ver o *Saggio sugli Errori popolari degli antichi*). Esse último gênero de temor era de tal forma terrível naquela idade que nenhuma desventura, nenhum temor, nenhum perigo, por mais formidável que seja, consegue, em outra idade, produzir angústias, inquietações, horrores, espasmos, padecimento, em suma, comparável ao que se relaciona aos temores da infância. A idéia dos espectros, o temor espiritual, sobrenatural, sacro, de outro mundo, que nos agitava com freqüência, naquela idade, tinha um não-sei-quê de formidável e inquieto que não pode ser comparado a nenhum outro sentimento desagradável do homem. Creio que nem mesmo o temor de um moribundo ao inferno possa ser tão profundamente terrível. Pois que a razão e a experiência tornam inacessíveis a qualquer espécie de sentimento aquela parte mais profunda de nosso espírito e coração, em que penetram e se estabelecem ruidosamente as sensações pueris e primitivas, mormente o referido temor.

(20 de janeiro de 1821)

O temor, paixão que é filha imediata do amor-próprio e da própria conservação e, conseqüentemente, inseparável do homem, mas que se manifesta particularmente no homem primitivo, na criança, nos que mais conservam do estado natural, paixão estritamente comum ao homem e a todas as espécies animais e caráter geral dos seres vivos; uma paixão como essa é a mais egoística do mundo. O homem, em relação ao temor, isola-se perfeitamente, destaca-se de seus entes mais caros e padece pouquíssimo (antes, como se uma necessidade natural o conduzisse), ao sacrificá-los para salvar-se. O homem, quando teme, não se desta-

ca unicamente das pessoas ou de tudo que, de certa forma, pertence a outrem, mas das coisas que lhe são mais íntimas, mais preciosas, mais necessárias, como o navegante que lança ao mar o fruto de seus mais longos padecimentos e de toda a sua vida, seus meios de subsistência. Com que se pode dizer que o temor significa a perfeição, a legítima quintessência do egoísmo, porque limita o homem a não só ocupar-se unicamente de suas próprias coisas, como mesmo a destacar-se delas para não se ocupar senão de seu mais puro e desnudo eu, ou seja, a mais desnuda existência de seu próprio ser, isolada de qualquer existência possível. O homem sacrifica até mesmo zonas de seu próprio ser, quando movido pelo temor para salvar a própria vida, a que se limitam e em que se depositam o cuidado e a paixão do homem ao temer. Pode-se dizer que seu próprio eu torna-se então o mais exíguo e estreito possível, a fim de conservar-se, e consente em lançar fora todas as zonas não necessárias, no intuito de salvar aquela porção inseparável do ser, que o forma e em que ele necessariamente consiste.

O egoísmo do temor impelia os americanos (como também outros povos antigos, mormente nas grandes catástrofes, etc ou outros povos bárbaros) a imolarem vítimas humanas a seus Deuses, criados verdadeiramente pelo temor (*primus in orbe deos fecit temor*), e não por outro motivo, representados e adorados por eles sob as formas mais horrendas e pavorosas. Ao passo que, por ser-lhes habitual o temor, o referido efeito do extremo egoísmo dessa paixão devia ser um costume entre eles ou entre os que se encontrassem em circunstâncias semelhantes.

(1º de dezembro de 1821)

Uma outra prova de que somos mais propensos ao temor que à esperança é o fato de crermos facilmente no que tememos, mas dificilmente no que desejamos, ainda muito mais verossímil. Supostas duas pessoas, dentre as quais uma tema, e a outra deseje uma mesma coisa, aquela crê na coisa, esta não. Se passamos do temor ao desejo de uma mesma coisa, não sabemos mais crer no que anteriormente não sabíamos não crer, como tem, com freqüência, sucedido a mim. Supostas duas coisas, contrárias ou distintas, uma desejada, a outra temida, mas que manifestem a mesma possibilidade de crença, nossa crença determina-se por esta e repudia aquela. Ao examinar os fundamentos de certas proposições que eu, a princípio, temia fossem verdadeiras e posteriormente o desejava, julgava-os, a princípio, fortíssimos e portanto, imperfeitíssimos.

(10 de julho de 1821)

Conquanto o pavor e o terror ocupem um posto mais alto que o temor, são, com bastante freqüência, muito menos vis, ou antes, não mani-

festam, por vezes, qualquer vilania: podem também abater-se sobre homens perfeitamente corajosos, ao contrário do temor. Como por exemplo, o temor que ocasiona a visão de uma vida infelicíssima, aborrecidíssima e longa que nos está à espera. O pavor dos espíritos, igualmente pueril e fundamentado em crença igualmente pueril, foi (e ainda é) comum a homens extremamente corajosos.

Uma coisa é o temor, outra, o terror. Esta é paixão muito mais forte e viva que aquela e capaz de aviltar o espírito e interromper o uso da razão, antes de quase todas as faculdades do espírito e dos sentidos do corpo com maior intensidade. Não obstante, a primeira dessas paixões não se abate sobre o homem perfeitamente corajoso ou sábio, a segunda, sim. Ele jamais teme, mas pode certamente aterrorizar-se. Ninguém pode vangloriar-se de não se poder apavorar.

(21 de junho de 1823)

Que o temor seja, conforme disse anteriormente, mais natural para o homem que a esperança e que ele seja mais propenso a um que a outra, observe-se quando os homens ignoram as causas dos efeitos naturais ou artificiais porque ordinariamente os temem; para os ignorantes, sobretudo, como para os primitivos, os selvagens e as crianças, tanto é efeito de causa desconhecida quanto efeito que suscita pavor. Ora, em que momento a esperança é tão temerária? Além do que, se a ignorância, superstição, etc levou outrora ou leva hoje a tomar efeitos novos ou desconhecidos por presságios do futuro ou sinais do presente ignoto, observe-se que geralmente esses presságios e esses sinais têm sido considerados sinistros. Não digo dos eclipses que podem parecer naturalmente apavorantes a quem lhes ignora a causa e jamais os tem visto, etc, e desse pavor primitivo pode perfeitamente ter nascido a crença do mau augúrio que se lhes atribuiu e que os transformou em apavorantes por longo tempo entre as nações, até o presente momento, conquanto se soubesse e se saiba que as trevas não são eternas, mas passageiras, etc. Mas o que têm de apavorante os cometas, por si sós, mais que qualquer outro corpo celeste ou que a via-láctea, etc? Querendo tomá-los por sinais ou presságios, por que não do bem? contudo não se encontrará nação onde não fossem ou não sejam associados senão ao prenúncio do mal. Os que os antigos chamavam monstros, isto é, coisas extraordinárias, conquanto nada terríveis de *per se* e concretamente, eram todos reputados como de mau augúrio. Como também a ausência de coração nas vítimas, se é que acaso ocorresse, conforme narram os antigos, ou que tivesse essa aparência por erro de quem *inspiciebat* as vísceras, etc. Todos são sinais de que o homem é mais propenso a temer que a espe-

rar; e que o último caso é raras vezes tão irracional e impetuoso quanto o primeiro; ou decerto bem mais raramente. Sobretudo no que diz respeito à natureza, às crianças, aos ignorantes e aos homens naturais.

(15 de setembro de 1823)

Assim como os prazeres, também as dores são muito maiores no estado primitivo e na infância do que em nossa idade e condição. E isto pelas mesmas razões pelas quais o prazer é maior. Antes de tudo (sobretudo no que diz respeito às crianças), falta o exercício do bem e do mal. Portanto, o bem e o mal devem ser muito mais enérgicos e sensíveis a seu espírito que ao nosso. Depois (e este é o ponto principal e comum a todos os homens naturais), a dor, a desdita, etc na criança e no homem primitivo superam a crença da felicidade possível ou mesmo presente; contrastam vivissimamente com o aspecto do bem que se crê real e vultoso, o bem que se experimentou ou que se esperou com esperança inabalável ou que se observa presentemente nos outros; são o inverso e a privação da felicidade que se crê verdadeira, essencial, probabilíssima, antes, destinada ao homem, que os outros possuem e que nós possuiríamos se tal obstáculo não o impedisse, agora ou para sempre. A idéia do mal absoluto, isto é, independentemente da comparação com o bem, é decerto maior ao natural que no estado de civilização e saber.

Observai ainda que dor profunda e viva experimentávamos quando crianças, terminado um divertimento e concluído um dia de festa, etc. É bastante razoável que a dor conseqüente correspondesse à expectativa, ao júbilo precedente e que a dor da esperança desenganada fosse proporcional à extensão da referida esperança. Não me refiro à extensão do prazer realmente experimentado porque, com efeito, nem mesmo as crianças experimentam satisfação no ato do prazer, se nenhum ser pode satisfazer-se senão de um prazer infinito, como disse anteriormente. Nossa dor, antes, transcorridas tais circunstâncias, era inconsolável, não tanto porque o prazer estivesse extinto, quanto porque não correspondera à esperança. Do que por vezes resultava uma espécie de remorso ou arrependimento, como se não nos tivéssemos regozijado por culpa nossa. Uma vez que a experiência ainda não nos instruíra a esperar pouco, não nos preparara para ver desenganada a esperança, não nos habituara a consolar-nos facilmente de perdas tais ou ainda maiores, etc. Em suma, considerando, naquela idade, as coisas como importantes, ou mais importantes do que as consideramos em outra idade (relativamente e em particular, como em geral e absolutamente), é natural que, assim como os prazeres, também as dores daquela idade sejam maiores, na proporção da importância que os motivos da dor ou do prazer têm em nossa

opinião. E assim, quando da esperança de algum bem, qual não era nossa inquietude, nossos temores, nossas palpitações, nossas angústias a cada pequeno obstáculo ou aparência de dificuldade que se opusesse ao cumprimento da referida esperança! E se o próprio objeto da esperança (posto que mínimo, com respeito à nossa opinião atual) não se cumprisse, qual não era nossa aflição! De maneira que, mais tarde, nas maiores desventuras da vida, não teremos decerto experimentado nem experimentaremos jamais tanta dor e angústia, como naquelas acanhadas desventuras da meninice.

Enquanto o prazer da dor é conforto para a infelicidade moderna, a ignorância desse mesmo prazer era imperfeição para a felicidade antiga.

Nenhuma dor ocasionada por qualquer desventura compara-se à que pode ocasionar uma desdita grave e irremediável que sentimos provir de nós mesmos e de que poderíamos ter-nos esquivado, em suma, ao arrependimento vivo e verdadeiro.

As dores, nos homens naturais, são vivíssimas, conforme se observa pelos atos e pelas ações que inspiram e que inspiravam aos antigos. Contudo, observa-se e admira-se nos homens do campo uma dificuldade extrema, não só de conservar por longo tempo a dor (pois que esta é naturalmente própria das paixões ardentíssimas), mas também de concebê-la e senti-la vivamente, como de sair de seu estado de habitual insensibilidade. Preparam os funerais de suas mulheres e filhos, acompanham-no à igreja, assistem ao seu sepultamento, mas, momentos depois, riem, falam com indiferença e raro derramam alguma lágrima, ainda que, se acaso a dor aguilhoá-los, ela seja tal como deve ser em pessoas pouco distantes da natureza. Não somente os homens do campo, mas todos os que fazem parte das classes miseráveis ou trabalhadoras, etc demonstram os mesmos efeitos, o que manifesta a misericórdia da natureza e demonstra que ela, conquanto tenha dado aos homens naturais prazeres vivíssimos, copiosíssimos e facílimos e tendo-os submetido, conseqüentemente, à veemência extraordinária da dor, não os sujeitou, como pareceria provável, à constância da dor, ainda que moderada, que os homens civilizados conhecem tão de perto. Em parte pela rudeza de coração e um desenvolvimento nulo (ou melhor, transformação análoga) das faculdades responsáveis pela dor, pela sensibilidade, etc e em parte pela distração viva e contínua que as necessidades, as lidas, o exercício de certos sofrimentos promovem e que os preserva da angústia fácil, domestica-os nas intempéries da vida, torna-os mais dispostos a gozar que a sofrer, fáceis em esquecer o mal, incapazes de senti-lo profundamente, senão raras vezes,

etc. Mesmo os homens civilizados, habitual ou extraordinariamente ocupadíssimos, inscrevem-se no mesmo caso. Da mesma forma os homens afeitos às desditas, etc.

(11 de setembro de 1821)

Desde que o ser vivo ama a vida sobre quase todas as coisas, não admira que despreze o tédio sobre quase todas as coisas (ver p. 109), que é o contrário da *vida vital* (como afirma Cícero, em *Laelius*). Mas não despreza a vida sobre todas as coisas se também não a amar sobre todas as coisas; quando, por exemplo, um excesso de dor física fá-lo desejar naturalmente a morte e preferi-la àquela dor, isto é, quando o amor-próprio opõe-se mais à vida que à morte. E portanto, ele tão-só prefere o tédio à dor, isto é, porque ele, a princípio, prefere a morte, somente enquanto espera libertar-se da dor, mantendo o desejo de viver puramente por meio da esperança.

De resto, o desprezo pelo tédio é um dos diversos efeitos do amor à vida (paixão elementar e essencial para o ser vivo) que tenho especificado em vários desses pensamentos. E o homem despreza o tédio pela mesma razão pela qual despreza a morte, isto é, a não existência. E o próprio desprezo pelo tédio é pai de muitíssimos e diversíssimos efeitos e fonte de inúmeras outras paixões ou de suas transformações, todas derivadas essencialmente desse desprezo, sobre as quais tenho discorrido em outros passos.

(8 de maio de 1822)

Que as paixões antigas fossem incomparavelmente mais galhardas que as modernas e os efeitos, mais estrepitosos, mais relevantes, mais concretos, mais impetuosos e que, portanto, convenha, para expressá-los, empregar cores e traços muito mais vigorosos que para expressar as paixões modernas, é coisa conhecida e reiterada. Mas creio que seja necessário estabelecer uma diferença notável entre as várias paixões, precisamente no que diz respeito à sua maior ou menor veemência entre antigos e modernos, comparativamente; e para compreendê-las sob preceitos gerais, tenho por certo (como todos o fazem) que a dor antiga era de longe mais veemente, mais ativa, mais voltada para o exterior, mais impetuosa e terrível (conquanto, pelas mesmas razões, fosse mais breve) que a moderna. Mas quanto à alegria, eu poderia duvidar e creria que, ao menos em muitos casos, ela possa ser mais impetuosa e violenta entre os modernos que entre os antigos, e isto não por outro motivo senão porque hoje ela é precisamente mais rara e breve do que jamais fora, exatamente como a dor se mostrava outrora. Essa observação poderia decerto quadrar ao trágico, ao pintor e a outros imitadores das paixões. Verdade é que, na criança, a alegria e a dor são igualmente mais

violentas, além de, pela mesma razão, serem mais breves que no adulto. É também verdade que a atividade do espírito dos modernos leva-os a reprimirem-se e a refletirem no espírito, sem permitir, totalmente ou em parte, que alguma impressão ou afeição mais galharda se derrame e se espalhe. Creio, contudo, que a referida observação possa ter algum relevo, mormente em relação às pessoas não muito ou não inteiramente cultas e instruídas, seja na vida civil, nas doutrinas e na ciência das coisas e do homem; e em relação às que não foram suficientemente ensinadas, pela experiência e pela prática da vida, da sociedade e das ações humanas, a igualar-se ao conjunto geral, nem acostumadas à apatia e à indiferença por tudo o que concerne a si próprias e aos demais homens, que caracteriza nosso século.

(9 de maio de 1822)

Quanto no homem prevaleça a matéria sobre o espírito, pode-se também observá-lo pela comparação entre as dores. Pois que as dores do espírito jamais são comparáveis às dores do corpo, reunidas conforme a mesma proporção de veemência relativa. Embora muita vez pareça mais tolerável a quem padece grave pena do espírito padecer no corpo pena equivalente, a experiência que se colhe de uma e de outra pode facilmente convencer quem quer que seja capaz de refletir em que entre as dores do espírito e as do corpo, supondo-as ainda, relativamente, em uma mesma condição, não há proporção possível. Aquelas podem ser superadas pela grandeza ou força do espírito, pela sabedoria, etc (sem dizer que o tempo consola todas as coisas), mas estas conseguem abater e vencer a constância mais firme.

(15 de junho de 1822)

Por muitos motivos, ainda que frágeis, o homem se lança ao perigo, até mesmo de morte; além de sacrificar deliberadamente a si mesmo, dinheiro, bens, comodidades, esperanças, etc. No entanto, bem poucos há que, por motivos mesmo graves, mesmo por paixões vivas, por amor ardente, etc se submetam ou sejam realmente capazes de submeterem-se a uma dor corporal, mesmo que não intensa. Com bastante freqüência e facilmente, a olhos vistos e voluntariamente, encontra-se o perigo de morte, e aqueles mesmos não são capazes de suportar, voluntária e conscientemente, uma dor corporal certa.

(15 de setembro de 1823)

A expressão da dor antiga, como por exemplo, em Laocoonte, no grupo de Níobe, nas descrições de Homero, etc devia ser, por necessidade, diversa da que caracteriza a dor moderna. Aquela era uma dor sem remé-

dio, mas não a nossa; não se abatiam sobre os antigos desventuras, como necessariamente derivadas de nossa natureza e como um nada nesta vida mísera, mas como impedimento e contrariedade à felicidade que aos antigos não parecia um sonho, como a nós (e efetivamente não o era para eles, certamente esperavam, enquanto nós não esperamos podê-la conseguir), como males evitáveis e não evitados. Portanto, a vingança dos céus, as injustiças dos homens, os danos, as calamidades, as enfermidades, as injúrias da sorte, todos pareciam males próprios daqueles sobre quem se abatiam (com efeito, o desventurado, ao contrário de hoje, costumava, em vista da superstição que se misturava aos sentimentos e às crenças naturais, ser visto como um celerado que votava ódio aos Deuses e provocar mais ódio que compaixão). Logo, sua dor era aflitiva, como costuma ser no estado natural, e como hoje, nos bárbaros e nos povos campesinos, sem o conforto da sensibilidade, sem a doce resignação às desventuras que nós, mas não eles, conhecemos como inevitáveis, não podiam conhecer o prazer da dor nem o afã de uma mãe que tivesse perdido os filhos, como Níobe: misturava-se a nenhuma doce e amarga ternura por si mesmo, etc, mas inteiramente aflitiva. Suprema diferença entre a dor antiga e a moderna, pelo que se recomenda ao poeta e artista, etc, moderno, com razão, tratar de temas modernos, sob pena de, ao tratar de temas antigos, cair em uma das duas alternativas: violar a verdade, emprestando às personagens sentimentos e aflições modernos, ou não granjear o interesse nem se fazer entender, ao representar personagens com maneiras de sentir e de falar antigas. A não ser pelo fato de macular a verdade, no primeiro caso não me parece de se esquivar, desde que se salve a verossimilhança, tornando-se puramente coisa de eruditos, quando o efeito daquela combinação é favorável, ressaltar que os antigos não poderiam ter experimentado tais sentimentos, como costumo dizer das vestimentas e das atitudes na pintura, etc, onde, desde que a mácula não salte aos olhos, isto é, salve-se a verossimilhança, atitude melhor é fazer-se entender e desconcertar os modernos, que se sujeitar a uma deplorável precisão erudita que não provocaria qualquer efeito. Logo, não condeno absolutamente, mas louvo Racine, por exemplo, que, tendo escolhido temas antigos (que por sua natureza não eram incompatíveis com os sentimentos modernos, além de, por sua beleza, tragicidade, força, etc, serem preferíveis a outros temas de dias menos brilhantes), tratou-os à moda moderna. A sensibilidade era, nos antigos, potencial, mas não atuante como em nós e, portanto, uma faculdade naturalíssima (consultar, a respeito, o meu discurso sobre os românticos), mas já se provou que as diversas circunstâncias promovem o desenvolvimento das diversas faculdades naturais, que se conservam ocultas e inoperantes se inexistem tais circunstâncias físicas, políticas, morais e, sobretudo, em nosso caso, inte-

lectuais, uma vez que o desenvolvimento do sentimento e da melancolia deu-se, sobretudo, pelo progresso da filosofia, pelo conhecimento do homem e do mundo, pela fatuidade das coisas e pela infelicidade humana, é precisamente o conhecimento que produz essa infelicidade, que no estado natural jamais deveríamos conhecer. Os antigos, no lugar daquele sentimento que ora se identifica com a melancolia, manifestavam outros sentimentos e fervores, etc mais efusivos e felizes, e é loucura acusar-lhes os poetas de não serem sentimentais, como preferir aos seus sentimentos e prazeres, igualmente espiritualíssimos e pela natureza destinados ao homem, que não foi criado para o sofrimento, nossos sentimentos e doçuras, posto que igualmente naturais, isto é, o último recurso da natureza para opor-se (como é seu propósito contínuo) à infelicidade produzida pelo conhecimento desnatural de nossa miséria. A consolação dos antigos não estava na desventura; um morto, por exemplo, consolava-se com os emblemas da vida, com os jogos mais enérgicos, com a honra de ter encontrado desventura menor ou nula ao morrer pela pátria, pela glória, pelas paixões vivas, ao morrer, diria quase, pela vida. A consolação da morte não estava na morte, mas na vida.

Mesmo a dor que provém do tédio e do sentimento da fatuidade das coisas é muito mais tolerável que o próprio tédio.

Afirma M^{me} de Staël (*Corinne* liv. 18, ch. 4), a respeito de *la statue de Niobé: sans doute dans une semblable situation, la figure d'une véritable mère serait entièrement bouleverseé; mais l'idéal des arts conserve la beauté dans la désespoir; et ce qui touche profondément dans les ouvrages du génie, ce n'est pas le malheur même, c'est la puissance que l'âme conserve sur ce malheur.* Belíssima condenação do sistema romântico que, com o fim de conservar a simplicidade e a naturalidade e fugir à afetação, que os modernos, lamentavelmente, antepuseram à dignidade (de fácil associação, para os antigos, com a simplicidade que lhes era sobremodo presente, conhecida, própria e real), renuncia à nobreza, de forma que suas obras-primas não manifestam absolutamente essa nota grandiosa em sua origem e, constituindo pura imitação da verdade, como uma estátua de andrajos com peruca e faces de cera, etc, impressiona muito menos do que aquela que, juntamente com a simplicidade e a naturalidade, conserva o ideal da beleza e torna extraordinário o que é comum, isto é, mostra em seus heróis uma grande alma e uma atitude digna, o que suscita a admiração e o sentimento profundo, pela força do contraste, ao passo que não vos podeis comover com o romântico, senão pelos acontecimentos ordinários da vida, que os românticos exprimem fielmente, mas sem imprimir-lhes nada de extraordinário e de sublime que alteia a imaginação e inspira a meditação interior, a profundidade e a continuidade do senti-

mento. Nesse sentido, verifica-se ainda que os antigos deixavam mais ao pensamento do que propriamente exprimiam, e a impressão de suas obras era mais duradoura.

"*Je vous l'ai dit souvent, la douleur me tuerait; il y a trop de lutte en moi contre elle; il faut lui céder pour n'en pas mourir*", diz Corinna, em Staël, liv. 14, ch. 3, t. II, p. 361. Do que se infere que os antigos, de cujo caráter a autora desejava aproximar o de Corinna quanto fosse compatível com os costumes e a filosofia moderna, de que a enriquece a mancheias, eram vencidos pela infelicidade, de forma que expressavam o próprio desespero por meio de atos e ações as mais terríveis, e a desventura os enfurecia e aniquilava. Aquele *se reposer sur la douleur*, o prazer experimentado até pelos modernos, da própria desventura e da convicção em ser desventurado era desconhecido dos antigos que, de acordo com o instinto de uma natureza ainda não completamente transformada, acorriam céleres à felicidade, não como a uma ilusão, mas como algo real, e encontravam o prazer onde a natureza o havia primitivamente disposto, isto é, na boa e na má fortuna, que, quando se abatia sobre eles, a consideravam como própria, e não universal e inevitável. Nem o desejo da felicidade lhes era temperado, inibido ou afrouxado por qualquer pensamento ou filosofia. Portanto, ainda mais formidável era o efeito do que lhes impedia a consecução desse desejo.

A impressão que o anúncio repentino de uma grave desventura produz não se intensifica na medida de sua maior ou menor gravidade. O homem nessa situação considera-a quase que suprema, e todo o ímpeto da dor descarrega-se sobre ela, de maneira que não se poderia duplicar se a desventura anunciada tivesse sido duplamente maior, quero dizer, se desde o princípio se lhe tivesse sido anunciada assim, porque havendo outro anúncio, a seqüência do incidente permite a intensificação da dor, conquanto nem mesmo nesse caso a intensificação se daria na medida da duplicação da desventura, porquanto a alma estaria exaurida e como que entorpecida pela dor passada. Ontem, durante uma festa, duas crianças foram atingidas por uma pedra caída de um teto. Espalha-se a notícia de que ambas sejam filhas de uma mesma mãe. Mais tarde, a gente consola-se porque se descobre que são, na verdade, de duas mulheres. O que será isso senão a alegria pela dor duplicada verdadeiramente, sendo igualmente grave para ambas? quando para uma única teria sido aproximadamente a mesma nos dois casos. E a que, ao anúncio, tivesse fraquejado não teria podido sofrer mais se a desventura fosse, por si só, maior. Excluindo-se o caso da morte, que a privaria dos dois filhos, o que mudaria a espécie de infortúnio e não vem ao caso. Poderia igualmente suceder

que aquele filho perdido fosse único, pelo que a consideração que aqui se fez resulta sem efeito.

(16 de junho de 1820)

Dificilmente a dor que é só da alma é capaz de matar ou provocar enfermidade grave, e é mais fácil fingir nos romances esses casos que encontrar na vida exemplos reais, conquanto muita vez se atribuam a dores da alma as enfermidades que procedem de princípios adversos, ou ao menos, também de outras causas. E é sobretudo difícil e surpreendente que a dor da alma, uma desventura não corporal, etc provoque morte ou enfermidade após longo tempo de existência e que a vida humana se consuma e dissipe pouco a pouco unicamente em razão de enfermidades particulares da alma (não digo as gerais, porque certamente o estado precário da alma atua, geralmente, muitíssimo sobre a duração da vida, sobre a saúde, o vigor, etc.). Qual a razão? que o tempo cura todas as chagas da alma. Mas como? por meio do hábito, vejo-o, e grandemente, mas não apenas por isso. Um forte motivo do dito efeito é que as ilusões pouco podem no sentido de reavivar e reconquistar nosso espírito, apesar de nós mesmos; e o homem (desde que viva) torna infalivelmente a esperar a felicidade que desesperançara; experimenta a consolação que julgara impossível, esquece e renega a verdade acerba que deitara profundas raízes em sua mente; e o desengano mais sólido, total e freqüente, e mesmo diário, não resiste às forças da natureza, que evoca as fantasias e as esperanças.

(16 de janeiro de 1821)

Não se conhecem as dores corporais supremas, porque provocam a perda dos sentidos ou a morte. Não se conhece a dor suprema, isto é, desde que seja suprema; mas sua propriedade é fazer o homem aturdido, confundir-lhe, engolfar-lhe, obscurecer-lhe a alma, de tal forma que ele não reconheça a si mesmo nem a própria paixão, nem o que a motiva; conserva-se imóvel e não manifesta ação externa, nem, pode-se dizer, interna. E, portanto, não se conhecem as dores supremas nos primeiros momentos, nem inteiramente, mas no decorrer dos períodos e dos momentos, e por partes. Antes, nosso espírito não é capaz de abrigar inteira e simultaneamente não só a dor suprema, mas toda paixão suprema e todo sentimento, ainda que não supremo, mas igualmente extraordinário. Dir-se-ia o mesmo da alegria suprema.

O tédio é a mais estéril das paixões humanas. Assim como é filho da nulidade, é mãe do nada: pois que não somente é estéril por si só, mas torna estéril tudo o que dele se embebe ou se aproxima, etc.

(30 de setembro de 1821)

Consta que o apreço para com o que surpreende também se deva reduzir ao apreço pelo que é extraordinário e ao desprezo do tédio que é produzido pela monotonia.

A variedade é inimiga tão feroz do tédio que a própria variedade do tédio é uma forma de remediá-lo ou aliviá-lo, conforme observamos todos os dias nas pessoas. Contrariamente, a constância é tão amiga do tédio que a constância da própria variedade aborrece terrivelmente, como nas ditas pessoas e em quem quer que seja, e para citar um exemplo, em viajantes afeitos a mudarem sempre de lugares, objetos e companheiros e, diante da novidade constante, não há dúvida de que, após certo, mas não longo tempo, desejem uma vida uniforme, precisamente com o fim de variar pela uniformidade, após a constante variedade. Ver MONTESQUIEU, *Essai sur le Goût. De la variété*, Amsterdam, 1781, p. 378, última linha, e *Des Contrastes*, p. 384-385.

O tédio, em suma, não é senão uma ausência do prazer, que é o fundamento de nossa existência, e do que nos desvia de desejá-lo. Se não fosse a inclinação imperativa do homem para o prazer, sob qualquer forma, o tédio, esse sentimento tão comum, tão freqüente e tão abominável, não existiria. Com efeito, por que motivo deveria o homem sentir-se mal, quando não há mal algum? Suponhamos um homem isolado, sem nenhuma ocupação espiritual ou corporal, sem nenhuma preocupação, aflição ou dor efetiva, ou entediado em vista da monotonia de algo não penoso ou desagradável por natureza, e dizei-me por que motivo esse homem deve sofrer. E, no entanto, observamos que sofre e desespera-se, e àquela condição teria preferido qualquer outro padecimento (É, aliás, famosa a resposta afirmativa dada pelos médicos consultados pelo duque de Brancas sobre se o tédio pudesse matar: *Lady* MORGAN, *France* l. 8, notas). Que mais não seja senão por um desejo ingênito e companheiro inseparável da existência, que nesse arco de tempo não é satisfeito, desenganado, mitigado, adormentado. Mas certamente a natureza precaveu-se de todas as formas contra esse mal, com o horror e a repugnância, a que, no homem, pode ser comparado o horror ao vazio que os antigos físicos supunham na natureza, a fim de explicar alguns efeitos naturais. Precaveu-se dando ao homem diversas necessidades e oferecendo-lhe o prazer quando da satisfação da necessidade (como da fome, da sede, do frio, do calor, etc), desejando-o ocupado, portanto; com a grande variedade, com a imaginação que também o absorve do nada e com o temor (que embora seja também ele um efeito natural e espontâneo do amor-próprio, há que considerar, porém, o sistema da natureza em geral e a harmonia e a correspondência admiráveis de diversos efeitos a este ou aquele propósito),

com os perigos, que estabelecem mais fortes vínculos com a vida e dissipam o tédio, com a perturbação dos fundamentos, com as dores e com os próprios males, porque é mais doce curar-se dos males que viver sem males; e com acidentes tais que são tidos como males e imperfeições da natureza, escusando-a, ao defini-los como incidentes fora da ordem; decerto se o são todos, não o são conjuntamente e pertencem igualmente ao grande sistema universal. Em suma, o sistema da natureza, no que diz respeito ao homem, manifesta-se sempre no sentido de distanciá-lo desse mal formidável que é o tédio e, segundo todos os filósofos, sendo tão freqüente entre os modernos, era quase que desconhecido dos primitivos (como dos animais). Observai como as crianças, ainda que dentro da mais perfeita inação, por raras vezes ou mesmo jamais sentem o verdadeiro tormento do tédio, porque a menor banalidade basta para ocupá-las inteiramente, e o poder da imaginação dá corpo, vida e ação a toda fantasia que lhes povoe a mente, etc; em suma, encontram em si mesmas fonte inexaurível de ocupações, e sempre variadas. Isto, sem conhecimentos, sem experiências, sem viagens, sem ter visto, ouvido, etc, em um mundo limitadíssimo e uniforme. E embora se esperasse que quanto mais esse mundo e esse campo crescessem e se diversificassem, mais vasto e mais vário fosse para o homem o repertório de ocupações internas, como o das crianças, e mais raro o tédio, vemos que se dá o inverso. Grande lição para quem não quer reconhecer a natureza como fonte quase que única de felicidade, e sua transformação, como provável causa de infelicidade. De resto, que o vigor e a fertilidade da imaginação: 1 – assim como tornam facílima a ação, tornam também, com bastante freqüência, fácil a inação; 2 – sejam bastante diversos da profundidade da mente que, ao revés, conduz à infelicidade, como a que vemos nos povos meridionais, especialmente italianos, em comparação com os setentrionais. Uma vez que os italianos: 1 – assim como eram outrora ativíssimos, em vista de um entusiasmo, filho de uma imaginação viva e mais rica que profunda, uma das causas pelas quais não se dão conta ou ao menos não se desesperam absolutamente de uma vida continuamente uniforme e de uma perfeita inação, atualmente, é a própria imaginação, igualmente rica e vária e a profusão de sensações que ela provoca, que os imerge, sem que percebam, em uma espécie de *rêve*, como as crianças quando sozinhas, etc, coisa continuamente apregoada por M^{me} de Staël; ao passo que os povos setentrionais, despojados dessa fonte interna de ocupação, apta a consolá-los, recorrem, por necessidade, à externa e tornam-se ativíssimos. 2 – A profundidade da mente e a faculdade de penetrar nos mais íntimos recessos da verdade, da abstração, etc, conquanto não lhes seja ignota em vista de sua sutileza, prontidão e penetração (que lhes torna mais fácil a concepção e a descoberta da verdade, enquanto é necessário que os outros fati-

guem mais e, portanto, com freqüência, erram com toda a profundidade), não é contudo seu ponto forte, mas, contrariamente, constitui toda a ocupação e, portanto, a infelicidade dos setentrionais cultos (observai a freqüência dos suicídios na Inglaterra), que não têm coisa que os desvie da consideração da verdade. E embora pareça que a imaginação seja entre eles ardentíssima, originalíssima, etc, aquela é antes filosofia e profundidade que imaginação, e sua poesia, antes metafísica que poesia, por vir antes do pensamento que das ilusões. E o seu sentimento é antes desespero que consolo. A poesia antiga, portanto, jamais se afina com eles; portanto, têm gostos perfeitamente distintos e se comprazem com entes alegóricos, com abstrações, etc; portanto, há de ser sempre verdade que a nossa é propriamente a pátria da poesia e a deles, a do pensamento.

Sempre que o homem não experimenta prazer algum, experimenta o tédio, quando não experimenta dor, ou melhor dizendo, um desprazer qualquer, ou não se percebe vivo. Ora, como jamais é dado ao homem experimentar o verdadeiro prazer, segue-se que no decurso de qualquer período que ele sinta viver tal não se dá sem desprazer ou tédio. E sendo o tédio padecimento e desprazer, segue-se que o homem, quanto mais sente a vida, mais conhece padecimento e desprazer. Mormente quando o homem não tem distrações ou as tem demasiado frágeis para apartá-lo resolutamente do desejo contínuo do prazer; isto é, em suma, quando ele se encontra naquele estado que chamamos particularmente de tédio.

(7 de outubro de 1823)

A idéia é natureza de que exclui essencialmente tanto a do prazer quanto a do desprazer e supõe a ausência de um e de outro; ou antes, pode-se dizer, comporta-a, uma vez que essa dupla ausência é sempre causa de tédio e, existindo aquela, há de existir esta. Quem diz ausência de prazer e desprazer diz tédio, não absolutamente que essas duas coisas sejam uma única, mas no que diz respeito à natureza do ser vivo, em que uma sem a outra (enquanto ele sente viver) não pode absolutamente existir. O tédio acode contínua e prontamente a preencher todos os vazios que o prazer e o desprazer deixam no espírito dos seres vivos; o vazio, isto é, o estado de indiferença e sem paixão, não se dá nesse espírito, como não se dava no estado natural, segundo os antigos. O tédio é como o ar, que preenche todos os intervalos dos objetos e acode rapidamente a se instalar nos espaços que deixam vazios, se outros objetos não vêm substituí-los. Ou melhor, que o próprio vazio do espírito humano, a indiferença e a ausência de paixões constituem tédio, que na verdade é uma paixão. Ora, por que será que o ser vivo, sempre que não se regozija ou padece, não pode furtar-se ao tédio? Quer dizer que ele não pode furtar-se de desejar a felicidade, isto é, o prazer e o gozo. Quando esse desejo não é satisfeito,

nem expressamente contrariado pelo inverso do gozo, constitui tédio. O tédio é o desejo da felicidade em estado puro, por assim dizer. Esse desejo é paixão. Logo, o espírito do ser vivo jamais pode existir sem paixão. Quando essa paixão se encontra só, quando não há outra que ocupe presentemente o espírito, dá-se o que chamamos tédio, que é uma prova da continuidade perpétua daquela paixão. Se não fosse isso, ele não existiria absolutamente, ainda que estivesse sempre onde faltam as outras.

(17 de outubro de 1823)

O homem desentedia-se por meio do próprio sentimento vivo do tédio universal e necessário.

Todas as coisas aborrecem com o tempo, mesmo os maiores prazeres: disse-o Homero, vemo-lo todos os dias. A monotonia é insuportável. Mas um grande e talvez supremo remédio para esse mal seja o objetivo. Quando o homem se propõe um objetivo relacionado à ação ou até mesmo à inação, descobre prazer até mesmo nas coisas não aprazíveis, até mesmo nas desagradáveis, quase mesmo na própria monotonia; quanto às coisas aprazíveis, sua uniformidade e duração não arruínam o prazer de quem as orienta para determinado propósito. Não creio que por outra razão mais incisiva, universal e íntima os estudos sejam para os estudiosos como uma exceção à regra geral, isto é, que sua continuidade possa arruinar o prazer. Vedes todos os dias pessoas que não lêem senão com o fim de passar o tempo, encontrarem prazer intenso nas primeiras páginas de um livro e não chegarem ao fim sem conhecerem o tédio, ainda quando o livro disponha de todos os meios em si mesmo para proporcionar prazer com a continuidade, como no princípio. Mas a uniformidade do prazer, sem um objetivo, produz inevitavelmente o tédio e, portanto, as pessoas que lêem unicamente por divertimento aborrecem-se tão depressa que não concebem como se encontre tanto divertimento na leitura e continuamente procuram variar e passar fastidiosamente de um livro a outro, sem jamais encontrar prazer em algum, senão leve e passageiro. Mas não o estudioso, que se reserva um objetivo a respeito da leitura, ainda quando leia por recreio e passatempo. E assim, todas as outras ocupações a que o homem se afeiçoa, quando lhes põe um interesse e um objetivo mais ou menos determinado e mais ou menos grave e relevante, com a continuidade, tardança e monotonia, jamais chegam a aborrecer.

(22 de novembro de 1820)

O homem não pode absolutamente viver sem esperança, como também sem amor-próprio. Também o desespero nutre a esperança, não só porque resta sempre no fundo da alma uma esperança, uma crença dire-

tamente, ou quase que diretamente, ou mesmo obliquamente contrária à que é objeto do desespero, mas porque ele próprio origina-se e subsiste por meio da esperança de sofrer menos sem nada mais desejar e esperar; e talvez também com esse meio, de poder desfrutar algo, ou de ser mais livre, independente e senhor de si, disposto a agir à sua vontade, nada tendo a perder, mais seguro, antes, totalmente seguro diante de qualquer futura eventualidade da vida, etc ou de algum outro interesse similar; ou, por fim, se o desespero é extremo e *perfeito*, isto é, toma por completo a vida, de vingar-se da sorte e de si mesmo, de desfrutar o próprio desespero, da própria inquietação, vida interior, sentimentos galhardos que ele suscita, etc. O prazer do desespero é assaz conhecido, e quando se renuncia à esperança e ao desejo de todos os outros, jamais se deixa de esperar e de desejá-lo. Em suma, o próprio desespero não subsistiria sem a esperança, e o homem não desesperaria se não esperasse. Com efeito, o mais frouxo desespero e o menos enérgico é o do homem idoso, longamente experimentado no sofrimento, que verdadeiramente espera menos. O mais forte, perfeito, sensível e formidável é o do jovem ardoroso e inexperiente, repleto de esperanças, e que, portanto, desfruta intensamente, ainda que barbaramente, o próprio desespero, etc.

(22 de agosto de 1821)

Os que menos esperam menos desfrutam o próprio desespero, como também menos desesperam e conservam mais facilmente uma esperança, posto que lânguida, não obstante distinta e visível diante do desespero. Tal é o caso dos homens longamente contristados, habituados e afeitos a sofrer e desesperar. Digo o contrário acercado dos outros. Demais, o desespero do homem ordinariamente feliz é assustador.

(22 de agosto de 1821)

Assim como não há infelicidade que não possa recrudescer, não há homem tão perfeitamente desesperado que ao se avistar com novo, imprevisto e grande infortúnio não experimente nova dor. É antes assaz freqüente, ainda que seja previsto, ainda que seja aquele mesmo que lhe motivava o desespero. Portanto, havia ainda nele esperança. E ninguém se desespera tão completamente que, embora creia não suportar dor maior e sinta-se seguro em seu completo desespero, não esteja efetivamente sujeito a sentir o recrudescimento do mal. Não há enfermo ciente e capaz de reconhecer ele próprio que há de morrer do mal que o aflige (como o caso de um médico, etc), que ao receber o aviso da morte certa não se perturbe desmesuradamente. Portanto, tinha ainda a esperança de não morrer. Essa observação é de Buffon. E assim como não há mal tão grande que não possa havê-lo maior, não há desespero humano que não possa

crescer. Portanto, o desespero não é perfeito, por maior que seja; portanto, jamais exclui cabalmente a esperança.

(22 de agosto de 1821)

Observai o homem desesperadíssimo da vida por completo, desenganadíssimo de toda ilusão e a ponto de suicidar-se. O que credes que pensa? pensa que a própria morte será deplorada, ou admirada, ou provocará espanto, ou demonstrará sua coragem a parentes, amigos, conhecidos, aos cidadãos; que se discorrerá sobre ele, ao menos por alguns instantes, com sentimento extraordinário; que as mentes hão de ao menos exultar de algo que se lhe atribua; que a própria morte aborrecerá os inimigos, a amante infiel, etc ou os decepcionará, etc. Credes que ele não tema? ele teme (ainda que levemente) que essas esperanças não se concretizem. Estou certíssimo de que nenhum homem morre no seio de uma sociedade sem essas esperanças e esses temores mais ou menos sensíveis: e digo morre, não só voluntariamente, mas de outras maneiras. E se ele jamais viveu em sociedade, etc e morre no deserto, por sua mão, espera (ainda que remotamente) que sua morte, quando ocorra, seja conhecida. Tão longe está de saber que a esperança ou o desejo não podem jamais abandonar um ser que não existe senão para amar a si mesmo e perseguir o próprio bem, desde que ame a si mesmo.

(22 de agosto de 1821)

O desespero, enquanto ausência, ou melhor, debilidade e calejamento da esperança, constitui por si só um prazer, porquanto o homem, não sentindo a esperança, dificilmente sente a vida, e sua alma abandona-se a uma espécie de torpor, ainda que o corpo possa estar em grande atividade e com freqüência o esteja, em tal circunstância. Tudo isso resulta de minha teoria do prazer.

(4 de setembro de 1821)

É notável como o homem extremamente desventurado ou desencorajado em relação à vida, tendo deposto e dado como perdida a esperança da própria felicidade, mas não reduzido ao desespero que não se aplaca senão com a morte, naturalmente e sem qualquer esforço, seja levado a servir e beneficiar os outros, mesmo os que lhe são completamente indiferentes ou mesmo odiosos. Mas não por extremos de heroísmo, pois que o homem em tal estado não é capaz de extremos de espírito; mas de uma certa forma, como se não tivesses mais interesse nem esperança em ti e transportasses aos negócios alheios o interesse e a esperança, de forma a inundar o espírito, ocupá-lo e proporcionar-lhe os referidos sentimentos, isto é, cuidado de alguma coisa, ou seja, objetivo e esperança,

sem os quais a vida não é vida, não se reconhece, falta-lhe o sentido de si mesma. Quando o homem se encontra em tais condições, isto é, desesperado a ponto, não de odiar a si mesmo (que constitui a ferócia do desepero), mas de não curar de si mesmo e colocar-se fora de sua esfera de pensamentos, não apenas se compraz em servir a outros, mas também toma pelos assuntos alheios certa afeição (mesmo que, como disse, de pessoas indiferentes), certo empenho, um desejo, etc, conquanto inteiramente lânguido, porque seu espírito não é mais suscetível de sentimento vivo e forte, mas somente tal que jamais o bem alheio o inflamara tão sensivelmente. E isto sucede tão logo o homem se reduza à referida condição, de forma que lhe sobrevém como uma transformação repentina: e mesmo os homens contaminados pelo egoísmo o conhecem. Em suma, a pessoa do outro sucede quase inteiramente ao seu próprio eu, que desaparece, é negligenciado e esquecido, como se não pudesse mais ter esperança, e não é mais suscetível de felicidade, sem a qual a vida não tem objetivo. O desejo, o cuidado e a esperança da felicidade, que não podem mais orientar-se para a própria felicidade, reconhecida como impossível e em cuja busca seriam vãos, e portanto, não mais suficientes para o espírito humano, voltam-se para a felicidade alheia; e isto, espontaneamente e sem sombra de heroísmo. O espírito do homem que não busca a felicidade é moralmente morto, ressurge em uma vida lânguida, contudo ressurge e vive no outro, isto é, no objetivo da felicidade alheia, que se torna seu próprio objetivo. Tal como os corpos de sangue degenerado e malsão e, portanto, incapazes de vida, que alguns médicos privavam (ou propunham privar) do próprio sangue e lhes devolviam uma certa saúde, por meio da inserção de sangue alheio ou de algum animal, quase que modificando a pessoa e transformando a que não podia mais viver em outra suscetível de vida, conservando, dessa maneira, a vida de uma pessoa inepta a viver por si mesma.

Esta que direi também é uma causa do referido efeito. O homem que, conquanto desesperado, não odeia a si mesmo (coisa que ocorre na maioria das vezes, e não, como se espera, antes que o homem odeie a si mesmo, mas após tê-lo feito intensa e inutilmente, e assim o amor-próprio, que se tentou satisfazer de todos os meios, permanece inteiramente entorpecido, e o espírito, exaurido de todas as forças, reduz-se à calma e à quietude do esgotamento e perde cabalmente a capacidade do sentimento vivo), o homem, digo, que sem odiar-se apenas considera a si mesmo e a sua própria vida como inúteis experimenta complacência e satisfação, certa (porém levíssima) consolação em encontrar utilidade para si mesmo e para a vida, que de outra forma seria perfeitamente inútil; sua própria utilidade e a da vida, radicada como algo inutilíssimo, ainda que em nada lhe favoreça, ainda que ele não seja mais suscetível de ilusões,

nem de julgar-se apto às grandes coisas, conforta-o, todavia, fazendo-o ver-se menos inútil, ou ao menos (e sobretudo), por meio do pensamento de ter ao menos utilizado e não repelido absolutamente os vestígios de existência e de força viva e material.

(5 de fevereiro de 1821)

Conhecendo-se excluídos da vida, procuram, de certa forma, viver no outro, não por amor que lhes tenham e quase que nem mesmo por amor-próprio, mas porque, conquanto lhes seja tirada a vida, resta-lhes ainda a existência para ser preenchida e sentida de alguma forma.

(6 de fevereiro de 1821)

O desespero da natureza é sempre feroz, frenético, sanguinário, não cede à necessidade, à fortuna, mas deseja vencê-la por si mesmo, isto é, com a própria ruína, a própria morte, etc. O desespero plácido, tranqüilo, resignado, pelo qual o homem, uma vez perdida toda esperança de felicidade, em geral, pela condição humana ou em particular, por sua própria situação, sujeita-se todavia e adapta-se a viver e tolerar o tempo e os anos, cedendo à necessidade reconhecida; esse desespero, conquanto originário do primeiro, não é, contudo, próprio senão da razão e da filosofia e, logo, especial e singularmente próprio dos tempos modernos. Com efeito, pode-se dizer que qualquer um que tenha certo grau de engenho e sentimento, após experimentar o mundo, em particular todos aqueles que, alcançada a idade madura, são desventurados, caem, e até a morte permanecem nesse estado de tranqüilo desespero. Estado quase que inteiramente desconhecido dos antigos e, ainda hoje, da juventude sensível, magnânima e desventurada. Conseqüência da primeira espécie de desespero é o ódio por si mesmo (porque o amor-próprio é no homem ainda tão poderoso que permite o ódio), mas cuidado e estima pelas coisas. Da segunda espécie, o descuido, o desprezo e a indiferença pelas coisas; um certo amor lânguido por si mesmo (porque o mor-próprio já não é tão poderoso no homem que permita o ódio), que se assemelha ao descuido, mas amor, não o que leva o homem a angustiar-se, afligir-se, provar compaixão pelas próprias desventuras e muito menos a esforçar-se e empreender algo para si, considerando como indiferentes as coisas, tendo quase que perdido a percepção e a sensibilidade do espírito e estando inteiramente calejadas a faculdade sensitiva e volitiva, etc; em suma, as paixões e os afetos de toda sorte; e quase que perdida, pelo longo uso, forte e longa pressão, quase toda a elasticidade das molas e forças da alma. Ordinariamente, o objeto dos maiores cuidados de tais homens é conservar o estado presente, manter uma vida metódica e nada modificar ou inovar, não por índole pusilânime ou inerte, pois que se

revela o próprio inverso, mas por uma timidez oriunda da experiência de infortúnios, que leva o homem a temer a perda, em vista das novidades, daquele repouso, quietude, sono em que finalmente seu espírito, após longos combates e resistências, por fim mergulhou, recolheu-se e quase ocultou-se. Hoje, o mundo está repleto de desesperados desse segundo gênero (como entre os antigos eram bastante freqüentes os casos da primeira espécie). Logo, pode-se facilmente observar quanto a atividade, a variedade, a mobilidade, a vida deste mundo poderão conquistar, quando todos, pode-se dizer, os espíritos superiores, uma vez alcançada certa maturidade, tornam-se incapazes de ação e inúteis, tanto para si mesmos quanto para os outros.

(6 de fevereiro de 1821)

Portanto, os desesperados, ou aqueles que tudo perderam e nada têm a perder ou a conservar, são mais bem-sucedidos que os outros na vida. Não há homem desesperado tão pobre e impotente que não seja capaz de algo no mundo que o faz desesperar. E esse é o motivo pelo qual, naturalmente, e não por acaso, *audaces fortuna iuvat.*

(28 de dezembro de 1820)

O homem seria onipotente se pudesse desesperar-se por toda a sua vida, ou ao menos, por longo tempo, isto é, se o desespero fosse um estado que pudesse durar.

(21 de maio de 1824)

Observai como é naturalíssimo e freqüente nos loucos, os mais melancólicos e desesperados, um riso estúpido e vazio, que não vem de maior distância que dos lábios. Apertar-vos-ão as mãos com olhar profundíssimo e, ao deixar-vos, dirão adeus com um sorriso que há de parecer mais desesperado e mais louco que o próprio desespero e a própria loucura. O que também se observa com freqüência nos sábios abandonados ao completo desespero, mormente após conceberem resolução extrema, que os faz repousar nesse extremismo de horror e os apazigua, como se estivessem seguros da vingança urdida contra a fortuna e contra eles mesmos.

(26 de julho de 1820)

Por mais que as ilusões sejam esmaecidas e desmascaradas pela razão, ainda mantêm raízes no mundo e compõem a maior porção de nossa vida. E não basta conhecer todas as coisas para perdê-las, ainda que sabidamente vãs. Uma vez perdidas, não se perdem irreparavelmente, sem conservar uma raiz vigorosíssima e, continuando a viver, tornam a florescer, a despeito de toda a experiência e certeza adquiridas. Tenho visto

pessoas demasiado sábias e experientes, pródigas em conhecimento, saber e filosofia, infelicíssimas, perderem todas as ilusões e desejarem a morte como único bem, desejando-a, mesmo, aos próprios amigos; pouco depois, conquanto a contragosto, reconciliam-se com a vida, concebem projetos futuros, empenham-se por interesses temporais dos mesmos amigos. Não poderia ser por ignorância ou não convicção certa e provada da nulidade das coisas. Também a mim tem sucedido numerosas vezes desesperar-me precisamente por não poder morrer e mais tarde retomar os mesmos projetos e castelos erigidos no ar com relação à vida futura e mesmo um pouco de alegria passageira. Esse desespero e esse retorno não dispunham porém, de motivo suficiente para tal alternância, pois que o desespero provinha de causas que se mantinham íntegras no tempo em que eu retomava minhas ilusões. Entretanto, o menor motivo que poderia consolar-me resultava efetivo e é indubitável *que as ilusões desaparecem no tempo da desventura* (e portanto, é certíssimo, e tenho-o eu mesmo experimentado, que quem jamais conheceu a desventura nada sabe. Eu sabia, porque hoje não se pode não saber, mas era como se não soubesse, e assim me teria comportado em relação à vida) e tornam, uma vez finda a desventura, ou mitigada pelo tempo e pelo hábito. Tornam com mais ou menos força, conforme as circunstâncias, o caráter, a natureza corporal e as qualidades espirituais, tanto ingênitas quanto adquiridas. Quase todos os escritores de verdadeiro e delicioso sentimento, ao representarem o desespero e o desencorajamento total da vida, buscaram no próprio coração as cores e acabaram por representar um estado próximo ao em que eles mesmos se encontravam. Pois bem! malgrado o próprio desespero, malgrado ao escrever sentissem vivamente a natureza e a força daquelas verdades e paixões acerbas que expressavam, deveriam antes perseguir no presente perfeita convicção, etc para representarem eficazmente aquele estado humano, e, por conseqüência, sentiriam e quase apreenderiam a nulidade das coisas, prevaleciam-se contudo do próprio sentimento do nada para mendigar glória, e quanto mais vivo lhes era o sentimento da fatuidade das ilusões, tanto mais desejavam e esperavam alcançar um objetivo ilusório e, por meio do sentimento da morte, vivamente sentido e vivamente expresso, não procuravam senão granjear certos prazeres da vida. Nesse sentido, todos os filósofos que tratam das míseras verdades de nossa condição e que são, na verdade, desprovidos de ilusões, não procuram senão, por meio de suas obras, criar e desfrutar algumas vantagens ilusórias da vida (ver CÍCERO, *Pro Archia*, c. II). Pois a natureza é tão desmesuradamente mais forte que a razão, que conquanto aviltada e debilitada a mais não poder, resta-lhe o suficiente para vencer aquela sua inimiga, e isto nos seus próprios sequazes e no próprio momento em que a predicam e difundem,

antes, ao predicar e difundir a razão contra a natureza é que dão vitória à natureza sobre a razão. O homem não vive senão de religião ou de ilusões. Esta é sentença exata e incontrastável: removidas radicalmente a religião e as ilusões, todo homem, antes, toda criança, aos primeiros lampejos da razão (pois que as crianças vivem sobretudo de ilusões) suicidar-se-ia infalivelmente, e a raça humana extinguir-se-ia no próprio nascimento, por necessidade ingênita e imperiosa. Mas as ilusões, como disse, duram, a despeito da razão e do saber. Espera-se que igualmente durem com os anos: e certamente não há via mais direta para o que acabo de citar do que a atual condição dos homens, do que o incremento e difusão da filosofia, por um lado, que nos vai esgarçando e dissipando o pouco que nos resta e, por outro, do que a carência efetiva de quase todos os objetos de ilusão e o entorpecimento real, monotonia, inatividade, nulidade, etc da vida. Coisas que por fim constrangerão o homem a perder todas as ilusões e distrações, a perdê-las para sempre e ter diante dos olhos, contínua e ininterruptamente, a verdade nua e crua: da espécie humana nada restará senão ossos, como de outros animais, de que se falou no século anterior. É tão factível que o homem viva absolutamente apartado da natureza, de que nos estamos distanciando sempre mais, quanto uma árvore cortada pela raiz florescer e frutificar. Sonhos e visões. Para voltarmos a discutir daqui a cem anos. Não temos ainda exemplo, nas eras passadas, dos progressos de um processo civilizatório desmesurado e de uma degeneração sem limites. Mas se não voltarmos atrás, nossos descendentes deixarão a seus pósteros esse exemplo, se é que haverá pósteros.

(18-20 de agosto de 1820)

O estado de desespero resignado, que constitui o último passo do homem sensível e o sepultamento final de sua sensibilidade, de seus prazeres e de seus padecimentos, é tão fatal para a sensibilidade e a poesia (em todos os sentidos e extensão desse termo) que, conquanto a desventura e o sentimento momentâneos pareçam e constituam (excluindo-se o referido estado) o que há de mais mortífero para a poesia (não só a desventura momentânea, mas também a usual, que avilta miseravelmente a imaginação, o sentimento, o espírito), pode ocorrer que uma nova e pungente desventura provoque no homem alguma sensibilidade; esse estádio é o mais conveniente que se possa esperar para a eficácia dos conceitos, para o poético, para a eloqüência dos pensamentos, para os territórios da imaginação e do coração, tornados infecundos. Nesse caso, a nova dor é como um botão de fogo que restitui alguma sensibilidade, algum traço de vida aos corpos embrutecidos. O coração dá sinal de vida, revigora-se, por um momento, pois que a propriedade e o apoético

do desespero resignado consistem precisamente em não sentir nem vislumbrar nem mesmo a dor.

Mas esses efeitos miseravelmente poéticos, miseravelmente (e também languidamente) vivos são passageiros, antes, momentâneos, porquanto o homem, malgrado a grandeza da nova desventura, depressa recai no letárgico estado de resignação. Portanto, é-lhe necessário poetar precisamente no momento em que lhe sobrevém a desventura; ou seja, ele não é e não se sente poeta e eloqüente senão naquele ato (contrariamente ao que ocorre em todos os outros casos); temperando o sentido presente da desventura com o hábito constante de tolerar e de sufocar, adormecer, convulsionar a dor, de modo que dessas duas qualidades, afeições ou disposições configura-se um estado suficientemente adequado às emoções sentimentais e à poesia, etc.

Uma causa insólita de alegria também produziria, e muito melhor, efeitos semelhantes e mais genuinamente poéticos, mais eloqüentes, etc.

(24 de novembro de 1821)

O suicídio é contrário à natureza. Mas nós vivemos segundo a natureza? Não a temos inteiramente abandonado para seguir a razão? Não somos animais racionais, isto é, diversíssimos dos instintivos? A razão não nos mostra claramente a vantagem da morte? Desejaríamos a morte se não conhecêssemos outro estímulo, outro mestre na vida que não fosse a natureza e se estivéssemos ainda, como já estivemos, no estado natural? Se podemos viver contrariamente à natureza, por que não em relação à morte? se a primeira opção é racional, por que não a segunda? se a razão nos há de ser mestra na vida, se há de determiná-la, governá-la, dominá-la, por que não há de sê-lo, e fazer o mesmo em relação à morte? Determinamos o bem e o mal de nossas ações por meio da natureza? não, mas por meio da razão. Por que todas as outras ações se subordinam à razão e somente esta à natureza?

Não há o que dizer. A condição atual do homem, que o obriga a viver, pensar e agir conforme a razão e não lhe permite suicidar-se é contraditória. Ou o suicídio não é contrário à moral, ainda que contrário à natureza, ou nossa vida, sendo contrária à natureza, é contrária à moral. Nem um, nem outro.

Sucede ao suicídio o mesmo que à Medicina. Esta não é natural. Extrair sangue, tantos medicamentos venenosos, tantas operações dolorosas, etc são realidades desconhecidas dos povos naturais, assim como são contrárias à natureza. Mas, a partir do momento em que o estado físico do homem se vem afastando demasiadamente do natural, é conveniente e necessária a existência de uma arte e de meios não naturais, com o fim de remediar os incômodos de um tal estado (ver Celso, *Sull' origine della medicina*).

Ou seja: extrair sangue é contrário à natureza. Mas se o inconveniente que o exige constitui acidente cuja culpa ou responsabilidade não se atribua à ordem natural, o remédio é conveniente, posto que não natural, mas por acidente.

Ora, da mesma maneira que esse grande acidente, que contra a ordem natural tem modificado a condição do homem, aquele acidente cuja culpa não se atribui à natureza ou que não poderia ser previsto ou remediado, mas que contrariamente à ordem natural nos faz desejar a morte, torna conveniente o suicídio, por mais contrário à natureza que seja.

Não há então por que a religião deva condenar o suicídio. O ser contrário à natureza, dada a condição atual do homem, não é prova nenhuma de que ele não seja lícito.

Que belo e ledo estado deve ser, portanto, aquele que torna lícito e exige o que há de mais contrário à essência de qualquer coisa, o mais contrário à existência e a seus princípios, aquilo que posto em ação destruiria tudo o que vive e subverteria a ordem de tudo o que depende dele ou que tem relação com ele!

De tudo isso percebe-se que o progresso da razão tende essencialmente não só a tornar infeliz, mas a destruir a espécie humana, os seres vivos ou seres capazes de pensar e a ordem natural. Não há por que a religião (bem mais favorecida e justificada pela natureza que pela razão) deva suster o mistério e o edifício vacilante da vida humana atual e intervir com o fim de ajustar da melhor forma possível esses dois elementos incompatíveis e irreconciliáveis do complexo humano, razão e natureza, existência e nulidade, vida e morte.

(23 de outubro de 1821)

Encontrava-me terrivelmente entediado e possuído de grandíssimo desejo de suicidar-me, mas senti não sei que indício do mal que me fez temer no momento em que eu desejava morrer e imediatamente tornei-me apreensivo e ansioso diante daquele temor. Jamais senti com maior força a absoluta discordância dos elementos que compõem a condição humana atual, forçada a temer por sua vida e procurar, de todas as formas, conservá-la, precisamente quando lhe é mais grave e estaria mais disposto a privar-se de sua vontade (mas não obrigatoriamente por outras causas). E observa como é certo e evidente que (se não quisermos supor a natureza tão sábia e coerente em todo o resto, pois que a analogia é um dos fundamentos da filosofia moderna, como também de nosso próprio conhecimento e discurso, absolutamente louca e contraditória em sua principal obra) o homem não deveria de forma alguma dar fé de sua infelicidade absoluta e necessária, mas somente das incidentais (como as crianças e os animais): fazê-lo é contrário à natureza, repugna a

seus princípios constituintes, também comuns a todos os outros seres (que é como dizer o amor pela vida) e perturba a ordem das coisas (pois que de fato impele ao suicídio, o que há de mais contrário à natureza que se possa imaginar).

A natureza não permite o suicídio. Que natureza? Essa nossa atual? Somos de uma natureza inteiramente diversa da que éramos. Comparemo-nos com as nações primitivas e vejamos se aqueles homens podem considerar-se de mesma espécie que nós. Comparemo-nos com nós mesmos, crianças, e teremos o mesmo resultado. O hábito é uma segunda natureza, sobretudo se é profundamente arraigado, antigo e adquirido desde tenra idade, como o hábito (formado por hábitos infinitos e diversíssimos) que nos faz ser absolutamente diversos dos primitivos, da natureza primeira do homem e da natureza geral dos seres terrestres. Basta dizer que desejando, com todo empenho, tornar ao estado natural, não poderíamos, nem quanto ao físico, que não o suportaria absolutamente, nem, supondo-se que se pudesse quanto ao físico e externamente, quanto à moral e internamente; o que vem a ser a mesma coisa, não mais sendo permitido ao homem partilhar da felicidade que lhe é naturalmente destinada, porquanto nosso interior, que é nossa parte principal, não pode tornar ao que era, por nenhuma razão ou arte. Portanto, qual o envolvimento, nessa questão de suicídio e em todas as coisas que nos concernem, da lei e da disposição de uma natureza que não só não é nossa, mas se o desejássemos e buscássemos por todos os meios, não mais poderia ser? A questão é, portanto, estabelecer a disposição e o desejo dessa segunda natureza, que é verdadeiramente nossa e atual. E esta, ao invés de opor-se ao suicídio, não faz senão aconselhá-lo e desejá-lo ardentemente, porquanto também ela odeia sobretudo a infelicidade e não pode furtar-se a ela senão com a morte; demais, não tolera que a procrastinação da morte lhe prolongue os padecimentos. Portanto, nossa verdadeira natureza, que em nada se relaciona à dos homens do tempo de Adão, permite, antes, exige o suicídio. Se nossa natureza fosse ainda a primeira natureza humana, não seríamos infelizes, e isto, inevitável e irremediavelmente; e não desejaríamos, antes, aborreceríamos a morte.

(29 de abril de 1822)

Nossa natureza atual é, *grosso modo,* a razão. Que também odeia a infelicidade. E não há raciocínio humano que não se persuada do suicídio, isto é, antes não ser que ser infeliz. E nós seguimos a razão em todas as outras coisas e cremos faltar ao dever de homem agindo de outra forma.

Sobre o suicídio. Segundo os filósofos e teólogos, é absurdo que se possa e se deva viver contrariamente à natureza e não se possa morrer contrariamente à natureza. E que seja lícito ser infeliz, contrariamente à natureza (que não fizera o homem infeliz), mas não seja lícito libertar-se da infelicidade de uma forma contrária à natureza, sendo essa a única possibilidade, após nos termos refugiado tão distantes da natureza, e irreparavelmente.

(23 de junho de 1822)

O homem jamais adverte precisamente o ponto em que adormece, por mais que deseje procurá-lo. O sono não é o fim da vida, mas é seguramente uma interrupção e quase que uma imagem desse fim, e se o homem não alcança perceber o ponto em que suas faculdades vitais permanecem como suspensas, muito menos quando são destruídas. Decerto poder-se-á dizer ainda que o adormecer não é um ponto, mas um espaço progressivo mais ou menos breve, um pouco a pouco mais ou menos rápido; dir-se-á o mesmo da morte. Demais, é certo que os momentos imediatamente anteriores ao sono, como o ponto e o espaço do adormecimento definitivo, conquanto imperceptíveis, sejam agradáveis. Mesmo quando a razão do sono, como o langor, o tormento, a enfermidade, a simples fraqueza não sejam agradáveis, mas o inverso e, portanto, os momentos mais distantes do sono sejam penosos. E, aliás, mesmo a letargia proveniente de enfermidade é agradável. Já fiz notar que o torpor é agradável em pensamentos anteriores, quando da teoria do prazer, indicando-lhe a razão. Creio que a respeito de tal princípio o napolitano Cirilo tenha declarado que a morte possui um não-sei-quê de agradável. Estou inteiramente com ele e não duvido que o homem (como qualquer animal) experimente certo conforto e prazer equivalente na morte. Não que suas razões e, portanto, os momentos mais distantes dela sejam agradáveis, mas os momentos imediatamente anteriores a ela e aquele mesmo ponto ou espaço imperceptível ou insensível em que ela consiste. E isto, em qualquer enfermidade, mesmo nas agudíssimas, a respeito das quais Buffon parece concordar que a morte possa ser dolorosa. Antes, o torpor da morte deve ser tão mais agradável quanto maiores as penas que lhe são anteriores e de que ele, por conseqüência, nos liberta. Quanto às enfermidades que levam pouco a pouco a vida do homem e com plena consciência até o fim, é certo que não há momento tão imediatamente próximo da morte em que o homem, mesmo o menos sonhador, não espere ao menos por uma hora de vida, como se diz dos velhos, etc. Nesse sentido, a morte jamais se avizinha grandemente do pensamento do moribundo, pela usual misericórdia da natureza. Portanto, o torpor da morte deve ser, geralmente e sempre, mais grato

que o do sono, por suceder a tormento muito maior. O sono não é jamais penoso, mesmo se motivado por penas, por angústias vivas, como no caso de febre ardente, etc. Encontrando-me, com bastante freqüência, diante de graves tormentos morais ou corporais, desejei não apenas o repouso; mas minha alma, sem fadiga e sem heroísmo, comprazia-se naturalmente com a idéia de uma insensibilidade ilimitada e perpétua, de um repouso, de uma contínua inação da alma e do corpo; o que minha natureza desejava naqueles momentos era chamado pela razão de morte, e não me amedrontava absolutamente. E muitíssimos enfermos que não são heróis nem corajosos, mas timidíssimos, têm desejado a morte diante de grandes dores e conhecem repouso nessa idéia, que seria mais altiva se a idéia da morte não se fizesse acompanhar por temores do futuro e por diversas outras coisas estranhas e de outra espécie. De resto, ser-me-ia sobremodo agradável que o repouso que então desejava fosse perpétuo, de modo que, ao despertar, não tivesse que retomar os mesmos tormentos de que estava tão fatigado.

Se a morte e o sono são um ponto ou um espaço, não se procede à investigação dos momentos em que o homem conserva ainda certo conhecimento de si mesmo, que se vai pouco a pouco esgarçando, pois que não se duvida que este não constitua um espaço progressivo, mas relativo ao tempo não sensível, nem concebível ou memorável; que parece ser instantâneo, pois que a passagem do conhecer ao não conhecer, do ser ao não-ser, do que já é mínimo ao nada não admite gradação, mas ocorre de salto e instantaneamente.

Já se observou que não só as próprias mortes provocadas por males dolorosíssimos costumam ser precedidas por uma diminuição da dor, antes, por uma insensibilidade quase que total, mas que estes são sinais certos e quase que infalíveis (creio que certamente infalíveis) de morte próxima. Pelo que a morte está tão longe de ser um ponto de extraordinária pena, dor ou incômodo corporal que, contrariamente, os próprios tormentos que a provocam, por mais veementes que sejam (e quanto mais veementes), cessam inteiramente à aproximação da morte; o momento da morte e os que a precedem são de completo repouso e refrigério, tanto mais pleno e profundo quanto maiores as penas que o conduzem àquele passo. O que digo dos tormentos corporais deve-se necessariamente estender aos espirituais, porque, quando a insensibilidade do paciente chega ao ponto de fazê-lo indiferente a qualquer dor corporal, por mais fortes que sejam as razões que a produzem, o que infalivelmente ocorre próximo à morte, torna-se claro que a alma, separada dos sentimentos, também se encontra separada de si mesma, dos sentimentos

espirituais, que não agem senão por meios corporais e, portanto, incapaz de males e tormentos da mente. Com efeito, a proximidade da morte é sempre precedida pela perda da palavra e por uma total insensibilidade e incapacidade de esperar e conceber, como se deduz pelos sinais exteriores e como ocorre a quem perde os sentidos ou a quem dorme, etc. Essa letargia, precursora infalível da morte, talvez seja, ao menos em muitos casos, mais longa nas enfermidades violentas e agudas do que nas vagarosas, por uma compaixão da natureza pelos males dos mortais, removendo-lhes sabiamente a capacidade de sentir, quando ela não seria mais que capacidade de sofrer.

(28 de novembro de 1821)

Hoje em dia, nossa condição é pior que a dos seres irracionais, nesse sentido. Seguramente nenhum ser bruto deseja o fim de sua vida; nenhum, por mais infeliz que possa ser, pensa fugir à infelicidade por meio da morte ou teria coragem de buscá-la. A natureza, que conserva nesses seres toda a sua força primitiva, mantém-nos bastante afastados de tudo isso. Mas se a algum desses fosse dado desejar a morte, nada lhe impediria o desejo. Nós somos absolutamente alheios à natureza e, portanto, infelicíssimos. Nós desejamos a morte com bastante freqüência, ardentemente, como único, evidente e possível remédio para nossas infelicidades, de forma que a desejamos com freqüência, e plenos de razão, e somos constrangidos a desejá-la e a considerá-la como o bem supremo. Ora, se as coisas estão assim, e se nós estamos reduzidos a essa condição, e não por erro, mas por força da verdade, que miséria maior nos poderia sobrevir que sermos impedidos de morrer e de alcançar aquele bem que, mesmo sendo supremo, está em nossas mãos; impedidos, digo, pela Religião, ou pela incerteza inexpugnável, invencível, inexorável, inevitável de nossa origem, destino, propósito final e do que nos possa esperar após a morte? Sei perfeitamente que a natureza repugna o suicídio com todas as suas forças, sei que isto fere todas as suas leis mais gravemente que qualquer outra culpa humana; mas desde que a natureza se transformou completamente, desde que nossa vida cessou de ser natural, desde que a felicidade, que a natureza nos destinara, se perdeu para sempre, e nós nos tornamos irremediavelmente infelizes, desde que o desejo da morte que, de acordo com a natureza, não deveríamos nem mesmo conceber, a despeito da natureza e por força da razão, se apossou de nós, por que essa mesma razão nos impede de satisfazê-lo e de reparar, da única maneira possível, os danos que ela mesma nos provocou, e sozinha? Se nossa condição se alterou, se as leis estabelecidas pela natureza não têm mais poder sobre nós, por que deveríamos segui-las naquilo que nos prejudicam, e nimiamente, se não as seguimos no que nos poderiam favorecer e obse-

quiar? Por que depois que a razão combateu e derrotou a natureza para nos fazer infelizes, estreitou com ela aliança para trazer-nos ao ápice da infelicidade, impedindo-nos de conduzi-la àquele fim que está em nossas mãos? Por que a razão se afina com a natureza apenas nesse ponto, que constitui o extremo de nossas desgraças? A repugnância natural à morte é quase que inexistente nos que são extremamente infelizes. Por que então devem abster-se da morte por obediência à natureza? O fato é este. Se a Religião não é verdadeira, se ela não é senão uma idéia concebida por nossa mísera razão, esta é a mais bárbara idéia que possa ter surgido na mente do homem: é o parto monstruoso da razão, o mais impiedoso; é o auge dos danos dessa nossa inimiga capital, digo, a razão, que, tendo erradicado de nossa mente a imaginação e todas as ilusões de nosso coração, que nos teriam feito e nos faziam felizes, conserva esta única, esta que jamais poderá erradicar, senão por meio da dúvida absoluta (que é a mesma coisa e logicamente há de produzir na vida humana os mesmos efeitos que a certeza), esta única que traz ao ápice o desespero desesperado dos infelizes. Nossa desventura, nosso destino nos torna míseros, mas não nos impede, antes, deixa que nos encarreguemos de pôr termo à nossa própria miséria, quando o desejemos. A presença da religião nos impede de fazê-lo, e de forma inexorável, irremediável; uma vez que tal idéia surge em nossa mente, como nos poderemos certificar de que é falsa? e, à menor dúvida, como arriscar o infinito pelo finito? Não se pode comparar a antinomia que há entre a dúvida e a certeza com a que há entre infinito e finito, ainda que este seja certo e aquele, quanto queiramos, duvidoso. De modo que, assim como a infelicidade, por mais grave que seja, possa contudo ser medida sobretudo pela duração, sendo sempre pequeno aquilo que pode durar, desejando um único momento, e demais, servindo magnificamente para amenizar qualquer mal sabermos que está em nossas mãos esquivarmo-nos dele todas as vezes que desejarmos, podemos dizer, em última análise, que, hoje, a razão da infelicidade do homem mísero, mas não estúpido nem covarde é a presença da Religião e que esta, se não é verdadeira, é, ao fim e ao cabo, o maior flagelo do homem e o dano supremo que suas investigações malfadadas, observações, meditações ou seus preconceitos lhe ocasionaram.

(19 de março de 1821)

É possível que haja algo de vivo na *morte*? ou antes, que ela seja um não-sei-quê de vivo por sua própria natureza? como então crer que a morte traga, e ela própria seja, e não possa não trazer uma dor vivíssima? Quando todos os sentimentos vitais e unicamente capazes de dor ou de prazer são não somente entorpecidos, como ocorre no sono ou na asfixia, etc (nesses casos as punções e os botões de fogo, etc não provocam dor ou

a provocam mais suave que o ordinário, na medida do entorpecimento, da indolência do sono, por exemplo, que pode ser menor ou maior, assim como é extrema nos bêbados), mas os menos vitais, os menos suscetíveis e vivos que se possam imaginar, sendo este o ponto em que se extinguem para sempre e deixam de ser sentimentos. O ponto em que a capacidade de sentir dor se extingue inteiramente deverá ser um ponto de extrema dor? Antes, nem mesmo pode ser um ponto de dor, não sendo possível conceber a idéia de dor senão como algo vivo, e o vivo é inseparável da dor, sendo esta uma irritação, um *aigrissement* dos sentidos, que *recobram as forças*, coisa de que não são capazes no ponto em que, ao invés de *recobrarem-se, divergem* para sempre. Nesse sentido, não se deve nem mesmo crer que o prazer físico, que afirmo existir na morte, seja um prazer vivo, mas fragílimo. O prazer, diversamente da dor, age languidamente sobre os sentidos; antes, observai que o prazer físico consiste, em sua maior parte, em alguma espécie de langor, e o langor dos sentidos é por si só um prazer. Portanto, mesmo que extintos, os sentimentos são capazes de manifestá-lo e por isso mesmo extinguem-se.

(16 de julho de 1822)

"*Les habitants du Midi craignant beaucoup la mort, l'on s' étonne d'y trouver des institutions qui la rappellent à ce point; mais il est dans la nature d'aimer à se livrer à l'idée même de ce que l'on redoute. Il y a comme un enivrement de tristesse qui fait à l'âme le bien de la remplir tout entière.*" *Corinne*, l. 10, ch. I, t. II. A esse propósito, pode-se observar aquele desejo indistinto, mas verdadeiro, que experimentamos, tendo em mãos, por exemplo, algo fétido, de sentir-lhe furtivamente o odor. Assim, se te encontrares em local onde se faça justiça, sentirás repulsa por aquela execução, mas garanto que não te poderás conter de levantar os olhos e contemplá-la à socapa, e imediatamente apontá-los em outra direção. Ver, a esse propósito, passagem notável de Platão, *Opere*, ed. Astii, t. IV, p. 236, linhas 8-16. E assim, a respeito de todas as coisas que nos provoquem repulsa; assim, se correste perigo que te amedronte, aperta-te o coração ao relembrá-lo e não consegues afastar o pensamento daquele momento, daquele caso, daquela proximidade da morte, etc, não consegues nem mesmo bani-lo, mas torna-se necessário que entre o querer e o não querer se permita uma olhadela. Semelhantemente, se te confrontas com pensamento que te aflige, ou lembrança de algo que te faça envergonhar-te de ti mesmo, etc. A razão desse efeito não é certamente a embriaguez de que fala M^{me} de Staël, nem mesmo a curiosidade, como poderá perceber quem a considerar mais de perto. Direi antes que o desconhecido nos inspira maior dor que o conhecido e como aquele objeto nos amedronta, arrepia, entristece, não sabemos deixá-lo ileso, e ainda tomados de re-

pulsa, somos tentados a espreitá-lo de forma a conhecer-lhe algo. Talvez provenha mesmo, e creio nisso, do amor pelo extraordinário e do ódio natural pela monotonia e pelo tédio, ingênitos a todos os homens; oferecendo-se objeto que rompa essa monotonia e saia da ordem comum, conquanto nos pareça ainda mais grave que o tédio, de que talvez mesmo, naquele momento, não demos fé ou não nos entre no pensamento, experimentamos certo prazer naquele alvoroço, naquela agitação que nos causa a vista furtiva daquele objeto. Tal explicação aproxima-se da de M^me^ de Staël, visto que o tédio não é senão o vazio da alma, preenchido, segundo ela, por esse pensamento e inteiramente ocupado por aquele ponto. Por fim, pode igualmente derivar, e creio que ao menos em parte derive, do próprio temor que sentimos daquele pensamento, pois em todas as coisas físicas e morais o desejo demasiado intenso e o temor do malogro desviam nossas ações de seu propósito; aplicar-se, por exemplo, a uma intervenção cirúrgica com demasiada disposição de ânimo e temor do fracasso, pode arruiná-la; nas letras e nas belas-artes, o buscar a simplicidade com demasiado empenho e medo de não encontrá-la faz com que ela se perca, etc.

No momento em que estava extremamente desgostoso em relação à vida e absolutamente desfeito de esperanças e, portanto, desejoso da morte, desesperando-me por não poder morrer, recebi carta daquele amigo que me havia sempre encorajado a esperar e exortado a viver, assegurando-me, como homem de suprema inteligência e grande fama, que eu me tornaria grande e glorioso na Itália, em cuja carta dizia que eu acolhesse gentilmente minhas desventuras (Piacenza, 18 de junho); que se Deus me mandava a morte, que eu a aceitasse como um bem e que Ele a desejava imediata para Ele e para mim, em vista do amor que me tinha. Creríeis que essa carta, ao invés de exilar-me ainda mais da vida, me afeiçoou ainda mais ao que eu abandonara? e que eu, pensando nas esperanças antigas e nos presságios que meu amigo me fizera, que então não parecia mais se preocupar em que se consumassem, nem da grandeza que me prometera, revendo casualmente meus papéis e estudos e recordando-me da infância, dos pensamentos, desejos, belas visões e ocupações da adolescência, apertava-se-me o coração, de maneira que não sabia mais renunciar à esperança, e a morte me amedrontava? não mais como morte, mas como aniquiladora de toda a bela expectativa passada. No entanto, aquela carta não me dissera nada do que eu mesmo não me dissera todos os dias e estava inteiramente afinada com minhas próprias idéias. Para esse efeito, atribuo as seguintes razões: 1 – Que as coisas que parecem toleráveis a distância mudam de aspecto se próximas. Aquela carta e aquele prenúncio provocavam-me uma espécie de superstição, como se as coisas se estreitassem e a

morte realmente se aproximasse; aquela que a distância me parecera facílima de suportar, antes, a única coisa desejável, próxima pareceu-me dolorosíssima e formidável. 2 – Eu considerava heróico aquele desejo de morte. Sabia perfeitamente que de fato não me restava nada mais, porém comprazia-me no pensamento da morte, como se fora uma quimera. Tinha como certo que meus pouquíssimos amigos, esses mesmos, e sobretudo aquele, quisessem ver-me com vida e não consentissem com meu desespero, e se eu morresse, ficariam surpresos, abatidos e teriam dito: "Então tudo se acabou? Oh, Deus, tantas esperanças, tanta grandeza de espírito, tanto engenho sem nem um único fruto! Nem glória, nem prazeres, tudo passou como se jamais tivesse existido." Mas ao pensamento de que pudessem dizer: "Graças a Deus, cessaram-lhe os padecimentos, estou feliz por ele, que não lhe restava outro bem: descanse em paz", esse fechar espontâneo do túmulo sobre mim, o consolo imediato e absoluto de meus caros à minha morte, conquanto racional, sufocava-me, como se me estivesse inteiramente aniquilando. A predição de tua morte por teus amigos, que os consola antecipadamente, é a coisa mais aterradora que possas imaginar. 3 – O estado, não de minha razão, que via a verdade, mas de minha imaginação era este. A necessidade e a vantagem da morte, que eram reais, produziam em mim o efeito de uma ilusão a que a imaginação se afeiçoa; a vantagem e as esperanças da vida, que eram ilusórias, permaneciam-me no fundo do coração como a realidade. Aquela carta de um amigo colocou as coisas às avessas. Em suma, a vida, sem a imaginação, é um tormento, e a desventura mais extrema torna-se ainda mais tremenda e assemelha-se a um verdadeiro inferno quando não tens aquela sombra de ilusão que a natureza costuma legar-nos. Se uma calamidade irreparável se abate sobre ti, e quando em qualquer circunstância aflitiva te ocorre conferenciar com um amigo, e isso vem confirmar inteiramente o que tua razão via demasiado claramente, te é arrebatado todo resíduo de esperança e parecendo então certificar-te da totalidade e irreparabilidade de teu mal, abandona-te ao completo desespero.

Aprende por essas considerações como deves proceder ao consolar uma pessoa aflita. Não te deves mostrar incrédulo de seu mal, se verdadeiro. Não a convencerias, além de esmorecê-la ainda mais, privando-a da compaixão. Ela conhece perfeitamente seu próprio mal e tu, ao confessá-lo, concordarias com ela. Mas resta-lhe, no fundo do coração, uma gota de ilusão. Tem como certo que os mais desesperados conservam-na, por benevolência contínua da natureza. Priva-te de enfastiá-la e prefere antes pecar em suavizar-lhe o mal e mostrar-te pouco compassivo a certificá-la de algo em que sua imaginação crê, contrariando a razão. Se ela exagera as dimensões de seu mal, convence-te de que nos recessos do coração ela faz o inverso, digo recessos, isto é, uma porção oculta até

mesmo para ela. Deves concordar, não com suas palavras, mas com seu coração e, fazendo-o, oferecerás um pouco de realidade àquela sombra de ilusão que lhe resta, de forma que, no caso contrário, dar-lhe-ás um golpe extremo e mortal. A solidão e o deserto tê-la-iam consolado melhor, porquanto contariam com a natureza, sempre dedicada a deleitar ou a consolar. Falo das calamidades gravíssimas e reais que levam à desesperança da vida, não das suaves, que se deseja antes sejam acreditadas com o exagero, nem das oriundas das grandes ilusões e paixões, quando o homem talvez busque e deseje o desespero e fuja ao conforto.

(26 de junho de 1820)

Os antigos supunham que os mortos não tivessem outros pensamentos além dos negócios desta vida, e a lembrança das próprias ações os ocupasse continuamente, e se entristecessem ou se alegrassem conforme tivessem gozado ou padecido aqui na Terra, de maneira que, segundo eles, esse mundo seria a pátria dos homens, e a outra vida, um exílio, ao contrário dos cristãos.

(8 de junho de 1820)

Le plus grand des malheurs est de naître, le plus grand des bonheurs, de mourir (SÓFOCLES, Oedip. Colon., v. 1.289; BACCHYL et alii, ap. Stob., serm. 96, p. 530, 531; CÍCERO, Tusc., l.I, c. 48, t. II, p. 273). La vie, disoit Pindare, n'est que le rêve d'une ombre (Pyth., VIII, v. 136); image sublime, et qui d'un seul trait peint tout le néant de l'homme. Même ouvrage ch. 28, p. 137, t. III.

(10 de fevereiro de 1823)

Que os antigos não depositassem a consolação, mesmo da morte, senão na vida (de que falei anteriormente) e julgassem a morte uma desventura, precisamente por ser uma privação da vida, e o morto fosse ávido de vida e de ação e tomasse parte maior, ao menos com o desejo e com o interesse, nas coisas deste mundo do que nas daquele onde julgavam que habitasse e houvesse de habitar eternamente e do qual julgavam que tivesse tornado para sempre membro, pode-se percebê-lo ainda, através do costume antiqüíssimo de honrar as exéquias e os aniversários de um morto com os jogos fúnebres. Esses jogos eram as mais vibrantes, mais fortes, mais enérgicas, mais solenes, mais juvenis, mais vigorosas, mais palpitantes obras que se pudessem fazer. Como se quisessem entreter o morto com o espetáculo mais enérgico da mais enérgica, florida e buliçosa vida e cressem que como ele não pudesse mais tomar parte ativa nesta vida, se alegrasse e desentediasse em contemplar nos outros seus efeitos e exercício.

(11 de julho de 1823)

É possível que a matéria se ressinta, se compadeça e se desespere de sua própria nulidade? E esse sentimento certo e profundo (mormente nas grandes almas) da frivolidade e insuficiência de todas as coisas, determinado pelos sentidos, sentimento que não se refere unicamente ao raciocínio, mas que é verdadeiro e, por assim dizer, sensibilíssimo e dolorosíssimo, como não há de ser uma prova material que aquela essência que o forma e o põe em prática pertence a outra natureza? Pois, se o sentimento da nulidade de todas as coisas sensíveis e materiais supõe em essência uma faculdade de sentir e compreender objetos de natureza diversa e contrária, como essa faculdade poderá existir na matéria? Note-se que não falo aqui de coisa que se conceba com a razão, porque *a razão é,* de fato, *a faculdade mais essencialmente material que há em nós,* e poder-se-iam, de certa forma, atribuir igualmente à matéria suas operações materialíssimas e matemáticas, mas falo de um sentimento ingênito e próprio de nosso espírito, que nos faz perceber a nulidade das coisas independentemente da razão e presumo, portanto, que essa prova tenha mais força, manifestando, em parte, a natureza desse espírito. *A natureza não é material como a razão.*

A dor ou o desespero oriundos das grandes paixões e ilusões ou de alguma grande desventura não se pode comparar à opressão oriunda da certeza e do sentimento vivo da nulidade de todas as coisas, da impossibilidade de ser feliz neste mundo e do imenso vazio que existe na alma. As desventuras, imaginárias ou reais, poderão igualmente induzir o desejo da morte ou mesmo provocá-la, mas essa dor refere-se mais estreitamente à vida, ou antes, é plena de vida, mormente se provém da imaginação ou paixão, mas essa outra dor a que me refiro tem o sabor da morte; a própria morte causada *diretamente* pelas desventuras é algo mais vivo, enquanto essa outra é mais sepulcral, sem ação, sem movimento, sem calor e quase que sem dor, mas acompanhada por uma opressão desmedida e por uma aflição semelhante à oriunda do medo de espectros na infância ou do pensamento do inferno. Essa condição da alma é produto de profundas desventuras reais, de uma grande alma absolutamente despojada das ilusões que a povoavam e de uma vida tão evidentemente nula e monótona que torna sensível e palpável a frivolidade das coisas, porque, sem isso, a grande variedade de ilusões que a misericordiosa natureza nos oferece todos os dias impede essa evidência fatal e sensível. Portanto, não obstante essa condição da alma seja racionalíssima, ou antes, a única racional, é absolutamente contrária, ou antes, é a mais diretamente contrária à natureza; não se conhecem senão uns poucos que a experimentaram, como Tasso.

Em suma, o princípio das coisas e do próprio Deus é o nada, visto que nenhuma coisa é absolutamente necessária, isto é, não há razão absoluta para que ela não possa não ser, ou não seja dessa maneira, etc. Todas as coisas são possíveis, isto é, não há razão absoluta para que uma coisa qualquer não possa ser, ou não seja dessa ou daquela maneira, etc. Não há divergência absoluta entre todas as possibilidades nem diferença absoluta entre todas as excelências e perfeições possíveis.

É como dizer que não existe um princípio único e universal das coisas, e que jamais existiu, ou se existe, ou existiu não podemos absolutamente conhecer, visto que não temos ou não podemos ter dados mínimos para julgar as coisas anteriores às coisas e conhecê-las além do fato real. Nós, pelo erro natural de crer absoluta a verdade, cremos conhecer esse princípio, atribuindo-lhe tudo o que julgamos perfeição, em altíssimo grau, e a necessidade, não somente de ser, mas de ser daquela maneira que julgamos absolutamente perfeita. Mas essas perfeições são tais apenas no sistema de coisas que conhecemos, isto é, em apenas um dos sistemas possíveis, antes, em algumas de suas partes apenas, em outras não, como tenho provado em outras passagens; portanto, não constituem perfeições absolutas, mas relativas, nem constituem perfeições por si mesmas e isoladamente consideradas, mas nos seres em que se apresentam e relativamente à sua natureza, propósito, etc; nem constituem perfeições maiores ou menores que qualquer outra e, portanto, não constituem a idéia de um ente absolutamente perfeito e superior em perfeição a todos os outros entes possíveis, mas podem também constituir perfeições e acaso o são, porém relativamente, etc. Mesmo a necessidade de ser, ou de ser de uma determinada maneira, e de ser, independentemente de qualquer razão, constitui perfeição relativa às nossas crenças, etc. Certo é que, destruídas as formas platônicas preexistentes às coisas, destruiu-se Deus.

(18 de julho de 1821)

FIM DE "PÁGINAS ESCOLHIDAS DO *ZIBALDONE*"

Correspondência

Tradução
Maurício Dias

1

A GIUSEPPE ACERBI

Recanati, 17 de novembro de 1816.

Prezadíssimo senhor.

Tendo sempre, como qualquer estudioso, não apenas apreciado, mas também amado por uma particular inclinação a *Biblioteca Italiana*, foi-me coisa muito grata receber a gentil carta do seu diretor. O artigo sobre Bellini foi escrito por mim num tempo em que não conhecia o autor das *Conversazioni d'Eliso*, as quais, como é conveniente em se tratando dos mortos, cheiram tanto a sepulcro e olvído, que bem vejo por que uma justa prudência lhe impediu a publicação. Louvei Vincenzo Monti porque, tendo-o visto louvado em alguns artigos da *Biblioteca Italiana*, como naquele de M^{me} de Staël ou na Carta a Bettoni sobre os Retratos dos Ilustres Italianos vivos, o considerara superior a qualquer inveja. Escrevi o outro artigo movido pela ira, não tanto pelas opiniões desta dama quanto pela miséria de seus inimigos. Mas já previa a grande cópia de semelhantes artigos, os quais oportunamente sugeriram a supressão de questões que aborreciam os indiferentes e não faziam jus à Itália. Por isso o senhor não pôde publicar nenhum dos meus artigos, muito mais por razões que o senhor não diz e que eu devo dizer, ou seja, que ambos eram indignos de figurar em sua preclaríssima *Biblioteca*. Agradeço-lhe o modo cordial com que me tratou e, se com os meus escritos puder dar um mínimo contributo ao seu jornal, embora esteja certo de não o poder fazer melhor senão calando, farei o possível para demonstrar-lhe sempre o meu extremo apreço.

Seu humilíssimo e obedientíssimo servo,

Giacomo Leopardi

2
A FRANCESCO CANCELLIERI

Recanati, 20 de dezembro de 1816.

Meu prezadíssimo senhor e amigo.

A mim também parecia improvável que a impressão de meu livro pudesse sair por apenas 7,20 escudos, e o simples fato de o sr. de Romanis não ter falado de papéis e outros em sua nota, ao contrário do que o senhor fizera ao dar-me a de Contedini, pusera-me em dúvida.

Eu havia enviado o meu opúsculo esperando que os custos com a publicação não superassem os doze escudos. Mas não convém que eu despenda a quantia solicitada por esses tipógrafos; entretanto, devo consentir que o meu livro retorne ao olvido e ali permaneça, se necessário para sempre. Peço-lhe, porém, que o faça chegar ao tio Antici, que terá meios de remetê-lo a mim.

Procurar outro tipógrafo seria de todo inútil. É necessário estar presente, caro sr. Cancellieri, e sem a presença não se faz nada. Em Milão publica-se o que se quiser por quem tem a sorte de lá estar, e tudo por conta dos Tipógrafos, e com certeza de êxito. Angelo Mai, ao longo de doze meses, escrevendo e estampando incansavelmente, publicou sete ou oito obras, uma após a outra, em soberbas brochuras da melhor Tipografia de Milão e da Itália, excetuando-se a de Boldoni, que talvez não a supere. Sei de um outro jovem, comumente desprezado pelos literatos e incapaz de afrontar uma grande obra, que publica continuamente e com o maior luxo, elevando cada vez mais o preço de suas coisas em vez de diminuí-lo. Em Milão, só as grandes obras são impressas por associações, as demais ficam a cargo e risco do autor: porém, facilmente se encontram associações, já que nestes últimos meses o Fiocchi (que segundo relatos pessoais é um homem desprezado por toda Milão), desejando publicar sua péssima tradução da *Ilíada*, e tendo o Sonzogno recusado a empreitada caso não estivesse coberto por uma associação, a coisa toda se resolveu em um segundo, e a obra já saiu com a maior elegância. Todos publicam, e somente nós, miseráveis, não conseguimos publicar nada. Quando elaboramos e escrevemos uma obra, é como se não houvéssemos feito nada. Deve-se padecer anos inteiros e depois lançá-la ao fogo. Faz oito meses que enviei a Milão duas obras longas a um tipógrafo que prometera editá-las por sua conta. Sei que as recebeu e que as mantém em sua mesa, mas é só, e estou para dizer-lhe que o frio me obriga a retomá-las para servirem à lareira doméstica.

O *Spettatore* publicou não apenas um *Idillio* de Mosco traduzido por mim, mas a tradução completa das suas poesias, bem como da *Batracomiomachia*, acrescidas de dois longos discursos preliminares e mais um

artigo anônimo; mas o descrédito em que caiu aquele jornal, hoje péssimo, dirigido por um dos literatos mais mesquinhos de Milão, sem juízo e sem critério, faz que tudo o que ali apareça caia no esquecimento um dia depois. No entanto, podendo inserir nele o que quiser, não mando para lá senão as coisas que menos me interessam, preferindo que as outras continuem inéditas a serem estropiadas.

Desejo-lhe infinitos e sinceríssimos votos de boas-festas, inclusive por parte daqueles aos quais o senhor teve a satisfação de saudar através de mim. Tio Antici pede que lhe escreva dizendo que espera em breve poder obsequiá-lo pessoalmente.

Agradecendo-lhe de novo interminavelmente pela grande bondade que teve comigo, rogo-lhe lembrar-se do peso que me foi imposto pelos seus favores e declaro-me seu devotíssimo servidor,

Giacomo Leopardi

3
A ANGELO MAI

Recanati, 21 de fevereiro de 1817.

Prezadíssimo senhor.

Eu seria um louco se, tendo a sorte de conhecer no ano passado o seu caráter e sua cortesia, não procurasse meios de prolongar os efeitos desta ventura. O meu *Frontone*, indigno de vir à luz, retorna às minhas mãos e doravante estará em sombras eternas. Outros podem dizer que aquele árduo trabalho foi em vão, mas não considero inútil um livro que me tornou conhecido a Mai. A obrinha que receberá de minha parte através do sr. Stella deu-me ocasião de reescrever-lhe. Não espero que a leia, pois seria exorbitar-lhe o valor, mas que a conserve na memória como uma boa lembrança do seu devotíssimo e obedientíssimo servidor,

Giacomo Leopardi

4
A VINCENZO MONTI

Recanati, 21 de fevereiro de 1817.

Prezadíssimo sr. cavalheiro.

Se um pobre homem incorre em culpa ao escrever gratuitamente a grande literato, sou culpabilíssimo, pois que a nós convêm os superlativos das

duas qualidades. Não posso alegar como desculpa senão a incontrolável vontade de apresentar-me a meu príncipe (pois que de fato sou seu súdito, tal como qualquer outro amante das letras), e o escrever a um rei não causaria o frêmito que provo ao escrever-lhe. Receberá de minha parte, pelo sr. Stella, a tradução que fiz do segundo livro da *Eneida*, um dom misérrimo, aliás, nem isto, objeto de riso ao primeiro tradutor da *Ilíada* na Europa e grande êmulo do grande Annibal Caro. E o senhor rirá, e seu riso será de compaixão, e sua compaixão ser-me-á mais grata e honrosa do que a inveja de mil outros. Não lhe peço que leia meu livro, mas que o não recuse; e, aceitando-o, demonstre-me que o senhor não ficou ofendido pela minha ousadia, com o que me livrará de enorme ansiedade. Ser-lhe-ei muitíssimo grato e, considerando-me seu devedor, buscarei meios de mostrar-me sinceramente seu humilíssimo, devotíssimo servidor,

Giacomo Leopardi

5
A PIETRO GIORDANI

Recanati, 21 de fevereiro de 1817.

Prezadíssimo senhor.

Odiando firmemente o medíocre em literatura (mas não a mim mesmo, que sou ínfimo), bem sei que na Itália há apenas dois ou três mais a quem eu poderia dirigir-me, caso não me dirigisse ao senhor. Há muito tempo pretendo fazê-lo, mas nunca o ousei, e ora escrevo-lhe temeroso, aproveitando a ocasião em que lhe faço chegar meu livro por intermédio do sr. Stella. Antes de tudo, peço-lhe calorosamente que me perdoe a audácia de escrever-lhe sem ser interpelado, acrescentando ainda a isto o fardo de um livro; não queira punir-me com sua ofensa. O próprio livro, mostrando-lhe minha miséria, me punirá. Não permita Deus que eu espere seu juízo sobre ele. Digo-lhe sinceramente o que o senhor deverá saber através de muitos, ou seja, que o parecer de outros vinte literatos sobre qualquer obra não tem para mim nenhum valor enquanto não tiver ouvido o seu. Não sou tolo o bastante para ignorar que uma repreensão sua vale bem mais que o louvor de uma centena; mas mesmo para repreender é necessário ler, e a leitura de mil versos maus é suplício intolerável a um autêntico literato. Se for de seu agrado não recusar minha pobre oferta, poderei algum dia, recordando, orgulhar-me ao dizer que um livro meu foi aceito pelo senhor. E caso seja lícito pedir-lhe outro obséquio, suplico-lhe, caríssimo senhor, que não desdenhe a eterna solicitude do seu humilíssimo e devotíssimo servidor,

Giacomo Leopardi

6
A Pietro Giordani

Recanati, 21 de março de 1817.

Caríssimo e prezadíssimo senhor.

Que eu veja e leia um autógrafo de Giordani, que ele me escreva, que doravante eu possa aspirar a tê-lo como mestre são coisas em que mal posso crer. O senhor ficaria maravilhado com isso se soubesse por quanto tempo e com quanto amor fantasiei sobre esta idéia, porque as coisas muito desejadas parecem impossíveis quando estão presentes. Quero que o senhor dê fé a tudo o que eu lhe escrever a partir de agora, mesmo às menores frases, porque todas, prometo-lhe, sairão do coração. Quero isto: quanto ao resto, devo suplicar. Minha primeira carta foi mais motivada pelo respeito do que pelo afeto, porque este, grato e honroso entre iguais, é amiúde ofensivo com superiores. Agora que o senhor com duas cartas gentilíssimas me dá licença, esteja certo de que lhe falarei com todo afeto. E o senhor bem percebe que a causa deste afeto advém de sua excelência nos estudos que venero. Do senhor não ouvi falar senão através de seus escritos, porque aqui onde estou não há vivalma que fale de Literatos. Mas não sei como se possam admirar as virtudes de alguém, especialmente se são altas e insignes, sem que se crie afeto à pessoa. Quando leio Virgílio, encanto-me dele; e quando leio os grandes modernos, sinto maior fervor ainda. Os quais o senhor perfeitamente diz que são pouquíssimos, e mais intenso é o afeto dividido entre apenas três ou quatro. O senhor, que sabe qual é a raridade e o preço de um grande homem, não se espantará com o que escrevo a Monti e a Mai, nem pensará que eu não sinta o que escrevo, ou que quisesse humilhar-me e anular-me diante deles, se não acreditasse firmemente que devesse fazê-lo: e decerto, ao fazê-lo, sinto o prazer que o homem naturalmente sente ao cumprir seu débito. Não sei dizer-lhe com que necessidade, nauseado e abatido pela mediocridade que nos assedia e afoga após a leitura dos jornais e de outras garatujas modernas (visto que não leio as velhas, advertido de sua pequenez pelo silêncio da fama), e quase achando que as letras não dêem mais coisas belas, eu me dirija aos Clássicos de outros tempos, bem como ao senhor e aos seus grandes amigos de hoje, com os quais principalmente me consolo e me reforço, vendo que ainda vive a verdadeira literatura. Quando, escrevendo ou relendo coisas que desejo publicar, encontro uma passagem que me agrada (e aqui lhe recordo a promessa feita de falar-lhe com sinceridade), pergunto-me, como é natural, o que dirão o Monti, o Giordani? Porque à opinião dos medianos não me atenho, nem apreciaria aquilo que outros louvassem e o senhor não aprovasse; ao contrário, o consideraria péssimo. E quando algo de que

gosto não agrada aos poucos a quem mostro, apelo à sua sentença, e à de seu amigo; a bem da verdade sou obstinado, e quase nunca ocorreu que alguém mudasse uma opinião minha em matéria de literatura. Freqüentemente me compadeço de Alfieri, cujo estilo trágico, nesses tempos de corrupção universal, parecia intolerável. Não imagino o que sentiria aquele ilustre italiano ao ver o seu estilo condenado por todos, os literatos mais famosos desaprová-lo, e Cesarotti, na época tão louvado, pedir-lhe publicamente que o mudasse; nem como pudesse preservar o seu propósito, confiando-se ao juízo da posteridade, que ora considera suas tragédias imortais. Estar só diante de uma sentença unânime é certamente assustador, e a nós mesmos a constância às vezes parece teimosia, o desprezo pelas opiniões tolas, soberba, a crença em saber mais que outros, presunção. Bom para Alfieri, que se manteve firme; se não o tivesse feito, hoje compartilharia o destino de seus juízes.

Tenho um enorme, talvez desmedido e insolente desejo de glória, mas não posso suportar que meus textos de que menos gosto sejam elogiados; nem sei por que sejam reimpressos em meu prejuízo, nem que proveito tenha quem os republica. O senhor deve ter rido ao ler essas coisas, mas seu riso não foi maligno, e estou contente por isso. E para que me perdoe a loucura de tê-las trazido à luz, digo-lhe que, com o meu consentimento, quase tudo o que publiquei não será mais visto, e que condenei às trevas outras duas obras realmente volumosas (não grandes), já prontas e enviadas à tipografia.

Do segundo livro da *Eneida*, que ainda não pus em julgamento, ninguém mais possui exemplar senão os três Literatos já seus conhecidos. A apenas estes, e com desvelo, escrevi, satisfazendo, embora com algum tremor, um antigo e vivo desejo. Eu acreditava que o meu livro tivesse muitos defeitos, mas agora posso jurá-lo baseado nas palavras de Monti — caríssimas e preciosíssimas palavras. Não lhe reescrevo porque temo importuná-lo, mas peço ao senhor que lhe agradeça calorosamente em meu nome. Mas é pouco dizer a um cego "Saia do caminho" se não se lhe acrescenta "Vá para esse lado". Nada me agrada mais do que saber os defeitos de uma coisa minha; percebo a imensa utilidade disto, pois a meu ver uma vez percebido um vício, pode-se a partir daí evitá-lo. Mas não ouso pedir a ninguém que os mostre a mim, porque sei o fastio que dá repescar os defeitos de uma obra, principalmente quando o ruim prevalece sobre o bom. Saiba, entretanto, que há uma cópia do meu livro já cheia de reparos e alterações. Gostaria de ter aqui e ali retirado o que desagrada ao senhor e a Monti, mas não estou certo quanto a isto. O senhor diz, como um Mestre, que traduzir é muito útil na minha idade, opinião justa e confirmada pela prática, porque quando leio algum Clássico minha mente tumultua e se confunde. Então começo a traduzir,

e aquelas belezas, por força examinadas e manejadas uma a uma, se assentam em minha mente, enriquecendo-a e deixando-me em paz. O seu conselho me anima e estimula a prosseguir.

De Recanati não me fale. Tanto me agrada que me inspiraria belas idéias para um tratado do Ódio à pátria, donde se Codro não foi *timidus mori*, eu seria *timidissimus vivere*. Mas minha pátria é a Itália, por quem ardo de amor agradecendo aos Céus por ter-me feito italiano, porque afinal a nossa literatura, conquanto não muito cultivada, é a única filha legítima das duas únicas autênticas dentre as antigas. Certamente o senhor não apreciaria que a sorte o tivesse constrangido a fazer-se grande com o Francês ou Alemão, e, tendo adentrado os mistérios da nossa língua, se compadecerá das outras e dos escritores que necessitam usá-la; como freqüentemente me ocorreu, que conheço minha língua tão menos do que o senhor, língua que se me fosse vetado o uso dando-me plena posse de uma estrangeira, creio que deixaria a esperança de me tornar alguém na verdadeira literatura, e abandonaria os estudos.

Aquilo que o senhor diz do bem que os nobres poderão fazer às letras é muito verdadeiro, e desejo ardorosamente que os fatos o confirmem. Suas palavras me exaltam e envaidecem: mas não creio poder vencer minha natureza e a dos demais. Contudo, o senhor pode estar certo de que se eu viver, viverei para as Letras, porque não quero nem poderia viver para outra coisa.

Mas para as letras o seu Livro[1] me dá grande esperança, um presente tão apreciado quanto o seria uma nova obra de Boccaccio ou de Casa, tanto mais que o senhor sempre foi avaro, sem nenhum dano para si e com muitíssimo nosso, ao dar a público seus escritos. Já comecei a lê-lo, e não posso crer que com este exemplo a juventude Italiana possa continuar a escrever mal. De qualquer modo, ganhou-se muito, e hoje ninguém pensaria em voltar à metade ou ao final do século passado. Já os seus outros escritos haviam manifestado a delicadeza de seu coração e a fineza raríssima de sua têmpera; mas nestes últimos e nas cartas queridas vejo suavíssimas pinturas. Nada falo do encanto da escrita, porque essas coisas me parecem sacras — não se deve profaná-las com palavras sem propósito.

Tagarelei tanto que devo ter-lhe dado sono. Suas cartas me deram ânimo. Vi que o senhor, além de suportar-me, tenta também instruir-me. E para que veja quanto confio em sua bondade, escrevi a Stella que lhe mande um manuscrito meu.[2] Muito me agradaria que o examinasse e sobretudo me dissesse se é bom para o fogo, ao qual de bom coração o confiaria incontinenti. É muito breve, mas não quero que se apresse a lê-lo e muito menos a responder-me. Meu coração brilhará sempre que receber uma carta sua, mas a expectativa e o fato de saber que o senhor escreveu de livre vontade aumentarão meu prazer. Com toda sincerida-

de, peço-lhe que me acredite e que me dê ocasião de mostrar-me seu leal e afetuosíssimo servo,

Giacomo Leopardi

7
A ANTONIO FORTUNATO STELLA

Recanati, 21 de março de 1817.

Prezadíssimo senhor.

No primeiro do corrente nos chegou em perfeito estado sua remessa n. 9. Repito-lhe que a outra, de n. 8, enviada através de Marsoner e Grandi, se perdeu. Fiquei satisfeitíssimo com a impressão do segundo livro da *Eneida*, e de novo lhe agradeço. Encontrei ali vários erros, dos quais me advertiu Vincenzo Monti em uma carta, e mais algumas mudanças, feitas aleatoriamente não sei por quem. É provável que eu cometa erros, mas corrigi-los todos seria trabalho muito sério. Por isso, peço ao senhor que de agora em diante impeça esse estranho hábito de emendar livros alheios. Também recebi pelo correio as observações de Ciampi sobre o *Dionisio*, no n. 10.

O Barrilete de Óleo e a caixa de figos não lhe foram remetidos, como o senhor pensa, 64 dias antes da data em que chegaram. Por causa do Óleo, cuja remessa foi feita em 11 de fevereiro, foi necessário esperar bastante. Este chegou ao senhor no 1º do corrente, fazendo o seu percurso em apenas 18 dias, sorte que nunca sonharíamos ter com as suas remessas. Veja que diferença entre os 18 e os 45 dias, após os quais *não* nos chegou a remessa n. 9. Que o senhor preste, pois, a devida homenagem aos transportadores daqui.

Com a remessa n. 9 recebi o Callimaco, mas, estando o Bellini na n.8, ainda não posso enviar-lhe o artigo. Porém, espero poder mandar-lhe um outro[3] para o n. 3 do *Spettatore italiano*, e este poderia até ser seguido de um outro.

Não sei por que estranho acidente, o interessantíssimo manuscrito que mencionei na minha carta de 21 de fevereiro, enviado no mesmo dia, foi parar nas mãos de Acerbi, diretor da *Biblioteca Italiana*. Achando que eu o tivesse mandado para o seu jornal, ele me escreveu cordialmente dizendo que o poria no fascículo de abril, do qual me enviaria 40 cópias. Contudo, tendo enviado o manuscrito ao senhor, e não a ele, respondi informando-lhe da coisa. Peço-lhe, pois, que o recupere imediatamente e me responda sobre o que lhe perguntava na minha de 21 de fevereiro, ou seja, se lhe convém publicá-lo por sua conta.[4]

Em 24 de janeiro reiterei algumas coisas que lhe escrevera em 27 de dezembro último, acrescentando, porém, um importante parágrafo sobre o *Dionigi de Alicarnasso*, do qual não obtive resposta. Peço-lhe que retome aquela carta e me responda de forma categórica sobre este artigo específico. Estas são as duas coisas, o manuscrito e o parágrafo, sobre as quais muito desejaria haver um retorno imediato.

Envio-lhe com esta missiva um outro manuscrito, o qual, ficando a meu cargo a despesa necessária para retirá-lo do correio, espero que chegue sem demora ao sr. Pietro Giordani, que disto já foi avisado. Para que desta vez não haja confusões, pus o seu endereço na própria capa do livro.

Escrevo no verso algumas recomendações. Do artigo sobre a *Batracomiomachia*, que me foi gentilmente enviado, agradeço-lhe de coração, reconhecendo o apreço desmerecido que o senhor tem por mim; por isso e pelo próprio artigo, sou-lhe realmente muito grato. Jamais duvide dos sentimentos meus e de minha família para com sua digníssima pessoa, à qual sinceramente me declaro devotíssimo e deferentíssimo servo e amigo,

Giacomo Leopardi

- Parolini, *Incontro di Laura*, etc.
- *Vita di Fox*, tradução do inglês.
- Lucano, Farsaglia, traduzida por Boccella. Pisa, 1804.
- Mabil, Livio, tomo 1, 2, 3 e todos os outros a partir do 13 — se é possível havê-los assim — por encomenda de um amigo.

8
A PIETRO GIORDANI

Recanati, 30 de abril de 1817.

Oh, quantas vezes, meu caríssimo e estimadíssimo senhor Giordani, supliquei aos Céus que me fizessem encontrar um homem de coração, engenho e doutrina extraordinários, o qual pudesse conceder-me a dádiva de sua amizade. Na verdade, não esperava ser atendido, porque achava quase impossível que essas três coisas, tão raras de serem encontradas separadamente, pudessem se reunir numa só pessoa. Deus seja louvado (e o digo com o coração pleno) por ter concedido o que eu pedia, revelando assim meu engano. Entretanto, peço-lhe que desde agora entre nós se estabeleça uma total confidência, de minha parte respeitosa, como convém aos menores, e libérrima, da sua. O senhor me recomenda a temperança no estudo com tanto calor e interesse, que eu gostaria de poder mostrar

meu coração para que pudesse ver as emoções despertadas pela leitura de suas palavras; tais afetos, caso o coração não mude de forma e de matéria, nunca perecerão, jamais. E para responder como posso a tanta amabilidade, dir-lhe-ei que, de fato, minha compleição não é frágil, mas fragilíssima, e não lhe negarei que ela um pouco se ressente das fadigas a que esteve submetida por seis anos; no entanto, agora estão bem moderadas: não estudo mais de seis horas ao dia, freqüentemente menos, não escrevo quase nada, faço minha leitura regular dos Clássicos das três línguas em volumes de pequeno formato, facilmente manuseáveis, e assim estudo amiúde como os Peripatéticos, e, *quod maximum dictu est*, suporto por muitas horas o terrível suplício de estar de braços cruzados.

Quem jamais pensaria que um Giordani tomaria a defesa de Recanati? Meu caríssimo sr. Giordani, isto me faz lembrar o *si Pergama dextrâ*. É uma causa tão perdida que não lhe basta o bom advogado, nem lhe bastariam cem. É belo dizer: Plutarco e Alfieri amavam Cheronea e Asti. Amavam-nas, mas lá não estavam. Deste modo, também eu amarei minha cidade quando estiver distante; agora afirmo odiá-la porque estou nela, que, afinal, não é culpada senão por nunca me ter feito um bem — afora minha família. Recordar o lugar onde se passou a infância é adorável. É belíssimo dizer: aqui nasceste, aqui te quer a Providência. Dizei a um doente: se queres te curar, apega-te à Providência; dizei a um pobre: se queres prosperar, pensa na Providência; dizei a um Turco: nem penses em te batizar, pois a Providência te fez Turco. Esta máxima é irmã carnal do Fatalismo.

— "Mas aqui tu és primeiro, em cidade maior serás quarto ou quinto"; esta me parece soberba, vil e indigna de um grande espírito. Com virtude e engenho se quer despontar, e quem negará que nas grandes cidades estes resplendem infinitamente mais do que nas pequenas? Querer ser o primeiro em riqueza e contentar-se em levar a vida sem infinitos prazeres, não direi do corpo, do qual não me importo, mas da alma, por puro amor ao comando e para não estar de fora, parece-me coisa de tempos bárbaros, que me deixa feroz e raivoso.

— "Mas aqui podes ser mais útil que alhures"; em primeiro lugar, não me interessa dar a vida por estes poucos, nem por eles renunciar a tudo para viver e morrer numa toca. Não acho que a natureza me tenha feito para isso, nem que a virtude queira de mim um sacrifício tão terrível. Em segundo lugar, mas o que pensa o senhor? Que as Marcas e o Sul do Estado Romano sejam como a Romagna e o Norte da Itália? Aí, ouve-se freqüentemente o nome de literatura; aí há jornais, discussões, academias, livreiros em profusão. Os senhores lêem um pouco. O vulgo é ignorante, e se tal não fosse, já não seria vulgo: mas muitos se empenham em estudar, muitos se crêem poetas, filósofos, sei lá. Não são nada disto, mas

desejariam sê-lo. Quase todos pretendem pontificar sobre coisas literárias. As disparatadas sentenças que proferem despertam a competição, geram disputas, debates e sorrisos em torno aos estudos. Um grande engenho ganha espaço: há quem o admire e o estime, há quem o inveje e deprecie, há uma turba que dita moda e tem consciência disso. Aí, o incentivo à literatura é ação útil, destacar-se com o engenho é a meta de uma ambição digna. Aqui, meu amabilíssimo senhor, tudo é morte, tudo é insensato e estúpido. Os forasteiros se espantam com este silêncio, com este sono universal. Literatura é palavra que não se escuta. Os nomes de Parini, Alfieri, Monti, de Tasso, Ariosto e de tantos outros necessitam de comentário. Não há ninguém que procure ser alguma coisa, não há só um a quem o nome de ignorante pareça estranho. Entre eles, chamam-se sinceramente deste modo, e sabem estar dizendo a verdade. O senhor acha que um grande engenho seria apreciado aqui? Como a pérola no chiqueiro. O senhor bem disse (e saberá onde) que os estudos, quanto mais raros, menos estimados, porque menos se lhes conhece o valor. É precisamente isto que ocorre em Recanati e nas províncias onde o engenho não se conta entre os dons da natureza. Decerto não sou grande coisa, mas tenho amigos em Milão, recebo jornais, encomendo livros, imprimo coisas minhas: nada disto fez qualquer outro recanatense *a Recineto condito*. Pode parecer que muitos ficassem à minha volta, pedindo-me jornais, querendo ler minhas coisinhas, pedindo-me notícias dos literatos de nossa época. Certamente. Os jornais, assim que são lidos pela família, vão dormir nas prateleiras. Nas minhas coisas ninguém se interessa, mas tudo bem; nos outros livros, muito menos: aliás, dir-lhe-ei sem soberba que a nossa biblioteca não tem igual na província, com apenas duas inferiores. Sobre a entrada está escrito que é feita também para os cidadãos e estaria aberta a todos. Mas quantos o senhor pensa que a freqüentam? Nenhum, nunca. Veja o senhor se este é terreno de semeadura. E quanto aos estudos? Parece-lhe que possam ser bem feitos? Não direi que com toda a biblioteca muitas vezes me faltem livros, e não aqueles que desejaria ler, mas os que me seriam necessários; mas o senhor não se espante se vez ou outra perceber que me falta algum Clássico. Quando se quer ler um livro que não se tem, se se quer vê-lo por um só momento, é preciso adquiri-lo com o próprio dinheiro, trazê-lo de longe sem poder avaliar ou escolher antes de comprar, com mil dificuldades no caminho. Aqui ninguém encomenda livros, não se pode tomá-los de empréstimo, não se pode ir a um livreiro, pegar um livro, ver o que interessa e deixá-lo: a despesa, que não é dividida, pesa inteira sobre nós. Gasta-se continuamente em livros, a despesa é infinita, o empenho em adquirir tudo é desesperado. Mas não ter um literato com quem conversar e ter de guardar para si todos os pensamentos, não poder arejar e debater as próprias opi-

niões, orgulhar-se inocentemente dos próprios estudos, pedir ajuda e conselho, ganhar coragem em tantas horas de exaustão e desânimo, isto lhe parece divertido? A princípio, minha cabeça estava cheia de máximas modernas, desprezava e espezinhava o estudo da nossa língua, todas as minhas garatujas eram traduções do Francês, desprezava Homero, Dante, todos os Clássicos, não os queria ler, debatia-me em leituras que hoje detesto: quem me fez mudar de tom? seguramente nenhum homem, mas a graça de Deus. Quem me encaminhou ao aprendizado das línguas que me são necessárias? A graça de Deus. Quem me garante que eu não erre de estrada a cada passo? Ninguém. Mas digamos que tudo isto não seja nada. O que há em Recanati de belo, que o homem queira ver e assimilar? Nada. Deus fez tão belo nosso mundo, tantas coisas belas fizeram os homens, tantos homens há que, quem não é insensato, arde por vê-los e conhecê-los, a Terra está cheia de maravilhas e eu, aos dezoito anos, devo dizer: viverei e morrerei nesta caverna em que nasci? Parece-lhe que estes desejos se possam frear? Que sejam injustos, supérfluos, desmesurados? Que seja loucura não se contentar em não ver nada, não se contentar com Recanati? É falso que o ar desta cidade seja salubre, como lhe foi dito. É muito instável, úmido, salsuginoso, cruel com os nervos e, pela sua pouca densidade, maléfico para certas compleições. A tudo isto acrescente-se a obstinada, negra, horrenda, feroz melancolia que me devora, que do estudo se alimenta e sem o estudo se avoluma. Quanto àquela doce melancolia, bem a conheço, já a experimentei, apesar de hoje não senti-la, uma melancolia que fertiliza as coisas belas, mais doce que a alegria, a qual, se assim posso dizer, é como o crepúsculo, enquanto a outra é noite cerrada e horrível; é, como o senhor diz, veneno que destrói as forças do corpo e do espírito. Ora, como ser livre sem fazer outra coisa senão pensar e viver de pensamentos, sem uma distração no mundo? Como fazer cessar o efeito, se dura a causa? O senhor fala de diversões? A única diversão em Recanati é o estudo, a única diversão é o que me mata: todo o resto é tédio. Sei que o tédio pode fazer menos mal que o cansaço, e por isso amiúde prefiro o tédio; mas este, como é natural, aumenta a melancolia, e quando tenho a infelicidade de conversar com essa gente, coisa que raramente acontece, volto aos meus estudos cheio de pensamentos tristíssimos, e na mente vou fermentando e ruminando aquela tenebrosa matéria. Não posso remediar esse estado de coisas, nem evitar que a minha frágil saúde se arruíne, sem sair do lugar que deu origem a este mal, fomentando-o e espalhando-o cada vez mais, onde quem pensa não tem nenhum conforto. Bem vejo que, para poder continuar os estudos, é preciso de quando em quando interrompê-los, dar-se um pouco àquelas coisas ditas mundanas; mas para isso eu quero um mundo que me alegre e me sorria, um mundo que brilhe (mesmo que com falsa luz) e

tenha força suficiente para me fazer esquecer por alguns instantes o que pesa sobre mim, não um mundo que me faça recuar na primeira parada, que me revire o estômago e atice minha raiva e me entristeça e me force a recorrer, em busca de consolo, àquilo de que queria escapar. Mas o senhor já sabe muito bem que eu estou com a razão, como posso entender pela sua segunda carta, na qual espontaneamente me exortava a fazer um giro pela Itália, embora em seguida (e bem sei o porquê), com a melhor das intenções, de que sou sinceramente grato, tenha preferido falar-me de outro modo. Daí eu ter tagarelado tanto: para mostrar-lhe o que ao senhor e a mim já era claríssimo.

Dir-lhe-ei sinceramente, já que me pergunta, de que maneira o Céu (ao qual agradeço com alma) me fez conhecê-lo e desejar que o senhor o soubesse. O pobre marquês Benedetto Mosca (por quem sei que o senhor tinha afeto), primo carnal de meu pai, veio um dia fazer uma rápida visita a seus parentes, e naquela única vez nós nos falamos; digo falamos porque quando eu era pequeno e ele um garoto, brincamos por muito tempo aqui em Recanati. Depois não o vi mais, mas sei do bem que me queria e que desejava reencontrar-me; e talvez nos reencontrássemos em breve, naturalmente por carta, já que eu estava preparando minha primeira carta para ele quando soube da sua morte, e não posso pensar nesta morte abrupta sem que minha alma se agite e desespere. Do senhor ele me disse apenas isto: que conhecia e, se não me engano, que tivera Giordani como mestre, o qual, acrescentou (e eu repito as próprias palavras dele, mesmo sabendo que atingirão a sua modéstia), é hoje *o maior escritor da Itália*. Mas imagine o senhor se os maiores escritores da Itália eram conhecidos em Recanati. Eu tinha então 15 anos, e estava enfronhado em duros estudos: Gramáticas, Dicionários gregos, hebraicos e outras coisas tediosas, mas necessárias. Não prestei atenção naquilo. Mas no início do ano passado, vendo o seu nome ao final do anúncio da *Biblioteca Italiana*, lembrei-me daquelas palavras e, de posse dos volumes da *Biblioteca*, pude saber com certeza, quando antes apenas intuía a existência de um ou dois, quais eram os seus artigos, e isso bastou para que eu passasse a reconhecê-los prontamente. Que mais posso dizer? Se lhe disser que seus escritos deram estabilidade e força à minha iminente conversão, que, ao provar daquele alimento, as coisas modernas cujo sabor me parecia agradável depois me pareceram horríveis, que aguardava a *Biblioteca* com um desejo infinito e, ao recebê-la, devorava-a com a avidez de um faminto, que li e reli seus artigos uma dezena de vezes, que quando não os tenho sou tomado pela vontade de me livrar dos cadernos daquele jornal, não encontrando nele nada que me agrade, a sua modéstia se irritará. Confesso-lhe candidamente que conheço apenas dois títulos de sua obra, quero dizer, a versão de Juvenal[5] e o *Panegirico*, e com a mesma objetivi-

dade digo-lhe que eu estava pensando em adquirir algo de sua autoria, quando recebi do senhor as suas caríssimas prosas, todas preciosas, sobre as quais tenho certas coisas a dizer; mas como meus comentários decerto valem pouco, e esta carta já está bem longa e propensa a delongar-se, ficarão para uma próxima vez.

Vejo com entusiasmo que o senhor, na delicadíssima carta de 15 de abril, concorda em falar-me dos estudos. Respondo dizendo-lhe sinceramente quanto as suas opiniões se contrapõem na minha mente à outras opiniões, para que veja em que medida necessito que o senhor seja realmente meu mestre e, compadecendo-se da fraqueza e pequenez das minhas idéias, queira encarregar-se de orientá-las. Que a propriedade de conceitos e de expressões seja justamente o que distingue o autor Clássico do ordinário, e que quanto mais a língua é rica, tanto mais é difícil conservar suas expressões são verdades tão evidentes, que foram as primeiras de que me dei conta quando comecei a refletir seriamente na literatura: depois disto, percebi facilmente que o meio mais rápido e seguro de se obter tal propriedade seria verter os bons escritores de uma língua para outra. Devo dizer francamente que não me parece correta a afirmação segundo a qual, quando o intelecto alcança certa maturidade e solidez, podendo reconhecer com alguma segurança o que a natureza lhe pede, se deve por força compor antes em prosa do que em verso. Posso enganar-me ao falar de mim, mas lhe contarei, tal como penso que seja, o que me aconteceu e acontece. Desde que comecei a conhecer um pouco o belo, só os poetas me deram aquele calor e desejo ardentes de traduzir e imprimir a minha marca naquilo que lia, só a natureza e as paixões me inspiraram aquela vontade feroz de compor, mas de modo enérgico e elevado, quase agigantando minha alma em todas as suas partes; e dizia para mim: isto é poesia, e para exprimir o que sinto preciso de versos, e não de prosa — e pus-me a fazer versos. O senhor não me permite que hoje eu leia Homero, Virgílio, Dante e outras sumidades? Não sei se poderei abster-me de fazê-lo, porque, lendo-os, sinto um prazer que as palavras não alcançam, e muitas vezes, quando estou tranqüilo, distraído, e ouço algum verso de autor clássico, recitado casualmente por alguém da família, sinto uma palpitação súbita, e então me vejo forçado a perseguir aquela poesia. E já sucedeu-me também, estando só em meu gabinete, com a mente plácida e livre, em hora propícia às musas, tomar Cícero nas mãos e, lendo-o, sentir minha mente fazer um enorme esforço para elevar-se — mas, atormentando-me pela lentidão e gravidade daquela prosa, por mais que quisesse prosseguir sem o conseguir, passava às mãos de Horácio. Porém, se o senhor me concede essa leitura, como pretende que eu conheça os grandes e experimente, deguste e considere pouco a pouco suas belezas, impedindo em seguida que eu me lance a

eles? Quando contemplo a natureza neste tempo e nestas paragens, que são realmente amenas (única coisa boa da terra natal), sinto-me de tal modo transportado para fora de mim mesmo, que me pareceria pecado mortal não atentar para isto e deixar passar esse ardor de juventude, tornar-me bom prosador e esperar vinte anos para ser poeta, após os quais, em primeiro lugar: não estarei vivo; em segundo: estes pensamentos já terão passado; e a mente estará mais fria, ou decerto menos quente, do que agora. Não quero com isto dizer que, caso a natureza nos chame à poesia, tenhamos de segui-la de olhos fechados; aliás, tenho por muito certo e evidente que a poesia demanda infinito estudo e cansaço, sendo a arte poética tão profunda que, quanto mais se lhe adentra, mais se reconhece que a perfeição está ali onde, a princípio, sequer se supunha que estivesse. Contudo, penso que a arte não deva afogar a natureza, assim como considero que aquele avançar gradual, em que lentamente se passa de bom prosador a poeta, seja contra a natureza, a qual em primeiro lugar te faz poeta, e depois, com o resfriar da idade, concede-te a quietude e a maturidade necessárias à prosa. O senhor nada concede àquela *mens divinior* de Horácio? Se sim, como pretende que esteja escondida, como pode pretender que aquele que a possui no fervor dos anos não se aperceba dela em vista da natureza, ou com a leitura dos poetas? e percebendo-a, como é possível que duvide, que dê tempo ao tempo e queira primeiro ser bom prosador, para depois tentar, de modo quase incerto e temeroso, como o senhor diz, a poesia? Ou o senhor acha que a mente divina seja uma fábula, tendo-se perdido a raça? e quem é, pois, o verdadeiro poeta? Quem estudou mais? E por que nem todos os que estudaram e que têm um grande engenho são poetas? Não creio que se possam citar exemplos de verdadeiros poetas que não tenham começado a poetar desde bem cedo; nem que se possam alegar muitos poetas que também tenham sido excelentes na prosa, e mesmo entre esses pouquíssimos, parece-me que primeiro foram poetas, e só depois prosadores. Com efeito, penso que em relação às palavras e à língua seja bem mais difícil conservar, com plena fluência e desenvoltura, o domínio da prosa do que do verso, porque na prosa se percebem a afetação e o esforço, como um búfalo atravessando a neve (falando à florentina), enquanto na poesia, nem tanto; primeiro, porque muitos usos são afetações e apelações na prosa, mas não em poesia, e pouquíssimos que não o são na prosa, o são em poesia; segundo, porque mesmo as que em poesia são realmente afetações encontram-se a tal ponto encobertas pela harmonia e pela linguagem poética, que mal se entrevêem. É claro que, quando traduzo versos, facilmente consigo (fazendo o possível para conservar a força que as expressões têm no texto) dar à tradução um ar de originalidade, ocultando o estudo; mas sofro infinitamente mais para obter o mesmo resultado na

tradução da prosa, e ao final, provavelmente, falho em meu objetivo. Por isso, cheguei à conclusão de que para traduzir poesia é necessário um grande espírito poético e mil outras coisas, mas para traduzir prosa é preciso um estudo mais demorado e bem mais leitura, e talvez, também (fator que me parece imprescindível), alguns anos de residência em lugar onde se fale a boa língua, alguns anos de estada em Florença. Do mesmo modo, se ao compor eu quiser seguir Dante, talvez consiga apropriar-me de sua linguagem, vestindo meus pensamentos com ela e fazendo versos sobre os quais não se possa afirmar, à primeira vista, isto é imitação; mas se quiser competir com uma carta de Caro, não será a mesma coisa. Por favor, sr. Giordani, não pense que sou um temerário porque lhe disse tão francamente, e com tão pouca consideração à minha pequenez, aquilo que sentia. Não se recuse a persuadir-me: será uma pequena tarefa para o senhor, mas obra de caridade, digna de seu bom coração.

Eu teria mil coisas a lhe dizer sobre os meus Cantos, sobre as afinidades do Grego com o Italiano e sobre o seu utilíssimo conselho de ler e traduzir Heródoto e os outros três, que logo porei em prática, mas percebendo temeroso a eternidade desta carta e envergonhando-me da minha excessiva indiscrição, deixo-as para uma próxima vez, e apresso-me em dizer que gostaria de ter palavras para lhe agradecer o exame que fez dos meus Cantos; não é necessário devolver o manuscrito a Stella, que nada fará com ele, mas se o senhor achar que algum amigo seu não desdenharia examiná-lo, poderá dá-lo a ele, ou não, conforme achar melhor. Acrescento, ainda, que do Terêncio traduzido por Cesari[6] só conheço o título, e gostaria de saber se o senhor acha que a obra de Cicognara me possa ser útil, porque já não me preocupo em ler ou ver senão aquilo que me pode ser útil, pois que o tempo é curto e a messe, vastíssima.

Quanto a Belcari, pelejo em procurar-lhe associados e em mostrar o desejo ardente que tenho de servi-lo quanto posso. Escrevo e cobro respostas a Macerata, Tolentino, Roma e outros lugares, recomendando a coisa vivamente. Todavia, penso que muitos pedem um preço alto, sobre o qual desejaria que o senhor em breve me falasse. Farei o possível, mas com grande dor confesso-lhe que não espero muito: porque, quanto aos amantes da boa língua, caso eu a mencionasse a alguém daqui, pensariam tratar-se de alguma língua de porco; e quanto aos devotos que, como o senhor diz, dão preferência à leitura de coisas boas em detrimento das más, arrisco-me a dizer que isto não é verdade. Com toda a minha pouca idade, tenho muita prática de devotos e sei que, ao contrário, amam singularmente os livros que nos repugnam; primeiro, por um gosto peculiar a eles, sobre o qual a experiência me convenceu de que de fato existe, e não é invenção; depois, porque os coitados são incapazes de chegar a certos conceitos que não sejam terra-a-terra; enfim (e esta é

a maior razão), porque se a língua aqui e ali escapa ao trivial, é como se o livro estivesse escrito em Hebraico, escapando à compreensão de qualquer devoto de Dante, porque é preciso saber que, aqui, tudo aquilo que não é corriqueiro, ou se o é não é tanto, se chama Dantesco: Salvini, por exemplo, é Dantesco; Segneri, Bartoli e todos os medianos são Dantescos, e além desses, até a minha tradução de Virgílio. Estas opiniões já não são exclusivas da plebe, mas dos grandes doutos e literatos, tanto que na capital da nossa *mui excelentíssima et magnífica provintia* há um "grande" literato que em seus escritos, abusando de toscanismos, usa o *e'*, de modo que quando ocorre o *mi pare* (parece-me), o outro sempre o acompanha; e todos dizem que seu estilo tem muitos preciosismos, ao que ele responde modestamente que o estilo do *cinquecento* é um belo estilo. Neste ponto lhe recomendo cuidar bem dos flancos, se não quiser ter a morte de Margutte. Mas como crêem que Belcari, Scaramelli e Ligorio[7] sejam semelhantes, ao menos até que não se vejam os seus livros, eles ficarão no engano. Basta: farei o que puder, e o mesmo vale para o seu Palcani,[8] o qual, por ter vindo do senhor e lhe agradar, li com verdadeiro prazer. Ele é de uma rara elegância em matérias científicas, as quais, tratadas assim, seriam de fato deliciosas, enquanto hoje são insípidas e intragáveis.

Meu pai agradece as lembranças e o saúda calorosamente. Que direi eu para consolá-lo da desgraça que o aflige, caro sr. Giordani, senão que esta também me vai pela alma, e que peço a Deus que o faça feliz neste mundo? Consolo não lhe posso dar, com esta minha eloqüência de pedinte; mas certamente este lhe será dado em abundância pelo seu grande saber e sua verdadeira filosofia. Quanto a me escrever (se ainda deseja conceder-me este favor), não pense em fazê-lo senão nos momentos de ócio, e mesmo assim somente quando lhe for cômodo. Em suma, não se preocupe comigo mais que com as coisas mínimas, porque se eu o vir fazendo de outro modo, serei forçado a parar de escrever-lhe, e assim ficarei privado deste prazer. Na verdade, muito me magoaria se o senhor fosse cerimonioso comigo, primeiramente porque não o mereço, e depois, em algo tão sem importância e fora de propósito.

Como poderei desculpar-me, caro senhor Giordani, por ter escrito um tomo em vez de uma carta? Envergonho-me francamente por isto; não tenho palavras, e no entanto peço-lhe perdão. A sua terceira carta havia despertado em minha mente uma revoada de pensamentos; a quarta os reduplicou. Retardei a resposta para não estar sempre a aborrecê-lo, mas, pegando da pena, não mais me contive. Respondi a uma folhinha das suas com uma folhona das minhas. Esta é a primeira vez que lhe abro meu coração: como reprimir a enxurrada de pensamentos? De outra vez serei mais breve, muito mais breve. Não queria que o senhor se irritas-

se com tanta indiscrição: sua ira decerto seria justíssima, mas confio na bondade do seu coração. Perdoe-me de novo, meu caro senhor, e saiba que sempre tem em mim seu devotíssimo servo,

Giacomo Leopardi

9
A PIETRO GIORDANI

[Recanati, 30 de maio de 1817.]

Meu caríssimo senhor.

A Erudição que diz ter encontrado nas notas ao *Inno a Nettuno* (Hino a Netuno) é na verdade muito vulgar; ocorre que as escrevi na Itália, mas na Alemanha ou Inglaterra seriam uma vergonha para mim. Por um bom tempo persegui a erudição mais recôndita e peregrina, e dos 13 aos 17 anos enfronhei-me profundamente neste estudo, tanto que escrevi de seis a sete tomos volumosos sobre matérias eruditas (fadiga que me valeu a ruína), e um escritor estrangeiro — que está em Roma, mas que não conheço — vendo alguns dos meus escritos, não os desaprovou, exortando-me a que eu me tornasse, dizia ele, um grande filólogo. Faz um ano e meio que, quase sem perceber, dei-me às belas letras, de que antes não cuidava, e todas as coisas que o senhor leu de mim, e as outras que não leu, foram feitas neste período, de modo que, tendo sempre cuidado dos ramos, nunca fiz como o carvalho que *A vieppiù radicarsi il succo gira,/ Per poi schernir d'Austro e di Borea l'onte*[9] (Logo se afana em radicar a seiva,/ Para se rir da ofensa d'Austro e Bóreas) — ao que agora me dou inteiro. Voltando ao *Inno* às notas, escrevi-os precisamente há um ano: nestes últimos meses não teria suportado a fadiga. Disto o senhor verá, se já não o viu, quanto encareço este *Inno*: é uma novela. Apaixonado pela poesia grega, quis fazer como Michelangelo, que soterrou o seu Cupido e, a quem o acreditava exumado da Antiguidade, acrescentou o braço que faltava. Mas ia me esquecendo de que se ele era Michelangelo, eu sou Calandrino; e além disto, a estrita necessidade de imitar, ou melhor, de copiar e extrair da composição o ar robusto e original, de modo que, como um véu leve, leve, aliás, uma rede superposta ao texto imaginário, deixasse entrever todos os seus músculos e lineamentos, deixando-o quase nu a fim de enganar, enredou-me e retardou-me de tal modo as idéias, que sem dúvida o que fiz não foi poesia. Gostaria de saber o que o senhor pensa do *Inno* e das duas *Odi*, bem como o que deles pensam os daí, porque uma das sortes que me cabem é imprimir as minhas coisas e nunca saber o que se diz delas, se agradam ou desagradam, se se consideram me-

díocres ou péssimas, a tal ponto que os meus livros impressos são como se fossem manuscritos, exceto que deste modo ficam isentos de erros, enquanto, impressos, ganham uma profusão deles, já que a distância não posso assistir à impressão. Com efeito, os 54 disparates com que ornaram o meu pequeno livro fizeram-me corar de vergonha, amarguraram-me gravemente. Nem eu jamais teria entregado o meu manuscrito a Stella para que o crucificasse entre as tantas porcarias do seu jornal, caso ele não me houvesse claramente prometido fazer ao mesmo tempo uma outra edição à parte, o que acabará dando em nada. Mas na dúvida, para que ele não venha a ter prejuízos por minha causa, e como as adulterações ali encontradas são conhecidas de todos (como creio que sejam, já que esses artifícios sabem a ranço e não fazem mais efeito), não é preciso mais nada; se me engano, preferiria que o senhor se abstivesse de opinar por enquanto, o que lhe será fácil, visto que ninguém quererá falar daquela miséria. O senhor terá notado nas *Odi*, entre outros erros, Hίς por Eίς, Θ ὁδοὺς σὲ por ὁδούς τε, Ρολιὸν por Πολιὸν, Πᾶν τὸ por Πάντα.

Não deveria desejar que o senhor me conhecesse pessoalmente, porque certamente me achará bem menor do que talvez imagine: mas tanto o adoro, e tão verdadeiramente, que fico louco só de pensar que no próximo ano, se não é vã a esperança que o senhor me deu, eu o verei e lhe falarei. Contudo, não deveria desejar que uma pessoa que adoro tanto viesse a se entediar e nausear por minha causa, mas todas estas considerações não são suficientes para que deixe de aguardá-lo ansiosamente e de pedir-lhe que leve a cabo o seu piedoso desígnio. A hospedagem, eu mesmo me incumbirei de providenciá-la, e creio que quanto à *amabilidade* dos Anfitriões o senhor não estará mal; quanto ao *asseamento*, farão o que for possível. Não nos decepcione, meu caro senhor, e não frustre a minha expectativa e a de meu pai, que o saúda e o espera vivamente.

Se, como o senhor diz, o nome de mestre lhe dá tanto fastio, não o pronunciarei mais. Com ele eu queria dizer Conselheiro e guia nos estudos, e espero que não recuse o benefício que me faz, caso desaprove aquele nome. Sofro muito quando penso que talvez o tenha agastado ao atribuir-lhe a tradução de Juvenal. Mas, sem a ter lido ou sequer visto, não podia imaginar que fosse indigna de sua pessoa; a memória enganou-me quanto ao nome do autor. Espero, pois, que eu esteja desculpado. Aquela versão por acaso seria de Luigi Umberto Giordani? Vi uma carta dele sobre o Livro de Jó que me pareceu muito bela e judiciosa. Tenho viva curiosidade, aliás, um desejo enorme de ter o *Panegirico* e outros de sua autoria, caso o senhor os tenha. Não sei se são tão grandes que não possam ser remetidos pelo correio. Se são, quando quiser me honrar com tão precioso presente, o senhor poderá pedir a Stella que o remeta a mim, junto com outras coisas que encomendarei.

Quando afirmei que Cícero me pareceu (e foi num tratado filosófico) mais lento e grave do que naquele momento era conveniente ao meu desejo, uma vez que minha mente estava, como ocorre, predisposta a impressões vivas e alegres, não quis dizer que ele e outros sumos prosadores resfriem e retardem minhas idéias. Isto seria uma grande infelicidade, ou melhor, grande estupidez. Se bem que, talvez por tendência natural, ame a poesia com uma certa parcialidade, também leio e estudo os prosadores quanto posso, e não me esforço em lê-los, mas sinto um prazer delicioso e infinito. E mesmo crendo que não se deva buscar a excelência em muitos gêneros, nem por isso penso que, cultivando a poesia, eu deva deixar a prosa de lado, porque seria um literato bem mesquinho aquele que não soubesse escrever nada além de versos. Por isso mesmo procuro cultivar simultaneamente ambos os gêneros de escrita, e com quase igual solicitude. Sobre o que lhe disse na última carta em relação à *divina mente* de Horácio, depois estive pensando que, da maneira como estava exposto, poderia causar-lhe ira e náusea justíssimas. É verdade que até então eu vinha falando de mim no particular, mas naquele ponto tornava ao geral, pois que minha mente tem tanto a ver com a mente pensada e exigida por Horácio, quanto a lua com os caranguejos e o asno com a lira. Depois que o senhor me fez notar a amizade que há entre a nossa língua e a grega, comecei a refletir seriamente nisto e, abrindo a esmo um prosador grego, vi com enorme prazer que a sua observação é precisa e magistral, tanto que certas passagens de um autor trezentista me pareceram semelhantes a traduções do grego. Não é de espantar que eu não haja atentado antes para um parentesco tão claro (o qual, sem o seu auxílio, provavelmente meu engenho nunca teria percebido), porque até aqui, dos nossos prosadores, conhecia apenas os quinhentistas e outros que não os trezentistas. Quando houver acumulado um pouco de riqueza em minha mente, quero pôr logo em prática o conselho que me foi dado pelo senhor e, à maneira dos trezentistas, cujo estilo me parece a própria suavidade e candidez, estudar e traduzir alguns dos mais antigos prosadores gregos, o que a meu ver será tarefa de inigualável prazer e utilidade.

As coisas que eu queria dizer sobre seus opúsculos valem tão pouco que me envergonho de botá-las para fora. Mas já que o senhor ordena, o farei; porém, não espere mais do que ninharias. O senhor certa vez usou *non per tanto* (não portanto) em sentido negativo, sem o acréscimo do segundo *não*. Lembro-me de ter lido que *non per tanto* não nega sem um outro *não*, assim como não se pode dizer "*nondimeno egli è*" (contudo ele é) em sentido negativo. Mas o terei lido em algum gramático reles e, de qualquer modo, veja que grande observação eu fiz! Notei que o senhor, assim como mil outros exímios, costuma nomear as pessoas sem antepor o artigo aos seus sobrenomes. Ora, de alguém que viveu algum tempo na

Toscana eu soube que lá isto não se faz, nem é desejável que se faça, porque, dizem, o sobrenome é adjetivo e não pode vir desacompanhado, valendo como o patronímico dos gregos; portanto, assim como absolutamente não se diz, por exemplo, Pelide, mas *o* Pelide, do mesmo modo não se pode dizer Salviati, Valori, Strozzi, mas *o* Salviati, *o* Valori, *o* Strozzi. Para mim esta razão é pertinente, e é possível que nos antigos não se encontrem muitos exemplos contrários a ela. Veja o senhor se lhe parece boa. Dos seus textos, gostei particularmente daquele sobre duas pinturas, uma de Camuccini e outra de Landi, onde admirei a extraordinária leveza e suavidade, bem como a propriedade e o vigor, tão difíceis e necessários para se descrever um quadro com palavras e colocá-lo diante dos olhos. Empresa terrível e arriscada, de meter medo a outro menos bravo e potente que o senhor, esta de lançar-se abertamente com a pena sobre a arte da pintura. E seu êxito foi admirável. Nesta prosa tão rara encontrei uma opinião sobre a qual teria algo a dizer. O senhor lembra (com muito garbo e juízo) aos jovens pintores em geral que, sem a premente necessidade da História, jamais se deve figurar o feio. Além disso, acrescenta, o ofício das belas-artes é multiplicar e perpetuar as imagens das coisas ou das ações mais vagas e desejáveis que a natureza ou o homem produzem: e qual o proveito e o prazer em aumentar o número e a duração das coisas molestas, já tão abundantes sobre a Terra? Na minha opinião, o ofício das belas-artes seria imitar a natureza no verossímil. E como as máximas abstratas e gerais, válidas para a pintura, devem também valer para a poesia, assim, segundo a sua sentença, Homero, Virgílio e outros grandes teriam errado infinitas vezes, e sobretudo Dante, que tanto representou o feio. Mas o que são as tempestades, as mortes e mil outras calamidades senão coisas molestas e muito dolorosas? Estas inumeráveis pinturas multiplicaram e perpetuaram os sumos poetas. E a tragédia seria condenada por sua própria natureza. Certamente as artes devem deleitar, mas quem há de negar que o choro e o sobressalto e o espanto decorrentes da leitura de um poeta são prazerosos? Aliás, quem não sabe que são prazerosíssimos? Porque o deleite nasce justamente do espanto de ver a natureza tão bem imitada, fazendo parecer vivo e presente o que é nada, morto ou distante. De modo que o belo, se visto na natureza, ou seja, na realidade, não nos entusiasma tanto; visto na poesia ou na pintura, ou seja, na imagem, nos dá infinito prazer. E assim o feio, imitado pela arte, adquire a faculdade de deleitar. Se um homem tem uma deformidade incrível, retratá-la, mesmo que verdadeira, não seria um bom conselho, porque as artes devem persuadir e fazer crer que o falso seja real, e não se pode fazer crer no incrível. Mas se a deformidade é verossímil, creio que vê-la retratada ao natural seja de grande deleite — pressupondo-se, é claro, que a imitação seja adequada, pois caso não o

seja, como ocorrerá no quadro em que o senhor reflete, não há mais o que se dizer. Disse tudo isto por obediência, e para que o senhor aprenda a não mais me pedir tais comentários. E se usei palavras ousadas e inconvenientes, repreenda-me como se deve.

Eu sabia exatamente aquilo que o senhor diz dos não idiotas de Florença e da Toscana, e o sabia não só pelos escritos deles, mas também por outras vias. Por isso, fazia de conta que aprendia com os idiotas, ou que ao menos através deles me familiarizava com a infinidade de modos vulgares que amiúde ficam bem na escrita, assim como com aquela propriedade e eficácia que a plebe, por sua natureza, tão admiravelmente conserva nas palavras: e penso em Platão que, segundo o vulgo, foi de Alcibíades não apenas o mestre do bom falar; e na mulherzinha ateniense que, pela fala, notou que Teofrasto era estrangeiro; e em Varchi, o qual já dizia em seu tempo que, para se aprender o falar Florentino, era preciso vez ou outra *misturar-se com a escória do populacho* florentino. Mas como o senhor não acredita que os idiotas Florentinos possam ensinar-me nada de bom, me conformo com a sua sentença. Quanto ao sotaque de Recanati, dir-lhe-ei algo digno de fé: porque posso por muito ódio falar muito mal de minha pátria (nem sei se o poderia), mas falar muito bem por muito amor certamente não posso. O senhor não pode imaginar quanto seja bela a pronúncia desta cidade; é tão escorreita e natural, tão alheia a qualquer sombra de afetação que até a dos Toscanos, pelo pouco que pude observar ao falar com alguns, parece muito mais afetada — a dos Romanos, então, nem se compara. É claro que os poucos forasteiros que param por aqui reconhecem este fato e ficam maravilhados. Esta pronúncia, que não tem nada do preciosismo toscano nem da soberba romana, é tão peculiar a Recanati que basta sair dois passos do seu território para que se perceba uma notável diferença, a qual, em lugares um pouco mais afastados, além de notável é extrema. Mas o que me parece mais digno de nota é que a nossa fala comum é pródiga de frases, provérbios e expressões puramente toscanos, tanto que eu me espanto ao encontrar nos Escritores uma enorme quantidade desses modos e idiotismos que aprendi quando criança. E não me causa menos assombro ouvir na boca dos camponeses e da arraia-miúda palavras que não usamos na fala a fim de evitar afetações, por considerá-las apropriadas apenas aos Escritores, tais como *mentovato* (supracitado), *ingombro* (atulhado), *recare* (aportar), *ragionare* (refletir) e muitas outras que ora não me ocorrem, algumas mais inusitadas ainda. Com muito prazer chamarei sua atenção, meu caro senhor, para esses modos e vocábulos, caso corresponda às minhas expectativas com a sua vinda; e esta será uma das pouquíssimas ou nenhumas coisas (perdoe-me o barbarismo) que poderei mostrar-lhe de Recanati. Mas, já que nunca saí do meu ninho, é muito provável que aquilo que penso ser exclusivo da-

qui, seja comum a toda a Itália, ou a muitas regiões suas, e assim sendo o senhor me desenganaria.

Deixo-o com esta vaga esperança, Caríssimo senhor, e espero não ser necessário lembrar-lhe que sou, de todo o coração, seu afeiçoadíssimo

Giacomo Leopardi

Stella me escreve dizendo que recebeu do senhor um embrulho[10] para mim. Se contém, como espero, algum escrito seu, agradeço-lhe um milhão de vezes e prometo que, lendo-o, farei como se estivesse me entretendo com o senhor, presente e falante — o que me será ameníssimo.

10
A Pietro Giordani

Recanati, 8 de agosto [de 1817].

Meu caríssimo.

Quando um jovem diz ser infeliz, geralmente se imaginam certas coisas que não gostaria se imaginassem de mim, em especial o meu Giordani, a quem eu seria virtuoso mesmo quando já não houvesse outro Espectador, nem qualquer prêmio para a virtude. Por isso quero dizer-lhe que, mesmo desejando muitas coisas, e até ardorosamente, como é natural aos jovens, nunca desejo algum me fez, nem pode fazer-me, infeliz; nem aquele de glória, porque creio firmemente que eu riria da infâmia quando não a merecesse, assim como já há algum tempo comecei a desprezar o desprezo dos outros, o qual não pense que me virá a faltar. Faz-me sobretudo infeliz a ausência de saúde, porque, além de não ser daqueles filósofos desapegados da vida, me vejo forçado a estar afastado da minha paixão, que é o estudo. Ah, meu caro Giordani, sabe como têm sido meus dias? Levanto-me tarde da manhã, porque agora, coisa diabólica!, prefiro o sono à vigília. Depois começo imediatamente a caminhar, *passear sempre, sem JAMAIS abrir a boca ou um livro*, até o almoço. Almoçado, passeio sempre do mesmo modo, até o jantar: de maneira que faço, se muito, uma leitura de uma hora, amiúde com esforço e interrupções, às vezes abandonando-a no meio. Assim vivo e tenho vivido há seis meses, com pouquíssimos intervalos. A outra coisa que me faz infeliz é o pensamento. Creio que o senhor já saiba, mas espero que não tenha sentido, em que medida o pensamento possa crucificar e martirizar uma pessoa que fique à sua mercê e pense um tanto diversamente dos outros; quero dizer, quando a pessoa não tem qualquer divertimento ou distração, mas apenas o estudo, o qual, porque fixa e mantém a mente imóvel, prejudica

mais do que ajuda. A mim o pensamento deu e continua dando, por períodos longuíssimos, estes martírios, e isto porque sempre me teve inteiramente à sua mercê (e, repito, sem nenhuma vontade minha), prejudicando-me a olhos vistos, e me matará se eu antes não mudar de condição. Tenha por muito certo que, estando como estou, não posso divertir-me mais do que faço — e não me divirto nada. Afinal, a solidão não foi feita para os que ardem e se consomem por si mesmos. Nesses últimos dias estive bem melhor (porém, qualquer pessoa saudável se sentiria morta nesta situação melhorada), mas é a trégua habitual que, depois de uma longa ausência, retorna; e já parece que quer se afastar, deixando-me sempre neste estado que já dura dois anos, dos quais seis meses ininterruptos. Não obstante, esta trégua me havia dado alguma esperança de poder reaver-me mudando de vida. Mas não se muda a vida, e a trégua parte, e eu volto, ou melhor, fico sendo o que era. Mas deixemos de conversa; não é preciso que me responda quanto a este assunto, sobre o qual é tedioso e inútil discutir.

Apreciaria muito que me definisse o seu *perfeito escritor italiano*, porque estou convencido de que, para tornar-se medíocre, é preciso mirar ao ótimo. Mas o que eu não apreciaria ouvir do senhor, especialmente quando se trata das nossas belas Letras, sobre as quais, pensando dia e noite, não tenho ninguém com quem trocar uma palavra — quando o que todos os homens desejam naturalmente é falar daquilo que lhes agrada, desprezando, como costumo fazer, todos os outros assuntos. Creio que se nos encontrarmos, ficarei alguns dias sem lhe dizer nada, por não saber por onde começar. Serei generoso se lhe der tempo para comer e dormir, sem assediá-lo continuamente com a minha fala. Por ora estou com os trezentistas, apaixonado por aquela escrita, e, sem que a entenda, mas vendo e tocando com as mãos, intuo que assim como o estilo latino, transportado para a nossa língua, não pode soar senão duríssimo e, como se diz comumente, *tutto d'un pezzo* (de um só pedaço), o estilo grego, por sua vez, aqui se adapta e dobra, resultando tão brando, tão doce, natural, fácil, ágil, que é como se estivesse onde mais lhe convém, como se fosse feito sob medida para esta língua. Eis aqui uma tempestade de pensamentos que gostaria de transmitir-lhe: reservo-os para quando nos virmos. Muito me compadeço dos seus transtornos e aborrecimentos. São aquilo que os Gregos chamavam de ἄθλος. Freqüentemente esta palavra me vem à boca, e agora que sei que um ἄθλος meu seria o último, agrada-me muito. Mas engolir assim os dias e os meses como eu faço é também um terrível ἄθλος. Com que palavra italiana traduziríamos esta grega? *Travaglio* (aflição) sugere o penoso, mas não o grande e o vasto. Mas não me arrisco a afirmar que esta palavra não possa ser traduzida em italiano, tampouco me fio em conhecer esta nossa língua soberana, imen-

sa, onipotente. Lamento que não tenha recebido a minha carta sobre o *Dionigi*, apenas porque nela, a fim de esclarecer a questão, acrescentava novas analogias, as quais não desejaria ver divulgadas por algum estrangeiro antes que os Italianos o fizessem, nem que ocorressem a Visconti, de quem sinceramente devo confessar que não gosto nada, porque me parece esquecido da Itália (na qual, deixando de lado que é sua pátria, quem não sabe que é um arqueólogo?), tendo abandonado não só a terra, mas também a língua. O senhor me dirá que ele escreve em francês para que todos o entendam. Respondo que essas coisas que querem ser Européias não devem ser escritas em francês ou em italiano (como fazia Visconti quando estava na Itália), mas em latim, e eu aduziria muitas provas sobre isto, caso o senhor já não as conhecesse; além disso, não quero ser cansativo. Remeto-lhe de novo a nota dos associados a Belcari, mas lamento que a receba sem a outra minha, onde suplicava-lhe mais uma vez que me perdoasse a escassez do número que vi reduzido cruelmente em minhas mãos. Já que neste ínterim não lhe enviei qualquer agradecimento pelo seu livro sobre o *Dionigi*, digo-lhe que o apreciei sobremaneira e que ele me agradou infinitamente, tanto que o li duas vezes de cima a baixo, sem contar as inúmeras leituras esparsas; na minha outra carta, agradecia-lhe particularmente sua atenção em mandá-lo assim que fora publicado. Meu pai o saúda afetuosamente. E eu me despeço e o abraço, meu querido Giordani. Que o seu coração lhe diga quanto eu o amo. E se o amor não estiver à sua altura, será só porque a tanto é impossível chegar. Adeus, meu caro e delicadíssimo Giordani.

Sou o seu bom

Leopardi

11

A Pietro Giordani

Recanati, 11 de agosto [de 1817].

Meu caríssimo Giordani.

Como pretende que eu não conheça a amizade, lendo suas cartas e considerando o meu coração? Se fui pouco respeitoso ao falar de mim com modos indiscretos, perdoe-me. Já respondendo à sua de 24 de julho, disse-lhe que podia deplorar o meu modo de vida. Não tema, caro Giordani, que lhe obedeço: disto esteja certo. Oh, por acaso pensa que não o ame? ou que não me ame? Mas se não o pensa, por que quer acreditar que eu me obstine em fazer o que me prejudicaria? Que provas tem disto? Estando em Recanati como estou, nada me pode consolar da priva-

ção dos estudos; no entanto, porque sei que é necessário estar um período sem estudar, e em obediência aos seus conselhos, não estudo — e assim faço há tempos. Saiba que há seis meses não escrevo, e leio tão pouco que é quase nada: a tradução do *Dionigi* foi feita em janeiro passado. E ditar uma carta, caro Giordani, não é grande coisa. Não pense, pois, que lhe desobedeça. Quanto ao discursinho, quero que me diga sinceramente se, feitos alguns cortes e mudanças, acredita que seja publicável, ou se pensa que, mesmo que a minha opinião seja correta, querendo-o publicar, seja necessário expô-lo de outra maneira: porque eu o publicaria no *Spettatore*, pelos motivos que apresentei na minha última. Meu pobre Giordani, sinto-o consumido por tédios e atribulações. E eu não desejaria aumentá-los: por isso responda-me brevemente, pois ainda que a brevidade de suas cartas comumente me entristeça, agora me agradará deveras. A trégua que mencionava na minha última não passou, de modo que não se aflija por mim. Oh, será possível que eu venha a ser motivo das suas aflições, eu que desejaria estar sempre aflito para que o senhor fosse sempre feliz? Quero-o sempre feliz, felicíssimo, ó meu Giordani, pois que para isto nos servem os estudos e a observação do Belo, que todos os dias nos esforçamos em imitar. Meu pai o saúda.

Adeus, adeus meu incomparável Giordani. Seu

Leopardi

12
A PIETRO GIORDANI

Recanati, [29 de agosto de 1817].

Caro, caríssimo, queridíssimo Giordani.

Endereçara-lhe duas cartas a Veneza antes de receber a sua do dia 10. Não creia que eu pudesse ficar tanto tempo sem lhe escrever. Na primeira delas, pedia-lhe que não pensasse de mim aquilo que com pouco risco se pensa dos jovens que se dizem infelizes; dizia-lhe que, conquanto eu tenha muitos desejos, nunca nenhum pôde nem poderá fazer-me infeliz; que, afora o pensamento, que sempre foi meu algoz e, se eu continuar em seu poder e em solidão, será meu carrasco, é a falta de saúde que me deixa assim, pois que, tirando-me do estudo em Recanati, tira-me tudo; descrevia-lhe minha vida, que há sete meses consiste em caminhadas solitárias, podendo fazer apenas uma hora de leitura por dia; pedia-lhe que estivesse certo de que, estando como estou, não posso mais divertir-me com aquilo que faço, e de fato não me divirto; acrescentava que, por ter estado melhor de saúde por alguns dias, agarrara-me à esperança de po-

der recuperar-me mudando de vida, que só não muda porque não depende de mim; erguia castelos no ar sobre a sua vinda tão desejada; dizia-lhe alguma bagatela sobre os trezentistas; e compadecia-me dos seus tédios e atribulações, incentivando-o a ter paciência. Na segunda carta, procurava aplacar a ira misericordiosa com que me escrevera em 27 de julho, assegurando-lhe que não sou um obstinado, mas um cumpridor de suas ordens, tendo passado sete meses sem escrever quase nada, lendo pouquíssimo, no máximo ditando uma carta. Finalmente, pedia-lhe, como lhe peço, aliás, imploro e ordeno, que não se afligisse minimamente por mim, que de bom grado estaria sempre aflito para que o senhor fosse sempre feliz. Quanto ao mal presente, cumpre animar-se e suportá-lo, e quanto ao dano que poderá advir, que se há de fazer? Basta que eu não seja culpado por ele. Note que não posso dizer que estou curado: mas tento ser feliz por amor ao senhor. Necessitaria muito de distrações, que não tenho: quiçá me devolveriam a saúde e a vida. Entretanto, a trégua que me foi concedida pelos meus distúrbios não foi breve. Seja feliz e me queira bem, pois assim serei feliz também. Quanto à dissertação, retiro-lhe algumas coisas, acrescento outras e a envio para o *Spettatore*. Diga-me se faço bem ou mal. A propósito de Ciampi,[11] riremos. Não sei como se possa deblaterar tendo sido tratado tão bem, tenha ele razão ou não. Que gente! Restrinjamo-nos a nós, caro Giordani, que somos bem poucos no mundo os de bom coração, como bem poucos são os de boa cabeça. Espero de braços abertos o seu *Panegírico*, que me deve ter sido enviado há três meses. Uma outra partida de livros, enviada de Milão quatro meses atrás, ainda não chegou aqui. Não tenho notícias de uma encomenda que fiz há três meses. Em conclusão, não se pode querer estar a par do que a gente escreve, pois que se está entre animais. Esteja certo de que é desesperador. Caso escreva a Mai e a Cesari, cumprimente-os por mim. Gostaria de ver os novos opúsculos de Mai, de ver as Lições de Cesari, mas nem vale a pena encomendá-los; os lerei em Milão, se Deus quiser que eu lá esteja. Em Recanati posso morrer, mas decerto não viverei. Meu pai o saúda. Diga-me se o artigo sobre o comentário de Visconti no *Spettatore* é realmente seu, como pensei. Recebi a sua última depois de 15 dias. As cartas de Milão me chegam em cinco. Talvez seja melhor endereçá-las diretamente a Recanati. Adeus, caro Giordani. *Sufficit talem amicum habuisse.* Oh, que Deus o conserve, pois qualquer desgraça que o atingisse seria para mim uma morte.

Adeus, adeus.

13
A PIETRO GIORDANI

Recanati, 26 de setembro de 1817.

Meu caríssimo.

Respondo às suas dos dias 1 e 9. O nosso bom Mai escreveu-me com aquela cortesia de sempre. Respondi, mas caso ele tenha feito a viagem que me anunciara, não terá recebido a carta. Mudar a bel-prazer os escritos alheios é realmente um belo hábito do *Spettatore*. Já me fizeram tantas vezes este serviço que jurei nunca mais lhes mandar uma sílaba; mas porque é cômodo ter um jornal à disposição, e como este sempre me esteve disponível, temo uma vez ou outra cair em perjúrio. Minha saúde nesses dias poderia ter estado pior. Sair daqui, nem pensar. Ao senhor acontece o que acontecerá a mim, caso eu venha a conhecer o mundo: ter tédio dele. Neste caso, talvez não me desagrade, talvez até aprecie este ermo que hoje abomino. E quando digo mundo, refiro-me a este mundo comum, porque não quero nem títulos, nem honras, nem cargos, e mesmo que os quisesse, talvez não os conseguisse; Deus me livre das prelazias que gostariam de impor-me, Deus me livre de Justiniano e do Digesto, o qual eu não suportaria digerir *in aeternum*. Certamente não quero viver entre a turba, pois a mediocridade mete-me um medo mortal; quero alçar-me e ser grande e eterno através do engenho e do estudo: empresa para mim árdua e talvez quimérica, mas aos homens cumpre não desanimar, nem perder a esperança em si mesmos. Se assim concedo que esteja cansado do mundo, nem por isso permito-lhe que esteja cansado ou menos enamorado dos estudos, aos quais quero vê-lo sempre ardorosamente apegado — até por mim, que preciso extrair de minha alma e das suas cartas todas as forças que esta maldita cidade não me dá. Por isso, não me fale dessas coisas com desânimo, que assim perco a coragem. Não é preciso pôr a culpa na escassez de livros. Já não lhe é necessário aprender, mas desfrutar o aprendido. Se pensa que eu esteja muito bem de livros, muito se engana. Se soubesse os Clássicos que me faltam! Se nomeasse um deles, o faria ruborizar-se por mim: quando vier aqui, certamente me tomará por um ignorante. Os meus recursos não bastam para comprá-los, e do alheio não quero abusar mais do que o necessário. Creio que se convencerá plenamente de que aqui não se está melhor do que em Piacenza, nem quanto ao governo, nem sob qualquer outro aspecto. Pois esta é a capital dos pobres e dos gatunos: mas os vícios faltam (exceto o de furtar), porque também faltam as virtudes. Faça o favor de me dizer ao menos os nomes dos notáveis que vivem em sua pátria. Aqui, temos sete mil, todos notáveis pela paciência que têm de permanecer em Recanati — paciência

que muitos Nobres vêm perdendo. As mulheres, para sermos generosos, têm pouco mais do que aquilo que trouxeram da natureza, e o mesmo se pode dizer da maior parte dos outros. Não creio que as graças jamais tenham estado aqui, nem mesmo de passagem. No meu círculo doméstico, que não é pequeno, ouvem-se tantas belezas durante o dia que é uma maravilha. Mas eu as minimizo, e assim não me fazem mal. Exceto que, agora, por causa destas febres pútridas que grassam, às vezes temo que me façam alguma brincadeira danosa ao meu estômago: mas confio que este se mantenha são como sempre, física e moralmente. Dos meus muitos irmãos, há um com quem fui criado desde a infância (sendo ele apenas um ano mais novo), que é como se fosse um outro eu, e será sempre, junto com o senhor, a coisa mais querida que eu tenha no mundo; tem um excelente coração; sobre o seu engenho e estudo poderia dizer muitas coisas, se o quisesse; é o meu confidente universal, em certa medida partícipe dos meus estudos e leituras — digo em certa medida porque discordamos muito, não por inclinação, já que amamos os mesmos estudos, mas pelas opiniões divergentes. Como é natural, ele o adora, só por conhecê-lo indiretamente; ele é o único com quem abro a boca para falar de estudos, o que ocorre freqüentemente — e mais amiúde ocorreria se não houvesse tanta disputa, que são fraternas mas exaltadas. Anseio muito pelo seu *Panegirico*, que ainda está a caminho. Seria preciso que aqui viessem os impacientes, os que quando desejam ardentemente uma coisa não sabem suportar a espera. Eu também já tive esses vícios, por isso posso dizer que este inferno subjuga todas as paixões. Cavalgar, como o senhor me aconselhou, certamente me faria bem; este é um dos poucos exercícios que eu poderia fazer, ao contrário da natação, dos jogos de bola e outros, que se há não muito me teriam dado a vida, hoje me matariam caso os tentasse — o que é absolutamente impossível. Poderia cavalgar, dizia, se tivesse *muitas coisas* que não tenho.

Vou contando, meu caro, os dias e meses que faltam para que eu possa vê-lo. Enquanto isso, conforte-me e divirta-me com as suas cartas, se possível longas. Assunto não lhe faltará, sabendo quanto anseio por ouvi-lo falar dos nossos caros estudos. Mas se as suas atribulações continuam, seja breve. Adeus, caríssimo. Meu pai, a quem bastou ler duas ou três de suas obras para estimá-lo definitivamente, o saúda. E eu o abraço com todo o afeto.

Adeus.

Não sei se sabe que em Roma se prepara uma reimpressão magnífica da *Eneida* de Caro, a cargo da princesa de Gales. Diga-me o que pensa da edição de Sonzogno, e se teve alguma participação nela. Mal escrevi, e vejo nos jornais recém-chegados de Roma que não se trata de Gales, mas

Devonshire; e esta vaidade que me faz dar uma nova que já é pública. Vejo também o anúncio da publicação do *Dittamondo*[12] e da tradução de Quinto Calabro, por Baldi.

14
A PIETRO GIORDANI

Recanati, 10 de outubro de 1817.

Quod bonum faustumque sit, finalmente tenho o seu *Panegirico*, dádiva realmente esplêndida e magnífica, por dentro e por fora. Como retribuí-la? Com o acréscimo do meu afeto e gratidão? Seria um prazer, caso fosse possível: mas não o é. Penso que o senhor queira que eu o faça manifestando sinceramente o meu parecer sobre sua obra. Obedecerei, embora preferisse poder retribuir-lhe de outra maneira, já que o meu juízo, sendo a coisa mais cara de que disponho, proporciona-lhe um benefício mínimo: mas enfim obedecerei. De fato, não acredito que a Itália possua outra obra tão bela neste gênero. Digo bela pelas coisas e pelas palavras, ou pelo modo de expor as coisas. Pelas coisas, porque é muito singular o seu domínio sobre a história de cada país, de modo a poder manuseá-la sempre que desejar, argumentando com grande propriedade em favor das suas sentenças, o que denota uma cognição substancial e precisa de muitos fatos separados, um entendimento profundo, vasto e claríssimo dos meandros e da parte, como se diz, científica da História, ou seja, não só dos fatos, mas também da concatenação deles, e do uso que o homem pode e deve fazer da experiência dos precursores; porque é admirável a sua filosofia e o conhecimento dos homens e das coisas públicas, e de como caminha este nosso mundo; porque em toda a sua obra resplandece intensamente esse amor visceral pela pátria e pelos homens, essa rara bondade de coração, que necessariamente seduz e comove o espírito; porque a obra é repleta de reflexões, de verdades profícuas ou novas — ou que o parecem ser —, e finalmente por outros cem méritos de várias espécies. Bela pelas palavras, porque, afora a língua, o estilo é o de sempre, exemplar e, como lhe apraz chamar, verecundo, mas daquela verecúndia que convém a este gênero de oratória, isto é, não de donzela, mas de matrona; porque se percebe a belíssima união da figura grega com as cores do *trecento*, ou seja, da graça, naturalidade, propriedade, eficácia da língua com a nobreza simples e venusta do estilo; porque este se curva conforme a necessidade de cada modo de eloqüência, sendo sempre aquilo que deve ser: talvez o senhor sorria destas loas tão grosseiras, mas além de eu provavelmente não compreender certas sutilezas, se quisesse

descer aos pormenores não terminaria nunca. Todavia, é preciso ressaltar a singular beleza e eloqüência daquele passo da f. 44, onde se narra o fato atroz sobre Vespasiano, e aquele outro, onde se expõe que um país precisa defender-se por si próprio, e toda a conclusão, onde certas teclas e cordas são tocadas de modo a suscitar uma comoção inevitável. E para que veja que expresso sinceramente o meu juízo (e tome-o pelo que vale), acrescento que não me parece acertado aquilo que é dito à f. 33, ou seja, que os bravos antigos desprezavam a paciência: sabe-se ao menos dos Espartanos (os quais sem dúvida eram dos mais bravos) que eles pediam aos Deuses força para suportar os ultrajes. Este pedido, junto com o ditado de Tales segundo o qual a coisa mais rara é um tirano envelhecer, parecem-me efeitos sublimes da força geral e individual de um povo, onde cada um sabia que podia fazer vingança, mas pedia paciência para não fazê-la. Hoje, aquele que pedisse a Deus paciência para poder suportar as tiranias seria alvo de risos. E se por desgraça um tirano não envelhece, certamente não é por nossa culpa. Em uma ou duas vezes pareceu-me que o excesso da sua erudição houvesse superado um tantinho os limites, que o acúmulo de exemplos e analogias desse ao discurso um certo ar sofístico, à maneira de Temístio e Libânio, nos quais a erudição e as analogias forçadas amiúde substituem a eloqüência. Mas isto em apenas uma ou duas passagens, no máximo. Nas demais partes a história é oportuna e naturalíssima, dando espaço a infinitas belezas de língua e de conceito. Tudo isto é dito como Deus quer: por isso, tome por bem minhas palavras, meu querido.

Também recebi, com enorme atraso, a sua de 21 de setembro. Oh, quanto me dói saber que, com a sua vinda, perderei grande parte da sua estima! Porque tenho por certo e infalível que o senhor reconhecerá o terrível equívoco quanto à imagem que faz de mim em suas cartas. Por isso, e para que o seu desagrado não seja tanto, nem tão grande o meu constrangimento, peço-lhe misericordiosamente que prepare seu espírito e esteja certo de que mudará de opinião quando me conhecer: porque não existe vergonha maior do que a de quem sabe que não correspondeu às expectativas de outrem. Isto, quanto à estima. Quanto ao afeto, é outra coisa. Realmente não ouso afirmar que meu coração seja tão bom quanto o seu, que é único. Todavia, é bom, e merece que o seu afeto por mim não diminua nunca. Adeus, meu querido Giordani. Agradeço-lhe cordialmente pelo *Panegirico*. Se a exposição sincera do meu juízo lhe parece, como é, pouca coisa, não sei como possa recompensá-lo. Esteja sempre feliz.

Adeus, adeus.

15
A PIETRO GIORDANI

Recanati, 27 de outubro de 1817.

Respondi à sua do dia 9 de setembro em 26 do mesmo mês, e no dia 10 deste, à outra de 21 de setembro, após a qual (que custou quinze dias a chegar) não recebi outra sua. Pelo amor de Deus, não deixe de escrever, que eu fico em ânsias, embora acredite que a culpa seja dos malditos correios, os quais funcionam como se tivessem sido inventados hoje. Como o senhor me disse que iria para Milão em novembro, e a data se aproxima, apresso-me a escrever-lhe a fim de que a carta não chegue após a sua partida de Piacenza. Quando estiver em Milão, ficaria agradecido se procurasse um Xenofonte que eu pudesse comprar e, encontrando-o, me avisasse para que eu pudesse providenciar um portador. Não o encomendo diretamente porque me mandariam o primeiro que aparecesse, com o qual eu teria de ficar. Sobretudo não desejaria que fosse um in-fólio, por causa da minha vista, que graças a Deus é boa, mas curta, incapaz de ler a distância, de modo que devo curvar-me sobre a folha quando esta é muito longa — coisa que estou impedido de fazer. Seria ótimo se pudesse ser comodamente levado na mão e lido enquanto se passeia, *omne ferret punctum*, a menos que o grego não fosse enxuto e isento de emendas e distorsões. Não me importo que a edição não seja novíssima, mas tampouco gostaria de que fosse do *cinquecento*. Em suma, deixo em suas mãos: mas de qualquer modo gostaria de um Xenofonte, pois é uma vergonha que eu ainda não o tenha. Se houvesse no mercado uma das tantas coleções de Clássicos gregos impressos na Alemanha ou em outros países, eu a compraria de bom grado, especialmente se fosse de formato pequeno e anotada, para que pudesse ler o texto ininterruptamente, sem precisar consultar outros livros nas passagens difíceis. Caso esta o encontre de partida para Milão, responda-me apenas quando estiver lá, já que assim dez dias serão poupados, pois, como já disse, as cartas de Milão chegam em cinco, e as de Piacenza, em quinze dias. Na minha última, falei do seu *Panegirico*, mas não disse metade do que gostaria. Deus queira que nos encontremos um dia, quando então conversaremos longamente.

Adeus, caríssimo. Queira-me sempre bem, e escreva, e tenha saúde e alegria. Seu

Leopardi

16

A PIETRO GIORDANI

Recanati, 21 de novembro de 1817.

Ó meu caríssimo e dulcíssimo Giordani, abraço-o de corpo e alma. Mas que nova maneira de começar é esta? Oh, Deus, o senhor não sabe por que sofrimentos passei nestes dias, e pelo senhor, que bem pode imaginar qual a razão. Desde que lhe escrevi a minha última até o momento em que recebi as suas dos dias 1 e 6 (que chegaram juntas), estive, não tendo notícias suas, numa ansiedade medonha. Em suma, pensei do senhor aquelas coisas terríveis que se pensam das pessoas mais caras que a nossa própria vida. Os apertos no coração foram tão dolorosos que não me lembro de tê-los sentido antes. E como nestes últimos meses a saúde andou bem melhor, lamentava que, havendo apenas duas coisas que possam tirar minha paz, quero dizer, minha enfermidade e as tristezas das pessoas queridas, eu, tendo de certo modo saído daquela, haja logo caído nesta outra infelicidade, a qual, caso não tenha ou ao menos possa ter algum alívio, me oprime tanto ou mais do que aquela; mas se para esta houvesse algum consolo, tê-lo-ia recusado, pois qualquer sombra de descontração me causaria dores e náuseas. Para livrar-me desta tortura, tendo escrito três cartas ao senhor e nada mais podendo fazer, escrevi a Mai uma carta cheia de angústia, rogando-lhe que logo me desse notícias suas: não obtive resposta porque a enviei pelo mesmo correio que me trouxera as suas últimas. Talvez Mai se ria de mim, achando-me uma mocinha ou um menino, e quem sabe esta não seja também a sua opinião: mas, se assim o for, saiba que a isto cheguei apenas por sua causa. Mas eu não podia ter previsto o que acontecera? não podia imaginar que o senhor estivesse no campo? Podia, e de fato o imaginei, mas este pensamento não me bastou. Perdoe meus sentimentos se acreditei que, mesmo estando na vila, o senhor não descuidaria de mim e da nossa correspondência. Quanto à primeira pergunta, sei que não me enganei; quanto à segunda, já não me ressinto de o senhor não o ter feito: não me posso ressentir senão deste meu amor, ao qual as coisas mais ordinárias parecem estranhíssimas e milagrosas. Mas como não posso ressentir-me do senhor, disto não me ocuparei, como tampouco do sofrimento passado, já que este se deu por sua causa, mas sobretudo porque foi vão. Que Deus seja bendito, pois que agora o tenho: na verdade, quando recebi suas cartas desafiei todas as desgraças do mundo a desabarem e a me sacudirem, caso pudessem. E porque sempre estou a seu lado e dou-lhe a palavra em meus pensamentos e estudo maneiras de agradar-lhe, e ainda por estas infames suspeitas, pareceu-me não haver mais motivos para que eu estu-

dasse e, voltando-me para o futuro, não vi como pudesse viver senão em um estado próximo àquele em que vive a alma desgarrada do corpo — que, segundo os filósofos, é violento. Portanto, agora que estou livre desta ânsia, peço-lhe pensar, pelo amor de Deus, que eu já não existo senão com a sua existência, de modo que não há infelicidade sua que não seja minha também, e que se a simples suspeita pôde tanto, não se pode dizer quanto poderia a certeza. Por isso, cuide de quem o ama mais que a si mesmo, e se não quiser que eu morra, viva, e se não quiser que eu viva miseravelmente, viva feliz. Digo isto de coração, porque não gostaria de recair na aflição passada.

Não se incomode em querer ajustar as diferenças entre mim e meu irmão, já que não teria sucesso. Saiba que este celerado não quer ouvir falar em diferenças, e tampouco admite que entre nós estas existam de fato; veja quanto nos entendemos. Sobre as nossas controvérsias não lhe posso escrever, pois são infinitas e crescem diariamente, tais como fungos. Bastará que saiba as razões da parte de Carlo, que são: pouco amor à pátria e aos antigos, muito aos estrangeiros, muitíssimo aos Franceses. Quanto às minhas, já as conhece. Quanto às palavras que o senhor me dirige, como não creio que minhas recentes manifestações sobre o nosso mútuo amor fraterno lhe tenham saído do pensamento, considero que não há mais nada a ser dito.

Pelo estilo, pareceu-me que a dedicatória a Caro fosse sua: por isso lhe fiz aquela pergunta. A minha conjectura era tímida, e por isso não a exprimi. Mas agora que percebo ter acertado, evito qualquer comentário e espero que não lhe ocorra esconder-me seus escritos. Do *Dittamondo*, como se o adivinhasse, não estava convencido de que valesse muito; achava que, dos poetas trezentistas, salvo os dois soberanos, nenhum fosse bom, exceto pelo vocabulário.

Da escolha do estado, concordamos tão bem um com o outro, que não poderia ser melhor. Faz tempo que resolvi não me resolver senão quando Deus quiser. Do amor pela glória, a minha máxima é esta: ama a glória. Mas, primeiro, apenas a verdadeira, e, por isso, não só recusa os elogios falsos e imerecidos, mas também os rechaça, não os ames, mas abomina-os; segundo, estejas certo de que nesta idade, mesmo sendo bom, serás louvado por pouquíssimos, por isso, procura agradar a esses pouquíssimos, deixando que outros agradem à multidão e sejam sufocados pelos elogios; terceiro, das críticas, das maledicências, das injúrias, dos desprezos, das perseguições injustas, faze como se não existissem, e das justas, não te aflijas mais do que fizeste para merecê-las; quarto, não invejes os homens maiores e mais famosos, mas os aprecia e elogia como puderes, amando-os sincera e alegremente. Sob estas condições, o amor pela glória não me parece perigoso. Κἀγὼ μὲν οὕτω πως ὑπείληφα.

Quando tiver tempo, diga-me o seu parecer sobre isto e saiba que, embora eu seja jovem, me esforçarei em parecer maduro para bem aprender e seguir seus ensinamentos.

Pouco antes de receber suas últimas cartas, havia começado a ler Tasso: o seu conselho em torno da prosa que hoje se lê chegou-me oportunamente, porque o pedantismo e o preciosismo desta já me faziam recuar. Agradeço-lhe por ele, do qual me servirei. Agora estou com Demóstenes, com Cícero, com Segneri e com o seu Tasso. Bela e delicadíssima companhia, mas nos falta o senhor. *Erit ne quum te videbo*? Certamente, espero que sim; não o esperaria se dependesse de mim, mas como a decisão cabe-lhe exclusivamente, preciso contentar-me em esperá-lo. Se é verdade que me ama, procure consolar-me. Meu pai e Carlo o saúdam.

Adeus, adeus.

Sei que o senhor deveria escrever uma daquelas vidas de Italianos ilustres que são publicadas por Bettoni.[13] Diga-me se a escreveu, e qual.

17
A Pietro Giordani

Recanati, 5 de dezembro [de 1817].

Meu caríssimo.

Respondi às duas suas de 1 e 6 de novembro com uma longa carta, e agora respondo à outra, do dia 22. Do irmãozão (e não irmãozinho, como o chama, já que ele, apesar de delicadíssimo, é tão alto e robusto que mete medo a um urso) falei-lhe na minha última. Das minhas atuais ocupações, sobre as quais indaga, só posso dizer que em parte recai na enfermidade e que vou lendo os meus Clássicos, Gregos pela manhã, Latinos de tarde e Italianos à noite; e assim espero durar mais um aninho, escrevendo apenas umas ninharias que tenho em mente e limando duas ou três já prontas, após o que, tendo praticado bastante o grego e me enriquecido com o ouro dos Clássicos, penso em entrar em campo com uma tradução solene (não tão solene quanto se esperaria) e depois deixar que atuem o acaso e a fortuna. Mas isto é realmente contar com o incerto, e seria preciso que duas coisas volubilíssimas mudassem em mim: a saúde e a vontade. Em julho passado, a leitura dos trezentistas incitou-me a escrever um tratado para o qual há anos eu havia preparado, ordenado e abandonado um material. Escrevi o início e depois o deixei para outra ocasião. Se esta carta pudesse alcançá-lo antes que partisse para Milão, pediria que solicitasse a Stella[14] algumas cópias do Segundo Livro da Eneida, para que as

oferecesse a amigos seus, advertindo-os de que é obra não revista, tendo o autor feito correções e alterado passagens após a impressão, cancelando especificamente o penosíssimo prefácio. O certo é que hoje pouquíssimos conhecem o meu nome, e estes pouquíssimos conhecem apenas as porcarias de que me envergonho; mas quando alguma coisa minha se der a conhecer, não me importarei que ora se conheça apenas esta, tão imperfeita. Desta posso dizer sinceramente, para que tudo esteja conforme o que penso, que o fato de tê-la publicado não me valeu senão pelas três únicas cópias que doei, não contando absolutamente aquele meio cento de exemplares que semeei entre a vilíssima plebe Romana e das Marcas. Enfim, ela é inteiramente desconhecida por estas bandas, onde no entanto vejo que se fala de cem outras traduções, que em sã consciência não posso dizer que sejam melhores. Disto resulta que, privado de todo intercâmbio literário, não posso divulgar sozinho obra alguma, minha ou de outrem, nem através de doações. Stella, que ao ver-me impossibilitado pelas razões que expus, prometera cuidar da distribuição do meu livreco como se fosse coisa sua, deixa-o dormir à vontade, como pude deduzir de uma nota que me enviou — o que é natural. Que durma em paz, pois assim felizmente os terei poupado deste incômodo.

Quanto a Arici, o senhor fez muito bem. Saiba que não disponho de um vintém para gastar, mas meu pai providencia tudo o que lhe peço, e quer e solicita que lhe peça tudo aquilo que desejo. Eu, entre o não ter e o pedir, escolho o não ter, a menos que a necessidade dos meus estudos ou um desejo irrefreável de ler algum livro não me force a tanto. E digo "o desejo de algum livro" porque a ele não peço nada mais que livros, exceto um par e meio de idas para fora — que ele não me dá, pois está convencido de algo que não me convence, ou seja, que eu deva posar de aristocrata em sua casa. Mas voltando aos livros, quando tenho ocasião de pedi-los espontaneamente, como desta vez em que o senhor interveio, não tenho nenhum pudor; portanto, sempre que lhe aconteça gastar em meu nome, estará dando um grande prazer a mim, que terei mais um bom livro a ler, e nenhum desprazer a meu pai. Com muito agrado me desdobraria para encontrar-lhe associados, se pudesse. Mas não posso deixar de lhe dizer que esta região é na verdade estéril e difícil; porém, qualquer um com a metade do meu desvelo poderia obter bem mais do que obtenho. Concluindo, sou um menino e sou tratado como tal; e, não digo em casa, onde me tratam como criança, mas fora, todos que tenham algum contato com minha família, recebendo de mim uma carta e vendo este novo Giacomo, se não me tomam pela alma do meu Avô que, morto há 35 anos, teve este mesmo nome, pensam que eu seja um dos fantoches da casa e consideram (mesmo um criado) que ao responderem a mim, rapaz, estejam fazendo um favor, despachando-me com duas linhas, das

quais uma contém cumprimentos a meu pai. Em Recanati, sou tomado por aquilo que sou, um autêntico e bom rapaz, e muitos me dão o epíteto de sabichão, filósofo, eremita e outros mais; de modo que, se me arrisco a induzir quem quer que seja a comprar um livro, ou este me responde com uma risada ou, se leva a sério, diz-me que não é mais tempo disto, que com o passar dos anos eu o verei, que também ele, na minha idade, tinha a mania de comprar livros, a qual se dissipou com a vinda do juízo, que o mesmo sucederá a mim; e então eu, jovem, não posso alçar a voz e gritar: raça de asnos, se pensam que os repetirei estão totalmente enganados, pois não deixarei de amar os livros senão quando o juízo me deixar, o qual nunca lhes pertenceu, muito menos quando deixaram de amar os livros. Veja, pois, além do retrato da minha felicidade presente, como sou incapacíssimo de servir ao senhor e às cartas quanto a este particular e a outros.

Sobre o apreço que tenho por Arici, pode constatá-lo ao ler a feíssima prosa que antepus à *Titanomachia* de Hesíodo, publicada há meses no *Spettatore*. Contudo, dir-lhe-ei sinceramente que, dele, nem a Epístola melancólica que consta da *Biblioteca Italiana*, pura imitação de Pindemonte, nem o discurso sobre a Epopéia, mísero e estreito como nenhum outro, nem o esboço de poema épico sobre um argumento catado com um graveto, o qual não tem muito valor em si, humanamente falando, nem suscita, a meu ver, grande entusiasmo em quem lê a história, nada disto me agrada. Em relação aos seus artigos sobre a *Pastorizia*, bem como a qualquer outro dos publicados na *Biblioteca Italiana*, havia assinalado, antes de amá-lo como hoje o amo (pois que passei a amá-lo desde que o conheci por seus escritos), algumas coisinhas que lhe escreverei ou direi, *si tanti*, quando estivermos juntos. Despeço-me, meu caro, abraçando-o com toda a alma.

Adeus, adeus.

18

A PIETRO GIORDANI

Recanati, 29 de dezembro de 1817.

Tendo respondido à sua do dia 13, não me ocorre quanto ao Xenofonte senão reiterar os agradecimentos e de novo pedir-lhe que saúde por mim o nosso caro Mai. Da tradução sobre a qual me pergunta, *nondum matura res est*, não digo da obra, que sequer começou, mas das idéias, sobre as quais nada posso dizer, não tendo nem bem decidido ainda o que traduzirei. Além disso, dou-me conta de que traduzir, assim por exercício,

deve realmente preceder a atividade de compor, sendo útil e necessário para os que querem tornar-se escritores insignes; mas para tornar-se um grande tradutor convém antes haver composto e ter sido bom escritor: enfim, uma tradução perfeita é obra mais da maturidade que da juventude. Vê-se, portanto, que não estou certo de que traduzirei. O tratado iniciado e logo interrompido era *degli errori popolari degli antichi* (dos erros populares dos antigos), sobre os quais tenho uma resma de materiais recolhidos há alguns anos: mas isto é pouco ou nada, porque quase mais difícil do que tê-los acumulado deverá ser escolhê-los. Do tratado propriamente dito não escrevi mais que poucas páginas.

Prossegue a defesa de Giacomo Leopardi, acusado de política juvenil contra um amigo. Não sei realmente como pôde ter ocorrido à sua mente montar guarda por uma frase inocentíssima que eu havia usado, nem mais nem menos, para assinalar o tempo em que anotara aquelas coisinhas sobre seus artigos. Ponha-se um pouco em meu lugar e diga-me por favor como teria escrito o senhor para exprimir este tempo. *Quando io non vi conosceva* (quando eu não o conhecia), não, porque nem mesmo hoje o conheço pessoalmente, conhecendo-o desde então pela sua fama e seus escritos. *Quando io non v'amava* (quando eu não o amava), tampouco, porque seria uma mentira, já que o amei assim que o conheci. Como então? *Quando voi non mi amavate* (quando o senhor não me amava), ou *prima ch'io vi scrivessi* (antes que lhe escrevesse), ou *prima di ricevere la vostra prima lettera* (antes de receber sua primeira carta)? Seriam frases tão desastradas que eu não as saberia dizer. Então escrevi: *quando io v'amava meno che ora non fo* (quando o amava menos do que agora amo): e juro-lhe que este mesmo raciocínio que acabo de narrar foi feito pelo meu intelecto ao escolher esta frase. Mas, supondo que me desagradasse, como supõe, o fato de ter notado os seus erros (segundo suas palavras), gostaria de saber o que me teria forçado a confessar este pecado, e ainda prometer que lhe escreveria ou revelaria de viva voz aquelas pequenas observações. Ora, como o senhor tanto prega a franqueza e a liberdade entre amigos, saiba que reprovo muitas coisas naquele parágrafo da sua carta. Primeiramente, aquele mesmo vício de que me acusa, ou seja, a excessiva prudência com os amigos. Sou chamado de *accortissimo politico* (político sagacíssimo), por uma colocação que, a seu ver, era uma infantilidade, para não dizer pior. Na verdade, seria um belo elogio a um amigo. Saiba, meu caro, que quando não o amava, levava em conta os seus erros, mas hoje, Deus me livre! Em segundo lugar, condeno sua intenção de provar-me certas coisas das quais, se não acredita que eu esteja convencido, faz mal em me querer bem; lamento também que haja tomado seu amigo tão facilmente por tolo, fútil ou indelicado, anuviando-se por tão pouco. Além disso, lamento que se diga amicíssimo de gente que

o considera o oposto do que é, por estupidez ou má índole; e não é possível que a estime, pois não posso crer que um homem à sua altura possa amar uma pessoa sem estimá-la. Eu, estimando pouquíssimos, amo a tão poucos que, se os quisesse contar nos dedos, uma mão daria de sobra. De resto, aquilo que o senhor diz sobre disputas entre amigos é mais do que acertado. Aliás, creio que somente com amigos, ou com aqueles que facilmente poderiam vir a sê-lo, seja razoável e proveitoso disputar. Em sua *Vita*, meu estimado Alfieri afirma santamente que não disputava jamais com alguém com cujas máximas não estivesse de acordo. Creio que esta seja a prática dos autênticos sábios; assim, buscando tornar-me sábio e não estando de acordo com as máximas de ninguém em Recanati, não discuto nunca, e obstinadamente deixo que despejem em mim tais despautérios que fariam um cão vomitar, sem jamais dizer palavra. Daí que todos me repreendem, dizendo que é preciso exprimir a própria opinião e outras coisas belas — mas pregam no deserto às batatas.

Escreverei minhas notinhas sobre os seus artigos quando sobrar espaço no papel. Mas são bobagens, uma palavrinha aqui, uma expressão ali e assim por diante; portanto não espere mundos e fundos. Caso não temesse que lhe pudesse parecer uma bisbilhotice infantil, perguntaria quais livros o senhor está lendo, interessantes o suficiente para detê-lo em Milão; ciente disto, eu teria em que basear minhas próprias leituras. Adeus, Caríssimo. Alegre-se e faça-me feliz com as suas cartas e o seu afeto. Findo o mês, escreverei a Sartori.

Adeus, adeus.

19
A PIETRO GIORDANI

Recanati, 16 de janeiro de 1818.

Meu caríssimo.

Devo resposta às suas de 31 de dezembro e 7 de janeiro. Oh, não creia que eu tenha querido submergir naquele pântano dos Críticos de Tasso. Pense que cada meio tomo não me haja roubado mais de uma ou duas noites, e que eu não tenha buscado ali nada mais que língua e apenas língua. Envergonho-me muito por ter julgado tão apressadamente os discursos de Beni como uma das piores coisas daquele crítico. Veja com que critério lia, ou melhor, quão pequeno é o meu juízo. Entre a *Biblioteca Italiana* e o *Spettatore*, que sempre considerei um monte de lixo, pensava que aquela fosse melhor que este, quando menos porque o *Spettatore* tem medo de sofrer o frio dos Alpes, enquanto uma ou outra

cópia da *Biblioteca* às vezes escapa e, com a graça de Deus, vai para fora da Itália. Não imaginava que quem houvesse lido minha pequena dissertação precisasse absolutamente, para apreciá-la, fazer um julgamento da vida de Acerbi. Realmente considerava este senhor um daqueles janotas de carmesim, mesmo antes da sua carta, se bem que fosse um juízo temerário. Mas, pelo amor de Deus, não pense que eu tenha usado com este senhor uma palavra da qual pudesse envergonhar-me. Eu, que não me digno pedir um centavo a meu pai, imagine se por nada deste mundo teria me inclinado perante um jornalista. Também esteja certo de que as pouquíssimas e brevíssimas cartas que escrevi a ele poderiam ter sido escritas sem pejo a qualquer um. Já faz tempo, meu caro, que me reputo incapaz de cometer ações baixas, mas sobretudo nestes últimos dias, em que venho provando tais sensações na alma,[15] que começo a aperceber-me de que sou algo melhor do que supunha, em que cada hora se multiplica em mil; ó caríssimo, que eu o abrace forte e junte ao seu o meu coração, do qual já ouso dizer que poucas coisas são dignas. De resto, já na segunda carta que escrevi a Acerbi sobre a minha dissertação, mandava-o aos diabos, *conceptis verbis*, de modo que, quanto a ele, tudo está encerrado. Agradeço-lhe muito por ter recuperado o manuscrito. Se quiser dizer a sua opinião, e a de Mai, sobre os acréscimos que fiz nele, terei muito prazer. Veja bem que são tolices. Decidi há muitos meses escrever uma outra carta, talvez mais longa, sobre mais uma das descobertas de Mai. Até agora, ou por não poder ou por não querer, não fiz nada, mas no próximo mês quero empenhar-me nisto, e espero poder mandar-lhe uma cópia antes que parta de Milão. Não seria muito difícil publicar essas duas cartas, mesmo sem o intermédio de *Biblioteche* ou *Spettatori*. Mas de que valeria? Às minhas custas (digo, de meu pai) seria fácil, mas inutilíssimo, porque não é necessário imprimi-la para que só dois ou três a leiam. Quanto a oferecê-la a um livreiro, não creio que se encontre quem a queira, nem, posto que se pudesse encontrá-lo, eu saberia ou poderia fazê-lo. Mas por que lhe escrevo estas coisas? Paciência, que nem a nossa virtude, nem a delicadeza do nosso coração, nem a nossa mente sublime, nem a nossa grandeza dependem destas misérias, nem eu serei menos virtuoso, nem menos magnânimo (caso o seja agora) porque um livreiro quadrúpede não me quis publicar um livro — ou uma nulidade de jornalista, comentá-lo. Também eu já começo, meu caro, a desprezar a glória, começo a entender, com o senhor, o que é contentar-se consigo mesmo e colocar-se com a mente acima da fama e da glória e dos homens e de todo o mundo. Aconteceu qualquer coisa em meu coração que me fez crer que ele seja nobre, parecendo-me vis os dos outros homens, aos quais, se for preciso curvar-me para obter glória, prefiro não tê-la; posso perfeitamente ser glorioso a

mim mesmo, tendo tudo em mim, muito mais do que os outros jamais me poderiam dar.

Anexo, pois, segundo sua sugestão, a carta para Stella, a fim de que publique, se quiser, a dissertação no *Spettatore*. Anotarei ao pé da carta algumas correçõezinhas que gostaria que o senhor emendasse no manuscrito. Mas se isto for muito incômodo, ou se pensa que confundiriam o tipógrafo, faça-me o favor de ignorá-las, pois minha sempiterna insatisfação não merece que se lhe dê tanta atenção. Se as minhas pequenas observações sobre os seus artigos não constam desta carta, não pense que as omiti por modéstia ou capricho, o que de fato seria uma tolice. Confesso que as adiei por comodidade, temendo aquilo que certamente teria acontecido, ou seja, que me estendesse em demasia. Além disso, agora poupo os dias a fim de concluir aquela carta de que falava antes, a tempo de copiá-la e enviá-la antes que parta daí. O senhor me dirá: ainda não estamos na quaresma, e já pensa em concluir uma carta antes da páscoa. Mas é preciso que eu vá devagar com esta minha saúde, que eu faça certas leituras indispensáveis antes de começar a escrever, sem interromper meus exercícios habituais, de forma que não poderei concluí-la neste mês. E assim, para fazer algo que anteriormente me tomava um dia, agora necessito de uma semana. É bem verdade que antes eu fazia coisas que duravam um dia, e as que hoje faço duram uma semana inteira. O senhor mesmo já disse que uma simplicidade pura e verdadeira é de certa forma louvável, e assim é: destarte, muitos sem tanto engenho podem ter muitas e belas virtudes que os façam estimados e amados. Além do mais, eu falava não tanto do amor em geral, mas da amizade ou de outro afeto parecido, o qual não me parece que se possa sentir por uma criança ou aldeã. Bem sei que se pode amar até mesmo uma pessoa desprezível, mas não creio senão no amor doloroso consigo e compassivo com os outros. Diga-me se o nosso Mai, que está em Verona, fez alguma bela observação sobre aqueles Códigos transcritos; e se é verdade que Monti esteja cantando a morte de Appiani. Adeus, caríssimo. Saúde por mim o valoroso Mai. Escrevi a Sartori sobre a remessa. Ele respondeu há uma semana, garantindo que a enviaria assim que chegasse, mas não recebera nenhum aviso. Deve estar descansando, como de hábito, nas prateleiras de Piacenza. Abraço-o cordialissimamente e me despeço.

Adeus.

Depois pensei talvez lhe desagradasse que outros vissem a sua letra na cópia de uma carta escrita ao senhor, embora pudesse servir-se de outra mão, mas isto causaria um grande estorvo, máxime porque seria preciso escrever ainda algumas linhas em grego. Bastará, pois, que cancele os lugares assinalados abaixo; e que na folhinha anexa, acima daquelas duas

ou três coisinhas que gostaria de acrescentar, anote a página e a linha do manuscrito, passando-a em seguida a Stella, que noutras ocasiões soube pôr em seus lugares certas correções ou adendos que lhe havia mandado. Isto, caso seja verdade o que afirmei acima; de qualquer modo, faça como achar melhor.

Na parte acrescentada por mim à carta após haver-lhe enviado a primeira cópia, não longe do início, cancele as palavras: *Demostene* (*in Midiam*), etc, até estas outras: *E così più frequentemente* (E assim, mais freqüentemente), etc, exclusive — isto porque os exemplos que me ocorreram aqui e ali em vários livros, sem citar fontes, substituo-os na folhinha por outros que me caíram sob os olhos ao ler aqueles mesmos autores que menciono. Em segundo lugar, cancele mais adiante as palavras: *Da quel luogo del Capo 14* (Daquela passagem do capítulo 14): συλλαβόντες αὐτον, etc, até *ciuffare* (agarrar) — porque, retomando a leitura dos gregos, vi primeiramente que συλλαβάνειν por *comprehendere*, costuma conservar o seu caso, e isto eu já sabia; além disso, que ὠθεῖν (bem como seus compostos) recebe facilmente uma preposição posposta com o mesmo caso. Luciano, *Dial. de' morti, Antistene, Diogene e Crate*: καὶ ἐπὶ τράχηλον ὠθοῦντος τοῦ Ερμοῦ: passagem idêntica à de Dionigi.[16] Logo, concordo inteiramente com Mai.

20
A PIETRO GIORDANI

Recanati, 13 de fevereiro de 1818.

Por que deixou de escrever-me, caríssimo? Algo na minha última lhe desagradou? Se assim é, saiba que isto lhe desagrada muito menos que a mim: mas não sei o que possa ter sido. Sei isto: que nem o senhor se turvaria sem razão, nem eu poderia ofendê-lo senão contra minha vontade e juízo. Mas não perdoará uma primeira falha, ou mesmo uma terceira ou quarta, a um amigo? e a um amigo como eu? e uma falha sem dúvida involuntária, pois nem mesmo conjecturando eu consigo descobrir como ou se falhei. Mas se quiser punir-me, castigue-me com o seu silêncio, mas não queira usar de extremo rigor comigo. Abandonar-me-ia assim tão só e abandonado como estou? Continuará calando, quando preciso tanto de conforto para sustentar esta vida infeliz? Continuará a desamparar-me infinitamente como agora? Ou saí-lhe subitamente da memória? Mas é possível que se tenha esquecido de alguém que, como sabe, o guardará sempre na lembrança, mesmo depois de

morto? Ou há uma outra razão para o seu silêncio? Pelo amor de Deus, escreva-me, e logo: qualquer coisa e de qualquer modo, escreva-me — faça como quiser, contanto que me escreva. Ficarei contente.

21

A PIETRO GIORDANI

Recanati, 2 de março de 1818.

Oh, meu caríssimo, ignore aquilo que a melancolia e o amor imenso me fizeram dizer, e doravante escreva-me segundo sua vontade, e brevemente, e se lhe agradar: não quero que minha amizade aumente suas atribulações e tormentos, quando deveria reduzi-los, se pudesse. A remessa chegou a Ancona em 17 de fevereiro: fui imediatamente avisado, mas meu pai, protelando-a sempre, ainda não a fez vir. Assim que chegar, escreverei ao senhor e a Mai, que provavelmente se entediará; mas não quero parecer ingrato. Dos Belcari, se não estão com o Xenofonte — e creio que não estejam, já que não me advertiu disto —, não faço idéia de onde estejam. Caso o senhor envie a Stella a carta sobre o *Dionigi*, gostaria de ser avisado; se achar melhor não a enviar, qualquer que seja o motivo, não precisa me comunicar nada: faça como achar melhor. O senhor me pede notícias sobre o assunto daquela longa carta que eu disse ter intenção de escrever-lhe: sabe que é um grande curioso? Não obstante, porque a incerteza produz ou aumenta a expectativa, e eu temo sempre o *Parturient montes*, lhe direi: é sobre o *Frontone*. Da saúde, *sic habeto*. Por longo tempo pensei firmemente que morreria no mais tardar daqui a dois ou três anos. Mas há uns oito meses, isto é, por volta daquele dia em que pus os pés no meu vigésimo ano ἵνα τι καὶ δαιμόνιον ἔνθω πῶ πράγματι, pude perceber e acreditar — sem consolar-me ou enganar-me, meu caro, que o consolo e o engano infelizmente me são inacessíveis — que não tenho realmente nenhum motivo necessário para morrer cedo, e, contanto que tenha infinita precaução, poderei viver, se bem que arrastando a vida com os dentes e servindo-me de mim mesmo apenas a metade do que fazem os outros homens, sempre temendo que um pequeno acidente ou um mínimo imprevisto me prejudique ou me mate: tudo isto porque me arruinei com sete anos de estudo louco e desesperado, quando precisamente minha compleição estava se formando e firmando. Infelizmente, arruinei-me para sempre, irremediavelmente, reduzindo-me a um espectro miserável e tornando desprezível aquela boa parte do homem que é a única a chamar a atenção da maioria; contudo, neste mundo há que se tratar com a maioria. E não só a maioria, mas todos são constrangidos a

desejar que a virtude venha acompanhada de algum ornamento exterior, e, encontrando-a desnuda, se entristecem de tal maneira que não há sapiência que possa valer, não há coragem que faça amar o virtuoso em quem nada é belo, exceto a alma. A sorte pôs esta e outras míseras circunstâncias em volta da minha vida, dando-me uma tal abertura de intelecto que me possibilitasse vê-las claramente e perceber aquilo que sou, e abertura de coração, para que ele soubesse que não lhe convém a alegria e, quase vestindo-se de luto, tomasse a melancolia por companheira eterna e inseparável. Eu sei e vejo que minha vida não pode ser senão infeliz; no entanto, isto não me assusta: que ela possa ser útil a alguma coisa, assim como tentarei sustentá-la sem vilezas. Passei anos tão duros que não creio que possam vir piores. No entanto, não deixarei de sofrer, talvez até mais: ainda não vi o mundo, e quando o vir e experimentar os homens, decerto me encolherei amargamente em mim mesmo, não pelas desgraças que poderão suceder-me, para as quais penso estar armado de uma indiferença pertinaz e soberana, nem por aquelas infinitas coisas que ofenderão o meu amor-próprio, porque estou seguríssimo e quase certo de que nunca me inclinarei a ninguém no mundo, e que minha vida será um contínuo desprezo de desprezos e derrisão de derrisões, mas por aquelas coisas que possam ofender meu coração. Sofrerei sobretudo quando, com todas as circunstâncias que mencionei, me acontecer, como fatalmente acontecerá, tendo já em parte acontecido, uma coisa mais terrível do que todas, sobre a qual agora calarei. Quanto à necessidade de sair daqui, veja como é prudente, com todo o estudo que quase me mata, com todo o isolamento e solidão, abandonar-me à melancolia, abandonar-me a mim mesmo, que sou meu implacável carrasco. Mas suportarei, já que nasci para suportar, e suportarei, já que perdi o vigor peculiar ao corpo, perder também o que é próprio da juventude; e ao vê-lo, consolar-me-ei com a idéia de ter encontrado um verdadeiro amigo, coisa que consegui antes que a esperasse. A sua última traz a mesma data daquela primeira que lhe escrevi, um ano atrás. Portanto, foi-se um ano da nossa amizade, a qual, se não mudarmos de natureza, não poderá ser desfeita, exceto por aquela que tudo desfaz. Preserve o meu consolo e pense que, sendo senhor de si tal como de mim, não é lícito, caso me ame, ter pouco cuidado consigo. Estarei esperando sua visita, a qual, já que não pode mais ser em maio, paciência: mas espero que compense o atraso com uma estada mais demorada. E, visto que o terei, poderei dizer que nem todos os desejos intensos que tive foram vãos.

Adeus.

22
A PIETRO GIORDANI

Recanati, 17 de novembro de 1818.

Enfim, há um bom tempo me dei conta de que sou infelicíssimo em tudo, inteiramente, e tudo em que me empenho sai às avessas. Eis que, enquanto a minha má sorte quer que estejamos distantes, de maneira que não possamos alimentar a nossa amizade senão por cartas, a arquimaldita negligência dos correios me leva este único meio, pondo-me em real desespero, pois além de me ver forçado a viver neste cárcere, vejo agora fechar-se a única janela por onde passava um pouco de ar e de luz, tendo de ficar finalmente em completa escuridão. Escrevi-lhe em 19 de outubro uma carta que me era muito cara, porque ia acompanhada de um certo manuscrito, e sei com certeza que ela se perdeu. Escrevi-lhe uma outra em 9 do corrente, e não sei se se perdeu; sei apenas que seis dias depois, isto é, dia 15, data da sua última, ela ainda não havia chegado. Menos mal que os correios respeitam as suas, já que pouco me importaria que as minhas fossem aos diabos, caso isto não o deixasse irritado e suspeitoso de que as minhas cartas se tornaram mais escassas desde que o conheci pessoalmente. Ora, se o senhor contar as suas duas de Bolonha e as duas de Piacenza, e, de outra parte, a minha endereçada a Roma, que o alcançou em Bolonha, a outra enviada a Bolonha, as duas para Piacenza e mais esta, verá que tenho o crédito de uma carta. E se, além da aritmética, quiser dar uma repassada na geometria para medir as nossas cartas, verá claramente que cada uma das minhas é três vezes maior que as suas, de modo que meu crédito é tão grande que, se o cobrasse com rigor, o levaria à bancarrota, já que em substância as suas parecem torrões de açúcar que se desmancham na boca antes mesmo de chegarem à garganta, enquanto as minhas locupletam o estômago. Confesse, pois, formalmente, na primeira que me escrever, estar errado ao suspeitar que eu estivesse mais distante e outras bobagens; se não o fizer, pode aguardar infalivelmente 3 ou 4 das minhas a cada correio, que, enterrando-o vivo sob uma montanha de papéis, o farão pedir misericórdia. As duas cartas de Canova, mandei-as a Bolonha, enviando-lhe uma outra pelo mesmo correio, também a Bolonha. O senhor recebeu a minha e disse-me na sua última que as de Canova estavam extraviadas: agora que lhe foram entregues em Piacenza, o senhor se espanta por não estarem acompanhadas de uma minha. O manuscrito que lhe havia mandado era dedicado a Monti, e eu lhe pedia que o fizesse publicar aí e que escrevesse a Monti para que ele se dignasse intitulá-lo, acrescentando que eu enviaria uma cópia a ele assim que fosse impresso. O manuscrito perdeu-se junto com

a carta. *Sic te servavit Apollo*, mas somente quanto a publicá-lo, já que lhe peço mais uma vez que escreva a Monti, tendo recopiado o livrinho e o enviado a Roma, onde não o publicarei se antes não souber que obtive a licença solicitada.

A propósito de *Vita*,[17] creio que o senhor terá se arrependido de haver gasto aquelas duas horas que mencionou: mas não o li, e falo segundo o que ouvi dizer dele. Quanto ao que lerei neste inverno: *scilicet*, livros antigos, porque os modernos aqui não chegam, e atualmente, mesmo lendo sempre, estou numa total ignorância das coisas do mundo literário. Por isso, me afundarei até a garganta nos Clássicos gregos, latinos e italianos. Se esta carta já não estivesse tão longa, falaria de certos projetos que tenho em mente. Agora apenas direi que quanto mais leio latinos e gregos, mais se apequenam os nossos, mesmo os dos melhores séculos, e vejo que não só a nossa eloqüência, mas também a nossa filosofia e, em todos os sentidos, tanto por dentro quanto por fora, a nossa prosa, precisam ser inventadas. Grande campo — onde entraremos, se não com muita força, certamente com coragem e amor pela pátria. Queira-me bem e não me venha mais com aquelas lamentações, pois agora que nos conhecemos não o perdoarei assim tão facilmente. Carlo manda um abraço, e todos nós o saudamos, desejando que continue em paz. Adeus, adeus.

Minha irmã pede que o cumprimente em seu nome. Já o fizera naquela carta que se perdeu. Sabendo do extravio, ela quis que eu reiterasse aqui as suas palavras.

23
A PIETRO GIORDANI

Recanati, 18 de janeiro de 1819.

Meu caríssimo.

Pode imaginar, depois de um longo silêncio, quanto a sua do dia 5 me consolou. Mando-lhe uma cópia do Manuscrito publicado em Roma, a mesma que recebi pelos correios, assim solta como está. As encadernadas, que espero todos os dias, ainda não me chegaram. Mas assim que chegarem as deixarei imediatamente, de corpo e alma, com o açougueiro, pois não quero que ninguém tenha conhecimento desta impressão oprobriosa, da qual, lendo meus pobres versos, me envergonho profundamente, porque parecem, assim vestidos de trapos, até piores do que são. E acrescente-se que neste papel, chamado papel velino real, foram impressas somente 24 cópias; o restante é em papel comum, que espero para ver como possa ser mais infame do que o outro. Além disso, o gasto

foi duas vezes superior ao que eu esperava e ao que me haviam dito, de modo que, tendo a coisa toda sido feita com meus próprios recursos — que, como sabe, são tão vultosos — vi-me subitamente arruinado e com estes versos inéditos nas mãos, já que prefiro bem mais não ser lido do que o ser nesta forma suicida, capaz de fazer sumir qualquer composição angélica, que não minha. O senhor poderá perceber que esta cópia que lhe mando é manuscrita; caso mencione algo a Monti, por favor, desculpe-me com ele por eu não ter levado a cabo o meu projeto, já que, se o senhor não discorda, estou decidido a não me expor à vergonha de ter dado a ler o seu nome em caracteres tão pífios.

Das idéias que tenho da prosa italiana lhe escreverei talvez numa próxima carta, se o senhor tiver a paciência de lê-las. Pelas propostas que me faz de escrever recomendando-me a Mai, bem como a Borghesi e Perticari, a fim de que me recomendem a Mauri, não lhe agradeço para não demonstrar ter esperado menos do seu afeto, ou fazê-lo pensar que eu possa, com um agradecimento qualquer, compensar o benefício que me faz. Pergunta-me se estou de acordo, e respondo-lhe que meu consenso é irrestrito; nós, de nossa parte, tentaremos nos valer do seu auxílio, secundando-o no que for necessário. Não faz idéia de quanto eu seja desconhecido em Roma; e não digo que não o mereça, digo apenas que mil outros que o merecem tanto quanto eu são incomparavelmente mais conhecidos e estimados e louvados e reverenciados do que eu, coisa que não me toca nem poderia por si mesma me tocar, mas me prejudica, já que, não tendo nenhuma fama, não posso usufruir aquelas reais facilidades obtidas por aqueles que de algum modo a possuem. Portanto, não há dúvida de que o seu auxílio me seria de enorme ajuda.

Diga-me, não teríamos o cardeal Mattei? Não seria possível? Não seria fácil? Se houvesse vontade sincera e decidida em um só daqueles que têm o poder, certamente não nos seria impossível o que é fácil a vinte outros desta mesma cidade, e a mil desta província, que com um nascimento decente, bens e conhecimentos muito, mas muito inferiores aos nossos, se mantêm ou mantêm seus filhos em Roma. Em suma, é certo que há muito teríamos obtido o que desejamos se aquele de quem dependemos o quisesse; mas este não quer, e diz a si mesmo e aos outros que não pode. Desejam e sempre desejarão que imploremos a eles, ficam contentes ao nos ver neste estado, gostariam de todo o coração que morrêssemos assim, arrependem-se de nos ter deixado estudar, dizem formalmente em nossa presença que experimentaram os danos do saber, ao nosso irmão menor[18] dão proposital e explicitamente educação, modos e meios de um carpinteiro, e os nossos desejos parecem extravagâncias, caprichos loucos e intoleráveis — a quem? Não falo de outros que viveram e vivem como gostariam que nós vivêssemos: falo do nosso tio,[19] que aos doze

anos foi ser pajem na corte de Baviera, voltou aos dezoito, viveu em Roma até se tornar deputado da província na época de Napoleão e proposto para senador; foi cavalheiro, depois barão, depois cortesão, esteve duas vezes em Paris e na corte, e agora estabeleceu-se em Roma, transferindo para lá toda a sua família e convencendo todos os irmãos e a família de uma irmã, bem menos abastada que a nossa, a fazerem o mesmo; pois ele teve a petulância de dizer-me várias vezes, espontaneamente, que sabia ser impossível educar bem os seus filhos nesta cidade, escrevendo-me em seguida uma longa carta onde tentava provar-me que é insensatez e tolice viver pensando dia e noite em sair de Recanati.

O projeto da milícia de Turim é justamente o que Carlo tinha em mente para si; ele tem intenção de manifestá-lo quando, com uma recusa viril e obstinada, terá mostrado a seu pai, ainda reticente e convencido de poder com uma única palavra dissuadi-lo do seu propósito, que é preciso absolutamente abandonar qualquer esperança fundada sobre o sacrifício da liberdade e da felicidade de seu filho.

Minha irmã manda lembranças; já que o senhor pergunta, o nome dela é Paolina. Quanto a esposá-la em um país distante, creio que não encontrarão dificuldade alguma; outrossim, não farão grande questão de nobreza, como tampouco a desprezarão de todo; porém, tratando-se de mulher que sai de casa, se contentarão com uma etiqueta decente — e nisso serão escrupulosíssimos. De dote, não acredito que pensem em dispor de mais que quarenta mil liras, as quais imaginam obter do dote da esposa de Carlo — o qual, quando se houver dissipado, não sei como remediarão. Mas caso lhe ocorra alguma boa ocasião, nos faria um grande favor se nos avisasse; nós aqui tentaremos arranjar a situação. Adeus, caríssimo. Se nos quer bem, escreva-nos amiúde; mas quando não puder encontrar tempo para se entreter conosco, faça como quiser, pois nos contentaremos mesmo com pouco. Seus dois amicíssimos o amam, o abraçam e o saúdam.

Adeus, adeus.

24

AO PRECLARÍSSIMO CAVALHEIRO VINCENZO MONTI

[Recanati, 12 de fevereiro de 1819.]

Quando resolvi publicar estas canções,[20] como por nada do mundo me deixaria induzir a dedicá-las a algum potentado, pareceu-me espiritual e doce consagrá-las a vós, senhor cavalheiro. Hoje em dia, quem quer que deplore ou exorte a nossa pátria não poderá fazê-lo sem se lembrar, com

infinito consolo, de vós, que, junto a outros pouquíssimos — cujos nomes, silenciados aqui por mim, não deixam de brilhar — sustentais a nossa última glória, isto é, aquela que advém dos estudos, especificamente das letras e das belas-artes, por cuja presença não se pode dizer que a Itália esteja morta. Se estas canções estão à altura do que cantam, pois que assim sendo não lhes faltariam grandiosidade e veemência, deixo ao juízo, não do universal, mas vosso; já que, desde que alcançastes a fama merecida, pode-se afirmar que nenhum escritor italiano — ao menos dentre aqueles que não tiveram o olhar velado pela escassez de intelecto, ou pela presunção e vaidade — jamais julgou que as lisonjas de outrem pudessem obnubilar as vossas repreensões, ou, louvado por vós, reputasse seu esforço mal pago ou se importasse com o desprezo do povo. Devo apenas fazer-me entender, não a vós, mas ao mais dos leitores, quanto ao canto de Simônides, que se encontra na primeira canção; e, vos pedindo perdão, tomo coragem e não me envergonho de escrever a vós que aquele grande acontecimento das Termópilas foi realmente celebrado por um poeta grego de muita fama, o qual, além disso, foi contemporâneo daqueles fatos — ou seja, Simônides —, como se vê em Diodoro, undécimo livro, onde são inclusive citadas algumas palavras desse poeta; deixando o epitáfio mencionado por Cícero e outros. Duas ou três dessas palavras citadas por Diodoro são expressas no quarto verso da última estrofe. Ora, eu julgava que nenhum outro poeta lírico, quer anterior, quer posterior, houvesse tratado de um assunto tão grave e apropriado. De modo que aquilo que foi narrado ou recitado depois de vinte e três séculos, mas que ainda assim arranca lágrimas de olhos estrangeiros, quase como se o houvéssemos visto e ouvido, tornando-nos todos grandes pelo fervor único de uma Grécia vencedora, de uma armada jamais vista na Europa como aquela, entre as maravilhas, as vitórias, os aplausos e as lágrimas de toda uma excelentíssima nação, sublimada além do dizível ou imaginável pela consciência da glória alcançada, e pelo incrível amor à pátria que acompanhou os séculos antigos, deveria inspirar em todos os Gregos, sobretudo se poeta, afeto e furor supremamente indizíveis e sobre-humanos. Por tudo isso, lamentando assaz que o referido poema estivesse perdido, desejei colocar-me, como se diz, nas vestes de Simônides, e assim, na medida da minha mediocridade, refazer o seu canto, sobre o qual não hesito em afirmar que, se não foi maravilhoso, então a fama de Simônides foi vão alvoroço, e seus escritos merecidamente consumidos pelo tempo. Vós, senhor cavalheiro, sentenciareis se este meu feito foi corajoso ou temerário, e, se vos parecer digno, julgareis a segunda canção, que vos ofereço humilde e simplesmente junto com a outra, vibrando de amor pela pobre Itália e animado de vivo afeto, gratidão e reverência por esse número quase imperceptível de Ita-

lianos que subsiste. Temo apenas que outros me escarneçam e vituperem por este donativo mísero e indigno; pois, quanto a vós, não ignoro que assim como a excelência do vosso entendimento saberá avaliar de imediato a qualidade da oferenda, assim a doçura do vosso coração vos forçará a aceitá-la, por mais pobre e vil que ela seja, e, reconhecendo a nulidade do dom, procurareis escusar a insolência do doador — e talvez até vos seja grato isto que, não obstante vossa benevolência, vos parecerá merecedor de desprezo.

25
A PIETRO GIORDANI

Recanati, 26 de março de 1819.

Meu queridíssimo.

É bem fundada a sua opinião de que a culpa de tudo cabe ao correio infame e execrando, para dizê-lo com Demóstenes. Se alguma vez já suspeitou de mim, se bem que não o demonstrasse, que isto sirva de exemplo para assegurar-lhe, não obstante o desagrado, de que serei sempre o amigo mais diligente e obsequioso do mundo e, no responder às suas cartas, pontual como ninguém. E quando por doença não pudesse fazê-lo, Carlo certamente o faria por mim, como o senhor diz. Escrevi-lhe em 19 do último respondendo às suas preciosas dos dias 3 e 5. Não obtendo resposta, em 15 deste reescrevi para agradecer-lhe pelo seu amabilíssimo *Discorso*, do qual também escrevi a Brighenti. No mesmo dia chegou-me a sua do dia 7, à qual respondi longamente no dia 19; tendo chegado a outra do dia 13, respondo presentemente. Ora, destas quatro cartas, a primeira sei que se perdeu, mas as outras três não creio que o Demônio possa impedi-las de chegar. Entretanto, meu caro, não tema pelas suas cartas, já que pela graça de Deus nenhuma até agora se extraviou. Obedecendo à amorosíssima do dia 7, já escrevi a esse conde Pallastrelli e Calciati, e ao conde Roverella em Cesena, enviando-lhes os Cantos. Tendo recebido a carta e os versos, respondeu-me ultimamente o Schiassi. Pela resposta de Angelli, vejo que Strocchi também os terá recebido, e atribuo o seu silêncio, depois de passado um mês e meio, a meu demérito: digo demérito em absoluto, não em relação a ele, porque não acho que se possa escrever de maneira mais reverente e humilde do que lhe escrevi. O mesmo direi de Rosmini, de Reina, de Trissino, de Montani. Agradeço-lhe pela carta do nosso excelente Mai; diga-me se quer que lha restitua.

A sua do dia 13 é tão afetuosa que não sei como eu tenha podido merecer tanto amor de sua parte. O espanto só se reduz quando penso no afeto que

lhe dedico, e nas angústias que tantas vezes senti quando suas cartas atrasaram mais que de ordinário. Em suma, em tudo o senhor me supera, mas nisto certamente não, nem pelo senhor, nem por quem quer que seja.

Bem diz Perticari, e disto também me convenço, que tudo de bom em Roma pertence aos padres. Mas não entendo o que ele acrescenta em seguida. Talvez que eu esteja buscando estada em Roma, não partindo de Recanati enquanto fora me faltar um abrigo? Ou que, se tivesse dinheiro suficiente para viver na Academia Eclesiástica, gostaria de ver reduzida a minha liberdade, quando precisamente poderia gozá-la inteira? Quanto às esperanças, voltamos à estaca zero, já que nunciaturas e coisas do gênero, conquanto se dêem aos acadêmicos, sempre serão para os padres. Ora, viver naquela academia não custa pouco, pois que 14 escudos ao mês mal bastam para a metade do que é preciso, sem contar as despesas adicionais, com o que se chegará a quase o dobro — e, em muitos casos, até bem mais. Mas mesmo que custasse o mínimo que se possa imaginar, o meu problema não é encontrar o onde, mas o como. Meu pai está resolvido a não me dar meio vintém fora de casa, ou seja, em lugar algum, sendo que nem aqui ele me dá dinheiro, fornecendo-me apenas o necessário, como sucede ao restante da família. Contudo, permite que eu busque meios de sair daqui, contanto que não lhe dê qualquer despesa; e digo permite-me, pois ele não move um dedo para ajudar-me, aliás, se mobilizaria todo para impedir-me. Ora veja o que posso fazer, desconhecido de todos, habitante de um lugar onde, sem o Atlas, não saberia dizer em que ponto está, desprezado como uma criança, recebendo por muito favor uma palavra dos outros, que não têm tempo de entreter-se comigo. Direi uma outra coisa. Parece-me que o fato de todas as benesses serem para os padres me seja mais favorável que adverso; não que eu queira ser padre, mas, já que usei o hábito até agora, posso continuar a usá-lo por mais um tanto, principalmente nos primeiros tempos em Roma, onde não se requer mais que o hábito. O fato é que qualquer lugar onde eu possa viver modestissimamente será conveniente para mim, nem eu penso em poder sair desta caverna sem abandonar muitas comodidades que, sem a luz e o ar livre, de nada me valem; falo da paisagem e das trocas mundanas, dos homens entre os quais nasci, da conversa de gente que dê sinais de ter vida e, sobretudo, intelecto — o qual, se em poucos será esplêndido, decerto em ninguém pode ser tão tétrico e opaco como nos daqui.

Carlo gostaria de saber, de modo geral e sem muitos detalhes, já que certamente nem mesmo o senhor poderia fazê-lo, qual a sua opinião sobre as chances de a milícia de Turim, aventada recentemente pelo senhor, poder mantê-lo de imediato com o que lhe baste para viver, ainda que parcamente, mas sem que lhe falte o necessário.

Mas já me envergonho de tanto falar sobre nós. Gostaria de ouvir como vão seus reveses e melancolias. Eu, meu caro, sinto minha alma reabrir com a volta da primavera; no entanto, dois meses atrás estava aterrado, oprimido, louco, espantava-me comigo mesmo e não esperava sequer um consolo neste mundo. Creio com firmeza que também o senhor se sinta melhor ao contemplar esta natureza inocente em meio à maldade dos homens, com os quais, ó caríssimo, não vejo por que se deva preocupar tanto, já que deliberaram ser celerados. Basta que seja diverso deles, assim como a luz contrasta o escuro, não lhe faltando alguém que, amando-o mais que a si mesmo, está resolvido a imitá-lo enquanto viver. Que Deus o guarde da pestilência, não perecendo com o tempo o que deveria prosperar; falo dos germes da virtude que foram procurados e recolhidos na juventude. Não lhe escrevi com mais vagar sobre o seu *Discorso* porque em breve quero dizer o que penso dele em um artigo que enviarei, como lhe disse, para Roma, a Perticari, o qual me deseja ter entre os correspondentes do seu jornal. Entre o sono e os estudos não me sobra um minuto de tempo; sou tal qual um Isócrates, mas apenas nisto, pois que numa jornada escrevo duas linhas e já estou exausto. Paolina o saúda com afeto. Adeus, caríssimo. Avise-me se já chegaram aí as cartas e os versos de que lhe falei. Adeus: finalmente preciso deixá-lo, mas abraço-o ternissimamente como a um homem único e incomparável. Não sou digno do seu amor, mas o amor não é governado pela razão. Portanto, que me ame, já que começou.

Adeus, adeus.

26
A PIETRO GIORDANI

Recanati, 26 de abril de 1819.

Meu caríssimo.

Depois da carta do dia 10, à qual respondi em 19, veio consolar-me a tua[21] do dia 20. Oh, meu caro, continuas sendo aquele homem incomparável e único, como eu pensava que fossem todos os homens até uns anos atrás, enquanto hoje mal acredito que realmente se possa encontrar algum assim. Quanto a mim, não te preocupes senão em me amar, já que nisto se apóia o meu consolo, bem como na esperança da morte, que me parece a única saída para esta miséria. Sem isto, não vejo nada de desejável nesta vida exceto a contemplação da beleza e os prazeres do coração, os quais me são negados neste meu mísero estado. Além disso, os livros, e particularmente os seus, me desencorajam ao ensinar que a beleza raramente

se encontra com a virtude, não obstante pareçam irmãs e amigas. Isto me faz ansiar e desesperar. Mas quantas vezes fui arrastado e levado a blasfemar contra esta mesma virtude, como Brutus moribundo! Infeliz dele, pois com aquelas palavras pôs-se em dúvida a sua virtude, quando vejo por experiência e me convenço de que esta fosse a maior prova que ele pudesse dar, com o nosso assentimento, em seu favor.

Já que não é possível sair daqui e encontrar de imediato um meio de subsistência, como me adverte o senhor, esteja seguro e certo de que nunca, jamais sairei de Recanati, a menos que mendigasse, antes da morte de meu pai — a qual não desejo experimentar. Disto tenha certeza, assim como do amor que lhe dedico: nem a sua eloqüência, nem a de Péricles, Demóstenes, Cícero ou a de outro máximo Orador, nem a própria Persuasão removeria meu pai do seu propósito. A Academia Eclesiástica, demandando maior despesa do que me seria necessário noutro lugar, é, se ao superlativo cabe o comparativo, a causa mais inviável; já aquilo que peço, que não é viver como um senhor, nem comodamente, nem sem apertos, mas apenas viver fora daqui, não é sequer imaginável.

Meus dois irmãos te saúdam de coração. Adeus, alma bela e cara. Reescreverei a Trissino, já que isto te agrada.

27
A GIUSEPPE MONTANI

Recanati, 21 de maio de 1819.

Prezadíssimo senhor professor.

Embora a sua gentilíssima carta do dia 5 não seja daquelas que exigem absolutamente uma resposta, de qualquer modo, tendo encontrado um escritor tão cordial e amante tão entusiasta desta pobre terra, não estarei em paz enquanto não fizer por onde merecer a sua benevolência. Fosse eu de gelo em relação à pátria, e ainda assim as palavras de V.Sª me teriam inflamado. Certamente, não pretendo ir além do pouco que posso: todavia, não deixarei de corresponder àquilo de que sou capaz, nem faltarei às exortações de V.Sª. A meu ver, não é coisa que a Itália possa esperar antes de ter livros condizentes com o tempo, lidos e entendidos pelo comum dos leitores, livros que circulem de ponta a ponta do país; coisa tão freqüente entre os estrangeiros quanto inusitada na Itália. Parece-me que o recentíssimo exemplo das outras nações mostra-nos claramente quanto neste século os livros realmente nacionais podem despertar os espíritos adormecidos de um povo e produzir grandes acontecimentos. Mas, para coroar nossos males, do *seicento* em diante ergueu-se um

muro entre os literatos e o povo, muro que cresce sempre mais, o que não se verifica nas outras nações. Enquanto amamos muito os clássicos, não queremos enxergar que todos eles, gregos, latinos, italianos antigos, escreviam para o seu tempo, e segundo as necessidades, os desejos, os costumes e, sobretudo, o saber e a inteligência dos seus compatriotas e contemporâneos. E como eles não teriam sido clássicos de outra forma, tampouco nós nunca o seremos caso não os imitemos nisto que é substancial e imprescindível, muito mais do que em outras minúcias, em que investimos a maior parte dos nossos estudos. Entretanto, a eloqüência italiana e a poesia realmente viva e grávida de sentimentos e de afetos são coisas ignotas, não se encontrando literato italiano que tenha fama além dos Alpes, quando temos notícia de tantos estrangeiros famosos em toda a Europa. Mas V.Sª diz perfeitamente que só teremos grandes poetas quando então tivermos grandes cidadãos, e acrescento igualmente que só então teremos eloqüência, e quando tivermos eloqüência e livros propriamente italianos e caros a toda a nação, só aí nos será concedida alguma esperança. Ora, com tanta escassez de cidadãos e, logo, de pessoas aptas para a eloqüência e a poesia férvida e generosa, eu não gostaria que V.Sª, que se me revela um dos maiores, deixasse ociosa a sua pena, já que as nossas confidências se registram nos escritos. V.Sª se assegure de que, se as suas simples palavras me aqueceram, é certo que o seu exemplo me acenderá, o qual espero ardentemente e suplico a V.Sª que me faça ver em prática, e, vendo-o, possa torcer para que seja seguido por muitos, porque quanto maior for o número de escritores, mais prováveis serão as esperanças: mas de um só ou de poucos, por mais que sejam excelentes, dificilmente nascerão grandes efeitos.

Em sua cordialíssima, V.Sª quase me convidou a que eu tornasse a escrever-lhe, e por meio desta verá que não me fiz de surdo, aliás, fui muito diligente em recolher e interpretar suas palavras. Mas se a minha franqueza e monotonia o induzirem a arrepender-se do convite que me foi feito, peço-lhe ao menos que não se arrependa dos sentimentos a mim concedidos, nem deixe por nenhuma razão de ter-me como seu.

28
A PIETRO GIORDANI

Recanati, 21 de junho de 1819.

Meu queridíssimo.

Respondo à tua afetuosa do dia 4, dia em que respondi à tua de 24 de maio. Continuo a suplicar-te por misericórdia que tenhas o máximo cui-

dado com a tua saúde. Nas últimas linhas da tua tive a impressão de que o desenho das letras demonstrasse um certo cansaço. Sabes quanto desejo tuas cartas, mas se a escrita te penaliza, peço-te que não padeças por minha causa; bastará que eu saiba algumas das tuas novas. Não há vez que eu escreva a Brighenti e não fale de ti, mas não creio que ele tenha transmitido fielmente as saudações que te mandei por ele. Cuido da minha saúde mais do que ela, ou a de qualquer homem, mereça. De março para cá tenho sido perseguido por uma obstinadíssima fraqueza dos nervos oculares, que me impede não só de ler, mas também de fazer qualquer esforço mental. De resto, estou bem do corpo, com o espírito mais ardente e desesperado do que nunca, de maneira que seria capaz de devorar este papel em que escrevo. E aquele teu pobre amigo?[22] Pobres de nós, pobres de nós! Não tenho mais paz, nem a procuro. Jamais farei algo de grande? e agora, que me debato nesta jaula feito um urso? Nesta terra de frades, e digo isto de modo preciso, nesta maldita casa, onde pagariam um tesouro para que eu também me tornasse frade, enquanto, queira ou não queira, de fato me fazem viver como um frade, aos vinte e um anos de idade e com este coração que trago comigo, esteja certo de que em brevíssimo tempo explodirei, caso não me converta de frade em apóstolo e não fuja daqui mendigando, que é como tudo seguramente acabará.

Há alguns dias me chegaram de Bolonha a *Cronica* de Compagni, a *Vita del Giacomini* e a *Congiura di Napoli*. Mas quanto a lê-los é outra coisa. Com muito desgaste e pena consegui ler a *Apologia* de Lorenzino de Medici, confirmando minha opinião de que os textos e as passagens mais eloqüentes são aqueles onde ele fala de si mesmo. Imagine se ele parece contemporâneo daqueles miseráveis quinhentistas que tiveram fama de eloqüentes na Itália de seu tempo e de depois, e se parece crível que um e outros tenham seguido a mesma forma de eloqüência. Digo a grega e latina, que aqueles pobres-coitados, à força de suor e cansaço, transpunham para seus escritos de forma tão entrecortada e tateante que era uma tristeza, enquanto ele a transpõe de modo coeso, bela e viva, dominando-a e utilizando-a com tanta mestria, com tal desenvoltura e fluência nos artifícios mais sutis, na disposição, nas passagens, nos ornamentos, nos afetos, no estilo e na língua (naqueles outros tão arrevesada e dura pelos latinismos afetadíssimos) que parece, e é, tão original quanto os antigos, aos quais ainda se assemelha como univitelinos, não somente nas virtudes, mas também em cada qualidade. Porque quem fala de si não tem vontade nem tempo de sofismar, de usar lugares-comuns — de que a mais escassa imaginação é capaz —, e o escritor tira tudo de si, não o vai buscar a distância, e assim se torna espontâneo e íntimo da matéria, além de vivo e veemente, donde nem o estudo pode resfriá-lo, mas depurá-lo e adorná-lo, como fez no nosso caso.

Meu único e precioso amigo, tem amor por mim, cuida de ti, saúda o conde Trissino e não temas que eu não te ame, ou que Carlo e Paolina te tenham olvidado.

29
A PIETRO GIORDANI

Recanati, 26 de julho de 1819.

Pela tua do dia dois do corrente, e por uma do nosso Brighenti, vejo que junto com a minha de 4 de julho perdeu-se a notícia que eu te dava sobre a carta de Montani, que achei muito delicada e plena de amor pátrio. Respondi, mas nunca obtive resposta, e já se passaram mais de dois meses. Culpa dos correios, como suspeito, ou de uma censura doméstica instituída recentemente para as cartas que partem; isto porque *cum horrore et tremore* se deram conta de que eu ἐλευθερα φρονῶ περὶ τῶν κοινῶν. Ajuda-me a não deixar os estudos; há quatro meses não posso prossegui-los por fraqueza da vista, e minha vida está terrível. Na idade em que habitualmente as compleições se reforçam, vou perdendo a cada dia o vigor, enquanto as faculdades corporais me abandonam uma a uma. Isto me consola, porque me faz perder a esperança em mim mesmo e entender que minha vida, não valendo mais nada, pode ser descartada, como farei em breve, pois que, não podendo viver senão nesta condição e com esta saúde, não quero viver, e para poder viver de outro modo é preciso tentar. O modo como poderei tentar, ou seja, desesperadamente e às cegas, já não me custa mais nada, agora que as antigas ilusões sobre o meu valor e sobre as esperanças na vida futura, sobre o bem que eu poderia fazer e as empresas a superar e a glória a conseguir sumiram diante dos olhos, e já não aprecio mais nada em mim mesmo, e me conheço bem menos que tantos conterrâneos meus, que eu desprezava tão profundamente.

Mas o que me perturba é ver-te ainda torturado pela saúde. Já não posso recomendar que tenhas cuidado contigo mais do que fiz na última carta, bem como naquela que se perdeu. Queira Deus que todos os males venham a mim sem passar por outros, poupando o único homem que conheço. Continua a amar-me e aceita as saudações de Carlo e Paolina, que nunca se esquecem nem esquecerão de ti. Caso escrevas a Trissino ou fales com Mai, saúda-os por mim. O Porzio de que me escreves na tua carta, assim como o Nardi e o Compagni, ainda estão intactos, porque não posso ler ou escrever ou compor uma página sem sofrer.

30
A Saverio Broglio D'Ajano

Recanati, 29 de julho de 1819.

Meu prezadíssimo conde.

Gostaria de poder servi-lo em coisa de maior monta do que esta de que me escreve com tanta gentileza. Reenvio-lhe o texto de Píndaro com a minha subscrição, lamentando enormemente não poder anexar a ele a antologia de Bergalli,[23] que procurei inutilmente entre os nossos livros. Agradeço-lhe muito pela afetuosa atenção com que me aconselha a moderar os estudos: hoje tal advertência não tem mais efeito, pois há muitos meses, por fraqueza da vista, vejo-me privado de todo tipo de estudo ou de leitura.

Para demonstrar-lhe quanto considero a preciosa amizade que me oferece, quero ser o primeiro a valer-me dela. Não sei se para se obter um passaporte dessa Delegação para o Reino Lombardo-Vêneto, ou, caso seja preciso especificar o lugar, para Milão, seja necessária a presença do interessado, ou algum documento, e de que espécie. Caso se possa obtê-lo sem isso, pediria que me providenciasse um e que o enviasse avisando-me qual a soma despendida. Em caso contrário, ficaria muito grato se me informasse do necessário. Quando enfim fosse possível obter um passaporte interno, sem necessidade dos meios citados, gostaria de tê-lo imediatamente, já que com ele não será difícil, creio, adquirir um outro na fronteira.

Minha família envia-lhe as mais distintas e cordiais saudações, meu pai em particular, o qual ficará igualmente agradecido pelo favor que lhe peço. Perdoe-me este primeiro incômodo decorrente de sua gentileza e, em retribuição, ponho-me a seu dispor, se é que poderei servir-lhe em alguma coisa; mas sobretudo tenha em mim, de coração, seu devotíssimo e afetuosíssimo servidor e amigo,

Giacomo Leopardi

P.S. O passaporte (se não me expliquei bem) deve vir em meu nome.

31
A CARLO LEOPARDI

[Recanati: sem data, mas final de julho de 1819.]

Meu querido.

Parto sem que te houvesse advertido de nada: primeiro, para que não sejas responsabilizado pela minha partida por alguém; depois, porque o conselho auxilia o homem indeciso, mas ao decidido não pode senão prejudicar, e eu sabia que terias desaprovado minha resolução, pondo-me em novas angústias ao tentar dissuadir-me. Estou cansado da prudência, que só nos conduzirá à perda da nossa juventude — um bem que não se reconquista. Procuro a ousadia, e verei se dela poderei tirar maior vantagem. Não obstante, esta deliberação não é repentina; ainda que feita no calor do momento, deixei passar muitos dias até que maturasse, e nunca tive motivos para arrepender-me dela. Por isso a executo. Era bastante evidente que, se não quiséssemos continuar sempre naquele estado que abominávamos, era preciso que escolhêssemos, e a escolha, como bem sabes, não poderia ser vacilante. Agora que a lei me confere a posse de mim mesmo, não quis mais adiar o que era indispensável segundo os nossos princípios. Duas razões me determinaram decididamente: o tédio horrível causado pela impossibilidade do estudo, única ocupação que pudesse deter-me aqui; e um outro motivo que não quero explicitar, mas que facilmente adivinharás. Imagina se este segundo, que pelas minhas qualidades mentais e físicas poderia levar-me ao paroxismo do desespero, fazendo-me comprazer soberanamente com a idéia do suicídio, não seria suficiente para que eu me entregasse de olhos fechados às mãos da fortuna. Fique em paz, meu querido, e esteja tranqüilo quanto a mim, que fiz o que deveria ter feito há muito tempo — e se eu não tiver uma vida mais alegre, ao menos será mais suave. Se me amas, deves ficar contente: mesmo que eu não consiga senão a infelicidade total, estarei satisfeito, porque sabes que a mediocridade não é para nós. Levo comigo os meus papéis, mas podendo ocorrer que sejam examinados, não quero comprometer-me, e muito menos comprometer as pessoas que me têm escrito, ao levar algum que seja suspeito. Separei todos aqueles deste gênero, meus e de outrem (isto é, cartas que recebi), colocando-os todos juntos sobre a cómoda do nosso quarto. Há também aqueles que não quis levar porque não me serviam. Deixo-os contigo: cuide bem deles e defenda-os — sabes que não possuo nada mais precioso que os frutos da minha mente e do coração, único bem que a natureza me concedeu. Se chegarem cartas do meu caro Giordani, abre-as, responde-as e saúda-o em meu nome, informando-o da minha resolução. A Brighenti devem-

se 8 paulos pela *Cronica* de Compagni, 3 paulos pelas *Prose* de Giordani e 16 centavos pelo erro no pagamento do *Eusebio.* Ao todo: 1 e 36. Procura satisfazê-lo e pede perdão a Paolina por eu ter levado comigo os três paulos que me dera pelo Giordani e os 16 centavos mencionados acima, acreditando que ela não teria negado este último favor a seu irmão se ele o houvesse pedido. Oh, como gostaria de que meu exemplo servisse para iluminar os nossos pais quanto a ti e aos outros irmãos! Com certeza, espero que sejas menos infeliz que eu. Adeus, lembranças a Paolina e aos outros. Pouco me importo da opinião dos homens, mas caso tenhas ocasião, pede escusas por mim. Tem sempre amor ao teu irmão; tu podes contar comigo até a minha morte. Quando estiver em um lugar onde possa dar minhas novas, te escreverei. Adeus. Abraça este infeliz. Não duvides, tu não serás assim. Oh, mereces tão mais que eu! Que sou eu? Um homem de nada. Percebo-o e sinto-o vivissimamente, e no entanto isto determinou-me a fazer o que estou fazendo, a fim de fugir ao juízo que tenho de mim, o qual me dá náuseas. Até quando me estimei, fui mais cauto; agora que me desprezo, não tenho outro consolo senão lançar-me à sorte e buscar perigos — atos de nenhum valor. Transmite a que segue a meu pai. Pede perdão a ele, pede perdão a mamãe em meu nome. Faze-o de coração, te peço, do mesmo modo que faço com o espírito. Era melhor (humanamente falando) para eles e para mim que eu não houvesse nascido, ou morresse bem antes da hora. Mas assim quis a nossa desgraça.

Adeus, caro, adeus.

32
A MONALDO LEOPARDI[24]

[Recanati: sem data, mas final de julho de 1819.]

Senhor meu pai.

Ainda que, após ter sabido aquilo que terei feito, esta carta possa parecer-lhe indigna de ser lida, de qualquer modo creio em sua benevolência e espero que não recuse ouvir as primeiras e últimas palavras de um filho que sempre o amou e ama, e que sofre infinitamente por dever contrariá-lo. O senhor me conhece, conhece a conduta que tive até hoje, e talvez, caso queira abstrair-se de toda consideração local, perceba que em toda a Itália, e eu diria em toda a Europa, não se encontrará outro jovem que, na minha condição e em idade até mais tenra, cujos dons intelectuais sejam inferiores aos meus, tenha tido a metade da prudência, da abstinência de quaisquer prazeres juvenis, da obediência e da submissão para

com seus pais, que eu tive. Por mais que o senhor possa ter uma má opinião sobre os poucos talentos que o Céu me concedeu, não poderá desabonar inteiramente tantos homens estimáveis e famosos que me conheceram e julgaram do modo que o senhor sabe — e que não devo repetir. O senhor não ignora que todos os que tiveram notícia de mim, mesmo aqueles que concordam perfeitamente com as suas máximas, opinaram que eu seria alguma coisa de incomum, caso me fossem dados os meios que na atual configuração do mundo, e em todos os tempos, foram indispensáveis para fazer sobressair um jovem cujas perspectivas fossem até medíocres. Era notável que todos os que houvessem tido um contato mesmo que fugaz comigo, invariavelmente se maravilhassem com o fato de eu ainda viver nesta cidade, e que dentre todos apenas o senhor fosse de parecer contrário, e persistisse nele aferradamente. Certamente não lhe é desconhecido que não só em qualquer cidade um tanto viva, mas também nesta aqui, quase não há jovens de 17 anos cujos pais não os tenham assistido, a fim de colocá-los na posição que mais lhes convém: calo sobre a liberdade que, na minha idade e com a minha condição, todos eles têm, liberdade de que não disponho nem da terça parte, aos 21 anos de idade. Mas deixando isto de lado, ainda que eu tenha dado provas, se não me engano, bastante raras e precoces, somente muito após a idade habitual comecei a manifestar o desejo de que o senhor zelasse pelo meu destino e pelo bem da minha vida futura, assim como todos esperavam. Eu via inúmeras famílias desta mesma cidade, muito, incomparavelmente menos abastadas que a nossa, e sabia de infinitas outras estrangeiras que, ao menor lampejo de engenho notado em um dos seus jovens, não hesitavam em fazer duros sacrifícios a fim de capacitá-lo a aproveitar os seus talentos. Apesar de muitos acreditarem que o meu intelecto irradiasse um pouco mais do que um simples lampejo, o senhor no entanto julgou-me indigno de qualquer sacrifício paterno, o bem da minha vida presente e futura não lhe pareceu digno de qualquer alteração no seu planejamento doméstico. Eu via meus parentes brincarem com as oportunidades que obtinham do soberano e, esperando que houvessem podido empenhar-se efetivamente por mim, pedi que pelo menos me fosse concedido algum meio para viver de maneira adequada à minha condição, sem que assim ficasse às custas da minha família. Fui acolhido com risos, e o senhor sequer considerou que as suas relações e os seus conhecimentos pudessem ser empregados na colocação conveniente a este seu filho. Eu bem conhecia os projetos que o senhor reservava para nós, e para assegurar uma felicidade que desconheço, mas que ouço chamar casa e família, o senhor exigia de nós *dois* o sacrifício, não de bens ou de cuidados, mas das nossas inclinações, da juventude, de toda a nossa vida. Estando ciente de que o senhor jamais

teria obtido este sacrifício, nem de Carlo nem de mim, não me restava fazer nenhuma consideração sobre esses projetos, não podendo contemplá-los de modo algum. O senhor conhecia ainda a miserabilíssima vida que eu levava, com as horríveis melancolias e tormentos de toda espécie, advindos da minha estranha imaginação, e não podia ignorar o que era mais que evidente, ou seja, que a isto, e à minha saúde que se ressentia visivelmente de todas estas coisas, que sofria desde que se formou em mim esta compleição miserável, não havia absolutamente outro remédio senão poderosas distrações — tudo aquilo que em Recanati eu jamais poderia encontrar. Contudo, o senhor deixava por anos e anos um homem do meu caráter consumindo-se em estudos mortíferos ou enterrando-se no mais profundo tédio e, por conseguinte, na melancolia, derivada da necessária solidão e da vida de fato ociosa, mormente nos últimos meses. Não tardei muito a perceber que qualquer razão possível e imaginável seria inutilíssima para demovê-lo do seu propósito, e que a extraordinária firmeza do seu caráter, encoberta por uma constante dissimulação e um ar de transigência, era tamanha que não deixava uma mínima sombra de esperança. Tudo isto, e as reflexões feitas sobre a natureza dos homens, me persuadiram de que, mesmo desprovido de tudo, não devia contar senão comigo mesmo. E agora que a lei já me fez senhor de mim mesmo, não quis mais tardar a encarregar-me da minha sorte. Sei que a felicidade do homem consiste em ser contente, e por isso mais facilmente serei feliz mendigando do que estando em meio aos confortos corporais que eu possa ter neste lugar. Odeio a prudência vil que nos congela e ata e torna incapazes de qualquer grande ação, reduzindo-nos a animais que esperam tranqüilamente a conservação desta vida infeliz, sem outros horizontes. Sei que me considerarão louco, assim como sei que todos os grandes homens levaram este nome. E como a carreira de quase todo homem de gênio começou pelo desespero, por isso não me assusta que a minha comece assim. Prefiro ser infeliz a ser pequeno, sofrer mais que me entediar, tanto mais que o tédio, pai das minhas letais melancolias, afeta-me muito mais que qualquer distúrbio do corpo. Os pais soem julgar seus filhos mais favoravelmente do que os dos outros, mas o senhor, ao contrário, julga os seus mais desfavoravelmente do que qualquer outra pessoa, jamais acreditando que houvéssemos nascido para algo de grande: talvez tampouco reconheça outra grandeza além daquela que se mede com cálculos e normas geométricas. Mas, quanto a isto, muitos são de outra opinião; quanto a nós, já que a desesperança por si só não pode senão fazer mal, nunca me imaginei fadado a viver e morrer como os meus antepassados.

Havendo-lhe exposto como pude as razões da minha resolução, resta que eu lhe peça perdão pelo incômodo que lhe dou por isto e pelo que

levo comigo. Se a minha saúde fosse menos incerta, teria preferido sair mendigando de casa em casa a tocar em um centavo do que é seu. Mas sendo tão frágil como sou, e não podendo esperar mais nada do senhor, ciente das declarações que várias vezes deixou desembaraçadamente sair de sua boca sobre este assunto, vi-me obrigado, para não me expor à certeza de morrer indigente no meio da estrada, já no segundo dia, a sair da maneira que saí. Dói-me supremamente, e este é o único fato que me perturba na minha deliberação, pensar que lhe estou desagradando, a quem reconheço a suma bondade de coração e o zelo para que vivêssemos satisfeitos com a nossa situação; a este sou extremamente grato na alma, e me pesa infinitamente parecer infectado por um vício que abomino acima de todos, isto é, a ingratidão. Apenas a diferença de princípios, que não era de modo algum corrigível e que devia necessariamente conduzir-me à morte por desespero, ou a este passo que dou, foi o motivo da minha desventura. Quis o Céu, para nosso castigo e como um exercício de paciência, que os únicos jovens desta cidade que tivessem pensamentos um pouco mais que recanatenses coubessem ao senhor, e que o único pai que olhasse estes filhos como uma desgraça coubesse a nós. O que me consola é pensar que este é o último mal que eu lhe causo, o qual servirá para liberá-lo do contínuo aborrecimento da minha presença e de tantos outros distúrbios que a minha pessoa lhe trazia, e que muito mais lhe traria no futuro. Meu caro senhor pai, se me permite chamá-lo por este nome, ajoelho-me para pedir-lhe perdão a este infeliz por natureza e circunstância. Gostaria de que minha infelicidade fosse só minha, que ninguém tivesse de ressentir-se dela, e doravante espero que seja assim. Se algum dia a fortuna me fizer dono de algo, meu primeiro pensamento será restituir aquilo que agora a necessidade me força a tomar. O último favor que lhe peço é que, se acaso despertar em sua memória a lembrança deste filho que sempre o venerou e amou, não a rechace com ódio, nem a maldiga; e se a sorte não quiser que o senhor possa orgulhar-se dele, não lhe recuse aquela compaixão que não se nega nem aos malfeitores.

33
A SAVERIO BROGLIO D'AJANO

Recanati, 13 de agosto de 1819.

Amabilíssimo conde Saverio.

Tendo motivo para crer que o que estou prestes a lhe narrar tenha chegado aos seus ouvidos através de terceiros, e estando o senhor interessado

na minha boa-fé, quis escrever-lhe para que as informações de outrem não o fizessem pensar de modo errôneo. Creio que o senhor certamente já saiba que o enganei ao fingir que o passaporte que lhe pedia fosse também do interesse de meu pai. Sabia que, caso o solicitasse de outra maneira, estaria manifestando a minha intenção a meu pai, a quem o senhor imediatamente teria escrito. Se o fato de ter-lhe feito uma surpresa, sem qualquer dano ao senhor e pouco ou nenhum aos outros, é ato culposo em um pobre jovem que, de outra forma, não poderia esperar ajuda de ninguém neste mundo, confesso que sou culpado: mas lhe peço perdão e me fio na sua benevolência.

Meu conde, conquanto o destino me condene a tê-lo necessariamente contrário às minhas posições, não perco a esperança de poder fazê-lo entender a crueldade deste meu destino. A resolução que eu havia tomado não era nem imatura, nem precipitada; já estava decidida há um mês, e concebida desde quando compreendi minha condição e os princípios imutáveis de meu pai, isto é, há muitos anos. Não me arrependi nem mudei. Por ora desisti do meu projeto, não por ter sido forçado ou persuadido, mas por estar abalado e desiludido. Não poderia estar persuadido, nem tampouco persuadi-lo, porque as nossas máximas são opostas e por isso evito todo diálogo sobre esta matéria, já que o diálogo não pode ser concorde quando os fundamentos são discordes. Se me opuserem a força, vencerei, porque aquele que está resolvido a encontrar ou a morte, ou uma vida melhor, tem a vitória nas mãos. Minhas resoluções não são passageiras como as de outrem, nem aquelas que meu pai pensa que sejam — apenas para, como se diz, poder dormir em paz. Não quero viver em Recanati. Se meu pai me providenciar os meios de sair, como prometeu, serei grato e respeitoso como todo bom filho; se não, o que deveria ter acontecido, e não aconteceu, foi apenas adiado.

Meu pai acredita que eu, como um rapazelho inexperiente, não conheça os homens. Gostaria de não conhecê-los, de tão celerados que são. Mas talvez eu esteja um pouco à frente do que ele imagina. Que não pense em me enganar. Se nele a dissimulação é profunda e eterna, que não espere de mim mais confiança do que a que ele me dedica. Que se jacte, se quiser, de me ter enganado, afirmando alto e bom som que ele, sem querer minimamente me forçar, não deu nenhum passo para interceptar meu passaporte. Pareceram-me palavras vindas do coração, e fiz o que não fazia há muitos anos: dei-lhe fé e fui enganado, pela última vez. É preciso que ele me ache bem tosco, se pensou que um engano tão grosseiro, evidente por si só, pudesse durar, e que eu não percebesse que o fato de o senhor mandar o meu passaporte a ele não foi um acaso, mas um acerto. Tanto mais que, conquanto sua carta fosse escrita de modo perfeitamente ostensivo, dela ele não me mostrou senão parte, e quatro dias depois de

recebida, só pela necessidade de que alguns subterfúgios usados por ele a fim de salvaguardar não a minha, mas a sua reputação em torno deste fato, combinassem com as respostas que eu podia dar em relação a isto. Quanto ao passaporte, manteve-o consigo. Fico até contente com isto, pois em minha mão seria mais inútil do que é agora, sob cem chaves, já que eu estaria irremediavelmente em débito com a boa-fé, do qual ora me liberto. Quero igualmente deixar claro que não ignoro que o senhor mandaria esta carta a meu pai, advertindo-o do seu conteúdo. Os novos obstáculos que ele poderá antepor aos meus desígnios não me desagradam nem amedrontam: aliás, não saio se ele me abre as portas, mas se as encerra — e meu pai bem sabe disso, e por isso quer dar a entender que não me opõe qualquer empecilho. Mas tentar enganar-me não é abrir as portas, e eu o considero desde já um novo cárcere.

Aquilo que me faz sofrer mais é saber que estão sendo culpados por esta minha resolução antiga alguns literatos que conheço há pouco tempo. Se me é permitido neste caso, juro-lhe pelo que há de mais sagrado que nenhum deles jamais sonhou me dar este conselho. Ao contrário, se eu lhes houvesse manifestado a minha deliberação, estou certo de que tentariam dissuadir-me por todos os meios. Chego a sugerir a meu pai que leia as cartas que me escreveram, uma a uma. É preciso que meu pai se considere o único homem prudente sobre a Terra para acreditar que pessoas navegadas e experimentadíssimas do mundo queiram imiscuir-se em negócios de famílias alheias, atraindo para si o ódio de terceiros, por mais vantagens que pudessem advir de um seu amigo. Sobretudo porque saberiam, como sabem, que eu, partindo daqui, me privaria de qualquer posse; de modo que para eles seria muito melhor que eu ficasse aqui, esperando e sofrendo, pois assim não precisariam sofrer mais por mim. Quanto aos princípios que os norteiam, não me engano, mas os conheço — tanto que também os professo. Não ignoro que possam ter certos interesses, mas sei distinguir as causas dos efeitos, e quanto a estes, isto é, às máximas, se não perceberam que eram minhas muito antes de eu sequer saber o nome deles (os quais, não pensando como os das Marcas, é natural que sejam celeradíssimos), não se jactem daquele fino conhecimento dos homens de que tanto se orgulham.

É curioso que se pense que eu, se não fosse *empurrado*, como dizem, pelos literatos, não seria capaz de uma determinação, que qualquer pessoa ciente do meu caso reconheceria como sendo a única viável. Meu conde, o senhor conhece o mundo: encontre-me um outro jovem, de qualquer lugar, que tenha chegado à idade de 21 anos com a conduta que venho tendo. Acaso meu pai acredita que, com um caráter ardente, com um coração extremamente sensível como o meu, eu nunca tenha sentido aqueles desejos e emoções que sentem e perseguem todos os jovens do

mundo? Pensa que não seriam capazes de impelir-me às mais espantosas resoluções? Pensa que, se conduzi até aqui uma vida que nenhum capuchinho de 70 anos abraçaria, com todo o rigor da expressão (e aqui apelo a toda Recanati, que se maravilha disto, tal como o meu próprio pai), seja por causa da frieza da minha índole? Pergunto se este seja o prêmio que eu deveria esperar; pergunto se há um outro pai na própria Recanati que, em circunstâncias bem menos favoráveis, tendo um filho que desse as esperanças que eu dava, não houvesse feito todos os esforços possíveis para provê-lo daquilo que a todos os meus conhecidos parecia natural e necessário, exceto a meu pai; pergunto se os Galamini, se os Giaccherini, se outros tantos desta espécie, que aos 16 anos tiveram mais liberdade do que não tenho aos 21, são melhores do que eu; pergunto se perdi a flor da juventude, destilando fadigas e suores incríveis, fugindo a outros prazeres, arruinando absolutamente e para sempre a saúde nos estudos, para viver em Recanati e ter aquilo que todos os meus conterrâneos têm; pergunto se eu, depois de tantos trabalhos e danos, não devo ter na minha vida futura outra esperança que não aquela que resta aos Galamini e aos Giaccherini, cuja juventude se esvai conforme se vê. Se meu pai, abominando qualquer idéia grande ou extraordinária, se arrepende de ter-me deixado estudar, condoendo-se de que o Céu não me tenha feito uma toupeira, e, além disso, não apenas não me concede nada de extraordinário, mas também me nega o que qualquer pai, em qualquer lugar, se obriga a conceder àqueles filhos que deixam escapar um único lampejo de engenho, se quer resolutamente que eu viva e morra como os seus pais, a não submissão de um filho a esta lei será condenável? Se não acredita que meu pai tenha a meu respeito as intenções que expus, assegure-se de que a coisa é bem assim, e se ele se lhe mostra diversamente, creia-me que o engana, enganando também a muitos outros, pois ele sabe que poucos concordam inteiramente com suas máximas; creia em um jovem que, mesmo sendo tal, conhece profundamente o caráter das pessoas com as quais conviveu desde o nascimento. Sei que ele proclamou que não sairemos daqui enquanto ele viver. Ora, eu, que quero que ele viva e também quero viver, e isto enquanto sou jovem, e não velho — quando serei inútil a todos e a mim mesmo —, lançar-me-ei desesperadamente às mãos da fortuna, e se esta me for contrária, como não duvido, serei mais um homem perdido, o milionésimo exemplo da maldade dos homens.

Acrescente-se a isto as melancolias infinitas e mortais, inevitáveis ao meu caráter e à vida que sou compelido a viver, as quais me arruínam a saúde de tal maneira que qualquer mal que me visite se instala e não parte nunca mais, nutrindo-se à força de uma alma toda angustiada e encolhida em sua tristeza, sobre um corpo fragilíssimo e castigado; qualquer

um vê que não há outro remédio para isto senão distrações poderosas, capazes de desviar o espírito para uma rotina diversa da que vivo.

Direi uma última coisa. Sempre fui amante da virtude, aquilo que pretendi fazer não era um delito: mas também sou capaz de culpa. Que se envergonhem quando eu disser que a virtude sempre me foi inútil. O calor e a força dos meus sentimentos poderiam ser bem dirigidos, mas se quiserem voltá-los para o mal, o conseguirão. Sei há muito tempo qual é o meio de ser menos infeliz neste mundo, e vejo exemplos de como sê-lo nesta cidade mesma. Não me obriguem a segui-los. Não me importo muito comigo: no entanto, parecer-me-á sempre espantoso ver alguém que, tendo amado a virtude desde que nasceu, se entrega desesperadamente à culpa.

Perdoe-me o tom com que me expressei pela primeira vez nesta carta, do qual em parte me arrependo de haver usado. Jamais pretenderia esquecer os meus deveres, gostaria de ser infeliz sozinho, e juro que se algo me inquietava na resolução que eu havia tomado, não eram os perigos a que me expunha, nem a reprovação alheia, que não levo em conta, nem a morte, a que as agruras e a pobreza rapidamente me conduziriam (para o meu consolo), mas apenas a idéia de dar um desgosto aos meus pais. Sempre amei meu pai, e o amarei; sofro por ele querer me tratar como aos outros homens, reputando o engodo mais vantajoso que a franqueza para comigo, enquanto penso ter dado provas suficientes do contrário. Repito que não desejo outra coisa senão ser sempre respeitoso e agradecido a meu pai, e certamente o serei de fato, se não o puder ser na aparência. Não me arrependo da conduta passada, nem desejo mudá-la. Apenas peço que ele tenha alguma consideração pelas minhas inclinações, que ora já não podem ser dobradas naturalmente e, caso contrariadas, me farão infeliz por toda a vida — talvez pior que infeliz. Perdoe-me o tédio que lhe causei por tanta delonga, e pela escrita apressada e desalinhada, decorrente da suma dificuldade que sinto em qualquer espécie de aplicação. Caso não desdenhe a minha amizade, continuarei sempre a amá-lo, não pretendendo com isto que se abstenha absolutamente de contrariar-me em tudo o que lhe possa advir da necessária prudência que há entre os homens, e do afeto que o liga a meu pai.

Creia-me seu obrigadíssimo, devotíssimo servidor e amigo,

Giacomo Leopardi

34
A PIETRO GIORDANI

Recanati, 19 de novembro [de 1819].

Estou tão aturdido pelo nada que me circunda, que não sei como tenho forças para pegar da pena e responder à tua do primeiro. Se eu enlouquecesse neste momento, acho que minha loucura seria estar com os olhos sempre atônitos, a boca aberta, as mãos entre os joelhos, sem rir nem chorar, sem me mover senão à força do lugar em que me encontrasse. Não tenho ânimo de conceber qualquer desejo, nem da morte, não porque a tema em algum nível, mas porque já não distingo mais a morte desta vida, onde nem mesmo a dor vem consolar-me. Esta é a primeira vez que o tédio não apenas me oprime e cansa, mas também me agita e lacera com uma dor agudíssima; estou tão espantado com a vacuidade de todas as coisas e com a condição dos homens, com a morte de todas as paixões que se apagam em meu espírito, que chego a sair de mim, considerando que também o meu desespero é um nada.

Os estudos que me incitas amorosamente a prosseguir, há oito meses não sei mais o que sejam, pois os nervos dos olhos e da cabeça se encontram tão enfraquecidos que não só não posso ler ou prestar atenção a quem me leia o que quer que seja, mas tampouco fixar a mente em qualquer pensamento, de muito ou nenhum relevo.

Meu caro, embora não compreenda mais os nomes *amizade* e *amor*, peço-te que continues a amar-me como sempre, recordando-te de mim e crendo que eu, como posso, te amo e te amarei sempre, esperando que me escrevas.

Adeus.

35
A PIETRO GIORDANI

Recanati, 17 de dezembro de 1819.

Acreditava que a faculdade de amar, como aquela de odiar, estivesse apagada em meu espírito. Ora, pela tua carta, me dou conta de que ela ainda vive e opera. Afinal, é preciso que o mundo seja alguma coisa, e que eu não esteja de todo morto, pois que me sinto arder de afeto por esse teu belo coração. Diz-me, onde encontrarei quem te assemelhe? Diz-me, onde encontrarei um outro a quem possa amar como a ti? Ó bela alma, ó única *infandos miserata labores* deste desventurado, acaso crês que eu es-

teja comovido com a piedade que me demonstras porque esta recai sobre mim? Ora, sinto-me tocado por ela porque não vejo outra vida além das lágrimas e da piedade; e se às vezes me percebo um pouco mais confortado, aí tenho força para chorar, e choro porque estou mais aliviado, e choro a miséria dos homens e a nulidade das coisas. Houve um tempo em que a maldade humana e os descaminhos da virtude me causavam desdém, tempo em que minha dor nascia da consciência das atrocidades. Mas hoje choro a infelicidade dos escravos e dos tiranos, dos oprimidos e dos opressores, dos bons e dos maus, e em minha tristeza não há mais centelha de ira, e esta vida não me parece mais digna de ser combatida. Muito menos tenho forças para me indispor com os tolos e os ignorantes, com os quais, aliás, procuro confundir-me; e já que o andamento e os usos e os acontecimentos e os lugares desta minha vida são ainda infantis, trago aferrados em ambas as mãos os últimos vestígios e sombras daquele bendito e abençoado tempo, quando eu esperava e sonhava a felicidade, e esperando e sonhando a gozava; mas passou, e não voltará jamais, nunca mais. Vendo com enorme terror que, junto com a infância, o mundo e a vida terminaram para mim e para todos aqueles que sentem e pensam, percebo que só vivem até a morte aqueles muitos que permanecem crianças por toda a vida. Meu caro amigo, única pessoa que vejo neste formidável deserto do mundo, sinto-me já morto, e ainda que sempre me tenha considerado apto para algo incomum, nunca acreditei que a sorte me deixasse ser mais que nada. Portanto, não te angusties por mim — porque onde falta esperança não há mais lugar para a inquietude — mas ama-me tranqüilamente como a alguém destinado a ser nada, já certo de ter vivido. E eu te amarei com todo o fervor que resta a esta alma abalada e entorpecida. Carlo e Paolina te saúdam de coração.

Adeus.

36
A ANGELO MAI

Recanati, 10 de janeiro de 1820.

Meu Prezadíssimo senhor.

Depois da sua ida para Roma desejei várias vezes expressar-lhe como eu estivesse feliz por tê-lo mais próximo que antes, e reavivando-lhe a lembrança deste seu bom admirador e servo. Mas o temor de importuná-lo e tolhê-lo de melhores ocupações sempre me impediu de escrever-lhe. Finalmente, o clamor das novas maravilhas que V.Sª está operando já não permite que eu me contenha; enquanto toda a Europa está para celebrar

a sua preciosa descoberta,[25] não me basta ao coração ser dos últimos a congratular-me com o senhor e demonstrar a alegria que sinto, não só como todos os estudiosos, mas também pela particular estima e respeitoso afeto que professo singularmente a V.Sª O senhor é mesmo uma profusão de milagres: de engenho, de gosto, de doutrina, de diligência, de estudo infatigável, de fortuna única e inaudita. Em suma, V.Sª nos faz tornar aos tempos de Petrarca e Poggi, quando cada dia era iluminado por uma nova descoberta clássica, e o encantamento e alegria dos literatos não tinham descanso. Mas agora, com tanta luz de erudição e crítica, com tantas bibliotecas, com tal multidão de filólogos, apenas V.Sª, em códices expostos há séculos às pesquisas de qualquer estudioso, em livrarias freqüentadas por toda a espécie de sábios, descobriu tesouros que se lamentavam perdidos definitivamente desde o primeiro renascimento das letras, descobrimento esse que nunca ocorreu às vãs e fugazes esperanças dos literatos: prodígio que supera todas as maravilhas do *trecento* e do *quattrocento.*

Há muito tempo eu havia preparado com grande zelo e estudo os materiais de algumas epístolas para demonstrar, se não com beleza e propriedade, ao menos com sinceridade, os veros e íntimos valores e benefícios das suas descobertas, com muitas observações críticas sobre as peculiaridades de cada uma. Mas a minha saúde, inteiramente desfeita por uma debilidade extrema dos nervos oculares e do cérebro, que há nove meses me impede de fixar a mente em qualquer pensamento, frustrou a conclusão dos meus desígnios. Contudo, porque o estrépito e o esplendor de sua última descoberta são tais que despertam até os mais sonolentos e débeis, senti-me também estimulado pelo desejo de não ficar omisso ante um acontecimento tão feliz. E, estando decidido a reunir todas as minhas forças quase apagadas para um (talvez o último) trabalho em torno da grande obra que V.Sª está para publicar, me animo a fazer um pedido que a V.Sª não parecerá verossímil, a menos que considere a confidência que a sua extraordinária benignidade me inspira, bem como as muitas provas de afeto que o senhor não desdenhou dedicar-me em vários momentos: é que V.Sª tenha a bondade, quando a obra estiver no prelo, de expedir-me os cadernos um a um, para que minha fadiga tenha mais intervalos, já que a leitura será lentíssima pelas razões que expus. Destarte, quando eu chegasse a fazer alguma coisa, logo a submeteria ao exame e juízo de V.Sª. O senhor pode imaginar como crescerá o infinito reconhecimento que lhe professo. Mas este crescerá do mesmo modo caso V.Sª, pretendendo não satisfazer meu pedido, comunique-me francamente sua decisão, reafirmando, assim, que o senhor ainda me tem como seu especial servidor e amigo.

Teria muito prazer se pudesse convencê-lo de quanto este meu último desejo seja justo, dizendo-lhe que continuo sendo o admirador que fui

desde o primeiro momento em que o conheci. Que V.Sª me conceda a honra de escrever-lhe, perdoando a minha temeridade.

Seu devotíssimo e obrigadíssimo servo,

Giacomo Leopardi

37
A PIETRO GIORDANI

Recanati, 6 de março de 1820.

Meu caríssimo.

Depois de 10 de dezembro te escrevi duas cartas em vão: nada sei da terceira, porque em 15 de fevereiro, última vez em que me escreveste, ela não poderia já ter chegado aí. Eu também respiro com ardor a bela primavera, como se fosse a última esperança que restasse à consumação do meu ânimo; poucas semanas atrás, antes de deitar-me, abrindo a janela do meu quarto e vendo um céu puro com um belo raio de lua, sentindo um ar tépido e ouvindo certos cães que latiam ao longe, algumas imagens antigas despertaram em mim, e pensei sentir um movimento no coração; pus-me então a gritar como um alucinado, pedindo misericórdia à natureza, cuja voz tive a impressão de ouvir após tanto tempo de silêncio. E naquele momento, lançando um olhar à minha condição passada, para a qual estava certo de retornar logo em seguida, como de fato se deu, enregelei de espanto, sem chegar a compreender como se possa tolerar uma vida sem ilusões e vivos afetos, sem imaginação e entusiasmo, coisas que há um ano ocupavam todo o meu tempo e me faziam muito feliz, não obstante as minhas penas. Agora estou ressequido e oco como uma cana seca, e nenhuma paixão acha mais a entrada desta pobre alma; mesmo a onipotência eterna e soberana do amor, com a idade que tenho, anulou-se em mim. Enquanto te faço estes relatos que não faria a nenhum outro, enquanto me dou conta de que não os acharás romanescos, sabendo quanto detesto acima de tudo a maldita afetação corruptora das belezas deste mundo, e que és a única pessoa que pode entender-me, discorro, não podendo fazê-lo com outros, sobre estes meus sentimentos, que pela primeira vez não considero vãos. Porque esta é a miserável condição do homem: que o bárbaro ensinamento da razão, excluindo os prazeres e as dores humanas como enganosos, considere sempre e apenas justo e verdadeiro aquele tormento que deriva da certeza da nulidade das coisas. Se bem que, regulando nossa vida segundo o sentimento dessa nulidade, o mundo terminaria e seríamos justamente chamados de loucos, mesmo sendo formalmente certo que esta seria uma loucura racional sob quais-

quer aspectos, diante da qual toda sabedoria seria loucura, já que tudo neste mundo se faz pelo simples e contínuo esquecimento daquela verdade universal, de que tudo é nada. Gostaria de que estas considerações fizessem ruborizar aqueles pobres filosofastros que se regozijam com o desmedido crescimento da razão e pensam que a felicidade humana esteja posta na cognição do verdadeiro, quando não há outra verdade senão o nada, e este pensamento, e a contínua consciência dele na alma — como a razão gostaria — deve conduzir-nos necessária e diretamente àquele estado que mencionei, o qual seria loucura segundo a natureza, e sabedoria absoluta e perfeita segundo a razão.

Os meus nervos estão como sempre. Desejo um bom termo à tua disposição de dar um pouco de vida a essa tua pátria, e despeço-me com um abraço e um beijo.

Adeus. Paolina e Carlo te amam e te saúdam.

38
A PIETRO GIORDANI

Recanati, 20 de março de 1820.

Meu caríssimo.

Respondo à tua de 23 do último, tendo já respondido à outra, do dia 15, no dia 6 deste. Regozijo-me no bem que procuras fazer a essa tua pátria, e desejo fervorosamente que os teus desígnios consigam bons resultados. Sabia dos livros da *Repubblica*, e quanto à nulidade da eloqüência italiana de que me falas, que posso dizer? Tantas coisas estão por ser feitas na Itália, que suspiro ao ver-me assim tolhido e enredado pela má sorte, lamentando que minhas poucas forças não possam ser usadas para nada. Mas quanto aos desígnios, quem pode prevê-los? A lírica a ser criada (e isto em todas as nações, porque mesmo os franceses dizem que a ode é a sonata da literatura), e tantos gêneros da tragédia, porque temos apenas um Alfieri; a eloqüência poética, literária e política, a filosofia apropriada aos tempos, a sátira, a poesia de toda espécie afinada com a nossa época; até uma língua e um estilo que, sendo clássico e antigo, pareça moderno e seja fácil ao entendimento e agradável, tanto ao vulgo quanto aos literatos. Em suma, a trilha a percorrer é infinita; e eu, que talvez tenha recebido da natureza um pouco de alento para meter-me na estrada e chegar a um certo fim, sempre fui detido nos cárceres da fortuna, e já não tenho esperança de poder mostrar à Itália algo com que ela atualmente nem imaginaria sonhar. Mas tu, meu caríssimo, tem coragem, conforta-te ao comparar tua riqueza à miséria alheia e ao ver o campo imenso que tens

adiante — e que é todo teu. Tu me perguntas o que tenho pensado ou escrito. Mas eu há muito tempo não penso, nem escrevo, nem leio coisa alguma, devido à obstinada debilidade dos nervos dos olhos e da cabeça; talvez não deixe mais que esboços das obras que venho meditando, nos quais venho exercitando como posso a faculdade de invenção que ora está apagada nos engenhos italianos. E porquanto eu saiba a ninharia que sou, ainda assim me espanta ter de deixar inconcluso tudo o que havia concebido. Mas justamente agora tornei-me inepto para o que quer que seja, desprezo-me, e me odiaria e abominaria se tivesse forças — mas o ódio é uma paixão, e eu não sinto mais paixões. Não encontro outro motivo senão este para que eu não me tenha arrancado o coração do peito mil vezes. Vejo que tudo me contradiz e que sou pressionado de todos os lados; basta que eu deseje uma coisa para que suceda o contrário — não sei o que faço neste mundo.

Das *Canzoni* de que perguntas, a primeira e a última[26] foram escritas há um ano, e por isso não encontrarás meus sentimentos de hoje senão na segunda,[27] saída por milagre da minha pena nesses últimos dias. Escrevi ao nosso Brighenti para que te mande as três cópias que me pediste através dele, e mais outras duas, que te peço enviar ao conde Pallastrelli e Calciati em meu nome. E quantas outras quiseres, bastará que comuniques ao próprio Brighenti. Paolina e Carlo estão bem, e cheios de amor por ti. Estou convicto de que não seja inútil pedir-te que continues a me amar, e creio que seja igualmente supérfluo dizer que te amo acima de tudo.

Adeus.

39
A PIETRO BRIGHENTI

Recanati, 7 de abril de 1820.

Prezadíssimo senhor, patrão e amigo.

Seria da maior indiscrição, e muito mais nestes tempos, exigir de um amigo a impressão de um texto, seja qual for o seu custo. Por isso, tinha a intenção de expedir-lhe antecipadamente, como se deve, a soma necessária para a referida edição, a fim de esclarecer que as despesas ficariam por minha conta. Mas V.Sª talvez saiba que sou filho de família, e quando a princípio lhe solicitei esta edição, não possuía ainda efetivamente o dinheiro para tal, mas estava convencido de que o conseguiria sem problemas — e creio que as pessoas que me conhecem, aqui ou alhures, sejam da mesma opinião. Após a sua gentilíssima de 22 do último, percebi que me havia enganado, não tendo podido por nenhum meio alcançar a soma total. Não

quero abaixar-me, e este não tem sido meu costume desde que a desgraça me pôs no mundo. Pode até ser que a fortuna me negue o sustento e as roupas, mas não me faça pedir nada à minha família. Por isso renuncio inteiramente a todo projeto deste tipo, bem como a qualquer outra edição; e como o meu engenho é escassíssimo — e , por maior que fosse, jamais ajudaria em nada neste mundo —, estou resolvido a sacrificá-lo totalmente à imutável e eterna selvageria da sorte, enterrando-me cada vez mais no horrível nada em que tenho vivido até aqui. Peço a V.Sª que, ao pensar em mim, pense-me como o homem mais desesperado que haja nesta Terra, o qual está a apenas um passo de subtrair-se para sempre à perpétua infelicidade desta vida maldita. Agradeço enormemente aos Céus por me terem convencido da minha impotência, facultando-me a possibilidade de interromper um acordo, como faço agora, antes que um amigo como V.Sª houvesse empreendido alguma coisa por mim.

Desejaria que o nosso caro Giordani, que também é testemunha da crueldade furiosa e infernal da minha sorte, em toda sua dimensão, até quanto aos correios, soubesse através de V.Sª que, além das cartas perdidas, das quais já lhe avisara neste fevereiro, percebo que se perdeu igualmente uma outra que eu lhe havia escrito no dia 6 do último, e temo que aconteça o mesmo à que lhe escrevi no dia 20 deste; mas que as dele não se perdem, ou melhor, naquelas que venho recebendo não encontro indícios de perda. E como já rompi meu contato com qualquer outro, vejo que à minha revelia os correios se incumbirão de rompê-lo inteiramente também com ele .

Dos 4 escudos que o senhor diz me dever, devo-lhe 8 paulos pela *Crônica* de Dino Compagni, 3 paulos pelas prosas de Giordani, enviadas há tempos pelo senhor, e 16 vinténs pelo erro na expedição do valor pelo *Eusébio*: um total de 1,26 escudos. Donde meu crédito se reduz a 2,74 escudos.

Quanto à dedicatória imaginada pelo tipógrafo, só para acrescentar uma palavra sobre isto, não teria dificuldades em conceder-lhe este direito, contanto que: 1º a vergonha recaísse inteiramente sobre ele, ou seja, que a dedicatória fosse toda feita em seu nome; 2º, que não prejudicasse as minhas prosas, às quais a primeira não constitui obstáculo, sendo uma dedicatória de uma outra edição, apenas reimpressa aqui, como de costume, e tampouco a segunda, sendo uma dedicatória específica do último *canto* (segundo a correção que lhe recomendara na minha última do dia 17), feita pelo autor e não pelo impressor, aliás, como se fosse uma carta de acompanhamento. Quando desta feita o acordo se combinasse, poderia enviar-lhe logo os 10 ou mais escudos necessários à compra das 50 cópias que eu retiraria. Em caso contrário, que é o mais natural, peço-lhe, quanto ao manuscrito e aos exemplares impressos corretamente, queimá-

los ou fazer deles o que quiser, sendo claro que, caso a impressão atrase, não servirão para mais nada, pois os *cantos* são feitos na maior parte para o momento, especialmente aquele ao Mai, que deveria sair enquanto está acesa a fama da sua última e estrepitosa descoberta.

Peço-lhe desculpar-me pelo incômodo que causei, agradecendo calorosamente a viva e imerecida solicitude que V.Sª me demonstra e confirmando o meu constante e afetuoso reconhecimento.

Seu devotíssimo e obrigadíssimo servidor e amigo,

Giacomo Leopardi

40
A PIETRO BRIGHENTI

Recanati, 21 de abril de 1820.

Prezadíssimo senhor advogado, patrão e amigo.

Antes de receber a sua gratíssima do dia 12 do corrente, eu nada sabia da carta de meu pai, como tampouco sei atualmente mais do que o senhor me escreve. Não vejo como meu pai possa ter sabido aquilo que nunca mencionei, nem a ele nem a qualquer outro (tendo poucos amigos fora, e nenhum nesta terra de bárbaros), a menos que ele tenha remexido em meus papéis, o que não me espanta — nem deploro, pois cada um segue os seus princípios. Quanto às dúvidas de meu pai, respondo que, assim como sempre serei aquilo que me aprouver, também quero parecer a todos aquilo que sou; e estou seguro de que não serei constrangido a agir de outra forma pelo mesmo motivo por que Catão estava seguro de sua liberdade em Útica. Mas tenho a sorte de parecer um cretino a todos os que me cruzam diariamente, os quais acreditam que eu só conheça do mundo e dos homens a aparência, que não saiba o que faço, deixando-me conduzir por pessoas que eles criticam, sem saber aonde me levam. Por isso se sentem obrigados a me iluminar e vigiar. Quanto à *iluminação*, agradeço-lhes cordialmente; quanto à vigilância, posso asseverar-lhes que tiram água com peneira.

Sobre as minhas *canções*, coloco-as no grande feixe de todos os meus ditos, feitos e escritos acumulados desde que nasci, em que o destino execrando imprimiu a marca da inutilidade eterna. Renunciei a todos os prazeres juvenis. Dos 10 aos 21 anos recolhi-me em mim mesmo a meditar e escrever e estudar os livros e as coisas. Não só nunca pedi uma hora de repouso, mas tampouco solicitei ou obtive em meus estudos qualquer outra ajuda além da minha paciência e do meu próprio trabalho. O fruto das minhas penas é ser desprezado de maneira extraordinária à minha condi-

ção, principalmente numa pequena cidade. Depois que todos me abandonaram, até a saúde resolveu segui-los. Aos 21 anos, tendo começado a pensar e a sofrer na infância, cumpri o curso das desgraças de uma longa vida e estou moralmente velho, aliás, decrépito, pois até o sentimento e o entusiasmo, que eram o companheiro e o alimento da minha vida, dissiparam-se de um modo que me repugna. É tempo de morrer. É tempo de ceder à fortuna — o ato mais terrível que um jovem possa fazer, comumente cheio de belas esperanças, mas o único prazer que resta a quem, após longos esforços, finalmente se percebe nascido com a maldição indelével e sagrada do destino.

Peço-lhe, se possível, que não mande o manuscrito a meu pai. Se já o tiver mandado, e ele o tiver devolvido a fim de imprimi-lo, ainda que com mínimas alterações, eu, com a autoridade que posso ter sobre os escritos que considero meus, lhe imploro e suplico que responda dizendo-lhe que renunciei inteiramente à idéia de publicar aqueles *cantos*, e que expus os motivos a V.Sª do modo mais claro. Caso ele o devolvesse sem variações, dizendo-lhe que o publicasse, faça o senhor o que lhe agradar, pois estou de todo indiferente a isto.

Aqueles que levaram a mal meu *Canto* sobre Dante, a meu ver se equivocaram, porque afirmo-lhe expressamente *que não o escrevi para importunar essas tais pessoas,*[28] mas, em parte, pelo amor à verdade pura e simples, e ódio às vãs prevenções e particularismos; em parte, porque, não podendo nomear aqueles que essas pessoas desejariam ver nomeados, pus em cena outros atores como por pretexto e figura.

Eu me lançaria ao fogo por Giordani, mas estou tão espantado com a inutilidade a que minhas ações foram condenadas desde que nasci, que mal tenho forças para tornar a escrever-lhe. Mas certamente o farei, mesmo que debalde, e assim não cederei à minha desgraça.

Tanto me consola a amável oferta da sua amizade, quanto me entristece o relato das suas desventuras. Em suma, neste mundo basta não sermos merecedores do mal para que este venha em abundância. Sou inútil até a mim mesmo, mas se a sorte me permitisse ajudá-lo ou confortá-lo de algum modo, pode estar certo de que eu agradeceria à fortuna de coração, e agiria com todo o ânimo que me restasse. Que V.Sª me ame e se assegure de que o amo, escusando-me do incômodo que lhe causei com este caso. Também este cairá no nada, como todas as minhas coisas — como eu mesmo.

Seu devotíssimo servidor e amigo,

Giacomo Leopardi

41
A PIETRO GIORDANI

Recanati, 24 de abril [de 1820].

Enfim, venho inutilmente borrando os papéis quando te escrevo, e creio que saibas através de Brighenti quantas vezes o tenho feito em vão. Mas não quero abater-me por isso. Se fôssemos antigos, terias medo de mim ao ver-me perpetuamente maldito pela sorte, considerar-me-ias o homem mais celerado do mundo. Eu me revolvo e me arrojo ao chão, perguntando quanto ainda me resta de vida. A minha desgraça está garantida para sempre: quanto ainda devo suportá-la? quanto? Falta pouco para que eu blasfeme contra os Céus e a natureza; parece que me puseram nesta vida apenas para que eu sofresse. Parece quase impossível que tu me ames. De qualquer modo, faço força para crer em teu amor, não porque não me dês prova suficiente dele, mas pelo meu próprio infortúnio. Se é certo que me amas, és o único nesta terra. Brighenti menciona um teu Discurso sobre as poesias do marquês de Montrone. De nada sei, se é velho ou novo. Se é velho, por que não o mencionaste antes? Se é novo, por que o não mandas a mim? Mas talvez percebas que me tornei menos que nada, pior que um morto, a quem não se deve tratar como se tratam os vivos. Paolina e Carlo te saúdam com muito amor; e eu, com todo o alento que me resta. Onde há um homem mais desesperado do que eu? Que prazeres gozei neste mundo? Que esperança me resta? O que é a virtude? Não entendo mais nada.

Adeus.

42
A PIETRO BRIGHENTI

Recanati, 28 de abril de 1820.

Prezadíssimo senhor advogado, patrão e amigo.

Recebi a sua gentilíssima no último 22. Agradeço a meu pai (que de fato sempre reverenciei e amei) pela permissão para imprimir *meus* cantos. Mas ele não quer que sejam impressos os dois de Roma. Faz muito bem. Quis saber do senhor o título das inéditas. Beníssimo. Não quer que o primeiro seja impresso. Beníssimo igualmente, ainda que aí eu discorde; mas é justo que *nos meus escritos* prevaleça a opinião dele, porque sou e serei sempre uma criança incapaz de orientar-se. Sobram dois cantos. Sobre estes, os quais enfim e por acaso aguardam minha decisão, digo

que não é preciso incomodar os tipógrafos; e aqui se encerra este caso, junto com o aborrecimento que me causou.

Meu pai não viu senão o título do primeiro inédito,[29] tal como já o havia visto por acaso um ano atrás, enquanto eu o escrevia; e logo imaginou mil imundícies na composição, mil inconvenientes no assunto, idéias que podem ocorrer a quem, não carecendo de engenho e suficiente leitura, contudo não tem a mínima noção do mundo literário. O título do segundo inédito[30] é por sorte inocentíssimo. Trata-se de um monsenhor. Mas meu pai não imagina que alguém possa extrair de qualquer assunto uma ocasião para falar do que mais lhe importa, e não suspeita, pois, que sob aquele título se esconda um Canto pleno de terrível fanatismo.

Agradeço-lhe pela oferta de publicação dos meus *cantos*, isto é, do que deles resta, no *Abbreviatore*. Mas sempre tive uma má experiência quando publiquei em jornais textos que não foram expressamente escritos para eles; pude ver que são lidos por pouquíssimos e, lidos ou não, logo esquecidos. V.Sª fará o que quiser dos manuscritos, não precisa me devolvê-los, mesmo porque já começo a concordar com o mundo que me despreza, a acreditar que joguei fora, à custa dos meus melhores dias, o trabalho de tantos anos, tendo perdido em vão, irreparavelmente, todos os bens desta vida — tudo para escrever coisas que não valem um níquel. O que o senhor me diz por sua própria conta a propósito do meu canto "*Nello strazio di una giovane*", assim como o considero acertadíssimo, e agradeço-lhe sinceramente por isso, também o vejo como uma prova cabal daquilo que eu disse; porque o meu pobre juízo, e as experiências feitas com mulheres e pessoas iletradas em cantos como aquele, rematado de modo mais feliz que os outros, como de hábito, me haviam convencido do contrário. Agora percebo que me enganei.

Sou-lhe gratíssimo pelos amáveis convites que V.Sª me faz, franqueando-me essa cidade bela e culta. Mas o que seria da minha infelicidade particular (digo particular porque das comuns ninguém escapa, muito menos eu, que nasci para ruminá-las) se eu fosse senhor de mim mesmo, livre para ir aonde desejasse? O senhor não conhece Recanati, mas deve saber que as Marcas são a província mais inculta e ignorante da Itália. Ora, segundo os próprios recanatenses, minha cidade é a mais morta e inculta das Marcas, e quem não reside aqui não faz idéia da vida que aqui se leva. Saiba, pois, que nunca saí nem sairei de Recanati, que não conheço nenhum homem célebre salvo o pobre Giordani, que veio visitar-me, e, por conseguinte, estou certo de nunca poder alcançar a fama a que até os mais míseros escritores se alçam, a qual não é obtida senão por meio de conhecidos, de uma vida conduzida no mundo, e não fora dele. Infelizmente, é verdade que o engenho mais raro e mais sublime (se acaso eu tivesse um) não basta sequer para divulgar o próprio nome, caso lhe falte

o auxílio de circunstâncias indispensáveis. A música, se não é minha primeira, é certamente uma grande paixão, tal como deve ser a todas as almas capazes de entusiasmo. Os jogos e distrações, mesmo não sendo do meu feitio, são aos olhos de todos que me conhecem o único remédio que resta à minha saúde desgastada, sem o qual irei breve e inevitavelmente definhar e perecer.

Que V.Sª me ame e se conserve, saudando carinhosamente o nosso Giordani. Seu devotíssimo servidor e amigo,

Giacomo Leopardi

Aos argumentos de meu pai contra minha primeira canção respondo com um só exemplo dentre tantos que existem, com os quais encheria uma lista. O *Verter* [*sic*] de Goethe trata de um fato que era conhecidíssimo na Alemanha, e a Carolina [*sic*] e seu marido eram ambos vivos e sãos quando aquela obra famosa foi publicada. E daí? Se quiséssemos seguir os grandes e provincianos princípios de prudência de meu pai, que, como eu disse, não sabe nada do mundo literário, escreveríamos tão-somente argumentos do século de Aarão, e assim nossos textos passariam até pela censura da *quondam*, Inquisição de Espanha. O meu intelecto está cansado das peias domésticas e estrangeiras.

43
A PIETRO GIORDANI

Recanati, 9 de junho de 1820.

Respondi em 12 do mês passado à tua de 18 de abril; ora respondo à de 25 de maio. Não podes imaginar quanto tua situação me entristece, a menos que consideres meu amor por ti. Reiterarei o que eu dizia na carta mencionada acima: espero que possas fazer uma viagenzinha, pois estou certo de que para esses males não há outro remédio senão uma extraordinária diversão do espírito e do corpo. Não te importes com as minhas novas, que já não posso ser feliz; mas já me esqueço de tudo quando penso que estás mais angustiado que de hábito. Se pudéssemos nos rever e abraçar, quem sabe isto não nos consolaria? Acharias em mim um coração ardente de afeto e compaixão, conforto caro e desejado nas desventuras, pois não há nada mais desesperador do que ver-se inteiramente só, quase maldito pelos Céus e esquecido pela Terra. Mas não me fio nesta minha opinião, já que acredito que tudo seja falso neste mundo, até a virtude, até a faculdade sensitiva, até o amor. Contudo, como estamos distantes, parece-me que se estivéssemos próximos nos consolaríamos

mutuamente. No caso desta e da última se perderem, escrevo a Brighenti para que te avise de ambas. Paolina e Carlo te amam e muito se compadecem de ti. Não te canses a escrever-me longamente: faça-me apenas chegar tuas novas. Ó meu caro e dileto amigo, não fomos feitos para a felicidade. Mas esquece por um momento tuas desgraças neste amplexo que te dá, com toda a alma, um pobre, desgraçado e amorosíssimo jovem, descrente de tudo, exceto da sua infelicidade eterna e do perene amor por ti.

Adeus.

44
A PIETRO GIORDANI

Recanati, 30 de junho de 1820.

Ó meu caro e torturado amigo.

A tua do dia 18 me desconsola porque vejo que caíste na mesma doença que me afligiu nos últimos meses, da qual de fato ainda não saí, mas de onde sinto e percebo que se pode ressurgir. As causas eram as mesmas que hoje produzem em ti os mesmos efeitos: extrema fraqueza do corpo e sobretudo dos nervos, passividade total, desocupação e solitude forçadas, anulação da vida. Tais causas não me faziam descrer, mas sentir a inutilidade e o tédio das coisas, desesperando do mundo e de mim mesmo. Mas mesmo que hoje eu sinta o meu coração seco como um caniço ou graveto, mesmo assim melhorei deste mal que decididamente julgo passível de cura, percebendo que minha tortura deriva mais do meu sentimento particular de infelicidade do que de uma certeza de infelicidade universal e necessária. Creio que nenhum homem no mundo, em nenhuma conjuntura, deva jamais desesperar do retorno das ilusões, porque estas não são obra da razão ou da arte, mas da natureza, a qual *expellas furca, tamen usque recurret, Et* MALA *perrumpet furtium* FASTIDIA *victrix.* Que farei por ti, meu pobre amigo, ou que posso fazer? Transmutar o mundo? Mas se mal posso consolar-te? Contudo, posso amar-te, e infinitamente, como já te amo. Volto à infância, considero o amor a coisa mais bela da Terra e me apascento de imagens vãs. O que é a barbárie senão aquele estado em que a natureza não tem mais força nos homens? Não me iludem meras futilidades, mas coisas de certa forma substanciais, já que as ilusões não são caprichos particulares disto ou daquilo, mas essencialmente naturais e congênitas a cada um: compõem toda a nossa vida. Como podemos pensar em nos perder seguindo a natureza? E por que queremos nos rebelar contra quem no-las deu e quis que vivês-

semos delas, assim como todos os animais e aliás, de certa maneira, todas as coisas, já que tudo o que é não está descontente de sê-lo, exceto nós, que não somos mais o que devíamos e éramos no princípio. Sêneca dizia que a razão tem de observar e consultar a natureza, e que viver feliz e viver segundo a natureza são uma só coisa. Mas a razão moderna, ao contrário da razão antiga, não observa nem consulta senão o verdadeiro, coisa bem diversa da natureza.

Não creio que os tristes vivam melhor que nós. Se a vera felicidade pudesse ser obtida de algum modo, a realidade das coisas não seria tão formidável. Por isso bons e tristes nadam ansiosamente neste mar trabalhoso, onde não vês outro porto senão aquele dos fantasmas da imaginação. Creio, portanto, que a condição dos bons seja melhor que a dos maus, porque as ilusões grandes e esplêndidas não pertencem a esta gente — pois que, restritos à verdade e à nudez das coisas, que mais podem esperar além de tédio infinito e eterno?

Vês que eu, desesperadíssimo como sou, no entanto assumo a tarefa de consolar. Disto poderás medir o amor que te dedico. Falo realmente de coração, e não finjo; aliás, acho que deves me escutar acima de qualquer outro, porque os que não experimentaram desgraças, ou não têm um motivo premente e especial de tristeza, imaginam o mundo como um belo objeto, esperando que cada um pense ou deva pensar tal como eles naquele momento. Mas eu jazo imóvel sob um cúmulo de desgraças, onde não reluz sequer um raio de esperança. Paolina e Carlo te exortam e pedem que te consoles e cuides de ti e de nós. Atende aos nossos pedidos. Não vês que choro por ti? O pranto é um consolo para os infortúnios, e gostaria que tu pudesses prová-lo conosco. Dá-me notícias da saúde, abraça-me e pensa várias vezes em mim; mas só isto: que te amo imensamente e unicamente.

45
A PIETRO BRIGHENTI

Recanati, 28 de agosto de 1820.

Meu caríssimo.

Sinto muito a nova indisposição de saúde que o aflige. Seja prudente, evite mais uma vez as discussões e, se o convidarem aos banhos, responda como aquela senhora inglesa convidada para a caça ao tigre, onde já correra um grande perigo: *já estive lá.*

Quanto à cátedra de Bolonha, digo-lhe que não conhece mesmo o meu pai. Não há nada que o interesse menos que os assuntos relativos a este

caso. Não me quer sustentar fora daqui às suas custas, mas não moveria uma palha para procurar-me alhures um meio de subsistência que me tirasse deste desespero. Não duvido que eu obtenha o seu consentimento diante do fato consumado, mas seria mais fácil mover montanhas que induzi-lo a fazer algo por mim. Esta sua estranha indolência é conhecida, admirada e manifestada em milhões de ocasiões. Todavia, gostaria de saber quais são os honorários desta cátedra, e de quem depende afinal a nomeação.

É muito acertado o que o senhor diz dos nobres, corpo morto da sociedade. Mas infelizmente não vejo o que hoje se possa chamar de corpo vivo, pois que todas as classes estão infestadas de um egoísmo que extermina tudo o que é grande e belo — e o mundo, sem entusiasmo, sem magnitude de pensamento, sem nobreza de ações, está mais morto que vivo.

Giordani também me falou muito bem do abade Farini.[31] Faça-me um favor: diga-me o nome daquele que recebeu minha Canção,[32] de quem me aconselha a desprezar as ofensas. Gostaria de saber se o senhor o mencionou de modo casual ou se ele falou mal de mim, e de que maneira. Digo-lhe sinceramente que não temo deparar ódios ou inimizades, porque tais sentimentos se usam entre iguais, e ninguém se dignará tomar-me por seu par; mas desprezos e escárnio os espero, e os recebo de todos por quem passo ou cruzo o olhar. Portanto, qualquer coisa que diga não poderá impressionar-me — desejo sabê-lo por mera curiosidade e diversão.

O senhor me avisa que o conde Trissino não recebeu minha resposta à carta que ele escrevera em 28 de julho. Preciso confessar-lhe um temor que ronda minha mente. Na dedicatória, tratei esse excelente senhor com uma certa familiaridade, que me parece usual em coisas literárias. A de 28 de julho era extremamente gentil. Mas ele ainda não havia recebido meu livrinho. Angustia-me pensar que, recebendo-o, ele possa ter visto ali uma excessiva intimidade. Já lhe escrevi pedindo perdão, e tornarei a fazê-lo. Mas como minhas cartas facilmente se perdem, peço-lhe a gentileza de informá-lo sobre os meus sentimentos, pedindo-lhe perdão em meu nome.

A estupidez das mulheres me assombra, não por mim, mas porque nelas vejo a miséria do mundo. Se eu me tornasse rico e poderoso — o que é impossível, pois tenho pouquíssimos vícios —, as mulheres sem demora procurariam enredar-me. Mas na condição em que me encontro, desprezado e escarnecido por todos, não tenho méritos para lhes atrair a atenção. Além disso, tenho a alma tão gelada e murcha pela infelicidade constante, pela dolorosa cognição da verdade, que antes de ter amado perdi a faculdade de amar, nem um Anjo de beleza e graça bastaria para inflamar-me: tanto que, mesmo tão jovem, poderia servir de Eunuco em qualquer harém.

Adeus, queira-me bem e dê-me novas da saúde. Amo-o e abraço-o. Diga-me a quem devo expedir o valor pelo *Foscolo*.

46
A ANGELO MAI

Recanati, 27 de outubro de 1820.

Seguem junto com esta duas cópias de uma minha canção dedicada a V.Sª, as quais já teria mandado caso não houvessem tardado tanto a chegar-me. V.Sª verá que não sou digno cantor de seus méritos, mas compensará a falta de engenho notando a reverência e o amor que lhe ofereço, nos quais presumo não ser superado por ninguém. A canção foi escrita nos primeiros dias deste ano, enquanto fervilhava a fama do seu magnífico achado ciceroniano. Decerto meus versos não seriam desprezíveis caso correspondessem ao sentimento, à maravilha e à intenção. Que V.Sª aprecie não digo o meu valor, mas a largueza do meu desejo.

47
A PIETRO GIORDANI

Recanati, 20 de novembro de 1820.

A tua do dia 5 me consola porque vejo que estás menos angustiado. Brighenti já me havia escrito sobre a tua nova publicação,[33] prometendo-me um exemplar. Quando puderes, espero que me escrevas mais longamente, tal como anuncias nesta última, porque sempre que tuas novas me faltam, e com elas o conforto e a ajuda da tua conversa, pareço alguém que se encontra só e sem estrela num mar infinito, mas obstinada e ansiosamente imóvel, tanto que nem uma tempestade possa interromper o silêncio e o tédio. Tenho lido e rabiscado com dificuldade; meus estudos já não se dirigem às palavras, mas às coisas. Não me arrependo de haver estudado a língua antes do pensamento, contra o que se faz comumente, pois se agora eu tiver algo a dizer, saberei como fazê-lo, sem precisar guardá-lo à espera de que aprenda a forma de expressá-lo. Outrossim, a palavra ajuda incrivelmente o pensamento, aplainando e encurtando a estrada. Aliás, eu mesmo tive a prova disto: o conhecimento de várias línguas contribui sobremaneira à facilidade, clareza e precisão do entendimento. A poesia, quase a esqueci, porque vejo mas não sinto mais nada. Carlo e Paolina te saúdam com afeto. Conserva-te bem, amando-me o mais que puderes.

Adeus.

48
A Pietro Giordani

Recanati, 5 de janeiro de 1821.

Meu caríssimo.

A tua do último 24 confirma o que eu suspeitava, ou seja, que a minha resposta à do dia 5 de novembro se houvesse extraviado. Mando esta a Brighenti, solicitando-lhe que a envie a ti pelo correio de Bolonha.

Nada podia consolar-me tanto quanto a notícia da melhora de sua saúde. Mas não vás logo abusar. Espera que ela se consolide, mesmo à custa do tédio e do ócio. Peço-lhe e suplico-lhe insistentemente.

Estou razoavelmente bem do corpo. A alma, após longa e ferocíssima resistência, finalmente se rendeu, obedecendo à fortuna. Preferiria não viver, mas, devendo viver, de que vale resistir à necessidade? A necessidade não pode ser vencida senão com a morte; juro-te que eu já a teria vencido se pudesse certificar-me de que a morte estivesse sob o meu arbítrio. Como não tenho esta certeza, devo ceder. Já não vejo outra virtude que me convenha exceto a paciência, para a qual não fui feito.

Leio e escrevo e faço muitos projetos, tantos que, se eu quiser dar cor e terminar os que já tenho, quatro vidas não me bastariam. Embora compreenda e sinta todos os dias e intensamente a inutilidade das coisas humanas, todavia sofro e me angustio com a idéia de quanto haveria a ser feito, contra o quão pouco poderei fazer. Sobretudo porque esta vida que a natureza me concedeu está entorpecida e enredada pela miséria; posso até vê-la esfarelar-se e volatilizar-se em minhas mãos; e assim, enquanto meus desejos demandam muitas vidas, eu mal disponho de uma.

Meus irmãos te abraçam e saúdam. Se me amas, escreve-me, e o mais que puderes — mas sem esforço. Adeus, alma cara. Amo-te quanto podes imaginar.

49
A Antonio Fortunato Stella

Recanati, 26 de fevereiro de 1821.

Prezadíssimo senhor.

Sua gentilíssima do dia 14 deste chegou-me pelo último correio, e respondo imediatamente. Gostaria que o senhor se convencesse de que o incômodo causado por meu pai me contrista e magoa indizivelmente. Não estou bem informado da coisa; contudo, além de não defender meu

pai, dou inteira razão ao senhor. Direi abertamente tudo o que sei. Quando o senhor enviou a conta a meu pai, onde ficava patente um crédito a seu favor, ou seja, há dois anos (ou mais, se não erro), meu pai a mostrou a mim; ele se pôs, então, a examinar seus papéis para conferir os itens daquela fatura. Lembro que na conta havia uma série de erros. Por exemplo, o último semestre do *Spettatore*, isto é, o segundo semestre de 1818 nunca nos foi enviado. E uma ou duas das últimas remessas feitas a meu pai pelo senhor, ou por sua loja, jamais foram recebidas. Se meu pai lhe respondeu na ocasião, não sei dizer; desde então desconheço o que se passou entre o senhor e meu pai, exceto o que soube pela sua última gentilíssima, da qual depreendo com grande desagrado a recusa da letra de câmbio, e o silêncio de meu pai. Conheço o caráter de meu pai, por isso não me espanto com a sua enorme indolência em relação aos próprios negócios. Sei que ele age com a mesma indolência em assuntos que o interessam de perto, com os quais deveria ser solícito para seu próprio proveito. Tenho muitos exemplos disto, e eu mesmo sou um deles. Se eu acreditasse poder ajudá-lo junto a meu pai, o faria com a máxima diligência. Mas conhecendo seu modo de pensar e sabendo que ele não gosta de que os filhos interfiram em seus negócios, percebi que, ao invés de servi-lo, traria apenas novos dissabores a mim mesmo. O senhor não pode imaginar quanto este caso me entristece. Se eu não fosse um pobre dependente da família, buscaria satisfazê-lo de imediato, como se se tratasse de um débito meu. Que V.Sª confie em mim, e tenha a certeza de que estimo acima de tudo a pontualidade nos acordos. Se eu puder servi-lo de outro modo, colherei com alegria a ocasião de mostrar-lhe vivamente quanto desejo o prosseguimento da nossa amizade. Ouso esperar que o senhor se mostrará condescendente quanto a isto, valendo-se de mim no que eu for útil. É o que lhe peço, de coração.

Com grande apreço e sinceridade, declaro-me seu devotíssimo e obrigadíssimo servidor,

Giacomo Leopardi

50
A GIULIO PERTICARI

Recanati, 30 de março de 1821.

Caríssimo e prezadíssimo senhor conde.

É árdua tarefa ter de pedir, máxime a quem nada nos deve e a quem muito devemos. Mas tanto a sua distinta benevolência quanto o desespero em que vivo me constrangem a solicitar-lhe e pedir-lhe, aliás, a implo-

rar-lhe. Antes de tudo, peço-lhe perdão pela rudeza desta minha prosa, já que a tristeza da alma e a angústia das coisas não me deixam tempo nem espaço à apreciação das palavras.

Creio que o senhor saiba (pela bondade que teve de informar-se das minhas penas) que desde a idade de dez anos, sem outro auxílio que a ignorância dos que nunca conversaram comigo, sendo sempre o oposto dos meus conterrâneos, lancei-me furiosamente aos estudos, neles consumindo a melhor parte da vida humana; mas talvez não saiba que até hoje não colhi dos estudos outro fruto senão a dor. A fraqueza do corpo, a melancolia abissal e perpétua do espírito, o desprezo e o escárnio de todos os concidadãos, e, por último, o único consolo que me restasse, ou seja, a imaginação e as faculdades do afeto, até essas apagadas com o vigor do corpo e a esperança de qualquer felicidade: estes são os prêmios que obtive com os meus miserabilíssimos esforços. A fortuna condenou-me a não ter juventude, pois que da infância passei de um salto à velhice, aliás, à decrepitude do corpo e do espírito. Desde o nascimento jamais senti uma única alegria; a esperança, por alguns anos apenas; há tempos, nem mesmo esta. A minha vida exterior e interior é tal que, somente em sonhá-la, os homens seriam tomados de um medo glacial. Meus pais, que vêem que me aniquilo e definho nesta prisão, vivendo sempre enterrado num lugar onde sequer o nome das letras é conhecido, onde, ainda que eu tivesse o engenho de Dante e a doutrina de Salomão, não conseguiria a mínima parte da fama que os mais medíocres e ociosos obtêm, estão resolutamente decididos a me não deixar partir daqui, caso eu não encontre os meios de poder sustentar-me sozinho. Pelo meu comportamento, raro e inusitado nas pessoas de minha idade, recompensam-me recusando obstinadamente o auxílio necessário àquilo mesmo que eles prescrevem. Apenas concedem miseramente que eu busque, sem conhecer quase ninguém, e a distância, o que é difícil de se obter mesmo pessoalmente, e com muito apoio e patrocínio.

Pediram por mim ao secretário de Estado o cargo de professor de língua latina na Biblioteca Vaticana, que ora está vago. Mas V.Em.ª conhece-me apenas como aquele homem obscuro e desconhecido que de fato sou. Alguns asseguram-me que, se mons. Mai fizesse um aceno ao secretário de Estado em meu favor, o caso se resolveria. Costumo escrever a mons. Mai, que há algum tempo conheço por cartas. Mas também me dizem (como eu já havia intuído) que ele é uma pessoa de espírito frio, que precisa de estímulos vigorosos para interceder por alguém. Ora, eu bem posso solicitar o benefício, mas não é certo que o mereça ou que o consiga (nesta minha condição) através de alguém em particular.

Caro conde, minha vida não importa, e ninguém deve importar-se com ela: não desejo, aliás, não desejaria por nada deste mundo estar vivo. Mas

porque não posso morrer (pois, se pudesse, juro-lhe que não terminaria esta carta, já que estaria morto há muito tempo), peço misericórdia à natureza que me deu esta existência justamente para me ver sofrer, peço misericórdia a meus pouquíssimos amigos para que me ajudem a suportar, não mais a vida, mas os anos. Não sei se o senhor tem alguma familiaridade com o mons. Mai; mas, sabendo da sua fama e prestígio, tanto na Itália quanto no exterior, e especialmente em Roma, pensei que talvez pudesse favorecer-me na medida da sua vontade, e atrevi-me a suplicar-lhe. Mas perdoe-me se lhe participei as minhas misérias com estas odiosas ninharias. Querendo dobrar a minha sorte negra, rompi a lei que eu me impusera há muito: que ninguém além de mim tomasse conhecimento desta minha tristeza. Perdoe-me. De qualquer modo, caso não possa fazê-lo, conserve-me sua benevolência; porque se a natureza me condena ao desprezo que mereço, e a sorte, ao imerecido ódio de muitos, que me reste como último consolo o amor de poucos.

Seu

Giacomo Leopardi

51
A GIULIO PERTICARI

Recanati, 9 de abril de 1821.

Caro e prezado amigo.

Não queria molestá-lo com palavras. Mas supondo que a sua elegante e cordialíssima missiva aguarde uma resposta, respondo.

Não lhe agradeço a compaixão que me dedica, conquanto seja um gesto raro neste mundo, e para mim quase inusitado, pois não há agradecimento que esteja à altura da virtude. O senhor me conforta afetuosamente para que eu não me deixe vencer pela tristeza, recuperando-me na sapiência. Caro conde, já se disse com acerto que quem nunca foi infeliz desconhece tudo; mas também é verdade que o infeliz nada pode, e por isso creio que Tasso esteja mais abaixo, e não ao lado dos nossos três sumos poetas, pois que ele foi sempre infelicíssimo. Todos os bens deste mundo são enganos. Mas retirem-se estes enganos: que bem nos resta? onde nos amparamos? o que é o saber? o que mais nos ensina além da infelicidade? Na verdade, o feliz não é feliz, mas o miserável é de fato miserável, por mais que a sapiência, mesmo a mais mísera, se desdobre por consolá-lo. Houve um tempo em que eu confiava na virtude e desprezava a fortuna: ora, depois de uma longa batalha, estou vencido e derribado, porque cheguei a um ponto em que, se muitos sábios conhece-

ram a tristeza e a inutilidade das coisas, eu ainda conheci a tristeza e a inutilidade do saber.

As Cortes, Roma, o Vaticano? Quem não conhece aquele covil de superstição, de ignorância e de vícios? Mas quase todo o mundo é um purgatório. E este aqui é um perfeito inferno: onde um homem deve precaver-se de mostrar que sabe ler; onde se discorre apenas de sol e chuvas, ou de mulheres, mas com as palavras das tavernas e dos bordéis; onde, se de uma parte não resta ao homem de espírito outra ocupação senão os estudos, outro descanso senão os estudos, de outra parte, a tanta distância de qualquer cidade ou alma culta, falta aos estudos a esperança de glória, último engano dos sábios. Por isso, quando quero compor deixo que os conceitos e as vozes do desgraçado se assemelhem ao grito sempre uníssono dos pássaros noturnos, mas nesta minha condição faltam o escopo e o fruto da escrita, já que não posso editar e, editando, divulgar.

Escrevi-lhe *professor* porque assim me haviam escrito de Roma. Eu no entanto o interpretara como *secretário*, e não me enganava, pelo que depreendo de sua carta. Ofício vil: mas o que é mais vil que a minha própria vida? Agora ela é de todo inútil, mas se eu pudesse consumir-lhe uma metade, desprezando a outra, teria uma grande vantagem. Já não posso aspirar a melhores postos com tanta escassez de meios. Porém, obtendo de algum modo o direito de arbitrar sobre mim mesmo e chegando a lugares onde pudesse ver e falar, talvez eu conseguisse não dignidade, nem riqueza, nem coisas tais — que nunca esperei ou procurei —, mas uma condição que distinguisse esta vida que levo, da morte.

Quanto ao seu caro e piedoso convite, respondo que, a menos que surja uma providência, jamais poderei ver céu ou terra que não seja de Recanati, antes que ocorra aquilo que a natureza me ordena que eu tema, algo que, segundo a natureza, só virá no tempo de minha velhice: falo da morte de meu pai, o qual não partilha infimamente dos meus desejos e só pensa em deixar-me viver naquele quarto em que passo meus dias, meses, anos, contando os toques do relógio.

Mas já me envergonho de falar tão longamente de mim mesmo. Os motivos que me induziram a fazê-lo, os expus no início; ou seja, fi-lo para que o silêncio não parecesse desprezo ou descaso pelos seus conselhos e sentimentos. Das ofertas generosas que me faz, dispondo-se a agir em meu favor, sou-lhe grato com toda a alma. Queira-me bem. Caso algum dia eu puder apertar sua mão e abraçá-lo, verá em mim um homem vencido pela má sorte, mas não gasto, uma mente derrotada, mas não o coração nem a faculdade afetiva — se bem que enfraquecida.

Seu terno e devoto

Giacomo Leopardi

52
A PIETRO GIORDANI

Recanati, 18 de junho de 1821.

Soube que estás aí e, esperando que os correios sejam mais diligentes com Milão do que o são com Piacenza, rompo o silêncio que por tanto tempo mediou nossa amizade. Vi a carta que escreveste em meu favor, bem como a resposta. Agradeço-te imensamente por ambas, mas sabendo que, por mais que o faça, minha alma estará sempre em débito contigo, e reconhecendo em ti o homem estupendo e incrível que és, mais atento ao bem e ao mal dos outros do que ao próprio. Dá-me novas de ti, embora eu estremeça ao pedi-las, temendo que sejam as dolorosas de sempre. Mas, dize-me, não poderias converter-te de Heráclito em Demócrito? É o que tem sucedido a mim, coisa que considerava impossibilíssima. O fato é que o Desespero se finge de contente. Mas o riso a que venho me acostumando, que se espalha sobre os homens e sobre minhas misérias, embora não derive da esperança, tampouco advém da dor, mas sobretudo do descaso, que é o extremo refúgio dos infelizes subjugados pela necessidade, os quais são despidos não da coragem de combatê-la, mas da última esperança de poder vencê-la, isto é, a esperança da morte. A minha saúde não está boa, mas é estável, tanto que não devo desesperar de viver um pouco mais. Vou lendo lentamente, estudando e rabiscando. Gasto todo o resto do tempo a pensar e a rir de mim para mim. Tenho nas mãos o esboço e a matéria de algo que chamaria de opúsculo;[34] mas a matéria cresce dia a dia, de modo que serei forçado a chamá-lo de obra. Quando terminar de prepará-la, se Deus quiser, lançar-me-ei a executá-la: creio que será logo. Resolvi escrever estas linhas para satisfazer a amabilidade que costuma induzir-te a desejar notícias minhas. Dá-me a contrapartida; Deus queira que, informando-me da tua situação, tu possas desdizer-me, fazendo de mim um mau adivinho.

Adeus, Adeus.

53
A PIETRO BRIGHENTI

Recanati, 22 de junho de 1821.

Meu caro.

Sua última carta encheu-me de dor e compaixão. Acaso espera que eu pregue a coragem e a confiança? Pois acertou: aliás, quero que esteja de

bom ânimo e confiante. Aquele que disse que a vida do homem é uma guerra, disse ao menos uma grande verdade, tanto em sentido sacro quanto profano. Todos nós combatemos uns contra os outros, e combateremos até a última chama, sem trégua, sem pacto, sem refúgio. Cada um é inimigo de todos, cada qual está só em seu canto. Exceto os pouquíssimos que receberam as benesses do coração podem ter a seu lado alguns semelhantes: e nesse aspecto o senhor é infinitamente superior a outros. De resto, vencido ou vencedor, nunca se deve deixar de combater e lutar, de insultar e espezinhar mesmo aquele que se rende, nem por um momento. O mundo é feito assim, e não como o pintavam a nós, pobres crianças. Aqui estou, escarnecido, aviltado, escoiceado por todos, levando a vida num quarto, numa condição que, se paro para pensar, fico horrorizado. E no entanto me habituo a rir, e até consigo. Ninguém triunfará sobre mim enquanto não puder pulverizar-me pelos campos e divertir-se ao ver minhas cinzas voando pelo ar. Peço-lhe de coração que tenha coragem, não porque não compartilhe suas calamidades, que as sinto mais que as minhas: mas porque creio que esta vida, este ofício de combater ferrenha e eternamente tenha sido destinado ao homem e aos animais pela natureza.

Escrevi ao nosso Giordani no dia 18 deste, para Milão. Verei se minhas cartas enviadas àquelas bandas terão melhor sorte. Meses atrás o senhor me escreveu sobre uma tradução latina da minha Canção a Mai, de que não tive mais notícia, nem antes nem depois. Caso ainda a possua, gostaria de divertir-me um pouco a ver como fui entendido; me daria um grande prazer se ma enviasse pelos correios. Decerto não sairá das minhas mãos. Fale-me algo da sua edição.[35] Não vejo excessos de estilo em seu *Babini*, aliás, parece-me muito austero. Caro Brighenti, queira-me bem, e que possamos rir juntos desses canalhas que detêm o orbe terrestre. Este mundo é às avessas como aqueles danados de Dante, que tinham o cu na frente e o peito atrás, e cujas lágrimas escorriam pelo reto. Seria bem mais ridículo querer endireitá-lo do que contentar-se em olhá-lo e apupá-lo.

Teu

Leopardi

54
A PIETRO GIORDANI

Recanati, 13 de julho de 1821.

Tua carta produziu o habitual e esperado efeito de magoar-me. Antes, quando eu não tinha maior consolo que as tuas cartas, não era assim.

Quisera Deus que a dor dos amigos te fosse de alguma ajuda. Mas tu desesperas de tua saúde, e não creio que devas fazê-lo. Por um tempo longuíssimo precisei condoer-me de ter um cérebro em meu crânio, porque não podia pensar minimamente em nada, por mais breve lapso que fosse, sem que os nervos se contraíssem e sofressem. Mas como não se vive senão pensando, doía-me que, devendo existir, eu não fosse planta ou pedra ou outra coisa cuja existência não dependesse do pensamento. Nem falo dos olhos, que me haviam reduzido à natureza dos mochos, que odeiam e evitam o dia. E no entanto estes males, embora não se tenham dissipado, vão contudo abrandando. Espero o mesmo dos teus e, se tens em conta o meu afeto, gostaria que fizesses como eu, que até há pouco desesperava como tu.

Janeiro próximo minha Paolina se casará numa cidade vizinha a Urbino,[36] nem grande nem bela, mas com pessoa abastada, libérrima e humana. Carlo está muito bem de saúde, com a alma solta e preparada para as duas faces da fortuna, mesmo faltando-lhe uma e outra, o que talvez seja a pior condição dos homens — e certamente dos jovens.

O meu escrito versará sobre as línguas, especialmente sobre as cinco que compõem a família das nossas línguas meridionais: grega, latina, italiana, francesa e espanhola. Muito se disputou e se disputa sobre língua na Itália, hoje mais do que nunca. Mas os melhores, na minha opinião, em vez de usarem a filosofia, a evocam e divulgam. Hoje este assunto demanda tanto volume de conceitos quanto possa caber na mente humana, pois que a língua, o homem e as nações por pouco não são a mesma coisa. Não adulo, e não tenho razão para adular, já que ninguém se orgulharia com as minhas adulações, apenas digo que a tua carta a Monti parece-me o mais filosófico de todos os escritos publicados na Itália nestes últimos anos acerca da língua, talvez a mais bela prosa italiana deste século, excetuando-se um defeitinho que compartilhas com quase todos os sumos escritores antigos. Trata-se de uma certa obscuridade, nascida não de uma afetação, negligência ou vício, mas das próprias virtudes da escrita, tais como a construção rigorosíssima e a cerrada urdidura dos períodos, que chegam a cansar o leitor, forçando-o aqui e ali a reler algum trecho a fim de seguir o fio dos raciocínios e acompanhar a migração dos teus conceitos, estranhos ao uso comum. Isto talvez ocorra porque, mormente nos textos filosóficos, científicos e didáticos, somos muito afeitos a uma dicção larga e solta, que tanto favorece a facilidade quanto prejudica a força e a beleza.

Tornando ao assunto, é inútil edificar se não começamos dos fundamentos. Quem quiser fazer bem à Itália, deverá antes de tudo mostrar-lhe uma língua filosófica, sem a qual creio que ela jamais terá uma literatura moderna própria, e, não tendo literatura moderna própria, não será

nunca nação. Logo, o principal efeito que eu desejaria obter é que os escritores italianos possam ser filósofos, inventivos e acordes com o tempo, o que vale dizer escritores e não copistas, sem que por isso devam ser bárbaros quanto à língua, mas italianos. Efeito a que muitos se propuseram, mas que ninguém alcançou, e ninguém, a meu ver, o procurou suficientemente. O certo é que o livro que se limitar a exortar sem oferecer um exemplo notável, não só de boa língua, mas também de sólida e sutil filosofia, jamais o alcançará, pois o efeito requer estes dois meios. Nesse texto procurarei ainda aplainar a estrada para então poder tratar das matérias filosóficas jamais tratadas nesta língua; falo das matérias filosóficas tais como são hoje em dia, não como eram ao tempo das idéias inatas.

Como vês, meu caro, escrevi longamente para atender aos teus desejos. E se queres que eu satisfaça o teu último pedido, isto é, que repita o que já sabes perfeitamente, imagina que eu possa repetir tudo o que disse de outras vezes, sem nunca ter dito quanto eu desejaria, nem quanto baste para exprimir o amor que te dedico — e o sofrimento que suporto por tua causa. Tu és há muito tempo quase a medida e a forma da minha vida, e eu, mirando sempre a ti, não vivo nem sinto conforto algum se te vejo incomodado e desanimado. Pelo amor de Deus, se não queres que eu me abandone, tenta suster-te, pois tudo o que vivo e penso e empreendo não tem quase outro fim senão o de ser amado e apreciado por ti.

Adeus.

55
A PIETRO GIORDANI

Recanati, 26 de outubro de 1821.

Eu podia desejar coisa mais grata que uma carta tua, desta vez cheia de boas notícias da tua saúde? Acho que nenhuma, salvo se ouvisse que tu estavas mais robusto do que Atlas e mais feliz que não sei quem. Mas vamos, nos animemos. Se eu devesse imaginar algo capaz de proporcionarme tanta alegria, não creio que pudesse conceber maior dádiva do que esta que me dás. Estou deveras consolado. Cuida-te direito — e se nisto te contentas em imitar-me, fazes bem. Oh, se eu pudesse rever-te. Passados três anos, mal me reconhecerias. Nem jovem, nem arredio à sorte, excluído da esperança e do temor, excluído dos mínimos e breves prazeres que todos desfrutam, mas tanto mais fascinado por ti quanto mais — experiente dos outros — compreendo a jóia raríssima que és. Paolina será esposa do senhor Peroli, de Sant'Angelo em Vado, mas não antes de janeiro, como já te escrevi; talvez só na primavera. Ela te saúda, assim como Carlo;

eles se alegram contigo, de coração. Eu passo bem, propondo-me muito, cumprindo pouco, necessitado apenas de distração e descanso, e sempre enfurnado em casa. Mas estando exausto de mover guerra ao invencível, tenho o repouso em lugar da alegria e vou-me, com o tempo, acomodando ao tédio, ao qual me reputava incapaz de sujeição; quase parei de sofrer. De saúde estou como Deus quer, às vezes pior, às vezes melhor, sempre imprestável para as longas concentrações, sempre determinado a não perder o pouco por forçar muito. Tu não te enganas em pensar que todos os dias falo de ti aos meus queridos, que são poucos. Mandei, junto com a última que te escrevi no final de julho, os cumprimentos do marquês Antici, que conheceste em Recanati, em 1818, e que hoje está aqui e lê tuas coisas com um gosto e entusiasmo incríveis. Ter-se-ão extraviado com a carta, sobre a qual nunca soube se recebeste. Tem amor por mim e continua a enviar-me boas novas. Abraço-te, amo-te, peço por ti todos os bens do mundo e fico indivisivelmente contigo.

Adeus. Paolina e Carlo não se contentam com o que eu disse em seu nome, querem ainda que te saúde e exorte a ter bom ânimo.

56
A PIETRO BRIGHENTI

Recanati, 2 de novembro de 1821.

Caro amigo.

Se acaso lhe fiz suspirar, o senhor fez-me rir, e após a páscoa da sua quaresma tive de esperar o pentecostes. Fez bem em responder-me, porque de fato o senhor ainda não o fizera: sua marquinha não o enganou. Mando pelo correio 1,80 escudos para saldar o meu débito. Recebi de Giordani, que voltou a Milão, uma carta que muito me consolou, embora ele continue a se lamentar da cabeça. Gostaria assaz de que o revisse e confortasse por mim, pedindo a ele que tenha coragem e esperança, e que se divirta o mais que puder — único remédio para os nossos males. Seu apego pela solidão, só o aprecio até certo ponto. A mim agrada-me muito uma companhia quando estou só, e a solidão quando estou em companhia, o que na verdade ocorre raramente — para azar da minha pobre cabeça, que há uns três anos pede socorro. Enquanto eu estiver aqui, paciência; e aqui estarei até que o diabo aprenda a Doutrina Cristã e comece a agir com misericórdia: talvez então ele me liberte desta prisão. Como lhe escrevi, creio que irei ao seu encontro neste Carnaval ou na primavera; não deixarei de avisar-lhe e fazer o que puder para vê-lo, abraçá-lo e dizer-lhe que o amo; mas de verdade, e não como amam as mulheres, os

príncipes ou os amigos que, segundo as palavras de Sócrates, mal se sabem falar. Tenha cuidado e diga-me se melhorou da constipação. Considere-me um dos poucos e raros homens capazes de amizade, lembrando-se de mim um tantinho mais do que costuma fazer.

Adeus, caro, adeus. Seu

Leopardi

57
A GIUSEPPE MELCHIORRI

Recanati, 14 de junho de 1822.

Caro primo.

Já respondi à sua penúltima; agora, respondo à última do dia 9. Peço-lhe agradecer sumamente em meu nome ao senhor cavalheiro Visconti pelo dom gentilíssimo que ele me envia. Diga-lhe que considero a sua amizade um bem ainda mais precioso, da qual, pelo que está escrito em sua última carta, creio poder orgulhar-me. Lamento muito por minha quase total ignorância em Arqueologia e Numismática, não podendo por isso proferir um juízo ponderado sobre as *Dissertações*. Mas digo sinceramente que o parecer e as provas que ele aduz, pelo pouco que entendo, me persuadem e agradam bastante; sobretudo o que ele diz da medalha de Lucio Vero pareceu-me muito útil e bem demonstrado.

Saiba que meu pai sequer me deixou ver seu livro, o qual todavia não desejo nem quero pedir-lhe. Que isto me sirva de desculpa, pois se o não mando para aí é porque não o tenho.

Volto a dizer que a Arqueologia nunca fez parte dos meus estudos, nem da minha predileção. De sorte que, não tendo livros suficientes de Numismática, não sei dizer-lhe se entre nossas moedas antigas se encontre alguma rara. Não obstante, consultei meu pai a fim de servir-lhe, que afirmou possuir uma moeda que nenhum dos especialistas interrogados por ele soube identificar. Obtive dele uma descrição detalhada da moeda, que lhe envio. Verá nos seus livros se se trata de fato de uma rara, e se lhe interessa.

Não vou falar quão inverossímil, e quase impossível, seria minha ida para aí. Mas agradeço cordialmente as suas manifestações de afeto, esperando poder corresponder-lhe inteiramente, se assim desejar. Carlo manda um abraço e se diz muito grato pela amizade que lhe declara: saúda-o com amor. Lembranças aos seus, em especial à mamãe, a quem escrevi há pouco — gostaria que ela o soubesse, se a carta se perdeu.

Adeus, adeus. Esteja bem e tenha carinho por mim.

58
A GIUSEPPE MELCHIORRI

Recanati, 20 de outubro [de 1822].

Meu caro Peppino.

Gostaria que tu me disseste se aí se encontraria para o próximo inverno uma boa e discreta pensão, em lugar que não seja um deserto. Um quarto me bastaria, de preferência quente e luminoso, mas que não fique no alto, ou seja, no último andar. Como pouco e não bebo vinho. Faço uma só refeição, e um discreto desjejum pela manhã. Diz-me a que preço se encontraria uma pensão deste tipo e, se possível, reserva-me uma. Irei para aí em meados de novembro. Não falo mais e sou tão breve porque não posso escrever, pois estou fraco dos olhos e da saúde.

Adeus, adeus. Abraço-te de coração.

59
A MONALDO LEOPARDI

Spoleto, 20 de novembro de 1822.

Caríssimo senhor pai.

Escrevo rápido como um raio para dar-lhe a notícia da minha feliz chegada, em perfeita saúde, nesta cidade de clima excelente. A dor de cabeça do tio Momo[37] o decidiu a alongar de um dia a nossa viagem. Sábado estaremos em Roma, se Deus quiser. Tio Carlo seguiu estrada com seus amigos, e estará em Roma na sexta-feira. Reservo para uma outra carta todas as manifestações de eterna gratidão para com o senhor, confirmando meu firme propósito de sempre fazer o melhor para lhe agradar. Peço que mande lembranças à cara mamãe, ao irmão Carlo e aos outros três; o mesmo pede tio Momo, que desde o primeiro dia de viagem parou de sofrer, e está bem. Perdoe a feiúra da escrita, feita após o jantar, à mesa, entre pessoas rumorosas.

Beijo-lhe as mãos e com grande ternura confesso-me seu afetuosíssimo e reconhecidíssimo filho,

Giacomo

60
A ADELAIDE LEOPARDI

Roma, 23 de novembro [de 1822].

Caríssima senhora mãe.

Chegamos aqui sãos e salvos, sem qualquer problema, e encontramos todos os parentes em perfeita paz. Escrevo depressa porque o correio está partindo, e mando-lhe lembranças do tio Carlo, do tio Momo, de dona Marianna[38] e de todos os outros, que estão muito bem. Peço-lhe que envie as minhas mais respeitosas e afetuosas saudações ao senhor meu pai, a quem já escrevi de Spoleto, e que abrace por mim os irmãos, assegurando a todos que escreverei longamente, dando-lhes notícia de mim tão logo esteja livre da necessidade e da pressa, de posse das minhas idéias. Estou ótimo, e os incômodos da viagem, ao invés de prejudicar-me, fizeram-me notavelmente bem.

Beijo-lhe a mão com todo o amor, cheio de afeto e desejo, e me declaro seu ternissimo filho,

Giacomo

61
A CARLO LEOPARDI

Roma, 25 de novembro [de 1822].

Meu Carlo.

Se pensas que quem te escreve seja Giacomo, seu irmão, muito te enganas, porque aquele está morto ou agonizante e em seu lugar resta uma pessoa que mal se lembra de seu nome. Acredita, meu caro Carlo, que estou fora de mim, mas não pelo espanto, pois mesmo que visse o Demônio não me espantaria; das grandes coisas que vejo não experimento o menor prazer, pois sei que são maravilhosas, mas não o sinto, e te asseguro que a profusão e grandeza de tudo causou-me tédio já no segundo dia. Portanto, se digo que quase perdi a consciência de mim mesmo, não penses nem no espanto, nem no prazer, nem na esperança, nem em nada de bom. Entende, caro Carlo, que durante a viagem sofri indizivelmente, tal como sucede a quem viaja às custas de outrem, principalmente de alguém[39] que quer e busca por todos os meios os mais requintados confortos, sejam ou não compatíveis com os dos outros. Mas não obstante isso, durante toda a viagem gozei, e gozei bastante, do meu próprio sofrimento, do descaso por mim, e da sujeição a cada momento de novos e

disparatados hábitos. E no entanto restava-me aquele fio de esperança de que sou capaz, o qual, mesmo sem alegrar ou brilhar, basta para sustentar a vida. Mas chegando e vendo esta desordem horrenda, esta confusão, esta nulidade, esta mesquinhez insuportável e este espantoso desleixo, bem como as outras pavorosas qualidades que reinam nesta casa; e achando-me inteiramente só e nu em meio a meus parentes (conquanto nada me falte), te juro, meu Carlo, que a paciência e a confiança em mim, as quais por longa experiência me pareciam insuperáveis e inexauríveis, não apenas foram vencidas, mas também arrasadas. Por desconhecer as ruas não posso sair de casa, nem dirigir-me a algum lugar, nem permanecer na rua sem a companhia de alguém da família; conseqüentemente, por mais que me oponha a isto, sou de fato obrigado a viver a vida dos Antici — uma vida que nós dois, cismando juntos, não saberíamos qual fosse, nem em que consistisse, nem como pudesse existir, nem se fosse vida mesmo.

Ontem visitei Cancellieri, que é um canalha, um rio de bazófias, o homem mais chato e maçante da Terra; fala de coisas absurdamente frívolas com enorme interesse, de coisas fundamentais com a maior frieza possível; afoga-te em cumprimentos e encômios altíssimos, mas de um modo tão glacial e com tal indiferença, que ao ouvi-lo tem-se a impressão de que o mais extraordinário dos homens seja a coisa mais ordinária do mundo. Em suma, a melancolia que me embala é tanta que mais uma vez não sinto prazer senão no sono; e esta melancolia, e este estar sempre exposto ao externo, em perfeito contraste com o meu atávico costume, abate-me e exaure todas as minhas faculdades, de sorte que já não sirvo para nada, não espero mais nada, quero falar e não sei o que me dizer, já não me sinto, tornei-me de cima a baixo uma estátua. Entrega esta carta a nosso pai, a quem nem sei o que escrevi de Spoleto: deves saber que eu escrevi a ele de uma mesa tomada por uma corja de fabrianenses, iesinos, etc, os quais se haviam informado com o camareiro sobre mim, e já sabiam o meu nome e o meu ofício *de poeta*, etc, etc. Um padre safado e espertíssimo que estava com eles propôs-se a ludibriar-me, tal como fazia com os outros: mas creia-me que à minha primeira resposta ele logo mudou de tom, e sua camarilha tornou-se dócil e gentil como um bando de ovelhas.

Ouve-me Carlo: se eu pudesse estar contigo, poderia até viver e retomar um pouco de ânimo, de coragem, ter alguma esperança e umas horas de consolo. Na verdade, não tenho nenhuma companhia, perdi-me a mim mesmo — e os outros que me circundam jamais me poderão fazer companhia. Escreve-me demoradamente e informa-me com detalhes do teu estado de espírito, sobre o qual tenho suspeitas que me angustiam. Ama-me, por Deus. Preciso de amor, amor, amor, fogo, entusiasmo, vida; o mundo não me parece feito para mim; achei o diabo bem mais feio

do que pintam. As mulheres romanas, altas e baixas, são de fato nauseantes; os homens causam raiva e pena. Mas escreve-me e ama-me e fala-me muito muito de ti e dos outros. Beija por mim a mão do nosso pai e de mamãe, aos quais escreverei no próximo correio, se ainda souber escrever. Lembranças a Paolina, Luigi e dom Vincenzo.[40] De qualquer modo, nos animemos — o hábito prevalecerá e remediará tudo.

Adeus, *caro ex carne mea*. Adeus.

62
A MONALDO LEOPARDI

Roma, 29 de novembro [de 1822].

Caríssimo senhor pai.

Recebi sua amorosíssima do último 25, da qual depreendo que a que lhe escrevi de Spoleto, no dia 20, se perdeu. A amargura que sinto pela nossa separação não é, como diz, muito menor do que a que aflige a sua bela alma, mas ao menos tão grande quanto a sua. Aliás, nos primeiros dias da minha chegada, ao ver-me isolado e distante dos meus queridos, o meu abatimento foi tal, que não imaginei poder suportar esse estado sem um pesar contínuo e profundo — como escrevi a Carlo, pedindo que ele lhe entregasse imediatamente a carta que lhe escrevi. Ora, conquanto o hábito e alguns contatos que fiz me tenham sedado e pacificado um pouco o espírito, todavia não compensaram a proximidade e o notório amor dos meus pais e irmãos — nem nada no mundo poderá compensá-lo. Consola-me muito pensar que o senhor reze a Deus por mim, a fim de que me livre dos perigos do mundo, que decerto são graves; e que me abençoe de longe, considerando-me seu bom, fiel e afetuosíssimo filho. Mas para que o senhor esteja com o ânimo em paz em relação a mim, na medida em que permite o amor, lhe direi que vi em Roma muito mais a tolice, a indiferença e o vazio do que aquela maldade que eu esperava encontrar; e repito aquilo que lhe disse ao partir, isto é, que sou muito mais um obstinado que um volúvel, desprezando muito mais que admirando. Não obstante a pouca prática no diálogo com os homens, prometo descobrir (e esta lisonja me confirma uma certa experiência) ao menos boa parte dos artifícios que são usados para seduzir, enganar, tripudiar e perder os jovens e todo tipo de homens. O primo Melchiorri o saúda com afeto, e o senhor deve acreditar-me que ele não é um mau rapaz; aliás, é boníssimo e ardente entusiasta da literatura, bem mais do que eu jamais fui. Os tios também o saúdam, bem como a insuportável dona Marianna, que apesar de tudo me quer bem — e eu nem sei por

quê. Beijo a mão da querida mamãe; saúdo e abraço os irmãos. Ao senhor dedicarei eternamente a mais viva gratidão, o afeto mais caloroso e filial. Queira-me bem, caro senhor pai, que eu o amo de todo o coração, desejando servir-lhe, agradar-lhe e obedecer-lhe em tudo. Se prezo ter recebido um coração sensível e cheio de amor é porque assim posso dedicar minha sensibilidade ao senhor.

Seu solícito e afetuosíssimo filho,

Giacomo

63
A PAOLINA LEOPARDI

Roma, 3 de dezembro de 1822.

Cara Paolina.

O que deseja saber de mim? Se Roma me agrada, se me divirto, onde estive, que vida levo? Quanto à primeira pergunta, não sei mais o que responder, porque todos me perguntam a mesma coisa cem vezes ao dia e, querendo sempre variar a resposta, já consumi toda a fraseologia e os Sinônimos de Rabbi.[41] Falando sério, tenho certeza de que o mais estúpido dos recanatenses possui mais bom senso do que o mais sábio e compenetrado dos romanos. Acredite-me que a leviandade destas bestas ultrapassa os limites do crível. Se eu quisesse contar todos os pretextos ridículos que servem de matéria às suas conversas, um livro não me bastaria. Nesta manhã (só para dar um exemplo) ouvi um grave e longo discurso sobre a boa voz de um prelado que cantou missa anteontem, e sobre a dignidade de sua atitude ao cumprir essa função. Perguntavam-lhe como fizera para adquirir essas altas prerrogativas, se no início da missa ele estivesse embaraçado e coisas desse tipo. O prelado respondia que aprendera assistindo longamente às capelas, afirmando que esse exercício lhe fora muito útil e que aquela era uma escola necessária a seus confrades; dizia que não se embaraçara de modo algum, e mil coisas espirituosíssimas. Soube depois que vários cardeais e outras eminências o haviam congratulado pelo feliz êxito daquela missa cantada. Perceba que todos os assuntos das conversas romanas são deste gênero, e não exagero em nada. A arquitetura de Roma teria um grande mérito se os homens daqui medissem cinco braças de altura e duas de largura. Toda a população romana não bastaria para lotar a praça de São Pedro. Com minha vista curta, avistei a cúpula a cinco milhas de distância, ainda em viagem; divisei-a perfeitamente com sua arqueadura e sua cruz, tal como vemos daí os Apeninos. Toda a grandeza de Roma não serve senão para multi-

plicar as distâncias e o número de degraus que é preciso subir para se encontrar alguém. Estas construções imensas, estas estradas intermináveis são espaços lançados entre os homens, e não espaços que contenham os homens. Não vejo que beleza possa haver em se colocar peças de xadrez de tamanho vulgar num tabuleiro tão largo e longo quanto essa praça da Madona.[42] Mas não quero dizer que Roma me pareça desabitada, digo apenas que se os homens tivessem necessidade de habitar tão folgadamente — como se habita nestes palácios, e se caminha por estas ruas, praças, igrejas — o globo não bastaria para conter o gênero humano. A primeira pergunta está respondida. Responderei às outras com mais calma. Saúda o papai, beija-lhe a mão por mim e diga-lhe que recebi sua carta de 29 do último, que seguirei suas orientações sobre a condessa Mazzagalli e o padre Trachini, que a questão sobre o advogado Fusconi já foi resolvida, que o dinheiro e as roupas da marquesa Roberti foram entregues há dias, que estou bem, assim como meus anfitriões, os quais, em particular os tios, mandam lembranças a ele e a mamãe. Recebi ainda a carta de mamãe; cumprimente-a também, e dê-lhe um beijo. Diga a Carlo que qualquer que seja o baú de que fala Luigi, minha cabeça não estava sobre ele; mas que um outro baú, do qual ouço falar, sempre o trouxe às costas. A Luigi, Pietruccio, dom Vincenzo, etc, saudações e bênçãos. Não atendi aos seus pedidos, mas com o tempo tudo se fará. Queira-me bem e fique tranqüila. Espero uma carta de Carlo com este correio, e uma tua na próxima semana.

Adeus. Marietta manda lembranças. Adeus.

64
A CARLO LEOPARDI

Roma, 6 de dezembro [de 1822].

Meu Carlo.

Aquelas dúvidas que me assolavam não eram decerto sobre a possibilidade de tu me esqueceres, pois ainda que isso pudesse acontecer, ou tivesse ocorrido, estou seguro de que não poderia ser senão por momentos. Mas eu estive em grandes ânsias pelo teu próprio estado de espírito, pela tua situação, e esse pensamento me feria agudamente no primeiro dia, durante a partida, quando eu pintava com a fantasia todo o escuro, todo o frio, toda a morte do abandono em que te encontravas. Na manhã do dia seguinte, sem poder fazer outra coisa, pedi muito à mulher do capataz de Tolentino que fizesse chegar a ti, se possível, notícias minhas e lembranças, bem como a todos os outros. Acredita, meu Carlo, que se o nos-

so mútuo amor pudesse crescer, cresceria da minha parte, e não só pelo afastamento, que a espíritos como o nosso costuma causar grande desejo do amado, mas também pelo próprio estar no mundo e no tumulto, pelas distrações e entraves que me impedem de pensar apenas em ti. Sinceramente, para mim não há maior solidão do que a grande companhia; e como esta solidão me entristece, desejo estar efetivamente só para estar em efetiva companhia, isto é, na tua e na de minha alma. Escuta, querido irmão: não me creias misantropo, nem covarde, nem fradesco, mas acredita que o que estou para dizer foi ditado pela experiência e cognição do meu e do teu espírito. Digo, em verdade, que se tu pudesses de algum modo buscar uma existência menos dependente e menos pobre que a de hoje, não deverias pensar em ceder ao destino, abandonando-lhe a maior parte da tua felicidade; mas deverias decididamente convencer-te de que estás, se não no melhor, num dos melhores estados possíveis ao homem. Pergunta-me se em duas semanas de temporada em Roma gozei sequer um momento fugaz de prazer, de prazer furtivo ou roubado, previsto ou imprevisto, exterior ou interior, turbulento ou pacífico, ou travestido de qualquer outra forma. Respondo em sã consciência, e juro, que desde que pus os pés nesta cidade nenhuma gota de prazer caiu sobre minha alma, salvo naquele instante em que li tuas cartas, que, afirmo sem nenhum exagero, foi o mais belo momento da minha temporada em Roma; mesmo aquelas poucas linhas que puseste sob a carta de minha mãe foram para mim como um facho de luz que rompesse a erma, densa e muda treva que me circundava. Dirás que não sei viver, que contigo e com outros semelhantes a ti o caso seria outro. Mas ouve as ponderações e os fatos. O homem não pode absolutamente viver em uma grande esfera, porque sua força ou capacidade de relacionamento é limitada. Podemos nos entediar numa pequena cidade, mas afinal as relações entre um homem e outro, entre os homens e as coisas, existem, porque a esfera desses relacionamentos é restrita e proporcional à natureza humana. Numa grande cidade o homem vive sem estabelecer uma mínima troca com o que o circunda, porque a esfera é tão grande que o indivíduo não pode preenchê-la, não pode senti-la à sua volta, e, portanto, não tem nenhum ponto de contato com o ambiente. Disto podes intuir quão profundo e mais terrível seja o tédio que se sente numa grande cidade, em confronto com o que se sente nas pequenas cidades, já que a indiferença, aquela horrível paixão, aliás, despaixão, do homem, tem de fato e necessariamente sua principal manifestação nas grandes cidades, isto é, nas sociedades muito complexas. A faculdade sensitiva do homem, nestes lugares, limita-se apenas à visão. Esta é a única sensação dos indivíduos, que não se reflete de nenhum modo em seu interior. O único modo de se poder viver numa grande cidade — que todos, cedo ou tarde, são obriga-

dos a adotar — é inventar-se uma pequena esfera de relacionamentos, manter-se em total indiferença quanto ao resto da sociedade, ou seja, fabricar-se uma pequena cidade em torno de si, dentro da grande; assim, o indivíduo permanecerá alheio e indiferente a todo o excesso da grande cidade. Para se ter isso, não é preciso sair das pequenas cidades. Trata-se de recair no pequeno por força de natureza. Vamos às provas de fato. Não levo em conta que vejo o tédio inscrito no rosto de todos os romanos. Direi somente isto. Sabes que a única fonte de prazer é o amor-próprio, e que esse amor-próprio, em última análise, se resolve ou em ambição, ou em sentimento. Quanto ao sentimento, podes imaginar se uma multidão dissoluta, que jamais pensa em si mesma, seja capaz de tê-lo. Quanto à ambição, deves convencer-te de que numa cidade grande é impossibilíssimo satisfazê-la. Seja qual for o bem a que aspires — ou beleza, ou doutrina, ou nobreza, ou fortuna, ou juventude —, numa cidade grande há uma tal abundância de tudo isso, que ninguém te notaria. Todos os dias vejo homens que encheriam Recanati apenas com a sua presença, e que aqui passam despercebidos. Atrair a atenção dos outros numa cidade grande é tarefa desesperadora; na verdade, essas cidades não são feitas senão para os monarcas, ou para homens que possam exceder desmesuradamente uma enorme parte do gênero humano, seja por um dom pessoal, seja por sorte, seja pela riqueza imensa, seja pela dignidade de um príncipe, ou coisas parecidas. Salvo nestes casos, não se pode usufruir Roma e outras cidades grandes exceto na condição de mero espectador — e um espetáculo do qual não se pode fazer parte entedia rapidamente, por mais belo que seja. Pondo-se à parte o espírito e a literatura, de que falarei noutra ocasião (tendo já conhecido vários literatos de Roma), limitar-me-ei apenas às mulheres, e à falsa idéia que talvez tenhas de que seja fácil conhecê-las nessas grandes cidades. Asseguro-te que é justamente o contrário. A passeio, na igreja, andando pelas ruas, tu não encontras uma bruxa que te olhe. Fiz e faço muitos giros por Roma, em companhia de jovens belos e bem-vestidos. Passei várias vezes com eles por jovens mulheres: elas jamais ergueram os olhos. Via-se claramente que não era por modéstia, mas por absoluta indiferença e descaso; e todas as mulheres daqui são assim. Abreviando, deter uma mulher em Roma é tão difícil quanto em Recanati; aliás, muito mais, devido à frivolidade excessiva e à dissipação desses animais femininos, que além de tudo não inspiram qualquer interesse, são cheias de hipocrisia, amam apenas passear e se divertir (sabe-se lá como), não *cedem* (acredita-me), senão com aquela extrema dificuldade que se verifica nos outros países. Tudo se restringe às mulheres públicas, que hoje acho muito mais circunspectas do que antes — de qualquer modo, como sabes, são perigosas. Falta-me papel. Jamais encerraria esta conversa contigo. Todos dormem, e eu

furto estes momentos ao sono porque durante o dia não me deixam um instante de liberdade. Muitas lembranças a Paolina. Pelo amor de Deus, caro Carlo, peço-te que quando me escreveres, tenhas a boa vontade de aumentar um pouco tuas letras, deixando entre as linhas um certo intervalo, por causa dos meus pobres olhos. Marietta está bem, e parece bem animada sempre que se fala de ti. Podes escrever diretamente em meu nome, sem precisar fazer carta patente, etc, porque não mostro minha correspondência a ninguém, e os de casa são incapazes de violar as cartas que me chegam. Nesta noite conheci uns eruditos alemães que me estimularam.

Adeus, beijos e bom ânimo.

65
A MONALDO LEOPARDI

Roma, 9 de dezembro de 1822.

Caríssimo senhor pai.

Todas as cartas que recebo de casa, especialmente as suas, me consolam e alegram acima de tudo, porque na verdade sempre tive e terei sempre necessidade de comunicar com o coração e os sentimentos — o que não posso fazer entre meus anfitriões, conquanto não me deixem faltar nada de imprescindível ou cômodo. Mas os princípios e elementos heteróclitos, realmente anômalos, que constituem a natureza dos daqui, a desordem incrível e inconcebível que reina no cotidiano desta família, não permitem que eu seja com eles mais que um estrangeiro. Visitei a condessa Mazzagalli, que me pareceu bem, e cumprimentei-a em seu nome e em nome da marquesa Roberti. Ela agradece e saúda o senhor e a marquesa, a quem a esta hora talvez já tenha escrito. Também estive com o padre Trachini, que está muito envelhecido, mas de aspecto saudável. Agradeceu a visita e a lembrança que o senhor tem dele, encarregando-me de saudá-lo. Daqui a poucos meses, ou talvez dias, encerra-se o triênio da Procuradoria-Geral que ele exerce, e é possível que decida estabelecer-se aí. Mostrei a Melchiorri a descrição que o senhor fez da medalha com a inscrição M. CARR. Ele a submeteu a Alessandro Visconti, que é tido como o maior Numismata de Roma e (dizem os daqui) da Europa; ele acredita que a medalha pertença à família Papiria, e que a inscrição deva ser lida M. CARB., isto é, *M. Carbo*. Com efeito, assim a consideram Vaillant, Ekhel e outros, como eu mesmo constatei: a descrição que fazem da medalha concorda pontualmente com a sua. Consultarei o Arvood, e se me ocorrer algo que venha a propósito em matéria Bibliográfi-

ca, não deixarei de adverti-lo. Também procurarei o célebre opúsculo de São Jerônimo na Vallarsiana, que é a última e mais completa edição das obras desse padre. Agradeço muito as notícias que o senhor me dá, e estimo que o irmãozinho passe melhor; anseio pela sua cura, e espero que o senhor e todos os outros não deixem de mandar novas sobre ele nos próximos correios. Não duvido de que o Grutero não seja uma maravilha, como o senhor diz, mas estou certo de que é utilíssimo e quase necessário, principalmente a uma Biblioteca. Quanto à sua pergunta sobre os literatos, digo que conheci realmente poucos, e esses poucos me tiraram a vontade de conhecer outros. Todos pretendem chegar à imortalidade de carroça, como os maus cristãos ao Paraíso. Segundo eles, o cume da sapiência humana, aliás, a única e verdadeira ciência humana é a Arqueologia. Ainda não consegui encontrar um literato romano que não confundisse literatura com Arqueologia. Filosofia, moral, política, ciência dos afetos, eloqüência, poesia, filologia, tudo isso é estranho a Roma: parecem brincadeira de criança se comparadas à tarefa de descobrir se um pedaço de pedra ou metal pertence a Marco Antônio ou Agrippa. O espantoso é que não se encontre um romano que realmente domine o latim e o grego; e sem o perfeito conhecimento destas línguas, o senhor pode ver em que consiste esse estudo da Antiguidade. Disputam e palreiam todos os dias, agridem-se nos jornais e fundam seitas e partidos — e assim vive e progride a literatura romana. Quanto a mim, alguns já me conheciam antes de minha chegada, outros não. Aqueles me tratam muito bem, estes menos, como acontece a alguém novo, principalmente a quem nunca procurou tornar-se conhecido nesta cidade, a quem não sabe falar de sua ciência favorita, ou se entedia ao falar dela. Cancellieri é insuportável pelos exagerados elogios que pronuncia com a maior displicência a quem for visitá-lo; ele é famoso por essa triste qualidade, que torna sua conversa insignificante, não se podendo crer em nada do que diz. Monsenhor Mai é o oposto dessa canalha: é gentilíssimo com todos, prazerosíssimo com as palavras, político com os fatos; mostra interesse em satisfazer a todos, mas no final só faz o que quer; quanto a mim, não tenho do que me queixar — aliás, devo realmente dizer que me obsequiou em todas as minhas questões, tratando-me quase com reverência. Assim que cheguei saiu a sua *Repubblica*, que é um belo trabalho, muito louvado por quem o entende, bem como atacado pelo partido contrário a Mai. Logo sairá o *Frontone*, com o dobro de texto da edição milanesa, de modo que grande parte das suas obras virá à luz inteira e sem lacunas. Conheci o cavalheiro Marini, diretor-geral dos Cadastros, homem cultíssimo, que logo mencionou o seu nome e seus casos no tempo do Depósito — nos quais também ele, como me disse, tomou parte —, manifestando uma grande estima pelo senhor. Tem uma biblioteca ri-

quíssima, que deixou praticamente à nossa disposição, minha e de Melchiorri: não é pública. Lá nós passamos ao menos boa parte da manhã, e quase sempre estamos sozinhos. Através do ministro da Holanda (que me pediu novas do senhor e quer ter sua obra publicada na nossa *Zecca*, depois de vê-la citada nas *Effemeridi*) conheci alguns estrangeiros cultos (bem diversos dos romanos). Um deles veio ver-me ontem, e de moto próprio; pediu-me que lhe comunicasse algumas observações que estou para publicar, elogiou-me e perguntou quando poderia voltar a *côsare* (conversar) comigo. Ele é professor de literatura grega em Munique, um homem célebre, que eu já conhecia de nome há vários anos. Relato-lhe estas bagatelas porque acho que o senhor, como me assegura, gosta de ser informado sobre as minhas coisas. Desejo que seu novo trabalho lhe traga o menor incômodo possível; espero que resulte em benefício da pátria. Peço-lhe que saúde todos os nossos por mim, particularmente a mamãe, e que me ponha à disposição da marquesa Roberti. Dê-me a bênção; não preciso dizer que estou às suas ordens, esperando ter o prazer de poder atendê-las segundo as minhas forças.

Seu filho amoroso,

Giacomo

66
A CARLO LEOPARDI

Roma, 16 de dezembro [de 1822].

Meu Carlo.

Se não estás convencido do que procurei demonstrar na minha última carta, *n'en parlons plus.* Asseguro-te que não só não sinto nenhum prazer em Roma: estive sempre imerso numa melancolia profundíssima. No entanto, não nego que isto decorra em grande parte da minha específica constituição física e moral. Asseguro-te que, quanto às mulheres, aqui não se faz absolutamente nada a mais do que em Recanati. Asseguro-te ainda que os espetáculos e diversões são bem mais tediosos que os de Recanati, porque neles ninguém brilha, exceto o próprio espetáculo. Ele é o único que pode brilhar, e não se vai ao espetáculo senão para se ver o espetáculo (coisa tediosíssima), ou para se entreter com aquelas poucas pessoas que formam o pequeno círculo de todos, círculo que nas pequenas cidades é feito com maior facilidade que nas grandes, onde certamente é mais restrito que nas pequenas. Mas falemos de coisas mais alegres. Primeiramente, não conheci nem guarda nem Spada alguma. Conheci bem o fenomenal Menicuccio Melchiorri, e devo tratar todos os

dias com o idiota do Peppe, que convida meio mundo para se rir dele. Mas por pior que seja a idéia que tenhas da esposa, não é possível que chegues a conceber que espécie de mulher infame e vil ela seja. Imagina uma serva muito tola, feíssima, desastradíssima, sem qualquer graça no olhar ou na postura ou em qualquer outra parte, desprovida de fala, em suma, sem um *attrait* possível; e tudo isso sendo uma puta, ou, no mínimo, uma coquete. Não conheço as prostitutas de luxo, mas, quanto às pobres, juro-te que a mais feia e rude coquete de Recanati vale mais que todas as de Roma. Conheci também vários valentes e espertalhões. São mais desembaraçados e falantes, mas quanto a saber fazer as coisas mais escabrosas, perderiam todos para os Galamini. Um Condulmari engoliria toda Roma de uma só vez. Acredita que um provinciano das Marcas vale mais que meio mundo. Percebi isso desde Spoleto, comparando os nossos que estavam à mesa aos jovens galantes de outras partes. Cancellieri às vezes me diverte com algumas histórias espirituosas: por exemplo, que o cardeal Malvasia avançava sobre as Damas do seu círculo, que era um *debauché* de primeira e mandava para a Inquisição os maridos e filhos das que resistiam, etc, etc; e coisas semelhantes do cardeal Brancadoro, de todos os cardeais (que são as pessoas mais repugnantes da Terra), de todos os prelados, que não fazem fortuna senão através das mulheres. O santo papa Pio VII deve o Cardinalato e o Papado a uma coquete de Roma. Após ter atingido o êxtase, diverte-se atualmente em falar dos amores e lascívias dos seus cardeais e prelados, rindo-se e dizendo-lhes *bons-mots* e gracinhas. Seu círculo favorito compõe-se de alguns leigos, bufões de profissão de cujos nomes agora não me lembro. A filha de um tal artista, favorita de Lebzeltern, obteve através deste o gozo de uma pensão de setecentos escudos ao ano — tanto que, morto seu primeiro marido, casou-se de novo com um príncipe. Magatti, a famosa puta de Calcagnini exilada em Florença, *tem* 700 escudos de pensão do governo, obtidos por meio do príncipe real da Baviera, que foi seu amigo. Esse é aquele príncipe que teve o milagre de curar-se de repente (como se leu nos jornais) da surdez, ficando mais surdo que antes. Que achas disto? Além do mais, convence-te de que substancialmente (em matéria de mulheres) faz-se muito mais em Recanati que em Roma, considerando-se a quantidade de gente e excluindo-se o que se faz por puro e simples dinheiro — o que sem dúvida é muitíssimo. Mas é preciso muito dinheiro, porque aqui não se brinca; não se podem contar os trocados. Falei somente das mulheres, porque de literatura não sei o que te dizer. Horrores e horrores. Os nomes mais santos profanados; as maiores tolices alçadas ao Céu; os melhores espíritos deste século pisados pelo mais ínfimo literato de Roma; a filosofia desprezada como estudo infantil; o gênio, a imaginação e o sentimento, nomes (não digo coisas, mas

nomes) desconhecidos e estranhos aos poetas e poetisas de profissão; a Arqueologia posta por todos nos píncaros do saber humano, considerada universalmente o único e autêntico estudo do homem. Não exagero. Aliás, nem poderia dizer tudo. O literato e o arqueólogo em Roma são exatamente idênticos. Se não sou arqueólogo, deduz-se que não sou literato, que não sou nada. E ter de ver a gente que se diz fanática por literatura, mais ainda do que eu era há uns tempos; ver o mísero comércio da glória (já que não se fala de dinheiro, o qual ao menos mereceria ser buscado com empenho), da glória cobiçada, disputada, passada de boca em boca; ver os eternos partidos, dos quais a distância não se faz uma idéia; ver o contínuo discursar sobre literatura (como, por exemplo, Massucci fala sobre seus negócios), discursos estultíssimos, como se se tratasse de fato de um trabalho projetado todos os dias, criticado, esperado, louvado pelo seu valor, que enaltecesse pessoas e escritos dignos de pena. Tudo isso me deprime de tal modo que, se eu não tivesse o refúgio da posteridade e a certeza de que com o tempo tudo toma o seu devido lugar (refúgio ilusório, mas único e imprescindível ao vero literato), mandaria mil vezes a literatura ao inferno. Quanto à insinuação do ciúme, deixa-me agir; tenho até me valido de algumas ocasiões. Quanto ao que tu experimentas, reconheço que a distância o acende e estimula, mas na verdade sem razão. Dona Marianna me disse e repetiu várias vezes que te saudasse expressamente em seu nome. Esta é a primeira e talvez a última vez que lhe obedeço. Lembranças a todos. Eu estou bem. Aqui faz um frio dos diabos, por causa da tramontana. Salvo os dias de muita neve, nunca se tem tanto frio assim. Boa-noite. Se possível, alegra-te.

Tem amor por mim e escreve-me.

67
A PIERFRANCESCO LEOPARDI

Roma, [27 de] dezembro de 1822.

Caro Pietruccio.[43]

Agradeço a lembrança que me dedicaste, a carta que me escreveste, as gentilezas que me dirigiste, tudo enfim. Os correios atrasaram tua carta. Se eu a tivesse recebido antes, teria tido tempo de mandar-te uma coisinha através de Mandolino, que partiu ou parte amanhã. Hoje é festa, e não se encontra nada para comprar. Mas se amanhã houver tempo, verás que Mandolino te levará um presente. Se não, podes estar certo de que logo acharei uma ocasião, e ficarás contente. Devias dizer-me como estás, se estás curado, porque sei que estiveste mal. Da próxima vez me

dirás, ou através do teu secretário, a quem escrevi; quero que o cumprimentes por mim, sem deixar de dar bom ano a ele, a Carlo, a Paolina e especialmente a papai e mamãe. Diz a Paolina que em breve lhe escreverei. Tu deves comer e dormir bastante, e continuar a estudar, porque quando eu voltar quero ver-te escrevendo muito bem.

Adeus, cheio de beijos e abraços. Um beijo grande nos irmãos, e outro nas mãos de papai e mamãe.

68
A PAOLINA LEOPARDI

Roma, 30 de dezembro de 1822.

Cara Paolina.

Envergonho-me de ainda não ter cumprido seus pedidos, embora não os tenha esquecido. Se há alguma desculpa que eu possa apresentar para o meu atraso é que, nos primeiros dias em Roma, estive tão mergulhado em distrações, ou melhor, ocupado em distrair-me, que mal tive tempo de pensar nas coisas mais importantes. Depois, fui constrangido a diminuir minhas viagens por causa das frieiras que me atacaram, as quais finalmente supuraram e se abriram, de modo que devo estar mais em casa. Mas espero que este impedimento não dure tanto. Ontem fui almoçar com o ministro da Holanda. A companhia era seleta e toda composta de estrangeiros. Posso dizer que foi a primeira vez que assisti a uma conversação de bom-tom, espirituosa e elegante, quase comparável a uma conversação francesa. Aliás, a língua em que se falou foi quase sempre o francês. Não havia italianos além dos meus anfitriões e de mim — e de um romano, que nada falou. Aqui faz tanto frio que os velhos já repetem sua antiga fórmula: não se lembram de ter visto outro igual. Tuas cartinhas — e teu modo de escrever, que passei a conhecer depois da minha partida — são tão gentis que não só não parecem recanatenses, mas tampouco italianas. Realmente não sei responder com a graça que tuas palavras mereceriam. Não tenho muito jeito para a galanteria, e além disso temo que, se a usasse contigo, mamãe queimasse minhas cartas antes ou depois de entregá-las a ti. Se te dissesse que te amo de coração, não seria uma expressão galante, mas talvez pecasse por ternura. Portanto, quanto aos meus sentimentos em relação a ti, para não errar em algum termo, deixo que tu mesma os interprete; nomeio-te minha plenipotenciária neste ofício. Creio ter dito o bastante. Beija por mim a mão de mamãe e papai, a quem dirás que escrevi no último correio, recebendo por este suas duas últimas, uma bem recente e outra do dia 13, que chegou no dia 15. Marietta e

Giovannina[44] te saúdam com carinho. Cumprimenta por mim Carlo e Luigi, e dá um beijo em Pietruccio, avisando a ele que cumprirei a promessa que lhe fiz tão logo puder sair de casa. Adeus, cara Paolina; tem amor por mim e dá em meu nome um bom ano-novo à tia Isabella, que há pouco me mandou lembranças. Se não for abusar de ti, leva os mesmos cumprimentos às primas, e saúda o tio Peppe. Felicitações ao papai pelo ingresso no novo ofício. Não te espantes se não me estendo mais, porque a quantidade de coisas que eu poderia dizer produz o usual efeito do excesso, isto é: não sei escolher nem determinar o que mais convém escrever. Falando pessoalmente tudo se resolverá. Também estou muito ocupado, pois estes senhores não me permitem deixar os estudos; aliás, tive de escrever em um mês o que não escrevia em dois,[45] tendo ainda de usar mais de uma língua, o que não está nos meus hábitos. Peço à fortuna que me poupe de dizer mais disparates que palavras.

Adeus; cuidado com este inverno terrível e, pelo amor que me tem, procura afastar os pensamentos melancólicos. Agradeço-lhe a descrição que fazes do novo livro de Giordani. Eu ainda não o havia visto. De novo: fica alegre — é o que te peço. Vejo por experiência própria e segura que a alegria e a melancolia vicejam por toda a parte.

69
A MONALDO LEOPARDI

[Roma, 31 de dezembro de 1822.]

Caríssimo senhor pai.

Peppino ficou contentíssimo com a descrição que o senhor lhe fez do Código de Varrão, assegurando-me que esta é a edição *princeps*, cuja consulta lhe será utilíssima, e que ele aguarda o seu envio em ocasião oportuna. Noutro dia veio visitar-me Luigi Sorini,[46] dizendo-me que pelos armários feitos por ele para o arquivo municipal o senhor prometeu lhe dar os armários antigos, ou oito escudos em dinheiro, além do resto do preço acertado pela obra. Disse que fora pago pelo resto, mas que não recebera nem os antigos armários, nem os oito escudos; que não os cobraria se o crédito fosse com o senhor, mas sendo com o Município, não via nenhum motivo para dispensá-lo. Em suma, pediu-me que lhe escrevesse, como faço; o senhor disporá como achar melhor, dizendo-me, se possível, o que devo comunicar a ele, caso volte a procurar-me. Encontrei o bilhete de Teopompo entre minha papelada, e lamento lhe ter dado inutilmente o incômodo de procurá-lo. Encontrei ainda entre os livros de Peppe Antici o 9º tomo de Metastasio, ed. de Zatta, assinado *Luigi*

Leopardi. Imagino que este tomo deva faltar à nossa série, e por isso aviso-lhe que está em minhas mãos. Reinhold, com quem fomos almoçar no domingo, disse-me muitas coisas gentis a seu respeito — entre outras, que recebera uma carta sua, à qual já havia respondido.

A sua afetuosíssima do dia 20 de dezembro chegou-me atrasada, como acho que já mencionei. Desde que a recebi não pude sair de casa senão raramente, indo a lugares próximos, devido às frieiras que tenho nos pés e que muito me importunam. Não pude portanto ir aos correios retirar os selos que o senhor teve a bondade de me enviar. Nesta cidade é muito difícil conseguir selos sem que se compareça pessoalmente à agência, e não achei quem fosse em meu lugar até aquela manhã. Assim, só nesta manhã pude saber que os dez escudos ainda não haviam chegado. Acho que devo avisá-lo disto.

Nesta noite, depois de dez dias de dores, o pobre Giuseppe Quercia[47] se foi. A sua do dia 13, como escrevi ontem a Paolina, chegou-me com grande atraso, isto é, anteontem, embora houvesse chegado a Roma no tempo certo. Como o senhor amorosamente me ordena, não deixarei que os correios partam sem levar notícias minhas à família — na qual, como o senhor bem diz, reina uma ordem realmente rara, tanto mais louvável quanto mais se conhece de dentro a desordem das outras famílias. Ter um pouco de cuidado com os outros, para que todos retribuam esses cuidados, é a coisa mais acertada do mundo; um breve e equilibrado código de conduta é necessário mesmo na mais absoluta intimidade doméstica. Mas aqui, onde ninguém quer se incomodar, onde diariamente os filhos se opõem à mãe, a mãe aos filhos, o marido à mulher, a mulher ao marido por uma fatia de pão, por um gole de vinho, pelas melhores partes da carne, disputando-os entre si, tirando-os da boca uns dos outros, imprecando, acusando-se de glutões, aqui cada um é incomodado por todos, e todos por cada um. Mas seria tarefa muito longa descrever minuciosamente os absurdos do código que rege esta família, bem como as contradições que se encontram em cada um dos seus artigos. Quando estivermos juntos, acho que poderei, com a devida prudência, provocar-lhe muitos risos puros sobre este assunto.

Espero que o senhor seja cauteloso neste inverno, que aqui é considerado extraordinário. Desejando-lhe um feliz começo de ano e das novas atividades, beijo-lhe a mão e peço sua bênção.

Seu amorosíssimo filho,

Giacomo

70
A CARLO LEOPARDI

Roma, 6 de janeiro de 1823.

Caro Carlo.

Não sei se tens recebido minhas cartas, apenas sei que da tua segunda em diante não vi nem soube mais nada de ti — o que, como deves imaginar, muito me entristece. Além disso, no correio de hoje não me chegou carta de casa, embora eu esperasse — ao menos em resposta às minhas. Que eu saiba, não te ofendi, nem vejo como nós dois poderíamos nos considerar ofendidos um pelo outro, nem acho possível que, mesmo que tivesses motivos para recriminar-me, quisesses vingar-te. Em todo o caso, escreve-me, pois eu pediria perdão por qualquer coisa que te pudesse desagradar, não fosse o temor de dizer uma injúria. Assisti às duas óperas: a da Argentina e a do Valle. A primeira é do maestro Caraffa, quase toda roubada de Rossini — mas tão mal, que nem dá o prazer da originalidade, nem da imitação, já que nela o que é de Caraffa é desprezível, e o de Rossini, inaproveitável. Nenhum trecho interessante, exceto uma ária para contralto no primeiro ato, que no entanto parece inconclusa. Todas as vozes medíocres, menos o tenor, isto é, David, e a contralto, ou seja, Ferlotti. O baixo não existe, e pouco atua na ópera. O canto de David causou-me grande impressão, porque nele se reconhece o esforço. Mas o timbre da voz, segundo o meu gosto, não é muito agradável. Quanto à agilidade e modulação do seu canto, meus toscos ouvidos não ouviram nada de extraordinário. Mas, de qualquer modo, nem a voz mais bela, se aplicada a uma melodia que não vale nada, poderia obter um grande efeito. Os romanos têm louvado o cenário e desaprovado a ópera. O baile não é nada bom quanto à pantomima, isto é, a encenação. Quanto à parte dançante, não é de se desprezar; mas tudo o que é puro espetáculo, como o dançante, entedia após quinze minutos. Não posso negar que as pernas dos bailarinos, num primeiro momento, causaram-me um efeito que a cabeça de um romano jamais me fará sentir, isto é, o encantamento. Mas quem consegue encantar-se durante uma hora e meia é muito impressionável. Quanto à ópera de Valle, que é cômica, asseguro-te que o nosso *Turco in Italia*, não só pela música, mas pelos cantores, um a um, e todos juntos, foi incomparavelmente melhor. O teatro tem estado quase deserto, e dentro dele faz um frio mortal. A ópera é de M. Celli. Os histriões são insuportáveis. Em relação a eles até um Parigi[48] seria um anjo, e não estou exagerando. Não me alongo mais porque absolutamente não tenho tempo, pois esses tais literatos não me deixam respirar. Tive de escrever um artigo sobre o *Filone* de Aucher, recentíssimo. Estou enviando à tipografia

as notas para o *Eusebio* de Mai. Fui encarregado de escrever certas notas latinas sobre a *Repubblica* de Cícero. Estão me oferecendo o catálogo dos *Codici greci* da Barberina, que até hoje não encontraram viva alma que descobrisse o que contêm. De Romanis me corteja para que eu traduza todas as obras de Platão, e já estamos quase acertados. Adeus, querido: lembranças a papai, a mamãe, aos irmãos e a todos. Se tens amor por mim, escreve-me — será possível que não me queiras bem?

Adeus, adeus.

71
A ADELAIDE LEOPARDI

[Roma], 22 de janeiro de 1823.

Cara mamãe.

Lembro-me de que a senhora quase me proibiu de escrever-lhe, mas, no entanto, não gostaria de que, pouco a pouco, a senhora se esquecesse de mim. Por esse temor, contrario sua proibição e lhe escrevo, mas brevemente, enviando-lhe os cumprimentos dos tios Carlo e Momo. Depois de oito dias de cama, hoje estou de pé pela primeira vez; a pequena ferida que tenho está bem fechada. Se ela não se abrir, e espero que não, estarei curado. Se a senhora não quiser responder-me de sua mão, encarregue alguém de fazê-lo, pois quero saber suas novidades — mas as específicas, porque as gerais me têm chegado sempre. Peço-lhe que saúde o papai e os irmãos em meu nome; caso queira saudar também d. Vincenzo, pode fazê-lo. Mas sobretudo peço que me queira bem, assim como manda sua consciência — tanto mais que afinal sou um bom rapaz, e quero-lhe um bem que a senhora não desconhece, ou não deveria desconhecer.

Beijo-lhe a mão, o que eu não poderia fazer em Recanati, e com todo amor me declaro seu filho de ouro,

Giacomo — aliás, Mucciaccio

72
[A CARLO LEOPARDI]

Roma, 22 de janeiro de 1823.

Caro Carlo.

Estou de pé e posso considerar-me curado, depois de duzentas horas de cama. Respondo às tuas últimas, como prometido. Não te enganas em

pensar que minhas efusões, etc, decorrem mais da política que de outra fonte, embora não se possa negar que a distância de algum modo reanime as afeições adormecidas ou apagadas; primeiro, porque é distância, segundo, porque o homem sempre precisa acreditar que interessa a alguém, e esta necessidade se faz sentir particularmente quando se vive entre estranhos, estrangeiros e, na maior parte, ignorantes. Falei a meu pai do projeto de De Romanis por pura vontade de conversar e encher a página, e porque: 1º, não imaginava de modo algum que meu pai pudesse conceber as suspeitas que teve, nem que temesse o prolongamento da minha ausência, já que ele mesmo havia sugerido que eu procurasse um emprego que me sustentasse fora de casa; 2º, eu estava e estou bem longe de pensar aquilo que motivou as inquietações de meu pai, isto é, que o pagamento por esse trabalho pudesse bastar para o meu sustento em Roma. Imagine que grande renda eu teria, ao todo quinhentos ou seiscentos escudos para cinco ou seis anos de atividade, tempo necessário para se concluir uma obra imensa como aquela. No máximo cem escudos ao ano, uma bela quantia. Portanto, nunca depositei nenhuma esperança nesta tarefa; comuniquei-a a meu pai por nada, e por esse nada ele ficou angustiado, escrevendo-me uma carta que podes imaginar. Agradeço muito os esclarecimentos que me deste a esse propósito, os quais serviram de norte à minha resposta. De resto, estamos quase de acordo quanto a De Romanis. Todavia, ainda tenho dúvidas, não me comprometi, resolverei sem pressa: porque o cansaço é grande, o proveito é pequeno, o tempo que a tarefa demanda é longo e, como desejo escrever, poderia gastá-lo em coisas melhores.

Já que perguntas sobre minhas esperanças, projetos e vantagens que pretendo tirar desta viagem, explico. Buscar emprego no Estado é perda de tempo. Quanto mais se vê a corte de perto, mais se perde a esperança de obter algo dali. Tenho uma certa amizade com o cav. Marini, diretor-geral dos Cadastros. Um leve empenho de sua parte talvez bastasse para que eu conseguisse, abrindo-se uma vaga, o cargo de secretário do Patrimônio (de sua total confiança). Tio Carlo diz que a coisa é certa, que eu cultive Marini e não me preocupe. Eu deixo que ele fale, como sempre fiz. Marini não é homem de empenhar-se, tem mil recomendações para esses cargos, etc, etc. Minha intenção é sair daqui a convite de algum estrangeiro, ou inglês, ou alemão ou russo. Cancellieri, o único a quem comuniquei esta minha vontade, o considera facílimo e, conhecendo muita gente desse meio, prometeu me favorecer e ajudar. Não é preciso dar muita fé a Cancellieri, mas vejo realmente que a coisa não é difícil, sei que o prestígio dos literatos italianos ainda dura, conheço os nomes de vários poetastros romanos que fizeram fortuna ou que no mínimo vivem bem naqueles países; conheço outros que estiveram na Ale-

manha, Inglaterra, etc, que partiram e voltaram com despesas pagas, e lá foram muito bem tratados e pressionados a ficar; sei de alguns que foram convidados por Italinski, ministro da Rússia, ou por outros, a se transferirem e estabelecerem em seus países, com proventos, etc; finalmente, vejo com meus olhos o pouco que é preciso para se fazer fortuna junto a esses senhores estrangeiros, que pagam altas somas a pequenas habilidades, que concedem grande estima a quem demonstre um mínimo dote literário. Deves portanto saber que a filosofia e tudo o que fala ao espírito — em suma, a verdadeira literatura — não valem picas para os estrangeiros, os quais, não sabendo quase nada de italiano, não apreciariam as mais belas obras que se lhes mostrassem nesta língua, nem teriam qualquer interesse por quem brilhasse num gênero de estudos inacessível a eles. Eu então mudei de hábito, ou melhor, reassumi o que deixara na infância. Em Roma não sou um literato (nome que, se autêntico, é inútil entre romanos e estrangeiros), mas um erudito e helenista. Não podes imaginar quanto me ajudaram aquelas sobras de doutrina filológica que recolhi e recuperei da memória de minhas ocupações infantis. Sem estas eu não seria nada para os estrangeiros, que comumente me estimam e dão muitos sinais de aprovação. Como numa grande cidade, apesar de tudo, há pessoas que lêem, é muito útil, aliás, necessário publicar alguma coisa que te faça conhecido, e isso, bem o mal, te torna fatalmente conhecido, como pude perceber; por isso, escrevi umas ninharias (pura erudição) que sairão a seu tempo, e tu serás o primeiro a ter uma cópia. Este será meu primeiro passo; depois disso (segundo vários exemplos de todos os dias), é provável que diversos estrangeiros desejem me conhecer, e então procurarei tirar algum proveito. Em Roma, embora bem menos que noutras capitais, há alguma vida; muitas bobagens são divertidas, surgem vários meios de se vencer e ir adiante por algum caminho. Aliás, se eu me contentasse com certas ocupações mais humildes, já teria encontrado diversas ocasiões de ganho (não junto ao governo, mas aos privados), e só com a literatura poderia apostar na minha sobrevivência em Roma — sem viver como um nobre, mas com o suficiente. Basta, veremos; entretanto, a língua francesa é-me imprescindível, e muitos dizem que falo bem; na verdade, falá-la não me aborrece muito, mas podes imaginar que pena e sofrimento horríveis seja entendê-la nas bocas dos estrangeiros, que usam tantas guturais que mudam e confundem o perfil das palavras, de modo que estas chegam aos ouvidos bem diversas do que as conhecemos. Falam-na depressa, e é preciso que estejas sempre com o ouvido e o espírito numa atenção ferrenha, sem suspendê-la sequer um momento: é de suar frio. É realmente uma grande dificuldade, e para vencê-la não basta saber bem a língua. Mas o costume tudo remedia. Seria tolice lembrar-te que não deves dizer estas coisas a ninguém.

Tenho muito cuidado em não deixar transparecer minha intenção a meus anfitriões. Caro Carlo, bem podes ver se te amo, e quanto me pesa a idéia de estar longe de ti. Mas isso talvez seja um sonho, e eu bem sei que tu preferirias que houvesse um corpo. Em verdade te digo que mesmo que eu o conseguisse, não sentiria nenhuma alegria; porém, conquanto eu seja incapaz de gozar, e incapaz para sempre, Roma proporcionou-me ao menos a oportunidade de aperfeiçoar minha insensibilidade em relação a mim mesmo, de rever minha vida inteira, meu bem, meu mal, como se fossem a vida, o bem e o mal de outrem. Agradeço sobretudo os relatos que fazes de si mesmo, ao que sentes que respondo com avidez. Gostaria que não te cansasses e desanimasses de continuar. Mas muito mais gostaria, não digo ver-te contente e feliz, que são sonhos para nós, mas de estar contigo, de participar de tuas coisas, e tu das minhas, como sempre fizemos por toda a vida. E decerto o faremos enquanto respirarmos, se não duvidas de mim. Mas isto é o mais raro da nossa amizade: nenhum de nós duvida de que jamais um possa duvidar do outro.

Um beijo.

73
A PAOLINA LEOPARDI

[Roma], 28 de janeiro [de 1823].

Cara Paolina.

Tua carta agradou-me muito, como todas aquelas que me escreverás; no entanto desagrada-me bastante saber que estás tão torturada por tua imaginação. Não digo imaginação querendo inferir que estejas errada, quero apenas dizer que dela decorrem todos os nossos males, porque de fato, humanamente falando, não há no mundo nem bem nem mal verdadeiros, exceto as dores do corpo. Gostaria de poder consolar-te, de te dar felicidade às custas da minha, mas não o podendo fazer, asseguro-te ao menos que tens em mim um irmão que te ama de coração, que te amará sempre, que sente o incômodo e a angústia de tua situação, que se compadece de ti, que em suma participa de todas as tuas coisas. Depois de tudo isso não te repetirei que a felicidade humana é um sonho, que o mundo não é belo, que não é suportável senão visto como tu o vês, isto é, a distância; que o prazer é um nome, não uma coisa; que a virtude, a sensibilidade, a grandeza de alma não são apenas o único consolo para os nossos males, mas também os únicos bens possíveis desta vida; que estes bens, instalados no mundo e na sociedade, não são desfrutáveis nem pro-

veitosos, como costumam crer os jovens, mas se perdem inteiramente, quedando-se a alma num vazio assombroso. Tu já sabes essas coisas, e não só, já acreditas nelas; no entanto, necessitas e desejas vê-las com tua própria experiência, e esse desejo torna-te infeliz. Isso sucedia comigo, isso sucede e sucederá a todos os jovens, isso sucede aos homens ainda, e mesmo aos velhos, e assim segue a natureza. Vês portanto que estou longe de repreender-te. Mas quero que, por amor a mim, faças um esforço, aproveites um pouco a filosofia, procures alegrar-te da melhor forma, pois sei por longa experiência que isto é possível, mesmo em teu estado — como em qualquer outro. Finalmente, não quero que te desesperes, porque a causa das tuas melancolias pode se dissipar em um dia, e é muito provável que isto aconteça; aliás, é facílimo; aliás, com o curso natural das coisas, é certíssimo. Crê nisto: o que eu puder fazer por ti, farei. Entretanto, diverte-te. Pensas que me divirto mais que tu. Certamente que não. Contudo, nesses últimos dias tenho levado, e continuo a levar, uma vida bem distraída. Mas tem por certa esta máxima reconhecida por todos os filósofos, a qual poderá consolar-te em muitas situações: a felicidade e infelicidade de cada homem (excluídas as dores do corpo) são absolutamente iguais em qualquer homem, seja qual for a condição ou situação em que este ou aquele se encontre. Por isso, falando precisamente, o pobre, o velho, o fraco, o feio, o ignorante gozam e sofrem tanto quanto o rico, o jovem, o forte, o belo, o culto: porque cada qual em sua situação inventa seus bens e seus males, e a soma dos males e dos bens que um homem pode fabricar é igual àquela que fabrica qualquer outro.

Talvez, querendo te consolar, acabei te aborrecendo com tanta filosofia. De qualquer maneira, fica o mais alegre que puderes, e espera-me, que te consolarei pessoalmente — se é que naquele momento já não terás sido consolada pela sorte. Lembrança aos pais, aos irmãos, a Carlo em particular. Estou bem, e te amo.

Adeus.

74
A Pietro Giordani

Roma, 1 de fevereiro de 1823.

Meu divino amigo.

Não podes imaginar o consolo que tive em rever tuas letras após um tão longo intervalo, embora me incomode infinitamente saber que teus males ainda duram, ao contrário de que eu esperava e quase apostava. Sempre que penso em ti (o que acontece todos os dias), e principalmente len-

do tuas cartas, assalta-me um incrível desejo de te rever e abraçar e conversar contigo longamente, de te abrir meu coração e contemplar o teu; se eu não puder consolar os rigores da tua sorte, ao menos poderei tomar uma parte dos males e tristezas que te pesam. Acredita que este é o meu maior desejo, e estou decidido a alcançá-lo tão logo possua alguma coisa. Vi várias vezes monsenhor Mai, que me perguntou por ti assim que nos encontramos, dizendo que há muito tempo não tinha notícias tuas; estaremos juntos em breve, e então as transmitirei. Recebi dele muitas cortesias, e ouvi dizer que fala muito bem de mim. Decerto verei e visitarei em teu nome o abade Canova. O cavalheiro de que me falas[49] deve ter muitos inimigos. É considerado um homem falso, interesseiro, espião do governo e de um embaixador. Não sei de nada. Que direi de Canova? Vês que sou mesmo azarado, como sempre, pois que, tendo conseguido depois de tantos anos e tanto desespero sair do meu pobre ninho e conhecer Roma, o grande Canova, a quem principalmente se voltavam minhas expectativas, com quem esperava conversar intimamente e estabelecer uma sólida amizade através de ti, um mês antes de minha chegada a esta cidade marcada por ele, morreu. E a morte também resolveu levar, às vésperas da minha entrada, outras pessoas que estavam aqui e que, sem qualquer esperança de me rever, teriam se alegrado pelo afeto que tinham por mim — e eu me teria confortado ao vê-las e estar com elas.

A literatura romana, como sabes beníssimo, é tão mísera, vil, estúpida, nula, que me arrependo de tê-la conhecido, porque esses miseráveis literatos me fazem desgostar da literatura, e o desprezo e compaixão que tenho por eles resultam, no meu espírito, em dano ao grande conceito e amor que eu tinha pelas letras. Trouxe para cá pequenas coisinhas longamente trabalhadas, as quais, não sem dificuldade e obstáculos, conseguiria publicar nesta cidade; mas tenho muitas suspeitas, porque tudo o que se publica aqui, se não são nulidades e loucuras totais, parece-me trabalho jogado fora. Deixando de parte romanos e italianos, converso mais com os estrangeiros, entre os quais há alguns de muito mérito e fama. A possibilidade de encontrar um cargo em Roma (onde dificilmente poderia passar os meses quentes) ou no Estado parece-me improvável. Não obstante, este seria o meu desejo. Uma renda mínima me bastaria. Não me importo com a riqueza, mas só com a liberdade, a qual é inviável quando não se tem nada de próprio para viver; nem me interessam as Capitais — contentar-me-ia com uma cidade média. Mas quase não tenho esperança de conseguir este pouco que desejo, principalmente faltando-me ousadia para pedi-lo. Tenho pensado bastante em associar-me a um rico estrangeiro que me leve para o seu país, onde, trabalhando e escrevendo, quem sabe eu poderia viver medianamente? Sei que os ministros estrangeiros desta corte fazem uma pesquisa sobre os literatos e

cientistas que poderiam mandar para seus países; que fizeram esta oferta a alguns que a recusaram e a outros que, aceitando-a, hoje estão razoavelmente bem, mesmo os de pouco talento, formados naquela doutrina que lhes foi dada por Roma — já que não falo senão de romanos. Sei que os projetos que concebi e os esboços que fiz em tanto tempo de solidão não podem de modo algum ser retomados e concluídos na Itália, pois, mesmo que os terminasse, acabariam na gaveta; por outro lado, não pretendo escrever em desacordo com os meus projetos, e sim de acordo com a sua natureza. Peço que me comuniques a tua opinião: se achas possível que eu saia daqui e viva bem noutro lugar, se achas que isto me convenha, se pensas que a vantagem seja maior ou menor que a dificuldade e o trabalho implicados neste caso.

A tradução de meu tio foi de uma obra alemã do conde de Stolberg,[50] a qual contém quase todo o evangelho. Meu tio havia acrescentado a ela um prefácio, não sobre o estilo de Passavanti, mas feita para aquele século. Enviou-te o trabalho como testemunho da memória e da alta estima que tem por ti; ambas são verdadeiras e constantes, e disto, se a remessa ainda não chegou aí, posso te dar plena certeza. Ele manda lembranças, e já escreveu para certificar-te da remessa que fez. Carlo e Paolina estão bem de saúde e ficarão muito contentes de ter novas tuas, pois logo escreverei a eles. Paolina não se casou. Queria, e isto (confesso) aconselhada por mim e por Carlo, fazer um casamento à moda, isto é, de interesse, unindo-se a um senhor feíssimo e sem qualquer espírito, mas de natureza dócil e considerado rico. Viu-se depois que esta sua última qualidade não lhe cabia, e o contrato, que já estava fechado, se desfez. Ela e Carlo te amam e sempre pensam em ti; não acham possível (tampouco eu) que se possa encontrar no mundo um coração e um espírito como o teu. Dá-me tanta alegria ouvir de ti que continuas me amando, conquanto eu não o duvidasse, que não sei que outro contentamento e doçura eu daria em troca disto. Mas o fato de que continuas sofrendo entristece-me bem mais do que posso exprimir. Há muito tempo tenho uma impressão, um quase pressentimento, de que a vida e a sorte, tua e minha, sejam uma só, e que com a tua felicidade eu deva estar felicíssimo, e infelicíssimo com a tua infelicidade. Escreve-me o mais que puderes, porque tuas cartas sempre me trazem um sentimento de vida que há vários anos não sinto. Vês que te obedeço e escrevo longamente sobre mim — como decerto não o faria a qualquer outro, nem mesmo a ti, se não fosse para te agradar.

Ama-me como sempre. Abraço-te e saúdo-te com toda minha alma. Adeus, caríssimo e único amigo. Adeus.

75
A CARLO LEOPARDI

Roma, 5 de fevereiro [de 1823].

Caro Carlo.

Pelo tom da tua carta percebi que estás mais alegre que de costume, e não me parece improvável que isto decorra do encontro que tiveste com a bela cantora,[51] bem como dos sentimentos que tens por ela — os quais, penso, se assemelham ao amor. Congratulo-me de coração, e mesmo de longe participo dos teus sentimentos, assim como compartilhei as frieiras da *aimable chanteuse*; mas quanto à cama, cabe apenas a ti compartilhá-la — se é que podes, coisa em que não acredito. Agradeço os teus sonetos, que quase me deram a suspeita de que pretendes ser um novo Alfieri, com a diferença de que ele se pôs a estudar e a compor em idade mais avançada que a tua, e tu, em idade mais tenra que a dele, não começará os estudos, mas os retomará, ou melhor, os continuará. O certo é que teus versos são bastante alfierescos, sem que talvez te apercebas; e a causa que te induziu à poesia seria a mesma que moveu Alfieri, ou seja, o amor ou coisa do gênero. Meu Carlo, podes acreditar que eu faria com o maior prazer qualquer coisa por ti, isto é, por mim, já que tu e eu somos e seremos sempre uma mesma pessoa hipostática, e não preciso repeti-lo. É verdade que Marini tem uma certa influência sobre os cargos relativos ao Cadastro. Mas que ele seja o seu senhor absoluto, é falso — são sonhos e quimeras de tio Carlo, como te escrevi. Tenho uma certa amizade com ele, mas daquelas amizades frias que se têm com pessoas ocupadas, que vêem uma infinidade de gente todo dia, que fizeram fortuna à custa de trabalho, e por isso se habituaram ao egoísmo, isto é, a trabalhar apenas para si, já que se houvessem trabalhado para outros não teriam feito fortuna. De qualquer modo, é um homem muito cortês; talvez até haja meios de atrair sua afeição e, podendo, não deixarei de fazê-lo pensando em ti. Regozijo-me com as impressões e as lágrimas que a música de Rossini te causou, mas erraste ao pensar que fôssemos invulneráveis a essas coisas. Temos no Argentina a *Donna del lago*, uma música que executada por belas vozes é estupenda; até eu poderia chorar se o dom das lágrimas não me houvesse sido suspenso, já que constato não o ter perdido de todo. Mas a duração do espetáculo, que leva seis horas, é intolerável e mortal, e aqui não se pode sair no meio. Parece que esses Romanos fodidos, que fizeram palácios, estradas e praças à medida de gigantes, querem também divertir-se na mesma proporção gigantesca, como se a natureza humana, por mais balofa que seja, fosse capaz de suportar tamanhas diversões. O mesmo não digo da procissão, que é realmente bela

e digna de ser vista (falo da procissão de Carnaval); tampouco da impressão que me causou o baile visto com a *lorgnette*. Asseguro-te que nem pelo canto, nem por qualquer outro meio, uma mulher pode seduzir tanto um homem quanto através da dança, a qual parece conferir às suas formas um não sei quê de divino, e a seu corpo uma força e um poder mais que humanos. Tu conheces esses bailes de festim, que sequer se comparam àqueles dos últimos bailarinos de uma peça de teatro. O *waltz* que às vezes exibem aí é fraco e tedioso. Em suma, acredita-me que se tu visses uma destas bailarinas em ação, esses teus propósitos antieróticos ruiriam e te enamorarias ao primeiro momento. Antes e depois de tua carta deixei escapar algumas indiscrições e imprudências, que irás perdoar-me. Pensando em servir-te, cheguei a contar à mesa as proezas da diva. A danada[52] estava atentíssima, como de costume. Não penses que ela tenha muitas distrações; ao menos para mim as suas distrações me parecem muito escassas. Tranqüiliza-te, pois, que ela não te enfeita a cabeça, já que de fato age segundo a norma dos meus anfitriões: sair, olhar e voltar para casa. Vida besta, da qual queriam que eu participasse — nem que eu calçasse uma bota maior e mais longa que a Itália. Voltam para casa mais entediados do que saíram, e se vingam estapeando-se entre si, dizendo-se mil maravilhas... é um consolo para quem está próximo, como eu: mas estou com o couro mais duro que mármore. Giordani, que me escreve com enorme entusiasmo após mais de um ano de silêncio, pergunta por ti e por Paolina com muito interesse, e manda lembranças. Eu também de saúdo e abraço de coração. Não precisa dizer-me que tenha cuidado, porque se estou são e forte como um touro é porque me tratei a meu modo, isto é, sem ter usado qualquer medicamento, como queriam a todo custo, ficando de cama o tempo que me pareceu necessário, coisa que não aceitavam.

Adeus, adeus, que é hora do almoço; e lá vamos a ouvir gentilezas, como de hábito.

76
A Pierfrancesco Leopardi

[Roma], 8 de fevereiro de 1823.

Caro Pietruccio.

Tu me agradeces tanto pela bagatela que te mandei, que quase me sinto obrigado a agradecer-te. Soube que te tornaste um bravo escritor, embora na primeira vez que me escreveste custasse-me acreditar; mas não sabia que eras poeta. Beija a mão de Apolo por mim, que te inspiraste,[53] e

diz-lhe que estamos todos bem. Beija a mão de mamãe, e diz-lhe que tio Carlo manda muitas lembranças e se acha confuso com o seu bilhete. Saúda os irmãos, tem amor por mim e aproveita esses últimos dias de Carnaval.

Adeus.

77
A CARLO LEOPARDI

Roma, 20 de fevereiro de 1823.

Recebi a tua do dia 9, onde desmentes minhas acusações injuriosas sobre a tua constância e experiência no amor, sem me deixar resposta. Não sei quem te falou do meu almoço com Mai. Escrevi sobre ele com outra intenção, mas isso foi em data posterior à tua carta. Realmente, poucas coisas podem me dar tanto consolo quanto a realização do projeto que me descreves acerca do casamento de Paolina.[54] Estou certo de que da tua parte não descuidarás de nada que possa favorecê-lo. Nem eu nem ninguém pode saber se Paolina será feliz nessa nova situação e com esse companheiro, mas todos sabemos que para ela não há melhor partido — aliás, não há outro partido, exceto casar-se logo, e se possível com um jovem. Cumprimenta-a em meu nome e transmite-lhe meu afeto: em seguida, dá-me novas sobre o caso.

Sexta, 15 de fevereiro de 1823, fui visitar o túmulo de Tasso, e chorei. Este foi o primeiro e único *prazer* que senti em Roma. A estrada até lá é longa, não se vai àquele lugar senão para ver o sepulcro; mas não se poderia até vir da América só para sentir o prazer das lágrimas num lapso de dois minutos? No entanto, é certo que as somas imensas que vejo aqui serem gastas na procura de um ou outro prazer são todas jogadas fora, porque em lugar do prazer tem-se apenas o tédio. Muitos experimentam indignação ao ver as cinzas de Tasso cobertas e indicadas apenas por uma pedra de um palmo e meio, posta no canto de uma igrejinha. Mas eu não gostaria de ver essas cinzas sob um mausoléu. Tu podes entender a multidão de afetos que nasce do contraste entre a grandeza de Tasso e a humildade de sua sepultura; mas tu não tens idéia de um outro contraste, isto é, daquele que sente o olhar afeito à vastidão e majestade infinitas dos monumentos romanos, comparando-os ao despojamento e pequenez desse sepulcro. Sente-se um consolo triste e fremente ao se pensar que esta pobreza é contudo suficiente para animar e interessar a posteridade, enquanto os soberbos mausoléus que Roma encerra são observados com perfeita indiferença quanto à pessoa a quem foram erigidos, da

qual não se pergunta nem o nome, despertando maior atenção o monumento do que a pessoa. Próximo ao túmulo de Tasso está o do poeta Guidi, que quis jazer *prope magnos Torquati cineres*, como diz a inscrição. Fez muito mal. Não restou para ele sequer um suspiro meu. Mal suportei olhar o seu túmulo, temendo sufocar as sensações que havia sentido perante a tumba de Tasso. Até a estrada que conduz àquele lugar prepara o espírito para as impressões do sentimento; ela é toda margeada de casas que abrigam as manufaturas, onde ecoa o estrépito dos teares e de outros instrumentos, junto ao canto das mulheres e operários ocupados no trabalho. Numa cidade ociosa, dissoluta, sem método, como são as capitais, é belo considerar a imagem de uma vida retirada, ordenada e ocupada em profissões úteis. Até as fisionomias e as maneiras da gente que se vê naquela estrada têm um não sei quê de mais simples e mais humano do que as das outras; demonstram os costumes e o caráter de pessoas cuja vida se funda no verdadeiro, e não no falso, isto é, que vivem de trabalho, e não de intrigas, imposturas e enganos, como a maior parte da gente daqui. O espaço me falta: um abraço.

Adeus. Adeus.

78
A Carlo Leopardi

Roma, 12 de março de 1823.

Caro Carlo.

De fato se perdeu a carta em que me perguntavas do pretenso compromisso de núpcias entre Marietta e Graziani.[55] Digo pretenso porque jamais ouvi falar dele, nem pude suspeitar de nada, e pelo tom do que se diz aqui, onde todos falam muito livre e abertamente de todos os casos e das pessoas de casa, considero esse ou qualquer outro compromisso uma total fantasia. Perguntei a dona Marianna sobre a tua Sinfonia, e até agora não sei por que essa bruxa fez todo esse mistério. Respondeu-me que a recebeu e que te escreveu através de Marietta e Paolina, dizendo que não escrevia ela mesma para não te perturbar *nas suas alegres ocupações*. Entende? *Nas suas alegres ocupações?*, assim mesmo: *nas suas, etc.* Foi isso que a bruxa me disse, deste modo, sorrindo. Ou não é verdade que tu me tenhas escrito uma música enviada a dona Marianna, ou a carta em que a mencionavas nunca chegou a mim. Marietta esteve de cama um ou dois dias, porque aqui, se alguém está mal de estômago por não ter comido, vai logo para a cama e chama um médico. Tinha um resfriado de nada, do qual já está curadíssima. Darei a dona Marianna a tua mensa-

gem pelo próximo correio, quando o teu selo chegar, porque os selos sempre atrasam, como sabes. Pelo que pude saber, o pe. Latini, franciscano que depois da morte de Trachini se orgulhava de ser procurador-geral, neste ano não reza missa, e está em Roma, no convento de S.S. Apóstolos. Dizem que lá, há uns anos, teve uma grande revelação enquanto pregava; que é um homem de muito espírito, de grande fervor, etc, etc: em suma, fará muito bem a Recanati. Não sei por que suspeitas que as cartas endereçadas a mim sejam revistadas. Quanto aos meus anfitriões, as cartas não passam por eles; quanto ao governo, te enganas, porque na verdade tudo decorre da negligência do serviço postal, que não entrega a correspondência senão quando lhe convém. Pelo último correio recebi uma carta de meu pai do dia 23 de fevereiro, marcada aqui com a data *2 de março*, tendo, por conseguinte, faltado a duas entregas. Uma carta de Giordani de 16 de fevereiro, marcada aqui em *27 de fevereiro*, só me chegou no dia 9 deste. As últimas tuas e de Paolina me foram entregues logo, porque trazem o endereço *em casa Antici*. Doravante nunca deixes de especificá-lo, e se puderes dize o mesmo a meu pai. Um nome falso traria mais prejuízos que vantagens, porque a carta se perderia mais facilmente na multidão; mas, de qualquer modo, podes usar aquele Leonida Termopili, como já fizeste. Mando-te um dos meus artigos publicados aqui;[56] te parecerá uma idiotice, mas saibas que devido a ele o ministro da Prússia quis me conhecer. Mandou me dizer por várias pessoas palavras gentis; fui visitá-lo, e ele me disse que este é o verdadeiro modo de se tratar a filologia, que estou na estrada certa, que não a abandonasse por nada, que não me espantasse se a Itália não me aplaudisse — porque todos os italianos perderam o rumo —, que não me faltariam aplausos de estrangeiros, etc. Empenhou-se espontaneamente em publicar na Alemanha o que eu descobri (como escrevi a meu pai) ou estivesse para descobrir nas bibliotecas de Roma. Em suma, mostrou-se tão interessado por mim que, vendo-me inclinado a sair logo daqui, perguntou-me se eu não aceitaria algum emprego. Finalmente, ficou acertado que eu lhe enviarei um memorial pelo secretário de Estado, documento que será encaminhado e recomendado expressamente por ele, que espera obter êxito devido à sua amizade com o cardeal, e por já ter tido sucesso noutras vezes; acrescentou que, estando de partida (depois da Páscoa), presume que não lhe recusem uma última e importante gentileza, o que o fará partir contente. Diz-me se isto não é o bastante, e se eu não deveria fustigar-me caso deixasse passar esta ocasião. Entretanto o tempo corre, e seria preciso pedir logo um cargo (mesmo cobiçadíssimo) que pudesse ser preenchido de imediato; porque se pedirmos um emprego ainda não disponível, de modo que o memorial deva ficar sobre a mesa do secretário, partido o ministro e resfriadas as coisas, meu caso terá a mesma sorte

dos demais. Contei tudo ao tio Carlo, que me disse: *muito bem, bravo.* Pedi-lhe algum conselho, e respondeu-me: *bem, veremos,* e não tocou mais no assunto. Esta é a orientação e o conselho que em Recanati ele se orgulhava de poder me oferecer aqui. De qualquer forma, faremos alguma coisa. Se te ocorrer uma boa idéia, escreve-me logo. Mas não fales com ninguém deste caso, porque os daí só poderiam atrapalhá-lo.

Não consegui obter uma cópia para ti de um outro artigo que publiquei. Já começaram a sair minhas *Annotazioni* sobre o *Eusebio*, que depois serão publicadas à parte. Pede desculpas a Paolina por eu não ter respondido à sua carta com o último correio, nem com este; estou realmente muito ocupado, mas responderei a ela sem falta no próximo. Manda-lhe muitas lembranças por mim, e também a Luigi; se quiseres, mostra a meu pai a bagatela que te mando. Ao invés da primavera tivemos um frio dos diabos, e na noite passada desabou sobre Roma um temporal furiosíssimo. Era belo sentir essas construções imensas tremendo sob o estrépito dos trovões, como se fossem cabanas. Adeus. Giordani me fala de ti e de Paolina com o maior interesse do mundo, mais do que fazia no passado, escrevendo-me com um tal entusiasmo que até parece estar fora de si. Sinto-me cada vez mais distante de merecê-lo. Diz essas coisas a Paolina, que talvez as aprecie. *Manda mil saudações a Carlo e a Paolina: oh, quem sabe se me têm na memória, eu que os trago no coração... Pelo que me dizes, acho bom que o matrimônio de Paolina não tenha acontecido. Há sempre tempo de se atar o colo a um laço que não se desfaça. Em suma, peço-te que escrevas a Paolina e a Carlo dizendo-lhes que os saúdo de todo, todo o coração; e que possam de quando em quando recordar-se de mim entre si. E Carlino, o que faz? O que estuda? O que pensa fazer? Oh, pobre Carlino, se também ele pudesse libertar-se um pouco! Não me canso de saudar esses dois jovens caríssimos.*

79
A PAOLINA LEOPARDI

[Roma], 19 de março de 1823.

Cara Paolina.

Peço escusas pelo atraso na resposta à tua graciosíssima do dia 3, carta que rompeu o silêncio que todos me impuseram durante cinco correios — ou melhor, que a negligência dos carteiros provocou. Sei que perguntaste por mim a Marietta, e tens razão de fazê-lo, porque sabes que te quero bem, e não podes acreditar que eu deixe de te escrever por minha vontade. Mas asseguro que nesses dias estive tão ocupado que não era

mais dono do meu tempo. A modéstia é sempre agradável; mas entre irmãos, onde as cerimônias não cabem, pode-se passar sem ela — ou, ao menos, sem a humildade. Em suma, se me queres bem, assim como eu a ti — tanto que não podes ignorá-lo —, quero que de agora em diante excluas de tuas cartas todas as expressões que na última eram contrárias à confidência que deves ter com um irmão e amigo, teu companheiro desde que nasceste. Sobre o caso de Roccetti, estou convencido de que te convém. É verdade que Roccetti é um jovem como *todos* os outros. Porém, minha cara, pode-se pensar — aliás, é quase certo — que um jovem de talento como Roccetti, tendo se divertido bastante como ele já fez, e se entediado das galanterias, como acontece a todos, sinta o desejo de alguém que o ame de verdade, alguém que alie à juventude um bom coração e o dom do sentimento. Se ele sente essa vontade, como é muito natural, ninguém poderia melhor satisfazê-lo do que tu, que és sensibilíssima, que sabes amar, que és mais instruída que quatro quintos de tuas iguais. Além disso, tendo ele esse desejo, seu espírito estaria predisposto a ser um bom companheiro, o que também seria conveniente para ti. Não digo com isto que não devas esperar dele nenhum traço de juventude. Mas estou certo de que evitaria ofender-te, que não te causaria voluntariamente nenhum desprazer, que sentiria pena se acreditasse tê-lo provocado, que enfim seria sempre teu, ou demonstraria sê-lo, voltando sinceramente a ti, caso sua alma se distanciasse por um instante. Diz a papai e a Carlo que recebi suas últimas dos dias 13 e 14, e que lhes escrevi com os dois últimos correios. Diz a Carlo que dona Marianna recebeu sua música, e lhe agradece; que falou dela à mesa, e que tio Carlo se interessou em tocá-la. Quanto à partitura, não a mencionei a ninguém, e por isso chegará intacta. Já que me perguntas, Dionigi é uma velha nojenta, tola e presunçosa, que me recebeu uma ou duas vezes em sua casa e não me verá mais lá enquanto eu viver. Lucrezia é realmente muito amável, de excelente trato, sem afetações, atenciosa e correta com todos. Encontrei-a com o tio Momo assim que cheguei; disse que esperava rever-me mais vezes em sua casa. Voltei lá depois de uns dias, e da antecâmara externa ouvi a boa acolhida de seu marido quando comunicaram a minha presença. Lucrezia tratou-me com a maior delicadeza possível, e desde então sempre observei a sugestão dela: de que eu não voltasse mais lá.

Adeus, minha cara Paolina. Fica em paz, e nem penses em querer ser uma das minhas pernas, como dizes, pois te cansarias bestialmente, mandando sempre aos diabos as calçadas e a lama e a eternidade das ruas desta cidade eterna. Eu te amo. Saúda a todos, particularmente a mamãe e Luigi. Faz um aceno a d. Vincenzo por mim. Marietta manda lembranças, e creio que te escreverá.

80
A CARLO LEOPARDI

[Roma], 22 de março de 1823.

Meu Carlo.

Agradeço infinitamente tua carta do dia 13, que chegou aqui dois dias depois de o correio partir, e a outra afetuosíssima do dia 16, que recebi logo. Decerto que, assim como eu, deves rir da filologia, de que me sirvo em Roma apenas pelas razões que antes mencionei; quanto mais a utilizo, mais percebo sua frivolidade. Em particular, o artigo que te mandei é uma autêntica idiotice, se bem que o método ali empregado seja o mesmo que se usa na Alemanha; mas nem por isso deves pensar que o ministro, louvando o artigo, tivesse em vista única ou principalmente o método. Aliás, nem me falou sobre isto; preferiu falar-me de outros méritos que percebeu nele, sobre os quais não vale a pena discorrer. Alguns dias depois da primeira *entrevue* com o ministro, recebi um bilhete em que, com o maior tato e gentileza possíveis, dizia-me em síntese o seguinte: que havia falado de mim ao secretário de Estado; que este não se negou a ajudar-me; que, entendendo minha aversão ao sacerdócio, lhe havia perguntado se eu estaria disposto a vestir o hábito da Corte, o qual me abriria o caminho das honras e dos cargos. Aconselhava-me enviar sem demora uma petição dirigida ao secretário de Estado, e concluía chamando-me seu colega filólogo. Não sei o que pensas da prelazia. Mas meu espírito já está a ponto de deixar o belo para se ater ao útil. A carreira prelatícia na verdade oferece atualmente enormes vantagens, máxime a um nobre, porque há grande escassez de senhores que queiram seguir essa carreira, e o secretário de Estado adora que certos cargos sejam ocupados por nobres. Portanto, pode-se esperar para breve, e talvez já de saída, uma Delegação, e depois uma promoção, etc, etc. Eu estava confusíssimo, tratando-se de uma decisão *de agenda vita*, de uma escolha capital, e isso em poucas horas. Comuniquei o bilhete aos dois tios, e não posso negar que suas opiniões me ajudaram, mesmo porque eles podiam falar a sangue frio. Todos três, juntos, discutimos a coisa, de modo que ao menos não poderei arrepender-me por não ter pensado o bastante nela. Em suma, é quase certo que se eu me decidisse pela prelazia, tu em pouco tempo ouvirias dizer que teu irmão, vestindo um mantelete, foi governar alguma província. O grande gasto que é necessário para se envergar o hábito carmesim seria coberto através de empréstimo, o que aqui, de posse do cargo ou com a sua confirmação, facilmente se consegue. Eu dei uma olhada à minha volta e concluí que a coisa não me interessava. As razões que eu poderia alegar são muitas; creio

que concordarás comigo, mas, caso contrário, tem ao menos a certeza de que não tomei esta resolução por irresolução ou pouca coragem, mas porque há muito tempo, antes de vir para cá e mais ainda depois de minha vinda, tomei a decisão de que minha vida deverá ser a mais independente possível, que minha felicidade não pode consistir senão em fazê-la a meu modo. Minha natureza me leva a isso — pude percebê-lo por tantas experiências que já não há como negá-lo. Decidido, então, que eu deva procurar um emprego secular, depois de os ter passado todos em revista, nos certificamos de que não havia nenhum que me conviesse, salvo o de secretário do Patrimônio. Neste setor todos os cargos estão ocupados, mas ao secretário de Estado não faltam meios para desimpedir um deles, transferindo algum funcionário para outro dos inumeráveis empregos que há neste governo. Na mesma noite visitei o ministro; acertamos tudo juntos e, depois de mandar-lhe a petição — na qual ele quis que eu fizesse umas alterações —, ele a devolveu a mim, como havíamos combinado, com uma carta de apresentação ao secretário de Estado, acrescida de um bilhete ao abade Capaccini Minutante, etc, encarregado de apresentar a petição. Depois de um dia inteiro de suor, em que nem almocei, fiz quatro vezes a rua de Monte Cavallo sob um sol ofuscante, e acabei não concluindo nada. Finalmente, na manhã seguinte, tendo acordado cedo e feito mais duas vezes a mesma estrada, pude ver o abade Capaccini e entregar-lhe a papelada; ele me deu algumas esperanças. Meus tios dizem que um emprego não me faltará; eu faço de conta que tudo é uma farsa, e espero sair deste caso mais feliz do que antes. Entretanto, o abade Capaccini foi informado de um cargo vago para junho, quando não será difícil transferir um dos atuais secretários.

Narrei tão detalhadamente toda essa história — a qual não preciso lembrar que não convém mencioná-la a ninguém de casa ou de fora — para cumprir o pacto que temos de nos relatar todas as nossas coisas. Meu Carlo, se tu me amas, acredita que não te amo menos, acredita que, na verdade, dia a dia, vou cada vez mais desejando tua companhia e sentindo falta de ti. Talvez seja inútil tentar convencer-te disto, porque te conheces bastante, como também a mim, e sabes que outro igual a ti não se encontra, que não sou feito para conversar com quem não me entende, e muito menos para amar quem não me ama. Poderia dizer-te mil coisas amorosíssimas, ou talvez as quisesse dizer, mas não soubesse como; porém, nosso amor é tão natural e verdadeiro que parece se esquivar ou prescindir das palavras. Vivo aqui com muita indiferença, e não trato com mulheres; mas sem elas nenhuma ocupação ou circunstância de nossa vida tem o direito de nos afeiçoar ou agradar. Certifico-me por experiência e te posso jurar que a conversação, seja ela espirituo-

sa ou sem espírito, causa-me um ódio mortal. Fora do nosso peito tudo é seco, e o coração jamais se exercita: aos diabos a sociedade.
Adeus, Carluccio. Lembranças a todos.

81
A MONALDO LEOPARDI

Roma, 16 de abril de 1823.

Caríssimo sr. pai.

Não tenho o que acrescentar às suas sábias reflexões expostas na carta do dia 10 do corrente. Mas, como o senhor diz, não se arrisca nada em buscar um emprego, sobre o qual, caso fosse aprovado e conhecendo-se as suas condições e circunstâncias, sempre se poderia ponderar — seja quanto à sua aceitação ou renúncia. Dificilmente me acreditariam se eu dissesse que a estada em Recanati, em si mesma, me seria mais grata que a permanência em Roma. Mas como aquela me é indubitavelmente mais cara pela presença sua e da família, bem como por vários outros motivos, o senhor deve se convencer de que, se não considero meu retorno com alegria, tampouco o vejo com pesar. Sou naturalmente inclinado à vida solitária. Contudo, não posso negar meu desejo de uma vida distraída, tendo visto por experiência própria que na vida solitária eu me rôo e me devoro a mim mesmo. Mas salvo isto, qualquer lugar me é indiferente, e o lugar da minha família, a quem não posso ser indiferente, me será sempre caríssimo. A nossa partida está marcada para o dia 28 deste. Sendo esta talvez a última carta que escrevo de Roma, peço-lhe que me declare seu parecer sobre a quantia que devo dispensar à criadagem dos meus anfitriões. Esta é composta atualmente por dois criados de sala, que não fizeram mais do que me servir à mesa e abrir poucas vezes o portão de casa, e dois cozinheiros e copeiros, que nas manhãs em que estive acamado, por ordem dos patrões, me trouxeram o café no quarto. Outros dois saíram do serviço há um mês: um era copeiro, e me servia o café do mesmo modo; o outro, criado de sala, cumprimentava-me amiúde quando eu passava, mas não mais que isso. Ambos nos prometeram, a mim e ao tio Momo, voltar para nos servir na partida; tudo se pode esperar, menos que mantenham a palavra. Logo, são ao todo seis indivíduos. As mulheres não tiveram qualquer contato comigo, em nenhuma ocasião. Quanto ao camareiro do tio Momo, que me serviu discretamente durante todo esse período, podemos, se o senhor concorda, conversar sobre ele em Recanati, já que ele voltará conosco. Antecipo-lhe que, feitas as contas, me restarão uns quinze escudos até minha partida, incluídas aí as

gorjetas — se, e quanto, o senhor desejar. O cav. Marini voltou a falar a Melchiorri com muito interesse naquele caso, pedindo notícias de Paolina e mostrando muita indiferença quanto ao valor do dote.

Esperando poder fazê-lo pessoalmente, beijo-lhe a mão com carinho e me confirmo seu afetuosíssimo filho,

Giacomo

82
A CARLO LEOPARDI

Roma, 19 de abril de 1823.

Meu Carlo.

Escrevo-te brevemente porque nesses últimos dias estou cheio de ocupações inúteis e chatíssimas, mas que tomam tempo. Recebi simultaneamente as do dia 10 e 14. Podes imaginar quanto me afligiu o relato que me fazes do distúrbio havido em casa, que me desagradou em consideração a vós e a mim, pois que, deixando Roma e voltando a Recanati, eu só desejaria encontrar amor e amizade. Este desgosto pegou-me mesmo de surpresa, porque tua penúltima, como já disse, chegou com atraso e junto com a última. Mas agradeço por me teres dado logo esta notícia, já que devemos compartilhar todas as coisas; sofro mais do que podes imaginar por essa lamentável circunstância em que te encontraste, tu e os outros.

Hoje escrevo a Paolina, que precisa ser mais moderada em seus arroubos; vejo que a esperança a consome bem mais do que o desespero e a dor, e que o fato de estar se sentindo cortejada não lhe deixa espaço. Isto não me espanta, mas é preciso inspirar-lhe um pouco de constância, pois na verdade não há estado mais inquietante e ansioso do que o de quem espera vivamente, e teme esperar em vão. Nós dois estamos fora destes perigos, mas a pobrezinha ainda não *entregou as armas à fortuna*, como fizera Petrarca. Pode-se dizer de fato que o mantelete me foi oferecido, e pelo secretário de Estado, como verás na carta que o ministro da Prússia me escreveu. Mas essas ofertas são coisas de tão pouca importância, que nem vale a pena mencioná-las. Adeus, meu caro Carlo. Pensa um pouco se posso servir-te em alguma coisa antes de partir. Talvez ainda possa receber uma outra carta tua, e assim atender a um pedido teu — se me fizeres algum. A nossa partida estava marcada para o dia 28; agora não se sabe o dia exato. O certo é que a partida está bem próxima.

Despeço-me com um beijo e um abraço.

83
A PAOLINA LEOPARDI

[Roma], 19 de abril [de 1823].

Cara Paolina.

Agradeço muito a confiança que depositas em mim, relatando-me as penas da tua alma. Quando pedes que eu me interesse por ti, vejo nisto um sinal de que queres demonstrar tua gratidão por aquilo que necessariamente devo fazer, conquanto saibas que não preciso ser solicitado para este fim. Tu sabes, pois, que direta ou indiretamente foste prometida ao cav. Marini, e que ele não se mostrou nada indiferente à proposta, aliás, deu a entender que está bastante propenso a aceitá-la; sabes, enfim, que é verdade tudo o que eu escrevi a papai nas cartas que leste. Também é verdade que o cav. Marini tem nas mãos outro partido, e por isso ele disse a Melchiorri que precisava de um pretexto ou ocasião para abandoná-lo. Mas o pretexto e a ocasião são fáceis de se encontrar, se o cav. quiser — e eu tenho razões para acreditar que o cav. quer. Contudo, não posso saber a resposta exata que ele deu à pessoa que lhe fez a proposta acerca de ti. Tio Carlo não me disse nada a respeito, mas estou certo de que o cav. Marini não expressou uma recusa; decerto está ganhando tempo, e, como escrevi a papai, estou bem informado sobre as futuras disposições do cav. O dote que o cav. dá à sua filha não é de 14 mil escudos, mas de 18 mil, como escrevi e afirmo; aliás, este se estenderá, se preciso, até 20 mil. Segundo as informações que tenho, não é verdade que o cav. queira se ressarcir desse dote com o da sua futura esposa. Mas tio Carlo, como sabes, é volúvel, e faz e desfaz um pouco depressa, de modo que não te deves espantar se este acordo, que a princípio lhe pareceu belo e perfeito, depois de duas semanas se lhe torne inconveniente e impossível. A conclusão é que o caso está atualmente no mesmo pé em que estava nas minhas cartas passadas. Papai não me mandou notícias pelo último correio. Mostra-lhe esta carta. Se ele quiser que eu fale pessoalmente com o cav., que o pressione a dar uma resposta conclusiva, agirei logo. Caso contrário, o assunto, mesmo em minha ausência, estará muito bem nas mãos de Melchiorri, que, se por um lado é tão íntimo do cav. a ponto de este encarregá-lo há pouco de encontrar uma mulher para ele, bem como um marido para a filha, por outro é devotadíssimo a papai, a ti, a mim, e o será muito mais quando estiver autorizado a tratar do negócio.

Que tudo isso te sirva de consolo, porque esta é a verdade. Contudo, minha cara Paolina, não posso dissimular que o teu estado de espírito, o distúrbio e a agitação que me descreveste em tua carta causam-me com-

paixão; aliás, tudo me parece um tanto repreensível. Por que choras e te desesperas? Porque concebeste uma grande esperança, e isto não é inteiramente digno de ti, não se coaduna com as lições que recebeste dos livros, nem com o pouco das luzes que teus irmãos puderam te dar — e te deram — por experiência própria. A esperança é uma paixão turbulentíssima, porque inevitavelmente traz consigo um enorme temor de que a coisa não aconteça; se nós nos abandonássemos com todas as nossas forças à espera, e por conseguinte ao temor, acharíamos que o desespero e a dor seriam mais suportáveis que a esperança. Deixemos de lado que, mesmo se já estivesses aqui, mulher do cav. Marini, rica, alegre, verias que esse estado (que talvez alcances) não valia a pena de tantos soluços. Mas suponhamos ainda que esta seja a maior felicidade que se possa imaginar: eu te asseguro, minha Paolina, que se nós não conquistarmos um pouco de indiferença em relação a nós mesmos, jamais poderemos, não digo ser felizes, mas sequer viver. É preciso que te deixes levar um pouco pela sorte, e que, esperando, não te aprofundes tanto na esperança, sem que te prepares para o que possa acontecer; do contrário, mesmo que tua vida vá de vento em popa, serás torturada por ti mesma, pois antes de obteres o que havias esperado, terias de passar por um duro purgatório. Dirás que estou sempre às voltas com a filosofia. Mas terás de convir que esta não me foi ensinada nem pelos livros, nem pelos estudos, nem por outra coisa que não a experiência; e eu te exorto a esta filosofia porque acredito que tens a mesma disposição e os mesmos direitos que eu.

Se tens amor por mim, toma coragem e arma-te de um pouco de persistência. Saudações a todos. Não duvides do meu empenho por ti. Espera-me para breve, e entretanto varre a casa da melancolia. Tio Carlo saúda a mamãe e o papai.

Adeus, adeus.

84
A A. JACOPSSEN

Recanati, 23 de junho de 1823.

Mon cher ami.

Je commencerai par vous remercier de tant d'expressions de bienveillance dont vous m'honorez dans votre charmante lettre, et surtout des marques de confiance que vous me donnez en me parlant de votre genre de vie, de vos pensées, de vos sentiments et de l'état de votre âme. Tout cela m'intéresse infiniment, et je ne saurais exprimer le plaisir que vous m'avez donné en m'entretenant de ces détails. Il est bien doux de voir les secrets d'un coeur

comme le vôtre. Mais je croirais ne pas faire autant de cas que je le dois de l'affection que cous me témoignez, si je me laissais aller à quelque phrase qui tint de la cérémonie. Je ne vous remercie donc pas; je me contente de vous assurer que mon coeur est tout à vous pour toujours.

Sans doute, mon cher ami, ouil ne faudrait pas vivre, ou il faudrait toujours sentir, toujours aimer, toujours espére. La sensibilité ce serait le plus précieux de tous les dons, si l'on pouvait le faire valoir, ou s'il y avait dans ce monde à quoi l'appliquer. Je vous ai dit que l'art de ne pas souffrir est maintenant le seul que je tâche d'apprendre. Ce n'est que précisément parce que j'ai renoncé à l'espérance de vivre. Si dès les premiers essais je n'avais été convaincu que cette espérance était tout-à-fait vaine et frivole pour moi, je ne voudrais, je ne connaîtrais même pas d'autre vie que celle de l'enthousiasme. Pendant un certain temps j'ai senti le vide de l'existence comme si ç'avait été une chose réelle qui pesât rudement sur mon âme. Le néant des choses était pour moi la seule chose qui existait. Il m'était toujours présent comme un fantôme affreux; je ne voyais qu'un désert autour de moi, je ne concevais comment on peut s'assujettir aux soins journaliers que la vie exige, en étant bien sûr que ces soins n'aboutiront jamais à rien. Cette pensée m'occupait tellement, que je croyais presque en perdre ma raison.

En vérité, mon cher ami, le monde ne connaît point ses véritables intérêts. Je conviendrai, si l'on veut, que la vertu, comme tout ce qui est beau et tout ce qui est grand, ne soit qu'une illusion. Mais si cette illusion était commune, si tous les hommes croyaient et voulaient être vertueux, s'ils étaient compatissans, bienfaisans, généreux, magnanimes, pleins d'enthousiasme; en un mot, si tout le monde était sensible (car je ne fais aucune différence de la sensibilité à ce qu'on appelle vertu), n'en serait-on pas plus heureux? Chaque individu ne trouverait-il mille ressources dans la société? Celle-ci ne devriat-elle pas s'appliquer à réaliser les illusions autant qu'il lui serait possible, puisque le bonheur de l'homme ne peut consister dans ce qui est réel?

Dans l'amour, toutes les jouissances qu'éprouvent les âmes vulgaires, ne valent pas le plaisir que donne un seul instant de ravissement et d'émotion profonde. Mais comment faire que ce sentiment soit durable, ou qu'il se renouvelle souvent dans la vie? où trouver un coeur qui lui réponde? Plusiers fois j'ai évité pendant quelques jours de rencontrer l'objet qui m'avait charmé dans un songe délicieux. Je savais que ce charme aurait été détruit en s'approchant de la réalité. Cependant je pensais toujours à cet objet, mais je ne le considérais d'après ce qu'il était; je le contemplais dans mon imagination, tel qu'il m'avait paru dans mon songe. Était-ce une folie? suis-je romanesque? Vous en jugerez.

Il est vrai que l'habitude de réfléchir, qui est toujours propre des esprits sensibles, ôte souvent la faculté d'agir et même de jouir. la surabondance de la vie intérieure pousse toujours l'individu vers l'extérieure, mais en même

temps elle fait en sorte qu'il ne sait comment s'y prendre. Il embrasse tout, il voudrait toujours être rempli; cependant tous les objets lui échappent, précisément parce qu'ils sont plus petits que sa capacité. Il exige même de ses moindres actions, de ses paroles, de ses gestes, de ses mouvements, plus de grâce et de perfection qu'il n'est possible à l'homme d'atteindre. Aussi, ne pouvant jamais être content de soi-même, ni cesser de s'examiner, et se défiant toujours de ses propres forces, il ne sait pas faire ce que font tous les autres.

Qu'est-ce donc que le bonheur, mon cher ami? et si le bonheur n'est pas, qu'est-ce donc la vie? Je n'en sais rien; je vous aime, je vous aimerais toujours aussi tendrement, aussi fortement que j'aimais autrefois ces doux objets que mon imagination se plaisait à créer, ces rêves dans lesquels vous faites consister une partie du bonheur. En effet il n'appartient quà l'imagination de procurer à l'homme la seule espèce de bonheur positif dont il soit capable. C'est la véritable sagesse que de chercher ce bonheur dans l'idéal, comme vous faites. Pour moi, je regrette le temps où il m'était permis de l'y chercher, et je vois avec une sort d'effroi que mon imagination devient stérile, et me refuse tous les secours qu'elle me prêtait autrefois.

Cette lettre est déjà trop longue. Le plaisir de causer avec vous sur ces sujets sur lesquels vous vous expliquez avec tant de justesse et de profondeur, m'a fait oublier cette partie de votre lettre dans laquelle vous me demandez quels sont nos meilleurs écrivains philosophes. Je tâcherai de répondre à cette question dans un autre temps. A l'égard des théologiens, je ne sais presque si nous en avons, beaucoup moins si nous en avons qui soient excellent. J'ignore même s'il peut y avir de l'excellence dans ce genre. Votre ami, M. le baron de Hert (je crois ne savoir pas écrire son nom) est-il revenu chez soi? comment se porte-t-il? Faites-lui mes compliments, et donnez-moi de ses nouvelles, je vous prie. Le bon Abbé Cancellieri s'amuse toujours à faire des livres et à les publier. Mon oncle Antici va partir de Rome pour venir passer l'été à Recanati. Ma santé est bonne. Je vis ici comme dans un ermitage: mes livres et mes promenades solitaires occupent tout mon temps. Ma vie est plus uniforme que le mouvement des astres, plus fade et plus insipide que les parole de notre Opéra. Adieu, mon cher ami; aimez-moi, s'il est possible, autant que vous méritez d'être aimé. Parlez-moi de vos occupations, de vos desseins, de vos observations philosophiques; plus vous vous étendrez sur ces sujets plus vous m'en ferez de plaisir. Je suis, avec l'attachement le plus vif et le dévouement le plus entier

Votre tendre et sincère ami

G. Leopardi

85
A PIETRO GIORDANI

Recanati, 4 de agosto de 1823.

Meu anjo querido.

Antes de partir de Roma eu havia começado uma longa carta para ti, a qual fui obrigado a interromper repentinamente, junto com tudo o mais, porque a pessoa com quem eu faria a viagem[57] quis partir antes do previsto. Assim, trouxe comigo a carta incompleta e, chegando aqui, quis terminá-la e enviá-la; mas logo fui detido pela idéia de que nenhuma das minhas cartas mandadas de Recanati tem a sorte de chegar aí, o que para mim é a pior das tantas misérias deste lugar. Pelo último correio recebi a tua afetuosíssima do dia 10 de julho, que me foi expedida de Roma. E já que mostras tanto interesse pelas minhas novas, Deus queira que esta não se extravie. Que isto seja dito para escusar o meu silêncio, se preciso, pois deves acreditar que não tenho nem terei maior prazer ou desejo que o de estar contigo, se possível pessoalmente — mas, caso o não possa, em pensamentos e palavras. Então, meu caríssimo, santo e divino amigo, parti de Roma há três meses e voltei à minha pobre pátria, tendo gozado pouco ou nada — porque, de todas as artes, a do gozo me é a mais oculta —, sem estar triste por tornar ao meu sepulcro, pois nunca soube viver. Na verdade, era muito tarde para começar a afeiçoar-me à vida, já que nunca a vislumbrara; além disso, os hábitos em mim são tão arraigados que nenhuma força pode extirpá-los. Quando me sentia velho e até decrépito, antes mesmo de ter sido jovem, tive de buscar em mim os recursos da juventude que eu jamais conhecera: mas nesta alma ela não pôde encontrar abrigo. E assim, experiente de mim mesmo, entendi que a natureza e o hábito me haviam feito de modo a não poder ser nada. Não nego, porém, que esta minha sepultura seja hoje mais molesta que antes, especialmente porque aqui não tenho a liberdade que experimentei por alguns meses. A presença dos homens, com os quais já não sei o que fazer, é, como sabes, muito mais tediosa nas pequenas cidades — principalmente na terra natal — do que nas capitais, onde se pode viver nas praças como quem vive num deserto. Por esta razão, desejei muito que as ações do ministro da Prússia surtissem efeito, pois ele me recomendou ao secretário de Estado com tanto empenho quanto o que usaria com um irmão seu. O cardeal, na última vez em que o viu (porque o ministro já partiu de Roma, como deves saber), prometeu-lhe expressamente que eu seria atendido, e esta promessa é o que obtive até aqui. Entretanto o papa morre, e com o papa se vai o secretário de Estado, e com o secretário de Estado a promessa. O cardeal sugeriu-me através do ministro que eu ves-

tisse o *hábito da Corte*, mostrando-me que este não me constringia a ser padre; mas eu queria um ofício para poder ser livre e seguir minhas inclinações, e não abdicar das inclinações e da liberdade, pelo ofício.

Se acaso eu me tornasse senhor de mim, sabes qual seria o principal motivo da minha felicidade? A possibilidade de te visitar e de estar contigo por algum tempo. Acredita que eu desejo esta coisa acima de qualquer outra, principalmente agora; e este desejo cresce dia a dia. Não me cansaria de te alegrar e consolar, nem de te admoestar carinhosamente, ainda que te ame tanto. Mas de qualquer sorte estaria contigo, e meu pensamento se fixa nisto e se compraz, e não vê mais além.

Perguntas sobre os meus estudos, que ora não têm um fim determinado: confesso-te que ter visto de perto a falsidade, a vileza e a estupidez dos juízes literários, bem como a universalíssima incapacidade de se discernir o que é realmente bom, excelente e estudado, distinguindo-o do ruim, do medíocre e do fútil, quase me fez achar inútil aquela penosa e minuciosíssima perfeição da escrita a que eu costumava aspirar, sem a qual não me importa compor, apesar de ver claramente que ninguém, exceto duas ou três pessoas ao todo, jamais a perceberia e apreciaria. Eu havia reunido e posto num livrinho uns versos semelhantes àqueles que já conheces, acrescentando algumas prosas referentes à matéria; ao contrário do que esperava, e do que os outros diziam, obtive a permissão da Censura de Roma para imprimi-lo. Mas quanto às duas coisas que impedem τὴν παρρησίαν, quero dizer, o temor e a esperança, aquele jamais me perturbou, e esta atingiu-me pela primeira vez quando eu estava para pôr as mãos no prelo. Por este motivo, por ser desde então refém da esperança, desisti de imprimir minha pequena Lírica — à qual, hoje, estando aqui confinado, não dedico nenhum pensamento.

Tio Antici recebeu a tua carta e me transmitiu tuas saudações; te representarei junto a ele e ao abade Rezzi por carta. Carlo te ama e te abraça; ele está bem e, não sabendo o que fazer, se entretém bastante com as mulheres. Paolina também de saúda com carinho. Ela ainda está aqui, pois ainda não houve meios de esposá-la, tendo já recusado várias propostas. Minha mãe pede que eu te escreva para que vejas se encontras alguém aí. Duvido muito que possas ajudar neste caso, pois o dote é pequeno. De qualquer forma, para que tu saibas, o dote é de sete mil escudos. Quanto à pessoa, creio que se possa encontrar alguém que se contente com ela, seja pelo seu espírito e educação, seja por sua aparência física. A idade é de vinte e dois anos; mas tampouco ela faz questão de juventude no marido, nem de tanta nobreza. Vê que te escrevi longamente, e sempre sobre as minhas coisas, monstrando-me contaminado pelo vício que mais detesto, ao qual na verdade me considero imune, talvez mais do que seria necessário para viver entre essa gente. Avalia quan-

to eu te amo, pois para agradar-te não me importo de parecer impuro a mim mesmo e a ti, cuja opinião aprecio mais do que a fama. Escreve-me quando for mais cômodo para ti, ou me faz saber de algum modo que esta carta te alcançou, para que assim eu possa voltar a escrever-te em paz. Dizes que eu descuido de testemunhar meu amor. Isto é verdade, porque jamais soube como expressá-lo o bastante, e agora menos que nunca. Despeço-me com um abraço; o afeto que vai nele, só tu e eu para sabê-lo, e mais ninguém.

Adeus, alma celestial e cara.

86
A GIUSEPPE MELCHIORRI

Recanati, 19 de dezembro de 1823.

Caro Peppino.

Recebi a tua carta do dia 6 junto com o exemplar eusebiano, que tiveste a generosidade de selar, esquecendo-te de que o enviavas por meu único e exclusivo interesse. Incluo nele a *Errata*, cuja impressão peço que continues a fazer-me o favor de acompanhar, providenciando para que saia exata e sem incorreções — as quais numa *Errata* seriam danosíssimas. Confio em ti. Ainda que a *Errata*, como verás, seja considerável, podes contudo dizer ao nosso De Romanis que fiquei muito contente com a correção tipográfica, porque os erros não são tão graves. Incluo também o padrão do frontispício. Faz-me a gentileza de pedir a De Romanis que ignore l'*Estratto delle Effemeridi Romane* (Extrato das Efemérides Romanas), etc, se não for contra as regras e se ele quiser me fazer este favor. Quero dizer que preferiria ver essas palavras excluídas do frontispício. Quanto ao preço dos exemplares, o fato de que o total venha a custar 17 escudos causou-me espanto. Tu me disseste que a impressão do teu *Esame* de Nibby custara ao todo quatro ou cinco escudos. É verdade que meu livrinho contém mais ou menos o dobro de páginas; mas há uma grande diferença entre pagar toda a impressão e pagar apenas o papel e a tiragem de alguns exemplares. O teu *Esame* tinha tantas passagens em grego quanto o meu livrinho, mas mesmo que não tivesse, tanto o grego quanto qualquer outra dificuldade diz respeito à composição, que não preciso pagar. Tu mesmo me disseste que minha despesa não poderia ser superior a cinco ou seis escudos. De 6 a 17 há um grande intervalo. Tu me dizes que foram tirados 170 exemplares. Mas tu és testemunha de que encomendei apenas cem, que são até demais. Os outros setenta não me servem, e não são meus. Isto está fora de discussão. Como eu não devo

pagar senão a tiragem e o papel, setenta exemplares a menos devem resultar na diminuição de uns bons dois quintos do total. Isto me parece evidente. Peço-te que comuniques estas observações a De Romanis. Em face disto, pagarei pontualmente o que combinarás com ele. No entanto, peço-te que digas a De Romanis que eu desejaria que ele me desse um pouco de tempo. Havia concluído, pouco antes de receber tua carta, a impressão dos meus Cantos em Bolonha (e digo isto apenas a ti, já que a De Romanis tal fato não interessa); esta publicação custou-me uma soma notável. Um *filho de família* cuja prole nunca termina vê-se apertado por qualquer coisinha. Pagarei corretamente e o mais rápido possível — bem sabes como sou feito —, mas espero que De Romanis me faça o favor de aguardar por algum tempo. Sobre a encadernação, peço-te que recomendes extrema parcimônia: papel bem simples, como o do teu *Esame* de Nibby. É claro que esta encadernação só se refere aos cem exemplares; aliás, aos noventa e nove, porque já me mandaste um dos cem, que eu deduzo do total. Se ficares espantado por eu ter impresso meus Cantos em Bolonha e não aí, saibas que o fiz somente porque em Bolonha terão uma acolhida mais fácil que em Roma, sendo mais viável sua difusão. Tua carta, caro Peppino, consolou-me muito, porque vejo que as desventuras de que te queixavas, fazendo-me sofrer, são casos de amor. O amor, mesmo desesperado e profundo, é sempre doce. Estou muito confiante não digo na tua filosofia, porque a filosofia não serve a esses casos, mas na tua lucidez e compreensão do mundo; portanto, não penso que sejas capaz de enamorar-te a tal ponto que a paixão possa perturbar-te. Caro Peppino, aqueles tempos já passaram. Na primeiríssima juventude isto nos pode acontecer; mas depois de havermos provado as coisas é impossível — ou muito fora de propósito. Não creias que eu seja de mármore. Há algum tempo eu era bem capaz de uma paixão furiosa; eu também a experimentei e, para confessar minha tolice, digo que várias vezes estive a ponto de matar-me por ânsias de amor, embora na verdade não tivesse mais razões para desesperar-me, exceto minha imaginação. Porém, com a experiência, sei que posso sofrer e morrer por tudo, menos por uma mulher. Talvez subestime teu bom juízo se te lembrar que não vale a pena se apaixonar e padecer por mulheres. Não posso acreditar que me irás responder que a tua é diversa das outras. Esta é a resposta de todos os apaixonados, e não seria digna de ti. Tu e eu devemos ter por axioma matemático que não há nem pode haver mulher digna de ser amada de verdade. Em suma, estou quase certo de que um homem como tu não é capaz de amar senão por diversão. Tu me dizes que as Cartas motivaram tua paixão. Então, o objeto do teu amor é uma Minerva. Não pretendo desvendar o teu segredo; pude perceber que nos negócios do amor tu és mais misterioso e discreto do que muitos costumam ser com

os amigos íntimos. Limito-me a felicitar-te pela tua escolha, supondo (porque assim devo supor de um homem prático como tu) que a fizeste apenas por diversão. Neste caso, louvo-te e aprecio-te deveras. Riamos alegremente do mundo, caro Peppino, e sobretudo das mulheres, que foram feitas para isto. Mas se te divertes mais em chorar, estou pronto a chorar contigo, compadecendo-me de ti; e quando quiseres desabafar e consolar-te comigo, faze-o como achares melhor. Tu sabes que te amo; talvez até conheças meu coração e saibas que sou capaz de entender, de participar das aflições dos amigos autênticos e intrínsecos, tal como foste comigo — e sempre serás, se assim desejares. Ama-me e escreve-me, mas sobretudo alegra-te, pois eu não saberia dar um conselho útil ou razoável ou conveniente a quem tem tanta experiência da vida como tu. A indiferença e a alegria são as únicas paixões verdadeiras, não apenas dos sábios, mas também de todos os que têm prática nas coisas humanas, bem como talento para aproveitar-se da experiência. Adeus, adeus, te abraço e desejo um bom Natal. Saúda De Romanis e os outros amigos. Podes dizer a De Romanis que agora, não tendo outros afazeres que o estudo, e tendo finalmente ordenado vários trabalhinhos que me embaraçavam, se ele quiser valer-se de mim para algo, estou em condições de atendê-lo, e com presteza.

87
A Gianpietro Vieusseux

Recanati, 5 de janeiro de 1824.

Prezadíssimo senhor.

O sr. Pietro Giordani, que tem em grande conta o prazer de o ter conhecido pessoalmente e de ser testemunha da sua virtude, comunicando-me que o senhor fez um grande bem à Itália, e está por fazer um ainda maior, exorta-me firmemente a expressar-lhe a gratidão que lhe devo como italiano — e como alguém que, cedendo a todos em tudo, não se sente inferior a ninguém quanto ao amor pela pátria. Faço com prazer esta tarefa, conquanto não tenha tido ainda a graça de conhecê-lo nem de vista, nem por carta. Não pretendo incentivá-lo a perserverar em suas nobres empresas, sabendo que não necessitam estímulos, e que pouco podem valer os argumentos de quem não tem qualquer autoridade ou fama. Apenas quero mostrar que partilho da estima e do reconhecimento que lhe professam os bons italianos; e creio que este gesto, vindo de um desconhecido, lhe seja mais caro que tantos, porque assim poderá constatar que mesmo os que não o conhecem o estimam, e que seus préstimos à Itália o

tornam apreciado e louvado até por aqueles que não têm outras razões particulares para lhe serem afeiçoados. Bem sei que a Itália tem enorme necessidade de ser amparada e acudida, como o senhor já faz; se ela o merece, não saberia dizer, mas ainda que nenhuma das suas atuais virtudes o merecesse, poder-se-ia evocar a memória de suas virtudes passadas; hoje, seu próprio demérito, de que não tem culpa, deve mover as boas almas a socorrê-la e lamentá-la, se não por merecimento, por piedade.

Quando o senhor tiver a ocasião de servir-se de mim em qualquer trabalho, não me poupe, porque por pouco que eu valha ofereço-me de coração e desejo poder dar-lhe um maior testemunho da gratidão e da estima que me levaram a escrever-lhe e a me declarar seu devotíssimo e obrigadíssimo servidor,

Giacomo Leopardi

88
A GIANPIETRO VIEUSSEUX

Recanati, 2 de fevereiro de 1824.

Prezadíssimo senhor.

Recebi sua gentilíssima do dia 15 de janeiro junto com o último fascículo da *Antologia*, que o senhor me oferece junto com o Extrato da sua Carta inaugural preposta ao primeiro Número do ano passado. A leitura deste Extrato fez crescer muito a admiração e o amor que sentia — e que doravante sentirei sempre mais, estimulado pela virtude e nobreza de sua alma. O senhor talvez seja o primeiro na Itália que tenha entendido o que deva ser um autêntico jornal, e certamente o primeiro a traçar-lhe um perfil, pondo-o em execução. Não é preciso usar muitas palavras para convencer-me das imensas dificuldades que teve de superar, e que convém combater insistentemente, em sua bela empresa. Conheço a Itália e a Toscana quanto baste para imaginar todos os obstáculos que se lhe opõem. De qualquer modo, se o seu jornal, por carência da literatura e das circunstâncias italianas, ainda não atingiu o ponto a que seu refinado conceito se propõe, alcançado por vários jornais estrangeiros, é no entanto a melhor obra periódica que temos na Itália, superior àquela que poderíamos esperar.

Agradecendo a opinião benévola que tem das minhas pequenas forças, respondo ao gentil convite que o senhor me faz dizendo que, na medida das minhas possibilidades, estou disposto a empenhar-me a serviço do seu jornal, pelo amor que tenho ao senhor e à Itália. Mas, para meu pesar, vejo-me incapaz de fazê-lo da maneira que me propõe. Eu vivo apar-

tado das trocas não só literárias, mas também humanas, numa cidade de pouquíssimos leitores, num verdadeiro sepulcro, onde não entra um raio de luz, e de onde não tenho esperanças de sair. O senhor bem vê que quem está fora do mundo não pode dar notícias do que nele acontece. De fato, não sei nem vejo nada de novo, e faço de conta que estou num deserto; o senhor tem mais informações sobre o que se passa na China, do que eu tenho das novidades literárias ou científicas deste Estado.

Além disso, embora meu juízo não deva ter nenhum peso, dir-lhe-ei abertamente, manifestando o sentimento de um homem comum, que um jornal italiano deveria, a meu ver, sobretudo ensinar o que se deve fazer, e não divulgar o que se faz. O senhor sabe muito bem a diferença que há entre a situação da Itália e a dos outros países da Europa. Os jornais estrangeiros são úteis quando divulgam, porque têm sempre obras dignas de análise, ou coisas que merecem ser referidas. Mas os livros que hoje se publicam na Itália são simples tolices, barbárie, mas principalmente velharias, cópias e repetições. Um jornal que se restringir a divulgar uns sonetos, algum texto de língua inédito ou reimpresso, um comentário sobre um livro antigo, ou sobre uma pedra, uma moeda e coisas semelhantes, não pode contribuir muito para o progresso, nem do espírito humano, nem da nação. Entre as excelentes máximas expressas em sua Carta inaugural, algumas das quais mereceriam ser esculpidas em mármore, encontro aquela que diz que um jornal deve promover sobretudo o progresso e a propagação das ciências morais. Ora, estas ciências e todas as que hoje são compreendidas pelo nome de filosofia, principal parte do saber hodierno em todo o resto da Europa e traço distintivo do nosso século, são justamente, como o senhor sabe, o estudo menos cultivado na Itália; aliás, seria de todo ignorada, não fossem os livros estrangeiros e as traduções. De modo que, querendo dar conta da recente produção dos italianos, jamais se teria ocasião de falar de moral ou filosofia. A pobreza geral da Itália é muito maior nestas províncias, principalmente em Roma, onde o livro mais importante publicado no ano é o que nós chamamos de *Cracas*. Se eu lhe dissesse que naquela capital, no intervalo de vários meses, não tive a sorte de conhecer um literato romano que me fizesse desejar estabelecer uma correspondência, pareceria altivo ou talvez ignorante; admito que esta última qualidade me pertença, mas a outra sempre me foi estranha. Posso dizer-lhe a mesma coisa em nome de todos os estrangeiros cultos que conheci naquele tempo, entre os quais o ex-ministro da Prússia em Roma, um homem, como deve saber, cultíssimo, que costumava me dizer jamais ter encontrado um literato romano com quem tivesse desejado falar uma segunda vez. Se os jornais de Roma não lhe parecem de grande interesse, esteja certo de que isso não decorre da Censura de lá, a qual é muito mais branda na prática do que

no discurso. Mas quem conhece o espírito dos Compiladores e Colaboradores daqueles jornais, sabe o que eles seriam capazes de fazer em qualquer país do mundo. Considero que seria muito útil, respeitando juízos mais sábios que o meu, que um jornal italiano se estendesse quanto às notícias sobre as obras importantes que têm saído entre os estrangeiros, mas através de artigos originais, adaptados às necessidades da Itália, seja pela escolha das obras, seja pelas novas ocasiões de se tratar e pensar o que nos convém.

O senhor deve perdoar a liberdade com que escrevo, a qual, própria de um homem que vive apartado de toda vida civilizada, talvez tenha algo de selvagem. Se houver algum artigo de caráter filosófico que lhe pareça adequado ao seu jornal, eu poderia ocupar-me dele; e como o senhor, quer pelo seu discernimento, quer pela sua posição, tem condições de saber bem melhor que um solitário como eu o que convém às necessidades ou aos gostos atuais, se o senhor tiver algum assunto que ache mais oportuno e conveniente ao seu jornal, não deixe de o propor a mim, porque eu gostaria de demonstrar-lhe a vontade que de fato tenho de obsequiá-lo, e de concorrer, na medida de meus escassos recursos, para a execução de seus nobres desígnios.

Com isso, declaro-me para sempre seu devotíssimo e obrigadíssimo servidor,

Giacomo Leopardi

89
A GIUSEPPE MELCHIORRI

Recanati, 5 de março de 1824.

Caro Peppino.

Não erraste ao confiar em mim, porque deves ter pensado que eu fosse como todos os outros que fazem versos. Mas fica sabendo que nisto e em todo o resto sou muito diverso e muito inferior a todos. Quanto aos versos, o conhecimento de minha natureza poderá servir-te doravante noutras ocasiões semelhantes. Não escrevi senão poucas e breves poesias em minha vida.. Ao escrevê-las, nunca segui nada mais que a inspiração (ou frenesi), a qual, irrompendo, em dois minutos eu traçava o esboço e a disposição de todo o poema. Feito isto, costumo sempre esperar que me sobrevenha um outro momento, após o qual (que ordinariamente não vem senão depois de alguns meses) me ponho a compor, mas com tanto vagar que não me é possível terminar uma poesia, mesmo brevíssima, em menos de duas ou três semanas. Este é o meu método — e como a inspi-

ração não me nasce por si, mais facilmente sairia água de um tronco, que um só verso do meu cérebro. Os outros podem poetar sempre que querem, mas eu não tenho em absoluto essa faculdade, e por mais que me pedisses, seria inútil, não porque não queira agradar a ti, mas porque não o poderia. Muitas outras vezes fui solicitado, encontrando-me em situações parecidas a esta, mas jamais fiz um único verso a pedido de alguém, em nenhuma circunstância. Convence o senhor Carnevalini a aceitar estas minhas escusas, agradecendo-lhe pela opinião tão gentil quanto equivocada que ele tem de minha capacidade poética, assegurando-lhe que choro sinceramente com todos a morte de seu nobre irmão, muito merecedor de honras e lágrimas, e que estimo que se celebre e perpetue sua memória. Meus versos fariam um efeito contrário, mas qualquer que seja o juízo que ele gentilmente tenha sobre eles, o certo é que pedir versos a uma natureza difícil e infecunda como a minha é o mesmo que pedir-me um bispado: este não posso dar, e aqueles não sei compor senão por acaso. Pede-lhe ainda que me conserve sua amizade, que muito aprecio e muito me honra, tendo presente na memória a índole ilustre e generosa, o engenho pronto, agudo e elevado que pude perceber e admirar nele no curtíssimo tempo em que tive o prazer de estar em sua companhia.

Aguardarei as importantes notícias que me prometeste na última, e que já me prometias, se não erro, na do mês passado. Mas se quiseres adiá-las mais um pouco, embalsama-as primeiro, antes que comecem a cheirar. Fora de brincadeira, eu te amo e quero saber tuas novas. Quanto a rever-te, no mais tardar será no vale de Josaphat.

Adeus, adeus.

90
A Pietro Brighenti

Recanati, 3 de abril de 1824.

Caro amigo.

Recebi suas amabilíssimas dos dias 17 e 27 do último. Tenho um grande vício, meu caro, que é o de não pedir licença aos frades quando penso ou escrevo, e disto resulta que quando quero publicar, os frades não me dão licença para fazê-lo. Agradeço-lhe infinitamente os cuidados que teve com os meus Cantos, sentindo-me duplamente obrigado, seja pela coisa em si mesma, seja pelo suplício que deve ter sido brigar com aquela raça de gente. É verdade que os teólogos são uma espécie de gente tão obstinada quanto as mulheres. Prefeririam arrancar todos os dentes da boca a uma opinião da cabeça. Ainda acho que seja melhor tratar com as mu-

lheres, e até com o diabo, do que com eles. De resto, não vejo como os monarcas possam ofender-se com as minhas *novas* canções; e se na prosa a virtude é aniquilada, digo expressamente, a quem tenha estudado a santa cruz, que se trata da virtude humana, pois das teologais não falo. Digo que no princípio daquela prosa[58] que causou essa censura está escrito que a virtude é etc, etc, *humanamente falando*, e no final dela se trata da religião de uma tal maneira que, salvo um frade revisor, ninguém pode achar nada de repreensível. Gostaria muito se pudesse combinar a impressão das canções noutro lugar, com as advertências e instruções que especifiquei minuciosamente. Ficarei gratíssimo, aliás, agradeço-lhe desde já e me ponho em suas mãos. Não vi o jornal do professor Orioli porque, como sabe, estou fora do mundo. E é isso que impede minhas cartas de chegar ao nosso caro Giordani, a quem todavia não deixo de escrever, tendo respondido imediatamente à última que me escreveu, em 16 de fevereiro. Se tiver ocasião de dizer isto a ele, abraçando-o por mim, me dará um grande prazer. Eu o amo e rezo por sua felicidade, à qual gostaria de contribuir com algo mais do que rezas. Se achar que eu lhe possa ser útil em alguma coisa, peço-lhe não esquecer de servir-se de mim, continuando a dispensar-me seu amor.

Adeus, adeus. Seu amicíssimo,

Leopardi

91
A ANTONIO FORTUNATO STELLA

Recanati, 13 de março de 1825.

Prezadíssimo senhor e Amigo.

A sua gentil carta do dia 5 do corrente agradou-me muitíssimo, pois demonstra a lembrança que o senhor conserva da nossa antiga amizade, a qual sempre me foi e será sumamente cara pela estima pessoal que o seu caráter despertou em mim, quando o conheci pessoalmente.

Vou logo ao assunto de que o senhor me fala,[59] e que soube através do anúncio em anexo. Não saberia louvar sua idéia o bastante, a qual não poderia ser mais digna do senhor, nem mais honrosa à Itália. O senhor se propõe nos oferecer, além das traduções italianas, todo o Cícero no original. Louvando muito este propósito, dir-lhe-ei que, tratando-se de uma empresa tão vasta e dispendiosa, eu consideraria de enorme importância a fixação do texto, ou seja, a escolha das edições *realmente* melhores, o apuro da leitura e, para concluir, a parte filológica da empresa. Digo isto porque considero coisa muito difícil de obter na Itália; aliás,

tenho por certo que sem um cuidado e uma solicitude particulares de sua parte, a edição ficará muito imperfeita sob este aspecto. Temos exemplos fresquíssimos de edições de clássicos latinos feitas na Itália, muito brilhantes, muito dispendiosas, mas que não podiam ser tão mal conduzidas quanto à fixação e escolha dos textos, ou seja, das edições a serem seguidas, o que causa um gravíssimo dano ao editor, que por esse defeito certamente não encontrará para além dos Alpes a acolhida que de outro modo suas edições teriam sem dúvida merecido. Digo isto não apenas guiado pelo que penso, mas também baseado na opinião de vários filólogos estrangeiros com os quais tive ocasião de falar a este propósito. Em geral, os estrangeiros estão convencidos de que na Itália não se sabe editar um clássico antigo sem que a fixação e a leitura dos textos não sejam mais que defeituosas; e de fato não creio que se possam citar exemplos em contrário. Eu certamente não estaria apto a fazer muito em relação a isto. Não obstante, se a diligência e o pouco de prática adquirida nesses estudos, bem como algumas pequenas observações já feitas sobre várias passagens e livros de Cícero, fossem de algum proveito, eu de bom grado me encarregaria, no todo ou em parte, da fixação do texto para a sua edição, caso eu estivesse em Milão. Contudo, estando tão afastado, e numa cidade carente de livros modernos, sobretudo em matéria filológica, não posso sequer indicar-lhe em particular as fontes de minha preferência. No entanto, devo fazer uma observação de caráter geral, que em síntese é esta: se a sua edição contiver o *corpus* de todas as obras originais de Tullio, realmente perfeito na fixação dos textos, esta empresa terá um êxito considerável, não só na Itália, mas também no exterior.

Quanto às traduções, digo-lhe abertamente que, entre as publicadas até agora, não creio que o senhor possa encontrar sequer uma que não peque gravemente acerca do vero entendimento e interpretação dos textos (sem falar de outros aspectos), e que possa ser confrontada com as edições de vários clássicos antigos ultimamente publicadas na Inglaterra e em especial na Alemanha — traduções que não deixam absolutamente nada a desejar quanto à exatidão e apuro no entendimento do verdadeiro sentido que está nos mínimos idiotismos dos autores de línguas antigas.

Sobre a sua proposta de encarregar-me de alguma versão, não lhe posso responder com precisão, pois que me faltam informações detalhadas. Mas se o senhor se dispuser a especificar-me que obra em particular deseja ver retraduzida, poderei examinar bem a obra e as minhas possibilidades, e, baseado neste exame, dar-lhe uma resposta precisa.

Estou à sua disposição, esperando que o senhor possa servir-se de mim no que achar necessário, e contando com a sua benevolência de sempre.

Sou de todo o coração seu devotíssimo servidor e amigo,

Giacomo Leopardi

92
A PIETRO GIORDANI

Recanati, 6 de maio de 1825.

Meu Giordani.

Brighenti se dispõe a remeter para ti, de Bolonha, as cartas que te escrevo. Enfim, me envergonho e deprecio pelo meu longo silêncio, e logo com o meu único amigo. Permite, querido Giordani, que eu te chame assim, que eu viva ainda com a idéia de ter uma pessoa no mundo que me ame — e que eu ame. Sei que agora estás muito ocupado. Por isso não quero que me escrevas longamente: não pergunto pelos teus casos, teus pensamentos, teus estudos. Nesses últimos dias tive ocasião de falar de ti com pessoas vindas de lugares onde te conhecem, porque aqui, todos os dias, só eu falo de mim para mim sobre ti. Quanto mais os homens me parecem plantas e pedras pelo tédio que sinto ao estar com eles, mais confirmo no pensamento, dia a dia, que tenho no entanto alguém com quem, vivendo e falando, sinto que vivo e falo com um semelhante, ou (sem tanta presunção) com um homem; tu és este homem, tu, único homem (te juro) que me poderia fazer crer que uma companhia é preferível a uma solidão sem fé. Se tu saísses do meu pensamento, meu mundo se tornaria um deserto e eu ficaria só, sem contato com coisa alguma. Se quiseres me escrever, dize-me se estás bem, se ainda me amas, se eu — nulo para o mundo, e menos que nulo para mim mesmo — sou a teus olhos o mesmo de antes, e isto me bastará. Eu estudo dia e noite, até quando a saúde me permite avançar. Quando ela não suporta mais, passeio pelo quarto durante alguns meses; e assim vou vivendo. Quanto ao gênero de estudos que faço, assim como mudei em relação ao que eu era, também mudaram os estudos. Tudo que tenha algo de afetuoso e de eloqüente me aborrece, me cheira a jogo e a infantilismo ridículo. Não busco senão a verdade, que tanto já odiei e detestei. Regozijo-me sempre mais em descobrir e tocar com a mão a miséria dos homens e das coisas, em horrorizar-me friamente especulando sobre este arcano infeliz e terrível da vida do universo. Agora percebo bem que, arrefecidas as paixões, não resta aos estudos outra fonte e fundamento de prazer senão uma vã curiosidade, cuja satisfação pode no entanto causar muito prazer — coisa que antes, quando havia em meu coração uma última centelha, eu não podia compreender.

Quiseste arrancar-me da obscuridade através das amorosas palavras que disseste de mim a Capponi. Decerto devo agradecer por me teres feito famoso por um instante em meu país, como pude constatar por vários meios, em parte maravilhando-me, em parte condoendo-me por

ser acreditado apenas pelas palavras de um amigo, sem que eu mesmo jamais tenha dado um sinal de mim, nem creia poder dá-lo. Mas bem sabes que a estação passou, e que mesmo se eu fosse bom em alguma coisa, como são tantos que nascem, já está definido e acertado que nenhuma ação jamais surtirá qualquer efeito.

Vivo aqui sem esperança de sair. Lançar-me-ia de bom grado à ventura, buscando com a pena um pouco de pão em alguma cidade grande, mas não tenho nem vejo modo de ter o que baste para não morrer de fome no dia seguinte à minha saída daqui. Assim, contento-me em não fazer ou esperar coisa alguma. Adeus, minha alma. Saúda Vieusseux se quiseres, a quem escrevi várias vezes sem obter resposta. Perdoa o tédio desta longa carta, onde nem sei o que disse. Eu te amo com toda a força do meu coração glacial.

Adeus, adeus.

93
A CARLO ANTICI

Recanati, 18 de junho de 1825.

Caríssimo tio.

Surgiu-me uma oportunidade de passar uns meses em Milão, quase sem despesas; tendo pleno consentimento de meu pai, e a esperança de fazer novos conhecidos e de sobretudo melhorar de saúde, aceito esta ocasião e me disponho a partir. Ao dar-lhe esta nova — a qual, pelo afeto que o senhor tantas vezes me demonstrou, pensei que lhe interessasse — venho também incomodá-lo com um pedido: que o senhor me faça o favor de providenciar o passaporte necessário junto ao embaixador Austríaco, *para partir, residir e voltar.* Como solicitam de Milão que eu parta sem demora, quanto mais rapidamente o senhor puder ajudar-me, maior será o favor. O senhor pode, se preferir, mandar o passaporte diretamente a meu pai, endereçado ao prefeito, ou como achar melhor. Perdoe este incômodo que sou obrigado a lhe dar, e se não for penoso escrever-me antes que eu viaje, dê-me novas do senhor, das suas ocupações e da família; agora e sempre, lembre-se de que sou seu afetuosíssimo e gratíssimo sobrinho.

P.S. Feita a carta, meu pai me entregou um bilhete[60] para o senhor, que segue em anexo. Se for necessário especificar o motivo da viagem, o senhor poderá dizer que vou *assistir à edição das Obras completas de Cícero, empreendida pelo senhor A. F. Stella.*

Também gostaria de que o senhor pudesse inserir no passaporte a cláusula *com o seu criado*; mas seria bom que o nome do criado não fosse especificado, porque ainda não sei quem levarei, nem se levarei alguém comigo. Seu obrigadíssimo e afeiçoadíssimo sobrinho.

94
A MONALDO LEOPARDI

Bolonha, 19 de julho de 1825.

Caro senhor pai.

Cheguei ontem à noite a Bolonha, cansado mas com saúde. Meus olhos, malgrado o sol e o forte calor durante a viagem, não pioraram. Ainda não posso decidir se devo prosseguir a viagem para Milão ou retornar para casa. No próximo correio poderei dar uma resposta precisa. Estive com Brighenti, que me pediu que o saudasse em seu nome. Também vi Giordani, que me recomendou insistentemente que o cumprimentasse, bem como a Carlo e Paolina. Peço-lhe que envie minhas ternas lembranças a mamãe e aos irmãos. Não escrevi durante o trajeto porque à noite, à luz de velas, teria dificuldades; além disso, o cansaço era enorme. Mas vejo que a mudança vai aos poucos me curando. Que o senhor continue a me amar como sempre, acreditando nos sinceros e fervorosos protestos de amor e reconhecimento eternos do seu afetuosíssimo filho,

Giacomo

95
A MONALDO LEOPARDI

Bolonha, 22 de julho de 1825.

Caríssimo senhor pai.

Recebi a sua esperada do dia 15. Na minha da segunda passada fui brevíssimo porque tinha a cabeça embaraçada por mil coisas a que não estou afeito. Esqueci-me até de dizer-lhe que vi em Sinigaglia a tia Eleonora, que está bem e saúda afetuosamente o senhor e a mamãe. Em Pesaro só tive tempo de ver a família Cassi, que está toda bem; ou seja, o que se disse de Schiavini é pura fantasia. Durante a viagem e aqui, em Bolonha, sofri um calor terrível e, tendo de girar sempre nas horas mais abrasantes, derreti-me e continuo a derreter-me em suor. O termômetro chegou a 29

graus. Com tudo isto, em vez de piorar, como eu pensava, melhorei de saúde a tal ponto que nenhum excesso me faz mal; como feito um lobo, e o único incômodo que tenho é o oposto dos que eu já tive, isto é, uma prisão de ventre que nunca tive em minha vida. Até os olhos melhoraram bastante. Estive tentadíssimo a ficar em Bolonha, cidade calmíssima, alegríssima, hospitaleiríssima, onde fui muito bem acolhido e talvez pudesse me manter com poucas despesas, ocupando-me de atividades literárias que me foram oferecidas, as quais não me trariam grande cansaço, nem me tomariam tempo demasiado. Mas o sr. Moratti (o correspondente de Stella) comunicou-me que Stella teria muitas razões para lamentar-se de mim caso eu rompesse meu contrato com ele e, não podendo convencê-lo com os meus argumentos, fui constrangido a ir para Milão às custas de Stella. Ainda não determinamos nem o dia nem o modo da partida, mas creio que será em breve. Até hoje não pude ver o tio Raimondo[61] porque, por mais que o procurasse, ninguém soube dizer-me onde mora. Em todo caso, ainda tentarei encontrá-lo e, se necessário, perguntarei à Polícia. Por acaso soube que d. Rodriguez, sobre quem mamãe pediu informações, está razoavelmente bem, não obstante seus mais de oitenta anos. Estive e ainda estou alojado com os Frati Conventuali (frades franciscanos), isto é, no convento do meu companheiro de viagem.[62] Em Milão não aceitarei encargos muito longos, porque, além de não lhe agradarem, tampouco agradariam a mim. Agradeço as advertências que o senhor me faz com tanto afeto, aconselhando-me a segui-las rigorosamente. Se tiver um tempo livre, tornarei a escrever-lhe antes de partir; se não, lhe escreverei de Milão.

Peço-lhe enviar minhas ternas lembranças a mamãe e aos irmãos, mas sobretudo que me ame e se convença da sinceridade do afeto com que me declaro seu amorosíssimo e gratíssimo filho,

Giacomo

Escrevo ainda hoje ao tio Ettore.

96
A CARLO LEOPARDI

Milão, 31 de julho de 1825.

Meu Carlino.

Não posso exprimir quanta dor me causou a tua do dia 25, que recebi no instante em que eu rumava para Milão. Não escrevi como prometera porque, não estando ainda familiarizado com a tabela de chegadas e saí-

das dos correios, que em Bolonha é complicadíssima, pensei estar no horário quando a viatura já havia passado. Espero que a esta hora papai tenha recebido as que lhe mandei nos dias 22 e 26, bem como o tio Ettore, também no dia 22. Esqueci-me de dizer que finalmente vi em Bolonha o tio Mosca, que está bem, conquanto se queixe dos nervos; ele saúda a todos. Cheguei aqui ontem à noite, depois da tranqüila viagem que fiz em companhia de dois viajantes ingleses. À primeira vista pareceu-me impossível ficar mais de uma semana aqui, mas como a experiência me ensinou que meus desesperos nem sempre são razoáveis, nem sempre se confirmam, não ouso afirmar-te nada por ora, esperando muito folgadamente aquilo que o tempo trará. No entanto ainda suspiro por Bolonha, onde fui quase festejado, onde fiz mais amizades em nove dias do que nos cinco meses em Roma, onde não se pensa senão em viver alegremente e sem diplomacias, onde os forasteiros são cumulados de carinho, onde os homens de engenho são convidados para almoço em nove dias da semana, onde Giordani me assegura que viverei melhor do que em qualquer outra cidade italiana, salvo Florença, onde poderia manter-me quase sem despesas, e para isto já teria vários meios acertados e seguros, onde etc, etc. Milão não tem nada a ver com Bolonha. Milão é uma *specimen* de Paris, onde se respira um ar insólito: só quem já esteve aqui pode compreendê-lo. Em Bolonha, matéria ou espírito, tudo é belo, e nada magnífico; mas em Milão o belo, que existe em excesso, é estragado pelo magnífico, pelo diplomático, mesmo nas diversões. Em Bolonha os homens são vespas sem ferrão — acredita em mim — e com grande maravilha tive de convir com Giordani e Brighenti (bravo homem) que a bondade de coração ali existe de fato, aliás, é trivialíssima, e que a raça humana é diferente daquilo que tu e eu pensávamos. Mas em Milão os homens são como *partout ailleurs*, e o que me dá mais raiva é que todos te olham no rosto e te esquadrinham da cabeça aos pés, como em Monte Morello. De resto, quem ama a diversão encontra aqui o que não encontraria em outra cidade da Itália, porque Milão é material e moralmente um jardim das Tuilleries. Mas sabes quanto sou propenso às diversões. Por ora não digo mais, porque as coisas que te poderia dizer seriam infinitas. Dá-me novas do tio Ettore, transmitindo-lhe meus cumprimentos. Saúda papai e mamãe com carinho, e, caso me escrevas, dá-me novas de todos. Espero que fales de ti o mais que puderes. Se acaso duvidasses do meu interesse por ti, dir-te-ia que de perto ou de longe tu és sempre o meu caro Carlo, que para mim é uma coisa única, porque nem em Giordani, com quem se pode dizer que convivi em Bolonha, pude encontrar um outro Carlo, e não o encontrarei certamente nunca em minha vida. Adeus, querido Carluccio. Eu estou bem, os olhos estão razoáveis. Concluo, porque escrevo quase no escuro. Em Milão também há

becos. Tu sabes se te quero bem.

Adeus, adeus. Dá-me novas também de Pietruccio. Recebi em Bolonha a visita de um tal Astolfi, vindo em nome do sr. Antonio Condulmari, coisa que me enterneceu.

97
A MONALDO LEOPARDI

Milão, 7 de setembro de 1825.

Caríssimo senhor pai.

Finalmente, com o último correio recebi pela primeira vez desde minha chegada notícias de casa — expressas em sua carta de 30 de agosto. Imagine que consolo esta me trouxe, fazendo-me passar a noite em festa. Parecia que eu estava entre a família, a quem com a distância amo ainda mais. Na minha última não disse nada sobre o secretariado de Bolonha porque é uma coisa muito remota, ainda não sei nada ao certo, e por isso não achei que valesse a pena contar; tanto mais que, mesmo sem emprego, não me faltariam meios de viver honrosamente em Bolonha por alguns meses. Com grandíssimo consolo soube que tio Ettore está plenamente restabelecido. Sofri quando soube em Bolonha do seu estado, e estava angustiado com a falta de notícias. Escrevi a ele ainda de Bolonha, mas talvez a carta já o tenha encontrado livre de incômodos. Peço-lhe transmitir minha felicitações, cumprimentando-o afetuosamente por mim. De minha parte, o representarei junto ao conde Alborghetti, que é de fato um homem amável, quando e se o puder rever, já que agora ele está no campo; desde que estive com ele, logo após minha chegada a Milão, não o vi mais. Eu estou bem, com o mesmo apetite que tinha em Bolonha; e até maior, pois aqui não se janta, e o almoço é mais um exercício de temperança. Espero poder partir ainda este mês, embora Stella, decidido a deter-me a qualquer custo, me dispense todas as cortesias possíveis; isto me embaraça um pouco, e reforça o grande defeito que sempre tive: não saber dizer não a quem me castiga, mas muito menos a quem me agrada. Mas tentarei esforçar-me, reiterando sempre o meu desejo de partir. Caro senhor pai, tenha amor por mim e saúde carinhosamente a mamãe. Aos irmãos escrevo no verso.

Sou e sempre serei seu afetuosíssimo filho,

Giacomo

98
A PAOLINA LEOPARDI

[Milão, 7 de setembro de 1825.]

Minha Paolina.

Estou contente contigo, mas contrariado, porque quando eu voltar tu já terás partido ou estarás às vésperas de partir, de modo que não te poderei contar várias historietas, aventuras, observações filosóficas, antropológicas, etc feitas nesta minha viagem ao pólo, as quais eu já estocava para te ajudar a passar quatro invernos, assim como passaste dois ouvindo minhas histórias romanas. Digo-te que aquelas eram bagatelas comparadas a estas; portanto, perdes muito, mas paciência. Por enquanto, fica sabendo que continuo a crer que poderás ser felicíssima com o teu marido, especialmente se persistires em tuas máximas filosóficas, rindo das parlapatices dos homens, com as quais acredita-me que não vale a pena perder quinze minutos de sono. Fica sabendo também que te amo como antes, o que não é pouco, e talvez até mais do que antes, o que não fácil. Em Bolonha Giordani perguntou-me por ti e por Carlo ao menos vinte vezes, e se lhes havia escrito, e se os havia saudado em seu nome, e se havia transmitido mil coisas que ele dissera. Depois, em Parma, onde o esperei na estalagem até meia-noite, tornou a perguntar-me as mesmas coisas, e se eu havia recebido respostas suas. Um dia depois de ter recebido a última carta de papai, recebi a do dia 19. Mas saibam que aqui os impressos só custam um pouco menos que as cartas, e além disso estão sujeitos a mil problemas de censura, etc, de sorte que não se utilizem mais deste meio. Melhor seria se me escrevessem em papel fino, porque aqui, se o envelope é um pouco pesado, dobram imediatamente o preço da carta, e em vez de dezoito soldos austríacos se pagam trinta e seis, como sucedeu comigo algumas vezes. Saúda Luigi e Pietruccio. Diz a mamãe que me queira bem. Saúda também o cura e dom Vincenzo.

Adeus, adeus. Tem amor por mim. Fui convidado a Varese pelo conde Dandolo, filho do Senador, rapazinho que não me agrada nada. Varese é a Versailles de Milão, a três milhas daqui. Talvez eu seja obrigado a ir por alguns dias; neste caso, pode ser que eu atrase um pouco a resposta às cartas que me chegarem daí. Estou avisando para que não fiquem assustados.

99
A CARLO LEOPARDI

[Milão, 7 de setembro de 1825.]

Meu Carluccio.

Recebi a tua espirituosa, engenhosa e filosófica carta de 17. (*Obiter*, desafio todos os literatos e grandes gênios de Milão a escreverem metade de uma carta como esta.) Tu bem percebeste quanto é penosa a atividade, que é necessária, não só de figurar, mas também de estar à altura dos outros, até mesmo numa simples conversa de salão. Acredita-me que esta atividade não é exclusiva dos setentrionais, mas muito mais dos franceses, dos meridionais, enfim, de todos, exceto dos habitantes das Marcas, que são os únicos que dão à vida o seu verdadeiro valor; sem exageros, são os mais filósofos e, conseqüentemente, os mais velhacos do mundo. Por isso não compreendeste bem o sentido da minha carta. O embaraço de que te falava decorria apenas do tom mercantil desta casa, que me pareceu a princípio a pior pousada de toda a viagem. Depois as coisas se acomodaram um pouco, eu me habituei, e desde a primeira noite, conquanto achasse que não ficaria, resisti intrepidamente, pois que minha paciência desconhece limites. De resto, em casa ou em Milão, sempre estive *très à mon aise*. O espírito de observação curiosa e insolente que notaste em Sinigaglia foi notado também por mim; chega a tal ponto que faz perder a paciência até a pessoas como eu, mesmo estando numa cidade já cheia de gente e de importunos — um inferno. Mas não deves julgar as capitais por isso. O que escrevi de Milão foi uma observação precipitada. O fato é que em Milão ninguém pensa em ti, e cada um vive a seu modo, até mais livremente do que em Roma. Aqui, coisa inacreditável mas verdadeira, não há qualquer sociedade, salvo o passeio, ou seja, as calçadas e os cafés; tal como em Racanati, nem mais nem menos. Nisto Roma e Bolonha são duas Paris se confrontadas a Milão. Vê, pois, quão pouco estava longe de sentir-me desencorajado a fazer figura num lugar onde ninguém brilha, onde cento e vinte mil homens estão juntos por acaso, como cento e vinte mil cabras. Tanto mais que eu vinha animado de Bolonha, não tendo na verdade me sentido inferior a ninguém nas sociedades em que estive, em Bolonha ou aqui. Devo tudo isto àquela absoluta indiferença que tanto desejamos e que finalmente obtive e radiquei de modo definitivo. No entanto, desejo muito partir daqui, pois me aborreço, e de Bolonha recebo cartas de um senhor veneziano, jovem riquíssimo e estudiosíssimo,[63] que deseja ter-me a seu lado, propondo-me voltar e ficar em Bolonha. Não direi quanto anseio por te ver. Se o emprego se confirmasse, poderia rever-te quase em seguida, pois sairia

imediatamente daqui — e creio que as minhas ocupações me permitiriam visitá-los, e até freqüentemente e com demora. É verdade o que ouviste do baú, mas a coisa é muito simples — e não tenho mais espaço para explicá-la.[64] Saúda o doutor Prosperi e diz-me se ele recebeu o livro que lhe confiei em Bolonha. Se vires Puccinotti, peço-te que o saúde com amizade. Paro porque o papel acabou.

Um beijo. Adeus, meu Carluccio. Fala-me muito de ti sempre que me escreveres.

100
A MONALDO LEOPARDI

Bolonha, 3 de outubro de 1825.

Caríssimo senhor pai.

Respondi em 7 de setembro à sua última, de 30 de agosto, que me chegou em Milão, e até agora não obtive resposta. Como lhe escrevi, parti de Milão em 26, segundo os meus planos de deixá-la ainda naquele mês, fazendo uma ótima viagem até aqui e chegando na manhã de 29. Gostaria de lhe ter logo escrito, mas na estalagem não pude encontrar tinteiro. Aluguei um apartamento em casa de uma ótima e amabilíssima família, que se preocupa inclusive em me servir e dar o que comer, já que não me agrada aproveitar os convites que me fazem para comer fora de casa. Stella, que me deixou partir com muita relutância, consignou-me pelos trabalhos feitos, e a fazer, dez escudos por mês — mas como um adiantamento, sem prejuízo do que possam merecer meus labores literários até o final do ano. Estes labores estão inteiramente a meu cargo, isto é, poderei ocupar-me em escrever o que quiser, passando-os em seguida a ele. Por uma hora ao dia, dedicada à leitura de latim a um riquíssimo senhor grego, recebo outros oito escudos ao mês. Passo uma outra hora e meia a lecionar grego e latim ao conde Papadopoli, nobre veneziano, jovem riquíssimo, estudiosíssimo, meu grande amigo, com quem não falo em dinheiro, mas estou certo de que não sairei em prejuízo. Eis a minha situação; quero ver como me saio. Busco apenas a liberdade, e um meio de estudar sem me matar. Mas na verdade não encontro em nenhum lugar a liberdade e o conforto da minha casa; tenho vivido muito melancólico em Bolonha. Além disso, pode imaginar com quanto ardor espero rever o senhor, mamãe, os irmãos. A única coisa que me faz suportar os incômodos da minha situação (que talvez não fosse incômoda a ninguém) é ter sentido longamente, e entendido com toda a certeza, que quanto mais tento não sofrer, mais sofro, porque a preguiça e o estudo, sem grandes e contínuas

distrações, são a ruína da minha saúde. Que o senhor me ame e saúde por mim a mamãe, os irmãos e o tio Ettore, aos quais escreverei quando tiver um pouco de tempo. Eu o amo, como sempre e como se deve, de todo o coração, e espero ansiosamente notícias suas e da família.

Beijando-lhe a mão, confirmo-me seu afetuosíssimo filho,

Giacomo

101
A MONALDO LEOPARDI

Bolonha, 10 de outubro de 1825.

Caríssimo sr. pai.

Realmente, as cartas que o senhor afirma ter escrito para mim em resposta à minha de 7 de setembro jamais me chegaram. Um dos mais fortes motivos que me determinaram a deixar Milão, onde enfim já estava quase acomodado — e onde certamente se vive melhor que em Bolonha —, foi a grande distância que a separa de minha casa, bem como o desejo de receber suas novas mais amiúde e facilmente, de estar em maior união com os meus. O acordo que tenho com Stella não é senão um *crédito* pelos trabalhos literários que lhe farei; se estes forem superiores ao que ganho, ele os compensará no final do ano. Mas receber este dinheiro mensalmente, em vez de tê-lo todo de uma vez, é uma grande vantagem, pois tenho a certeza de ter, no tempo previsto, uma soma segura. Como se não bastasse, os trabalhos a fazer estão inteiramente em minhas mãos, já que a única recomendação que recebi de Stella foi mandar exclusivamente a ele os trabalhos que eu fizer; no mais, que eu faça o que quiser. Não me parece que haja nada de humilhante nisto. Talvez o que recebo do grego seja um pouco menos nobre, pois a hora que passo com ele é aborrecidíssima. Não obstante, esta cidade não vê nada de vil na função de preceptor; aliás, todos os literatos estrangeiros são chamados aqui de professores, e Costa, nobre de Ravena, tem por profissão confessa o ensino a vários jovens, entre os quais o meu aluno grego. Costa é um dos literatos mais renomados daqui.

Sobre a licença dos livros proibidos lhe escreverei se preciso. Escrevi para aí uma carta ao tio Antici, que deve ter partido antes de recebê-la. Antes de deixar Milão, soube por Bunsen que o secretário de Estado não tivera resposta desta Legação sobre o meu caso. Falei sobre isto com o diretor-geral da Polícia, que me prometeu conversar com o Intendente, a quem é muito ligado. Lamento muito o resfriado da mamãe. Não escreverei para não a incomodar, e porque sei que esta carta vale também para ela. Mas

peço que o senhor lhe diga as coisas mais ternas em meu nome, dandome novas da sua saúde. O mesmo para o tio Ettore, que saúdo de coração. Não deixe também de dizer-me como o senhor está, e como tem suportado os primeiros frios, que aqui já são duros. Dê-me sua bênção, seu amor, e creia-me cheio de amor e gratidão, pois estou convencido de que jamais poderei encontrar afeição e bondade iguais às suas.

Seu afeiçoadíssimo filho,

Giacomo

102
A CARLO LEOPARDI

Bolonha, 10 de outubro de 1825.

Meu Carluccio.

Ao escrever teu nome vêm-me lágrimas aos olhos. Quem poderia dizer quanto te amo, quanto anseio por te beijar! Falo de ti o mais que posso, em particular com este Papadopoli, que é um jovem quase da tua idade, de princípios virtuosos, generosos e heróicos como os teus. É um homem capaz de verdadeira amizade, mas nenhuma amizade será jamais igual à nossa, fundada em tantas lembranças, tão antiga quanto a nossa idade, tão forte que, se um de nós pedisse ao outro todo o sangue, este estaria pronto a doá-lo, e aquele, certo de obtê-lo. Mas tu não me dizes nada de ti. O que fazes, meu Carluccio? Por que não me escreve sobre tuas coisas, alegres ou tristes que sejam? Acaso pensas que não me importam? Pois fica sabendo que desejo imensamente sabê-las, não só por afeto, mas também por curiosidade, porque de fato tuas notícias me interessam e estimulam bem mais que qualquer outra coisa no mundo, e é uma alegria e um prazer quando abro as cartas de casa.

Sou muito bem tratado por meus hospedeiros, com muito amor, mas também com respeito, porque me têm em grande conta. Levanto-me às 7. Desço logo para o café. Depois estudo. Às 12 vou a Papadopoli, às 2 ao grego. Volto para casa às 3. Almoço às 5, quase sempre em casa, pois os convites me aborrecem. Passo a noite como Deus quer. Às 11 vou para a cama. Eis a minha vida. As lições que consomem meu dia entediam-me horrivelmente. Afora isso, não teria do que me queixar. Esses literatos que de início, como me foi dito e repetido, olhavam-me com inveja e suspeita, porque me supunham arrogante e disposto a tripudiá-los, depois ficaram contentíssimos com a minha amabilidade, vendo que deixo lugar a todos; falam até agora muito bem de mim, vêm visitar-me, e sinto que consideram a minha presença uma aquisição para Bolonha. Não te

esqueças de me dizer se Prosperi, o cirurgião, recebeu o livro de Tommasini que enviei daqui. Escreve-me, meu Carluccio. Eu te abraço e te amo como a meus olhos.

Adeus, adeus. Aquilo que vês é um cometa, não duvides.

103
A PAOLINA LEOPARDI

Bolonha, 10 de outubro de 1825.

Minha Paolina.

Escreveste com a tua habitual sensibilidade, consolando-me de três maneiras: porque demonstras me amar, porque me convences de que ainda há sensibilidade no mundo e porque despertas a minha, que, como sabes, infelizmente está adormecida — não quanto a ti em particular, mas quanto ao universo. Se pensas em mim em Recanati, não creias que eu não pense em ti todos os dias, que eu viva esquecido de tudo em Bolonha — nem se estivesse em Paris. A propósito de Paris, vim de Milão a Bolonha com três franceses, enquanto fora de Bolonha a Milão com dois ingleses. Vê quanta matéria de observações e de histórias para as nossas noites de inverno, pois podes imaginar com quanta intimidade se convive com os parceiros de viagem, e daí o campo de que dispus para observar os costumes e o caráter daqueles senhores. Espero Giordani para breve, e já lhe escrevi sobre o teu casamento. Dá-me sempre notícias de Recanati, as quais tenho muito prazer em ouvir, pois me tornei bem mais curioso do que antes. Dá um beijo em Pietruccio por mim, e mil em mamãe, recomendando-lhe cuidado. Saúda carinhosamente Luigi, pedindo-lhe que me escreva duas linhas sobre suas novidades. Concluo porque já soaram as doze.

Adeus, minha querida, adeus, adeus. Tentarei saber notícias de Angelina.

104
A CARLO LEOPARDI

Bolonha, 28 de outubro de 1825.

Meu caro Carlino.

Tua carta me consolou e entristeceu a um só tempo, como deves imaginar. Mas não podes imaginar quanta dor eu sinta pensando em tua situação. Casar-te seria absolutamente o melhor: bem vejo as dificuldades que

há, vejo que tens pouca vontade, mas creio que este seja o melhor partido a ser tomado, para todos. Se pudesse de algum modo contribuir para arranjá-lo, o faria de coração. Amanhã à noite recebo Giordani. Falarei deste caso com ele. Não há intrometido igual a ele, nem homem mais bem informado, mais ativo ou mais amável. Recomendar-lhe-ei firmemente a coisa. Uma dulcíssima esperança me consola: rever-te em breve. Hoje tive carta de Bunsen, onde me fala do emprego proposto, isto é, a dupla cátedra de eloqüência grega e latina na *Sapienza* de Roma; parece que, se eu aceitar, será para já. Hoje mesmo respondo, e aceito; até o frio insuportável que faz aqui impele-me a isto — abateu-me a tal ponto que me sinto melancólico e desesperado. Escrevo próximo ao fogo que arde apesar de uma lareira imunda, que mal me aquece os calcanhares. Não me delongo porque o correio está de saída, e porque espero abraçar-te (oh, queira Deus!) em breve. Meu Carluccio, te beijo. Adeus. Oh, quanto te amo, quanto te desejo, quanto gostaria de te ver alegre ou ao menos perto de mim.

Minha Paolina. Agradeço as novas que me dás daí, que são realmente cômicas. Continua a fazê-lo, que me fazes um grande prazer. Amo-te de todo o coração. Pelo que acima escrevo a Carlo compreenderás o que me perguntavas. Sempre que me escreve, Giordani te manda lembranças afetuosas, bem como a Carlo. Escrevi a papai há uns dias. Saúda-o por mim, e também a mamãe e o tio Ettore, a quem escreverei — mas creio que o seu Giovanni não lhe daria minha carta. Lembranças também a tio Carlo e a Mariuccia, se ainda estão aí. A ti, minha querida, um abraço; peço que fiques alegre, pelo amor de Deus, se não me queres desesperar. Adeus, querida, adeus.

Meu Luigi. Agradeço tuas lembranças e a memória que tens de mim, que certamente não me esqueço de ti. Saúda, abraça, beija, sacode-me o Pietruccio. Ama-me tanto quanto eu te amo.

Adeus, adeus.

105
A CARLO LEOPARDI

Bolonha, 9 de novembro de 1825.

Meu Carlino.

Escrevi recentemente em resposta a uma carta tua e de Paolina. Espero suas respostas. Entretanto, escrevo-te esta por uma emergência. Querem publicar aqui as *Opere del conte G. Leopardi* (Obras do conde G. Leo-

pardi), todas elas, com retrato, notas biográficas, enfim, com todas as cerimônias. Deixei aí alguns manuscritos que seriam necessários a esta edição. Portanto, sê atento. Irás à minha cômoda. 1º, na gaveta grande do meio verás um pacote de papéis atado por um barbante. Pega este pacote. 2º, dá uma olhada em todos os manuscritos contidos no embrulho, e separa aqueles que tenham sidos escritos de 1815 (inclusive) em diante. Verás uns papéis com traduções do *Frontone*. Deixa esses de lado, que não servem. 3º, na mesma gaveta, dentro de um envelope forrado de papel branco, verás duas cópias impressas de um artigo sobre o *Filone*, etc. Pega uma. *Item* verás muitas cópias impressas de minhas anotações sobre a *Repub.* de Cícero. Pega uma. 4º, na mesma gaveta, ou na mesinha de cabeceira (cuja chave está sobre a cômoda) deve haver uma cópia in-fólio da minha tradução de *Dionigi d'Alicarnasso*, com a tua letra. Separa-a. 5º, examina a parte superior da cômoda e, encontrando escritos posteriores a 1815, que te pareçam úteis de algum modo à presente edição, toma-os. 6º, na estante encontrarás meu *Saggio sugli errori popolari degli antichi* (Ensaio sobre os erros populares dos antigos), manuscrito encadernado. Pega-o. Faz um pacote com todas estas coisas e remete-o ao diretor dos correios de Loreto com a carta em anexo. Ele o enviará a mim sem despesas.

Falei longamente de ti a Giordani, que partiu daqui para Florença há poucos dias. Diz a papai que recebi a carta de 29 de outubro (a recebi no dia 6 deste) e que mandarei resposta. Lembranças a todos. Ama-me e escreve-me, meu querido. Infinitas lembranças de Giordani para ti e Paolina.

Adeus, meu Carluccio. Aguardo ansiosamente tuas cartas.

Não ponha nenhum endereço no pacote, pois o diretor se encarregará de fazê-lo.

106
A MONALDO LEOPARDI

Bolonha, 23 de novembro de 1825.

Amadíssimo senhor pai.

Recebi, embora como sempre atrasada, a sua caríssima de 29 de outubro, à qual respondo. Suas observações acerca da cátedra de Roma são justíssimas e amorosíssimas, como tudo seu. Digo-lhe com sinceridade que não me preocupo muito com a Cátedra, porque as Cátedras são pouco afeitas ao meu físico e à minha moral, e não me agradaria voltar a

Roma, onde o ar do estio é tão insalubre. Porém, não nego que sua reflexão sobre a certeza de que, uma vez obtido o cargo, fica-se assegurado pelo governo, exerça uma certa pressão sobre mim. Entretanto, Bunsen me escreve de Roma dizendo que não há nada de novo, e que o salário ordinário da Cátedra é de 200 escudos; se ficarmos nisto, não sei realmente o que fazer com um emprego que mal bastaria para viver. Bunsen queria que eu me transferisse logo para Roma, assegurando-me que neste caso obteria de imediato e com certeza um bom emprego, mas tive de confessar-lhe que neste momento não me seria possível fazer uma viagem. Agora o confesso também ao senhor, já que, graças a Deus, posso dizer que estou melhor. A viagem que fiz neste verão curou-me de todos os incômodos, mas trouxe-me uns probleminhas de intestino que desde lá me perseguiram. Em Milão o incômodo não foi grave, e o desprezei, mas desde que voltei a Bolonha a coisa foi piorando, a tal ponto que, durante um certo tempo, sofrendo uma forte prisão de ventre, o corpo só funcionou à força de lavagens. Agora, graças a Deus, estou melhor, já não preciso das lavagens e, após uns vinte dias em casa evitando qualquer movimento, voltei a sair. Com um pouco de paciência e de cuidado espero curar-me de todo; é o que me afirma um Médico que me assiste, dizendo que meu incômodo é longo, mas inócuo.

Fiquei feliz ao saber que Pietruccio recebeu a *prima tonsura*, e espero que isto traga benefícios para ele e para a casa. O senhor não me diz nada sobre sua saúde, nem se está inteiramente restabelecido dos resquícios da doença da primavera. Peço-lhe que dê notícias. Tio Carlo ainda está aí? E o seu ofício — ou incômodo — de Gonfaloneiro ainda dura? Que o senhor me ame e saúde em meu nome, infinitamente, a minha querida, caríssima mamãe, bem como o tio Ettore, o cura e o tio Carlo, se já não partiu. Eu o amo de coração, e anseio revê-lo e pedir-lhe a bênção de viva voz, como ora lhe peço por carta.

Seu terno filho,

Giacomo

107
A CARLO LEOPARDI

[Bolonha, 23 de novembro de 1825.]

Meu Carluccio.

Recebi o pacote que me mandaste, e dois correios depois me veio a tua última do dia 14, na qual dizes ter escrito pouco antes para mim. Mas a carta que mencionas não chegou aqui. Agradeço o enorme cuidado que

tiveste com as minhas bagatelas, e o grande amor com que me escreveste. As outras coisas a que aludes, já as tenho, ou não são necessárias. Mas precisarei do *Virgilio* e do *Inno* (Hino) revisados, e te direi como deverás expedi-los. Pensei que estivessem naquele maço envolto em papel de embrulho, e por isso não os indiquei. A edição não sairá por minha conta; terei até cópias grátis, e Paolina não precisará contribuir em nada. De resto, não nego que a coisa seja prematura, mas agora se fará assim; além disso, o meio de se obter fama é dizer ou mostrar que a possuímos, coisa que eu já sabia antes, mas que ultimamente me tem sido confirmada por mil exemplos. Meu caro Carluccio, que fazes? O que me escreveste naquela que se perdeu? Se puderes, peço de coração que a refaça. Eu aqui vou trabalhando nalguns textos para Stella, que já publicou umas coisas minhas no *Nuovo Raccoglitore*: os Discursos de Cícero, em latim e italiano, que preparei; um opúsculo à parte, cujas provas corrigi já aqui, e que te mandarei quando for publicado; e ainda uma obra maiorzinha que será impressa em breve. De resto, todos os dias suspiro por reencontrar meus queridos, e em certas caminhadas solitárias que faço por esses campos belíssimos não busco senão lembranças de Recanati. Os literatos de cá me tratam sempre com a maior deferência, honram-me com as suas visitas espontâneas — coisa que aqui é bastante apreciada — consultam-me, etc, mas te asseguro que essas honras não me causam calor ou frio. Adeus, meu Carluccio. Escreve-me longamente, te peço; fala de ti e tem amor por mim.

Adeus, adeus.

108
A PAOLINA LEOPARDI

[Bolonha], 9 de dezembro [de 1825].

Minha Paolina.

Agradece muitíssimo a mamãe pelo presente, que conservarei como uma relíquia, e diz-lhe que o consolo de ver suas letras para mim foi tanto, que quase pensei estar delirando. Dê-lhe ainda mil lembranças em nome de Angelina, que saúda também o papai, Carlo, Luigi e a ti, com todos os excessos que possas imaginar. Há algumas semanas, passeando sozinho por Bolonha, como sempre, vi escrito numa esquina *Via Remorsella*. Recordei-me de Angelina e do número 488, que me escreveste num papelzinho na noite anterior à minha partida. Fui e encontrei Angelina; ao ouvir que eu era Leopardi, ficou rubra como a Lua quando surge. Depois me disse que este era o maior consolo que poderia ter, que sonha com mamãe toda noite, e mil outras coisas. Está ótima de saúde, e ainda é mais jovial e

louçã que eu; está bem mais corada que antes. Habita em um belo bairro e leva uma vida bem cômoda. Visitou-me várias vezes com o marido, que de rosto, de roupa e de trato parece um lorde. Convidaram-me para almoçar com grande desvelo, e prometi ir. Passarei muito bem, pois se trata de um exímio cozinheiro, e pelo que me disse Angelina, a mesa de todos os dias é muito gostosa. Hoje levarei para ela um soneto que me pediu para a Missa nova. Acredita que cada vez que me encontra, pergunta pela mamãe — de quem sempre fala — e por todos daí.

Muitas lembranças a Luigi e Pietruccio, a quem dirás que espero que me escreva, acrescentando que Setacci me falou muito bem do seu belo porte no novo hábito. Dá-me novas do tio Ettore e, se achares oportuno, saúda-o por mim. Eu, como tenho dito a Carlo, estou bem, bem melhor. Mas tu não me dizes nada de ti, e isto não me agrada. Doravante não me escrevas sem dizer tuas novidades, informando-me das tuas coisas.

Adeus, minha querida. Tem amor por mim. Saúda também d. Vincenzo.

109
A PIERFRANCESCO LEOPARDI

Bolonha, 19 de dezembro de 1825.

Caro Pietruccio.

Esta carta que te escrevo é exclusivamente tua; sobre esta Paolina não tem qualquer direito. Aliás, ponho-a em testamento e disponho que não poderá ser alienada, trocada, vendida, doada, sob pena de invalidade, etc, etc. Alegro-me com a tua abadia; quando fores um abade rico, sempre que eu tiver necessidade de piastras, recorrerei a ti. Consola-me ler teu belo estilo, e asseguro-te que, se continuares assim, te tornarás com o tempo um grande escritor. Não posso lembrar-me de ti quando estou jantando, pois que não janto, mas me lembro quando almoço ou faço o desjejum — que antes fazia em teu quarto de estudo. A propósito, como vai a gramática? Saúda o senhor cura e dá-lhe as boas-festas em meu nome. O mesmo a papai e mamãe, aos quais beijarás as mãos por mim até que digam basta. Saúda também os irmãos e dá as boas festas a dom Vincenzo, dizendo-lhe que não coma muito *cappelletti*, pois lhe fará mal. Eu continuo bem, graças a Deus. Saúdo-te e me despeço com lágrimas nos olhos, porque acho que neste ano não provarei as *cialde*, desconhecidas por aqui, como tampouco tantas outras delícias da nossa terra. Podem comer a sua parte e a minha, lembrando-se de mim no café e no almoço. Adeus, tem amor por mim e pede-me o que quiseres.

Adeus, adeus. Teu

Muccio

110

A Paolina Leopardi

Bolonha, 19 de dezembro de 1825.

Minha Paolina.

Levarei tuas palavras e as de mamãe a Angelina, com quem prometi almoçar às nove da festa de Natal. Estou muito contente com as novas que me dás do tio Ettore, e peço que o saúdes bastante. Diz a papai que não respondi à sua cartinha do dia 7 porque pensei que àquela hora ele já tivesse recebido a que lhe escrevera pouco antes, onde lhe falava das notícias que tive de Bunsen sobre a promessa de emprego, etc. Procura saber se a recebeu ou não. Da próxima vez te escreverei especificamente sobre o que me dizes de ti. Entretanto, não deixa de mandar tuas novas; e tenta ficar alegre, pelo amor de Deus. Diz a Carlo para cumprimentar Puccinotti, acrescentando que me entristece saber que ele deseja nos deixar. Lembro-me que mamãe guardava numa tacinha ou vaso um certo fumo que não servia a papai. Se o encontrasses e pudesses mandá-lo para mim, seria uma grande gentileza, porque aqui é muito difícil encontrar um bom tabaco que me agrade.

Ainda não sei como são os teatros de Bolonha, porque os espetáculos me entediam mortalmente; de sorte que, após ter prometido que iria e ter faltado à palavra, preferi ser gentilmente escarnecido pelas senhoras que me convidaram para os seus palcos, dizendo francamente a todas que o teatro não me apraz. O engraçado é que o muro do meu quarto é contíguo ao *Teatro del Corso*, tanto que chego a ouvir a Comédia perfeitamente, sem sair de casa. Será que Carlo conhece um tal Tommasini de Castelfidardo, primogênito de um certo Tommasini que sofre de podagra, um autêntico *paesettaro* (caipira) que tem a audácia de se fazer passar por conde? Ele acabou de chegar a negócios, e o diabo o levou a hospedar-se aqui onde estou. Disse-me que sua família é agregada à nobreza de Recanati, e sempre me importuna com as suas indiscrições.

Sabes que companhia cômica teremos aqui para o Carnaval? A mesma que tivemos em Recanati em São Vito, no dia 24, isto é, Villani, Fracanzani, etc. Adeus, minha Paolina. Diz a mamãe tudo o que eu desejaria dizer-lhe, caso pudesse falar-lhe, exprimindo aquilo que sabes que sinto. Tem amor por mim e escreve-me.

Adeus de coração.

111

A MONALDO LEOPARDI

Bolonha, 25 de dezembro de 1825.

Caríssimo senhor pai.

O senhor pode imaginar com quanta dor eu leio a sua terníssima carta de anteontem, que acabo de receber. A bondade do pobre tio e o amor que ele tinha por mim fazem que eu sinta sua ausência até o fundo da alma; tanto mais porque eu esperava que sua doença — que costuma prolongar-se, mesmo sendo incurável — me permitisse ao menos reabraçá-lo. Seja feita a vontade de Deus. Creio que o bom tio esteja agora em Sua presença, rezando por mim e por sua família, que realmente o amou. Esteja certo de que o meu pesar por esta desgraça se duplica ao pensar na dor que o senhor manifesta, e que eu sei que sente. Se minha presença pudesse consolá-lo, e se agora eu pudesse partir em viagem, asseguro-lhe que não tardaria um momento em voar a seu encontro para abraçá-lo e ao menos compartilhar sua aflição; mas confesso que viajar nesta estação me seria insuportável, e o senhor bem sabe como minha compleição é sensível e vulnerável ao frio. Assim que o tempo permitir, e se Deus me der vida e saúde, espero ter o grande consolo de revê-lo. Mas que o senhor não me escreva mais aquelas expressões que encontro em sua carta. Pensa, caro papai, na ferida que fazem em um coração que o ama mais que a si mesmo, ao coração de um filho que daria seu sangue (eu lhe juro) para resgatar um só dos seus dias. Que o senhor pense com mais alegria, e se convença de que seu filho não tem nada no mundo de mais precioso e adorado que o senhor — nem tem maior desejo que apertá-lo de novo entre os braços. Seguirei suas recomendações em relação ao marquês Mosca. Agradeço-lhe muito pelo tabaco, que me será muito útil. Minhas ternas lembranças a mamãe e aos irmãos.

Beijo sua mão com lágrimas nos olhos, e com todo o afeto da alma peço-lhe a bênção, declarando-me seu amorosíssimo

Giacomo

112

A CARLO LEOPARDI

Bolonha, 6 de janeiro de 1826.

Meu Carluccio.

Tu me deste um grande prazer ao falar-me um pouco de ti, embora este prazer seja temperado pela dor de te ver tão triste. Mas ouvir isto de ti

não fez crescer minha dor, já que, pensando no teu estado, não podia imaginar senão tristeza. Acredita, porém, que *Lázaro não está morto, mas dorme*: quero dizer que não perdeste ainda o talento, como temes. A tua carta, que eu não seria capaz de escrever, é uma prova disto; ademais, conheço bem a tua força. O certo é que de fato há muito tempo estamos divididos, isto é, uma metade de nós mesmos está apartada da outra, e esta divisão, contrária à minha natureza, se me torna cada vez mais penosa. A melancolia, que amiúde me assalta aqui como em Recanati, tem hoje um caráter mais sombrio do que antes, e dela raras vezes emerge aquela alegria interior que costumava aparecer-me aí. Sinto que estou sem apoio e sem amor. Se eu não tivesse tido despesas extraordinárias com a minha doença, garantindo-me do frio — coisas que custam uma fábula —, a esta hora teria algum dinheiro sobrando, e talvez pudesse dizer-te: faz uma viagem até aqui, passemos uns dias juntos. De qualquer modo, espero que nesta primavera possa visitar-te, e então falaremos. Entretanto, toma coragem, pelo amor de Deus. Diz a Paolina que a roupa de pele será providencial. Quando Fusello partir, gostaria que tivesses a paciência de fazer e entregar-lhe um pacote com os manuscritos das coisas que publiquei no *Spettatore*, porque embora eu tenha aqui uma cópia desse jornal, não queria mantê-la por muito tempo submetida à edição das minhas coisas. Desejaria então os manuscritos do *Discorso sopra Mosco* (Discurso sobre Mosco), do *Mosco*, do *Discorso sopra la Batracomiomachia* (Discurso sobre a Batracomiomaquia), sobre *Orazio* (Horácio), sobre a *Titanomachia* (Titanomaquia) de Hesíodo, com a mesma *Titanomachia* em versos, e do artigo sobre o *Salterio ebraico* (Saltério hebraico) de Venturi. Brighenti procede à impressão de todas as obras de Monti. Aqui não se encontra cópia do seu *Saggio di poesie* (Seleção de poesias) publicado em Roma. Se papai consentir que o envies, Brighenti o copiará e o restituirá intacto. Caso Fusello já tenha partido, manda-o pelo correio mesmo, diretamente a Brighenti, que pagará de bom grado a pequena quantia pelo envio. Estou sempre impaciente por abraçar-te. Eu te amo de coração. Peço-te e exorto-te a ter coragem até que possamos estar juntos, falando das nossas coisas. Lembranças a todos.

Diz a Paolina que me dê alguns detalhes sobre os fatos de casa após a morte do pobre tio Ettore: se Giovannino ainda está conosco, se Pietruccio teve de papai a nomeação dos benefícios, etc; em suma, que me ponha a par de tudo. Leva a papai, mamãe e a todos os outros as saudações do tio Raimondo, que está bem. Adeus, meu Carluccio. Que o coração te diga o que não sei dizer.

Adeus, adeus.

113
A MONALDO LEOPARDI

Bolonha, 13 de janeiro de 1826.

Caríssimo senhor pai.

Agradeço-lhe muitíssimo a gentileza de mandar-me o tabaco, que irei logo retirar — e que decerto vem muito a calhar. Devo agradecer-lhe igualmente pela afetuosa oferta que o senhor me faz do benefício. Como o senhor diz que queria muito oferecê-lo a mim, não me nego a recebê-lo, e fico cheio de gratidão pela sua bondade. Se em casa não houvesse a quem o dar, garanto-lhe que me submeteria a qualquer condição para merecê-lo. Mas agora que, com enorme prazer, soube da nomeação iminente de Pietruccio, só posso aceitá-lo com algumas reservas, as quais o senhor julgará, espero, justas ou perdoáveis. A primeira é que eu desejaria não ser obrigado a adotar outro *hábito* ou *tonsura* que não aquele usado aqui pelos padres: apenas o hábito preto ou turquesa, com a echarpe negra. A segunda é que eu precisaria ser dispensado da obrigação do Ofício divino, porque, como o senhor entende, esta obrigação quase me privaria da possibilidade de estudar. Não posso absolutamente ler senão de manhã. Se eu tivesse de gastá-la a dizer o Ofício, não me sobraria tempo para as minhas atividades. A mim me bastaria ser dispensado do Ofício divino, mesmo que devesse recitar uma quantidade de preces equivalente, já que, salvo a manhã, todo o resto do dia tenho livre; eu gastaria com prazer algumas horas em preces determinadas, contanto que não fossem lidas. Parece-me que se poderia arranjar facilmente a coisa, alegando-se o estado físico dos meus olhos ao responsável pela dispensa — razão suficiente para obtê-la. De resto, a menos que eu estivesse seguro disto, se de início tivesse de recitar o Ofício divino, o faria sem problemas. Confio-me ao senhor, que saberá melhor do que eu se e com que meios se poderia obter uma tal dispensa.

Graças a Deus, a saúde está tolerável, e talvez — ou até sem talvez — estivesse bom não fosse o inverno, que para mim será sempre uma grave doença. Espero e invoco a primavera a cada momento. Minhas afetuosas lembranças a mamãe e aos irmãos. Sinceramente, fiquei um pouco surpreso com o excesso de impudência havida no espólio do pobre tio. Que o senhor me ame assim como eu — que é quanto sei e posso —, dando-me a bênção e crendo-me seu amorosíssimo filho,

Giacomo

114

A Monaldo Leopardi

Bolonha, 25 de janeiro de 1826.

Caríssimo senhor pai.

As considerações justíssimas que o senhor me expõe em sua carta do dia 16, às quais só posso agradecer, convencem-me plenamente da impossibilidade de conciliar minha vida atual com a condição de beneficiado eclesiástico. Quanto a mudar de situação, embora não deixe de apreciar infinitamente seus amorosos conselhos, bem como as razões aduzidas, devo confessar com liberdade e sinceridade filial que atualmente sinto uma tal repugnância pela idéia, que quase estou certo de não ser chamado para a função, pois me sinto pouco apto para cumprir meus novos deveres, caso os quisesse assumir. Não acho improvável — aliás, creio mais que o senhor nesta possibilidade — que com o avançar da idade minha disposição mude totalmente, conduzindo-me a aceitar esta resolução, à qual ora me sinto tão pouco inclinado; mas não quero com isto prever as ações do tempo, tomando hoje uma posição que a meu ver seria deveras prematura. Sobre o benefício, o senhor pode estar certo de que, vendo-o conferido a um irmão, experimento o mesmo prazer que eu teria se o visse em minhas mãos. De qualquer modo, volto a agradecer-lhe de todo o coração pela sua bondade em submeter a mim a decisão sobre este assunto. Aqui não neva muito, mas faz um frio terrível, que me atormenta extraordinariamente porque meu obstinado desregramento do intestino e dos rins me impede o uso do fogo, as caminhadas e o repouso prolongado. De sorte que da manhã até a noite não tenho descanso, passo todo o tempo a tremer e a soluçar de frio, a ponto de às vezes querer chorar como um menino. Mas de resto, graças a Deus, estou bem de saúde. Suspiro continuamente pela primavera, pelo momento de poder beijar sua mão, como agora faço com a alma, pedindo-lhe a bênção e confirmando-me com toda a ternura possível seu afetuosíssimo filho,

Giacomo

115

A MONALDO LEOPARDI

Bolonha, 8 de fevereiro de 1826.

Caríssimo senhor pai.

Recebo sua carta de 31 de janeiro. Desde o primeiro deste mês, graças a Deus, o frio diminuiu muito; aliás, tivemos alguns dias de quase primavera, e eu retomei meus passeios campestres sentindo-me renascer. Ainda não vi Fusello. O presente que o senhor me envia será preciosíssimo, servindo-me para obsequiar meus amigos, aos quais penso que o azeite e os figos das Marcas sejam já famosos, assim como os nossos queijos, que aqui são mais apreciados que o parmesão, pois este não ousa figurar em uma mesa senhoril, dando-se preferência a um tipo de queijo das Marcas, que é coisa rara. Não tenha dúvida de que seus livros serão preservados com todo o cuidado possível, e restituídos pontualmente. Responsabilizo-me por eles. Estou para escrever a Melchiorri, e não deixarei de lembrar-lhe a devolução do Varrão, segundo a sua vontade. Recebi pela Diligência o hábito e o tabaco, e agradeço-lhe de novo cordialmente. Já comecei a consumir o fumo, que é muito bom.

Sobre o benefício: após ter escrito minha última, soube que Roma concede às vezes aos patronos a faculdade de suspender a apresentação do novo reitor por seis ou oito anos, e de aplicar neste ínterim a renda em um uso honesto, considerando-se os encargos usuais. O senhor saberá melhor do que eu se isto é verdade. Neste caso, se o senhor a esta hora já não houver disposto do Benefício, e se achar que pode obter sem muita dificuldade e incômodo a tal dispensa, eu reconheceria como um inestimável favor de sua bondade se o senhor pudesse prevalecer-se desse intermédio para que eu gozasse, desde que lhe agrade, deste privilégio — que certamente me seria muito útil. Deste modo, sem dar à Casa mais incômodos, como não dou atualmente e creio em Deus não precisar dar no futuro, serei sempre seu devedor, bem como à família, de uma provisão que me daria uma certa tranqüilidade. Peço-lhe enviar minhas mais ternas expressões a mamãe e aos irmãos, e também, se possível, meus cumprimentos à marquesa Roberti, ao cura e a d. Vincenzo.

Que o senhor ame e abençoe este seu afetuosíssimo filho,

Giacomo

116
A CARLO LEOPARDI

Bolonha, 13 de fevereiro de 1826.

Meu Carluccio.

O que significa este silêncio tão longo em que me deixas? A cada passagem do correio penso em receber uma carta tua, e sempre me engano. Estás desconfiado de mim, ou não estás bem? Diz-me qualquer coisa, te peço, mas não me deixa mais tanto tempo sem tuas novas, sem ver tuas letras. Agora respiro estes dias tépidos que temos, e minha saúde melhora sensivelmente. Retirei na estrebaria, onde o cocheiro os havia deixado, os figos, o azeite e o pacote, mas não vi Fusello, e a coisa ficou lá oito dias, porque não sabiam meu endereço; disseram-me ainda que o cocheiro tinha uma carta para mim, mas não a recebi. No caso de uma futura eventualidade, meu endereço é: *Entrada do Teatro del Corso, em casa Baldini, aos cuidados do senhor Aliprandi.* Tenho outra incumbência para ti, mas espero que seja a última, porque acho que já esvaziei a casa. Gostaria de que pegasses as cópias que restam dos meus Cantos — Paolina sabe onde estão — e juntasses a estas uma das duas cópias em papel velino, que encontrarás na minha mesinha. Além disso, pediria que procurasses na segunda gaveta da minha cômoda a primeira cópia do *Saggio sugli errori popolari degli antichi*, que está em folhas soltas, e que fizesses de tudo isto um pacotinho e o mandasses ao diretor do Ofício Postal de Loreto, sr. Nicola Grondona, pedindo-lhe que o remeta para cá pela Diligência, ao sr. *Giuseppe Marchesini*, Empregado deste Correio, com quem já estou acertado. Em breve se publicará o anúncio de *mes oeuvres complettes.*[65] Pedi um adiamento para o retrato, que queriam fazer logo, pois no inverno me causaria um grande incômodo. O que fazes? Como te sentes? Como pensas no amor infinito que te dedico, na grande dor que tenho por não estar contigo? Acredita que não há dia, não há hora em que não pense de algum modo em ti. E Paolina, o que faz? Por que ela não me escreve há tanto tempo? Meu Carluccio: teu irmão te abraça e te beija. Saúda mamãe e papai, Paolina, Luigi, Pietruccio.

Adeus, adeus.

117
A MONALDO LEOPARDI

Bolonha, 20 de fevereiro de 1826.

Caríssimo senhor pai.

Quando me chegou a sua do dia 12 eu havia retirado há pouco, finalmente, os produtos trazidos por Fusello. Os figos e o azeite foram aplaudidíssimos e apreciadíssimos, e conquanto em casa eu não costumasse comer figos, agora, não sei como, acho-os de um sabor excelente, e até pensei em separar alguns para mim, já que o senhor foi tão generoso enviando uma grande quantidade, suficiente para todos. É bem justificado o seu espanto por não pensarem aí em comercializar queijos com os daqui — onde a produção é pouca e de má qualidade. Realmente, não se pode desculpar a indolência da nossa província em fazer render os vários gêneros preciosos que ela possui, e que excedem o consumo interno; pois os queijos não são o único produto que falta noutras partes da Itália, e que seria bem acolhido — temos ainda muitos outros que não são valorizados entre nós, tão abundantes que sequer se encontram à venda, enquanto noutras partes são procuradíssimos. E os nossos vinhos, que exportamos apenas para Roma, e em pequena quantidade — quando os temos em abundância — não seriam vendidos aqui na Emilia em preferência a estes vinhos péssimos e adulterados daqui, todos ingratos ao paladar e desaconselhados geralmente pelos médicos? Decerto este comércio não interessa aos proprietários ricos, mas há muitos que poderiam enriquecer com ele, e assim os proprietários poderiam vender seus produtos a preços convenientes. Congratulo-me com o senhor pela liberdade reconquistada. Já escrevi a Melchiorri sobre o Varrão. Aqui os dias continuam temperados, trazendo-me de volta à vida após uma vera morte, porque as penas que sofri neste inverno são indescritíveis. Ternas lembranças a mamãe e aos irmãos; caso encontre tio Vito e família, peço-lhe que os saúde por mim, assim como ao doutor Masi e ao cirurgião Prosperi, se o senhor tiver a ocasião.

Dê-me seu amor, sua bênção e creia-me sempre seu afetuosíssimo filho,

Giacomo

118
A Carlo Leopardi

Bolonha, 24 de fevereiro de 1826.

Meu Carluccio.

Graças a Deus, finalmente revejo tuas letras; devo dizer-te que teu longo silêncio me fizera suspeitar que não estivesses mais em casa, e que me quisessem esconder o que acontecera contigo. Imediatamente antes da tua carta eu havia recebido o pacote, pelo qual muito te agradeço. A minha Farfa se fez de fato, parte com a nossa biblioteca, parte trazida pelo judeu, e parte de Roma. Saibas porém que Cesari, reputado juiz supremo nessas matérias, lendo o manuscrito em Milão, diante de mim, o considerou digno dos trezentistas, e é assim que o vêem em Milão e aqui. Minhas outras coisas (exceto os textos sobre Cícero de Stella, que estão comigo e poderia enviar-te, mas não valem a pena) foram publicadas no *Raccoglitore* de Milão, e por isso não te posso mandá-las; mas são ninharias. Outras mais relevantes, que ora são publicadas em Milão,[66] as remeterei assim que tiver uma cópia... Mas então franqueias com o teu dinheiro as cartas que me escreves? Não o faças mais, pois, graças a Deus, não me pesa pagar a remessa de uma carta, te garanto; certamente custa mais a ti do que a mim. Se quisesse inteirar-te minuciosamente da minha situação, deveria alongar-me deveras, mas só te direi que desde o fim do primeiro mês, isto é, outubro, parei com as lições (caso continuassem, minha paciência não suportaria), e que vivo honrosamente e em plena liberdade; moderando-me nas despesas, passo até por rico aos meus hospedeiros. Se tivesse vontade e saúde para trabalhar mais em coisas literárias, viveria até com folga, pois não me faltariam encargos e convites de livreiros daqui, de Turim e de outras partes. O quadro que me fazes de tua situação, penoso como sempre, aumenta meu desejo de rever-te. Juro que, comparado à minha saudade, o prazer de estar numa cidade grande, e não em Recanati, de nada vale para mim; de sorte que partiria logo, se o entendimento e a razão não me obrigassem antes a assegurar-me do fruto de minha ausência, tornando-o o mais estável possível. Feito isto, te reabraçarei imediatamente, o que sem dúvida ocorrerá em breve. Na verdade, gostaria de ganhar dinheiro, mas não para mim: para poder ajudar-te em qualquer coisa. Este seria o maior consolo que a sorte me poderia dar, o qual me faria perdoá-la por todos os males que me trouxe e me trará. As expressões do teu amor, se não estivessem misturadas à dor, alegrariam minha alma. Tu, o teu amor, a idéia de ti são como a coluna e a âncora da minha vida. Cada parte dela se volta para ali como a um eixo. Como disse várias vezes a Giordani e a Papadopoli, que bem

entendem minha situação, se eu devesse duvidar por um momento de que me amas, de que és fiel a mim, ou se tu pudesses por alguma razão deixar de sê-lo, ou se duvidasses do meu amor e fidelidade, enfim, se esta fé teológica, esta coexistência que temos juntos fosse suspensa, eu não seria mais aquele de agora, minha existência não teria mais seu fundamento, e de súbito todo o mundo se transfiguraria para mim, tal como se transfigura um cenário. Lembranças a papai e mamãe, a Luigi e Pietruccio. Saúda Paolina, e diz-lhe que me escreva, mas sem franquear a carta. Adeus, meu Carluccio. Acredita que se eu não tivesse em ti a confiança que me pedes, sequer teria forças para escrever esta carta, nem para abrir os olhos à luz do sol.

119
A PAOLINA LEOPARDI

Bolonha, 1 de março de 1826.

Minha Paolina.

Finalmente revejo tuas letras, tão preciosas para mim. Recebo hoje tua carta, e hoje respondo: portanto, que mamãe não se espante se não vir junto com esta o veludo que me pediu — assegura-lhe que farei o possível para servi-la logo e a contento, beijando-lhe a mão o mais carinhosamente que puderes. Agradeço muito as notícias que me trazes daí, reiterando que as estimo muito e que desejo que mas escrevas com freqüência. Que eu me lembre, nunca estive em Florença; acredita que eu não teria nenhum motivo para fazer disso um mistério. Embora neste outono tenha tido a intenção e a oportunidade de visitá-la, tive de renunciar a isso, porque a viagem teria sido envenenada pela minha indisposição. É verdade que neste inverno, conquanto tenha saído todos os dias, fiz uma vida retirada por causa da habitual preguiça que o frio me impõe; mas Ricci lhes fala de novembro, quando eu estava sempre com um clister às costas, e bem vês se eu poderia levar uma vida dissipada nesse estado. De resto, não dêem ouvidos a Ricci, que é um excelente jovem, mas não entende nada, é um embromador e sobretudo um terrível maçante, tanto que aqui, para desembaraçar-me, fui obrigado a mandar que dissessem que eu não estava em casa, aonde vinha a cada três dias pedir-me que lhe apresentasse ao mundo literário. Muitas lembranças a Carlo; diz-lhe que me escreva. Fala-me um pouco de Luigi, e de como Pietruccio tem estudado e se sentido em seu novo hábito[67] — estou impaciente para vê-lo. Há um bom tempo Giordani não me escreve, nem a ninguém, porque se tornou o homem mais preguiçoso e folgazão do

mundo. Quanto ao exemplar dos meus opúsculos, não duvides de que terás um só teu, sem agregados. Não sonho contigo porque sabes que fora de Recanati não sonho nunca (coisa que me espanta, mas é a pura verdade); mas penso em ti acordado, e te amo cada dia mais, se é que isto é possível. Mas por que não me dás notícias de ti? Tu te esqueceste de uma parte essencial, e por isso condeno-te a voltar a me escrever, dizendo-me tudo sobre tua vida. Caso encontres tia Mazzagalli e primas, cumprimenta-as, *si bon te semblera.* Saúda também o cura e d. Vincenzo. Adeus, minha Paolina. Não escrevo mais porque se quisesse responder às tuas expressões de afeto, explicando os sentimentos que tenho por ti, não encontraria palavras para tanto — e, acredita, não saberia como exprimir-me.

120
A GIANPIETRO VIEUSSEUX

Bolonha, 4 de março de 1826.

Meu gentilíssimo, prezadíssimo e caro senhor.

Agradeço-lhe pela honra que me conferiu ao publicar meus diálogos em seu jornal,[68] embora eu perceba que não soube explicar a Giordani minhas idéias a esse propósito, e apesar de me terem vexado os vários e tremendos erros que ocorreram na impressão (tantos que durante a leitura eu não me entendia a mim mesmo), bem como a bárbara ortografia que reina ali. Conquanto o artigo que me diz respeito tenha o título de *primeiro ensaio,* não creio que haja a intenção de publicar outros diálogos, dos quais não terá ficado nenhuma cópia aí, depois que me foi restituído o manuscrito — cuja diligentíssima devolução muito agradeço. Em caso contrário, pedir-lhe-ia, se não for incômodo, que suspenda por ora esta publicação.

Mas sobretudo devo agradecer-lhe sincera e calorosamente a sua carinhosa carta. Às suas amáveis e cordiais expressões, respondo que há muito tempo o estimo sumamente, e o amo de coração; considero-o um homem precioso à Itália, de quem de bom grado eu diria o que Agamenon disse do exército grego a propósito de Nestor: que com dez iguais a ele o país estaria em melhores condições. E acrescento que, ao ver ou escrever a Giordani, jamais deixei de pedir-lhe que o saudasse afetuosamente por mim.

Passo ao gentil convite para escrever em seu jornal, que sempre considerei não só como o único jornal italiano, mas também como uma publicação que, em muitas de suas partes, tem a honra de não parecer fatura italiana. Creia-me que aquele pouco (realmente pouco) de que sou capaz, eu

o dispensaria inteiramente e com prazer ao serviço da Itália e seu, ajudando-o nesta empresa na medida das minhas forças; ademais, reconheço e aprecio a honra que me fez ao julgar-me idôneo para auxiliá-lo. Mas queira acreditar que atualmente tenho tantos empenhos com livreiros de Milão e de outras partes, que não tenho tempo para me dedicar ao estudo, de modo que, sem querer faltar à palavra e ao meu débito, não posso assumir outras atividades; tanto mais que não sou nada hábil em fazer muitas coisas ao mesmo tempo. Trata-se de um obstáculo circunstancial, que pode ser superado. Mas creio que a proposta de me tornar seu colaborador regular será incompatível com o meu estado, porque minha saúde, apenas estável, não se submete a nenhuma regra do mundo, e não permite que eu me obrigue a prazos determinados. Basta: se a maldita saúde não me impedir, quero nesta primavera dar um pulo a Florença, quando então poderemos discorrer e resolver estes particulares de viva voz.

Entretanto, como não sei e jamais soube suportar ser tomado por aquilo que não sou, ou apto àquilo que não sei fazer, permita-me uma ressalva. Sua idéia do *Hermite des Apennins* é em si mesma muito oportuna. Mas para que este bom Eremita pudesse flagelar os nossos costumes e instituições, conviria que, antes de retirar-se em sua ermida, houvesse vivido no mundo, participando ativamente das coisas da sociedade. Ora, este não é o meu caso. Minha vida, antes por força das circunstâncias e contra a minha vontade, depois por inclinação nascida do hábito convertido em natureza e tornado indelével, sempre foi, é, e será perpetuamente solitária, mesmo em meio aos debates — aos quais, para dizer à inglesa, sou mais *absent* do que seria um cego surdo. Em mim, este vício da *absence* é incorrigível e desesperado. Se quiser convencer-se de minha bestialidade, pergunte a Giordani, a quem, se for o caso, dou plena licença para dizer-lhe a meu respeito todo o mal que mereço, e que é a verdade. Deste costume e deste caráter decorre naturalmente que os homens são a meus olhos aquilo que são na natureza, isto é, uma ínfima parte do universo; minhas relações com eles e suas mútuas relações não me interessam em absoluto, e, não me interessando, não os observo senão muito superficialmente. Por isso, esteja certo de que, em filosofia social, sou um completo ignorante. Contudo, habituei-me a observar seguidamente a mim mesmo, isto é, o homem em si, bem como suas relações com o resto da natureza, das quais, com toda a minha solidão, não posso liberar-me. Tenha portanto por certo que minha filosofia (se quer honrá-la com este nome) não é daquele gênero que se aprecia e que é bem-vindo neste século; é útil apenas a mim mesmo, porque me faz desprezar a vida e considerar todas as coisas como quimeras, ajudando-me assim a suportar a existência — mas não sei se possa ser útil à sociedade, ou a quem deva escrever para um jornal.

Este discurso, que de resto teria sido despropositado e supérfluo, poderá servir para determinar sua opinião acerca das minhas capacidades, assim como sobre o gênero e o grau de utilidade que poderá esperar dos meus escritos.

Veja que não lhe falei com menos franqueza do que a que usou comigo. Creio, aliás, que o superei neste aspecto, como facilmente me sucede. Espero ter o prazer de revê-lo e, se me permite, de abraçá-lo pessoalmente, desejando ainda que não descuide de favorecer-me e alegrar-me com as suas cartas.

Seu devotíssimo servidor e cordial amigo,

Giacomo Leopardi

121
A PAOLINA LEOPARDI

Bolonha, 17 de março de 1826.

Cara Paolina.

Agradece muito a papai e mamãe pelos novos presentes que me mandam, os quais servirão para aumentar o pretígio que angariei com os figos e o azeite, eternamente elogiados. Agradece em particular ao papai pelas notícias que me dá de S. Gerio, que eu não havia entendido que era o mesmo S. Girio. O caso de Urbino[69] não é viável, pois uma Cátedra não me interessa, já que tenho pouca ou nenhuma vontade de sofrer. Ademais, cá entre nós, é uma cátedra de província cobiçada por um meu colega — cujo salário seria uma miséria. Diverte-te com Carlo dizendo-lhe que suas roupas favoritas não estão mais na moda, pois não só os ingleses, mas até os franceses, homens e mulheres, que viajam pela Itália, se riem, como pude observar, dos italianos que se vestem com elas. Se para assemelhar-me a Carlo o que me falta, a teu ver, é a gordura, consola-te; todos me dizem espantados, e eu mesmo percebo, que engordei muitíssimo, mas não sei por que, pois não como quase nada, mesmo estando bem. Angelina, que manda lembranças a mamãe, papai e a todos, desejaria ter as alianças de batismo de dois irmãos seus nascidos aí; um deles deve esposar-se em breve, precisando para isto da aliança. Deu-me o nome, etc num papelzinho que transcrevo aqui *exatamente*. Atenção: *aos 17 de janeiro de 1799 nasceu Antônio, filho de Adão* (como todos nós) *Jobbi e Metilde Alesandrini. Aos 8 de fevereiro de 1801 nasceu Giovanni, filho dos mesmos pais acima, sob* (acima e sob) *a paróquia de S. Agostinho de Recanati e o pároco perna torta.* Ela pede que a avisem da despesa necessária. Saúda Luigetto e Pietruccio, e quanto ao livro, por favor, espera um mo-

mento para ver se o Governador o restitui a ti, pois restou-me apenas uma cópia dele, a qual não despacharei enquanto não souber da devolução — caso isto não ocorra, a mandarei para aí. Minha cara Paolina, podes imaginar muito bem quanto eu te amo, quanto desejo ver-te contente e satisfeita, quanto eu faria para te ver assim. Continua a enviar-me tuas novas, e beija por mim as mãos de papai e mamãe. Espero a carta de Carlo pelo almocreve. Cumprimenta o cura e d. Vincenzo, dando-lhes em meu nome boa Páscoa — que eu passarei sem ovos, sem rosca,[70] sem sinal de solenidade. Tem amor por mim; te abraço. Adeus, adeus.

Anteontem à noite veio visitar-me, sem me encontrar, Peppe Melchiorri, que está triunfando e prosperando em Paris; já é mensageiro extraordinário do Governo junto a um cardeal cujo nome, que me deixou por escrito, não entendi.

122
A PIETRO BRIGHENTI

[Bolonha, março de 1826.]

Caro amigo.

Acho que me disseste uma vez que gostavas dos queijos das Marcas. Se assim é, posso ousar oferecer-te uma amostra? Nós o oferecemos ao nosso cura quando estamos na Páscoa. Como não festejo a Páscoa, o ofereço a meu Pe. abade, pedindo-lhe que me absolva sem se importar de ouvir meus pecados, que não valem a pena ser ouvidos, pois que, salvo aquele já expiado pelo batismo, não têm nada de original. Espero que não sejas menos indulgente que o nosso cura, que nos perdoa a liberdade de lhe oferecermos essas bagatelas. Dando-lhe boa Páscoa, declaro-me seu humilde servidor e súdito, frei Iacopo da Monte Morello.

Fecho bem o bilhete para que a dona, interpretando-o mal, não o leve à Inquisição.

123
A CARLO LEOPARDI

Bolonha, 4 de abril de 1826.

Meu Carluccio.

Recebi a tua em 11 de março pelo almocreve; agradeço, mas preferiria que me escrevesses cartas mais longas e mais freqüentes. Mandarei os

anúncios do Cícero, se quiseres, mas saibas que estão mal escritos, bem distantes da idéia que fazes. Há apenas um latino e um italiano sem barbarismos. A parte francesa foi entregue a um francês em Milão, depois refeita por um outro, e enfim corrigida por mim mesmo — de tão bárbara que era. Talvez algumas coisinhas que publiquei na Antologia não te desagradassem, caso as pudesse mandar. Mas serão publicadas à parte, e só então as mandarei para ti. De mim não saberia o que dizer, senão que na noite da Segunda de Páscoa recitei no Cassino da academia dos Felsinei, em presença do Legado e da flor da nobreza de Bolonha, senhoras e senhores, a convite, já que não sou acadêmico, do secretário em pessoa, e em nome da academia — coisa insólita. Dizem que meus versos fizeram muito efeito, e que todos, mulheres e homens, os querem ler. Muitas, muitas lembranças a mamãe e a Paolina; agradece-lhes as alianças, por Angelina e por mim. Não sejas tão avaro com as tuas cartas. Giordani manda lembranças a ti e a Paolina, e saúda papai efusivamente. Lembranças a Luigi e Pietruccio.

Adeus, querido Carluccio.

124
A CARLO LEOPARDI

[Bolonha], 14 de abril [de 1826].

Meu Carluccio.

Tuas cartas sempre me deixam um sentimento de tristeza, pois mesmo que eu tivesse mil motivos de alegria, quando não tenho nenhum, jamais poderia estar feliz pensando que o principal objeto da minha afeição — mais que qualquer outro, real ou imaginário — vive em tanta melancolia. Juro-te que a atual meta de minha vida, a matéria dos meus castelos no ar, das minhas principais esperanças, é o nosso reencontro. Estou tão enfastiado das honras, que tento esquivá-las. Os outros prazeres que se poderiam encontrar numa grande cidade, sabes que não são para mim. Portanto, não tenho outra perspectiva senão o teu amor, senão voltar a recebê-lo. Assim que tiver terminado um trabalhinho maçante para o Stella,[71] que não poderia ser feito em Recanati, nos reveremos. De resto, busco sempre no espírito um modo de tirar-te do teu deserto, ao menos por algum tempo. Se minha saúde fosse melhor e eu tivesse mais forças, estou certo de que o conseguiria. Mas espero que mesmo nestas circunstâncias eu possa fazer alguma coisa. Minha alma se aperta quando me lembras aquela noite em que nos deixamos. Eu estava com o corpo tão fraco, que a alma não tinha forças para discernir a situação. Lembro-me

que embarquei com um sentimento de cega e desesperada resignação, como se caminhasse para a morte ou algo parecido, pondo-me inteiro nas mãos do destino. Mas a idéia da dor que sentiste me horroriza, deixado naquela tétrica solidão, sem um pensamento que te consolasse. Assim, meu Carluccio, te fiz sofrer sem que te pudesse alegrar.

Na *Antologia* não estão todos os meus opúsculos morais, mas só uma amostra deles, que ora se reimprime, em um jornal e à parte, em Milão, onde talvez os publiquem todos. A primavera aqui também foi belíssima, mas me trouxe aquela agitação de nervos que costumo sentir nessa estação, com todos os incômodos habituais. Mas são penas risíveis em comparação às do inverno infernal; o calor, no entanto, me ajuda bastante.

Tu me falas de uma moda introduzida aí recentemente. Entendo a que gênero de moda te referes,[72] mas não sei nada do que se passa por essas bandas. O Governador escreve dizendo-me que está para mudar-se, e que teria muito prazer se eu escrevesse para casa pedindo que lhe dessem um baú, em troca de um que ele me deu. Estou tentando um meio de devolver logo o dele, são e salvo, e só estou avisando porque temo que ele lhes faça o mesmo pedido que fez a mim.

Meu caro Carluccio, conserva teu amor por mim, no qual deposito toda minha vida. Lembranças a todos.

125
A PAOLINA LEOPARDI

[Bolonha,] 1 de maio de 1826.

Cara Paolina.

Recebi o pacote, a caixa e a tua carta pela bondosa Bosi, que esteve aqui duas vezes. Ela agradece muito a mamãe e papai pelos queijos, em particular a papai pela belíssima caixa,[73] que já estou usando. Papai me pede que eu procure um pouco de música para Luigi. É verdade que estou na casa de dois ex-cantores famosos, que em seu tempo giraram meia Europa; mas atualmente não pensam mais em música, e decerto não serão de interesse para Luigi, porque nunca cultivaram a música instrumental e conservam escassas partituras, que hoje são ultrapassadas. Não obstante, encontro-me de fato entre a música, porque aqui em Bolonha, a começar pelos salões, todos querem cantar ou tocar — há música em toda parte. Facilmente acharei alguma coisa para mandar a Luigi, que não precisará copiá-la e devolvê-la; isto seria impossível, já que aqui todos são avaros da sua música, como em Recanati. No entanto, é preciso saber se Luigi deseja sonatas para flauta solo, ou para flauta com acompanhamento de

uma ou mais flautas, ou de piano, ou de orquestra, etc. Especifica-me o gênero de sonata, pois aqui tenho quem poderá me instruir sobre isso. As coisas que te mando junto com esta, mando-as por não saber o que mandar, já que ainda não tenho as minhas edições de Milão. Darás a Carlo as duas publicações sobre Cícero, e o cumprimentarás com afeto em nome de Gaetano Melchiorri, que noutro dia apareceu inopinadamente em meu quarto. Não preciso recomendar que o saúdes infinitamente de minha parte, bem como a Luigi e Pietruccio; e que beijes a mão de papai e mamãe. Cumprimenta também o cura e d. Vincenzo. Se eu te quero bem? Que pergunta! Melhor perguntar-me se posso amar-te ainda mais. Aqui não estamos em maio, mas em janeiro; retirei-me do mundo há quinze dias, maldizendo Bolonha e quem a inventou. *Oh qu'heureux que je suis!*,[74] não te parece?

Adeus, adeus.

126
A CARLO LEOPARDI

Bolonha, 30 de maio de 1826.

Meu Carluccio.

Paolina me diz que tens críticas a fazer aos meus textos de Cícero. Por que as não escreve a mim? Lamentas que eu não tenha mandado os versos feitos para a Academia. Fica sabendo que os havia posto no envelope; depois os retirei, pois não estava certo de que não cairiam em outras mãos que não as tuas e as de Paolina. Envio-te pelo correio minhas coisas publicadas na *Antologia*. Mas não quero que sejam lidas senão por ti e por Paolina. Entenderás o motivo ao lê-las. Sugere-me portanto um nome falso, sob o qual eu possa remetê-las para aí. Faze-me o favor de dar ao papai a cartinha em anexo, e de dizer a mamãe que Angelina me informou que d. Rodriguez está há algum tempo acamado, com poucas possibilidades de se recuperar. Ontem mandou dizer que piorou bastante, e que já não entrava ninguém em seu quarto. Se houver novidades, escreverei logo.

Que fazes, meu caro Carluccio? Quanto me amas? Falei muito de ti com Gaetano Melchiorri, que de fato te estima e se compadece de ti. Dasabafa de quando em quando comigo, meu caro infeliz. Estarei aí dentro de dois ou três meses, sem falta; a menos que a saúde me impossibilite de todo.

Fiz amizade com uma mulher (Florentina de nascença),[75] casada com uma das principais famílias daqui, que hoje absorve grande parte de minha vida. Não é jovem, mas tem uma graça e um espírito (crê em mim,

que até então fui incrédulo) que compensam a juventude e criam uma ilusão maravilhosa. Nos primeiros dias em que a conheci, vivi numa espécie de delírio febril. Nunca falamos de amor, senão de forma jocosa, mas condividimos um sentimento terno e sensível, de interesse recíproco, num abandono que é como um amor tranqüilo. Tem por mim um altíssimo afeto; quando leio algo meu, costuma chorar sinceramente, sem afetação; as lisonjas dos outros não têm para mim substância, mas as suas se convertem todas em sangue, e me ficam todas na alma. Ama e entende deveras as letras e a filosofia; jamais nos falta matéria de conversação, e quase toda noite passo com ela, da Ave Maria à meia-noite ou mais, o que me parece um instante. Confidenciamos todos os nossos segredos, nos repreendemos, nos indicamos os nossos defeitos. Em suma, esta relação marca e marcará uma época bem específica de minha vida, porque desenganou-me do desengano, convenceu-me de que estou realmente no mundo dos prazeres que eu achava impossíveis, de que ainda sou capaz de ilusões estáveis, malgrado a cognição e o hábito tão contrários e arraigados, e ressuscitou meu coração depois de um sono, aliás, uma morte completa, que durou tantos anos.

Diz a Luigi que procurarei atendê-lo com a música. Saúda calorosamente papai e mamãe, Paolina, Luigi e Pietruccio. Escreve-me, minha alma, e acredita que tal como venho recuperando minha capacidade de amar, assim tem crescido dia a dia a força e a sensibilidade do amor agitado que te dedico — que por tanto tempo foi o único sinal de vida em minha alma.

127
A FRANCESCO PUCCINOTTI

Bolonha, 5 de junho de 1826.

Meu caro Puccinotti.

Acredita-me que se na última carta te tratei por *senhor*, e não por *tu*, foi sem premeditação, porque assim me veio à pena; e se não assinei meu nome, foi justamente em sinal de confidência, pois assim costumo fazer com os amigos mais íntimos, considerando que não lhes será necessária a assinatura para que me reconheçam. Como vai a tua dor de cabeça? e a leitura de Byron? Realmente, este é um dos poucos poetas dignos do século e das almas quentes e sensíveis como a tua. *As memórias* de Goethe têm muitas coisas novas e interessantes, tais como todas as obras do autor e de grande parte da prosa alemã; mas estão escritas com tamanha confusão e obscuridade selvagem, e revelam certos sentimentos e princí-

pios tão bizarros, místicos e visionários, que se eu devesse dar meu parecer, diria que de fato não me agradam muito. Causa-me espanto o que me dizes de Costa, porque desde novembro deixei um exemplar das canções com Giacomo Ricci, dizendo-lhe que o remetesse a Costa[76] — e assim ficou acertado. Falo e ouço falar por aqui de Franceschi, sobre a qual paira uma grande expectativa. Se teus conselhos podem influenciá-la, como creio, exorta-a firmemente, não digo a deixar os versos, mas a cultivar mais a prosa e a filosofia. Isto é o que me esforço em predicar nesta bendita Bolonha, onde parece que literato e poeta, ou versificador, sejam sinônimos. Todos querem fazer versos, mas todos lêem muito mais prosa; bem sabes que este século não é nem poderia ser poético, e que um poeta, mesmo altíssimo, causaria pouco alarde, e ainda que se tornasse famoso em sua pátria, dificilmente seria conhecido no resto da Europa, porque a poesia perfeita não permite ser vertida em línguas estrangeiras, e porque a Europa quer coisas mais verazes e duras que a poesia. Perseguindo os versos e as frivolidades (falo generalizando), freqüentemente prestamos um serviço aos nossos tiranos, porque reduzimos a literatura — única fonte de princípios para a regeneração do nosso país — a jogo e passatempo. Caso se dê aos estudos, com o tempo e o engenho que tem, Franceschi poderá ser imortal, contanto que saiba desprezar o elogio fácil dos tolos, elogios que são comuns a tantos e que duram tão pouco; se ela se voltar seriamente para as coisas graves e filosóficas, como fizeram e fazem as mulheres mais famosas de outras nações, será uma grande honra para a Itália, que tem muitas poetisas, mas deseja uma literata.

Meus Diálogos publicados na *Antologia* foram apenas uma amostra, e por isso são tão poucos e breves. A escolha foi feita por Giordani, que, sem que eu soubesse, pôs o último no início. O manuscrito completo está agora em Milão, onde será impresso, caso a Censura o permita — coisa bastante duvidosa. Eu te amo e falo amiúde de ti, com todos os elogios que mereces. Como vão tuas lições? Em que belas coisas estás meditando?

Escreve-me e ama-me de coração; recorre a mim no que eu puder ser útil. Teu

Leopardi

128
A CARLO LEOPARDI

[Bolonha], 21 de junho [de 1826].

Meu caro amor.

A tua resposta mencionada na última do dia 19 nunca me chegou. Fica sabendo que a tua última me perturbou bastante, porque seria muito triste se papai e mamãe pensassem mal de mim. Creio que a violação de tua carta não te causaria nenhum mal, mas quanto a mim, poderia colocar-me em maus lençóis, o que me desagrada muito, já que, cheio de vontade de reabraçar-te e de estar contigo, seria doloroso perceber em papai e mamãe uma animosidade em relação a mim. Mas a parte que mais me perturbou foi aquela em que falaste de uma certa fraqueza física. Então estás mal? Meu caro Carluccio, tu sabes que nossas existências são uma só, que se não estou plenamente informado do seu estado, não posso saber do meu, que se desconfio de algum mal em ti, não posso ter um instante de paz. Escreve-me tudo, não me escondas nada, em nome do amor infinito e sempiterno que compartilhamos. Eu me angustio dia e noite pensando em tuas tristezas e infelicidades. Com isto não digo que sou feliz, nem que estou muito mais contente do que estava em casa; mas acredito que se estivesses em minha atual condição, serias mais feliz do que eu, ou certamente menos triste e desesperado do que estando em casa. Certamente nos veremos logo; mas, entretanto, procura entender o que papai pensa de mim, tenta se possível entabular uma conversa com ele, e em seguida escreve-me com sinceridade. Remeto-te esta sob nome falso. Na verdade, é uma grande imprudência deixar que as minhas cartas, ou as tuas, caiam nas mãos de mamãe. Eu sempre tive o maior cuidado. Doravante, cuida para que isto não aconteça mais. Envio-te, sob o mesmo nome falso, a reimpressão dos opúsculos publicados na *Antologia* de Florença. Não te mandei a poesia recitada na Academia porque, sendo manuscrita, o correio cobraria muito caro; mostrá-la-ei quando estivermos juntos. Escreverei a Paolina com a próxima remessa, enviando-lhe o primeiro volume do Petrarca. Meu caro Carluccio, eu estava certo de que não podias abandonar-me. Escrevi aquela carta com a suspeita de que pudessem abri-la como abriram a precedente. Na dúvida, tive de escolher expressões vagas e diversas das que me ditava o espírito. Diz-me logo algo de ti, e como estás de saúde. Vivo muito entediado e irritado, mas com o calor melhoro sensivelmente de saúde. Amo-te acima de tudo, e amo apenas a ti; não sofro outra dor senão a tua, não tenho outro desejo ou esperança além de rever-te. Por Deus, tem coragem.

Beijo-te e recomendo que meu livro não seja lido por outrem, pois temo que certas idéias possam desagradar a papai.

129
A PAOLINA LEOPARDI

Bolonha, 23 de junho de 1826.

Minha Paolina.

Mando-te o primeiro tomo do Petrarca. Estou esperando outros dois, que também enviarei. Os outros sairão em breve, pois meu trabalho já terminou. Verás que tipo de esforço os pobres literatos são às vezes constrangidos a fazer. Mas certamente este será o primeiro e último do gênero; jamais o teria feito se não me houvesse comprometido irrefletidamente, o que até hoje lamento. Todavia, consegui desvencilhar-me mais cedo do que pensava.

Continuo a suspirar pelo momento de rever Recanati, que virá em breve, se Deus quiser. Aqui há uma contínua mortandade: noite passada foram mortas quatro pessoas em diversos pontos da cidade. O governo não toma conhecimento disto. Finalmente me veio um tantinho de medo, comecei a andar com mais cuidado à noite, trazendo sempre dinheiro comigo, porque sabe-se que, quando não encontram dinheiro, matam sem cerimônia. Muitas lembranças a papai, mamãe e aos irmãos. Há uns dias o marido de Angelina me disse que d. Rodriguez ainda está vivo, mas que não durará muito. Como estás de saúde? Como vai papai e mamãe? Como estão os irmãos? E Pietruccio, o que faz? Não evites entrar em detalhes quando me escreveres, informando-me tudo sobre minha querida família. Com o verão minha saúde tem melhorado muito, graças a Deus. Finalmente posso viver sem as pílulas, coisa que me parece uma maravilha, pois desde outubro dependo delas — e as pílulas atacam terrivelmente meu estômago. Saúda d. Vincenzo e o cura.

Adeus, minha Paolina. Amo-te como sempre. Giordani manda lembranças a ti e a Carlo.

130
A MONALDO LEOPARDI

Bolonha, 3 de julho de 1826.

Caríssimo senhor pai.

Sua carta me causou uma forte alegria, e sempre me causará alegria comunicar com o senhor, tal como me deu e sempre dará tristeza seu longo silêncio — a menos que eu possa pensar que ele decorra de suas ocupações mais urgentes, que não lhe deixam tempo para outras atividades.

Se Deus quiser, nunca mais passarei o inverno em climas mais frios que o de minha terra natal. Espero estar aí com o despontar do outono, a menos que a saúde me impeça decididamente; quanto à minha estada, o senhor disporá como quiser. Entretanto, não se preocupe com a minha segurança. A freqüência de homicídios nesses últimos dias foi realmente horrível, mas tomei a decisão de jamais andar à noite senão pelas ruas e lugares mais freqüentados de Bolonha; assim, enquanto não começarem a matar em meio à multidão (quando o dia se tornaria tão perigoso quanto a noite), nada poderá me acontecer, e estarei seguro. Tenho ainda a vantagem de habitar no centro da cidade, em frente a um corpo de guarda, de modo que ao voltar para casa não sou obrigado a passar por lugares perigosos.

Se não pus o nome de Recanati no frontispício do Petrarca, não foi certamente porque me envergonhe de minha pátria, mas porque antepô-lo a uma obra minha me pareceria uma afetação; o senhor pode ver que nenhum escritor de hoje o faz, seja a sua pátria ilustre ou obscura. Quando meus opúsculos forem impressos em livro, não será afetação indicar a pátria, e eu o farei sem falta. Stella achou o Petrarca um ótimo investimento, não só pelo interesse estrangeiro, mas também porque esses estudos e pedanterias são dominantes na Itália, sobretudo na Lombardia, onde não se conhece outra coisa; ele espera, pois, fazer um belíssimo negócio publicando esta obra, e eu sou da mesma opinião. De resto, o trabalho foi extremamente difícil, longo e tedioso. Contudo, embora calculasse terminá-lo somente no outono, já o concluí e entreguei; se não o houvesse interrompido por cinco meses, consumidos seja em outras coisas, seja nas dores do frio, obrigando-me a retardar os estudos, o teria terminado bem antes.

Há mais de uma semana o clima é sereno e quente. O tempo favoreceu a festa dos adornos, que a mim, pouco amante dos espetáculos, pareceu-me bela e digna de ser vista, especialmente à noite, quando um amplo espaço, soberbamente ataviado, com lustres de cristal e espelhos, claro como o dia, ornado de quadros, com centenas de cadeiras, todas ocupadas por pessoas vestidas de modo senhoril, parece transformado num autêntico salão de conversas.

Minha saúde é passável, graças a Deus. O tio Mosca, que o saúda caramente, gostaria de saber o que houve com o médico Giordani, de quem não tem notícias há muito tempo. Minhas ternas lembranças a mamãe e aos irmãos. Meus respeitos à marquesa Roberti e a Broglio, caso tenha ocasião de escrever-lhes. Queira-me bem e, se não for incômodo, me dê notícias de sua saúde e das atuais ocupações. Terei em vista o que o senhor me escreve. Convença-se do vivíssimo e afetuosíssimo amor que lhe dedico, bem como da enorme gratidão que lhe tenho e terei por toda a vida.

Beijo-lhe a mão com a alma e, pedindo-lhe a bênção, confirmo-me seu amorosíssimo filho.

131

A Carlo Leopardi

Bolonha, 6 de outubro de 1826.

Meu Carluccio.

É verdade que tuas cartas são tristes, mas são caras e belas, e eu prefiro ouvir tuas lamentações a sofrer o teu silêncio. Teu estilo se assemelha ao de Goethe nas *Memórias da sua vida*, que ele publicou recentemente. Compreendo perfeitamente toda a dor do teu estado, e vejo que deves sofrer bem mais do que eu sofria, pois que em mim a atividade interna se consumiu rapidamente por si mesma, em seu próprio excesso, por escassez de forças físicas, de modo que toda tensão cessou e eu fiquei na paz da velhice. Mas tu tens ainda muita força corporal para sustentar a atividade do espírito, para te fazer sentir toda a angústia que nasce da oposição percebida pelo espírito, do estado de *contrainte* em que este se encontra há tanto tempo. Falaremos mais destas coisas pessoalmente. Giordani, que te faz muitos elogios, manda muitas lembranças a ti e a Paolina. O Petrarca ainda não foi enviado a Macerata porque não saiu do prelo. Não o mandei a Puccinotti, que me perguntou por ele, porque não tenho cópias sobrando, e também porque acho que quem o quiser, que o compre. Até à próxima, meu caro Carluccio, até breve; queira Deus que eu possa consolar-te.

Adeus, minha alma.

Minha cara Paolina. Angelina havia dado à luz enquanto eu te escrevia. Soube disso assim que fechei a carta, e no dia seguinte fui ao batizado da criatura, que é menino, e *très viable*. Angelina está bem, e já anda há alguns dias; creio até que já saiu de casa, malgrado minhas recomendações. Ela manda lembranças a mamãe, a ti e a todos. Insiro nesta uma resposta a Pietruccio, separada e bem lacrada, para que ele possa tê-la toda para si.

Adeus, minha Paolina; até breve.

132
A CARLO PEPOLI

Bolonha... 1826.

Caro amigo.

Mando-te as notícias pouco notáveis de minha vida, e acrescento dois livrinhos, onde, nos lugares assinalados, encontrarás coisas que não sei se te interessarão. Devolvo o segundo volume de Buhle,[77] que Malvezzi não leu alegando não ter tido tempo para continuar uma leitura tão pesada, a qual demandava maior atenção e estudo do que os que ela lhe poderia dispensar atualmente. Por isso, não te preocupes em conseguir-lhe outro volume. Tem amor por mim; adeus de coração.

"Filho do conde Monaldo Leopardi, de Recanati, cidade da Marca de Ancona, e da marquesa Adelaide Antici, da mesma cidade, nascido em 29 de junho de 1798, em Recanati.

"Viveu sempre na pátria até aos 24 anos de idade.

"Não teve preceptores senão para os primeiros rudimentos, que aprendeu com pedagogos contratados expressamente por seu pai. Porém, desfrutou uma rica biblioteca reunida pelo pai, homem muito amante das letras.

"Nessa biblioteca passou a maior parte da vida, até quando lhe permitiu a saúde, destruída pelos estudos iniciados aos 10 anos de idade, independentemente dos preceptores, nos quais depois prosseguiu sem descanso, fazendo deles sua única ocupação.

"Aprendida, sem mestres, a língua grega, deu-se seriamente aos estudos filológicos, perseverando neles por sete anos; até que, arruinada a visão, e obrigado a passar um ano inteiro (1819) sem ler, voltou-se para o pensamento, afeiçoando-se naturalmente à filosofia, à qual se dedica quase exclusivamente até hoje — bem como à bela literatura, congenial àquela.

"Aos 24 anos esteve em Roma, onde recusou a prelatura e as esperanças de uma rápida carreira oferecida pelo cardeal Consalvi, incitado pelas vivas palavras do conselheiro Niebuhr, então enviado extraordinário da corte da Prússia em Roma.

"Regressando à pátria, de lá transferiu-se para Bolonha, etc.

"Publicou, ao longo de 1816 e 1817, várias traduções e artigos inéditos no *Spettatore*, jornal de Milão, e alguns artigos filológicos nas *Effemeridi* romanas de 1822:

"1. "Guerra dos ratos e das rãs", tradução do grego; Milão, 1816 — reimpressa quatro vezes em diversas coleções.

"2. "Hino a Netuno" (suposto), traduzido do grego, novamente publicado, com notas e apêndices a duas odes anacreônticas em grego (supostas), novamente publicadas; Milão, 1817.

"3. "Livro segundo" da *Eneida*, traduzido; Milão, 1817.

"4. "Anotações sobre a Crônica de Eusébio", publicada em 1818, Milão, pelos doutores Angelo Mai e Giovanni Zohrab; Roma, 1823.

"5. "Cantos sobre a Itália", "Sobre o monumento a Dante, que se preparava em Florença"; Roma, 1818. Canto "A Angelo Mai quando encontrou os livros de Cícero da *República*"; Bolonha, 1820. Cantos (isto é, *Odes et non pas Chansons*); Bolonha, 1824.

"6. "Martírio dos Santos Padres do Monte Sinai" e da "Ermida de Raitu", composto por Amonio Monaco, vulgarização (em língua italiana do século XIV, suposta) feita no bom século da língua italiana; Milão, 1826.

"7. Seleta de opúsculos morais; na *Antologia* de Florença, no novo *Raccoglitore*, jornal de Milão; e à parte, Milão, 1826.

"8. Versos (poesia vária); Bolonha, 1826."

133
A TERESA CARNIANI MALVEZZI

[s.d., mas outubro de 1826.]

Minha condessa.

Na última vez que tive o prazer de vê-la, a senhora me disse tão claramente que nossa conversa privada a entediava, que me não deixou qualquer esperança de poder continuar a freqüentá-la com as minhas visitas. Não creia que eu esteja ofendido; se devesse magoar-me por algum motivo, magoar-me-ia por seus atos e palavras, embora bastante claros, não terem sido ainda mais claros e francos. Depois de tanto tempo, gostaria de poder ir cumprimentá-la, mas não ouso fazê-lo sem a sua licença. Peço-lhe que ma conceda urgentemente, ansiando por repetir-lhe de viva voz que sou seu sincero e cordial amigo,

Giacomo Leopardi

134
A MONALDO LEOPARDI

Bolonha, 1 de novembro de 1826.

Caríssimo senhor pai.

Já lhe escrevi em 26 do mês passado em resposta à sua amorosíssima do dia 16. Esta é para dizer-lhe que, se Deus quiser, parto para Recanati depois de amanhã, no dia 3. Para diminuir o tédio e o incômodo da viagem, mando o baú à parte, e vou parando pela estrada; isto me servirá para fazer e renovar amizades. Por isso, não se preocupe se não me vir chegar logo. No entanto, como a impaciência em rever o senhor e minha cara família cresce à medida que se aproxima o momento de alcançar esse bem, creio que minhas paradas serão muito breves. Que o senhor reze a Deus para que me conceda uma boa viagem, dando lembranças a todos.

Beijo sua mão pedindo-lhe a bênção e declarando-me seu afetuosíssimo filho,

Giacomo

135
A ANTONIETTA TOMMASINI

Recanati, 29 de dezembro de 1826.

Prezadíssima senhora e amiga.

Infelizmente são corretas as considerações gerais que a senhora faz em sua graciosíssima carta sobre a triste condição dos homens, mas não sei em que medida se possam aprovar as específicas implicações deduzidas pela senhora. Eu tenho mais razões para lamentar-me, pois perdendo a oportunidade de estar em sua presença, perdi realmente um prazer; além disso, aqui não tenho outra companhia que me console. Mas voltei à pátria apenas para fugir ao frio, e com o primeiro sol partirei logo daqui, retornando, não sei se a Bolonha, mas decerto para lugares mais próximos da senhora — onde a esperança e a possibilidade de revê-la serão bem maiores. Enquanto isso, procurarei consolar-me com a idéia de que a senhora conserva uma agradável lembrança de mim, como posso deduzir das expressões gentilíssimas de sua carta, as quais lhe agradeço sem fim. Guarde-me na memória, lhe peço, e dê mil saudações em meu nome a seu célebre consorte, de quem desejo e espero poder merecer a amizade. Do mesmo modo, envio os mais cordiais e afetuosos cumprimentos a seus amáveis filhos. Disponha de mim, que poucas coisas me poderiam

ser mais gratas do que o prazer de servir-lhe no que puder; tal como qualquer pessoa que conheça seus dotes e méritos, declaro-me seu devotíssimo e afetuosíssimo servidor e amigo,

Giacomo Leopardi

136
A Antonietta Tommasini

Recanati, 15 dejaneiro de 1827.

Prezadíssima senhora e amiga.

Suas cartas (elegantíssimas) me serão sempre caras, e a meu ver o seriam a qualquer um, de qualquer maneira. Mas como não poderiam ser caríssimas a mim, se nelas encontro tantas amabilidades e lisonjas ao meu amor próprio? Agradeço-lhe sumamente as felicitações cordiais para o ano novo: não preciso dizer que lhe desejo sincera e vivamente a maior felicidade e contentamento possíveis. Se neste ano eu não voltar a residir em Bolonha (o que ainda não posso afirmar com certeza), possivelmente, com o início do bom tempo, terei ocasião de passar por aí, e não deixarei de visitá-la; neste caso, terei de passar aí alguns dias, revendo os amigos e as pessoas que prezo e estimo, mas sobretudo gozando um pouco mais de sua companhia, caso a senhora esteja em Bolonha. Tomo a liberdade de acrescentar aqui atrás algumas linhas em resposta ao senhor seu Consorte, mas não deixo de pedir-lhe que envie pessoalmente meus cumprimentos a ele, pois na sua voz estes soarão mais agradáveis. Conserve-me sua benevolência e creia que a estimo e estimarei sempre como um ente querido e precioso.

Ponho-me ao seu dispor e me declaro de coração seu afeiçoadíssimo servidor e amigo,

Giacomo Leopardi

Prezadíssimo senhor professor. Sinto-me consolado e confortado pela memória que o senhor conserva de mim. Agradeço com sumo reconhecimento os seus votos amáveis e desejo toda a felicidade à sua pessoa, cara à Itália e à Europa. Peço-lhe que retribua os mil cumprimentos e saudações afetuosas à amabilíssima e gentilíssima Adelaide, bem como ao advogado Maestri. Já que não me furtarei a usufruir, no momento oportuno, suas gentilezas, não deixe de valer-se amigavelmente de mim, caso eu tenha a sorte de poder servir-lhe de algum modo, através de atos.

Seu afeiçoadíssimo servidor e amigo,

Giacomo Leopardi

137
A TERESA CARNIANI MALVEZZI

Recanati, 18 de abril de 1827.

Minha cara condessa.

Finalmente um livro enviado pela senhora me comprova que, após minha partida, ainda se lembrou de mim ao menos uma vez; um sobrescrito com a sua letra me confirma que o livro não é obra póstuma, e que me é dado em presente, e não por testamento ou legado. As muitas cartas que pretendia escrever-me, prometidas várias vezes, se reduziram a um sobrescrito. Caso tenha a intenção de começá-las agora, passados cinco meses, saiba que já é tarde, pois parto para Bolonha nesta semana, ou, no mais tardar, no início da outra.

Por isso não direi nada sobre o seu livro,[78] senão que aprecio a sobriedade e o criterioso prefácio, a pureza da língua e do estilo, e as muitas dificuldades superadas; nem perguntarei por suas novidades, pois espero poder dizer-lhe em breve, e de viva voz, tudo o que quiser saber, assim como interrogar-lhe sobre tudo o que eu desejar saber. Entretanto, continue me amando, como certamente o faz, e creia-me *your most faithful friend, or servant, or both, or what you like.*

138
A ANTONIETTA TOMMASINI

Recanati, 18 de abril de 1827.

Prezadíssima senhora e amiga.

Desde já devo comprazer-me pela publicação do meu pequeno artigo[79] no *Raccoglitore*, pois que este suscitou a sua graciosa e elegante carta. Eu também vejo os pobres Gregos como irmãos, e se pudesse dizer mais em seu louvor naquele artigo, certamente o teria dito; contudo, considerada a impossibilidade de falarmos livremente, acho que disse o bastante. Não passarei a relatar minhas coisas e ocupações, como a senhora gentilmente me solicita, porque, ainda que seja matéria suportável, em breve poderei falar-lhe longamente e de viva voz, pois pretendo ir para Bolonha nesta semana, ou no início da próxima. Minhas cordiais saudações ao seu Consorte e mil beijos ao bravo Emilietto, futuro êmulo de Emilio, se não nas empresas militares — que não convêm aos nossos tempos —, decerto no amor pela pátria e na vontade de ajudá-la.

Creia-me sempre, como sou e serei de coração, seu afeiçoadíssimo amigo

Giacomo Leopardi

139
A CARLO LEOPARDI

Bolonha, 30 de abril de 1827.

Meu Carluccio.

Não posso tardar a escrever-te, embora não tenha nada a dizer, salvo o que tu já sabes, isto é, que te amo imensamente, que sempre penso em ti, que estás eternamente em meu coração. Reecontrei todos os meus amigos, com grande prazer; mas eles são só amigos, e tu és o mesmo que eu. Cassi e Geltrude Lazzari perguntaram por ti com interesse, e mandam lembranças. Geltrude mantém-se perfeita; aliás, está menos gorda e mais florida do que quando a vimos da última vez. Lembras-te daqueles *fogli bibliografici* (folhas bibliográficas) de Sonzogno, *em dezesseis*, que ficavam ao lado da coleção de viagens e que hoje estão numa *Miscelânea* de anúncios, etc na biblioteca, na coluna de história literária? Em uma daquelas folhinhas está o anúncio da edição da Eneida de Caro, feita pelo próprio Sonzogno, organizada por Monti, etc, e lá se encontra a dedicatória a Monti, retirada daquela edição e escrita (embora não se diga) por Giordani. Gostaria que me fizesses o favor de encontrar essa folhinha e de remetê-la logo pelo correio; servirá para Brighenti, que está publicando outros dois tomos de Giordani e não consegue achar essa dedicatória, sobre a qual eu lhe havia falado. Diz a Paolina que Vittorina manda lembranças; que está crescida, mas não mais do que ela... Diz a mamãe que em Imola encontrei Elia Finocchio, que veio visitar-me na estalagem, pedindo-me que eu desse notícias dele a seu pai, isto é, que está bem, casado, cinco ou seis filhos, que é um barbeiro de sucesso, que continua louco como antes, pois me falou da nobreza da casa Finocchio; mas nisso não se distingue dos outros de Imola, todos estúpidos — de fato, o camareiro da estalagem me disse que o sr. Elia era um bravíssimo jovem (conquanto pareça velho), e que falava muito bem. Diz ainda a Paolina que as Brighenti a saúdam infinitamente. Adeus, meu caro Carluccio; lembranças a todos. Pela carta de Stella terás visto que deverei ficar aqui ao menos até junho, se eu quiser encontrá-lo.

Adeus, adeus, beijos.

140
A ANTONIO PAPADOPOLI

Bolonha, 21 de maio de 1827.

Meu caríssimo Papadopoli.

Estou realmente grato pela tua cartinha entregue por Rangoni, pelas pesquisas que fizeste sobre a edição que eu desejava, e pelas coisas ditas a Giordani em meu nome. Fico infinitamente confortado por saber, através de ti e da condessa, que estás bem. Eu também estou bem (já que me perguntas), e procuro divertir-me. Dos diálogos, que queres que eu diga? Faltam três folhas para o término da edição, que são aguardadas de correio em correio, mas não chegam: a casa Stella está de pernas para o ar com as núpcias do primogênito. Como podes pensar que eu continue a visitar aquela puta Malvezzi? Quero que me caia o nariz se voltar a vê-la algum dia, depois de ter sabido o que disse de mim; dela só direi todo o mal que puder. Noutro dia, ao encontrá-la, virei o rosto para a não deparar. Saúda de novo Giordani dizendo-lhe que, se a saúde persistir, estou resolvido a revê-lo neste verão. Escreve-me de vez em quando, meu caro Papadopoli, dando-me notícias de tuas viagens, teus estudos, teus pensamentos. Tem sempre amor por mim, e pensa que terei o mesmo por ti enquanto viver.

Adeus, adeus.

141
A ANTONIETTA TOMMASINI

Florença, 6 de julho de 1827.

Prezadíssima senhora e amiga.

Estive até agora muito desejoso de escrever-lhe para saber suas novas, mas meus olhos não me permitiram fazê-lo. De fato, a viagem não me prejudicou, mas em Florença a secreção e o inchaço das pálpebras recrudesceram bastante. Ora estou livre do inchaço; ficou-me uma fraqueza excessiva dos nervos óticos, que provavelmente não passará senão com o calor. Passo todos os dias em casa, no escuro, e somente saio ao anoitecer, como um morcego. O que a senhora tem feito? E a sua família? Onde estão agora, em Bolonha ou Parma? Não sabendo para onde remeter esta carta, a envio ao senhor professor.[80] Giordani manda mil saudações à senhora, ao professor, a Clelietta, Emilietto, Adelaide e ao professor Maestri — a cada um em particular. Falamos freqüentemente de todos,

com grande afeto. E Adelaide, o que faz? como vai de saúde? Não escrevo a ela porque essa incerteza do lugar onde estão me imobiliza a pena; mande lembranças a ela por mim. Recebi suas gentis saudações por Niccolini, de Nápoles, e as agradeço sem fim. Pelo amor de Deus, dê-me novas de si e de sua saúde, bem como do senhor professor e de toda essa mais que adorável família — a qual saúdo de todo coração. Se a senhora vir o professor Orioli, faça-me a gentileza de cumprimentá-lo.

Continue a me querer bem, escreva e acredite-me sempre seu obrigadíssimo e devotadíssimo servo e amigo,

G. *Leopardi*

142
A PAOLINA LEOPARDI

Florença, 7 de julho de 1827.

Minha Paolina.

Recebi a tua de 27 de junho, e eis-me pronto a relatar-te tudo sobre os meus fatos. Vi Stella em Bolonha, onde esteve por cinco dias, hospedado na mesma Estalagem que eu, num quarto contíguo ao que ocupo; almoçávamos juntos e conduzíamos a mesma vida; eu o acompanhava e apresentava a quem ele queria. Aceitei continuar com o mesmo contrato, de maio em diante; mas dos atrasados nem sinal. Disse-me, porém, que doravante me pagaria mais a cada mês, mas não disse quanto. Aqui me estão cortejando para que aceite outros encargos; mas, querendo e podendo trabalhar pouco, nenhum partido me é tão conveniente quanto o acordo com Stella — por conseguinte, devo preservá-lo o mais que posso. De resto, as demonstrações de amizade e estima extraordinárias que Stella me deu, as conversas que teve com outros sobre mim não poderiam ser mais lisonjeiras.

Aqui estou instalado na Locanda della Fontana. Paga-se muito, come-se pouco, mas os lençóis são trocados quase todos os dias. Dificilmente se encontram pensões em casas particulares, que custam um terço a mais do que em Bolonha. Recebo muitas gentilezas dos literatos florentinos ou estabelecidos em Florença. Os mais importantes vieram me ver. Fiquei de visitar o cavalheiro Reinhold, atual ministro da Holanda na Toscana. Ele e a mulher saúdam papai e mamãe. A filha, que se tornou uma bela jovem, perguntou-me por ti e pelas Mazzagalli. Especula-se que Reinhold em breve será nomeado ministro das Relações Exteriores em Bruxelas.

Quanto à saúde, graças a Deus estou bem, exceto por alguns incômodos sem importância. Meu mal bolonhês não se manifestou mais, nem

na viagem. O que me incomoda são os olhos e os dentes, os quais terei de extrair irremediavelmente. A melancolia que isto me dá de uns meses para cá é inacreditável.

O entusiasmo despertado por Persiani[81] é justíssimo. Ouvi vários entendidos e diletantes dizerem que Persiani é um gênio extraordinário. Todos falam bem dele, inclusive do seu caráter e grande honestidade. Diz-se que no inverno passado, não tendo dinheiro e não querendo defraudar a pensão que o hospedasse, passou noites *à la belle étoile*. Disseram-me que após o sucesso de sua obra fora contratado para compor em Nápoles; mas na noite passada a senhora Spada, de Macerata, casada com o coronel Palagi, assegurou-me que ele concordou em escrever outras duas óperas aqui, no prazo de um ano, por oitocentos escudos. O interessante é que, ao se comprometer a escrever o *Danao*, ficou acertado que se a ópera não agradasse ao público, o empresário não lhe pagaria por ela. Não fui assistir à ópera porque meus olhos padecem muito no teatro.

Mas como me entristece aquilo que dizes de mamãe! Bem posso imaginar que sofrimento foi para ela não poder se mover. Escreve-me sobre a luxação da perna e do pé, e se isso ainda a impede de caminhar. Agradece-lhe muitíssimo pelos cuidados que tem por mim, beijando-lhe a mão com todo o carinho.

Giordani pediu-me várias vezes que eu te saudasse, e com grande insistência; o mesmo para o papai, mamãe e Carlo, cada um em particular. O que Carluccio tem feito? Quanto bem ele me quer? Saúda-o por mim; lembranças ainda a Luigi, Pietruccio e dom Vincenzo. Escrevi a papai assim que cheguei a Florença; beija-lhe a mão e pede que me dê sua bênção. Agradeço a nova que me dás de Bunsen — tive prazer ao sabê-la. Enviarei os temperos que pediste. Tem amor por mim, pois (como se não soubesses) eu te amo tanto quanto possível, e trago sempre todos na memória.

Adeus, minha Paolina.

143
A CARLO LEOPARDI

Florença, 7 de agosto de 1827.

Meu Carluccio.

Não podes imaginar quanto me comoveu a presteza com que me escreveste, cheio de ternura, para me consolar dos meus dentes. É verdade o que dizes: que eu precisaria do teu amor perto de mim. Juro que não há um dia em que não sinta ou perceba esse vazio e essa falta. Meus dentes

cariados são dois. A dor atual decorre do corrimento, e bem sabes que não há dor de dentes sem corrimentos; a cárie estimula os humores. Desde que escrevi a Paolina, quando passei quatro dias e quatro noites com dores agudas, não sofri mais; hoje sofro apenas com o cansaço e a dificuldade de comer. Ainda não consultei nenhum dentista. De resto, minha melancolia não nascia do desprazer de ter que perder os dentes, mas do terror pânico da operação, que não me sai do pensamento, como uma condenação a ser cumprida, e que me assusta como a um menino. Lamento muito que tu também comeces a sofrer dos dentes. Espero que sejam apenas corrimentos. Recomendo-te evitar alimentos muito quentes, mas sobretudo os gelados, pois por experiência afirmo que são danosíssimos; um dos meus dentes, que jamais me incomodara, começou a doer depois de um sorvete e nunca mais se curou. Teu reparo ao *Petrarca* é feliz e justíssimo. Petrarca escreve *con* ou *chon* em vez de *c'on* ou *ch'on*, segundo a ortografia bárbara daqueles tempos, não fazendo distinção entre as palavras, enquanto nós usamos o apóstrofo e escrevemos *un* em lugar de *on*. Os copistas e editores não entenderam. Mas eu havia prometido seguir fielmente a edição de Marsand, e não quis fazer nem este nem muitos outros reparos acertadíssimos, os quais teriam demandado uma dissertação.

Ainda não tive ocasião de fazer o que combinamos. Infelizmente, vejo que é difícil; mas por culpa também dos meus olhos, que me impedem de sair de dia, de ler jornais, sobre os quais é preciso que eu me determine quanto à obra que deveria propor. Estiveste em Sinigaglia este ano? Transmitirei a Giordani as tuas palavras — e as de Paolina — tão logo ele retorne de Pisa, aonde foi veranear; antes de partir, recomendou-me que os saudasse a ambos. Diz a Paolina que ainda não vi Reinhold depois que ele esteve aqui. Lembranças a papai, mamãe e a todos. Escrevi a papai no final do mês passado.

Respondo à tua de 13 de julho (que recebi em 1 de agosto!!) na primeira chance que tiver de ir aos correios. Oh, meu Carluccio, com que prazer gastaria a minha vida para te fazer contente! Mas de que vale? Certamente, eu teria meios de enriquecer bastante aqui, caso fosse saudável e robusto; mas não posso ler, nem escrever, nem pensar. Paciência. Tem amor por mim, meu querido Carluccio, e acredita que jamais se amou tanto quanto eu te amo. Saúda Paolina, Luigi e Pietruccio.

144
A CARLO LEOPARDI

Florença, 23 de agosto [de 1827].

Meu caro Carluccio.

Escrevo logo a Bunsen, e escrevo do melhor modo que sei fazer, pondo em prática o que combinamos. Deus vê e sabe o que eu faria para te proporcionar algum consolo. Conheço por experiência as *boas razões* do tio Carlo, que ainda gosta de usar comigo daquele tom misterioso, o qual talvez funcionasse quando eu era capaz de crer em *qualquer palavra*, sem *boas razões* para isto. Sinceramente, confesso-te agora que dele não espero nada; contudo, é preciso não deixar de fazer o possível. Mandarei o *Epitteto* quando for publicado; mas ainda não sei se o publicarei, nem quando. Diz a papai que agradeço muito a sua última, à qual responderei; o mesmo a Pietruccio — diz-lhe que sem dúvida responderei logo. Não queres que eu fale mal de Florença. Na verdade, não poderia fazê-lo, embora esteja pouco contente; mas onde se pode estar contente sem saúde, passando os dias sentado, com os braços em cruz? É verdade que Persiani foi agraciado com não sei que distinção pelo Conselho de Recanati, e que papai foi o principal fautor dessa resolução? O próprio Persiani me disse; mas ele não se dignou fazer-me uma visita, e não o vi mais. Em vez dele, logo após minha chegada a Florença, veio visitar-me um velho, dizendo-se de Civitanova e antigo militar do papa; perguntou-me por Volunnia Gentilucci e outros Recanatenses, e depois pela Madona dos Capuchinhos; abraçou-me com lágrimas nos olhos e disse que me carregara no colo; fez elogios desmedidos à casa Leopardi; fez-me prometer que um dia iria almoçar em sua casa; por fim, pediu-me dinheiro. Eu o expulsei de pronto, dando ordens para que o atirassem escada abaixo, caso voltasse. Acredita que as informações que tive me asseguraram que eu não estava enganado. Em Florença ocorrem muitas aventuras como esta. Adeus, meu Carluccio; te informarei da resposta de Bunsen. Lembranças a todos. Giordani, que voltou de Pisa, manda lembranças a ti e a Paolina; já me pediu dez vezes que o fizesse, e ontem, de novo.

Adeus, adeus.

145
A PIETRO BRIGHENTI

Florença, 30 de agosto de 1827.

Meu caríssimo.

Recebi tuas cartas e a remessa de Viviani (ótimo rapaz, realmente); não respondi logo porque peno muito ao escrever. Giordani voltou de Pisa; entreguei-lhe o exemplar que Bugani lhe mandara. Darias um grande prazer a mim se pedisses escusas a Bugani por eu ainda não ter agradecido a ela — culpa da total fraqueza da vista. O pacote de Stella, sobre o qual desde 15 de julho instruíste Giordani para que o enviasse a mim através de Vieusseux, nunca chegou. Procura saber dele, te peço. Naquele pacote estava a Galeria do Mundo, ano 1, que encomendara a Stella para ti ao preço de 2 liras italianas. Se já não te serve, ficará comigo; se te serve, pode retirá-la do pacote, caso este esteja em tuas mãos. Sempre desejo voltar a Bolonha. É verdade que já preciso pensar no meu abrigo de inverno, que ainda não sei onde será. Aqui se espera Manzoni para breve. Viste seu romance, que faz tanto barulho e vale tão pouco? Meu caríssimo, eu como sempre te amo de coração; saúda com carinho tua família, saúda dom Luigi. Meus olhos não melhorarão antes do pleno inverno.

Adeus, adeus.

146
A MONALDO LEOPARDI

Florença, 8 de setembro de 1827.

Caríssimo senhor pai.

Respondo infelizmente com atraso à sua última, mas o senhor não pode imaginar quanto me custa escrever, por causa do mau estado dos meus olhos. Sou obrigado a faltar não só ao afeto, mas também à educação, deixando sem resposta várias cartas que me chegam de pessoas dignas de atenção. A fraqueza dos olhos é a mais grave e obstinada dos últimos oito anos; entretanto, espero pelo inverno — o outono costuma torná-la mais nociva. Quanto ao mais, graças a Deus, estou bem, salvo incômodos leves do estômago e os corrimentos. O senhor deve muito bem imaginar que não posso dedicar suficientes cuidados a certos conhecidos importantes, dos quais aliás não poderia esperar nada. Eu vou indo com esses literatos, que são muito sociáveis e geralmente pensam e valem bem

mais que os bolonheses. Dentre os forasteiros, conheci o famoso Manzoni de Milão, com quem fiz amizade, e que ora está aqui com a família; sua última obra é comentada em toda a Itália. Nunca tive ocasião de ver o Pe. Marsigli. Também aqui a estação quente prolongou-se mais do que o comum; depois, no final de agosto, virou um verdadeiro inverno; agora o clima é ameno. Peço-lhe que diga em meu nome as mais ternas palavras a mamãe e aos irmãos.

Dê-me sua bênção e creia-me com todo o afeto possível seu amorosíssimo filho.

147
A MONALDO LEOPARDI

Florença, 4 de outubro de 1827.

Caríssimo sr. pai.

Com grande prazer, porque sei que isto lhe dará prazer, afirmo que nesses últimos dias, graças a Deus, posso louvar minha saúde. O frescor, que a princípio me perturbava muito, agora me é favorável, e os olhos, se bem que ainda não possam ler ou escrever sem dor, melhoraram tanto que já posso sair de dia; assim, com o movimento e a distração, recupero-me cada vez mais.

Lamento que a sua bela carta não tenha chegado senão anteontem. Como Bunsen esteve aqui há poucos dias, de passagem para Berlim, eu teria podido falar pessoalmente com ele a respeito do que o senhor me escreve.[82] Mas espero revê-lo em seu retorno, que não demorará, quando então lhe falarei.

Quanto ao inverno, estou resolvido a não passá-lo em Florença. O clima não é muito frio, mas continuamente assolado por ventos e nevascas. É exatamente igual ao clima de Recanati, mas aqui eu não teria a décima parte dos confortos da própria casa. Logo que puder resolver-me sobre a partida, lhe escreverei.

De minha vida posso somente dizer que não fiz mais que me divertir. Fiz uma quantidade de conhecidos simpáticos, e tenho também bons amigos — no todo, a temporada não me desagradaria se não fosse tão distante dos meus.

Esta infernal tinta branca me arrasa os olhos; por isso, concluo pedindo-lhe a bênção e que se convença do extremo amor que lhe dedico.

Seu afetuosíssimo filho,

Giacomo

148
A PAOLINA LEOPARDI

Florença, 30 de outubro de 1827.

Minha Paolina.

Faz tempo que não recebo notícias tuas, e isto me desagrada. Aqui, graças a Deus, tivemos um outubro excelente, em autêntico outono, melhor que setembro e final de agosto. Eu o aproveitei para passear, ficando melhor dos olhos e muito melhor dos dentes. Sofri um pouco com o estômago porque, por medo de passar mal, não comia quase nada; mas agora espero me curar, pois estou regenerado e começo a comer com apetite. Quanto ao próximo inverno, já estou decidido a passá-lo em Massa de Carrara, a 70 milhas daqui; viagem comodíssima. O clima de lá é ótimo, semelhante ao de Nice e talvez melhor que o de Roma: não neva nunca, pode-se sair e passear sem capote; em meio à praça pública crescem laranjeiras bem fincadas no solo. De resto, a cidade é minúscula (conquanto seja a capital do Ducado de Massa e Carrara), não possui homens célebres e a estada deve ser deveras melancólica: vês, portanto, que a resolução de ir para lá não é ditada pelo prazer, mas por absoluta necessidade de passar um inverno num lugar onde eu possa prescindir da lareira, onde possa sair de casa e fazer muito movimento, evitando um mal-estar que poderia abater-me até ao inverno seguinte. Não partirei de Florença enquanto os rigores do tempo não me expulsarem, já que a temporada em Massa não me atrai de fato. E tu, o que fazes? E papai e mamãe, e Carlo e Luigi e Pietruccio? Lembranças a todos. Giordani manda muitas saudações a ti e a Carlo. Escreve-me todas as novas que puderes. Eu te direi uma coisa antiga: te quero bem, e a todos os daí, mais que à minha vida.

Adeus, adeus.

149
A PAOLINA LEOPARDI

Pisa, 12 de novembro de 1827.

Minha Paolina.

Recebi em Florença a tua carta do dia 2, e podes imaginar quanto isto me agradou. Eu já te havia escrito um pouco antes, ansioso por ter notícias de casa. Escrevi que iria para Massa, mas meus amigos de Florença me convenceram a optar por Pisa — cidade bem melhor, e de clima muito elogiado. Parti de Florença na manhã do dia 9, com a viatura dos correios, e

cheguei a Pisa à noite, numa viagem de 50 milhas. Ontem à noite, pela primeira vez após mais de seis meses, dormi fora da Estalagem, numa casa que me serve de pensão, a preço muito modesto. Fiquei encantado com o clima de Pisa; se continuar assim, será a beatitude. Deixei Florença sob neve, com frio de um grau, e aqui encontrei tanto calor que tive de me desfazer do capote e de alguns quilos de pano. O aspecto de Pisa me agrada bem mais que o de Florença. Esta rua ao longo do rio Arno é um espetáculo tão belo, tão amplo, tão magnífico, tão alegre, tão risonho, que apaixona: nunca vi nada igual, nem em Florença, nem em Milão, nem em Roma, e de fato não sei se na Europa existem tantas paisagens como esta. No inverno se passeia com prazer, porque quase sempre há um ar de primavera, de sorte que em certas horas do dia o lugar fica cheio de gente, cheio de carruagens e de pedestres; dez ou vinte línguas circulam pelos ouvidos, um sol belíssimo brilha entre os dourados dos cafés, entre lojas cheias de delicadeza, nas vidraças dos palácios e das casas, todos de bela arquitetura. No mais, Pisa é um misto de cidade grande e pequena, de urbano e de campestre, uma mistura tão romântica como jamais vi parecida. A todas essas belezas soma-se a bela língua. E além disso, graças a Deus, estou bem, como com apetite, tenho um quarto voltado para o poente, que dá para um grande bosque, muito aberto, tanto que se chega a ver o horizonte — coisa impensável em Florença. As pessoas de casa são boas e os preços são baixos, o que é bom para a minha bolsa — um pouco maltratada pelos Florentinos. Não queria que acreditasses que vim para cá com os correios, como te disse, para bancar o esnobe: vim com uma dessas *pequenas diligências* toscanas, que custam menos que as viaturas.

Lembranças a todos; dá-me notícia de tudo; beija por mim as mãos de papai e mamãe; e escreve-me, mas escreve logo dizendo as novas que sabes, primeiro as de casa, depois as de Recanati, depois das Marcas. Pergunta a Carlo se me quer sempre bem. Espero ter notícias de Bunsen quando ele passar por Bolonha em dezembro. Ficamos acertados assim. Ele também passará por Recanati.

Adeus.

150
A GIANPIETRO VIEUSSEUX

Pisa, 12 de novembro de 1827.

Meu caro Vieusseux.

Eis as minha novas, como lhe prometi. Estou bem de saúde, depois de um ligeiro incômodo ocorrido na viagem, provocado por aquilo que

menos esperava: sol e calor. Estou mais que contente, estou mesmo apaixonado por este paraíso. Deixei Florença no inverno e aqui encontrei o outono, de modo que fui obrigado a livrar-me do casaco e de outros panos. Até o aspecto de Pisa me agrada muito. Os contornos do Arno, numa bela manhã, são um espetáculo que me encanta; jamais vi algo parecido. Tu que viajaste meio mundo talvez tenhas visto coisas desse gênero na Holanda ou alhures; mas este sol e este céu, que compõem grande parte do espetáculo, são ornamentos que não se encontram fora da Itália. Ademais, vejo aqui um misto de cidade grande e pequena, de urbano e de rústico, tanto nas coisas quanto nas pessoas: uma mistura propriamente romântica. O doutor Cioni, que me fez mil gentilezas, arranjou-me uma casa na rua Fagiuoli (casa do doutor Comandoli, mantida pelo sr. Soderini, um funcionário de não sei que tribunal), onde estou em regime de pensão. A gente de casa é boa. Em suma, estou muito contente em Pisa, exceto durante a noite, que não sei como passar. Mil saudações a Giordani, Montani, Colletta (se o vir) e a todos os amigos. Queira-me sempre bem.

Adeus, adeus. Seu

Leopardi

Caso me escreva, dê-me novas dos amigos, da literatura e suas — se as houver relevantes.

151
A CARLO LEOPARDI

Pisa, 21 de novembro [de 1827].

Meu Carluccio.

Digo-te que não posso mais ficar sem ver tua letra, e que me deves escrever qualquer coisa, de qualquer modo. Não posso exprimir meu amor por ti, já sabes que não posso; penso em ti continuamente, vejo-te todas as noites, te abraço e acaricio em sonho.

Gostaria de um favor teu. Minha *Antologia* italiana fez um grande sucesso; antes que seja publicada a segunda parte (que está no prelo), foi feita, para o desprazer de Stella e também meu, uma reimpressão da primeira parte em Turim. Querem que eu faça, adotando o mesmo método, uma *Antologia poética.* Acho conveniente concordar com esse trabalho, que não exige muita aplicação: aceito. Tenho absoluta necessidade de ter à mão a *Antologia poética* de Brancia, publicada em Paris, que consta dos livros expedidos por Stella, e que eu deixei aí na biblioteca; preciso ainda

da *Antologia poética francesa* de M. Noël, isto é, o segundo tomo das *Leçons de littérature et de morale*, que Peppe Antici me emprestou no inverno passado. Se Peppe aceitasse emprestar-me de novo esse volume, com a garantia de reavê-lo em perfeito estado, seria um favor especial. Assim sendo, poderias ouvir de Morici e outros se há possibilidade de enviarem logo esses dois volumes (o Brancia e o Noël) para Bolonha, endereçados a mim, *aos cuidados do Advogado P. Brighenti, Estrada Stefano, n. 76*. Brighenti os remeteria a Florença, e de lá eu os receberia facilmente. Mas é preciso enviá-los pelo meio mais seguro possível; as despesas com a expedição ficam a meu cargo. Em último caso, manda-os a Brighenti pela diligência, avisando-me em seguida; depois eu me entendo com Brighenti. Aliás, creio que a diligência seja o melhor.

Fala-me um pouco de ti, meu caro Carluccio. Quanto à minha saúde, posso dizer que é bastante passável; meus olhos estão bem melhor, o que já é um grande lucro. Lembranças sem fim para todos, com toda a alma. Mas fala-me muito muito de ti. Adeus, querido Carluccio: *seek to the address you know.*

Adeus, adeus.

152
A GIANPIETRO VIEUSSEUX

[Pisa], 3 de dezembro [de 1827].

Meu caro amigo.

Devo-lhe resposta a duas cartas gentis, as quais lhe agradeço cordialmente. Sofri muito com a morte do bom Valeri, inclusive por sua causa. Escreverei a Puccinotti explicando a ele, segundo o seu desejo, os motivos que o impedem de aceitar os artigos. Do caso de San Silvestro estou de fato mal informado, bem como de outras novidades, porque não saio nunca de casa senão para passear, e em casa não vejo ninguém. Creio que já saiba da abadessa taumaturga que multiplicava prodigiosamente o óleo de uma lamparina, reabastecendo-a às escondidas todas as noites; e das seduções, ameaças, enganos e maus tratos com que cercavam as jovens educandas a fim de induzi-las a fazer voto de castidade, antes que conhecessem o significado da palavra, para depois serem monjas do monastério; e das aparições usadas para esse efeito, aparições de anjos e aparições de demônios — decerto os demônios eram gordas ratazanas, vestidas com uma capinha preta e um par de chifres (o rabo era natural), que assim ataviadas desfilavam à noite pelo dormitório.

Eu estou melhor dos olhos, mas não consigo fazer nada, pois o frio me arrasa. Da manhã até à noite não faço senão tremer convulsivamente, sem encontrar remédio para esta doença — que piora quando chove, proibindo-me de caminhar. Com esse contínuo tremor, imagine a vontade, aliás, a possibilidade que tenho de trabalhar.

Quando nos reveremos? O que é de Colletta? ainda em Florença ou em Livorno? Infinitas saudações a Giordani, Montani e a todos os amigos.

Continue me amando e considerando seu

Leopardi

153

A MONALDO LEOPARDI

Pisa, 3 de dezembro de 1827.

Caríssimo senhor pai.

Escrevo-lhe pelo desejo de ver de quando em quando sua letra, da qual me vejo privado há um longo tempo; o senhor bem sabe que eu gostaria de vê-la não de vez em quando, mas sempre, se isso não lhe troxesse incômodos. Após uma longuíssima indecisão sobre onde passar este inverno, finalmente resolvi passá-lo aqui, pois aqui posso passear bastante, o clima é ameno, há poucos ventos e as ruas da cidade são boas, com sombra suficiente para que se possa caminhar num dia de sol. Vim para cá preparado para sofrer muito, mas querendo poupar minha saúde, que inevitavelmente padece quando sou obrigado a passar meses inteiros sem tomar ar e sem fazer movimento; com a primavera começo a ter mil distúrbios, que duram por todo o verão, como neste ano. No outono comecei a fazer muito movimento, e até agora não parei um dia sequer. Senti-me e me sinto bem melhor que nos meses passados, conquanto não deixe de sofrer com o frio, como havia previsto; porque em casa só faço tremer, pois não posso usar o fogo, nem tenho a comodidade inestimável e incomparável que teria em minha casa. Contudo, não desespero, afronto o frio e, graças a Deus, estou com saúde. Este clima é bem menos rigoroso que o de Florença ou Recanati, e incomparavelmente melhor que o de Bolonha; mas também aqui se sente muito frio, aqui também tivemos neve, embora mais tarde que em Recanati, e não por três dias, como me escreve Paolina, mas apenas em um, e sem que tudo chegasse a ficar branco. Tenho muitos amigos aqui, e mais os teria se fosse dado a visitas, pois em toda parte sou bem acolhido; mas o frio me tira a coragem e a vontade de circular, salvo quando passeio bem agasalhado. Todo o resto do dia e da noite deixo-me estar em casa, como de hábito. Peço-

lhe de coração que me dê em duas linhas notícias suas e de todos, assegurando-me que me quer bem. Minhas saudações amorosíssimas à mamãe e aos irmãos.

Beijo sua mão e peço-lhe a bênção, lembrando-lhe o amor intenso, a ternura grata e afetuosa que lhe dedica seu

Giacomo

154
A MONALDO LEOPARDI

Pisa, 24 de dezembro de 1827.

Caríssimo senhor pai.

Sua última e preciosa carta não deixou de contristar-me sensivelmente com os reproches, conquanto amorosos, que ela contém. O senhor repreende a aridez de minhas cartas, que derivaria da falta de assunto, traço comum a todas minhas cartas, pois que minha vida é monótona e sem novidades. O senhor desejaria que eu visse seu coração ao menos uma vez, e neste ponto permita-me fazer um protesto e uma declaração, a qual de agora em diante deve lhe esclarecer o meu modo de sentir em relação ao senhor. Digo-lhe, pois, e protesto com toda a verdade possível, perante Deus, que eu o amo tão ternamente quanto jamais foi possível a filho algum amar seu pai; que reconheço clarissimamente o amor que o senhor me professa; que sinto uma gratidão tão íntima e viva por seus cuidados e por sua ternura, que não creio possa haver outra igual no mundo; que de bom grado daria ao senhor todo meu sangue, não só pelo sentimento do dever, mas sobretudo por amor, ou, em outras palavras, não só por razão, mas também por diligentíssimo sentimento. Se o senhor deseja de mim maior confidência e demonstração de intimidade, a carência dessas coisas decorre apenas do hábito contraído desde a infância, hábito imperioso e invencível porque muito antigo e arraigado em tempos remotos. Se não lhe declarei abertamente minha intenção quanto a este inverno, se de algum modo dei a entender que o passaria em casa, foi porque eu mesmo estava em dúvida, ficando indeciso sobre este ponto até o momento em que deixei Florença em direção a Pisa. Não escrevi diretamente ao senhor sobre esta decisão, mas a Paolina, imaginando que minha carta chegaria ao conhecimento de toda a família, mas principalmente do senhor; além disso, baseado nos termos de suas últimas cartas, supus que o senhor me deixasse a liberdade de escolher o que fosse melhor para a minha saúde. A viagem de Florença a Recanati seria muito dispendiosa para os meus recursos, mas sobretudo para a minha

saúde, tratando-se de cinco dias de viagem, através de montanhas, no estado em que eu estava. A temporada de inverno em Recanati, que seria adorável pela presença e companhia dos meus (o meu prazer predileto), contudo, sem sombra de dúvida, ter-me-ia sido letal para a saúde. O senhor pode estar certo de que o uso da lareira é absoluta e totalmente impossível para mim; até mesmo o braseiro, que uso com moderação extrema, incomoda-me bastante; flamejante, só a cor de minha urina, embora beba apenas água. Porém, deixando de lado o fogo, em Recanati eu só poderia viver em casa, porque aí não há um dia sem vento, neve ou chuva; quando por milagre o dia é bom, não posso passear por causa do sol, já que não há sombra, nem na cidade nem nos arredores. Um inverno passado em casa, e todo (como é natural) a estudar, teria arruinado meus nervos oculares e o estômago, e, com o estômago, toda a saúde, obrigando-me a passar um verão infelicíssimo, como esse último, como aquele que antecedeu minha partida para Milão, como todos os outros desde que saí da infância. Aqui nunca há vento, nunca névoa; há sempre sombra, como em todas as grandes cidades, e se há dias chuvosos, eu, sendo senhor das minhas horas e livre para almoçar à noite (como sempre faço), freqüentemente encontro um tempinho para passear. De fato, desde que estou em Pisa não houve dia em que eu não tenha passeado de duas a três horas, hábito indispensável para mim, sem o qual morreria. O contínuo exercício dos nervos e músculos da cabeça, sem o correspondente exercício daquelas outras partes do corpo, produz um total desequilíbrio na máquina, causando a ruína infalível dos estudiosos — como pude perceber em tão longa experiência. Quanto ao clima, depois de três ou quatro dias de extraordinário frio em novembro (mas bem menor que o que fez noutras partes), estamos tendo em dezembro uma temperatura que recomenda mais cuidados com o calor do que com o frio. Além do passeio diário, saio também à noite, amiúde sem casaco; leio e escrevo com as janelas abertas; e num quarto de paredes finíssimas, jamais aquecido pelo fogo, é preciso que eu tenha cuidado para não exagerar nos cobertores. Estas coisas talvez o convençam da diferença real que existe entre o clima de Pisa e o de Recanati; acrescente-se que neste mês (como ocorre em todos os demais) tivemos até agora dois temporais com raios, tão fortes e demorados como poderiam ter sido no verão. Por último, declaro-lhe e juro que não tenho desejo maior que o de viver em sua companhia, no seio da minha família; quando puder viver em Recanati com saúde suficiente, e suficientes posses para ocupar-me do estudo por passatempo, não tardarei sequer um momento a bater asas para aí; e, renunciando à glória, renunciando ao prazer e às benesses de viver num lugar onde eu seja apreciado, solicitado e quase cortejado, ao invés de ser desprezado e rechaçado como necessariamente o fui em Recanati

(algo que no entanto prejudicou para sempre o meu caráter), estabelecer-me-ei aí e viverei a seu lado, sem afastar-me jamais.

As boas notícias que o senhor me dá sobre o estado da cidade e sobre o novo governador me consolam muitíssimo. Quanto à obra bibliográfica, a mais acreditada hoje, e a mais útil de fato, é o *Manuel du Libraire de Brunet*, Paris, 4 v. in-oitavo, mas seu preço é excessivo: passa, se não erro, dos 10 escudos. Agora não me ocorrem outros, mas me informarei e lhe escreverei. Tornarei alertar o idiota do Melchiorri, a quem escrevi recentemente sem obter resposta.

Desejo de coração ao senhor, a mamãe e aos irmãos as festas mais felizes e alegres de fim de ano. Graças a Deus, estou muito bem. Peço-lhe a bênção e, beijando sua mão com grande carinho, declaro-me efusivamente seu afetuosíssimo filho.

155
A GIANPIETRO VIEUSSEUX

Pisa, 31 de dezembro de 1827.

Meu caríssimo amigo.

Devo-lhe infinitos agradecimentos por tantas gentilezas, tantas demonstrações de afeto que me fez através de Cioni, e que também estão em suas cartas. Sinto muitíssimo sabê-lo cheio de inquietudes; gostaria de poder aliviá-las. Particularmente o caso de Turim entristece-me sobremodo. Vi a sua última *Antologia*. Asseguro-lhe que é um belo número, que honra o jornal. O artigo sobre Manzoni poderá ter muitas opiniões contrárias, mas decerto não poderá ser desprezado. Desagradou-me apenas a *divinização* de Manzoni que há ali, porque cheira a adulação, e os excessos jamais são louváveis. Mas que demônio é essa Carolina do Giordani, que nem Cioni nem eu conseguimos entender?

Eu nunca lhe pedi livros porque agora que meus olhos me permitem fazer alguma coisa, e o frio me dá um pouco de trégua, estou ocupadíssimo com os textos de Stella, que há mais de seis meses não recebe nada meu. Assim, não posso deixar de empregar todo o meu tempo neles; esta é a razão por que ainda não pude ler o livro de Marchetti. Pomba deve rezar aos Céus por até agora nunhum filólogo ter se pronunciado sobre seus Clássicos; asseguro-lhe que seu trabalho não ganharia nada com isso.

Transmita a Giordani as saudações de Carmignani; cumprimentos da bela Vaccà a Giordani e Montani, além dos meus. Desculpe-me com o Forti, que esteve aqui sem me encontrar e ainda não teve notícias minhas; a razão disso é que no inverno não faço visitas, temendo morrer de

frio. Informaram-lhe mal sobre meus círculos de amigos. Caso se trate daqueles em que fui introduzido (por força), são mais de dois; se são aqueles que freqüento, menos, pois não freqüento nenhum — aliás, jamais saio de casa à noite. Peço-lhe que mande meus cumprimentos a Reinhold, a Capponi e ao Pe. Mauro. Anexo a esta os artigos enviados por Puccinotti, pedindo-lhe que os sele aí em Florença, já que, por mais de uma razão, não queria que Puccinotti (que também me escreveu sobre os tais artigos) soubesse que os vi.

Adeus, meu caríssimo Vieusseux. Não vejo a hora de reabraçá-lo. Entretanto, queira-me todo o bem que lhe quero. Seu

Leopardi

156
A ANTONIETTA TOMMASINI

Pisa, 31 de janeiro de 1828.

Minha cara Antonietta.

Devo-lhe mil agradecimentos pela sua última afetuosíssima do dia 21. Sua lembrança não me é menos vívida, nunca esmaece; se passo algum tempo sem lhe escrever, é para não aborrecê-la por falta de assunto. Aqui o inverno foi tão brando que nem mereceu o nome de inverno. Eu nem me dei conta, e devo dizer que louvarei sempre este bendito clima de Pisa, que a cada dia mais se assemelha a um paraíso. Não saberia o que lhe dizer dos meus estudos, senão que não estudo nada, apenas leio um pouco por passatempo, isto é, quanto meus olhos me permitem; estes vão melhor do que no estio, mas não estão bons — mostram uma grande propensão a se arruinarem na primavera. Os meus nervos não me dão mais esperança: comer pouco ou muito, beber vinho ou água, passear metade dos dias ou estar sempre em repouso, enfim, nenhuma dieta e nenhum método me ajuda. Não posso fixar a mente num pensamento sério por um só minuto sem que sinta uma convulsão interna, sem que o estômago se revolva e a boca se torne amarga, e coisas semelhantes.

Isto quer dizer que eu jamais deveria dedicar-lhe um pensamento: não obstante, penso e pensarei a despeito do estômago e dos nervos. Minhas lembranças e saudações ao professor Tommasini, o qual não sei se é mais amável ou admirável. Caso veja Orioli, por favor, saúde-o por mim. Quando eu vir a família Pazzini, não deixarei de transmitir-lhe suas palavras. Até agora só vi de fato o advogado, que fez a gentileza de me visitar. Com ele e com vários outros falou-se longamente dessa cara e incomparável família. Muitos beijos em Emilietto. Queira-me sempre bem.

Adeus, adeus.

157
A GIANPIETRO VIEUSSEUX

Pisa, 25 de fevereiro de 1828.

Meu caríssimo Vieusseux.

Recebi suas amáveis lembranças através de Torri e Cioni; recebi o pacote de livros que me mandou e, de Cioni, o *Bracciolini*; e recebi a sua do dia 10, bem como a outra de 23. Agradeço-lhe infinitamente por todas essas coisas; sou também muito grato por me apresentar a Mayer, o que espero aconteça em breve. Quanto à pensão, digo-lhe que em Pisa tenho: 1. um quarto com luz, roupa de cama e mesa, e serviços; 2. refeições no quarto, a qualquer hora, sempre com sopa, três pratos, pão e água (nem frutas, nem vinho); 3. desjejuns com café ou chocolate, e dois bons biscoitos; 4. polimento de botas e sapatos; 5. roupa lavada e passada; fogo na estufa todo o dia, e fogo à noite para o leito — e tudo isto me custa onze moedas ao mês. Os proprietários estão contentes, e fizeram esse acordo depois de verem e constatarem o que eu como, etc. Se eu como pouco no inverno, no verão quase não como; além do mais, no verão não preciso de fogo. Contudo, estou animado a gastar mais em Florença; o valor, deixo-o à sua discrição, mas não gostaria que ultrapassasse 14 ou 15 moedas. Acredite-me que custo bem pouco a quem me mantém. Uma restrição: jamais almoço com os proprietários.

Ainda não sei ao certo o momento exato do meu retorno. Quanto a mim, já queria ter voltado, mas é preciso esperar a nova estação. Outro fato curioso é que fui obrigado a pagar o aluguel do quarto (ou seja, três moedas ao mês) até ao final de maio, término habitual dos aluguéis para estudantes.

Acho inútil repetir-lhe que o amo sempre de coração; aliás, amo-o cada vez mais, se isto é possível. Minhas cordialíssimas saudações a Giordani e Montani; meus cumprimentos a Gino e Reinhold. Carmignani (que vejo freqüentemente) saúda muito Giordani. Se puder obter, sem incômodo, as *Poesias* de Foscolo e as *Visões* de Varano, me fará um grande favor. Estou sempre atrás da maldita Crestomatia poética, que me consome terrivelmente os olhos.

Adeus, adeus. Seu

Leopardi

158
A PAOLINA LEOPARDI

Pisa, 25 de fevereiro de 1828.

Minha Paolina.

Agradeço muito tuas cartas de 16 de janeiro e 15 de fevereiro, que me trazem novas de casa e de Recanati. Acredita que vivo ávido por essas novas, até pelas mais miúdas; por isso mesmo me irritam, aliás, me desagrada tua brevidade, teus *et coetera.* Tive um grande prazer com a notícia do canonicato, mas o caso do Conselho deixou-me de péssimo humor. Entendo que a papai não importe nada, tudo bem; mas essa canalha recanatense atiça minha bílis. Aqui também tivemos duas semanas de frio, mas sem neve. Agora o calor voltou, e estamos na primavera. Acreditas que ainda não pude ver uma cópia da Crestomatia? Stella já pensa numa segunda edição, quando na Toscana nem se encontra a primeira, a tal ponto é lenta a comunicação entre Toscana e Lombardia. Não tenho comigo nenhum fascículo do *Spettatore.* Pede a papai que me escreva umas linhas quando puder, pois há muito tempo não tenho nada dele, e sofro com isso; beija-lhe a mão por mim. Agradece infinitamente à mamãe pelas palavra que me mandou em tua penúltima. Carluccio, o que tem feito? Por que nunca me escreve? E Luigetto? Pietruccio? Sonho sempre com todos, no sono e na vigília. Tenho em Pisa uma certa estrada, deliciosa, que chamo de *Via delle rimembranze* (rua das lembranças): vou lá a passeio quando quero sonhar de olhos abertos. Asseguro-te que em matéria de imaginação, pareço ter voltado a meus velhos e bons tempos.

Adeus, minha Paolina. Saudações a dom Vincenzo e ao cura.

159
A PIERFRANCESCO LEOPARDI

Pisa, 31 de março de 1828.

Prezadíssimo senhor Cônego.

Agora sim, posso chamar-lhe cônego de coração, já que deixou de ser um cônego sem canonicato para tornar-se cônego de fato. Asseguro-lhe que a notícia de sua nomeação alegrou-me infinitamente. Diga a Montaccini que, se quiser ficar em paz, não imponha jejuns à mulher, ou à gata, ou à jaqueta, mas que ele mesmo jujue após a Páscoa, por oitenta dias, e verá que lhe fará bem. A propósito da Páscoa, atenção com os ovos, não exagerem neste ano; podem comê-los, mas com moderação, sem sofrimen-

to. Não comerei nem ovos, nem outras coisas, pois não posso comer nada, embora esteja bem; passo 48 horas com uma sopa, o que me entristece até ao fundo da alma — mas paciência. Se provasse as fogaças que são feitas aqui na Páscoa, garanto que lhe agradariam mais que a *crescia*: mandarei pelo correio uma dessas a Paolina (porque elas levam açúcar), mas é preciso comê-la quente — infelizmente, não posso mandar o forno também.

Já escrevi a Paolina dizendo que tenho um livro pronto para lhes mandar; há também uns cobres. Eu mesmo o levarei, se antes não achar alguma ocasião. Diga a Paolina que a Antologia francesa ainda não chegou.

Quem é aquele monsenhor Scerra de quem me fala? E qual é o benefício de S. Sebastião? Será aquele combatido pelo arcediago? Escreva ou mantenha-me informado. Agradeça a papai pelas linhas que me escreveu em sua carta, dando-lhe as boas festas em meu nome. O mesmo a mamãe e a todos, inclusive ao cura e a dom Vincenzo. Hoje deve ser dia de trabalho na Sé, e não quero incomodá-lo por mais tempo. Por isso, beijando-lhe ambas as mãos, tenho a honra, etc.

Seu irmão e servidor,

Giacomo

160
A PIETRO GIORDANI

Pisa, 5 de maio [de 1828].

Meu caríssimo.

Soube que há poucos dias perguntaste por mim a Vieusseux, mostrando-te espantado com o meu longo silêncio. Calei porque não sei nada sobre os outros, e nada poderia saber em Pisa que fosse importante e tu não soubesses; das minhas coisas, gostaria de dizer-te umas novidades, como, por exemplo, que a vida tornou-se-me tolerável, mas na verdade posso apenas relatar-te coisas velhas, e não quis importunar teus ouvidos. Minha vida é tédio e sofrimento; pouquíssimo posso estudar, e esse pouquíssimo é tédio também. Se ao menos pudesse guiar-me nos estudos pelo meu gênio, haja vista a qualidade das opiniões deste século, meu coração não mais se esgotaria em atividades que me descontentam. Minha saúde sempre me impede qualquer fruição, o menor prazer me liquidaria; se não quero morrer, também não posso viver.

Mas deixando essas lamentações e passando a coisas mais importantes, cometeria um grande erro em relação a ti e a mim se repetisse que te amo sempre como meu único amigo, que te adoro como um homem digno

de estar entre os melhores da criação humana. Mas não creio agir mal ao pedir que me conserves teu amor. Nesse último ano pudeste conhecer-me melhor que nos anos passados, pudeste ver que não sou nada, e sobre isto já te havia advertido várias vezes; é o que digo a todos que desejam se inteirar do meu ser. Mas nem por isso deves reduzir-me tua benevolência, que se funda nas qualidades do meu coração, naquele amor terno e antigo que te jurei ao desabrochar dos meus pobres anos, e que desde então conservo e conservarei até à morte. Fica sabendo (ou recorda) que, exceto minha família, tu és o único homem cujo amor me proporcionou um como altar de refúgio, uma coluna *dove la stanca mia vita s'appoggia*[83](onde minha triste vida se apóia).

Voltarei logo a Florença, mas ainda não sei o dia. Saudações a Montani, Vieusseux, Colletta, Capponi. Adeus, adeus.

161
A MONALDO LEOPARDI

Pisa, 14 de maio de 1828.

Caríssimo senhor pai.

Parece incrível, mas só hoje recebo sua carta do dia 2:[84] Deus vê como está meu coração depois que li o que ela contém. Há muito tempo não sinto uma dor tão grande, e certamente estas são as maiores penas que eu possa sentir em minha vida. Espero que o senhor, imaginando a ansiedade que sinto por vós e por mim, não me deixe sem notícias sinceras e imediatas de tudo o que vier a acontecer. Seja feita a vontade de Deus. Nunca senti tão vivo, como desta vez, o lamento por não estar entre os meus. Tortura-me infinitamente pensar que sua saúde, enfraquecida pelo infortúnio que o senhor anuncia, como eu já soubera por Paolina, possa sofrer com esta nova aflição. Peço-lhe de coração que tenha cuidado. Também espero que Deus nos console. Eu, graças a Deus, estou bem, especialmente agora que a estação se tornou mais constante e que começo a habituar-me ao calor. Aguardo cartas de casa com uma impaciência indescritível. Gostaria de saber precisamente se mamãe está bem, porque Paolina me escreveu dizendo que melhorara após um distúrbio, mas desejaria ouvi-la quanto a isto. Mal entendo o que escrevo. Mais uma vez, peço-lhe de coração que tenha cuidado. Beijo suas mãos e as de mamãe, e anseio urgentemente por sua bênção.

Caríssimo senhor pai, creia-me sempre com toda a alma seu ternissimo filho.

162
A MONALDO LEOPARDI

Pisa, 18 de maio de 1828.

Meu caríssimo senhor pai.

Não falarei da minha dor, que é tão grande que não chego a abraçá-la toda inteira. Bem sinto quanto o senhor, mais que todos, precisa de consolo. Pensar no seu estado, e no de mamãe e dos irmãos, é um dos principais motivos que me fazem chorar tanto.

Desde o momento em que recebi sua carta do dia 2, a distância que nos afasta começou a tornar-se duríssima para mim. Agora então é quase insuportável; se a viagem daqui a Recanati pudesse ser feita em uma noite, como acontece daqui a Florença, garanto-lhe sem exagero que a esta hora eu já estaria a caminho daí, ou pronto para partir. Mas como sei que, tendo de viajar de dia nesta estação avançada, não suportaria o calor — com o qual, mesmo aqui, devo ter um extremo cuidado —, sou constrangido com grande pesar a esperar pela estação mais fresca; aí então, se Deus me der vida e saúde para poder empreender viagem, não haverá nada no mundo que me impeça de rumar em sua direção. Entretanto, durante esses poucos meses, peço-lhe que me dê novas daí com a maior freqüência possível: não poderia viver em paz sem que tivesse notícias precisas e constantes de sua situação. De minha parte, não deixarei de informá-lo de mim com a mesma freqüência. Graças a Deus, agora estou bem, e resignado à vontade divina.

Recebi sua carta anteontem, mas no dia não tive forças para escrever. Não vi Rossi, o que não é de espantar, porque, como o senhor não pôde saber seu nome de batismo (Antonio), e havendo aqui muitos Rossi, é difícil que a carta tenha chegado a seu destino. Minhas ternas lembranças a todos. Que o senhor se cuide e me dê sua bênção.

Giacomo

163
A CARLO LEOPARDI

Pisa, 21 de maio de 1828.

Meu Carluccio.

Parece-me quase impossível que tu duvides que eu pense em ti todos os dias, o dia todo. Sinto, porém, uma espécie de necessidade imperiosa de escrever-te para reiterá-lo e jurá-lo, como se achasse possível que duvi-

dasses de mim. Tenho uma ânsia incrível de te rever, de estar contigo, uma ânsia que não me dá trégua. Para esta impaciência, enquanto não a puder satisfazer, não vejo outro alívio possível senão umas linhas tuas. Escreve-me como quiseres, escreve-me só duas palavras assim como eu, porque as coisas que sentimos não as podemos exprimir — e é natural que nossas cartas sejam como as grandes paixões, isto é, mudas. Basta que me mandes um beijo; mando-te um tão ardente como se estivéssemos juntos e nos apertássemos peito contra peito, o que faremos, se Deus quiser, daqui a não muito. Que este beijo te diga tudo.

Adeus, adeus. Lembranças a todos.

164
A MONALDO LEOPARDI

Pisa, 26 de maio de 1828.

Querido papai.

Entre os tantos pesares que a sua carta do dia 16 inspira, uma coisa, além dos motivos religiosos, me deu algum conforto: receber o desabafo da sua dor, e pensar orgulhoso que esse desabafo o possa ter aliviado por um momento. Não posso pretender consolá-lo, tanto mais que eu mesmo estou inconsolável. Mas, em minhas considerações diárias sobre o seu estado, sofro ao pensar que o senhor certamente não fez até agora nenhum esforço para afastar um pouco a mente do pensamento que o domina e atormenta. Caro papai, bem sei que as almas sensíveis em situações como esta quase se envergonhariam de si mesmas se tentassem fugir à dor, permitindo-se algum alívio; parece um dever sagrado terem de se abandonar inteiramente ao pensamento que as aflige, sem nenhuma atenção a si mesmas. Por isso, não posso deixar de pedir-lhe que arranje uma distração qualquer; seu espírito terá menor dificuldade em atender-me, se pensar que lhe peço isto por um motivo tão sacro e sincero quanto o que causa a sua dor: peço-lhe, não por seu amor próprio, mas por amor a nós, que vivemos no senhor e para o senhor, que veríamos reduzida e mutilada nossa vida se sua saúde decaísse. De minha parte, posso jurar-lhe francamente que não vivo senão para o senhor e minha cara família, que jamais usufruí a vida senão em sua presença, e que ora a vida só me é cara porque penso na dor que lhes causaria se a perdesse. Portanto, procure atender-me, fazendo este mesmo pedido a mamãe; não posso exprimir quanto minha angústia atual é acrescida pela dúvida e pelo temor de que a saúde dos meus venha a sofrer com esta circunstância. Nestes dias também recebi os S. Sacramentos, por motivos que o

senhor conhece. De saúde, graças a Deus, estou bem. Vou me sustentando com a idéia de estar em breve com os meus; qualquer outro consolo me seria inútil. Daqui a duas semanas, se Deus quiser, espero estar em Florença, onde talvez não me detenha muito; mas passarei em Siena, e de lá irei a Perugia, e assim, lentamente, segundo minhas possibilidades, irei me aproximando de casa. Papai, abrace os irmãos por mim, e, se não é supérfluo dizê-lo, pense que sempre serei um dos filhos mais amorosos que *já* existiram e poderão existir no mundo.

Seu

Giacomo

165
A MONALDO LEOPARDI

Florença, 17 de junho de 1828.

Meu caro papai.

Recebo aqui, de Pisa, a sua caríssima do dia primeiro. Suas cartas são absolutamente o único consolo que tenho, mas esta última me deu o conforto que o amor das pessoas queridas pode dar nas grandes aflições. O senhor me declara seu amor com tanta ternura, que chego a ficar alegre; tanto mais que sinto merecê-lo integralmente, se amor se merece com amor.

Entro de alma inteira em cada particularidade de sua dor. Ser-me-ia impossível decidir se na pena que senti, e sinto, predomine mais o meu próprio sentimento da nossa desgraça comum, ou o reflexo de suas dores em minha alma. Mas como poderia decidir, se a desgraça é tão grande que posso afirmar jamais tê-la entendido, como nem mesmo agora a entendo? Chorei maquinalmente, quase sem saber por quê, sem nenhum pensamento determinado que me comovesse.

Todavia, o senhor me perdoará se eu voltar a pedir-lhe que concorde em se distrair um pouco. Enquanto Deus quiser que viva, o senhor será necessário a nós e nós ao senhor; devemos cuidar de nossa saúde, não por nós mesmos, mas pelo amor recíproco que nos une. Por isso, pensando em mim mesmo, recomendo-lhe de coração que trate seu espírito de modo a não prejudicar sua saúde. Estou certo de que minha querida mamãe e meus caros irmãos lhe fazem, cada um em particular, o mesmo pedido, com a mesma intenção.

É provável que a carta ao cav. Rossi não tenha sido retirada, permanecendo nos correios. Gostei de o senhor ter lido e apreciado o romance cristão de Manzoni. É realmente uma bela obra, e Manzoni é um espírito belíssimo, um bravo homem. Aqui se publicará em breve uma espécie

de continuação desse romance, que tem passado por minhas mãos. Será coisa de pouco valor; dói-me dizê-lo porque o autor é meu amigo, e quis confiar esse segredo apenas a mim, constrangendo-me a rever sua obra página por página — não sei o que fazer. Por isso, peço também ao senhor que mantenha segredo. Beijo as mãos de mamãe e abraço carinhosamente os irmãos. Dê-me a bênção. De coração, me declaro seu amorosíssimo filho, Giacomo.

Graças a Deus, estou bem.

166
A ANTONIETTA TOMMASINI

Florença, 5 de julho de 1828.

Minha caríssima Antonietta.

Compreendi através de sua última carta amorosa que realmente cometi uma imprudência ao escrever a Adelaide aquelas poucas linhas, as quais lhe causaram tanto desgosto; foram ditadas pela bílis, e eu deixei correr, arrependendo-me logo em seguida — e agora me arrependo ainda mais. Mas, como assegurei a Adelaide e ora lhe juro, o amor infinito que tenho aos amigos e aos parentes me manterá no mundo até que o destino me convoque, e não se fala mais nisso. No entanto, não posso expressar quanto me comove o afeto que suas ternas palavras me demonstram. Não preciso de estima, nem de glória, nem de coisas semelhantes, mas preciso de amor; pode, pois, imaginar quanto o prezo, e com quanto desvelo, pois que o encontrei tão puro e tão vivo em sua pessoa e na sua família, a quem amaria de coração, mesmo não sendo amado, já que sua virtude por si só o mereceria. Não estou muito bem, e isso me desagrada porque não posso fazer nada, nem me movimentar; mas os meus males ainda não são tão graves que mereçam a honra de produzir um *alarme*. Assim, conquanto meu desejo de revê-la seja imenso, digo-lhe sinceramente que não gostaria que empreendesse a viagem a Florença apenas por minha causa. Quanto às minhas novidades, não deixarei de transmiti-las pouco a pouco, como me pede. Acredite e esteja certa de que não a engano. Sobre eu ir a Bolonha, já sabe por que não vou. Nesse outono (já que o frio me tem sido menos adverso que o calor) veremos o que poderei fazer. Peço-lhe que não tarde em me dar notícias de Adelaide, pois, não obstante suas palavras tranqüilizadoras, continuo muito inquieto por ela. Cumprimente-a mil vezes por mim, bem como ao nosso egrégio professor, a quem agradeço sem fim pela bondade e atenção que me dedica. Dê-me novas também do ótimo Advogado, cumprimentando-o cordialmente em meu

nome. Cuide bem de sua saúde e creia que a amo com toda a amizade possível; de resto, tal como se pode amar ao mesmo tempo duas pátrias, assim eu amo a um só tempo duas famílias como se fossem minhas: a família Leopardi e a Tommasini, a qual, doravante, se assim lhe apraz, chamarei igualmente minha.

Adeus, minha cara Antonietta.

167
A PIETRO GIORDANI

Florença, 24 de julho de 1828.

Meu caríssimo.

Confio esta carta a Antonietta Tommasini, solicitando a ela que lha entregue caso cruze contigo em Bolonha, ou que a envie a Parma, se houveres partido. Antonietta e Adelaide insistiram muito para que eu fosse vê-las em Bolonha. Agora que a tua companhia me falta, se não fosse a má disposição da saúde, teria deixado Florença com prazer, pois confesso que esta cidade sem a tua presença se torna muito melancólica. Estas ruelas que chamam de estrada me afogam, esta sujeira universal me deprime, estas mulheres parvíssimas, ignorantíssimas e fúteis me enervam; não vejo e não tenho senão a companhia de Vieusseux, e quando ele me falta, como ocorre amiúde, sinto-me como num deserto. Enfim, começo a ficar nauseado com o supremo desprezo que aqui se professa por tudo o que é belo, por toda a literatura, principalmente porque não me entra na cabeça que o ápice do saber humano esteja na política e na estatística. Aliás, considerando filosoficamente a inutilidade quase completa dos estudos feitos desde a idade de Sólon na busca da perfeição dos estados civis e da felicidade dos povos, vem-me um certo riso por esse furor de cálculos e sofismas políticos e legislativos; humildemente pergunto se a felicidade dos povos pode ser dada sem a felicidade dos indivíduos, os quais estão condenados à infelicidade por natureza, e não pelos homens ou pelo acaso. Para consolo desta infelicidade inevitável, nada me parece mais valioso que o estudo do belo, os afetos, a imaginação, as ilusões. Acho, portanto, que o aprazível é mais útil que todas as utilidades, que a literatura é realmente e certamente mais útil que todas essas disciplinas sequíssimas, as quais, mesmo atingindo seu fim, acrescentariam pouquíssimo à vera felicidade dos homens, que são indivíduos e não povos; ademais, quando obterão seus fins? Adoraria que um dos nossos professores de *ciências históricas* o ensinasse a mim.

Tenho cá comigo (e não por acaso) que a sociedade humana possui princípios inatos e necessários de imperfeição, que seus estados são mais

ou menos ruins, mas nenhum pode vir a ser bom. De qualquer modo, privar os homens do prazer nos estudos parece-me um verdadeiro malefício ao gênero humano. Quando tiveres tempo, me escreverás tuas novas o mais longamente que puderes; cumprimentarás em Guastalla o conselheiro Dodici (não te esqueças); e em qualquer lugar, sempre, terás um grande amor por mim, porque eu te adoro.

Adeus, adeus.

168

A MONALDO LEOPARDI

Florença, 28 de agosto de 1828.

Querido papai.

Anteontem recebi, juntamente com a do dia 19, sua carta do 11, atrasada pela infame negligência dos correios daqui. As notícias que o senhor me dá abalaram-me extraordinariamente; mesmo em meio à angústia em que me encontro, não posso deixar de lamentar, com afeto, que o senhor me tenha ocultado isto até agora, como se eu não fosse parte interessadíssima no caso, pela minha infinita solicitude por tudo que lhes diz respeito. A essa distância, que se me torna cada vez mais amarga, não posso dizer nada de preciso sobre o assunto; posso apenas asseverar-lhe que, conhecendo Carlo intimamente e melhor que qualquer outro no mundo, tendo dividido a vida com ele por inteiros 26 anos, creio, aliás, tenho absoluta certeza de que seu coração e seu caráter são tão bons que, sem uma força sobrenatural, é impossível que se tornem maus. Por isso considero firmemente impossível que Carlo, de posse de sua razão e em coisa tão grave, se reduza a faltar com o dever para com o senhor e a mamãe, dando-lhes um terrrível desgosto. Certamente, enquanto eu viver lhes serei sempre fiel, morrendo por vós, se necessário; mas creia-me, querido papai, que tampouco o senhor perderá Carlo, quaisquer que sejam as atuais aparências e os projetos que ele possa estar cultivando. Tive muitas dúvidas se seria apropriado que eu escrevesse a ele; contudo, meu coração forçou-me a fazê-lo, não para afrontar a coisa de frente, mas para estar em contato com ele quanto a este caso, sobre o qual ele jamais se manifestou ou disse uma só palavra.

Deus é testemunha, meu caro papai, de quanto sofro por essa nova aflição que se abateu sobre o senhor e a mamãe. Oh, se eu já pudesse estar convosco! Agradeço-lhe muito pelos cuidados com o meu quarto, mas

penso que o ajeitaremos melhor pessoalmente; creio ainda que poderei adotar um método de vida menos incômodo que o da outra vez. Por enquanto, tenha atenção com a sua saúde e não se aflija muito com este caso, pois tenho a firme convicção de que ele não acabará mal. Sobre minha saúde, escrevi-lhe na última carta. Neste momento, uma secreção nos olhos me impede de continuar a escrita, como gostaria; mas é coisa pouca. Caro papai, abrace-me, espere-me e lembre-se de ter em mim um afetuosíssimo filho. Peço-lhe que me mantenha informado sobre qualquer novidade.

169
A MONALDO LEOPARDI

Florença, 11 de setembro de 1828.

Querido papai.

Recebi sua carta de 31 de agosto. Certamente, o modo com que procederam e procedem em relação ao senhor e a mamãe, tentando lhes subtrair Carlo a todo custo, é algo que ninguém poderá escusar; eu mesmo jamais pensei que tal método pudesse ser usado por essas pessoas. Carlo ainda não me respondeu, mas talvez não tenha recebido minha carta, que pode ter se atrasado nos correios: aguardo a resposta com impaciência. De resto, continuo certo de que ele nunca dará um passo decisivo sem o seu consentimento; nada no mundo me poderia convencer do contrário, exceto o fato consumado. Em minha mente só passa uma imaginação, que com essa distância não pode deixar de me perturbar: é o temor de que Carlo, vendo-se ao mesmo tempo constrangido por sua promessa e por seu dever para com o senhor, seja arrastado pelo entusiasmo e pelo desespero a conceber um desenlace funesto contra si mesmo. O firme caráter de Carlo, que conheço muito bem, abre espaço a esta dúvida; não posso ocultá-la do senhor, pedindo-lhe que, estando em sua presença, observe seus passos com este intuito. Não posso expressar quanto esta idéia me tem ocorrido (ainda que seja um sonho), me torturando e fazendo suar, mormente se considero o absoluto silêncio de Carlo para comigo.

Quanto aos aposentos, parece-me difícil tomar uma decisão sem estar aí; por isso, preferiria que o senhor por enquanto não fizesse qualquer mudança. Entretanto, agradeço-lhe de todo coração por sua bondade. Minha saúde está passável.

Beijo-lhe a mão com afeto. Seu

Giacomo

170

A PIETRO COLLETTA

Recanati, 16 de janeiro de 1829.

Meu caro general.

Agradeço-lhe infinitamente pela sua de 25 de dezembro. Não imagina quanto fico contente em saber da melhora de sua saúde. Também muito me alegra que já tenha concluído o sexto livro de sua História, tanto mais que o não esperava — aliás, sendo contrário a toda expectativa. Os outros amigos que o leram admiraram as qualidades intrínsecas de sua obra; eu admiro que tenha podido conduzir um trabalho tão penoso em meio a tantos sofrimentos e dores corporais, os quais não lhe deram trégua durante todo esse tempo. Espanto-me ao pensar que, quando não estou bem de saúde, não consigo fazer nada; nem falo em escrever, mas sequer posso conversar. Uma outra coisa me alegraria se eu estivesse na Toscana: soube por Vieusseux que o senhor decidiu deixar aquela bendita casa[85] de campo para passar doravante os verões com os amigos em Florença. O senhor é tão bom e amável, quanto valente. Como pede que lhe conte como estou, obedecer-lhe-ei para demonstrar minha gratidão, não me furtando ao perigo de aborrecê-lo. Se quero viver fora de casa, preciso viver do que é meu, ou seja, não do que é de meu pai, pois que meu pai não me quer sustentar fora de casa, e talvez não possa, haja vista a grande escassez de recursos por que passa esta província, onde não basta o haver, onde os proprietários gastam sua produção em víveres, não podendo convertê-la em moeda; como se não bastasse, o patrimônio de casa, embora seja dos maiores da região, está mergulhado em débitos. Ora, não posso viver por minha conta senão trabalhando muito, e nunca poderei trabalhar muito com esta saúde que tenho. Por isso, tive de desfazer o meu contrato com Stella, perdendo os recursos que dele resultavam — os quais me bastavam para viver com o suficiente. Eram, como creio que já saiba, vinte escudos romanos (dezenove florentinos) por mês. Se encontrasse um emprego que me desgastasse pouco, digo, um emprego público e digno (e os empregos públicos costumam ser pouco desgastantes), o aceitaria de bom grado; mas não posso encontrar nenhum neste Estado, onde tudo vai para frades e padres — fora daqui, que esperança de emprego pode ter um forasteiro? Meus projetos literários são tantos quanto é pouca a minha capacidade de executá-los; impossibilitado de fazê-los, passo o tempo a projetá-los. Só os títulos das obras que gostaria de escrever ocupam várias páginas; para todos tenho material abundante, parte na memória, parte anotada apressadamente em papéis. Poderei especificar-lhe alguns desses títulos, se quiser e quantos quiser,

numa outra carta: esta já está muito longa. Queira-me bem e me escreva, como prometido. Se encontrar o professor Doveri, faça-me o favor de cumprimentá-lo por mim.

Abraço-o cordialissimamente.

171
A MONALDO LEOPARDI

[Recanati], 10 de fevereiro [de 1829].

Querido papai.

Não lhe escrevi nada sobre o caso tolo e importuno desse vigário maluco porque não era coisa de relevo, e porque não podia imaginar a apreensão que isto lhe causaria — para minha tristeza. Sei que Carlo lhe escreveu sobre isso (não sei em que termos), mas decerto a esta hora o senhor estará, espero, mais tranqüilo. A chegada da permissão não era uma novidade. Esta foi enviada pela mãe de Paolina, e talvez por Peppe. Mas Paolina dizia que, assim que chegasse, a guardaria numa gaveta junto com as cartas de Carlo; quando de fato chegou, disse que a podiam rasgar. O vigário, de moto próprio ou movido pela mãe, anunciou a Paolina a chegada da permissão, exortando-a a casar-se logo. Paolina respondeu com despeito, dizendo que se casaria quando lhe aprouvesse, e não a ele, acrescentando que não houvera desordens que tornassem necessário ou oportuno o casamento, nem agora nem nunca. O vigário começou a pregar sobre os perigos da carne, caso continuassem a se verem sem estarem casados. Paolina lhe deu as costas. Então o vigário mandou a primeira advertência canônica a Paolina e Carlo. A mãe, também estremecida com Paolina por sua recusa em se casar, não quer mais que se vejam em casa, permitindo apenas que se escrevam. Eles se vêem no teatro, e se falam, não de um balcão a outro, mas no dos Mazzagalli. O vigário aquietou-se, e parece que não fará barulho.

Quanto ao estado das coisas, lhe asseguro e juro que Paolina e Carlo estão não só distantes do casamento, mas também desejosos de não realizá-lo, nem agora nem nunca. Entretanto, estão resolvidos a conservar a amizade. Carlo está apaixonado, mas não loucamente como nos outros tempos: seu amor é sincero e profundo. Paolina decerto está apaixonada, se bem que odeie o casamento. Só o desespero poderia levá-los a se casar, isto é, se fossem impedidos de se ver e relacionar; se puderem continuar a fazê-lo como antes, que é tudo o que desejam, jamais se casarão. No entanto, mamãe serve continuamente aos interesses dos nossos inimigos ao erguer todos os possíveis obstáculos para impedir qualquer contato entre

Carlo e Paolina; parece que não sossega até que Carlo envie a derradeira palavra a Paolina. Carlo assevera-me que mamãe não diz tudo ao senhor, e que nem tudo o que diz é verdadeiro — e eu acredito nele. O efeito dessas manobras só poderia ser diretamente contrário aos nossos desejos. O tempo e o deixar correr são (o senhor bem sabe) o melhor remédio para essas paixões. Eles gostariam de manter a decência, como fizeram até agora, jamais tendo sido vistos sozinhos; as aleivosias, sem ter quem as fomente e ouça, caem no vazio. Assevero-lhe uma outra coisa (Carlo inclusive a prometeu a mamãe): nem o desespero poderia induzir Carlo e Paolina a darem um passo decisivo durante a sua ausência. Gostaria ainda de que acreditasse que as intenções hostis contra o senhor foram e são do Vigário, da mãe, e talvez de outros, mas não de Paolina, que agiu e age como uma jovem, por pura paixão, sem cálculo. Se houve ambição, foi ambição de seduzir, e nada mais. Por isso ela se fez inimiga sobretudo de sua mãe.

Peço-lhe veementemente e de coração que não faça uso direto de nenhuma das confidências que lhe fiz aqui sobre as intenções de Carlo e Paolina. O senhor bem vê que são segredos que não me pertencem. Peço-lhe também de coração que fique com o ânimo em paz quanto a esse malfadado caso, que por enquanto não terá maiores conseqüências. Quanto a mim, eu faria um grande favor a mamãe se conseguisse convencer Carlo a deixar Paolina de vez, caso fosse possível persuadi-lo; mas o senhor me diga se já conheceu alguém, ou melhor, se acha que exista no mundo uma pessoa que tenha renunciado a uma paixão por meio de discursos e admoestações. Escreveria mais longamente, mas Deus sabe que meus olhos e intestinos não me deixam ir adiante.

Beijo-lhe a mão e peço sinceramente sua bênção. Seu

Giacomo

172

A Gianpietro Vieusseux

Recanati, 12 de abril de 1829.

Meu caríssimo Vieusseux.

Como escusar-me do meu longuíssimo silêncio? Como, senão alegando meu estado e a quase impossibilidade de escrever? Não lhe falarei de minha vida, da amargura em que passo os dias, sufocado por uma melancolia que já é quase loucura: não lhe quero entediar, nem a mim, com discursos tristes. Suas cartas são sempre cheias de amor; correm-me lágrimas dos olhos quando sua lembrança me ocorre, bem como o tempo em que gozei de sua companhia.

A Antologia de janeiro e fevereiro, pelo que pude ler, pareceu-me como sempre excelente. Mas vejo que tem dificuldade em frear e conter-se ao que se propôs: seus fascículos sempre superam as dez folhas. Diga a Montani que entre os tantos amigos que lêem seus artigos Antológicos inclua ainda minha irmã, a qual, recebendo aqui a Antologia, sempre fica contente quando vê aquele *M.*

Acabo de receber sua última, *sem data*. Fico feliz em saber que o Niebuhr lhe chegou. Não foi inútil tê-lo trazido comigo, porque antes de devolvê-lo fiz uma infinidade de apontamentos.

Agradeço-lhe as novas que me dá dos amigos, bem como a *Monaca di Monza* (Monja de Monza); asseguro-lhe que me são muito gratas. Contudo, nenhuma notícia sobre sua saúde. Espero que a boa estação lhe haja liberado dos incômodos que o frio lhe causou.

Quanto à Crestomatia poética, fiz tudo o que pude; porém, fosse por incapacidade minha, fosse a má qualidade do material, o trabalho saiu péssimo, e eu estou pouquíssimo satisfeito com ele. É o que tenho dito a todos, e peço-lhe que diga o mesmo a Giordani, a Montani e a quem quer que seja.

De uma frase do último artigo de Poggi na *Antologia* (artigo que seguramente foi revisto por Zannoni) deduzo que a Academia da Crusca, para não premiar as *Operette morali* (Opúsculos morais), tem a intenção de violar as regras, decretando *espontaneamente* o prêmio aos *Promessi Sposi* (Os noivos) de Manzoni, que certamente não concorreu. Mas peço-lhe que por enquanto não mencione esta minha suspeita, para que o comentário não termine sugerindo (caso a suspeita seja acertada) esta resolução aos Acadêmicos; guarde-a na memória, como uma predição que será aferida a seu tempo.

Há muito não tenho notícias de Gioberti, deduzindo que não recebeu minhas cartas. Lembranças a todos os bons amigos, especialmente a Montani, Forti, Capei, Tommaseo. Rogo-lhe que não deixe de cumprimentar cada um deles *em particular*. Queira-me bem e, se houver Santos que concedam a morte a quem a deseja, recomende-me a eles. Adeus, adeus. Um abraço. Escrevi há pouco a Giordani.

Seu

Leopardi

Seria possível mandar-me notícias frescas de Brighenti? Ele nunca enviou o pacote com os meus livros.

173
A VINCENZO GIOBERTI

Recanati, [17 de abril de 1829].

Para meu grande desgosto, há muito tempo não tenho notícias suas. Respondi com uma longa carta à sua primeira e única, de 12 de janeiro, onde lhe agradecia pelas novidades literárias que me dava, assegurando-lhe que me causavam um grande prazer, especialmente por esta distância que me separa do mundo civilizado; dizia ainda que por longas que fossem suas cartas, eu as desejava ainda mais longas. Participava-lhe meu contentamento com o seu modo de escrever, que considero claro e naturalíssimo, e pedia-lhe que não deixasse de estender ao público os frutos do seu engenho e doutrina, ambos muito raros. Dizia-lhe muitas outras coisas que agora me fogem à lembrança. Sobretudo recomendava-lhe saúde, pela qual realmente temo, embora me convença de que seu silêncio decorra do fato de minha carta jamais lhe ter sido entregue, e não de uma indisposição física. Se esta lhe chegar, escreva-me o mais rápido e longamente que puder, informando-me dos seus estudos e de seu estado. Vieusseux me pede, de Florença, notícias suas: cumprimenta-o, quer um artigo seu para a *Antologia* e gostaria de que, se possível, procurasse para ele assinantes aí. Meu pai, que voltou agora de Roma, manda lembranças cordiais, e assim toda minha família. Giordani, a quem mencionei seu nome inúmeras vezes, o estima pelos elogios que ouviu de quem o conhece.

Adeus, caro Gioberti; saúda os egrégios M. e D. Queira-me tanto bem quanto eu lhe quero; não será pouco, pois eu o amo na medida do seu valor.

174
A PIETRO COLLETTA

Recanati, 26 de abril de 1829.

Meu caríssimo General.

Achando-me pouco capaz de poder agradecer-lhe suficientemente por sua gentil carta do dia 18, escrevo a Giordani pedindo que ele agradeça também em meu nome. A saída que me propõe, inspirada em Botta, tem enormes vantagens, mas confesso-lhe que não consigo tornar pública minha indigência daquele modo. Botta teve de fazê-lo para comer, eu por ora não tenho esta necessidade; e mesmo que a tivesse, hesitaria antes entre a vida de pedinte e o morrer de fome. Não creia que esta minha

repugnância decorra da soberba: primeiramente, isto me tornaria vil a mim mesmo, privando-me assim de todas as faculdades do espírito; depois, não me conduziria a meu fim, pois estando numa cidade grande não ousaria aparecer em público, e, sendo observado e indigitado por todos com misericórdia, não gozaria nada. Desejo ardentemente viver próximo de todos, mas viver do que é meu, e não de outro modo. Contudo, considero-me seu devedor; aliás, declaro que, por tantos favores passados e por esta sua oferta cordialíssima e generosa, sou e serei seu perpétuo devedor. Se não aceito a proposta, espero que não o interprete erroneamente, pois não há amigo ou parente próximo que me fizesse aceitar semelhantes condições; nem de meu pai as aceitaria, se o que tenho de meu pai não me fosse devido.

Além do necessário para a habitação e o passadio, pouco mais (três ou quatro moedas ao mês) me bastaria, já que traria de casa roupa suficiente. Ao todo, com uns duzentos escudos ao ano, ou pouco mais, poderia sobreviver. Mas não quero que se preocupe muito com isto; afinal (compreendo beníssimo), se é difícil conseguir sustento para uma pessoa ativa, quão difícil será obtê-lo para quem, por razões de saúde e outras mais, nada pode fazer?

Não tenho nenhuma notícia de sua saúde. O silêncio me parece bom sinal, mas mesmo assim gostaria de saber se está bem. E como vai a História? Relendo sua carta, enterneço-me ao ver tanta solicitude e afeto. Esteja certo de que o estimo de fato, e correspondo ao seu amor.

175
A ADELAIDE MAESTRI

Recanati, 22 de julho de 1829.

Minha cara Adelaide.

Recebi seu presente e o de Ferdinando junto com a carta do dia 6. Mas a resposta à minha de 22 de maio nunca me chega. Agradeço-lhe da melhor forma que posso o tabaco e tantas gentilezas amorosas, mais com o espírito do que com palavras, pois não as encontraria que bastassem, ainda que escrevesse longamente. Diga a Ferdinando que o estilo de sua Oração pareceu-me belíssimo, cheio de autêntico afeto; lhe escreverei assim que puder. Minha saúde não está boa, mas não sofra com isso: meu mal não é mortal, nem tampouco daqueles que dão a esperança de se tornarem em breve letais. Pode-se dizer que os males secundários da inflamação (que em Recanati eu jamais havia sofrido) cessaram; mas o principal, que consiste num abatimento e *dissolução* dos nervos (que co-

meçara aqui), com este ar, com o excesso de hipocondria, com a falta de movimento e de exercício, cresceu de tal forma que, além de não poder fazer nada, digerir nada, não tenho mais descanso, nem de dia nem de noite. De espírito, porém, estou sempre tranqüilíssimo, não por filosofia, mas porque não tenho mais nada a perder ou a esperar. Quantas coisas queria lhe dizer!, mas em dois dias não pude ir além destas poucas linhas. Desejo-lhe vivamente muita saúde e alegria.

176
A Carlo Bunsen

Recanati, 5 de setembro de 1829.

Prezadíssimo senhor e Amigo.

Meu pai, que adora pensar que na casa paterna eu esteja melhor que alhures, deu-lhe do meu estado uma idéia bem diversa da verdade. Não apenas meus olhos, mas todo meu físico está muito pior do que jamais esteve. Não posso escrever ou ler ou ditar ou pensar. Esta carta, até que a termine, será minha única ocupação; contudo, não posso concluí-la antes de três ou quatro dias. Condenado por falta de meios a esta horrível e odiosa paragem, já morto para qualquer gozo ou esperança, não vivo senão para sofrer, não invoco senão o repouso do sepulcro.

Fui forçado a entrar nesses detalhes tediosos para escusar-me do atraso de minha resposta à sua gentilíssima de 7 de agosto, e ainda para me desculpar se não correspondo ao cordialíssimo convite que o senhor me faz de escrever para o novo jornal arqueológico. Entretanto, dir-lhe-ei com toda sinceridade que a empresa, segundo meu pobre juízo, não poderia ser melhor concebida, pensada e projetada, nem mais primorosamente conduzida. Os artigos do *Boletim* (por cujo exemplar agradeço-lhe sumamente), em particular os seus e os do senhor Gerhard, são, por quanto pude notar, precisamente o que devem ser para corresponder ao nível de excelência que se possa desejar. Confesso ainda que estou espantado por ver tão felizmente superadas as grandes dificuldades que decerto existiram para se obter, em Roma, uma impressão nítida e uma língua italiana inteligível e escorreita.

No final do inverno passado pude finalmente ler, na tradução inglesa, a História Romana de Niebuhr. Poucos livros li em minha vida com tanto e tão contínuo prazer; talvez nenhum outro livro moderno me tenha inspirado tanta admiração, tanto respeito pelo autor, quanto esta obra. Não posso mais delongar-me, mas assevero-lhe que ponho entre as pouquíssimas felicidades de minha vida (a qual espero e desejo firmemente esteja

próxima de seu fim) haver conhecido pessoalmente o autor dessa história que fará época nos anais da filosofia aplicada à filologia e ao entendimento do mundo antigo.

Peço-lhe que receba meus pedidos de saudação ao dr. Nott, meus cumprimentos ao senhor Conselheiro Kestner e ao senhor Gerhard, que tive a honra de conhecer em Florença. Que o senhor continue a conceder-me suas cartas, querendo bem ao seu devotíssimo amigo e leal servidor,

Giacomo Leopardi

Peço-lhe que aceite os cumprimentos de meu pai.

177
A GIANPIETRO VIEUSSEUX

Recanati, 21 de março de 1830.

Caríssimo amigo.

Estou resolvido, com aquele pouco dinheiro que me sobrou do tempo em que trabalhava, a viajar em busca da saúde ou da morte, abandonando de vez Recanati. Não escolherei ofício, qualquer condição compatível com a minha saúde será conveniente; não me importarei com as humilhações, pois não há humilhação ou aviltamento maior do que o que sofro vivendo neste centro da barbárie e da ignorância européia. Não tenho mais nada a perder, e mesmo pondo em risco minha vida, arrisco-me apenas a ganhar. Diga-me *com toda sinceridade* se acredita que eu possa encontrar sustento aí, dando lições ou cursos de literatura *em minha própria casa* — e se o obteria em pouco tempo, pois minhas reservas não durarão muito. Digo lições de todo tipo, mesmo de ninharias: de língua, de gramática e afins. Gostaria que me respondesse assim que puder, pois partirei logo e, de acordo com a sua resposta, saberei se devo encaminhar-me a Florença ou buscar esse brilho de esperança noutros lugares. Adeus, caro e precioso homem. Já tem a minha do dia 3. Lembranças a Giordani, Colletta, Montani e a todos os amigos.
Ternamente o abraça e beija, seu

Leopardi

Faço-lhe esta pergunta sobre as lições porque não posso compor, escrever ou ler. Poderia dar lições, ou seja, orientar a leitura de outrem.

178
A PIETRO COLLETTA

Recanati, 2 de abril de 1830.

Meu caro General.

Minha atual condição não permitiria que eu recusasse um benefício, qualquer que ele fosse, muito menos este que me chega de amigos tão pródigos; nem o mais arredio refutaria a caridade de seus pares. Portanto, aceito o que me oferecem,[87] e se o aceito com tanto desembaraço é porque não posso (como sabem) escrever ou até mesmo ditar, e assim adio meus agradecimentos para quando puder fazê-los de viva voz, o que ocorrerá em breve, porque partirei dentro de poucos dias. Por ora apenas direi que sua carta, após dezesseis meses de uma noite terrível, depois de viver o que não desejo ao meu pior inimigo, foi para mim como um raio de luz, mais bendito do que o primeiro clarão do crepúsculo nas regiões polares.

Morei aí três meses em *Via del Fosso* (que costuma ser confundida com *Via Fiesolana*), no número 401, primeiro andar, com as senhoras Busdraghi, pessoas boas e discretas. Se puder ter a bondade de mandar perguntar a elas se têm um quarto desocupado *para mim*, e, em caso afirmativo, enviar a notícia a *Bolonha*, me faria um favor enorme e muito útil, pois assim poderei ir direto para lá. Caso não tenham, bastaria que me fizesse a gentileza, sem precisar me escrever, de avisar aos da Fontana que me providenciem o quarto que eu ocupava.

Adeus, meu caro General. Não lhe pergunto sobre a saúde e a História porque espero estar aí em breve, quando então falaremos muito. Seu

Leopardi

Caso me escreva a Bolonha, faça-o através de posta restante, do contrário a remeteriam a Recanati.

179
A PAOLINA LEOPARDI

Florença, 18 de maio de 1830.

Querida Pilla.

O retrato é feíssimo; contudo, faça-o girar por aí para que os recanatenses vejam com os olhos do corpo (os únicos que possuem) que *o corcunda Leopardi* serviu para alguma coisa no mundo, enquanto em Recanati

mal se lhe sabe o nome. O que segue em anexo poderá lhe servir para a retirada da encomenda, destinada a Ancona. Tommasini ainda não recebeu minha carta, depois de tantos cuidados com a entrega. Há poucos meses, circulou pala Itália que eu havia morrido, e essa notícia causou um pesar tão geral, tão sincero, que todos ainda se dirigem a mim com ternura, descrevendo-me aqueles dias cheios de agitação e de luto. Pense o quanto aprecio a amizade dessas pessoas. Minha cabeça está como sempre; de resto, razoável. Já se sabe que mando lembranças, inclusive a d. Vincenzo. Escreverei logo a mamãe. Diz a Carlo que me escreva.

180
A ADELAIDE LEOPARDI

[Florença], 28 de maio [de 1830].

Querida mamãe.

Estive doente do reumatismo que trouxe comigo, mas nem mais nem menos do que estava quando passei aí aqueles maus momentos. Agora estou melhor, e ontem fui almoçar com o ministro Corsini, que todos os dias manda saber de minha saúde.

Recebi sua carta do dia 18. Fico felicíssimo em saber que a febrezinha de papai tenha cessado. Quisesse Deus que os males fossem só imaginários, porque minha aparência é boa. Parece impossível que acusem de imaginária uma tão terrível incapacidade de aplicação da mente e dos olhos, uma tão completa infelicidade de vida como a minha. Espero que a morte, que sempre invoco, dentre os infinitos bens que me reserva, faça-me ainda este: convencer os outros da veracidade das minhas penas.

Recomende-me a Nossa senhora; beijo-lhe a mão com toda minha alma.

181
A PAOLINA LEOPARDI

[Florença], 25 de novembro [de 1830].

Querida Pilla.

O estrangeiro que quis o *Eusebio* é um filólogo alemão[88] a quem, depois de vários encontros, fiz a concessão formal de todos os meus manuscritos filológicos, apontamentos, notas, etc, a começar pelo *Porphyrius*. Se Deus quiser, ele os redigirá, completará e publicará na Alemanha; pro-

mete-me dinheiro e fama. Não podes imaginar quanto este caso me consolou, transportando-me por vários dias às fantasias da minha tenra juventude; com a graça de Deus, este acontecimento dará vida e sentido a trabalhos imensos, que há muitos anos considerava perdidos pela impossibilidade de aperfeiçoá-los na Itália, pelo desprezo que tais estudos padecem entre nós, pelo meu estado físico. O estrangeiro promoveu-me em Florença à condição de tesouro escondido, de filólogo superior a todos os filólogos franceses (dos italianos nem se fala, e ele vive em Paris); diz ainda que quer divulgar-me em toda a Europa. Creio que já não irei a Pisa, pois essas travessias me aborrecem bastante. Se alguém daí escrever a Melchiorri, diga-lhe que me mande as assinaturas dos associados que conseguiu, se não quiser que me sejam inúteis, já que preciso delas para logo. Dele não sei nada.

Adeus, adeus. Abraços a todos.

182
Aos Amigos da Toscana[89]

Florença, 15 de dezembro de 1830.

Meus caros amigos.

Que seja dedicado a vós este livro, em que eu buscava, como se costuma buscar com a poesia, consagrar a minha dor; com ele, hoje (já o não posso dizer sem lágrimas), me despeço das letras e dos estudos. Esperei que esses caros estudos pudessem sustentar minha velhice, e acreditei, com a perda dos demais prazeres, inclusive dos bens da infância e da juventude, ter conquistado um bem que nenhuma força, nenhuma desventura me tiraria. Mas eu ainda não tinha vinte anos quando aquela doença dos nervos e das vísceras, privando-me da vida sem me dar esperanças da morte, arrebatou-me mais da metade daquele bem; depois, dois anos antes dos trinta, tudo me foi tirado, creio que para sempre. Bem sabeis que não pude ler sequer estas páginas, que para emendá-las tive de servir-me dos olhos e das mãos de outrem. Não sei mais doer, meus caros amigos, e a consciência que tenho da grandeza de minha infelicidade não permite que me queixe. Perdi tudo: sou um tronco que sente e sofre. Mas nesse tempo vos conheci, e vossa companhia, ocupando o lugar dos estudos, lugar de todo prazer e de toda esperança, quase compensaria meus males se esta mesma enfermidade não me privasse de viver como eu gostaria, se eu não soubesse que a sorte me tolherá também isto, forçando-me a consumar os anos que me restam abandonado pelo conforto da civilização, em um lugar onde os mortos estão melhor do que os vivos. Vosso amor

todavia permanecerá, e talvez ainda me dure depois que meu corpo, já sem vida, se desfizer em cinzas.

Adeus. Vosso

Leopardi

183
A PAOLINA LEOPARDI

[Florença], 2 de julho [de 1831].

Querida Pilla.

Recebi o pacote[90] em perfeito estado, e agradeço a todos de coração. O retrato certamente precisa ser mandado numa embalagem, como se fosse um livro. Se eu disse *com sobrecarta*, quis dizer aberta nas extremidades, isto é, dentro de um grande invólucro. Uma hastezinha, ou qualquer outra coisa dura, seria providencial para que o retrato não se amassasse; se o correio não permitir o envio, retira-a. Porém, creio que a dificuldade não esteja nisto; basta que o cobre passe como material impresso, e não encomenda, o que se obtém apenas em mostrá-lo.

Charlotte Bonaparte est une charmante personne; pas belle, mais doueé de beaucoup d'esprit et de goût, et fort instruite. Elle dessine bien, elle a de beaux yeux. J'allai la voir hier au soir pour la troisième fois; elle avait été malade pendant plusieurs jours. Elle me pria d'inscrire mon nom dans son Album: cela signifie que je dois lui faire un compliment par écrit. Comme je n'aime pas les impromptus, je demandai du tems. Elle me fit promettre que je retournerais ce soir, préparé ou non.

Adieu, ma chère Pille. Graças a Deus estou bem, embora sempre fraco, sempre incapaz de ter prazer, sem poder ler, escrever, caminhar, sem ânimo para qualquer diversão. Abraços em Carlo e Pietruccio (por que não me falas dele?), e beijos nas mãos de papai e mamãe.

Adieu, ma chère Pillulle.

184
A MONALDO LEOPARDI

[Florença], 8 de julho [de 1831?].

Deus sabe quanto lhe sou grato por suas advertências sobre meu livro.[91] Juro que minha intenção foi fazer poesia em prosa, como hoje se faz, e assim seguir ora uma mitologia, ora outra, arbitrariamente, como se faz em versos, sem ser por isso pagão, maometano, budista, etc. Asseguro-

lhe que assim o livro foi entendido por todos, e, com a aprovação de severíssimos teólogos censores, circulou livremente por todo o Estado romano; em Roma, Turim, etc, o livro foi louvado por padres doutíssimos. Quanto a corrigir as passagens que o senhor menciona, as quais não me ocorrem agora, prometo que pensarei seriamente; mas Deus sabe que agora me seria impossível, não digo corrigir o livro, mas relê-lo. Acredite que se eu publicasse um texto com emendas e reparos, segundo a experiência que já tenho dessas coisas, não provocaria senão escândalo, e o que nele houvesse de perigoso tornar-se-ia mais visado, observado e nocivo. Gozo, e muitos gozarão, da publicação do *Memorial*. Não gostaria de que o retrato fosse divulgado entre aqueles que não me conhecem: é muito feio. Se for enviado a Roma, o impressor, malgrado o acordo, tirará cópias para si, como sempre ocorre. Eu, graças a Deus, estou bem; mas os olhos e a cabeça não avançaram um milímetro.

Giacomo

185
A Carlo Leopardi

Roma, 15 de outubro de 1831.

Meu Carluccio.

Agradeço-te muitíssimo a afetuosa curiosidade que ditou tua carta. É natural que não entendas o motivo de minha viagem a Roma, quando até mesmo meus amigos de Florença, que dipõem de muitos dados que não tens, se perdem em conjecturas remotíssimas. Peço-te que me dispense de contar um longo romance,[92] com muita dor e muitas lágrimas. Se um dia nos reencontrarmos, talvez tenha forças para relatar-te tudo. Por ora, fica sabendo que minha estada em Roma é como um exílio amaríssimo, e logo que possível voltarei a Florença, talvez em março, talvez em fevereiro, talvez até antes. Mandei para aí os livros porque não me servem. Recomendo-te que não deixes transparecer qualquer mistério quanto à minha viagem. Fala de frio, de projetos venturosos e coisas semelhantes. Desculpa-me se sou tão lacônico, mas não creio que deva dizer mais; além disso, tenho uma dúzia de cartas a escrever, e os olhos doem. Lembranças à nossa Paolina e à tua Gigia; informa-me bem das intrigas que N.N. e o resto de Recanati, que me circunda e persegue com visitas, tecerão ao falar e escrever sobre mim. Não é a menor das dores que sofro em Roma, ver-me quase repatriado; grande parte da canalha recanatense, ignota ao resto do globo, encontra-se nesta cidade. Congratulo-me cordialmente contigo pela tua poupança, e te estimulo a prosseguir.

Adeus, meu caro Carluccio.

186
A GIANPIETRO VIEUSSEUX

Roma, 27 de outubro de 1831.

Caríssimo Vieusseux.

Recebi do excelente Capobianchi suas cartas de 8 e 18 do corrente, bem como a *Antologia* de julho, a qual (se não preferir de outro modo) lhe restituirei em Florença, junto com as outras que acaso queira enviar-me. Ainda não lhe posso dizer nada sobre artigos ou ocupações literárias, porque estou afogado em visitas, cerimônias e maçadas de todo tipo, às quais, nesta capital da diplomacia, é preciso atender com todo o formalismo, o que me leva ao desespero. No geral, vi que seu último número traz bons artigos, ainda melhores que os anteriores. Falei com Odescalchi e com Betti, mas por enquanto não se fala em interromper o *Jornal Arcádico*, do qual, aliás, parece-me que estão cada vez mais envaidecidos, como se se tratasse de uma obra Européia, de um instrumento para a *civilização* e o aperfeiçoamento do homem. Agradeço-lhe pelas novas que me dá, ainda que dolorosas, do bom Colletta; peço-lhe que dê a ele minhas lembranças, dizendo-lhe mil coisas afetuosas em meu nome.

Antes de viajar, manifestei a quem quisesse saber, bem como a todos os daqui, minha intenção de voltar a Florença assim que o frio passar; e assim será, se antes eu não morrer. Adoraria que repetisse isto aos que falam de prelazias e barretes, coisas que reputo injuriosas se ditas seriamente. Mas de fato não podem ser ditas senão por deliberada mentira, sendo notória minha maneira de pensar e sabendo-se que jamais traí meus pensamentos e princípios com as minhas ações.

Mil saudações cordiais ao admirável Gino, a Montani, Capei, a Forti e a todos aqueles que possam apreciar um aceno meu. Há pouco escrevi a Giordani. Ranieri o saúda afetuosamente e agradece a lembrança.

Adeus, caríssimo Vieusseux: abraço-o de coração e peço-lhe que me queira bem. Seu

Leopardi

187
A FANNY TARGIONI TOZZETTI

Roma, 5 de dezembro [de 1831].

Cara Fanny.

Não lhe escrevi antes para não importuná-la, sabendo quanto está ocupada. Mas, enfim, não queria que o silêncio lhe parecesse esquecimento,

embora talvez saiba que não é fácil esquecê-la. Acho que uma vez lhe ouvi dizer que aos seus melhores amigos costumava não responder, e aos outros sim, porque tinha certeza de que aqueles, ao contrário destes, não se ofenderiam com o seu silêncio. Tenho muita honra de ser tratado como um dos seus melhores amigos; se está ocupada, e se responder lhe traz cansaço, não me responda. Desejo enormemente notícias suas, mas ficarei contente de tê-las através de Ranieri ou Gozzani, com quem sempre falo.

Não creio que espere notícias minhas. Sabe que abomino a política, porque creio, aliás, vejo que os indivíduos são infelizes sob qualquer forma de governo; culpa da natureza, que os fez para a infelicidade. Rio da felicidade das *massas*, porque meu pequeno cérebro não concebe uma *massa* feliz composta de indivíduos infelizes. Não lhe poderia falar de novidades literárias, pois confesso que estou temeroso de desaprender as letras do abecê, pelo desuso da leitura e da escrita. Meus amigos se escandalizam: eles têm razão em buscar a glória e favorecer os homens, mas eu, que não pretendo favorecer os homens, que não aspiro à glória, não faço mal em passar meu dia estendido num sofá, sem piscar o olho. Acho muito razoável o costume dos Turcos e de outros Orientais, que se contentam em estar sentados sobre as pernas todo o dia, olhando estupidamente a face desta existência ridícula.

Mas não devia escrever-lhe estas coisas, pessoa bela e escolhida pela natureza para resplender na vida e triunfar do destino humano. Sei que também é inclinada à melancolia, tal como sempre foram e serão todas as almas gentis e engenhosas. Mas, com toda sinceridade, e não obstante minha filosofia desesperada e sombria, creio que a melancolia não lhe convenha, isto é, que conquanto natural, não seja de todo razoável. Ao menos gostaria de que fosse assim.

Encontrei várias vezes a condessa Mosti, que também me deu notícias suas.

Adeus, cara Fanny; lembranças às meninas. Ponho-me à sua disposição: saiba que a mim, como a todos que a conhecem, é uma alegria e uma glória poder servir-lhe. Seu

Leopardi

188
A PAOLINA LEOPARDI

[Roma], 12 de dezembro [de 1831].

Querida Pilla.

Ontem saí de casa e fui à minha predileta *Piazza del Popolo* (praça do Povo). Cansei-me um pouco, e hoje não saio para poder repousar. De resto, estou razoável, e até recusei um segundo medicamento que me queriam aplicar para que eu melhorasse. Encontrei Tommasini, que esteve aqui de passagem para uma conferência. Fizeste muito bem em escrever-me uma carta longa, sem imitar as minhas, que são curtas por necessidade. Agradece a Pietruccio por sua cartinha. Roma é grande, e quem não procura uma pessoa não a encontra. Mas é curioso que eu, estando de cama, acho o endereço de quem quero, enquanto ninguém consegue achar o meu, que moro em *Piazza di Spagna* (praça de Espanha). Andrea Podaliri, que não conseguiu me achar, habitava simplesmente na mesma casa que eu, com o mesmo senhorio — e eu o soube assim que cheguei. Diz-me logo se mamãe melhorou do resfriado, e beija-lhe a mão por mim.

Adeus, adeus.

189
A MONALDO LEOPARDI

[Roma], 22 de dezembro [de 1831].

Meu querido papai.

Agradeço infinitamente o dinheiro[93] que o senhor teve a bondade de me mandar, embora me desagrade que o senhor sempre se incomode por mim. Devo avisar-lhe que neste correio não chegou nenhum valor para mim; não sei se seria necessário fazer uma busca nessa agência. Continuo saindo de casa, porém só de manhã. Venho a cada dia recuperando as forças e retomando a normalidade da digestão, que à força de dietas e de febres se desregrara muito. O pobre Fucili viera me ver várias vezes, quando eu ainda não recebia visitas: os de casa nada me disseram. Noutra noite finalmente o revi, e ficamos um tempo juntos, falando de Recanati e da colônia de recanatenses que há em Roma. Já visitei monsenhor Cupis, e ele já veio me ver, fazendo-me mil delicadezas, convidando-me a vê-lo amiúde e prometendo me ler os seus mil e quinhentos Sonetos, canções e Tratados, os quais gostaria que eu revisse e limasse. Isto assus-

tou-me de tal forma que, malgrado o bem que lhe quero e as gentilezas que me faz, não tive a coragem de voltar lá. Tentarei ver dona Livia, que mora muito longe de mim. Asseguro-lhe que só de olhar a lista de visitas que deveria fazer por estrita conveniência, meu sangue se congela. Com minhas pernas sempre fracas, nesta cidade que nunca acaba, com um calçamento infame, infernal, que depois de meia hora de caminhada nos faz sentir dez vezes mais cansados que o de Florença, Bolonha, Milão em duas horas, não consigo fazer nada, nem por dever, nem por prazer. Já renunciei à esperança de gozar as infinitas belezas de Roma, porque essas distâncias não são para mim, e as charretes ou os *fiacres* muito menos. Desejo saber se mamãe se recuperou da tosse.

Beijo sua mão e lhe desejo que as festas que se aproximam lhe tragam prosperidade infinita. Seu

Giacomo

d. Paolo Melchiorri, que sábado se tornou diácono, pediu-me que o cumprimentasse. Espera que lhe mande novos associados à sua tradução dos Evangelhos.

190
A CARLO LEOPARDI

Roma, último do ano [de 1831].

Meu Carluccio.

Mandei-te um exemplar dos meus *Canti* através de Mandolino, a quem, tendo vindo encontrar-me quando partia, não pude entregar esta carta, que é a segunda, porque eu já te havia escrito uma (que depois queimei) que seria entregue por Corradi. Desejo que o exemplar não seja visto por ninguém além de ti, Paolina e Pietruccio; depois, conserva-o cuidadosamente para que em seu tempo seja posto na coleção completa de minhas *obras*, já que não tenho outra cópia. Permite, e não te aborreças com isso, que eu silencie sobre as coisas que me perguntavas em tua última. Deveria escrever longamente para te dar uma idéia razoável do meu estado atual; posso apenas adiantar-te que vir para Roma, e permanecer nela, tem sido para mim um terrível sacrifício, com prejuízo das minhas finanças. Deves saber que o pobre Colletta morreu em 11 de novembro. Se puderes, dize em casa que retirei nos Correios os 40 escudos, os quais haviam chegado a tempo, mas não foram entregues antes por incompetência desta Agência. Eu estou bem, um pouco entediado pelas precauções que devo ter com os rigores do clima e com a doença passada, pois

nos últimos dez meses me desacostumei a isto. Nem penses naquela tal Carlotta, que não tem nada a ver com as minhas atuais circunstâncias.

Adeus, meu Carluccio; mil beijos em Gigia. Voltarei a Florença provavelmente em março.

191
A CARLO BUNSEN

Roma, 16 de março de 1832.

Veneradíssimo senhor e amigo.

Não tendo jamais saído de casa, e poucas vezes da cama, não pude, antes de minha partida, que será amanhã, ir visitá-lo como deveria e gostaria, nem despedir-me do senhor e de sua esposa, pondo-me à sua disposição em Florença. Espero que esta carta seja testemunha da dor que sinto ao partir, pois minha indisposição privou-me de usufruir sua douta e amabilíssima companhia, lembrando-lhe outrossim a vivíssima gratidão que lhe professo e professarei enquanto viver. Creia-me, preclaríssimo e excelente amigo, que nada me desagrada tanto nesta minha partida de Roma, quanto ter de me afastar do senhor.

A história do jovem Ranieri, que eu desejaria ver contada por ele, em síntese é a que segue. Não por culpa sua, mas por suas íntimas relações com um literato italiano que o senhor conhece (o senhor Carlo Troya), com quem ele então viajava pela Itália, Ranieri foi exilado dos estados de Nápoles, sua pátria, e teve a dor de receber esta notícia no momento em que solicitava a Florença seu passaporte para ir visitar sua mãe moribunda, que depois morreu. Convocado em janeiro de 1831, ele teria voltado a Nápoles se tivesse tido a certeza, ou ao menos a chance, de poder sair de lá. Mas convencido do contrário pelo exemplo de todos os outros convocados, e vendo-se obrigado, caso retornasse, a abandonar para sempre a vida que levara nos cinco anos em que estivera fora da pátria, isto é, a abandonar seus estudos e suas relações mais caras e proveitosas, ele obteve do pai, após breve relutância, a concessão de permanecer afastado. No entanto, passados poucos meses, o pai, homem de natureza enferma e totalmente passiva, pressionado e dominado pelos inimigos do jovem, que com a morte da mãe perdeu seu ponto de apoio, obstinou-se em querer que o filho voltasse, revogando o consentimento dado e as promessas feitas, e suspendendo-lhe a mesada, da qual o jovem se viu privado por nove meses. Nesse estado de coisas, pedi-lhe permissão para que o apresentasse, com o intuito de que ele, confiando-lhe sua situação, soubesse se, voltando a Nápoles, o senhor poderia recomendá-lo ao Re-

presentante da Prússia, de modo que, com uma palavra sua (a qual bastaria), ele obtivesse o seu passaporte e tivesse então livre trânsito. Mas depois eu mesmo o dissuadi de seu propósito, temendo que, não obstante a inocência política dele e a sua grande gentileza, e tendo em vista o cargo que ocupa, pudesse lhe parecer indiscrição o pedido de um favor para uma pessoa suspeita ao seu governo. Agora ele volta comigo para Florença, preferindo morrer a se enterrar em um lugar onde todos sabem como se vive.

Adeus, meu veneradíssimo, precioso e incomparável amigo. Continue benevolente comigo; peço-lhe que transmita meus cumprimentos à senhora sua esposa, sabendo-me inteira e perpetuamente seu,

Giacomo Leopardi

192
A Giuseppe Melchiorri

Florença, 15 de maio de 1832.

Caro Peppino.

Tu me farás o favor de logo, logo inserir no *Diario di Roma* a carta anexa.[94] Se houver alguma despesa, avisa-me, que serás imediatamente reembolsado. Mas pelo amor de Deus, não me deixes de fazer esta gentileza. A coisa não compromete ninguém: é sempre lícito anunciar a verdade sobre esses assuntos. Até meu pai achará justíssimo que eu não me aproprie da honra que lhe é devida. Além disso, não suporto mais, realmente não suporto mais. Não quero mais aparecer com esta mancha no rosto, de ter feito aquele infame, infamíssimo, abominável livro. Aqui todos o consideram meu, porque Leopardi é seu autor, meu pai é desconhecidíssimo, eu sou conhecido, donde o autor sou eu. Até o governo diminuiu sua estima por mim por causa desses imundos e fanáticos diálogos. Em Roma não podia mais apresentar-me ou ser apresentado sem que se ouvisse dizer: *ah, o autor dos dialoghetti.* É impossível relatar todos os vexames que sofri por esse livro. Em Milão, diz-se publicamente que o autor sou eu, que me converti tal como Monti. Em Lucca, o livro circula com meu nome. Estou publicando em todos os jornais da Itália minha declaração, a qual sairá em breve nos da Toscana. Mando uma muito mais inflamada à França. Mas Roma me importa imensamente, e por isso te recomendo a coisa com insistência, embora seja simplíssima. Como disse, não terás dificuldades, já que é plenamente permitido que se anuncie a não autoria de um livro, ainda que fosse o livro mais belo e mais santo do mundo.

De Paris me chegaram duas questões, a primeira do senhor Dübner, que prepara uma nova edição de Plauto, a 2ª do célebre Orelli:

1º *De quel âge sont à la Vaticana le plus anciens mss. de Plauto, et comment en pourrait-on avoir la collation?*
2º *Serait-il possible d'obtenir un fac-simile des Orationes et Epistolae ex libris Historiarum C. Sallustii du ms. du Vatican, n. 3864?*

Peço-te que vejas se podes me responder algo de concreto e de categórico sobre estas duas questões, para que eu possa enviar as respostas a Paris.
Desculpa-me, caro Peppino, pelos tantos incômodos que te dou, sem jamais me contentar. Perdoa-me, por favor, e continua a me querer bem. Saudações a Tuta, a Nanda e a Giacomino; ordena-me o que quiseres, pois sou sempre o teu

Leopardi

193
A LUIGI DE SINNER

Florença, 24 de maio de 1832.

Jamais saberia expressar quanto me alegrou sua amabilíssima carta de 26 de abril, meu caríssimo e egrégio amigo, e com quanta gratidão li o relato que o senhor me fez dos infinitos e inestimáveis cuidados que teve em criar uma reputação para o seu amigo. Lamento, todavia, que tenha sido tão lacônico ao falar de si, tanto mais que me diz estar descontente com a sua posição. Podemos contar com um nosso reencontro na Itália? Posso nutrir a íntima e doce expectativa de ter de novo a meu lado um amigo tão erudito, tão afetuoso e cordial, tão incansável, com quem passaria longas horas aprendendo e comunicando sentimentos que poucos entendem?
Eu gostaria de poder servir de algum modo o sr. Thilo em relação às cópias ou extratos que ele deseja de Veneza. Mas o senhor conhece o estado de minha saúde. Tampouco saberia indicar melhor pessoa para o caso que Tipaldo. Mas posso atendê-lo inteiramente acerca das *Isidorianae*, que são de fato as de Arevalo, antepostas à edição romana de Isidoro de Sevilha, nas quais se encontra um catálogo e uma descrição exata de todos os códices vaticanos que contêm alguma coisa de Isidoro. Nela, isto é, na *Isidoriana* tomo 2, p. 243-4, fala-se de um fragm. de Filippo Sidete contido no cod. vaticano 628, que contém ainda algumas coisas de Isidoro. Estive com este códice nas mãos, e vi o fragm. de Filip. Sidete, que é apenas uma tradução latina da Disputa com um Judeu (se bem me

lembro), escrita por esse Filippo e disponível originalmente em grego num cod. cesariano (ap. Lambec. ni fallor). Tanto o texto quanto a tradução latina do Vaticano, que parece antiga, são, se não erro, inéditos. De resto, minha pequena nota sobre esta questão se encontra entre as fichas relativas ao Códice apócrifo, ou pertence aos Fragmentos dos Historiógrafos esclesiásticos gregos? Sobre as outras questões, a do sr. Tafel é difícil de ser resolvida (mormente estando eu afastado de Roma), porque Mai não deixa transparecer facilmente seus projetos. Quanto às outras duas, escrevo a Roma e espero poder lhe dar uma resposta satisfatória. O primeiro fascículo do *Stefano*, que o senhor teve a bondade de enviar-me a Roma, jamais recebi, nem lá, nem em Florença: peço-lhe que procure saber algo do livreiro a quem a revista foi confiada.

O sr. Creuzer se mostra muito bom e respeitoso comigo. Peço que lhe expresse minha gratidão, bem como minha profunda reverência. Se o sr. Henschel se decidir a fazer algum uso do meu fraco *Saggio sugli errori degli antichi* (Ensaio sobre os erros dos antigos), posso mandar para aí umas poucas e breves notas que fiz mais tarde, relativas a outros erros mais curiosos e menos conhecidos — basta avisar-me. O senhor me diz que o sr. Walz colheu diversas conjecturas do texto de ...? Poderia ter a bondade de reescrever esse nome que não consegui decifrar?

Recebi os números do *Hesperus*, os quais lhe agradeço vivamente. O senhor está certíssimo ao dizer que é absurdo atribuir a meus escritos uma tendência religiosa. *Quels que soient mes malheurs, qu'on a jugé à propos d'étaler et que peut-être on a un peu éxagérés dans ce Journal, j'ai eu assez de courage pour ne pas chercher à en diminuer le poids ni par de frivoles espérances d'une prétendue félicité future et inconnue, ni par une lâche résignation. Mes sentiments envers la destinée ont été et sont toutjours ceux que j'ai exprimès dans Bruto minore. Ç'a été par suite de ce même courage, qu'étant amené par mes recherches à une philosophie désespérante, je n'ai pas hésité a l'embrasser toute entière; tandis que de l'autre côté ce n'a été que par effet de la lâcheté des hommes, qui ont besoin d'être persuadés du mérite de l'existence, que l'on a voulu considérer mes opinions philosophiques comme le résultat de mes souffrances particulières, et que l'on s'obstine à atttribuer à mes circonstances matérielles ce qu'on ne doit qu'à mon entendement. Avant de mourir, je vais protester contre cette invention de la faiblesse et de la vulgarité, et prier mes lecteurs de s'attacher à détruire mes observations et mes raisonnemens plutôt que d'accuser mes maladies.*

Temos conosco o sr. Pestalozzi, por cujo conhecimento lhe sou muito grato. Gostaria de obsequiá-lo de algum modo, mas ele ficará aqui muito pouco tempo, e não quererá fazer relações. Lamento que sua carta a M^me^ Lenzoni não a tenha alcançado, pois que ela está no campo. Esta senhora Lenzoni sempre me pede que lhe mande mil saudações de sua parte.

Neste momento recebo a notícia de que o fascículo do *Thesaurus*, enviado pelo senhor, chegou finalmente a Roma. Rosini, que manda muitas lembranças, publicou na imprensa seu drama *Torquato Tasso*, apresentado de novo em Pisa com enorme sucesso.

Se fizer algum uso do *Giulio africano*, peço-lhe que o considere um trabalho *absolutamente juvenil*, trabalho feito no espaço de apenas seis meses, aos 17 anos (1815), logo depois do *Saggio sugli errori*, etc, que durou dois meses. Parece-me necessário dizê-lo para que se desculpem as inúmeras imperfeições que ali se encontram, os erros, etc. O trabalho sobre os *padres* e sobre os *historiadores eclesiásticos* foi feito ainda antes (1814-15), em oito meses.

Adeus, caríssimo e excelente amigo. Caso me escreva, não seja tão breve sobre seu estado e suas intenções, como na última carta. Tenha amor por mim e creia-me, enquanto eu viver, seu reconhecidíssimo e afetuosíssimo amigo,

G. Leopardi

194
A MONALDO LEOPARDI

[Florença], 28 de maio [de 1832].

Meu caro papai.

Paolina me diz que passo meses sem escrever. Isto é a prova de que minhas cartas se perdem, e dentre essas vejo que se perdeu uma em que eu falava dos livros que recebi de Nobili, e respondia a algumas questões suas. O artigo sobre a *História evangélica*, que o senhor verá no último número da *Antologia*, é de Montanari di Savignano, um dos colaboradores.

No mesmo número, no *Diário de Roma* e talvez noutros jornais, o senhor verá ou terá visto minha declaração dizendo que não sou o autor dos *Dialoghetti*. O senhor deve saber que, afora os que conhecem a nossa família, ou aqueles que me conhecem pessoalmente, o fato de aquele livro ser de *Leopardi* levou muita gente a atribuí-lo a mim. Em Roma, onde sua pessoa é mais conhecida, dois terços do público consideravam-no meu; e era só eu me apresentar ou ser apresentado em algum lugar, que era logo saudado como o autor dos *Dialoghetti*. Na Toscana, então, *todos* os que o atribuíam a Leopardi (e não a Canosa ou a outros a quem tem sido atribuído), o atribuíam a mim. Em Lucca o livro circulava com meu nome. Diz-se que ele propiciou grandes conversões por meio desse equívoco — foi o que muitos me disseram —, e o duque de Modena, que provavelmente sabe de toda a verdade, não obstante declara publica-

mente que o autor sou eu, que mudei de opinião, que me converti, tal como fez Monti, tal como fazem os bons homens. Por toda a parte se fala dessa que alguns chamam conversão, outros apostasia, etc, etc. Hesitei por 4 meses, mas enfim decidi falar, e por duas razões.

Uma, porque me pareceu indigno usurpar de certo modo o que é devido a outrem, mormente ao senhor. Não sou homem de acolher elogios por méritos que não são meus. Se o romance de Manzoni fosse atribuído a mim, não depois de 4 meses, mas no mesmo dia em que soubesse, teria agido para desmentir o fato em todos os jornais. Outra, porque não quero nem devo aceitar passar por convertido, nem ser comparado a Monti, etc, etc. Nunca fui irreligioso ou revolucionário, nem nas ações, nem nas máximas. Se meus princípios não são precisamente os que se professam nos *Dialoghetti*, que respeito no senhor e em quem os professa de boa-fé, nem por isso creio que os devesse, ou deva, ou queira renegar. Minha honra exigia que eu declarasse não haver mudado em nada minhas opiniões, e isto é o que achei por bem fazer, e fiz (na medida do possível) em alguns jornais. Noutros não me foi permitido.

Creio que o senhor aprovará minha resolução. A esse propósito, lhe diria e contaria outras coisas, mas meus olhos estão muito cansados, e o correio parte. Talvez noutra carta eu volte a este assunto.

Beijo-lhe a mão e rogo com todo o amor sua bênção. Seu

Giacomo

195
A LUIGI DE SINNER

Florença, 21 de junho de 1832.

Meu incomparável amigo.

Respondi à sua cordialíssima de 26 de abril. Agora devo agradecer-lhe pela outra de 1º de junho, que me é ainda mais grata por trazer notícias suas um pouco mais detalhadas. O sr. Pestalozzi me dissera que o senhor estava cansado do *Thesaurus*. Compreendo que seu engenho e doutrina podem resplandecer com maior intensidade em obras menos vastas e mais pessoais. Uma colocação na Alemanha talvez lhe seja a coisa mais conveniente. Quanto a mim, deploro sinceramente que a Itália seja tão atrasada em filologia, tão pobre de recursos de todo gênero, a ponto de não me deixar esperanças de vê-lo estabelecido perto de mim. Sua presença ser-me-ia uma felicidade, realmente uma felicidade; mas sua amizade já é uma dádiva dos Céus, bem como a bondade com que me trata. Almas semelhantes à sua são tão raras que, uma vez conhecidas, seria

impossível não só esquecê-las, mas também deixar de tentar conservá-las. O senhor me diz que nossa amizade deve durar para além da vida. Não sei exprimir quanto estas palavras me consolam. Decerto, meu precioso amigo, nós nos amaremos até que dure em nós a faculdade de amar. Meu amor será pleno de gratidão, o seu terá aquele nobre comprazimento que nasce da consciência de ter feito um bem.

Finalmente tenho o primeiro fascículo do *Thesaurus*. A obra corresponde à imensa expectativa que eu tinha. Não direi mais nada, salvo que desejaria, pela ciência e por mim, que este trabalho continuasse e terminasse como começou. De resto, meus amigos daqui estão à minha volta para que eu escreva um artigo crítico sobre ele, a ser inserido na Antologia (que ora é o melhor jornal literário da Itália); se minha saúde me permitir, pode imaginar com que prazer me ocuparei desta matéria. Mas não sei quando poderei fazê-lo.

Peço-lhe calorosamente que envie minhas recomendações ao sr. Bothe, agradecendo-lhe pela complacência com que empenha seu belo estilo a fim de tornar conhecidos meus pobres escritos na Alemanha. O senhor tem razão sobre a biografia de Ottonieri, nome hipotético. Apreciaria muito o exemplar que me prometeu das notas do sr. Bothe.

Temo que o sr. Thilo veja frustrada sua esperança em torno dos *Fragmenta patrum et historicorum ecclesiasticorum*. Creio que ele poderá conseguir algum suplemento na obra de Routh; mas, de modo geral, encontrará neles uma grande quantidade de imperfeições e de lapsos, em parte pelas deficiências da biblioteca de meu pai e por minha pouca idade, em parte pela escassez de novidades, considerando-se o volume do trabalho. Peço que comunique ao sr. Thilo este meu parecer, junto com meus cordiais cumprimentos.

O senhor sabe que sou bastante imparcial quando julgo meus escritos, e por isso não considerará um puro impulso do meu amor-próprio se lhe disser que, qualquer que seja a opinião de Ast (que naturalmente não receberá muito bem uma crítica a seu trabalho), persisto em acreditar que minhas observações platônicas contêm muito de verdadeiro; aliás, são na maior parte verdadeiras e úteis ao entendimento de Platão, podendo perfeitamente integrar, quase todas, o volume de *Miscelânea* que o senhor, caro amigo, me prometeu organizar — e só o senhor pode fazê-lo.

A poesia que Poerio[95] lhe mencionou, composta justamente quando tive a sorte de o conhecer, jamais foi terminada, nem creio que o será. Outras poesias inéditas, prontas para vir à luz, não as tenho. Tenho no entanto dois diálogos a serem acrescentados aos *opúsculos*, um de *Plotino e Porfírio* sobre o suicídio, e outro, *Copérnico*, sobre a nulidade do gênero humano. O senhor pode dispor dessas duas prosas como bem quiser; só

preciso de tempo para mandar copiá-las e rever as cópias. Elas dificilmente poderiam ser publicadas na Itália.

De Roma só tive até agora respostas insignificantes sobre as questões que me fez, mas insistirei tanto, que obterei algo de preciso. É bem verdade que se pode fazer muito pouco na Vaticana em tempo de férias, que duram de junho a novembro. As Bibliotecas de Roma se fecham durante todo esse tempo.

Adeus, amigo incomparável, excelente e caríssimo. Que o Céu lhe conceda uma boa viagem. Não se esqueça de cumprir a promessa que me fez, escrevendo-me ao menos da Alemanha; ame sempre o seu afetuosíssimo amigo,

Leopardi

196
A Monaldo Leopardi

Florença, 3 de julho de 1832.

Caríssimo papai.

Deus me livre de sentir desprazer com as coisas que o senhor, com bondade paterna, me diz em sua afetuosíssima de 12 de junho. Ao contrário, agradeço-lhe por elas de todo coração, e com minha habitual sinceridade: se Deus quiser, não deixarei de aproveitar os seus conselhos do modo que me parecer mais útil e conveniente. A maneira seca que conformava minha declaração era de rigorosa necessidade, porque nenhuma censura deixaria passar uma palavra que fosse favorável ou contrária ao livro, ou às suas máximas, ou a uma de suas partes, nem permitiria que uma mínima sombra de discussão pairasse a esse propósito. Além disso, minha relação com o autor do livro é de tal natureza, que me exime de qualquer demonstração sobre ele, seja qual for.

Agora devo falar de um assunto insólito, sobre o qual, se muito me desagrada pensar, não me desagradará em nada caso minha exposição não surta efeito. Creio que o senhor esteja persuadido dos esforços extremos que tenho feito por sete anos a fim de obter sozinho os meios de minha subsistência. O senhor sabe que o último aniquilamento de minha saúde decorreu das fadigas suportadas quatro anos atrás, com os trabalhos que fiz para Stella. Reduzido a não mais poder ler ou escrever ou pensar (e por mais de um ano sequer falar), não perdi a coragem, e conquanto não pudesse mais produzir, só com o já feito, e mais a ajuda dos amigos, tentei continuar na busca de algum meio. Talvez até o encontrasse, parte na Itália, parte no estrangeiro, se a extraordinária infelicida-

de dos tempos não conjurasse com as outras adversidades, tornando-as finalmente imbatíveis. A literatura está liquidada na Europa; os livreiros, uns falidos, uns por falir, uns reduzidos a um só prelo, uns forçados a abandonar os projetos mais bem aviados. Na Itália, hoje, seria ridículo pretender vender algo com dignidade em matéria literária, ou propor aos livreiros novos projetos; da França, Alemanha, Holanda, aonde eu enviara uma grande quantidade de manuscritos filológicos com sólidas perspectivas de lucro, recebo, em lugar de dinheiro, apenas artigos de jornais, biografias e traduções. Encontro-me, pois, como o senhor bem vê, sem meios de seguir adiante.

Se alguém já desejou a morte tão sincera e vivamente quanto a desejo há muito tempo, certamente ninguém me foi superior neste amor. Invoco Deus para testemunhar a veracidade destas minhas palavras. Ele sabe quantas preces ardentes lhe fiz (inclusive em tríduos e novenas) para obter esta graça; sabe como a qualquer leve esperança de perigo, próximo ou distante, meu coração brilha de alegria. Se a morte estivesse em minhas mãos, Deus mais uma vez é testemunha de que jamais teria feito esta peroração: porque a vida, *em qualquer lugar*, me é abominável e tormentosa. Todavia, se Deus não me quiser atender, voltaria para aí a fim de terminar meus dias, caso a vida em Recanati não superasse minhas gigantescas forças para o sofrimento, sobretudo agora que estou impedido de ocupar-me. Esta verdade (da qual, pela última amarga experiência, creio que o senhor também esteja convencido) está de tal modo arraigada em meu espírito que, malgrado a grande dor que sinto por estar longe do senhor, de mamãe e dos irmãos, estou decididamente resolvido a não voltar para aí senão morto. Tenho um imenso desejo de reabraçá-lo, e só a falta de meios para viajar me impediria de fazê-lo na estação propícia; mas voltar para casa sem ter a certeza concreta de poder deixá-los após um ou dois meses está fora dos meus propósitos, e espero que o senhor me perdoe se minhas forças e minha coragem não conseguem tolerar uma vida intolerável.

Não sei se as circunstâncias familiares permitiriam que o senhor me fizesse um pequeno abonamento de doze escudos por mês. Com doze escudos não se vive humanamente nem em Florença, que é a cidade da Itália onde a vida é menos custosa. Mas não procuro viver humanamente; passarei por tais privações que, feitos os cálculos, doze escudos me bastarão. Melhor seria a morte, mas a morte é preciso esperá-la de Deus. Se o senhor quiser ou estiver de acordo com isto, basta pôr à minha disposição, de dois em dois meses, a quantia de 24 escudos, confiando-a a um dos seus correspondentes em Roma, e indicando-me a pessoa; eu aqui me encarregaria de converter a letra de câmbio em dinheiro. Preferiria que sua ordem fosse de 24 *francesconi*, o que não lhe traria um grande aumen-

to de despesa, sendo-me de grande vantagem, pois agora há uma enorme perda na troca de escudos romanos ou *colonnati* por *francesconi*. O senhor sabe que aqui os *francesconi* valem como os *colonnati* aí.

Mas se as circunstâncias, meu caro papai, o impedirem de satisfazer este meu pedido, peço-lhe com toda sinceridade e ardor que não hesite um momento em recusá-lo. Eu buscarei uma outra saída; talvez até devesse buscá-la antes de incomodá-lo com este discurso, mas como a saída a que me refiro, a depender de minha saúde, provavelmente me levaria em breve tempo a sucumbir, temi que o senhor reprovasse minha memória por me ter lançado a ela sem antes confiar ao senhor as coisas que lhe expus. Quanto ao mais, sinto tanta dor por lhe causar incômodos, e estou tão longe de crer em um fim caprichoso, numa alegre esperança de viver fora de casa, que cheguei a desejar, e ainda desejaria, que me fosse tirada a possibilidade de recorrer à família, a fim de que, não podendo sustentar-me sozinho e muito menos mendigar, me visse na material, precisa e rigorosa necessidade de morrer de fome.

Querido papai, desculpe este melancólico discurso que pela primeira e última vez faço em minha vida. Esteja certo da minha extrema indiferença por meu futuro nesta terra, e, se meu pedido lhe parecer excessivo, importuno ou inconveniente, não lhe dê importância.

De qualquer modo, se Deus quiser que eu ainda viva, não deixarei de me esforçar, com todos os meus recursos, em buscar um meio de viver independente de casa, como no passado, a fim de poder prescindir do auxílio que ora lhe peço.

Dê-me a bênção, querido papai, e peça a Deus por mim; beijo sua mão com todo o meu afeto. Mil saudações cordiais ao tio Carlo e aos primos. Peço-lhe novamente desculpas pela melancolia com que, por necessidade e contra meus hábitos e vontade, vim desta vez importuná-lo. Seu amorosíssimo filho,

Giacomo

197
A Monaldo Leopardi

Florença, 14 de agosto de 1832.

Querido papai.

Valendo-me da permissão concedida pelo senhor em sua caríssima do dia 4, retirei hoje uma letra de câmbio de 24 *francesconi*, datada do dia 20, com o sr. Luigi Giambene, secretário-geral dos correios pontifícios, o qual me dará o prazer de aceitá-la, e a quem confiei uma cartinha en-

dereçada ao senhor (a ser enviada por ele), onde lhe peço que faça chegar a quantia antes do vencimento. Esta primeira remessa valerá, caso esteja de acordo, pelas mesadas de agosto e setembro. Como o senhor sabe, já solicitei o dinheiro ao banqueiro a quem entreguei a cambial.

Fico feliz em saber que o senhor está tão ocupado como me escreve, já que esta ocupação é indício de novos trabalhos. O senhor já viu a reedição dos Diálogos feita na Toscana? Vi, quando passava por Florença, o famoso abade La Mennais, orador habilíssimo.

Quanto à concessão que o senhor me fez, com a bondade e cordialidade sempre reiteradas, ofereço meus pobres agradecimentos, orando fervorosamente a Deus para que lhe retribua com abundante e sólido fruto.

Beijo-lhe a mão com toda a alma. Seu reconhecidíssimo filho,

Giacomo

198
A FANNY TARGIONI TOZZETTI

Florença, 16 de agosto [de 1832].

Cara Fanny.

Resolvi escrever-lhe, embora esteja às vésperas de retornar, não para saber suas novas, mas para agradecer sua gentil carta da segunda-feira. É sua bondade que a faz apreciar meu desejo de ouvir sobre sua saúde. Fiquei muito alegre em saber que está bem, que os banhos lhe revigoram, assim como às meninas; eu andava um pouco cismado, pois acho que os banhos de mar são sempre um tanto perigosos.

Ranieri continua em Bolonha, sempre ocupado com o seu amor, que o faz sobejamente infeliz. E no entanto o amor e a morte são decerto as únicas coisas belas que o mundo tem, as únicas dignas de serem desejadas. Pensamos: se o amor faz o homem infeliz, o que farão as outras coisas que não são nem belas, nem dignas do homem? Ranieri me havia pedido insistentemente de Bolonha notícias suas; mandei anteontem sua cartinha para ele.

Adeus, bela e graciosa Fanny. Mal ouso pôr-me à sua disposição, sabendo que nada posso. Mas se, como se diz, o desejo e a vontade podem tudo, considere-me apto a obedecer-lhe. Dê minhas lembranças às meninas e creia-me sempre seu,

Leopardi

199
A PAOLINA LEOPARDI

Florença, 31 de agosto de 1832.

Minha Pilla.

Nesses dois meses de silêncio que tu denuncias, escrevi ao menos duas vezes; se não tens as cartas, não sei o que dizer. A mim também teu silêncio começava a parecer um pouco longo; tua última carta, sem data, me chegara em 10 de julho. Aqui ainda tivemos um calor de 29 graus, exceto em alguns dias de julho, quando acho que passou dos 30. Padeci muita fraqueza e mal-estar por isso, já que toda minha saúde e vigor dependem da moderação da temperatura; quando tal não acontece, fico sempre mal. Sobretudo os olhos sofreram mais que o normal. Não tenho novas a dizer, salvo que revi o teu Stendhal, que é cônsul da França em Civitavecchia, como deves saber. Ontem à noite falei com a comissão médica enviada a Roma para recepcionar a cólera de Paris, a qual nos anuncia a vinda da doença para a Itália, previsão que faz rir os médicos daqui, que a desacreditam; eu rio de quem crê e de quem não crê. Adeus, minha Pilla. Beijo as mãos de papai e mamãe, e abraço Carlo e Pietruccio.

200
A PIETRO GIORDANI

[Florença], 6 de setembro [de 1832].

Agradeço mil vezes a tua de 21 de agosto. Carlo e Paolina sempre se lembram de ti, e mandam lembranças. O pobre, como dizem, ou, como digo eu, o felicíssimo Enrico encerrou em 26 do último sua curta vida. Estudar, beber, fumar e freqüentar mulheres consumiram-no inteiramente, levando-o a sucumbir depois de dois meses de uma doença indolor. Sapientíssimo na prática, venturosíssimo entre tantos jovens! Nunca falarei de sua sorte sem uma imensa inveja, embora esteja convencidíssimo de que, percebendo a proximidade da morte, ele teria de bom grado trocado sua posição pela minha: esta é a piedosa deliberação da Providência, que os bens maiores e verdadeiros sejam concedidos apenas aos que os abominam e consideram males. É provável que dentro de poucos dias eu parta para Nápoles. Mas peço que mantenhas segredo sobre isto, sobretudo aos que escrevem a Florença. Minhas ações interessam pouquíssimo aos outros, mas não tão pouco a ponto de não me preocupar em ocultá-las de quem não quero que as conheça. Cumprimenta calorosa-

mente os Tommasini e os Maestri; saúda igualmente o Toschi. Bem sabes que se escrevesses longamente me darias um imenso prazer, não me *aborrecerias*, como gostas de dizer: mas provavelmente não tens o que me escrever. Ama-me como deves, se amar de novo é tarefa para as almas bem-nascidas. Penso sempre em ti, adorando-te como o maior espírito que conheço, como o que me é mais caro.

Adeus, adeus.

201
A ANTONIO RANIERI

[Florença, 2 de outubro de 1832.]

Minha alma.

Escrevo da cama, e por isso sou breve. Estou muito fraco, mas me sinto bem melhor. Tenho uma enorme compaixão por ti, que não me dá paz. Meu pobre Ranierino, estreito-o infinitamente em meu peito. Preferiria mil vezes sofrer o que sofres. Mando-te um milhão de beijos.

202
A MONALDO LEOPARDI
AOS CUIDADOS DA SRA. MARQUESA ROBERTI

[Florença, 17 de novembro de 1832.]

Meu querido papai.

Escrevo hoje a mamãe, segundo sua sugestão. Se o senhor consentir, peço-lhe que me diga com quem poderei sacar a letra de câmbio.

Aqui os banqueiros só aceitam, dentre todo o Estado Pontifício, as cambiais de Roma e de Bolonha. Giambene não seria o caso, pois está em dificuldades, cheio de intimações. Queira, pois, apontar-me a pessoa que seja mais indicada para custodiar o dinheiro em Roma ou Bolonha.

O que digo a mamãe a respeito dos meses que passei de julho para cá contém muitas omissões, porque de fato, sem os 54 *francesconi* devidos à sua bondade, não teria jamais podido viver, já que minhas reservas eram de 30 esc., dos quais metade foi consumida pela doença.

Estou encantado com o seu *Buonafede*, que leio tanto quanto os olhos, extraordinariamente enfermos, me permitem. Livro interessante, digno de servir de exemplo a quem quer escrever livros agradáveis e úteis neste século de frivolidades. Seria desejável que esse gênero fosse mais cultivado.

O inverno, talvez escolha mal, creio que o passarei aqui, pois temo arriscar-me a uma viagem, mesmo de poucas milhas: a doença me deixou extremamente suscetível; na noite passada tive uma febrinha por ter feito uma visita aos senhorios, sem sair de casa.

Minhas recomendações à marquesa. Dê-me a bênção, querido papai; beijo-lhe a mão com todo meu afeto.

Seu

Giacomo

Para se obterem 24 *francesconi*, o câmbio daqui exige 25-26 escudos romanos. É muito, mas não se acha por menos; ademais, Giambene me fez ter uma perda ainda maior, mesmo pelo correio.

203
A ADELAIDE LEOPARDI

[Florença], 17 de novembro [de 1832].

Minha querida mamãe.

Nunca lhe escrevo, e agora o faço para importuná-la com um pedido. Isto é muito incômodo para mim, mas a senhora sabe as razões do meu habitual silêncio: a necessidade é a causa do inusitado pedido. Há algum tempo escrevi a papai relatando-lhe minha situação; expus-lhe todos os esforços que fiz para obter meu sustento sem incomodar a casa; mostrei-lhe como e por que isto se me tornou impossível; e concluí solicitando-lhe um abonamento mensal de 12 *francesconi*, com os quais tentaria miseravelmente levar a vida adiante. Papai me disse que escrevesse diretamente à senhora. Estive doente, e a convalescença me deixou uma tal fraqueza nos olhos, que até agora, conquanto a necessidade me obrigasse, não pude escrever em absoluto. Hoje, finalmente, não podendo mais adiá-lo, me conformo a este passo, que me custa muitíssimo, e faço à senhora o mesmo pedido que fiz a papai.

Acredite, querida mamãe, que este aborrecimento pesa-me mil vezes mais do que à senhora. Por outra parte, se voltasse definitivamente para aí daria muitas despesas à casa, seria motivo de incômodos grandes e contínuos com meus estranhos métodos de vida, com minha melancolia. Além disso, não poderia colher as ocasiões que se me apresentassem, e assim liberar a casa deste peso; porém, não deixo de esperar que, vivendo em lugares onde tais ocasiões existem, ao menos uma se me apresente uma vez. A senhora bem vê que não peço para viver aqui: peço apenas o que é dado a Carlo aí. Não preciso lembrar que sempre busquei poupar-

lhe qualquer desgosto, porque não acho que isto constitua algum mérito; somente faço notar que não gostaria de lhe dar esta primeira vergonha, caso a necessidade me obrigasse a tanto.

Se obtiver da senhora, como espero, uma resposta favorável, ao final do mês exigirei de um banqueiro daqui 24 *francesconi*, em troca de uma letra de câmbio que poderá ser paga por papai em fins de dezembro. Asseguro-lhe que desde que escrevi a papai, no início de julho, tenho precisado deste auxílio, ao menos desde o bimestre de agosto-setembro; se cheguei até aqui, foi com a ajuda das minhas ultimíssimas reservas, que preservara para necessidades extraordinárias, as quais comparecem todos os meses. Eu disse 24 *francesconi*, isto é, um primeiro bimestre de outubro-novembro.

Desculpe-me mamãe. Quando papai lhe mostrar, como espero, a minha de julho, façam depois o que acharem melhor; mas sempre me ame e abençoe, pois sou e serei eternamente Seu amorosíssimo filho, Giacomo.

204
A ANTONIO RANIERI

[Florença], 24 de novembro [de 1832].

Meu Ranieri.

Tu recebes minhas cartas? ou está inteiramente encerrada qualquer correspondência entre nós? Esta é a quinta vez que espero em vão uma carta tua: podes imaginar quanto sofro por estar privado de tuas novas. Fanny ainda está magoada e espantada por não receber uma linha tua; ela gostaria de escrever-te, mas acha que seria inútil. Niccolini e Carlotta sempre perguntam por ti e mandam lembranças. Ama-me, alma minha, e não te esqueças, não te esqueças de mim.

Adeus, mil vezes adeus.

205
A ANTONIO RANIERI

[Florença], 25 de novembro [de 1832].

Meu Ranieri.

Ontem à noite, sábado, Piatti me trouxe a tua de 17, depois de cinco remessas sem notícias tuas. Niccolini está no campo, e voltará no final do mês: a carta anexa para ele não me chegou. Como não recebi a tua, não

pude cumprir a missão que me pediste junto a Mannucci. Quanto ao caso Castelnuovo, concluiu-se mediante: 1º entrega do puro e simples Bônus a ele; 2º recebimento das letras de câmbio quitadas e dos dois títulos protestados; 3º inteiro perdão, em teu favor, das despesas e taxas.

A última que eu recebera de ti era do dia 8, anexa a Vieusseux; portanto, não sei se e como devo enviar os documentos que tenho em mãos. Estou sempre às escuras acerca dos teus passos.

[Florença], 27 de novembro [de 1832].

Hoje recebi do correio as tuas dos dias 13 e 22 do corrente. Niccolini ainda está no campo, e decerto não recebeu tua carta: Carlotta mo confirma. Tentarei de tudo quando ele voltar. Entretanto, falei com Clodovea: ela me jura que não há meio seguro de fazê-la chegar. Busquei outras vias, e continuarei buscando, mas ainda não obtive nada. Ademais, não estou bem, e Papadopoli, meu único conhecido em Veneza, não está na cidade — e nem sei se poderia ser útil. Minha alma, tuas angústias me dão uma pena infinita. Não me dizes se devo mandar esta com ou sem sobrecarta, mas creio que sem.

Adeus, minha alma.

206
A ANTONIO RANIERI

[Florença], 1 de dezembro [de 1832].

Meu Ranieri.

Ontem à noite Niccolini ainda não havia voltado. De resto, creio que a tua já chegaria tarde. A carta do dia 27, embora tristíssima, consola-me pela doce esperança que me dá de ter aquilo que mais desejo no mundo. Consegui que aceitassem a letra de câmbio. Despeço-me, porque meus olhos estão num estado impensável a quem não o experimenta; mas te amo tanto quanto se pode amar.

Adeus sem fim.

207
A ANTONIO RANIERI

[Florença], 6 de dezembro [de 1832].

Meu Ranieri.

Recebi a tua do dia primeiro. Escrevi duas vezes a Francesco Pane, Empregado no Grande Livro, e outras a ti, conforme teu conselho. Não podes imaginar quanto me desagrada ter de ser breve contigo, mas se pudesses compreender o estado dos meus pobres olhos, saberias a extrema necessidade que me constrange a sê-lo. No entanto, te amo como só tu podes entender — daria até meus olhos para te consolar, se valessem.

Abraço-te como à minha única *causa vivendi*. Adeus, adeus.

208
A ANTONIO RANIERI

[Florença], 8 de dezembro [de 1832].

Meu Ranieri.

Hoje não tive notícias tuas. Repito que escrevi duas vezes a Francesco Pane, e outras a ti. Repito que te amo tanto quanto se pode amar nesta vida, e que todo dia, toda hora suspiro por ti. Meus olhos estão sempre num estado deplorável, coisa que muito me angustia.

Adeus, minha alma. Abraço-te sem fim. Não deixes nunca de me escrever.

209
A ANTONIO RANEIRI

[Florença], 11 de dezembro [de 1832].

Meu Ranieri.

Mal pude crer em meus olhos quando li a tua do dia 6. Tanta velhacaria numa alma humana ou mulíebre[96] não é nem será crível senão após o fato consumado. Vejo que é de todo inútil que eu tente expressar-te minha compaixão, porque a mais viva palavra seria infinitamente inferior à verdade. Gostaria de poder consolar-te de perto, gostaria de que isto não se opusesse à união dos nossos destinos, por nós tão meditada e desejada. Meu Ranieri, tu não me abandonará jamais, nem deixará que se esfrie

teu amor por mim. Não quero que te sacrifiques por minha causa, aliás desejo ardentemente que tu vejas antes de tudo o teu bem-estar; mas, qualquer que seja tua decisão, disporás as coisas de modo que nós possamos viver um para o outro, ou ao menos eu para ti — minha única e derradeira esperança.

Adeus, minha alma. Estreito-te em meu coração, o qual, aconteça o que acontecer, será eternamente teu.

210

A ANTONIO RANIERI

[Florença], 18 de dezembro [de 1832].

Meu Ranieri.

Hoje te escrevo antes de ter recebido a tua do correio, porque não posso dispor da Barbara a qualquer hora. Anteontem escrevi para o mesmo endereço ao qual te remeto esta. Repito que tenho escrito sempre para ti, que por sorte as cartas a Lenina não foram enviadas, e sobretudo que te lembres de que Fanny e eu estamos ansiando por ti, e que eu, que *posso mover-me*, quero absolutamente, por Deus e pela vida que tivemos juntos, reabraçar-te antes de morrer, tal como me prometeste.

Adeus, minha alma.

211

A ANTONIO RANIERI

[Florença], 25 de dezembro [de 1832].

Meu querido Ranieri.

Acreditas que as tuas dos dias 15, 18 e 20 me chegaram todas juntas, hoje? Assim, após a notícia de tua doença dada por tua caridosa irmã, passei uma semana sem novas a teu respeito. Não digo mais nada, não digo sequer *imagina*. Quem pode imaginar o sentido desta semana de morte? Oh, meu Ranieri, meu Ranieri, um bem tão grande quanto tua amizade deve custar dores extraordinárias. Ora temo que não tenhas bastante cuidado, que te apresses em partir nesta estação fria. Procura, meu Ranieri, pois que devemos nos reencontrar no eterno, sendo meu desejo seguir-te em qualquer parte deste ou do outro mundo, procura não impedir tanto bem com a tua precipitação. Agradece infinitamente à tua caridosa irmã pela bondade angelical que a fez escrever-me sobre o teu estado: re-

comendo que não te deixe partir antes que estejas restabelecido. Adeus, meu único e inestimável tesouro, adeus sem fim. Não estive com Pelzet, e creio que a não verei, pois não é provável que ela venha encontrar-me.

212
A ANTONIO RANIERI

[Florença], 27 de dezembro [de 1832].

Meu Ranieri.

Do dia 15 para cá te escrevi várias vezes, uma delas para tua boa irmã, sob o endereço que me indicaste em tua carta do dia 11. Lamento se as minhas não te alcançaram, pois imagino que as expressões do imenso afeto de teu amigo teriam te dado algum conforto. Torno a recomendar que não ponhas obstáculos, por pressa, arruinando de novo tua saúde, ao indizível e tão ansiado bem da nossa reunião, que deve ser eterna, porque nunca mais te deixarei partir sozinho. Entregarei esta noite tua carta anexa. Não vi Pelzet, e não creio que terá ânimo de se fazer ver, isto é, de vir visitar-me. Lembra-te, meu Ranieri, que tu, tu só, único, incomparável bem no mundo, tornas possível aos meus olhos a vida que a natureza ainda me reserva.

Adeus, minha alma, adeus sem fim.

213
A ANTONIO RANIERI

[Florença], 1 de janeiro [de 1833].

Meu Ranieri.

Tendo recomeçado a compor após a tua partida, tive uma forte hemorragia nasal, que me abateu um pouco, causando-me por um dia ou dois aquele enfraquecimento da vista de que te falei; mas em seguida voltei a meu estado habitual. Mal posso acreditar que a nossa reunião esteja de fato prestes a se dar, tão grande e incalculável me parece esta felicidade. Mas peço-te sempre que não arrisques tua saúde com a pressa. Aqui faz um grande frio, e o Arno já se congelou várias vezes, de margem a margem. Saudações à tua virtuosa irmã. Adeus, meu coração. Mil beijos. Cuida-te bem, pelo amor que tens por mim. As de casa te mandam muitas lembranças; elas também sofreram comigo por tua saúde.

214
A ANTONIO RANIERI

[Florença], 3 de janeiro [de 1833].

Meu Ranieri.

Lenzoni está em Roma, e de lá mandou recentemente, através do marido, saber notícias tuas através de mim. Fanny ficou *de fato* contente com a tua carta, e creio que já terá respondido, como me anunciara que logo faria. Lamento muito a nova aflição trazida por tua irmã; espero que seja breve; manda-lhe minhas lembranças. Adeus, minha alma preciosa, devo me despedir — grande ira e raiva por não poder escrever, mas, ó Deus, é inútil! Um milhão de beijos.

215
A ANTONIO RANIERI

[Florença], 5 de janeiro [de 1833].

Meu querido Ranieri.

Quanto me entristece a tua do 1º Oh, meu Deus! Mãs não temas por mim: não corro perigos, e mesmo que adoecesse nada se encerraria, porque a vida que tenho não é suficiente para me matar. Caramelli ri disso que eu digo, mas o considera muito verdadeiro. Meu pobre Ranieri!, se os homens escarnecem de ti por minha causa, ao menos tenho o consolo de ser igualmente escarnecido por tua razão, pois em relação a ti sempre me mostrei e me mostrarei como uma perfeita criança. O mundo sempre ri dessas coisas que, se não risse, seria forçado a admirar: como a raposa, sempre lamenta aqueles que inveja. Oh, meu Ranieri!, quando te terei de novo? Enquanto não retomar este imenso bem, estarei temendo que a coisa não se realize. Adeus, minha alma, com todas as forças do meu espírito. Mil vezes adeus. Não te canses de me amar.

216

A ANTONIO RANIERI

[Florença], 8 de janeiro [de 1833].

Meu querido Ranieri.

Tenho te escrito sempre, infalivelmente: a culpa de tua inquietude — que me causa enorme compaixão — não é minha, mas do acaso que joga com os infelizes. Não temo que reencontres Pelzet porque confio em tua virilidade, não creio que te seja perigoso rever esse objeto nefasto, jamais digno de ti, e que hoje é mais que indigno. Meu medo é que a mudança de clima, na pior estação do ano, te faça algum mal. Tu é que sabes, mas não arrisques muito a saúde; peço-te isto conquanto a tua ausência me seja cada vez mais insuportável.

Adeus, minha alma. Estreito-te no coração e dou-te mil beijos. Adeus, de alma inteira.

217

A ANTONIO RANIERI

[Florença, 10 de janeiro de 1833.]

Meu Ranieri.

Sempre te escrevi, sempre. Recebi e saquei em seguida a cambial, satisfazendo a Castelnuovo; Bagagli está fora. Escrevi-te longamente sobre Lenina, louvando tua resolução. Mas me matas com essas palavras: dispor *da tua vida.* Como? Se não pudesses vir, acaso não te iria encontrar a todo custo?, não nos reveríamos igualmente, e logo? Estou ameaçado de perder a vista, por isso não posso escrever; mas ouve, Ranieri, recorda-te, em memória do tempo que passamos juntos, que eu quero, pelo amor de Deus, reabraçar-te antes de morrer. Adeus. Vejo Fanny hoje à noite.

218

A ANTONIO RANIERI

[Florença], 12 de janeiro [de 1833].

Tenta tranqüilizar-te, minha alma. Não duvides nem por um instante do cumprimento de minha promessa, feita mais por mim que por ti. Gosta-

ria que cada palavra que escrevo fosse de fogo, para suprir a dolorosa brevidade comandada por meus olhos pobres e infelizes.

Adeus, meu único bem.

219

A ANTONIO RANIERI

[Florença], 15 de janeiro [de 1833].

Bem pouco consolo te dão estas cartas tão breves. Oh, meu Ranieri, como gostaria de sofrer em teu lugar! Se só tens a mim, no entanto me tens inteiro e para sempre: confia nisto, mais que na existência dos corpos. Estou sempre à espera de reunir-me a ti. Atenção com a saúde, que sempre me preocupa. Recebeste a carta de Fanny?

Adeus, única e cara esperança.

220

A ANTONIO RANIERI

[Florença], 22 de janeiro [de 1833].

Ainda não pude ter do correio a tua de hoje. Fanny, com quem sempre falo de ti, manda muitas lembranças; ela queria saber se recebeste sua resposta. Estou medianamente, salvo os pobres olhos.

Mil vezes adeus, minha alma; te beijo e te guardo no coração.

221

A ANTONIO RANIERI

[Florença], 24 de janeiro [de 1833].

Anteontem não recebi carta tua. Hoje recebo a do dia 19. Não te poderia escrever ou repetir sobre Pelzet senão comentários de amigo. Não a vi mais, nem ouvi. Caso queiras *simplesmente* devolver os retratos a ela, os farei chegar através das Busdraghi. Manda-os, se desejas *absolutamente*[97] reaver o teu; do contrário não, pois lhe fazes muita honra em mostrar que ainda te lembras dela. Meu Ranieri, que aflição, que infelicidade não poder escrever mais que estas linhas. Dá à gentil Calliopina mil beijos por mim, agradecendo seu aceno gentil.

Adeus, minha alma.

222
A ANTONIO RANIERI

[Florença], 29 de janeiro [de 1833].

Meu Ranieri.

Já pensou que logo vamos nos reunir para sempre? Bem sabes que este pensamento é o meu pão quotidiano. *E questo solo ancor qui mi mantene*[97] (E só isto ainda aqui me mantém). Fanny está mais do que nunca contigo, e sempre manda lembranças. Sabes que Carlino foi para New-York? Ela começou a cortejar-me para que eu a sirva junto a ti: a que *sum paratus.*

Mil vezes adeus, minha alma querida.

223
A ANTONIO RANIERI

[Florença], 31 de janeiro [de 1833].

Meu Ranieri.

Sinto uma grande dor em saber que as minhas não chegam aí. Gostaria de escrever volumes inteiros para te consolar, mas o fado nega a ti e a mim até este mísero consolo. Estou esperando as novas do nosso caso com impacência. Frullani, que sempre pergunta por ti, manda muitas lembranças.

Adeus, minha alma, adeus com mil beijos.

224
A ANTONIO RANIERI

[Florença], 5 de fevereiro [de 1833].

Meu Ranieri.

Não preciso te dizer que, onde quer que estejas e em qualquer circunstância, estarei sempre contigo. Avalia bem, e com frieza, aquilo que mais te convém, mas sem entusiasmos, ou melhor, sem muito entusiasmo; depois, toma tua decisão. Quanto a mim, já me decidi há muito tempo: nunca mais me apartarei de ti.

Adeus.

225
A ANTONIO RANIERI

[Florença, 6 de fevereiro de 1833.]

Meu Ranieri.

Só tu podes entender como fiquei quando li a tua do dia 29. A miséria da tua situação, que imagino e compreendo vivamente, me pesa inteira sobre a alma. É inútil que eu te repita que estou sempre e de qualquer modo à espera do teu chamado: magro consolo, o único que nos resta. Mas rogo de mãos juntas por tua saúde. Alma minha, meu pobre Ranieri, acalma-te, pelo amor que me tens. Ao menos um dia poderei consolar-te.

Adeus, adeus sem fim, com mil beijos. Todos meus pensamentos são e serão para ti.

226
A ANTONIO RANIERI

[Florença], 7 de fevereiro [de 1833].

Meu Ranieri.

Chegou-me a tua de Livorno, mas Niccolini nunca recebeu uma carta tua, nem aquela de Piatti. Disse que *não vi nem ouvi* Pelzet por modo de dizer, para expressar que nunca mais soube dela. Estou, como já disse, pronto a qualquer chamado teu, para te abraçar e dar mil beijos.

Adeus, minha alma. Estou deveras ansioso por rever-te.

227
A ANTONIO RANIERI

[Florença], 14 de fevereiro [de 1833].

Meu Ranieri.

O correio ainda não me trouxe tua carta de hoje. Escrevo pouquíssimo porque o estado dos meus olhos é deplorável. A cada dia me torno mais infeliz com a tua distância, todo tempo que passo sem ti me parece de fato tempo perdido, já que hoje só sinto prazer em tua companhia.

Adeus infinito.

228

A ANTONIO RANIERI

[Florença], 16 de fevereiro [de 1833].

Minha alma.

Meus olhos só me permitem um aceno. Tenho as tuas de 9 e 12, que me consolam de todo mal.

Adeus.

229

A ANTONIO RANIERI

[Florença], 23 de fevereiro [de 1833].

Meu Ranieri.

É impossível que me habitue à tua ausência, pois tua distância é uma lição contínua sobre quanto és mais necessário a mim do que o ar. Serás atendido pelo sr. Galanti, que já deve ter partido com a Esposa.

Adeus, milhares de beijos. Muitas lembranças à irmã e a Ruggiero.

230

A ANTONIO RANIERI

[Florença], 2 de março [de 1833].

Meu Ranieri.

Anseio sempre por ti como a um Messias. Tu bem sabes se eu *poderia* abandonar-te.

Mando mil beijos.

231

A Antonio Ranieri

[Florença], 5 de março [de 1833].

Meu Ranieri.

Tenho *caldo* e *carne* às 5, mas nem por isso digiro. Porém, a perda de tantas minúsculas cartas minhas não deixa de ser uma grande calamidade.

Adeus, meu coração.

232

A Antonio Ranieri

[Florença], 7 de março [de 1833].

Meu Ranieri.

O que é feito das cartas que selo com minhas próprias mãos, e que não recebes? Tua melancolia me aflige constantemente: quanto lamento o tempo em que podia consolar-te!

233

A Antonio Ranieri

[Florença], 9 de março [de 1833].

Acredita, meu Ranieri, que este nada que escrevo é mais que o *maximum* que posso. Pais e irmãos escrevem-me chorando por não terem há três meses notícias minhas, e eu nem leio suas cartas por inteiro. Invoco-te todos os dias.

234

A Antonio Ranieri

[Florença], 16 de março [de 1833].

Meu Ranieri.

A tua do dia 12 muito me consola, mas aguardo impaciente as novidades da rubéola, na terça-feira. O colchão bem batido te espera em teu quarto há vários meses.

Adeus, minha alma: um milhão de beijos.

235
A ANTONIO RANIERI

[Florença], 19 de março [de 1833].

Meu Ranieri.

Escrevo-te quase nada, mas sempre. Sou a mais infeliz das criaturas sem ti, mas peço ainda que não te precipites.

Mil vezes adeus.

236
A ANTONIO RANIERI

[Florença], 21 de março [de 1833].

Não duvides, meu Ranieri, de que tuas cartas são minha única e preciosa leitura. Recebi a tua por Fanny, e respondi. Saúda carinhosamente tuas irmãs. Mando-te mil beijos e te espero ansioso.

237
A ANTONIO RANIERI

[Florença], 23 de março [de 1833].

Meu Ranieri.

Embora desejes desta vez assegurar-me de tua vinda, não deixarei de pô-la em dúvida até que te veja: tê-lo de novo é uma dádiva bem grande. Lenzoni está aqui e manda muitas lembranças.

Adeus, minha alma, adeus sem fim.

238
A ANTONIO RANIERI

[Florença], 26 de março [de 1833].

Meu Ranieri.

Decerto não foste feito para ser feliz. Mas deves consolar-te, pois parece que as tuas duas maiores desgraças — tu sabes quais são — já passaram.

Despeço-me com infinitos beijos, esperando reabraçar-te em breve.

239
A ANTONIO RANIERI

[Florença], 2 de abril [de 1833].

Meu Ranieri.

Esta carta ainda te alcançará em Nápoles? Aviso que já não posso viver sem ti, que estou numa impaciência doentia por te ver, que estou convencido de que se te atrasares um pouco, morrerei de melancolia antes de rever-te.

Adeus, adeus.

240
A ANTONIO RANIERI

[Florença], 9 de abril [de 1833].

Meu Ranieri.

Só recebi a tua carta por Piatti na noite do dia 6, por isso te escrevi ainda a Nápoles. Queira Deus que esta não demore muito. Hoje ainda não tive carta tua. Sobre Lampsaceno certamente não te saberia informar melhor que Creuzer.

Adeus, minha alma. Envio um milhão de beijos e abraços em tua direção.

241
A ANTONIO RANIERI

[Florença], 11 de abril [de 1833].

Meu Ranieri.

Imagina como me bate o coração com o teu aviso de Roma. No entanto, a melancólica carta do dia 4 não deixa de amargurar-me. Oh, que chegue logo o momento desse nosso inadiável reencontro! Depois, aqui ou em Nápoles, qualquer mal nos será mais suportável. Muitas lembranças a Gozzani.

Mil vezes adeus, alma minha.

242
A ANTONIO RANIERI

[Florença], 13 de abril [de 1833].

Meu Ranieri.

Envio esta carta a Roma sem saber se ajo corretamente, porque ainda não tenho a tua de hoje. Deus me conceda reencontrar-te antes que eu morra; a essa altura, isto mal me parece provável, mas certamente não por tua culpa.

Adeus, ὦ πολὺ ἐπικαλούμενε, adeus de todo coração.

243
A PAOLINA LEOPARDI

[Florença], 6 de maio [de 1833].

Minha querida Pilla.

Duas linhas que escrevi, infelizmente equívocas, a um amicíssimo meu em Roma, o qual já tornou a Florença, provocou-lhes aquilo que tu sabes; outrossim, tua carta a Vieusseux causou-me uma dor indizível. Minhas almas queridas, Deus sabe que não posso, não posso escrever, mas fiquem tranqüilos: minha máquina (assim diz o meu excelente médico) não tem vida bastante para engendrar uma doença mortal. Devo despedir-me, abraçando a todos com imensa ternura.

Para meu sossego, dá-me logo notícias de todos. Estejas *certíssima* de que, em caso grave, não lhes faltarão comunicados de amigos *daqui.*

244
A MONALDO LEOPARDI

Florença, 1 de setembro de 1833.

Meu querido papai.

Por causa da saúde, que nunca esteve tão debilitada quanto agora, e tendo os médicos me aconselhado os ares de Nápoles como excelente remédio, um grande amigo meu, de partida para lá, insistiu tanto em acompanhar-me na viagem, que eu não soube resistir, e parto com ele amanhã. Sinto uma dor enorme por afastar-me ainda mais do senhor — tinha a intenção de passar este inverno em Recanati. Mas infelizmente sinto que

o ar daí, sempre nocivo a mim, ora ser-me-ia nocivíssimo; de outra parte, a doença dos olhos é muito séria para confiá-la aos médicos e boticários de Recanati. Gostaria de ao menos, alongando o percurso, passar por aí. Mas isso não será possível diante da ótima ocasião que se me apresentou. Passados alguns meses em Nápoles, se tiver a melhora que espero, terei finalmente o indizível prazer de reabraçá-lo. De Roma, onde estarei no domingo à noite, mando-lhe novas notícias minhas. Sou forçado a servir-me da mão de outrem, pois as poucas horas da manhã em que poderia, com enorme dificuldade, escrever algumas linhas, são necessariamente despendidas no tratamento dos olhos.

Abençoe-me, querido papai; beijo-lhe a mão com todo afeto.

245
A MONALDO LEOPARDI

Nápoles, 5 de outubro de 1833.

Querido papai.

Felizmente cheguei aqui sem danos e sem desgraças. De resto, a saúde não é grande coisa e os olhos estão sempre no mesmo estado. Mas a doçura do clima, a beleza da cidade e a índole amável e benevolente dos habitantes me dão muito prazer. Encontrei aqui a sua amorosíssima carta de 10 de setembro. A falsa notícia dada pelos jornais da França[98] ocorreu por eu ter sido confundido com uma pessoa que tem o meu sobrenome. Quanto aos meus princípios, só posso dizer-lhe que se os tempos atuais tivessem alguma força sobre eles, não poderiam senão confirmá-los. Deus me permita reiterá-lo de viva voz.

Seu

Giacomo

246
A MONALDO LEOPARDI

Nápoles, 5 de abril de 1834.

Meu querido papai.

Após a sua de 23 de dezembro, à qual logo respondi, não tive mais notícias de casa. Este silêncio confirma a desagradável suspeita — que tive, como lhe disse, de uma expressão da sua última — de que minhas cartas não cheguem aí.

Os benefícios produzidos por este clima mal se percebem, mesmo depois que passei a gozar do melhor ar de Nápoles, morando no alto, com vista de todo o golfo de Portici e do Vesúvio, do qual contemplo a fumaça pelas manhãs e, nas noites, sua lava ardente. Meus olhos estão sendo tratados com sublimado corrosivo. Minha impaciência em revê-lo cresce sempre mais: partirei de Nápoles o mais rápido que puder, não obstante os médicos digam que as benesses deste ar só podem ser desfrutadas na boa estação.

Se Deus permitir que esta carta o alcance, dê-me logo o consolo de ter uma sua. Beijo-lhe a mão com todo o afeto e mando mil lembranças carinhosas a mamãe e aos irmãos.

Seu

Giacomo

247
A MONALDO LEOPARDI

Nápoles, 27 de novembro de 1834.

Meu querido papai.

A morte do cardeal Zurla suspendeu a ida do meu amigo Ranieri a Roma, privando-me desta propícia ocasião, a qual me teria poupado boa parte da despesa necessária a uma viagem cômoda, máxime nesta estação. A este empecilho veio somar-se um outro mais grave, referente à casa: nesta urbaníssima cidade não se encontram quartos mobiliados, exceto a preços enormes, e por isso os forasteiros que querem passar algum tempo aqui, se não são ingleses, são constrangidos a alugar um quarto vazio, mobililiando-o como podem, tal como eu fiz. Mas esses quartos, que também são caríssimos, não são alugados por mês, e sim por pelo menos um ano; deram-me uma certa esperança de que eu poderia sublocar o meu caso quisesse partir. Mas como das promessas aos fatos há sempre muitas dificuldades, hoje não encontro ninguém que queira o meu quarto, o que é naturalíssimo, porque ninguém aqui aluga quarto por mês pela mesma razão por que tive de alugá-lo por um ano. Eu não poderia partir sem deixar uma garantia, o que só seria possível com alguma dificuldade; mas de qualquer modo teria de pagar a casa, mesmo sem ocupá-la, até abril, quando se encerra o contrato. Para meu extremo desprazer e incômodo, esses obstáculos me detiveram aqui até agora, tendo eu já preparado tudo para a partida. No entanto, contornando-se este problema da casa, como ainda tenho esperanças, e resolvendo-se meu amigo a partir para Roma no próximo mês, o que é pro-

vável, estou bastante decidido a empreender viagem malgrado o frio; porque além da impaciência de revê-lo, não posso mais suportar este lugar semibárbaro e semi-africano, onde vivo em perfeito isolamento de tudo. De resto, o senhor não deve estranhar minha demora, pois aqui qualquer mínimo caso leva uma eternidade de tempo: sair desta cidade é tão difícil quanto viver nela sem morrer de tédio. Minha saúde, graças a Deus, está tolerável, e até já leio um pouquinho e escrevo; isto se deve, creio, à amenidade incomum desta e da última estação. Peça a Deus por mim, querido papai, e me abençoe; beijo-lhe a mão com afeto, ansiando por poder fazê-lo pessoalmente.

Seu

Giacomo

248

A Monaldo Leopardi

Nápoles, 3 de fevereiro de 1835.

Querido papai.

Por dois meses inteiros estive numa penosa incerteza quanto às suas novas, não obtendo resposta à minha carta de final de novembro, nem sabendo como interpretar a mim mesmo o seu silêncio, até que hoje, finalmente, recebi do correio a sua afetuosíssima de 4 de dezembro, *aqui chegada aos 11 daquele mês.* Dentre várias circunstâncias, um frio intenso e extraordinário, que começou em 10 de dezembro e se estendeu por um mês, me impediu a viagem planejada para antes do final de ano. Agora meu principal pensamento é dispor as coisas de maneira que eu possa partir o mais cedo daqui; o senhor esteja certo de que, tão logo me seja possível, partirei para Recanati, estando profundamente impaciente por revê-lo, além de ansioso por fugir destes Lazzaroni e Pulcinelli nobres e plebeus, todos ladrões e b. f.[99] dignos de Espanhóis e de forcas. Graças a Deus, minha saúde continua a melhorar notavelmente; efeito, creio eu, mais da estação boa que do clima.

Abençoe-me de novo e receba os votos de prosperidade infinita do seu filho amorosíssimo,

Giacomo

249
A LUIGI DE SINNER

Nápoles, 3 de outubro de 1835.

Meu excelente e caríssimo amigo.

Desta vez o nosso, aliás, o meu silêncio passou realmente dos limites. Depois de sua gentilíssima carta de julho de 1834, estive por muitos meses sem saber onde passaria a semana seguinte, portanto, sem saber indicar-lhe para onde remeter sua resposta. Em seguida, vendo-me estabelecido em Nápoles, seja a debilidade da vista, seja um pequeno estudo, seja finalmente o desejo de acrescentar à carta o pequeno volume[100] que ora lhe envio pelo correio, o qual só foi publicado na semana passada, todos concorreram para retardar o prazer de entreter-me com o senhor por escrito.

Recebia notícias suas, e de algumas de suas recentes publicações, através de Alessandro Poerio, que voltou para cá na primavera deste ano. Mas ele, absorto na profunda sapiência de um asno italiano, aliás dálmata, chamado Niccolò Tommaseo, cujas sublimes lições o mantiveram ocupado nos últimos dias da sua estada em Paris, não teve meios de rever os amigos, não me trouxe outras novas do senhor, senão que havia definitiva e honrosamente se fixado aí; se isto é verdade, como creio e espero, fico de fato contente. Que o senhor mesmo possa me dar com detalhes suas novidades, falando-me de seus estudos, de seus projetos, a fim de colocar-me a par de sua história, fazendo sumir o lago que o longo silêncio passado interpôs, não entre a nossa amizade, mas entre as nossas relações.

Após quase um ano de permanência em Nápoles, comecei finalmente a sentir os efeitos benéficos deste ar realmente salutífero: é fato incontestável que aqui recuperei mais do que ousei esperar. No inverno passado pude ler, compor e escrever umas coisas; no verão pude assistir (embora com pouco sucesso quanto à correção tipográfica) à impressão do voluminho que lhe envio; agora espero retomar meus estudos, e ainda levar adiante alguma coisa no inverno.

As dificuldades de execução, que logo percebi, me fizeram renunciar à idéia que lhe havia comunicado, na qual tão amigavelmente o senhor refletiu em sua última carta, de escrever para as revistas daí. Em Nápoles vivo, como sempre vivi em Florença, de modo precário, e sempre sem qualquer horizonte ou perspectiva concreta de mudança. Ranieri, com quem vivo e de quem só o raio de Júpiter poderia me apartar, manda-lhe mil saudações por mim, estando assaz desejoso de conhecer pessoalmente um homem de quem falo amiúde com maior entusiasmo do que

o que costumo dispensar a outrem. Quem sabe se e quando nós três poderemos estar juntos? Entretanto, qualquer que seja a distância que nos separe, não se esqueça de mim. Ficarei feliz se conservar minha memória tal como conservo a sua. Se quiser me dar um prazer, escreva-me longamente. Relate-me o mais que puder as notícias literárias, especialmente as filológicas. Sem ler os jornais fico às cegas sobre tudo o que se passa. Bem sei que não espera de mim novidades filológicas, pois que filologia temos na Itália? É verdade que Mai está a ponto de vestir-se de púrpura, e Mezzofanti o seguirá; mas estes são devotos do jesuitismo, não da filologia.

Adeus, meu precioso amigo. Alguma novidade sobre Gioberti? Adeus; queira-me bem, e creia-me por toda a vida seu afetuosíssimo amigo,

Leopardi

250
A PAOLINA LEOPARDI

[Nápoles, 4 de dezembro de 1835.]

Querida Pilla.

Eu esperava que Recanati houvesse pavimentado suas ruas e restaurado as fachadas dos Monastérios e do palácio Luciani, mas inclusive refeito o código de Bath e as marcas carimbadas nos impressos? Vê-se que a civilização faz grandes progressos em toda parte. Dizes que terias um milhão de coisas para me escrever, mas no entanto ficaste mais de um ano sem me dizer nada. É verdade que escrevo pouco, mas todos sabem o porquê; tu, que podes escrever muito, não deves pensar em ir à desforra, deve escrever-me sem contar minhas cartas, sem pensar no *carlino* que me custará, porque nenhum *carlino* me parecerá tão bem despendido. Beija por mim a mão de mamãe e manda lembranças a Carlo e a Pietruccio — soube que este lê muito: ele também poderia lembrar-se de seu irmão maior, dando-lhe de quando em quando suas novas. Eu, querida Pilla, morro de melancolia sempre que penso no longo tempo que passei sem vê-los; quando nos reencontrarmos, tuas acusações cessarão. Se fosse necessário, diria que não mudei nada em relação aos meus, mas entre nós essas coisas só são ditas por mofa, e eu as digo sorrindo. Então, adeus; saudações a d. Vincenzo, ao cura e à marquesa — soube que continuas a visitá-la aos domingos. Desta vez, quando nos revermos, não faltarão romances e histórias para alegrar-te por muitas noites.

Adeus, adeus. Manda ainda um beijo a Gigina.[101]

251
A MONALDO LEOPARDI

Do campo, 30 de outubro de 1836.

Meu querido papai.

Não respondi à sua amorosíssima de março porque, envergonhado eu mesmo de minhas longas demoras (embora Deus saiba quão inocentes), estava resolvido a não lhe escrever antes ou na iminência de partir para Recanati. Mas tristes necessidades, impossíveis de serem relatadas senão por um livro inteiro, detiveram-me dia a dia até que viesse a mais triste de todas, a cólera, surgida primeiramente nas províncias do Reino, como deve saber, e depois na capital. Sem ter notícias dos jornais, meus amigos diligentemente me ocultaram a cólera de Ancona. Se o soubesse, creio que nenhuma força poderia impedir-me de ir, mesmo a pé, compartilhar seu perigo. Pelas notícias que ora pude recolher, parece-me que essas partes estejam liberadas, se bem que eu não esteja certo sequer sobre isto; mas aqui já ninguém se preocupa com o estrangeiro, haja vista a confusão que a cólera produz numa cidade imensa e populosa como Nápoles. Felizmente pude, pouco antes da epidemia, retirar-me no campo, onde gozo de um ar excelente e de boa companhia, a quase 12 milhas de Nápoles. Portanto, o senhor pode ficar tranqüilo quanto a mim, porque tomo tantas precauções que, segundo toda lógica, antes de mim deverão morrer todos os outros. Mas como nestas circunstâncias tudo depende de dinheiro, as coisas subindo exorbitantemente de preço, cada qual controlando as próprias reservas, e o isolamento parecendo iminente, fui constrangido, aos 25 deste, contra toda minha expectativa e disposição, a buscar um auxílio de 41 *collonati* com o tio Carlo, fazendo com ele um trato que só por muito favor seria possível. Ajoelho-me diante do senhor e de mamãe para pedir-lhes que perdoem a penúria em que se encontram, junto comigo, meio milhão de homens, bem como este incômodo que lhes comunico com extrema repugnância. Graças a Deus, minha saúde está ótima, exceto os olhos. Se Deus quiser, e se a peste não nos isolar por mais tempo ainda, certamente estarei beijando sua mão antes do que o senhor talvez esteja esperando — após tantas esperanças que inutilmente nutri quanto a isto. Que o senhor me abençoe e, junto com a mamãe, me recomende a Deus; se puder apaziguar-me quanto à situação que há aí, me dará um grande consolo.

Abraço os irmãos e, assegurando-lhe mais uma vez que minha posição não apresenta nenhum perigo, declaro-me com imenso amor seu afetuosíssimo filho,

Giacomo

252
A MONALDO LEOPARDI

[Nápoles] Do campo, 11 de dezembro de 1836.

Meu querido papai.

Não sabia como interpretar a absoluta falta de notícias daí, e assim vivi até que hoje me chegaram 7 cartas do correio, entre as quais as suas de 22 de outubro e 10 de novembro; assim, com os meus miseráveis olhos *começo* agora a presente. A confusão causada pela cólera, e a morte de 3 empregados dos correios, *talvez* possam explicar o atraso. Agradeço infinitamente ao senhor e a mamãe pela caridade dos 41 *colonnati*. O tom um tanto seco de suas cartas é muito compreensível em quem de fato desconhece minha real situação, eu que não tive olhos para escrever uma carta que não pode ser ditada, e que tampouco pode ser breve; ademais, há certas coisas que não devem ser escritas, mas ditas de viva voz. O senhor decerto pensa que passei estes 7 anos entre rosas, que os passei entre juncos marinhos. Quando mamãe souber que o pedido de uma subvenção extraordinária *só me ocorreu* quando a necessidade chegara a afetar o *pão*; quando souber que nenhum dos seus jamais se encontrou, nem, graças a Deus, se encontrará em meio às terríveis angústias em que *muitas vezes*, e sem culpa *nenhuma*, me encontrei; quando vir o estado em que estou e ainda souber que a recusa de uma cambial significa protesto, e protesto de cambial, não podendo eu pagar a soma equivalente, representa minha prisão imediata, talvez então sinta algum desagrado com a hostil interdição que tio Antici me anuncia em carta de 6 de nov., a qual me chegou junto com as suas.

Foi muito confortante saber que a peste, chamada por gentileza do século de cólera, causou pouco terror aí. Aqui, à parte a triste história que os olhos não me permitem relatar, depois de mais de 50 dias (refiro-me a Nápoles) a doença parecia quase encerrada; mas nesses últimos dias a mortalidade subiu de novo. Minha saúde se ressentiu sumamente dessa desordem e da má estação; nem posso voltar a Nápoles, pois quem volta para lá após uma longa ausência é inevitavelmente acometido pela peste, a qual também assolou o campo, causando várias mortes em minha vizinhança.

Querido papai, se Deus me permitir revê-lo, o senhor, a mamãe e os irmãos verão que nesses sete anos não desmereci uma mínima parte do bem que me quiseram antes, a menos que a infelicidade arrefeça o amor nos pais e nos irmãos, tal como faz com os outros homens. Se eu morrer antes, minha justificativa será confiada à Providência.

Deus conceda a todos nas próximas festas aquela alegria que dificilmente sentirei. Peço-lhe de coração que abençoe seu afeiçoadíssimo filho,

Giacomo

Hoje, dia 15, as últimas notícias de Nápoles e arredores, sobre a cólera, são boas.

253

A MONALDO LEOPARDI[102]

Nápoles, 27 de maio de 1837.

Queridíssimo papai.

O senhor dificilmente crerá, mas a sua amorosíssima de 21 de março, aqui carimbada em primeiro de abril, me foi entregue pelo correio em 11 de maio, com outras duas cartas marcadas em três de abril. Assim que as recebi, fui tomado pela primeira vez em minha vida por uma real e autêntica asma, que me impede de caminhar, de deitar, de dormir; vejo-me constrangido a lhe responder pela mão de outrem, pois meu olho direito está ameaçado de amaurose ou catarata. Realmente não sei como o amigo de Fucili possa ter tido as boas novas que deu de mim; retornado do campo doente em 16 de fevereiro, ele não saiu do quarto até 15 de março, e desde aquele dia saí umas quinze vezes sozinho, sem encontrar ninguém.

O senhor não pense que seja fácil sublocar um quartinho depois de 4 de maio, porque a mesma pressa que todos têm de se arranjar antes daquela data faz com que, passado o período e todos estando alojados, as casas percam o valor. Os forasteiros que chegam por poucos meses não saem das estalagens, já que não podem comprar e revender os móveis. Mais difícil que sublocar o quarto seria, sem pagar a anuidade inteira, sair, e sobretudo levar os móveis e a cama, que não são meus, porque os donos da casa têm o direito de não somente reter os móveis, mas também bloquear o passaporte, pois são protegidíssimos pela lei e muito desconfiados, haja vista a imensidão da cidade e a malandragem universal. Todas essas dificuldades talvez pudessem ser contornadas. Mas a principal dificuldade é a cólera, que recomeçou, como estava previsto, em 13 de abril, e que desde então tem crescido, embora o governo se esforce em ocultá-lo. Teme-se que, a exemplo de Marselha, a segunda cólera seja superior à primeira, que em Marselha começou em outubro, causando uma grande mortandade em abril. Aqui a segunda cólera deveria ser duas vezes pior que a primeira para que a doença atingisse em Nápoles o contingente

proporcional àquela população. As comunicações foram abertas por dois ou três dias em torno de 20 de abril; porém, quando se soube de novos contágios, os rigores recrudesceram. Não se faz quarentena nas ruas de Roma, mas em Rieti sim, que é uma passagem dos Abruzos infestada de ladrões; quem quiser alcançar ou estiver se dirigindo a Roma, deve retroceder em Rieti. O gasto nos vinte dias seria pesadíssimo pelas taxas inevitáveis e extorsivas, calculadas sempre de modo abusivo para a desgraça dos pobres viajantes; outrossim, o perigo de ter de conviver por vinte dias com pessoas suspeitas, no quarto que os albergueiros indicassem a bel-prazer, não seria pequeno. Finalmente, todos os peritos desaprovam uma partida em meio à peste galopante, pois sabe-se pela experiência de todos os países que a mudança de ares desenvolve a doença nos indivíduos, e não são poucos os exemplos dos que partiram sãos de lugares infectados e morreram nos braços de seus parentes ao chegarem a lugares que não tinham a doença. Se eu escapar à cólera, assim que a saúde permitir farei todo o possível para revê-lo, em qualquer estação, porque também tenho pressa, pois estou convencido pelos fatos daquilo que sempre previ: o termo prescrito por Deus à minha vida não está muito longe. Meus sofrimentos físicos, diários e incuráveis, chegaram com a idade a tal ponto que não podem mais avançar: espero que, superada finalmente a pequena resistência que lhes opõe meu corpo moribundo, me conduzam ao eterno repouso que invoco ardorosamente todos os dias — não por heroísmo, mas pelo rigor das penas que provo.

Agradeço ternamente ao senhor e a mamãe pelos dez escudos, beijo a mão de ambos, abraço os irmãos e peço a todos que me recomendem a Deus para que, depois de os rever, uma rápida e boa morte ponha fim aos meus males físicos, que só assim cessarão.

Seu amorosíssimo filho,

Giacomo

FIM DE "CORRESPONDÊNCIA"
E DE "PROSA"

Apêndice

Variações Leopardianas

A presença de Leopardi nas letras brasileiras parece menos discreta de quanto se tem imaginado. Tudo isso porque a história de sua influência permanece bastante desconhecida. Página que mereceria um estudo detalhado, como o de Giacinto Manupella, em sua *Dantesca luso-brasileira*, seguindo os rastros do Poeta em nossa tradição. Aquele ensaio poderia ter se beneficiado com um aparato conceitual mais amplo. Manupella ainda não assimilara os conceitos de recepção, intertexto ou sistema literário. Mesmo assim, o seu trabalho foi um marco. Quatro séculos de deslocamento! De modo análogo — e de certo menos volumosa — a repercussão leopardiana no Brasil seria capaz de revelar igualmente gratíssimas surpresas.

Já na fortuna crítica nos deparamos com os textos fundamentais de Dante Milano, Otto Maria Carpeaux, Haroldo de Campos e Helena Parente Cunha. Mas os primeiros sinais chegam do século XIX. E não podiam ser melhores. Começamos com Machado de Assis e Raul Pompéia que freqüentaram assiduamente os *Opúsculos*. O primeiro admirava-o sinceramente. O segundo era-lhe congenial. Citações de Machado. Apropriações de Pompéia. Eis a dimensão da alta literatura brasileira.

Rui Barbosa — estranhamente — tentaria traduzir nada menos do que o Leopardi dos grandes idílios. E Júlia Cortinez emprestava-lhe um sabor marcadamente parnasiano. Começava aqui a história das variações dos *Cantos*.

Vemos igualmente o "Infinito" sendo recriado por um Vinícius de Moraes e um Mário Faustino. Nada mais próximo. Nada mais distante.

Ivo Barroso e Haroldo de Campos partiriam do mesmo "Infinito" para atingir conclusões irreversívies. Para Ivo Barroso, um clássico absoluto. Para Haroldo de Campos, um poeta de vanguarda.

Marly de Oliveira segue para Recanati e não pode não pensar em Ungaretti. E Murilo Mendes dedica a Leopardi um de seus brilhantes "Murilogramas". Parece que a natureza sabe saltar. Já Ecléa Bosi assume a tradução na qualidade de um tradutor suporte, ao fixar o poema "O sábado na aldeia".

Damos aqui uma pequena amostra do muito que está para ser feito dentro deste campo. Por enquanto — e apenas — a sombra de uma influência.

M.L.

Ilusão Renitente*

Raul Pompéia

> *E tu, lenta ginestra,*
> *Chi di selve odorate*
> *Queste campagne dispogliate adorni*
> *Anche tu presto, alla crudel passanza*
> *Soccomberai...*
> "*La ginestra*", G. Leopardi

Estranho sonho. Cataclismo inaudito assaltou a natureza. A espessura trágica de uma noite extraordinária invadiu o espaço como se de asas de corvo se fizesse o firmamento. Nesta sombra, espantoso sepulcro! jaz aniquilado o universo.

Desconcertadas as leis do mundo, rota a máscara das cores, desarmadas as perspectivas, reina a definitiva realidade cega do pavor. O nada, irmão da treva e do caos, revela-se em toda a grandeza do prestígio brutal, negativo, incontestável. Cessou o tumulto animado das transformações; o conflito dos átomos foi substituído por uma pacificação profunda; o fogo e a água, confundidos no acordo de uma destruição mútua e simultânea, renunciaram ao velho antagonismo de elementos rivais. Não mais a vida dos vermes na entranha do cadáver, não mais a vida dos astros no vácuo; nem há mais astros no céu nem há mais vermes na terra; o demônio do aniquilamento sustou a marcha sideral das esferas!

Nem uma lasca de túmulo a nos lembrar mais os homens, nem um serólito perdido a recordar os planetas, nem uma fugitiva centelha que diga dos consumidos sóis. A efeméride dos aspectos, no tempo, cessou.

O tempo e o espaço imanentes numa só uniformidade, sem soluções, sem sucessões, realizam a hipótese do termo absoluto.

Resolveu-se enfim a universal comédia das formas, das superfícies, das ilusões...

* In *Canções sem metro*. Rio de Janeiro: Tipografia Aldina, 1900.

Como um pássaro envolvido inesperadamente no turbilhão da borrasca, vivia, entretanto, o meu sentimento, no meio da consumação geral das coisas.

Estranho sonho!

E eu vi, senti nascer das trevas um clarão suavíssimo, semelhante ao luar que vem do céu, rasgando uma por uma as bambolinas pesadas da tempestade.

Era a luz de um olhar...

Nem tudo perecera!

Este simples clarão saciava-me como se fosse a concentração da vida universal roubada aos seres, ou o espírito errante das constelações extintas!

Rumor e Silêncio*

Raul Pompéia

> ... *Così tra questa*
> *Immensità s'annega il pensier mio,*
> *E il naufragar m'è dolce in questo mare*
> "*L'infinito*", G. Leopardi

Ouvis, lá abaixo o rumor da cidade, a grita dos homens, o estridor dos carros, o tropel dos ginetes, o fragor das indústrias? Ouvis de outra banda a voz do arvoredo, os pássaros saudando a tarde, o vento angustiando a harpa eólica das frondes? Ouvis esse clamor ingente que as ondas mandam? É a sinfonia da vida.

Diz-se então que o silêncio é a morte.

Multiplicai esses rumores. Agravai o tumulto industrial dos homens na paz com as perturbações estrepitosas da guerra; reforçai as vozes da floresta e do mar; juntai-lhes a solene toada das catadupas, o pungente mugir dos oceanos lanceados pelo temporal, as explosões elétricas do raio, a crepitação fragorosa dos gelos derrocados pelo primeiro sopro da primavera polar, o garganteio monstruoso dos vulcões inflamados; fazei rugir o coro das catástrofes humanas e dos cataclismas geológicos.

Dizei, depois, onde mais intensa é a vida e maior o assombro, se embaixo ou lá em cima, no zimbório diáfano que a noite vai conquistando agora, na savana imensa onde transita a migração dos dias e viajam as estrelas, onde os meteoros vivem, onde os cometas cruzam-se como espadas fantásticas de arcanjos em guerra — na mansão dos astros e do sagrado silêncio do infinito?!

---

* In *Canções sem metro*. Rio de Janeiro: Tipografia Aldina, 1900.

A SI MESMO*

Tradução de Julia Cortines

Vais repousar p'ra sempre, ó meu cansado
E triste coração.
Supus eterna, e, no entretanto, é morta
Minha extrema ilusão.
É morta. Sinto bem
Que não só de quimeras a esperança
Está, dentro de nós, extinta, como
O desejo também,
Repousa para sempre. Palpitaste
Bastante. Nada vale
O teu afã, nem de suspiro é digna
A terra. Nela o mal
Impera, e não tem fim.
É tédio apenas e amargura a vida,
E o mundo em que vivemos, lodo apenas,
Acalma-te, por fim.
À nossa raça miseranda o fado
Um dom único fez:
O dom da morte. Desespera agora
Pela última vez.
Contigo envolve num
Igual desprezo a natureza toda,
E a lei oculta e bárbara que rege
A miséria comum.

* In *Versos*. Rio de Janeiro: Typographia Leuzinger, 1894.

O PENSAMENTO DOMINANTE *

Tradução de Rui Barbosa

Dulcíssimo, potente
Dominador desta profunda mente
Formidável, mas caro,
Dote do céu; consorte
Dos meus dias mais tristes,
Pensamento que em mim tanto persistes.

Do teu ser os arcanos
Quem não aventa? Em nós o influir
Seu quem não sente? E entanto
Se o íntimo sentir
Efeitos teus em língua humana certa,
Soa inaudita a voz que nos desperta.

Como sozinha a mente
Fez-se-me desde a hora
Em que o teu vulto no seio mora!
Logo, qual momentânea claridade,
Idéias minhas, vós.
Todas vos extinguistes. Como torre
Em vasta soledade,
No descampado estás, gigante, a sós.

Fora de ti, que é feito mais de quantas
Obras a terra inspira

Que enojo intolerável
O ócio, a convivência,
E a esp'rança vã de um vão prazer mentira
A par do inenarrável,
Celeste encanto que de ti transpira!

* In *Poesia*. Rio de Janeiro: MEC, 1971.

RECORDAÇÕES*

Tradução de Rui Barbosa

Vagas estrelas da Ursa, eu já não cria
Ao hábito volver de contemplar-vos
Sobre o jardim paterno cintilantes
E praticar convosco das janelas
Desta vivenda, onde habitei menino,
E o termo vi às alegrias minhas.
Que de imagens, outrora, e que de fábulas
Me não criou na mente o vosso aspecto
E o dessas luzes sócias vossas! quando,
Mudo, inclinado à viridente relva,
Largas noitadas consumir soía,
Revendo os céus, e escutando o canto remoto
Da rã distante pelos campos longes!
Tremeluzia, errando, o pirilampo
Nas sebes, pela quinta; sussurravam
Ao vento as olorosas alamedas,
Os ciprestes na selva; a casa em vozes
Rumorejava e à bulha descuidada
Dos fâmulos. Que imensos pensamentos,
Que doces sonhos me inspirou a vista
Do mar longínquo, os azulados montes,
Que daqui descortino, e imaginava
Transpor, mundos ignotos, inaudita
Felicidade ao meu viver fingindo!
Alheio ao fado meu e a quantas vezes
Desta existência, dolorosa e nua,
Gostoso a morte em troco aceitaria.
Nem palpitava a que o verdor da idade
Condenado a gastar seria neste
Nativo burgo agreste, em meio a gente

* In *Poesia*. Rio de Janeiro: MEC, 1971.

Zotica, vil, que um som de voz estranha,
Saber doutrina ao derrisar de mofa
Incitam sempre; que me odeia, e foge,
Não já de inveja, que em mais alto apreço olha
Não me tem do que a si, mas porque estima
Que em tal conta me tenho, bem que nunca
Indícios disso em mim transparecessem.
Ao desamparo, oculto, inteiro os anos
Sem amor e sem vida; áspero à força
Entre a turba malévolo me faço;
De piedade e virtudes me despojo,
Desprezo aos homens crio, entre esta récova
Que me cerca; e, entretanto, vai voando
O caro tempo juvenil; mais caro
Do que a fama e os louros; mais que a pura
Luz do dia e o alento: e eu te perco,
Sem um deleite, inutilmente, neste
Asilo desumano, entre os desgostos,
Na árida vida única flor que existes

Vem a aragem trazendo a hora vibrada
No campanário aldeão. Eram conforto
Estes sons, bem me lembra, às minhas noites,
Quando, menino, a minha estância em trevas,
Entre assíduos terrores eu velava,
Suspirando a manhã. Coisa não acho,
Que eu veja, ou sinta, aqui, de onde uma imagem
Me não torne, e em saudades me reviva,
Doces de si, mas que de dor embeba
O pensar no presente e um vão anelo
Do passado, inda triste, e o dizer: fui.
Aquele eirado ali, que olha aos extremos
Raios do dia; os painéis destes muros,
O figurado armento, o sol que nasce
No ermo do campo os ócios me esparziram
De alegrias então, quando ao meu lado
Me seguia, e entretinha o erro mágico,
Sempre, onde eu fosse. Estes salões antigos,
Das neves ao brancor, silvando em torno
Contra as amplas janelas a lufada,
Ruidosas festas minhas estrugiram,
Na quadra em que o mistério acerbo, indigno

Das coisas só doçura nos revela,
E, indelibada, ilesa, o adolescente
Da vida enganadora se enamora,
E belezas do céu, que sonha, admira.

Esperar, esperanças, grato engano
Da primeira razão! Sempre, falando,
Retorno a vós; e corra embora o tempo,
Variem afeições e pensamentos,
Olvidar-vos não sei. Fantasma, entendo,
A glória é, e a honra; bens e gozos,
Mero anelar: não tem um fruto a vida
Imprestável miséria.

A Mim Mesmo*

Tradução de Pereira da Silva

Que repouses sem dó,
Meu coração desencantado. Sinto
Que teu sonho de Glória jaz extinto.
Não o teu sonho só,
Mas o teu próprio ardor desfez-se em pó.
Para sempre repousa.
Já sofreste demais, e nada, entanto,
Conseguiste, e nem digna é de pranto
A terra... E esta outra coisa,
A vida, é tediosa, e o Mundo todo.
Aquieta-te de todo.
Pela última vez maldiz da sorte
E, quase em calma,
Entrega o último alento da tua alma
Ao poder que preside íntimo e mudo
Toda a vaidade efêmera de tudo.

* In *Traduções selecionadas* por Olegário Marianno. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, s.d.

O INFINITO*

Tradução de Mário Faustino

Eu sempre amei este deserto monte,
como esta sebe, que tamanha parte
do último horizonte oculta à vista.
Sentando e contemplando intermináveis
espaços além dela e sobre-humanos
silêncios, profundíssima quietude,
no pensamento afundo-me: e por pouco
não se apavora o coração. A brisa
sussurra entre essas plantas e eu aquele
infinito silêncio à voz do vento
vou comparando: e lembro-me do eterno
das mortas estações, e da presente,
que é viva, e o rumor delas. E buscando
a imensidão se afoga meu pensar
e naufragar é doce nesse mar.

* In *Poesia.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

MURILOGRAMA A LEOPARDI*

Murilo Mendes

1

Em que medida / Leopardi

Será tua linguagem
Tangente à — rompida — nossa?
Não fui a Recanati: vou aos CANTI.

Teu verso élego-polêmico
Implica o cosmo no seu pessimismo.

2

A janela te abre:
Tempo em que nasciam
Janelas paralelas.
Janela um ser, duplo da língua.

A janela te abre:
Natureza totalmente soletrada
Exausta à ardósia;

Inesgotados espaços
Sobrehumanos silêncios.
A estrela é doméstica,
Mesmo vaga, da Ursa.

* In *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

3

A noite desossada
Te incorresponde.
Pões a nu sem aspas
O inelegante sofirimento.

Atinges a colina com palavras.
Adivinhas talvez
A próxima aurora elétrica
Desligando-nos do teto
Das Idéias, antigo.

Vais contactando
A sempre apalavrada morte.

4

Destróis o quadrado
Conservando a esfera.
Esse dandismo da melancolia
Ou da imparidade;

O grito como sistema.

Antefilmas o tédio,
Restos da adombrada natureza
No irrealizado refúgio Recanati.

5

Retrato. Gaveta. Diário.
Zibaldone da memória.

De Sílvia / Nerina / Aspásia
Elípticas / iterativas / obliteradas

"Lingua mortal non dice..."

Assim tua carne épica enfrenta
Amor menabó da morte.

6

Sofres a transição
De um cosmo provisório a
Outro cosmo elevado a potência.

Quando escreves
"La lima è consumata; or facciam senza"
Nos tangencias.

Roma 1965

O INFINITO*

Tradução de Vinícius de Moraes

Sempre cara me foi esta colina erma,
e esta sebe, que de tanta parte
do último horizonte o olhar exclui.
Mas sentado a mirar, intermináveis
espaços além dela, e sobre-humanos
silêncios, e uma calma profundíssima
eu crio em meus pensamentos, onde por pouco
não treme o coração. E como o vento
ouço fremir entre essas folhas, eu
o infinito silêncio àquela voz
vou comparando e vêm-me a eternidade
e as mortas estações, e esta, presente
e viva, e o seu ruído. Em meio a essa
imensidão meu pensamento imerge
e é doce o naufragar-me nesse mar.

* In *Poesia completa e prosa.* Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1969.

O Infinito*

Tradução de Haroldo de Campos

A mim sempre foi cara esta colina
deserta e a sebe que de tantos lados
exclui o olhar do último horizonte.
Mas sentado e mirando, intermináveis
espaços longe dela e sobre-humanos
silêncios, e quietude a mais profunda,
eu no pensar me finjo; onde por pouco
não se apavora o coração. E o vento
ouço nas plantas como rufla, e àquele
infinito silêncio a esta voz
vou comparando: e me recordo o eterno,
e as mortas estações, e esta presente
e, viva, e o seu rumor. É assim que nesta
imensidade afogo o pensamento:
e o meu naufrágio é doce neste mar.

* In *A arte no horizonte do provável*. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1972.

O SÁBADO DA ALDEIA*

Tradução de Ecléa Bosi

Vem chegando do campo a donzelinha,
Quando se põe o sol,
Com seu feixe de erva; e traz na mão
Um maço de violetas e de rosas,
Com que ela, graciosa,
A enfeitar se apresta
Amanhã, dia de festa, os cabelos e o seio.
Das vizinhas no meio
Sobre a escada a fiar uma velhinha,
Naquele ponto onde se perde o dia;
E vai contando histórias do seu tempo,
Quando em dia de festa se adornava,
E ainda fresca e esbelta
À noite ia dançar entre os que foram,
Seus companheiros da idade mais bela.
Já todo o ar se embruma,
Volta azul o sereno e as sombras voltam
Dos telhados, colinas,
Ao branquejar da recém-vinda lua.
Agora as campainhas
Anunciam a festa;
E aquele som dirias
Que a alma reconforta.
Os meninos gritando
Na pracinha em tropel,
E aqui e ali saltando,
Fazem grato rumor:
No entanto volta à sua parca mesa
Assobiando o lavrador,
Pensando vai no dia do repouso.

* In *O Estado de S. Paulo*. Suplemento Literário, 13 jun. 1970.

E quando em volta toda luz se apaga,
E tudo o mais se cala,
Ouve o martelo dar, e ouve a serra
Do artesão que vela
Da oficina fechada à lamparina,
E se apressa e se esforça
Em terminar a obra antes da aurora.

Este dos sete é o mais amável dia,
De esperança e alegria:
Amanhã tristeza e tédio
Trarão as horas e à mesma fadiga
Cada um voltará seu pensamento.

Rapazinho travesso,
Esta idade florida
É como um dia de alegria pleno,
Dia claro, sereno,
Que prenuncia a festa de tua vida.
Goza, menino meu, estado suave,
Leda estação é esta.
Nada mais te direi; mas atua festa
Não te pese ao chegar mesmo que tarde.

A VIDA NATURAL*

Marly de Oliveira

XVII.

Seria assim a Recanati
do melancólico poeta,
com dias de azuis violentos
e noites com frios de lua

sobre as casas? Sobre as montanhas
distantes, de perfil sereno,
e árvores próximas, limpas
de galhos no inverno.

A sua janela daria
como esta minha sobre um largo
com uma igreja muito antiga,
onde um pássaro solitário

pousa às vezes? E mais adiante
uma sebe, e depois da sebe
um infinito que imaginava,
e que eu vejo andando no campo.

E que eu vejo de corpo inteiro,
O infinito que recrudesce
a cada olhar, a cada passo
que dou na direção do vivo.

FIM DE "VARIAÇÕES LEOPARDIANAS"

* In *Obra poética reunida*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1989.

Notas

Sigla das Notas:

N. do A. – Nota do Autor
N. do O. – Nota do Organizador
N. do M. – Nota do Manuscrito
N. do T. – Nota do Tradutor

Cantos

As notas que seguem são do Organizador.
A numeração refere-se aos versos comentados.

I – À ITÁLIA

As idéias iniciais da composição do poema remontam provavelmente a julho-setembro de 1818. Publicado no mesmo ano.

44 Trata-se de uma alusão aos italianos que, alistados no exército de Napoleão, fizeram a campanha na Rússia.

57 Inimigos dos franceses, não dos italianos.

65 O grande exército dos persas não foi capaz de derrotar os escassos e aguerridos combatentes de Leônidas, que ofereceram a própria vida à pátria.

76 A heróica resistência nas Termópilas serviu de base aos gregos para vencerem em Salamina.

79 Simônides de Ceos, 559 a 469 a.C.

II – SOBRE O MONUMENTO A DANTE

Escrito em Recanati, entre setembro e outubro de 1818. Publicado no mesmo ano.

6 O jugo que pesa em toda a Itália há de cessar quando os valores antigos povoarem seus sonhos, como a *virtù* de Petrarca, presente em Machiavelli.

26 Dante torna-se o símbolo máximo do exílio, mesmo depois de morto. Seus ossos repousam em Ravena, longe de Florença.

74 Poesia, língua toscana.

77 Refere-se a Dante e aos gloriosos espíritos de outrora.

94 Dante já visitara o Paraíso, na sua *mirabilia* poética.

106 Alude ao saque das obras de arte praticado em Nápoles por Napoleão.

138 O jovem poeta narra a Dante todas as agruras sofridas pelos italianos na Rússia. Dante não mudou, mesmo após cinco séculos: há de sentir ódio profundo pelo estado presente da Península.

173 Combatiam contra a Itália, enquanto eram manipulados pelos novos tiranos.

III – A ANGELO MAI

Canto composto em Recanati, em 1820, "obra de 10 ou 12 dias", publicado em 4 de fevereiro do mesmo ano.

1 Cardeal da Igreja, bibliotecário da Ambrosiana e, mais tarde, da Vaticana, filólogo eruditíssimo, descobre em 1819 a *De re publica*, de Cicero.

3 Dando vida aos textos e a seus autores. Quase como Whitman ao tramar a dialética entre visíveis e invisíveis, vivos e mortos. A literatura enquanto mediação.

24 O antigo valor — de fundo e motivação petrarquiana — acaba por oxidar-se, tal como as armas que não mais se usam.

50 Os dias de antanho, quando Petrarca, Boccaccio e Lorenzo Valla descobriram — como Mai — os textos venerandos da Antigüidade.

60 O poeta dirige-se a Dante.

64 Para Dante, o Inferno foi mais justo do que a Terra, onde, ao menos, a justiça é inequívoca, na lei irreversível do "contrappasso".

69 O amante desafortunado é Petrarca, a respeito de cuja poesia tanto meditou o jovem Leopardi.

70 Dante e Petrarca.

75 Insinua-se aqui o tema que aos poucos há de se tornar mais definido na obra madura de Leopardi: o nada absoluto, a caducidade das coisas, a morte.

77 A genealogia dos valores itálicos prossegue com o lígure Cristóvão Colombo.

89 Conceito pitagórico da harmonia celeste, recuperada em Cícero, no "Somnium Scipionis": a melodia das esferas.

96 O Sol.

111 Ludovico Ariosto integra igualmente a *virtù* da alta poesia italiana, com o seu *Orlando Furioso.*

121 Torquato Tasso, autor da *Gerusalemme Liberata.* Quase um irmão de Leopardi na arte e no gravame da melancolia.

155 Vittorio Alfieri, o derradeiro resplendor dos grandes modelos clássicos.

IV – NO CASAMENTO DE MINHA IRMÃ PAOLINA

Escrito em Recanati, entre outubro e novembro de 1821, publicado em 1824.

75 Leopardi recorre ao exemplo de Virgínia, nobre romana, que, para fugir aos propósitos vulgares de Ápio Cláudio, pediu ao pai que desse cabo de sua vida. O pai — com doloroso heroísmo — matou a própria filha.

80 Senhor de Roma, sob cuja tirania foi perpetrada tanta violência.

84 Érebo, o Hades.

96 Os filhos de Rômulo.

V – A UM VENCEDOR NO JOGO DO PALLONE

O canto foi " terminado no último dia de novembro de 1821", em Recanati. Publicação em 1824.

26 Paralelo desafiador entre os atletas, a guerra e o amor pátrio.

61 Torna-se melhor a vida, pois o ardor faz esquecer a caducidade das coisas, o brilho sinistro do nada e da morte, para os quais todos apressam o passo.

VI – BRUTOS, O JOVEM

Obra composta em Recanati, em dezembro de 1821, publicada em 1824.

15 Trata-se do sofrimento de Brutus, ante a virtual derrocada de Roma.

21 Um coeficiente de solidão radical compõe o severo desespero de Brutus, que põe em dúvida a existência dos numes.

88 Brutus identica naquela derrota o fim da liberdade em Roma e pressagia a invasão dos bárbaros.

90 Erma e desolada, eis a devastação que a cidade há de sofrer em mãos inimigas.

108 Deuses inexorandos e marmóreos.

VII – À PRIMAVERA

Canto composto em Recanati, em doze dias, janeiro de 1822. Publicado em 1824.

32 Divindades dos bosques, metaforizadas: Faunos, Sátiros, Silvanos.

35 Diana, a deusa da caça.

42 Trata-se do Sol, denominado Titã, por ser filho de Hipérion.

57 Resquícios do *De vita solitaria*, de Petrarca. A presença de Dafne ou Climene povoa a solidão dos bosques.

65 Considere-se a relação delicadíssima que emerge aqui entre Eco e Narciso.

69 Eco, em sua imensa dor, é-nos congenial no sofrimento.

76 Terrível lembrança, quando o Sol ficou pálido de ira e de piedade.

VIII – HINO AOS PATRIARCAS

Escrito em Recanati em julho de 1822, foi publicado pela primeira vez em 1824.

2 São os patriarcas veterotestamentários. Leopardi imagina-os nos distantes primórdios da vida humana.

12 A pesada herança que nos circunda: a do pecado original.

21 A terra e o inferno coincidiram.

25 Primeiro homem, Adão.

48 Tomado por remorso e desespero, eis a triste figura de Caim.

57 Em primeiro plano, Noé.

59 Pode-se ouvir aqui duas formas de palimpsesto: a *Bíblia* e a *Divina comédia*.

71 Abraão: sacrifício e redenção.

79 Jacó, filho de Rebeca.

83 Raquel, filha de Labão.

92 Outrora, amiga do homem: a natureza. Sempre, a Idade do Ouro.

IX – ÚLTIMA CANÇÃO DE SAFO

Foi uma "obra de sete dias. Maio de 1822", segundo Leopardi. Publicada em 1824.

Assim Leopardi traduziu Safo: "*Oscuro è il ciel: nell' onde La Luna già s'asconde. E in seno al mar le Pleiadi Già discendendo van. É mezza notte, e l'ora Passa frattanto, e sola Qui sulle piume ancora Veglio ed attendo invan*". Cf. A de Foscolo.

5 Divindades da Discórdia e da Vingança. Orestes sentiu-lhes o peso.

11 O vento Austro.

50 Júpiter, considerado Pai pelos antigos. A metáfora é também acolhida por Plotino.

56 Reino de Plutão.

58 Dirige-se ao homem que amou em vão.

X – O PRIMEIRO AMOR

Idealizado provavelmente em 1817, cuja inspiração se deve a Gertrude Cassi Lazzari, que se hospedou na casa de Leopardi. Publicado em 1826.

67 Dezoito anos (no original: nove e nove — uma bela cifra da *Vita nuova*).

XI – O PARDAL SOLITÁRIO

A idéia deste canto remonta a 1819, mas a sua composição é mais tardia. Segundo Monteverdi, seria de 1831; segundo Bosco, 1834-35; Getto: 1829; Corti: 1834. Publicado, todavia, em 1835.

XII – O INFINITO

Escrito em Recanati, em 1819, publicado em 1825.

2 É o Monte Tabor, chamado atualmente Monte do Infinito, em Recanati.

10 Poder-se-ia extarir da obra leopardiana as variações do conceito de infinito, das quais se utilizou Italo Calvino nas suas *Lezioni americane.*

XIII – A NOITE DO DIA DE FESTA

Composto em Recanati, entre 1819 e 1821. Provavelmente na primavera de 1820. Publicado em 1825.

33 Impressionante essa *tournure.* "*Ubi sunt?*"

XIV – À LUA

Escrito provavelmente em 1819, no dia de seu aniversário. Publicada em 1826, a primeira versão.

2 Também aqui, o Monte Tabor, em Recanati.

13 Os dois últimos versos aparecem na edição de Ranieri, de 1845. Fazem lembrar o acréscimo de Montale ao poema "Dora Markus". Ambos ganharam um centro de gravidade com o acréscimo.

XV – O SONHO

Composto em Recanati, no final de 1820 ou em outubro de 1821. Publicado em 1825.

XVI – A VIDA SOLITÁRIA

Escrito em Recanati, entre o verão e o outono de 1821. Publicado em 1826.

XVII – CONSALVO

Escrito em Florença, entre o outono de 1832 e a primavera do ano seguinte. Publicado em 1835.

XVIII – À SUA DAMA

Canto composto em Recanati, "obra de seis dias", em setembro de 1823. Foi publicado em 1824.

XIX – AO CONDE CARLO PEPOLI

Escrito em Bolonha, em março de 1826. Publicado em julho do mesmo ano.

3 Pepoli (1801-1860) era vice-presidente da "Accademia dei Felsinei", em cuja sede Leopardi fez a leitura dos versos seguintes.

XX – A RESSUREIÇÃO

Escrito em Pisa nos dias "7 (segunda de Páscoa) – 13 de abril de 1828", anota Leopardi. Publicado em 1831.

XXI – À SÍLVIA

Escrito em Pisa, nos dias 19 e 20 de abril de 1828. Publicado em 1831.

XXII – AS LEMBRANÇAS

Escrito em Recanati, de 26 de agosto a 12 de setembro de 1829. Publicado em 1831.

XXIII – CANTO NOTURNO DE UM PASTOR ERRANTE DA ÁSIA

Foi composto de "1829. 22 out. – 1830. 9 de abril", segundo anotação de Leopardi. Publicado em 1831.

XXIV – A CALMA DEPOIS DA TEMPESTADE

Escrito em Recanati, nos dias "17-20 set. de 1829" , segundo anotou Leopardi no manuscrito. Publicado em 1831.

XXV – O SÁBADO NA ALDEIA

Canto composto em Recanati, em setembro de 1829, provavelmente de 20 a 29. Publicado em 1831.

XXVI – O PENSAMENTO DOMINANTE

Redigido provavelmente no verão de 1831. Outros o situam entre 1832 e 1833. Publicado em 1835.

XXVII – AMOR E MORTE

Canto escrito provavelmente em Florença, em meados de 1833. Há quem o situe entre 1832 e 1833. Publicado em 1835.

6 No original: "*per lo mar dell'essere*". A imagem é dantesca, mas a fonte, plotiniana.

XXVIII – A SI MESMO

Escrito por volta de 1833, pouco antes de 29 de junho. Publicado em 1835.

XXIX – ASPÁSIA

Escrito em Nápoles, na primavera de 1834 ou 1835. Publicado em 1835.

36 Campos Elísios ignorados, discrepando da tradição.

XXX – SOBRE UM BAIXO-RELEVO DE UM ANTIGO TÚMULO

Escrito entre abril de 1831 e setembro de 1835. Publicado em 1835.

XXXI – SOBRE O RETRATO DE UMA BELA MULHER

Escrito entre 1834 e 1835, sendo publicado em 1835.

XXXII – PALINÓDIA AO MARQUÊS GINO CAPPONI

Escrito entre a primavera e o outono de 1835, em Nápoles. Publicado em 1835.

1 Capponi (1792-1876), escritor e intelectual renomado é o destinatário da presente defesa dos *Cantos*. Quanto à palinódia, trata-se aqui de uma ironia. Leopardi não desdiz nada do que disse. Nem poderia, tal a unidade de pensamento que atravessa as malhas de sua obra.

26 Trata-se de um verso levemente modificado de Petrarca. Em Leopardi, no original: "*Come nulla quaggiù dispiace e dura.*" Em Petrarca: "*Come nulla quaggiù diletta e dura.*"

30 A geografia leopardiana abrange toda a Terra, sem a misteriosa relação dos sonhos e das cidades ariostescas.

39 As Parcas e os seus fusos.

43 Menção às ferrovias, marcas do progresso de então, ironizado pelo grande Leopardi.

54 Filhos de Noé.

84 Primeiro, o advento das máquinas (escravos dos tempos modernos). Segundo, a grande profusão de livros. Cf. A perda da aura conceituada por Walter Benjamin.

107 O pacto social rousseauista após as revoluções da América e da França.

A prece quotidiana de Hegel: os jornais, chamados outrora de gazetas.

128 Principiava a iluminação a gás.

143 Parece que o Cálculo e a Economia então campeassem, como verdades e profissões absolutas.

206 *Pamphlets* no original. Do inglês, opúsculos.

XXXIII – O PÔR-DA-LUA

Composto na primavera de 1836, em Torre del Greco. Publicação póstuma, em 1845.

XXXIV – A GIESTA OU A FLOR DO DESERTO

Composta em Torre del Greco, na primavera de 1836. Publicação póstuma, em 1845.

3 No original Vesevo, do latim Vesevus, Vesúvio. Eis a giesta.

32 Herculano, Pompéia e Estábias.

XXXV – IMITAÇÃO

Difícil datação, próxima do Leopardi maduro. Não anterior a 1828. Publicado em 1835. O ágon de Leopardi (para usar um termo caro a Bloom) deu-se a partir de la feuille de Antoine Vinçent Arnault. Para demonstrar como a translação (conceito de H.J. Vermeer) leopardiana ultrapassou o original, ouçamos a "primeira folha": "— *De ta tige détachée, Pauvre feuille desséchée, Où vas-tu? — Je n'en sais rien. L'orage a frappé la chêne Qui seul était mon soutien. De son inconstante haleine, Le Zéphyr ou l'aquilon Depuis ce jour me promène De la forêt à la plaine, De la montagne au vallon. Je vais où le vent me mène Sans me plaindre ou m'effrayer, Je vais où va toute chose, Où va la feuille de la rose Et la feuille de laurier*".

XXXVI – SCHERZO

Escrito em Pisa, em 15 de fevereiro de 1828 ("última sexta de carnaval", anota Leopardi). Publicado em 1835.

XXXVII – [OUVE MELISSO]

Escrito em Recanati, 1819. Publicado em 1826. Depois modificado para o fragmento.

1 Um sonho nas anotações de Leopardi: "Lua caída segundo o meu sonho."

11 No original, "vomitava": O verbo era muito caro aos poetas do século XVIII, sem possuir o sentido restrito que os modernos lhe atribuem.

XXXVIII – [EU QUE VAGANDO]

Reconfigurado, de uma composição escrita em 1818. Publicado integralmente em 1826. Depois modificado.

XXXIX – [EXTINTO O DIURNO RAIO]

Reelaboração do poema juvenil "Appressamento alla Morte", composto em Recanati, entre novembro e dezembro de 1816. Publiacado em 1835.

8 Irmã do Sol, a Lua.

37 Forte a presença de imagens dantescas.

XL – DO GREGO, DE SIMÔNIDES

Escrito em Recanati, entre 1823 e 1824. Publicado, integralmente em 1835. Modificado em alguns versos, que aparecem nos *Opúsculos morais*, em 1827.

Trata-se de Simônides de Amorgos (apr. 600 a.C.), famoso poeta grego.

XLI – DO MESMO

Composto em Recanati, entre 1823 e 1824. Publicado em 1835.

4 Alusão à *Ilíada*, canto VI.

OPÚSCULOS MORAIS

[1] Escrito em Recanati de 19 de janeiro a 7 de fevereiro de 1824, publicado em 1827, na edição Stella. Já em 1834, trazia o texto o seguinte acréscimo: "O autor deixa claro que nesta fábula, e nas outras que se seguem, não fez nenhuma alusão à história mosaica, à história evangélica, ou às tradições e doutrinas do Cristianismo." (N. do O.)

[2] Abelhas, Calímaco; pombas, Ateneu; cabras, a cabra Amaltéia. (N. do M.)

[3] Heródoto, livro 5, cap. 4, Estrabão, livro II, edit. Casaub. p. 519. Mela, livro 2, cap. 2. *Antologia grega*, ed. H. Steph. pag. 16; Corício sofista, *Orat. fun. in Procop.* gaz. cap. 35, ap. *Fabric. Bibliot. Graec.* ed. vet., vol. 8, p. 859. (N. do A.)

[4] Vênus Celeste: Seguindo-se a oração de Pausânias, no *Banquete*, de Platão, o amor é um deus duplo, sendo assemelhado à duplicidade de Vênus, "celeste"e "carnal". (N. do O.)

[5] Escrito de 10 a 13 de fevereiro de 1824, publicado em 1827. (N. do O.)

[6] Apesar de que Atlas, na maior parte das vezes, seja considerado aquele que sustém o céu, pode-se ver, todavia, no primeiro livro da *Odisséia*, vers. 52 e seguintes, e no *Prometeu* de Ésquilo, v. 347 e seguintes, que os antigos fingiam realmente que ele sustentasse a Terra. (N. do A.)

[7] O pastor Epimênides, mandado pelo pai a procurar uma ovelha perdida, adormeceu na gruta Dittea durante cinqüenta e sete anos. Ao despertar, encontrou tudo mudado. Personagem da Grécia antiga, arrolado por Diógenes Laércio entre os "sete sábios" (N. do O.) • Plínio, livro 7, cap. 52. Diógenes Laércio, livro I, segm. 109. Apolônio, *Hist. Comentit.* Cap. I. Varrão, *De Ling. lat.*, Lib. 7, Plutarco, "an seni gerenda sit respub.", opp. ed. Francfur. 1620, tom. 2, p. 784. Tertuliano, *De Anima*, cap. 44. Pausânias, livro I, cap. 10, ed. Kuhn, pag. 35. *Apêndice vaticano dos provérbios*, centur. 3, proverb. 97. Suida voc. Epimenídes. Luciano, Timon, op. ed. Amstel. 1687, tom. I, pag. 69. (N. do A.)

[8] Hermótino de Clazômenes, filósofo que viveu por volta de 500 a.C., tido na conta de um mago. (N. do O.) • Apolônio, *Hist. comentit.* cap. 3. Plínio, lib. 7, cap. 52. Tertuliano, *De Anima*, cap. 44. Luciano, *Encom. Musc.* op. tom. 2, pag. 376. Orígenes, *Contra Cels.* lib. 3, cap. 32. (N. do A.)

[9] Trata-se da teoria de Horácio, na *Arte poética*, deslocado na interpretação de Vico, segundo a qual os poetas fundaram a vida civil. (N. do O.)

[10] As Horas são as servas do Sol. (N. do O.)

[11] Andrômeda e Calisto, jovens trasnformadas em constelações. (N. do O.)

[12] Passando de um monte neutro a um vulcão. (N. do O.)

[13] Escrito de 15 a 18 de fevereiro de 1824, publicado em 1827. (N. do O.)

[14] Os ingleses eram então famosos na fabricação de óculos. (N. do O.)

[15] A propósito deste uso, o qual é comum a muitos povos bárbaros, de transfigurar com a força as cabeças, é notável uma passagem de Hipócrates, *De Aere, Aquis et Locis*, op. ed. Mercurial. class. 1, pag. 29, acerca de uma nação do Ponto, chamada dos Macrocéfalos, ou seja Cabeçaslongas; os quais tinham por hábito apertar a cabeça das crianças de modo a que se tornassem ainda mais compridas: e abandonada semelhante prática, mesmo assim suas crianças nasciam com a cabeça comprida: porque, diz Hipócrates, assim eram seus pais. (N. do A.)

[16] Escrito de 22 a 25 de fevereiro de 1824, publicado em 1827. (N. do O.)

[17] A Academia dos Xilógrafos é um sodalício imaginário. Xilógrafos eram os escritores gregos que compunham textos satíricos. (N. do O.)

[18] Regiomontanus era o nome humanístico de Johannes Müller (1436-1476), astrônomo e matemático. Jacques de Vacauson (1709-1782), mecânico e inventor de autômatos. (N. do O.)

[19] *Vide* o Vert-vert do Gresset. (N. do A.) • Trata-se de G.B. Gresset de Amiens (1709-1777), que escreveu um poema onde era narrada a educação de um papagaio no convento de Nevers. (N. do O.)

[20] Baldassar Castiglione (1478-1529) celebrizou-se com a obra *Il Cortigiano*, diálogo em quatro volumes, que trata da educação do cavalheiro, segundo os ideais humanistas. (N. do O.)

[21] Alusão ao verso de Metastasio: todos falam da fidelidade dos amantes, mas ninguém sabe onde ela está. (N. do O.)

[22] Escrito de 2 a 6 de março de 1824, publicado em 1827. (N. do O.)

[23] "*Sus vero quia habet praeter escam? cui quidem, ne putisceret, animam ipsam, pro sale, datam dicit esse Chrysippus.*" Cic. *De Nat. Deor.*, liv. 2, cap. 64. (N. do A.)

[24] Estátua aos pés da qual morreu César. (N. do O.)

[25] Escrito de 1 a 3 de abril de 1824, publicado em 1827. (N. do O.)

[26] Malambruno, gigante que aparece no *D. Quixote* (cap. 39); Farfarello, Ciriatto e Alichino são três diabos do *Inferno* de Dante (21 e 22); Baconero aparece no *Malmantile racquistato* de Lippi; Astarotte, no *Morgante* de Luigi Pulci. (N. do O.)

[27] Cidade fabulosa, chamada igualmente El Dorado, imaginada pelos Espanhóis, que acreditavam encontrar-se na América meridional, entre os rios Orenoco e o Amazonas. *Vide* os geógrafos. (N. do A.)

[28] Judeca é a zona mais baixa do Inferno de Dante. Bólgias, são as subdivisões do oitavo círculo, denominado Malebolge. (N. do O.)

[29] Escrito de 9 a 14 de abril de 1824, publicada em 1827. (N. do O.)

[30] Autores freqüentados por Leopardi. (N. do O.)

[31] Escrito de 24 a 28 de abril de 1824, publicado em 1827. (N. do O.)

[32] Ponto, Urano, os Titãs, os Ciclopes, os Gigantes. (N. do O.)

[33] De La Lande (1732-1807), autor do *Abrégé d'astronomie*. (N. do O.)

[34] Davi Fabrício (1565-1617). Astrônomo holandês, adepto da teoria da pluralidade dos mundos. (N. do O.)

[35] Baviera, Mônaco, 18 de março de 1824. – O professor Gruithuisen daquela cidade, cujas pesquisas selenognósticas são conhecidas através dos anais astronômicos de Bode, das publicações dos físicos de Bonn, entre outras obras, falou nos já citados anais, e também sucessivamente, a respeito da descoberta que realizou utilizando bons telescópios de Fraunhofer, de um edifício colossal, parecido com uma fortaleza, situado quase no equador da lua, com os bastiões retos que estão dispostos como o anverso de uma folha de amieiro. Soube-se, além disso, que ele descobriu também muitíssimas estradas otimamente construídas, as marcas mais evidentes de uma cultura mensal na superfície da Lua, hipótese já sustendada por Schrotes, e muitas outras marcas de seres inteligentes naquele planeta. (N. do A.)

[36] *Vide* nas gazetas alemãs do mês de março de 1824 as descobertas atribuídas ao senhor Gruithuisen. (N. do A.)

[37] *Vide* Macróbio, *Saturnal*, liv. 3, cap. 8. Teruliano, *Apologet.*, cap. 15. Era honrada a Lua também sob o nome masculino, ou seja do deus Luno. Sparciano, *Caracll.*, cap. 6 et 7. E também hoje nas línguas teutônicas o nome da Lua é do gênero masculino. (N. do A.)

38 Menandro retórico, liv. I, cap. 15 in *Rhetor graec. veter.* A. Manut. vol. I, pag. 604 *Meursio ad Lycophron.* Alexandr. op. ed. Lamii, vol. 5, col. 951. (N. do A.)

39 Antônio de Ulloa. *Vide* Carli, *Cartas americanas*, par. 4, carta 7, op. Milano, 1784, tom. 14, pag. 313 e seguintes; e as *Memor. encicloped.* do ano 1781, compiladas pela Sociedade Literar. de Bolonha, pag. 6 e seguintes. (N. do A.)

40 *That the moon is made of green cheese.* Diz-se de um provérbio daqueles que dão a entender coisas incríveis. (N. do A.)

41 Festa maometana, na qual é festejada a Lua Nova. (N. do O.)

42 *Vide* os astrônomos onde falam daquela luz, dita opaca ou acinzentada, que se vê na parte escura do disco lunar ao tempo da Lua Nova. (N. do A.)

43 Escrito de 30 de abril a 8 de maio de 1824, publicado em 1827. (N. do O.)

44 Hipernéfelo, cidade fabulosa, proveniente de Luciano, cujo significado literal é "além das nuvens". (N. do O.)

45 Plínio, liv. 16, cap. 30; liv. 2, cap. 55. Suetônio, *Tiber.*, cap. 69. (N. do A.)

46 Bispo de Cirene, escreveu no século V um "Elogio da calvície". (N. do O.)

47 Momo, filho do Sono e da Noite, é o deus da maledicência. (N. do O.)

48 Este fato é verdadeiro. (N. do A.) • Na Colômbia. (N. do O.)

49 A que deu à luz o Minotauro. (N. do O.)

50 Quero trazer aqui uma passagem pouco aprazível em verdade e pouco gentil para a matéria, mas mesmo assim muito curiosa para ser lida, por aquela forma mui natural de dizer, que o autor usa. Trata-se de um Pedro de Cieza, espanhol, que viveu no tempo das primeiras descobertas e conquistas feitas pelos seus patrícios na América, na qual militou, e onde permaneceu dezessete anos. De sua veracidade e fé nas narrativas, pode-se ver a primeira nota de Robertson ao sexto livro da *História da América.* Transcrevo as palavras na ortografia moderna. "*La segunda vez que volvímos por aquellos valles, cuando la ciudad de Antiocha fué poblada en las sierras que están por encima dellos, oí decir, que los señores ó caciques destos valles de Nore buscaban por las tierras de sus enemigos todas las mugeres que podian; las qual estraidas a sus casas, usaban con ellas como con las suyas propias; y si se empreñaban dellos, los hijos que nacian los criaban con mucho regalo, hasta que habian doce o trece años; y desta edad, estando bien gordos, los comian con gran sabor, sin mirar que eran su substancia y carne propia; y desta manera tienen mugeres para solamente engendrar hijos en ellas para despues comer; pecado mayor que todos los que ellos hacen. Y háceme tener por cierto lo que digo, ver lo que pasó con el licenciado Juan de Vadillo (que en este año está en España; y si le preguntan lo que digo dirá ser verdad): y es, que la primera vez que entraron Christianos españoles en estos valles, que fuimos yo y mis compañeros, vino de paz un señorete, que habia por nombre Nabonuco, y traía consigo tres mugeres; y viniendo la noche, las dos dellas se echaron a la larga encima de un tapete o estera, y la otra atraversada para servir de almohada; y el Indio se echó encima de los cuerpos dellas, muy tendido; y tomó de la mano otra muger hermosa, que quedaba atras con otra gente suya, que luego vino. Y como el licenciado Juan de Vadillo le viese de aquella suerte, preguntóle que para que habia traido aquella muger que tenia de la mano; y mirandolo al rostro el Indio, respondió mansamente, que para comerla; y que si él no hubiera venido, lo hubiera ya hecho. Vadillo, oído esto, mostrando espantárse, le dijo: (?) pues como, siendo tu muger, la has de comer? El cacique, alzando la voz, tornó a responder diciendo: mira mira; y aun al hijo que pariere tengo tambien de comer. Esti que he dicho, pasó en el valle de Nore: y en él de Guaca, que es él que dije quedar atras, oí decir a este licenciado Vadillo algunas vezes, como supo por dicho de algunos indios viejos, por las lenguas que traíamos, que cuando los naturales del iban a la guerra, a los Indios que prendian en ella, hacian sus esclavos; a los quales casaban con sus*

parientes y vecinas; y los hijos que habian en ellas aquellos esclavos, los comian y que despues de los mismos esclavos eran muy viejos, y sin potencia para engendrar, los comian tambien a ellos. Y a la verdad, como estos Indios no tenian fe, ni conocian al demonio, que tales pecados les hacia hacer, cuan malo y perverso era; no me espanto dello: porque hacer esto, mas lo tenian ellos por valentia, que por pecado". Parte primera de la Chronica del Perù *hecha por Pedro de Cieza, cap. 12, ed. de Anvers 1554, hoja 30 y siguiente.* (N. do A.)

51 *Le nombre des indigènes indépendants qui habitent les deux Amériques decroît annuellement. On en compte encore environ 500.000 au nord et à l'ouest des États-Unis, et 400.000 au sud des républiques de Rio de la Plata et du Chili. C'est moins aux guerres qu'ils ont à soutenir contre les gouvernements américains, qu'à leur funeste passion pour les liqueurs et aux combats d'extermination qu'ils se livrent entr'eux que l'on doit attribuer leur décroissement rapide. Ils portent à un tel point ces deux excès, que l'on peut prédire, avec certitude, qu'avant un siècle ils auront complètement disparu de cette partie du globe. L'ouvrage de M. Schoolcraft* (intitulado, *Travels in the Central Portions of the Mississipi Valley,* publicado em Nova York, no ano de 1825) *est plein de détails curieux sur ces propriétaires primitifs du Nouveau-Monde; il devra être d'autant plus recherché, que c'est, pour ainsi dire, l'histoire de la dernière période d'existence d'un peuple qui va s'éteindre. Revue Encyclopédique, tom. 28, novembre, 1825, página 444.* (N. do A.)

52 Antiga capital do Industão. Bartoli, *Missione al Mogor*, pag. 59-63. (N. do A.)

53 Mulheres romanas que se sacrificaram para defender a cidade e a própria honra. (N. do O.)

54 Os nomes acima provêm das *Tusculanae*, de Cícero, cap. 1, 48. (N. do O.)

55 Protagonista da tragédia homônima de Eurípedes, que oferece a própria vida aos deuses em troca da vida de seu marido. (N. do O.)

56 Alusão à América. (N. do O.)

57 Epimeteu, irmão gêmeo de Prometeu. (N. do O.)

58 Buhle, *Stor. della Filos. mod.* Mil. 1821. t. 3. p. 200-1. 206. (N. do M.)

59 Escrito de 14 a 19 de maio de 1824, publicado em 1827. (N. do O.)

60 Famosa expressão de Arquimedes, quando encontrou a maneira de conhecer o furto praticado pelo artífice na fabricação da coroa votiva do rei Gerão. (N. do A.)

61 Os interessados nessa arte poderão com efeito, não sei se aprendê-la, mas estudá-la certamente em livros diversos, tanto modernos como antigos: por exemplo, nas *Lições da arte para prolongar a vida humana* escritas em nosso tempo em alemão pelo senhor Hufenland, que foram também traduzidas e publicadas na Itália. Nova maneira de adulação foi aquela de um Tommaso Giannotti, médico de Ravena, chamado por sobrenome o filólogo, sendo famoso no seu tempo; o qual no ano de 1550 escreveu a Júlio terceiro, chegado àquele mesmo ano ao pontificado, um livro *De vita hominis ultra* CXX *annos protrahenda,* muito a propósito dos papas, como aqueles que, quando começam a reinar, costumam ter idade avançada. Diz o médico o ter escrito principalmente com a finalidade de prolongar a vida do pontífice, necessária ao mundo; encorajado a escrevê-lo por dois cardeais, que desejavam igualmente o mesmo efeito. Na dedicatória, *vives igitur, diz beatissime pater, ni fallor, diutissime.* E no corpo da obra, ao procurar num capítulo inteiro *cur Pontificum supremorum nullus ad Petri annos pervenerit,* intitula um outro desta maneira: "*Iulius* III *papa videbit annos Petri et ultra; huius libri, pro longaeva hominis vita ac christianae religionis commodo, immensa utilitate.*" Mas o papa morreu cinco anos depois, com a idade de 67. Quanto a si mesmo, o médico prova que se ele por acaso não passará ou não tocará o centésimo vigésimo ano de sua idade, não será dele a culpa, e seus preceitos deverão ser desprezados por isso. Conclui o livro com uma receita intitulada, "*Iulii* III *vitae longaevae ac semper sanae consilium*". (N. do A.)

62 Giuseppe Balsamo (1743-1795), Cagliostro, mago e aventureiro siciliano. (N. do O.)

63 *Vide* Luciano, *Dial. Menip. et Chiron*, op. tom. I, p. 514. (N. do A.)

64 Píndaro, *Pyth.* od. 10, v. 46 et seguintes. Estrabão, liv. 15, p. 710 et seguintes. Mela, liv. 3, cap. 5. Plínio, liv. 4, cap. 12 in fine. (N. do A.)

65 Plinio, liv. 6, cap. 30; liv. 7, cap. 2. Arriano, Indic., cap. 9. (N. do A.)

66 Vasta região da Índia. (N. do O.) • Buffon, t. 3, p. 53 3 121. (N. do A.)

67 Habitantes da África do Sul. (N. do O.) • Ib. pag. 137, *vide* todavia Le Vaillant, t. 12, p. 219. (N. do A.)

68 Antoni van Leeuwenhoek (1632-1723), microscopista e naturalista holandês. (N. do O.)

69 *Lettres philosophiques*, let. II. (N. do A.)

70 Meditações filosóficas sobre a religião e a moral de A. Genovesi. (N. do M.)

71 Suida, voc. Λευκή 'εμερα. (N. do A.)

72 Estobeu, *Floril.* (N. do M.)

73 Escrito de 1. a 10 de junho de 1824, publicado em janeiro de 1826. (N. do O.)

74 Teve Torquato Tasso, no tempo da enfermidade de sua mente, uma opinião semelhante àquela famosa de Sócrates; ou seja acreditava ver de quando em quando um espírito bom e amigo, e ter com ele muitas e longas conversas. Assim lemos na vida de Tasso, descrita por Manso: o qual estava presente num desses colóquios ou solilóquios, como os desejemos chamar. (N. do A.) • Muratori, *Da força da fantasia humana*, cap. 9, ed. 6a, Veneza, 1779, p. 91-2. (N. do M.)

75 Autor da *Gerusalemme liberata*, viveu de 1559 a 1586 no manicômio de Sant'Anna, em Ferrara, e cuja leitura tanto impressionou Leopardi e Goethe. (N. do O.)

76 Irmã do duque Alfonso II d'Este. Segundo a tradição, Tasso a teria amado em segredo. (N. do O.)

77 Apolônio, *Hist. comentit.* cap. 46. Cícero, *De Divinitat.* liv. 1, cap. 30; liv. 2, cap. 58; Plínio, liv. 18, cap. 12. Plutarco, *Convival. Quaestion.* liv. 8, quaest. 10, op. tom.2, p. 734. Dioscórides, *De Materia Medica*, liv. 2, cap. 127. (N. do A.)

78 Escrito de 21 a 30 de maio de 1824, publicado em 1827. (N. do O.)

79 Camões, *Lusiad.*, canto 5. (N. do A.) • Trata-se do conhecido episódio de Adamastor. (N. do O.)

80 *Voyage de La Pérouse autour du monde*, etc redigé par M.L. Millet. Mureau, Paris, 1798. (N. do M.)

81 O Hekla é um grande vulcão da Islândia. (N. do O.)

82 Sêneca, *Natural Quaestion.* liv. 6, cap. 2. (N. do A.)

83 Buffon, t. III, p. 8-9; Martinière, art. Lapons. (N. do M.)

84 Escrito de 6 de julho a 13 de agosto de 1824, publicado em 1827. (N. do O.)

85 Poeta italiano (1729-1799), celebrizou-se pela severa altitude de sua poesia, notadamente em "Il Giorno", crítica cortante aos costumes decadentes da nobreza. (N. do O.)

86 Pausânias, liv. 2, cap. 20, pag. 157. (N. do A.)

87 Liv. 1, ed. de Milão, 1803, vol. I pag. 79. (N. do A.)

88 Conhecida obra de Voltaire, que faz o elogio de Henrique IV. (N. do O.)

89 Montesquieu, *Fragment sur le Goët de la sensibilité.* (N. do A.)

90 *Ilíada*, liv. XIII, 636-637. (N. do M.)

91 Thomas, *Éloge de Descartes*, nota 22, p. 143 e pag. 37: *La Géométrie de Descartes était si fort au dessus de son siècle, qu'il n'y avoit réellement que très peu d'hommes en état de*

l'entendre. C'est ce qui arriva depuis à Newton; c'est ce qui arrive à presque tous les grands hommes. Il faut que leur siècle coure après eux pour les atteindre. (N. do M.)

[92] Lugar onde Parini nasceu. (N. do O.)

[93] Segues pobre e nua, filosofia. Petrarca, parte 4, soneto I, "A gula e o sono". (N. do A.)

[94] *De Senect.*, cap. 23. (N. do A.)

[95] Em Estobeu, ed. Gesner., Tigur 1559, serm. 96, p. 529. (N. do A.)

[96] *Somn. Scip.*, cap. 7. (N. do A.)

[97] Escrito de 16 a 23 de agosto de 1824, publicado em 1827. (N. do O.)

[98] *Vide*, entre outros, sobre essas famosas múmias, que em linguagem científica dir-se-iam preparações anatômicas, Fontenelle, *Éloge de mons. Ruysch.* (N. do A.) • Thomas, *Éloge de Descartes*, not. 32. (N. do M.)

[99] Médico e anatomista holandês (1638-1731). (N. do O.)

[100] O estúdio de Ruysch foi visitado duas vezes pelo czar Pedro I: o qual, após comprá-lo, fê-lo conduzir a Petersburgo. (N. do A.)

[101] O meio usado por Ruysch para conservar os cadáveres foram as injeções de uma certa matéria composta por ele criada, e que produzia admiráveis efeitos. (N. do A.)

[102] Pitisch, *Lexic. antiq. Rom.*, art. "Annus magnus"; Cic. *De Natura deor.* II, cap. 20. (N. do M.)

[103] Berni, *Orlando Innamorato*, canto 53, estância 60. (N. do M.)

[104] *De Senect.* cap. 7. (N. do A.)

[105] Escrito de 29 de agosto a 26 de setembro de 1824, publicado em 1827. (N. do O.)

[106] Todas, cidades fabulosas. (N. do O.)

[107] Cic., *Tuscul.* liv. V, cap. 4; Academ. poster. liv. I, cap. 4. (N. do M.)

[108] Alusão às máscaras da Commedia dell'Arte. (N. do O.)

[109] *Oeconom.* cap. 20, parg. 23. (N. do A.)

[110] Cap. 6. (N. do A.)

[111] Gaio Melisso (século I d.C.), gramático latino. (N. do O.)

[112] Região norte do Cáucaso. (N. do O.)

[113] Liv. I, segm. 69. (N. do A.)

[114] 'Ελεγε δὲ (Sócrates) καὶ ἓν μόνον ἀγαθὸν εἶναι, τὴν 'επιστημην καὶ ἓν μόνον κακὸν, τὴν αμαθιαν, diz Laércio, in *Socrates*, I, 2, segm. 31. (N. do A.)

[115] Ibid., segm. 95. (N. do A.)

[116] Seguidores de Egésias, filósofo cirenáico. (N. do O.)

[117] Nascido na terra de Borístenes, sofista de renome. (N. do O.)

[118] Liv. 4, segm. 48. (N. do A.)

[119] Ἔργα νέων, βουλαὶ δὲ μέσων, εὐχαὶ δὲ γερόντων. Verso atribuído a Hesíodo. (N. do M.)

[120] *Praecept. gerend. reipub.* op. tom. 2, pag. 709 et seq. (N. do A.)

[121] Florentino (1553-1604), tradutor de Plutarco. (N. do O.)

[122] Liv. 2, cap. 8, , sect. 9; c 9, sect. 5. (N. do A.)

[123] Cidade da Cilícia, onde Alexandre Magno infligiu importante derrota aos persas, em 333 a.C. (N. do O.)

[124] Invectiva contra os habitantes de Antioquia que ironizavam a barba de Juliano, Apóstata (N. do O.)

[125] Horácio, Od. 2 fine, liv. III; Plut. *De sera numinis vindicta*, init. circa. (N. do M.)

[126] Escrito de 19 a 25 de outubro de 1824, publicado em 1826. (N. do O.)

[127] Membro da Corte de Ferdinando II. (N. do O.)

[128] Robertson, *Historia de Amer.* liv. I, t.1, p. 84-91. Veneza, 1794. (N. do M.)

[129] Ilha das Canárias. (N. do O.)

[130] Peripl. in *Georg. graec.*, min., p. 5. (N. do A.) • Hannon, navegador do século V a.C. (N. do O.)

[131] Escrito de 29 de outubro a 5 de novembro de 1824, publicado em 1827. (N. do O.)

[132] Gentiliano Amélio, filósofo neoplatônico do século III. (N. do O.)

[133] Buffon, *Quadrupedi*, t. VI, pag. 142. (N. do M.)

[134] Cyneget. cap. 5, parg. 4. (N. do A.)

[135] Buffon, *Pássaros*, t. I, pag. 52. (N. do M.)

[136] Robertson, *História da América*, liv. 4. (N. do M.)

[137] Robertson, loc. cit. (N. do M.)

[138] Robertson, loc. cit. (N.M.)

[139] Buffon, loc. cit. p. 64. (N. do M.)

[140] Buffon, loc. cit. pag. 39 e IV, notas 50-51; 62-4, 15. (N. do M.)

[141] *Od.* 20, ῟η ταντάλου ποτ' ἕδτε. (N. do M.)

[142] Escrito de 10 a 16 de novembro de 1824 e publicado em 1827. (N. do O.)

[143] *Vide*, entre outros, Buxfort, *Lexic. Chaldaic. Talmud. et Rabbin.*, col. 2653 et seq. (N. do A.) • Trata-se do *Lexicon chaldaicum talmudicum et rabbinicum*, de Johannes Buxfort (1564-1629) (N. do O.)

[144] Como um bom número de gentios e cristãos antigos, muitos dos hebreus (entre os quais Filo de Alexandria, e o rabino Moisés Maimônides) acreditavam que o sol, igual aos planetas e às estrelas, tivessem alma e vida. Veja-se Gassendi, *Physic.* sect. 2, liv. 2, cap. 5; e Peteau, *Theologie dogm. de sex dier.* opific. liv. I, cap. 12, parg. 5 et seq. (N. do A.)

[145] Esta é conclusão poética, não filosófica. A existência que jamais iniciou, jamais terá fim, filosoficamente falando. (N. do A.)

[146] Escrito no outono de 1825, publicado na edição Ranieri de 1845. (N. do O.)

[147] Estratão de Lâmpsaco, sucessor de Teofrasto na escola aristotélica. Negou o conceito de motor imóvel, do Estagirita. (N. do O.)

[148] Escrito de 14 a 24 de junho de 1824, publicado em janeiro de 1826. (N. do O.)

[149] Platão, *Conv. in disputat. Socratis et Diotimae*, cap. XXIII. (N. do M.)

[150] Filósofo cético do século IV a.C. (N. do O.)

[151] Entes racionais: Crusca, in Entidade. (N. do M.)

[152] Vencer a questão: Boccaccio, nov. 16, das *Trinta novelas.* (N. do M.)

[153] Escrito em 1827, publicado na edição Ranieri, 1825. (N. do O.)

[154] A Vênus. (N. do O.)

[155] O gás para a iluminação. (N. do O.)

[156] Título da obra de Ptolomeu. (N. do O.)

[157] Nome latinizado do inglês Holywood (sec. XVII), que tratou das doutrinas ptolomaicas. (N. do O.)

[158] Trata-se de Alcmena, mãe de Hércules. (N. do O.)

[159] Copérnico era cônego da igreja de Frauenburg, na Varmia, Prússia oriental. (N. do O.)

[160] Copérnico, com efeito, dedicou-o ao pontífice Paulo III. (N. do A.)

[161] Escrito em setembro de 1827, publicado na edição Ranieri de 1845. (N. do O.)

[162] Filósofo do século IV d.C. (N. do O.)

[163] Diógenes Laércio, *Vit. Plat.* segm. 80. (N. do A.)

[164] Muito divergem as opiniões do século décimo nono daquelas de Porfírio a propósito do estado natural e da civilização. Mas esta diferença não implicaria outra discussão a não ser de nomes no tocante aos argumentos de Porfírio pela morte voluntária. Chamando de melhoria ou aperfeiçoamento ou progresso aquilo que Porfírio chama corruptela, e natureza melhorada ou aperfeiçoada aquela que o mesmo chama segunda natureza, o valor do argumento não se perderia em parte alguma. (N. do A.)

[165] Cícero, *Tuscul.* liv. I, cap. 34. Valério Máximo, liv. 8, cap. 9. Diógenes Laércio, livr. 2, segm. 86. Suida, voc. Arístippos. (N. do A.)

[166] Todos os três se suicidaram: Mitridates (63 a.C.), Cleópatra (30 a.C.) e Otão (69 d.C.). (N. do O.)

[167] Escrito em 1832, publicado na edição florentina de 1834. (N. do O.)

[168] Escrito em 1832, publicado na edição florentina de 1834. (N. do O.)

[169] Parte 2, Canção 5: "Soía da fonte de minha vida". (N. do A.)

[170] *Vide* Estobeu, *Serm.* 96, p. 527 et seq. *Serm.* 119, pag. 601 et seq. (N. do A.)

Pensamentos

As notas que seguem são do Organizador.

[1] Tratando da edição das obras completas de Leopardi, Luigi de Sinner sugeria ao autor a seguinte ordem: "... *on mettrait d'abord les* Canti, *puis le* Operette morali. *Puis viendraient les Pensées inédites, età la fin je ne vois pas pourquoi vous n'ajouteriez pas ces traductions inédites, desquelles vous me parlez.*" Redigidos provavelmente entre 1829 a 1835, o projeto existia desde 1821. Contudo, a publicação ocorreu em 1845, pela editora Le Monnier.

[2] Antonio Ranieri (1806-1888), amigo de Leopardi, autor de uma *História da decadência dos costumes, das ciências e da língua dos Romanos* e do conhecido *Sete anos de sodalício com Giacomo Leopardi.*

[3] Cf. *Zibaldone*, 4131-2 (5-6 de abril de 1825).

[4] Trata-se da cólera que se abateu na Itália no inverno de 1836-37.

[5] Cf. *Zibaldone*, 45, 1.

[6] Cf. *Zibaldone*, 60, 2.

[7] Cf. Diógenes Laércio I, 3,2.

[8] Cf. Tácito, *Historiae*, I.

[9] Cf. *Zibaldone*, 334, 1.

[10] O episódio se encontra em Donato, *Vita Vergilii.*

[11] Cf. Cf. Marcial, *Epig.*, I, 63.

[12] Cf. Diógenes Laércio, *Vitae Philosophorum*, VI, 2.

[13] Cf. *Zibaldone*, 2429 (7 de maio de 1822).

[14] Cf. *Zibaldone*, 1252, 1 (30 de junho de 1821).

[15] Trata-se do famoso humanista, autor de *O cortesão* (1478-1529).

[16] Lorenzo Magalotti (1637- 1712), cientista e escritor romano, notabilizou-se com a obra *Lettere familiari*.

[17] No *Zibaldone*, 4482 sabe-se que a fonte está em "Orelli, 'Opusc. graec. moral.', t. II, Lipsia, 1821", citada pelo autor.

[18] Francesco Guicciardini (1483-1540), historiador florentino, ficou célebre com a *História da Itália*, em vinte volumes. Da leitura leopardiana de seus *Ricordi*, sente-se uma leve angústia da influência bloomiana.

[19] Filósofo cínico-hedonista do século III a.C.

[20] Famoso autor da *História natural*, freqüentadíssima por Leopardi (1707-1788).

[21] Autor dos *Caractères*, ao qual sabia recorrer nosso Poeta.

[22] Historiador contemporâneo de Cícero. O cardeal Angelo Mai descobriu onze discursos de Cícero, no convento de Bobbio, nos quais comparecia o nome de Luceio.

[23] Goffredo é a famosa personagem da *Gerusalemme liberata*, de Torquato Tasso.

[24] Cf. *Zibaldone* 4333, 2 (11 de agosto de 1828).

[25] Junto com La Bruyère, Guicciardini e Pascal (para citar apenas alguns), o *Emílio* de Rousseau forma o palimpsesto virtual dos Pensamentos.

[26] Oliver Goldsmith (1728-1774), autor do romance *The Vicar of Wakefield*.

CARTA AOS SENHORES COMPILADORES DA BIBLIOTECA ITALIANA

[1] Essa carta, escrita a propósito daquela, na qual M^{me} de Staël rebatia os seus censores, em particular Pietro Giordani, que também havia tomado parte na polêmica suscitada pelo famoso artigo de Staël "Sobre estilo e a utilidade das traduções" (*Biblioteca Italiana*, janeiro de 1816), não foi publicada na revista para a qual fora enviada e apareceu somente entre *os Escritos vários e inéditos*, da edição Le Monnier de 1906. (N do O.)

[2] *Biblioteca Italiana*, Tomo II, p. [417], nota de G. Acerbi: "Estamos bem longe de crer que a carta de M^{me} de Staël não admita resposta. Esperamos antes que alguns italianos nos queiram fornecer alguma resposta, pois a receberemos com gratidão e a reproduziremos fielmente." (N. do O.)

[3] A 7 de maio do mesmo ano, Leopardi havia endereçado aos compiladores da *Biblioteca Italiana* uma carta sobre as traduções do grego de um certo Bernardo Bellini. (N do O.)

[4] A ilustre dama é precisamente M^{me} de Staël. (N. do O.)

[5] Essa carta foi efetivamente entregue ao sr. diretor Acerbi, que talvez a tenha perdido. (N. do M.)

[6] As tragédias de Alfieri vertidas em inglês por Carl Lloyd tinham sido recentemente impressas em Londres pela Longman. Também tinham sido transpostas para o francês e publicadas há algum tempo, com reflexões sobre cada tragédia, por C.B. Petitot. (N do O.) • Deus sabe como, pois que eu não li essa tradução, mas ela nos fará ver em Alfieri um excelente escritor de espírito. (N. do A.)

[7] Os estrangeiros não sabem fazer outra coisa senão indagar-nos sobre quem são atualmente nossos grandes homens. Caríssimos estrangeiros, há entre vós grandes homens em profusão, como há pequenos? E acreditava-se em certo tempo que em toda parte os houvesse pouquíssimos e que um século que contasse com um único verdadeiro

grande homem não fosse pobre. Dizei por obséquio o nome de um homem dos vossos que se possa comparar a Canova; citai um número de engenhos superiores igual ao que a Itália está habilitada a citar hoje. (N. do A.)

[8] Coisa estapafúrdia é que todo estrangeiro, que viaja para a Itália ou abre algum livro italiano, crê firmemente ver coisas jamais vistas, descobrir erros infinitos de nossa nação e, dando às impressões seus pensamentos viandantes, ensinar coisas que nos farão estupefatas. Juro à Europa que se o Céu permitir que eu viaje algum dia para a França, para a Inglaterra ou para outro país, escreverei tratados sobre a literatura francesa, inglesa ou de outro povo repletos de observações tão sólidas e profundas que parecerão escritas por um francês. Poucas são as coisas que não constituem exceção, e eu não quero aqui falar de nossa Dama. (N. do A.)

[9] Expedida a carta, lendo a *Epístola de Pindemonte a Apolo*, encontrei, com satisfação, pensamentos que me pareceram semelhantes aos meus. Suplicaria de coração aos leitores que dessem uma olhada naquela Epístola, se não acreditasse que a súplica fosse inútil. Ninguém espere que eu cite o *Trattato della composizione originale*, de Young. Outros que não eu o enaltecerão. (N. do A.)

[10] Michele Leoni (1776-1858), tradutor de Shakespeare. (N. do O.)

[11] Poder-se-ão recolher algumas das razões para isso na *Epístola de Pindemonte*, anteriormente citada; outras tantas encontrarão todos os homens argutos no próprio intelecto. (N. do A.)

[12] *Fingallo e Temora*: títulos dos poemas de James Macpherson (1736-1796), que os publicou, difundindo-os como se fossem os cantos primitivos de Ossian, herói bardo do século III d.C. (N. do O.)

DISCURSO SOBRE O ESTADO PRESENTE DOS COSTUMES DOS ITALIANOS

[1] Escrito em 1824, a obra foi publicada pela primeira vez em 1906. Trata-se do Leopardi político, a dimensão menos estudada na obra de Leopardi, quadro que se reverte nesses últimos vinte anos, como podemos ler, por exemplo, em Cesare Luporini, *Leopardi progressivo* (op. cit. bibl.). Leopardi constrói aqui a crítica do conceito de modernidade e dos costumes passados. Interessante observar o axioma da utilidade na esfera social. (N. do O.)

As notas que seguem são do Autor.

[2] Contrariamente, a própria França fez-se, hoje, pelas referidas razões, tolerante e disposta a render justiça aos estrangeiros até determinado ponto, e com essa sua disposição, pois que ela, em parte, dá o tom à Europa civilizada, uma disposição semelhante passa a existir nas outras nações.

[3] Além de todo o resto, a vida, a imaginação e, na literatura, a originalidade e novidade, em suma, tudo o que serve para alimentar a vida humana, banir o tédio e ocupar de alguma forma aquele que não possui necessidades, ainda que distribuído desigualmente, é tão escasso nas nações em que mais abundam que no momento todas estão voltadas para recolher sarmentos, por assim dizer, por toda parte, a fim de reparar a frieza que geralmente toma conta da vida moderna civil e formar, das poucas chamas espalhadas aqui e acolá e insuficientes para todos, um fogo comum que não seja inferior à necessidade que todos têm de calor e reunir todo aquele pouco de vida que se encontra em todas as partes. Portanto, além de recorrer a todos os gêneros e divisões

do saber humano, de que se forma aquele que se disse enciclopédico e hoje está tão em voga, além das viagens aos climas mais distantes e do intercâmbio de todo gênero, mais vivo do que jamais esteve, entre as nações mais distantes e diversas, toda nação está no momento empenhada e interessada em conhecer os costumes, a literatura, tudo o que pertence às outras nações e compartilhar tudo quanto for possível, ou seja, ocupar-se dessas coisas. Traduzem-se, recopilam-se, divulgam-se obras estrangeiras antigas e modernas, jamais conhecidas, até aquele momento, daquela tal nação e que jamais o seriam em outras circunstâncias, talvez mesmo dificilmente merecessem serem conhecidas dos cidadãos da pátria, quanto mais ultrapassarem as fronteiras de suas nações; estudam-se todas as línguas cultas; multiplicam-se os jornais que prestam contas das coisas e obras estrangeiras e a exatidão, a dimensão e a minuciosidade com que o fazem. Pode-se dizer o mesmo dos costumes e de tudo o que concerne aos estrangeiros, pelo que não se é menos solícito de inúmeras maneiras do que pelas literaturas por meio do estudo. Do que se deve necessariamente seguir que aquilo que há de bom por toda parte (já que não pode ser tudo ruim), se conhecido melhor, corrija as opiniões adversas que se tinham do total e que geralmente nada se despreze, tudo passe, e por menos expressivo que seja o bom, o novo, o interessante, com tudo se esteja contente. A novidade, ao menos, ou o pouco comum, que na busca de coisas estrangeiras não se pode deixar de encontrar relativamente, é um grande mérito em um tempo tão escasso de novidades como o nosso (após tantos séculos de experiências e estudos) e tão ávido de novidades, como foram todos os tempos, mormente um século, de resto, tão ocioso. Além do espírito de moderação e de juízo ponderado e desapaixonado, conseqüência necessária do espírito filosófico e exato, universal no tempo presente e maior do que jamais fora em algum povo particular, a disposição comum de render justiça a si próprio e julgar as próprias coisas com a menor prevenção possível, tanto mais que são conhecidas com maior firmeza, disposição a que segue a disposição de render justiça às outras nações e de não condená-las facilmente porque são diversas no que quer que seja e na medida que for da própria. — Realmente (falando da literatura em particular), salvo uma centelha de fogo que ainda se mantém na Alemanha, em virtude do frescor de sua literatura, que rapidamente se consumirá, a originalidade, a imaginação, a fantasia estão extintas em toda a Europa: todo o mundo imita, recolhe, compila, disserta sobre coisas que outros descobriram, antigas ou estrangeiras. A criação cessou de existir, ou é mais escassa que todas as coisas, por toda parte. Portanto, sucede que não só se acolhem com prazer as coisas estrangeiras, quaisquer que sejam, e se rende justiça a literaturas anteriormente desprezadas, mas também se apreciam as que não têm merecimento e que eram desprezadas com razão, ou os autores que também conheciam o desprezo; ou, no mínimo, se apreciam mais do que valem, descobrem-se qualidades e belezas que não existem; em suma, no juízo que se faz da literatura, dos clássicos e escritores estrangeiros, se excede no apreço, talvez tanto quanto já se excedia no desapreço, ou certamente se excede antes naquele que neste. Tal é particularmente o caso da literatura e dos autores italianos junto aos estrangeiros, hoje em dia. Semelhante coisa posso dizer dos costumes, opiniões e congêneres.

[4] O ódio e o desprezo por outras nações, seja nos livros ou de outras formas, são hoje coisas realmente fora de moda.

[5] Pelo que ele sacrifica, mesmo consciente, esse seu desejo, esse propósito e caráter de seus livros, a verdade, com freqüência.

[6] A opinião pública não tem qualquer valor por si mesma, pois exerce pouca ou nenhuma influência sobre a pessoa, sobre a fortuna e sobre o bem ou o mal, sobre a felicidade ou infelicidade do indivíduo, porque é coisa de pouco fundamento e pertence mais ao domínio da imaginação que da ação. Mas, além disso, filosoficamente falando, deve ser desprezada acima de qualquer coisa, porque está situada fora do domínio do indi-

víduo, porque é regularmente incerta e sem regra; inconstante nos princípios e nas aplicações; vária e mutável todos os dias, a respeito de um mesmo indivíduo, de uma mesma ação ou qualidade; na maioria das vezes, injusta, favorável ao mal e aos maus, contrária ao bem e aos bons; sempre impossível de ser prevista, alcançada com meios seguros e ainda consolidada depois de obtida. — De resto, a opinião pública tem menos fundamento onde é menos apreciada, e vice-versa, e nenhum fundamento onde não é absolutamente apreciada. Onde ela tem valor, é razoável que o tenha, mesmo filosoficamente falando e desconsiderando as ilusões, porque em tal lugar ela realmente exerce influência maior ou menor sobre muitos bens e muitos males reais (ou assim considerados) da vida do indivíduo. Ela tem na verdade tanto peso quanto os homens lhe dão, o que não ocorre com as outras coisas, que por maior ou menor peso que os homens lhes dêem, conservam, em sua maioria, a mesma soma de valor efetivo.

[7] Os homens polidos das referidas nações abstêm-se de fazer o mal e fazem o bem, não movidos pelo dever, mas pela honra. Observo, de passagem, que hoje em dia, a solidão, contra o que sempre se disse e em que se acreditou, e que ainda se diz e em que ainda se crê, é antes nociva à moral do indivíduo, mormente daquele que tenha o espírito filosófico, que benéfica. As ilusões sociais deixam de existir na solidão, a honra desaparece, porque subtraído aos olhos o que lhe dava aparência e uma espécie de realidade, percebe-se sua irracionalidade, sua frivolidade, sua futilidade. Desaparece a honra, e o dever não lhe toma o lugar. (Sobre que considerações e que princípios estaria fundado? que coisa pode promover a renovação ou o surgimento da idéia em um espírito abandonado à própria sorte e, portanto, mais reflexivo que nunca e em condições de ir mais ao fundo das coisas e de não admitir sem provas concretas, como ocorre com bastante freqüência nas intempéries e na dissipação do mundo, nem aquilo que é acolhido como verdadeiro e como certo da totalidade dos homens?) A solidão carece dos estímulos da paixão e das motivações para fazer o mal, como também dos estímulos e motivações para o bem, de modo que, nesse sentido, dificilmente se pode dizer se o caráter ganhe ou perca. E, por outro lado, se faltam em geral os princípios e os fundamentos estáveis da moral, que não ressurgem na solidão (antes, pelo contrário, perdem-se também, ou se debilitam e facilmente se reconhecem como frívolos aqueles obstáculos e aqueles estímulos ao mal que a própria sociedade produz. Ora, isto significa real desvantagem e dano do caráter do indivíduo, conquanto não arruíne seus projetos e suas obras, por falta de ocasiões, coisa natural, quando da solidão.

[8] Até mesmo os homens mais duros, obstinados, inflexíveis, independentes, renitentes aos conselhos, aos desejos, às opiniões alheias, no que se refere ao agir, ao pensar, aos sistemas de vida ou de crenças, fazem, porém, grandíssima e talvez a maior parte do que os outros fazem, crêem na maior parte do que crêem; portanto, basta que os outros o creiam, o façam, tenham como hábito e se agradem. O homem mais singular, mais livre, o mais brusco e selvático, seja quanto à conduta, seja quanto às opiniões e juízos de qualquer espécie (se ele viver em sociedade), não o é verdadeiramente senão quanto a uma pequena parte de suas ações e pensamentos. Em todo o resto ele é determinado e modificado pelos outros. Quando da leitura de um livro, ainda que tolo ou julgado como tal por quem o lê, ainda que expressamente contrário às opiniões mais caras, mais arraigadas e consolidadas sobre ele, não é possível que quem o lê ou o tenha lido seja um filósofo absolutíssimo e libérrimo, não pense, ao menos por meia hora, ainda que a despeito de sua vontade, de maneira, a certo respeito, conforme ao escritor do livro, não se apodere de seu espírito, não seja motivado por sua autoridade e não lhe dê algum peso. O mesmo sucede no que se refere ao falar ou ter falado com uma pessoa, antes, com maior acuidade, porque parece que a viva voz e o exemplo vivo dêem maior autoridade e maior peso às opiniões e à maneira de ver ou pensar, aos gostos, às inclinações de quem quer que seja. Não é possível que ao menos uma

sombra de dúvida, não fundamentada na razão, mas no puro exemplo e na pura autoridade, não penetre e não permaneça por algum tempo no espírito de quem leu ou falou, conforme disse, ainda que libérrimo.

[9] Da tendência do homem em imitar, mormente os seus semelhantes, deriva-se, em parte, sua inclinação em seguir a autoridade, tanto no resolver e operar quanto no julgar e crer, inclinação incontrastavelmente própria do homem, não só do homem fraco, mas de todos os homens, aproximadamente, supondo-se que mantenha relações com os outros. Essa inclinação fez com que a autoridade prevalecesse sobre a razão por muito tempo, não apenas universalmente, mas também nos melhores engenhos, que se estimulam, assim como os outros, não tanto talvez pela autoridade dos mestres e preceptores que seguiam quanto pela autoridade de seus contemporâneos e predecessores, que os haviam seguido e os seguiam. Não se deve crer que o progresso da razão tenha destruído, nem esteja prestes a destruir, o império da autoridade sobre os espíritos e sobre os intelectos, não só dos vulgares, tímidos ou irreflexivos, mas nem mesmo dos grandes espíritos, dos mais livres e ousados no pensar e no resolver, acerca da ação, da crença ou do juízo dos mais reflexivos, dos mais *autognômons*. A autoridade tem sempre e inevitavelmente alguma parte, maior ou menor, nas determinações, quaisquer que sejam, de qualquer mente, mormente daqueles que vivem em sociedade, e mormente a autoridade daqueles com quem se mantêm relações, seja por meio de livros, seja na vida; e isto, ainda quando estes sejam pouquíssimos apreciados pela pessoa. Observe-se o que diz M^me^ de Staël, na *Histoire de Corinne*, acerca da influência daqueles que nos circundam sobre nossos juízos e resoluções, ainda quando um grande espírito viva entre espíritos pequeníssimos e incultos. Tanta é a influência da autoridade que a das pessoas que nos circundam de alguma forma e que desprezamos com razão prevalece sempre em parte sobre a das pessoas que estão distantes e que estimamos sobremodo, a do último livro que se leu sobre a das leituras passadas e assim por diante, ou certamente é muito difícil impedir que não prevaleça em parte. Isso é conseqüência tanto da debilidade natural do intelecto quanto da faculdade eletiva de qualquer homem, que necessitam sempre como de um apoio, de uma segurança e de uma garantia de suas determinações. O homem mais resoluto, o mais livre no pensar é sempre submetido em parte à irresolução e à dúvida, ambas danosíssimas à natureza humana. O remédio mais adequado e talvez o único contra esses dois males seja a autoridade, e é impossível que o homem rejeite inteiramente esse remédio. Ele experimenta um certo prazer, um senso de repouso, uma opinião ou uma ilusão confusa de segurança, recorrendo à autoridade, assentando-se sob sua sombra e tomando-a como um escudo das determinações, tanto de seu intelecto quanto de sua vontade, diante de tão profunda incerteza das coisas e da vida. A razão que os faz ver a futilidade e a insuficiência desse escudo não basta para evitar que ele prevaleça, de alguma forma, quase sempre. Pelo contrário, essa razão raramente pode fazer com que, em um grande espírito, uma crença ou uma resolução tomada contra o juízo dos outros, mormente dos mais próximos e presentes, sobretudo dos mais estimados, não seja acompanhada por alguma suspeita e temor de ter errado e errar, não obstante se reconheça como racionalíssima, quando conforme ao próprio pensamento e juízo, e o juízo contrário, como péssimo, falsíssimo, destituído de fundamento. O homem prefere com freqüência o juízo dos outros ao próprio conselho, ou, descobrindo-os conformes, é mais vigorosamente motivado por aquele juízo e confia mais nele do que no próprio, até mesmo quanto às coisas em que ele reconhece os outros como muito inferiores em inteligência, prática e similares em relação a ele. Isso faz com que as causas que determinam a própria pessoa se vejam inteiramente, as alheias, não tão perfeitamente, pelo que são mais estimadas. O homem necessita sempre da ilusão e da distância ou obscuridade dos objetos para avaliá-los. —

Portanto, nas dúvidas e nas irresoluções, buscamos, de bom grado e quase por necessidade ou instinto natural, o conselho, até mesmo, se mais não for possível, de pessoas que pouco estimamos ou estimamos menos do que a nós mesmos e que sabemos ou que saberão de *per se* não poder aconselhar-nos, ou que compreenderão o negócio e descobrirão o partido conveniente com menor habilidade do que podemos fazer por nós mesmos.

[10] A solidão reconforta a alma e lhe reaviva as forças, mormente aquela parcela que se chama imaginação. Ela nos rejuvenesce. Ela quase extingue, limita ou debilita o desengano, quando tenha ocorrido, ainda que tenha sido absoluto e profundíssimo. Ela renova a vida interior. Em suma, conquanto ela pareça ser companheira inseparável e quase sinônima do tédio, no que se refere a um espírito que tenha contraído certo hábito de solidão e com isso se tenha tornado capaz de dar início, desenvolver e pôr em atividade, quando da solidão, suas faculdades, ela é antes própria para reconciliar-se ou estreitar laços com a vida que para alienar, renovar, conservar ou expandir o apreço junto aos homens e à própria vida, que para destruí-la, reduzi-la ou acabar por aniquilá-la. E não por outra razão senão porque os homens e a vida lhe estão distantes, visto que ela se reconcilia e estreita laços, própria e mais particularmente, não com a vida presente, isto é, com aquela que se conhece nessa solidão, mas com a vida do mundo que se abandonou, se interrompeu com desgosto. Ver os meus pensamentos.

[11] Além disso, essa dissipação naturalmente aborrece acima de qualquer coisa (talvez mais que a própria solidão ociosa, porque é destituída da vida interior do espírito que nela se conhece), e certamente, na vida ociosa e sem grandes objetivos ou interesses, como também sem necessidades, não há nada que preencha melhor o tempo, sem tédio ou com menos tédio, que a sociedade restrita, mormente a boa sociedade, tanto por ela própria, quanto pelos infinitos e grandíssimos efeitos que ela produz fora dela mesma, pelo desvelo e pelos cuidados que ela torna necessários e promove, capazes não só de oferecer distração ao tempo, mas de ocupar total e verdadeiramente a vida. Portanto, os estrangeiros não carentes e não ocupados entediam-se muito menos que nós, e os italianos do mesmo gênero entediam-se mais que todos os outros seres, durante quase toda a sua vida. É, portanto, claro que hão de valorizar essa vida muito menos que os outros, falando da pátria, e de ser-lhes muito menos afeiçoados, pois que, em essência, esta, para eles, não é senão tédio puro, infinito, profundíssimo, pesadíssimo, bocejo e letargia.

[12] Digo especialmente dos que são relativos ao modo de conversar e participar da sociedade de entretenimento e similares.

[13] Contudo, essa maneira de ver é muito comum, antes, universal, até mesmo entre os filósofos, ao menos ordinária e habitualmente.

[14] Assim como, nas artes e na literatura, o espírito do ressurgimento não foi o de guardar distância do antigo, nem o de conduzir-nos além do que os antigos podiam alcançar (o que talvez seja impossível e talvez absolutamente mau e danosos e corrupção de per si), mas de libertar-nos do gótico, como realmente o fez, e contudo, nem as artes nem a literatura moderna, malgrado o grandíssimo estudo que os cultores de uma e das outras têm feito continuamente dos antigos exemplos, são ou foram conforme às antigas, mas diversas em maior ou menor intensidade, conforme as épocas, os gêneros, os escritores e os artífices, conquanto o antigo seja reconhecido como mestre supremo e especialíssimo em tais negócios, o mesmo deve ocorrer quanto aos costumes e ao estado moderno das nações, conquanto estes e a civilização moderna jamais tenham sido iguais ao antigo.

[15] Ver os meus pensamentos à página ...

16 Esses gêneros, por terem nascido após o fim de nossa vida nacional efetiva, estão ausentes em nossa literatura, assim como outros equivalentes a eles.

17 O que foi dito acima se verifica até mesmo na literatura, e de forma claríssima. Se há literatura, em nossos tempos (e nos próximos passados) em que estejam ainda em uso os sistemas e os romances de opinião, esta é a inglesa e, muito mais, a alemã, porque se pode dizer, precisamente sobre os alemães, que não há literato de espécie alguma que não crie ou não siga um sistema definido, e este é geralmente, como o usual e antigo uso dos sistemas, um romance. Os observadores mais pacientes e assíduos, que sem dúvida são os alemães, os mais estudiosos e aplicados a aprender e informar-se são, por uma curiosa contradição, os mais romanescos. Na Alemanha e, em parte, também na Inglaterra, há continuamente sistemas e romances em toda literatura, em qualquer filosofia, em política, em crítica, em toda a extensão da filologia, até nas gramáticas, mormente de línguas antigas. Desde muito tempo não existe na Europa alguma seita nem uma escola particular de uma filosofia tal, muito menos metafísica, a não ser na Alemanha, nos últimos tempos e, creio, hoje, a seita e escola, precisamente metafísica, de Kant, subdividida ainda em diversas seitas, e anterior a Kant, a de Wolf. O sistema do Romantismo, que tornou sistemática até mesmo a poesia, não pertence senão aos setentrionais, mormente aos alemães. Se as visões, hoje, mesmo na física, são próprias de alguma nação, o são dos alemães, como atestam o forte e as belas estradas descobertas na lua pelo Prof. Gruithuisen de Mônaco e a escavação mensal, também descoberta na lua pelo mesmo Professor e por Schröter e Herschel. Em suma, os alemães, não obstante a diversidade dos tempos e a resoluta inclinação atual do espírito humano à pura observação e à experiência, são ainda, quanto à literatura, à filosofia e às ciências o que eram os antigos, precisamente sistemáticos, romancistas, sectários, imaginativos, visionários. E associam essas qualidades a uma suprema e infatigável diligência, inclinação e hábito de observação, de experiência e de conhecimento. Não digo dos milagres, já há muito olvidados, até mesmo entre os povos que passam por mais supersticiosos, como a Itália e a Espanha, que nesses últimos anos foram renovados e celebrados nas gazetas e nas próprias cortes — onde? na Alemanha. Não digo que não faz muito tempo se falou nas gazetas de um filósofo cínico — de que nação? da Alemanha; e de certas magas ou adivinhas alemãs, e coisas do gênero, que não se deixam de ouvir, a intervalos, naqueles sítios e conquanto escarnecidas pelos sábios alemães (talvez não por todos), não deixam de manifestar o espírito daquela nação, enquanto nas outras também o povo escarnece delas, ou não pensa nisso e não é capaz de fazê-lo.

18 De resto, todas as histórias demonstram que os povos superiores aos outros em ilusões também o são na realidade das coisas, na literatura, na felicidade, riqueza e indústria nacional, na preponderância e domínio direto ou indireto sobre os outros. No momento, é notabilíssima a situação de alguns povos setentrionais que conservam a imaginação em meio à civilização crescente. União inteiramente realizada para tornar um povo superior a todos os outros. Pois que nos tempos remotos a imaginação não faltou, mas associou-se à barbárie. Nos modernos, mormente no Meio-dia, a civilização não falta, mas a imaginação posta em atividade. Um e outro estados são contrários à grandeza e superioridade nacional. O consórcio da civilização com a imaginação é o estado dos antigos e propriamente o estado antigo, e não ocorre dizer de que grandeza ele fosse causa.

Correspondência

Antes de iniciarem as notas do Organizador (salvo indicação contrária), convém estabelecer uma breve notícia biográfica dos destinatários das cartas:

Adelaide Antici (1778-1857), mãe de Leopardi.

Giuseppe Acerbi (1773-1846), diretor da *Biblioteca Italiana*, de 1816-1821, a quem Leopardi enviou a Carta relativaà Madame de Staël.

Carlo Antici (1772-1848), tio materno de Giacomo Leopardi, culto e conservador, reconhece o talento do sobrinho desde o início.

Pietro Brighenti (1775-1848), advogado de formação e amigo de Pietro Giordani.

Saverio Broglio d' Ajano (? — ?), poeta e erudito, amigo da família Leopradi.

Carlo Cristiano Gioia Bunsen (1791-1860), filósofo e arqueólogo, cultor de teologia.

Francesco Cancellieri (1751-1826), abade e erudito, elogiou a cultura de Leopardi na "Dissertazione intorno agli uomini di gran memoria".

Pietro Colletta (1755-1831), general e historiador, escreveu a famosa *História do reino de Nápoles*, de 1734 a 1825.

Luigi de Sinner (1901-1860), erudito e filólogo suíço, a quem Leopardi confiou seus manuscritos lingüísticos da juventude.

Pietro Giordani (1774-1848), poeta e prosador de vasta cultura clássica, traduziu Sêneca e Tito Lívio.

A. Jacopssen (?-?), jovem escritor belga que Leopardi conheceu em Roma.

Carlo Leopardi (1799-1878), irmão de Giacomo.

Monaldo Leopardi (1776-1847), pai de Giacomo.

Paolina Leopardi (1800-1869), irmã de Giacomo.

Pierfrancesco Leopardi (1813-1851), irmão de Giacomo.

Adelaide Maestri (?-?), esposa do advogado Ferdinando, sentia por Leopardi grande afeição.

Angelo Mai (1782-1854), cardeal e filólogo, descobriu *A República* de Cícero.

Teresa Carniani Malvezzi (1785-1859), amiga de Pietro Giordani, escreveu o poema "A caçada do tirano Gualtieri".

Giuseppe Melchiorri (?-?), escritor, convidara Leopardi a colaborar nas *Efemérides literárias.*

Vincenzo Monti (1754-1828), famoso poeta, notável tradutor da *Ilíada.*

Antonio Papadopoli (1815-1899), amigo de Pietro Giordani, veneziano de origem grega, a quem Leopardi ministrou rudimentos daquela língua.

Giulio Perticari (1779-1822), amigo de Leopardi, genro de Vincenzo Monti.

Francesco Puccinotti (1794-1872), médico e amigo de Leopardi, esceveu uma *História da Medicina.*

Antonio Ranieri (1806-1888), escritor e historiador, amigo de Leopardi, publicou o *Sete anos de sodalício com Giacomo Leopardi.*

Antonio Fortunato Stella (1757-1833), editor, dirigou o *Spettatore*, onde Leopardi publicou suas traduções e ensaios.

Fanny Targioni Tozzetti (1801-1889), mulher do estudioso Antonio Tozzetti, interessada pela arte, conheceu Leopardi em Florença.

ANTONIETTA TOMMASINI (1780-1839), dotada de grande cultura e fina sensibilidade, Leopardi a conheceu em Bolonha. Laços de afinidade intelectual.

GIAMPIETRO VIESSEUX (1779-1863), erudito de primeira ordem, ideólogo, fundou o Gabinetto Scientifico Letterario e a "Antologia", bem como o Archivio Storico Italiano.

[1] *Alcune prose* de Pietro Giordani, publicado em 1817.

[2] É o "Appressamento della morte".

[3] Provavelmente, a *Titanomaquia*, de Hesíodo.

[4] Provavelmente, o "Hino a Netuno".

[5] A tradução não é a de Pietro Giordani, mas a de um homônimo.

[6] Comédias de Terêncio, traduzidas por Antonio Cesari.

[7] Todos escritores de temas teologais.

[8] *Prose italiane*, 1817.

[9] Versos de Vittorio Alfieri.

[10] O "Panegírico" de Pietro Giordani.

[11] Sebastiano Ciampi, escritor de Pistóia.

[12] Poema de Fazio degli Uberti.

[13] Editor de Brescia.

[14] Livreiro de Ancona.

[15] Alusão provável ao seu amor contemplativo pela prima, que então se hospedava em Recanati.

[16] A Dissertação sobre Dionísio.

[17] Autor de *Vida de Mecenas*.

[18] O irmão Luís.

[19] Seu tio, Carlo Antici.

[20] "À Itália" e "Sobre o monumento a Dante".

[23] Observe-se nesta carta a presença flutuante do tratamento pessoal, tu/ vós (N. do T.)

[23] Trata-se do jovem Pompeo dal Toso, morto com vinte e cinco anos.

[24] Autora do "*Delle più illustri rimatrici di ogni secolo*".

[24] Esta carta não chegou a Monaldo.

[25] *A República* de Cícero.

[26] "Per una donna inferma" e "Nella morte di una donna inferma", publicados postumamente.

[27] O poema "A Angelo Mai".

[28] Problema da edição de 1831, a Piatti.

[29] "Per una donna inferma".

[30] "A Angelo Mai".

[31] Diretor do Colégio de Ravena.

[32] Paolo Costa.

[33] *Arte della perfezione cristiana.*

[34] Um tratado sobre as cinco línguas meridionais: grego, latim, italiano, francês e espanhol.

[35] Obras, de Pietro Giordani.

[36] Casamento da irmã Paolina com Pietro Peroli, que não acontecerá.
[37] Don Girolamo Antici, tio materno de Leopardi.
[38] Mulher de Carlo Antici.
[39] O tio Momo.
[40] D. Vincenzo Diotallevi, contador dos bens da família Leopardi.
[41] Autor de um *Dicionário de sinônimos.*
[42] A praça de Recanati.
[43] O irmão menor de Leopardi.
[44] Filhas de Carlo Antici.
[45] Os escritos publicados sobre as *Efemérides.*
[46] Marcineiro de Recanati.
[47] Camareiro dos Antici.
[48] Chefe de uma companhia cômica.
[49] Autor de um *Comentário à vida de Canova.*
[50] Stolberg: *Vida e doutrina de Jesus Cristo,* traduzido por Carlo Antici.
[51] A cantora Clorinda Corradi.
[52] Mariuccia Antici.
[53] Monaldo, seu pai.
[54] Também aqui não aconteceu o casamento.
[55] Marietta Antici e Graziani di Terni.
[56] As notas de *A República* de Cícero.
[57] Momo, seu tio.
[58] Comparação das sentenças do Bruto menor e de Teofrasto próximos da morte.
[59] Edição das obras de Cícero.
[60] Onde Monaldo consente na viagem do filho.
[61] Raimondo Mosca.
[62] O padre Luigi Poni dos Conventuais.
[63] Antonio Papadopoli
[64] Trata-se de um baú deixado em Bolonha.
[65] A obra não foi publicada.
[66] O *Manual de Epíteto* e os *Moralistas gregos.*
[67] *Eclesiástico.*
[68] O de Timandro e Eleandro, de Cristóvão Colombo e Pedro Gutierrez e o de Tasso.
[69] Uma cadeira na Universidade de Urbino.
[70] O bolo de Páscoa.
[71] A edição de Petrarca.
[72] Referência ao número de suicídios.
[73] Uma caixa de tabaco.
[74] Paolina escrevera-lhe: "*Oh qu'heureux que tu es!*".
[75] Teresa Malvezzi.
[76] Reclamava não ter recebido os Cantos.
[77] É a *História da filosofia moderna do renascimento das letras até Kant.*

[78] Fragmentos de *A República* de Cícero.

[79] Sobre Gemisto Pléton.

[80] Giacomo Tommasini.

[81] O músico Giuseppe Persiani, seu conterrâneo.

[82] A respeito de um possível cargo junto ao Inspetorado de Loreto da Embaixada da Áustria.

[83] Versos de Petrarca, "*In quella parte dove Amor mi sprona*".

[84] Monaldo antecipou a data para cercar de cuidados a notícia da morte de seu irmão Luís, ocorrida no dia 4.

[85] Nas cercanias de Florença.

[86] Que se perdeu.

[87] Os dezoito francesconi mensais oferecidos a Leopardi durante um ano por seus "amigos da Toscana".

[88] Luigi de Sinner.

[89] Famosa dedicatória da Edição de 1831.

[90] Leopardi pedira-lhe para que lhe enviasse as cartas "literárias" de seus amigos.

[91] Os *Opúsculos morais.*

[92] Leopardi teria talvez acompanhado Ranieri, que se apaixonara pela atriz Maddalena Pelzet.

[93] Um presente de quarenta escudos.

[94] Declaração em que Leopardi nega a autoria que lhe fora atribuída aos *Dialoghetti*, escritos por Monaldo.

[95] Os *Paralipômenos da Batracomiomaquia.*

[96] Talvez algo ocorrido entre Ranieri e a atriz Pelzet.

[97] Da canção de Petrarca, "*Che debb'io far? che mi consigli, Amore?*"

[98] Com respeito ao engano de que Leopardi fora preso por ordem do governo dos Bourbon. O prisioneiro fora outro.

[99] No original b.f. literalmente "barões fodidos".

[100] Os *Cantos*, na edição de Starita.

[101] A filha de Carlo.

[102] Leopardi morreria dezoito dias depois desta carta.

FIM DE "NOTAS"

Bibliografia

OBRAS DE GIACOMO LEOPARDI

POESIA

Canti di Giacomo Leopardi. Ed. corrigida, aumentada e aprovada pelo autor. Nápoles: Starita, 1835.
Canti di Giacomo Leopardi. Florença: Piatti, 1836.
Canti. Org. Alessandro Donati. Bari: Laterza, 1917.
Canti di Giacomo Leopardi. Ed. crítica de Francesco Moroncini. Bolonha: L. Cappelli, 1927.
Canti. Introd. e notas de Mario Fubini. Turim: Utet, 1945.
Canti. Introd. e notas de G. A. Levi. Florença: La Nuova Italia, 1953.
Canti di Giacomo Leopardi. Com notas do autor. Org. F. Flora. Verona: Mondadori, 1957.
Canti. Org. Mario Fubini e Emilio Bigi. Turim: Loescher, 1964.
Canti. Org. Luigi Russo. Florença: Sansoni, 1968.
Canti. Org. Leoni Piccioni. Turim: Fogola, 1977.
Canti. Ed. crítica, org. Emilio Peruzzi. Milão: Rizzoli, 1981.
Canti. Ed. crítica, org. Domenico De Robertis. Milão: Il Polifilo, 1984.
Canti. Org. Giulio Galetto. Verona: Edizioni del Paniere, 1987.
Canti. Org. Francesco Moroncini. Alpignano (Turim): Tallone, 1988.
Canti. Org. Enrico Guidetti. Florença: Sansoni, 1988.
Canti. Org. Lucio Felici. Roma: Newton Compton Editori, 1989.
Canti. Org. Giovanni Getto e Edoardo Sanguineti. Milão: Mursia, 1990.
Canti. Org. Alberto Frattini e Emilio Giordano. Brescia: La Scuola, 1990.
Canti. Org. Giovanni Iorio. Roma: Signorelli, s.d.
Canti. Org. Ugo Dotti. Milão: Feltrinelli, 1993.
Canti. Org. N. Gallo e C. Garboli. Turim: Einaudi, 1993.
Canti-Operette morali. Org. Gino Tellini. Roma: Salerno Editrice, 1994.
I canti. Org. Achille Tartaro. L'Aquila: Japadre /s.d./.
I canti del conte Giacomo Leopardi. Org. Domenico De Robertis. Florença: Le Lettere, 1987.

*

Appressamento della morte. Org. L. Posfortunato. *Quaderni degli Studi di filologia italiana*, n.-7, Accademia della Crusca, 1983.
Canto notturno di un pastore errante dell'Asia. Roma: Coletti, 1983.
Crestomazia italiana. La poesia. Org. Giuseppe Savoca. Turim: Einaudi, 1968.
I paralipomeni della Batracomiomachia. Introd. e notas de Ettore Allodoli. Turim: Utet, 1921.
Le poesie di G. Leopardi. Org. Giovanni Mestica. Florença: Barbera, 1896.
Paralipomeni della Batracomiomachia. Org. Giorgio Cavallini. Florença: Le Monnier, 1987.
Poesie. Milão: Sonzogno, 18–.

Poesie. Nápoles: Tip. Ed. F. Bideri, 1937.
Poesie. Org. Paolo Balboni. Roma: Bonacci, 1994.

PROSA

Operette morali. Ed. crítica de Francesco Moroncini. Bolonha: L. Cappelli, 1928. 2 v.
Operette morali. Org. Mario Fubini. Turim: Loescher, 1966.
Operette morali. Org. Paolo Ruffilli. Milão: Garzanti, 1984.
Operette morali. Org. Cesare Galimberti. Nápoles: Guida, 1988.
Operette morali. Org. Giovanni Getto e Edoardo Sanguineti. Milão: Rizzoli, 1990.
Operette morali. Org. Giulio Panizza. Milão: Mondadori Bruno, 1991.
Operette morali. Org. Ottavio Besomi. Milão: Mondadori /s.d./.
Operette morali. Org. Antonio Prete. Milão: Feltrinelli, 1992
Pensieri. Org. Ugo Dotti. Milão: Garzanti, 1985.
Pensieri. Org. Cesare Galimberti. Milão: Adelphi, 1988.
Pensieri. Org. Mario Fubini. Milão: TEA, 1993.
Pensieri. Org. Antonio Prete. Milão: Feltrinelli, 1994.

*

Crestomazia italiana. La prosa. Org. Giulio Bollati. Turim: Einaudi, 1968.
Crestomazia italiana. La prosa - La poesia. 2 v. Turim: Einaudi, s.d.
Dall'epistolario di Giacomo Leopardi. Seleção com prefácio e notas de Benvenuto Cestamo. 2. ed. Turim: Paravia, 1946.
Dei costumi degli italiani. Org. Augusto Placanica. Veneza: Marsilio, 1989.
Dialogo d'Ercole e di Atlante. Org. Gianni Brera. Padova: Muzzio, 1992.
Dialogo di un fisico e di un metafisico. Org. Guido Almansi. Padova: Muzzio, 1993.
Dialogo di un folletto e di uno gnomo. Org. Giorgio Celli. Padova: Muzzio, 1992.
Dialogo di un venditore d'almanacchi e di un passeggere. Org. Paolo Rossi. Padova: Muzzio, 1992.
Dialogos. 2ª ed. Buenos Aires, México: Espasa-Calpe, 1943.
Diario del primo amore. Org. Alvaro Valentini. Padova: Francisci, 1987.
Diario del primo amore. Org. Giovanni Amoretti. Gênova: Il Melangolo, 1981.
Discorso sopra lo stato presente dei costumi degl'italiani. Introd. de Salvatore Veca. Org. Maurizio Moncagata. 2ª ed. Milão: Feltrinelli, 1991.
Epistolario. Org. Francesco Moroncini. Florença: Le Monnier, 1934-41.
Fragmenta patrum graecorum-auctorum historiae ecclesiasticae fragmenta. Org. Claudio Moreschini. Florença: Le Monnier, 1976.
Frammento apocrifo di Stratone da Lampsaco. Org. Giuliano Toraldo di Francia. Padova: Muzzio, 1992.
Il Copernico. Dialogo. Org. Enrico Bellone. Padova: Muzzio, 1993.
Il manuale di Epiteto. Org. Claudio Moreschini. Roma: Salerno Editrice, 1990.
Il monarca delle Indie. Corrispondenza tra Giacomo e Monaldo Leopardi. Org. G. Pulce. Milão: Adelphi, 1988.
Il piacere del vino. Frammenti di Giacomo Leopardi. Org. Franco Foschi. Padova: Francisci, 1987.
Il testamento letterario. Org. Vincenzo Cardarelli. Turim: Fogola, 1985.
L'arte poetica di Orazio. Potenza: Osanna Venosa, 1991.
La strage delle illusioni. Org. Mario A. Rigoni. Milão: Adelphi, 1992.
La vita e le lettere. Org. Nico Naldini e Ferdinando Bandini. Milão: Garzanti, 1993.

Le prose morali di Giacomo Leopardi. Comentada por Ildebrando Della Giovanna. Florença: Sansoni, 1946.
Lettere. Org. Sergio Solmi e R. Solmi. Turim: Einaudi, 1977. 2 v.
Lettere agli amici di Toscana. Org. William Spaggiari. Milão: Mursia, 1990.
Liriche scelte. Org. Nadir Morosi. Macerata: Tombesi, 1988.
Memorie della mia vita. Org. Beniamino Cestano. Turim: Paravia, 1946.
Memorie e pensieri d'amore. Turim: Einaudi, 1994.
Normativa sul servizio farmaceutico. Atualização do volume editado em junho de 1983. Milão: OEMF, 1983.
Opere inedite di Giacomo Leopardi. Halle: Max Niemeyer, 1878-80.
Parini o de la gloria. Trad. de Roberto F. Giusti. San José, Costa Rica: Imp. Alsina, 1917.
Pensieri d'amore. Org. Giuseppe Marcenaro. Gênova: ECIG, 1993.
Porphyrii de vita Plotini et ordine librorum eius. Org. Claudio Moreschini. Florença: Olschki, 1982.
Proposta di premi fatta dall'Accademia dei Sillografi. Org. Elémire Zolla. Padova: Muzzio, 1993.
Prose. Com estudo de Pietro Giordani. Milão: Istituto Editoriale Italiano, s.d.
Scritti e frammenti autobiografici. Org. Franco D'Intino. Roma: Salerno Editrtice, 1995.
Scritti filologici. Org. G. Pacella e Sebastiano Timpanaro. Florença: Le Monnier, 1969.
Storia di un'anima. Org. Ugo Dotti. Milão: Rizzoli, 1982.
Traduzione del libro secondo della Eneide. Org. R. Rossi Precerutti. Turim: L'Arzanà, 1991.
Zibaldone di pensieri. 2 v. Milão: Mondadori, 1994.
Zibaldone di pensieri. Org. Emilio Peruzzi. Pisa: Scuola Normale Superiore, 1994.

Edições de Obras Completas

Opere. v. 1. Org. Sergio Solmi. Nápoles: Ricciardi, 1956.
Opere. v. 2. Org. Sergio Solmi e R. Solmi. Nápoles: Ricciardi, 1966.
Opere. Org. Giovanni Getto e Edoardo Sanguineti. Milão: Mursia, 1967.
Opere. Org. Giovanni Getto. Milão: Mursia, 1973.
Opere. Org. Mario Fubini. Turim: Utet, 1977.
Opere. Org. Severino Urban. Varese: Urban, s.d.
Poesie e prose. Vol. 1. Org. Mario A. Rigoni. Milão: Mondadori, 1987.
Poesie e prose. Vol. 2. Org. Mario A. Rigoni. Milão: Mondadori, 1988.
Tutte le opere di Giacomo Leopardi. Org. Francesco Flora. Florença: Mondadori, 1945.
Tutte le opere. Org. Walter Binni e Enrico Ghidetti. 2 v. Florença: Sansoni, 1969.

Obras sobre Giacomo Leopardi

Autografi leopardiani e carteggi ottocenteschi nella Bibliteca Nazionale di Napoli. Nápoles: Macchiaroli, 1990.
Giacomo Leopardi. Il problema delle fonti alla radice della sua opera, Org. Frattini A. Roma: Coletti, 1990.
Giacomo Leopardi. La vida, los lugares, las obras. Tr. de Martinez Iturrioz. Nápoles: Macchiaroli, 1990.
Giacomo Leopardi. La vita, i luoghi, le opere. Nápoles: Macchiaroli, 1992.

Giacomo Leopardi. Leben Orte Werke. Tr. de Groeben C. Nápoles: Macchiaroli, 1992.
Giacomo Leopardi. Sul teatro. Org. Davico Bonino G. Turim: Tirrenia-Stampatori, 1990.
Giacomo Leopardi. The Life, the Sites, the Works. Tr. de Liliequist L. Nápoles: Macchiaroli, 1991.
Giacomo Leopardi: estetica e poesia. Org. E. Speciale. *L'interprete* n. 52. Ravena: Longo Angelo, 1992.
La traduzione poetica nel segno di Giacomo Leopardi. Org. R. Portale. Pisa: Giardini, 1992.
Le città di Giacomo Leopardi. Anais do 7º Congresso Internacional de Estudos Leopardianos. (Recanati, 16-19 nov. 1987). Florença: Olschki, 1991.
Leopardi e i poeti inglesi. Ancona: Transeuropa, 1991.
Leopardi e noi. La vertigine cosmica. Org. A. Frattini, G. Galeazzi e S. Sconocchia *La Cultura* n. 39. Roma: Studium, 1990.
Leopardi e Roma. Anais do Congresso (Roma, 7-9 novembre 1988), Org. L. Trenti e F. Roscetti. Roma: Ist. Nazionale di Studi Romani, 1991.
Leopardi, arte e verit... Org. C. Ferrucci. *L'Ippogrifo* n. 51. Roma: Bonacci, 1990.
Letture leopardiane. Fasano: Schena, 1993.
Lingua e stile in Giacomo Leopardi. Anais do 8º Congresso Internacional de Estudos Leopardianos (Recanati, 30 set. – 5 out. 1991). Florença: Olschki, 1994.

*

AMORETTI, Giovanni G. *Poesia e psicanalisi: Foscolo e Leopardi.* Milão: Garzanti, 1979.
ANCESCCHI, Luciano. "Le prime pagine dello *Zibaldone*", in *Un laboratorio invisibile della poesia.* Parma: Pratiche Editrice, 1992.
APPOLONIO, Mario. *Fondazione della cultura italiana moderna.* I. Florença: Sansoni, 1948.
ARACE D'AMARO A., "Vittoria. All'ombra dello sterminator Vesevo", in *L'ultimo Leopardi.* Nápoles: Loffredo, 1992.
ARMINANTE, Aldo. "Nugae", in *Cose e testi leopardiani.* Salerno: Elea Press, 1992.
AVERSANO, Mario. *Leopardi ispirato ad Eboli. Gherardo degli Angioli e i poeti dell'Ottocento.* Bari: Edisud, 1991.

BACCHELLI, Riccardo. *Leopardi e Manzoni.* Milão: Mondadori, 1960.
BETTA, Nino. *Giacomo Leopardi. Biografia.* Padova: Francisci, 1990.
BIGI, Emilio. *Dal Petrarca al Leopardi.* Milão-Nápoles: Ricciardi, 1954.
————. *La genesi del "Canto notturno" e altri studi sul Leopardi.* Palermo: Manfredi, 1967.
BINNI, Walter. *Lezioni leopardiane.* Florença: La Nuova Italia, 1994.
————. *La nuova poetica leopardiana.* Florença: Sansoni, 1984.
————. *Lettura delle Operette morali.* Gênova: Marietti, 1987.
————. *La protesta di Leopardi.* Florença: Sansoni, 1988.
————. "L'ultimo Leopardi", in Natalino Sapegno. *Antologia della storia e della critica letteraria.* v. 3. Florença: G. Marzocco, 1980, p. 459-464.
————. "A se stesso", in *Tre liriche del Leopardi.* Lucca: Luccentia, 1959, p. 31-37.
————. *Poetica, critica e storia letteraria.* 6ª ed. Roma-Bari: Laterza, 1974.
BIGONGIARI, Piero. *Leopardi.* Florença: Valecchi, 1962.
————. *L'elaborazione della lirica leopardiana.* Florença: G. Marzocco, 1948.
————. *Leopardi e l'ermetismo.* Florença: Olschki, 1974.
BIONDOLILLO, Francesco. *Studio sul Leopardi.* Florença: D'Anna, s.d.

BLASUCCI, Luigi. "Sulle due primi canzoni", in Natalino Sapegno. *Antologia della storia e della critica letteraria.* Florença: G. Marzocco, 1980. v. 3. (p. 423-440).

———. *Linea della "Sera del dì di festa"; da Leopardi e i segnali dell'Infinito.* Bolonha: Il Mulino, 1985. (p. 153-163).

BON, Adriano. *Invito alla lettura di Giacomo Leopardi.* Milão: Mursia, 1990.

BONIFAZI, Neuro. *Leopardi. L'immagine antica.* Turim: Einaudi, 1991.

BONTEMPELLI, Massimo. *Pirandello, Leopardi, D'Annunzio.* Milão: Bompiani, 1939. (p. 45-51).

———. *Sette discorsi.* Milão: Bompiani, 1942.

BORSELLINO, Nino & MARINARI, Attilio. *Leopardi. Introduzione all'opera e antologia della critica.* Roma: Bulzoni, 1973.

BOSCO, Umberto. "Titanismo e pietà", in *Titanismo e pietà in Giacomo Leopardi.* Roma: Bonacci, 1980, p. 23-53.

BOUCHÉ-LECLERCQ, Auguste. *Giacomo Leopardi, sa vie et ses oeuvres.* Paris: Académique, 1874.

BOVA, Anna Clara. "Illaudabil maraviglia. La contraddizione della natura in Giacomo Leopardi", in *Letterature* n. 26. Nápoles: Liguori, 1992.

BRILLI, Attilio. *Satira e mito nei "Paralipomeni" leopardiani.* Urbino: Argalia, 1968.

BURGOS, Carmen de. *Giacomo Leopardi (su vida y sus obras).* Valencia: F. Sempere, s.d..

CAMERINO, Giuseppe A. *Le forme del diletto. Aspetti e fenomeni naturali nella percezione di Leopardi.* Lecce: Milella, 1990.

CARACCIOLO, Alberto. *Leopardi e il nichilismo.* Milão: Bompiani, 1994.

CARDARELLI, Vincenzo. *Viaggi nel tempo.* Florença: Vallecchi, 1920.

CARDUCCI, Giosuè. *Degli spiriti e delle forme nella poesia di Giacomo Leopardi.* Bolonha: Zanichelli, 1898.

———. *Poesia e storia di Giacomo Leopardi.* Bolonha: Zanichelli /1921/.

CASERTA, Ernesto G. *L'ultimo Leopardi; pensiero e poesia.* Roma: Bonacci, 1980.

CAVALLINI, Giogio. *Studi e note su Foscolo e Leopardi.* Roma: Bulzoni, 1990.

CAVALLUZZI, Raffaele. *Leopardi e altre occasioni critiche.* Bari: Laterza, 1993.

CERONETTI, Guido. "Intatta luna", in *Difesa della luna e altri argomenti di miseria terrestre.* Milão: Rusconi, 1971.

CITATI, Pietro. "L'Infinito secondo Leopardi", in *Il migliore dei mondi impossibili.* Milão: Rizzoli, 1982.

CONTINI, Gianfranco. "Memoria di A. Monteverdi", in *Altri esercizi.* Turim: Einaudi, 1972.

CORTI, Maria & PETRONCHI, Giorgio. *Arcadia, Illuminismo, Romanticismo.* Florença-Milão: Sansoni-Accademia, 1973.

CROCE, Benedetto. "Leopardi", in *Poesia e non poesia. Notte sulla letteratura del secolo decimonono.* Bari: Laterza, 1923. (p. 103-119).

CROCIONI, Giovanni. *Leopardi e le tradizioni popolari.* Org. Banfi L. Ancona: Traseuropa, 1991.

DAMIANI, Rolando. "L'impero della ragione. Studi leopardiani", in *L'Interprete* n. 56. Ravena: Longo Angelo, 1994.

———. "Vita di Leopardi", in *Saggi di letteratura.* Milão: Mondadori, 1992.

DAZZI, Manlio. *Leopardi e il romanzo.* Milão: F.Bocca, 1939.

DE LOLLIS, Cesare. *Saggi sulla forma poetica italiana dell'Ottocento.* Bari: Laterza, 1929.

———. *Scritttori d'Italia.* Milão-Nápoles: Ricciardi, 1968.

DE ROBERTIS, Federico. *Leopardi.* Roma: Lucarini, 1987.
DE ROBERTIS, Giuseppe. *Primi studi manzoniani e altre cose.* Florença: Le Monnier, 1949.
———. "Origini e svolgimento della poesia leopardiana", in Natalino Sapegno. *Antologia della storia e della critica letteraria.* v. 3. Florença: G. Marzocco, 1980, p. 409-420.
———. *Saggio sul Leopardi.* Florença: Vallecchi, 1944.
DE SANCTIS, Francesco. *Schopenhauer e Leopardi.* "Minimalia". Ibis, 1992.
———. *Giacomo Leopardi.* Org. Walter Binni. Bari: Laterza, 1953.
———. "Leopardi", in *Storia della letteratura italiana.* Turim: Einaudi, 1981, p. 971-972.
———. "Epistolario di Giacomo Leopardi", in *Saggi critici.* v. 1. Org. Luigi Russo. Bari: Laterza, 1957, p. 1-7.
———. *Giacomo Leopardi.* Roma: Editori Riuniti, 1983.
DELL'AQUILA, Michele. *Leopardi. Il commercio coi sensi ed altri saggi.* Brindisi: Schena, 1993.
DI CARLO, Franco. "Leopardi tra Ottocento e Novecento. Fortuna critica e incidenza poetica", in *Alea Saggi* n. 3. Bari: Edisud, 1990.
DI FONZO, Giulio. "La negazione e il rimpianto. La poesia leopardiana dal 'Bruto minore' alla 'Ginestra'", in *Strumenti di Ricerca* n. 59. Roma: Bulzoni, 1991.
DOMINICI, Caterina. *Gli inni cristiani di Giacomo Leopardi.* Padova: Francisci, 1991.
DONADONI, Eugenio. *Da Dante al Manzoni. Miscellanea in onore di G. A. Venturi.* Pavia: Fusi, 1923.
DUSI, Ricardo. *L'amore leopardiano.* Pref. de Vittorio Cian. Bolonha: Zanichelli, 1931.

FAMETTI, Monica. *Leggere lo 'Zibaldone'.* Ravena: Essegi, 1991.
FARINELLI, Arturo. *Petrarca, Manzoni, Leopardi. Il sogno di una letteratura mondiale.* Turim: F. Bocca, 1925.
FERRARIS, Angiola. *La vita imperfetta. Le Operette morali di Giacomo Leopardi.* "Strumenti". Marietti, 1991.
———. *L'ultimo Leopardi.* Turim: Einaudi, 1987.
FERRETTI, Giovanni. *Vita di Giacomo Leopardi.* Bolonha: Zanichelli, 1940.
FERRUTI, Carlo. *Leopardi e il pensiero moderno.* Milão: Feltrinelli, 1989.
FERRUTI, Franco. *Addio al Parnaso.* Milão: Bompiani, 1971.
FINZI, Giuseppe. *Giacomo Leopardi, sa vie et son oeuvre.* Trad. de Madame Thiérard-Baudrillart. Paris: Perrin, 1920.
FLORA, Francesco. *Leopardi e la letteratura francese.* Milão: Malfasi, 1947.
———. *Saggi di poetica moderna.* Messina-Florença: D'Anna, 1949.
———. *La poesia leopardiana.* Milão: Nuova Accademia, 1962.
FOLIN, Alberto. *Leopardi e la notte chiara.* Veneza: Marsilio, 1993.
FORTUNATO, Marco. "Il soggetto e la necessità... Akronos, Leopardi, Nietzsche e il problema del dolore", in *Ricerche.* Milão: Guerini e Associati, 1994.
FOSCHI, Franco. *Epidemie nella terra di Leopardi.* Roma: Bulzoni, 1983.
———. *Leopardi e la musica.* Padova: Francisci, 1987.
———. *Nubiana in provincia di Valdivento. La Recanati di Leopardi.* Roma: Bulzoni, 1986.
———. *Racconti storici Recanatesi.* L'Aquila: Japadre, 1981.
FRATTINI, Alberto. *Giacomo Leopardi.* Roma: Studium, 1986.
———. *Giacomo Leopardi: una lettura infinita.* Milão: IPL, 1989.
———. *Leopardi nella critica dell'Otto e Novecento.* Roma: Studium, 1989.
FUBINI, Mario. "Metrica leopardiana", in *Introduzione ai Canti di G. Leopardi.* Turim: Utet, 1930, p. XXIX-XXX.

————. *L'estetica e la critica letteraria nei "Pensieri" di Giacomo Leopardi. Giornale della Letteratura Italiana*, CVII, Turim, 1931.
————. "Introduzione alle *Operette morali*", in *Introduzione alle Operette morali*. Florença: Vallecchi, 1933, p. 30-31.
————. *Romanticismo italiano*. Bari: Laterza, 1953.
————. *Metrica e poesia. Lezioni sulle forme metriche italiane*. Milão: Feltrinelli, 1962.

GALIMBERTI, Cesare. *Linguaggio del vero in Leopardi*. Florença: Olschki, 1959.
GENSINI, Stefano. *Modernità... e linguaggio. Leopardi, Manzioni e il caso italiano*. Cagliari: CUEC, 1992.
GENTILE, Giovanni. *Manzoni e Leopardi; saggi critici*. Milão: Treves, 1928.
————. *Poesia e filosofia di Giacomo Leopardi*. Florença: Sansoni, 1939.
GENTILE, M. Teresa. *Leopardi e la forma della vita. Genesi, formazione, tradizione*. Roma: Bulsoni, 1991.
GETTO, Giovanni. *Storia della poesia leopardiana*. Turim: Tirrenia-Stampatori, 1963.
————. *Saggi leopardiani*. Florença: Vallecchi, 1966.
GIORDANO, Emilio. *Labirinto leopardiano II*. Nápoles: Edizioni Scientifiche Italiane, 1986.

IAZZOLINO, Mario. *Appunti per una metodologia e una didattica di letteratura comparata: 'L'Infinito' fra Leopardi e Baudelaire (e oltre)*. Cosenza: Brenner, 1990.
IENGO, Francesco. "Momenti di critica alla modernità... Da Leopardi a Nietzsche", in *Univ. Chieti* n. 2. Roma: Bulzoni, 1992.
————. *La vecchiaia in Leopardi filosofo della giovinezza*. Chieti: Vecchio Faggio, 1991.

LANZA, Adriano. "Leopardi e la tramutazione dell'uomo", in *Micromegas* n. 8. Chieti: Solfanelli, 1992.
LEVI, Giulio A. *Leopardi*. Ancona: Il Lavoro Editoriale, 1991.
LONARDI, Gilberto. *Leopardismo. Tre saggi sugli usi di Leopardi dall'Otto al Novecento*. Florença: Sansoni, 1990.
LUPORINI, Cesare. *Leopardi progressivo*. Roma: Editori Riuniti. 1993.
————. "Naufragio senza spettatore", in *Le dimensione dell'Infinito. Rivista dell'Istituto Italiano di Cultura di Parigi*. Milão: Mondadori, 1989, p. 48-51.
————. "Leopardi e la 'delusione storica'", in *Filosofi vecchi e nuovi*. Florença: Sansoni, 1947, p. 185-193.
LUZI, Mario. "Dante e Leopardi o della modernità", in *I Grandi*. Roma: Editori Riuniti, 1992.

MACCHIA, Giovanni. *La caduta della luna*. Milão: Mondadori, 1973.
MALAGOLI, Luigi. *Il grande Leopardi*. Florença: La Nuova Italia /1937/.
————. *Leopardi*. Florença: La Nuova Italia, 1937.
MARIANI, Carlo. *Alfabeto leopardiano*. Bergamo: Moretti & Vitali, 1992.
MERCOGLIANO, Gennaro. *Leopardi. Saggio sulla Ginestra*. Taranto: Lacaita, 1991.
MOMIGLIANO, Attilio. *Studi di poesia*. Bari: Laterza, 1937.
————. *Introduzione ai poeti*. Roma: Tumminelli, 1941.
————. *Elzeviri*. Florença: Le Monnier, 1945.
MONTEVERDI, Angelo. *Frammenti critici leopardiani*. Roma: Tipografia del Senato, 1959.
MORONCINI, Francesco, MORONCINI, Gaetano & MORONCINI, Getullo. *Saggi leopardiani*. Org. Foschi F. Ancona: Transeuropa, 1991.

————. *Studi sul Leopardi filologo.* Nápoles: Morano, 1891.
MUSCETTA, Carlo. *Ritratti e letture.* Milão: Marzorati, 1961.

NEGRI, Antimo. *Interminati spazi ed eterno ritorno. Nietzsche e Leopardi.* Florença: Le Lettere, 1994.
NIETZSCHE, Friedrich. *Intorno a Leopardi.* Org. C. Galimberti, Gênova: Melangolo, 1992.
NOFERI, Adelia. *Il gioco delle tracce.* Florença: La Nuova Italia, 1979.

ORIGO, Iris. *Leopardi.* "Bur storia e biografie" n. 831. Milão: Rizzoli, 1994.
OTTO, Walter. *Leopardi e Nietzsche.* Org. e introd. de Cesare Galimberti. Gênova: Il Melangolo, 1992.

PASCOLI, Giovanni. *Pensieri e discorsi.* Bolonha: Zanichelli, 1898.
PELOSI, Pietro. *Leopardi fisico e metafisico.* Nápoles: Federico & Ardia, 1991.
PERUZZI, Emilio. *L'ultimo canto leopardiano.* Florença: Lettere Italiane, XVIII, 1966.
————. "La sera del dì di festa", in *Studi leopardiani.* v. 1. Florença: Olschki, 1979.
————. "Il canto di Simonide Odi Melisso. Raffaele d'Urbino", in *Studi leopardiani.* v 2. Il supplemento agli amici suoi di Toscana. Florença: Olschki, 1987.
PETROCCHI, Giorgio. *Il tramonto della luna. Studi tra Leopardi e oggi.* Nápoles: Edizioni Scientifiche Italiane, 1993.
PICCHI, Mario. *Storie di casa Leopardi.* Milão: Rizzoli, 1990.
PICCIONI, Leoni. *Linea poetica dei Canti leopardiani.* Milão: Rusconi Libri,1988.
PICCOLI, Valentino. *Itinerario leopardiano.* Milão: F. Treves, 1923.
PIERGILI, Giuiseppe. *Vita di Giacomo Leopardi scritta da lui medesimo.* Org. Foschi F. Ancona: Transeuropa, 1992.
PIERI, Sebastiano. "Un seminario su Leopardi filosofo-poeta", in *Humanitas*, ano XLIX, n. 4. Brescia: La Nuova Cartografica, agosto 1994.
POLATO, Lorenzo. *Lo stile e il labirinto. Leopardi e Galileo, e altri saggi.* Milão: Angeli, 1991.
PRETE, Antonio. *Il pensiero poetante. Saggio su Leopardi.* Milão: Feltrinelli, 1980.
PUPPO, Mario. "Poetica di Leopardi", in *Poetica e cultura del romanticismo.* Roma: Lanesi, 1962, p. 45-70.

RAIMONDI, Ezio. *Modi leopardiani.* Bolonha: Convivium, XVI, 1948.
RAMAT, Silvio. *Psicologia della forma leopardiana.* Florença: La Nuova Italia, 1970.
————. *Vitalità dei "Paralipomeni".* Roma: Forum Italicum II, 1978.
RANDO, Giuseppe. *La norma e l'impeto. Studi sulla cultura e sulla poetica leopardiana.* Roma: Herder, 1992.
RANIERI, Antonio. *Sette anni di sodalizio con Giacomo Leopardi.* Milão: Giannini, 1880.
————. *Le notte di un eremita. Zibaldone scientifico e letterario.* Nápoles: Macchiaroli, 1994.
————. *Sette anni di sodalizio con Giacomo Leopardi.* Org. Bertazzoli R. "Grande Universale Mursia". Milão: Mursia (Gruppo Editoriale) /s.d./.
REBORA, Clemente. "Per un Leopardi mal noto", in *Scritti di e su Clemente Rebora.* Org. L. Barile. Novara: Edizioni Rosminiane Sodalitas, 1992.
RENSI, Giuseppe. *Lo scetticismo estetico del Leopardi.* Org. B. Maj. Roma: Gallio, 1990.
RIGONI, Mario A. *Saggi sul pensiero leopardiano.* Nápoles: Liguori, 1983.
ROSELLINI, Aldo. *La parola ritrovata. Foscolo, Leopardi, Manzoni, D'Annunzio e la lingua francese.* Org. U. Colombo, B. Martinelli e M. T. Zanola. Milão: IPL, 1993.

RUBINI, Tito. *Leopardeschi.* "Il liocorno. Poeti del novecento" n. 1. Foggia: Bastogi Editrice Italiana, 1992.
RUSSO, Fabio. *Leopardi politico.* Padova: Francisci, 1991.
RUSSO, Luigi. "La carriera poetica di Giacomo Leopardi", in *Ritratti e disegni storici. Dall'Alfieri al Leopardi.* 2ª ed. Bari: Laterza, 1953.

SAINTE-BEUVE, C. A. *Portraits contemporains,* IV. Paris: Didier, 1855.
SANTAGATA, Marco. *Quella celeste naturalezza. Le canzoni e gli idili di Leopardi.* Bolonha: Il Mulino, 1994.
SAPEGNO, Natalino. *Ritratto di Manzoni e altri saggi.* Bari: Laterza, 1961.
————. *Leopardi.* Turim: Eri, 1961.
————. "Poetica di Leopardi", in *Compendio di storia della letteratura italiana,* v. 3. Florença: La Nuova Italia, 1980, p. 245-252.
SCAFFO, Carlos. *Los poemas del pesimismo heroico.* Montevideo: Univ. de la Republica, 1953.
SCHERILLO, Michele. *Vita di Giacomo Leopardi.* Milão: Greco e Greco, 1992.
SECCHIERI, Filippo. *Con leggerezza apparente. Etica e ironia nelle 'Operette morali'.* Modena: Mucchi, 1992.
SEVERINO, Emanuele. *Il nulla e la poesia. Alla fine dell'età della tecnica: Leopardi.* Milão: Rizzoli, 1990.
SOLE, Antonino. "Foscolo e Leopardi fra rimpianto dell'antico e coscienza del moderno", in *Studi e Testi di Letteratura Italiana* n. 17. Federico & Ardia, 1990.
SOLMI, Sergio. *Scritti leopardiani.* Milão: Scheiwiller, 1959.
————. *Opere.* v. 2. *Studi leopardiani.* Milão: Adelphi, 1987.
SQUAROTTI, Giovanni Barbieri. "Leopardi: le allegorie della poesia", in *Dall'anima al sottosuolo. Problemi della letteratura dell'Ottocento da Leopardi a Lucini.* Ravena: Longo, 1982.

TARTARO, Achille. *Introduzione ai Canti di G. Leopardi.* Nápoles: Liguori, 1969.
————. *Giacomo Leopardi.* Bari: Laterza, 1990.
————. *Leopardi.* Bari: Laterza, 1993.
TILGHER, Adriano. *La filosofia di Leopardi.* Roma: Religio, 1940.
TIMPANARO, Sebastiano. *La filologia di Giacomo Leopardi.* Florença: Le Monnier, 1955.
TONELLI, Luigi. *Leopardi.* Milão: Corbaccio, 1937.

UNGARETTI, Giuseppe. *Vita d'un uomo. Saggi e interventi.* Milão: Mondadori, 1974.

VALENTINI, Alvaro. *Leopardi. L'io poetante.* Roma: Bulzoni, 1983.
————. *Leopardi. Idilio metafisico e poesia copernicana.* Roma: Bulzoni, 1991.
VALLESE, Giulio. *Le canzone patriotiche del Leopardi.* Nápoles: A. Morra, 1967.
VOSSLER, Karl. "Le idee del Leopardi sull'arte e sulla lingua", in *Leopardi.* Trad. de T. Gnoti. Nápoles: Ricciardi, 1925, p. 148-171.

WHITFIELD, J. H. *Giacomo Leopardi.* Oxford: Basil Blackwell, 1954.

ZITTOLI, Angelandrea. *Leopardi. Storia di un'anima.* 2ª ed. Bari: Laterza, 1947.

LEOPARDI EM PORTUGUÊS

TRADUÇÕES INTEGRAIS

Cantos. Trad. de Aloysio de Castro. Roma: Instituto Ítalo-Brasileiro de Alta Cultura, 1937.

Cantos. Trad., apresentação e notas de Alvaro A. Antunes. Além Paraíba: Interior Edições, 1985.

Cantos. Apres., trad. e notas de Albano Martins. Pref. de João Bigotte Chorão. Lisboa: Vega, s.d.

Cantos. Trad. de Mariajosé de Carvalho. São Paulo: Max Limonad, 1986.

Poemas de Giacomo Leopardi. Versão de Mário Graciotti. São Paulo: Ed. Latina, 1934.

Opúsculos morais (Operette morali). Apresentação de Carmelo Distante. Trad. e notas de Vilma De Katinszky Barreto de Souza. São Paulo: Hucitec / Istituto Italiano di Cultura / Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 1992.

TRADUÇÕES DE POEMAS

BARBOSA, Rui. "Canto noturno de um pastor errante da Ásia", in *Poesias*. Rio de Janeiro: MEC, 1971.

————. "O pensamento dominante", in *Poesias*. Rio de Janeiro: MEC, 1971.

————. "Amor e morte", in *Poesias*. Rio de Janeiro: MEC, 1971.

————. "Recordações", in *Poesias*. Rio de Janeiro: MEC, 1971.

CAMPOS, Haroldo de. "O infinito", in *A arte no horizonte do provável*. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1972.

CORTINES, Julia. "A si mesmo", in *Versos*. Rio de Janeiro: Typographia Leuzinger, 1894.

FAUSTINO, Mario. "O infinito", in *Poesia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

MORAES, Vinícius de. "O infinito", in *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1969.

SILVA, Pereira da. "A mim mesmo", in *Traduções selecionadas*. Seleção de Olegário Marianno. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, s.d.

OBRAS SOBRE LEOPARDI EM PORTUGUÊS

TEXTOS ORIGINAIS BRASILEIROS

BOSI, Ecléa. "O sábado na aldeia", in *O Estado de S. Paulo*, Suplemento literário, 13 jun. 1970.

CAMPOS, Haroldo de. "Leopardi, teórico de vanguarda", in *A arte no horizonte do provável*. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1972, p. 185-192.

CARPEAUX, Otto Maria. "Romantismos em oposição", in *História da literatura ocidental*, v. 5. Rio de Janeiro: Alhambra, 1981, p. 1257-1261.

CUNHA, Helena Parente. *O lírico e o trágico em Leopardi*. São Paulo: Perspectiva, 1980.
DISTANTE, Carmelo. Apresentação, in *Opúsculos morais*. Trad. e notas de Vilma De Katinszky Barreto de Souza. São Paulo: Hucitec / Istituto Italiano di Cultura / Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 1992.
LUCCHESI, Marco. "'L'infinito', de Leopardi", in *Poesia Sempre*, n. 5. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, fev. 1995.
MENDES, Murilo. "Murilograma a Leopardi", in *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
MILANO, Dante. "Leopardi", in *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: UERJ / Civilização Brasileira, 1979, p. 317-327.
MORETTO, Fulvia. *La natura nei "Canti" del Leopardi*. Araraquara: Fac. de Filosofia, Ciências e Letras, 1972.
OLIVEIRA, Marly de. "A vida natural", in *Obra poética reunida*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1989.
POMPÉIA, Raul. "Ilusão renitente", in *Canções sem metro*. Rio de Janeiro: Tipografia Aldina, 1900.
————. "Rumor e silêncio", in *Canções sem metro*. Rio de Janeiro: Tipografia Aldina, 1900.

Textos Traduzidos

CALVINO, Italo. "Infinito e indefinido", in *Seis propostas para o próximo milênio*. Trad. de Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 73-78.
GADAIR, Jean Michel. "Poesia e tradição". Trad. de Edson Rosa da Silva. Traduzido para esta edição.
UNGARETTI, Giuseppe. "Imagens de Leopardi e nossas", in *Razões de uma poesia*. Trad. de Lucia Wataghin. São Paulo: Edusp, 1994, p. 125-134.

Fim de "Bibliografia"
e de "Apêndice"

Índice Geral